Comentário Bíblico Broadman



Volume 4

Ester-Salmos

Velho Testamento 4

Conselho Editorial

Editor Geral
Clifton J. Allen

Editores de consultoria do Velho Testamento
John I Durham

Roy L. Honeycutt, Jr.

New Testament Consulting Editors
John William MacGorman Frank Stagg

Editores Associados
William J. Fallis

Joseph F. Green

Consultor editorial
BROADMAN PRESS • Nashville, Tennessee

Howard P. Colson

Prefácio

O comentário Biblico Broadman apresenta o estudo bíblico atual no contexto de uma fé forte na autoridade, adequação e confiabilidade da Bíblia como a Palavra de Deus. Ele procura oferecer ajuda e orientação ao cristão que está disposto a realizar o estudo da Bíblia como uma busca séria e gratificante. O editor definiu assim o escopo e o propósito do Comentário para produzir um trabalho adequado às necessidades de estudo da Bíblia tanto dos ministros como dos leigos. As descobertas da bolsa de estudo bíblica são apresentadas para que os leitores sem educação teológica formal possam usá-los em seu próprio estudo bíblico. Notas de rodapé e palavras técnicas são limitadas a informações essenciais.
Os escritores foram cuidadosamente selecionados por sua reverente fé cristã e seu conhecimento da verdade da Bíblia. Tendo em mente as necessidades de um leitor geral, os escritores apresentam informações especiais sobre idioma e história, onde ajuda a esclarecer o significado do texto. Eles enfrentam problemas da Bíblia - não só em linguagem, mas em doutrina e ética -, mas evitem pontos finos que têm pouca influência sobre como devemos entender e aplicar a Bíblia. Eles expressam seus próprios pontos de vista e convicções. Ao mesmo tempo, eles apresentam visões alternativas quando tais são defendidas por outros estudantes sérios e bem informados da Bíblia. As opiniões apresentadas, portanto, não podem ser consideradas como a posição oficial da editora.

Este comentário é o resultado do planejamento e preparação de muitos anos. Broadman Press começou em 1958 para explorar necessidades e possibilidades para o presente trabalho. Neste ano e novamente, em 1959, líderes cristãos - particularmente pastores e professores de seminário - foram reunidos para considerar se um novo comentário era necessário e a forma que poderia ter. Crescendo com essas deliberações em 1961, o conselho de curadores que rege a imprensa autorizou a publicação de um comentário multivolume. Outro planejamento levou em 1966 à seleção de um editor geral e um Conselho Consultivo. Este conselho de pastores, professores e líderes denominacionais se reuniu em setembro de 1966, revisando planos preliminares e fazendo recomendações definitivas que foram realizadas como o Comentário foi desenvolvido.

No início de 1967, quatro editores de consultoria foram selecionados, dois para o Antigo Testamento e dois para o Novo. Sob a liderança do editor geral, esses homens trabalharam com o pessoal da Broadman Press para planejar o Comentário em detalhes. Eles participaram plenamente da seleção dos escritores e da avaliação dos manuscritos. Eles deram generosamente tempo e esforço, ganhando a mais alta estima e gratidão dos funcionários da imprensa que trabalharam com eles.

A seleção da versão padrão revisada do texto bíblico para o comentário foi feita em 1967 também. Isso surgiu de uma análise cuidadosa de possíveis alternativas, que foram totalmente discutidas na reunião do Conselho Consultivo. A adoção de uma versão em inglês como um texto padrão foi reconhecida como desejável, o que significa que somente as versões padrão King James, American Standard e Revised Standard estavam disponíveis para consideração.

A versão King James foi reconhecida como ocupando o primeiro lugar nos corações de muitos cristãos, mas como sofrendo de imprecisões na tradução e obscuridades no fraseado. O American Standard foi visto como livre desses dois problemas, mas

deficiente em um estilo inglês atraente e uso atual amplo. A Revised Standard mantém a precisão e clareza do American Standard e tem um estilo agradável e um uso crescente. Desta forma, goza de uma forte vantagem sobre cada um dos outros, tornando-se, de longe, a escolha mais desejável.

Ao longo do Comentário, o tratamento do texto bíblico visa uma combinação equilibrada de exegese e exposição, reconhecendo reconhecer que a natureza dos vários livros e o espaço atribuído modificarão adequadamente a aplicação dessa abordagem.

Os artigos gerais que aparecem nos Volumes 1, 8 e 12 são projetados para fornecer material de fundo para enriquecer o entendimento da natureza da Bíblia e os aspectos distintivos de cada Testamento. Aqueles no Volume 12 se concentram nas implicações do ensino bíblico nas áreas de adoração, dever ético e missão mundial da igreja.

O Comentário evita modismos teológicos atuais e mudanças de teorias. Ele se preocupa com as realidades profundas dos tratos de Deus com os homens, sua revelação em Cristo, seu evangelho eterno e seu propósito para a redenção do mundo. Procura relacionar a Palavra de Deus nas Escrituras e na Palavra viva com as necessidades profundas das pessoas e com a humanidade no mundo de Deus.

Através da interpretação fiel da mensagem de Deus nas Escrituras, portanto, o Comentário procura refletir a relação inseparável da verdade com a vida, do significado à experiência. Seu objetivo é respirar a atmosfera de vida. Procura expressar a relação dinâmica entre a verdade redentora e as pessoas vivas. Que ele sirva como um meio pelo qual os filhos de Deus escutem com maior clareza o que Deus o Pai lhes diz.

Ester

Reidar B. Bjornard

Introdução

I. Coloque no Canon

O livro de Ester teve uma longa e tumultuada história em sua relação com as Escrituras canônicas. As atitudes em relação a ele têm oscilado entre os extremos desde o início. Por um lado, parece que a comunidade de Qumran teve pouco uso para isso. A nosso conhecimento, nenhum fragmento entre todos os milhares encontrados em Qumran mostrou pertencer ao livro de Ester. Lutero queria excluí-lo do cânone porque "judaizou demais". Por outro lado, o grande teólogo e filósofo judeu medieval, Maimonides, avaliou-o com a Torah (os cinco livros de Moisés) como a mais sagrada das Escrituras.

A discussão sobre o valor de Ester estava evidentemente acontecendo já quando o cânone estava fechado. O importante sínodo rabínico em Jamnia (90) incluiu-o entre os livros sagrados, provavelmente porque até então se tornou leitura regular na Festa de Purim. Portanto, foi posto em conjunto com outros quatro pequenos livros (Canção de Salomão, Rute, Eclesiastes e Lamentações), que também foram usados para leituras de festivais e colocados em um pergaminho que agora é chamado de "Megilloth" (rolo, mais frequentemente chamado "Os cinco rolos"). Posteriormente, isso foi adicionado à última seção do cânone hebraico, o *Kethubim* (Escritos).

II. O texto

O texto do livro de Ester apresenta um problema bastante único. É verdade que o texto hebraico é bom e claro, e poucas dúvidas foram expressas quanto à sua correção. "Como resultado de uma colação de muitas centenas de manuscritos, Kennicott e De Rossi juntos gravam apenas 29 variantes no texto consonântico de Ester e estas são de caráter trivial" (Paton, p.7).

No entanto, o problema é que o texto grego no LXX tem muitas adições e, portanto, é mais longo. Houve uma discussão considerável sobre qual é o mais original dos dois, e o debate ainda não terminou. No entanto, parece mais fácil explicar o texto grego mais longo que contém adições interpretativas do que argumentar que o texto hebraico foi encurtado por exclusões intencionais (Paton, pp. 42 e seguintes). Essas adições são facilmente acessíveis em qualquer edição do Apocrypha. Esta é uma explicação muito mais plausível, uma vez que muitas das adições gregas são claramente religiosas. Até citam

orações supostamente dadas por Mordecai e Ester. Portanto, preferimos o texto hebraico, que tradução temos em nossas Bíblias inglesas.

III. A Forma do Livro

A forma do livro pode ser vista como uma novela, bem bordada com dados históricos e nomes, a fim de tornar sua mensagem mais importante e urgente; ou pode ser encarado como uma tentativa de escrever história com vocabulário rico e intercalação livre de discursos e conversas de acordo com o estilo de muita história da história antiga. Ambos os pontos de vista são realizados por estudiosos competentes e confiáveis.

Um estudo da forma do livro levou alguns estudiosos a propor que tenhamos uma mistura de várias histórias separadas no livro (Bardtke, página 9). Particularmente, a dupla interpretação da instigação do festival persa é compatível com isso. Na primeira versão (9: 20-28) Mordecai é o iniciador e o nome de Ester não é mencionado (ver a segunda versão em 9: 29-32). A conclusão quebrada do livro também aponta para esse material de fontes múltiplas.

Outros encontraram a semelhança entre a história de Ester e a história de Êxodo intrigante (Ex. 1-15 , ver Gerleman, pp. 15-28). Ambos falam de opressão e insurreição. Ambos têm um judeu de confiança na mão direita do rei dominante. Como Arão fala por Moisés, então Ester serve como porta-voz para Mordecai. Com base nesse entendimento, portanto, o livro de Ester deveria ser "uma lenda cultual", uma designação que o estudioso dinamarquês Johannes Pedersen usou anteriormente para o Êxodo 1-15 . Esta sugestão é muito interessante e merece mais estudos.

IV. O Propósito do Livro

A finalidade do livro não parece clara. Se é destinado a ser uma novela, o propósito pode ter sido apenas contar uma boa história com bons personagens participando de um drama emocionante. Se é história, o propósito pode ter sido relacionar um incidente envolvido e interessante de experiências judaicas sob o regime persa.

No entanto, a história com ajuda de personagens finos e um bom enredo se move com grande poder para o clímax, que é a vitória dos judeus sobre seus inimigos na Pérsia. Este evento é então celebrado e o dia reservado para comemoração anual na Festa de Purim. À medida que a história se move tão implacavelmente para este dia de celebração, é bem possível que seu propósito original fosse servir como uma legenda de culto. Assim

como Exodus 1-15 foi dito para explicar o festival da Páscoa (então Pedersen), o livro de Ester foi informado para explicar o festival de Purim.

V. O significado de Purim

Lamentavelmente, a festa de Purim é uma coisa sobre a qual conhecemos pouco, tanto na origem quanto no desenvolvimento. As visualizações mais comuns sobre os seus começos são as seguintes:

Alguns estudiosos acreditam que o festival de Purim foi uma comemoração judaica de uma libertação. Sugeriu-se que a história de Ester se referia a um cativeiro dos judeus em Edom. Outros seguiram o JD Michaelis em sua tentativa de conectar o festival com a vitória de Maccabean. A dificuldade básica com essas teorias é que as datas para as várias vitórias e para o festival não correspondem. Nem há nenhuma conexão entre os eventos e os nomes do período macabei e os do livro de Ester.

Uma origem persa de Purim tem sido defendida por muitos. A história está ligada a essa terra com nomes indígenas de lugares e pessoas. Os costumes persas são descritos, e um conhecimento íntimo da corte persa é revelado. Assim, por alguns estudiosos, Purim foi derivado do *Farwardigan,* uma massa de morte persa celebrada nos últimos dez dias do ano. Esta derivação etimológica não explica de forma alguma a discrepância das datas.

Em seguida, ficamos com a Babilônia como a casa original para o festival. Alguns chegaram a identificar todos os nomes da história com nomes de divindades babilônicas e elamitas: Mordecai-Marduk; Ester-Ishtar; Haman-Humman; Vashti-Mashti. Tal semelhança dificilmente pode ter ocorrido por acidente e pode testemunhar um mito babilônico original por trás da história judaica. É uma estranha coincidência, no entanto, que o nome do rei não faz parte da explicação mítica. Por esta razão, o nome do rei não sendo usado, esse escritor prefere acreditar que temos que lidar com um uso consciente dos nomes babilônicos para a narrativa e que eles serviram como pseudônimos, o que também é verdadeiro para o nome do rei.

Havia um Festival de Ano Novo Babilônico *Zagmuk* , que também se chamava *puḫru* . Heinrich Zimmern sugeriu que esta era a possibilidade mais provável para uma origem. No entanto, este festival foi durante o mês de Nisan (primeiro do ano), enquanto o festival de Purim é no 14-15º de Adar (último ano). Além disso, os nomes causam dificuldade, e todas as contrapartes babilônicas dificilmente servem de papéis que garantam sua inclusão em tal história.

A evidência curiosa dos nomes ainda é, no entanto; e provavelmente é melhor supor que os judeus assumiram o festival através dos persas e depois o retrabalharam para corresponder com qualquer evento histórico iniciado seu uso entre eles. Eles assim mudaram para atender às suas necessidades nacionais. Eles, então, também reeditaram as histórias usadas para explicar o festival, a fim de atar elas mais de perto com *o* evento na história da salvação do Antigo Testamento, ou seja, o Êxodo.

Esta adaptação é apoiado por sua tomar a palavra "Pur" (que provavelmente era uma palavra persa, amarrando-o a um festival persa) como uma palavra babilônica, e traduzir seu significado como "muito." Há uma palavra acadiana *pur* que significa muito ou destino. Que este foi o caso parece suportado pelo fato de que o elenco de lotes no livro de Ester realmente não faz parte integral ou vital da história, mas pode ser explicado como uma adição com base em sua compreensão do significado do nome.

Não podemos ir mais longe na nossa tentativa de explicar o festival de Purim. Continua sendo um mistério. Isso pode ser porque o livro de Ester é um livro judeu, e dificilmente podemos esperar que um autor judeu deve manter e explicar uma origem pagã do festival que agora foi celebrado entre seu povo. Tudo isso tinha que ser dito de uma forma que era aceitável para os judeus, e o nome tinha que estar relacionado a uma era que o tornava antiquado e, portanto, mais fácil de paladar para o judeu ortodoxo.

VI. O Problema de Autoria e Data

O autor deste livro não está indicado em nenhum lugar, e a tradição não apresentou nenhuma sugestão. Só podemos repetir que o autor é uma pessoa desconhecida para nós. Nós sabemos que ele é judeu e é um grande talento descritivo. Sabemos que ele sentiu fortes sentimentos por seu povo e usou sua habilidade de sustentá-los em sua necessidade.

Um pouco mais pode ser dito sobre o tempo para a composição do livro. Um encontro atrasado no período persa até o final do século IV AC foi sugerido, devido ao conhecimento óbvio com condições persas e costumes. No entanto, parece que aqueles que defenderam uma data do século terceiro com base na linguagem do livro terão que ser ouvidos e levados a sério. A plausibilidade deste encontro é reforçada pelo nosso conhecimento de que os judeus estavam bastante abertos às idéias e costumes gregos durante o terceiro século, enquanto que no segundo parece haver uma reação ortodoxa definitiva contra essas tendências sincretistas. Quanto à data mais recente possível, pode-se dizer que o livro dificilmente poderia ter sido escrito depois do ano 50 AC, porque2 Macabeus 15:36 fala do "Dia de Mordecai", evidentemente descrevendo o festival de Purim. Elias Bickerman também datou da edição

grega cerca de 78 aC. A data de composição para o livro de Ester, então, deve ser encontrada em algum lugar entre 300-50 AC e , provavelmente, antes do mais tarde neste período.

É igualmente difícil dizer qualquer coisa definitiva sobre o lugar em que o livro foi escrito. Jerusalém é mencionado apenas uma vez e não aparece como uma escolha necessária. Por outro lado, o livro revela bem o conhecimento tanto da localização de Susa como dos costumes prevalentes em uma corte persa. Pode ser que o autor fosse alguém no Oriente, entre os judeus dispersos na Mesopotâmia, que haviam ouvido histórias judiciais com judeus envolvidos. Este material que ele usou para sua grande legenda de culto, explicando a Festa de Purim para seus colegas covenanters.

VII. A Teologia do Livro

A teologia do livro de Ester é uma questão muito debatida. Paton (pág. 97) expressou o pensamento de muitos quando ele rejeitou o livro como "subchristian". No entanto, é bem possível que apenas as pessoas que viveram perseguição e ocupação possam entender e apreciar as atitudes deste livro. Pois é um fato que o sofrimento duro muitas vezes cria uma rigidez e insensibilidade que é simplesmente incompreensível e imperdoável em tempos de paz.

É verdade que o livro não menciona o nome de Deus e ainda possui uma teologia definitiva própria. É verdade que milhares de pessoas morrem no livro, e ainda tem uma ética própria. Para todo o livro, há uma flecha apontando para a justiça, indicando que a fidelidade ao povo da aliança é um dever, seja ou não. Mordecai não permite a Ester descansar em paz quando a própria existência de seu povo está ameaçada, nem curtir sua vida de luxo quando seus parentes aguardam a extinção. O próprio Mordecai mostra uma coragem quase simpatica ao se recusar a fazer homenagem a Hamã. O motivo óbvio é que um bom judeu só pode adorar o Deus da aliança. Ser fiel a ele significa ser fiel ao seu povo.

Também pode haver um axioma ensinado nesta história que "o Senhor ajuda aqueles que se ajudam". A ênfase aqui parece contrária à de Isaías 30:15 e Zacarias 4: 6 . Não há nada disso sentado e esperando o Senhor aqui. Nós preferimos ter uma visão compreensível durante os dias de perseguição opressiva quando a sobrevivência é a essência da existência. De tal, os judeus tinham muitos.

Portanto, é preciso admitir que há muito no livro que está abaixo do que conhecemos como padrões éticos cristãos. Por outro lado, aqui há sugestões que valem a pena perceber a necessidade de fidelidade de aliança. Aqui estão

os ponteiros a serem levados a sério sobre uma mão movendo-se firmemente através da história trabalhando justiça - embora de maneiras misteriosas. O nome de Deus não pode ser mencionado no livro, mas ele está presente em todas as páginas.

Esboço

I. Obstinado Vashti e obediente Ester (1: 1-2: 18)
   1. O esplendor do rei Assuero (1: 1-9)
   2. A obstinação da rainha Vashti (1: 10-12)
   3. Rejeição e substituição (1: 13-2: 14)
   4. A coroação de Ester (2: 15-18)

II. Scheming Haman e honesto Mordecai (2: 19-3: 15)
   1. Mardoqueu salva o rei (2: 19-23)
   2. Haman é homenageado por todos, exceto Mordecai (3: 1-6)
   3. Haman esquece de destruir os judeus (3: 7-15)

III. Dilema de Ester e escolha sacrificial (4: 1-5: 8)
   1. A demonstração de Mordecai e o constrangimento de Ester (4: 1-12)
   2. O desafio de Ester e se levantam para a ocasião (4: 13-5: 8)

IV. Trama de Haman e vitória de Mordecai (5: 9-8: 2)
   1. Haman trama a morte de Mordecai (5: 9-14)
   2. O rei descobre o serviço de Mordecai (6: 1-3)
   3. Haman é condenado a honrar Mordecai (6: 4-14)
   4. Ester dá um segundo banquete e expõe Haman (7: 1-6)
   5. Haman é executado na forca de Mordecai (7: 7-10)
   6. Ester recebe a casa de Haman e Mordecai o anel do sinete (8: 1-2)

V. Apelo de Ester e um novo edito (8: 3-17)
   1. O pedido de Ester e o dilema do rei (8: 3-8)
   2. Um novo edito (8: 9-14)
   3. Alegria entre os judeus (8: 15-17)

VI. Purim: uma vingança judaica (9: 1-19)
   1. Matança judia de inimigos (9: 1-10)
   2. Em Susa, o abate durou dois dias (9: 11-15)
   3. Nas províncias, um dia de abate e um de celebração (9: 16-19)

VII. Purim decretou um festival para os judeus (9: 20-32)

VIII. Epílogo (10: 1-3)

Bibliografia selecionada

ANDERSON, BERNHARD E LICHTENBERGER, ARTHUR C. "O Livro de Ester", *A Bíblia dos Intérpretes,* III. Ed. GEORGE ARTHUR BUTTRICK. Nashville: Abingdon Press, 1954.

BETTAN, ISRAEL. *Os Cinco Rolos: Um Comentário sobre Canções de Canções, Rute, Lamentações e Ester*. ("The Jewish Commentary for Bible Readers"). Cincinnati: União das Congregações Hebraicas Americanas, 1950.

HOSCHANDER, JACOB. *O Livro de Ester à Luz da História.* Filadélfia: Dropsie College for Hebrew and Cognate Learning, 1923.

KELLY, BALMER H. *Ezra, Nehemiah, Ester, JÓ*. ("The Layman's Bible Commentary", Vol. 8) Richmond: John Knox Press, 1962.

CAVALEIRO, GEORGE AF *Ester, Canção dos Filhos, Lamentações.* ("Torch Bible Commentary") Londres: SCM Press, 1955.

PATON, LEWIS B. *O livro de Ester*. ("The International Critical Commentary"). Edimburgo: T. & T. Clark, 1951 II.

SCHAFF, PHILIP. *Ester*. ("Comentário sobre as Sagradas Escrituras"). Ed. John P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1876.

STREANE, AW *O livro de Ester*. ("Cambridge Bible for Schools and Colleges"). Cambridge: University Press, 1907.

DE VAUX, ROLAND. *Israel antigo: sua vida e instituições.* Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company, 1961.

Obras alemãs:

BARDTKE, HANS. *Das Buch Ester*. ("Kommentar zum Alten Testament", banda XVII.) Gütersloh: Verlagshaus Gerd Mohn, 1963.

DOMMERSHAUSEN, W. *Die Esterrolle.* Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1968.

GERLEMANN, GILLIS. *Studien Zu Ester*. ("Biblische Studien 48.") Neukirchen-Vluyn: Verlag des Erziehungsverein, 1966.

RINGGREN, HELMER. *Ester*. ("Das Alte Testament Deutsch", nº 16.) Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962.

-. "Ester & Purim", *Svensk Exegetisk Arsbok,* XX, 1955.

WÜRTHWEIN, ERNEST. "Ester", *Die Fünf Megilloth.* ("Handbuch zum Alten Testament", Erste Reihe 18.) Tubingen: JCB Mohr (P. Siebech), 1969.

Comentário sobre o texto

I. Obstinate Vashti e Obedient Ester (1: 1-2: 18)

1. O Esplendor do Rei Assuero (1: 1-9)

[1] Nos dias de Assuero, os Assuero que reinaram da Índia para a Etiópia em cento e vinte e sete províncias,[2] naqueles dias em que o rei Assuero assentou no seu trono real em Susa, a capital;[3] no terceiro ano do seu reinado, ele deu um banquete para todos os seus príncipes e servos, os chefes do exército da Pérsia e da Mídia e os nobres e governadores das províncias que estavam diante dele,[4] enquanto mostrava as riquezas de sua glória real e o esplendor e a pompa de sua majestade durante muitos dias cento e oitenta dias. [5] E, quando estes dias foram completados, o rei deu a todas as pessoas presentes em Susa, a capital, grande e pequena, um banquete durando sete dias, no pátio do jardim do palácio do rei.[6] Havia cortinas brancas de algodão e trufas azuis pegadas com cordas de linho fino e roxo para anéis de prata e pilares de mármore, e também sofás de ouro e prata em um pavimento em mosaico de pórfiro, mármore, madrepérola e pedras preciosas. [7 As] bebidas foram servidas em copos de ouro, copos de diferentes tipos, e o vinho real foi prodigado de acordo com a generosidade do rei. [8] E beber foi de acordo com a lei, ninguém foi obrigado; pois o rei deu ordens a todos os oficiais de seu palácio para fazer o que todos desejassem. [9 A] rainha Vashti também deu um banquete para as mulheres no palácio que pertenciam ao rei Assuero.

Existe um consenso geral de que este Assuero foi o mesmo que os xerxes gregos e que ele deveria ser Xerxes I, o rei da Pérsia que governou 486-465 AC . Ele realmente teve Susa como sua capital, que foi escavada no presente Shushan pelos arqueólogos. As medidas das ruínas e os tesouros encontrados entre eles suportam amplamente as descrições de sua riqueza no livro. Nós sabemos que Xerxes dividiu seu império em 30 distritos com esses muitos sátrapas como governadores sobre eles. As *cento e vinte e sete províncias* , portanto, podem representar uma maneira antiga de descrever e dividir o país, ou pode ser lendário. Esta poderia ser a nossa primeira dica de que temos uma história de ficção e não história.

Os versículos 3-4 parecem apoiar esta interpretação. A extravagância de um banquete de 180 dias é extraordinária, exceto que, a partir de uma visão comum, a tarifa regular no palácio pode aparecer como um banquete contínuo. Somos informados de que todos os príncipes e os criados estavam lá. Menção especial é dada aos chefes do exército da Pérsia e da mídia. Eles parecem ser convidados de honra. Certamente, essas regiões eram as partes básicas do vasto império.

A exibição da riqueza real era uma tradição habitual naqueles dias. Quando a festa da nobreza terminou, o rei decidiu dar uma festa para todos os seus humildes assuntos em Susa e ao redor que deveria durar sete dias.

Nós somos informados então que a rainha, Vashti, deu um banquete para as senhoras do harém real. Esta é uma informação interessante; Lembremos-nos de que Vashti teve uma grande liberdade e poderia dar as festas como quisesse.

2. A Obstinação da rainha Vashti (1: 10-12)

[10] No sétimo dia, quando o coração do rei estava feliz com o vinho, ele ordenou a Mehuman, Biztha, Harbona, Bigta e Abag-tha, Zethar e Carkas, os sete enxames que serviram ao rei Assuero como camareiros [11] para trazer a rainha Vashti diante do rei com a coroa real, para mostrar aos povos e aos príncipes a sua beleza; pois ela era justa de se ver. [12] Mas a rainha Vashti se recusou a chegar ao comando do rei transmitido pelos eunucos. Com isso, o rei ficou furioso, e sua ira queimou dentro dele.

Foi-nos dito que depois de sete dias de festa, o rei contou aos seus sete eunucos principais que levassem a rainha Vashti em regalia completa para que todos pudessem ver. (Um eunuco no Próximo Oriente é geralmente uma pessoa que foi castrada para que ele de modo algum possa ameaçar a posição masculina do dono em relação ao seu harém. Às vezes, o termo parece se referir apenas a um servo.) Aqui nós Tenha sete desses eunucos, apenas para mostrar o esplendor da casa real e o poder do rei. O fato de que eles são nomeados pode ser o caminho normal de um contador de histórias para tornar sua história mais real. Nenhum desses nomes é conhecido de outras fontes.

Não há como saber sobre o motivo de Vashti por sua recusa. Ele *é* interessante, pois estamos acostumados a acreditar que a mulher era totalmente subserviente nos haréns do Oriente Próximo. No entanto, observamos consternação na obstinação de Vashti, e isso deve indicar que as mulheres geralmente tiveram de obedecer os caprichos de seus mestres.

A imagem do rei que nos foi apresentada não é lisonjeira. Ao longo do livro, ele parece ser bastante fraco, e aqui ele é feito para parecer amorosa e prazerosa. Isso não significa muito com o que sabemos sobre o rei Xerxes, que lutou contra os gregos em Thermopylae; mas há muitos lados para uma pessoa, e nem sempre se harmonizam.

3. Rejeição e substituição (1: 13-2: 14)

(I) A National Crisis of the Fleshpots (1: 13-22)

[13] Então o rei disse aos sábios que conheciam os tempos - porque este era o procedimento do rei para com todos os que eram versados na lei e no julgamento, [14] os homens ao lado dele eram Carshena, Shethar, Admatha, Tarsis, Meres, Marsena e Memucan, os sete príncipes da Pérsia e da Mídia,

que viram o rosto do rei e sentaram-se primeiro no reino: [15] "De acordo com a lei, o que deve ser feito à rainha Vashti, porque ela não cumpriu o comando do rei Assuero transmitido pelos eunucos? [16] Então Memucan disse na presença do rei e dos príncipes: "Não só o rei fez a rainha Vashti errada, mas também a todos os príncipes e a todas as pessoas que estão em todas as províncias do rei Assuero . [17] Pois esta ação da rainha será divulgada a todas as mulheres, fazendo com que eles olhem com desprezo para com seus maridos, pois dirão: "O rei Assuero ordenou que a rainha Vashti fosse trazida antes dele, e ela não veio". [18] Neste mesmo dia, as senhoras da Pérsia e da Mídia que ouviram falar do comportamento da rainha dirão a todos os príncipes do rei, e haverá desprezo e ira em abundância. [19] Se o rei, por favor, deixa sair uma ordem real, e seja escrito entre as leis dos persas e dos medos para que não se altere, que Vashti não venha mais antes do rei Assuero; e deixe o rei dar sua posição real a outro que é melhor do que ela. [20] Assim, quando o decreto feito pelo rei é proclamado em todo o seu reino, por mais que seja, todas as mulheres darão honra aos seus maridos, altos e baixos " .[21] Este conselho agradou ao rei e aos príncipes, e o rei fez como Memucan proposta; [22] ele enviou cartas para todas as províncias reais, para cada província em seu próprio roteiro e para todos os povos em sua própria língua, para que todo homem seja senhor na sua casa e fale de acordo com a língua do seu povo.

É divertido notar que o rei reage tão forte e tão fracamente que ele precisa do conselho do conselho real sobre como lidar com a situação. Novamente, sete nomes são mencionados, provavelmente para suportar a veracidade da história. Estes eram os homens sábios que conheciam os tempos e que sempre estavam ao lado do rei para conselhos quando ele precisava deles. Agora, ele faz - o poderoso governante de mais de 127 províncias está chateado por causa de uma mulher, e ele não tem como saber como lidar com ela!

Os conselheiros são homens sábios. Então, para agradar ao rei, eles levantam o incidente de uma disputa familiar para um caso nacional. Memucan disse que não só Vashti pecou contra o rei ao não obedecer a ele, mas também cometeu um crime grave contra todos os maridos em toda a nação. Pois quando se sabe que a primeira dama não obedeceu ao rei, nem o resto das mulheres em todo o país obedecerão aos seus maridos; e isso significará uma ruptura nacional completa!

Obviamente, agradou ao rei saber que sua raiva realmente era um importante sentimento nacional, e ele concordou com um decreto real de que todos os homens eram mestres em suas casas e que Vashti deveria ser deposto e substituído por uma rainha mais obediente. O humor da situação é claro.

(2) O Concurso de Beleza é Decreado (2: 1-4)

[1] Depois destas coisas, quando a ira do rei Assuero havia diminuído, lembrou-se de Vashti e do que tinha feito e do decreto contra ela. [2] Então os servos do rei que o assistiram disseram: "Deixem buscar jovens virgens para o rei. [3] E o rei designe oficiais em todas as províncias do seu reino para reunir todas as belas jovens virgens do harém em Susa, a capital, sob custódia de Hegai, o eunuco do rei, que é responsável pelas mulheres; deixe-lhes as ungüentos. [4] E que a donzela que agrada ao rei seja rainha em vez de Vashti. "Isto agradou o rei, e ele fez isso.

Para o bem-estar da nação, bem como o rei, a cadeira da rainha não podia ficar vazia por muito tempo. Os servos do rei, portanto, propuseram - e ele aprovou - o que realmente significava "um concurso de rainha de beleza" entre todas as virgens justas em todo o país.

Há um problema histórico envolvido aqui, pois de acordo com nosso conhecimento atual da Pérsia antiga, o rei estava limitado a sete famílias importantes para a seleção de uma rainha. Também sabemos que, em muitos casos, os casamentos dos jovens foram arranjados cedo entre os chefes de suas famílias. Por conseguinte, pode-se esperar que grandes crises se desenvolvam a partir de uma prática tão alta na corte real.

(3) Mordecai e seu primo Ester (2: 5-11)

[5] Ora, havia um judeu em Susa, a capital, cujo nome era Mordecai, filho de Jair, filho de Simei, filho de Kish, um benjaminita, [6] que haviam sido levados de Jerusalém entre os prisioneiros levados com Jeconias, rei de Judá, a quem Nabucodonosor, rei da Babilônia, havia levado. [7] Ele criou Hadassá, a Ester, a filha de seu tio, porque não tinha pai nem mãe; A donzela era linda e encantadora, e quando seu pai e sua mãe morreram, Mordecai a adotou como sua própria filha. [8] Então, quando a ordem do rei e seu edito foram proclamados, e quando muitas donzelas estavam reunidas em Susa, a capital sob custódia de Hegai, Ester também foi levada ao palácio do rei e colocou a guarda do hegai que tinha a cargo das mulheres. [9] E a donzela agradou-lhe e ganhou o favor dele; e ele rapidamente lhe forneceu suas unguentas e sua porção de comida, e com sete criadas escolhidas do palácio do rei, e avançou ela e suas criadas para o melhor lugar no harém. [10] Ester não tinha dado a conhecer o seu povo ou a sua família, pois Mordecai a acusara de não fazê-lo saber. [11] E todos os dias, Mordecai caminhou em frente ao tribunal do harém, para saber como era Ester e como ela se afastava.

Neste ponto, um judeu com o nome de Mordecai é apresentado na história. Há problemas relacionados com ele. Primeiro, seu nome não é um nome judeu comum. Mordecai pode, no entanto, ter sido um nome persa dado na dispersão. Definitivamente, o anel de uma deidade babilônica, Marduk. Em segundo lugar, sua idade apresenta um enigma e, conectado com o dele, também Ester s. Por uma leitura direta de vv. 5-6 , somos levados a acreditar que Mordecai foi levado de Jerusalém com o rei Joaquim (Jeconias, como é chamado aqui). Esta primeira deportação aconteceu em 597 AC (2 Reis 24: 10-16). A conquista persa da Babilônia ocorreu em 539 AC,60 anos depois. Esta história ocorre "nos dias de Assuero". Assuero não pode ser feito outro nome para Ciro, o primeiro rei persa e conquistador. Se Assuero é Artaxerxes I (465-424 AC), como muitas vezes é assumido, então Mordecai teria aproximadamente 150 anos no momento dos eventos contados nesta história. Ou se Ahaseurus é Xerxes I (486-465 AC),Mordecai teria 130 anos de idade. Como a relação normal vai entre os primos, a idade de Ester também seria ligeiramente alta para a participação em um concurso de beleza! Parece que o autor confunde os dados históricos desse período, ou pode ser que ele diga que Mordecai era da família Jairite, que havia sido levada ao cativeiro com Joaquim - outra maneira de dizer que Mordecai pertencia ao melhor das famílias, para o que Jeremias chamou de "cesta de figos bons" (Jeremias 24). Uma terceira possibilidade é novamente que o autor está escrevendo uma legenda de culto e, portanto, sente-se livre para usar os dados de acordo com sua finalidade.

Na verdade, a moda oriental, este Mardoqueu cuidou de sua prima, Ester, cujo parente mais próximo havia morrido. Não há nenhuma indicação em qualquer parte da história de que isso era por qualquer outra razão além de preocupações familiares puras. Pode ser pelo mesmo motivo que ele tinha dado a sua prima Hadassah seu nome persa Ester, com base no nome do deus babilônico dess Ishtar. Ele pode ter feito isso para encobrir suas origens judaicas, provavelmente um movimento sábio em tal situação de opressão. Não existe um consenso geral sobre o significado de qualquer um desses nomes se eles não estiverem conectados com deidades babilônicas.

Ester, nos dizem, era tão linda que imediatamente foi selecionada para ir ao palácio do rei com as outras meninas bonitas. Ela rapidamente pegou a fantasia do supervisor do harém, Hegai, que, portanto, deu-lhe uma posição privilegiada.

Mordecai, que parece ter trabalhado no portão, tornou-se um costume descobrir todos os dias como sua prima, Ester, se afastou. Essas informações provavelmente poderiam ser feitas através de uma combinação de amizades e subornos.

(4) As Regras para o Concurso (2: 12-14)

[12] Agora, quando chegou a volta para cada donzela entrar no Rei Assuero, depois de terem doze meses de acordo com os regulamentos para as mulheres, já que este era o período regular de embelezamento, seis meses com óleo de mirra e seis meses com especiarias e pomadas para as mulheres - [13] quando a donzela entrou no rei dessa forma, ela recebeu o que desejava levar com ela do harém para o palácio do rei. [14] À noite, ela foi e, de manhã, voltou para o segundo harém sob custódia de Shaashgaz, o eunuco do rei, que estava encarregado das concubinas; Ela não entrou novamente no rei, a menos que o rei se deleitasse com ela e ela foi convocada pelo nome.

Estes versículos nos informam sobre a elaborada preparação para os concorrentes. Um é lembrado do treinamento completo de uma gueixa japonesa. O comportamento de uma verdadeira cortesã teve que ser instilado nas jovens com o embelezamento.

Depois de um ano completo de preparação, as meninas - uma nova a cada noite - deixaram a casa das donzelas. Ela recebeu dons nobres, seja lá o que quisesse e pensou que ajudaria a impressionar o rei. Por outro lado, também lhe dizia algo sobre a menina, seu gosto e desejos mais profundos. Ela ficou com o rei durante a noite, e assim de manhã foi movido para a casa das concubinas do rei, possivelmente para nunca mais ser chamado de volta.

Pode-se perguntar por que eles não são demitidos se o rei não encontrou prazer neles. Então, pelo menos, eles poderiam ser livres para se casar com outra pessoa. Mas aqui devemos nos lembrar da história de Adonias e da menina Shunamite em 1 Kings 1-2 . A idéia provavelmente foi que, por contato, alguns direitos foram transferidos para as amigas do rei; assim, qualquer um que os reivindicou por si mesmo também reivindicou o reino. O rei está protegendo seu poder real, bem como sua riqueza, mantendo todos eles em seu harém (que em hebraico e árabe significa cerco).

4. A coroação de Ester (2: 15-18)

[15] Quando chegou a vez de Ester, filha de Abihail, tio de Mordecai, que a adotou como sua filha, para entrar no rei, não pediu nada, exceto o que o filho de Hegai, o rei eunuco, que acusava as mulheres, aconselhado. Agora Ester achou favor nos olhos de todos os que a viram. [16] E quando Ester foi levada ao rei Assuero para o seu palácio real no décimo mês, que é o mês de Tebeth, no sétimo ano do seu reinado,[17] o rei amava mais Ester do que todas as mulheres, e encontrou graça e favor em sua visão mais do que todas as virgens, de modo que ele colocou a coroa real em sua cabeça e fez sua rainha em vez de Vashti. [18]Então o rei deu um grande banquete a todos os seus

príncipes e servos; Era o banquete de Ester. Ele também concedeu uma remissão de impostos para as províncias e deu presentes com liberalidade real.

A frase de abertura do v. 15 dá a impressão de que muitos haviam entrado no rei diante de Ester e que, portanto, ela tinha uma forte concorrência. A data para sua admissão é dada no décimo mês (Tebeth) do sétimo ano do rei Assuero como rei. Mais de três anos se passaram desde a deposição de Vashti, e o escritor pode querer indicar que centenas de meninas haviam passado antes dela.

Ester, no entanto, parecia segura de si mesma. Ela não pediu favores além do que Hegai havia ordenado para ela. Como ela ganhou o favor de todas as outras pessoas antes, então ela também fez do rei.

II. Scheming Haman e Honest Mordecai (2: 19-3: 15)

1. Mordecai Salva o Rei (2: 19-23)

19 Quando as virgens se juntaram pela segunda vez, Mordecai estava sentado à porta do rei. 20 Agora, Ester não conheceu a sua parentela ou o seu povo, como Mordecai a acusara; pois Ester obedeceu a Mordecai, assim como quando ela foi criada por ele. 21 E naqueles dias, quando Mordecai estava sentado no portão do rei, Bigthan e Teresh, dois dos eunucos do rei, que guardavam o limiar, ficaram zangados e procuraram colocar o rei Assuero sobre as mãos. 22 E isso veio ao conhecimento de Mordecai, e ele contou a rainha Ester, e Ester disse ao rei em nome de Mordecai. 23 Quando o caso foi investigado e encontrado, os homens foram ambos enforcados na forca. E foi gravado no Livro das Crônicas na presença do rei.

A cláusula quando as virgens foram reunidas a segunda vez é uma enigmática. Pergunta-se se isso poderia significar que eles tinham verificado quase todas as meninas para que um edito tivesse saído para um segundo grupo de donzelas para serem coletadas, antes que Ester fosse escolhida. Isso serviria para demonstrar quão feroz foi a competição que a menina judia Ester ganhou.

Mais uma vez informamos que Ester e Mordecai mantiveram sua identidade secreta. Mordecai provavelmente era um porteiro. Ele é várias vezes mencionado em conexão com o portão. Deve-se notar que ser um detentor do portão ou o limiar para o palácio era um escritório confiável e alto.

Mordecai ao seu relógio passou a ouvir um enredo para assassinar o rei por dois dos servos do rei, Bigthan e Teresh. Mordecai recebeu uma mensagem

para Ester sobre isso; então ela contou ao rei em nome de Mordecai. O rei Assuero investigou a acusação, confirmou-a e teve os homens enforcados. E foi gravado no Livro das Crônicas é uma declaração bastante importante para uso posterior na história,

2. Haman é honrado por todos exceto Mordecai (3: 1-6)

¹ Depois destas coisas, o rei Assuero promoveu a Hamã, o Agagita, filho de Hamedatha, e avançou-o e colocou o assento sobre todos os príncipes que estavam com ele. ² E todos os servos do rei que estavam à porta do rei se curvaram e fizeram reverência a Hamã; pois o rei havia comandado sobre ele. Mas Mordecai não se curvou ou fez reverência. ³ Então os servos do rei, que estavam à porta do rei, disseram a Mordecai: "Por que transgredis o comando do rei?"⁴ E quando falaram com ele dia após dia e ele não os escutou, eles disseram a Hamã, para veja se as palavras de Mordecai usariam; pois ele havia dito que ele era judeu. ⁵E quando Haman viu que Mordecai não se curvou ou fez reverência a ele, Haman ficou cheio de fúria. ⁶ Mas ele desprezou pôr as mãos em Mordecai sozinho. Assim, como eles o haviam conhecido o povo de Mordecai, Haman procurou destruir todos os judeus, o povo de Mordecai, em todo o reino de Assuero.

Haman, filho de Hammedatha, o Agagite, é apresentado de forma bastante direta e sem longas listas de ancestrais e realizações. Ele é promovido para a mão direita do rei, mesmo na medida em que lhe é dado o anel de sinete do rei. A subserviência e a adoração são muito semelhantes na forma e muitas vezes inseparáveis em conteúdo. Haman, que subiu à proeminência e ao poder, é homenageado pela prostituição de assuntos persas. Eles provavelmente acreditavam que alguma glória real "havia se esfregado" nele.

Mordecai, no entanto, sendo um verdadeiro judeu e adorador de um só deus, não se curvou nem adiantava. Seus companheiros de camarada falaram com ele sobre isso e advertiram-lhe que todos estavam fazendo isso e que ele sabiamente faria o mesmo, não tentasse ser diferente, ou eles se sentiriam obrigados a denunciá-lo. Este é um exemplo exaustivo de conformidade que corta em amizades e relacionamentos de trabalho, e tem uma mensagem para todos os tempos.

Haman era um homem pequeno que gostava profundamente da submissão e que se transformou em uma raiva quando soube que não era total. Há uma profunda visão psicológica na descrição de sua reação. Ele não podia se vingar do único rebelde. Ele teve que explodir o incidente para tamanhos e proporções exageradas. Por isso, ele decidiu deixar todos os judeus sofrerem por isso.

3. Esquemas de Haman para destruir os judeus (3: 7-15)

[7] No primeiro mês, que é o mês de Nisan, no décimo segundo ano do rei Assuero, lançaram Pur, que é o lote, antes de Haman dia após dia; e o lançaram mês após mês até o décimo segundo mês, que é o mês de Adar. [8] Então Hamã disse ao rei Assuero: "Há um certo povo espalhado e disperso entre os povos em todas as províncias do seu reino; suas leis são diferentes das de todas as outras pessoas, e elas não guardam as leis do rei, de modo que não é para o lucro do rei tolerá-las. [9] Se quiser ao rei, decrete-se que sejam destruídos, e pagarei dez mil talentos de prata nas mãos dos que têm o cargo dos negócios do rei, para que entrem nos tesouros do rei ".[10] Então o rei tirou o anel do sinete de sua mão e entregou a Haman, o Agagita, filho de Hammedatha, inimigo dos judeus. [11] E o rei disse a Hamã: "O dinheiro é dado a você, o povo também, para fazer com eles como parece bom para você".

[12] Então os secretários do rei foram convocados no décimo terceiro dia do primeiro mês, e um edito, segundo tudo o que Mandão de Hamã, foi escrito aos sátrapas do rei e aos governadores sobre todas as províncias e os príncipes de todos os povos, para cada província em seu próprio roteiro e em todas as pessoas em sua própria língua; foi escrito em nome do rei Assuero e selado com o anel do rei. [13 As]cartas foram enviadas por mensageiros a todas as províncias do rei, para destruir, matar e aniquilar todos os judeus, jovens e velhos, mulheres e crianças, em um dia, o décimo terceiro dia do décimo segundo mês, que é o mês de Adar , e para saquear seus bens. [14]Uma cópia do documento deveria ser emitida como um decreto em cada província por proclamação a todos os povos para estarem preparados para esse dia. [15] Os correios foram apressados por ordem do rei, e o decreto foi emitido em Susa, a capital. E o rei e Haman sentaram-se a beber; Mas a cidade de Susa ficou perplexa.

A declaração sobre a decisão de Haman de destruir os judeus é imediatamente seguida de uma descrição de seus criados lançando lotes. Aqui temos uma clara revelação da superstição extrema naqueles dias entre as nações dos gentios. É significativo que o elenco de lotes tenha ocorrido no primeiro mês do décimo segundo ano do rei Assuero. O tempo possivelmente vincula a ocasião com o Festival de Ano Novo da Babilônia. Eles lançaram muito depois de muito, e finalmente caiu no décimo terceiro dia do décimo segundo mês, que eles chamaram de mês de Adar. Como foi realizado, não podemos saber com certeza. É muito provável que o seu lote fosse muito parecido com o Antigo Testamento Urim e Thummim, que eram sim e sem lotes (de Vaux, p. 352). Eles então receberam os não, mas pacientemente trabalharam até que finalmente conseguiram o seu sim.*Pur* e que ele se sentiu obrigado a traduzir e

explicar o termo. Esta é a primeira inscrição no livro de Ester sobre o festival de Purim.

Haman provavelmente interpretou o último "sim" como sanção divina em seu esquema maligno. Isso mostra como os homens tendem a encontrar um subterfúgio para suas más ações e fraquezas. Pelo menos, somos levados a acreditar que Haman interpretou o sim a uma data também para significar um sim para seu esquema maligno. Ele imediatamente falou com o rei Assuero e pediu sua permissão para destruir os judeus. Note novamente que ele não menciona seu nome, nem ele diz a verdade sobre sua razão. Ele está usando generalizações e insinuações. Aqui percebemos sua megalomania, identificando sua própria pessoa com os interesses do império. Haman diz que os judeus são "um povo disperso em todas as províncias e diferentes em suas lealdades, portanto perigosas para o reino". Vale a pena notar que "por isso". Ser diferente é ser perigoso ;

O pedido de Haman do rei manteve diante de Assuero a perspectiva de ganhar 10 mil talentos de prata (uma vasta quantia de dinheiro equivalente a cerca de um terço do orçamento nacional da antiga Pérsia). O rei se comportou muito superficialmente, ou devemos dizer superciliously. Ele deu seu anel de sinete para Haman, aparentemente em recompensa por informações sobre um inimigo interno, mas ele não se incomodou em verificar a verdade. Lembre-se de que ele investigou as informações de Mordecai sobre seus inimigos pessoais e agiu sobre isso, embora ele não recompensasse seu criado. O anel de sinete como o selo do reino certamente era a maior honra que poderia ser concedida a qualquer um. Com indiferença, o rei também disse a Haman para manter o dinheiro e dispor das pessoas. Foi uma atitude horrível em relação ao homem mostrado por um alto funcionário!

Com o anel de selos no dedo, Haman agora tem autoridade para ordenar aos escribas reais para derrubar um edito em todas as línguas oficiais do reino: que onze meses depois, no 13º dia do 12º mês de Adar, os judeus de todas as idades e sexos devem ser mortos, destruídos e aniquilados e seus deuses confiscados. Os correios se apressaram com o decreto real de Susa para a província máxima. Então, temos esta conclusão do parágrafo: o rei e Haman sentaram-se a beber; Mas a cidade de Susa ficou perplexa **.** Ocorreu antes e desde a história da humanidade que a população tinha uma consciência mais nobre do que a sua nobreza. O fato trágico é que eles, sob suas circunstâncias, não poderiam fazer nada sobre isso.

III. Dilema de Ester e escolha sacrificial (4: 1-5: 8)

Esta seção é dedicada à figura principal da nossa história, Ester. Nos mostramos o seu esplendor e a profundidade do seu sofrimento. Também

detectamos sua terrível tentação de tomar a saída fácil e segura à custa de todo o povo.

1. Demonstração de Mordecai e embaraço de Ester (4: 1-12)

[1] Quando Mordecai aprendeu tudo o que tinha feito, Mordecai arrumou suas roupas e vestiu sacos e cinzas, e saiu para o meio da cidade, chorando com um grito alto e amargo; [2] subiu à entrada do portão do rei, pois ninguém poderia entrar no portão do rei vestido com saco. [3] E em todas as províncias, onde vinha o mandamento do rei e o seu decreto, houve grande luto entre os judeus, com jejum, lágrimas e lamentações, e a maioria deles estava de saco e cinza.

[4] Quando as criadas de Ester e seus eunucos vieram e contaram a ela, a rainha estava profundamente angustiada; ela enviou roupas para vestir Mordecai, para que ele tirasse o saco, mas ele não aceitava. [5]Então Ester pediu a Hathach, um dos eunucos do rei, que havia sido nomeado para comparecer a ela, e ordenou que ele fosse para Mordecai para saber o que era e por que era. [6] Hathach saiu para Mordecai, na praça aberta da cidade, em frente ao portão do rei,[7] e Mordecai lhe contou tudo o que aconteceu com ele, e a quantia exata de dinheiro que Hamã prometeu pagar aos tesouros do rei para a destruição dos judeus. [8]Mordecai também lhe deu uma cópia do decreto escrito emitido em Susa para a sua destruição, para que ele pudesse mostrá-lo a Ester e explicá-lo e ordená-la para ir ao rei para fazer súplica para ele e implorá-lo para o seu povo. [9] E Hathach foi e disse a Ester o que Mordecai havia dito. [10] Então Ester falou com Hathach e deu-lhe uma mensagem para Mordecai, dizendo: [11] "Todos os servos do rei e o povo das províncias do rei sabem que se algum homem ou mulher vai ao rei dentro do pátio interior sem ser chamado, existe mas uma lei; todos devem ser mortos, exceto aquele a quem o rei mantém o cetro de ouro para que ele possa viver. E não fui chamado para entrar no rei esses trinta dias. " [12] E disseram a Mordecai o que Ester havia dito.

Em contraste com o Ahasuerus e Haman, com agradavelmente, Mordecai fica horrorizado com a notícia sobre o edito. Ele rasgou suas roupas e vestiu sacos e cinzas, caminhando pelas ruas gemendo e tentando entrar no castelo do rei. Seu comportamento é típico dos funerais do Próximo Oriente com seus costumes de luto extravagantes. Era comum acreditar que as roupas de tom expressavam um alto grau de angústia, e é bastante natural que uma explosão emocional tomasse tal forma. No entanto, juntamente com o saco e as cinzas, isso não faz muito sentido, exceto como contraste com roupas festivas. É mais provável que possamos ter um sobra de um antigo costume desde o tempo do animismo. As pessoas então rasgaram suas roupas e vestiram sacos e cinzas para se tornarem irreconhecíveis para os mortos, que, eles acreditavam, pode

voltar a persegui-los. Compare com isso também a proibição do costume de cortar-se com facas (Deut. 14: 1).

Ester ficou perturbada com o comportamento de seu parente. Pode-se imaginar que ela estava começando a ficar aclimatada e mais e mais facilmente caiu em seu confortável papel. Esta ação de Mordecai, portanto, parecia irritante para ela e totalmente desnecessária. Ela secretamente tentou fazer Mordecai vestir roupas decentes e deixar de ser um incômodo, mas recusou. Ela então enviou um servo confiável, Hathach, para descobrir de Mordecai o que estava acontecendo. Mardoqueu deu a Hathach uma cópia do decreto para que Ester pudesse ler para si mesma, ir ao rei e evitar o pogrom.

Em sua resposta a Mordecai, Ester tentou se esconder atrás dos regulamentos judiciais, o que não permitiu que ninguém visse o rei sem ser convidado. Ela insinuou que seu relacionamento com o rei poderia estar em perigo.

2. Ester's Challenge e Rise to Occasion (4: 13-5: 8)

(1) Ester, Queen for This Hour (4: 13-17)

13 Então Mardoqueu disse-lhes para responderem a Ester: "Não pense que, no palácio do rei, você escapará mais do que todos os outros judeus. 14 Pois, se você mantiver o silêncio em tal momento, o alívio e a libertação se elevarão para os judeus de mais um quarto, mas você e a casa do seu pai irão perecer. E quem sabe se você não veio ao reino por tanto tempo? "15 Então Ester lhes disse que respondessem a Mardoqueu, 16 " Vá, junte todos os judeus para ser encontrado em Susa e segure um jejum em meu nome , e nem coma nem beba durante três dias, noite ou dia. Eu e minhas criadas também irão rápido do que você. Então eu irei ao rei, embora seja contra a lei; e se eu perecer, perecerei. "17 Mordecai então foi embora e fez tudo enquanto Ester o havia ordenado.

A resposta de Mordecai a Ester é um argumento forte e bem argumentado para justiça, justiça e envolvimento saudável. Primeiro, ele deixa claro a Ester que, quando o ódio contra os judeus explodir em chamas, apesar de estar na corte, ela não é mais segura que o camponês na província.

Muitas vezes se menciona que o livro de Ester nunca usa o nome de Deus. Isso é verdade. Deve-se afirmar, no entanto, que nestes versículos temos fé real em Deus expressada. Para muito mais importante do que uma declaração creedal e a menção de um nome, que muitas vezes é levado em vão, é uma expressão de fé baseada na justiça eterna e na intervenção divina. Muitos podem concordar que essa expressão reticente e reverente de Mordecai fala com maior intensidade do que a grande parte da conversa glib com fácil emprego do nome divino tão comum nos círculos

religiosos. Mordecai diz simplesmente que, se Ester se mantém em silêncio, o alívio e a libertação podem subir para os judeus de mais um quarto. É o consenso geral que aqui ele está falando de Deus.

Então, Mordecai afirma o que se tornou o verso mais conhecido deste livro: E quem sabe se você não veio ao reino por um tempo como este? Parece uma profissão clara de providência divina por um judeu crente, ainda sem invocar o nome de Deus. Pois seria incompreensível que o Mordecai nos apresentasse nestas páginas deveria ser um fatalista grego. Esta declaração dele, juntamente com suas palavras de abertura e com a exortação de Ester para um jejum, coloca-a diretamente no reino da fé religiosa. Há um, o Deus da aliança de Israel, cujos braços eternos estão debaixo do seu povo. Somente a própria Ester pode decidir se sua posição atual servirá o bem das pessoas ou sua própria condenação.

Ester levanta o desafio com toda a seriedade e cautela que corresponde a uma pessoa em lugares altos. Ela pede que ela fale rapidamente por três dias. Mais uma vez, esta não é uma atividade secular. Deve ser bastante óbvio que a oração está implícita neste jejum, embora não seja mencionado. Deve-se reiterar, portanto, que, embora o nome de Deus não tenha sido chamado nestes versículos, sua presença é definitivamente pressuposta e considerada como crucial para algumas decisões muito básicas na vida dos indivíduos e da nação.

(2) Esters Banquete para o rei e para Haman (5: 1-8)

¹ No terceiro dia, Ester vestiu as vestes reais e ficou no pátio interior do palácio do rei, em frente ao salão do rei. O rei estava sentado no seu trono real dentro do palácio em frente à entrada do palácio; ² e, quando o rei viu a rainha Ester de pé no tribunal, achou favor aos seus olhos e ele ofereceu a Ester o cetro de ouro que estava na mão dele. Então Ester se aproximou e tocou o topo do cetro. ³ E o rei disse-lhe: "O que é isso, rainha Ester? Qual é o seu pedido? Será-lhe dado, até a metade do meu reino."⁴ E Ester disse: "Se quiser ao rei, O rei e Haman vêm este dia a um jantar que preparei para o rei. "⁵ Então, disse o rei: "Trazei Haman rapidamente, para que possamos fazer conforme Ester deseje." Então o rei e Hamã vieram ao jantar que Ester havia preparado. ⁶ E, enquanto bebiam vinho, o rei disse a Ester: "Qual é a sua petição? Deve ser concedido a você. E qual é o seu pedido? Até a metade do meu reino, deve ser cumprida " .⁷ Mas Ester disse:" Minha petição e meu pedido são: ⁸ Se eu tenha achado graça aos olhos do rei, e se for o rei conceder minha petição e cumprir o meu pedido, venha o rei e Hamã amanhã para o jantar que eu vou preparar para eles, e amanhã farei o que o rei disse.

No terceiro dia aqui indica que ela completou sua sessão de oração e jejum. Deve ser entendido que tudo o que ela está fazendo agora está sob a orientação de Deus ou pelo menos uma determinação feita em sua presença.

Ester vestiu as vestes reais e aventurou-se no pátio interno do castelo, onde ninguém deveria ir sem a convocação real (4:11). O rei, sentado no seu trono, a viu e estendeu seu cetro de ouro para ela como um símbolo de sua benevolente aceitação dela. Muitos comentaristas ficaram maravilhados com a precisão do conhecimento do escritor sobre a corte real em Susa; os arqueólogos descobriram que sua descrição era bastante precisa tanto do layout da cidade como do palácio do rei. A melhor explicação, portanto, parece ser que uma testemunha ocular participou da narração. Se isso torna a história inteira histórica ou não, ainda é uma questão aberta.

O rei oferece a Ester até a metade do meu reino se isso só a deixa feliz. Ester- em estilo - humildemente pergunta apenas a presença do rei e seu mais alto funcionário de Haman em um banquete que está prestes a dar em sua honra. Os servos são ordenados a encontrar Haman, e com o rei ele se apressou para a esquisita mesa de Ester. Parece, portanto, uma desilusão quando Ester para a segunda magnamima oferta do rei só pede seu atendimento no dia seguinte, em outro banquete. Mas, à medida que avançamos na história, entendemos que isso é um dispositivo literário para aumentar o suspense e dar espaço para a seção que segue imediatamente. Ou poderia ter sido a estratégia sagaz de uma mulher?

IV. Lote de Haman e Vitória de Mordecai (5: 9-8: 2)

1. Haman Plots Mourecai Heath (5: 9-14)

9 E Hamã saiu naquele dia alegre e feliz de coração. Mas quando Hamã viu Mordecai no portão do rei, que ele não se levantou nem tremia diante dele, estava cheio de ira contra Mardoqueu. 10 No entanto, Haman se impediu e foi para casa; e ele enviou e buscou seus amigos e sua esposa Zeresh. 11 E Haman contou a eles o esplendor de suas riquezas, o número de seus filhos, todas as promoções com as quais o rei o honrou, e como o avançou sobre os príncipes e os servos do rei. 12 E Haman acrescentou: "Até a rainha Ester não deixou ninguém vir com o rei para o banquete que ela preparou, mas eu mesmo. E amanhã também estou convidada por ela junto com o rei. 13No entanto, tudo isso não me faz bem, enquanto eu vejo Mordecai, o judeu, sentado no portão do rei. " 14 Então sua esposa Zeresh e todos os seus amigos lhe disseram:" Seja feita uma forca de cinquenta côvados de altura e pela manhã Diga ao rei que Mordecai tenha pendurado sobre ele; então vá alegremente com o rei ao jantar. "Este conselho agradou a Haman, e ele fez a armadura feita.

Haman deixou o banquete de Ester exaltado e muito satisfeito com o seu pequeno, mas superdimensional. Ele não chegou? Ele não estava no lado do rei o tempo todo? E ele não era a única pessoa convidada para o banquete da rainha? Ele simplesmente sentiu "no topo do mundo"; então, ele veio com uma batida agonizante ao ver o Mordecai sem lembrar sentado no portão. Em casa, Haman relatou a sua família e amigos seu sucesso, realizações e promoções e agora seu triunfo final - que ele havia sido o único outro convidado com o rei na festa da rainha Ester e que ele ia lá amanhã também. Mas então este pequeno homem teve que compartilhar sua profunda ferida de que toda a sua glória foi inútil, pois este judeu, Mordecai, se recusou a mostrar obediência à sua alteza, o portador do selo real, Haman. Sua esposa, Zeresh, parece ser outra Jezabel, arrastando-o para o mal e a destruição, em vez de levá-lo para o que é bom e duradouro. Para satisfazer seus pequenos interesses egoístas, ela sugere que ele tenha uma forca feitae pegue a permissão do rei para pendurar Mordecai pela manhã, para que Haman possa realmente se divertir no jantar no dia seguinte.

2. O rei descobre o serviço de Mordecai (6: 1-3)

¹ Naquela noite o rei não conseguia dormir; e ele deu ordens para trazer o livro de ações memoráveis, as crônicas e foram lidas perante o rei. ² E foi encontrado escrito como Mordecai havia dito sobre Bigthana e Teresh, dois dos eunucos do rei, que guardavam o limiar, e que tinham procurado colocar as mãos sobre o rei Assuero. ³ E o rei disse: "Que honra ou dignidade foi concedida a Mordecai por isso?" Os servos do rei que o atendiam disseram: "Nada foi feito para ele".

Não é de admirar que se possa ter uma noite sem dormir depois de refeições tão generosas como as servidas nos jardins reais. Isso, evidentemente, acontece mesmo aos reis, de acordo com nossa história. O rei ordenou então que seus anais lhe fossem lidos. Se isso era verificar a qualidade do trabalho feito por seus escribas, ou porque sua consciência o incomodava quanto à sua eficiência como regente, ou simplesmente como um dispositivo somnífero, não nos conta. Seja qual for o motivo, durante a leitura, o rei lembrou o excelente serviço de Mordecai ao rei durante a trama de Bigthana e Teresh para assassinar o rei. O rei perguntou o que foi feito para recompensar Mordecai por isso e obteve uma resposta negativa. Obviamente, algum funcionário deveria ter tratado tais assuntos. Em um estado ditatorial, o líder depende fortemente de assuntos leais,

3. Haman é ordenado a honrar Mordecai (6: 4-14)

⁴ E o rei disse: "Quem está no tribunal?" Agora, Hamã acabara de entrar no tribunal externo do palácio do rei para falar ao rei sobre ter Mardoqueu

pendurado na forca que ele havia preparado para ele. [5]Então os servos do rei lhe disseram: "Hamã está lá, parando na corte". E o rei disse: "Deixa entrar."[6] Então entrou Hamã e o rei disse-lhe: "O que será feito para O homem a quem o rei se deleita em honrar? "E Hamã disse a si mesmo:" Quem seria o rei prazer em honrar mais do que eu? "[7] E Hamã disse ao rei:" Para o homem que o rei se deleita em honrar,[8] deixa São trazidos trajes reais, que o rei usou, e o cavalo que o rei montou, e em cuja cabeça está definida uma coroa real;[9] e deixem que as vestes e o cavalo sejam entregues a um dos mais nobres príncipes do rei; Deixa-o virar o homem a quem o rei se deleita em honrar, e que ele conduza o homem a cavalo pelo quadrado aberto da cidade, proclamando diante dele: "Assim será feito ao homem que o rei se deleita em honrar".[10] Então o rei disse a Hamã: "apressa-te, toma as vestes e o cavalo, como disseste, e faz isso a Mardoqueu, o judeu que fica no portão do rei. Não deixes nada do que você mencionou."[11] Então, Hamã tomou as vestes e o cavalo, e ele vestiu Mardoqueu e o fez atravessar o quadrado aberto da cidade, proclamando: "Assim será feito ao homem a quem o rei se delicia honrar".

[12] Então Mordecai voltou para o portão do rei. Mas Haman correu para sua casa, de luto e com a cabeça coberta. [13] E Haman contou a sua esposa Zeresh e a todos os seus amigos tudo o que lhe acontecera. Então, seus sábios e sua esposa Zeresh lhe disseram: "Se Mordecai, antes de quem você começou a cair, é do povo judeu, você não prevalecerá contra ele, mas certamente irá cair diante dele".

[14] Enquanto ainda conversavam com ele, os eunucos do rei chegaram e levaram Haman com pressa para o banquete que Ester havia preparado.

Na manhã seguinte, o rei estava procurando algum cortesão para honrar Mordecai quando ele encontrou Haman já de pé no tribunal. Quando perguntado o que deveria ser feito para uma pessoa que o rei queria honrar, Haman só podia pensar em si mesmo como um destinatário, então ele realmente "colocou-o".

O domínio da história é bastante óbvio aqui. Pode-se imaginar a satisfação no semblante do rei, o disgusto no coração de Hamã e os sorrisos nos rostos dos criados, quando o rei diz a Haman que faça tudo o que sugeriu para Mordecai, acrescentando: Não deixe nada que você mencionaram. Haman teve que obedecer e cumprir as ordens com os mínimos detalhes, mas depois ele correu para casa sabendo que o desastre era iminente. Ele recebeu pouca ajuda de sua esposa, Zeresh, que só poderia sugerir a ele. Se Mordecai é do povo judeu, você certamente ... irá cair antes dele. Esta é uma declaração curiosa. Ela

conhecia o edito sobre o extermínio dos judeus em direção ao final do ano. Ela é apresentada pelo autor como falando profeticamente, assim como a esposa de Pilatos o advertiu sobre Jesus? (Mt 27:19). A declaração é melhor entendida como uma preparação para as coisas que virão. É também uma expressão da fé orgulhosa do povo da aliança de Deus.

Como para sublinhar que Haman era apenas um peão nas mãos de um poder muito superior ao dele, e que ele havia começado algo sobre o qual ele não era mais um mestre, v. 14 acrescenta que, enquanto ele ainda procurava conforto de sua família , ele foi levado com pressa para o banquete da rainha.

4. Ester dá um segundo banquete e expõe Hamã (7: 1-6)

¹ Então o rei e Hamã entraram em festa com a rainha Ester. ² E, no segundo dia, enquanto bebiam vinho, o rei disse novamente a Ester: "Qual é a sua petição, a rainha Ester? Deve ser concedido a você. E qual é o seu pedido? Até a metade do meu reino, será cumprida. "³ Então a rainha Ester respondeu:" Se eu tenha achado graça aos teus olhos, ó rei, e se for o favor do rei, seja dada minha vida na minha petição, e as minhas pessoas a meu pedido. ⁴ Pois somos vendidos, eu e meu povo, para serem destruídos, mortos e aniquilados. Se tivéssemos sido vendidos apenas como escravos, homens e mulheres, eu teria mantido minha paz; pois a nossa aflição não deve ser comparada com a perda para o rei ".⁵Então o rei Assuero disse à rainha Ester: "Quem é ele, e onde ele está, isso presumiria fazer isso?" ⁶ E Ester disse: "Um inimigo e inimigo! Este malvado Hamã! "Então, Hamã estava aterrorizado diante do rei e da rainha.

No segundo banquete, a curiosidade e a benevolência do rei foram despertadas ainda mais.

Ele, portanto, repetiu sua oferta de dar a Ester o que ela pudesse pedir até a metade do domínio dele.

A rainha Ester então se aventurou e implorou que sua vida fosse poupada com a de seu povo. Sua petição segue uma interessante tradição de negociação do Oriente Próximo. Se fossem apenas vendidos como escravos, Ester não teria reclamado. Então, sua preocupação seria menor do que a tensão e o estresse sobrecarregando o grande imperador. E sua perda de liberdade seria menor do que a perda do rei de tantos assuntos leais. Mas, como eles devem ser aniquilados, ela deve ser autorizada a implorar por sua vida.

O rei ficou surpreso, inconsciente da identidade de sua amada rainha. A história não indica que ele reconheça a conexão entre sua petição e o edito real

maquinado por Haman, pois ele pergunta quem é ele **...**isso presumiria fazer isso? Ester só tem que apontar na mesa,. inimigo e inimigo! Este malvado Haman! Haman está assim apanhado em seus próprios esquemas de dupla cruzada.

5. Haman é executado no Gallows de Mordecai (7: 7-10)

[7] E o rei levantou-se da festa em ira e entrou no jardim do palácio; mas Haman ficou para implorar sua vida da rainha Ester, pois viu que o mal era determinado contra ele pelo rei. [8] E o rei voltou do jardim do palácio para o lugar onde eles estavam bebendo vinho, quando Haman estava caindo no sofá onde estava Ester; e o rei disse: "Será que ele mesmo assaltará a rainha na minha presença, na minha própria casa?" Quando as palavras deixaram a boca do rei, eles cobriram o rosto de Ha-man. [9] Então disse Harbona, um dos eunucos presentes no rei: "Além disso, a forca que Hamã preparou para Mordecai, cuja palavra salvou o rei, está na casa de Haman, cinquenta côvados de altura".[10] E o rei disse: "Pendure-o sobre isso." Então eles enforcaram Haman na forca que preparara para Mordecai. Então a ira do rei diminuiu.

O rei entrou no jardim para dar vazão à sua ira. Quando ele voltou viu Haman por Ester no sofá. Na sua ira, ele não percebeu que Haman estava implorando por sua vida, mas tomou isso para uma tentativa de assalto. Ele dificilmente expressou isso, quando o rosto de Haman estava coberto. Este foi um costume para todos os que foram condenados à morte. Seria talvez para proteger os outros da má sorte do condenado sendo transferido por "um olho mau"? Harbona, um dos eunucos do rei presente, sugeriu bastante útil que a grande forca que Hamã criara para Mordecai talvez fosse adequada para aquele cuja ambição chegasse tão alto.

A sentença Então a ira do rei foi diminuída é uma expressão da visão de que deve haver satisfação justa por ações malignas para remover a causa da raiva justa.

6. Ester é dada a casa de Haman e Mordecai, o anel de sinalização (8: 1-2)

[1] Naquele dia, o rei Assuero deu à rainha Ester a casa de Hamã, inimiga dos judeus. E Mordecai veio diante do rei, pois Ester havia dito o que era para ela; [2] E o rei tirou o anel do sinete, que tirou de Hamã, e entregou a Mordecai. E Ester colocou Mordecai sobre a casa de Hamã.

Era bastante de acordo com as práticas do antigo Oriente Médio que um vencedor assumiu a propriedade de um perdedor, de modo que o rei entregou

a casa de Haman a Ester. Nós não somos informados sobre como ela poderia usá-lo, uma vez que ela normalmente deveria estar dentro das paredes exteriores do castelo. Até uma rainha fazia parte do harém. Uma ironia definitiva parece estar prevista para isso que a judia Ester recebeu a casa de Haman executada em vez de Haman obter os despojos de todos os judeus aniquilados. Mas é mais que ironia; É a justiça eterna da aliança sem nome Deus de Israel, que também é o Deus do universo.

Mordecai foi apresentado ao rei por Ester. O rei tirou o anel do sinete e deu-o a Mordecai. Provavelmente deve ser entendido como uma indicação de que um homem que tão bem poderia lidar com os assuntos delicados de um parente também deve ser um ministro capaz do rei. Ester agora poderia, pela primeira vez, mostrar sua gratidão em relação a ele e dar-lhe todas as coisas da casa de Haman para sublinhar o provérbio: "O homem prediz, mas Deus prevalece".

V. O apelo de Ester e um novo edito (8: 3-17)

1. O argumento de Ester e o dilema do rei (8: 3-8)

[3] Então Ester falou novamente ao rei; Ela caiu a seus pés e rogou com lágrimas para evitar o design maligno de Hamã, o Agagita, e o enredo que ele havia inventado contra os judeus. [4] E o rei estendeu o cetro de ouro a Ester, [5] e Ester levantou-se e ficou diante do rei. E ela disse: "Se for o favor do rei, e se eu tenha achado favor aos seus olhos, e se a coisa pareça bem diante do rei, e eu me agrada em seus olhos, que uma ordem seja escrita para revogar as cartas elaboradas por Hamã, o Agagita, filho de Hamedatha, que escreveu para destruir os judeus que estão em todas as províncias do rei. [6] Pois, como posso aguentar ver a calamidade que vem ao meu povo? Ou como posso aguentar para ver a destruição da minha família? "[7] Então o rei Assuero disse à rainha Ester e a Mordecai, o judeu: "Eis que entreguei Ester a casa de Hamã, e o enforcaram na forca, porque colocaria as mãos sobre os judeus. [8] E você pode escrever como quiser em relação aos judeus, em nome do rei, e selá-lo com o anel do rei; pois um edito escrito em nome do rei e selado com o anel do rei não pode ser revogado ".

Apesar da vitória pessoal de Ester sobre Hamã, o edito real consertado por ele contra os judeus manteve-se firme. A tensão nesta seção é criada pela tradição de que os edictos reais são irrevogáveis, como o rei afirmou no v. 8 .

Ester, portanto, pediu ao rei novamente para fazê-lo mudar o edito. Sua lógica feminina não vê nenhum problema em fazer edictos reais e depois revogar suas ordens. O rei, no entanto, sentiu que não podia; nunca foi feito. Ele de seu lado suplicou a Ester que ele havia se vingado de Hamã. Quase na moda

de Pilatos, este governante finalmente lavou as mãos do caso e deu a Ester a autoridade total para lidar com o assunto, conforme julgava oportuno, desde que o edito fosse permitido ficar de pé.

2. Um Novo Edito (8: 9-14)

9 Os secretários do rei foram convocados naquele tempo, no terceiro mês, que é o mês de Sivan, no vigésimo terceiro dia; e um edito foi escrito de acordo com tudo o que Mordecai ordenou sobre os judeus aos sátrapas e aos governadores e aos príncipes das províncias da Índia para a Etiópia, cento e vinte e sete províncias, para cada província em seu próprio roteiro e para todos os povos em sua própria língua, e também aos judeus em seu roteiro e na sua língua. 10 A redação era em nome do rei Assuero e selada com o anel do rei, e as cartas foram enviadas por mensageiros montados montados em cavalos rápidos que eram usados no serviço do rei, criados a partir do galho real. 11 Por isso, o rei permitiu aos judeus que estavam em cada cidade reunir e defender suas vidas, destruir, matar e aniquilar qualquer força armada de qualquer povo ou província que possa atacá-los, com seus filhos e mulheres, e saquear seus bens, 12 em um dia em todas as províncias do rei Assuero, no décimo terceiro dia do décimo segundo mês, que é o mês de Adar. 13 Uma cópia do que estava escrito deveria ser emitida como um decreto em cada província, e por proclamação a todos os povos, e os judeus deveriam estar preparados naquele dia para vingar-se de seus inimigos. 14Então, os mensageiros, montados em seus cavalos rápidos que eram usados no serviço do rei, correram apressadamente, exortados pelo comando do rei; e o decreto foi emitido em Susa, a capital.

Tendo sido dada a permissão, Ester novamente convocou os secretários reais no dia 23 de Sivan. As datas exatas são destinadas a aumentar a credibilidade da narrativa. Um novo edito foi ditado por Mordecai aos sátrapas de todas as 127 províncias e novamente na língua nativa das diferentes áreas. Uma cópia do edito foi enviada também a todos os judeus em seu roteiro e idioma. Isso significa que eles estavam se tornando importantes e receberam uma identidade própria. Mais uma vez, a mensagem foi enviada para todo o país. O edito não revogou o anterior, mas deu aos judeus a permissão para se defender e matar qualquer grupo que possa atacá-los, até mesmo saquear seus bens na data inicialmente estabelecida para o pogrom de Haman, o 13 de Adar.

3. Alegria entre os judeus (8: 15-17)

15 Então Mardoqueu saiu da presença do rei em roupões reais de azul e branco, com uma grande coroa de ouro e um manto de linho fino e roxo,

enquanto a cidade de Susa gritava e se alegrava. [16] Os judeus tinham luz e alegria, alegria e honra. [17] E em todas as províncias e em todas as cidades, onde veio o comando do rei e seu edito, houve alegria e alegria entre os judeus, uma festa e um feriado. E muitos dos povos do país se declararam judeus, pois o medo dos judeus havia caído sobre eles.

Mordecai é apresentado aqui como o símbolo dos judeus e sua nova posição encontrada de favor real e poder político no país. Quando ele se mostra no traje branco e azul com uma coroa de ouro (tudo muito parecido com Haman!) Ele é adorado e saudado. Em todo o país, os judeus compartilhavam o sucesso de Mordecai, e havia entre eles alegria e alegria. Essa exuberância é psicologicamente compreensível depois que eles foram liberados da opressão e do medo da extinção e agora experimentam o contrário. Uma mudança extraordinária de eventos é que agora o medo dos judeus cai sobre a nação. Pois era óbvio para as pessoas supersticiosas que um poder superior estava trabalhando com elas e para elas. Então, para evitar a ira de Deus e participar de suas bençãos, muitos confessaram a fé judaica e se juntaram a eles.

VI. Purim-A Jewish Revenge (9: 1-19)

Com esta seção, chegamos a uma parte difícil e difícil do livro por causa da ética marcial que propõe. As reações ferozes, o ódio brilhante e a alegria racial, são ofensivos e incongruentes para as pessoas que viveram vidas protegidas e agradáveis. Outros, que viveram guerras devastadoras ou nos guetos que aliviam a alma, entenderão mais facilmente. Deixe-se dizer, desde logo, que a maioria de nós pode compartimentar nossos pensamentos e sentimentos em todos os momentos. É só que alguns períodos difíceis servem para mostrar abertamente as discrepâncias entre fé e sentimento, entre moral e comportamento, entre pensamento e ação.

1. Abate judio de inimigos (9: 1-10)

[1] Agora, no décimo segundo mês, que é o mês de Adar, no décimo terceiro dia do mesmo, quando o comando e o edital do rei estavam prestes a ser executados, no próprio dia em que os inimigos dos judeus esperavam obter o domínio sobre -los, mas que tinha sido alterado para um dia em que os judeus deveriam obter o domínio sobre seus inimigos, [2] os judeus se reuniram em suas cidades, em todas as províncias do rei Assuero pôr as mãos naqueles que procuravam o seu mal. E ninguém poderia se opor a eles, pois o medo deles havia caído sobre todos os povos. [3] Todos os príncipes das províncias e os sátrapas, os governadores e os oficiais reais também ajudaram os judeus,

pois o medo de Mordecai havia caído sobre eles. ⁴Pois Mordecai era grande na casa do rei, e a sua fama se espalhou por todas as províncias; pois o homem Mordecai cresceu cada vez mais poderoso. ⁵ Então os judeus feriram todos os seus inimigos com a espada, matando e destruindo-os, e fizeram o que quisessem para aqueles que os odiavam. ⁶ Em Susa, a capital em si, os judeus mataram e destruíram quinhentos homens, ⁷ e também mataram Parshandatha e Dalphon e Aspatha ⁸ e Poratha e Adalia e Aridatha ⁹ e Par-mashta e Arisai e Aridai e Vaizatha, ¹⁰ os dez filhos de Hamã, o filho de Hammedatha, inimigo dos judeus; mas eles não colocaram mão na pilhagem.

A data que foi estabelecida pelo elenco de Hainan do lote, "Pur", finalmente chegou. Foi dito em 8: 8 que o edital real anterior não poderia ser revogado. O decreto para a aniquilação dos judeus ainda estava nos livros. O verso 1 nos sugere que este era o interesse de mais pessoas do que Hamã, pois observamos os inimigos dos judeus. E sua história afirma que houve vários incidentes de genocídio contra os judeus na Pérsia. Isso levou os comentadores a falar de várias fontes para este livro, uma afirmação que pode ser verdadeira, mas que não é fortemente suportada no material em questão.

Os judeus também tiveram um edito em seu favor, permitindo que eles se defendessem. O caso entre Haman e Mordecai influenciou o sentimento do público na medida em que ninguém poderia se opor a eles, pois o medo deles havia caído sobre todos os povos. O verso 1 também nos diz que o dia que deveria ser a sua destruição tinha sido alterado para um dia em que os judeus deveriam dominar seus inimigos. Estas duas frases testemunham novamente a fé do autor na providência divina. O Deus da Aliança de Israel tinha virado a maré do destino de seu povo. O autor acreditava firmemente que "embaixo estão os braços eternos" (Deuteronômio 33:27). Mesmo os servidores públicos e os funcionários agora tiveram que ajudar os judeus por causa da posição de força de Mordecai.

O autor reflete o espírito de vingança quando ele obviamente se ganga enquanto relata como os judeus abateram e destruíram todos os seus inimigos. Mesmo na capital de Susa, mataram 500 homens mais os dez filhos de Hamã. Esta última ação representa um ponto de vista que vemos realizado na história de Achan (Josué 7: 24-26). A crença era que o espírito maligno do pai impregnava também o resto de sua casa.

A última frase do parágrafo é significativa: eles não deram mão do saque. Isso visa dizer que o motivo judaico para a matança era mais nobre do que o de Haman, que, obviamente, esperava também despojar suas vítimas. Para os judeus, isso era estritamente uma defesa contra inimigos nacionais e não uma conquista nem destruição do mal.

2. Em Susa, a matança durou dois dias (9: 11-15)

11 Naquele mesmo dia, o número dos mortos em Susa, a capital, foi relatado ao rei. 12 E o rei disse à rainha Ester: "Em Susa, a capital, os judeus mataram quinhentos homens e também os dez filhos de Hamã. O que eles fizeram no resto das províncias do rei! Agora, qual é a sua petição? Deve ser concedido a você. E, além disso, o seu pedido? Ele deve ser cumprido. "13 E disse Ester:" Se for favor do rei, que os judeus que estão em Susa sejam permitidos amanhã também de acordo com o edito de hoje. E os dez filhos de Hamã sejam enforcados na forca. "14 Então o rei ordenou que isto fosse feito; um decreto foi emitido em Susa, e os dez filhos de Haman foram enforcados. 15Os judeus que estavam em Susa também se reuniram no décimo quarto dia do mês de Adar e mataram trezentos homens em Susa; mas eles não colocaram as mãos na pilhagem.

O rei expressou horror pelo alto número de vítimas em Susa, mais os dez filhos de Haman, e ele só podia se perguntar o que tinha feito no resto do domínio. É estranho que ele não exija que essa situação perigosa dentro de suas fronteiras seja interrompida; Em vez disso, ele reafirma sua promessa a Ester. Pergunta-se se o autor não quer que vejamos essa atitude curiosa por parte do rei como obra do Deus da aliança, que também, em tempos passados, "endureceu o coração de Faraó". Este é outro dos lugares onde se deve perguntar sobre a historicidade do livro. Para qualquer rei responsável, faria o máximo para parar condições tão absolutamente impossíveis quando ele viu para onde eles levariam, mesmo que ele jurasse permitir a indignação desde o início.

Ester implorou por mais um dia de abate, mais a permissão para travar os filhos de Haman na forca por uma exibição de terror. Isso foi concedido e 300 pessoas foram mortas no 14º dia de Adar. Novamente, somos informados de que eles não colocaram nenhuma mão sobre a propriedade de suas vítimas. Eles só queriam justiça por si mesmos.

3. Nas Províncias, Um Dia de Abate e Um de Celebração (9: 16-19)

16 Ora, os outros judeus que estavam nas províncias do rei também se reuniram para defender suas vidas, e aliviaram seus inimigos e mataram setenta e cinco mil daqueles que os odiavam; mas eles não colocaram as mãos na pilhagem. 17 Este foi no décimo terceiro dia do mês de Adar, e no décimo quarto dia descansaram e fizeram isso um dia de festa e alegria.

18 Mas os judeus que estavam em Susa se reuniram no décimo terceiro dia e no quatorze, e descansaram no décimo quinto dia, fazendo isso um dia de

festa e alegria. [19] Portanto, os judeus das aldeias, que vivem nas cidades abertas, mantêm o décimo quarto dia do mês de Adar como um dia de alegria, festa e feriado, e um dia em que enviam porções de escolha um para o outro.

O número das vítimas da vingança dos judeus nas províncias foi de 75 mil habitantes e sem propriedade. Isso ocorreu como decretado no dia 13 de Adar. O dia seguinte foi feito um dia de festa e alegria.

Os judeus em Susa, que tiveram dois dias de luta, se reuniram no dia 15 para sua celebração. Esta discrepância aqui parece ser uma questão de registrar diferentes costumes na capital e no país, fato que pode apoiar a historicidade do próprio evento.

VII. Purim Decreou um Festival para os Judeus (9: 20-32)

[20] E Mardoqueu registrou estas coisas e enviou cartas a todos os judeus que estavam em todas as províncias do rei Assuero, tanto perto quanto fora, [21] ordenando-lhes que guardassem o décimo quarto dia do mês de Adar e também o décimo quinto dia da O mesmo, ano a ano, [22] como os dias em que os judeus obtiveram alívio de seus inimigos, e como o mês que havia sido transformado para eles de tristeza em alegria e de luto em um feriado; que eles deveriam torná-los dias de festa e alegria, dias para enviar porções de escolha uns aos outros e presentes para os pobres.

Mordecai estava tentando resolver a diferença de tradição enviando um decreto ordenando todos os judeus para comemorar o 14 e 15 de Adar como dias de alívio de seus inimigos. Eles deveriam ser mantidos com festança e alegria e enviando porções uns aos outros e presentes para os pobres, assim como os cristãos fazem na época do Natal.

[23] Então os judeus se comprometeram a fazer como começaram, e como Mordecai lhes havia escrito. [24] Para Hamã, o Agagita, filho de Hammedatha, inimigo de todos os judeus, havia conspirado contra os judeus para destruí-los, e tinha lançado Pur, que é o lote, esmagá-los e destruí-los; [25] Mas quando Ester veio diante do rei, ele ordenou por escrito que sua trama perversa, que ele havia planejado contra os judeus, deveria vir sobre sua própria cabeça, e que ele e seus filhos deveriam ser enforcados na forca. [26] Portanto, eles chamaram esses dias Purim, depois do termo Pur. E, portanto, por causa de tudo o que estava escrito nesta carta, e sobre o que haviam enfrentado nesta questão e sobre o que aconteceu com eles, [27] os judeus ordenaram e tomaram sobre si mesmos e sobre seus descendentes e sobre todos os que se juntaram a eles, que, sem falta, eles manteriam estes dois dias de acordo com o que estava escrito e no tempo designado todos os anos, [28] que estes dias devem ser lembrados e guardados em todas as geração, em cada família, província e

cidade, e que estes dias de Purim nunca devem cair em desuso entre os judeus, nem a comemoração desses dias pode cessar entre os seus descendentes.

Estes versos aparecem muito como um resumo da seção principal do livro. Vale a pena notar que Mordecai é a figura principal em vv. 20-28 .

29 Então a rainha Ester, filha de Abihail, e Mordecai, o judeu, emitiram uma autoridade escrita completa, confirmando esta segunda carta sobre Purim. 30 As cartas foram enviadas a todos os judeus, às cento e vinte e sete províncias do reino de Assuero, em palavras de paz e verdade, 31 que estes dias de Purim devem ser observados nas suas estações designadas, como Mordecai, o judeu e a rainha Ester ordenou aos judeus, e eles se debruçaram para eles e para os seus descendentes, em relação aos jejuns e aos lamentos deles. 32 O comando da rainha Ester corrigiu essas práticas de Purim, e foi gravado por escrito.

Esta ordem para uma celebração judaica de Purim recebeu autoridade escrita pela rainha Ester e Mordecai. As cartas foram enviadas a todas as províncias em palavras de paz e verdade, a fim de consertar as práticas de Purim entre os judeus e seus descendentes. Repetimos novamente uma declaração sobre o fato de que foi Ester quem decretou a celebração da Festa de Purim.

Se estamos lidando aqui com duas tradições sobre a mesma questão ou não, é bastante difícil de dizer. Mas dificilmente pode ser apenas circunstancial que em vv. 20-28 temos uma história com Mordecai como a figura principal. É também um fato que a menção mais antiga do festival fora do livro de Ester, II Macabeus 15:36 , o chama de "Dia de Mordecai". A segunda versão, vv. 29-32 , Mordecai e Ester apresentam o edito. A declaração final na v. 32O comando da rainha Ester fixou essas práticas de Purim, definitivamente quer sustentar a importância de Ester. É bem possível que lidamos com a mesma dualidade aqui que temos na diferença entre Susa e a província na celebração do festival. O autor, aparentemente, os usa para reiterar os fatos sobre as origens da festa, a fim de torná-los mais palatáveis para as pessoas em geral, que poderiam ter escrúpulos aceitando em seu calendário uma festa que teve um começo pagão tão inquestionável. Agora, o autor tentou torná-lo plausível, e a repetição do decreto tenta convencer aqueles com consciências hesitantes e escrúpulos religiosos. Para essas pessoas, apenas as razões mais fortes possíveis poderiam influenciá-las para aceitar uma mudança em seu calendário religioso. Portanto, o autor apresenta três:

Epílogo (10: 1-3)

1 O rei Assuero atribuiu tributo à terra e às costas do mar. 2 E todos os atos de seu poder e poder, e o relato pleno da grande honra de Mordecai, ao qual o rei o avançou, não estão escritos no Livro das Crônicas dos reis da Mídia e

da Pérsia? ³ Para Mordecai, o judeu era o próximo do lugar do rei Assuero, e ele era excelente entre os judeus e popular entre a multidão de seus irmãos, pois buscava o bem-estar de seu povo e falava paz a todo seu povo.

As últimas frases do livro de Ester aparecem como um epílogo da história. Nós ouvimos como o rei Assuero tribulou a terra até às terras costeiras do mar. O que isso tem a ver com a nossa história é difícil de ver, além de afirmar pela última vez o poder desse rei. Provavelmente também tenta enfatizar a historicidade da história. Este último é reafirmado também na seguinte frase sobre todos os atos do rei, bem como a honra de Mordecai: Eles não estão escritos no Livro das Crônicas dos reis da mídia e da Pérsia? O termo "os reis da mídia e da Pérsia" apresenta um problema, pois não parece achar que essa seja uma frase comumente aceita desse período.

O livro conclui com uma declaração sobre a grandeza de Mordecai e seu poder político, bem como sua popularidade entre seus próprios povos. É claramente uma declaração conclusiva, paralela à do livro de Daniel, mostrando como depois de tudo vale a pena ser obediente à orientação de Deus e sempre ter o bem do seu povo em mente.

Pode ser surpreendente que essa conclusão faça com que Mordecai seja o personagem principal do livro, embora seu título seja "O Livro de Ester". Ela simplesmente não é mencionada neste resumo. Outras versões não suportam qualquer indicação de que uma declaração final sobre ela tenha sido perdida. Um é intrigado como uma composição, que, de outra forma, há muito bem saber o que incluir ou excluir, deve apresentar essa aparente omissão - uma que também se encontra no livro de Ruth. A explicação mais plausível é que estamos lidando com mais de uma fonte para o livro de Ester.

A lição com a qual o livro quer acabar é que se deve ser fiel a Deus e ao povo da aliança durante os dias malignos, bem como nos bons, e que todas as coisas funcionem juntas para o bem. Este é o conteúdo do livro, e este é o objeto principal para a celebração de Purim.

JÓ

John DW Watts
em colaboração com
John Joseph Owens e Marvin E. Tate, Jr.

Introdução

O livro de JÓ é aclamado como o produto supremo do gênio poético no Antigo Testamento e um dos maiores da literatura mundial. Tennyson chamou-o de "o maior poema de tempos antigos ou modernos". Ele também tem uma incrível qualidade de leitura com relevância contínua em cada nova geração.

I. A Posição e Estrutura do Livro

O livro de JÓ entrou na Bíblia na última divisão do cânon hebraico que inclui Salmos, Provérbios, Daniel e Crônicas. Em versões modernas, é colocado antes dos Salmos como o primeiro livro de poesia na ordem adotada por Jerome para a Vulgata Latina.

1. Texto

O texto básico para tradução é o hebraico oficial chamado de Texto Massorético. As traduções precoces para o grego e o siríaco, bem como um Early Targum judaico (comentário), paralelam esse texto. No entanto, eles são de utilidade limitada em lidar com os mistérios de palavras estranhas, uma vez que aparentemente entenderam ainda menos deste hebraico arcaico e altamente poético do que o intérprete do modem.

NOTA: Esta Introdução e o comentário sobre o prólogo (1: 1-2: 13) e o epílogo (42: 7-17) foram preparados por John Joseph Owens. O comentário sobre (capítulos 3-33 foi preparado por John DW Watts. O comentário sobre (34: 1-42: 6 foi preparado por Marvin E. Tate, Jr.

2. Origem

A alta qualidade literária do livro não altera a dificuldade levantada pela profusão de palavras e frases incomuns. Contém muitos estilos e formas. Alguns podem ser melhor compreendidos em relação ao vocabulário ugarítico, aramaico ou árabe do que ao hebraico conhecido. Uma vez que o livro pretende falar por homens cujas casas estão espalhadas por toda a área em torno da Palestina, sugeriu-se que o livro foi originalmente escrito em outra língua (talvez aramaico ou árabe). Isto, ou uma existência paralela de tais versões, não teria sido impossível. No entanto, até agora, nenhuma evidência decisiva foi produzida, o que mostraria que um idioma diferente do hebraico era original para o livro. Os autores estão, obviamente, conscientes da literatura paralela na cultura mais ampla que os rodeia (ver seção II, abaixo).

Os autores de JÓ são desconhecidos. A data para a composição do livro deve ser declarada de forma a cobrir um possível longo período de desenvolvimento. Paralisos antigos datam do último do terceiro milênio AC. O livro completo geralmente é considerado entre os séculos IV e III, embora algumas partes dele possam ter sido escritas já no século X.

3. Forma literária e Estrutura

JÓ é composto por seções de prosa e discursos poéticos. Inclui narrativa, diálogo, hino, drama, oração, lamento, provérbio, juramento e oráculo. O livro de JÓ, como uma catedral medieval, foi construído em etapas. Arquitetos de mais de um século ou mais usaram vários estilos. De forma notável, os estilos gótico, românico, barroco e misturado se misturam em um todo magnífico. Somente o olho treinado pode indicar onde cada estágio começou e terminou.

Então é com o livro de JÓ. Ele tomou forma nas mãos de muitos trabalhadores inspirados. Alguns usaram a retórica e os argumentos dos tribunais. Alguns se moveram dentro dos provérbios dos sábios. Todos eles fizeram sua contribuição única para o único tema excelente e construíram uma magnífica estrutura literária.

(1) O núcleo

O núcleo do edifício, como o de muitas catedrais, é simples. É uma história de um homem justo na antiguidade que conhecia a bênção de Deus em abundância (1: 1-5). Ele foi visitado pelo desastre e privação (1: 13-19). Ele manteve sua dignidade, sua integridade e sua fé (1: 20-22). No devido tempo, Deus recompensou sua fidelidade e restaurou suas bênçãos muitas vezes (42: 10-17).

A história ilustra a maneira como Deus trabalha. Ele não esquece o dele. Quando os problemas chegam, Deus age no momento adequado para reviver as coisas. A história de JÓ tem paralelos em Noé, Abraão, Jacó, José e Daniel.

O livro pode ser chamado de história de um homem justo e do Deus justo. Os pensadores hebreus podem lidar com casos complicados como o de Abel, bem como com os muito simples como Enoch. Suas histórias tentaram uma definição do que constituía a justiça. Suas respostas tocam muitas facetas da idéia do que é justiça de Deus e de como funciona. Esta parte do livro poderia ser tão antiga quanto o décimo século AC - uma história hebraica baseada em uma conta ainda mais antiga aramaica ou cananeita.

(2) Expansão da prosa

Outro construtor expandiu a história da prosa narrativa inicial. Ele estava preocupado com a origem da calamidade que aconteceu com JÓ. Ele usou uma forma literária, familiar para o Antigo Testamento e outras culturas, para descrever a maneira pela qual as decisões divinas foram alcançadas. Ele mostrou os seres celestiais reunidos sobre o Senhor (1: 6-12 ; 2: 1-8). Gerações posteriores chamariam esses anjos. Ele os chamou de "filhos de Deus". Isaiah recebeu seu chamado em tal cena (Isaías 6). Micaiah ben Imlah descreveu tal cena para explicar uma discrepância em oráculos proféticos (1 Reis 22: 19-22). As visões de Zechariah também se movem em tal configuração (Zech. 3-4).

Entre esses filhos de Deus, um chamado "o Adversário". Ele estava vagando de um lado para outro na terra, espiando a terra. A história usou essas cenas para explicar os sofrimentos de JÓ como um teste que Deus permitiu, sentindo-se seguro de que JÓ resistiria à investida do Adversário. No entanto, esta parte da expansão do JÓ é apenas um fragmento. Concluído, deve mostrar ao Senhor justificado em sua confiança de JÓ e do Adversário admitindo seu erro (como em Zacarias 3: 1 e seguintes). Mas nenhuma menção da cena celestial aparece na conclusão do livro.

O tema do teste aparece frequentemente em conexão com as histórias patriarcais do homem justo. Adão e a árvore, Abraão e o sacrifício de Isaac, o combate de Jacó com o anjo e a esposa de Joseph e Potifar são exemplos paralelos. Alguns deles mostram a esposa como uma fonte de testes. Adão tinha Eva; Abraão tinha Sarah; Isaque tinha Rebekah. A esposa de JÓ desempenha um papel importante na experiência de seu sofrimento, talvez no papel de tentador (2: 9-10).

Paralelos ao conselho celestial são documentados em toda a monarquia (ver Salmo 82). Mas o papel do Adversário tem seu único paralelo após o exílio (Zech., Mas eles evitam o santo nome Yahweh (traduzido no RSV). Uma exceção é em 12: 9. O primeiro estágio da narrativa do prólogo também o evita.

Mas os tópicos editoriais que ligam o livro juntos (1: 6-12; 2: 1-7), a confissão de JÓ (1:21) e todo o epílogo usam o Israel claramente Israelita. O uso é deliberado. Tudo o que ele indica, mostra que todas as designações mais gerais da divindade no livro podem ser devidamente compreendidas para se aplicar ao único Deus verdadeiro de Israel.

Conclusão. - Se o livro de JÓ cresceu em direção à sua forma atual, de alguma forma sugerida, as lacunas e a brusquidão de algumas de suas passagens

podem ser explicadas e compreendidas. Muitos construtores, muitos métodos, muitos estilos estão presentes; e ainda há um edifício, um tema e uma inspiração básica do todo. O efeito líquido de todo esse trabalho criativo é uma história de atração universal dramatizada com expressão poética e poética. Seu tema e suas paixões batem acordes de resposta em corações humanos que fazem as mesmas perguntas ou questões semelhantes. O fato de que ele vem com algumas respostas parece adequado em um mundo onde tais respostas são difíceis de encontrar.

II. Paralelos literários para JÓ

Muitas facetas do livro de JÓ são encontradas em culturas que cercam a terra da Bíblia. As aparências destes fornecem um conhecimento de formas e filosofias disponíveis para o autor. Um estudo completo dos tratamentos paralelos nas culturas vizinhas desenrola os valores comumente aceitos e também a singularidade da visão hebraica.

Não é surpreendente que os temas centrais de JÓ sejam encontrados em antigas culturas circundantes (Mesopotâmia, Egito, Aram e Anatólia), da qual temos literatura existente. JÓ é um clássico que é universal em suas formas, idéias e conclusões literárias.

Um texto antigo do Egito contém uma disputa que um homem teve com sua própria alma em relação ao suicídio. A primeira e a última partes estão em prosa, enquanto a porção central é um monólogo poético. A alma foi considerada uma parte independente do homem e, portanto, poderia participar da disputa para fazer do monólogo um verdadeiro diálogo. Sua vida tornou-se intolerável. O texto não especificou a catástrofe que o levou a um estado tão desesperado. Sua alma desencorajou a idéia de autodestruição. O homem sugeriu a morte pelo fogo. Na disputa, o homem desejava um confronto no conselho celestial e um defensor antes dos deuses. A alma do homem perdeu a batalha com base no fato de que o valor da vida não era claro, já que a justiça, o amor e os valores mais altos não apareceram em seu mundo. A morte era desejável, pois seria livre da miséria,

O argumento climático era a visão de que a vida após a morte era diferente daquela antes da morte, que os mortos se tornariam deuses vivos e possuíam privilégios divinos.

O tratamento diferente oferecido por idéias comuns é bastante evidente. O confronto dos deuses é uma reminiscência dos filhos de Deus e do desejo de JÓ de encontrar seu Deus. Para o egípcio, a maneira de se tornar um Deus vivo através da morte era uma possibilidade distinta, mas para o hebraico esta não era uma opção teológica viável.

A esposa de JÓ demonstrou a possibilidade da eutanásia, mas JÓ rejeitou, como a irresponsabilidade e a conversa de tolos. Não há motivos para acreditar que o autor de JÓ tivesse essa fonte egípcia em mãos. Mas a semelhança em algumas das ideias e formas é sugestiva e convincente.

Outra fonte egípcia dos séculos 20 a 18 é conhecida como o "Conto do Camponês Eloquente". Também tem um prólogo e epílogo em prosa, enquanto o corpo principal é poético. Essa forma literária era comum no Egito. A queixa principal é encontrada em nove recursos para a justiça. A justiça social era o ponto em jogo e não a justiça divina. O camponês preferia a morte a uma vida de submissão às injustiças sociais. Ele foi roubado por um vassalo do chefe de serviço. Sua queixa não recebeu atenção. Quando ele insistiu vigorosamente, ele temia que ele pudesse ser morto. Ele manteve sua inocência e proclamou que a justiça deveria ser realizada por causa dos deuses. A justiça triunfou no final e foi recompensado com a propriedade daquele que o maltratou.

Da Mesopotâmia, "JÓ da Babilônia" cai em torno de *ca.* 1600-1200 ACContém uma seção intitulada "Eu Louvarei ao Senhor da Sabedoria". Este poema do sofredor justo é um hino de ação de graças para a libertação. Não tem prólogo prosa e epílogo, mas é um monólogo poético. O herói foi levado baixo de uma posição alta e uma vida muito próspera. A doença trouxe-lhe dor excruciante descrita mais graficamente do que a de JÓ. Ele procurou encontrar de seus deuses a resposta para sua situação, mas não recebeu nenhuma resposta. A filosofia subjacente de que todo sofrimento é o resultado do pecado é evidente para o herói não pode acreditar que ele pecou. Ele era religioso e manteve o ritual. Ele não podia mudar o padrão de sofrimento e esperava morrer imediatamente. No entanto, seu Deus Marduk o curou, e este poema é o hino de gratidão dos camponeses.

As semelhanças são surpreendentemente próximas e numerosas. Mas também há muitas desigualdades. O babilônico era politeísta; JÓ era monoteísta. A queixa da Babilônia é mais suave e mais gentil que a de JÓ. O babilônico admite possíveis pecados que poderiam ter sido suficientes para explicar sua dor. A justiça de JÓ é mantida e admitida mesmo por Javé. As falhas da Babilônia involuntariamente cometidas eram omissões do dever ritual. O conceito de pecado de JÓ é muito mais ético. O babilônico nunca pensa na dor como disciplina. O babilônico obtém alívio através da magia, mas JÓ através de uma visão de Deus. Os nomes das pessoas e da geografia são diferentes. A obra babilônica é um monólogo e JÓ é um diálogo. Apesar de todas as semelhanças dentro dos dois trabalhos,

Outro trabalho em Akkadian foi chamado de "Theodiotasia da Babilônia" ou "Eclesiastes da Babilônia", namorando *ca.* 1000 AC Isso também diz respeito à miséria humana e à justiça divina. Toma a forma de um diálogo entre um

sofredor e um amigo. O motivo da vida é um tema básico. Dois porta-vozes alternam em expressões poéticas. Eles implicam que tudo o que pode ser apreciado pertence apenas aos justos. No entanto, eles contradizem a filosofia que vê uma relação absoluta entre aflição e maldade. O herói diz que ele não recebe nenhum conforto real de seu diálogo. A estrofe final deste poema está quebrada. O tempo eo conteúdo do poema são tão próximos que o autor de JÓ pode ter sido indiretamente familiarizado com isso.

"Um diálogo pessimista entre mestre e servo" é um poema Akkadiano que se centra em torno do tema da justiça divina e do propósito da vida humana. Sua total desesperança se une à falta de vitalidade religiosa para acentuar o ceticismo prevalecente no mundo da Mesopotêmia.

Todas as facetas da existência humana examinadas são exaltadas e, por sua vez, tornam-se inúteis. A busca do prazer, a ambição política, a riqueza, a viagem, o amor às mulheres, a banquete, o planejamento, o escapismo, a banca, a construção, o serviço patriótico, o perdão de inimigos, a caridade e a adoração dos deuses são condenados. Este documento está datado de *ca.* o século IX AC

O tema de um homem justo sendo testado e flagelado também é comum na literatura grega. As tragédias de Eurípides, Sófocles e Esquilo têm muito em comum com JÓ. Os grandes problemas de JÓ também são tratados em "Prometheus Bound" de Esquilo. O homem justo é visitado com aflição imerecida. Mas não há provas de nenhum contato com o escritor bíblico.

A conclusão grega da questão da justiça da vida aponta que os males não são sempre rectificados durante a vida de um homem e, portanto, a justiça exige que seja encontrada a rectidão em algum lugar. Encontraram sua possibilidade em uma vida após a morte. JÓ aborda essa possibilidade, mas nunca a desenvolve.

III. Problemas centrais em JÓ

A centralidade do sofrimento através do livro levou muitos a sugerir que este é o tema do livro. No entanto, uma vez que o livro não dá uma resposta para o sofrimento, devemos aprofundar o propósito. O livro é tão universal no escopo, no tempo e no plano de fundo, que não dá origem a uma única proposição. A sabedoria e as experiências do homem são tão variadas que muitas vezes uma filosofia simples acentua os problemas ao invés de respondê-los. Uma grande quantidade de questões críticas vem ao primeiro plano no livro. Por exemplo: o sofrimento pode ser explicado pela sabedoria do homem? Qual é a relação do motivo de lucro com o culto real? Qual é a relação do homem com a justiça de Deus? Quão necessários são motivos

espirituais adequados para o conforto? Quais são as principais vias de ministério em situações de crise?

1. Sabedoria e Existência Humana

O livro trata da existência humana como um todo, não apenas da questão do sofrimento. Ele vê o sofrimento e o desastre como parte da situação humana em que todo homem está envolvido, tanto os justos quanto os perversos.

As abordagens dos diferentes tipos de sabedoria são deficientes em lidar com os problemas específicos que o sofrimento de JÓ trouxe à superfície. As tentativas do homem de encontrar respostas, como indivíduo ou em grupo, muitas vezes tornam as verdades eternas. É somente quando as experiências individuais trazem a sabedoria humana como dirigidas e iluminadas pela sabedoria divina, que os problemas do homem entram em foco e alinhamento adequados. O homem e suas filosofias são úteis, mas não são as autoridades finais a serem consideradas. Assim como o conhecimento e a experiência do homem são locais e termináveis, sua razão e habilidade são parciais. Até que todo homem seja trazido para uma relação adequada com o Omni-temporal, Omni-scient, Omni-potente, o homem dá uma resposta distorcida. Somente Deus pode fornecer essa resposta universal. Portanto, o medo do Senhor é a sabedoria.

2. O problema do sofrimento

O livro de JÓ não oferece uma resposta direta ao problema do sofrimento. O propósito do autor não era responder ao sofrimento, mas usá-lo como veículo para seu propósito religioso. Pensa-se que não havia sofrimento inocente. JÓ desafia esse dogma. Enquanto a doutrina popular dizia que piedade e prosperidade, pecado e sofrimento eram pares absolutamente inseparáveis, JÓ questiona e aboliu o absoluto de respostas tão fáceis ao sofrimento ou problemas concomitantes.

JÓ deixa claro que a explicação do sofrimento nunca pode ser deduzida da sabedoria humana sozinha. Isso prepara o caminho para a mensagem religiosa. A sabedoria não tem a resposta, mas a fé tem uma solução. Assim, JÓ busca não só reivindicação para si mesmo, mas também para Deus.

3. A doutrina de Deus

O livro aceita e presume que Deus é onipotente, onisciente e santo. Ele assume uma visão elevada de Deus como moral e todo poderoso, mas a dificuldade de acreditar que Deus é bom é conhecida de frente. A realidade da

situação humana, como encarnada em JÓ, coloca a crença na bondade de Deus em uma prova severa.

JÓ quer acreditar que Deus é plenamente Deus: pessoal, justo e bom, bem como poderoso e santo. No entanto, os fatos de sua situação humana o forçam até a beira da incredulidade. Confrontado com o dilema da doutrina convencional versus experiência pessoal, ele reclama amargamente que Deus está agindo de maneiras que tornam difícil acreditar que ele é justo e bom.

No livro de JÓ, podemos entrar na luta pela verdadeira religião. O trauma da fé é apresentado graficamente. Não é fácil para um homem "abençoar" Deus (ver comentário (1:11). E não é difícil para a "benção" tornar-se uma concha estéril de fé, drenada de virilidade e sensibilidade ao mesmo tempo , ou para mutar em absoluta hostilidade a Deus.

Assim, JÓ não é tanto uma declaração de teologia como um desafio para a teologia ser realista e relevante, ao mesmo tempo que é fiel à grandeza majestosa de Deus e do homem nos problemas desconcertantes e perturbadores da vida e da existência.

4. Um Mediador

Outra questão de grande interesse no livro é a questão de um mediador entre Deus e o homem.

A teologia israelita conhecia o papel de mediador da aliança; Moisés, Joshua e outros ocuparam esse papel. Eles levaram o povo a entrar e a renovar a aliança com o Senhor. Mas em sua extremidade de necessidade, à beira da morte e sem contato direto com Deus, JÓ expressa o chamado mais poderoso no Antigo Testamento para um mediador entre Deus e o homem.

Falta um desenvolvimento completo deste tema. JÓ não está olhando para a vida após a morte pela esperança. Ele está intensamente preocupado em ser reivindicado nesta vida. É principalmente para este propósito que ele busca a possível intervenção de um mediador celestial, embora ele reconheça que seu trabalho redentor pode ser realizado após a morte de JÓ.

Em 9: 32-33, o mediador é chamado de "árbitro", ou seja, um intermediário no sentido mais simples. Em 16: 19-22, ele é chamado de "testemunha" no céu. Sua função é descrita como uma pessoa que "pleiteará com Deus para um homem, como mortal para um amigo". Em 19: 25-27, ele é afirmado como o redentor-vingador de JÓ atuando na qualidade de "parentes mais próximos". Elihu (33: 23-28) fala dele como o mensageiro de Deus que poderia provocar a cura de JÓ.

JÓ parece estar pensando em alguém para representá-lo no conselho celestial como contrapartida do papel do Adversário

(Satanás) joga no prólogo. No entanto, seus conceitos permanecem tentativos e intermitentes. A resposta à necessidade de JÓ tem que esperar o ensino do Novo Testamento do escritório mediador de Jesus.

Terrien observou corretamente que JÓ "foi levado inconscientemente a implicar a necessidade de Cristo, aprendeu a suficiência da graça e foi levado ao limiar da pura religião". Pode-se acrescentar a esta lista que ele expressou a necessidade do sentido de Deus proximidade e ajuda que o Espírito Santo fornece.

5. JÓ, a lei e os profetas

A literatura de sabedoria como um todo (Provérbios, Eclesiastes, alguns salmos e, pelo menos, o livro de JÓ) levanta questões de relacionamento com outras partes do Antigo Testamento. Os teólogos lutaram - em grande parte em vão - para levar essa literatura a uma harmonia suave com o Pentateuco e os Profetas. O problema é muito importante na JÓ.

É preciso ter em mente que JÓ não faz nenhuma pretensão de ser claramente israelita em crença básica. As exceções a isso são: no uso do nome distintivo Yahweh nas seções Adversas, a confissão de JÓ em (42: 7-17). As opiniões dos amigos de JÓ e de Eliú correspondem com as do antigo pensamento da sabedoria do Oriente Próximo, que foi completamente formado muito antes de Israel ter surgido.

O livro evita muito da teologia israelita e yahwística; Por exemplo, não há referências à revelação na história, à eleição de Israel, ao pacto, ao reino de Javé ou a Sião.

6. A Doutrina da Retribuição

Por motivos justificados, alguns intérpretes pensaram que o livro tenta refutar o ensino da retribuição individual, uma doutrina que ensina que cada pessoa é recompensada exatamente por sua ação, boa ou má, como mostram alguns paralelos na literatura do Oriente Próximo. Esse ensino poderia encorajar os saudáveis e os ricos, mas ser um cruel ridículo dos doentes e dos pobres.

Esta doutrina ocorre nas exortações do Antigo Testamento a Israel (ver Ex. 23:20 ss. , Levítico 26 , Deuteronômio 28 , Jeremias 7: 5-7 , 12: 14-17). Também é aplicado à conduta individual (Salmos 1 : 37 ; 49 ; 73 ; Isafa 58: 5-8 ; Ezequiel 18). Uma expressão forte é encontrada no Salmo 37:25 :

"Eu fui jovem, e agora eu tenho idade; ainda não vi os justos abandonados ou os seus filhos implorando pão. "Esta é a imagem que deveria ser; Mas muitas vezes é escarnecido pela realidade cruel.

Porque nem sempre funciona dessa maneira, como numerosas passagens reconhecem (Ec. 3:16 ; 8:14). As histórias de Abel, Uriah e Naboth certamente não foram ditas para ilustrar essa doutrina. Jeremiah às vezes expressa isso, mas ele também se queixa de que não é aplicado no caso dele. Jesus ainda confrontou essa doutrina em seus dias (Lucas 13: 1-5 , João 9: 2). Quando JÓ argumenta contra a doutrina, ele tem boa companhia no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Ele não foi o primeiro a fazê-lo, nem a doutrina tão universalmente aceita e ensinada como alguns parecem pensar.

A tendência total da teologia do Antigo Testamento é para o tipo de compaixão pessoal, preocupado com Deus em que JÓ acredita. A expressão de velhas idéias de sabedoria dentro de um cenário como o JÓ que presume que o monoteísmo traz grande parte da crudeza da visão. Deve, portanto, ser enfatizado que a "ortodoxia" expressada pelos amigos (que defendeu a doutrina) não é a ortodoxia israelita, mas a de uma ênfase distorcida da opinião da sabedoria internacional e israelita.

O epílogo sugere um papel de serviço vicário para JÓ em nome de seus amigos (42:10). Neste ponto, como em muitos outros detalhes, JÓ mostra paralelos com Isaiah 40-66 . O sofrimento vicário do Servo do Senhor é um problema paralelo ao de JÓ, mas desenvolvido teologicamente de maneira mais positiva e redentora (ver Isa. 53 ; 6-12).

7. O valor de JÓ

O fato de não ser possível colocar JÓ em sucessão direta ao resto do ensino do Antigo Testamento pode ser um dos grandes valores do livro. Aqui está um livro que ignora a história particular de Israel como povo de Deus e, sem negar essa história, continua a uma base mais geral e universal para entender a relação entre Deus e o homem.

Os teólogos bíblicos às vezes esqueceram que a teologia centrada em eventos históricos tem suas fraquezas. Quando a atenção é focada exclusivamente na história, a personalidade pode perder muito do seu valor inerente e dignidade. A pessoa se torna muito subordinada à entidade corporativa e institucional da qual faz parte. Sua individualidade pode receber danos irreparáveis no processo.

Por isso, é importante chegar a um entendimento teológico com base na criação e na humanidade comum, bem como na história. É aqui que a literatura de sabedoria e, especialmente, JÓ fazem um grande contributo.

O Livro de JÓ afirma o valor do homem. Este valor não é a capacidade de produzir bens ou melhorar a face do mundo. O homem não é valorizado como um pensador, um filantropo ou um praticante de religião, embora JÓ seja todos os três. No livro de JÓ, o homem é valorizado pelo que ele está dentro de si mesmo.

Moisés oferece a coragem de confiar em Deus em um grande empreendimento histórico; para expressar a emocionante confiança de que o poderoso braço de Deus pode permanecer o poder das forças que ameaçam seu povo. JÓ oferece orientação sobre a peregrinação pessoal que todo homem que se move do desespero do sem sentido para a fé e a esperança do verdadeiro crente deve fazer.

IV. A Relevância Contemporânea de JÓ

O livro de JÓ teve uma relevância muito duradoura ao longo da história do judaísmo e do cristianismo. Praticamente qualquer livro da Bíblia excedeu sua capacidade de compreender o interesse dos leitores na geração após a geração.

A preocupação permanente com este livro que marcou o passado não mostra sinais de recuo. A literatura atual sobre JÓ é diversificada e muito extensa. Qualquer tentativa de compilar uma bibliografia completa seria uma tarefa extremamente difícil. De fato, o interesse em JÓ parece estar crescendo, e novos tratamentos podem continuar a aparecer.

Entre as razões para a popularidade do livro é a sua qualidade literária e dramática. Do prólogo ao epílogo, o livro passa os testes da grande literatura, especialmente da grande literatura religiosa. Sua qualidade dramática é reforçada pela tensão entre realidade e teoria, com respostas às questões levantadas apenas implícitas em vez de explicitamente faladas. A grande arte e a grande literatura são ambas caracterizadas por uma abertura de interpretação que estimula o espectador, o ouvinte ou o leitor a tornar-se intuitivamente criativo no seu próprio encontro com ele. Há sempre uma certa opacidade de interpretação que evoca dos destinatários da arte diferentes interpretações - interpretações que estão em casa em sua própria experiência. Sem essa qualidade, a escrita ou a pintura se tornam essencialmente publicitárias ou de natureza didática direta. A boa literatura, como toda boa arte, protege seus segredos finais de quem a considera superficial ou descuidada. O fascínio da geração com o livro de JÓ é devido em pequena medida a essa qualidade. "Ele tem um segredo, mas sempre deixa os homens adivinhar o que é".

Mas é insuficiente atribuir a relevância contínua da JÓ ao seu desafio artístico sozinho. Quando o leitor penetra no livro, ele encontra qualidades que são de natureza dupla: empática e evocativa. Há muito para se identificar no livro - o que faz com que se diga: "Isso fala comigo; É assim que eu sinto. "O JÓ do Prologue é um sofredor nobre. Podemos admirá-lo e respeitá-lo por sua coragem e confiança permanente em Deus. Muitos querem ser como ele.

Mas muitos acharão que simpatizam mais facilmente com a JÓ do diálogo. Reconhece a articulação de medos e dúvidas que muitas vezes ele teve falta de coragem para expressar, especialmente para Deus. Terrien escreveu que os "lamentos, os solilóquios, as orações, as vituperações, os protestos, os invectivos e os gritos de dor" de JÓ, "deixa diante dos olhos a agonia do poeta bem como a de JÓ. Essa agonia é tão vívida que alguém quer evitar seus olhos da cena embaraçosa (p. 887). O constrangimento surge em grande medida porque se reconhece e as suas próprias necessidades nas expressões ásperas de JÓ.

O JÓ do diálogo dá uma religião "hon-to-god" que pode investigar profundamente e compelir a aceitação do fato de que muito o que reprimiu em si mesmo é a realidade. Quando isso ocorre, a aprovação divina de JÓ no epílogo assume um novo significado. A religião de JÓ no prólogo é a religião dos gigantes da piedade; mas a religião de JÓ no diálogo é a de Everyman. O fermento selvagem desses tempos exige ambas as perspectivas.

O livro de JÓ também é evocativo. “Ele desenha algo do leitor, a fim de trazer algo *para* ele” (Carstensen, *op. Cit.,* P. 18). Dois aspectos do livro são particularmente evocativos. Um deleite JÓ como um recurso bíblico na pastoral.

A postura dos amigos em lidar com JÓ é iluminadora. Muitos de nós terão que se identificar com eles na maneira como lidamos com pessoas como JÓ. Nós "gritamos conselhos de um terreno seguro". Nos abrigamos atrás de nossos acessórios teológicos e nos sentimos muito ameaçados pela hostilidade de JÓ em relação a Deus. Nós nos tornamos Consoladores miseráveis que tratam JÓ como "uma proposição teológica defeituosa" e não como uma pessoa que precisa de amizade genuína. Nós "dizemos JÓ fora" sem um confronto sincero que poderia envolver revelar nossos próprios medos e as limitações de nossas doutrinas.

Um segundo aspecto evocativo do livro está centrado nos discursos de Yahweh (38: 1-42: 6). A questão da forma em que Yahweh está falando com JÓ perturbou alguns comentaristas. Eles acham os discursos irrelevantes e intimidantes, sem oferecer nenhuma explicação real a JÓ. Por exemplo, WA Irwin (p. 407) julga os esforços para dar aos discursos de Yahweh uma avaliação positiva no contexto do livro "como uma eisógrafa patente (ou seja,

dar a própria interpretação do comentador)". Ele avalia as respostas de JÓ aos discursos de Yahweh como "craven "(Pág. 406). Essa atitude é semelhante à de um dos personagens (Nickles) na peça *J. B.* de Archibald Macleish, que caracteriza a submissão de JB a Deus como "sem o espelho para cuspir no Natal!"

Essas abordagens não entendem o raciocínio das questões nos discursos de Yahweh. Seu aspecto polêmico permitiu obscurecer seu propósito educacional. Esse tipo de questionamento tem um histórico catequético, o mundo do ensino. É projetado menos para subjugar JÓ do que chamar de ele um novo entendimento - ou antigo entendimento esquecido por causa de sua intensa preocupação com a crise do sofrimento pessoal. A aceitação de JÓ de Yahweh não é uma subordinação cega de vontade a força inexorável. Carstensen escreve:

O homem parado silenciado diante do perímetro alargado de sua ignorância, confrontando-se *mais do* que não sabe, não é humilhado antes do céu. Ele é homenageado com o status de colega de trabalho com Deus. Ele não é um robô bem oleado, de um lado com a maquinaria de clique de uma providência mecânica. Sua perplexidade é a garantia da sua liberdade. O mistério diante dele deixa espaço para hipóteses; hipóteses, de curiosidade e frustração, avançam para novas áreas de conhecimento e poder *(op. cit.*, p. 100).

A glória de Deus e seus caminhos leva o homem ao silêncio, mas, ao mesmo tempo, empurra-o para novos conhecimentos e esforços.

Esboço

I. O prólogo (1: 1-2: 13)
    1. JÓ é introduzido (1: 1-5)
        1. O próprio homem (1: 1)
        2. A extensão das bençãos de JÓ (1: 2-3)
        3. A eficácia de JÓ na religião (1: 4-5)
    2. Drama em torno de JÓ (1: 6-2: 10)
        1. Cena um: configuração nos céus (1: 6-12)
        2. Cena dois: configuração na casa de JÓ (1: 13-22)
        3. Cena três: ajuste nos céus novamente (2: 1-6)
        4. Cena quatro: configuração na cidade natal de JÓ (2: 7-10)
    3. Introduziram os amigos de JÓ (2: 11-13)

II. O diálogo (3: 1-27: 23)
    1. Lamento de JÓ (3: 1-26)

1. Uma maldição (3: 1-10)
2. Uma pergunta (3: 11-19)
3. Um clamor (3: 20-26)

2. O primeiro discurso de Eliphaz (4: 1-5: 27)
    1. Fé para problemas (4: 1-6)
    2. Justiça divina (4: 7-11)
    3. Intimações de mortalidade (4: 12-21)
    4. Nenhum apelo contra Deus (5: 1-7)
    5. Compromete sua causa com Deus (5: 8-16)
    6. Feliz o homem a quem Deus repreende (5: 17-27)
3. Primeira resposta de JÓ (6: 1-7: 21)
    1. O peso da dor de JÓ (6: 1-13)
    2. Reprodução dos amigos (6: 14-30)
    3. "Dias sem esperança" (7: 1-6)
    4. Uma oração (7: 7-21)
4. O primeiro discurso de Bildad (8: 1-22)
    1. A justiça de Deus (8: 1-7)
    2. Sabedoria antiga (8: 8-19)
    3. Aceitação de Deus (8: 20-22)
5. Segunda resposta de JÓ (9: 1-10: 22)
    1. Ele pode ganhar um caso contra Deus? (9: 1-35)
    2. O lamento de um adorador (10: 1-22)
6. Primeiro discurso de Zophar (11: 1-20)
    1. Você merece muito pior (11: 1-6)
    2. Um homem sem valor (11: 7-12)
    3. "Defina seu coração corretamente" (11: 13-20)
7. A terceira resposta de JÓ (12: 1-14: 22)
    1. Uma crítica da providência (12: 1-13: 12)
    2. Um apelo a Deus (13: 13-14: 22)
8. O segundo discurso de Eliphaz (15: 1-35)
    1. Presunção de JÓ (15: 1-16)
    2. O destino do ímpio (15: 17-35)
9. A quarta resposta de JÓ (16: 1-17: 16)

1. Consoladores miseráveis (16: 1-5)
2. "Deus me desgastou" (16: 6-17)
3. "Meu testemunho está no céu" (16: 18-17: 2)
4. "Uma promessa para mim" (17: 3-5)
5. A desesperança de JÓ (17: 6-16)

10. O segundo discurso de Bildad (18: 1-21)
    1. Repreensão para JÓ (18: 1-4)
    2. O que os ímpios podem esperar da vida (18: 5-21)
11. Quinta resposta de JÓ (19: 1-29)
    1. "Deus me colocou errado" (19: 1-12)
    2. "Por que você me persegue?" (19: 13-22)
    3. "Meu Redentor vive" (19: 23-29)
12. Segundo discurso de Zophar (20: 1-29)
    1. O ganho do ímpio é breve (20: 1-11)
    2. Isso o deixará doente (20: 12-19)
    3. Ele não salvará nada (20: 20-29)
13. Sexta resposta de JÓ (21: 1-34)
    1. "Por que não impaciente?" (21: 1-6)
    2. Por que os ímpios vivem por muito tempo? (21: 7-16)
    3. Todos os homens vivem e morrem (21: 17-26)
    4. Seu conforto: números vazios (21: 27-34)
14. O terceiro discurso de Eliphaz (22: 1-30)
    1. "Não é ótima sua maldade?" (22: 1-11)
    2. Resposta a JÓ (22: 12-20)
    3. Se reconcilie com Deus (22: 21-30)
15. Sétima resposta de JÓ (23: 1-17)
    1. Onde posso encontrá-lo? (23: 1-7)
    2. "Estou cercado" (23: 8-17)
16. Um discurso sobre julgamento demorado (24: 1-25)
    1. Um tempo para julgamento (24: 1-11)
    2. Os amigos das trevas (24: 12-17)
    3. O destino dos ímpios (24: 18-25)
17. O terceiro discurso de Bildad (25: 1-26: 14)

1. "Como um homem pode ser justo diante de Deus?" (25: 1-6)
2. Julgamento sobre Consoladores (26: 1-4)
3. O hino a Deus (26: 5-14)

18. Oitava resposta de JÓ (27: 1-7)
19. "O ímpio perante Deus" (27: 8-23)

III. Os discursos JÓ (28: 1-31: 40)

1. A sabedoria pertence a Deus (28: 1-28)
    1. Uma mina para prata (28: 1-11)
    2. Onde alguém encontrará a sabedoria? (28: 12-22)
    3. Deus entende (28: 23-27)
    4. A sabedoria de Deus para o homem (28:28)
2. Então e agora para JÓ (29: 1-30: 31)
    1. O desejo dos velhos tempos (29: 1-25)
    2. O amargo agora (30: 1-15)
    3. "Minha alma é derramada" (30: 16-19)
    4. O clamor sem resposta (30: 20-23)
    5. "Minha lira é virada para o luto" (30: 24-31)
3. Juramento de inocência de JÓ (31: 1-40)
    1. Minha aliança (31: 1-4)
    2. "Se eu andei com falsidade" (31: 5-8)
    3. "Se meu coração foi seduzido" (31: 9-15)
    4. Se eu rejeitei dos pobres (31: 16-23)
    5. "Se eu fiz o ouro minha confiança" (31: 24-28)
    6. Se eu me alegrar com a ruína (31: 29-34)
    7. Onde está a minha acusação? (31: 35-37)
    8. Se minha terra gritar contra mim (31: 38-40)

IV. Os discursos de Eliú (32: 1-37: 24)

1. Introdução de Elihu (32: 1-5)
2. Prolegomena aos discursos de Eliú (32: 6-22)
    1. O verdadeiro sábio (32: 6-10)
    2. O fracasso dos amigos (32: 11-14)
    3. A necessidade urgente de Eliú falar (32: 15-22)
3. O primeiro discurso de Eliú (33: 1-33)

1. Um desafio homem-a-homem (33: 1-7)
2. A carga de JÓ contra Deus (33: 8-11)
3. Tese básica de Eliú (33: 12-14)
4. Apocalipse na noite (33: 15-18)
5. Redenção por um mediador (33: 19-30)
6. Um apelo direto a JÓ (33: 31-33)

4. O segundo discurso de Eliú (34: 1-37)
    1. Um resumo do caso de JÓ (34: 1-9)
    2. O criador não pode ser mau (34: 10-15)
    3. A imparcialidade do juízo divino (34: 16-20)
    4. A correspondência da onisciência divina e da onipotência (34: 21-30)
    5. Uma repreensão de fechamento para JÓ (34: 31-37)
5. O terceiro discurso de Eliú (35: 1-16)
    1. Reivindicação de JÓ (35: 1-3)
    2. Resposta de Elihu (35: 4-16)
6. O quarto discurso de Eliú (36: 1-37: 24)
    1. Algo mais a dizer para Deus (36: 1-4)
    2. O uso de sofrimento de Deus (36: 5-15)
    3. Admoestação para JÓ (36: 16-21)
    4. A grandeza de Deus (36: 22-37: 13)
    5. Um recurso de encerramento (37: 14-24)

V. Os discursos de Javé (38: 1-42: 6)
1. A teofania eo primeiro discurso (38: 1-40: 2)
    1. A reprimenda e o desafio divinos (38: 1-3)
    2. A criação da terra (38: 4-7)
    3. A criação do mar (38: 8-11)
    4. A operação do universo (38: 12-38)
    5. Os caminhos do mundo animal (38: 39-39: 12)
    6. O avestruz (39: 13-18)
    7. O cavalo (39: 19-25)
    8. O falcão e a águia (39: 26-30)
    9. Desafio de Yahweh (40: 1-2)
2. Primeira resposta de JÓ (40: 3-5)

3. O segundo discurso de Javé (40: 6-41: 34)
    1. O desafio para JÓ (40: 6-14)
    2. O Behemoth (40: 15-24)
    3. O Leviatã (41: 1-34)
    4. A segunda resposta de JÓ (42: 1-6)

VI. O epílogo (42: 7-17)
1. Julgamento sobre os amigos (42: 7-9)
2. Restauração de JÓ (42: 10-17)

Bibliografia selecionada

DAVIDSON, AB *O Livro de JÓ.* ("The Cambridge Bible for Schools".) Cambridge: University Press, rev. 1918; 1951.

DHORME, E. Um *comentário sobre o livro de JÓ.* Trans. por H. Knight (*Le Livre de JÓ,* 1926) Londres: Thomas Nelson and Sons, Ltd., 1967.

DRIVER, SR e GRAY, GB *O Livro de JÓ.* ("The International Critical Commentary".) Edimburgo: T. & T. Clark, 1921.

FOHRER, G. *Das Buch Hiob* ("Kommentar zum Alten Testament") Gutersloh: Gerd Mohn, 1963.

GORDIS, R. *O Livro de Deus e do Homem - Um Estudo de JÓ.* Chicago: University of Chicago Press, 1965.

HORST, R. *JÓ 1-19* . ("Biblischer Kommentar Altes Testament") Neukirchen-Vluyn: Neu-kirchener Verlag, 1968.

IRWIN, WA "JÓ", *o comentário de Peake sobre a Bíblia.* M. BLACK e HH ROWLEY, eds. Londres: Thomas Nelson and Sons, Ltd., 1962, pp. 391-408.

MACKENZIE, RAF "JÓ", *o comentário bíblico de Jerome.* RAYMOND E. BROWN, et al., Eds. Nova York: Prentice-Hall, Inc., 1968. pp. 511-33.

PAPA, MH *JÓ.* ("The Anchor Bible") Garden City: Doubleday & Company, 1965.

Review and Expositor, Louisville, Kentucky: LXVIII, Fall, 1971.

ROBINSON, TH *JÓ e seus amigos.* Londres: SCM Press, 1954.

ROWLEY, HH *JÓ.* ("The Century Bible, New Series") Nova York: Thomas Nelson and Sons, Ltd., 1970.

SNAITH, NH *O Livro de JÓ - Sua Origem e Propósito.* ("Estudos em Teologia Bíblica".) Londres: SCM Press, 1968.

Southwestern Journal of Theology, Fort Worth, Texas: XIII, Fall, 1971.

TERRIEN, S. "O Livro de JÓ", *A Bíblia do Intérprete,* GEORGE A. BUTTRICK, ed. Nashville: Abingdon, 1962. III, 877-1197.

TUR-SINAI, NH *O Livro de JÓ-Um Novo Comentário.* Jerusalém: Kiryath Sepher, Ltd., 1957.

WARD, WB *Out of the Whirlwind.* Richmond: John Knox Press, 1958.

Comentário sobre o texto

I. O Prólogo (1: 1-2: 13)

1. JÓ é introduzido (1: 1-5)

[1] Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era JÓ; e aquele homem era irrepreensível e reto, aquele que temia a Deus e se afastou do mal. [2] Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. [3] Ele tinha sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentos jumentos de bois e quinhentos assas e muitos servos; de modo que esse homem era o maior de todas as pessoas do oriente [4] Seus filhos costumavam ir e realizar um banquete na casa de cada um em seu dia; e eles enviariam e convidavam suas três irmãs para comer e beber com elas. [5] E, quando os dias da festa seguiram seu curso, JÓ os enviaria e santificaria, e ele se levantaria de manhã cedo e ofereceria holocaustos de acordo com o número de todos eles; porque JÓ disse: "Pode ser que meus filhos tenham pecado e tenham amaldiçoado Deus em seus corações". Assim, JÓ continuou.

(1) O próprio homem (1: 1)

Havia um homem que define o padrão da experiência de um indivíduo. Mesmo que todo o livro seja visto como parabólico, o problema gira em torno de um homem como homem e não como representante da humanidade.

Na terra de Uz. Uz é um nome pessoal do filho mais velho de Aram, filho de Sem (Gênesis 10:23 ; 1 Crônicas 1:17) e o filho mais velho de Nahor, irmão de Abraão (Gênesis 22:21). Gênesis 36:28 liga Uz com Dishan, um chefe de Edom, e Lamentações 4:21 tem a localização de Uz nas proximidades de Edom ou do oeste da Arábia. Outra linha de evidência importante localiza Uz em Haman, perto de Damasco.

O nome JÓ é encontrado 56 vezes no livro. A inclusão de JÓ com Noé e Daniel (Ezequiel 14:14 , 20) indica que ele era um famoso herói da antiguidade. Aparece como um nome comum em textos de povos semitas ocidentais de um período inicial. É muito possível que um desses heróis antigos tenha sofrido uma série de perdas e sofrimentos pessoalmente devastadores e se tornou o modelo para "o sofredor justo".

O nome JÓ foi geralmente interpretado a partir de uma raiz que significa "ser hostil". O particípio é traduzido regularmente como inimigo. O nome foi traduzido "objeto de inimizade", "assaltado", ou seja, por Deus, Satanás, calamidades e amigos. O uso repetido do nome JÓ poderia ser um constante lembrete de que ele era objeto de forças opostas e filosofias. Alguns rabinos fizeram tropa no nome de JÓ como "inimigo". O nome, unido ao antigo conto de um sofredor, pode ter sido a razão pela qual o autor selecionou esse registro como o veículo de seu pensamento. Em 13:24 JÓ pergunta por que ele é contado como "inimigo". Em 33:10, Elihu diz que JÓ pensou que Deus o contava como "seu inimigo".

Por outro lado, WF Albright conecta o nome de JÓ com uma forma mais longa em nomes semóticos do noroeste que significa "Onde está o meu Pai?" Na luta, o tema de "Onde é Deus (meu Pai)?" Pode ser descoberto repetidamente. JÓ 9:11 ; 22:12 ; 23: 1-8 ; 28:12 ; 31:35 ; 37:23 podem ser reflexos desta intensa pesquisa.

JÓ caracterizou-se por quatro qualidades. Ele foi (1) irrepreensível (cf. 1: 8 ; 2: 3 ; 8:20 ; 9: 20-22). A idéia de raiz verbal de completude traz a força de ser bem-redondeada, som, saudável, moralmente inocente. Ele era um homem de integridade da mente e da alma. Ele estava som em sua relação com Deus, o bem e a humanidade. A palavra é usada por ele, a esposa de JÓ e a si mesmo.

JÓ também estava (2) na posição vertical. As palavras irrepreensíveis e retas são usadas em paralelo em Salmos 25:31; 37:37 ; Provérbios 29:10 . Ele era uma pessoa direta que era fiel e leal ao mais alto e melhor. Ele era uma pessoa bem integrada, sem desvio moral. Estes dois termos mostram JÓ como um homem que atingiu um pico de solidez moral.

Ele era (3) aquele que temia a Deus. A palavra para Deus é *"Elohim* e não *Javé"* . O termo mais comum é "temer o Senhor". O paralelo mais próximo a este versículo é Provérbios 3: 7 (ver Prov. 14:16), onde, na configuração da sabedoria, ocorre a mesma expressão básica: "teme a Javé e afaste-se de mal ". É importante que este prólogo seja sensível aos nomes específicos usados por Deus. Elohim é um nome para Deus, que pode ser usado em quase qualquer cultura e não é claramente hebraico. Javé é o nome distinto do hebraico para o Deus da aliança. Neste contexto, o termo "medo Elohim" tem o significado de ser religioso. Medo envolve continuidade. Ele era um cujo estilo de vida era atuado pelo seu medo de Deus.

Ele (4) se afastou do mal (Provérbios 3: 7 ; 14:16). Virar-se do mal é um corolário natural para temer a Deus. O pensamento da sabedoria indicaria que o medo de Deus era o caminho para evitar o mal (Provérbios 16: 6).

(2) A extensão das Bênçãos de JÓ (1: 2-3)

Os versículos 2 e 3 estabelecem uma relação vital entre o caráter de JÓ (v. 1) e as bênçãos que JÓ desfrutou pela conjunção consecutiva no início de cada verso. A maior expressão de benção no mundo oriental era uma grande família (Salmos 127: 3 ; 128: 3-4). JÓ teve dez filhos. O número dez denota uma família completamente suficiente. Sete filhos e três filhas indicam proporções adequadas, de acordo com a escala oriental dos valores humanos. Os filhos eram aqueles através dos quais o nome do pai era perpetuado. Eles foram aceitos nos tribunais e tinham legitimidade.

O autor também mostra a justiça de JÓ por suas posses. JÓ tinha 7.000 ovelhas e 3.000 camelos ou 10.000 animais. Novamente, o número 10 indica integridade. Ovelhas eram valiosas tanto para lã quanto para comida. Os camelos eram muito apreciados pelo transporte e pelo status. A posse de tal rebanho de camelo marcaria um homem como uma das elites. Ele tinha o tamanho e a proporção de bens prezados de um nobre oriental próspero.

Ele também tinha 500 jumentos de bois e 500 galões ou mil unidades de estoque. Os bois eram os animais utilizados no cultivo dos campos.

Muitos servos refletem a narrativa patriarcal de Isaac (Gênesis 26: 12-14). A figura da benção é a mesma em ambas as narrativas.

Que o JÓ foi o *maior* foi concebido em termos de bens, personalidade, posição e qualidade. Suas participações eram o epítome do desejo, e tudo decorreu de sua relação religiosa com Deus.

(3) Eficácia de JÓ na religião (1: 4-5)

Esta seção demonstra sua eficácia como patriarca no cumprimento de suas funções de provedor e sacerdote. Os sete filhos cada um tinham uma casa própria. A prosperidade de JÓ havia sido compartilhada. Enviar inclui a ideia de que as irmãs receberam o convite e responderam, chegando à casa específica, por sua vez. A harmonia familiar incomum é demonstrada porque era incomum que as irmãs fossem convidadas. A história não indica se os filhos se casaram ou não. Essa parte da história não era pertinente ao propósito do autor. Pelo fato de que o filho tinha sua própria casa, poderia sugerir que ele tinha sua própria família.

No seu dia é bastante ambíguo. Não há indicação do que dia especial se destina. Pode ter sido um aniversário, uma reunião anual familiar regular ou um dia de festa. Poderia ser que a festa fosse a festa da preparação no final do

ano (Ex 34: 22). A regularidade de estar juntos indica que JÓ foi eficaz na formação de sua família.

Os dias da festa mostram que a festa incluiu vários dias. JÓ muitas vezes erroneamente foi retratado como sendo fora de si mesmo quando ele ofereceu sacrifício para sua família, a fim de cobrir qualquer potencialidade de seu pecado. JÓ enviou seus filhos. Eles receberam o convite e vieram até ele. A cena é primitiva em que o patriarca serviu como sacerdote para sua família.

Depois que JÓ os enviou, ele passou a santificá-los. Este foi um rito de purificação com lavagens e uma mudança de roupa (Gênesis 35: 2 ; Ex. 19:10 , 14 ; Núm. 8: 7) preparatório para o ato de sacrifício próprio (1 Sam. 16: 5). Como sacerdote, ele ofereceu o sacrifício. De acordo com o número de todos eles não especificam dez ou sete. Neste ponto, o LXX acrescenta: "e um bezerro para uma oferta pelo pecado para suas almas". Com a adição LXX, a idéia de minuciosidade é complementada em que as duas ofertas necessárias foram feitas.

JÓ explicou esta oferta: "Pode ser que meus filhos tenham pecado". Como JÓ não estava presente nas festas, ele não conhecia as atividades. Nas festas orientais, às vezes, havia excessos. JÓ não estava pensando em rebelião contra Deus ou perversidade. A palavra pecado significava perder a marca ou se afastar do caminho conhecido.

A sentença e maldito Deus em seus corações causou grandes dificuldades para os tradutores. Maldito é literalmente "abençoado" como em 1:10 , 21 . Foi interpretado como eufemismo (1:11 ; 2: 5 , 9 ; 1 Reis 21:10 , 13 ; Salmos 10: 3). Foi traduzido: blasfêmia comprometida, ofendida e abandonada. Tais traduções são necessárias aqui se a frase for parte da citação de JÓ. Deve-se notar que não existem aspas no texto hebraico e, portanto, o intérprete deve verificar a partir da sintaxe e do contexto a abertura e fechamento de qualquer cotação.

O uso sintático dos verbos faz com que a citação completa de JÓ seja "Pode ser que meus filhos tenham pecado." Os verbos amaldiçoados e se levantar cedo e oferecer são todos perfeitos com uma conjunção prefixada. Eles pertencem juntos. Uma tradução que contenha a sintaxe hebraica seria: "e então JÓ procedeu a enviar e a santificar; e ele se levantou de madrugada e ofereceu holocaustos de acordo com o número de todos eles para JÓ disse: "Talvez meus filhos tenham pecado", e nessa base eles (ou seja, os filhos) abençoaram a Deus em seus corações. "Com Esta tradução, o problema da palavra abençoar é removido.

O prólogo é tão escrito e colocado que os leitores terão uma base firme para entender a configuração. Ninguém pode questionar a prosperidade de JÓ: espiritual, familiar, econômico e patriarcal-sacerdotal.

2. Drama ao redor JÓ (1: 6-2: 10)

(1) Scene One: Setting in the Heavens (1: 6-12)

6 Ora, houve um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se diante do Senhor, e Satanás também veio entre eles. 7 O Senhor disse a Satanás: "De onde você veio?" Satanás respondeu ao Senhor: "De ir e virar na terra, e de subir e descer sobre ele." 8 E o Senhor disse a Satanás: "Você considerou meu servo JÓ que não há como ele na terra, um homem irrepreensível e reto, que teme a Deus e se afasta do mal? " 9 Então Satanás respondeu ao Senhor:" JÓ teme a Deus por nada? 10 Você não colocou uma cerca sobre ele e sua casa e tudo o que ele tem de todos os lados? Abençoaste o trabalho de suas mãos, e as suas posses aumentaram na terra. 11Mas coloque a mão agora, e toque tudo o que ele tem, e ele te amaldiçoará para o teu rosto. " 12 E o Senhor disse a Satanás:" Eis que tudo o que ele tem está ao teu poder; só sobre si mesmo não expande sua mão. "Então Satanás saiu da presença do Senhor.

Os filhos de Deus são membros do conselho celestial (cf. 15: 8) ou tribunal celestial dos anjos. O povo hebreu vivia ao lado de pessoas que acreditavam em muitos deuses. A idéia da existência ou pelo menos a terminologia de outros deuses não era estranha ao seu vocabulário. Por exemplo, "você não terá outros deuses antes de mim" (Ex. 20: 3 ; Deut. 5: 7).

Os filhos de Elohim vieram perante Javé. A tensão expandida entre o Adversário e Javé sobre JÓ é precedida por apresentar-se diante de Javé. Qual foi o objetivo desta apresentação? O Papa disse que estes eram cortesãos do rei que "se estacionaram" perante o rei para denunciar e receber ordens (Zc 6: 4-5). Outra visão é lê-lo literalmente, "se posicionar contra o Senhor". Os mesmos termos estão no Salmo 2: 2, "Os reis da terra se estabeleceram ... contra o Senhor e contra o seu ungido" (Num. 22:22). Havia alguma disputa pelos anjos ou subdeus contra o Senhor Deus verdadeiro. O Adversário não é contra JÓ, mas contra Yahweh.

Se este fosse um encontro regular quando todo o conselho se reunisse, por que uma menção especial foi feita, e Satanás também veio entre eles? Se apenas alguns dos filhos de Deus estivessem lá, seria necessário identificar a função desta. Satanás (iluminado, o Adversário) aqui não é um nome próprio (ver 1 Cron. 21: 1e o comentário na BBC, Vol. 8, p. 344). Este não é o caráter formal e bem estabelecido da crença judaica e cristã posterior. O demônio no Novo Testamento mostrou ter assumido essas funções e muito mais. Mas ele é o

"governante deste mundo", governante de seu próprio reino, e não está sujeito a Deus ou permitido em sua presença. A presença do artigo definido mostra "a função" - adversário. O Satanás aqui é um dos filhos de Deus e tem um lugar em seus conselhos. Seu JÓ deve ser o Adversário. Para isso, essa tradução será usada neste comentário. Este uso do adversário é anterior ao conceito do maligno como um anjo caído. Ele é um acusador especial sobre a terra e / ou procurador (ver Zacarias 3: 1).

Yahweh inicia a conversa com o Adversário perguntando-lhe: Por onde você veio? Sua resposta, de ir e virar, é uma peça de palavras com a palavra Satanás. É usado dos olhos de espionagem como os olhos e as orelhas do rei.

É Javé que se concentra em JÓ (lit., "você colocou seu coração sobre o meu servo JÓ"). Dando a JÓ o título de "meu servo" coloca-o em uma classe com Moisés, Calebe, Davi, Zorobabel e os profetas. Yahweh dá as credenciais de JÓ como (1) seu servo, (2) não há como ele, e (3) uma repetição dos quatro atributos de v. 1 .

O Adversário não questiona nenhuma das declarações de Yahweh sobre JÓ. Prefere a motivação de JÓ. Terrien chama a pergunta do Adversário: JÓ teme a Deus por nada? O nervo do drama e o verso básico de todo o livro. Qual é a base para adorar a Deus se não é um motivo de lucro? O sofrimento torna-se o teste de pedra para esta questão. Não é o tema principal, mas sim o principal instrumento do argumento.

Os lados do argumento são rapidamente desenhados. O Adversário insinua que JÓ não temeria a Deus se não fosse seu ganho pessoal. O versículo 10 coloca uma nota sarcástica sobre as ações de Deus em nome de JÓ. O Adversário enfatiza fortemente a proteção de JÓ de Yahweh quando ele coloca um estresse excepcional sobre você. Ele sugere que não há tal coisa que um homem sirva a Deus unicamente com base no amor e em uma aliança espiritual. Yahweh está disposto a aceitar o desafio. O Adversário sugere a probabilidade de que se a providência de Deus fosse removida, JÓ amaldiçoaria Deus em vez de abençoá-lo.

A primeira cena do drama nos céus fecha a nota de todas as posses ou sinais externos de bênçãos sendo colocados sob o capricho do Adversário. O pasto e a posteridade de JÓ estão no seu poder por enquanto.

(2) Cena Dois: Configuração na Casa de JÓ (1: 13-22)

13 Ora, havia um dia em que seus filhos e filhas estavam comendo e bebendo vinho na casa do irmão mais velho; 14 E veio um mensageiro para JÓ, e disse: "Os bois estavam arando e os jumentos alimentando ao lado deles; 15 E os sabeanos caíram sobre eles e os tomaram, e mataram os servos com a ponta

da espada; e eu só escapei para lhe dizer. "[16] Enquanto ele ainda falava, veio outro e disse:" O fogo de Deus caiu do céu e queimou as ovelhas e os servos, e os consumiu; e eu sozinho escapou para lhe contar ".[17]Enquanto ele ainda falava, veio outro e disse: "Os caldeus formaram três empresas, e fizeram uma incursão sobre os camelos e os tomaram, e mataram os servos com a ponta da espada; e eu sozinho fugi para te dizer. "Eu? Enquanto ele ainda falava, veio outro e disse: "Seus filhos e filhas estavam comendo e bebendo vinho na casa do seu irmão mais velho; [19] E eis que um grande vento atravessou o deserto, e atingiu os quatro cantos da casa, e caiu sobre os jovens, e eles estão mortos; e eu sozinho fugi para te contar ".

[20] Então JÓ levantou-se, e arrumou a sua túnica e raspou a cabeça, e caiu no chão e adorou. [21] E ele disse: "Nua, eu venho do ventre de minha mãe, e eu volto desnudo; O Senhor deu, e o Senhor retirou-se; abençoado seja o nome do Senhor ".

[22] Em tudo isso, JÓ não pecou nem acusou Deus de errado.

Nesta cena, "o hedge" é completamente removido. JÓ é atacado no nível de prosperidade. Quatro ações rápidas e decisivas removem todas as posses de JÓ, conforme enumerado em 1: 2-3 . O Adversário se vangloriou de que a remoção de tudo o que ele tem provoca a renúncia de Deus.

Este confronto com JÓ está marcado num dia em que os dez filhos estavam na casa do filho mais velho. Nenhum ato de impropriedade é insinuado em tal reunião. Na primeira parte do livro, esse encontro foi um elogio e uma benção para JÓ. O desastre caiu na primeira ocasião em que todas as crianças estavam reunidas em um só lugar.

A primeira catástrofe (vv 14-15). -Um mensageiro traz as primeiras más notícias. Ele chegou a JÓ, que aparentemente estava em sua casa. A progressão do ataque à prosperidade de JÓ foi de menos valor para aquilo que JÓ valorizou mais. Os bois e os jumentos eram os 500 jumentos de bois e as 500 galinhas (1: 3). Sabeans era uma tribo do deserto da Arábia. Eles foram rastreados no norte e no sul. Pensa-se que eram da vizinhança de Teman (ver 6:19).). Eles são geralmente retratados como comerciantes ricos. Esta passagem é a única conhecida que os trata como uma banda maraudante. Os Sabeans capturaram todo o estoque de trabalho da JÓ. O mensageiro anuncia que todos os animais foram perdidos e todos os criados morreram. O hebraico para e eu sozinho fugir para lhe dizer é muito incomum. A ênfase está no fato de que ele sozinho era uma testemunha. O pronome pessoal é usado três vezes (no verbo, o pronome do sujeito e o "eu sozinho"). A perda de 1.000 animais e muitos criados de um golpe foi um grande golpe econômico.

A segunda catástrofe (v. 16). Até que o primeiro mensageiro terminou sua mensagem, outro estava chegando. O fogo de Deus era algo como um relâmpago muito destrutivo (2 Reis 1:12). A relação com Deus enfatiza sua terrível intensidade e não sua fonte. O LXX chama apenas o fogo. As 7.000 ovelhas (1: 3) foram consumidas pelo mesmo incêndio que os servos. A frase excepcional que afirma que o mensageiro foi o único escape é duplicada (ver vv. 15 , 17 , 19).

A terceira catástrofe (v. 17). - Os caldeus eram tribos nômades instáveis que vagavam entre a Transjordânia e o rio Eufrates. Eles eram mocassins e provavelmente são do sul da Mesopotâmia. Os elementos arcaicos do registro colocariam esses caldeus antes dos que conquistaram partes da Babilônia no século VIII AC. Eles se aproximaram habilmente de três lados para capturar todos os 3.000 camelos valiosos. Todos os criados foram mortos e apenas este mensageiro escapou. A notícia de tais perdas em mensagens sucessivas aumentaria a intensidade e a angústia.

A quarta catástrofe { vv. 18-19). - O tempo desta ocorrência é reiterado (v. 13 , 18) no contexto da solidariedade da descendência de JÓ. Um grande vento não é meramente o célebre vento seering do leste com o calor insuportável e o pó sufocante como o sirocco. Este foi um vento súbito, violento e destrutivo como um ciclone, atingindo os quatro cantos da casa simultaneamente.

A benção mais valorizada que JÓ tinha era seus 10 filhos. Todos eles são de repente mortos quando os destroços da casa caíram sobre eles. Sem dúvida, havia muitos criados também, mas nenhuma menção é feita sobre eles. Que maior golpe catastrófico poderia aumentar a perda das posses de JÓ do que seus filhos? Agora eles se foram e foram com eles seria qualquer esperança de posteridade.

Resposta de JÓ ao infortúnio (v. 20-22). - O adversário afirmou enfaticamente (1:11 , sob a forma de um juramento) que JÓ amaldiçoaria Deus se tudo o que ele tivesse afetado. Depois de toda a calamidade, JÓ começou a expressar o seu louvor e a devoção submissa ao seu Deus.

Ele arrumou sua túnica e raspou a cabeça como atos simbólicos na expressão tradicional do luto. O rasgão da túnica era o rasgo da roupa exterior que era usada sobre uma túnica interior. Esse manto provavelmente era um que indicava um homem de alto escalão. Tendo perdido os tokens de classificação nas calamidades, JÓ decretou a realidade de Deus confessando que ele foi despojado de sua posição. A remoção da glória coroada do homem até o ponto da calvície foi um ritual de tristeza como um símbolo que suas maiores bênçãos foram removidas. Ele caiu na terra e prostruiu-se como atos simbólicos de homenagem e submissão ao Superior. O oposto de se elevar em

orgulho, JÓ caiu em direção à terra com humildade e se inclinou diante de Deus em adoração.

A bênção do v. 21 não é uma oração de ajuda ou alívio. É uma expressão de louvor a Javé na presença e em benefício dos mensageiros que lhe trouxeram notícias do mal. Suas palavras são uma liturgia rítmica. O dístico era provavelmente uma antiga benção litúrgica.

Despojado de pertences e filhos, ele se vê nu agora, mesmo de roupão e cabelo. Mas ele não se queixa. Nua, ele nasceu, mas ele não retornaria ao ventre de sua mãe. O estado antes do nascimento e que, após a morte, havia duas áreas desconhecidas para o homem do Oriente, e assim ele poderia paralelá-los em seu pensamento.

O nome Yahweh é usado neste versículo. Isso raramente é feito no livro (ver 12: 9 ; 28:28), mesmo que este nome seja usado habilmente no prólogo, as narrativas superscritas e o epílogo. O nome é exclusivamente israelita e presumivelmente teria sido desconhecido para o herói antigo. O verso é usado pelo escritor como parte do processo de apropriação da antiga narrativa para o uso de Israel. A crença era que por qualquer nome, Deus é o mesmo.

JÓ fala do fato de Yahweh ter tirado. A complicidade do Adversário nos movimentos contra JÓ é desconhecida para os participantes nesta cena, como também para os falantes durante todo o livro. Todos dão por certo que os eventos acontecem sob o controle sobrenatural, o que significa que Deus os fez ou permitiu que ele fosse feito.

Em tudo o que ele sofreu ou disse que JÓ não pecou. A ênfase está em tudo isso. Poderia ser traduzido "apesar de tudo isso". Carregar com errado é muito forte. A palavra significa "tratar como insípido, insípido ou desagradável". O Adversário prometeu que JÓ se movesse do pólo da bênção para o pólo oposto da maldição. JÓ nem questionou a ação de Deus em relação a ele como sendo impróprio. O verso 22 mostra que a carga do Adversário falhou completamente.

(3) Cena Três: Configuração nos céus novamente (2: 1-6)

[1] Novamente, houve um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se diante do Senhor, e Satanás também veio entre eles para se apresentar diante do Senhor. [2] E o Senhor disse a Satanás: "De onde você veio?" Satanás respondeu ao Senhor: "De ir e virar na terra, e de subir e descer sobre ele." [3] E o Senhor disse a Satanás: "Tenham Você considerou meu servo JÓ, que não há como ele na terra, um homem irrepreensível e reto, que teme a Deus e se afasta do mal? Ele ainda segura sua integridade, embora você me tenha

movido contra ele, para destruí-lo sem causa. " [4] Então Satanás respondeu ao Senhor:" Pele para a pele! Tudo o que um homem tem ele dará para a vida dele. [5]Coma agora a mão, e toque o seu osso e a sua carne, e ele te amaldiçoará até o seu rosto. " [6] E o Senhor disse a Satanás:" Eis que ele está ao **teu** poder; apenas poupe sua vida ".

Versos 1-3 repita a cena em 1: 6-8 . O propósito da presença dos filhos de Deus é dado em v. 1 - se lido literalmente - "colocar-se contra o Senhor". Nesta cena, Yahweh acrescenta uma qualificação adicional para as conquistas de JÓ. Ele ainda segura sua integridade. A palavra integridade é a mesma palavra que em 1: 8 e 2: 3 é traduzida como "irrepreensível". Essa integridade mostrou que todo o movimento contra JÓ era sem causa (a mesma raiz de "por nada" de 1: 9). A religião de JÓ permanece firme e inalterada, mesmo em face de todas as perdas. O resultado do tratamento de JÓ foi o estabelecimento do fato de que o Adversário havia instigado Yahweh a engolir JÓ com uma calamidade irresistível sem causa.

A comparação dessas duas cenas entre o Adversário e Yahweh mostra um padrão tão rígido que a forma literária estilizada se torna inconfundível. A primeira acusação, "JÓ temer a Deus por nada?" Não conseguiu provar nada, exceto que esse teste da carga foi sem causa.

A segunda carga é da mesma natureza básica, pele para pele! O Adversário se recusou a capitular. Ele ainda sustentou que JÓ tomou o curso de ação mais vantajoso. Este provérbio pode sugerir que JÓ estava disposto a desistir das peles de todos os animais e até mesmo de seus filhos, a fim de manter o seu próprio. O Adversário diz que qualquer homem desistiria de todas as posses para se manter na vida.

Ou o provérbio pode ser realmente "pele após a pele", e assim se referir ao corpo embaixo da pele. Ele abandonaria a camada externa para preservar o homem interior. A carga ainda é basicamente a mesma, ou seja, JÓ desistirá de tudo para manter seu "eu".

A primeira acusação perguntou que tudo o que JÓ tinha sido tocado. A segunda carga pede que seu osso e sua carne sejam feridos. Yahweh está tão confiante sobre JÓ que ele está disposto a permitir que ele vá para a tortura, a fim de provar a falácia da acusação. O Senhor exigiu apenas que a vida de JÓ fosse preservada.

(4) Cena Quatro: Configuração na Cidade natal de JÓ (2: 7-10)

[7] Então Satanás saiu da presença do Senhor e afligiu JÓ com feridas repugnantes desde a planta do pé até a coroa da cabeça. [8] E tomou um pote com o qual raspar-se, e sentou-se entre as cinzas.

[9] Então sua esposa lhe disse: "Você ainda segura sua integridade? Cursei Deus e morra. " [10] Mas ele disse a ela:" Você fala como uma das mulheres tolas falaria. Devemos receber o bem na mão de Deus e não receberemos o mal? "Em tudo isso JÓ não pecou com seus lábios.

A cena muda para JÓ. O adversário começou a atacar JÓ com feridas repugnantes. Os povos antigos não tinham conhecimento de diagnósticos médicos modernos. Estes termos para doenças eram gerais, que descrevem, em vez de diagnosticados. A palavra ferida significa ferver ou erupção. A palavra arabe paralela tem o significado de ser quente ou inflamada. É usado das fervas de Ezequias (2 Reis 20: 7 , Isaías 38:21), ou lepra (Levítico 13: 18-23), e das feras da praga egípcia (Êx 9: 9-11). Muitos pensaram esses sintomas com os outros observados no próprio livro (criação de vermes, 7: 5 , sonhos horríveis, 7:14 ; sensação de engasgamento, 7:15 ; respiração fétida, 19:17; corrosão dos ossos, 30:17 ; escurecimento e queda da pele, 30:30) indicam elefantiasis. A Hanseníase também era um termo tão geral que poderia abranger tal situação. A doença de JÓ agarrou de repente e completamente.

Como resultado das úlceras febril com as quais ele estava coberto, JÓ procurou aliviar o sofrimento intenso tomando um pote de gelo. O uso deste pedaço de um vaso de barro quebrado era ou para raspar-se como um contra-irritante para a queima ou para lacerar a pele como um ato simbólico de luto (Jeremias 16: 6 ; 48:37). A forma literária dos dois desafios do Adversário é idêntica. No primeiro desafio, depois da calamidade, JÓ se envolveu em atos simbólicos de tristeza (1:20). Nesse desafio, JÓ mostra seu sofrimento, lacerando a pele e sentando-se entre as cinzas. As cinzas são encontradas no contexto do luto (Ester 4: 1 , 3 , Isaías 61: 3 , Jeremias 6:26 ;Ezek. 27:30). JÓ sentou-se continuamente entre as cinzas de luto. O patriarca, já altamente respeitado, agora se senta na total perda de bens, em dor insidiosa e como marginalizado social.

A aparência da esposa de JÓ é repentina e surpreendente. Ela às vezes foi interpretada como um colega do Adversário. Os Targums chamam Dinah enquanto o "Testamento de JÓ" a chama de Sitis. Não há tradições históricas para qualquer um dos nomes. Não há informações suficientes sobre a esposa de JÓ e sua motivação para fazer um estudo de caso psicológico válido. Há tantas razões válidas para vê-la como apoiando a causa de JÓ como para interpretá-la como um instrumento do Adversário.

A esposa de JÓ fez uma pergunta que reflete a afirmação que Yahweh fez sobre

JÓ após o primeiro desafio (2: 3). A única diferença nestas duas afirmações é a série de pronomes pessoais. Ela ainda acreditava em sua integridade. Se fosse uma pergunta, era uma pergunta ociosa para JÓ ter mantido sua confiança total em Deus. O problema real em seu discurso é a tradução da maldição (lit., bless). Se ela usasse a palavra eufemíssima, ela estava dizendo, vá em frente e saia da vida tudo que puder. Vocês estão sofrendo tanto, amaldiçoam Deus e ele o matará; Isso é preferível a viver assim. Ela estava prescrevendo o uso de Deus para aliviar seu sofrimento. Terrien (pág. 921) diz que ela estava lhe dando uma maneira teológica de se suicidar.

Quando JÓ diz que ela fala como uma das mulheres tolas, ele indica que ela estava aconselhando-o a violar sua integridade. Dessa forma, a cobrança seria comprovada. Ela estava usando um idioma tolo e um tolo fora. Ter colocado a religião na base utilitária teria jogado nas mãos do Adversário. Mas JÓ dá a mesma resposta a essa acusação que deu ao primeiro (ver 1:21). Com confiança calma, ele pergunta: Não devemos receber o mal? Ele mostra que ele não usaria seu medo de Deus para sua própria vantagem egoísta. Isso retorna ao verso-chave: "JÓ teme a Deus por nada?" A conclusão de ambas as acusações é que, em tudo isso, JÓ não pecou.

O personagem de JÓ está agora completamente estabelecido. O motivo do lucro não é uma possibilidade para ele. Aqui está um homem que nunca usaria sua religião para ganhar prosperidade, facilidade ou posição. O Adversário foi completamente rejeitado. Ele não conseguiu obter sua resposta. O papel do Adversário realizou o propósito do autor. Depois que o sofrimento de feridas repugnantes é colocado em JÓ, o Adversário não aparece no livro novamente.

O problema do livro agora está em um exame da filosofia oriental do ângulo oposto. Isso prova que todo homem que prospera é religioso de acordo com a lei e que todo homem que sofre quebrou as leis religiosas de Deus?

3. Introduziram os amigos de JÓ (2: 11-13)

11 Agora, quando os três amigos de JÓ ouviram falar de todo esse mal que havia vindo sobre ele, eles vieram cada um de seu lugar, Eliphaz the Teman-ite, Bildad the Shuhite e Zophar, o Naa-mathite. Eles fizeram uma consulta para acompanhar com ele e confortá-lo. 12 E, quando o viram de longe, não o reconheceram; E levantaram a voz e choraram; e eles alugaram suas vestes e espalharam pó sobre suas cabeças para o céu. 13 E se sentaram com ele no chão sete dias e sete noites, e ninguém lhe falou ***uma*** *palavra, pois viram que o sofrimento dele era muito grande.*

JÓ suportou o sofrimento intenso durante um longo período de tempo. Tinha sido tão longo que a expectativa de que sua condição seria temporária se desvaneceu em um pressentimento de que esta era uma condição permanente. O tempo e a dor não haviam desgastado qualquer integridade da JÓ.

Demorou muito tempo para a notícia de todo esse mal a ser carregado de JÓ para as terras de cada um dos três amigos. Então a comunicação por messenger teve que ser carregada de um lado para o outro entre as casas distantes dos amigos. Os amigos fizeram uma consulta para se encontrar em seu caminho para consolar JÓ.

Nada é dado sobre os três amigos, exceto seus nomes e seus países. Eliphaz, cujo nome pode significar "Deus é ouro fino", é desconhecido fora deste livro. Havia um Eliphaz, um filho de Esaú (Gênesis 36: 4; 1 Crônicas 1: 35-36). Teman em Edom era famoso pela sabedoria (Jeremias 49: 7). Uma vez que este é um livro de sabedoria e Teman era tradicionalmente uma figura do melhor em sabedoria, pode ser que Eliphaz é uma voz representativa da sabedoria do sul (Teman significa sul). Como o primeiro orador dos três amigos, ele provavelmente era o mais velho e o mais proeminente. Seus discursos levaram grande peso e demonstraram uma originalidade sábia. Se, às vezes, eles pareciam frívolo acadêmico e típico dos sábios intelectuais e filosóficos, eles também estavam cheios de bons conselhos religiosos quando considerados de forma abstrata e não aplicados ao caso de JÓ. O tipo de sabedoria de Teman representou uma longa maturidade (5:27) e afirmou ser o resultado de eras de pensamento e experiência (15: 17-19).

Bildad pode significar "amado do Senhor" (baal), ou pode ser uma forma corrupta de "o Deus Hadad é Baal". Ele era de Shuah. Havia um Shuah, filho de Abraão e Keturah (Gênesis 25: 2 e 1 Crônicas 1:32), um irmão de Midiã. De acordo com o general 25: 6 , Shuah teria estado "para o leste do país do leste". As fontes cuneiformes localizam um Shuhi como terra aramea no Eufrates. A referência à deusa babilônica e a localização de Shuah pareceriam representar a sabedoria de Bildad como a do Oriente distante. Bildad era um erudito bem versado na tradição derivada da tradição. Seus discursos não são radicalmente diferentes dos de Eliphaz, mas são mais veementes.

Zophar também é desconhecido em outros lugares, embora o LXX tenha Zophar em Gênesis 36:11 e 1 Crônicas 1:36 . O significado do nome é incerto e, portanto, não dá nenhuma pista de identidade ou personagem. Naama é o nome de uma aldeia a oeste de Judá (Josué 15:41). Esta não é provavelmente a localização da casa de Zophar, uma vez que o local para todos os outros está fora da Palestina propriamente dito. Naamah é o nome de uma irmã de Tubal

Cain (Gen. 4:22), mas nenhuma conexão entre ela e essa localização é provável. Um site provável é Jebel-el-Na'ameh no noroeste da Arábia.

O LXX chama cada um dos três reis amigos ou governantes, o que seria compatível com o alto status de JÓ antes das catástrofes. O LXX chama Zophar "o rei dos mineiros". Eles eram um povo semítico do sul da Arábia.

Zophar foi o mais impetuoso dos três amigos. Em seu dogmatismo, ele foi muitas vezes picado para uma resposta apaixonada em uma chave de intensidade que faz fronteira com um exagero imprudente. Ele foi o primeiro a acusar JÓ de maldade pessoal. Ele repreende a presunção ímpia de JÓ ao tentar descobrir os segredos insondáveis de Deus (capítulo 11).

O propósito de sua chegada a JÓ era condole com ele e confortá-lo. Condole era o ato de mover a cabeça de um lado para o outro com dor ou simpatia. Um gesto muito comum no sofrimento era mover a cabeça de um lado para o outro enquanto expressava sons gemidos. O conforto é usado como paralelo. Estes dois termos podem ser um hendiadys para conforto em ações e em sons.

Eles não reconheceram que ele interpreta que JÓ foi desfigurado pelas feridas e doenças além do reconhecimento. Nenhuma explicação é dada sobre o método usado para identificá-lo. A palavra traduzida como "reconhecer" também pode ser traduzida "tratar como um estranho" (ver Gênesis 42: 7). O resto do v. 12 mostra que os amigos entraram no sofrimento de JÓ. Eles não o trataram como estrangeiros, mas eles se tornaram parte da tentativa de responder o problema. Não eram apenas conhecidos casuais. Eles eram amigos e participaram dele em todo o processo. Cada uma das expressões da última parte do versículo 12 é uma expressão de extrema tristeza e luto.

Eles pulverizaram poeira em suas cabeças para o céu (LXX omite "para o céu") é usado como sinônimo de rasgar as roupas (veja Josué 7: 6 ; 1 Sam. 4:12 ; Ez. 27: 30-31). A queda do pó do céu sobre eles significou que eles foram feitos sem valor como pó pela calamidade que caiu do céu. Eles se identificaram com JÓ como sendo trazidos para a baixa propriedade do pó da terra.

Sete dias e sete noites é a duração do luto pelos mortos (Gênesis 50:10 ; 1 Sam. 31:13). JÓ estava tão desvitalizado e enfraquecido que ele estava a apenas um passo da morte real. A linha divisória entre a vida ea morte não foi concebida como um ponto, mas sim o processo de enfraquecimento da força. Ele tinha sido mergulhado no maxilar da morte. Eles não falaram uma palavra. O silêncio foi um ato de luto por grande calamidade (Lam. 2: 10-11). Sua dor foi muito boa. Seu tormento físico, sua luta mental, seu colapso econômico e sua catástrofe familiar foram muito grandes.

A abertura do grande drama poético contém os elementos básicos que o leitor precisa abordar o problema na luz certa. Os quatro personagens principais são introduzidos. A constância básica de JÓ foi examinada e estabelecida graficamente. A nota final do prólogo é a dor extrema.

II. O Diálogo (3: 1-27: 23)

1. Lamentação de JÓ (3: 1-26)

Os versos de abertura (1-2) passam a mudança para a seção poética de JÓ. Este capítulo não é dirigido a ninguém em particular. Não faz parte do seguinte diálogo com os três amigos, mas simplesmente um lamento (cf. Int.), Que continua em vários discursos de JÓ, especialmente nos capítulos 27 e 29-31.

(1) A Curse (3: 1-10)

[1] Depois disso, JÓ abriu a boca e amaldiçoou o dia do nascimento. [2] E JÓ disse:

[3] "Que o dia perece em que nasci,

e a noite que disse,
"Um homem-filho é concebido".

[4] Que esse dia seja a escuridão!

Que Deus acima não o procure,
ou luz brilha sobre ele.

[5] Deixe a escuridão e a escuridão profunda reivindicá-lo.

Deixe as nuvens se concentrar nela;
Deixe a negrura do dia aterrorizá-la.

[6] Naquela noite, deixe a escuridão espessa se apoderar dela!

Não se aleite entre os dias do ano,
Não deixe entrar no número dos meses.

[7] Sim, que essa noite seja estéril;

Não se ouça nenhum grito de alegria nele.

[8] Que aqueles que amaldiçoem aquele que amaldiçoa o dia,

Quem é hábil para despertar o Leviatã.

9 Que as estrelas do seu alvorecer sejam escuras;

deixe-o esperar pela luz, mas não tenha nenhum
nem veja as pálpebras da manhã;

10 porque não fechou as portas do ventre da minha mãe,

nem esconder problemas dos meus olhos.

A queixa é entendida como seguindo os eventos descritos anteriormente. As partes essenciais da narrativa para este capítulo incluem 1: 1-5 e 13-22. O poema é desenvolvido da maneira simples que aparece frequentemente no Antigo Testamento. Uma pessoa que sofreu infortúnio, calamidade ou derrota chega ao santuário diante de Deus para contar sua história de aflição, lamentar seu estado desesperado e pedir ajuda a Deus, restauração, justiça contra opressores ou salvação de morte ameaçadora (ver 1 Reis 8: 31-32 ; Deut. 17: 8 ; 21: 1-8 ; Ex. 22: 6ss .; Num. 5:11 e s. E muitos salmos).

Essa pessoa deve enfrentar a possibilidade de que sua própria culpa seja responsável por seus problemas. Se ele reconhece sua culpa, ele confessa seu pecado e pede perdão como condição prévia para a restauração (cf. Salmos 6: 8 ; 51 ; 102 ; 130 ; 143). Mas ele pode ver nenhuma conexão e digite um apelo de inocência, culpando suas dificuldades sobre os inimigos sejam humanos ou não (cf. Salmo 109: 5; 59:. 4F ; 26: 1-6).

Um lamento que inclui um pedido de inocência contém inevitavelmente uma queixa implícita contra Deus, pois, de outra forma, o problema não poderia ter acontecido (ver as palavras de Marta a Jesus em João 11:32).

Neste lamento JÓ não amaldiçoa Deus como o Adversário previu e como a esposa aconselhou. A palavra amaldiçoada é diferente, que significa "fazer luz ou sem sentido". JÓ virou essa maldição sobre ele e o dia do nascimento. Jeremias também amaldiçoou o dia de seu nascimento (Jeremias 20: 14-18), mas ele quis dizer isso como uma arma ativa de destruição e usou uma palavra apropriada para isso. Quando ele percebeu a inutilidade de fazer isso em um dia passado, ele ativou o homem que anunciou seu nascimento (v. 15). As palavras de JÓ não carregam tal intenção. Eles são simplesmente uma expressão de seu próprio desespero.

A atitude de JÓ neste lamento mudou do de humilde aceitação (1: 20-21) e força fundamentada (2:10). Reflecte mais a cena vista pelos amigos (2: 12-13), em que o prolongado silêncio de tristeza durante dias ou mesmo meses (7: 3) deixou sua marca sombria em sua alma.

Disse (v. 2) é literalmente "respondido". O lamento é uma resposta aos eventos que aconteceram. O desespero de JÓ o leva a desejar desfazer a realidade de sua existência. Ele deseja que ele nunca nasceu e expressa esse desejo de auto-negação na poesia magistral que assume proporções cósmicas. Ele deseja eliminar o dia de seu nascimento de ter acontecido e acabar com a realidade que se tornou tão amarga para ele.

O verso 8 é um apelo à ajuda de especialistas em maldições pronuncias, como Balaam (ver Números 22-24). O dia (v. 8) provavelmente deve ser lido como a palavra hebraica muito semelhante para "mar". Leviatã é o nome de um grande dragão que, de acordo com a antiga mitologia semítica, teve que ser superado para que o mundo fosse criado. Ele é chamado de inimigo de Deus (Isaías 27: 1), mas também simplesmente o brinquedo de Deus (Salmo 104: 26). Ele é um símbolo do caos e da resistência cósmica a Deus e à ordem criativa. Se ele fosse despertado, o caos retornaria. JÓ deseja que o mundo tenha sido destruído antes de ser concebido.

(2) Uma pergunta (3: 11-19)

11 Por que eu não morri no nascimento,
Sair do ventre e expirar?

12 Por que os joelhos me receberam?

Ou por que os peitos, que eu deveria chupar?

13 Pois então eu deveria ter me deitado e ficar quieto;

Eu deveria ter dormido; então 1 deveria ter descansado,

14 com reis e conselheiros da terra

que reconstruíram ruínas para si,

15 ou com príncipes que tinham ouro,

que encheram suas casas de prata.

16 Ou por que não era um nascimento inesperado oculto,

como crianças que nunca vêem a luz?

17 Os ímpios deixam de incomodar,

e os cansados estão em repouso.

18 Os prisioneiros estão à vontade juntos;

Eles não ouvem a voz do responsável da tarefa.

19 Os pequenos e os grandes estão lá,

e o escravo é livre de seu mestre.

A veemência da primeira seção passa por uma série de perguntas retóricas desesperadoras sobre o motivo de JÓ ter sido autorizado a nascer vivo. As perguntas levam a um fascínio mórbido com a morte. A morte é geralmente vista como um inimigo no Antigo Testamento (cf. 1 Coríntios 15 , Rev. 6: 8). Mas há casos em que a morte é desejada. Elijah pediu permissão para morrer (1 Reis 19: 4). Jonah queria morrer em vez de ver Nínive perdoado (Jonas 4: 3). Mas a morte geralmente é resistida, especialmente nos salmos de lamentação como esse.

A visão da morte retratada aqui é mais parecida com a dos pessimistas babilônicos ou egípcios em termos de sono, descanso e silêncio. As distinções de classe serão eliminadas lá com o luxo da facilidade disponível para todos. Isso não é muito diferente da inexistência de um feto morto (v. 16). O pensamento volta para a igualdade desejada, facilidade e liberdade de morte, o grande nivelador e doador de descanso. As tentações do desejo da morte são ótimas para o miserável ferido.

(3) Um Outcry (3: 20-26)

20 "Por que a luz é dada a ele que está na miséria,

e vida ao amargo na alma,

21 que desejam a morte, mas não vem,

e cavar mais do que para tesouros escondidos;

22 que se regozijam demais,

e estão felizes, quando encontram o túmulo?

23 Por que a luz é dada a um homem cujo caminho está escondido,

a quem Deus cercou?

24 Pois meu suspiro vem como meu pão,

e meus gemidos são derramados como água.

[25] *Porque o que teme vem sobre mim,*

e o que me tem medo.

[26] *Eu não estou à vontade, nem estou quieto;*

Não tenho descanso; mas vem o problema ".

A vitalidade do homem extremamente experimentado é muito ótima para ser abandonada por esse negativismo. Ele invade o típico grito de queixa: por quê? Este não é um pedido de informação ou compreensão. É uma afirmação de sua miséria, sua amargura em alma. Uma declaração estridente de seu desejo de morte, ele documenta sua desesperança. Ele relata sua incapacidade de lidar com a vida (um homem cujo caminho está escondido) ao fato de que Deus o cercou.

As palavras de JÓ incluem uma acusação implícita. Mas ele não pressiona o ponto, nem pede ajuda. Ele presume que Deus deve conhecer seus problemas, pois é evidente que ele os ordenou. Um apelo a este ponto seria inútil. Se Deus fizesse alguma coisa sobre isso, ele não precisaria ser implorado. Neste ponto, a queixa de JÓ é diferente dos seus paralelos nos Salmos e mais próximas das declarações de luto encontradas na literatura narrativa anterior (ver Gênesis 25:22 ; 27:46).

As queixas chegam ao fim com uma lista de seus problemas em termos de reações subjetivas. A existência para ele não passa de gemeos e medos. Ele não sabe nada de facilidade, de silêncio ou de repouso. Seus medos geram sua própria realização (v. 25). JÓ vem temer seus próprios medos mais do que qualquer outra coisa.

2. O primeiro discurso de Eliphaz (4: 1-5: 27)

A vinda dos três amigos (2: 11-13) fornece o quadro para uma série de discursos discutindo a situação de JÓ e suas implicações. Esta seção apresenta JÓ e seus amigos em diferentes papéis do que se poderia esperar da narrativa.

Os amigos aparentemente vêm como edredons (2:11). Embora a primeira parte do discurso de Eliphaz possa ser devidamente designada como "conforto" (4: 1-11), ela rapidamente degenera em polêmica. JÓ logo se queixa de terem atormentado ele em vez de reconfortante (19: 1 ss.) E despreza seu "conforto" (26: 1 ss.). Se a sua função real é o conforto, eles falham miseravelmente. Eles enchem outro papel: o dos testadores ou acusadores. Nisto estão perto do lugar do Adversário nos primeiros capítulos.

JÓ também é diferente. O "paciente JÓ" da narrativa e o desesperado JÓ do lamento (cap. 3) tornam-se o impaciente e insistente JÓ antes de seus amigos. Todo o caráter dos poemas se move cada vez mais longe do de um lamento do requerente carente diante do altar ao de acusação e contra acusação do tribunal de justiça. Às vezes, é difícil dizer quem está em julgamento (JÓ, Deus ou os amigos) ou qual é o problema. No entanto, os discursos não se movem simplesmente ao longo da linha de argumento respondendo o último ponto feito pelo oponente. Eles giram em torno do caso em questão constantemente voltando para coisas relacionadas especificamente com JÓ e sua situação.

(1) Faith for Trouble (4: 1-6)

1 Então Eliphaz, o Temanite, respondeu:

2 "Se alguém aventurar uma palavra com você, você será ofendido?

No entanto, quem pode evitar falar?

3 Eis que você instruiu muitos,

e você fortaleceu as mãos fracas.

4 Suas palavras confirmaram quem estava tropeçando,

e você fez firme os joelhos fracos.

5 Mas agora veio a você, e você é impaciente;

Isso o toca, e você está consternado.

4 Não é seu medo de Deus sua confiança,

e a integridade de seus caminhos é a sua esperança?

Eliphaz começa sua contribuição com hesitação e com desconfiança. Ele não quer começar uma longa discussão. Respondido simplesmente significa responder. O que é dito pode ser em resposta ao duelo mudo de JÓ (2:13), pois nenhuma referência é feita para o lamento (capítulo 3). As primeiras palavras soam como aquelas que quebram o silêncio do sofrimento, mas reconhecem a delicadeza da situação.

Eles lembram que JÓ muitas vezes realizou essa tarefa de conforto. Ao fazê-lo, eles definem clara e precisamente o papel do edredador. Esse papel inclui instruções, fortalecimento e suporte.

Mas agora JÓ precisa de conforto (v. 5) refere-se ao infortúnio. O antigo edredador está tendo que aprender com a experiência da situação real dos angustiados. E ele não está indo bem. Ele é repreendido por impaciência e consternação. O JÓ que Eliphaz abordou não é, obviamente, aquele descrito em 1: 21-22 ou 2:10 . Ele é mais o JÓ do sofrimento silencioso (2:13) ou do lamento (cap. 3).

Eliphaz aponta JÓ para sua fé em Deus (v. 6) como motivo suficiente para a confiança e para a integridade de seus caminhos como base suficiente para a esperança. As palavras caem de seus lábios. São declarações de patente destinadas a ajudar. Na verdade, eles afirmam o coração do problema, como mostra o desenvolvimento do discurso.

(2) Justiça Divina (4: 7-11)

7 "Pense agora, quem foi inocente já pereceu?
Ou onde o corte vertical foi interrompido?

8 Como eu vi, aqueles que argam a iniqüidade

e semeie o problema colher o mesmo.

9 Pelo sopro de Deus, eles perecem,

e pela explosão de sua raiva são consumidos.

10 O rugido do leão, a voz do leão feroz,

os dentes dos jovens leões, estão quebrados.

11 O leão forte perece por falta de presas,

e os cachorros da leoa estão espalhados.

O discurso estabelece as implicações do primeiro parágrafo. Certamente JÓ aceita a doutrina da retribuição e pode se livrar dela. A esperança de JÓ, baseada na confiança na integridade de seu próprio modo de vida, será justificada pelo julgamento assegurado de Deus dos responsáveis por seus problemas e sua justificativa de JÓ.

Eliphaz começa bravamente com a suposição de que culpa e morte são companheiros inseparáveis. A inocência e a destruição são mutuamente exclusivas. Nessa suposição, a confiança de JÓ em sua integridade também deve ser uma garantia de prosperidade contínua. A crença na retribuição, na

intervenção direta de Deus para punir o culpado e reivindicar os justos, deve dar esperança a JÓ.

A palavra-chave nesta parte do discurso de Eliphaz perece. Significa, em essência, secar e desaparecer. No v. 7 é contrário à inocência. No v. 8 é identificado com aqueles que fazem iniqüidade, que semeiam problemas. No v. 11 está previsto, mesmo para os fortes e poderosos, assumindo que eles fizeram com que Deus fosse seu inimigo. Em 4:20 , é visto como um atributo da mortalidade.

A lógica que forma o discurso como um todo já completou o círculo da confiança na própria integridade e na certeza de que Deus o recompensará, à questão pessimista de saber se essa integridade existe (4:17); e, finalmente, ao reconhecimento de que a morte e a corrupção são aspectos da condição humana (4:20).

O testemunho que ostensivamente começou com o propósito de mudanças de conforto. Na verdade, não tem tato e um ataque vicioso na pior das hipóteses. As palavras que parecem de conforto realmente começam a morder e machucar. A lógica que pretende trazer a esperança leva um giro inverso para a condenação. Ao fazê-lo, Eliphaz abandona o papel de Consolador para prevenir o papel de adversário ou procurador. Esse papel torna-se contraponto ao que jogou o Adversário.

É difícil avaliar seus motivos ao fazer isso. Aparentemente, ele sente que o lamento de JÓ implicou uma acusação contra Deus. Assim, ele agora sente que ele deve atacar JÓ para defender Deus. Em qualquer caso, isso muda todo o caráter do poema. Um lamento com consoladores leais é uma coisa. Um debate que exige um julgamento sobre quem é certo e quem está errado é algo muito diferente. A configuração se move do envolvente sacral implícito de uma oração no santuário da presença de Deus para a linguagem jurídica e o tom da corte. O empurrão e contraposição de argumento ocorre antes do Juiz Todo-poderoso que é ele próprio em parte no julgamento e que até mesmo é chamado em um estágio tardio para comparecer como testemunha. Se às vezes é difícil dizer quem está em julgamento, é porque, em certo grau, todos os participantes, incluindo Deus, estão em julgamento.

Eliphaz atesta a proposição de que a inocência e o sofrimento são mutuamente exclusivos. No v. 8 ele diz que viu como os ímpios são destruídos pela ação direta de Deus. Ele observa convenientemente ou cegamente o caso do homem diante dele, cuja integridade ele aparentemente acabou de afirmar (as respostas de JÓ em 9: 22-24 e 21: 7-17). Ele também está limitado em experiência ou fechou os olhos aos fatos (ver Salmos 37:25).

O poeta usa todos os recursos da língua hebraica para encontrar palavras para o leão para declarar que os fortes, mas não pecaminosos, são superados apesar de sua força. A figura do leão rugindo pode ter sido evocada pela referência de JÓ a seus próprios rugidos em 3:24 *b*. No entanto, o leão também aparece como um símbolo do homem ruim em Salmos 17:12 e 34:10 .

(3) Intimações de Mortalidade (4: 12-21)

12 "Agora uma palavra me foi trazida furtivamente,
minha orelha recebeu o sussurro disso.

13 Entre os pensamentos das visões da noite,

Quando o sono profundo cai sobre os homens,

o medo veio sobre mim e tremendo,

que fez todos os meus ossos tremerem.

15 Um espírito passou pelo meu rosto;

o cabelo da minha carne se levantou.

16 Ficou quieto,

mas não consegui discernir sua aparência.
Uma forma estava diante dos meus olhos;
houve silêncio, então ouvi uma voz:

17 'O homem mortal pode ser justo diante de Deus?

Um homem pode ser puro diante de seu Criador?

18 Mesmo em seus servos, ele não confia,

e seus anjos ele cobra com erro;

19 Quanto mais aqueles que habitam em casas de barro,

cuja base está na poeira,
que são esmagados diante da mariposa.

20 Entre manhã e tarde são destruídos;

Eles perecem para sempre sem qualquer respeito.

[21] *Se o seu cordão de tenda é arrancado dentro deles,*

Eles não morrem, e isso sem sabedoria?

Em termos lindamente expressivos, Eliphaz apresenta um pensamento que está enraizado nas regiões escuras de seu subconsciente mais profundo. É revelado a ele em um sonho profundo com todos os signos pressentimentos de profunda ansiedade que tal traria. O sono profundo era particularmente um momento em que Deus podia falar. Às vezes, as pessoas dormiam no santuário perto do altar procurando uma revelação tão grande em um processo chamado "incubação".

O coração da questão está na v. 17 . A tradução da primeira pergunta tem intérpretes incomodados. A ênfase na mortalidade de um homem é clara, como é o verbo que simplesmente significa ser justo ou ser reconhecido como correto. O problema está na relação de Deus com isso.

O texto hebraico do v. 17 tem "de Deus". Essa construção pode ser entendida para estabelecer uma comparação que significa "mais do que Deus". Mas a preposição pode indicar a fonte a partir da qual a força do verbo é derivada. para ser traduzido: "Um mortal pode ser declarado (ou ser feito) de maneira justa por Deus?" ou "Um mortal pode ter um direito (que vem) de Deus?" O paralelo é a questão de saber se um candidato humano pode ter uma conta limpa de saúde de seu Criador.

Como os seguintes versículos (18-21) indicam, Eliphaz, obviamente, não pensa assim. Ele retrata Deus como um tirano inseguro que não confia nem nos seus servos mais próximos, seus mensageiros. Ele parece estar pensando nos mensageiros celestiais ou anjos. Se isso for verdade, é claro que o homem não tem chance. Sua imagem pessimista da mortalidade e da insignificância do homem tem paralelos em 15: 15-16 e 24: 4-6 . Ele argumenta que o homem é do pó, tanto perecível quanto temporário.

Eliphaz ouviu na lamentação de JÓ um desafio para Deus entrar em um terno com JÓ sobre quem é "certo", embora isso não fosse claramente a intenção de JÓ. Eliphaz observa corretamente que tal concurso legal exige uma confiança mútua de que a justiça será feita e prevalecerá. Exige a vontade dos concorrentes de admitir o direito do adversário, se isso for provado.

Ele então duvida que é possível que um mortal ganhe tal disputa com Deus. Deus não reconhece a "justiça" de tal caso, o que significa automaticamente que ele não está na direita. Ele nem confia tanto nos anjos e muito menos no homem.

Eliphaz está dentro dos seus pressupostos. Quando Deus e o homem se colocam como oponentes, o que ele diz é verdadeiro. Mas seus pressupostos estão errados. Deus não se opôs a JÓ. Muito pelo contrário: no prólogo ele se identificou com JÓ e reconheceu sua integridade. JÓ, até agora, não tentou "trazer Deus para o tribunal". Seu lamento levantou queixas tremendas, mas em nenhum sentido ele apelou para outro que não fosse Deus.

No entanto, nesta questão, Eliphaz afirma a questão que domina o livro: é possível que um homem seja reconhecido por Deus para ser "à direita", para ser justo? A história o declarou como um fato (1: 1). Deus falou sobre isso ao Adversário celestial (1: 8). Mas o Adversário duvidou disso. Eliphaz nega-o como os outros amigos.

A questão tem muitas facetas. Envolve a natureza da relação, seja ela de um suplicante de adoração ou de um processo legal; seja uma identificação no sofrimento ou uma polaridade. Ele reflete diferentes entendimentos de Deus, do homem e de sua reação uns aos outros. Ele reflete diferentes entendimentos de justiça e sua relação com a realidade.

(4) Nenhum apelo contra Deus (5: 1-7)

1 "Ligue agora; Há alguém que irá responder-lhe?
A qual dos santos você virará?

2 Com certeza a vexação mata o tolo,

e o ciúme mata o simples.

3 Vi o tolo enraizar-se,

mas de repente eu amaldiçoei sua morada.

4 Seus filhos estão longe da segurança,

eles são esmagados no portão,
e não há ninguém para entregá-los.

5 Sua colheita com a fome come,

e ele tira mesmo dos espinhos;
e a calcinha sedenta depois de sua riqueza.

6 Porque a aflição não vem do pó,

nem o problema brota do chão;

7, mas o homem nasceu para causar problemas

enquanto as faíscas voam para cima.

Tendo estabelecido que o homem não está em condições de contestar a justiça de Deus, Eliphaz mostra agora o que ele não deveria fazer. Ele nega as possibilidades de ter alguém, mesmo um dos santos (um anjo) intervir em nome do homem.

Ele exclui vexações e ciúmes. Essas paixões são exercidas pelos tolos porque não conseguem nada. Ele testifica ter visto os resultados de tal. *Eu* amaldiçoe apresenta um elemento que é estranho para a passagem. Eliphaz está contando o que aconteceu, e não o que ele causou. Os intérpretes do primeiro tradutor grego sugeriram pequenas mudanças no hebraico para dar um sentido passivo: "sua morada foi amaldiçoada" ou "foi esvaziada".

Longe de encontrar suas raízes suficientes, o tolo perde seus filhos, sua colheita e sua riqueza. Os problemas do homem não devem ser responsabilizados pelas circunstâncias, mas são uma parte da condição humana. A implicação é que eles devem ser reconhecidos como tal e simplesmente suportados sem queixa.

O versículo 7 estabelece a afinidade humana universal por problemas em termos inesqueciveis. Eliphaz implica que o caso de JÓ não é diferente do de outras pessoas. Ele deve estar preparado para aplicar um remédio padrão.

(5) Comece Sua Causa a Deus (5: 8-16)

8 "Quanto a mim, eu procuraria Deus,
e a Deus devo cometer minha causa;

9 que faz grandes coisas e insondável,

coisas maravilhosas sem número:

10 ele dá chuva sobre a terra

e envia águas nos campos;

11 ele coloca no alto aqueles que são humildes,

e aqueles que estão de luto são levados à segurança.

12 Ele frustra os dispositivos dos astutos,

para que suas mãos não consigam nenhum sucesso.

13 Ele toma o sábio em sua própria astúcia;

e os esquemas da astúcia são trazidos para um fim rápido.

14 Eles se encontram com a escuridão durante o dia,

e drope no meio-dia como na noite.

15 Mas ele salva os órfãos da boca deles,

o necessitado da mão dos poderosos.

16 Então os pobres têm esperança,

e a injustiça cai na boca.

Contra as admoestações negativas, Eliphaz defende um depósito silencioso do assunto para Deus. Seu conselho muito corretamente faz com que JÓ olhe diretamente para Deus e confirme sua palavra nesta direção direta em direção a Deus.

Claro, isso é o que JÓ fez e continua a fazer. Mas JÓ faz isso com uma franqueza e uma insistência que os amigos não podem tolerar. Na postura rastejante do verme que Eliphaz descreveu, ele sentiu que o apelo de JÓ estaria em ordem. Na lamentação e na pergunta de JÓ, é inapropriado.

Eliphaz então descreve a grandeza e o mistério de Deus que inspira confiança e confiança. Ele varia de seu trabalho na natureza ao seu apoio à justiça e ao sustento para os desamparados. Antes dessa maravilha, qualquer homem deveria estar encantado de capitular, deixando seus assuntos na mão de Deus sem dúvida.

(6) Feliz o homem a quem Deus representa (5: 17-27)

17 "Eis que feliz é o homem que Deus repreende;
portanto, não desprezem o castigo do Todo-Poderoso.

18 Pois ele feriu, mas ele se liga;

ele brilha, mas as mãos dele se curvam.

19 Ele o livrará de seis problemas;

em sete, nenhum mal te tocará.

20 Na fome, ele o redimirá da morte,

e em guerra pelo poder da espada.

21 Você deve se esconder do flagelo da língua,

e não temer a destruição quando chegar.

22 Na destruição e na fome, você deve rir,

e não temer os animais da terra.

23 Pois você se unirá às pedras do campo,

e os animais do campo estarão em paz com você.

24 Você saberá que sua tenda está segura,

e você deve inspecionar sua dobra e não perder nada.

25 Vocês saberão também que seus descendentes serão muitos,

e sua prole como a erva da terra.

26 Você deve chegar ao seu túmulo em velhice madura,

Como um choque de grão vem até a eira em sua estação.

27 Eis que fizemos uma pesquisa; é verdade.

Ouça e conheça o seu bem ".

O homem com quem Deus lida, mesmo em repreensão ou disciplina, deve ser feliz. Novamente Eliphaz fala uma verdade. O próprio significado da vida é uma troca com Deus. Este versículo sugere que o sofrimento pode ser uma forma de disciplina divina. Elihu enfatiza o mesmo ponto (ver 33:19, ff., Prov. 3: 11-12 e Hb. 12: 5 ss.).

A doutrina da disciplina divina explica a restauração de Deus, bem como seus golpes. Eliphaz então lança uma lista extensa de maneiras pelas quais Deus ajuda e salva. Ele protege de perigos comuns. O flagelo da língua é uma maldição. O próprio deus tem proteção contra esse poder maligno. Em liga com as pedras e esteja em paz com os animais prometem inversão de

maldições adamais (Gênesis 3:15 , 17, etc.). Deus concede uma progênie numerosa e uma velhice madura. Estes últimos são dois dos maiores valores conhecidos na vida hebraica. O discurso é fechado com o selo de Eliphaz sobre sua validade e a sugestão de que JÓ o experimente por si mesmo.

3. Primeira resposta de JÓ (6: 1-7: 21)

O discurso de Eliphaz deve ser respondido. A primeira parte da resposta (cap. 6) é dirigida aos amigos como um grupo. A segunda parte (capítulo 7) é dirigida a Deus voltando ao lamento do capítulo 3 , mas em uma nova forma.

Cada um desses capítulos é ainda dividido. Em cada um há um discurso geral antes de um endereço direto é feito. O primeiro solilóquio é dedicado ao peso do julgamento de JÓ (6: 1-7). O segundo trata da situação comum da humanidade que ele compartilha (7: 1-6).

JÓ não conhece diretamente os argumentos de Eliphaz. Ele reconhece que o que ele diz pode ser verdade. Mas ele se queixa de que os amigos não o levaram a ele ou a sua situação a sério. Eles não conseguiram cumprir o papel de amizade. Nenhuma palavra útil ou reconfortante foi falada. JÓ desafia toda a atitude de seus amigos e exige que eles reconheçam a base justa de sua queixa.

Então JÓ se volta para renovar e continuar sua queixa para Deus. Este tipo de endereço direto a Deus ocorre repetidamente (ver 9: 25-31 ; 10 ; 13: 20-28 ; 14). Uma distinção importante entre JÓ e seus amigos é que JÓ muitas vezes se volta para falar com Deus. Eles nunca fazem, nem mesmo em uma oração por JÓ.

(1) O Fardo de JÓ's Hurt (6: 1-13)

1 Então JÓ respondeu:

2 "Ó que minha vexação foi pesada,

e toda a minha calamidade no equilíbrio!

3 Pois então seria mais pesado que a areia do mar;

portanto, minhas palavras foram precipitadas.

4 Porque as flechas do Todo-Poderoso estão em mim;

meu espírito bebe seu veneno;
Os terrores de Deus estão armados contra mim.

[5] *O braço selvagem é bray quando ele tem grama,*

ou o boi baixo sobre sua forragem?

[6] *Pode o que é insípido ser comido com sal,*

ou há algum sabor no lodo do perseguidor?

[7] *O meu apetite se recusa a tocá-los;*

Eles são como alimentos que são repugnantes para mim.

A resposta de JÓ às objeções de Eliphaz começa com uma lembrança da gravidade de seu problema. Isso inclui as coisas que aconteceram com ele e a extrema angústia da mente e da alma que cresceram a partir deles. Estes certamente não foram aliviados pelos amigos. JÓ insiste que ele tenha um motivo para sua extrema atitude.

A imagem desse fardo é a areia do mar. A idéia de seus problemas em termos de um fardo é apropriada e compreensível. É usado em uma interpretação recente (ver fn. 8). A figura dos problemas como flechas enviadas de Deus tem paralelos (16:13 ; Deut. 32:23 ; Ezequiel 5:16 ; Lam. 3: 12-13 ; Salmos 7:13 ; 38: 2). Efésios 6:16 fala dos dardos ardentes de Satanás que podem ser colocados com o escudo da fé. Aparentemente, essas flechas são envenenadas, fazendo com que o resultado corresponda ao duplo efeito dos fardos acima. O veneno da dor torna-se terrores na alma.

JÓ insiste que os gritos dos animais têm causas diretas e implica que as causas de sua angústia merecem atenção. Isso é expresso em forma proverbial, que é transparente na v. 5 , mas o significado de vv. 6-7 não é tão claro. Considerando que a referência aos animais fala da falta de comida que causa um clamor, o próximo se refere a alimentos que preferem não comer.

O limo da perseguição torna um texto hebraico que não é claramente compreendido. Adivinha quanto ao seu significado variando de clara de ovo a uma lodo vegetal usado como medicamento. Seja como for, obviamente não é considerado delectable.

O versículo 7 desenha o fim do argumento. JÓ insiste que ele não pode suportar nem tocar o que está diante dele. Se isso se refere ao que Deus lhe fez, o que ele simplesmente não pode aceitar sem queixa ou protesto, ou se esta é uma referência direta aos argumentos de Eliphaz não está claro. Em ambos os casos, o versículo documenta a mutação do "paciente JÓ" na "JÓ" muito "impaciente".

8 "O que eu possa ter o meu pedido,

e que Deus concederia meu desejo;

9 que agradaria a Deus que me esmague,

que ele soltara a mão e me cortou!

10 Esta seria a minha consolação;

Eu mesmo exultaria de má vontade;
pois não neguei as palavras do Santo.

11 Qual é a minha força, que eu deveria esperar?

E qual é o meu fim, que eu deveria ser paciente?

12 A minha força é a força das pedras,

ou é meu bronze de carne?

13 Na verdade, não tenho ajuda em mim,

e qualquer recurso é conduzido de mim.

Então JÓ retorna ao tema de sua lamentação (capítulo 3). Onde o sofrimento e a doença são encontrados como um fardo inevitável e insuportável, a esperança e o desejo se voltam para a oração de que Deus o acabará deixando morrer. Nessa JÓ não é diferente de muitos outros sofredores.

O versículo 10 implica que a própria morte seria um consolo que JÓ ainda merece porque não negou as palavras do Santo. O poema usa uma matriz muito rica de sinônimos para Deus (por exemplo, o Todo-Poderoso, o Criador, etc.). Este é um dos favoritos de Isaiah.

Os versos de encerramento confessam que a força e os recursos de JÓ estão no fim. Seu único recurso é o "consolo" negativo que pode não durar muito mais.

(2) Reprodução dos amigos (6: 14-30)

14 "Aquele que retém a bondade de um amigo
abandona o medo do Todo-Poderoso.

15 Meus irmãos são traiçoeiros como um torrent-bed,

como as freshetas que passam,

16 que são escuros com gelo,

e onde a neve se esconde.

17 Em tempo de calor, eles desaparecem;

Quando está quente, eles desaparecem do seu lugar.

18 As caravanas se desviam do curso;

Eles subiram ao lixo e perecem.

19 As caravanas de Tema olham,

Os viajantes de Sheba esperam.

20 Eles ficaram desapontados por terem confiança;

Eles vieram para lá e estão confusos.

21 Assim você se tornou para mim;

Você vê minha calamidade e tem medo.

22 Já disse: "Faça-me um presente"?

Ou, 'Da sua riqueza oferecem um suborno para mim'?

23 Ou, "Entrega-me da mão do adversário"?

Ou, 'Ransom me da mão de opressores'?

A passagem agora se dirige para lidar diretamente com a atitude dos amigos. A primeira e decisiva afirmação é tão breve em hebraico que é ambíguo. Literalmente, pode ser traduzido:

"Para o desmaio - de sua amiga - lealdade
e o medo do Todo-Poderoso que ele abandona ".

A sensação da primeira linha implica claramente que a pessoa com problemas e desespero deve esperar que seus amigos permaneçam ao seu lado. A bondade traduz uma palavra que às vezes é traduzida com "amortização", mas

que agora foi claramente demonstrado que designa a atitude apropriada para uma pessoa dentro de um determinado relacionamento. Ela possui matices de lealdade e devoção nela. Certamente implica envolvimento mútuo . Dizem que uma pessoa deve poder esperar que seus amigos sintam um envolvimento em seus problemas.

O problema vem na conjunção "e" que começa a segunda linha. O hebraico geralmente coloca cláusulas com apenas essa conexão incolor, esperando que o leitor forneça a relação adequada dos dois. Pode ser entendido como "embora", indicando a condição extrema em que essa amizade ainda deveria se aplicar. Ou pode ser algo como "de outra forma" mostrando o resultado trágico se essa lealdade falhar. Ou poderia ser "mas". Neste caso, o sujeito do verbo seria o amigo com a implicação de que os amigos falharam nesse teste e, assim, demonstraram que abandonaram a fé. Qualquer um deles faria sentido, de modo que não há motivo para substituir os significados das primeiras versões, como o RSV fez.

JÓ então aborda os amigos com o termo mais forte irmãos e os acusa de ter traído ele. Eles falharam nele no ponto que ele mais precisava deles. Eles não funcionaram como um amigo deveria ser leais (v. 14) ou dar conforto e consolo (2:11).

Eles são comparados às correntes do tempo úmido que só contêm água logo após uma chuva. As mulheres da Palestina podem ter torrentes de água furiosos e perigosos na estação das chuvas, mas estarem completamente secas no verão. Parecem que deveriam ter água para que os viajantes se voltem para eles, apenas para se decepcionar. Se forem totalmente dependentes deles, eles vão perecer. Jeremias, uma vez, acusa o Senhor em termos semelhantes (Jeremias 15:18).

JÓ então relaciona a imagem diretamente com seus amigos. Eles falharam com ele e não resta mais nada além de morrer. A acusação continua a mostrar o pouco que ele queria deles (v. 21-23). Não são presentes, nem subornos, nem libertação, nem resgate pediu a eles. No entanto, na mais elementar expectativa de amizade, solidariedade em perigo, eles falharam com ele.

24 "Ensina-me e ficarei em silêncio;

me faça entender como eu errou.

25 Quão vigorosas são as palavras honestas!

Mas o que a repreensão de vocês repreende?

26 Você acha que pode reprovar palavras,

quando o discurso de um homem desesperado é vento?

27 Vocês mesmo lançaram lotes sobre o órfão,

e negocie seu amigo.

28 Mas agora, tenha prazer em me olhar;

pois não vou mentir para o seu rosto.

29 Vire, peço, não seja feito qualquer erro.

Vire agora, minha reivindicação está em jogo.

30 Há alguma coisa errada na minha língua?

O meu gosto não pode discernir a calamidade?

JÓ agora se volta para seus amigos para pedir ajuda. Não é a assistência externa que acabamos de mencionar, mas a instrução interior. Ele pede que eles lidem diretamente com os fatos antes deles, e não em generalidades que ele insiste que não se aplicam. Ele pede que mostrem seus erros. Em que ponto ele está errado? Ele levanta a possibilidade de que ele tenha feito alguma coisa, ou disse algo, sem querer e despreocupado.

Sua amargura sobre a apresentação do caso a este ponto está refletida na v. 27 . Eles se mostraram tão insensíveis que estarão preparados para apostar ou "fazer negócios" com pessoas atingidas por calamidades, mesmo que sejam amigas.

Parece quase que os amigos estão preparados para se afastar. Mas JÓ implora que permaneçam, para manter contato com ele (v. 29).

Ele pede que ele esteja falando a verdade e exortou-os a não fazerem um erro adicional simplesmente se afastando agora. JÓ não desistiu completamente de sua amizade. Ele pede uma participação genuína em sua situação e problema, não apenas uma discussão das questões envolvidas.

JÓ os exorta a ficar com a insistência de que o caso não esteja fechado. Seu direito ainda não foi determinado. Então ele fecha com a questão de um erro em seu discurso ou seu julgamento

(3) "Dias sem esperança" (7: 1-6)

[1] *"O homem não tem um serviço duro na Terra,*
e não são seus dias como os dias de um mercenário?

[2] *Como um escravo que anseia pela sombra,*

e como um mercenário que procura o seu salário,

[3] *então eu tenho meses de vazio,*

e as noites de miséria são feitas para mim.

[4] *Quando eu deitar, digo: "Quando eu me levantar?"*

Mas a noite é longa,
e estou cheio de jogar até o amanhecer.

[5] *Minha carne está vestida de vermes e sujeira;*

minha pele endurece, então explode novamente.

[6] *Meus dias são mais rápidos do que um ônibus de tecelão,*

e chegar ao fim sem esperança.

Serviço difícil refere-se ao serviço militar obrigatório, enquanto o mercenário é o de um mercenário para o mesmo serviço. Salomão construiu um exército de ambos os tipos de soldados (1 Reis 9:19 ff .; 10:26), assim como Uzias (2 Crônicas 26:11). A figura paralela é a do escravo. Salomão também instituiu grupos de trabalho forçado com a indenização permanente de certos elementos estrangeiros (1 Reis 9: 15-22).

JÓ identifica muito com aquela dessas pessoas infelizes. Como eles, o tempo não tem sentido e está vazio. Tal é a vida dele que o tempo parece se mover muito devagar, e ainda assim, muito rápido. O conteúdo dos dias é insuficiente para torná-los contados, mas sua miséria faz com que ele perceba que o fim da vida aproxima-se e não há esperança de melhoria (v. 6) antes da morte ou para uma vida melhor além da morte. JÓ refere-se a sua miserável saúde pessoal e à sua existência desconfortável. Não se faz referência à perda de filhos ou bens.

(4) Uma Oração (7: 7-21)

[7] *"Lembre-se de que minha vida é uma respiração;*
meu olho nunca mais verá o bem.

8 O olho daquele que me vê não me verá mais;

enquanto os teus olhos estiverem sobre mim, eu irei embora.

9 À medida que a nuvem desaparece e desaparece,

então ele que desce ao Sheol não aparece;

10 ele não retorna mais à sua casa,

nem o seu lugar o conhece mais.

A preocupação de JÓ com a grande quantidade de humanidade introduz uma aplicação à sua situação. Os últimos parágrafos são dirigidos a Deus, e este também pode ser.

Recorde é muitas vezes usado em um lamento para apelar à promessa de Deus (Ex 32:13 ; Deut. 9:27), à sua fidelidade (Salmo 25: 6), à crueldade dos inimigos (Salmos 74:18 , 22 ; 89 : 51), ou a própria boa conduta (Neh. 13:14 , 22 , 29 , 31). A menção de um tema na v. 6 (a qualidade transitória da vida), que se encaixa em um lamento, leva a lembrar a Deus da delicadeza e urgência da situação atual.

A vida é apenas uma respiração ou uma nuvem que pode desaparecer e desaparecer, diz JÓ. Toda a possibilidade para o bem está agora excluída. Portanto, a vida, em termos de ser visível e acessível, é limitada. E um dia não é mais visível ou acessível. A morte **(o** Seol é a terra dos mortos) é uma "rua unidirecional" (v. 9b). Aquele que viaja não retorna.

Embora JÓ deseje a morte, vale a pena notar que ele nunca pensa em suicídio. Apenas um caso de suicídio é registrado no Antigo Testamento (2 Sam. 17:23). Duas vezes os soldados morreram para escapar do desonra, o que é um pouco diferente (Judg. 9:54 ; 1 Sam. 31: 4). JÓ pensa em si mesmo na morte como sendo além da aproximação de Deus e dos homens. Em nenhum sentido, aqui, a morte é vista como "indo a Deus". Deus pertence ao mundo dos vivos.

11 "Portanto, não vou conter a boca;

Falarei na angústia do meu espírito;
Reclamarei com a amargura da minha alma.

12 Sou o mar, ou um monstro marinho,

que você me protege sobre mim?

[13] Quando digo: "A minha cama me consolará,

meu sofá aliviará minha queixa "

[14] então você me assusta com sonhos

e me aterroriza com visões,

[15] para que eu escolhesse estrangulamento

e a morte, em vez dos meus ossos.

[16] Eu deturo minha vida; Eu não viveria para sempre.

Deixe-me em paz, pois os dias de maio são uma respiração.

Só porque JÓ não tem promessa de amanhã, ele se sente obrigado a falar sua peça. Que isso ocorrerá na angústia do meu espírito e na amargura da minha alma que caracterizem seu estado não deve surpreender a Deus.

JÓ se tornou o inimigo de Deus na medida em que ele deve ser guardado como o vilão do arco dos grandes mitos da criação; O mar e o monstro do mar? Parte do dilema de JÓ é que ele não tem certeza de qual lado Deus está em pé. O lamento é uma oração que, apesar de seus protestos, presume que Deus é, finalmente, do lado do adorador de oração. Mas as ações do Adversário e as palavras dos amigos transformaram o todo em uma espécie de concurso legal em que não se pode ter certeza de quem é do lado desse lado. JÓ sente ainda que Deus está realmente do seu lado, mas às vezes ele acha que não parece assim.

Ele sente que Deus o pressionou sem interrupção. Mesmo o sono é preenchido com os sonhos terríveis que Deus envia. Isto é o que o empurrou até o ponto em que ele escolheria a morte durante a vida. Ele deixa claro que ele não é Prometeu buscando a vida eterna. Ele pede a Deus para deixá-lo em paz. Isso pode significar que Deus continuou lidando com ele sustenta o que a vida ele tem, então, deixado sozinho, ele poderia morrer. Ou, pode estar pedindo que ele seja permitido alívio das pressões de pragas de Deus para que ele possa ter uma medida de paz antes que ele morra. Ou, ambos podem estar implícitos. Deus é realmente um perturbador e um sustentador da vida.

[17] O que é o homem, que você faça muito dele,

e que você tenha posto sua mente sobre ele,

[18] visitá-lo todas as manhãs,

e testá-lo a cada momento?

19 Quanto tempo você não desviará o olhar de mim,

nem deixe-me sozinho até engolir minha saliva?

20 Se eu pecar, o que eu faço com você, observador de homens?

Por que me fez sua marca?
Por que me tornei um fardo para você?

21 Por que você não perdoa minha transgressão?

e tire minha inquieta?
Por agora eu vou deitar na terra;
Você me procurará, mas não serei ".

O pensamento da natureza da vida do vapor faz com que JÓ questione porque é que Deus toma tantos problemas com um mero homem mortal. A mesma combinação de idéias ocorre no Salmo 144: 3-4como um soldado reza para Deus. As palavras também são uma reminiscência do Salmo 8: 4 . Mas, enquanto ambos tomam uma mudança positiva na humilde admiração pelo fato, a pergunta de JÓ tem um toque negativo. JÓ acha que deve ter custado a Deus muito tempo e pensou em preparar todos esses problemas para ele, e ele não entende como ele poderia valer a pena para Deus.

Defina sua mente sobre ele são as palavras exatas da pergunta de Deus dirigida ao Adversário em 1: 8 e 2: 3 . Significa ocupar-se com alguém. Por que Deus deveria "ter tantos problemas" com um homem.

Esta atenção é mais definida como visitá-lo todas as manhãs (ver Isaías 33: 2 ; Salmos 73:14 ; 101: 8 , Lam. 3:23). Mas essa visita constante não é vista positivamente. JÓ não experimentou isso como preocupação, consolo e lealdade: pelo menos não recentemente. Em vez disso, é visto como uma prova que não lhe confere nenhum momento de descanso (ver Isaías 27: 3 , Ezequiel 26:16 ; 32:10).

O problema da presença constante de Deus é tratado em ambos os aspectos no Salmo 139 . Os terrores que invoca ali passam para uma aceitação positiva da intenção viva de Deus. O fato de que JÓ ainda se volta para Deus e exploda em recursos para ele entrar nas mesmas seções em que se queixa de uma vigilância muito próxima ilustra a ambivalência da situação onde o homem tem consciência de estar diretamente relacionado a Deus.

O verso 19 inverteu um tema familiar em lamentos. Considerando que normalmente um pedido para Deus "olha sua aflição" (Salmos 25:18 ; 59: 5 ; 119: 153 ; Isaías 63:15 ; Lam. 1: 9 , 11 , 20 ; 2:20 ; 5: 1), JÓ pergunta a Deus: "Quando você finalmente desviará o olhar?"

Existe um provérbio árabe: "Deixe-me engolir minha saliva ou saliva". Significa simplesmente: "Dê-me um momento". JÓ considera a morte muito perto. Ele repete seu pedido para deixar morrer sozinho.

Os versículos 20-21 levantam a questão do pecado na relação de Deus e do homem. JÓ não está mudando seu pedido anterior. Mas ele levanta a questão de como isso afeta Deus. De que forma a má conduta de um humano prejudica Deus?

Nesse sentido, JÓ chama a Deus de "observador de homem". A idéia de Deus vigiando Israel como pastor ou vigilante é familiar (Salmos 80: 3 ; 121: 4). Também é expandido em canções de lamentação e em canções de louvor para falar de sua vigilância sobre todos os homens. Geralmente é uma frase de confiança (Deuteronômio 32:10 ; Salmos 12: 7 ; 25:20 ; 40:13 ; 61: 7). A literatura de sabedoria acrescentou o acento no teste e na investigação (ver Prov. 24:12) no contexto da retribuição pelos pecados.

JÓ pergunta o que há sobre si mesmo que faz Deus tão interessado nele. A questão é uma pergunta de cada pessoa que quer estar sozinha na vida para viver seu próprio caminho. JÓ não é uma pessoa, mas a pressão de todos esses eventos leva-o a falar a questão.

Mas o problema não é apenas o de porque Deus observa a humanidade e sua conduta. JÓ pergunta por que Deus lhe prestou uma atenção específica e individual. Neste ponto, seria um alívio desaparecer no anonimato, para se tornar parte da multidão. Mas a característica que JÓ reconhece em Deus é a de seu interesse pessoal em um indivíduo.

Na terceira forma da pergunta JÓ pergunta por que ele se tornou um fardo para Deus. Na angústia de JÓ, ele afirma uma verdade que atravessa a Escritura. Por mais estranho que possa parecer, Deus permite que o homem e seus problemas sejam um fardo. Ele toma a dificuldade de lidar com o homem. JÓ deseja que Deus o deixa em paz, mas, no sentido real, ele quer exatamente o contrário. Ele fica maravilhado, mesmo em sua angústia e falha em entender, que Deus aceita o fardo.

JÓ sente que ele tem a inimizade de Deus. Se ele fez algo para merecer (embora ele não esteja consciente disso), por que esse problema para sua relação não pode ser resolvido da maneira usual? Ele conhece Deus como

alguém que forneceu maneiras de lidar com a culpa e que está pronto para perdoar as transgressões. O que deu errado agora?

Como o problema continua sem solução, a morte é inevitável. O tempo está se esgotando. Quando JÓ é enterrado, Deus pode procurá-lo, mas ele não estará mais disponível. O que quer que seja feito para JÓ em termos de compaixão ou vindicação, deve ser feito agora enquanto ele ainda está vivo.

4. Bildads First Speech (8: 1-22)

O segundo dos amigos agora fala. Ele não tem o toque de consolação, embora ele pareça querer encorajar JÓ mesmo quando ele o persegue por suas palavras e tom.

(1) Justiça de Deus (8: 1-7)

[1] Então Bildad, o Shuhite, respondeu:

[2] "Por quanto tempo você vai dizer essas coisas,

e as palavras da sua boca são um grande vento?

[3] Deus perverte a justiça?

Ou o Todo-Poderoso perverte o direito?

[4] Se seus filhos pecaram contra ele,

Ele os entregou no poder de sua transgressão.

[5] Se você vai procurar Deus

e faça súplica ao Todo-Poderoso,

[6] se você é puro e ereto,

certamente ele se despertará por você
e recompensá-lo com uma habitação legítima.
[7] E, embora seu começo fosse pequeno,
Seus últimos dias serão muito ótimos.

Há menos indignação do que simples intenção calmante nas palavras de Bildad. É como se ele diz: "Venha, venha, amigo velho, você não quer dizer isso!" Para ele, Deus e a justiça estão tão identificados que é impensável que alguém implique qualquer outra coisa. Ele sugere a JÓ que, mesmo para ele, essas questões devem ser respondidas: "Claro que não!"

Bildad presume que a tragédia dos filhos de JÓ provavelmente pode ser melhor explicada em termos de sua própria responsabilidade diante de Deus. Isso seria conforme com o sermão de Ezequiel que "a alma que peca morre" (Eze. 18: 4). Mas ignora a clara declaração do Decálogo (Ex. 20: 5) e os pressupostos básicos de uma interação muito mais complexa geralmente na teologia do Antigo Testamento. Claro, ao mesmo tempo, Bildad perde o ponto no caso de JÓ.

Ele presume que JÓ, se ele realmente tivesse sido culpado, teria morrido com seus filhos, para que ele pudesse cumprir as condições de pureza e retidão. Ele só precisa procurar Deus e orar ao Todo-Poderoso para ser respondido com sua recompensa justa. Então, a melhoria será tão grande que ele esquecerá o passado.

O início (v. 7) deve ser compreendido com o último. Eles simplesmente se referem ao "antes" e "depois" da restauração.

(2) Sabedoria antiga (8: 8-19)

8 "Para perguntar, peço-lhe, de tempos passados,
e considere o que os pais encontraram;

9 pois somos mais de ontem e não sabemos nada,

Nos nossos dias na Terra são uma sombra.

10 Eles não vão te ensinar e dizer-lhe,

e pronunciar palavras de seu entendimento?

11 "Pode o papiro crescer onde não há pântano?

Podem florescer juncos onde não há água?

12 Enquanto ainda em flor e não cortado,

eles murcham antes de qualquer outra planta.

13 Tais são os caminhos de todos que se esquecem de Deus;

A esperança do deus menos homem perecerá.

14 Sua confiança se rompe,

e sua confiança é uma web de aranha.

15 Ele se inclina contra sua casa, mas não fica parado;

Ele deteve, mas não aguenta.

16 Ele prospera diante do sol,

e seus brotos se espalharam por seu jardim.

17 Suas raízes se encolhem sobre o monte de pedra;

Ele vive entre as rochas.

18 Se ele for destruído do seu lugar,

então negará, dizendo: "Eu nunca vi você".

19 Eis que esta é a alegria do seu caminho;

e da terra outros nascerão.

O argumento é baseado na sabedoria tradicional. Não se pode confiar em seus próprios pensamentos, de modo que o caminho mais seguro é recuar sobre a experiência acumulada da raça.

A figura da planta que requer muita água para florescer e que, em qualquer circunstância, não dura imagens longas, o Deus menos homem. Aparentemente, isso é citado para apoiar o pedido de Bildad a JÓ para buscar Deus. Ele teme que JÓ desistirá de entrar em contato com Deus. Ele retrata o deus menos homem como um sem um significado duradouro, não importa o quanto ele pareça prosperar.

A imagem parece ter um fundo egípcio, pois o papiro está em casa lá. A postura básica da sabedoria que coloca o Deus menos e o tolo em contraste com aquele que teme a Deus também é evidente.

Joy (v. 19) é uma tradução literal, mas parece fora de lugar aqui. Outros intérpretes buscaram alternativas, mas sem um sucesso geralmente aceito. Algo como "Ele está apodrecendo pelo seu caminho" é uma renderização possível que certamente encaixaria melhor o contexto.

(3) Aceitação de Deus (8: 20-22)

20 "Eis que Deus não rejeitará um homem irrepreensível,
nem tomar a mão dos malfeitores.

21 Ele ainda vai preencher a boca com gargalhadas,

e seus lábios com gritos.

[22] *Os que te odeiam serão vestidos de vergonha,*

e a tenda dos ímpios não será mais.

Bildad retorna ao seu tema original. Ele aceita a inocência de JÓ. Ele acredita sem dúvida que Deus não condenará sem culpa. Portanto, ele sente que JÓ tem motivos suficientes para confiar que Deus mudará suas condições para felizes e agradáveis.

O verso 22 menciona os inimigos de JÓ pela primeira vez. O reconhecimento dos inimigos que são responsáveis pelas dificuldades do suplicante é um elemento em muitas das orações dos Salmos para a ajuda de Deus. Às vezes, estes são vistos como inimigos políticos ou militares. Mas muitas vezes eles são pessoais. Neste caso, eles até parecem ter usado violência física contra o pobre homem. Mas, em outros casos, suas armas são palavras: maldições que tiveram seu efeito prejudicial sobre a pessoa (Salmos 10: 7 ; 36: 3 ; 59:12). O salmista pede o poder divino para transformar essas maldições de volta em quem as falou pela primeira vez. A situação torna-se uma das competições de poderes sobrenaturais expressas nessas maldições.

Nem o poema nem a narrativa reconhecem inimigos tão reais que odeiam JÓ e que podem ser designados os perversos que causaram a queda do justo JÓ (em 30: 1-15 a referência é a pessoas que se aproveitam de sua fraqueza e desonra ao invés de quem os causou). No entanto, todo o movimento do livro é para uma compreensão da situação de JÓ em termos de uma disputa entre ele e outra pessoa. A questão realmente é se Deus deve ser visto como esse adversário.

Bildad presume a existência de adversários humanos que, por acusações ou por maldições, são responsáveis pela condição de JÓ, se ele é realmente inocente de culpa. Este é o padrão normal para os salmos de lamento que entram em um apelo de "não culpado".

A narrativa presumiu uma adversidade sobrenatural, mas teve o cuidado de defini-la como proveniente do Adversário. JÓ e Deus estão do mesmo lado. O Adversário está atacando a palavra e a integridade de Deus quando ele ataca JÓ. JÓ está de pé na provação justifica tanto a Deus quanto a si mesmo. Assim JÓ e Deus estão unidos em uma causa comum contra o Adversário (e talvez contra os outros filhos de Deus).

Claro que JÓ não sabe disso. Sua fé é que todo poder sobrenatural reside em Deus. Assim, o teste sobrenatural é, por definição, de Deus. Ele sabe que as regras básicas que governam o modo como Deus prova um homem não são

definidas, exceto nos casos em que o pecado ea culpa são evidentes. JÓ quer reconhecer Deus como sendo do seu lado no concurso. Mas ele também sabe que Deus deve finalmente ser o juiz dele, e às vezes ele está convencido de que Deus é parte da oposição, que ele está contra JÓ.

A posição dos amigos na visão de JÓ também é ambígua. Eles deveriam consolar e confortá-lo, estar do lado dele. No entanto, a maneira como eles falam com ele o faz pensar que eles estão mais preocupados em julgá-lo, estar do lado da oposição. Muitas vezes eles parecem ver isso como uma disputa entre JÓ e Deus. Eles sentem que JÓ se colocou em oposição a Deus, possivelmente por segredo errado, mas certamente por suas palavras e atitudes. Eles não sentem que podem apoiar JÓ contra Deus.

Esta multiplicidade de pontos de vista sobre o que a luta é sobre e sobre quem é de qual lado é uma parte básica do significado do livro. Ele afirma os problemas fundamentais da vida. Ele também prepara o palco para esclarecer as boas novas do evangelho.

Enquanto isso, os amigos não estão em posição de comunicar isso ao JÓ. E JÓ, que começou a simplesmente derramar seu sofrimento e desesperar com Deus, sente-se empurrado para provar seu caso para Deus ou, às vezes, parece, mesmo contra Deus.

5. Segunda Resposta de JÓ (9: 1-10: 22)

A resposta desta seção volta às questões levantadas pelo discurso de Eliphaz. JÓ teve tempo de refletir sobre seus argumentos e levá-los novamente antes de mais uma vez se voltar para Deus.

(1) Ele pode ganhar um caso contra Deus? (9: 1-35)

1 Então JÓ respondeu:

2 "Verdadeiramente eu sei que é assim:

Mas como um homem pode ser justo antes de Deus?

3 Se alguém quisesse lutar com ele,

não se podia responder uma vez por mil vezes.

4 Ele é sábio de coração e poderoso em força

- quem se endureceu contra ele e conseguiu?

5 ele que remove montanhas, e não sabem disso,

quando os derruba em sua ira;

6 que sacode a terra do seu lugar,

e seus pilares tremem;

7 que ordena o sol, e não se eleva;

que selar as estrelas;

8 quem sozinho esticou os céus,

e pisoteou as ondas do mar;
9 que fez o Urso e Orion,
as pleíadas e as câmaras do sul;

10 que faz grandes coisas além da compreensão,

e coisas maravilhosas sem número.

11 E , ele passa por mim, e não o vejo;

ele continua, mas eu não o percebo.

12 Eis que ele arrebata; quem pode prejudicá-lo?

Quem lhe dirá: 'O que você faz?'

O capítulo começa pela aceitação de JÓ da premissa que Eliphaz recebeu em seu sonho perturbado (4:17). A redação é alterada apenas na forma (Heb.) Da palavra para "Deus" e na preposição.

A força da pergunta e fala de JÓ reside na tremenda diferença entre a humanidade fraca e falível e a onipotência e a onisciência de Deus. Seja apenas o significado de "ser vindicado" como quando o tribunal decide em favor. A configuração ainda é aquela em que um concurso deve ser decidido em favor de alguém. Antes deixa uma impressão falsa. Parece implicar que Deus está sentado como juiz com JÓ apresentando seu caso perante ele. A palavra hebraica significa "com" e indica o adversário em significados como "lutar com", "lutar com".

A questão é basicamente: como um homem pode vencer em uma disputa com Deus? JÓ não está necessariamente concordando com a afirmação de Eliphaz de que o homem é basicamente malvado. Em vez disso, ele reconhece que qualquer luta com Deus é um concurso desigual no qual o homem não pode

vencer. Se alguém quiser debater os problemas com Deus, nenhum mero humano poderia manter seu lado do argumento. O incomparável conhecimento e força de Deus são tais que ninguém poderia esperar, mesmo com determinação, em resistir a ele.

Os versículos 5-10 inserem um hino no argumento. Caracteriza Deus como o criador e o senhor sobre toda a criação de uma maneira comum nos Salmos e outros livros. O poder de Deus é tal que os terremotos são sinais de sua grandeza.

Deus é muitas vezes representado como aquele que dirige e causa a ordem normal da natureza. A implicação disso seria que ele poderia parar essa ordem se quisesse. JÓ declara seu poder desse jeito negativo: Deus é capaz de impedir que o sol se levante, calar as estrelas. Ele sozinho é responsável pela criação dos céus infinitos, para a subjugação das forças do caos simbolizadas no mar.

As grandes constelações dos céus noturnos impressionaram todos os antigos. Eles se tornaram meios para louvar a grandeza da obra de Deus e autoridade para os hebreus. Deus é reconhecido como fazendo muitas coisas além da nossa capacidade de entender e miríades de coisas para se maravilhar.

Então (v. 10) JÓ aplica o reconhecimento do hino. Deus faz muitas coisas das quais JÓ nem sequer está ciente. Ele não é visto. Ele não pode ser observado durante o trabalho. O poder de Deus é tal que ele pode agir arbitrariamente. Ele remove pessoas ou coisas sem pedir permissão e sem aviso prévio.

À luz de tudo isso, como alguém pode questionar seus atos? Quem pode chamá-lo para conta? É significativo que o hino elogie o poder de Deus, mas seja silencioso em relação à salvação ou à justiça.

13 "Deus não voltará sua raiva;

abaixo dele curvou os ajudantes de Rahab.

14 Como então eu posso responder a ele,

escolhendo minhas palavras com ele?

15 Embora eu seja inocente, não posso responder a ele;

Devo apelar pela misericórdia para o meu acusador.

16 Se eu o convocei e ele me respondeu,

Eu não acreditaria que ele estivesse ouvindo minha voz.

17 Pois ele me esmaga com uma tempestade,

e multiplica minhas feridas sem causa;

18 ele não vai me deixar respirar,

mas me enche de amargura.

19 Se é uma disputa de força, veja-o!

Se é uma questão de justiça, quem pode convocá-lo?

20 Embora eu seja inocente, minha própria boca me condenaria;

Embora eu seja irrepreensível, ele me provaria perverso.

21 Eu sou irrepreensível; Não considero eu mesmo;

Eu detesto minha vida.

22 É tudo um; então eu digo,

Ele destrói os irrepreensíveis e os perversos.

23 Quando o desastre traz morte súbita,

ele zomba da calamidade do inocente.

24 A terra é entregue à mão dos ímpios;

ele cobre os rostos de seus juízes -
se não é ele, quem é então?

Tendo demonstrado que não é possível para um homem desafiar Deus, JÓ agora mostra que o comportamento agressivo de Deus nunca deixa de lado. Rahab é o nome do grande dragão do caos (cf. 26:12 ; Salmo 89:10 ; Isaías 51: 9). A mitologia antiga retratou sua conquista como um prelúdio necessário para a criação do cosmos e da ordem. O discurso de JÓ é um lembrete de que a raiva de Deus era tão persistente que até todos os ajudantes de Rahab tiveram que ceder em última instância. Ele teve seu caminho na criação do mundo. Essa pressão persistente é típica dele.

Então, como JÓ poderia esperar discutir com ele? Que palavras poderiam ser encontradas que seria convincente contra ele? Não importava quão certo o caso de JÓ fosse em si mesmo, ele não poderia responder adequadamente à pressão de Deus sobre seu caso. Literalmente, v. 15 *a* lê: "Mesmo que eu esteja corretamente certo, não seria capaz de fazer isso".

A segunda metade do verso traz uma conclusão irônica: "Para minha justiça, eu teria que implorar misericórdia". JÓ ainda presume aqui que certo e justiça estão do seu lado. Se ele pudesse encontrar um tribunal imparcial, teria que encontrá-lo certo. Mas, sem um tal tribunal, e deixado à necessidade de simplesmente desafiar Deus em uma situação em que Deus é juiz, jurado e réu, JÓ está na posição irônica de ser aquele com justiça e direito do seu lado que é forçado para pedir misericórdia de seu oponente.

A própria idéia de tentar encontrar Deus em tribunal é tão impossível, que se JÓ emitiu uma convocação que conseguiu ter Deus para encontrá-lo lá, ele não poderia acreditar que Deus estava realmente ouvindo sua voz.

Para JÓ continua a sentir a pressão de Deus contra ele como uma tempestade, na virulência desenfreada da doença. Sem descanso, a pressão se monta, transportando para o espírito do homem que foi louvado no início como extremamente paciente. A amargura se monta dentro dele.

Ainda com a ideia de que esta é uma terra de competição, ele chama isso de ridículo. Para ser uma disputa de força, JÓ simplesmente desiste e reconhece que Deus é o vencedor antes de começar. Se é um concurso legal, não há ninguém vivo que possa invocar a superioridade esmagadora de Deus em sabedoria e autoridade. Em uma disputa legal, o próprio testemunho de JÓ nunca seria suficientemente forte para ser convincente.

JÓ então (v. 21) insere sua petição diretamente em três declarações curtas. Blameless é a mesma palavra usada em 1: 1 , 8 para descrevê-lo. Ele insiste que isso ainda se aplica. Ele não sabe nada de sua própria pessoa e não se preocupa mais com isso. Ele realmente rejeita sua própria vida. Este é o tipo de acumulação de uma declaração particularmente forte contra Deus (ver 7:11 ff., 13:13 e seguintes).

O desespero total da justiça de JÓ em uma disputa com Deus o leva a uma explosão de paixão: não faz diferença em relação à inocência ou culpa, nem a justiça ou justiça. A doutrina de Eliphaz (4: 7) e Bildad (8:20) que Deus castiga os ímpios e recompensa os justos é refutada. Deus é um destruidor sem distinguir suas vítimas. Ele não tem senso de justiça, nem tem a decência comum de ter pena de morrer (v. 23). Ele é a fonte da opressão social e da injustiça.

JÓ conclui sua explosão: quem mais poderia ser responsável ?, como se estivesse antecipando um protesto contra colocar tudo na conta de Deus. Se todo o poder, o conhecimento e a sabedoria em Deus conduzem a essa conclusão lógica e experiencial, que alternativa existe? Os amigos mantêm tão firmemente a fé monoteísta. Mas seus puros dogmas não se aproximaram de fatos da experiência de JÓ.

A narrativa começou a afrouxar o nó ao introduzir o Adversário como o instrumento real dos testes da JÓ. Isso implica outras questões que determinam a experiência humana do que simplesmente aquelas que JÓ e seus amigos discutem. Além disso, o fato de que JÓ é visto como uma exceção, em vez da média entre os homens, torna seu caso menor que o adequado para responder a todas essas questões (v. 12 e 24). No entanto, isso pode ser, são perguntas válidas.

25 "Meus dias são mais rápidos do que um corredor;

Eles fogem, eles não vêem nada de bom.

26 Eles passam como skiffs de cana,

como uma águia swooping sobre a presa.

27 Se eu disser: "Vou esquecer minha queixa,

Afugarei o meu semblante triste e farei um bom ânimo.

28 Tenho medo de todo o meu sofrimento.

pois eu sei que não me manterá inocente.

29 Eu devo ser condenado;

Por que então trabalho em vão?

30 Se eu me lavar com neve,

e limpe minhas mãos com dente,

31 ainda me abaixe no poço,

e minhas próprias roupas vão me abominar.

32 Porque ele não é homem, como sou, para que eu possa responder a ele,

que devemos julgar juntos.

33 Não há um árbitro entre nós,

quem poderia colocar a mão sobre nós dois.

34 Deixe ele tirar sua vara de mim,

e não pavor de ele me assustar.

35 Então eu falaria sem medo dele,

pois não estou tão em mim mesmo.

A fragilidade humana típica de JÓ é revelada artisticamente pela mudança repentina de humor. Sua veemente renúncia a toda preocupação com a morte é seguida por um humor mais resignado. Ele lamenta a rápida passagem do tempo em que a morte se aproxima. Isto é mostrado nas figuras triplas de um corredor, botes , e uma águia. Cada foto mostra a passagem do tempo que não registra qualquer melhoramento em sua posição.

JÓ então contempla duas atitudes possíveis em relação ao seu problema. O primeiro é que ele esquece o problema e anima-se (v. 27). Mas isso não pode banir seu medo. Seus sofrimentos convenceram JÓ de que Deus não o considera mais inocente. Ele sente que ele será considerado culpado em qualquer caso e se perguntará por que ele desperdiça todo esse esforço em uma causa impossível.

A segunda possibilidade seria um esforço decidido para se purificar de qualquer possível culpa. Mas isso também não afetaria a repressão inevitável. Pois Deus não pode simplesmente ser considerado como um homem para ser convocado para julgamento, para ser processado para ganhar o direito. JÓ parece aqui abandonar o pensamento de sua interação com Deus em termos de julgamento. Isso exigiria uma autoridade superior, um árbitro, diante de quem eles poderiam aparecer e cuja autoridade estenderia sobre eles. Mas não há ninguém para atrair acima Deus.

Esta parte conclui com um pedido de descanso, uma espécie de "cessar-fogo", o que tornaria possíveis as negociações. Se a pressão estivesse fora, JÓ gostaria de falar sem medo. Ele sente que suas reações emocionais não são realmente o que ele é ou gostaria de estar enfrentando Deus. As palavras são quase como uma desculpa após a explosão no início do capítulo.

(2) The Lament of a Worshipper (10: 1-22)

1 "Eu detono minha vida;
Vou denunciar gratuitamente minha queixa;
Vou falar na amargura da minha alma.

2 Eu direi a Deus: não me condene;

deixe-me saber por que você luta contra mim.

3 Parece-lhe bom oprimir,

desprezar o trabalho de suas mãos
e favorecer os projetos dos ímpios?

4 Tem olhos de carne?

Você vê como o homem vê?

5 Os teus dias são os dias do homem,

ou seus anos como anos de homem,

6 para que busque a minha iniqüidade

e procure meu pecado,

7 embora você saiba que eu não sou culpado,

e não há nenhum para livrar da sua mão?

Depois de ter pedido a Deus para remover as pressões para que ele pudesse falar, JÓ agora decide que ele não se importa com sua própria pessoa. Ele também pode se expressar, mesmo que sua própria angústia de alma possa fazê-lo dizer algo que arrisque sua vida. O desespero de JÓ é evidente. Ele está retornando à forma do lamento neste capítulo.

Isto é evidente na v. 2 . Condenar é a palavra usada por um litigante para caracterizar o argumento de seu oponente que ele acredita que não é válido e que o tribunal é convidado a condenar. JÓ pede a Deus para explicar por que esse todo se tornou uma terra de competição em tribunal com argumentos e contra-argumentos. Isso significa o que significa. Ele considera inapropriado para Deus lidar com o homem dessa maneira, como ele já argumentou com Bildad em 9: 32-33 .

Então JÓ adivinha os possíveis motivos para que Deus se transforme nessa maneira de se relacionar com o homem, rejeitando implicitamente cada um como ridículo. Primeiro, no v. 3 ele pergunta se Deus, às vezes, decide arbitrariamente mudar de lado: parar de apoiar o trabalho de suas mãos para estar do lado da oposição. Isso implicaria uma falta de propósito moral e consistência em Deus.

Então JÓ especula sobre se Deus vê e reage como um homem (v. 4) que poderia acusar outro por motivos injustos. Ou, Deus é tão inseguro em um período de tempo limitado que ele poderia processar sádicamente um homem que ele conhece é inocente porque esse homem está absolutamente em seu poder? Deus simplesmente analisa o possível crack na armadura de "direito" de JÓ como meio de provar a si mesmo (vv. 5-7)?

Essas perguntas são colocadas em um formulário que rejeita implicitamente cada um como é solicitado. No entanto, a última possibilidade vem desconfortavelmente próxima da situação nas cenas Adversas do prólogo, da qual JÓ, é claro, não tem conhecimento.

8 Minhas mãos formaram-me e me fizeram;

e agora você se virar e me destruir.

9 Lembre-se de que me fez argila;

e você me transformará em pó de novo?

10 Não me derramou como leite

e me cortar como queijo?

11 Você me vestiu de pele e carne,

e me entrelaça com ossos e os nervos.

12 Me concedeu vida e amor firme;

e o teu cuidado preservou meu espírito.

A menção de sua mão na v. 7 é o link de conexão para esta descrição do trabalho de Deus ao formar e moldar JÓ ao longo de sua existência. Salmo 139: 13-15 esboça uma imagem semelhante de embriologia.

O texto hebraico do vv. 8-9 é difícil. A tradução de RSV torna as duas partes de cada verso antitéticas entre si. Isso não é claro no texto hebraico. Na v. 8, a

melhor sugestão para o texto que segue a versão inicial lê: "Suas mãos me formaram e então você passou a me fazer; Depois disso você mudou e então você procedeu a engolir-me ".

Engolir ou destruir é o termo usado em 2: 3 para descrever o que o Adversário tinha feito para JÓ em seus primeiros testes. Essas mãos que têm pleno poder sobre JÓ são as mesmas que o abençoaram e o alimentaram em toda a sua vida de Deus, mas que agora parecem destruí-lo. O versículo afirma sucintamente o dilema de todo o livro.

Remember lembra Deus para a sua antiga atitude e trabalho. Não há nenhuma dica aqui de antítese entre as duas partes do verso. A questão do RSV é injustificada. Deve ler: "Você me fez como argila; e para o pó, você me faz voltar. "É um lembrete de que Deus não era apenas responsável pela existência de JÓ, mas também pelo fim de sua curta vida.

O versículo 12 é uma confissão de que JÓ deve toda bondade em sua vida a Deus. Ele lhe dava vida, a coisa mais preciosa e essencial. O amor firme significa a qualidade de devoção, lealdade e solidariedade que caracteriza o relacionamento ordenado com Deus ou com outras pessoas dentro das unidades sociais. Tudo isso tornou possível a vida ou vale a pena JÓ devido a Deus.

Care traduz uma palavra que literalmente significa visitação. A palavra fala da própria vinda de Deus ou enviando alguém para ajudar ou para punir. A visita de Deus para JÓ, então, tinha sido a forma como o espírito de JÓ tinha sido preservado ao longo de sua vida. Mas agora o todo foi pervertido para que a presença de Deus seja um fardo e uma ameaça.

13 Contudo, estas coisas escondidas no teu coração;

Eu sei que este foi o seu propósito.

14 Se eu pecar, me marcará,

e não me absote da minha iniqüidade.

15 Se eu sou perverso, ai de mim!

Se eu sou justo, não posso levantar a cabeça,
porque estou cheio de desgraça
e veja minha aflição.

16 E se eu me levantar, você me caçará como um leão,

e novamente as maravilhas de trabalho contra mim;

[17] *Renovai as tuas testemunhas contra mim,*

e aumenta a tua vexação em relação a mim;
Você trouxe hospedeiros frescos contra mim.

JÓ encontra pouca evidência de atitude e propósito positivo em Deus agora. Ele supõe que Deus escondiu essas coisas no fundo da mente, mas ele confessa a confiança de que ainda existe "com Deus". "Com você" é literalmente o que o RSV torna o seu objetivo.

Então, JÓ retorna à questão de por que isso parece ter se tornado uma investigação judicial ou litígio. O versículo 14 estabelece uma condição contrária ao fato e deve ser traduzida: "Se eu tivesse pecado, você teria me mantido, mas não me absolveu da culpa". Mas isso pressupõe que JÓ na verdade não pecou. Mesmo que ele tivesse feito isso, Deus teria agido de maneira diferente do que ele já fez.

Os supostos ao contrário continuam. Se JÓ realmente tivesse sido culpado, e se ele se tivesse justificado no tribunal, ele não teria sido capaz de sustentar seu caso (levante minha cabeça). Entre estas duas condições é uma interjeção: ai de mim se isso realmente tivesse sido o caso. Mas, claro, não é.

As últimas linhas são enigmáticas e aparentemente paralelas ao mal anterior. A segunda linha (v. 15) provavelmente deve ler "alimentado" em vez de olhar. São palavras semelhantes em hebraico, mas o paralelismo favorece o primeiro. Essas linhas continuam com a imagem de descrédito e desamparo completo que foi dado em "não conseguiu levantar a cabeça". Se JÓ estivesse apenas blefando um caso ao representar uma falsidade de patente, ele não teria integridade nem coragem para continuar. Esta não é, no entanto, a situação.

Contra esses supostos hipotéticos mas falsos, JÓ agora punha os fatos. Eles começam neste texto que parece estar em algum desordem como mostrado por medidor quebrado, bem como dificuldade em encontrar o fio de significado. As frases "Ai é eu!" E "cheias de desgraça e saciadas de miséria" mostram a situação de JÓ como desastrosa, qualquer que seja sua moral (v. 15). E se eu me levantar tentativas de traduzir uma palavra difícil que provavelmente seja melhor compreendida com a frase precedente para significar tristeza (Tur-Sinai).

A realidade da situação atual é retratada então por quatro imagens da perseguição ativa de Deus por JÓ. Caçar-me como um leão pega uma figura que muitas vezes se aplica nos lamentos dos Salmos à perseguição por

inimigos, mas aqui o perseguidor é o próprio Deus. O segundo diz literalmente: "E você volta. Você começa a fazer maravilhas com (ou em ou por) eu. "A figura pega o idioma da teofania. Ele desenha um paralelo com o modo como Deus lidou com o faraó no Egito. Nas pragas, Deus mostrou suas maravilhas por meio do faraó. JÓ sente que Deus pode estar "usando" ele como um papel alumínio para mostrar seu poder. Novamente ele está desconfortavelmente perto da conversa de Deus com o Adversário, mas ele não pode saber disso.

O terceiro (v. 17a) retorna à imagem do processo judicial. Ele vê Deus chamando testemunho após testemunho para construir o caso contra JÓ. O quarto (v. 17b) vê Deus multiplicando a vexação. Esta é a mesma palavra usada em 5: 2a e significa desagrado ou impaciência. Isso normalmente descreve as reações de Deus aos homens insensatos ou perversos. Mas não é assim. É assim que Deus lida com JÓ.

A última parte do v. 17 é outra frase fora do medidor do poema e quer ser uma inserção para enfatizar o ponto ou é um fragmento do que era outra.

18 "Por que me apresentaste do ventre?
Se eu tivesse morrido antes que algum olho me visse,

19 e foram como se eu não estivesse,

levado do útero para o túmulo.

20 Não são poucos os dias da minha vida?

Deixe-me em paz, para que consiga um pouco de conforto

21 antes de ir de onde eu não voltarei,

para a terra da escuridão e profunda escuridão,

22 a terra da tristeza e do caos,

onde a luz é como a escuridão ".

Reconhecendo a natureza inescrutável de sua situação, JÓ retorna ao seu lamento em termos paralelos ao capítulo 3 . O enfático Por que ecoa 3:11 , 20 . A vida nesta forma não tem significado para ele.

A presença de Deus é evidente para ele apenas em suas pragas. Assim, é particularmente indesejável. Ele pede para ficar sozinho. Ele pede a chance de

conhecer um pouco de brilho na vida antes de ser condenado à morte, que é conhecido como escuridão e escuridão.

A imagem da morte é quase uma citação do Salmo 39:13 . Quão diferente a imagem escura e sem esperança da existência após a morte que JÓ compartilhou com seus contemporâneos é daquele no Novo Testamento! Note que esta não é uma imagem de castigo reservada aos pecadores condenados. É simplesmente a existência desesperadamente dramática que se esperava seguir a morte. A visão de Israel sobre a morte não era significativamente diferente da dos seus vizinhos pagãos (ver a descrição da morte do rei da Babilônia em Isa. 14).

6. Primeiro Discurso de Zophar (11: 1-20)

Agora, o terceiro, possivelmente o mais novo dos amigos, tem a sua vez. Ele começa com palavras agressivas e acusadoras. Seu discurso é mais estereotipado do que os de seus companheiros. Ele dá por certo que os resultados do ensinamento de sabedoria são seguros e provavelmente equivalentes à própria sabedoria de Deus. Assim, ele não precisa nem das referências à experiência pessoal de Eliphaz nem da sabedoria documentada dos pais como Bildad.

Zophar não vê nenhuma ambigüidade na situação. Ele não se preocupa com a justiça de Deus, mas com a sua sabedoria que ele sente que JÓ expulso. Ele termina com um apelo para JÓ voltar à razão, arrepender-se e estar preparado para receber a misericórdia de Deus.

(1) Você merece muito pior (11: 1-6)

1 Então Zophar, o Naamathite, respondeu:

2 "Se uma infinidade de palavras não forem respondidas,

e um homem cheio de conversa deve ser reivindicado?

3 Se o seu balbucio silencie os homens,

e quando você zombar, ninguém o verificará?

4 Porque você diz: "Minha doutrina é pura,

e estou limpo nos olhos de Bacalhau.

5 Mas, oh, que Deus fale,

e abra seus lábios para você,

[6] *e que ele lhe contaria os segredos da sabedoria!*

Pois ele é múltiplo na compreensão.
Saiba então que Deus exige de você menos do que sua culpa merece.

Zophar sente que JÓ tem pouco a oferecer além das palavras. Estes devem ser respondidos. Ele sente que há mais para estabelecer o direito do que simplesmente exercitar os lábios. Ele procura resumir a atitude de JÓ no v. 4 . Isto é o que perturbou Zophar (ver 9:21 ; 10: 7 , 15 *b*). É o argumento de JÓ de inocência que ele não pode suportar. Ele é insensível ao verdadeiro problema de JÓ e sente que as implicações óbvias de suas circunstâncias provam que ele está errado.

Ele é impaciente com a paciência de Deus com JÓ. Deus deve aparecer pessoalmente para iluminar JÓ. Mas, como ele não faz isso, Zophar está mais do que disposto a realizar o JÓ. JÓ é dado para saber que Deus deve realmente ter perdoado ele parte de sua culpa, senão certamente os julgamentos sobre ele teriam sido muito mais severos. Com a autoconfiança que é típica dele, Zophar não faz nenhum esforço para estabelecer isso como fato. Ele simplesmente afirma.

(2) Um homem sem valor (11: 7-12)

[7] *"Você pode descobrir as coisas profundas de Deus?*
Você pode descobrir o limite do Todo-Poderoso?

[8] *É mais alto do que o céu, o que você pode fazer?*

Mais profundo do que o Sheol: o que você pode saber?

[9] *Sua medida é mais longa do que a Terra,*

e mais amplo do que o mar.

[10] *Se ele atravessa e aprisiona,*

e chamadas ao julgamento, quem pode prejudicá-lo?

[11] *Porque ele conhece homens sem valor;*

Quando ele vê a iniqüidade, ele não a considerará?

[12] *Mas um homem estúpido vai entender,*

Quando um potro de burro selvagem nasce um homem.

JÓ é entendido como tentando ensinar a Deus ou testar a competência de Deus. Zophar considera isso impossível. Ninguém pode investigar as profundezas do ser de Deus nem examinar os limites de seu poder. A transcendência de Deus é expressa em termos dos céus e do Sheol. O homem não tem experiência desses lugares, muito menos uma compreensão deles. O poder e a autoridade de Deus compreendem a Terra e se estendem além.

Tendo estabelecido a extensão da autoridade de Deus, Zophar reivindica um poder geral e incontestável na jurisprudência para esta área. Deus é absoluto em seu poder. Ele atua como juiz, procurador e jurado. Não há recurso. Foi exatamente o que JÓ, em desespero, reconheceu (ver 9: 32-33). Mas Zophar desenha conclusões bastante diferentes, porque ele pensa em JÓ de forma diferente.

O uso de Deus pelo poder absoluto é justificado por seu completo conhecimento do homem. Ele reconhece homens sem valor à vista. Tal conhecimento do homem é atribuído a Jesus (João 2:25), mas seu uso desse conhecimento revelou uma visão de Deus além da mostrada por Zophar.

Sabendo exatamente os fatos do caso, Deus seria esperado sempre levá-los em consideração ao dispensar a justiça. Isso estabelece os alicerces para poder julgar a justiça dos homens observando como Deus os trata. Por este padrão JÓ é obviamente julgado por crimes muito graves.

Mesmo esse pecador pode esperar a compreensão de Deus. Mas Deus não pode suportar um tolo. Deus exercerá a compreensão de tal homem somente quando toda a ordem da natureza ficar de cabeça para baixo, ou seja, quando o potro de um burro selvagem se tornar humano. A implicação é que os pecados anteriores de JÓ poderiam ter sido perceptíveis. Sua atitude tola atual não é.

(3) "Defina seu coração corretamente" (11: 13-20)

13 "Se você definir seu coração corretamente,
Você esticará as mãos para ele.

14 Se a iniqüidade está na sua mão, coloque-a bem longe,

e não deixe a maldade morar nas suas tendas.

15 Certamente, você levantará seu rosto sem defeito;

você será seguro e não temerá.

16 Você esquecerá sua miséria;

Você lembrará como águas que passaram.

17 E sua vida será mais brilhante do que o meio-dia;

Sua escuridão será como a manhã.

18 E você terá confiança, porque há esperança;

Você será protegido e terá seu descanso em segurança.

19 Você se deitará, e ninguém o terá medo;

Muitos vão pedir seu favor.

20 Mas os olhos dos ímpios falharão;

Toda forma de fuga, ele perderá para eles,
e sua esperança é respirar o último "

Zophar começa a ficar pessoal. Ele enfatiza o pronome "você". A primeira afirmação é uma condição contrária e deve ser traduzida: "Se você, mesmo você, tivesse confirmado seu coração, você estenderia as mãos para ele". Este é um repreensão implícita das ações passadas de JÓ, que diz que eles eram pelo menos tolos e provavelmente resultaram de uma falta de fé em Deus.

O versículo 14 move-se para o presente e para formas imperativas. Ele insiste que ainda não é tarde demais para se arrepender e guardar tudo o que está errado. Zophar tem tanta certeza de que todos os problemas de JÓ decorrem de sua culpa que ele está confiante de que isso mudará com a mudança de atitude de JÓ. A auto-estima, a segurança e uma vida sem medo serão restauradas. Estes horríveis tempos podem ser esquecidos, ou lembrados apenas vagamente. A vida será brilhante novamente, mais brilhante do que nunca.

Os versículos 18-19 listam quatro corolários desta nova condição. Os dois primeiros enfatizam a confiança e a esperança. Estes certamente falam da condição de JÓ porque ele não tem os dois. Mas Zophar fala teoricamente com uma visão ingênua e simplista da realidade. JÓ, por sua própria existência, desafiou essa visão. As palavras não têm significado para ele, exceto para zombar do problema.

Os dois segundos enfatizam os resultados da reabilitação de JÓ. Ninguém pode ameaçá-lo.

Pelo contrário, eles procuram sua ajuda e favor.

O discurso fecha-se com uma referência barrada para o destino de JÓ se ele persistir em sua intransigência atual. Ele sugere que JÓ já deve ser classificado com aqueles declarados "não confirmados no tribunal". Eles perdem a visão e não têm como fugir. Sua única esperança é apressar a aproximação da morte. Este último corresponde aos desejos expressos pela morte de JÓ.

O discurso de Zophar não tem simpatia para a posição de JÓ e não lhe oferece apoio. Ele está preocupado com JÓ e o exorta a desistir de sua insensatez insistente em sua integridade e aceitar a misericórdia do Juiz Todo-Poderoso.

7. Terceira resposta de JÓ (12: 1-14: 22)

Este é o mais longo dos discursos de JÓ, exceto para o grupo no final. Agora que os amigos falaram, JÓ percebe a rejeição unânime de sua posição. Ele ataca sua reivindicação de um monopólio de compreensão. Muito do que disseram é verdade. Mas é a terra da coisa que todos sabem. JÓ sente-se tão competente quanto aquilo que é. Ele sente que está enfrentando fatos enquanto eles não estão.

(1) Crítica da Providência (12: 1-13: 12)

[1] Então JÓ respondeu:

[2] "Sem dúvida você é o povo,

e a sabedoria morrerá com você.

[3] Mas eu tenho entendimento tão bem quanto você;

Eu não sou inferior a você.
Quem não sabe coisas como estas?

[4] Eu sou um riso para meus amigos;

Eu, que invocou Deus e ele me respondeu,
um homem justo e irrepreensível, sou um riso.

[5] No pensamento de alguém que está à vontade, há desprezo pelo infortúnio;

Está pronto para aqueles cujos pés deslizam.

[6] As tendas dos ladrões estão em paz,

e aqueles que provocam Deus são seguros,
que trazem o deus em suas mãos.

JÓ responde com sarcasmo à afirmação de Zophar de que sua posição é o dogma da sabedoria, tanto humana como divina. Ele reconhece que eles falam pelo consenso geral das pessoas. Mas ele vira o ponto. O próprio JÓ não teria problemas para juntar essa apresentação.

Então JÓ zomba da falta de atenção de seus amigos para os fatos. Seu dogma os cegou para sua situação. Eles se juntaram aos vizinhos de JÓ por sua atitude, ilustrando a própria anomalia da qual JÓ se queixa.

JÓ, que se caracterizou como um homem que orava regularmente e efetivamente (ver 1: 1 e 42: 8 *b* , 9 *b*) e como um homem que era justo e irrepreensível, foi colocado em posição de ridículo diante de seus vizinhos e amigos. No entanto, os amigos afirmam que Deus sempre recompensa essas virtudes com justificação e bênção.

Mas então ele reconhece que é difícil ou impossível para alguém apreciar a posição de uma pessoa que é totalmente diferente da sua. É tão fácil para a pessoa que tem tudo para presumir que deve haver boas e apenas razões pelas quais as pessoas com problemas estão nessa posição. O respeito pela pessoa, independentemente da sua condição, é o que JÓ está pedindo. Mas os amigos não são capazes de tal simpatia humana.

A essência do problema é que eles não acreditam, "Mas para a graça de Deus, vá lá". Eles não podem se identificar com essa pessoa. Eles não percebem que tais condições ou problemas estão prontos para qualquer pessoa assim que seus pés se deslizam.

Tendo estabelecido em seu próprio caso que é possível que um homem justo esteja desconsiderado e angustiado, JÓ afirma que o contrário também é verdade. Criminosos e blasfemos desfrutam de bem-estar e parecem seguros.

A última linha de v. 6 lê literalmente: "Aquele que traz deus em sua mão" ou "Quem Deus traz na mão dele". O problema reside em não poder dizer se Deus é o sujeito ou o objeto do verbo . Moffatt percebeu a implicação da primeira possibilidade em sua representação, "quem faz um deus de sua própria força".

Um entendimento melhor vem ao aplicar a linha para o próprio JÓ como aquele que "Deus traz em suas mãos". Neste caso, é uma espécie de fragmento que contrasta a posição de pessoas genuinamente malignas com uma pessoa como JÓ, a quem Deus escolheu particularmente para colocar sob seu poder opressivo.

O efeito de toda a estória é desafiar a doutrina da providência e da retribuição, citando o caso de JÓ e, obviamente, de pessoas malignas que prosperam.

7 "Mas pergunte aos animais, e eles vão te ensinar;

as aves do ar, e eles vão te dizer;

8 ou as plantas da terra, e eles te ***ensinarão*** *;*

e os peixes do mar irão declarar para você.

9 Quem, entre todos, não sabe

que a mão do Senhor fez isso?

10 Na mão dela é a vida de todos os seres vivos

e a respiração de toda a humanidade.

11 A orelha não tenta palavras

como o paladar sabe comida?

12 A sabedoria é com os idosos,

e compreensão em dias longos.

O discurso agora aplica as técnicas básicas da sabedoria. Parece que a natureza e suas criaturas buscam a verdade que é inerente e observável lá. JÓ está ironicamente transformando os próprios métodos dos amigos sobre eles.

O que a natureza ensina é que o Senhor é responsável por tudo o que é. Esta visão monista do universo está implícita em tudo o que os amigos disseram, e suas limitações causam grande parte da frustração de JÓ.

O *Senhor* representa o nome sagrado "Javé". É a única vez que aparece no diálogo, exceto em 28:28 , o que provavelmente não fazia parte do poema original. Duhm reconheceu que a frase é idêntica a Isaiah 41:20 e sugeriu que fosse emprestado a partir daí. A visão monista é aplicada positivamente na maioria dos casos. Presume que os propósitos de Deus são positivos (Gen. 1). O reconhecimento de que tudo deve a Deus, incluindo o próprio sopro da vida, geralmente é motivo de ação de graças e louvor. Mas quando os problemas sérios de vida e sociedade são enfrentados, é visto que essa imagem de Deus é muito rígida e simples de explicar tudo. JÓ leva o

argumento ao que normalmente seria chamado de "comprimentos absurdos". Mas ele sente que os amigos forçaram apenas essa conclusão.

Ele parece sugerir que este postulado não cabe à sua própria convicção em comparar uma tentativa tentativa de declaração a um provador de comida no trabalho. Então, como se dissesse que ele não pode entender isso, ele observa que a sabedoria para um homem só pode ser encontrada em ótimas épocas.

13 "Com Deus são sabedoria e poder;

Ele tem conselho e entendimento.

14 Se ele derruba, nenhum pode reconstruir;

Se ele encerrar um homem, nenhum pode abrir.

15 Se ele retém as águas, elas secam;

Se ele os envia, eles dominam a terra.

16 Com ele são força e sabedoria;

Os enganados e os enganadores são dele.

17 Ele leva os conselheiros a serem despidos,

e julga que ele faz tolos.

18 Ele perde os laços dos reis,

e liga uma bainha nos seus lombos.

19 Ele leva os sacerdotes a serem despidos,

e derruba o poderoso.

20 Ele priva o discurso dos que são confiáveis,

e tira o discernimento dos anciãos.

21 Ele derrama desprezo sobre os príncipes,

e perde o cinto do forte.

22 Ele descobre os deuses da escuridão,

e traz escuridão profunda para a luz.

23 Ele faz as nações excelentes, e ele as destrói:

Ele amplia as nações e as leva para longe.

24 Ele tira a compreensão dos chefes dos povos da terra,

e os faz vagar num lixo sem trajetória.

25 Eles rangem no escuro sem luz;

e ele os faz cambalear como um homem bêbado.

JÓ retoma o tema do v. 10 . Só Deus é o possuidor e administrador da sabedoria e do poder. Esta é a força de ambos os discursos do Senhor no final do livro. Mas nenhum deles atende a críticas mordazes desta seção. Deus, sendo a personificação da sabedoria e do entendimento algumas coisas muito estranhas, JÓ continua. As palavras gotejam amargura. Deus despedaça. Ele não constrói. Ele fecha o homem. Ele não abre. Provoca secas e inundações.

Ele mantém seus atributos de força e sabedoria para si mesmo. Ele é responsável tanto por quem engana quanto pelo simples que é tão facilmente enganado. Ele perpetra a queda dos líderes confiáveis e necessários da sociedade.

Conselheiros honrados, ele faz desonesto. Os juízes perdem sua autoridade respeitada porque ele os faz parecer tolos. Os reis são feitos para aparecer escravos pelo poder de Deus. Sacerdotes e os poderosos compartilham o mesmo destino. Com todo o mundo virado de cabeça para baixo, todos em autoridade são despojados da confiança básica e da capacidade que é necessária para a sua função. E, claro, Deus fez isso.

O caos reina. Deus também fez isso. O versículo 22 desenha a obra cósmica da criação na mesma imagem de contradições sem sentido e sem propósito.

A história e as mudanças são permitidas no lugar da JÓ. A ascensão e a queda das nações ilustram as mesmas direções arbitrárias. O trabalho de Deus é retratado como demoníaco em sua aplicação. Não há equilíbrio moral. Não há direção inteligente. Em tal imagem, a posição do homem é impossível. Ele é um brinquedo na mão de uma onipotência paranóica.

Isso, JÓ, sente, é o resultado inevitável de combinar o dogma dos amigos de retribuição automática e providência perfeita com sua visão objetiva da realidade.

1 "Ei, meu olho viu tudo isso,

Minha orelha ouviu e entendi.

2 O que você sabe, eu também sei;

Eu não sou inferior a você.

3 Mas eu falaria ao Todo-Poderoso,

e eu desejo discutir meu caso com Deus.

4 Quanto a você, você se caldeia com mentiras;

médicos sem valor são todos vocês.

5 Oh, que você fique em silêncio,

e seria sua sabedoria!

6 Ouça agora meu raciocínio,

e ouça os argumentos dos meus lábios.

7 Falarás falsamente por Deus,

e fala enganoamente por ele?

8 Você mostrará parcialidade com ele,

Você vai implorar o caso para Deus?

9 Será bom com você quando ele o procurar?

Ou você pode enganá-lo, como alguém engana um homem?

10 Ele certamente irá repreender você

Se em segredo você demonstrar parcialidade.

11 Sua majestade não o aterrorizará,

e o medo dele cair sobre você?

12 Suas máximas são provérbios de cinzas,

suas defesas são defesas de barro.

JÓ retoma seu ataque contra os três amigos. Ele coloca sua observação sobre a deles e insiste em saber o que eles sabem. Uma conversa com eles não leva a lugar nenhum. Ele corre em círculos sem solução à vista.

JÓ preferiria dirigir-se a Deus. Mas a tradução do RSV deixa a impressão incorreta de que JÓ pega o argumento com Deus. Não é encontrar a Deus como oponente em argumento que JÓ procura, mas colocar o assunto diante dele como juiz e governante para que ele estabeleça o recorde. Esta é a situação básica no lamento com que JÓ começou.

Os amigos sempre lutaram contra isso, tornando a relação um dos adversários em um concurso legal. Então, agora JÓ os ataca e seus argumentos. Ele os acusa de errado nas mesmas duas coisas com as quais eles estão sobrecarregados no final. Primeiro, suas palavras são falsas (ver 42: 7); E então, eles falharam em sua tarefa como Consoladores (cf. 2:11 ; 26: 2-4). Nessas funções, eles não são melhores do que o calcário ou "médicos que fazem um não bom". JÓ quer apenas silêncio deles e observa que eles seriam sábios para praticá-lo.

Eles são então acusados de tentar defender Deus com falsidade. Eles pensam que estão ajudando a causa de Deus tentando enganar JÓ. No argumento, eles não aceitaram o requisito legal de uma justiça imparcial, mas já foram prejudicados desde o início. JÓ pergunta se eles realmente não tentaram servir como advogados de Deus, para argumentar o caso dele.

Se assim for, eles pensam que podem suportar a investigação de Deus sobre a maneira como eles conduziram o caso; Ou eles pensam que podem enganá-lo, já que enganaram os homens? Eles apenas deram provas conclusivas de que é impossível enganar a Deus. Eles também argumentaram que a justiça de Deus é impecável.

Então eles não podem esperar nada além de sua repreensão. Eles têm servido sua causa mal na tentativa de pesar o equilíbrio a seu favor. Eles esqueceram que ele é santo e terrível? Eles falaram como se não houvesse nenhum mistério. Na presença do Deus santo, é preciso mais do que provérbios populares, mais do que sabedoria tradicional.

Nessas últimas linhas é quase como se JÓ prevê o "fim do assunto" quando ele enfrenta diretamente a Deus (42: 1-6). Ele está lembrando aos amigos que o que está em jogo em lidar com a justiça não é simplesmente um assunto acadêmico ou um tópico de discussão. Finalmente, é a determinação do relacionamento de Deus com Deus. É de vital importância e fundamental.

(2) Um apelo a Deus (13: 13-14: 22)

À maneira de discursos anteriores, depois de falar com os amigos, JÓ se dirige a Deus. Isso exige uma introdução bastante longa, como se JÓ estivesse trabalhando com sua coragem.

13 "Deixe-me ter silêncio, e vou falar,

e deixe-me o que pode.

14 Vou pegar minha carne nos meus dentes,

e coloque minha vida na minha mão.

15 Eis que ele me matará; Não tenho esperança;

ainda vou defender meus caminhos para o rosto dele.

16 Esta será a minha salvação,

que um deus menos homem não venha antes
ele.

17 Ouça atentamente as minhas palavras,

e deixe minha declaração em seus ouvidos.

18 Eis que preparei o meu caso;

Eu sei que devo ser reivindicado.

19 Quem está lá que me contenda?

Pois então eu ficaria em silêncio e morreria.

20 Apenas conceda duas coisas para mim,

então não me esconderá do teu rosto;

21 retire sua mão longe de mim,

e não pavor de você me assustar.

22 Então ligue, e eu responderei;

ou deixe-me falar, e você me responde.

[23] Quantas são minhas iniqüidades e meus pecados?

Me faça conhecer minha transgressão e meu pecado.

[24] Por que escondes o teu rosto,

e me conta como seu inimigo?

[25] Você assustará uma folha conduzida

e perseguir palha seca?

[26] Porque escreves coisas amargas contra mim,

e me faça herdar as iniqüidades da minha juventude.

[27] Ponha meus pés no estoque,

e observe todos os meus caminhos;
Você colocou um limite nas solas dos meus pés.

[28] O homem desperdiça como uma coisa podre,

como uma roupa que é manchada de traça.

O endereço começa com palavras de determinação para enfrentar Deus independentemente das conseqüências. Ele reconhece que esta pode ser a ocasião de sua destruição. No entanto, ele está determinado a apresentar seus caminhos diante de Deus para aprovação legal ou reconhecimento deles. JÓ antecipa que este encontro será sua salvação. Um deus que menos homem não pode entrar em sua presença. Se JÓ pode e faz, isso em si reivindicará sua posição.

Ele ressalta que ele cuidadosamente planejou e organizou o assunto para julgamento. Ele está plenamente confiante de que ele será declarado à direita. O pronome "I" é fortemente enfatizado. Isso significa que "eu, não outra pessoa", deve ser reivindicado.

Ele se pergunta quem se levantaria para contestar a decisão (v. 19). Talvez isso deveria significar: "Quem vai lutar com sucesso comigo?" Ou talvez ele não consiga imaginar quem tenha algo contra ele quando estiverem diante de Deus. Tal contra-argumento bem sucedido não só poderia silenciá-lo, mas poderia efetivamente matá-lo.

Por sua aparição diante de Deus, JÓ faz dois pedidos negativos. Isso é bastante descarado, uma vez que Deus não emitiu nenhum convite para uma audiência e não deu nenhuma dica de que ele está disposto a ter JÓ aparecendo antes dele. O versículo 20 lê literalmente: "Apenas duas (coisas) não fazem comigo." Eles estão listados na v. 21 . Primeiro, ele pede que a mão pesada de Deus de peste seja retirada. Isto é como um prisioneiro pedindo que os manacles fossem removidos para entrar na sala do tribunal.

O segundo pedido diz respeito ao mesmo mistério e temor de Deus que JÓ não encontrou em seus amigos. Ele deseja libertar-se desse medo para poder falar. Moisés conheceu tal medo no mato ardente (Ex. 3: 6). Isaiah tremia no quarto do trono do Senhor (Isaías 6: 5). Os arranjos elaborados do tabernáculo e do templo foram necessários para enfrentar esse problema. Eles impuseram certas restrições para que um adorador não ficasse tão perto. E eles forneceram sacrifícios e limpeza para superar as principais barreiras de culpa. JÓ reconhece o cenário básico da adoração e defende que a aceitação misericordiosa de Deus prepara o caminho para uma audiência.

Sob estas condições, JÓ pede a Deus que abrace a conversa. Não importa como é conduzido. Com a iniciativa de Deus, ele chamaria e JÓ responderia. Se quisesse, JÓ falaria e aguardava a resposta de Deus.

Não há resposta de Deus. JÓ especula sobre os motivos do seu silêncio. Se o pecado é o problema, ele pede iluminação. Ele retorna à forma do lamento: "Por quê?" Por que Deus o evita? Parece pensar em JÓ como seu inimigo. Mas por que? Parece impossível que Deus trate as trivialidades com tanta seriedade, como um homem perseguindo uma folha seca. Que Deus deve prescrever coisas tão amargas ou ir cavando em seu passado para encontrar algumas faltas em sua juventude para justificar todo esse mau tratamento. Que Deus estabelecesse limites tão rígidos aos seus movimentos. Nessas circunstâncias, realmente se sentia como aquela folha seca - ou mais, como uma coisa podre, um pedaço de roupas com sabor a traça.

¹ "Homem que nasceu de uma mulher

é de alguns dias e está cheio de problemas.

² Ele aparece como uma flor e se seca;

Ele foge como uma sombra e continua não.

³ E abres os teus olhos sobre um tal

e levá-lo a julgar com você?

4 Quem pode tirar um produto limpo de um impuro?

Não há um.

5 Desde que seus dias estão determinados,

e o número de seus meses está com você,
e você estabeleceu seus limites que ele não pode passar,

6 desviando o olhar dele e desista,

para que ele possa desfrutar, como um mercenário, seu dia.

O pensamento de JÓ se move de seu próprio caso para uma consideração da posição da humanidade. A espécie está sobrecarregada pelos mesmos problemas gêmeos dos quais a JÓ se queixa. O homem é tão consciente da falta de vida. No entanto, mesmo este curto espaço parece cheio de problemas. Como JÓ, o homem preocupa-se por não ter muito tempo para viver. E então ele suspira pelos longos dias cheios de problemas e problemas.

A existência humana é tão frágil. É comparado a uma flor do campo, tão temporária e aparentemente sem sentido (ver Isa. 40: 6-7). A preocupação de JÓ com a imagem gira para o fim. Continua não é, literalmente, não resiste. As palavras se aplicam à flor, mas também têm um significado como uma ponte para o seguinte verso com sua configuração legal.

É inconcebível para JÓ que Deus perceba uma coisa tão insignificante. O texto hebraico reverte para a aplicação pessoal, "e me leve a julgamento com você". Que Deus deve tomar JÓ, ou qualquer homem, tão a sério quanto a iniciar uma ação contra ele, é impensável.

A pergunta gira. Limpo e impuro se refere à classificação ritual. Eles designam coisas que são permitidas e outras que não são (ver Lev. 11-15). Pedro teve algum problema com este problema (Atos 10: 9-16). Horst sugere que o versículo tenha a ver com a natureza da coisa, não com um ato de mudança. Ele traduz o v. 4 , "Existe alguém que seja" puro ", que na verdade não é" impuro "? Não, não um. "

O espírito de JÓ se move como um pêndulo de grandes esperanças e propósitos até o fundo do desespero e da desesperança. Esta mudança psicologicamente realista é característica de JÓ e é mostrada aqui novamente. Em 13:26 - 22, ele acabou de pedir uma audiência com Deus, confiante de que ele ganharia seu caso. Agora, ele desespera de qualquer oportunidade para um homem pegar a atenção e o tempo de Deus que ele sente que a maior esperança do homem é pedir a Deus simplesmente deixá-lo

sozinho para viver o resto de sua existência curta e miserável. Neste JÓ volta ao tema de sua lamentação no capítulo 3 e capítulo 10 .

7 "Porque há esperança para uma árvore,

se for cortado, que brotará novamente,
e que seus rebentos não cessarão.

8 Embora sua raiz envelheça na terra,

e seu tronco morre no chão,

9 ainda no cheiro da água vai brotar

e colocou ramos como uma planta jovem.

10 Mas o homem morre, e está baixo;

o homem respira o último e onde ele está?

11 À medida que as águas falham de um lago,

e um rio desperdiça e seca,

12 então o homem se deita e não levanta novamente;

Até que os céus não sejam mais, ele não acordará,
ou se despertar de seu sono.

13 Oh, que você me esconda no Sheol,

que me escondas até que a tua ira seja passada,
que você me nomearia um tempo fixo, e lembre-se de mim!

14 Se um homem morrer, ele viverá novamente?

Todos os dias do meu serviço, eu esperaria,
até que minha libertação venha.

15 Queres ligar, e eu te responderei;

Você desejaria o trabalho de suas mãos.

16 Pois então, você indicaria meus passos,

Você não deve vigiar meu pecado;

17 minha transgressão seria selada em uma bolsa,

e você deve cuidar da minha iniqüidade.

A finalidade da morte ocupa o pensamento de JÓ. Ele vê a esperança de que o tronco de uma antiga árvore desperdice em uma seca. Tudo o que precisa é água para as raízes antigas para tentar novamente, enviando seus brotos em uma incrível reafirmação de vida e vigor.

É interessante notar que a visão de Ezequiel dos ossos secos é paralela à figura da árvore. Onde a árvore aparentemente morta carecia de água, os ossos não têm espírito (Ezequiel 37). Mas JÓ não conhece tal paralelo. O destino do homem contrasta com a vitalidade latente da árvore. A morte é final. É comparável a um lago seco ou ao rio.

Então JÓ estabelece um caminho de pensamento deliberadamente desejoso. Ele entende que ele vive num tempo da ira de Deus. Os profetas usam esta palavra para imaginar o tempo em que Deus determinará agir em julgamento contra o seu povo ou as nações. Esse não é um momento para distinções legais cuidadosas. Certamente, não é hora de apresentar um pedido de misericórdia. Deus aparentemente está agora em tal estado de espírito em relação a JÓ, uma vez que ele não responde ao seu pedido de audiência ou para alívio de suas pragas ou para a reivindicação de sua integridade.

Então JÓ deseja que ele possa obter um passe temporário para o Seol, a terra dos mortos. Lá, ele pode ser mantido como um prisioneiro esperando seu dia no tribunal. Ele deseja que Deus colocasse seu nome no calendário do tribunal. Finalmente, chegaria o dia em que Deus poderia dedicar sua atenção a ele e seus problemas.

Quando JÓ faz sua pergunta sobre a possibilidade da vida após a morte (v. 14), ele obviamente espera a resposta, "Não." A morte é considerada final. JÓ não expressa a esperança de "vida após a morte". O tipo de existência que ele retrata no Sheol não é vital (veja o comentário em 19:25). No entanto, é tão importante que JÓ tenha esse momento do tempo e da atenção de Deus que ele pediu.

Então, o grande e maravilhoso dia pode vir quando Deus enviou para ele. Deus chamaria e JÓ responderia com prazer. Porque Deus mostrou que ele se importava; ele ansiava pelo trabalho de suas mãos. Ele observaria os

passos de JÓ de forma amorosa e cuidadosa. A imagem é um lembrete da preocupação de Deus por Adão e Eva no Jardim do Éden.

Naquele momento, reverteria a supervisão atual que se concentrou na busca de sinais de pecados. Seria possível porque o perdão de Deus encerraria todas as transgressões em um saco e toda culpa seria atropelada tão eficazmente como se estivesse completamente enterrada.

Assim, o desejo de JÓ afirma o tipo de relação com Deus que ele conheceu no passado e já esperou em vão. Ele assume que é a ira que mudou o todo. Ele deseja que um refúgio permaneça durante esse período de problemas que ameaça sua própria vida. No entanto, ele sabe que esta é uma perspectiva muito improvável.

18 "Mas a montanha cai e desmorona,

e a rocha é removida de seu lugar;

19 as águas usam as pedras;

os torrents lavam o solo da terra;
então você destrói a esperança do homem.

20 Você prevalece para sempre contra ele, e ele passa;

Você muda seu semblante, e manda-o.

21 Seus filhos chegam a honrar, e ele não sabe disso;

Eles são baixos, e ele não percebe isso.

22 Ele sente apenas a dor de seu próprio corpo,

e ele lamenta apenas por si mesmo ".

JÓ volta a sua visão pessimista do destino do homem. Deus usa o homem com a pressão de suas pragas, como os elementos desgastar as montanhas. Mesmo o rock cede antes da água apressada da corrente da montanha. O solo da terra também pode se aplicar ao homem e forma a ponte do pensamento para o que se segue.

A vítima particular da opressão de Deus é esperança. Sem esperança, o homem não pode viver. Toda a sua terrível experiência levou JÓ a sentir que a esperança será vítima da pressão. É particularmente a inevitabilidade e a finalidade da morte que roubam a vida perturbada de sua última esperança. É

neste ponto que o evangelho do Novo Testamento da ressurreição responde aos apelos de JÓ, à segurança e ao conforto dos cristãos.

JÓ permite a idéia de Deus como o oponente do homem em uma luta para dominar a imagem. Em tal pose, Deus supera completamente o homem para que ele deva ir embora. Mudando sua expressão para uma raiva, Deus envia o homem a caminho.

O efeito sobre as associações humanas é notado. Testes extremos, como os que JÓ sofreu, fazem um homem incapaz de preocupação para os outros. Ele não pode aceitar a atenção que eles o trazem. Ele não tem preocupações com as pessoas, mesmo que sejam seus próprios filhos. Ele alcança um ponto em que ele é levado a absorção total consigo mesmo. É verdadeiramente "mais do que um homem pode levar". Ele é levado de volta a uma preocupação mental e espiritual com ele em que ele não é mais um ser humano completo capaz de funcionar nos mais básicos papéis humanos como pai.

8. O Segundo Discurso de Eliphaz (15: 1-35)

O primeiro dos amigos agora retorna ao debate. Seu tom é visivelmente mais nítido. No primeiro discurso, deu a JÓ o benefício da dúvida e encorajou-o com esperança para a recompensa dos justos. Agora ele enfatiza o castigo dos ímpios.

(1) Presunção de JÓ (15: 1-16)

1 Então Eliphaz, o Temanite, respondeu:

2 "Um homem sábio deve responder com conhecimento ventoso,

e se encheu do vento do leste?

3 Deveria argumentar em conversas não lucrativas,

ou em palavras com as quais ele não pode fazer nada de bom?

4 Mas você está acabando com o medo de Deus,

e impedindo a meditação diante de Deus.

5 Porque a tua iniqüidade ensina a tua boca,

e você escolhe a língua dos astutos.

6 Sua própria boca condena você, e não eu;

seus próprios labios testemunham contra você.

Cada um dos discursos começa com insultos para o oponente. Assim, Eliphaz deprecia todo o caso como realmente sob o aviso e o valor de um homem sábio, pelo qual ele pensa em si mesmo. No entanto, ele não pode deixar o assunto cair.

Contrariamente à opinião de JÓ declarada em 4: 6 , ele agora sente que JÓ está falando e agindo de forma prejudicial à piedade. Essa piedade é descrita nas formas típicas de medo e meditação. Eles formam os pilares do ideal da piedade da sabedoria. Claro, Eliphaz está certo. A descrição de realidade clara de JÓ da realidade e sua determinação em lidar com Deus sobre isso em termos do que ele experimenta é um perigo explosivo para o pequeno mundo limpo que vê os únicos problemas reais em dizer a oração diária.

Eliphaz trabalha no pressuposto do pecado de JÓ. Ele pressupõe, assim, que o mal do seu pecado instrui JÓ na maneira de apresentar seus argumentos com astúcia.

Se o júri decidir sobre os mesmos princípios que os que Eliphaz tem, ele sente que JÓ se incriminou por meio de seu próprio testemunho e, portanto, não precisa de mais ações judiciais. Ele está indubitavelmente pensando em palavras como as de 9:24 e 10: 3 .

[7] *"Você é o primeiro homem que nasceu?*

Ou você foi levado antes das colinas?

[8] *Você já ouviu no conselho de Deus?*

E você limita a sabedoria a si mesmo?

[9] *O que você sabe que não sabemos?*

O que você entende que não é claro para nós?

[10] *Tanto os cinza quanto os idosos estão* ***entre nós,***

mais velho que seu pai.

[11] *As consolações de Deus são muito pequenas para você,*

ou a palavra que lida suavemente com você?

[12] *Por que seu coração o leva,*

e por que seus olhos piscam,

13 para que vire seu espírito contra Deus,

e deixe essas palavras sair da sua boca?

14 O que é o homem, que ele pode estar limpo?

Ou ele que nasceu de uma mulher, que ele pode ser justo?

15 Eis que Deus não confia nos seus santos,

e os céus não são limpos à sua vista;

16 Quanto menos um que é abominável e corrupto,

Um homem que bebe iniquidade como a água!

Voltando ao ataque a JÓ, ele é perguntado se ele pensa em si mesmo como o homem original, o "superman". Isso não tem referência ao Adão de Gênesis. Refere-se ao mito do homem de *Urmensch* ou original que parece ser refletido em Ezequiel 28: 11-19 e em Provérbios 8: 22-26 . Este "superman" foi representado como tendo igualdade com os "filhos de Deus" e como tendo acesso direto à sabedoria divina.

Eliphaz passa sobre o fato de que ele mesmo havia afirmado falar a sabedoria mais do que o pensamento humano (4: 12-21), embora tenha sido transmitido a ele em um sonho. Sua revelação estava de acordo com sua teologia básica e, portanto, aceitável. Ele ridiculariza JÓ por pensar tanto em si mesmo e em seu alcance de verdade que ele pode defender isso contra toda oposição.

O poema aqui reflete, de fato, uma das diferenças básicas entre as opiniões de JÓ e de seus amigos. Eles mantêm uma visão muito baixa do homem como um pecador, impuro e, de certa forma, nada além de um fantoche. JÓ luta para conceber e manter uma visão elevada que concorde mais com os relatos da criação de Gênesis e a pregação do exilic Isaiah. Nisto ele não abaixa sua visão de Deus. Pelo contrário, ele sente que os amigos degradam Deus através da pequena e totalmente previsível foto dele que eles detêm.

Na foto do mítico "homem original", assumiu-se a participação no conselho celestial com os filhos de Deus. O leitor do livro de JÓ teve um vislumbre nos bastidores (1: 6-12 ; 2: 1- 7). JÓ não teve esse privilégio (v. 8). Eliphaz despreza a confiança que JÓ mostra.

Mas novamente Eliphaz acentua a diferença em sua fé. Ele confia na sabedoria herdada e na doutrina estabelecida (v. 10), especialmente porque são bons para ele e para o estilo de vida que ele criou. Ele afirma que ele estaria aberto a uma revelação direta do céu, como em seu sonho. Na verdade, a única voz celestial que ele ouve, ou vai ouvir, é o eco de seu próprio espírito buscando confirmar-se. Jesus estava cético quanto à abertura genuína de tal pessoa (Lucas 16:31).

As fontes do "conhecimento de Deus" que geralmente são estressadas nas Escrituras são conquistadas pelo confronto genuíno com Deus, não é diferente do que o JÓ invoca. Um ensaio de tais reuniões passadas pode trazer conhecimento. Uma vida baseada em conversa constante com Deus confirma e faz É vital. Esta foi a experiência de JÓ e é a raiz de sua fé. Ela contrasta totalmente com a sabedoria hereditária e sagrada de seus contemporâneos.

As consolações de Deus aparentemente se referem aos miseráveis esforços dos amigos. O fato de que eles podem caracterizar seus esforços dessa maneira ou como a palavra que trata gentilmente é um comentário lamentável sobre sua insensibilidade espiritual. O espetáculo de espírito de JÓ parece totalmente fora de lugar para Eliphaz. Seria, se a visão do homem e de Deus que Eliphaz enunciava fosse verdadeira.

(2) O destino do homem perverso (15: 17-35)

17 "Eu vou te mostrar, ouve-me;
e o que vi ter declarado

18 (o que os homens sábios disseram,

e seus pais não se esconderam,

19 a quem sozinho a terra foi dada,

e nenhum estranho passou entre eles).

20 O homem perverso se contorce com todos os dias,

Ao longo de todos os anos que são colocados para os implacáveis.

21 sons terríveis estão em seus ouvidos;

Em prosperidade, o destruidor virá sobre ele.

22 Ele não acredita que ele vai sair da escuridão,

e ele está destinado à espada.

23 Ele perambula no exterior por pão, dizendo: "Onde está?"

Ele sabe que um dia de escuridão está pronto em sua mão;

o sofrimento e a angústia o aterrorizam;

Eles prevalecem contra ele, como um rei preparado para a batalha.

23 Porquanto esticou a mão contra Deus,

e desafia o Todo-Poderoso,

26 correndo teimosamente contra ele

com um escudo grosso;

27 porque ele cobriu o rosto com a gordura dele,

e juntou gordo sobre os seus lombos,

28 e viveu em cidades desoladas,

em casas que nenhum homem deveria habitar,
que estavam destinados a tornar-se montes de ruínas;

29 ele não será rico, e sua riqueza não durará,

nem atacará a raiz na terra;

30 ele não escapará da escuridão;

a chama vai secar seus rebentos,
e sua flor será varrida pelo vento.

31 Não confie no vazio, enganando a si mesmo;

pois o vazio será sua recompensa.

32 Será pago na íntegra antes do seu tempo,

e seu ramo não será verde.

33 Ele sacudirá a sua uva não madura, como a videira,

e soltar a sua flor, como a oliveira.

34 Pois a companhia do deus menos é estéril,

e o fogo consome as tendas do suborno.

35 Eles conceber mal e produzir o mal

e seu coração prepara o engano ".

O discurso agora se volta para as circunstâncias do homem que está errado com Deus. Eliphaz apóia o ensinamento a partir de sua própria observação e da pura doutrina dos eleitos e dos pais bem sucedidos. Ele retrata o lote do homem perverso em termos de sofrimento, terror, angústia e angústia. As forças do destino, das circunstâncias e da insegurança mental conspiram contra ele. Tudo isso porque ele está em oposição a Deus, vivendo de maneiras luxuosas, mas vergonhosas. A medida de sua queda é o fracasso em ser rico e sua falta de estabilidade a longo prazo. Ele será punido por um trio de destruidores: escuridão, chama e vento seco do deserto (v. 30).

Assim como o poeta retratou os sofrimentos da psique e do corpo, Eliphaz analisa penetrantemente o vazio do deus menos vida (v. 31 f .). Pode ser que ele se refira aqui aos apelos de JÓ para que Deus o deixe sozinho. Não há consolo em simplesmente ser deixado sozinho. Quem pede isso conseguirá isso. O vazio, a solidão, a falta de sentido são recompensas que não valem a pena ter.

Esse tipo de objetivo pode ser alcançado em pouco tempo. Não requer espera pelo tempo da colheita. Ele deixa a imagem lamentável da videira que queria estar madura muito cedo. Tem folhas murchas e os começos lamentáveis e encolhidos do que poderia ter sido uvas se realizadas a termo. Estéril (v. 34) descreve a vida dos ímpios em termos muito mais devastadores do que o castigo ativo que se segue.

Tudo isso é perfeitamente verdade. Mas o que isso tem a ver com JÓ, exceto que descreve com precisão grande parte de sua angústia? Isso não mostra uma saída nem analisa adequadamente a causa de seu problema.

9. Quarta resposta de JÓ (16: 1-17: 16)

O lamento é novamente o núcleo do discurso de JÓ. Está precedido por fortes palavras contra os amigos. A viragem surpreendente é a súbita expressão de esperança de "meu testemunho está no céu". O discurso encerra questões sombrias ocasionadas pela certeza da morte próxima.

(1) Consolador miserável (16: 1-5)

[1] *Então JÓ respondeu:*

[2] *"Ouvi muitas dessas coisas;*

Comforters miseráveis são todos vocês.

[3] *As palavras ventosas têm um fim?*

Ou o que provoca que você responda?

[4] *Eu também poderia falar como você faz,*

se você estivesse no meu lugar;
Eu poderia juntar-se a palavras em conjunto contra você,
e agite minha cabeça em você.

[5] *Eu poderia fortalecê-lo com a minha boca,*

e o consolo dos meus lábios aliviaria sua dor.

O hábito de negociar insultos para começar um discurso continua. JÓ derrama sarcasmo nos esforços dos amigos. O conforto certamente não é o nome do que eles estão fazendo. JÓ insiste que ele certamente poderia duplicar ou superar seus esforços se ele estivesse em sua posição. Ele poderia juntar as palavras, e ele poderia até agitar a cabeça como estão fazendo. Mas JÓ também sente que ele poderia dizer algo que realmente ajudaria. Ele poderia ajudar a trazer força ou pelo menos diminuir sua dor. Obviamente, os amigos não conseguiram nada disso.

(2) "Deus me desgastou" (16: 6-17)

[6] *"Se eu falar, minha dor não é atenuada,*
e se eu omitir, quanto disso me deixa?

[7] *Certamente agora Deus me desgastou;*

Ele deixou toda a minha companhia desolada.

[8] *E ele me arrumou,*

que é uma testemunha contra mim;
e minha magreza se levantou contra mim;
Isso testifica o meu rosto.

[9] Ele tomou-me na sua ira e me odiava;

ele murmurou os dentes contra mim;
meu adversário aguça os olhos contra mim.

[10] Homens me viram com a boca,

Eles me atingiram de forma insolente na bochecha,
Eles se unem contra mim.

[11] Deus me entrega ao coração,

e me põe nas mãos dos perversos.

[12] Fiquei à vontade e ele me separou;

ele me agarrou pelo pescoço e me pôs em pedaços;
ele me colocou como seu alvo,
[13] seus arqueiros me cercam.
Ele abre os meus rins e não poupa;
ele derrama meu pedaço no chão.

[14] Ele me quebra com culatra após a culatra;

Ele corre sobre mim como um guerreiro.

[15] Eu cospe saco sobre minha pele,

e puseram minhas forças no pó.
[16] Meu rosto está vermelho com lágrimas,
e nas minhas pálpebras é profunda escuridão;

[17] embora não haja violência nas minhas mãos,

e minha oração é pura.

Pegando a idéia da linha anterior, JÓ identifica que continua a falar como um sinal de que ele ainda dói. Mas ele chegou ao lugar onde ele sente que a pressão o superou completamente.

O texto hebraico da v. 7 não inclui a palavra "Deus". O assunto pode ser entendido como a dor do verso anterior. A empresa traduz uma palavra que é da mesma raiz do testemunho. Neste contexto, provavelmente significa que JÓ foi despojado de toda a companhia de suas testemunhas ou de todas as

evidências que falariam por ele. Este estado muito decrépito é ele próprio uma testemunha contra JÓ. Os amigos vêem sua angústia como prova certa de que ele está errado. As pragas rasgaram JÓ em sua ira como lágrimas de animais selvagens em sua presa. Os lamentos do Saltério clamam a Deus por ajuda contra os inimigos. Da mesma forma, o lamento aqui descreve as devastações dos inimigos.

JÓ identifica seus inimigos como seus amigos que aceitam o testemunho adverso de seu sofrimento (v. 8), como a dor que se torna seu adversário (v. 9) e, como os espectadores que simplesmente olham e simulam (v. 10) . Ele evitou classificar Deus entre os inimigos. Mas Deus ainda assume uma responsabilidade, pois ele deve ter permitido que eles trabalhem o seu mal em JÓ (v. 11). Isso concorda com o padrão de lamentos nos Salmos e com as cenas no conselho celestial (1: 6-12; 2: 1-6).

Então, em um sentido muito verdadeiro, Deus é o autor de todos os problemas de JÓ. Ele é identificado como aquele que interrompeu sua facilidade com violência e tortura até que ele esteja completamente quebrado.

JÓ começou seu lamento na forma que evita culpar Deus diretamente por seu problema. Essa é a forma normal para um lamento que, embora implique a responsabilidade de Deus, evite fazer uma acusação direta. Isso é importante, uma vez que o suplicante está pedindo reparação de Deus. Não há motivo para ofender ele. Mas JÓ não pode deixar isso em frente disso. Ele exploda violentamente e tontamente. O único que pode ser dito para ele é que esta é a sua convicção honesta; ele não vê nenhuma outra explicação possível.

A seção termina com mais descrições do estado desesperado para o qual JÓ veio e com afirmações renovadas de sua falta de culpa, seja em ação ou em palavra (ver Isa. 53: 9 , Salmo 7: 3).

(3) "Minha Testemunha está no céu" (16: 18-17: 2)

18 "O terra, não cobre o meu sangue,
e deixe meu choro não encontrar lugar de descanso.

19 Mesmo agora, eis que meu testemunho está no céu,

e ele que atende a mim está no alto.

20 Meus amigos me desprezam;

meu olho derrama lágrimas para Deus,

21 que ele manteria o direito de um homem com Deus

como a de um homem com seu vizinho.

22 Para quando alguns anos vieram

Eu seguirei o caminho de onde eu não voltarei.

1 Meu espírito está quebrado, meus dias estão extintos,

O túmulo está pronto para mim.

2 Certamente há escarnecedores sobre mim,

e meu olho se ocupa de sua provocação.

Como no caso de um homicídio que não tenha sido vingado, JÓ invoca apaixonadamente que seu sangue (isto é, sua morte) não deve ser coberto e esquecido. Ele espera que seu grito angustiado não seja acalmado e perdido. Ainda mais importante do que a continuação do grito por vingança de sangue é a convicção de que seu testemunho está no céu, um defensor no alto (v. 19). O texto deixa deliberadamente a identificação dessa testemunha clara. Deus aparece nessas seções em muitos papéis. Às vezes, ele é o juiz mais alto; às vezes ele é visto como uma parte da discussão legal como essa no portão da aldeia; Às vezes, ele é retratado como o litigante em frente a JÓ.

O significado exato do v. 20 não é claro. Parece dizer que JÓ não tem esperança de convencer seus amigos (ou eles são seus oponentes?), Mas que ele mantém seus olhos e sua atenção diretamente em direção a Deus. Isso parece implicar que a testemunha no céu é Deus.

O versículo 21 exige que esta testemunha intervenha para manter ou estabelecer a ordem e a justiça nos assuntos de um homem com Deus e com os de um homem com seu vizinho. Não há justificativa no texto hebraico para o tipo de RSV (ver marg.). JÓ invoca um que colocará as coisas bem com Deus e com seus vizinhos, como seus amigos e os escarnecedores mencionados anteriormente.

O poema tem problemas com o lugar de Deus nesses diferentes papéis e é ambíguo ao identificá-lo neles. O Novo Testamento resolve esse problema ao atribuir um destes ao diabo como inimigo de Deus e de sua ordem, e por implicar os vários papéis do Pai, do Filho e do Espírito Santo na Trindade. Essas opções eram desconhecidas para o autor de JÓ.

Os últimos versos mostram por que JÓ tem tanta urgência. Ele sente que o tempo restante é limitado. A morte pressiona perto. Mesmo esse tempo

restante é ocupado com a zombaria daqueles que o cercam e a provocação ocasionada por sua miserável condição.

(4) "Uma promessa para mim" (17: 3-5)

3 "Faça uma promessa para mim com você mesmo;
quem está lá que me dará garantia?

4 Como você fechou suas mentes ao entendimento,

portanto, não os deixará triunfar.

5 Aquele que informa contra seus amigos para obter uma parte de sua propriedade,

os olhos de seus filhos falharão.

Compromisso e garantia são palavras tomadas da esfera jurídica. Eles transmitem o significado que, nas experiências atuais, é coberto com "fiança" ou "depósito de garantia". JÓ não está pedindo a Deus que seja o fiador, mas que providencie tal depósito para que JÓ possa estar livre da aflição constante até tal tempo em que as coisas podem ser endireitadas (Horst).

Este argumento é paralelo aos gritos anteriores de Deus para cancelar as pressões sobre JÓ. É uma sugestão alternativa à que JÓ pede a custódia protetora no Sheol até o momento do julgamento (14:13).

É claro que os amigos não são simpatizantes dele se Deus realmente definiu seu estado de espírito para que eles façam parte do processo de teste! Mas se isso é verdade, eles podem manter suas posições apenas por causa dos argumentos. Deus certamente não os deixará vencer no final.

JÓ fala amargamente contra os amigos em tal papel, usando um provérbio. Qualquer um que se permita ser usado como testemunha contra um vizinho ou amigo com o motivo de obter uma participação em sua propriedade deve ter uma maldição sobre ele e sua família.

(5) A desesperança de JÓ (17: 6-16)

6 "Ele me fez um byword dos povos,
e eu sou uma pessoa perante a qual os homens cravam.

7 Meu olho ficou escuro com o sofrimento,

e todos os meus membros são como uma sombra.

[8] Homens eretos estão horrorizados com isso,

e o inocente se agita contra o deus menos.

[9] No entanto, o justo mantém seu caminho,

e ele que tem mãos limpas cresce mais e mais forte.

[10] Mas você, venha novamente, todos vocês,

e eu não encontrarei um sábio entre vocês.

[11] Meus dias são passados, meus planos são interrompidos,

os desejos do meu coração.

[12] Eles fazem a noite no dia;

"A luz", eles dizem, "está perto da escuridão".

[13] Se eu procurar o Sheol como minha casa,

se eu espalhei meu sofá na escuridão,

[14] se eu disser ao poço: "Você é meu pai"

e para o vermeiro 'Minha mãe' ou 'Minha irmã'

[15] onde então é minha esperança?

Quem verá minha esperança?

[16] Será que vai até os bares do Sheol?

Vamos descer juntos na poeira? "

JÓ volta ao tom de lamento. Se ele se refere a Deus ou é uma designação geral para suas experiências de pesadelo (e então deve ser traduzido "ele") é deixada uma questão aberta. Os resultados são perda total de posição na comunidade e no respeito de seus vizinhos. O trabalho também teve resultados físicos que afetam tanto sua visão quanto enfraquecem todos os seus membros.

Os versículos 8-9 trazem uma mudança de humor e uma reviravolta surpreendente. A reação dos retos e dos inocentes os agita a ação contra o

deus menos. Mas o justo é fortalecido em sua determinação, e seus recursos são reabastecidos.

Os problemas estão na identificação a quem estes se referem. Os justos são os amigos que são confirmados em sua atitude e doutrina, observando JÓ e seu sofrimento? Ou, isso se refere a todos os homens que têm medo de Deus e são dados à vida justa? Ou, isso inclui o próprio JÓ?

A declaração marca um avanço no pensamento? Sugere-se que a resposta real ao problema de JÓ é que os fiéis se apeguem às suas convicções e ao seu modo de vida, de modo a não deixar que as queixas de JÓ ou os discursos enganosos de seus amigos os confundam?

Ou, é possível que o v. 8 se aplique ao grupo mais amplo de pessoas interessadas em deuses de Deus, enquanto o v. 9 se aplica ao próprio JÓ? Dhorme e Davidson defendem por mantê-los aqui, mas Horst conclui que vv. 6-9 parecem estar fora de contexto. Como resultado, nenhuma dessas questões precisa ser respondida nesta configuração. Este é um pouco de um poema de outros lugares, que foi introduzido aqui porque trata de problemas semelhantes. Uma vez que aparece em um lugar que lida com os discursos dos amigos, pretende-se acentuar suas atitudes.

Certamente v. 10 voltas para resolver os três novamente. JÓ os ridiculariza mesmo enquanto os desafia a retomar o debate.

Os versos finais expressam mais uma vez a desesperança do lamento. Os dias de JÓ não mais se movem em planos ou para cumprir desejos. Então o tempo ficou sem sentido para ele. Dia e noite, luzes e escuras são muito parecidas com ele.

Ele está obcecado novamente com o fato de que sua esperança depende de poder viver para receber sua justificativa. Ele não vê nenhuma chance disso na morte. Na aceitação do túmulo, a esperança também está perdida. Ele está convencido de que a esperança irá com ele para o túmulo se ele morrer sem primeiro receber a reivindicação que ele exige.

10. O segundo discurso de Bildad (18: 1-21)

(1) Repreensão para JÓ (18: 1-4)

1 Então Bildad, o Shuhite, respondeu:

2 "Quanto tempo você vai procurar palavras?

Considere, e então falaremos.

3 Por que somos contabilizados como gado?

Por que somos estúpidos à sua vista?

[4] *Você que se rasga em sua ira,*

a terra será abandonada para você,
ou a rocha seja removida de seu lugar?

O discurso de Bildad começa com insultos esperados para a oposição. Bildad sugere que JÓ esgotou tudo o que dizer, implicando que seu último discurso era bastante magro. Ele ainda oferece para suspender o debate enquanto JÓ pensa sobre sua posição. Talvez nesse caso ele seja mais atraente para o que a Bildad considera a verdade comprovada do caso.

Algumas das palavras mais nítidas de JÓ obviamente encontraram sua marca. Bildad é sensível a esses golpes quando ele pergunta defensivamente porque JÓ tem uma opinião tão baixa de seus amigos. Ele não entendeu as acusações em que JÓ diz que abusaram do papel de "amigo". Ele não percebeu a necessidade de um verdadeiro conforto. Em vez disso, ele só sentiu que JÓ insultou sua inteligência. Ele não conseguiu ver o ponto da insinuação de JÓ de que seus discursos não conseguem levar em consideração o caráter e o modo de vida de JÓ quando identificam sem pensar as circunstâncias com as esperadas recompensas dos ímpios.

Ele considera a paixão de JÓ completamente fora de lugar. Ele pergunta: o que você espera? Você acha que você é o único homem na Terra? Devemos evacuar a terra para que você possa ficar sozinho? Ou, os marcos serão movidos apenas para suportar seus argumentos? Quem você acha que é de qualquer jeito?

Bildad, obviamente, sente que a atitude de JÓ é uma ameaça para ele pessoalmente e para o seu modo de pensar e modo de vida. Concordar com ele seria remover a rocha e abandonar a Terra. As interpretações básicas que ele enuncia fornecem a estrutura para uma existência confortável e segura. Para analisá-los de forma crítica pode cortá-lo à deriva em um mar não marcado.

(2) O que o mal pode esperar da vida (18: 5-21)

[5] *"Sim, a luz dos ímpios é apagada,*
e a chama do seu fogo não brilha.

[6] *A luz está escura em sua tenda,*

e sua lâmpada acima dele está apagada.

[7] *Seus passos fortes são encurtados*

e seus próprios esquemas o jogam para baixo.

[8] Pois ele é lançado em uma rede pelos seus próprios pés,

e ele caminha em uma armadilha.

[9] Uma armadilha o pega pelo calcanhar,

uma armadilha o segura.

[10] Uma corda está escondida para ele no chão,

***uma** armadilha para ele no caminho.*

[11] Terrores assustam-no de todos os lados,

e persegui-lo nos calcanhares.

[12] Sua força é mordida de fome,

e a calamidade está pronta para o seu tropeço.

[13] Por doença, sua pele é consumida,

O primogênito da morte consome seus membros.

[14] Ele está rasgado da tenda em que confiava,

e é trazido ao rei dos terrores.

[15] Na sua tenda, habita o que não é dele;

O enxofre é espalhado em sua habitação.

[16] Suas raízes secam abaixo,

e seus galhos ficam acima.

[17] Sua memória perece da terra,

e ele não tem nome na rua.

[18] Ele é empurrado da luz para a escuridão,

e expulsado do mundo.

[19] Ele não tem prole ou descendente entre seu povo,

e nenhum sobrevivente onde ele costumava viver.

[20] Eles do oeste estão horrorizados em seu dia,

e o horror os apanha do leste.

[21] Certamente tais são as habitações dos ímpios,

tal é o lugar daquele que não conhece Deus ".

Toda esta seção trata do tópico único dos resultados que se pode esperar de uma vida contrária a Deus. Bildad deve sentir que JÓ colocou esta questão em questão. Ao reiterá-lo vigorosamente, ele espera reafirmar sua base de confiança.

O autor está bem versado na grande literatura. Como John Milton se baseou em seu treinamento clássico na mitologia grega e romana para escrever Paradise Lost, então o autor de JÓ extraiu seu conhecimento da mitologia babilônica e cananeita para suas figuras literárias. Dois desses mitos são agora conhecidos. A história babilônica é "A descida de Ishtar para o mundo inferior" (ANET, pp. 107 e s.). A história cananeita é a do confinamento de Baal na terra da morte e sua libertação final. Há vários paralelos neste capítulo que sugerem que palavras e idéias foram emprestadas de ambos.

A primeira foto que ele usa é a luta de falha. A luz pode se referir ao vigor da própria vida. Mas certamente inclui sua influência e as chances de sucesso que ele poderia esperar ter. Seja qual for a flama que possa existir, praticamente não lança nada.

Morte e Sheol são regularmente retratados em termos de escuridão.

A luz falha dentro de sua própria habitação, mas é igualmente escura durante toda a vida. Ele está enfraquecido por sua posição para que ele não possa mais caminhar com confiança pela vida. Seus problemas não são simplesmente os da oposição. Seu modo de vida proporciona uma autodestruição incorporada. Ele é derrotado por seus próprios pensamentos e planos.

A segunda imagem (vv. 8-10) desenvolve a idéia de ser preso. O modo de vida que ele escolheu levou-o a uma rede para presas. Ele mesmo entra no lugar que o jogará no poço. São mencionados outros tipos de armadilhas. Algo como uma armadilha de aço fecha-se no calcanhar. Ele se vê preso nas malhas de uma armadilha. Ele entra no círculo de uma corda colocada no chão para o transeunte imprudente.

A luz de falha encontra uma descrição complementar em uma forma de vida que é predeterminada contra os perversos. Ele não pode ganhar.

A terceira figura é a do terrores (vv. 11-14). O homem perverso não terá segurança mental e emocional. Ele ficará com medo de sua própria sombra. Ele verá possibilidades espantosas em tudo e em todas as ocasiões. As fobias o levarão como cães em seus calcanhares. Os terrores são encontrados em outro lugar (ver Eze. 26:20) em termos de "o poço" e do submundo. As referências à escuridão fortalecem a idéia de um contexto de morte e do Seol.

A força desse homem é comido pela fome. Suas energias e seu impulso são prejudicados por cravings. Ele não possui reservas de espírito contra o fracasso. Quando o impulso de sua vida é abrandado, seu mundo inteiro cai.

Uma compreensão psicossomática da doença parece prefigurada na relação entre os terrores e a degeneração física. Sua pele cai presa dessas debilitações. O primogênito da morte retrata a doença terminal que se mostra no desperdício de seus membros.

A palavra hebraica para a morte é *mot* . Esta palavra é também o nome cananeu para o Deus do submundo. O mito babilônico fala do filho do Deus do submundo dess enviado em uma missão para conduzir novos candidatos para o submundo em suas armadilhas. Um significado desmistificado o associaria a doenças e destruição. Foi descrito como o demônio do destino do mal, atribuído o papel de dirigir as almas para o Seol.

O verso 14 retrata a morte. Na morte, o ímpio é arruinado da vida terrena e da habitação sobre a qual ele baseou toda a sua existência. Esta foi a base de sua confiança e foi insuficiente para sua última hora. A própria morte é retratada como o rei dos terrores. Esta é outra frase tirada da mitologia em que *Mot* era rei do reino da morte. Para os ímpios, tal fim só pode ser o clímax das ansiedades e fobias que dominaram a existência terrena.

JÓ não é o único aqui a se preocupar com os problemas da morte. Bildad vê a morte do homem perverso como o clímax dos terrores que enfrentou durante toda a vida. Ele continuará a mostrar que suas falhas na vida se cumprem na sua incapacidade de construir qualquer coisa que possa sobreviver a ele.

O poema faz uma pausa para considerar o que sobrou quando o perverso morre (v. 15-17). Isso trata da esperança que um homem poderia ter de que seus filhos vivessem depois dele na casa e do negócio que ele construiu para que, pelo menos, a memória de sua vida e seus trabalhos prolongarão a vida.

Não é assim para o homem perverso, diz Bildad. Aqueles que assumem a sua tenda não serão o seu povo, e os sinais de destruição estarão em toda parte em torno de sua habitação. O enxofre é aquele material inflamável semelhante a um alquileiro que tem sido tradicionalmente relacionado à destruição divina e ao castigo. Em contraste com a chama (paralela à luz) da vida (v. 5) queima o enxofre destrutivo do julgamento.

A planta da vida não é mais. Pereceu, secou por falta de sustento e a água da vida. Com isso, murcham os ramos que dependiam disso. A pessoa perversa não tem raiz para fornecer estes e, portanto, sem estabilidade.

O pior golpe de todos é a condenação a nenhum nome (v. 17). Foi então, e permanece agora, a esperança dos homens de que eles serão lembrados. De alguma maneira, essa esperança de superar a mortalidade não morrerá nos homens. Mas o ímpio não pode ter tal esperança. Sua memória desaparecerá da terra. Ninguém em sua rua memorializará seu nome.

O fim do homem perverso é então retratado (v. 18-20). Isso significa, para ele, ser jogado fora da luz na escuridão. A luz e a vida vão juntas. A morte ea escuridão são parceiros. Essas figuras são usadas em toda a Escritura. O Novo Testamento continua a figura para descrever o significado final nesta vida, bem como no próximo, mas há o cuidado de desenhar as linhas de diferenciação para que a vida leve continue além da morte na vida com Deus, enquanto a escuridão - a morte é vista para ser parte da vida sem Deus neste mundo, assim como o próximo.

A segunda imagem é a de ser expulsa da comunidade. Na morte, o homem perverso, finalmente, a sociedade estabeleceu o selo no distanciamento que ele promoveu o tempo todo. Ele é expulsado do mundo da ordem, da justiça, da vida. A vida perversa é incapaz de continuar na vida de um filho. Sua própria carne e sangue não herdará suas posses. Não haverá ninguém para entrar em seus sapatos.

A imagem é completada com a indicação da reação que as pessoas em todos os lugares têm para sua vida e seu fim. Eles estão horrorizados e horrorizados. Bildad sente que eles vêem esse homem como um exemplo horrível que eles não querem imitar.

O discurso termina com o apelo que, pelo menos, isso seja reconhecido como a verdade assegurada. Este é o caminho da vida do maligno, daquele que não conhece Deus. Estes são sinônimos para os perversos (v. 5). Bildad não está simplesmente falando sobre o homem ruim, mas sobre o homem que na corte de Deus seria julgado como "errado". Por padrões de Bildad isso significa que ele é aquele que se recusou a submeter-se a Deus, a reconhecer o seu soberania absoluta, e viver como seu assunto.

11. Quinta resposta de JÓ (19: 1-29)

O discurso começa com a vigorosa acusação de JÓ de que os amigos estão perseguindo-o. Ele insiste que Deus o colocou nesta posição. Deus é responsável pelo descontentamento de seus ex-amigos e familiares. JÓ não consegue entender por que eles, como Deus, decidiram fugi-lo. O discurso fecha um forte tom de esperança para a reivindicação, mesmo que seja além da morte.

Os discursos dos amigos parecem ser reiterações de posições predeterminadas. Os discursos de JÓ mostram movimento e progresso enquanto ele toca alguns tópicos repetidamente. Neste discurso central, ele alcança uma espécie de clímax, passando por uma solução de tipo que o ajuda a superar sua pior tentação.

Ao fazer isso, ele resume as idéias de capítulos anteriores: a integridade de uma consciência livre (6:30 ; 9:29 ; 10: 7 ; 16:17); a certeza de que Deus apoiará isso quando ele finalmente entrar no caso (10: 2 , 7 ; 13:23 ; 16:21); o sentimento de que Deus deve desejar por ele, como ele faz por Deus (7: 8 , 21 ; 10: 8-9 ; 14:15); A esperança contínua de que Deus finalmente parecerá o vindicar (14: 13-15).

(1) "Deus me colocou mal" (19: 1-12)

1 Então JÓ respondeu:

2 "Por quanto tempo você me atormentará,

e me peda em pedaços com palavras?

3 Estas dez vezes você me criticou;

Você não está envergonhado de me erradicar?

4 E mesmo que seja verdade que eu erratei,

meu erro permanece comigo mesmo.

5 Se, de verdade, você se magnificar contra mim,

e faça minha humilhação um argumento contra mim,

6 sei então que Deus me colocou no errado,

e fechou sua rede sobre mim.

7 Eis que clamo, 'Violência!' mas não me responde;

Ligue alto, mas não há justiça.

8 Ele abriu meu caminho, para que eu não possa passar,

e ele colocou a escuridão em meus caminhos.

9 Ele despojou da minha glória,

e tirei a coroa da minha cabeça.

10 Ele me separa de todos os lados, e eu fui embora,

e minha esperança ele puxou para cima como uma árvore.

11 Ele acendeu sua ira contra mim,

e me conta como seu adversário.

12 As suas tropas juntam-se;

eles criaram assentamentos contra mim,
e acampar em torno da minha tenda.

JÓ se transforma em uma denúncia furiosa contra os amigos que conseguem a tortura em vez do conforto. Eles não terão o suficiente, mas pressionam seus argumentos com tanta persistência que JÓ sente que está sendo quebrado. Ele repete a acusação de Bildad (18: 2), "Quanto tempo ... palavras?"

Dez vezes. O número é provavelmente apenas um número redondo utilizado para a ênfase. Mas o erudito judeu, Rashi, entendeu que se refere ao número total de discursos até este ponto, cinco por JÓ e cinco por seus amigos.

No v. 4, a sequência de tempos mostra que JÓ representa uma condição contrária ao fato. "Mesmo que eu tivesse errado (o que eu não tenho)", faz o seu significado. Ele coloca a possibilidade de argumentar para demonstrar que seu ponto não é bem tomado. A apósseis pode ser uma questão, como sugere o Papa: "Minha culpa é minha comigo?". À luz do v. 6, isso é apropriado.

Nos v. 5, os tempos mostram que é uma condição mais provável: "Se é verdade que você se magnifica contra mim (como de fato você faz)". A segunda parte do versículo é do mesmo humor. Nestes JÓ resume sua impressão do argumento dos amigos para este ponto.

Contra os pensamentos de Bildad e Elihu de que é impossível para Deus fazer uma injustiça (8: 3 ; 34:12), JÓ declara corajosamente que Deus é aquele que o colocou na posição de ser declarado "culpado". Deus aprisionou Ele nesta situação.

Note-se que a principal afirmação da JÓ não é essa. Ele afirma e desenvolve esse pensamento apenas para extrair as implicações das palavras de seus amigos. Se as suas humilhações devem ser usadas como um argumento contra a sua inocência anterior, a convicção de que Deus lhe fez isso leva à conclusão de que Deus determinou diabólicamente que o atrapalhasse para a destruição.

Bildad disse que o culpado está preso em sua própria rede (18: 8). JÓ diz (v. 6): "Não é sol, é a rede de Deus". Na epoca da criação da Babilônia, Marduk usa uma rede para atrapalhar o grande dragão, Tiamat. Para desenvolver o tema, o poeta aparentemente cai em outras figuras tiradas do antigo mito babilônico da descida de Ishtar para o submundo. Em cada um dos sete portões, ela deve tirar uma parte de sua regalia até ela ficar nua antes de Ereshkigal, rainha do submundo. Então ela é presa por meses, enquanto sua ausência da Terra interrompe a seqüência de concepção e nascimento.

JÓ começa sua foto de ser preso por Deus (v. 7). Ele chora em voz alta, ousando chamar o que é. Mas ninguém responde. É como um crime cometido em uma rua metropolitana onde ninguém ousa responder o grito de ajuda ou testemunhar contra os atacantes. Os processos de justiça simplesmente não funcionam.

Outros no Antigo Testamento não se queixam de nenhuma resposta de Deus (Isaías 58: 9 , Jeremias 20: 8 , Mic. 3: 4 ; Hab. 1: 2). Eliú tem certeza de que o motivo está no orgulho de JÓ (35:12).

JÓ se queixa de que o caminho dele está encalhado e que a escuridão pressiona-o (v. 8). O caminho para o submundo foi descrito como um corredor com paredes em ambos os lados. Na terra da morte, há apenas escuridão, sem luz. A figura é usada em 1:10 para descrever o cuidado protetor de Deus. Quão facilmente as paredes podem mudar sua impressão! As paredes construídas para proteção são alteradas pelo medo e a suspeita às barreiras da prisão. O primeiro lamento de JÓ também combinou a idéia de luz e restrição, visto nelas uma anomalia (3:23).

O processo continua com a remoção da glória e da coroa. Glória é literalmente honra e pode se referir ao prestígio de bens. Para JÓ isso também pode incluir sua reputação ou seus filhos. O primeiro estágio de Ishtar da "descida" foi marcado com a perda de sua coroa.

Me derruba pode igualmente ser interpretado como "lágrimas para mim" e relembrar que Ishtar está sendo despojada de suas roupas reais. Sua situação, como a de JÓ, era cada vez mais impossível. Os versos 10-11 traçam uma série de etapas em ordem sucessiva: "Ele me rasga por toda parte; então eu continuo; então ele puxa minha esperança como uma árvore; então sua ira queima contra mim; e então ele me conta como um adversário, tanto quanto ele ". A construção sintática é distinta, pertencendo mais à narrativa do que à poesia. Mas o efeito é dramático e claro.

Considerando que, normalmente, alguém determinaria quem era seu inimigo e depois o atacava, neste caso, Deus fez exatamente o contrário; isto é, se os amigos estão corretos em sua foto sobre a situação e se JÓ está correto sobre sua própria falta de culpa.

Mais uma vez, há um paralelo no mito. Quando Ishtar finalmente chega, Ereshkigal imediatamente prescreve uma série de terríveis pragas para ela. Então JÓ sente que ele percorreu o longo caminho de seu sofrimento apenas para descobrir, se os amigos estão certos, que a ira de Deus tem novas provações para ele antes **que** ele possa realmente enfrentar seu atormentador.

O versículo 12 gira para uma cena de guerra. Já não é a imagem de uma sala do tribunal, a linguagem marcial desenvolve a idéia de "adversário" como a de um inimigo no campo de batalha. Então, Deus organiza suas tremendas forças, trazendo sua artilharia pesada, se quiser, apenas para demolir JÓ.

Nestes versículos, JÓ parece ter tomado as figuras de Bildad de "terrores" e "primogênitos da morte", com suas alusões míticas, muito seriamente. Mas ao fazê-lo, ele não tem espaço para o drama politeísta com muitos dramatis personae. Deus é o único Outro neste drama. Se a figura é válida, diz JÓ, então Deus desempenha os papéis do rei da morte, bem como o dos demônios que rebanham almas pobres como JÓ através dos corredores tortuosos e sobre os obstáculos aterradores e terríveis que marcam esse caminho para o reino de morte.

(2) "Por que você me persegue?" (19: 13-22)

13 "Ele colocou meus irmãos longe de mim,
e meus conhecidos estão completamente afastados de mim.

14 Meus parentes e meus amigos íntimos me falharam;

15 os convidados na minha casa se esqueceram de mim;
minhas donzelas contam-me como um estranho;
Eu me tornei um alienígena em seus olhos.

16 Ligue para o meu servo, mas ele não me responde;

Devo lhe suplicar com a boca.

17 Eu sou repulsivo para minha esposa,

repugnante para os filhos da minha própria mãe.

18 Mesmo crianças pequenas me desprezam;

Quando eu me levanto eles falam contra mim.

19 Todos os meus amigos íntimos me abominam,

e aqueles a quem amei se voltaram contra mim.

20 Os meus ossos se juntam à minha pele e à minha carne,

e escapei pela pele dos meus dentes.

21 Tenha piedade de mim, tenha piedade de mim, ó meus amigos,

Pois a mão de Deus me tocou!

22 Por que você, como Deus, me persegue?

Por que você não está satisfeito com minha carne?

Aqui JÓ deixa as fotos míticas para citar a situação realista e atrair seus amigos. Ele voltará a desenhar dos símbolos míticos novamente no final do capítulo.

Os resultados das ações de Deus contra JÓ são sentidos em suas relações com seus semelhantes. Irmãos e amigos parecem viver em mundos diferentes de si mesmo. Eles estão totalmente afastados dele. Os laços mais próximos de familiares e parentes cederam antes da investida da perseguição de Deus. Pessoas que foram convidados em sua própria casa já não o reconhecem. Ele não tem relação com seus servos. Eles o tratam como um estranho sem reconhecimento de sua autoridade ou posição. Suas ordens não são atendidas.

O "corte cruel de todos" é que sua própria esposa de muitos anos o encontra repulsivo nesta condição (v. 19). Ela não foi mencionada desde a referência em 2: 9-10, onde JÓ a repreendeu por sugerir que ele provocasse que Deus o matasse. O verso lê, literalmente, "Meu suspiro é repulsivo". JÓ tem

halitose. Os filhos de minha própria mãe traduzem o que é literalmente "os filhos do meu ventre". Embora diferentes interpretações tenham sido sugeridas, provavelmente é simplesmente uma frase para enfatizar que eles são seus verdadeiros irmãos ou irmãs. "Meu útero", então, significa o útero do qual eu nasci. Pequenos filhos e seus amigos mais próximos podem ser contados para aqueles que não querem mais compartilhar sua empresa.

Como para explicar sua exclusão da sociedade humana, ele dá uma descrição lamentável de sua condição física emaciada. Este versículo (20) é a origem da frase freqüentemente usada "escapada pela pele dos meus dentes". A pele dos meus dentes pode se referir às gengivas, indicando que seus dentes caíram. Ou, ele pode se referir a suas bochechas que se tornaram tão finas que quase não cobriam os dentes.

Com este JÓ se volta para o seu pitiful pedido de misericórdia. Ele implora aos seus amigos que reconheçam que seu sofrimento é da mão de Deus, seja qual for o motivo. Se pudessem ver isso, poderiam ser capazes de realizar sua tarefa de conforto.

Mas eles não podem, ou não, fazê-lo. Ao não ter essa compreensão e piedade para JÓ, eles se identificam com a perseguição de Deus. JÓ está intrigado o suficiente sobre as razões de Deus para esse tratamento. Ele não pode aceitar a explicação dos amigos para isso. E ele certamente não consegue entender por que eles se juntam na perseguição, pois seus argumentos efetivamente fazem.

Satisfeito com minha carne. A frase é difícil nesta configuração. "Coma a carne" pode ser uma figura de discurso para calúnia (Salmo 27: 2 , Dan 3: 8 ; 4:25). Mas também não houve queixa de difamação. Então, o significado exato permanece um mistério. Talvez JÓ apenas se queie de que os argumentos dos amigos indicam o sadismo insaciável que praticam com as palavras.

(3) "O Redentor vive" (19: 23-29)

23 "Oh, minhas palavras foram escritas!
Oh, que eles foram inscritos em um livro!

24 Oh, com uma caneta de ferro e chumbo

Eles foram esculpidos no rock para sempre!

25 Pois eu sei que o meu Redentor vive,

e, finalmente, ele estará de pé sobre a terra;

[26] e depois que minha pele foi assim destruída,

então da minha carne eu vejo Deus,

[27a] quem vejo do meu lado,

e os meus olhos contemplarão, e não outro.
Meu coração desmaia dentro de mim!

[28] Se você diz: "Como o seguiremos!"

e, 'A raiz da questão é encontrada nele';

[29] tenha medo da espada,

porque a ira traz o castigo da espada,
para que você possa saber que há um julgamento ".

JÓ é superado com o pensamento de que o fim está próximo, mas seu caso não foi ouvido. Isso o leva a ansiar por um registro permanente de seu testemunho. O inscrito está gravado literalmente. Isso não caberia com um livro de couro ou papiro. No entanto, a palavra pode ser emprestada do cobre akkadiano e médio. Neste caso, ele descreve a escrita em uma fina camada de cobre, segundo a moda agora conhecida no rolo de cobre encontrado em Qumran (ver Papa).

O verso 24 exige material ainda mais durável. JÓ quer que suas palavras sejam escritas em chumbo e rock com uma ferramenta de ferro. Os comprimidos de chumbo foram utilizados tanto pelos gregos quanto pelos romanos. Às vezes, eles parecem ter sido usados para enviar mensagens aos deuses, particularmente o Deus do submundo.

Os versículos 25-27 são uma passagem crucial para entender JÓ e sua posição. Mas também é muito difícil e frustrante tentar entender. As palavras, como muitas vezes em JÓ, tendem a ser obscuras. A sequência de tempos no hebraico é confusa. A relação com o seu contexto não é clara.

O contexto dos versos é a crise no pensamento de JÓ. Ele não conseguiu obter entendimento de seus ouvintes por sua afirmação de que as pragas enviadas de Deus são imerecidas. Em vez disso, julgaram-no culpado de um pecado horrível, embora desconhecido.

Deus até agora não conseguiu intervir em seu favor aos amigos. O progresso da doença é tal que JÓ está convencido de que ele não pode sobreviver por

muito mais tempo. A pressão psíquica é tal que ele cai em profundos pensamentos de desespero.

Nessa situação, JÓ acolhe favoravelmente a perspectiva da morte, que aliviará sua miséria e se rebelará contra a perspectiva de perder seu caso por padrão quando ele morrer. A perspectiva de morte iminente está em primeiro plano desta passagem, onde ele apenas desejava a possibilidade de preservar seu testemunho de uma maneira que sobreviveria à morte.

Uma questão-chave é se os versos são destinados como uma afirmação positiva da esperança ou como um amargo último grito de desespero. Neste texto literal é equívoco. Os intérpretes cristãos na igreja primitiva viram neste versículo uma referência à ressurreição. Nessa direção, viram nela o clímax da confiança na justiça e na redenção de Deus.

Clemente de Roma foi um dos primeiros a interpretar o verso no sentido da ressurreição. Origen identificou o Redentor como Cristo. A visão da passagem como profecia da ressurreição continuou entre intérpretes católicos e protestantes até o século XIX. Então os comentadores foram divididos entre a interpretação "antes da morte" e "após a morte" dos versos. Ambos compreenderam os versos como uma expressão de confiança e esperança.

Mas mesmo essa visão básica foi desafiada. Zink entende toda a seção como um grito de desespero. JÓ desistiu. Ele sabe que há quem poderia reivindicá-lo se quisesse. Isso pode ser após a morte, mas JÓ sente que tal movimento não conseguirá o que é necessário.

Outras questões tornam a atitude da passagem para a vida após a morte e a identidade do "Redentor". As opiniões variam amplamente. O principal problema na última questão é se o autor de JÓ entendeu isso se referir ao próprio Deus ou a algum outro ser celestial.

A interpretação deve se mover palavra por palavra e linha por linha através da passagem. Para (v. 25) não é exigido pelo original hebraico. Tem uma conjunção simples antes da forte ênfase no pronome da primeira pessoa. Isso significa que a relação do versículo com as linhas anteriores não é determinada pela partícula, mas deve ser aprendida a partir do contexto.

Contra as possibilidades irreais expressas em vv. 23-24, que realmente não resolveu seu problema básico, JÓ agora afirma um fato forte do conhecimento pessoal: "Eu mesmo sei". O verbo está no tempo perfeito, expressando certeza. O verbo saber pode expressar o conhecimento de um fato, mas é mais usado para expressar o conhecimento de uma pessoa. Não há nenhuma parte aqui para exigir a tradução "saber disso". Em vez disso, a tradução, "Conheço o meu redentor", é mais natural. O verbo também está relacionado a "que você

possa saber que há um julgamento" (v. 20 *b*) . A certeza de JÓ de seu vingador-redentor é a base para sua garantia de que os amigos serão provados errado.

Meu Redentor. A palavra hebraica *go'el* pertencia originalmente à área do direito da família. Sua função era "proteger a vida ou a vitalidade do indivíduo e do grupo de parentesco e assim preservar sua posição na sociedade, mantendo intactas a sua unidade ou integridade essencial" (AR Johnson, "O significado primário de goel", *Suplemento para Vetus Testamentum I,* [1953], p. 71). Este é o parente mais próximo responsável. Ele deve agir para resgatar pelos bens ou bens da família que foram perdidos por dívidas. Nesse sentido, significa redimir.

Este membro da família também pode ser o vingador que libera o sangue da vítima. Nisto é o "redentor de sangue" (cf. Números 35:12 , Deut. 19: 6 , 12 , Josué 20: 3). Ele também resgata da escravidão (Levítico 25:48). No livro de Rute, o parente é obrigado a comprar as terras perdidas pela morte e a se casar com a viúva para criar um filho.

O termo redentor também pode ser aplicado a Deus. Os laços de parentesco obrigam Deus por causa de sua eleição para redimir a Jacó (Gn 48:16) ou a Israel. Deus é retratado como o redentor de Israel com maior força em Isaías 40-66 . Em termos técnicos, a base da relação de JÓ com Deus não está definida no livro. Na melhor das hipóteses, pode-se tomar os termos "meu servo" (1: 8) ou "aquele que temeu a Deus" (1: 1 , 8). Mas não está claro o quanto qualquer um destes implica a relação eleitoral e da aliança que o Antigo Testamento geralmente implica na reivindicação de Deus como redentor.

JÓ não conseguiu encontrar alguém de seu parente ou seus companheiros para defendê-lo. No entanto, ele está confiante ou determinado, que ele conhece seu vingador (no sentido de quem o vindica diante de seus vizinhos e amigos) ou seu redentor (no sentido de quem restaura a integridade da vida e das posses).

Vidas. O original é um adjetivo "vivo". Geralmente é tomado para modificar o "redentor", dando o significado de "o meu redentor está vivo". Mas isso não é certo. Poderia referir-se a JÓ e dar o significado: "Eu (estou determinado a) conheço o meu redentor (enquanto estou) vivo". O problema foi de vida ou morte para o próprio JÓ.

Finalmente. Isso pode levar o significado simples, em um momento posterior. O Papa (p. 135) sugere um significado diferente para a palavra como sinônimo de "redentor" que significa "garante", mas isso não alteraria substancialmente o significado.

Fique de posse sobre a terra é literalmente "ele se levantará sobre (ou sobre) o pó". É um idioma apropriado para o trabalho do vingador (ver Gênesis 1:10) que se levanta sobre o pó que grita vingança.

Na versão 26, JÓ escolhe as referências a sua condição emaciada usando pele e carne. Destruído é literalmente "despojado". Da minha carne dividiu os críticos. A preposição de pode indicar separação no sentido do RSV, ou pode indicar o ponto a partir do qual a visão ocorre - daí "da minha carne ainda está intacta". A questão não pode ser resolvida pela gramática.

Veja em vv. *26b* e 27 *um* meio para ver como em uma visão, enquanto os olhos na v. 27 *b* é a palavra normal para a visão. Nem outro é literalmente "ele não será um estranho". Ele será visto como o parente que ele é. A última linha do v. 27 lê literalmente: "Meus rins serão usados dentro de mim" (ou seja, os órgãos da JÓ estão prestes a deixar de funcionar).

Parte da singularidade desses versículos é | a grande ênfase pessoal. "Eu", "eu", ou "meu" aparecem doze vezes em três versos.

A sequência de tempos e a ordem das palavras hebraicas também foram um enigma. A tradução de RSV não reflete essas mudanças. Uma tentativa de fazer justiça a estes pode dar uma tradução como esta:

Eu mesmo conheço o meu redentor-vingador (está) vivo, (Mas somente) depois ele se levantará sobre o pó Depois de terem tirado minha pele (como) isso, Sem minha carne, eu posso imaginar Deus, a quem eu pessoalmente poderia imaginar para mim mesmo . (Mas, mesmo que) meus próprios olhos o tivessem visto e ele não tivesse atuado como um estranho, meus rins esgotaram dentro de mim.

Os versos são como muito mais nos discursos de JÓ. Eles são uma auto-contradição. JÓ expressa a verdadeira certeza de que Deus ou o próprio representante celestial de Deus o vingará e o vindicará. Mas essa certeza é totalmente subjetiva. Aplica-se apenas ao que ele conhece a si mesmo. O fato objetivo chegará tarde demais para fazer o que ele quer mais para JÓ: permitir que ele experimente essa justificativa quando seus amigos são reprovados. Ele sente que a morte é muito próxima para que isso venha agora.

Uma investigação cuidadosa do texto não dá fundamento para pensar que o autor de JÓ tenha em mente qualquer imagem de ressurreição. Nem o texto indica qualquer esperança genuína obtida com o pensamento de que isso pode acontecer após a morte. É só neste ponto que alguns pensamentos judeus mais tarde e especialmente a esperança cristã vêem as coisas de maneira diferente. Por causa dessa mudança básica na atitude para a vida após a morte

e para o julgamento nela, não é de admirar que JÓ tenha sido interpretado como tendo atraído um brilho desta verdade.

Os versículos finais (28-29) continuam o pensamento explicado acima. Mesmo que JÓ não espere estar presente para a aparência e o trabalho do redentor, ele adverte os amigos que eles devem esperar dele. Eles podem estar muito confiantes do seu caso agora (v. 28), mas eles fariam bem em ser respeitoso com a justiça e temer sua aplicação.

A espada às vezes é retratada como um agente independente de julgamento (Gênesis 3:24 ; Ezequiel 21: 13-32). Se os amigos continuam em sua atitude e a perseguição de JÓ, eles estão cometendo um crime punível com a morte. Eles experimentarão o trabalho de seu vingador e, assim, sabem que há uma resposta justa a ações erradas. Com este aviso, JÓ termina o discurso que começou com um apelo aos amigos; continuou com uma imagem lamentável e amarga das ações de Deus contra ele, o que não o deixou sem família nem amigos; e atingiu seu clímax em uma confissão de confiança em seu redentor-vingador pessoal, embora ele temesse que seu trabalho chegaria tarde demais para trazer a vindicação JÓ.

12. O segundo discurso de Zophar (20: 1-29)

Este capítulo é paralelo ao discurso de Bildad no capítulo 18 . Ele também elabora a destruição dos ímpios. Juntos, os capítulos formam um quadro apropriado para o excelente discurso de JÓ no capítulo 19. Os discursos dos amigos são rígidos, imutáveis e quase monótonos. Isso contrasta fortemente com a luta criativa de JÓ com seu problema.

(1) The Wicked's Gain is Brief (20: 1-11)

[1] Então Zophar, o Naamathite, respondeu:

[2] "Portanto, meus pensamentos me respondem,

por minha pressa dentro de mim.

[3] Ouço censura que me insulta,

E, do meu entendimento, um espírito me responde.

[4] Você não sabe disso desde o início,

uma vez que o homem foi colocado sobre a Terra,

[5] que o exultante dos ímpios é curto,

e a alegria do deus menos, mas por um momento?

6 Embora sua altura monte até os céus,

e sua cabeça atinge as nuvens,

7 ele perecerá para sempre como seu próprio esterco;

aqueles que o viram dirão: "Onde ele está?"

8 Ele voará como um sonho e não será encontrado;

Ele será perseguido como uma visão da noite.

9 O olho que o viu não o verá mais,

nem o seu lugar mais o verá.

10 Seus filhos buscarão o favor dos pobres,

e suas mãos devolverão sua riqueza.

11 Seus ossos estão cheios de vigor juvenil,

Mas ele vai se deitar com ele na poeira.

O começo é tão abrupto que implica que faltam algumas afirmações básicas, ou talvez seja destinado a indicar uma resposta direta ao discurso de JÓ que ele sente ter feito o caso dele.

Zophar admite ser abalado e ferido pelo discurso de JÓ (v. 3). Esta é a única vez que um dos amigos admite impressionar pelo que JÓ disse. A censura pode se referir às palavras de JÓ em 19:21 ou 19:29 , ambas as quais foram direcionadas diretamente a elas. Mas então Zophar recupera a sua compostura e continua o ataque ao reiterar a posição exposta por seus colegas. Se alguma coisa ele é mais veemente e bruto do que eles. O desastre vem prontamente e inevitavelmente sobre o homem perverso. Seja qual for o prazer que ele pense, ele deriva do seu modo de vida é de curta duração. Isso é verdade, sempre foi, e sempre será, diz Zophar. É um fato de experiência universal. Seu objetivo é fazer JÓ admitir isso e confessar que está confirmado em seu próprio caso.

(2) Ele o fará Doente (20: 12-19)

12 "Embora a maldade seja doce em sua boca,
embora ele o esconda debaixo da língua,

13 embora ele não tenha vontade de deixá-lo ir,

e segura na boca dele,

14 ainda a comida dele está virada no estômago;

É o galo de asps dentro dele.

15 Ele engole riquezas e vomita novamente;

Deus os expulsa da barriga.

16 Ele sugará o veneno de Asps;

A língua de uma víbora vai matá-lo.

17 Ele não olhará para os rios,

os córregos fluem com mel e coalhada.

18 Ele dará o fruto do seu trabalho,

e não o engolirá; A partir do lucro de sua negociação, ele não terá prazer.

19 Pois ele esmagou e abandonou o pobre,

Ele tomou uma casa que ele não construiu.

A pessoa perversa não tem permissão para desfrutar do luxo mal adquirido. A comida o deixa doente. Isso o envenenará como uma mordida de cobra (v. 16). Ele não tem a paz de espírito para apreciar coisas agradáveis (v. 17).

Este discurso como o de Bildad (capítulo 18) mostra uma familiaridade com a mitologia épica da cananita. As figuras de angústia através da indigestão aguda, a mordida de cobra e a perspectiva de nunca mais procurar coisas agradáveis são tiradas dessa fonte.

Nessa configuração, eles são usados para mostrar que há um tipo de retribuição incorporada no esquema de coisas que tornam impossível o crime pagar. Essas coisas ruins são citadas como tipos de julgamento pelos crimes listados no final (v. 19).

(3) Ele não salvou nada (20: 20-29)

20 "Porque sua ganância não sabia descansar,

Ele não salvará nada em que se deleite.

21 Não resta mais nada depois de ter comido;

portanto, sua prosperidade não vai durar.

22 Na plenitude de sua suficiência, ele estará em estreito;

Toda a força da miséria virá sobre ele.

23 Para preencher a barriga ao máximo

Deus enviará sua feroz ira para ele,
e chove sobre ele como sua comida.

24 Ele fugirá de uma arma de ferro;

uma flecha de bronze o atravessará.

25 É extraído e sai do seu corpo,

o ponto mais brilhante sai do seu galo;
Aparecem terrores sobre ele.

26 Toda a escuridão é guardada por seus tesouros;

um fogo não soprado será devorá-lo;
O que sobrará na sua tenda será consumido.

27 Os céus revelarão sua iniqüidade,

e a terra se levantará contra ele.

28 As possessões de sua casa serão levadas,

arrastado no dia da ira de Deus.

29 Esta é a parte do homem perverso de Deus,

o patrimônio decretado por ele por Deus ".

Tal como dizem os amigos, esses versículos contêm uma verdade considerável. A ganância inquieta que acumula muito, mas não pode apreciar nada (v. 20-22) é exemplificada muitas vezes no materialismo moderno. Este

apetite insaciável será cumprido com a barriga cheia de coisas de julgamento enviadas por Deus, que destroem um homem tão segura como seria uma arma (v. 23-25).

O RSV correctamente inseriu Deus na v. 23 , uma vez que a referência só pode ser para ele. Os amigos geralmente evitam identificar Deus tão diretamente com essas coisas. No entanto, eles vêem toda a realidade, tanto celestial como terrestre, como sendo tão unificada nesta aplicação da justiça retributiva (v. 27) que eles implicam que tudo o que acontece é realmente de Deus e está cumprindo esse único propósito (v. 29).

A conclusão para o discurso é muito semelhante à usada por Bildad (18:21) e usa o mesmo nome para Deus, *'El.*

13. Sexta Respondência de JÓ (21: 1-34)

JÓ finalmente conhece o argumento teórico de seus amigos diretamente. Ele nega a verdade de sua alegação de que os ímpios são inevitavelmente punidos. Isso simplesmente não é verdade. Ele usa as palavras "consolação" (v. 2) e "conforto" (v. 34) para contrastar ironicamente o que os amigos se propuseram a fazer com o que realmente fizeram.

(1) "Por que não impaciente?" (21: 1-6)

1 Então JÓ respondeu:

2 "Escute atentamente as minhas palavras,

e deixe isso ser seu consolo.

3 Urso comigo, e vou falar,

e depois de ter falado, zombai.

4 Quanto a mim, minha queixa contra o homem?

Por que eu não deveria ser impaciente?

5 Olhe para mim e fique atônito,

e coloque sua mão em sua boca.

4 Quando penso nisso, estou consternado,

e o estremecimento toma minha carne.

JÓ convida seus amigos a estender-lhe uma cortesia, sua atenção. Seu consolo provavelmente deve ser entendido como "o consolo que você dá". Se assim for, a cortesia concedida na escuta é a substância do consolo solicitado. Os amigos vieram para consolar JÓ (2:11), mas muito pouco ou nada que disseram ou fizeram cumpriu isso.

Mock on (3 *b*) . Os outros verbos foram plurais e dirigidos aos amigos como um grupo. Isso é singular e aparentemente abordado diretamente para Zophar, referindo-se ao seu último discurso e sua implicação de que JÓ se encaixa na categoria dos ímpios.

Com uma pergunta retórica (v. 4a), JÓ lembra que sua queixa não foi contra eles nem contra a humanidade como um todo. Em vez disso, foi dirigida a Deus. Além disso, seu problema ainda não possui solução. Se ele se sentiu justificado em sua primeira resposta (6: 3) por "palavras precipitadas", e se no início deste segundo ciclo (16: 4-6), ele percebeu a inutilidade de tantas conversas, ele ainda se sente bem para ser impaciente.

Um dos contrastes interessantes na descrição de JÓ dentro do livro gira sua paciência. O prólogo apresenta-o como o próprio epítome do longo sofrimento paciente. Seu equilíbrio emocional é proverbial. Em contraste com esta é a impressão obtida de seu lamento (capítulo 3) e os seguintes discursos no diálogo. Nestes, ele tempestades as paredes do céu na sua insistência de que Deus ouça e responda a ele. O efeito sóbrio dos discursos do Senhor retorna JÓ à aceitação paciente (40: 3-5 ; 42: 1-6).

Então JÓ desafia os amigos a olharem realmente para sua condição terrível (v. 5). Eles falaram sobre os perversos em geral, mas raramente mostraram que eles realmente observaram o JÓ real ou sua condição. Sempre que JÓ faz um inventário de si mesmo, ele estremece consternado.

(2) Por que o Wicked vive por muito tempo? (21: 7-16)

7 Por que os ímpios vivem,
alcançar a velhice e crescer poderoso no poder?

8 Seus filhos estão estabelecidos em sua presença,

e sua prole diante de seus olhos.

9 Suas casas estão a salvo do medo,

e nenhuma haste de Deus está sobre eles.

10 Suas raças de touros sem falhas;

seus bezerros de vacas, e não joga sua panturrilha.

11 Eles enviam seus pequeninos como um rebanho,

e seus filhos dançam.

12 Eles cantam para o tamborim e a lira,

e se alegra com o som do cachimbo.

13 Eles passam seus dias em prosperidade,

e em paz eles descem para o Seol .

14 Dizem a Deus: "Saia de nós!

Não desejamos o conhecimento de seus caminhos.

15 O que é o Todo-Poderoso, que devemos atendê-lo?

E que lucro obtemos se rezarmos para ele?

16 Eis que a sua prosperidade não está em sua mão?

O conselho dos ímpios está longe de mim.

Na medida em que o livro de JÓ se destina a refutar a doutrina de eleições comumente realizada, mas não realista, este capítulo leva a um clímax. A pergunta feita no v. 7 ocorre em outro lugar (Jeremias 12: 1-2 ; Salmos 58: 1-5 ; 73: 3s. , Mal. 3: 5). Se a ordem das coisas é tão amável e segura, como Bildad e Zophar as retrataram, como é que uma conta para os fatos observáveis na vida daqueles que, obviamente, se encaixam nessa categoria?

A imagem de JÓ do que muitas vezes acontece para os ímpios contradiz categoricamente a visão de Bildad de seu modo de vida (ver 18: 5-21). Além disso, ele parece contrastar, por implicação, a experiência observada de pessoas perversas com o que aconteceu com ele, sua família e suas posses.

Rod de Deus. Esta é uma referência óbvia à convicção de JÓ de que a aflição de Deus está fortemente sobre ele. Os amigos pensam que isso deve refletir o pecado terrível em sua vida. Mas nenhuma aflição de punição é observável na experiência dos ímpios.

Os filhos de JÓ também levaram uma vida como a descrita em vv. 11-13 , mas foram cortados no auge da vida. A folia retratada no v. 12 é paralela ao

culto de Baal (Isaías 5:12 ; Amós 6: 5). Instrumentos e cantos semelhantes são registrados nos Salmos para pertencer ao culto no Templo. Mas aqui não parece haver implicação religiosa. A música é secular e simplesmente uma expressão de uma vida feliz e despreocupada.

Em paz (v. 13 *b*) lê literalmente "em um momento". O antigo comentarista judeu, Rashi, entendeu isso significar que eles viveram para uma velhice e morreram silenciosamente sem o sofrimento de uma longa doença.

Em vv. 14-15 os ímpios são retratados em termos opostos à atitude dos justos que desejam conhecer a Deus e seus caminhos mais do que qualquer outra coisa (Salmo 25: 4). As perguntas pediram tocar nos dois pólos de motivação para o culto. O primeiro coloca a questão de Deus e sugere que uma pessoa adore porque Deus é quem ele é. Ao não adorar, alguém testemunha uma visão de Deus que o despreza ou o demoniza. Este é o pecado básico da pessoa que não procura a presença de Deus nem o conhece. Para evitar isso por medo, realmente estaria pagando mais respeito a Deus.

A segunda pergunta sugere exatamente a atitude que o Adversário atribuiu a JÓ: "JÓ teme a Deus por nada?" (1: 9). JÓ provou e está provando que essa alegação é falsa. Ele sugere aqui que a razão pela qual os ímpios não querem um conhecimento dos caminhos de Deus é porque eles não podem ver com antecedência nenhum lucro por si mesmos. Portanto, sem um "temor de Deus" pelo que é e possuindo um motivo de lucro auto-buscado em tudo o que eles fazem, eles não adoram ou querem conhecer os caminhos de Deus.

Contudo, a prosperidade está em suas mãos! Esse é o próprio ponto do discurso. A segunda linha do v. 16 parece ser um comentário piedoso, negando o suporte da visão que está sendo apresentada. Se JÓ diz ou se é inserido por um escriba piedoso que fica chocado com a imagem é impossível determinar.

(3) Todos os homens vivem e morrem igual (21: 17-26)

17 Com que frequência é que a lâmpada do perverso está apagada?
Que a sua calamidade vem sobre eles?
Que Deus distribui dores na sua ira?

18 Que são como palha diante do vento,

e como palhaça que a tempestade leva embora?

19 Você diz: "Deus guarda a sua iniqüidade por seus filhos".

Deixe-o recompensar para si mesmo, para que eles possam conhecê-lo.

[20] Deixe seus próprios olhos ver sua destruição,

e deixe-os beber da ira do Todo-Poderoso.

[21] Para o que eles cuidam de suas casas depois deles,

*quando o número de seus meses é interrompido **?***

[22] Será que qualquer ensinar o conhecimento de Deus,

vendo que ele julga aqueles que estão no alto?

[23] Um morre em plena prosperidade,

sendo totalmente à vontade e seguro,

[24] seu corpo cheio de gordura

e a medula de seus ossos úmida.

[25] Outro morre em amargura de alma,

nunca tendo sabado o bem.

[26] Eles se deitam na poeira,

e os vermes os cobrem.

Esta seção retoma os pronunciamentos da BIBLI. Em 18: 5-6, ele disse que "a luz dos ímpios é apagada". Agora JÓ pergunta: Com que frequência? (v. 17). Bildad falou de destruição (18:12). Ele repete a questão de quantas vezes ocorre sua calamidade (a mesma palavra em Heb.) (V. 17 *b*) . Em 18:10, Bildad falou de "uma corda" que estava pronta para eles. A mesma palavra é traduzida aqui como dores (v. 17c).

Muitas vezes, afirma-se que os ímpios são como palha e tão instáveis quanto a palha (ver Salmos 1: 4). JÓ pergunta: com que frequência eles são assim? (v. 18). Ele não está desafiando a afirmação de que deveria ser assim nem que às vezes é assim. Mas ele questiona fortemente que a consistência da experiência é suficiente para estabelecer um padrão estatístico, muito menos para afirmar que é um fato invariável.

JÓ prossegue argumentando que não existe uma relação evidente entre bondade e felicidade. Ele encontra o tipo de resposta que pode ser proposta para resolver o problema (v. 19). Ao apelar à doutrina do grupo de

solidariedade na culpa das gerações (ver Ex. 20: 5-6), pode-se sugerir que a retribuição seja simplesmente armazenada para a próxima geração. O comentário de JÓ é que Deus deve entregar seu julgamento às pessoas envolvidas para que elas possam conhecê-las.

Os ímpios devem ser feitos para provar a amargura da ira de Deus (v. 20). Homens assim não têm uma consideração real dos outros, nem mesmo de seus próprios filhos. Note-se que o profeta Ezequiel fornece apenas a doutrina que JÓ exige (Ezequiel 18). O número de seus meses é uma expressão para o tempo de vida atribuído.

O verso 22 parece ser uma espécie de resposta indignada ao argumento anterior. Seria mais apropriado vir de um dos amigos; ou pode ser um comentário fantástico originalmente na margem que aparece no texto. No entanto, se JÓ for corrigido por dizer a Deus como fazer seu JÓ, certamente os amigos assumiram regularmente e eles podem expor que eles conheçam os princípios pelos quais o universo é executado.

Aqueles que estão em alta foi pensado geralmente para se referir aos habitantes do céu (Driver e Gray, p. 187), mas tem sido demonstrado por Dahood (*Biblica* 38 (1957), p. 316 f.) Para se referir a Deus ele mesmo. A tradução deve ser: "Vendo que ele, o alto, atua como juiz".

O núcleo do amargo argumento de JÓ é encontrado em vv. 23-26 . O modo de vida e o estado de espírito de alguém não têm efeito sobre a morte ou seus resultados (ver 3: 17-19 ; Eccl. 2: 14-16 ; Ecclesiasticus 41: 1-3). Provérbios 3: 8 também usa a figura dos ossos úmidos para simbolizar a saúde e a prosperidade. A amargura da alma foi usada em 3:20 para a própria condição de JÓ. A poeira e os vermes refletem o reconhecimento desânimo e realista da morte em termos da decadência do corpo (ver 16:14 ; Isa. 14: 11 *b*).

Em tudo isso, afirma JÓ, não existe uma conexão causal evidente entre a qualidade das convicções e condolências morais e religiosas de uma pessoa e as "coisas que acontecem com ele". Esta é uma refutação direta do argumento básico dos amigos (cf. Eccl. 8:14 ; 9: 2 , 11).

(4) Seu conforto: Nicks vazios (21: 27-34)

27 "Eis que eu conheço seus pensamentos,
e seus esquemas para me erradicar.

28 Para você dizer: "Onde está a casa do príncipe?

Onde está a tenda em que o perverso habitou?

[29] Você não perguntou a quem viaja pelas estradas,

e você não aceita seu testemunho

[30] que o ímpio é poupado no dia da calamidade,

que ele é resgatado no dia da ira?

[31] Quem declara seu caminho para o rosto dele.

e quem o recompensa pelo que ele fez?

[32] Quando é levado ao túmulo,

O relógio é guardado sobre o túmulo.

[33] Os torrões do vale são fofos para ele;

todos os homens seguem atrás dele,
e os que estão diante dele são inúmeros.

[34] Como, então, você me consolar com nada vazio?

Não há mais nada de suas respostas, mas falsidade ".

JÓ deixa os amigos saberem que ele vê através de seus argumentos; os maus são os desastres; JÓ encontrou desastre; portanto JÓ deve ser perverso (cf. 6: 7). Eles procuram exemplos de suas teorias. Prince significa literalmente tirano. Estas não são citações diretas, mas são referências óbvias a declarações de Bildad e Zophar em 18:15 , 21 e 20: 9 .

Mas os amigos olharão em vão. Qualquer um que tenha estado por perto um pouco (que viaja na estrada, v. 29) poderia testemunhar que a destruição da escuridão perversa. Eles parecem ter seus próprios meios de resgate para o momento em que o julgamento é aplicado. O dia da ira, que foi usado por Zophar (20:28), é um conceito conhecido em muitas partes do Antigo Testamento (ver Deuteronômio 32:35; Isaías 26: 20 ; Jeremias 18:17 ; Ezek. 7:19 ; Zeph 1:15).

O versículo 31 parece dizer que ninguém se atreve a desafiar o poderoso homem perverso. Seu caminho significa seu modo de vida ou seu caráter. Nathan fez exatamente isso por David (2 Sam. 12: 1-15). Elijah confrontou Acab da mesma maneira (1 Reis 21: 17-24). Mas JÓ desconhece esse tipo de julgamento profético relativo aos homens em sua própria experiência. Todo o episódio é considerado pertencente a um período mais

parecido com o dos patriarcas e nenhuma parte da revelação mais desenvolvida, dado que Israel é permitido entrar.

Contrariamente ao argumento dos amigos, o tirano perverso geralmente morre em paz, tem um grande funeral e um túmulo elaborado, e até tem provisões para proteger seu túmulo da profanação. Throngs participam.

O conforto neste sentido irônico capta a idéia desde o início deste segundo ciclo de discursos (16: 2) e também deste último do ciclo (21: 2). Este versículo completa o ciclo na marcação dos discursos como conforto verdadeiramente vazio, composto apenas de falsidade que JÓ acabou de colocar em sua verdadeira luz.

14. O Terceiro Discurso de Eliphaz (22: 1-30)

Eliphaz encontra JÓ para ser cada vez mais obstinado. De acordo com sua visão, JÓ negou o próprio fundamento da moral em seu último discurso. Então, agora todos os sinais de gentileza, compreensão ou paciência desaparecem. Ele declara que JÓ deve ter sido um hipócrita e um pecador secreto o tempo todo. Ele lista alguns dos pecados que ele poderia ter cometido. MacKenzie resume: "O autor inspirado aqui dá um retrato arrepiante, mas também muito credível, da corrupção intelectual e moral de um homem devotamente religioso que confundiu seus próprios raciocínios simples com a revelação divina".

Eliphaz vê uma parte da verdade com muita clareza. Deus é justo e o homem tem uma tendência universal ao pecado e à perversão. Nisto nenhum homem está isento. Mas uma outra verdade é negligenciada. Deus lida com o homem em uma preocupação amorosa e bem intencionada. O resultado apresenta uma imagem distorcida de toda a gama de relacionamentos. Além disso, Eliphaz comete pecados graves quando ele, sem caridade ou compreensão pessoal, fala sobre JÓ de um ponto de vista preconceituoso e falso.

(1) "Não é a sua maldade?" (22: 1-11)

[1] Então Eliphaz, o Temanite, respondeu:

[2] "Um homem pode ser lucrativo para Deus?

Certamente aquele que é sábio é lucrativo consigo mesmo.

[3] É um prazer para o Todo-Poderoso se você é justo,

Ou é ganho para ele se você tornar seus caminhos irrepreensíveis?

4 É por seu medo dele que ele repreende você,

e entra em julgamento com você?

5 Não é ótima sua maldade?

Não há fim para suas iniqüidades.

6 Pois você exigiu promessas de seus irmãos por nada,

e desnudaram a roupa nua.

7 Você não deu água ao cansado de beber,

e você reteve o pão da fome.

8 O homem com poder possuía a terra,

e o homem preferido habitou nele.

9 Você enviou viúvas para longe vazias,

e os braços do órfão foram esmagados.

10 Portanto, as armadilhas são redondas sobre você,

e o terror repentino te aborrece;

11 sua luz está escurecida, de modo que você não pode ver,

e um dilúvio de água cobre você.

Eliphaz considera impossível que não haja lucro como motivo para a vida. Nisto compartilha um ponto de vista com o Adversário. JÓ declarou que não está ganhando nada de seu serviço. Então Eliphaz pergunta se o exercício da religião pode ser benéfico para Deus. O versículo 4 *b* expressa a autocompreensão da sabedoria. A prática da sabedoria contém sua própria recompensa.

Em vv. 2-4 uma série de questões retóricas são levantadas o que Eliphaz implica só pode ser respondida negativamente. No entanto, a sutileza e a habilidade do autor podem ser vistas em que todas as questões podem realmente ser afirmadas.

Se servir a Deus não é lucrativo para um homem, como JÓ disse, esse serviço pode ser lucrativo para Deus? Eliphaz significa: claro que não! Deus é muito grande e independente para isso. De fato, o serviço leal de JÓ tem sido de valor para o Todo-Poderoso, que documentou seu prazer na injustiça de JÓ (1: 8 ; 2: 3). Na complexidade do livro de JÓ é exatamente por sua piedade que JÓ está sendo testado. Isso é simplesmente além da capacidade de Eliphaz compreender.

Dentro de suas próprias limitações, que excluem a possibilidade de tais "testes", onde a piedade genuína existe, ele tem apenas as alternativas de pensar que Deus é injusto ou JÓ injusto. O primeiro é impossível, então o último deve ser um fato (v. 5). Ele então se move para expor esse "fato" que, de acordo com sua lógica, deve ser verdade.

Os pecados listados são aqueles que as pessoas ricas e poderosas seriam mais prováveis de se comprometer. O uso injusto do poder (v. 6 , ver Ex. 22: 25-26 , Deuteronômio 24: 6 , 12-13 , 17), o uso não caritativo de bens (v. 7 , cf. Eze. 18: 7 , Isa. 58: 7), a parcialidade na aplicação da influência (v. 8) e a falta de preocupação social (v. 9 , ver Deut. 24: 17-22) devem ter marcado secretamente o caminho de JÓ atrás da fachada de piedade justa.

Então Eliphaz enumera as coisas que realmente aconteceram com JÓ (vv. 10-11) e os explica como resultados desses pecados que ele sente confiante deve ter ocorrido. Mas ele errou em que os fatos aparecem em apenas um lado de sua equação. Desta forma, nunca será equilibrado.

O que Bildad previu para os ímpios em geral são aqui aplicados diretamente ao JÓ. Inundações de águas e trevas eram as figuras habituais para condições de morte ou submundo (ver Salmos 69: 2-3 , Jonas 2: 3-6). A perspectiva em branco da morte é descrita novamente.

(2) Resposta a JÓ (22: 12-20)

12 "Deus não está alto nos céus?
Veja as estrelas mais altas, quão altas elas são!

13 Portanto, você diz: 'O que Deus conhece?

Ele pode julgar através da escuridão profunda?

14 nuvens grossas o enrolam, para que ele não veja,

e ele caminha no cofre do céu.

15 Você vai manter o caminho antigo?

que homens perversos peteraram?

16 Eles foram arrebatados antes do tempo deles;

sua base foi lavada.

17 Eles disseram a Deus: "Saia de nós"

e 'O que o Todo Poderoso pode fazer com nós?

18 Contudo, ele encheu suas casas de coisas boas -

mas o conselho dos ímpios está longe de mim

19 Os justos vêem e se alegram;

os inocentes riem-nos de desprezar,

20 dizendo: "Certamente nossos adversários são cortados,

e o que eles deixaram o fogo consumiu.

Eliphaz retoma o pensamento da transcendência de Deus. Ele então sugere que JÓ acha que Deus está muito longe para vê-lo ou seus atos (ver 14 *a* , ele não vê). A imagem baseia-se na idéia de nuvens espessas necessárias pela grande santidade de Deus, que complementa a idéia de distância para o cofre exterior do céu, onde Deus vive.

Esta imagem que Eliphaz descreve como somente na imaginação de JÓ é contrastada com a imagem anterior da realidade da condição de JÓ. É JÓ quem está comprometido com o caminho que os homens perversos pisaram dos tempos antigos (v. 15). Para descrever assim, Eliphaz citará (na versão 17) a descrição que JÓ deu do "bom incrédulo" (21: 14-15) e implica que esta é a própria posição de JÓ.

Esse "caminho" era na verdade aquele seguido pelas pessoas que foram destruídas pelo Inundação (v. 16). Houve uma vez um povo como JÓ descrito no capítulo 21 , mas seu destino era muito diferente do que JÓ sugere. Em vez de viver suas vidas em paz e morrer com honra, foram destruídas na maior das calamidades naturais. O versículo *20b* pode ser destinado a uma referência à destruição de Sodoma, que é o próximo grande desastre para ser gravado em Gênesis após o dilúvio (ver Gênesis 6:11 e com Gênesis 19:24 e seguintes).

Os versículos 17-18 citam as palavras de JÓ (21: 14-16). Eles até incluem o mesmo comentário do scribal para a descrição. A reação dos justos ao julgamento revelado dos ímpios é de felicidade (vv. 19-20). Esta reação é consistente com a configuração que Eliphaz manteve desde o início, em que tudo o que foi dito e feito é parte de um concurso legal para determinar quem está certo e quem está errado ("perverso"). Os "justos" são tão por serem vindicados. Pelo julgamento perverso, os justos foram identificados e confirmados.

Esta atitude é mostrada com maior clareza pelo uso de nossos adversários para descrever o perverso (20 *a*). Para Eliphaz há um grande concurso para determinar quem é "certo" e quem é "errado". Nisto, Deus mostra sua própria "justiça", trazendo retribuição aos que perdem o concurso. O destino de cada homem demonstra claramente onde ele se encaixa nesta divisão das ovelhas e das cabras.

(3) Seja reconciliado com Deus (22: 21-30)

21 "Concorda com Deus e fique em paz;
Assim, o bem virá para você.

22 Receba instrução de sua boca,

e coloque suas palavras em seu coração.

23 Se você retornar ao Todo-Poderoso e se humilhar,

se você remover a injustiça longe de suas tendas,

24 se você colocar o ouro no pó,

e ouro de Ophir entre as pedras do leito da torrente,

25 e se o Todo-Poderoso é seu ouro,

e sua preciosa prata;

26 então você se deleitará no Todo-Poderoso,

e levante seu rosto para o bacalhau.

27 Você fará sua oração para ele, e ele o ouvirá;

e você pagará seus votos.

[28] Você vai decidir sobre um assunto, e será estabelecido para você,

e a luz brilhará em seus caminhos.

[29] Pois Deus abaixa o orgulhoso,

mas ele salva o humilde.

[30] Ele entrega o homem inocente;

Você será entregue através da limpeza de suas mãos ".

Eliphaz se volta da sua denúncia para um pedido. De todos os amigos, ele sempre mostrou mais preocupação com JÓ. Ele não abandonou a esperança de que ele será convertido. Então ele pede sinceramente e lindamente para ele se arrepender e mudar sua atitude.

Concordo significa ceder. O hebraico simplesmente "com ele", mas o RSV é, sem dúvida, certo que a referência é para Deus. O sentido do v. 21 é muito próximo da idéia básica da religião mahometana. Seu aderente busca a paz através da submissão a Deus. Este foi o centro do conselho de Eliphaz desde o primeiro discurso (5: 8 , 17-27). O papa mostrou que isso era o mesmo na antiga religião suméria. Quando alguém se encontrou na posição de JÓ, ele não teve escolha senão submeter e implorar ao Deus para reverter sua fortuna.

Vale a pena notar, em contraste, que o Antigo Testamento frequentemente retrata a luta de um homem com Deus como uma coisa criativa que finalmente ganha a aprovação de Deus. Exemplos são: troca de Abraão com Deus sobre Sodoma (Gênesis 18: 16-33); Luta de Jacó com Deus em Penuel (Gênesis 32: 22-32); Intervenção de Moisés em nome de Israel (Ex 32: 11-14); e as queixas de Elijah sobre o Monte Horeb (1 Reis 19: 9-18). JÓ, é claro, pertence a esta empresa.

Eliphaz significa bem por JÓ. Mas ele entende a conversão para ser como fazer uma pechincha com Deus, o que trará lucro para JÓ. Se JÓ apenas reconhecer as realidades do poder na situação e chegar a um acordo com eles, bom (v. 22) virá o seu caminho e a autoridade voltará a atender suas decisões (v. 28).

Ele expõe esta maneira de submissão (v. 22-27). É uma bela descrição com paralelos nos Salmos. No entanto, nesta situação, assume a importância assumida do mensageiro do Senhor. Eliphaz identifica suas instruções com as instruções de Deus (v. 22). A ironia poética é perfeita. Na realidade, JÓ já se encaixa na imagem ideal muito melhor que Eliphaz ou qualquer um de seus companheiros.

JÓ é retratado como comunhão com Deus, mesmo sacrificando em nome de seus filhos (1: 5). Toda indicação é que ele havia vivido segundo as instruções de Deus (v. 22), que ele havia se voltado repetidamente para Deus (v. 23), que ele colocou Deus acima da riqueza (v. 24-25). Que JÓ realmente estava servindo a Deus sozinho e sem fins lucrativos era o ponto de toda a prova (v. 26). Se JÓ não tivesse demonstrado tudo isso em sua vida antes de sua aflição, ele certamente havia resistido o texto desde então. Mas Eliphaz está tão apanhado em argumentar que ele é insensível a tudo isso.

Ele sem tato acrescenta o capstone, para que tal homem possa ter certeza de respostas a suas orações (v. 27). Essas orações incluíam regularmente votos para fazer presentes ou testemunhar a bondade de Deus depois que a oração foi respondida. O pagamento do voto é um sinal seguro de que a oração foi respondida.

Ele continua com a descrição da autoridade e do sucesso que acompanham um homem cujo cada passo é inundado de luz (v. 28), apesar de o caráter atestado de JÓ preencher a descrição do homem justo de vv. 22-26 . Estes resultados assegurados são exatamente as coisas que ele falta. Suas súplicas a Deus para a reivindicação não foram respondidas, e sua posição em sua família e a comunidade foi destruída ou degradada (19: 13-19).

Os últimos versículos do capítulo têm algumas dificuldades textuais que os intérpretes muitas vezes só se complicaram com as emendas. Traduções que mais consistentemente tornam o texto e também dão unidade ao vv. 28 a 30 foram sugeridos por Gordis e Pope:

Quando você emitir um decreto, será cumprido para você, e a luz brilhará em seus caminhos.

Quando os homens forem baixados, você dirá: "Levante-se", e aquele que foi humilhado será salvo.

(Gordis, página 271)

Ele entregará um não inocente,

que pode escapar pelas mãos limpas.

(Papa, p. 149)

Esses versículos parecem apanhar a doutrina de que um justo homem ou santo teve grande influência com Deus até ao ponto de reverter um decreto divino. A doutrina sugere que mesmo pessoas perversas possam ser poupadas em consideração às pessoas justas. Este pensamento está subjacente ao diálogo de Abraão com Deus sobre Sodoma (Gênesis 18: 16-33). Parece que os homens justos da antiguidade, Daniel, Noé e JÓ, foram pensados para ter podido salvar outros por sua própria justiça (Ezequiel 14:14 , 20). Note, no entanto, que ambos, Ezequiel (14:12) e Jeremias (31: 29-30) rejeitam enfaticamente a aplicação da doutrina para seus contemporâneos. Ainda assim, a doutrina encontrou um lugar seguro no ensino rabínico.

A conexão entre essa idéia e a expiação vicária em Isaiah 53 deve ser observada. Uma comparação e estudo da relação de JÓ e Isaiah 40 ff. foi feito por RH Elliott, que mostra sua surpreendente semelhança e paralelismo de propósito e pensamento.

O que Eliphaz implica em relação ao homem justo, aparentemente já era uma parte fixa da visão comum de JÓ. Ele é nomeado como um dos três paragons de justiça em Ezequiel 14:14 . O epílogo deste livro citará a disposição do Senhor de aceitar a oração de JÓ por seu perdão, mesmo que ele não possa aceitar suas próprias orações por eles mesmos (42: 8-9). A ironia desse fato é sublinhada pelo discurso de Eliphaz. Não é mais um passo para o trabalho do Servo que foi igualmente incompreendido:

> *"Certamente ele suportou nossas ofensas*
> *e carregou nossas dores;*
> *ainda o estimamos atingido,*
> *ferido de Deus e afligido "(Isaías 53: 4).*

No entanto, esse passo é decisivo. Não há nenhuma dica em JÓ de que seu sofrimento era expiatório ou mesmo indireto. Sua justiça, que se tornaria efetiva para os amigos, estava sendo testada. Mesmo assim, os amigos o julgaram exatamente da mesma forma que Isaías admite que ele e seu povo julgaram mal o sofrimento do Servo.

15. A Sétima resposta de JÓ (23: 1-17)

Em contraste com o capítulo 21 , que foi um argumento constante contra seus amigos, o capítulo 23 concentra-se no anseio de JÓ por Deus. É um solilóquio que ignora a maioria das doutrinas dos amigos. Ele escolhe o chamado de Eliphaz para receber as instruções de Deus. JÓ suspira, "Se eu soubesse que eu poderia".

JÓ está meditando sobre a inacessibilidade e o afastamento de Deus. Ele está respondendo conscientemente a essa "noite escura da alma" que experimenta a ausência de Deus. Este momento é um puro tormento para a alma acostumada a viver em sua presença. O salmista chora em angústia de tal experiência (Salmo 22), e Jesus usou suas palavras em sua hora mais escura: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonou?"

Mas a paixão de um tal choro foi gasta nos lamentos anteriores de JÓ. O tom aqui é mais silencioso e mais resignado. Por um breve momento, ele recapitula o sonho de uma aparição pessoal diante de Deus para sua absolvição (v. 3-7) antes de se lembrar de sua posição real (v. 8-17).

(1) Onde posso encontrá-lo? (23: 1-7)

[1] Então JÓ respondeu:

[2] "Hoje também minha queixa é amarga,

Sua mão é pesada apesar do meu gemido.

[3] Oh, que eu sabia onde eu poderia encontrá-lo,

para que eu venha até o seu lugar!

[4] Eu colocaria o meu caso antes dele

e enche minha boca com argumentos.

[5] Eu aprendi o que ele me responderia,

e entenda o que ele diria para mim.

[6] Ele contenderia comigo na grandeza de seu poder?

Não; ele me atendeu.

[7] Um homem direito poderia argumentar com ele,

e eu deveria ser absolvido por meu juiz.

JÓ anuncia claramente seu humor. Hoje pode implicar que o diálogo se estendeu ao longo de vários dias, talvez um dia para cada ciclo. Se assim for, este seria o terceiro dia. Seu humor não mudou. É uma queixa e "rebelião" (amargo). As palavras hebraicas para amarguras e rebeliões são semelhantes, mas não há dúvida de que a palavra aqui é "rebelião". O RSV escolheu seguir

a palavra mais fraca favorecida pelas versões. O original dá a JÓ uma posição mais forte e mais digna. A pressão sobre ele continua inalterada.

JÓ então escolhe seu desejo de poder falar diretamente com Deus sobre seu caso. Ele havia afirmado sucintamente em 13: 3 . Naquela época, ele tinha certeza de que tal reunião traria uma repreensão aos amigos. Sua atenção está agora plenamente em sua necessidade de Deus, e ele não faz referência a seus amigos.

Onde não se encontra no hebraico. O sentido é sim: "Oh, que eu sabia (o que eu não sei) que eu iria encontrá-lo!" O problema não é um lugar, mas de esperança que a reunião ocorresse. O texto original continua nesta forma concisa: "Eu viria até o seu lugar de poder. Eu organizaria um caso perante ele. "

JÓ não está interessado nas circunstâncias que acompanham essa reunião. Ele não perde tempo com especulações sobre se isso poderia estar no céu ou após a morte. Ele não está preocupado com o protocolo envolvido em entrar na santa presença do Altíssimo. O anseio por uma reunião direta em que ele sabia que Deus tinha ouvido suas palavras é o ponto.

Em tal reunião, JÓ poderia finalmente obter respostas diretas (v. 5). Ele escutou o tempo suficiente para os confrontos indiretos dos intérpretes autodesignados das intenções de Deus que se chamavam amigos. Se ao menos agora Deus o respondesse diretamente e o ajudasse a entender o que se tratava, ele ficaria completamente satisfeito. Nessa configuração, ele responderia com prazer ao convite de Eliphaz (22:22).

Quase como uma reflexão tardia, ele considera um possível problema. E se Deus deva decidir contestar o caso? Na grandeza de seu poder (v. 6a) é uma tradução literal. Por isso, levanta o espectro do Deus onipotente que entra no caso como adversário de JÓ. Tur-Sinai sugere que a frase é um termo técnico que se refere ao "poder legal" e ao que está habilitado a exercê-lo, ou seja, a um dado proeminente. A sugestão é convincente e muda o problema. Suponha que Deus não o conhecesse, mas simplesmente virar seu caso contra JÓ para um advogado designado?

Mas a fé de JÓ em Deus surge à tona. Não! Ele não faria isso. Ele daria a JÓ sua atenção pessoal (v. 6), se ao menos eles pudessem ter uma reunião dessas. Um homem ereto poderia apresentar argumentos diretamente a Deus. Isso geralmente foi entendido para se referir ao próprio JÓ e certamente é a interpretação mais direta neste contexto.

Irwin sugere (Journal of Biblical Literature, 1962, p.221) que este "vertical" é outra figura para o mediador que JÓ precisa tanto. Seria então paralelo ao

"testemunho no céu" (16: 19-22), o redentor-vingador (19: 25-27) e o mensageiro-curador de Elihu (33: 23-28). Isso torna um complemento interessante para as passagens que visam um mediador celestial para JÓ. Mas está longe de ser certo aqui, onde a ênfase parece estar em um encontro pessoal com Deus que impediria a mediação de ambos os lados.

A segunda parte do v. 7 é mais difícil. Se o texto fosse traduzido literalmente, seria lido: "E eu escaparia com sucesso para sempre do meu juiz" (Papa, página 156). Isso não se encaixa no contexto, então vários ajustes como o do RSV foram feitos. No entanto, os problemas podem ser na última palavra. O Papa sugeriu uma diferença muito pequena na leitura dele, que daria o senso de "minha justiça". O verbo é o mesmo encontrado em 21: 10b de uma vaca que dá à luz. Habakkuk 1: 4b tem uma figura paralela. Ali, a justiça nasce "pervertida", isto é, sem sucesso. Aqui JÓ diz: "Eu poderia trazer a justiça para o nascimento bem sucedido" (Papa, p. 154).

(2) "I Am Hemmed In" (23: 8-17)

8 "Eis que vou para a frente, mas ele não está lá;
e para trás, mas não posso percebê-lo;

9 na mão esquerda, procuro-o, mas não posso vê-lo;

Volto para a mão direita, mas não consigo vê-lo.

10 Mas ele conhece o caminho que tomo;

Quando ele me provou, eu serei como ouro.

11 Meu pé segurou seus passos;

Mantive seu caminho e não desviou.

12 Não me afastei do mandamento de seus lábios;

Presenciei no meu seio as palavras de sua boca.

13 Mas ele é imutável e quem pode transformá-lo?

O que ele deseja, que ele faz.

14 Pois ele completará o que ele designa para mim;

e muitas dessas coisas estão em sua mente.

[15] Portanto, estou aterrorizado com a presença dele;

Quando considero, estou com medo dele.

[16] Deus fez meu coração desmaiar;

O Todo-Poderoso me aterrorizou;

[17] pois estou cercado pela escuridão,

e a escuridão escura cobre meu rosto.

A fantasia esperançosa de JÓ sobre o pensamento de que ele poderia encontrar Deus pessoalmente desaparece na contemplação da triste realidade de sua posição atual. O fato é que ele não pode discernir a presença de Deus em tudo.

Avançar, para trás, mão esquerda, mão direita também podem ser renderizadas: leste, oeste, norte ou sul. As instruções são descritas no Antigo Testamento sob o pressuposto de que alguém enfrenta o sol nascente. Então, o oeste está por trás, o norte fica à esquerda e o sul está certo. Isso se ajusta à configuração. JÓ procurou por Deus em todos os lugares. Ele não deve ser encontrado. O Salmo 139: 8-10afirma exatamente o contrário para ser verdade de Deus. Ele está em todos os lugares. Mas JÓ não conseguiu contatá-lo.

Como esta declaração de desespero alterna com a esperança anterior de uma reunião direta, então JÓ retorna na vv. 10-11 para sua confiança de que, se ele pudesse encontrar Deus, tudo seria corrigido. Mas traduz uma partícula hebraica que normalmente significa "para". Se é entendido como se relacionando diretamente com v. 7 e continuando esse pensamento, ele é corretamente traduzido de modo que.

A base da confiança de JÓ de que tal confronto inevitavelmente traz sua reivindicação é a sua crença na onisciência de Deus. Deus certamente conhece os fatos da vida de JÓ. A maneira que eu tomo representa uma construção estranha no texto. Fohrer (p. 164) sugere uma vocalização diferente que dá o significado "(o caminho) do meu lugar" ou "da minha posição". Deus realmente conhece o modo de vida de JÓ (ver 1: 8). Ele também sabe o que o JÓ tem em relação a este teste (ver 2: 3).

Quando ele me tentou, é o primeiro sinal de que JÓ finalmente está no caminho certo para entender o que está acontecendo com ele (ver Salmos 17: 3). Emerge também pode ter o significado de "brilhar". Ele descreve os resultados da purificação. O ouro brilhante foi purificado por ser derretido e reformado.

JÓ então resume (vv. 11-12) o que esta "maneira" e "stand" em julgamento foram. Ele afirma que ele tem sido firme em manter o caminho de Deus, mantendo a palavra de Deus. Esta referência ao "mandamento" e à "palavra" está mais diretamente ligada a uma maneira israelita de falar sobre piedade do que o habitual em JÓ, mas tais frases poderiam ter sido usadas fora da comunidade da revelação.

Mas JÓ encontrou Deus determinado a cumprir com o que ele decidiu para JÓ (v. 13-14). Se esse todo é realmente um tipo de teste, ele pode ter muito mais para ele antes que termine. A palavra de fé de JÓ que sua integridade emergirá ileso da provação é pouco conforto em vista das possíveis provações vindouras.

Neste sentido da presença de Deus como santidade que pode ser comparada a um forno de testes de fogo, a resposta de JÓ à idéia da proximidade de Deus muda drasticamente. A questão não é mais uma reunião e conversa. O desejo de falar com uma deidade razoável desaparece e é substituído por terror e medo diante do potencial numífero de destruição nesta presença. A escuridão e a espessa escuridão pertencem a esta imagem do Deus santo. Eles podem representar o ser incompreensível e obscuro do Deus santo. Ou, eles podem ser os agentes protetores para o homem contra o brilho da luz sagrada. Talvez v. 17 seja lido como um desejo fervoroso para a proteção desta escuridão contra o terror do Todo-Poderoso.

Este capítulo mostra novamente o dilema que o autor coloca pelo autor nos discursos de JÓ. Ele está profundamente ciente desse lado numinoso da natureza de Deus (o *deus absconditus*) e faz seus respeitos em seus lamentos (a partir do capítulo 3). Mas JÓ não pode nem está disposto a cair no dogmatismo insípido de seus amigos insensíveis. Há outro lado para Deus que ele experimentou e conhece (o *deus revelatus*) em que Deus se tornou conhecido em termos facilmente compreensíveis para a experiência humana. Ele mostrou-se ser justo e amoroso. Ele pode ser falado. Ele é receptivo. JÓ sabe que ambos são verdadeiros de Deus.

16. Um discurso no julgamento diferido (24: 1-25)

Até este ponto, os discursos do diálogo estão em boas condições. As posições dos amigos foram consistentes, enquanto as tentativas de JÓ para a compreensão e a insistência na reivindicação foram igualmente claras.

Nos capítulos 24-27, nenhuma ordem deste é aparente. As idéias aparecem sob o nome de JÓ, que são manifestamente contrárias a tudo o que ele lutou. Mesmo o desenvolvimento de idéias parece confuso. Isso levou os intérpretes a tentar remontar os fragmentos desses capítulos como peças de

um quebra-cabeça. É provável que algumas tentativas similares tenham ocorrido antes do presente texto ser corrigido e são preservados no texto hebraico recebido

O que aconteceu com esses capítulos para perturbar a ordem original é desconhecida, e qualquer tentativa de adivinhar os motivos seria altamente especulativa. O melhor que pode fazer é fazer alguma ordem do material, mantendo-o o mais próximo possível da condição atual do texto (ver Int.).

(1) A Time for Judgment (24: 1-11)

1 "Por que os tempos de julgamento não são mantidos pelo Todo-Poderoso,
e por que aqueles que o conhecem nunca vêem seus dias?

2 Homens removem marcos;

Eles pegarão bandos e os pastoreiam.

3 Eles expulsam o jumento do órfão;

Eles pegaram o boi da viúva para uma promessa.

4 Eles expulsaram os pobres da estrada;

Os pobres da terra se escondem.

5 Eis, como jumentos selvagens no deserto

Eles saem para o seu trabalho,
procurando presas na região selvagem
como alimento para seus filhos.

6 Eles reúnem sua forragem no campo

e eles descobrem a vinha do homem perverso.

7 Eles mentem a noite nua, sem roupa,

e não tem cobertura no frio.

8 Eles estão molhados com a chuva das montanhas,

e se apegue à rocha por falta de abrigo.

9 (Há aqueles que roubam o peixe órfão do peito,

e prenda a promessa do menor dos pobres.)

[10] *Eles vão sobre nua, sem roupa;*

com fome, carregam as galinhas;

[11] *entre as fileiras de oliveiras dos ímpios, fazem o petróleo;*

eles pisam as prensas de vinho, mas sofrem sede

O capítulo é pouco mais do que uma lista de crimes e uma descrição de criminosos. Os gritos dos oprimidos são ignorados (v. 12), e Deus realmente parece apoiar o opressor (v. 22-23).

Os problemas de interpretação começam com a primeira palavra. Por que sobrecarga o medidor poético e parece uma adição ao texto. O negativo no texto hebraico vai com o verbo, o que significava "estar escondido". Literalmente, alguém teria que traduzir: "Por que os tempos não estão escondidos do Todo-Poderoso?" Isso é sem sentido. O NEB deixou-o por este motivo. Sem este interrogativo, o capítulo é muito mais uma unidade. Afirma que a justiça divina certamente aplicará julgamento sobre os ímpios e vingará os oprimidos em seu próprio caminho e tempo. O argumento é relevante, mas não está de acordo com o stand da JÓ. Deve ter pertencido originalmente a outro orador. Alguém na tradição Masoretic tentou fazer vv. 1-12 encaixando na boca de JÓ, prefixando a palavra por que.

A solução do NEB deve ser elogiada. O capítulo inteiro deve ser lido como um discurso de um dos amigos, talvez Zophar (ver Int.). Uma tradução literal que omite "por que" seria:

"As datas não são mantidas em segredo do Todo-Poderoso

Embora aqueles que o conheçam não imaginem seus dias ".

O RSV está certo em entender "datas" em termos de tempos de julgamento. A profecia israelita estava preocupada com o anúncio de que "o dia do Senhor" estava próximo. Esse é exatamente o tipo de data significada aqui. Este versículo afirma que tais tempos existem e que o próprio Deus está completamente consciente deles. Isso é verdade, mesmo que os profetas e os adivinhadores não deram nenhuma palavra inspirada sobre esse assunto. Por implicação, o versículo mantém esse fato mesmo que JÓ, que se considera bem com aqueles que conhecem bem a Deus, não tem conhecimento disso.

Continua uma lista de crimes e opressões. Eles parecem não ter ordem. Ou, se eles tivessem sido melhor ordenados, agora estão confusos. Os crimes em vv. 2-11 condições de imagem que se aplicariam à vida em aldeias rurais.

No v. 2, a primeira linha é muito curta. A seção também precisa definir as pessoas responsáveis por tudo isso. Assim, o NEB e outros inseriram o assunto "o perverso". O RSV forneceu "homens". O pasto implica que os ladrões são tão descarados quanto a exibir publicamente seus bens roubados em suas pastagens.

A opressão dos desamparados é particularmente condenada no Antigo Testamento (22: 6 , 9 ; Números 16:15 ; 1 Sam. 12: 3). Mesmo o código de Hammurabi (Nr. 241) antes do tempo de Abraão tinha impondo severas penalidades a tais ofensas. O verso 4 é quase idêntico ao Amos 2: 7 .

O assunto do v. 5 muda do opressor para os oprimidos. Eles são os pobres da terra mencionados na v. 4 *b* . Eles são forçados a viver como animais. Eles precisam caçar o jogo para alimentar seus filhos (v. *5b*), embora eles trabalhem nos campos e vinhas. Obviamente, eles não podem ser compartilhados na colheita. Eles são pagos muito mal para pagar roupas ou abrigo.

O verso 9 volta para os opressores. Eles são acusados de aproveitar os órfãos para colocá-los em escravidão virtual, separando-os assim de suas mães enquanto ainda são bebês. A segunda parte do versículo implica que eles aceitam uma promessa do serviço contratado de uma criança como garantia de um empréstimo.

O versículo 10 retorna ao deplorável lote dos oprimidos. A ironia da fome no meio da abundância é enfatizada por ter roas de trigo (sinais de abundância de alimentos) levadas por alguém que está com fome. O azeite é um símbolo de riqueza, bem-estar e gordura. Em tal cenário, os trabalhadores são os espécimes mais lamentáveis da negligência e da pobreza imagináveis. Os próprios que pressionam o vinho sofrem de sede.

(2) Os Amigos da Escuridão (24: 12-17)

12 De fora da cidade o gemido moribundo,
e a alma dos feridos chora por ajuda;
mas Deus não presta atenção a sua oração.

13 "Há aqueles que se rebelam contra a luz,

que não conhecem seus caminhos,
e não fique no caminho.

14 O assassino nasce no escuro,

para matar os pobres e necessitados;
e na noite ele é como um ladrão.

15 O olho do adúltero também aguarda o crepúsculo,

dizendo: "Nenhum olho me verá";
e ele disfarça o rosto dele.

16 No escuro eles cavam pelas casas;

De dia, eles se fecham;
eles não conhecem a luz.

17 Para a escuridão profunda é manhã para todos eles;

pois eles são amigos dos terrores da escuridão profunda.

A cena muda para a cidade. Lá, também, os produtos da opressão e da violência são encontrados. Os gemidos dos moribundos e os gritos de mortos feridos são entendidos como orações, pois Deus vigia os direitos dos pobres e dos necessitados. Ele é o autor da justiça. Mas não há sinal de que tenha ouvido falar. Ele aparentemente não prestou atenção.

Alguns pensaram que o lightof v. 13 refere-se a Deus como a luz do mundo. Os seguintes versos, no entanto, mostram que isso significa luz do dia como um símbolo de decência e boa ordem que pertencem a uma comunidade. Os requisitos de Deus e da sociedade são os alvos dessa rebelião por pessoas que não pretendem aprender os caminhos da luz nem permanecer em seus caminhos.

Aqueles que violam os Sexto, Sétimo e Oitavo Mandamentos acham a escuridão vantajosa para o seu trabalho. Eles estão em casa no escuro e muito desconfortáveis na luta (ver João 3:20 , Efésios 5: 8).

Dig through (v. 16) deve ser entendido literalmente. As paredes eram de lama. A entrada furtiva poderia ser obtida através do tunelamento através da parede. Este é um trabalho noturno, e eles devem se esconder de dia. Desta forma, eles não estão mais familiarizados com a luz do dia. Em contraste, a escuridão profunda (v. 17) é sua amiga.

A figura é apropriada para os mundos divididos dos depravados e as pessoas que caminham na luz. A imagem é desenhada em multas distintas para provocar a questão da reação de Deus a esse grupo.

(3) O destino dos perversos (24: 18-25)

18 "Vocês dizem:" Eles são levados rapidamente para o rosto das águas;
Sua porção é amaldiçoada na terra;
nenhum treader gira em direção a suas vinhas.

19 A seca e o calor arrancam as águas da neve;

Também o Seol aqueles que pecaram.

20 Os quadrados da cidade esquecem-nos;

seu nome não é mais lembrado;
Tão perversa está quebrada como uma árvore.

21 "Eles se alimentam da estéril mulher sem filhos,

e não seja bom para a viúva.

22 Contudo, Deus prolonga a vida dos poderosos pelo seu poder;

Eles se levantam quando desesperam da vida.

23 Ele lhes dá segurança, e eles são apoiados;

e seus olhos estão em seus caminhos.

24 Eles são exaltados um pouco, e depois se foram;

eles murcham e desaparecem como a malva;
Eles são cortados como as cabeças de grãos.

25 Se não é assim, quem me provará mentiroso,

e mostre que não há nada no que eu digo? "

Considerando que JÓ poderia ter descrito a obra impune dos ímpios, para ele ter falado, essas multas teriam sido negar a maior parte do que ele disse até agora. Como o RSV tratou a primeira parte deste capítulo como uma continuação do discurso de JÓ no capítulo 23 , isso indica essa mudança ao inserir as palavras que você diz. Eles não ocorrem no hebraico. Como o capítulo inteiro é considerado um discurso de um dos amigos, a adição de "Você diz" não é necessária.

Esses versos são extremamente difíceis de traduzir. Na medida em que são recuperáveis, eles declaram a inevitável destruição dos ímpios.

A primeira característica é que os ímpios lutam (não pesados) na superfície das águas (v. 18 *a*). O NEB fala de "escória". A identidade central é a falta de estabilidade. Eles são carregados como qualquer coisa que flutua na superfície (9: 26 , "como barcos de papel", e Hos. 10: 7 , "como um chip na água").

Cursed é uma palavra com um som muito parecido para "ser lutar" na multa anterior. As propriedades dos ímpios têm uma má reputação no distrito. Os roteadores são trabalhadores da colheita de migrantes que pisam o vinho das uvas em um vaso enorme. Os ímpios não conseguem esses trabalhadores.

O versículo 19 compara o trabalho da morte sobre eles com a influência de um vento seco e quente na neve ou as águas da neve resultantes. O verso 20 foi levado ligeiramente para formar a leitura RSV. O NEB traduz mais literalmente: "O útero o esquece, o verme o suga seco." Isto graficamente retrata a natureza transitória do homem perverso enquanto ele afunda em esquecido. A árvore na linha final seria melhor entendida como stick. A suposta força e resistência da perversidade é ilusória. Na realidade, é muito temporal e frágil.

O verso 21 retorna a uma descrição dos predadores. Suas vítimas são as pessoas indefesas e privadas na sociedade. A mulher estéril sem filhos, aparentemente, se refere a uma pessoa que foi divorciada e jogada fora da casa do marido, porque provou ser incapaz de suportar um filho. Ela representou um dos mais pitiful dos marginalizados sociais. Ela e a viúva não tinham direitos inerentes. Sem marido, pai ou irmão para agir por eles, eles estavam indefesos. A lei do Antigo Testamento tornou o dever de todo cidadão protegê-los. Outras sociedades fizeram disposições semelhantes. Mas estes eram muitas vezes sem efeito onde as mulheres não tinham direito de recurso legal.

As dificuldades de ler esses versículos são quase insuperáveis. O texto original fornece pouca ajuda para determinar quem é o assunto em vv. 22-23 . O RSV ajudou a inserir Deus. Embora esteja longe de ter certeza de que isso é certo, é uma sugestão tão boa quanto possível.

A passagem completa sua mensagem voltando à afirmação da v. 1 de que o Todo-Poderoso tem as coisas sob controle. A segunda linha do v. 23 retoma esse tema. Que os olhos de Deus estão em alguém não determina o resultado arbitrariamente. Pode ser para o bem, ou para o mal. Mas enfatiza que Deus ainda tem sua atenção na situação.

O verso 24 retorna à natureza temporária do sucesso dos ímpios. Eles são exaltados às vezes, mas isso não tem a estabilidade e a permanência da recompensa dos justos. Mallow é o nome de uma planta florida que cresce selvagem, cuja vida é de muito curta duração. O corte é freqüentemente usado para descrever o efeito do julgamento. A figura compara a queda dos ímpios com o destino da nobre cabeça de grão que cairá em um único golpe da foice.

O discurso fecha (v. 25) com um desafio para qualquer um provar que ele está errado. No entanto, como muito do argumento dos amigos, tentou resgatar a idéia de um universo e sociedade moral, mas não tratou do caso de JÓ e seus problemas.

17. O Terceiro Discurso de Bildad (25: 1-26: 14)

O nome de Bildad é colocado no início do capítulo 25 , que contém apenas seis versos. A natureza do material em 26: 5-14 é muito semelhante, ajustando o argumento de Bildad. Como não cabe no pensamento ou expressão de JÓ, provavelmente é uma continuação do capítulo 25 . Mas 26: 1-4 é um problema separado (ver [2] abaixo e Int.).

(1) "Como um homem pode ser justo diante de Deus?" (25: 1-6)

[1] Então Bildad, o Shuhite, respondeu:

[2] "Domínio e medo estão com Deus;

Ele faz a paz em seu alto paraíso.

[3] Existe algum número para seus exércitos?

Sobre quem a sua luz não surge?

[4] Como, então, o homem pode ser justo diante de Deus?

Como ele pode nascer da mulher ser limpo?

[5] Eis que mesmo a lua não é brilhante

e as estrelas não são limpas à vista;

[6] Quanto menos homem, que é uma larva,

e o filho do homem, que é um vermeiro! "

Esses versos claramente abrem linhas para um hino. O verso 2 deve ser melhor entendido como uma declaração de desejo. Deus no RSV foi inserido e não está no texto original. O verso deve ser renderizado:

"Dominação e admiração (seja) com aquele que está fazendo a paz em suas alturas".

A atribuição destes a Deus enfatiza sua soberania. O pacificador nesse sentido é o vencedor que pode impor ordem e segurança por sua autoridade incontestável. Esta forma hinquica continua em 26: 5-14 . Esta é a razão pela qual esses versículos também estão incluídos como parte do discurso de Bildad.

O versículo 3 resume a descrição da grandeza do governante divino em seu poder e autoridade insuperáveis. Seus exércitos estão além do número. Sua glória toca tudo. Contra este resumo do poder e da autoridade de Deus, Bildad passa a sua pergunta-chave.

A questão já foi levantada duas vezes por Eliphaz (4:17 ; 15:14). JÓ admitiu o ponto em 9: 2 e 14: 4 . A teodicéia da velha Mesopotâmia afirmou na pergunta: "Algum dia morreu sem pecado?" (Papa, p. 164). Eclesiastes 7:20 faz a mesma pergunta. A resposta à questão do v. 4 deve ser necessariamente negativa, se isso significa que o homem se impõe a si mesmo ou a sua justiça em Deus.

Os versículos 5-6 desenham a conclusão óbvia (cf. 4:17 ; 15:15). Se os magníficos e impressionantes corpos celestes não são considerados aceitáveis (aliás, quem mostrou que não são?), Como o homem insignificante pode ser tão reconhecido? A baixa propriedade do homem é enfatizada por uma identificação com uma larva e um verme. Esses termos podem se referir a sua mortalidade e morte, mas provavelmente descrevem sua finitude e insignificância.

Não é mais do que uma repetição dos argumentos anteriores que equiparam a santidade de Deus com o seu poder e depreciam a justiça do homem, pensando nisso apenas em termos de sua mortalidade e fraqueza. Nem a imagem faz espaço para a dimensão moral tanto em Deus como no homem, que é a essência da visão OT de ambos.

(2) Julgamento sobre Consoladores (26: 1-4)

¹ Então JÓ respondeu:

² "Como você ajudou aquele que não tem poder!

Como você salvou o braço que não tem força!

[3] Como você aconselhou aquele que não tem sabedoria,

e abundantemente declarou conhecimento sadio!

[4] Com a ajuda de quem pronunciou as palavras,

e cujo espírito surgiu de você?

Já foi feita referência à condição perturbada desses capítulos. A atribuição do capítulo 26 a JÓ (v. 1) não parece estar em ordem porque a maior parte do capítulo (vv. 5-14) é claramente uma peça com o início hímico do capítulo 25 (ver Int.).

O material em vv. 2-4 é certamente dirigido a um dos amigos. Sua natureza é totalmente diferente dos seus arredores. Isso levou a maioria dos intérpretes a pensar que isso é atribuído corretamente ao JÓ. O antigo editor que reuniu esses capítulos confusos também pensou assim. No entanto, há fortes argumentos contra JÓ como o falante. Os versos abordam alguém na segunda pessoa do singular. JÓ se refere aos amigos regularmente no plural. Estes se referem ao próprio JÓ como fraco e desamparado, sem sabedoria ou conhecimento. Parece improvável que JÓ tenha usado estes termos sobre si mesmo.

Uma sugestão recente útil (ver a Introdução) compreende esses versículos como o julgamento de Deus sobre os amigos por sua incapacidade de cumprir seu papel como edredons. Eles devem permanecer no final do diálogo original (ou seja, após o capítulo 27). Eles abordam uma única pessoa. Este seria o Eliphaz, o mais antigo dos amigos. Os versos teriam sido introduzidos por palavras como as de 42: 7 . A última parte desse versículo pronuncia o julgamento de Deus sobre as palavras faladas pelos amigos. A crítica aqui no capítulo 26 concentra-se em suas ações. Em ambos os lugares, as palavras faladas a Eliphaz aplicam-se igualmente a todos os amigos.

A seção é composta por três pares de perguntas. Como é um pronome interrogativo em hebraico. A forma de vv. 2-4 é a questão acusadora. A gramática desses versos se adapta perfeitamente a esse gênero. O objetivo de tais questões é definir claramente quais acusações estão sendo feitas. Eles são falados por um profeta ou pelo próprio Deus e são seguidos por uma declaração de condenação.

O orador aqui seria o próprio Deus. As perguntas não têm o seguinte anúncio de julgamento e, portanto, devem ser vistas como um fragmento. Eles devem ter tido originalmente uma conclusão como essa encontrada em 42: 7-9 . Eles podem até ter sido parte da seção do epílogo e instalados no início das últimas palavras do Senhor em 42: 7 .

Estes versículos retomam a idéia da tarefa original dos amigos (2:11) em termos de condolências e conforto. Primeiro é a questão específica da ajuda. Os amigos vieram a um homem sem poder. Esta construção poética concisa é uma forma curta em hebraico para indicar desamparo. Certamente, a condição de JÓ foi ajustada à chegada. A questão diz respeito aos resultados efetivos de sua missão. Obviamente, sua absorção total com a crença e a atitude de JÓ eliminou a possibilidade de qualquer ato de misericórdia.

O paralelo (v. *2b)* questiona os efeitos de salvação de seus esforços. A salvação em tal situação teria ampla oportunidade para os atos. O braço sem força não pode realizar muitas coisas de natureza pessoal que normalmente faria. Mas não houve nenhuma sugestão de qualquer movimento por parte dos amigos para ministrar as necessidades físicas do homem miserável. Sem banhos de resfriamento, nenhum tratamento de cura é registrado.

Não há dúvida de que as terríveis calamidades e sofrimentos físicos deixaram JÓ entorpecida e chocada (ver 2: 12-13). Ele certamente precisava ter seu juízo sobre ele novamente. A sabedoria dificilmente poderia ser esperada de alguém em tal condição. Suas circunstâncias exigiam decisões e ações definidas que ele não estava em condições de fazer.

Os amigos são desafiados a dizer como eles o ajudaram por conselho. Esses aspectos básicos do ministério do conforto também faltam. Enquanto os amigos falaram com grande aprendizado sobre sabedoria, eles ignoraram totalmente a necessidade elementar de aplicar a sabedoria às suas necessidades de mente e espírito.

O versículo 4 levanta a questão da fonte de sua inspiração. O espírito aqui é literalmente respiração. Se Deus é o falante dessas linhas, eles parecem negar que ele inspirou algo disso. Ele se isenta de qualquer responsabilidade e implica que sua inspiração e ajuda são provenientes de outros lugares.

Esta acusação mordaz do ministério dos amigos como edredons é paralela à imagem de Jesus do último julgamento com seus resultados surpreendentes com base no alívio e no conforto (Mateus 25: 31-46). O capítulo 24 apresentou uma imagem de opressão e ensinou que a atenção de Deus estava nele e que, em tempo útil, a situação seria corrigida. Essas perguntas acusadoras dirigidas aos amigos sugerem uma base para o julgamento dos culpados de negligência no alívio do sofrimento e tristeza, mesmo que os culpados não tenham nada a ver com a criação da situação.

Se houvesse um estágio no desenvolvimento do livro de JÓ em que o diálogo começou com 2: 11-13 definindo os amigos em termos de seu papel de conforto e piedosas e terminou com o julgamento de Deus sobre os amigos em termos de 26: 2 -4 , sua mensagem era muito clara. Estava preocupado em

perguntar: qual é o papel apropriado de um amigo em tal situação? (cf. Lucas 10: 25-37). A resposta desses capítulos é completamente negativa para os argumentos dogmáticos dos amigos que são julgados fora de lugar como meio de conforto e condolências. Infelizmente, JÓ não foi o último sofredor a receber esse "conforto".

(3) O Hino a Deus (26: 5-14)

5 As sombras abaixo tremem,
as águas e seus habitantes.

6 O Seol está nu diante de Deus,

e Abaddon não tem cobertura.

7 Ele estica o norte sobre o vazio,

e pendura a terra em cima de nada.

8 Ele liga as águas nas suas grossas nuvens,

e a nuvem não é rentada sob eles.

9 Ele cobre o rosto da lua,

e se espalhou por sua nuvem.

10 Ele descreveu um círculo no rosto das águas

no limite entre a luz ea escuridão.

11 As colunas do céu tremem,

e ficam espantados com a repreensão dele.

12 Pelo seu poder, ele acalmou o mar;

pelo entendimento ele perdeu Rahab.

13 Pelo seu vento, os céus foram feitos justos;

sua mão perfurou a serpente que fugia.

14 Eis que estes são apenas os arredores dos seus caminhos;

e quão pequeno é um sussurro que ouvimos sobre ele!
Mas o trovão de seu poder que pode entender? "

Estes versos ampliam o tema de 25: 2 em forma hinnia. Muitos intérpretes sugerem que eles podem ser melhor entendidos como pertencendo entre 25: 2 e 3. No entanto, isso pode ser, eles certamente expõem o tema da grandeza do domínio de Deus e a validade de admiração diante dele e seu trabalho.

Shades (v. 5) traduz a palavra hebraica *repha'im* . Refere-se aos habitantes do submundo dos mortos (Isaías 14: 9 ; 24:14 ; Salmos 88:10 ; Prov. 2:18 ; 9: 18 ; 21:16). A palavra é registrada em inscrições de sepulturas fenícias e nos comprimidos ugaríticos. Algumas passagens do Antigo Testamento relacionaram a palavra com o nome de uma extinta raça de gigantes no vale do Jordão (Gênesis 14: 5 ; 15:20 ; Deut. 2: 10,11 , 20,21 ; 3:11 ; Josh 12: 4,5 ; 13:13 ;1 Crôn. 20: 4).

Os habitantes do mundo dos mortos tremem diante da autoridade do Todo-Poderoso. O argumento é o de uma regra monoteísta que cobre toda a existência, além do túmulo. As águas como paralelo às sombras se referem ao submundo que foi entendido em termos de um abismo aquoso (2 Sam. 12: 5 , Jonas 2 , Salmos 42: 7 ; 88: 3-7). Portanto, os habitantes são aqueles que vivem na terra da morte.

Os mitos antigos muitas vezes representavam o submundo como um reino separado, governado por seu próprio deus da morte, que até os outros deuses não podiam entrar com impunidade. Em contraste, o reino de Deus louvado neste capítulo não reconhece limites no domínio da morte. Sheol é o lugar dos mortos. Está nu indica a falta de barreira para a visão e a influência de Deus. *Abaddon* é uma palavra hebraica transliterada que significa destruição ou ruína. Parece aqui como uma designação para o Sheol.

O norte (v. 7) torna a palavra hebraica *Zaphon* . Este era originalmente o nome da montanha sagrada dos deuses na Fenícia e na Síria. Uma montanha deste nome foi identificada: a montanha calva, na costa síria em frente a Chipre. Esta é uma trinta milhas ao norte de Ugarit, onde os textos mitológicos referentes a ela foram encontrados. Esta montanha é norteada da Palestina, o que explica seu uso para designar essa direção. No entanto, a referência aqui seria mais provável que se referisse a ela como a casa figurativa dos seres divinos, do que à direção.

Void é a mesma palavra que aparece em Gênesis 1: 2 . Ele descreve a massa caótica primitiva e está em casa na cosmologia. Esta não é uma imagem da terra flutuando livre no espaço como uma prévia de uma ideia moderna do universo. Ele permanece dentro dos limites da imagem antiga, como

faz Gênesis 1 . A proclamação do autor da grandeza do Criador não é menos para isso.

O verso 8 atribui a Deus o poder por trás do mistério da nuvem de chuva. O ciclo de movimento das águas da chuva, das correntes, do mar e de volta às nuvens e à chuva continua a ser um dos mais maravilhosos processos da natureza. As pessoas na Palestina especialmente apreciaram a chuva. Reconhecer isso como um presente de Deus era básico para a teologia e o culto.

O versículo 9 é obscuro, contendo duas palavras, de outra forma, desconhecidas em hebraico. Aparentemente, continua a atribuir a Deus os fenômenos básicos dos céus. O versículo 10 assinala uma observação do horizonte e a divisão entre o dia e a noite, bem como a natureza curvada de ambos e os atribui a Deus (cf. 22:14 ; Gn 1: 4 , 7 , 14 ; Prov. 8: 27).

Os pilares do céu se encaixam na imagem cósmica antiga. Eles apoiam a curva abobadada do céu como as montanhas no horizonte distante. Eles são, portanto, partes importantes da estrutura fundamental do universo (cf. 2 Sam. 22: 8 , Isaías 13:13 , Joel 2:10). Mesmo eles tremem com a repreensão do Todo-Poderoso. Uma visão do antigo Testamento da criação adapta imagens mitológicas ao ter Deus superado os poderes do Caos (representados como águas) para estabelecer a ordem em seu universo (Salmos 74: 13-14 ; 89:10 ; Isaías 27: 1 ; 51: 9) .

Os instrumentos de Deus no trabalho da criação estão listados em vv. 12-13 . Estes incluem seu poder, um atributo que é inerente à divindade, especialmente quando a criação e o domínio estão sendo descritos. Aqui é a aplicação de sua força para superar o mar, um sinônimo de caos. O paralelo em Gênesis 1: 9 é o ponto em que a terra seca apareceu. Esta vitória sobre o mar furioso e imprevisível foi um grande ponto de viragem em todas as cosmogonias do Oriente Próximo, nem menos em Israel.

Os obstáculos à ação criativa positiva incluíam, ao lado do mar furioso, os monstros. Destes, Rahab é mencionado com freqüência (ver 7:12 e 9:13). O entendimento pode ser interpretado como uma astúcia. Aqui, o elemento do conhecimento ou sabedoria divina entra na cena. O que a mitologia antiga tinha pensado ser um conhecimento de truques e fórmulas mágicas veio no desenvolvimento da compreensão da sabedoria para implicar a providência divina e o controle dos processos da natureza na maneira dos discursos do Senhor a JÓ (capítulos 38-41). Essas formulações arcaicas são retidas apenas no estilo elevado dos hinos para a grandeza de Deus.

O vento é a mesma palavra que o espírito (Gênesis 1: 2). O hebraico é representado pelo RSV, embora seja justo é uma palavra obscura. No entanto,

pode-se duvidar que a imagem da vitória de Deus sobre o mar realmente tenha mudado de volta ao céu desde que a segunda linha retorna ao assassinato de um monstro. O Papa (p. 166) mostrou que a história da criação da Babilônia tem Marduk derrotar o Deus do mar usando um grande vento e uma rede. A palavra net é muito semelhante à obscura palavra hebraica traduzida "feita justa". O papa, portanto, sugere a tradução, "pelo seu vento ele colocou o Mar em uma bolsa".

O quarto instrumento divino na vitória da criação foi a mão de Deus, que conseguiu destruir a serpente (3: 8 ; 40:25 ; Isaías 27: 1 ; Rev. 12: 3). Já desmoralizado pelas outras vitórias, a serpente já não era uma ameaça, mas estava em pleno vôo. "Mão" é um sinônimo comum de poder, então o desenvolvimento das quatro linhas é arredondado.

O versículo 13 assinala que os atributos de Deus que são obtidos da natureza ou da cosmologia são apenas os arrabaldes, apenas um sussurro - um esboço fraco ou uma dica - do que seu domínio (25: 2) realmente é. As maneiras foram mostradas em comparação com Ugaritic para ser adequadamente "poder" (também, 40:19 marg.). O paralelo ugarítico significa algo como "domínio" Este significado se encaixa no contexto e permite que este versículo volte ao tema do início do hino.

O espanto diante da presença de Deus, bem como uma experiência próxima do trovão de seu poder, está por trás da abordagem indireta da sabedoria ao conhecimento de Deus. Com todo o devido reconhecimento do valor da teologia natural e a derivação de imagens magníficas para o louvor na reinterpretação da mitologia, qualquer pessoa que esteja acostumada com o trovão da revelação do Sinai ou a palavra inspirada do profeta, considera que a sabedoria é muito branda. Assim também, qualquer pessoa que tenha sido autorizada a permanecer no Lugar Sagrado no Templo sente a falta de consciência dinâmica que transmitem. A sabedoria esquivou-se disso, preferindo a contemplação tranquila dos arredores e do sussurro. Esta é uma das razões pelas quais os amigos, treinados nas disciplinas da sabedoria,

18. A Oitava Respeita de JÓ (27: 1-7)

Este é o último discurso de JÓ sobre o diálogo. Nele ele faz um juramento de que sua posição é verdadeira e então dirige uma maldição sobre sua oposição. Estes juntos confirmam a sua falta de vontade para comprometer o assunto ou admitir de qualquer maneira que seus amigos tenham razão.

¹ E JÓ novamente retomou o discurso e disse:

² "Como Deus vive, quem tirou minha direita,

e o Todo-Poderoso, que amargou minha alma;

3 enquanto minha respiração estiver em mim,

e o espírito de Deus está nas minhas narinas;

4 meus lábios não falarão falsidade,

e minha língua não proferirá engano.

5 Longe de mim dizer que você está certo;

Até eu morrer, não vou me afastar a minha integridade.

6 Seguro a minha justiça e não a deixarei ir;

Meu coração não me censura por nenhum dos meus dias.

7 "Que o meu inimigo seja o ímpio,

e deixe que aquele que se levanta contra mim seja como o injusto.

JÓ novamente assumiu. Após a interrupção dos últimos capítulos, os editores acharam necessário fazer uma introdução um pouco mais longa do que o habitual: "Então JÓ respondeu." A mesma frase vem em 29: 1 após o longo poema não relacionado no capítulo 28 .

O discurso traduz uma palavra com um significado literário preciso (*mashal*). Refere-se a uma comparação e é freqüentemente usado para designar proverbios curtos que fazem exatamente essa comparação. Também pode ser usado de enigmas ou provocações. É sempre usado com poesia. O coração da poesia hebraica é paralelismo nas duas ou três partes de uma linha. Por esta razão, o Papa (p. 171) fala disso como o termo mais próximo em hebraico para "poema". É difícil encontrar um termo melhor para descrever as partes do diálogo.

Como Deus vive: a fórmula introdutória para o juramento mais solene possível. JÓ está prestes a selar seu testemunho através de todo o diálogo com um juramento de que ele disse a verdade.

A petulância e a impaciência com Deus, que se insinuou nos discursos de JÓ, aparecem de novo quando entonam as palavras solenes. Ao falar o nome de Deus, ele não pode evitar uma acusação. Direito traduz a palavra comum para julgamento ou justiça. Pode nomear o ato de julgamento, o que é provável aqui, ou a justiça resultante. Tirado é literalmente "causado para desviar". A

frase total descreve o ato de um juiz que se recusou a ouvir um caso. Isso não significa que a injustiça tenha sido feita, mas simplesmente que a justiça não foi autorizada a seguir seu curso. Elihu cita JÓ sobre isso em 34: 5 . Em 36: 6 ele afirma que Deus está acostumado a dar aos aflitos suas chances de justiça.

A segunda linha continua o juramento, desta vez em nome do Todo-Poderoso. Novamente, vem a queixa. Ele sente que Deus tornou sua alma amarga. A queixa é como Naomi (Rute 1:20) e foi repetida por JÓ (7:11 ; 10: 1 ; 21:25). Ele descreve o coração da depressão de JÓ que encontrou expressões repetidas em seus lamentos (ver cap. 3).

Os discursos de JÓ alternaram entre os lamentos que surgiram desta amargura de alma e argumentos por sua integridade não reconhecida, que surgiu de seu chamado para que Deus abraçasse seu pedido de reivindicação. O início deste juramento suavemente resume seus pontos.

O versículo 3 enfatiza a natureza contínua da veracidade de JÓ. O que ele fez, ele continuará fazendo o tempo que ele viver. O espírito de Deus em paralelismo ao meu fôlego significa "o fôlego que Deus me dá". Isso desencadeia a visão de que Deus apoia a vida em cada homem, dando-lhe respiração. Não é mais um passo disto para uma compreensão do Espírito Santo de Deus em cada homem para dar-lhe direção. Mas esse passo ainda não foi tomado aqui.

O conteúdo do juramento é dado na v. 4 . Falso é algo sem substância, isto é, vazio. A falsidade não significa que seja um juramento da verdade.

O versículo 5 é literalmente: "Posso ser amaldiçoado, se eu reivindicar você." Este é o juramento em sentido inverso. JÓ está determinado a nunca aceitar sua visão. A segunda parte esclarece exatamente o que, em sua opinião, ele não pode conceder. Eles fizeram um ataque consistente na afirmação de que ele é irrepreensível (9: 20-22). Eliphaz disse que se ele realmente tivesse integridade, ele não tinha nada com que se preocupar (4: 6). Mas era óbvio que isso não poderia ser verdade depois de tudo o que tinha acontecido com ele. Bildad assegurou-lhe que Deus não poderia "rejeitar um homem irrepreensível" (8:20).

Tudo isso está usando a mesma palavra, o que significa integridade, integridade e perfeição. Foi parte da primeira descrição de JÓ (1: 1) e foi usado duas vezes pelo Senhor ao descrevê-lo para o Adversário (1: 8 ; 2: 3). Sua determinação em manter sua integridade na adversidade é estressada no prólogo. Após o primeiro teste, o Senhor observa ao Adversário que ele "segurou sua integridade" (2: 3). A esposa de JÓ testifica indiretamente após

o segundo teste na pergunta zombeteira: "Você ainda mantém sua integridade firme?" (2: 9).

JÓ jura agora em sua declaração final do diálogo que ele nunca cederá ao ataque sobre sua integridade. Mesmo até a morte, ele nunca desistirá (v. 5). Ele ainda está agarrando-o tão firmemente como o prólogo havia dito. No grande juramento de inocência de JÓ, ele chama Deus a reconhecer essa integridade que ele manteve tão forte durante tanto tempo, por meio de tantos julgamentos (31: 6).

Ele afirma que ele mantém sua justiça (v. 6). Com isso, ele significa a justiça de sua causa. Ele está preparado para nenhum arranjo legal que possa comprometer sua posição. O coração foi considerado pelos hebreus como a sede do pensamento e dos poderes volitivos. Aqui a referência é a consciência. Ele não tem dores de consciência para qualquer uma de suas vidas. Ele está negando a consciência de qualquer coisa que os amigos disseram deve ser verdade em sua vida (cf. 22: 6-9).

JÓ fecha seu pedido com uma maldição em seus oponentes (v. 7). Ele não entra nos pontos finos do destino dos ímpios, enquanto ele coloca uma maldição sobre seus oponentes para serem contados como os ímpios. Isso pode significar "ser punido como o perverso". Mas também expressa o desejo de serem reconhecidos no tribunal para serem "errados". A segunda linha exigiria que aquele que se levantava com ele ouça o tribunal decisão, para ser julgado para ter um caso "sem substância". Este é o verso da determinação de JÓ de manter firmemente o seu direito diante da barra de Deus. Com isso JÓ repousa seu caso. Nesse sentido, v. 7 pertence aos versos anteriores melhor do que aqueles que se seguem.

19. "O homem malvado diante de Deus?" (27: 8-23)

Este é o último discurso que pertence ao diálogo propriamente dito. Não foi separado com uma introdução dando o nome do falante. Seu tema é o castigo seguro que virá para os perversos. Nisto, faz eco do ponto de vista dos amigos, enquanto JÓ argumentou que tal apresentação ideal e consistente não se encaixa na realidade.

O discurso pertence, então, aos amigos em vez de JÓ. Zophar não foi representado neste terceiro ciclo, por isso seria natural pensar nele. Alguns intérpretes combinam esses versículos com o capítulo 24(ver acima, *loc. Cit.)* Como o discurso reconstruído de Zophar.

[8] *Pois qual é a esperança do Deus menos quando Deus o interrompe, quando Deus tira sua vida?*

9 Deus ouvirá o seu clamor,

quando o problema vem sobre ele?

10 Ele se deleitará com o Todo-Poderoso?

Será que ele invoca Deus em todos os momentos?

11 Ensinar-te-ei sobre a mão de Deus;

O que é com o Todo-Poderoso, eu não esconderá.

12 Eis que todos vocês viram isso vós mesmos;

Por que você tornou-se completamente inútil?

13 "Esta é a porção de um homem perverso com Deus,

e a herança que os opressores recebem do Todo-Poderoso:

14 Se seus filhos se multiplicam, é para a espada;

e sua prole não tem o suficiente para comer.

15 Aqueles que sobreviveram a ele, a peste enterra-se,

e suas viúvas não fazem lamentações.

16 Embora ele amasse prata como pó,

e empilhar roupas como argila;

17 ele pode empilhá-lo, mas o justo o usará,

e os inocentes dividirão a prata.

18 A casa que ele constrói é como uma tela de aranha,

como um estande que um vigia faz.

19 Ele vai para a cama rico, mas não o fará mais;

Ele abre os olhos, e sua riqueza desapareceu.

20 Os terrores o alcançam como uma inundação;

Na noite em que um redemoinho o carrega.

21 O vento leste o levanta e ele se foi;

Ele o tira do seu lugar.

22 Ele o atira sem piedade;

Ele foge de seu poder em um vôo de cabeça.

23 Aplauda as mãos para ele,

e silva para ele de seu lugar.

A seção começa com perguntas que preparam o caminho para o tema: ele fora . Esta é certamente a intenção do original, como a linha paralela deixa claro. O versículo vê a morte como algo que Deus faz. É uma crise provocada pela decisão e ação de Deus.

O versículo 9 expande o tema com a questão da disposição de Deus para responder com piedade e conforto ao seu choro. O problema é a aproximação da morte.

O verso 10 questiona se ele vai invocar Deus. Será que o deus menos homem, que tenha vivido sua vida sem recorrer a Deus, tem vontade de se aproximar dele naquela hora? Ou a questão pode ser mais profunda. Presume que as condições de comunhão com Deus e o privilégio de seu cuidado são, que se deleite com ele e invoque-o em todos os momentos. Alguém que tenha evitado a adoração do Todo-Poderoso há tanto tempo de repente, colocou uma mudança de coração que um apelo a Deus implica?

O tom do professor entra com vv. 11-12 . Ele promete instruir os ouvintes nos caminhos de Deus. A mão de Deus significa o poder de Deus e a maneira como ele é usado. Ele promete conhecimento das intenções e políticas de Deus. A professora sugere que o conhecimento que ele prometeu está disponível para que todos observem. Ele está confiante de que sua experiência apoiará sua doutrina, mas ele fica chocado porque sua conversa degenerou em "disparates tão vazios" (NEB). Isso é direcionado para JÓ, pois ele é o único que desafiou a idéia de que Deus sempre dá ao maligno seus justos desertos.

O restante do capítulo (vv. 13-23) é uma exposição do lote do homem perverso. Com Deus, mais apropriadamente pode ser de Deus. Toda a passagem argumenta que os processos de Deus estão inexoravelmente no trabalho do destino dos homens o tempo todo e que estes funcionam em termos de recompensa direta pelo que ele é e tem feito.

O verso parece olhar para a vida humana como uma concessão de Deus. As palavras usadas, porção e herança, normalmente se referem à propriedade. Eles designaram as seções de terra concedidas a famílias israelitas quando entraram em Canaã. Existe uma certa "dada" sobre os termos que são usados para estacarar essa imagem nesta visão da vida.

O homem neste versículo é um ser humano. O estresse é menos na sua individualidade do que na sua sorte ou atribuição de Deus para ser um ser humano - mas um ser humano pertencente à categoria dos perversos, os opressores. A passagem parece dizer que este tipo de pessoas é atribuído o destino de ser "o perverso".

Desconhece-se, aqui, a dinâmica das escolhas e consequências morais que iluminam a maneira como Gênesis trata dessas coisas. A visão deste orador de Deus e do homem faz com que os dois sejam pouco mais do que robôs nos inevitáveis processos do dogma da retribuição.

O versículo 14 supõe que o ímpio tem muitos filhos. Isso normalmente é visto como uma benção no Próximo Oriente. Mas para o homem perverso, ele diz, isso tem um toque demoníaco. Eles estão destinados ao abate da guerra, à privação da fome, à devastação da doença e ao vazio de nem serem chateados por suas famílias. Esta imagem amarga do potencial demoníaco na benção divina do nascimento continua a ser uma verdadeira realidade humana até o presente. Que esta é a experiência humana é clara. Que é restrito ao deus menos e o ímpio não é mostrado, como JÓ argumentou.

Os versículos 16-17 se voltam para o fato de que os ímpios às vezes ganham imensa riqueza. Isso é reconhecido como um fato, mas o falante argumenta que ele não terá o uso dessas coisas. Sua acumulação servirá apenas o bem do justo e do inocente a longo prazo. Eles usarão as roupas que o homem perverso comprou e dividiu, ou seja, contam e gastam, o dinheiro que ele salvou.

A casa que surge com uma opulenta magnificência em sua propriedade, insiste o orador, não é sinal de estabilidade genuína. Apesar das aparências, é temporário e frágil. É comparado à habitação mais vulnerável das criaturas da natureza ou da casa da guarda, que simplesmente mantém o clima fora.

Suas riquezas desaparecerão da noite para o dia (v. 19). E este é apenas o começo de seus problemas. Os terrores (v. 20) podem ser entendidos no sentido de desastres. Eles não são as coisas que flagelam um homem de dentro, como JÓ os experimentou em sua "noite escura da alma". Eles o varrem como uma enorme e calamitosa inundação.

Os últimos versículos do capítulo (20-23) descrevem sua ruína total. O RSV provavelmente está certo em fazer o vento do leste, o assunto de todos eles. Como um tornado destrutivo, ele faz um completo JÓ de trazer a ruína total. Destrói tudo o que indica que o ímpio se estabeleceu. Parece bater as mãos de forma ridícula e assobia seu desprezo.

Como muitas das descrições dos amigos sobre o destino dos perversos, este vem desconfortavelmente perto da própria experiência de JÓ. Não pode haver nenhum argumento com o fato de que esse tipo de coisa acontece. Mas, sempre acontece com alguém que merece uma punição? E, isso só acontece com ele? É o que JÓ insiste que não pode ser provado.

Neste ponto, os discursos e counterspeeches do diálogo terminam. Os pontos de vista e posição de JÓ, sem referência aos amigos, são expostos nos capítulos 29 a 31 . A afirmação da sabedoria de que ninguém pode explicar os caminhos de Deus é retratada no capítulo 28 . As aspas no início deste capítulo representam a visão dos tradutores do RSV de que é uma continuação do discurso de JÓ. Sua posição no livro é entendida como sugerindo isso. Mas o conteúdo do capítulo não se encaixa no argumento de JÓ.

Uma versão inicial do diálogo deve ter terminado com a resposta do Senhor aos amigos (26: 1-4) e seu julgamento de seu fracasso como edredons para JÓ. O diálogo certamente demonstrou. Em outras áreas, levantou mais perguntas do que respondeu.

III. Os Discursos JÓ (28: 1-81: 40)

Um grupo de três poemas são organizados entre o diálogo e a resposta de Elihu a ele. Eles não fazem referência aos amigos ou seus argumentos. O Capítulo 28 não nomeia um falante. Sua apresentação muito geral da atitude da sabedoria se adequa ao anonimato de sua posição. Seria adequado responder à história original de JÓ antes que suas complicações fossem expostas. Como tal, pode ser a seção poética mais antiga do Livro de JÓ (ver a Introdução).

Os capítulos 29-31 aceitam o lamento de JÓ no capítulo 3 . Em um belo estilo poético sem ser polêmico com os amigos, JÓ apresenta sua lamentação e toma um elaborado juramento de inocência para sustentar sua súplica a Deus por alívio. Estes capítulos também não fazem referência aos amigos e provavelmente representam um estágio no desenvolvimento do livro antes da inserção do diálogo. No entanto, eles se encaixam em um período que pode muito bem incluir as "Seções Adversas" do prólogo e talvez os "discursos de Javé" (38-42: 6).

1. A sabedoria pertence a Deus (28: 1-28)

Praticamente, o consenso unânime da bolsa de estudos moderna vê este capítulo como separado do diálogo e do discurso de JÓ nos capítulos 29 a 31 . Tem uma série de afinidades para os discursos de Yahweh (capítulos 38-41). Ensina que a verdadeira sabedoria é inacessível para o homem. Ele não pode encontrá-lo nem comprar. Somente Deus tem tal sabedoria. Ele comunica ao homem apenas "o começo da sabedoria": as instruções para adorar a Deus e evitar o mal. Na piedade e na moral, as possibilidades para o homem se dar bem na vida sem os segredos finais que só Deus conhece. As implicações para JÓ são óbvias. JÓ nunca conseguirá entender por que todas essas coisas aconteceram com ele. O conselho da sabedoria é continuar fazendo o que sempre fez.

(1) A Mine for Silver (28: 1-11)

1 "Certamente há uma mina para prata,
e um lugar para o ouro que refinam.

2 O ferro é retirado da terra,

e o cobre é fundido do minério.

3 Os homens acabaram com a escuridão,

e procure o limite mais distante
o minério na escuridão e a escuridão profunda.

4 Eles abrem os eixos num vale de onde vivem os homens;

são esquecidos pelos viajantes,
Eles ficam longe dos homens, eles balançam de um lado para o outro.

5 Quanto à terra, daqui vem o pão;

mas, embaixo dele, aparece como fogo.

6 Suas pedras são o lugar das safiras,

e tem pó de ouro.

7 "Esse caminho que nenhum ave de rapina sabe,

e o olho do falcão não o viu.

8 Os animais orgulhosos não o pessaram;

O leão não passou por ele.

9 "O homem coloca a mão na rocha fina,

e derruba as montanhas pelas raízes.

10 Ele corta canais nas rochas,

e seu olho vê todas as coisas preciosas.

11 Ele liga as correntes para que não goteiem,

E o que está escondido ele traz à luz.

A Mina traduz uma palavra que significa "lugar de saída". O Papa (p. 177) argumentou efetivamente que isso se refere a uma "fundidora". Não havia minas de prata na Palestina e o metal precioso tinha que ser trazido de longe. O versículo estabelece o fato de que havia lugares e meios para extrair os metais preciosos de seus minérios.

Ouro também tinha que ser trazido de Ophir e Sheba. Refine descreve o processo complicado envolvendo fogo, pelo qual o ouro puro é separado das impurezas (ver Mal. 3: 3). O ferro e o cobre existiam em Chipre, em Edom e no Sinai.

O fim da escuridão provavelmente se refere à luz artificial nas operações de mineração. Todo obstáculo é superado para obter os metais preciosos. Longe de onde os homens vivem é uma frase estranha no hebraico. Uma leve emenda fornece o sentido de "pessoas alienígenas quebram os eixos" (ver Pope, página 178). Isso se referia à prática comum de usar escravos e prisioneiros de guerra para as operações de mineração. Eles pendem devem se referir ao uso de cordas na operação de mineração.

O versículo 5 observa o contraste entre a superfície da terra que produz grãos para o pão e a aparência completamente diferente da terra no fundo de uma mina. O último parece ter sido produzido por fogo. No entanto, esta estranha terra de areia não produz grãos, mas pedras preciosas e metal.

Os versículos 6-7 enfatizam o afastamento e a inacessibilidade das minas. As minas de ouro trabalhadas pelos egípcios na Nubia foram relatadas como sendo de sete a oito dias de viagem para o deserto. Orgulhoso beastsis literalmente "filhos de orgulho". Em 41:26 é usado do monstro Leviatã. No

entanto, não há implicação mitológica aqui, sendo usado no significado paralelo ao leão.

Nada vai impedir o homem em sua busca pelo tesouro. Ele virtualmente revira montanhas. Cortes de canais nas rochas podem se referir aos poços das galerias das minas, ou os meios de drenar o excesso de água das minas.

O RSV traduz o v. 11 como um paralelo a essa idéia. O Papa mostrou através do uso de textos paralelos que se refere à exploração de profundidades aquosas (talvez subterrâneas) em busca de mais tesouros.

A passagem em sua totalidade expressa maravilha com a engenhosidade, perseverança e sucesso dos homens na exploração, mineração e fundição por causa da riqueza em ouro ou pedras preciosas. Isso será contrastado na próxima passagem com a busca infrutífera do homem pela sabedoria.

(2) Onde alguém encontrará sabedoria? (28: 12-22)

12 "Mas, onde a sabedoria seja encontrada?
E onde é o lugar da compreensão?

13 O homem não sabe o caminho para ele,

e não é encontrado na terra dos vivos.

14 O fundo diz: "Não está em mim"

e o mar diz: "Não está comigo".

15 Não pode ser obtido por ouro,

e a prata não pode ser pesada como seu preço.

16 Não pode ser valorizado no ouro de Ophir,

em ônix precioso ou safira.

17 O ouro e o vidro não podem igual-lo,

nem pode ser trocado por jóias de ouro fino.

18 Nenhuma menção deve ser feita de coral ou de cristal;

O preço da sabedoria está acima das pérolas.

19 O topázio da Etiópia não pode comparar com ele,

nem pode ser valorizado em ouro puro.

20 "De onde vem a sabedoria?

E onde é o lugar da compreensão?

21 Está escondido dos olhos de todos os vivos,

e escondido dos pássaros do ar.

22 Abaddon e Death dizem:

"Nós ouvimos um rumor sobre isso com nossos ouvidos".

A partir da afirmação da busca bem-sucedida de minerais, o poeta se volta para se concentrar na frustração e no fracasso que é o lote de uma busca de sabedoria. A sabedoria e a compreensão são regularmente emparelhadas nas linhas paralelas da poesia hebraica (Prov. 1: 2 ; 4: 5 , 7 ; 9:10 ; 16:16). A sabedoria é "uma qualidade de espírito que distingue o homem sábio, em virtude do qual ele é habilidoso e capaz de viver bem e ambos conseguem e aconselham o sucesso" (BID, IV, pp. 852-853).

JÓ geralmente é considerado como pertencente à Literatura da Sabedoria do Antigo Testamento, que inclui Provérbios e Eclesiastes. Este capítulo, os discursos de Yahweh e partes dos discursos dos amigos de JÓ são os exemplos mais claros de sua influência.

O versículo 13 responde a pergunta de forma pessimista. O tipo de vida que o homem vive é uma ampla evidência de que ele não possui as qualidades de mente necessárias para uma vida boa e bem-sucedida. Nenhuma quantidade de pesquisa pode aumentar. A terra dos vivos se opõe ao submundo, "a terra dos mortos", mencionada na versão 22 (ver Isaías 38: 11 ; 53: 8 , Jeremias 11:19 , Eze. 26:20).

O homem, que descobriu os segredos do interior da Terra em cavar minerais, não é capaz de encontrar sabedoria. Aparentemente, ele está além do alcance do homem mortal. O fundo e o mar se referem aos oceanos primitivos que se pensava estender ao meio da terra. O homem é bem sucedido na extração do tesouro das profundezas, mas não na busca da sabedoria. Nem pode ser comprado. O ouro é realmente a palavra "ouro". Claro, isso significa "ouro", mas a implicação é de grandes quantidades. Pesado indica os meios de usar os metais antes do dinheiro cunhado estabelecer o valor das moedas (ver Gênesis 23:16; Zacarias 11:12).

A palavra ouro em v. 16 vem da terra de sua origem (*ketem*) e foi regularmente usada no Egito. Ophir era outra terra produtor de ouro. Os versículos 17-19 continuam a ampliar a lista das mais preciosas e preciosas jóias conhecidas por esse tempo. Nada disso pode comprar sabedoria, mesmo que possa ser encontrado.

A questão da origem da sabedoria é levantada novamente na v. 20 , apenas para notar que está escondida para todos os seres vivos, morais e até mesmo escondida dos olhos afiados das aves de rapina. Mas mesmo além do alcance dos vivos, o reino proibido dos mortos não pode denunciar mais do que um rumor sussurrado. Ouvir com os ouvidos significa pegar um relatório de segunda mão.

(3) Deus compreende (28: 23-27)

23 "Deus entende o caminho para ele,
e ele conhece seu lugar.

24 Porque ele olha para os confins da terra,

e vê tudo sob os céus.

25 Quando ele deu ao vento seu peso,

e estimulou as águas por medida;

26 quando ele fez um decreto para a chuva,

e um caminho para o raio do trovão;

27 então ele viu e declarou;

Ele estabeleceu e procurou isso.

O que é totalmente além do alcance da habilidade do homem é o natural para Deus. Ele é a chave para a sabedoria. Ele sabe onde é encontrado e tudo sobre seus caminhos. Os versículos seguintes se voltam para a criação e o controle de Deus sobre as forças naturais para ilustrar sua posse e uso da sabedoria.

Os fins da Terra aparentemente mostram que Deus examina o mundo na criação (cf. 37: 3 ; 41: 3 ; Isaías 40:28 ; 51: 5 , 9). A sabedoria e a compreensão eram o meio da criação (Prov. 3:19).

Deus aplicou a sabedoria para regular o vento e medir as águas (cf. 5:10 ; 36: 27-33 ; 38: 26-27 , Isaías 40:12). Há muito tempo, o comentador judeu,

Rashi, observou que diferentes terras precisam de diferentes quantidades de chuva. As pessoas na Palestina sempre estiveram interessadas nos processos de precipitação porque eles eram tão dependentes deles. Um lapso aparente neste fornecimento providencial é observado em 12:15 .

Feito. O uso repetido deste verbo, traduzido "dado" na v. 25 , enfatiza a relação com a criação (ver Gera 1). Os caminhos da obra da natureza são fixados por decreto, a contrapartida da palavra de Deus em Gênesis 1 e a maneira pela qual a sabedoria é dada aplicação prática. Lightning of the thunder é literalmente "uma nuvem de vozes".

O versículo 27 resume o uso de sabedoria de Deus. Sabendo onde estava, ele achou e usou para ordenar as formas da natureza.

Ele não só organizou essas coisas, mas as testou completamente no processo de criação. A sabedoria que pode controlar as forças do universo para fazê-las funcionar para o bem e que pode lidar com as necessidades mais profundas do homem, tanto social como espiritual, é exclusivamente a Província de Deus.

(4) Sabedoria de Deus para o homem (28:28)

28 E ele disse ao homem:
'Eis o medo do Senhor, isto é sabedoria;
e se afastar do mal é a compreensão ".

Este versículo toma uma curva nítida em uma direção diferente. Ao final do poema sobre a inacessibilidade da sabedoria divina para o homem é anexada uma breve palavra de conselho. Que o homem não possa alcançar a sabedoria divina não é motivo de desespero. Ele pode adorar e evitar o mal. Isso, pelo menos, toca as saias da sabedoria. E ele pode fazer isso porque Deus falou com ele.

E ele disse que o homem é a frase, fora da forma métrica, que forma uma ponte entre as duas partes. Mas também é importante, pois mostra que o que o homem não conseguiu descobrir por conta própria é compartilhado com ele, em medida, pelo Criador.

O verso é muitas vezes descartado como sendo uma adição que nada tem a ver com o poema antes. De certa forma, isso é verdade. A sabedoria descrita aqui é de um tipo completamente diferente do que no poema anterior. Senhor é um nome para Deus que não ocorre em nenhum outro lugar do livro. No entanto, Snaith está certo (pp. 69-70) ao dizer que a justaposição dos dois é o ponto inteiro do capítulo nesta configuração. Ele apoia a visão do autor sobre JÓ e suas dificuldades ao longo do prólogo e do diálogo.

O versículo tem paralelos nos Provérbios 15: 23 ; Salmo 111: 10 ; e Provérbios 1: 7 e 9:10 . No entanto, eles não são idênticos por nenhum meio. Eles expressam a visão muito prática da religião que é típica dos homens sábios. O medo é a atitude de adoração. O coração da moral é expresso em evitar o mal. O verso equilibrado é cuidadoso para não permitir que a sabedoria eo entendimento se tornem desculpas para a presunção e a vida libertina.

2. Então e agora para JÓ (29: 1-30: 31)

O discurso único mais longo de JÓ está contido nos capítulos 29-31 . Sua natureza e relação com outras partes do livro tem sido objeto de discussões freqüentes. Tem certas semelhanças definidas com partes do diálogo em forma e função. No entanto, não faz referência explícita aos amigos ou aos argumentos deles. Se é suposto ser um lamento final, certamente deixa de lado muitas coisas que foram parte integrante dos argumentos de JÓ no diálogo.

Há vários elos entre esses capítulos e a aparição do Senhor para JÓ (38-42: 6). Nesse sentido, eles foram vistos como uma introdução ao the- ophany. Nesta visão, o desafio de JÓ (31: 35-37) é o ponto alto do capítulo. Isso depende da compreensão da forma desses capítulos em termos legais para um processo judicial.

A mesma tensão se desenvolve dentro desses capítulos que foi observada no diálogo. O lamento elaborado (p . 29-30), bem como o juramento de inocência (cap. 31) são formas legítimas para a apresentação de um pedido de ajuda a Deus no santuário. Desta forma, a seção, como o capítulo 3 e várias partes da parte do diálogo de JÓ, pode ser contada como um lamento, contrastando os dias anteriores de JÓ e suas circunstâncias presentes deploráveis.

Assim como vários elementos forçaram a discussão no diálogo para lidar com o direito de JÓ em termos legais, conceber seu encontro com Deus como uma espécie de batalha legal, então a aparência de 31: 35-37 nesta seção faz o mesmo . Se o todo é um lamento, esta seção é desnecessária e deve ser vista como um elemento estranho. Deve então ser atribuído a uma explosão da paixão impaciente de JÓ, ou a uma alteração deliberada que alteraria o lamento em um pedido de satisfação judicial. Não há dúvida de que 31: 35-37 prepara o caminho para a convocação do Senhor para JÓ em 38: 1 .

(1) The Wish for Old Times (29: 1-25)

[1] E JÓ novamente retomou o discurso e disse:

[2] "Oh, que eu era como nos meses de idade,

como nos dias em que Deus me observou;

3 quando sua lâmpada brilhava sobre minha cabeça,

e pela sua luz atravessou a escuridão;

4 como estava nos meus dias de outono,

quando a amizade de Deus estava em minha tenda;

5 quando o Todo-Poderoso ainda estava comigo,

quando meus filhos estavam sobre mim;

6 quando meus passos foram lavados com leite,

e a rocha derramou-me córregos de óleo!

7 Quando eu fui ao portão da cidade,

quando eu preparei meu assento na praça,

8 os jovens viram-me e retiraram-se,

e os idosos levantaram-se e pararam;

9 os príncipes se abstiveram de falar,

e colocaram a mão na boca;

10 a voz dos nobres ficou silenciosa,

e sua língua escorria para o telhado de sua boca.

11 Quando o ouvido ouviu, me chamou abençoado,

e quando o olho viu, aprovou;

12 porque entreguei os pobres que choraram,

e o órfão que não tinha ninguém para ajudá-lo.

13 As bençãos daquele que estava prestes a perecer vieram sobre mim,

e fiz com que o coração da viúva cantasse de alegria.

14 Eu coloquei a justiça e me vestiu;

minha justiça era como uma túnica e um turbante.

15 Eu era olhos para os cegos,

e os pés para o coxo.

16 Eu era um pai para os pobres,

e procurei a causa daquele que eu não conhecia.

17 Eu quebrei as presas dos injustos,

e fez ele soltar sua presa de seus dentes.

18 Então pensei: "Eu morrer no meu ninho,

e multiplicarei os meus dias como a areia,

19 minhas raízes se espalharam para as águas,

com o orvalho a noite toda nos meus ramos,

20 minha glória fresca comigo,

e meu arco sempre novo na minha mão.

21 "Os homens me ouviram e esperaram,

e fiquei em silêncio pelo meu conselho.

22 Depois que eu falei, eles não falaram novamente,

e minha palavra caiu sobre eles.

23 Eles me esperaram quanto à chuva;

e eles abriram a boca para a chuva da primavera.

24 Eu sorri sobre eles quando eles não tinham confiança;

e a luz do meu semblante eles não derrubaram.

25 Eu escolhi o caminho, e sentei-me como chefe,

e eu habitava como um rei entre suas tropas,
como aquele que conforta os lamentadores.

O verso 1 apresenta a seção inteira dos capítulos 29-30 . É semelhante em forma a 27: 1 . Aqui, ainda mais do que lá, pretende-se pegar o fio de conexão após um intervalo. O poema de sabedoria do capítulo 28 é o motivo dessa interrupção.

O discurso começa com uma fórmula impressionante. Oh, o que eu soubo é literalmente "Quem me fará ser?" É encontrado na abertura de discursos ou em uma interrupção impressionante (ver 19: 23-24 ; Ex. 16: 3 ; Salmos 14: 7 ; 53 : 6 ; 55: 6 ; Jeremias 9: 1). Começa o desejo de algo que não seja (ou ainda não) realidade.

Como nos meses de contrastes antigos com "mas agora" (30: 1 , 9) e mostra todo o capítulo 29 para ser uma descrição do passado, JÓ deseja experimentar novamente. É citado para que possa ser examinado e comparado com o presente. Nela "JÓ é visto testemunhando sua própria estatura social e ética e lembrando os benefícios da vida justa e poderosa que ele já desfrutou" (Kautz, página 107).

Os versículos 2-5 enfatizam o que Deus fez para proteger e abençoar JÓ materialmente. A luz de Deus é freqüentemente usada para mostrar seu favor, especialmente em poemas de lamentação ou petição (cf. Números 6: 24-27 ; Salmos 4: 6 ; 18:28 ; 27: 1 ; 43: 3 ; 44: 3 ; 56 : 13 ; 80: 3 , 7 , 19 ; 119: 105 , 135). Kautz ligou este recital dos atos passados de Deus a formas paralelas que relatam seus atos para Israel na pregação e em orações formais. Kautz conclui que se encaixa mais apropriadamente e efetivamente em lamentos e petições como essa (pág. 122).

No entanto, o desejo de voltar aos dias do passado não é típico. As experiências de JÓ foram tão devastadoras - começando com a reação de choque que o deixou apenas querendo morrer (capítulo 3), através da experiência confusa do diálogo, na qual ele não conseguiu explicar a ordem das coisas, mesmo quando ele rejeitou as explicações de seus amigos, até um ponto em que sua vida atual não tem significado - que ele só pode se retirar para uma nostalgia do passado.

JÓ encontra-se alienado e está tentado a aceitar isso como fato, atacando-o em sua demanda pela justiça. Mas o próprio lembrete das coisas que Deus fez por ele no passado é um testemunho oposto. O lamento é sempre um grito dentro da totalidade do relacionamento. Aqui JÓ emite sua soma como alguém que sabe que ele foi "servo de Deus" no passado com o pedido de que Deus o confirme no presente.

O passado é caracterizado por JÓ como o tempo que Deus observou sobre mim (v. 2). A frase é literalmente, "quando Deus estava acostumado a me manter". A luz de Deus era suficiente até para caminhar pela escuridão. Os dias de outono não se referem ao atraso na vida, mas ao tempo de colheita, prosperidade e maturidade. A segunda metade do v. 4 é uma adaptação do original "no conselho secreto de Deus sobre minha tenda". A implicação é que foi uma boa ordenança que veio desse conselho. Aqueles eram dias em que Deus ainda estava com JÓ (ver Gênesis 28:20 ; 31: 5 ; Salmo 46: 7).

O capítulo então desenvolve o tema da antiga prosperidade de JÓ, elaborando as bênçãos da época. O poeta baseia-se na forma hebraica do recital dos atos graciosos de Deus, mas desenvolve-a numa forma que enfatiza a "benignidade do piedoso e prudente, um motivo de sabedoria" (Kautz). Neste desenvolvimento, ele cria uma contrapartida à imagem de Bildad e Zophar sobre a situação dos ímpios em 18: 5-21e 20: 4-29 .

Os sinais da bem-aventurança anterior começam com o quadro de numerosas crianças (v. 5), e continua em termos de leite e óleo, símbolos tradicionais de prosperidade. Essa terra rochosa se tornaria frutífera era um sinal seguro do cuidado de Deus.

O portão da cidade era o equivalente ao mercado ocidental onde ocorreram negócios e litígios. A posição de JÓ não era simplesmente de aceitação, mas de preeminência. Todos notaram sua aparência com admiração e respeito (v. 8-10). Muitos comentaristas sentem que vv. 21-25 se encaixam melhor neste local (veja abaixo).

A aprovação geral para JÓ (v. 11) é explicada em termos de sua justiça em julgamento. Isso contradiz as acusações de Eliphaz em 22: 6-9 . O dever básico de uma figura dominante de ser o protetor dos pobres, viúvas e órfãos é inerente à justiça israelita. Mas também se reflete na vida cananeana. O sábio Danel é dito ser aquele que "julga a causa da viúva, adjudica o caso do órfão" (a história ugarita de Aqhat); enquanto na história de Keret o rei é encarregado de não fazer isso.

Os esforços de JÓ foram além dos atos de justiça para incluir conforto para os moribundos (v. 13). Isso contrasta forte com o fracasso da missão de seus amigos (26: 2-4). A justiça e a justiça (v. 14) são muitas vezes retratadas no Antigo Testamento como metáforas como vestuário (cf. 19: 9 ; Salmo 132: 9 , 16 , 18 ; Isaías 59:17). Às vezes, a imagem é invertida para que eles estejam vestidos com a pessoa.

Os versículos 15-17 especificam essa justiça em termos de cuidados para aqueles que mais precisavam dela. Os cegos e os coxos precisavam de cuidados especiais (Jeremias 31: 8). Os pobres precisavam de cuidados de

proteção como esse, um pai dá seu filho. A proteção do rei é freqüentemente denominada como a de um pai ou de uma mãe. O versículo 16 *b* significa que ele se esforçou para estabelecer justiça, mesmo para estranhos. Isso também é o requisito da lei (ver ex. 22:21 e seguintes). Oposição aos ímpios e sua opressão fazia parte de sua vida (cf. 4:10 ; Salmo 3: 7).

Os versos 18-20 retratam as expectativas daquele tempo, que ele viveria sua vida para uma velhice pacífica e honrada. Nest (v. 18) provavelmente deve ler "minha velhice" (ver Pope, p. 189). Ele nunca sonhou que ele viria ao estado desculpa que é descrito no próximo capítulo. Como uma grande árvore, ele esperava viver seus dias (Salmo 1: 3). Meu arco (v. 20): a quebra do arco era um símbolo de ser indefeso (Hos. 1: 5 ; Jeremias 49:35).

Os versos 21-25 provavelmente se encaixam melhor após v. 10 . De certa forma, vv. 11-17 dependem também das figuras desses versículos. A entrada de JÓ para "o portão" preparou o cenário para seu trabalho entre seus habitantes. Sua palavra era vital para eles. A palavra que vem de Deus, o rei ou a pessoa dotada, foi pensada como vital para a terra como chuva (ver Deuteronômio 11:14). O favor de JÓ (v. 24) foi dado mesmo para aqueles que não o esperavam. Ninguém recusou ou desprezou. O status de JÓ na comunidade era supremo (v. 25). A última linha não está clara e pode ser lida com o Papa para significar algo como "Onde quer que guiei, eles foram conduzidos".

(2) The Bitter Now (30: 1-15)

1 "Mas agora eles fazem esporte de mim,
homens mais jovens do que eu,
cujos pais eu desprezaria
para se estabelecer com os cachorros do meu rebanho.

2 O que eu poderia ganhar com a força de suas mãos,

homens cujo vigor se foi?

3 Através da fome e da fome

eles roem o chão seco e desolado;

4 eles escolhem mallow e as folhas de arbustos,

e para se aquecerem as raízes da vassoura.

5 Eles são expulsos dos homens;

Eles gritam depois deles como depois de um ladrão.

6 Nas ravinas dos torrentes devem morar,

nos buracos da terra e das rochas.
7 Entre os arbustos eles bray;
sob as urtigas, eles se aglomeram.

8 Um insensato, uma criançada desprezível,

Eles foram expulsos da terra.

9 "E agora 1 se tornaram sua música,

Eu sou um argumento para eles.

10 Eles me abominam, ficam longe de mim;

eles não hesitam em cuspir à vista de mim.

11 Porque Deus afrouxou meu cordão e me humilhou,

Eles derrubaram a restrição na minha presença.

12 Na minha mão direita, a multidão se levanta,

eles me conduzem,
Eles lançaram contra mim seus caminhos de destruição.

13 Eles rompem meu caminho,

eles promovem minha calamidade;
ninguém os impede.

14 Como através de uma grande violação, eles vêm;

Em meio ao acidente, eles rolam.

15 Os terrores estão virados para mim;

minha honra é perseguida como pelo vento,
e minha prosperidade faleceu como uma nuvem.

Nesta seção, JÓ corresponde a sua imagem da atitude de outras pessoas com ele no passado (29: 7-11 , 21-25) com a do presente (30: 1-15). A colocação de vv. 21-25 no final do capítulo 29 aumenta o contraste nítido, colocando as ações dos outros em direção a JÓ em justaposição imediata.

A frase Mas agora domina todo o capítulo. Ocorre três vezes (vv. 1 , 9 , 16). Essas pessoas que se tornaram inimigos de JÓ estão entre as descritas em outras atitudes no capítulo 19 (ver v. 8). Lamentos no AT frequentemente salientar as acções adversas de inimigos (cf. Sl 7: 15-17 ; 17: 9-12 ; 22: 13-14 , 17 ; 59: 7-8 ; 140: 2-6). JÓ tem, até agora, no capítulo 3e nos lamentos frequentes no diálogo, nunca acusou os inimigos de serem responsáveis por sua condição. Agora ele faz isso de uma forma e até certo ponto que é único no Antigo Testamento.

JÓ está principalmente preocupado com as palavras derrisivas desses adversários (v. 1 *a*, 9). Eles zombam dele. Alguns dos lamentos falam das palavras dos inimigos como sendo maldições das quais a pessoa tem medo. Em JÓ, a dor está em sua demonstração de sua honra caída e sua autoridade perdida.

Esses escarnecedores não têm respeito pela idade de JÓ. Eles vêm de famílias de uma estação tão familiar que JÓ antes teria hesitado em ter qualquer coisa a ver com elas. Os cães eram considerados desprezíveis pelos semitas em geral. Eles eram conhecidos apenas como piadores imundos (Ex. 22:31 ; 1 Reis 14:11 ; 21:19 , 23 ; Jeremias 15: 3 ; Salmos 68:23 ; Provérbios 26:11). A descrição de JÓ é como uma expressão popular de desprezo.

Os versículos 2-8 descrevem as pessoas do deserto, empobrecidas além da crença, com fome até o colapso, sem abrigo ou sustento. A primeira parte do v. 8 lê literalmente, "filhos de um tolo, também filhos sem nome!" Isso poderia implicar que eles são bastardos malditos, ou simplesmente implicam pessoas de tal pobreza que não têm nem cultura nem identidade.

O verso 9 descreve suas ações como uma canção. Na canção e na palavra, essas criaturas miseráveis zombam de JÓ. Eles se sentem amplamente seguros ao fazê-lo. Isso dá alguma indicação de quão baixo na "escada social" JÓ veio. No v. 11, o RSV torna o assunto explícito ao inserir Deus. O verbo é singular e esse é um significado óbvio. O elemento mais baixo da humanidade interpretou o que aconteceu como Deus está fazendo. Solto meu cordão significa, aparentemente, ter drenado sua vitalidade dele. Restraint é literalmente freio. Eles não vêem sinais de guarda de Deus e, portanto, sentem-se livres para tratá-lo com todo o desprezo que eles gostariam de usar.

Em vv. 12-14, a turba rebelde não é mais simplesmente os espectadores desdenhosos da ruína de JÓ. Eles o promovem ativamente em opressão e

obstáculos. Eles o empurram para uma ruína total, e toda a comunidade olha sem interferir. A cena é retratada como uma carga de cavalaria que varre através e sobre os defensores.

O clímax vem na v. 15 . Esses terrores, alguns físicos e alguns psíquicos, convergem para o pobre homem. A honra é prestada "dignidade" pelo Papa e "resolução" pelo NEB. Ele descreve a integridade consciente que sustentou JÓ em sua luta, que agora ameaça evaporar no ar. A prosperidade é uma palavra geralmente traduzida como "salvação", mas aqui, obviamente, se refere a mais do que apenas o bem-estar espiritual.

(3) "Minha alma é derramada" (30: 16-19)

16 "E agora minha alma é derramada dentro de mim;
dias de aflição tomaram conta de mim.

17 A noite racks meus ossos,

e a dor que me remete não toma descanso.

18 Com a violência, apreende minha roupa;

Isso me liga como o colar da minha túnica.

19 Deus me lançou na lama

e eu me tornei como pó e cinzas.

Um segundo tema comum aos lamentos trata da própria condição do autor. Nesta passagem e vv. 24-31, o poema se volta para a condição de JÓ como contrapartida de sua felicidade e bem-estar em 29: 4-5 , 12-20 .

Pela terceira vez no capítulo, o contraste com o passado é enfatizado pelas palavras toda a pessoa. Na Escritura não se refere a uma parte da pessoa separada do corpo. Dizer que a alma é derramada é dizer que "a tensão emocional causada pelo sofrimento drenou JÓ de todo entusiasmo pela vida" (Papa, p. 195).

O efeito de seu tormento é aflição por dia e dor sem descanso à noite. Se na passagem anterior ele culpou os seus parentes por sua dignidade perdida, JÓ não faz nenhuma tentativa de se afastar da responsabilidade de Deus por sua angústia pessoal e exaustão aqui. A figura do mirey bog é uma das situações frequentemente utilizadas sem uma base firme. Como metáfora, ele expressa uma posição sem orientação ou estabilidade. A poeira e as cinzas completam a imagem de uma que qualquer brisa poderia tirar.

(4) The Unanswered Cry (30: 20-23)

20 Eu choro para ti e não me respondes;
Eu paro, e você não me escuta.

21 Você me tornou cruel;

Com o poder da tua mão, me persegues.

22 Você me levanta no vento, me faz montar sobre ele,

e você me lança no rugido da tempestade.

23 Sim, eu sei que você me matará,

e para a casa designada para todos os vivos.

JÓ se volta para dirigir diretamente a Deus. O terceiro elemento do lamento trata de Deus. Esses versos são a contrapartida de 29: 2-4 . Eles formam uma acusação contra Deus: ele cortou suas relações com JÓ. Esses endereços a Deus são freqüentes em lamentos grupais. Muitas vezes eles começaram com a pergunta "Por que?" Ou "Por quanto tempo?" Por exemplo, o poema pergunta por que Deus se esqueceu (Salmo 44:24), rejeitado (Jeremias 14:19 ; Salmo 74: 1), ou abandonado (Lam. 5:20) o seu povo. O autor não pode entender os motivos da mudança de atitude de Deus.

O lamento de JÓ é paralelo a estes, mas sua expressão não é comum. Apenas quatro salmos são semelhantes a esta passagem ao não relacionar a declaração da rejeição de Deus com um pedido de ajuda ou acusação (Salmos 88: 7-9 ; 89: 39-45 ; 90: 7-8 ; 60: 3-5 ; cf. Jeremias 20: 7-12). Então, enquanto JÓ compartilha um senso comum de alienação de Deus com lamentos do Antigo Testamento, ele é diferente da maioria em não questionar Deus sobre isso nem implorar a restauração.

No v. 20 JÓ cobra que a comunicação tenha sido interrompida. No v. 21, ele diz que as ações de Deus passaram de uma cuidadosa manutenção a perseguição cruel. A violência da experiência é comparada a ter que andar de vento. O Senhor é representado no Antigo Testamento como montando o vento (Salmo 18:10), mas essa experiência é demais para um mero homem.

O verso 23 escolhe um tema de 1:21 sobre a natureza cíclica da vida. Traga é, literalmente, "motivo para retornar". A justaposição da morte com todos os vivos toca o tom do pessimismo endêmico dos lamentos. A casa é o Seol, o lugar dos mortos. JÓ sente que Deus o está encontrando no caminho da morte a um ritmo indecoroso.

(5) "Minha Lyra é transformada em luto" (30: 24-31)

24 "No entanto, ninguém em um monte de ruínas estende a mão,
e em seu desastre pede ajuda?

25 Não chorei por ele cujo dia foi difícil?

A minha alma não estava triste pelo pobre?

26 Mas quando procurei o bem, veio o mal;

e quando eu esperei pela luz, veio a escuridão.

27 Meu coração está em tumulto, e nunca está quieto;

dias de aflição vêm me encontrar.

28 Fico envergonhado, mas não pelo sol;

Eu me levanto na assembléia e choro por ajuda.

29 Eu sou um irmão de chacais,

e um companheiro de avestruzes.

30 Minha pele fica preta e cai de mim,

e meus ossos queimam com calor.

31 Minha lira é virada para o luto,

e meu cachimbo para a voz daqueles que choram.

Esses versos retornam à descrição de JÓ de sua própria condição lamentável, e nos três primeiros versos aumentam o tom de acusação comparando as ações de Deus, em sua desvantagem, com o tratamento de JÓ sobre os pobres suplicantes.

Um monte de ruínas deu problemas aos intérpretes. A correção do papa na adição de uma letra pequena dá uma palavra que significa "os necessitados". A questão é resolvida nesta formulação, que ele traduz:

"Não se gira a mão contra os necessitados,
Quando em sua angústia, ele chora por ajuda "(p. 192).

JÓ usa o exemplo de sua própria reação aos mendigos em seus dias anteriores (29: 12-17). Sua experiência atual é contrastada com isso. Suas expectativas foram amargamente decepcionadas. A implicação é que Deus é responsável.

O poema então se move para uma imagem renovada de seu sofrimento pessoal. Os efeitos psíquicos e mentais de seu sofrimento refletem-se na turbulência emocional da v. 27 (cf. Lam. 1:20 ; 2:11).

Blackened (v. 28) traduz uma palavra que significa que fica escuro. É usado normalmente do sol ou dos céus (Joel 2:10 ; 4:15 ; Jeremias 4:28 ; Mic 3: 6). Mas também pode ser usado de luto (Jeremias 8:21; 14: 2 ; Salmos 35:14 ; 42: 9 ; 43: 2). O salmo 38: 6 tem as mesmas palavras que estas em JÓ. Eles são traduzidos para lá, "eu vou de luto". A segunda frase é literalmente "sem sol". Parece claro que JÓ ainda está descrevendo seu estado emocional aqui, não a cor de sua pele. Isso vem na v. 30 .

A ação na assembléia aparentemente assinala um costume ritual que é exigido ao autor. O uivar triste dos chacais era uma característica do deserto (ver Mic. 1: 8). O avestruz também era pensado como vivendo no deserto (ver Isa.13: 21 ; 34:13). O isolamento e o humor de JÓ são descritos por esses paralelos. O estado escuro da saúde física de JÓ (v. 30) é complementado pelo ponto baixo de sua moral (v. 31). Se o poema é um exemplo de sua música, a descrição é precisa.

3. O Juramento da Inocência de JÓ (31: 1-40)

Este capítulo é único no Antigo Testamento. É semelhante, de certa forma, às listas de preceitos éticos encontrados na literatura jurídica e de sabedoria tanto em Israel como em outros países do Oriente Próximo. Mas eles são apresentados como uma lista de juramentos de inocência que é incomum. Desta forma, eles são como os protestos de inocência que aparecem nas orações de petição e lamentação.

Uma lista de pecados sob a forma de juramentos que imploram inocência caracteriza este capítulo único. O poeta expandiu a forma curta e simples geralmente encontrada para o último para resumir a insistência de JÓ de que a explicação para o seu sofrimento não pode ser que ele tenha caído em pecado. A lista de preocupações éticas reflete um padrão muito elevado de moralidade. Isto em si é digno de aviso prévio. O seu uso neste capítulo dá expansão poética à afirmação simples do personagem de JÓ que se encontra no prólogo.

(1) Minha Aliança (31: 1-4)

1 "Eu fiz uma aliança com os meus olhos;
Como então eu poderia olhar para uma virgem?

2 Qual seria a minha porção de Deus acima,

e minha herança do Todo-Poderoso no alto?

3 Não é a calamidade dos injustos,

e desastre os trabalhadores da iniqüidade?

4 Ele não vê meus caminhos,

e numerou todos os meus passos?

O capítulo começa com uma frase técnica para fazer aliança. Os intérpretes tentaram recentemente encontrar nestes versículos a base da aliança para os seguintes juramentos. Eles geralmente são interdependentes. Mas vários problemas estão no caminho. O conteúdo desta aliança parece muito insignificante para apoiar o capítulo. Além disso, seria de esperar que o acordo por trás dos juramentos envolvesse um compacto entre JÓ e Deus.

Se tal aliança explica a posição desta frase no primeiro verso, a redação já foi completamente alterada. Peake, seguido pelo Papa, sugeriu uma ligeira alteração na palavra hebraica para virgem, que faz com que ele leia "loucura" e esperava assim superar esse problema. Se essa leitura puder ser aceita, JÓ está fornecendo uma base para a compreensão do capítulo. Os preceitos representam o padrão de comportamento ético da sabedoria. A aliança é uma para sustentar os preceitos morais que a sabedoria prescreveu.

JÓ afirma no v. 1 um domínio sobre seus sentidos e suas emoções, o que implica que suas preocupações éticas envolvem toda a sua pessoa (Isaías 33:15 , Mateus 18: 9). Outros versos lidam com sua relação com as mulheres (v. 9 ss.). A frase lê literalmente: "Eu fiz uma aliança para os meus olhos". O uso de "para" em vez de "com" mostra as condições impostas por um superior ou um inferior em um tratado (ver 1 Sam. 11: 2 ; 2 Sam. 5: 3 ; 2 Reis 11: 4). JÓ não trata seus sentidos como iguais.

O original hebraico no v. 2 preserva uma referência impessoal, enquanto o RSV adicionou meu. Parece que o poeta está aqui perguntando na vv. 2-3 sobre a relação de Deus com o modo de vida do homem. Porção e herança descrevem o que um homem é dado, o destino que lhe é dado. Que isto vem de Deus, o Todo-Poderoso, é sublinhado pelas palavras acima e no alto. Mas as palavras não indicam a posição de Deus; Em vez disso, eles definem a

fonte dos presentes do destino. Eles devem ser traduzidos literalmente "de cima" e "de cima".

A aplicação disso é afirmar que o destino calamino cai sobre os injustos. No v. 4, a aplicação pessoal é desenhada na afirmação através de uma pergunta, que Deus vê e conhece seus caminhos. O que JÓ está prestes a dizer não surpreenderá a Deus.

(2) "Se eu tenho andado com Falsehood (31: 5-8)

5 *"Se eu andei com falsidade,*
e meu pé se apressou em enganar;

6 *(Deixe-me ser pesado em um equilíbrio justo,*

e deixe Deus conhecer minha integridade!)

7 *se o meu passo se afastar do caminho,*

e meu coração foi atrás dos meus olhos,
e se algum ponto se cortou nas minhas mãos;

8 *então deixe-me semear, e outro coma;*

e deixe o que crescer para mim ser descartado.

Esses versos assumem o estilo típico dos juramentos. Uma cláusula começa com "se" para definir o que é jurado não ser verdadeiro. A segunda cláusula estipula a penalidade a pagar por perjúrio. A série é iniciada em vv. 5-6 com uma negação geral de atos pecaminosos. Caminhar com falsidade não tem nenhuma aplicação econômica específica, mas refere-se a comportamentos desonesto ou ilícito de qualquer tipo. Os saldos justos são muitas vezes parte da admoestação (Prov. 11: 1). A falta de padrões claros de peso e dinheiro tornou isso ainda mais importante. Pesar como figura para julgamento ocorre em 6: 2 , Daniel 5:27 e Mateus 7: 2 . O versículo 6 não é a segunda parte da fórmula do juramento (ver v. 8). É uma interjecção para Deus que revela o propósito desses juramentos de expurgação.

O verso 7 contém a negação geral. O ponto é um significado estranho. O Papa sugeriu que "qualquer coisa" seja lida aqui. Se assim for, o fundo ficaria claro de Deuteronômio 13:17 . Nada que lhe pertença legitimamente tenha sido cortado em suas mãos, seja isso que pertencesse a Deus ou ao seu próximo. A penalidade dos juramentos é definida em termos de privação dos frutos de seu trabalho.

(3) "Se Meu Coração foi Atraído" (31: 9-15)

9 "Se meu coração foi seduzido para uma mulher,
e aguardo a porta do meu vizinho;

10 então deixe minha esposa moer por outro,

e deixe os outros se prostrarem sobre ela.

11 Pois isso seria um crime hediondo;

essa seria uma iniqüidade para ser punida pelos juízes;

12 para isso seria um fogo que consome a Abaddon,

e isso arderia para a raiz todo o meu aumento.

13 "se eu rejeitei a causa do meu servo ou da minha serva,

quando apresentaram uma queixa contra mim;

14 o que devo fazer quando Deus se levantar?

Quando ele faz uma pergunta, o que devo responder?

15 O que não me fez no ventre o fez?

E ninguém se formou no útero?

A seção é composta por duas partes. JÓ primeiro jura inocência de adultério (vv 9-10). Alguns intérpretes entenderam literalmente o grind no sentido de ser uma escrava em um moinho. A tradição judaica expandiu a história de JÓ com uma história de como sua esposa trabalhou como transportadora de água para ganhar pão para ambos. Ela até teve que vender seus cabelos para Satanás disfarçado.

Os primeiros intérpretes judeus reconheceram as implicações sexuais da moagem. Isso é suportado pela linha paralela. Inclinar-se sobre ela é uma frase comum para relações sexuais. Isso sugeriria que o adulterista acusado pedisse que fosse reembolsado em espécie, como a fórmula de juramento abreviado coloca: "Faça isso comigo e mais também, se ..." Um comentário segue (vv. 11-12) que pode ser simplesmente o comentário de um copista.

A segunda parte invoca inocência a qualquer acusação de maltratar seus servos (v. 13-15). JÓ compara sua responsabilidade com eles, para Deus por ele. O reconhecimento de um status comum como seres humanos, criaturas de

um deus, é a base de sua responsabilidade moral por eles. Este versículo é o mais próximo, no Antigo Testamento, para ensinar a paternidade universal de Deus e a fraternidade do homem (Mc 2:10). Paulo, ao lidar com a escravidão, não poderia dizer mais nada (Efésios 6: 9).

(4) Se eu tenho retido dos pobres (31: 16-23)

16 "Se eu rejeitei qualquer coisa que o pobre desejasse,
ou fizeram com que os olhos da viúva falhassem,

17 ou comi meu pedaço sozinho,

e o órfão não comeu disso

18 (pois da sua juventude eu o criei como pai,

e do ventre de sua mãe o guiei);

19 se eu vi alguém perecer por falta de roupa,

ou um pobre homem sem cobertura;

20 se os seus lombos não me abençoaram,

e se ele não estivesse ferrado com o velo da minha ovelha;

21 se eu levantei minha mão contra o pai menos,

porque eu vi ajuda no portão;

22 então deixe meu ombro cair do meu ombro,

e deixe meu braço ser quebrado de seu soquete.

23 Pois eu estava em terror da calamidade de Deus,

e eu não poderia ter enfrentado sua majestade.

Eliphaz tinha carregado JÓ com apenas essas faltas (22: 7-9). JÓ afirma uma dedicação ao longo da vida para ajudar o órfão (v. 18) e outros necessitados (ver James 1:27). Loins abençoe-me: partes agora aquecidas do corpo abençoam seu benfeitor como ossos podem abençoar o Senhor (Salmo 35:10). Minha ajuda no portão pode referir-se ao costume de ter uma escolta para ajudar em um argumento pela força, se necessário.

(5) "Se eu fiz o ouro minha confiança" (31: 24-28)

24 "Se eu fiz o ouro minha confiança,
ou chamou ouro fino minha confiança;

25 se me alegrasse porque minha riqueza era excelente,

ou porque minha mão tinha conseguido muito;

26 se eu olhei para o sol quando brilhava,

ou a lua que se move no esplendor,

27 e meu coração foi seduzido secretamente,

e minha boca beijou minha mão;

28 isso também seria uma iniqüidade para ser punido pelos juízes,

pois eu deveria ter sido falso para Deus acima.

A falta de avareza ou dependência da riqueza como um deus falso é compensada. O versículo 26, aparentemente, nega a adoração do sol e da lua. Os profetas muitas vezes lutaram contra isso, evidentemente muito popular, na prática. Beijar minha mão é literalmente: "Minha mão beijou minha boca", uma expressão figurativa para o gesto de colocar a mão sobre a boca como sinal de silêncio reverente. Pode ter sido uma forma de adoração em cultos pagãos. Enquanto os ídolos podiam ser beijados, os corpos celestes podiam ter um beijo jogado para eles. JÓ jura que ele não teve nada a ver com essa idolatria pagã. Ele observa com razão que tal teria sido atos de apostasia, sendo falso para Deus acima.

(6) Se eu me alegrar na ruína (31: 29-34)

39 Se eu me alegrasse com a ruína daquele que me odiava,

ou exultante quando o mal o ultrapassou

30 (Eu não deixei minha boca pecar

pedindo sua vida com uma maldição)}

31 se os homens da minha tenda não disseram,

"Quem está lá que não foi preenchido com sua carne?"

[32] *(o estrangeiro não foi alojado na rua;*

Abri minhas portas para o viajante);

[33] *se eu ocultasse minhas transgressões dos homens,*

escondendo minha iniqüidade no meu peito,

[34] *porque fiquei com grande medo da multidão,*

e o desprezo das famílias me aterrorizou,
de modo que eu fiquei em silêncio e não sai da porta -

Esta é uma série de pecados potenciais que são negados sem indicar as conseqüências do perjúrio. A alegria sobre os inimigos era muito comum no Antigo Testamento e em seu mundo. A atitude oposta é ordenada em Êxodo 24: 4-5 ; Levítico 19: 18 ; Provérbios 20:22 , como também em Mateus 5: 43-48 ; Romanos 12:14 .

Os versículos 30-31 parecem conjugar complicidade no abuso sexual de estranhos (preenchidos com sua carne, provavelmente deveriam ser traduzidos "saciados com sua carne"). A situação que JÓ jura não aconteceu em sua casa é exatamente a descrita em Gênesis 19: 2 e Judges 19:20 . Dormir nas ruas teria feito uma vítima dos pervertidos da cidade.

Dos homens (v. 33) é literalmente como Adão (Gênesis 3: 8 , 10). O medo da multidão deve ser visto na mesma luz que Gênesis 19: 4 , 9 ; Juízes 19:22 . Sair é literalmente revelar. A referência é ceder à pressão dos rufiões para entregar seus convidados a eles (Gênesis 19: 6-11 , Judg. 19: 22-26). Essas coisas JÓ jura que ele não fez.

(7) Onde está minha acusação? (31: 35-37)

[35] *Oh, que eu tive um para me ouvir!*
(Aqui está minha assinatura! Deixe o Todo-Poderoso me responder!)
Ah, que eu tive a acusação escrita pelo meu adversário!

[36] *Com certeza, eu o carregaria no meu ombro;*

Eu seria obrigatório em mim como uma coroa;

[37] *Eu lhe daria uma conta de todos os meus passos;*

Como um príncipe, eu me aproximaria dele.

Esses versos quebram a sequência de juramentos com uma série de linhas curtas que indicam um desejo forte. Uma tradução literal seria lida:

> *"Quem me daria um ouvinte para mim,*
> *Veja meu taw / Shaddai, deixe ele me responder!*
> *Se ele escreveu um documento /*
> *O homem da minha controvérsia ".*

Ouça-me é literalmente "um que me ouve". Um pedido de audição com Deus é comum em lamentos. JÓ perguntou isso antes (13: 22-23; 19: 23-24 ; 23: 4).

A assinatura é literalmente *taw* , a última letra do alfabeto hebraico, que na primeira forma foi escrita como um "X." O significado pode ser "minha marca" que, para uma pessoa que não conseguiu escrever, como a maioria não podia, era como sua assinatura. Isso parece implicar que JÓ está apresentando um pedido escrito para uma audiência - uma resposta do próprio Deus.

A acusação traduz uma palavra que significa rolagem ou livro. Aqui pode significar simplesmente um documento. Mas não diz que tipo de documento é. O RSV interpreta isso como a acusação. Esta é uma possibilidade, se o litígio real ainda for futuro. Mas isso não é claro. Ao entregar o juramento de expurgação e ter entregue, assinado por escrito, a absolvição deve ser automática e imediata, a menos que as maldições que ele invocou realmente caíram sobre ele. Neste caso, o documento que ele exige é um reconhecimento disso, assinado por seu acusador. Com efeito, é um documento de absolvição.

JÓ então jura (v. 36) para exibir isso em sua pessoa, para usá-lo como uma coroa. Usar algo no ombro é mostrar com orgulho (ver Isa 9: 5 ; 22:22). Se isso fosse algo inscrito, poderia ser amarrado na mão ou na testa (Ex. 3:16 ; Deut. 6: 8 ; 11:18). Seria um documento público que ateste que o caso estava encerrado.

Zacarias 3: 2-6 fala de um julgamento no qual o Adversário (Satanás) era o acusador. Ele não conseguiu fazer o caso. O Senhor o repreendeu e ordenou que o réu trocasse suas roupas sujas para limpar, como sinal de sua absolvição. Um capítulo posterior ordena uma coroa para ele como um sinal de seu escritório restaurado (Zc 6:11 , 14). A palavra "coroa" é uma forma plural curiosa que é idêntica à aqui (v. 36).

(8) Se minha terra gritar contra mim (31: 38-40)

> *38* *"Se minha terra clamou contra mim,*
> *e seus sulcos choraram juntos;*

39 se eu comi seu rendimento sem pagamento,

e causou a morte de seus donos;

40 deixe crescer espinhos em vez de trigo,

e ervas malignas em vez de cevada ".
As palavras de JÓ estão terminadas.

Os intérpretes são unânimes em julgar esses versículos que estão fora de lugar. Eles são um anticlimax aqui. Eles devem ter vindo originalmente no início do capítulo. Os juramentos de expurgação são continuados. JÓ jura que ele não pecou contra a terra ou seus proprietários.

Uma nota editorial no final do v. 40 marca um ponto importante no livro: o fim dos discursos da JÓ. O próprio livro pode, ao mesmo tempo, ter terminado neste momento.

JÓ sobreviveu a sua provação de sofrimento e o amargo debate com os "amigos". Ele ganhou seu caso pelo terrível juramento de inocência e exigiu uma testemunha por escrito desse fato. Os amigos não têm mais nada a dizer (embora o colega mais novo Elihu tente). O Adversário também foi efetivamente provado errado.

Mas JÓ não estabeleceu seu direito de desafiar Deus. Na medida em que ele permitiu que os amigos o levassem a ver a situação em termos de um caso legal com Deus como seu oponente, ele colocou-se em uma situação impossível. Ele estabeleceu o seu "direito" (9:20 ; 13:18 ; 19: 7 ; 23: 7 , 27: 2 , 6) ao mostrar que ele é o que Deus o declarou ser (1: 8 ; 2: 3): um adorador genuíno que é moralmente reto. Mas, ao fazê-lo, ele cometeu outros problemas. O próprio senhor fala com essas questões nos capítulos 38-41 .

IV. As Elihu Speeches (32: 1-37: 24)

1. Introdução de Elthu (32: 1-5)

1 Então estes três homens deixaram de responder a JÓ, porque ele era justo a seus próprios olhos. 2 Então Eliú, filho de Barachel, o Buzite, da família de Ram, ficou bravo. Ele estava zangado com JÓ porque se justificava em vez de Deus; 3 ele também estava bravo com os três amigos de JÓ porque não encontraram resposta, embora tenham declarado que JÓ estava errado. 4 Agora, Elihu esperou para falar com JÓ porque eram mais velhos do que ele. 5 E, quando Elihu viu que não havia resposta na boca desses três homens, ele ficou bravo.

O uso da expressão desses três homens na v. 1 (ver v. 5) é um desvio da designação normal "três amigos" (como em v. 3 ; 2: 11-13 ; 42:10 ; cf. 19 : 21 ; Ez. 14:14 , 16 , onde se refere a Noé, JÓ e Daniel). Os amigos haviam cessado seus esforços para responder mais a JÓ porque ele era justo em seus próprios olhos; ou seja, ele se tornou um caso sem esperança para eles por causa de sua adesão inflexível à correção de seu caso.

Não se sabe nada sobre Elihu além das referências em JÓ. O *nome'elihu ′* significa "Meu Deus é ele". É usado para várias pessoas no Antigo Testamento, incluindo o avô de Elcana (1 Sam. 1: 1), um irmão de Davi (1 Cron. 27:18), um Korahite (1 Cron. 26: 7), e um soldado de Manassés (1 Crônicas 12:20). Ele é dito ser o filho de Barachel (que significa algo como "Deus abençoou"), que é identificado como um Buzite, da família de Ram (32: 2). De acordo com referências em Gênesis, Buz era um sobrinho de Abraão e o antepassado de uma tribo aramea (Gênesis 10:22, 23 ; 22:20, 21). Jeremias (25:23) coloca Buz junto com Dedan e Tema entre as tribos da Arábia. Mas o Velho Testamento associa Ram com a tribo de Judá (Rute 4:19 ; 1 Cron. 2: 9 , 25 , 27), embora haja apoio das versões para ler este nome como "Aram". Essas referências em conjunto com JÓ 1: 1 faz de Elihu um compatriota de JÓ (desde que Buz era um irmão de Uz). A evidência bíblica parece indicar que Elihu estava mais diretamente relacionado aos grupos hebraicos do que qualquer um dos três amigos no diálogo (Terrien, p. 1130).

Gordis (pp. 115-116) argumenta de forma interessante que o nome Elihu representa uma variante de ortografia do nome do profeta Elijah (*Eliayahu*). Ele acredita que não foi acidental que o autor tenha escolhido esse nome. No Antigo Testamento, Elijah faz parte do papel de "defensor de Deus" (1 Reis 17-21), e em literatura posterior ele se torna o precursor do Messias. Nas tradições judaicas, Elijah é o único que resolverá todos os problemas sem resposta quando ele vier.

Elihu está bravo com JÓ porque se justificou em vez de Deus (v. 2). O leitor deve lembrar que o termo justificado é uma forma verbal da palavra justa na v. 1 . A tradução do papa é melhor: "ele se considerou justo em vez de Deus" (p. 210). Mas parece melhor entender a preposição traduzida "em vez de" (Heb. *Min*) como "antes", "na presença de" (como em 4:17 ; 35: 2 ; ver Dhorme, p. 473; Terrien, p. 1130, mas julgou-se menos provável por Driver e Gray, Parte II, p. 232), ou como "mais do que".

Os amigos, também, inflamaram a ira de Elihu por causa de seu aconselhamento ineficaz de JÓ, que resultou em deixar Deus com sucesso com a culpa (v. 3). A leitura que eles declararam que JÓ estava no engano contém uma das 18 emendas feitas por escribas judeus e conhecida como

Tiqqune Sopherim. "JÓ" foi substituído pelo "deus" original, a fim de evitar qualquer aparência de irreverência.

A deferência à idade e presumivelmente experiência manteve Elihu em silêncio enquanto os amigos falavam (v. 4). Mas seu fracasso acendeu sua ira. Note que a raiva de Elihu é referida quatro vezes em cinco versos. A palavra hebraica para raiva tem a idéia de calor: Elihu está quente o suficiente para explodir! E ele começa a falar (vv. 4-5). O texto do v. 4 parece um pouco estranho (lit., "E Elihu esperou [?] JÓ com palavras"), e o RSV é uma paráfrase.

Mas não há poucas dúvidas de que o significado é querido (Terrien, p. 1130). Elihu estava preparado para responder JÓ muito antes de ter tido a oportunidade de falar.

2. Prolegomena para Discursos de Eliú (32: 6-22)

(1) O sábio genuíno (32: 6-10)

6 E Eliú, filho de Barachel, o Buzita respondeu:
"Sou jovem em anos, e você é idoso;
então eu tímida e com medo
para declarar a minha opinião.

7 Eu disse: "Diga os dias,

e muitos anos ensinam sabedoria.

8 Mas é o espírito em um homem,

o sopro do Todo-Poderoso, que o faz entender.

9 Não é o velho que é sábio,

nem os idosos que entendem o que é certo

10 Portanto, eu digo: "Ouça-me;

Deixe-me também declarar a minha opinião.

Elihu explica que seu silêncio anterior se baseou em sua consciência de sua imaturidade e juventude (v. 6-7). No entanto, ele teve sua opinião (*de'i* , uma palavra tardia para o conhecimento, também em vv. 10 , 17 ; 36: 3 ; 37:16 , mas não encontrada em JÓ fora dos discursos de Eliú) o tempo todo (v. 6) . A nitidez na v. 7 aborda o sarcasmo.

Mas os verdadeiros professores de sabedoria não são necessariamente os anciãos (v. 9), apesar de sua idade e experiência. A idade pode trazer muitas coisas a um homem, mas a sabedoria nem sempre é uma delas. A tradução de RSV antiga (*rabbim*) neste versículo segue uma emenda (tácita ou real) sugerida pelas versões. O papa (p.221) observa que o sentido é correto, mas a emenda já não é necessária porque o uso da mesma palavra para membros seniores da comunidade no Manual de Disciplina dos Pergaminhos do Mar Morto mostra que isso pode significar "anciãos" "Ou" velhos ".

Elihu reivindica uma base carismática para a sabedoria na v. 8 . O sábio genuíno é o homem que foi entendido pela respiração do Todo-Poderoso. Sua sabedoria é resultado do espírito (*ruach*) dentro de seu ser interior. O "espírito" provavelmente se refere ao espírito de Deus, que está associado à sabedoria em várias passagens do Antigo Testamento (por exemplo, Gn 41:38 ; Ex 31: 3 ; Num. 27:18 ; Isa. 11: 2 ; Dan. 5: 12-13). "Respiração" de Deus é a fonte da vida no homem (como em Gen 2: 7). Assim, Elihu afirma que a verdadeira sabedoria é o resultado da inspiração, e ele certamente não pretende se excluir da categoria daqueles tão talentosos. É sobre esta base que ele prossegue para falar (v. 10), apesar de sua timidez na presença de homens que devem poder superá-lo em sabedoria e palavra.

(2) A falha dos amigos (32: 11-14)

11 "Eis que eu esperei suas palavras,
Eu escutei seus sábios discursos,
enquanto você procurou o que dizer.

12 Eu dei-lhe a minha atenção,

e, eis que não havia nenhum que confundesse JÓ,
ou que respondeu suas palavras, entre vocês.

13 Cuidado, não diga: "Nós encontramos sabedoria;

Deus pode vencê-lo, não homem.

14 Ele não dirigiu suas palavras contra mim,

e não o responderei com seus discursos.

Na segunda parte dos prolegómenos aos discursos de Eliú, ele justifica que ele fale com base no fracasso dos amigos em lidar com JÓ de forma adequada. Ele esperou com tensa expectativa enquanto os amigos "escavaram" (o verbo procurado na v. 11 carrega a idéia de cavar) na tentativa

de convencer JÓ de que ele estava errado. O verbo traduzido confundido na v. 12 é o mesma forma usada em 9:33(traduzido como "árbitro"), embora seja usado aqui no sentido de "convencer" ou "rebuker" (Terrien, p. 1132).

Mas os amigos deixaram a briga e deixaram JÓ para Deus, porque parecia humanamente impossível fazer qualquer coisa com ele (v. 13). A linguagem elíptica deste versículo parece dizer que os amigos estão dispostos a consolar-se com sua própria sabedoria e deixar Deus com a responsabilidade de JÓ. Elihu não está preparado para aceitar isso (v. 14). JÓ não tem "palavras correspondentes" (papa, p.121) com ele, e ele não dependerá de seus discursos em seu próprio esforço. O diálogo não precisa ser fechado. Elihu está preparado para estendê-lo ainda mais ao longo de novas linhas (ver Dhorme, página 481).

(3) A necessidade urgente de Eliú para falar (32: 15-22)

*15 "Eles **são** incomodados, eles não respondem mais;*
eles não têm uma palavra a dizer.
16 E espero, porque não falam,
porque eles ficam lá e não respondem mais?

17 Também darei a minha resposta;

Também declararei a minha opinião.

18 Pois estou cheio de palavras,

o espírito dentro de mim me constrange.

19 Eis que meu coração é como o vinho que não tem ventilação;

como odres novos, está pronto para explodir.

20 devo falar, para que eu possa encontrar alívio;

Devo abrir meus lábios e responder.

21 Não mostraria parcialidade a qualquer pessoa

ou use lisonjas para com qualquer homem.

22 Pois eu não sei como lisonjear,

De outra forma, o meu Criador logo acabaria comigo.

A principal ênfase dessas declarações preliminares por Elihu é a urgência irresistível de sua necessidade de falar (v. 18-20). Os amigos caíram no silêncio, derrotados pelos poderosos contra-impulsos de JÓ (v. 15-17). Mas Elihu manteve a confiança em sua resposta (lit., minha parte), e sua opinião. Ele não está preparado para golpear suas cores e deixar o assunto nas mãos de Deus! Sua condição interior é como vinhos esticados ao ponto de ruptura pelo vinho fermentado. Não ha alternativa; ele deve aliviar a tensão interna e falar (v. 20). O leitor lembrará as palavras de Jeremias (Jeremias 20: 7-12 ; 23:29).

Os versículos 21-22 parecem estranhos nesta configuração, e alguém está tentado a concluir que eles são um fragmento mal colocado de outro contexto. Mas há pelo menos dois motivos para sua presença aqui. Primeiro, a postura extremamente carismática de Elihu nos versículos anteriores precisa ser equilibrada por uma medida de objetividade realista. Elihu está dizendo que sua agitação interior e compulsão não irá distorcer seu julgamento. Ao mesmo tempo, ele pode estar dizendo que os amigos foram muito deferentes com JÓ (Papa, p. 213). Ele pretende chegar aos problemas sem verbiage desnecessariamente educado.

3. O Primeiro Discurso de Eliú (33: 1-83)

O principal impulso deste discurso visa as afirmações de JÓ de que Deus se tornou seu inimigo e se recusa a dar-lhe conhecimento de maneira satisfatória.

(1) Um desafio Homem-a-Homem (33: 1-7)

1 "Mas agora, ouça meu discurso, ó JÓ,
e ouça todas as minhas palavras.

2 Eis que eu abro a boca;

A língua na minha boca fala.

3 Minhas palavras declaram a retidão do meu coração,

e o que meus labios sabem que falam sinceramente.

4 O espírito de Deus me fez,

e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida.

5 Responda-me, se puder;

defina suas palavras em ordem antes de mim; pegue sua posição.

[6] *Eis que eu sou para Deus como você é;*

Eu também fui formado por um pedaço de barro.

[7] *Eis que nenhum medo de mim precisa terrificar-te;*

minha pressão não será pesada sobre você.

JÓ é desafiado diretamente para assumir sua posição e conhecer Elihu em confronto direto (v. 5). Uma das falhas dos amigos foi a sua falta de vontade de conhecer o homem JÓ para o homem em um confronto. Embora seu idioma fosse freqüentemente severo, eles responderam JÓ a uma distância segura. Elihu reconhece que ele e JÓ compartilham um processo comum de criação, uma humanidade comum (v. 4 , 6): eu também fui formado por um pedaço de argila. O versículo 4 enfatiza o dom divino da vida, enquanto v. 6 aponta para a natureza do homem como argila (ver Gen. 2). O Eu sou em direção a Deus é um pouco ambíguo. É comumente entendido como significando "eu pertenço a Deus"; mas o significado pode ser o de "antes de Deus" (nota NEB). O Papa (p. 216) argumenta que a expressão é uma fórmula de juramento, usada por Elihu para tranquilizar JÓ que ele, Elihu, compartilha uma finitude comum com JÓ.

Portanto, JÓ não precisa ter medo de um encontro com Elihu (v. 7). O jovem estranho - não há indícios de que JÓ o conhecesse - procura tranquilizar o homem sofredor.

Ele quer que JÓ saiba que ele enfrenta um homem como ele que está determinado a enfrentar os problemas reais. Elihu pretende ser firme, mas gentil - uma boa orientação para o conselho.

O resto do capítulo é uma refutação da afirmação de JÓ de que Deus o maltratou.

(2) A carga de JÓ contra Deus (33: 8-11)

[8] *"Certamente, você falou na minha audiência,*
e ouvi o som de suas palavras.

[9] *Você diz: "Estou limpo, sem transgressão;*

Eu sou puro, e não há iniqüidade em mim.

[10] *Eis que ele encontra ocasiões contra mim,*

Ele me conta como seu inimigo;

11 ele coloca meus pés nas ações,

e observa todos os meus caminhos.

Elihu cita as declarações da JÓ no vv. 8-11 (cf. 13:24 *b* , 27 *um* para vv 10. *B* , 11, enquanto v 9. Parece não ter equivalente exato, o pensamento é encontrado em uma série de declarações por Joo: 09:21 ; 10: 7 ; 13:18 ; 16:17 ; 23:10 ; 27: 5-6 , e capítulo 31). A afirmação básica de JÓ é que Deus não respondeu a ele em termos de seu personagem (JÓ). Deus o trata como um inimigo sem causa.

(3) Tese Básica de Elihu (33: 12-14)

12 "Eis que nisso você não está certo. Eu vou te responder.
Deus é maior que o homem.

13 Por que você protesta contra ele,

dizendo: "Ele não responderá a nenhuma das minhas palavras"?

14 Porque Deus fala de uma maneira,

e em dois, embora o homem não perceba.

O pedido de JÓ é diretamente e enfaticamente refutado por Elihu. Deus é maior do que o homem (v. 12) e não pode ser levado a uma controvérsia com o homem da maneira que JÓ exige (v. 13). JÓ não precisa se surpreender que Deus não responda a todas as palavras dos homens. O RSV (v. 13b) lê com uma emenda em minhas palavras o que não é necessário porque a leitura hebraica ("seu") pode ser mantida com o antecedente sendo *homem* de v. 12 (então Dhorme, p. 492 e outros) . Pois a maneira de Deus de lidar com o homem não inclui o tipo de confronto e diálogo (a palavra é *riv* , um tipo legal de disputa com os participantes).

Pois Deus fala de uma maneira. A tradução de RSV reflete a interpretação de que este versículo pretende dizer que Deus se revela ao homem de várias maneiras, agora uma e outra; Embora o homem possa não entender o que Deus está dizendo. Mas é duvidoso que este seja realmente o que Elihu está dizendo, e se encaixa mal com a carga básica de JÓ citada em vv. 9-11 . A palavra-chave é a traduzida, o que significa olhar e assim perceber (a palavra homem não está na MT e é fornecida pelo RSV) ou para repetir (ver Dhorme, página 493). Se o último significado for correto, o que é provável, o NEB pode ser seguido (embora a tradução seja gratuita):

"Na verdade, uma vez que Deus falou ele não fala uma segunda vez para confirmá-lo".

Deus fala uma vez, e isso é suficiente. Ele não está no negócio de repetir ou lutar contra os homens sobre sua vontade. Claro, Elihu implica que Deus falou, ou ainda fala, JÓ; mas ele afirma que Deus não terá *riv* com ele. Esse não é o caminho de Deus com o homem. Assim, JÓ é repreendido; Eis que nessa (sua acusação na v. 9-11) você não está certo (v. 12).

(4) Revelação na Noite (33: 15-18)

15 Em um sonho, em uma visão da noite,
Quando o sono profundo cai sobre os homens,
enquanto dormem em suas camas,

16 , ele abre as orelhas dos homens,

e aterroriza-os com avisos,

17 para que ele possa afastar o homem de sua ação,

e cortar o orgulho do homem;

18 ele guarda sua alma do poço,

sua vida de perecer pela espada.

Estes versículos recordam a visão de sonho relatada por Eliphaz em 4: 12-15 e a queixa de JÓ de pesadelos terríveis em 7:14 . Elihu está dizendo que tais sonhos e visões têm um propósito. Eles são meios pelos quais Deus abre os ouvidos dos homens e entrega avisos; Concebido para desviar o homem que os recebe da sua ação (isto é, ação de maldade), cortar o orgulho (v. 17b) e preservar a vida (v. 18). A ação de Deus pode ser desagradável, mas é benéfica em seu objetivo.

A espada de tradução na v. 18 é muito duvidosa. A palavra pode significar eixo, flecha ou lança. Mas esses significados se encaixam mal no contexto e é melhor ler "e sua vida passando para o Sheol" (semelhante a JB) ou "e sua vida passando pelo canal" da morte, como o rio Hubur da mitologia da Mesopotâmia ou o Styx grego (ver Dhorme, p. 496; Pope, p.221).

O sonho aparece com bastante freqüência no Antigo Testamento como um meio de revelação divina (eg, Gênesis 28: 12-17 ; 41: 11,12 ; Números 12: 6 ; Judg. 7:13 , 15 ; 1 Reis 3: 5 , Jeremias 23:32). Os sonhos que servem como advertências destinadas a impedir ações pecaminosas são encontrados

em Gênesis 20: 3 ; 31:11 , 24 ; 41: 1-7 ; Daniel 4 ; Mateus 2:13 ; 27:19. Elihu está dizendo a JÓ que ele pode ter perdido o significado dos sonhos e visões na noite que foram tão preocupantes. Deus pode estar tentando salvá-lo de ações que resultariam em sua morte.

(5) Redenção por um Mediador (33: 19-30)

19 "O homem também é castigado com dor em sua cama,
e com contínua disputa em seus ossos;

20 para que sua vida odeie o pão,

e seu alimento saboroso apetite.

21 Sua carne está tão desperdiçada que não pode ser vista;

e seus ossos que não foram vistos saem.

22 Sua alma se aproxima do poço,

e sua vida para aqueles que trazem a morte.

23 Se houver um anjo para ele,

um mediador, um dos mil,
para declarar ao homem o que é certo para ele;

24 e ele tem graça com ele e diz:

"Entregue-o para descer no poço,
Encontrei um resgate;

25 deixe a carne se tornar carne com a juventude;

que ele volte aos dias de seu vigor juvenil ";

26 Então o homem ora a Deus, e ele o aceita,

Ele vem à presença dele com alegria.
Ele relata aos homens a sua salvação,

27 e ele canta diante dos homens e diz:

"Eu pequeva e pervertia o que era certo,

e não foi pago para mim.

28 Ele redimiu minha alma de descer no poço,

e minha vida verá a luz.

29 "Eis que Deus faz todas essas coisas,

duas vezes, três vezes, com um homem,

30 para trazer sua alma do poço,

para que ele veja a luz da vida.

Elihu dá uma segunda ilustração das maneiras pelas quais Deus trata dos homens. Como o primeiro, é direcionado especificamente aos problemas da JÓ.

O homem também é castigado com dor. É importante notar que é "homem", não "pecador", que é corrigido pela dor. Elihu não assume que todo homem sofredor é um pecador. Uma imagem é pintada em palavras de sofrimento impressionante e consumidor em vv. 19-21 , o que, claro, é descritivo da condição de JÓ. As condições de deterioração do sofredor o aproximam da morte (v. 22). O RSV, aqueles que trazem a morte na v. 22 *b*, representam uma interpretação que exige que o original leia "assassinos" ou "destroyers" (como na KJV e ASV). O paralelismo do verso é melhorado por alguma tradução como "lugar da morte" ou "morada dos mortos" (Dhorme, p. 500), uma vez que é natural esperar um paralelo ao Pit na v. 22a(note a simples emendação do Papa, resultando na leitura "às águas da morte", p. 219). No entanto, não é absolutamente necessário que o paralelismo seja tão exato, especialmente, uma vez que a atenção deve ser dada à relação desta linha com a v. 23 . É melhor ler "destruidores" ou "ministros da morte" (NEB), que devem ser entendidos como anjos ou mensageiros da morte (ver Driver e Gray, pág. 289).

O versículo 23 deve ser entendido no contexto da corte celestial (cf. 1: 6 ; 2: 1 ; 1 Reis 22:19 ; Salmo 82 , Dan. 7: 9-10 ., Rev. 5:11). Um homem poderia razoavelmente esperar que, do grande número do séquito celestial, houvesse um anjo que intercedesse por ele. Se não houver, não deve ser lido com excesso de ênfase na contingência da seguinte declaração, o que realmente significa que um homem não precisa ter medo da falta de intercessores disponíveis (nota Driver e Gray, pág. 290).

O mediador realmente significa porta-voz ou intérprete, paralelo ao "anjo" ou ao mensageiro (ver Gênesis 42:23, onde o *melits* é um intérprete de uma

língua estrangeira entre José e seus irmãos, e Isaías 43:27, onde a palavra provavelmente significa Os profetas, também, no "anjo", veja Gn 31:11 ; 1 Reis 13:18 ; 2 Reis 1:15 , etc.).

A idéia de mediação ou interpretação por um anjo ou outro ser celestial é encontrada em vários lugares da Bíblia (ver Salmos 91: 11-13 , Mateus 18:10 , Atos 12:15 , Apocalipse 8: 3). No primeiro spech de Eliphaz, há uma alusão aos "santos" em 5: 1 que provavelmente devem ser entendidos como um corpo de seres celestiais de cuja categoria um homem pode encontrar um defensor (Pope, pp. 41, 219; Holscher, p. 88; Fohrer, pág. 459). O próprio JÓ tem esse conceito em mente quando aborda a idéia de um árbitro em 9:33 e apela a uma testemunha em 16: 19-21 e a um *go'el* em 19: 25-27(veja o comentário sobre essas passagens). Há um amplo contexto para esses conceitos no pensamento religioso antigo - em particular, na teologia mesopotâmica da "Deus pessoal" (ver Papa, *cit. Cit.).*

É possível que o "anjo-mediador" de v. 23 seja identificado como um dos "que trazem a morte" no v. 22 (então Snaith, pág. 89, seguindo o texto grego que interpreta o v. 23-24 em termos da atividade dos anjos da morte). Se essa abordagem for tomada, pode-se supor que um dos anjos da morte, que foi enviado para levar um homem moribundo ao Seol, descobre que o homem é justo e imerecimento da morte na época. Sobre isso, o anjo da morte declara a Deus a justiça do homem, que provoca a libertação divina da morte e a restauração do homem sofredor (v. 24-25).

No entanto, essa interpretação depende, em parte, não apenas da leitura de "aqueles que trazem a morte" na v. 22 *b* , mas também na leitura de vv. 23 *c* - 24. Snaith traduz o v. 23c como "declarar para um homem a sua justiça" (ver Papa, p.221) e entende Deus como o antecedente de ele na v. 24 *a* . Mas o RSV para declarar ao homem o que é certo para ele no v. 23 *c* é mais natural. O homem precisa de instrução para interpretar seu sofrimento e discernir como ele pode manter seu pensamento e agir direito durante esse período de testes. O falante em vv. 24-25 não precisa ser Deus, mas o anjo-mediador da v. 23; Embora possamos entender que as palavras são ditas a Deus. O anjo-mediador pede a libertação do homem (o verbo é desconhecido em outros lugares do Antigo Testamento, mas a idéia é quase certamente redimir ou entregar, veja Dhorme, pág. 502, que traduz "isento dele") e para a restauração de seu Saúde e vigor juvenil (v. 25).

O resgate (v. 24 *b)* é inexplicável. A palavra refere-se ao preço pago pela libertação de um homem do perigo da morte (Ex. 21:30 ; 30:12 ; Num. 35: 31-32). Os comentadores sugeriram com base em 36:18que o resgate é a resistência do próprio sofrimento pelo homem aflito. Mas isso é duvidoso. O Papa (p. 219) lembra o Salmo 49: 7-9 , que diz que nenhum homem pode dar a Deus o preço de resgate de sua vida (embora Deus possa providenciar ele

mesmo, Salmo 49:15 , veja também o Mat. 16:26 ; 20 : 28 ; 1 Tim. 2: 6 ; Rev. 5: 9). Em qualquer caso, o homem agonizante experimentará uma renovação refrescante de sua condição física.

O sofredor também experimentará um ressurgimento de sua condição espiritual (v. 26-28). Ele pode rezar a Deus e receber uma resposta favorável. A presença de Deus produz um grito de alegria do adorador restaurado (a alegria de 26 *b* é a alegria dos adoradores no culto, cf. Salmos 33: 3 ; 47: 5 ; 89:15). Ele agora pode ver o rosto de Deus (ele entra em sua presença, cf. Papa, p. 220) e experimente um retorno de uma relação correta com Deus e com o homem. A emenda do RSV contida no relato de v. 26 *b* deve ser rejeitada e lida literalmente: "E ele restaura a sua justiça" (ver KJV e ASV). A construção desta afirmação é muito semelhante àv. 23c , e surgem questões sobre o sujeito do verbo, que RSV leva a ser o "homem" e o antecedente do "seu". Isso poderia se referir a Deus, mas provavelmente se refere ao homem como na v. 23 *c* , embora palavras diferentes sejam usadas nestes dois versos. É melhor tomar o sujeito do verbo ser Deus, que restaura a um homem sob estas condições "a sua justiça"; isto é, seu relacionamento correto com Deus e seu privilégio de adoração.

Parece claro que Elihu está pensando em termos do contexto cultual do tipo de salmo de ação de graças, que foi projetado para aquelas ocasiões de adoração quando o adorador trouxe seu testemunho em palavras e músicas para a congregação reunida (para indicação do contexto de adoração, veja Salmos 26: 6-7 ; 30: 4-5 ; 34: 4-10 ; 40: 9-10 ; 66: 16-19 ; 107: 31-32 ; 116: 12-19). Assim, o homem revivido e renovado cantará e testemunhará diante dos homens (v. 27 *a*) do que Deus fez por ele. O adorador poderá confessar o seu pecado e o mal-entendido de Deus (o pervertido o que era certo da v. 27traz a idéia de torção ou distorção; cf. Terrien, p. 1139). Uma vez que o sofredor poderia antecipar apenas a escuridão do Pit (v. 28); Mas agora ele olha para a frente com confiança na luz (JB traduz "e está permitindo que minha vida continue na luz").

Os versículos 29-30 estabelecem o resumo final de tudo isso. O propósito de Deus é salvar homens. Seus atos podem parecer pouco claros, ou mesmo cruéis, para um homem; mas Deus continua a persistir em sua ação até atingir seu objetivo. O duas vezes, três vezes da v. 29 não se refere ao v. 14 . A expressão é idiomática para duração e progressão. Deus não desistirá até que sua vontade redentora seja cumprida.

(6) Um apelo direto a JÓ (33: 31-33)

31 Preste atenção, ó JÓ, ouça-me;
fique em silêncio, e eu falo.

32 Se você tem alguma coisa a dizer, responda-me;

fale, pois desejo justificar você.

33 Se não, ouça-me;

fique em silêncio, e eu vou ensinar-lhe sabedoria ".

Elihu fecha seu primeiro endereço com um apelo pessoal para JÓ reagir de duas maneiras. Primeiro, se houver algum argumento de refutação a ser dado, Elihu os convidará (v. 32). Seu motivo é justificar JÓ, ou seja, colocá-lo no relacionamento correto com Deus e os homens (veja o comentário nos v. 12 e 26 acima). Em segundo lugar, se JÓ não tiver uma resposta satisfatória, é-lhe dito para ficar quieto e permitir que Elihu lhe ensine a sabedoria. Os versículos 31-33 não estão no texto grego de JÓ, e um bom número de comentaristas considera que eles são a introdução de outro discurso (Fohrer, p. 470 e RAF MacKenzie, p. 530), que os faz a introdução a 35 : 2-36: 25). É provável que sua localização aqui seja uma transição para continuar falando sobre Elihu, sem, no entanto, ser uma introdução direta ao capítulo 34 .

Em seu primeiro discurso, Elihu fez um contributo distintivo para o livro. Sua maneira de falar é um pouco pomposa e detalhada, mas ele tem algo que vale a pena dizer. Ele reconhece a validade do caso de JÓ mais do que qualquer um dos amigos. No entanto, ele não está disposto a permitir que JÓ seja inteiramente inocente. Sem dúvida, ele concordaria com Eliphaz (4: 17-19 ; 15: 14-16) que nenhum homem pode ser inteiramente limpo e justo diante de Deus. Além disso, JÓ não pode esperar que Deus lhe conceda o tipo de diálogo que ele, JÓ, exigiu repetidamente. Mas Elihu não está casado com um sistema teológico que exige que JÓ seja um pecador por causa de sua condição e suas palavras. Ele quer ver o lado de JÓ e ajudá-lo.

O principal objetivo do argumento de Eliú é que, ao lidar com o sofrimento humano, JÓ não investigou profundamente os caminhos de Deus. Ele deve lembrar que o propósito de Deus no tipo de agonia que JÓ experimentou é sempre e totalmente redentor. Deus não é o inimigo de JÓ. Além disso, Elihu está aberto ao anseio de JÓ para um mediador, um ombudsman (cf. Snaith, p. 90), e sugere que essa função de intercessão é uma possibilidade real no esquema de Deus. Do ponto de vista cristão, achamos apropriadas as palavras de Terrien: "O profeta não desejado - como um profeta sempre é - Elihu, aprendiz pedante, exige a necessidade de um Cristo" (p. 1140). Essa sabedoria é suficientemente digna da consideração pensativa de JÓ.

4. O Segundo Discurso de Eliú (34: 1-37)

(1) Resumo do Caso JÓ (34: 1-9)

[1] *Então Elihu disse:*

[2] *"Ouça minhas palavras, vocês sábios,*

e ouça-me, você que conhece;

[3] *para as palavras de teste de orelha*

Como o paladar experimenta comida.

[4] *Deixe-nos escolher o que é certo;*

Deixe-nos determinar entre nós o que é bom.

[5] *Porque JÓ disse: "Eu sou inocente,*

e Deus tirou minha direita;

[6] *apesar da minha direita eu sou contado um mentiroso;*

Minha ferida é incurável, embora eu esteja sem transgressão.

[7] *Que homem é como JÓ,*

Quem bebe com zombar como água,

[8] *que acompanha os malfeitores*

e anda com homens perversos?

[9] *Pois ele disse: 'Não gera nada a um homem*

para que ele se deleite com Deus ".

Em vv. 1-4 Eliú aborda os sábios e os "aprendizes" (aqueles que conhecem, homens inteligentes, ver Eccl. 9:11) em vez de JÓ. É razoável supor que os três amigos estão em mente, bem como espectadores que podem estar ouvindo a conversa. Possivelmente, o autor também está pensando em seus leitores. Elihu propõe que os sábios se juntem a ele para resolver as questões do caso de JÓ (v. 4). O apelo a uma doação carismática pelo espírito (ver 32:18) desapareceu e o recurso é agora para a faculdade humana de julgamento (v. 3 , que varia apenas um pouco a partir de 12:11). O senso comum da experiência humana é o quadro de referência, como testar a comida por degustação (Terrien, p. 1141).

A posição de JÓ está resumida em vv. 5-9 . Elihu cita JÓ em vv. 5-6 . A citação no v. 5 *b* é muito próxima das palavras de 27: 2a , enquanto a v. 5a é uma declaração geral da posição de JÓ (o eu sou inocente é literalmente, "Eu sou justo") que aparece de maneiras indiretas em 9: 15 ; 10:15 (ver 33: 9). O RSV tenta dar sentido ao texto "contra o meu direito a ele" no v. 6a, o que caberia muito na situação de JÓ. É muito provável que o texto hebraico tenha sido alterado para se proteger contra qualquer irreverência para com Deus e que a leitura original fosse "contra meu direito ele (isto é, deus)" (que segue o texto grego). Esta afirmação de JÓ não é conhecida, mas é bem possível que a citação seja autêntica, embora não mais no texto do diálogo.

A acusação de JÓ na vv. 7-9 é grave, e o humor é mais nítido do que em qualquer ponto nos capítulos 32-33 . No entanto, Elihu não acusa JÓ de pecados abertos tão diretamente quanto Eliphaz no capítulo 22 . Elihu quer argumentar que as palavras de JÓ o colocaram em companhia dos escarnecedores, dos malfeitores e dos homens perversos (v. 9) , outra cita não encontrada no diálogo, mas ver 9:22 ; 10: 3 ; 21: 7- 15 ; Mal. 3: 13-14).

(2) O Criador não pode ser mau (34: 10-15)

10 "Portanto, ouça-me, homens de entendimento
longe de Deus que ele faça a maldade,
e do Todo-Poderoso que ele deveria fazer o mal.

11 Pois, de acordo com a obra de um homem, ele o recompensará,

e de acordo com seus caminhos ele fará com que ele aconteça com ele.

12 De verdade, Deus não fará mal,

e o Todo-Poderoso não perverterá a justiça.

13 Quem lhe deu carga sobre a Terra

e quem colocou sobre ele todo o mundo?

14 Se ele devesse levar seu espírito para si mesmo,

e juntar a si mesmo sua respiração,

15 toda a carne pereceria juntos,

e o homem retornaria ao pó.

Elihu argumenta que homens de entendimento sabem que Deus não pode fazer o que é errado. Não é na sua natureza perverter a justiça. Ele trata de maneira justa com os homens (v. 11). Os versículos 13-15são um lembrete do trabalho criativo de Deus. Se Deus devolver seu espírito do mundo, nenhum homem estaria vivo para duvidar dos propósitos de Deus (para a doutrina da criação expressa aqui, veja Salmos 104: 27-30 , também, Gênesis 2: 9 ; 3:19 ; Isa 41: 5 ; Eccl 12: 7). O caráter de Deus é tão confiável quanto a sua entrega constante de vida. Sua autoridade não é derivada (v. 13); É um aspecto integral de seu ser.

(3) A Imparcialidade do Juízo Divino (34: 16-20)

16 "Se você tem entendimento, ouça isso;
Ouça o que eu digo.

17 Quem odeia a justiça governa?

Você condenará aquele que é justo e poderoso,

18 que diz a um rei, "sem valor"

e aos nobres, 'homem malvado';

19 que não mostra parcialidade aos príncipes,

nem considera os mais ricos do que os pobres,
pois eles são o trabalho de suas mãos?

20 Em um momento eles morrem;

À meia-noite, as pessoas são abaladas e passam,
e os poderosos não são tirados por nenhuma mão humana.

O argumento nesta seção se apresenta como ortodoxo, mas falta qualquer frescura e nitidez reais. O Papa rotulou-o "obsoleto" (p. 224) - um juízo justo em comparação com outras partes dos discursos de Eliú. O discurso de JÓ em 12: 10-21 estabelece acusações contra o governo de Deus de assuntos humanos que Elihu refuta, mas na verdade não responde. A afirmação de que Deus não faz acepção de pessoas - JÓ incluído - é louvável e verdadeira, mas levanta a questão. E quanto a todas as evidências aparentes em contrário? Elihu está expondo a teologia de sabedoria padrão neste ponto que parece ter sido notavelmente cego à realidade do sofrimento pelos justos (observe o Salmo 37: 25-40).

Mas não devemos ser muito difíceis com Elihu. Ele está argumentando que Deus não pode ser responsabilizado em termos de categorias humanas de justiça (Terrien, p. 1144). "Deus é maior do que o homem" (33:12) e não podemos exigir que qualquer componente de seu ser ou ação esteja completamente em conformidade com nossos entendimentos finitos e borrados. Como Terrien diz, JÓ acusou Deus de ser imoral. Eliú responde que Deus não pode ser imoral porque sua natureza é supramoral. Teologicamente, Elihu está em terreno firme. Talvez ele nos lembra que nenhuma loucura excede a de colocar a máxima confiança no meramente empírico.

Há problemas na tradução de vv. 16-20 ; mas o RSV é aceitável embora discutível em pontos. O NEB é mais livre em alguns aspectos, mas transmite o sentido muito bem.

(4) A Correspondência da Omnisciência Divina e Omnipotência (34: 21-30)

21 "Porque os seus olhos estão sobre os caminhos de um homem,
e ele vê todos os passos dele.

22 Não há escuridão ou escuridão profunda

onde os malfeitores podem se esconder.

23 Pois ele não designou uma hora para nenhum homem

para percorrer Deus em juízo.

24 Ele quebra o poderoso sem investigação,

e coloca outros em seu lugar.

25 Assim, conhecendo suas obras,

Ele os revolve na noite, e eles são esmagados.

26 Ele os atinge por sua maldade

à vista dos homens,

27 porque se desviaram de segui-lo,

e não teve qualquer consideração por nenhum dos seus caminhos,

28 para que eles provocassem o grito dos pobres para ele,

e ele ouviu o grito dos afligidos -

[29] *Quando ele está quieto, quem pode condenar?*

Quando ele esconde seu rosto, quem pode vê-lo,
seja uma nação ou um homem?

[30] *que um deus menos homem não deveria reinar,*

que ele não deveria atrapalhar as pessoas.

Deus sabe tudo o que os homens fazem (v. 21) e nenhum malfeitor pode esconder-se com sucesso desse conhecimento. O escrutínio de Deus penetra mesmo no escudo das trevas profundas, onde os olhos e a compreensão dos homens falham (v. 22 , cf. Salmos 139: 11-12 , Jeremias 23:24 , Amós 9: 2-4). Portanto, não é necessário que Deus estabeleça um tempo especial para julgamento (v. 23). Seus julgamentos são realizados sem tais procedimentos (v. 24). Elihu parece estar respondendo às exigências de JÓ para um tempo de julgamento diante de Deus (ver 9:32 ; 14:13 ; 31: 35-37 ; 24: 1). A emenda necessária para ler uma hora (ou uma data) é altamente provável (Terrien, p. 1146).

Elihu dirige a atenção de JÓ para as evidências visíveis do poder de julgamento de Deus em vv. 25-28 . Atuando com base em sua onisciência, Deus lida com os poderosos (v. 24) e os ímpios (v. 26) com julgamento onipotente. E esta ação é feita onde todos podem vê-lo (v. 26 *b*). Talvez vv. 27-28 refletem a consciência por parte de Elihu de que ele usou uma forma do argumento de que "pode fazer certo"; ou seja, Deus não pode estar errado simplesmente por causa da natureza pura do seu poder. Mas o exercício do poder de Deus é direcionado para aqueles que se afastam de segui-lo; que não tem respeito aos seus caminhos (v. 27) - tome JÓ tome nota - e persiga os pobres (v. 28). Deus ouve os gritos de ajuda que surgiram dos aflitos.

Os versículos 29-33 são extremamente difíceis de ler com qualquer significado claro, e os comentadores foram muito livres com emendas e conjecturas. Faremos bem não desenhar nenhuma lição ou exposição importante até que o nosso conhecimento do texto seja maior. No entanto, v. 29a parece fazer um ponto válido. Por causa da natureza de Deus e de suas ações expostas nos versículos precedentes, quem pode condená-lo se ele estiver quieto em ocasiões (melhor: "se ele descansa", veja Dhorme, p. 543, ver o uso do Heb. Verbo *shqt* no Salmo 94:13 , Isaías 57:20 , Jeremias 49:23 ; JÓ 37:17). Se Deus escolhe esconder seu rosto, quem pode vê-lo? A última linha da v. 29é literalmente "e contra a nação e contra os homens

juntos", o que é melhor deixar sem comentários. O versículo 30 não parece ser um versículo inteiro por si só, e devemos supor que foi originalmente ligado ao v. 29 ou que alguma coisa está ausente dele. As reconstruções propostas para vv. 29b-30 são frequentemente atraentes; por exemplo, Dhorme:

"Agora ele observa nações e pessoas,
Para que ninguém daqueles que prendem as pessoas deve reinar ".

(5) Uma repreensão de fechamento para JÓ (34: 31-37)

31 "Porque alguém disse a Deus,
"Eu sofri o castigo; Não ofenderei mais;

32 ensina-me o que não vejo;

Se eu fiz a iniqüidade, não o farei mais '?

33 Será que ele vai fazer o requital para você,

porque você rejeitou isso?
Pois você deve escolher, e não eu;
portanto, declare o que você conhece.

34 Homens de entendimento vão me dizer,

e o sábio que me ouve dirá:

35 JÓ fala sem conhecimento,

Suas palavras são sem percepção.

36 Será que JÓ foi tentado até o fim,

porque ele responde como homens malvados.

37 Pois ele acrescenta rebelião ao pecado dele;

ele bate palmas entre nós,
e multiplica suas palavras contra Deus ".

Os versículos 31-33 são um pouco menos difíceis. Parece haver um gancho irônico no endereço de Elihu para JÓ neste momento. Apresentando-o com um caso de arrependimento para com Deus em vv. 31-32 , ele pergunta a JÓ de maneira sarcástica para seu julgamento sobre a ação de Deus na v. 33 . De acordo com Elihu, JÓ corre o risco de excluir as opções de Deus em relação a

muitas das suas, exigências categóricas de JÓ sobre a vontade divina. Elihu está convencido de que as ações de Deus não podem ser tão rigorosamente classificadas como ele acredita que JÓ fez. "JÓ desaprova toda a obra de Deus - portanto, ele deve desaprovar o seu costumeiro perdão amoroso" (MacKenzie, p. 530). JÓ deve permitir a Deus a liberdade de operação ou aceitar o dogma da retribuição automática defendida pelos amigos. Traduzir v. 33*b* como: "Pois você é aquele que deve escolher (ou, decidir) - não eu!"

Ele bate palmas da v. 37 , se lido dessa maneira, refere-se a gestos de zombaria por JÓ. No entanto, parece melhor seguir Dhorme (p. 529), Tur-Sinai (p. 489) e Pope (p. 226) e ler a palavra rebelião (transgressão, *pesha'*) com a segunda linha. O Dhorme pode ser seguido ainda mais ao dar a palavra traduzida "claps" ("mãos" são fornecidas pelo RSV) o significado da dúvida, que pode ter no aramaico. Nesta base, o Papa traduz:

> *"Pois ele acrescenta ao seu pecado,*
> *Nega sua transgressão entre nós,*
> *Multiplica suas palavras contra Deus "(p. 223).*

5. O Terceiro Discurso de Eliú (35: 1-16)

Este discurso carece de uma introdução como os dos outros discursos, é consideravelmente mais curto e pode ser considerado como uma continuação do segundo discurso no capítulo 34 . No entanto, o texto tem a rubrica de v. 1 que separa os versículos que se seguem ao anterior. Também o conteúdo é diferente. Portanto, é tratado como um terceiro discurso neste comentário. É possível que a introdução em falta seja encontrada em 33: 31-33 .

(1) Reivindicação de JÓ (35: 1-3)

¹ *E Elihu disse:*

² *"Você acha que isso é justo?*

> *Você diz: "É meu direito diante de Deus"*

³ *que você pergunta: "Que vantagem eu tenho?*

> *Como eu estou melhor do que se eu tivesse pecado?*

JÓ declarou que seu direito diante de Deus (isto é, a correção de seu caso) é a falta de lucro para evitar o pecado (v. 2-3). Traduzir v. 3 *b* com o Papa: "O que o meu pecado me conseguiria?" (P. 227). A citação de JÓ não é encontrada em nenhum de seus discursos registrados, mas existem algumas correlações com 9: 2 (ver 4:17 ; 15: 3 ; 21:15) e 34: 9 . O RSV reflete uma mudança do texto hebraico no v. 3 *a*, Que vantagem eu tenho? O "você" do

texto deve ser mantido. A pergunta de JÓ foi dirigida a Deus: "O que isso importa para você?", Se ele é justo ou se ele peca (ver 7:20).

(2) Resposta de Elihu (35: 4-16)

4 Eu vou te responder
e seus amigos com você.

5 Olhe para o céu e veja;

e veja as nuvens, que são mais altas do que você.

6 Se você pecou, o que você realiza contra ele?

E se suas transgressões se multiplicam, o que você faz com ele?

7 Se você é justo, o que você lhe dá;

ou o que ele recebe da sua mão?

8 Sua iniqüidade diz respeito a um homem como você,

e sua justiça, um filho do homem.

9 "Por causa da multidão de opressões

pessoas clamam;
eles pedem ajuda por causa do braço de
o poderoso.

10 Mas ninguém diz: "Onde está Deus, meu Criador,

que dá músicas à noite,

11 que nos ensina mais do que os animais da terra,

e nos torna mais sábios que os pássaros do ar?

12 Eles clamam, mas ele não responde,

Por causa do orgulho dos homens malvados.

13 Certamente Deus não ouve um grito vazio,

nem o Todo-Poderoso considera isso.

[14] Quanto menos quando você diz que não o vê,

que o caso está diante dele, e você está esperando por ele!

[15] E agora, porque sua ira não punha,

e ele não presta muita atenção à transgressão,

[16] JÓ abre a boca na conversa vazia,

ele multiplica palavras sem conhecimento ".

Seus amigos com você do v. 4 podem incluir os espectadores (como diz Dhorme, p. 531); mas não devemos ignorar o fato de que Elihu está em conflito com JÓ e os três amigos. Ele acredita que todos estão errados em suas opiniões de Deus (Terrien, p. 1149).

Elihu começa sua resposta com um discurso sobre a liberdade transcendente de Deus do homem. JÓ é direcionado para olhar para os céus e as nuvens onde a morada de Deus é (v. 5), e onde a ação do homem não pode afetá-lo negativamente (v. 6) ou positivamente (v. 7). Formalmente, pelo menos, a visão de Eliú de Deus é muito parecida com a de Eliphaz em 22: 1-5 , 12 , 14 , e também a de JÓ em 7:20 (cf. Lucas 17:10 ; Romanos 11:35). A teologia é unilateral e claramente fora de harmonia com a maioria da Bíblia. No entanto, não é sensato entender Elihu dizendo que Deus está totalmente despreocupado com o comportamento dos homens. Em vez disso, ele quer estabelecer a tese básica de que nenhum homem, independentemente de seu status e justiça, pode *exigir* o cumprimento de uma reivindicação contra Deus.

Se o comportamento humano não pode afetar, necessariamente, a vontade de Deus, é uma grande preocupação com o nível humano (v. 8). JÓ deve lembrar que as consequências da maldade ou da justiça são muito reais para si mesmo. O filho do homem de v. 8 simplesmente significa um homem, qualquer homem, como JÓ.

A transição para vv. 9-13 é abrupto, mas Elihu parece estar a considerar uma anomalia da vida que parece apoiar a afirmação de JÓ de que Deus é indiferente às ações humanas (Davidson, pp. 278-280). Há um grande sofrimento no mundo (v. 9), como JÓ argumentou (ver 12: 4-6 ; 24: 2-12). Mas os sofredores não clamam por ajuda no caminho certo, pois ninguém diz: "Onde está Deus, meu Criador?" (V. 10). Mesmo sob a opressão, eles são caracterizados pelo orgulho dos homens malvados (v. 12), e suas orações por ajuda não são respondidas. Deus não responde a um grito vazio (v. 13; ou seja, de engano e falta de confiança), embora alguns

comentadores preferem traduzir a expressão como no NEB: "Tudo para nada! Deus não escuta, ...".

A mensagem para JÓ parece ser que "ele simplesmente se juntou às massas de humanidade e animalidade que clamam pelo alívio da dor ... Como outros homens, ele não buscou Deus por causa de Deus, mas ele clamou apenas pela ajuda de Deus "(Terrien, pág. 1152). JÓ esqueceu que Deus graciosamente dá canções na noite, que proporcionam conforto em meio à escuridão do sofrimento e das promessas da manhã que virá (se o Papa, 228, está correto sugerindo que o A palavra traduzida "músicas" realmente significa proteção ou força, como no NEB, o significado não é alterado basicamente). A manhã foi um tempo de expectativa e esperança no culto israelita (ver Isa. 17:14 ; Salmos 5: 3 ; 30: 5 ; 46: 5 ; 90:14 ; 143: 8). Os homens têm acesso a uma maior sabedoria e graça do que o mundo animal (v. 11), embora esses recursos freqüentemente não sejam utilizados (para uma leitura diferente, veja Dhorme, p. 534 e Pope, p. 229).

Em vv. 14-16 , Elihu fecha seu discurso com algumas palavras para JÓ. Esses versos são difíceis, e a interpretação deve permanecer um pouco tentativa. Elihu parece estar citando JÓ indiretamente na vv. 14-15 (para v. 14 , ver 13:18 , 24 ; 23: 3-4 , 8-9 ; 24: 1 ; 30:20 ; para v. 15 , ver 21: 7-21 ; 24:12) . Algumas traduções e comentários lidos v. 14 *b* no modo imperativo como: "O caso está diante dele, aguarde-o" (Papa, p. 227, cf. Salmo 37: 7). Mas é melhor manter o humor indicativo como no RSV, JB, etc.

No entanto, é melhor rejeitar RSV no v. 15 , exceto na leitura altamente provável da transgressão na v. 15b , e seguir Dhorme ao vincular a versão 15 ao verbo "você diz" na versão 14 e traduzir: "E Além disso, quando você diz que sua raiva não punha nada, e. . "(p. 536). O ponto de contenção é a acusação de JÓ de que Deus não punha devidamente os ímpios e recompensa os justos. Ele oferece o próprio caso, bem como outros (21: 7-21) como exemplos para demonstrar a verdade do seu argumento. Elihu discorda. A conversa de JÓ está vazia e suas palavras sem conhecimento (ver 34:35 ; 38: 2). Deus não é indiferente com os assuntos humanos, mas ele faz as coisas à sua maneira.

6. O quarto discurso de Eliú (36: 1-37: 24)

(1) Algo mais para dizer por Deus (36: 1-4)

¹ *E Elihu continuou e disse:*

² *"Carregue comigo um pouco, e eu vou te mostrar,*

pois ainda tenho algo a dizer em nome de Deus.

[3] *Vou buscar meu conhecimento de longe,*

e atribuir justiça ao meu Criador.

[4] *Pois verdadeiramente minhas palavras não são falsas;*

Quem é perfeito no conhecimento é com você.

Elihu deseja continuar a falar, pois há algo mais a dizer sobre os caminhos de Deus. O conhecimento de longe provavelmente se refere a Deus, como o paralelo na v. 3 *b* parece indicar (Fohrer, p. 476); embora outros (por exemplo, Pope, p. 232), pensem que o significado é o da natureza extensa de seu conhecimento. Observe que a questão da justiça é novamente um fator. O v. 4 *b se* refere a Elihu ou a Deus? Provavelmente, Elihu se destina, como a maioria dos intérpretes modernos concordam (mas veja Terrien, p. 1155, que cita 37:16). Neste caso, Elihu significa que ele tem um conhecimento maduro e adequado. JÓ pode ter confiança em suas palavras.

(2) Uso de Deus pelo sofrimento (36: 5-15)

[5] *"Eis que Deus é poderoso, e não despreza nenhum;*
Ele é poderoso na força da compreensão.

[6] *Ele não mantém vivos os ímpios,*

mas dá aos aflitos o direito deles.

[7] *Ele não retira os olhos dos justos,*

mas com reis no trono
Ele os coloca para sempre, e eles são exaltados.

[8] *E se eles estão vinculados em grilhões*

e preso nas cordas da aflição,

[9] *então ele lhes declara seu trabalho*

e suas transgressões, que estão se comportando com arrogância.

[10] *Ele abre seus ouvidos para a instrução,*

e ordena que eles voltem da iniqüidade.

[11] *Se eles ouvirem e atendê-lo,*

eles completam seus dias em prosperidade,
e seus anos de prazer.

12 Mas se eles não ouvem, eles perecem à espada,

e morra sem conhecimento.

13 "O Deus menos no coração aprecia a raiva;

Eles não choram por ajuda quando os liga.

14 Eles morrem na juventude,

e sua vida acaba com vergonha.

15 Ele entrega os aflitos pela sua aflição,

e abre o ouvido pela adversidade.

O poder de Deus não é usado com capricho e falta de preocupação para aqueles que precisam de ajuda (v. 5-6). O texto do v. 5 parece estar corrompido. O Papa traduz (p. 230):

"Eis que Deus é poderoso no poder,
Mas ele despreza não a pura mente "

Embora isso envolva transposição e emendação, é uma conjectura razoável (veja a tradução em JB, NEB, é suportada pelo texto Syriac). O versículo 6 *a* refuta a declaração de JÓ em 21: 7 .

Em vv. 8-12 Elihu expõe o modo como Deus opera sua vontade com os justos (v. 7) na adversidade. O RSV lê o texto de vv. 8-12 com o "justo" como sujeito. É possível que possamos entender "reis" como assunto. O significado não será muito alterado de qualquer maneira. Mantendo o RSV, devemos, aparentemente, entender v. 7 *b* como uma declaração da natureza da exaltação de Deus dos justos. Apesar do seu alto status, os justos podem ser trazidos sob a opressão (v. 8).

Se essa situação se desenvolve, é uma crise repleta de possibilidades de bênção e julgamento (v. 9-14). O tempo da aflição pode ser uma ocasião para uma revisão do modo de vida (v. 9 *a*); um tempo para o reconhecimento das transgressões, que podem ter permanecido escondidos em dias mais fáceis e prósperos e comportamento arrogante (v. 9 *b*). Deus pode abrir os ouvidos para instrução (disciplina) e pedir arrependimento (v. 10 , ver 33:16). A natureza da resposta a Deus determina o resultado (v. 11-12). A questão é "se

eles ouvirem" (v. 11) ou "se eles não ouvem" (v. 12). Os resultados são a vida e a morte, respectivamente (para o perecer pela espada da v. 12, ver comentário em 33:18 , Papa, p.221).

Um contraste com a resposta dos justos é fornecido pelo vv. 13-14 . O deus menos no coração (v. 13 ou profano da mente, JB tem "teimoso", o que é bom, o NEB lê "homens orgulhosos") recusar-se a buscar a ajuda de Deus em tempos de sofrimento. Eles apreciam a raiva, embora esta leitura não seja incontestável (é possível que devemos entender a raiva como "constituída" contra Deus, NEB: "Os homens orgulhosos se enfurecem contra ele"); eles sofrem as conseqüências mortais de sua rebelião (v. 14). O versículo 14b é estranho com seus (Heb.) "E sua vida entre os homens sagrados". Os "males sagrados" são prostitutas de culto (ver Deuteronômio 23: 11 ; 1 Reis 14:24 ; 15:12 ; 22:47 ;2 Reis 23: 7). Alterações de texto foram sugeridas, mas nenhuma parece provável. A interpretação tradicional é que as prostitutas do templo, destruídas por seus excessos orgiásticos, morreram em uma idade precoce.

O versículo 15 é uma declaração sumária. É duvidoso que devemos esclarecer o v. 15 *a* . É igualmente possível ler "in", ou seja, o sofrimento e o problema fornecem os contextos em que Deus pode realizar seus propósitos de reempiro (Irwin, p. 404, NEB, cf. Gênesis 50: 18-21 , Rom. 8: 28- 30). A aflição não é o meio de libertação, mas a oportunidade para isso.

(3) Admoestação para JÓ (36: 16-21)

16 Ele também o atraiu para fora da angústia
em um amplo lugar onde não havia cólicas,
e o que estava definido na sua mesa estava cheio de gordura.

17 "Mas você está cheio do julgamento sobre os ímpios;

julgamento e justiça o aproveitam.

18 Guarda-te de que a ira não te atrapa para zombar;

e não deixe a grandeza do resgate deixá-lo de lado.

19 Será que o teu grito serve para te impedir de angústia,

ou toda a força de sua força?

20 Não aguarde a noite,

quando os povos são cortados em seu lugar.

[21] *Tome cuidado, não se volte para a iniqüidade,*

Para isso você escolheu em vez de aflição.

O texto desta seção é extremamente obscuro e continua a incomodar os comentaristas com suas incertezas. Se o leitor fizer o esforço para comparar o RSV com o JB e o NEB, ele descobrirá diferenças consideráveis. No entanto, a exegese não deve ser abandonada como sem esperança, mesmo que permaneça provisória.

Os versículos 16-17 parecem dizer que a prosperidade de JÓ tornou-se uma condição perigosa para ele (note o sedutor ou a sedução, a tentativa do v. 18). Ele se tornou "macio para si mesmo e duro para os outros" (Terrien, p. 1161) em suas exigências para o julgamento dos ímpios (v. 17). Se essa linha de interpretação for seguida, o tempo passado deve ser lido para o hebraico perfeito em v. 17 *a* e o tempo presente para o imperfeito na v. 17 *b* . O julgamento agora está tomando JÓ e ele deve ser tão rigoroso consigo mesmo quanto ele esteve com os outros.

Se alguém quiser desconsiderar as vogais, em parte, e a divisão de palavras do texto consonante (como em Tur-Sinai, p. 499; Papa, p. 234), algo como o JB pode surgir para a v. 17 :

"Mas você não executou justiça sobre os ímpios,
Você enganou os filhos órfãos de seus direitos ".

Este é um procedimento atrativo, mas conjeturado. O RSV fica mais próximo da MT como está. É óbvio que a interpretação seria diferente se o JB fosse adotado. Elihu acusaria JÓ de irresponsabilidade na administração da prosperidade e bem-estar estabelecido no v. 16 (ver 30: 1-8 ; Pope, p.223) cita uma passagem interessante do epopeio Keret do Ugarit) .

Os versículos 18-19 constituem um aviso para JÓ. A ira pode atraí-lo para uma nova rebelião, e a grandeza do resgate pode desviá-lo da libertação de Deus. Se esse é o sentido, o "resgate" parece ser um termo generalizado para o preço que JÓ deve pagar pelo peso de seu sofrimento pela libertação de sua própria vida. Mas ele não deve pensar que isso só pode ser alcançado por sua própria força, independentemente do seu poder (v. 19).

Outro aviso é encontrado na v. 20 , que vários comentaristas abandonaram ou emendaram radicalmente. Mas Terrien (p. 1162) oferece uma explicação plausível ao argumentar que Elihu está aludindo ao lamento inicial de JÓ no capítulo 3 (mais sua declaração em 7: 2) e advertindo-o para não ansejar pela morte. Fascínio com a vida no submundo poderia ser uma

verdadeira tentação para JÓ, talvez, instigado por rituais religiosos relacionados ao reino dos mortos. O Papa (p. 235) sugere que JÓ seja avisado para não estar excessivamente ansioso pelo julgamento divino, que pode cortar as nações sem aviso prévio.

Um terceiro aviso é dado na v. 21 . A interpretação de RSV JÓ advertiu para aceitar sua aflição, porque ele se transformou em rebelião contra o propósito e a vontade de Deus. No entanto, se o verbo na v. 21 *b* for alterado para um passivo com o significado de teste ou provar, uma leitura mais fácil resulta como no Papa:

> *"Cuidado, para que não se torne o mal,*
> *Para esse fim, você foi testado por aflição "(pp. 231, 235, também JB, NEB)*

O sentido é levado a harmonia com a ênfase de Elihu no sofrimento como uma potencialidade para a disciplina.

(4) A grandeza de Deus (36: 22-37: 13)

22 Eis que Deus é exaltado em seu poder;
quem é professor como ele?

23 Quem lhe prescreveu o caminho dele,

ou quem pode dizer: "Você fez errado"?

24 "Lembre-se de exaltar seu trabalho,

dos quais os homens cantavam.

25 Todos os homens olharam para ele;

O homem vê isso de longe.

26 Eis que Deus é ótimo, e não o conhecemos;

O número de seus anos é insondável.

27 Pois ele desenha as gotas de água,

ele destila sua névoa na chuva

28 que os céus despejam,

e cair sobre o homem abundantemente.

29 Alguém pode entender a propagação das nuvens,

os trovões de seu pavilhão?

30 Eis que ele dispersa o relâmpago dele,

e cobre as raízes do mar.

31 Pois por isso ele julga os povos;

Ele dá comida em abundância.

32 Ele cobre suas mãos com o relâmpago,

e o ordena para atingir a marca.

33 Seu acidente diz sobre ele,

que é ciumenta de raiva contra a iniqüidade.

1 "Com isso também meu coração treme,

e sai de seu lugar.

2 Ouça o trovão de sua voz

e o ruído que vem da boca dele.

3 Sob todo o céu, ele o deixa,

e seu relâmpago para os cantos da terra.

4 Depois dela sua voz rugir;

ele tropeça com sua voz majestosa
e ele não impede os relâmpagos quando sua voz é ouvida.

5 Deus tropeça maravilhosamente com sua voz;

Ele faz grandes coisas que não podemos compreender.

6 Pois, para a neve, diz: 'Caia sobre a terra';

e ao banho e à chuva, "seja forte".

7 Ele selou a mão de cada homem,

que todos os homens possam conhecer o seu trabalho.

8 Então os animais entraram em suas guaridas,

e permanecem em suas guaridas.

9 Da sua câmara vem o turbilhão,

e frio dos ventos dispersos.

10 Pelo sopro de Deus, o gelo é dado,

e as águas amplas são congeladas rapidamente.

11 Ele carrega a nuvem grossa com umidade;

As nuvens dispersam o relâmpago.

12 Eles se voltam e se aproximam por sua orientação,

para cumprir tudo o que ele os ordena
na face do mundo habitável.

13 Se para a correção, ou para sua terra,

ou por amor, ele faz com que isso aconteça.

Esses versos formam um elogio ao hino da sublime grandeza de Deus. Não há professor como ele, e nenhum homem pode instruí-lo ou determinar a correção ou o mal de suas ações divinas (v. 23). JÓ é convidado a se juntar ao coro universal de louvor a Deus (v. 24-25). "O gigante que se defronta com a cabeça de deus deve se juntar ao estatuto da humanidade e olhar com alegria misturado com o insulto ao trabalho do Criador" (Terrien, p. 1163).

O louvor de Deus provou ser uma terapia para almas doentes em muitas gerações. Claus Westermann observou que o louvor de Deus foi despertado mais fortemente na igreja naqueles lugares e épocas em que estava em julgamento severo. O louvor mais genuíno e profundo de Deus surgiu das profundezas do sofrimento humano. Nesses contextos, muitos "descobriram que eles não só estavam aprendendo paciência e autodisciplina sob o que lhes havia sido dado, mas que, *sob* os fardos, apesar de todas as provações, eles

podiam louvar a Deus. Para todos os que o experimentaram, foi uma descoberta real de que isso era possível "(*ibid.*, Página 9). Elihu quer que JÓ faça essa descoberta.

A grandeza de Deus se manifesta nos fenômenos da natureza; particularmente, na tempestade que é descrita em vv. 26-33 . Os detalhes da tradução e interpretação variam consideravelmente, mas o significado geral não está em dúvida. O RSV pode ser aceito como uma versão razoavelmente precisa. Deus dá chuva abundante para a terra, que fornece comida para o homem (v. 27-28 , 31 , os juízes de v. 31 provavelmente devem ser lidos como "alimentos" ou "nutrem", ver JB, NEB). Ao mesmo tempo, a tempestade é uma demonstração impressionante do poder de Deus. Esse poder está além da compreensão dos homens (vv. 26 , 29). No mistof v. 27 (mais adequadamente inundar com referência aos reservatórios cósmicos) ver Pope, pp. 236-6. Os versículos 32-33 são extremamente difíceis, mas a descrição é do relâmpago piscante (v. 32) e do trovão torrencial da tempestade que se aproxima (v. 33a). Elihu interpreta o poder e o ruído da tempestade como expressivo da ira de Deus contra a iniqüidade (v. 33b , seguindo o RSV, que representa um texto bastante emendado).

Depois de uma reação pessoal por sua própria parte (37: 1) e outra exortação a JÓ (v. 2), Elihu continua sua descrição da tempestade (v. 3-5). Não é necessário assumir que uma tempestade está se acumulando em segundo plano enquanto Elihu fala. Mas a descrição é aprimorada para o leitor, se ele assume que esse é o caso. É difícil acreditar que quem colocou esses discursos em sua localização atual - ou os deixou lá depois que os discursos de Yahweh foram adicionados - objetaria. A associação da voz de Deus com o trovão é muito semelhante ao Salmo 29 (também, Salmos 18:13 ; 77: 16-18 ; Ex 9: 22-35; 19:16 , 19 ;1 Sam. 7:10).

O fenômeno de tempestade de vv. 6-13 mostram alguns sinais da temporada de inverno na Palestina (Terrien, pp. 1163-1164) argumenta que o poeta tem duas estações em mente: outono em 36: 26-33 e inverno em 37: 1-13). Lemos sobre a neve no v. 6 , de ventos frios no v. 9 , de formação de gelo na superfície de lagoas ou lagos na v. 10 e dos animais selvagens que hibernam na v. 8 . A temporada de inverno se reflete na v. 7 , que se refere à reclusão forçada daqueles que normalmente trabalham fora. O tempo de inverno obriga-os a permanecerem dentro, mas o tempo de lazer lhes dá a oportunidade de pensar sobre o trabalho de Deus.

A câmara de v. 9 provavelmente se refere ao armazém dos ventos, onde foram mantidos para o uso de Deus. No entanto, alguns intérpretes pensam que a palavra aqui é uma abreviatura das "câmaras do sul" (vento) em 9: 9 . Mas isso é menos provável (Driver e Gray, pág. 290, ver o Papa, p. 242, para posterior discussão, cf. 38:22 , Salmo 135: 7).

Conforme observado por Terrien (p. 1165), o turbilhão de tradução no v. 9 não é feliz porque a palavra não é a mesma que usada em 38: 1 . Deve ser traduzido como "tempestade de vento" (JB) ou "tempestade" (Papa).

O controle de Deus sobre as forças do mundo natural é enfatizado em vv. 12-13 . O verso 12 provavelmente se refere ao relâmpago que parece aparecer em todas as direções em padrões altamente aleatórios, caso contrário, a tempestade com suas múltiplas características. Na verdade, a orientação divina o tem sob controle o tempo todo. Devemos traduzir "ele" para eles neste versículo (como em KJV e ASV). A orientação do v. 12a é a palavra hebraica *tachfloth que* significa dirigir enquanto marinheiros navegam em um navio no mar. É uma palavra-chave no pensamento dos professores da sabedoria (ver Prov. 1: 5). Deus usa a tempestade para seus propósitos na terra (v. 13).

(5) Um recurso de encerramento (37: 14-24)

14 Ouça isso, ó JÓ;
pare e considere as maravilhosas obras de Deus.

15 Vocês sabem como Deus tem seu comando sobre eles,

e faz com que o relâmpago de sua nuvem brilhe?

16 Você conhece os equilíbrios das nuvens,

as maravilhosas obras de quem é perfeito no conhecimento,

17 você cujas roupas são gostosas

quando a terra ainda é por causa do vento sul?

18 Você pode, como ele, espalhar os céus,

duro como um espelho fundido?

19 Ensina-nos o que lhe diremos;

não podemos elaborar o nosso caso por causa da escuridão.

20 Será dito a ele que eu falaria?

Um homem sempre quis que ele fosse engolido?

21 E agora os homens não podem olhar a luz

quando é brilhante nos céus,
quando o vento passou e desmarcou-os.

22 Do norte vem o esplendor dourado;

Deus está vestido de terrível majestade.

23 O Todo-Poderoso - não podemos encontrá-lo;

ele é ótimo em poder e justiça
e abundante retidão ele não violará.

24 Portanto, os homens o temem;

ele não considera qualquer sábio em sua própria presunção ".

Eliú dirige-se diretamente a JÓ, desafiando-o a ficar parado e a considerar as maravilhas das obras de Deus (v. 14). Ele então coloca uma série de questões irônicas para JÓ (v. 15-18), que são projetadas para mostrar a inutilidade de tentar questionar as ações de Deus. É óbvio que JÓ deve responder "Não" a cada uma das perguntas. Terrien (pág. 1167) observa que os fenômenos naturais descritos são os do verão. O ar calma e sensual do verão pode ser muito opressivo (v. 17). Assim, Elihu usou as características meteorológicas de um ano inteiro.

JÓ é ironicamente solicitado pelo conhecimento em vv. 19-20 . Antes da incrível realidade dos atos de Deus, torna-se impossível para os seres humanos colocar seus pensamentos de maneira ordenada (cf. 9: 13-20). O próprio pensamento de tentar falar com esse Deus é como pedir autodestruição (v. 20 , embora este versículo não seja muito claro).

A luz do v. 21 deve ser o sol. Quando o vento afasta as nuvens, a luz ardente do sol nos céus é muito brilhante para o olho humano. Mas essa luz é inferior ao esplendor dourado e à terrível majestade de Deus (v. 22). O contexto da v. 22a é provavelmente o do lugar mítico dorado da tempestade Deus no extremo norte, ou Zaphon, se "norte" é lido como o nome da montanha sagrada de Baal como nos mitos ugaríticos (ver Salmo 48: 2 ; Isaías 14:13). Não é impossível que devamos ler o texto literalmente como "o ouro sai de Zaphon"; ou seja, Deus é a fonte de uma oferta contínua de riqueza. Mas é mais provável pensar em termos de relâmpago ou brilho (para discussão, ver Pope, pp. 245-246).

Deus, o Todo-Poderoso, está fora do alcance dos homens (v. 23a). No entanto, Deus é grande e poderoso na justiça e na justiça (v. 23b). O "mestre da justiça" (que segue o siríaco ao apontar e pode ser melhor do que a justiça abundante) não é um opressor dos homens (leia: "ele não oprimirá" porque ele

não violará). Portanto, que os homens o temem com obediência e reverência (v. 24a , traduzir com o senso de "os homens devem temê-lo" ou "deixar os homens temê-lo"). O NEB e o JB seguem os textos gregos e siríacos e fazem o sábio em sua própria presunção (iluminado, sábio do coração) da v. 24 *b*como sujeito; ou seja, mesmo os mais sábios dos homens não podem ver Deus. Mas é melhor reter o MT e entender Deus como o assunto. Deus não precisa prestar atenção aos homens inteligentes que podem ser presunçosos o suficiente para questionar os caminhos de Deus. Elihu significa que suas palavras se aplicam a JÓ.

Assim, os discursos de Elihu terminaram. Ele começou (no capítulo 32) com evidência de consideração real pela condição e sentimentos de JÓ. Embora seja verdade que ele nunca se torna tão distante e pouco simpatizante quanto os três amigos, ele fecha com palavras que são caracterizadas pela ausência de amor. Teologicamente, ele falou bem, em sua maior parte, e preparado para o confronto com Deus que deve seguir. Ele realizou uma das tarefas essenciais de cada pastor e pregador em trazer JÓ para um encontro com Deus, enquanto ele, Elihu, desaparece. Ele conseguiu elevar o pensamento de JÓ do nível de egocentrismo para uma região em cujo centro Deus reina em glória "(Terrein, p. 1169). Talvez não devamos pedir mais nada a ele. No entanto, como um edredador, ele ofereceu JÓ menos do que o necessário.

V. Discursos de Javé (38: 1-42: 6)

Esta seção do livro de JÓ consiste em dois discursos de Javé (38: 1-40: 2 e 40: 6-41: 34) e duas respostas de JÓ (40: 3-5 e 42: 1-6). No entanto, não é impossível que a forma original desses capítulos tenha apenas um discurso de Yahweh e uma resposta de JÓ (como argumentado, por exemplo, por Fohrer, pp. 36-40). Se as seções sobre o Behemoth (40: 15-24) e Leviathan (41: 1-34), que possuem as características de unidades independentes, são tratadas como expansões posteriores, a extensão do segundo discurso de Yahweh é reduzida a proporções muito menores (somente 40: 6-14), assim, torna-se viável pensar em termos de um discurso (38: 1-39: 30 ; 40: 2 , 8-14 por Yahweh). Isso envolve tratar 40 : 1 e 40: 6-7 como instruções de redação quando o material original foi expandido e dividido em dois discursos. As respostas de JÓ podem ser juntas com um ganho considerável para esta interpretação, uma vez que torna-se desnecessário tentar explicar por que JÓ faz duas confissões (o que tem sido problemático para os exegetas, ver Fohrer, página 37).

No entanto, é a primeira tarefa do expositor bíblico interpretar o texto e o conteúdo dos livros bíblicos como são (uma tarefa muitas vezes esquecida pelos comentaristas). A história literária do livro e / ou da unidade pode ajudar

neste empreendimento, mas a exegese não deve ser interrompida de forma prematura em algum momento dessa história, antes da redação para os contextos conforme os temos. Este é o caso de todo o livro de JÓ, bem como com os discursos de Yahweh. Assim, nossos principais pressupostos são duplos. Primeiro, há uma história literária que geralmente é bastante extensa e importante para a compreensão dos textos. Em segundo lugar, o processo de redação dos materiais em seus contextos atuais é igualmente importante.

De um modo geral, o conteúdo dos dois discursos varia. O primeiro está preocupado com a sabedoria de Deus na criação, enquanto o segundo enfatiza o poder do Criador sobre grandes forças na ordem criada. O resultado é uma espécie de paralelismo extenso maciço que acrescenta eficácia ao discurso original (ver comentário no capítulo 28). As respostas de JÓ também diferem. O primeiro (40: 3-5) é mais submisso enquanto o segundo (42: 1-6) é mais afirmativo. O silêncio de JÓ diante da sabedoria de Yahweh na primeira resposta do pneu torna-se uma confissão de fé no segundo. Novamente, o paralelismo redactional é altamente satisfatório. Para mais discussão dos aspectos literários de 38: 1-42: 6 , veja a Introdução.

Esta seção do livro de JÓ pode ou não ser pelo poeta do diálogo dos pneus. Os comentaristas diferem amplamente em sua opinião. No entanto, a questão pode ser decidida, os discursos de Yahweh e as respostas de JÓ formam parte essencial do livro. JÓ freqüentemente lamentou sua falta de comunicação com Deus e solicitou alguma ocasião que lhe daria a oportunidade de apresentar seu caso na presença divina (ver 9: 3 , 14-20 , 28-35 ; 13:22 ; 31:35 -37). Mas Deus não disse nada desde o capítulo 2 . O livro dificilmente poderia fechar - nas tradições de Israel, pelo menos - com uma indiferença divina em relação à situação enigmática de JÓ. Claro, o epílogo (42: 7-17) tem Deus falando e respondendo ao caráter e às necessidades de JÓ. Mas parece claro que o escritor dos discursos de Yahweh considerou o epílogo inadequado por si só (o epílogo pertencia de certa forma à história original JÓ). Havia necessidade de um tipo diferente de resposta por parte de Deus. No entanto, isso nos leva ao coração da tarefa de exposição nos discursos de Yahweh. O que eles dizem e como eles se relacionam com a condição de JÓ? Essas perguntas são melhor respondidas pela busca da verdade estabelecida nesta seção.

1. Theophany e First Speech (38: 1-40: 2)

(1) A Regra e Revelação Divina (38: 1-3)

[1] *Então o Senhor respondeu JÓ fora do redemoinho:*

[2] *"Quem é isso que escurece o conselho por palavras sem conhecimento?*

[3] *Gire seus lombos como um homem,*

Eu vou te questionar, e você me declarará.

O nome Yahweh (o *Senhor*, v. 1) tem sido usado apenas uma vez desde o ch. 2 (ocorre em 12: 9). Do ponto de vista do livro como um todo, isso é compreensível. As seções de diálogo, incluindo os discursos de Elihu, relataram conversa entre homens que não eram israelitas. Mas o livro é israelita e Deus é Yahweh, independentemente dos nomes usados por aqueles que não eram hebreus.

O turbilhão ou a tempestade em associação com o falar de Javé é uma característica de uma série de teofanias (aparências de Deus) encontradas no Antigo Testamento (ver Ex. 19: 16-25 ; Salmos 18: 7-15 ; 50: 1- 6 ; 97: 1-5 ; Hab. 3: 2-16 ; Ná 1: 2-5 ; Ez. 1: 4 ; Zacarias 9:14). No entanto, não há ênfase em ver Deus nesses capítulos (embora a nota 42: 5); mas ouvir é freqüentemente mais central para o evento teofânico no Antigo Testamento do que a visibilidade.Os fenômenos naturais são elementos principais que acompanham as aparências teofanicas. Esses fenômenos destinam-se a representar a soberania absoluta de Yahweh sobre o universo e a "ressonância cósmica" da ordem criada para a auto-demonstração do Criador.

JÓ é destinado pelo Quem é este de v. 2 . Ele obscureceu o conselho de Deus ao falar sobre as ações e propósitos de Deus com conhecimento inadequado. A palavra conselho tem uma gama considerável de significados no Antigo Testamento, mas neste contexto denota o propósito e o controle de Deus sobre o mundo (ver 12:13 ; Salmo 33: 10-11 ; Prov. 8:14 ; 19: 21 : 21: 30-31 ; Isaías 19:17 ; 46:10). É o plano e o procedimento de Deus ao lidar com a criação e a história. Ao falar, sem o devido respeito pelas limitações de seu conhecimento, JÓ escondeu a verdadeira natureza do design de Deus para o mundo.

O desafio é dado a JÓ no v. 3 . Sua demanda por um confronto com Deus (ver 13:22 especialmente) foi concedida. Deus está transformando o idioma de JÓ contra ele. A forma do verbo que você me declarará é usada pelo próprio JÓ ao dirigir-se a Deus (10: 2 ; 13:23), bem como por Eliú ao se dirigir a JÓ (37:19). A cegueira dos lombos é derivada da idéia de apertar roupas e equipamentos antes de entrar em combate ou por trabalho duro (Dhorme, página 575). É claro, é usado de forma figurativa para qualquer empreendimento extenuante. O Papa (p. 250) cita CH Gordon como sugerindo que o termo alude a uma prática antiga de provas de luta cinematográfica para decidir um problema. JÓ está sem tempo fácil. Ele precisará ser um*geber* , um homem forte (JB tem "um lutador").

(2) A Criação da Terra (38: 4-7)

4 *"Onde você estava quando eu estabeleci as bases da terra?*

Diga-me, se tens entendimento.

[5] *Quem determinou suas medidas - certamente você sabe!*

Ou quem esticou a linha sobre isso?

[6] *Sobre o que foram suas bases afundadas,*

ou quem colocou sua pedra angular,

[7] *quando as estrelas da manhã cantaram juntos,*

e todos os filhos de Deus gritaram de alegria?

O Senhor coloca uma pergunta irônica a JÓ (ver Eliphaz em 15: 7-8 e Elihu em 37: 18). Certamente JÓ não estava lá quando Yahweh fez o trabalho criativo básico para a existência da Terra. A formação da Terra é descrita em termos de um edifício erguido em fundações e construído de acordo com as especificações (cf. Salmos 24: 2 ; 89:11 ; 102: 25 ; 104: 5 ; Prov. 3:19 ; Isa 48: 13 ; 51:13 , 16 ; Zacarias 1:16).

O versículo 7 reflete a prática de celebrar a colocação de uma base ou um capstone com alegria e música (Ezra 3: 10-11 ; Zacarias 4: 7 , Papa, p.251). O canto das estrelas da manhã (quase certamente incluindo Vênus, ver Isa. 14:12 ; 2 Pedro 1:19) faz eco do papel das estrelas como divindades nos cultos pagãos (2 Reis 17:16 ; 21: 3 ; Dt 4:19.). Mas eles foram consignados para obscurecer papéis no coro celestial pelo escritor hebraico. Junto com os filhos de Deus (cf. 1: 6 ; 2: 1 , também, Salmos 19: 1-2 ; 29: 1-2 ; 148: 1-4) eles formaram uma grande congregação que cantou e gritou louvores por causa do trabalho criativo de Yahweh.

(3) A Criação do Mar (38: 8-11)

[8] *"Ou quem fechou o mar com as portas,*
quando explodiu do útero;

[9] *quando fiz nuvens sua peça de vestuário,*

e a escuridão espessa é a sua faixa de swaddling,

[10] *e limites prescritos para isso,*

e definir barras e portas,

[11] *e disse: "Até agora você virá, e não mais,*

e aqui devem ficar suas ondas orgulhosas "?

The creation of the sea is portrayed with features of a birth. It burst forth from the womb and was wrapped in swaddling clothes of clouds and dark mist. Verse 8 recalls the Creation Epic from Mesopotamia where Marduk made a bar and guard to keep back the waters after he killed the chaos monster Tiamat and created the primeval seas (ANET, p. 67, lines 139-140). However, the motif of the birth of the sea seems to be unknown outside the Old Testament, with the possible exception of the primeval waters in the Mesopotamian Creation Epic (*ibid.* p. 61). The powerful surging waters of the sea are restrained within prescribed bounds set by Yahweh (vv. 10-11). O mar é uma das poderosas forças da criação; o que continua, na ocasião, ao menos, admirar os homens por suas forças maravilhosas. Mais do que poder absoluto, no entanto, o mar era representativo de todas as forças de desordem e destruição. Essas forças podem operar dentro dos limites; mas eles não ficam sem controle.

(4) A Operação do Universo (38: 12-38)

12 "Você comandou a manhã desde que seus dias começaram,
e causou o alvorecer para conhecer seu lugar,

13 para que possa segurar as faldas da terra,

e os ímpios serão abalados?

14 É mudado como argila sob o selo,

e é tingida como uma peça de vestuário.

15 Dos ímpios, a luz deles é retida,

e seu braço erguido está quebrado.

16 "Você entrou nas fontes do mar,

ou entrou nos recessos do fundo?

17 Os portões da morte foram revelados a você,

ou você viu os portões da escuridão profunda?

18 Você compreendeu a extensão da terra?

Declare, se você sabe tudo isso.

19 "Onde está o caminho para a habitação da luz;

e onde é o lugar da escuridão,

20 que você possa levá-lo ao seu território

e que você possa discernir os caminhos para sua casa?

21 Você sabe, pois você nasceu então,

e o número de seus dias é ótimo!

22 "Você entrou nos armazéns da neve,

ou você viu os armazéns do granizo,

23 que reservei para o tempo do problema,

para o dia da batalha e da guerra?

24 Qual é o caminho para o local onde a luz é distribuída,

ou onde o vento do leste está espalhado sobre a terra?

25 "Quem criou um canal para as torrentes de chuva,

e um caminho para o raio,

26 para trazer chuva em uma terra onde nenhum homem é,

no deserto em que não há homem;

27 para satisfazer as terras destruídas e desoladas,

e para fazer o chão colocar grama?

28 "Tem a chuva um pai,

ou quem gerou as gotas de orvalho?

29 De cujo ventre surgiu o gelo,

e quem deu à luz a geada do céu?

30 As águas tornam-se duras como a pedra,

e o rosto do fundo está congelado.

31 *"Você pode vincular as cadeias das Plêiades?*

ou soltar os cordões de Orion?

32 *Você pode levar o Mazzaroth em sua temporada,*

ou você pode orientar o urso com seus filhos?

33 *Você conhece as ordenanças dos céus?*

Você pode estabelecer sua regra na Terra?

34 *"Você pode levantar a voz para as nuvens,*

que um dilúvio de águas pode abranger você?

35 *Pode enviar luzes, para que possam ir*

e digo para você, aqui estamos '?

36 *Quem colocou a sabedoria nas nuvens,*

ou a compreensão das névoas?

37 *Quem pode contar as nuvens com a sabedoria?*

Ou quem pode inclinar os peixinhos de água dos céus,

38 *quando a poeira entra em massa*

e os camadas se juntam rapidamente?

Os versículos 12-15 estão preocupados com o surgimento do dia a cada manhã. JÓ nunca deu o comando para o dia começar (v. 12). A visão de mundo refletida nesta seção é a de uma ordem natural (ou, pelo menos, o que chamaríamos de "ordem natural") que responde a uma vontade pessoal - neste caso, a vontade de Deus. Cada *amanhecer* é atribuído seu lugar e função diariamente (Pope, 251). É a função do amanhecer arrancar as faldas da escuridão com a qual a noite vestiu a terra (v. 13). Quando isso é feito, os ímpios são sacudidos de seus esconderijos, como insetos e pó fora da roupa.

O versículo 14 pode ser interpretado como no RSV, usando tingido (representando um texto alterado), com a sensação de que o sol nascente dá à

terra uma tonalidade avermelhada como a da argila. Outra interpretação entende v. 14a dizendo que a luz do amanhecer faz com que as configurações das coisas na terra se destaquem como a impressão de um selo em argila macia. Nesse caso, v. 14 *b* mudaria a figura para retratar as dobras de uma peça de vestuário "de pé" do corpo adormecido abaixo (Irwin, página 405, NEB). A luz dos ímpios no v. 15 geralmente é explicada como uma escuridão realmente significativa: "Os ímpios consideram a escuridão como luz, pois a noite é o dia" (Dhorme, 582, cf. 24: 13-14).

As dimensões da terra e os mistérios da luz e das trevas são os sujeitos de vv. 16-21 . A extensão da terra, isto é, suas proporções completas, estão além da compreensão do homem (v. 18). Essa compreensão implicaria entrar nos recessos do fundo (v. 16 , the Heb. *Tehom* , como em Gênesis 1: 2 ; 7:11) e examinar os reinos dos mortos (v. 17). O próprio JÓ disse que nenhum homem retorna do submundo dos mortos (ver 10: 21-22 ; 14:12). Os portões da morte são um conceito encontrado em outro lugar no Antigo Testamento (Salmos 9:13 ; 107: 18; cf. os "portões do Sheol" na Isa. 38:10), bem como nos mitos da Mesopotâmia da Descida de Ishtar (ANET, p. 107). As origens da luz e da escuridão estão muito além do que os homens (v. 19-20). A luz e a escuridão são pensadas como duas entidades separadas (Gênesis 1: 5). Eles são vistos como vindo de suas respectivas casas para tomar seus lugares como trabalhadores; cada um no seu próprio *território* (v. 20). O versículo 21 é irônico.

JÓ é questionado sobre fenômenos meteorológicos em vv. 22-38 . O conceito de grandes armazéns para neve e granizo é encontrado em vv. 22-23 . Essas forças meteorológicas são mantidas lá até que o Senhor as necessite em batalha (ver Ex 9: 22-26 ; Josué 10:11 ; Isaías 28:17 ; 30:30 ; Ez. 13:13 ; Hag 2:17). Várias emendas foram propostas para a luz na v. 24 ; Por exemplo, a leitura de "vento" em vez de "luz" (Tur-Sinai, pág. 529, sugere "vento oeste" com base em que as consoantes para a luz,' *tor* , originalmente representavam o *awurru* babilônico, "Oeste"). Mas é mais simples seguir o JB e ler "relâmpagos", como em 36:32 ; 37; 3 , 11 , 15 . O vento leste do v. 24 *b* seria o vento escaldante do deserto árabe que flagelaria a Palestina em ocasiões (ver 15: 2 , Gn 41: 6 , Isaías 27: 8).

A chuva viva é o assunto de vv. 25-27 . A chuva nas terras desabitadas e estéril da terra é uma anomalia da natureza que aponta para o caráter distintivo dos caminhos de Deus. O homem não desperdiçaria água nas áreas que ele não usa. Mas o cuidado benéfico de Deus se estende além das áreas de uso humano. Ele providencia os animais e os pássaros e todos os seres vivos. A preocupação contemporânea com o ambiente total começou a nos ensinar de novo as verdades antigas que o homem vive em um mundo de inter-relações

muito mais vasto do que aqueles de sua preocupação imediata. Nós somos muito dependentes das terras destruídas e desoladas em que não há homem.

A chuva não tem pai (v. 28) nem o gelo e a geada de uma mãe (v. 29), ou seja, nenhuma agência humana é responsável por sua produção. Nenhum homem pode se chamar de procriador, apesar da longa história dos Rainmakers! A descrição da superfície congelada das águas não está na forma de pergunta, mas é dada como um exemplo das maravilhas da natureza relacionadas aos versículos anteriores por assunto.

A visão muda da terra para o céu em vv. 31-33 . A posição desses versos no meio de uma série de fenômenos meteorológicos é provavelmente devido à antiga associação dos movimentos das estrelas com estações e clima. Os detalhes astronômicos em vv. 31-32 são difíceis de identificar com certeza; Por exemplo, o Mazzaroth de v. 32 *a* é ainda de definição incerta (NEB traduz: "os sinais do Zodiac"), e é melhor deixar transliterado como no RSV. Em qualquer caso, os corpos celestes estão sob o controle absoluto de Deus, que conhece as ordenanças ("saber" com o senso do poder de agir) pelo qual eles operam. A palavra *tradição de* regra (*mishtar*) na *versão* 33 é única no antigo

Testamento, mas a "regra" provavelmente estará correta (NEB tem: "e determina as leis da natureza na terra" para v. 33 *b*).

A cena celestial também inclui as nuvens da chuva e o relâmpago (vv. 34-38). Ninguém pode esperar que os relâmpagos voltem a ele após a sua rápida missão e reportam-se como servos fiéis: "Aqui estamos" (1 Samuel 3: 4-6 ; Isaías 6: 8 ; 55: 10-11) . As palavras nuvens e névoas no v. 36 são muito disputadas. O Papa (pp. 249, 255-256, após JDE Hoffmann) sugere que a primeira palavra deve ser lida como *Thoth*, um deus egípcio de sabedoria; e o segundo como *Sekwi*,que foi sugerido como igual ao nome copta para o planeta Mercúrio e que é identificado nas tradições grega e romana com Thoth. No entanto, há uma longa tradição que define a segunda palavra como "galo" (ver Dhorme, pp. 591-592). Se for esse o caso, um paralelismo satisfatório resulta com Thoth, que anunciou as inundações do Nilo, e o galo, que era reputado na tradição judaica ter recebido a inteligência para distinguir entre o dia e a noite e, em algumas tradições, a poder para anunciar a chegada da chuva (Dhorme, pág. 593). Yahweh, é claro, deu a sabedoria e a compreensão. O domínio das nuvens de chuva e das chuvas ainda escapa à sabedoria do homem (v. 37-38).

(5) O mundo dos Caminhos do Animal (38: 39- 39:12)

39 *"Você pode caçar a presa do leão,*
ou satisfazer o apetite dos jovens leões,

40 quando se agacham em suas guaridas,

ou aguardam no seu encoberta?

41 Quem prevê que o corvo seja sua presa,

quando seus jovens clamam a Deus,
e vagar por falta de comida?

1 "Você sabe quando as cabras de montanha produzem?

Você observa o parto dos ramos?

2 Você pode numerar os meses que eles cumprem,

e você conhece o momento em que eles produzem,

3 quando se agacham, produzam a sua prole,

e são entregues de seus jovens?

4 Seus jovens se tornam fortes, eles crescem ao ar livre;

Eles saem e não retornam a eles.

5 "Quem deixou o burro selvagem se libertar?

Quem soltou os laços do burro rápido,

6 para quem eu dei a estepe para sua casa,

e a terra de sal para a sua habitação?

7 Ele despreza o tumulto da cidade;

ele não ouve os gritos do motorista.

8 Ele range as montanhas como seu pasto,

e ele busca todas as coisas verdes.

9 "O boi selvagem está disposto a servi-lo?

Será que ele passará a noite no seu berço?

[10] Você pode amarrá-lo no sulco com cordas,

Ou ele vai fazer os vales depois de você?

[11] Você dependerá dele porque sua força é excelente,

e você vai deixar seu trabalho?

[12] Você tem fé nele que ele retornará,

e traga seu grão para a sua eira?

Os animais citados aqui são todos evasivos ou perigosos, ou ambos, em relação ao homem. Há muito que JÓ não conhece essas criaturas do mundo de Deus - e muito que os naturalistas ainda não sabem. Mas é duvidoso que a inacessibilidade do conhecimento sobre eles seja o ponto principal. O aspecto crucial é a incapacidade do homem de satisfazer suas necessidades e regular seus hábitos. Eles são criaturas do Criador e não do homem.

A tradução é clara, exceto por alguns detalhes. Para o leão, veja o Salmo 104: 20-22 . Os jovens corvos clamam por comida que lhes é fornecida por Deus (v. 41). O corvo é uma criatura relativamente insignificante em comparação com o leão poderoso e temível (vv. 39-40). Mas Deus cuida de ambos (para o corvo, veja Salmos 147: 9).

As cabras montanhosas (39: 1) devem ser identificadas com o ibex e ainda são encontradas na Palestina perto de En-gedi (como no tempo de Davi, 1 Sam. 24: 1-2). Eles vivem entre as rochas e os penhascos e raramente são vistos pelo homem (ver Salmo 104: 18). Eles são descritos como sendo muito tímidos com um cheiro afiado e são difíceis de serem encontrados sem serem detectados. Os retos são os cervos, que eram abundantes nos bosques palestinos (ver Gn 49:21 ; Deut. 12:15 ; 14: 5 ; 2 Sam. 22:34 ; 1 Reis 4:23 ; Salmo 18:33 ; Prov. 5:19). Verso 2refere-se aos períodos de gestação desses animais selvagens. O versículo 3 descreve a rapidez e a facilidade com que eles dão à luz seus jovens.

O burro selvagem vive na liberdade dos lugares abertos do deserto e das montanhas, longe do barulho e dos gritos dos donos na cidade (v. 7). O boi selvagem também se recusa a servir o homem mesmo para se alimentar do berço do fazendeiro. O animal aqui é provavelmente o búfalo, que deve ser distinguido do bisonte americano. O búfalo asiático é um animal grande e poderoso. O "unicórnio" do KJV é derivado da tradução grega (a Vulgata tem "rinoceronte"). Mas é muito provável que a besta tivesse mais de um chifre (ver Deuteronômio 33:17).

(6) O Avestruz (39: 13-18)

13 "As asas da onda de avestruz orgulhosamente;
Mas eles são os pinhões e a plumagem do amor?

14 Porque ela deixa seus ovos para a terra,

e deixa-os aquecidos no chão,

15 esquecendo que um pé pode esmagá-los,

e que a fera pode pisoteá-los.

16 Ela trata cruelmente com seus jovens, como se não fossem dela;

Embora seu trabalho seja em vão, ainda não tem medo;

17 porque Deus a fez esquecer a sabedoria,

e não lhe deu nada para entender.

18 Quando ela se levanta para fugir,

ela ri do cavalo e do cavaleiro.

Esta seção às vezes é considerada uma adição por causa da ausência do texto grego original e seu caráter predominantemente descritivo e não interrogativo. Mas a ausência do texto grego não é evidência muito substancial, pois este texto é freqüentemente mais curto que o hebraico. A mudança de estilo é mais séria, mas não sem paralelo nos discursos de Yahweh. Secções puramente descritivas são encontradas em 38: 14-15 , 30 ; 39: 4 , 7-8 , 21-25 , 28-30 . Assim, é possível que esses versos fossem parte da forma original, exceto que v. 17 pode ter sido originalmente um comentário marginal que foi incorporado no texto por copistas subseqüentes, porque eles consideraram apropriado.

No entanto, o comentário no v. 17 é compreensível, porque o avestruz não parece ter desfrutado de uma boa reputação de inteligência e aparência no mundo antigo. Plinio pensou que a tendência do pássaro de esconder sua cabeça em um mato era uma indicação de sua natureza boba (mas Diodoro Siculus argumentava que o pássaro mostrava sua inteligência protegendo sua parte mais fraca). "Mais estúpido do que a avestruz" é um provérbio proverbial entre os árabes. O insulto de ser chamado de "avestruz de pluma" é relatado por Seneca ter enfurecido uma vítima tanto que chorou (Papa, pág. 262).

O estado pobre da avestruz com os antigos provavelmente foi derivado, em parte, de seus gritos estridentes que estavam associados com o sofrimento e a morte (ver 30:29 ; Micah 1: 8). Sua suposta crueldade é mencionada nas Lamentações 4: 3 e surgiu das práticas de nidificação do pássaro. Porque a ave fêmea coloca mais ovos do que ela escotilha e usa os ovos extras para alimentar os filhotes quando são incubados e porque o avestruz é propenso a abandonar um ninho que foi perturbado, surgiu a idéia de que depois que o pássaro coloca seus ovos no Areia ela vai embora e deixa-os para serem incubados pelo calor.

Enquanto a reputação esfarrapada do avestruz como um pai cruel foi em grande parte reparada por naturalistas (a galinha e o galo se voltam para o ninho), o pássaro permanece como uma das criaturas estranhas do mundo (no entanto, não enterra a sua cabeça na areia!). É estranho olhar com uma caminhada desagradável e asas que são inúteis para voar e comportamento que pode ser perplexo, até mesmo bizarro. O avestruz, como muitos animais, tenta o homem presunçosamente julgar que Deus cometeu um erro. Mas estamos aprendendo que tais julgamentos são uma medida da nossa ignorância e da sabedoria de Deus.

O versículo 13 *b* tem um texto extremamente difícil, e o RSV representa uma tentativa de dar sentido a isso. O esforço do Papa (p. 260) é melhor: "embora seus pinhões não tenham penas" (NEB). A velocidade do avestruz pode ser incrivelmente alta (v. 18). Esses pássaros foram conhecidos para fugir de cavalos e entregar alguns chutes efetivos para o cavalo perseguidor no processo. Davidson pensa que a união notável de qualidades diferentes na avestruz "mostra tanto a inconcebível liberdade como o recurso da Mente que opera na criação" (p.331).

(7) O cavalo (39: 19-25)

19 "Você dá ao cavalo seu poder?
Você vê seu pescoço com força?

20 Você o faz saltar como o gafanhoto?

Seu bufo majestoso é terrível.

21 Ele patas no vale e exulta em sua força;

Ele sai para encontrar as armas.

22 Ele ri do medo e não está consternado;

ele não se afasta da espada.

23 Sobre ele rattle a aljava,

a lança piscando e o dardo.

24 Com fúria e raiva, ele engole o chão;

ele não aguenta o som da trombeta.

25 Quando a trombeta soa, ele diz 'Aha!'

Ele cheira a batalha de longe,
o trovão dos capitães e os gritos.

Estes versos formam um poema curto, que, como Terrien observa, "mostra um conhecimento íntimo e apreciação da hippologia" (p. 1181). O poderoso cavalo de guerra oferece um grande contraste com o avestruz na seção anterior, embora o avestruz seja mais rápido. No entanto, ambos são criaturas de Deus e merecem a consideração de JÓ.

(8) O Falcão e a Águia (39: 26-30)

26 "É por sua sabedoria que o falcão sobe,
e espalha suas asas para o sul?

27 Está a seu comando que a águia se eleva

e faz seu ninho no alto?

28 Na rocha ele habita e faz sua casa

na firmeza do penhasco rochoso.

29 Daí ele espia a presa;

seus olhos vêem isso de longe.

30 Os seus jovens sugam sangue;

e onde estão mortos, está ele ".

Todos os animais tratados até este ponto, exceto o corvo, foram aqueles que ficaram presos à terra. Mas as vinhetas de fechamento são aquelas de pássaros com grandes poderes de vôo. É Deus, não JÓ ou qualquer homem, que dá a essas aves sua sabedoria (v. 26). A águia (9:26 ; Provérbios 30: 18-19), o vôo e a força são rápidos e eficazes (ver Deuteronômio 28:49 ; 2 Sam.

1:23 ; Prov. 23: 5 ; Jeremias 4: 13, veja o Papa, página 72). O *nesher* é um termo que designa águias e abutres no Antigo Testamento (ver Driver e Gray, p. 94).

(9) Desafio de encerramento de Yahweh (40: 1-2)

1 E o Senhor disse a JÓ:

2 "Um fuzileiro contenderá com o Todo-Poderoso?

Aquele que argumenta com Deus, deixe-o responder. "

O verso 1 parece incomodo e está faltando no texto grego. No entanto, v. 2 requer algum tipo de declaração anterior e v. 1 serve para trazer Yahweh de volta à cena de forma enfática (Dhorme, p. 614). O RSV de v. 2 *a* é baseado no apontar hebraico e uma compreensão da palavra única *yissor* como um substantivo que significa "faultfinder". Isso não é certo. Talvez seja igualmente bom seguir algumas das versões antigas e ler a palavra contend como o participio *rav* (do verbo *riv*) e a palavra "faultfinder" como um verbo que significa cessar ou ceder (ver Driver e Gray II, p. 325; Dhorme, p. 614; Terrien, p. 1182; Pope, pág. 267 para detalhes). A tradução resultante pode ser como no Papa: "O concorrente com Shaddai produzirá? Aquele que reprova a Deus, deixe-o responder por isso "(p. 265). No entanto, pode ser ainda melhor traduzir: "O contendor com o Todo-Poderoso continuará sendo teimoso? (assumindo o verbo root *srr* , ver NEB); Será que aquele que reprova a Deus (JB tem "o crítico de Deus") continua a responder de volta? "É interessante notar que o termo traduzido" aquele que argumenta "na v. 2 *b* é o mesmo que o" árbitro "de 9:33 . Yahweh está sugerindo que JÓ está tentando ser seu próprio "árbitro" com Deus - sem querer esperar por outro?

2. Primeira Resposta de JÓ (40: 3-5)

*3 Então JÓ**respondeu ao Senhor:***

*4 "Eis que eu sou de pequena conta; O que**devo responder a você?***

Coloco minha mão na minha boca.
5 Falei uma vez, e não responderei;
duas vezes, mas não avançarei mais.

JÓ responde com humilde submissão a Deus. Ele confessa sua insignificância no esquema das coisas no universo criado (v. 4). Ele é incapaz de responder as perguntas de Yahweh. Portanto, ele está preparado para interromper o debate (v. 5). O versículo 5 parece ser uma forma de um enunciado numérico

graduado como esse no Salmo 62: 11-12 . Isso explica o "falou uma vez". . . duas vezes . . ." seqüência.Terrien (p. 1183) interpreta a resposta de JÓ como revelando uma intensa turbulência interior, enquanto luta com ele mesmo para enfrentar a intervenção divina. Não é fácil para JÓ purgar-se de sua preocupação esmagadora com o eu e o impulso de enfrentar Deus de tal maneira que a vindicação divina aconteceria. É com alguma dificuldade que JÓ contenha a torrente de dor, frustração e dores profundas internas que derramaram em suas palavras. Assim, mais uma vez por Yahweh é necessário para a terapia completa de JÓ.

3. Segunda Palavra de Yahweh (40: 6-41: 34)

Este discurso é muito breve, em comparação com o primeiro, se as seções bastante extensas sobre Behemoth (40: 15-24) e Leviathan (41: 1-34) são consideradas como adições posteriores. De fato, o discurso torna-se tão curto que é melhor pensar em termos de um discurso de Yahweh e uma resposta de JÓ como sugerido anteriormente. No entanto, não é de todo certo que as seções Behemoth e Leviathan sejam inteiramente adições. Podemos pensar em termos de expansão do material, particularmente no Leviatã em 41: 12-34 , sem assumir que as descrições estavam totalmente ausentes no texto original.

Boas razões podem ser avançadas em favor de um segundo discurso de Yahweh. Primeiro, pode-se argumentar que o propósito de Yahweh não foi totalmente realizado no primeiro discurso, porque a submissão de JÓ é uma questão de contenção de si mesmo e não uma aceitação positiva de Yahweh. Para o último, ele precisa de tempo para amadurecer em sua compreensão de si mesmo e de sua situação. Uma resposta completa por parte de JÓ precisa de um ato negativo de submissão silenciosa (40: 3-5) e um ato positivo de aceitação e reconhecimento (Terrien, p. 1184). Em segundo lugar, o arranjo de duas palavras acrescenta força dramática na forma de paralelismo prolongado, que é a característica mais básica da poesia hebraica. O paralelismo reitera, mas também amplia o pensamento de maneiras variadas. Em terceiro lugar, as seções sobre Behemoth e Leviathan não são meramente a continuação da lista de animais no discurso anterior. Eles trazem novas perspectivas para a consideração da atividade de Yahweh pelo uso mais extenso de motivos míticos (Terrien, p. 1184). Finalmente, a mudança de estilo de um questionamento mais direto para uma descrição extensa não é decisiva, como foi observado na discussão de 39: 12-18 .

(1) O desafio para JÓ (40: 6-14)

6 *Então o Senhor respondeu JÓ fora do redemoinho:*

7 *"Cante seus lombos como um homem;*

Vou te questionar, e você me declara.

8 Você me colocará mesmo errado?

Você vai me condenar para que você possa ser justificado?

9 Você tem um braço como Deus,

e você pode tropeçar com uma voz como a dele?

10 "Cubra-se com majestade e dignidade;

vestir-se de glória e esplendor,

11 Despeje os transbordamentos de sua ira,

e olhe para todos os que estão orgulhosos e abaixe-o.

12 Olhe em todos os que estão orgulhosos e leve-o para baixo;

e pise os perversos onde estão.

13 Esconda todos eles na poeira juntos;

Ligue seus rostos no mundo abaixo.

14 Então também eu reconheço a você,

que sua própria mão direita pode lhe dar vitória.

Embora as fórmulas introdutórias sejam quase idênticas às do primeiro desafio em 38: 1-3 , esse desafio é muito mais longo e mais complicado. Yahweh se move para o coração do problema com JÓ na v. 8(ver 32: 2). JÓ tinha caído no erro de julgar Deus para se vingar. No entanto, JÓ não é uma posição para apresentar tal acusação contra Deus por causa da inferioridade de seu conhecimento e poder (v. 9). Além disso, JÓ não tem telhas para ver o mundo da perspectiva de Deus (vv. 10-14). Como JÓ faria se a responsabilidade de governar o mundo fosse dele? Ele conseguiria um maior sucesso nessa tarefa incrivelmente complexa do que Deus faz? Nem JÓ, nem nenhum homem, tem motivos reais para induzir Deus a uma má administração do mundo. Por não se pode evitar notar que o conteúdo da agenda hipotética em vv. 10-13 reflete o fracasso do homem em curar a desordem da sociedade nas áreas onde ele experimentou o poder. Como pode o homem quem "é incapaz de cuidar de seu próprio quintal. . . desafiar o Deus que trata tão adequadamente com estrela e flor? "

Se JÓ pudesse demonstrar uma capacidade de administrar o mundo melhor do que Deus, o Senhor o louvaria e reconheceria que ele, JÓ, poderia entregar-se por seu próprio poder (v. 14). Yahweh estaria disposto a reconhecer sua incompetência e seu fracasso se houvesse uma demonstração disso. JÓ está disposta a conceder tanto do seu lado sobre si mesmo?

(2) O Behemoth (40: 15-24)

15 "Eis, Behemoth,
que eu fiz, como eu fiz você;
ele come grama como um boi.

16 Eis que sua força em seus lombos,

e seu poder nos músculos de sua barriga.

17 Ele faz sua cauda dura como um cedro;

os nervos de suas coxas estão unidos.

18 Seus ossos são tubos de bronze,

seus membros como barras de ferro.

19 "Ele é o primeiro dos trabalhos de Deus;

Deixe aquele que o fez aproximar sua espada!

20 Para as montanhas produzem comida para ele

onde todos os animais selvagens tocam.

21 Sob as plantas de lótus ele mente,

na cobertura das juncos e no pântano.

22 Por sua sombra, as árvores de lótus o cobriram;

os salgueiros do ribeiro o cercam.

23 Eis que, se o rio é turbulento, ele não está assustado;

Ele está confiante de que Jordan corre contra sua boca.

24 Pode-se levá-lo com ganchos,

ou perfurar o nariz com uma armadilha?

A palavra *gigante* é a forma plural da substantivo comum *behemah* que significa gado, animal, ou quadrúpedes. No entanto, verbos singulares são usados nesta passagem e parecem indicar que a forma plural deve ser tomada como plural ou plural intenso de majestade. Assim, o *Behemoth* significa a Besta, por excelência, um monstro bovino de grande tamanho e força (Salmo 73:22).

A identidade do *Behemoth* tem sido objeto de considerável discussão. Uma interpretação antiga e ainda dominante pressupõe que o autor está descrevendo o hipopótamo. Foi argumentado que este animal era nativo do Vale do Nilo e desconhecido na Palestina (ver Terrien, p. 1186). Mas esta suposição parece ser incorreta, pois o hipopótamo vivia nas áreas pantanosas da planície costeira palestina, bem como na região do lago Huleh.

GR Driver (em um estudo não disponível para o escritor, mas para referências ver Fohrer, p. 522; Irwin, p. 406) argumentou que o animal envolvido em 40: 15-41: 34 é o crocodilo e que o Leviatã de 41 : 1-6é a baleia. Este estudo se reflete na tradução do NEB. Mas as propostas são altamente tentativas, envolvendo uma emendação considerável, e as descrições cabem mal.

Um caso mais plausível foi feito pelo Papa (pp. 268-270) para identificar o Behemoth com o bofalo de boi selvagem de 39: 9 . Ele depende bastante fortemente de vários antigos

Textos do Oriente Próximo que têm referências a um animal tipo bovino bovino. Um texto ugarítico dos mitos de Baal (IV AB) tem o Deus caçando nos pântanos ao redor do lago Huleh, onde são encontrados numerosos búfalos. Outro texto tem as servas de El que dão à luz criaturas chamadas "Comedores" e "Devoradores", mas que são descritas com características bovinas (Papa, pág. 269). Baal, encontrando esses animais no deserto, é derrubado como um touro ou um búfalo em um pântano. O Papa (p. 270) toma nota das plantas de lótus, juncos e salgueiros de vv. 21-23 , que normalmente são pensados para refletir o habitat egípcio do hipopótamo. No entanto, essas características também poderiam pertencer às áreas de vida de criaturas bovinas (e observar as montanhas de v. 20 e Jordan em v. 23b). Esta é a natureza da área em torno do lago Huleh, que foi o assombração de búfalos e grandes animais de acordo com os textos ugaríticos acima mencionados.

Deve notar-se que o Salmo 68:30 tem uma referência a "bestas selvagens das juncos, esse rebanho de touros" (NEB, a palavra "touros" é a mesma palavra usada nos textos ugaríticos para os animais que derrubaram Baal).

O papa (pp. 269-270) move-se para além do problema da identidade física para sugerir que o Behemoth e os búfalos dos textos ugaríticos estão ambos conectados com o "touro do céu" morto por Gilgamesh e Enkidu no Gilseyh Epic ANET, pp. 83-85). Ele indica seu acordo com muitos estudiosos que reconheceram as características mitológicas do Leviatã e propõem estender a mesma linha de interpretação ao Behemoth. Uma série de referências usando a forma plural *gigante* são encontrados no Antigo Testamento e eles parecem ser sem características mitológicas (Salmos 8: 7 ; 50:10 ; 73:22 ; Joel 1:20 ; 2:22 ; Hab. 2: 17).

No entanto, nos contextos escatológicos de Enoque 60: 7-9 e 2 Esdras 6: 49-52, os animais são separados: o Behemoth para viver no deserto e na região montanhosa e no Leviatã para viver no mar. No Apocalipse de Baruque 24: 4, os animais recebem uma origem primordial, sendo criados no quinto dia para serem usados como alimento para os justos na era messiânica. É interessante notar que v. 19adescreve o Behemoth como a primeira das obras de Deus (Provérbios 8:22), e v. 19b pode ter alguma sugestão de matar o animal de Deus (possivelmente, como acima, como alimento para os justos), embora esta linha permaneça incerta.

Em resumo, parece imprudente chegar a uma decisão absolutamente certa sobre a identidade do Behemoth. A possibilidade é que um animal terrestre de grande tamanho, poder e origem primordial esteja na mente do escritor. A presença de coloração mitológica e alusões também é altamente provável. Behemoth representa mais do que apenas outro animal. Ele é a encarnação do poder bestial que sempre representa uma certa ameaça para o bem-estar do homem.

(3) O Leviatã (41: 1-34)

[1] "Você pode tirar Leviatã com um anzol,
ou pressione a língua com um fio?

[2] Você pode colocar uma corda no nariz?

ou perfurar sua mandíbula com um gancho?

[3] Ele vai fazer muitas súplicas para você?

Ele falará com você palavras suaves?

[4] Ele fará uma aliança com você

para levá-lo para o seu servo para sempre?

5 Você vai brincar com ele como com um pássaro,

ou você colocá-lo em coleira para suas donzelas?

6 Os comerciantes negociarão com ele?

Eles os dividirão entre os comerciantes?

7 Você pode preencher sua pele com arpões,

ou sua cabeça com lanças de pesca?

8 Leve as mãos sobre ele;

pense na batalha; Você não vai fazer isso de novo!

9 Eis que a esperança de um homem está desapontada;

Ele é baixado mesmo ao vê-lo.

10 Ninguém é tão feroz que ele se atreve a provocá-lo.

Quem então ele pode suportar diante de mim?

11 Quem me deu, que eu deveria devolvê-lo?

O que quer que esteja sob todo o céu é meu.

12 "Não farei silêncio em relação aos seus membros,

ou sua poderosa força, ou seu bom quadro.

13 Quem pode tirar a roupa exterior?

Quem pode penetrar em sua capa dupla de correio?

14 Quem pode abrir as portas do rosto?

Ao redor de seus dentes está o terror.

15 Suas costas são feitas de fileiras de escudos,

feche-se bem como com um selo.

16 Um está tão perto de outro

que nenhum ar pode entrar entre eles.

17 Eles são unidos uns aos outros;

Eles se agarra e não podem ser separados.

18 Seus espirros iluminam a luz,

e seus olhos são como as pálpebras do amanhecer.

19 Da boca saem tochas flamejantes;

Surgem as faíscas do fogo.

20 Fora da sua narina surge fumaça,

a partir de uma panela fervente e ardentes ardentes.

21 Sua respiração acende carvões,

e uma chama sai da boca.

22 Em seu pescoço permanece firme,

e o terror dança antes dele.

23 As dobras de sua carne se juntam,

lançou-o firmemente sobre ele e imobilizado.

24 Seu coração é duro como uma pedra,

duro como a mata de mina inferior.

25 Quando ele se levanta, o poderoso tem medo;

no momento em que eles estão fora de si mesmos.

26 Embora a espada chegue até ele, não serve;

nem a lança, o dardo ou o dardo.

27 Ele conta ferro como palha,

e bronze como madeira podre.

28 A flecha não pode fazê-lo fugir;

Para ele, as calças são viradas para o restolho.

29 Clubes são contados como restolho;

Ele ri do barulho dos dardos.

30 Suas partes inferiores são como potsherds afiados;

Ele se espalha como um trenó de debulha na lama.

31 Ele faz ferver a boca como uma panela;

Ele faz o mar como um pote de pomada.

32 Atrás dele, ele deixa uma vigília brilhante;

A gente pensaria que o fundo seria difícil.

33 Na terra, não há como ele,

uma criatura sem medo.

34 Ele contempla tudo o que é alto;

Ele é rei sobre todos os filhos do orgulho ".

Embora algumas pessoas o façam, é bastante difícil negar as características mitológicas do monstro descrito nesta passagem. Leviatã (também em 3: 8) é o monstro chamado Lotan dos textos ugaríticos, que é identificado como uma serpente "fugaz" e "tortuosa" com sete cabeças, e também como o dragão (neste contexto, Salmo 74: 12- 14 devem ser consultados). O Leviatã é chamado de serpente fugaz e tortuosa em Isaías 27: 1 , e também é mencionado no Salmo 104: 26 . O dragão aparece em Ezequiel 29: 3 ; 32: 2 , e a serpente do mar é encontrada em Amós 9: 3. Esses dados e mais fornecem evidências persuasivas para o caráter sobrenatural e mitológico do Leviatã que incorpora as forças do caos primitivo. "Como toda a humanidade, JÓ é totalmente impotente antes disso, mas Yahweh pode se dar ao luxo de falar disso com sereno desapego e até brincadeiras" (Terrien, p. 1188).

No entanto, muitos intérpretes, tanto antigos como modernos, entenderam o Leviatã como o crocodilo (Driver e Gray, p. 352, que data de 1921, diz: "A identificação do gigante e do leviatã com o hipopótamo e o crocodilo, respectivamente, é agora comumente aceita"). O crocodilo era, e é, uma

criatura perigosa e muito temida. Na tradição egípcia, o hipopótamo e o crocodilo estavam intimamente ligados (ver as referências a Heródoto e Plínio em Dhorme, pág. 619); e eles foram falados como muito ferozes e terríveis para que um homem se aproximasse (Pope, pp. 268-269). Estes foram os dois grandes animais do Nilo, mas há uma boa razão para concluir que também eram nativos da Palestina (ver Haas, *loc. Cit.*, Driver e Gray, pág. 359).

No entanto, é forçado a concluir que a descrição do Leviatã e a evidência dos textos mitológicos tornam mais improvável que o (s) escritor (es) tencione simplesmente dar descrições poéticas do hipopótamo e do crocodilo. Estes são conceitos de monstros primitivos que incorporam em seus seres os incríveis poderes de animalidade e comportamento sub-humano que constantemente ameaçam o domínio do homem em todo o mundo.

As questões irônicas de 41: 1-8 apresentam a impossibilidade de fazer um animal de estimação do Leviatã. O versículo 1 sugere a idéia absurda de enrolar na grande serpente do mar em um anzol - e essa poderia ser a compreensão correta de um verso difícil. No entanto, é igualmente bom entender vv. 1-2 como refletindo as antigas técnicas de captura de crocodilos (Papa, pág. 278, mas veja NEB). De qualquer forma, o Leviatã não pode ser subjugado, domesticado e domesticado por homens (vv. 2-5). O versículo 5 implica que Yahweh pode brincar com este dragão como um animal doméstico (Salmo 104: 26). É ridículo pensar em comerciantes e comerciantes (v. 5) regateando-o como se ele fosse um peixe escolhido. Nenhum arponador o levará (v. 7); e se um homem é tentado a colocar uma mão sobre ele (v. 8), que ele lembre que depois da "guerra" que resultará, ele nunca mais o fará!

A invencibilidade do monstro é representada graficamente em vv. 9-34 . A própria visão dele é suficiente para afastar a esperança de um homem que ele poderia vencê-lo (v. 9a). O versículo *9b* tem alguma dificuldade, mas Pope (p.228) é muito provavelmente correto ao argumentar que o texto originalmente lido: "Não foram os deuses derrubados ao vê-lo?" A alusão é a contas antigas, como aquela de A Epopéia da Criação da Mesopotâmia, em que até os deuses estavam aterrorizados diante do monstro do caos Tiamat e suas coortes.

Há pouco problema em ler "antes dele" para o antes de mim no v. 10 *b* , e a leitura alterada tem um bom suporte textual. No entanto, a questão é menos segura no v. 11 . Alguns comentadores mudam para "ele" e não para *mim* aqui também. Mas o RSV é superior neste caso (ver os argumentos de Terrien, p. 1189). Este caso é um comentário teológico sobre as descrições dos grandes monstros, um lembrete para JÓ de não esquecer quem é realmente o senhor da Terra (ver Romanos 11:35). É bem possível que vv. 10 *b* , 11 *a* , *b* formaram o final original da seção Leviathan.

O verso 12 é obscuro. Como traduzido no RSV (e comumente), é um versículo de transição para a descrição expandida do vv. 13-34 . No entanto, possivelmente deve ser anexado ao precedente como parte do endereço de fechamento original. Se isso for feito, a tradução pode ser algo como o seguinte: "Devo manter silêncio sobre os júbilos de (JÓ), ou sua conversa de poder - sim! O discurso dele foi como se fosse um feiticeiro divino! "(uma paráfrase baseada em sugestões de Tur-Sinai, pp. 567-8 e Pope, pp. 283-4, mas a interpretação do versículo difere do papa). O fator chave está na palavra bem (Heb., *Chyn*), que pode ser uma forma de um epíteto do Deus Koshar, que aparece como uma espécie de feiticeiro mestre nos textos ugaríticos.

As descrições que se seguem em vv. 13-34 incluem um grande acúmulo do poder aterrorizante do monstro do dragão e as maravilhas de seu corpo e ações. Em verdade, ele é rei sobre todos os filhos do orgulho (v. 34b); ou seja, ele não teme a ninguém por terra, não há como ele (v. 33). Existem muitos pontos de detalhe que são discutidos na tradução desses versos. Mas, em geral, o RSV é satisfatório. Se o leitor pode desfrutar de variações na tradução, como ele deve, ele achará estimulante comparar as traduções contemporâneas que estão prontamente disponíveis. Se ele prefere o rolo arcaico do idioma na KJV, esta é uma passagem de escolha para ler.

4. Segunda Resposta de JÓ (42: 1-6)

*[1] Então JÓ**respondeu ao Senhor:***

[2] "Eu sei que você pode fazer todas as coisas,

e que nenhum propósito** da **tua** pode ser **frustrado.

*[3] 'Quem é isso que esconde o conselho sem**conhecimento?'***

Por isso, proferi o que não entendi,
*coisas maravilhosas para mim, que eu não **conhecia.***

[4] 'Ouça, e eu falarei;

Eu vou te questionar, e você me declara.

[5] Eu tinha ouvido falar de você pela audição da orelha,

Mas agora meu olho vê você;

[6,] portanto, eu me desprezo,

e arrepender-se em pó e cinzas ".

JÓ admite que Yahweh tem um poder ilimitado e um propósito (ou plano) que não pode ser cortado (frustrado) por qualquer um (v. 2). Ele aceita a grandeza de Deus. A primeira linha de v. 3 às vezes é considerada uma variante de 38: 2 (por exemplo, NEB) que foi incorretamente adicionada neste local, talvez de uma nota marginal de algum comentador inicial. No entanto, é bem possível que o escritor pretenda incluir a citação. As variações na linguagem não são mais do que a natureza estilística.

De qualquer modo, a lembrança de JÓ da acusação contra ele por Yahweh é apropriada antes de sua confissão na v. *3b, c.* JÓ aceita seu fracasso nessas linhas. Ele está sem a disciplina de um verdadeiro homem sábio. Para o verdadeiro sábio, é cuidadoso não falar até que ele tenha a capacidade de entender (isto é, resolver e discriminar em pensamento, fala e ação) e aceitar os limites de seu conhecimento. O tolo não hesita em enfrentar coisas maravilhosas, mas um homem como JÓ deve saber melhor.

Novamente, v. 4 pode ser uma nota que foi adicionada da margem. É composto por parte de 38: 3 e, talvez, elementos de 33:31 (ver 21: 2-3). Mas também é possível que JÓ esteja lembrando a si mesmo a essência, e parcialmente as palavras exatas, do desafio divino com o qual ele foi confrontado. Como Terrien diz, eles podem "demorar em sua mente subconsciente como um eco indiciatório" (pág. 1192).

A confissão de JÓ continua na v. 5 , diferente da v. 3, na medida em que sua atenção é voltada para Deus e não para ele próprio. Os conceitos-chave parecem indicar duas fontes diferentes de conhecimento. A audiência denota conhecimento que é de segunda mão, tendo vindo como o relatório da experiência de outro (Driver e Gray, página 372). A expressão lembra o conhecimento que é transmitido pela tradição, mediado por professores e sábios. JÓ foi como os peregrinos no Salmo 48: 8 , que vinham a Jerusalém para adorar viram o que ouviram, ou seja, o que eles tinham ensinado pelos outros. Ele pode ter os amigos em mente. Eles certamente derrubaram seus ouvidos com palavras sobre Deus (ver 5: 8-27 ; 8: 20-22 ; 11: 5-12; 22: 12-18), e eles enfatizaram que JÓ deveria ouvir o que eles viram (por exemplo, 4: 8 , 12-21 ; 5:27 ; 8: 8-10 ; 15: 17-18). Mas agora JÓ "viu" para si mesmo; Ele tem uma experiência pessoal de que ele pode testemunhar.

O versículo final da resposta de JÓ é v. 6 . Infelizmente, este versículo é rot fácil de entender em todos os seus detalhes. Não há nenhum objeto no hebraico após o verbo na v. 6 *a.* O eu próprio é adicionado, como a KJV indica claramente. No entanto, também é possível que possamos entender "minhas palavras" como o objeto: "Portanto, eu rejeito (ou retiro) minhas palavras". Provavelmente menos provável, mas não deve ser demitido com muita rapidez, é a extensa argumentação de Dhorme (pp 100,107, 646, seguido por Terrien, pág. 1193, NEB), que o verbo deve ser entendido como

"fluir" ou "derreter" (ver 7: 5 , 16 , também Salmo 58: 8). A tradução resultante seria semelhante ao NEB: "Portanto eu derreto" (cf.É um. 6: 5). Note-se que o significado resultante dessa leitura é muito próximo do mesmo que o RSV.

O ego desafiador de JÓ foi domado. Ele não exige mais raiva reivindicação de Deus e dos homens. Antes da glória de Deus, um homem ganhou a verdadeira perspectiva de si mesmo e está experimentando a catarse curativa da purgação do eu, que é um componente essencial de um novo nascimento da vida. Quando um homem está ciente da presença de Deus, esse processo se torna infinitamente mais fácil. De fato, sem a sensação dessa presença é impossível. Um sistema, ou dogma, de verdade teológica, como aquele tão abdicamente defendido pelos amigos, e aceito em seu esboço básico pelo próprio JÓ, nunca pode trazê-lo sem a intervenção de Deus.

O arrependimento de v. 6 *b* não é a palavra normal usada no Antigo Testamento para o arrependimento por parte dos seres humanos, embora possa ser usada com essa conotação. O verbo tem dois significados básicos de sua idéia raiz de "respirar pesadamente" ou "suspiro": (1) sofrer ou lamentar e, portanto, desculpar por alguma ação, portanto, se arrepender; ou (2) dar um suspiro de alívio e assim ser consolado ou aliviado. O suspirar de JÓ poderia ser o arrependimento, como a maioria das traduções levam a ser. Há então a questão da natureza do arrependimento de JÓ. Ele não foi acusado de pecados éticos ou de injustiça pessoal. A resposta sucinta de Terrien é altamente satisfatória se esta interpretação for escolhida: "Ele não se arrepende da culpa moral, mas de uma exibição imprudente de desconfiança" (pág. 1193).

Mas há muito mérito e, pelo menos, uma verdade sugerida ao tomar os sussurros de JÓ no segundo sentido de ser aliviado e consolado: "e eu sou confortado com poeira e cinzas". O verbo na forma utilizada pode significar "ser confortavelmente "(por exemplo, 2 Sam. 13:39 ; Ez. 14:22 ; 32:31 ; e o infinitivo no Salmo 77: 2 , Jeremias 31:15). O conceito de conforto aqui se relaciona muito bem com o papel dos amigos em 2:11 que veio "confortar" JÓ. Mas eles falharam em sua missão, como JÓ lhes declarou em termos inequívocos (16: 2 , cf. 21:34 ; 7:13 ; 15: 11 ; 21: 2 ;29:25 ; 42:11). O que os amigos não conseguiram fazer, o Senhor fez. JÓ é consolado - ainda "em pó e cinzas" (ver 2: 8 ; 19:25).

JÓ não recebeu respostas diretas às suas perguntas, e ele não conseguiu responder as perguntas de Yahweh. Pode-se afastar o diálogo com Deus de inútil e a rendição de JÓ como indicativa de falta de coragem. Assim, Irwin escreve que "a reverente piedade de 42: 5merece respeito; mas deve-se ter em mente que a força e a coragem são virtudes da ordem suprema, e o JÓ submisso não é notável para eles "(pág. 406). Mas isso contradiz tudo no livro sobre JÓ. Nunca é acusado de covardia, e Yahweh não repreende sua

fortaleza. É um insulto injustificado em JÓ para acusá-lo de fazer o que todo homem deve fazer quando confronta Deus. A aceitação do conforto da presença divina é uma falta de fortaleza? Na realidade, é a humildade de um homem forte que passou pela disciplina para o discipulado. JÓ oferece mais para o homem do que Prometheus!

VI. O Epílogo (42: 7-17)

1. Julgamento sobre os Amigos (42: 7-9)

*7 Depois que o Senhor falou estas palavras**a**JÓ, o Senhor disse**a**Elipaz, o temanita: "A minha ira está acesa contra você e contra os seus dois amigos; pois você não falou de mim o que é certo, como o meu servo JÓ. 8 Agora, pois, pegue sete touros e sete carneiros, e vá ao meu servo JÓ, e ofereça a eles um holocausto; e meu servo JÓ deve orar por você, pois aceito sua oração para não lidar com você de acordo com sua loucura; porque você não falou de mim o que é certo, como o meu servo JÓ. "9 Então Eliphaz, o Temanita e Bildad, o Shuhite e Zophar, o Naamathite, foi e fez o que o Senhor lhes havia dito; e o Senhor aceitou a oração de JÓ.*

A conta narrativa dos capítulos 1-2 é retomada neste ponto. O estilo prosa, a linguagem e o cenário da história patriarcal são reintroduzidos abruptamente. Depois que Yahweh falou estas palavras para JÓ, o leitor volta a sua conclusão verbal para JÓ (capítulos 38-41). Agora ele está afirmando sua conclusão para Eliphaz como o mais velho e o líder dos amigos. O verso 9 deixa claro que Bildad e Zophar são os dois amigos (v. 7). Nenhuma menção é feita de Elihu.

A ira de Deus era sobre os três amigos porque eles não tinham falado o que é certo como JÓ tinha. As acusações que lançaram tão fortemente a JÓ foram tentativas piedosas de defender sua posição teológica em vez de defender Deus. O direito tem o significado de ser estabelecido, fixo ou determinado de forma segura. A filosofia sobre a qual os amigos baseavam seus argumentos era antiga, mas não foi fundamentada ou firmemente apoiada.

O pecado dos três amigos era tão grande que a oferta de sacrifício exigida era ótima. Ezequiel (45: 22-25) exigiu sete touros e sete carneiros para um povo inteiro. O sacrifício normal (Lev. 1) para uma oferta queimada era um único animal macho.

Vá ao meu servo JÓ. Os amigos são instruídos a ir ao patriarca que sofreu muito sofrimento. O papel de JÓ foi de oração. Como serva de Deus e por justiça testada, sua oração e sua própria existência podem ser uma benção para os outros (Gênesis 12: 2-3 , Isaías 50: 4b).

Não lidar com você de acordo com a sua loucura é literalmente "não fazer com você desgraça". O significado pode ser que eles não fossem expostos e punidos como tolos (cf. 2:10) como eles mereceram plenamente e como sua doutrina chamou para. Os amigos obedeciam, e Javé aceitou a oração de JÓ (iluminado, levantou o rosto de JÓ, cf. Tiago 5:16 *b).*

2. Restauração de JÓ (42: 10-17)

10 E o Senhor restaurou as fortunas de JÓ, quando orou por seus amigos; e o Senhor deu a JÓ duas vezes mais do que antes. 11 Então veio a ele todos os seus irmãos e irmãs, e todos os que o conheciam antes, e comeram pão com ele na sua casa; E mostraram-lhe simpatia e o confortaram por todo o mal que o Senhor lhe trouxera; e cada um deles lhe deu um pedaço de dinheiro e um anel de ouro. 12 E o Senhor abençoou os últimos dias de JÓ mais do que o seu princípio; e ele tinha quatorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil jumentos de bois e mil assas. 13 Ele também tinha sete filhos e três filhas. 14 E ele chamou o nome do primeiro Jemimah; e o nome do segundo Keziah; e o nome do terceiro Kerenhappuch. 15 E em toda a terra não havia mulheres tão justas quanto as filhas de JÓ; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos. 16 E depois disso JÓ viveu cento e quarenta anos, e viu seus filhos, e os filhos de seus filhos, quatro gerações. 17 E JÓ morreu, um velho e cheio de dias.

O Senhor restaurou as fortunas (iluminado, virou o giro ou o cativeiro). A restauração de JÓ estava diretamente ligada à sua oração por seus amigos.

Há uma diferença no tratamento que Yahweh dá a JÓ da dos capítulos 40-41 . Essa diferença pode ser explicada pela presença da confissão de JÓ em 42: 1-6 . Ou pode ser que o autor do poema use o discurso final de JÓ como uma ponte desde a profundidade do poema até o "final feliz" da narrativa patriarcal original em prosa.

Após sua intercessão, ele recebeu o dobro do que antes. Não há menção especial sobre a cura da doença de JÓ ou a remoção de sua dor, embora tudo isso obviamente tenha ocorrido (ver 42:17). O dogma dos amigos de que o sofrimento foi baseado no pecado agora deve ser abolido no caso de JÓ. JÓ não mudou seu modo de vida, como os amigos sugeriram, mas ele foi restaurado.

A menção de irmãos e irmãs e todos os que o conheciam estabelecem sua reabilitação social. Eles haviam sido separados (19: 13-14 , 17 , 19) dele, mas agora o comer pão na sua casa indicou que JÓ foi restaurado para sua posição como anfitrião homenageado. Eles mostraram simpatia e o confortaram (as mesmas duas palavras utilizadas em 2:11 para descrever o

propósito dos amigos). O mal significa problemas, dor ou tristeza. Isso não é um mal ético ou moral, isto é, o pecado.

O pedaço de dinheiro era um pedaço de prata uncoined de valor desconhecido (Gn 33:19 ; Josué 24:32). Isso foi mais do que a benignidade social. A prata e o anel de ouro eram tokens de respeito, honra e posição da comunidade.

O número de animais é duplicado exatamente do prólogo. No entanto, o número de crianças continua a ser o mesmo. A questão coloca-se sobre o motivo da duplicação dos animais, mas a retenção do número idêntico de crianças. Não se menciona a mãe desses dez filhos. Essa era a mesma mulher que era a mãe dos primeiros dez filhos? Em caso afirmativo, ter duplicado esse número teria sido uma improbabilidade física.

A menção do pai é outro sinal de patriarcado. Não há ideia anti-feminista no texto, já que as filhas foram convidadas para as festas dos irmãos e receberam herança entre os irmãos. Filhas regularmente herdadas apenas quando não havia filhos.

Os versículos 16-17 são típicos das avaliações em um contexto patriarcal (Gen. 25: 7-8 ; 35: 28-29). O texto Masoretic dá JÓ 140 anos após a aflição. Uma compilação dos números adicionados ao LXX indica que JÓ tinha 70 anos de idade no momento da sua catástrofe. Os 140 anos seriam uma duplicação do tempo de acordo com a duplicação de bens.

Para o patriarca, a maior honra deveria ser lembrada como relevante para a terceira e quarta geração, como um homem velho com sua posição e influência concomitantes, e tão cheio de dias, ou seja, não cortado de forma alguma.

Salmos

John I Durham

Introdução

O livro dos Salmos é o livro mais representativo de todo o Antigo Testamento. Nele são refletidas as convicções teológicas básicas das pessoas que produziram o Antigo Testamento. Os poemas que o compõem são muitas vezes sublimes em sua mensagem e de tirar o fôlego em sua beleza. Às vezes, eles são vingativos na sua expressão e embaraçosos em sua humanidade. Sempre, são verdadeiras para as pessoas cuja fé e sofrimento, reflexão e triunfo os produziram.

"Bem-aventurados o homem" são as palavras com as quais o Saltério abre: "Louvem ao Senhor!" São as palavras com as quais ela fecha. Essas sete palavras são um parêntese apropriado para o movimento do homem para Deus, um movimento estimulado pelo imutável amor de Deus e um que o livro dos Salmos retrata com realismo e eloqüência insuperáveis.

I. O Arranjo Nome e Presente do Livro dos Salmos

No antigo Testamento hebraico, o livro dos Salmos é chamado, simplesmente, *tehillim* , "hinos de louvor". Em sua forma singular (*tehillah*), este termo ocorre uma vez nas marés dos salmos (145) e várias vezes nos salmos (por exemplo, 40: 3). Embora seja verdade que nem mesmo a maioria dos 150 salmos são tecnicamente hinos de louvor, a adequação deste nome pode ser vista no contexto religioso ao qual cada um dos salmos, sem exceção, está relacionado, e em elogios que é um elemento, em graus variados, de cada salmo no Saltério.
O nome inglês do livro, "Os Salmos", vem por meio do latim da palavra grega *psalmos* (aplicado ao livro dos Salmos por LXX), uma tradução do termo hebraico *mizmor* , "salmo" ou "música religiosa". o Saltério nome, que também é aplicado com freqüência para o livro, é derivado da palavra grega *psalterion* , o nome dado ao livro no Códice Alexandrino, e uma tradução da palavra hebraica *nehel* , que designa uma harpa.

O livro dos Salmos é preservado de forma diferente nas tradições hebraica e grega. O Antigo Testamento hebraico contém 150 salmos, a Septuaginta em alguns manuscritos, 151. A maioria dos salmos individuais também são numerados de forma diferente nas duas tradições (ver comentário no Salmo 147). O RSV é baseado no texto hebraico, e a ordem hebraica é seguida neste comentário.

O arranjo dos 150 salmos do Saltério é principalmente arbitrário e não tem relação com o conteúdo dos salmos individuais nem com a terra da poesia preservada neles. Existem cinco divisões ou "livros" no Saltério: eu, salmos 1-41 ; II, Salmos 42-72 ; III, Salmos 73-89 ; IV, Salmos 90-106 ; e V, Salmos 107-150 . Embora tenham sido feitas tentativas para discernir características especiais dentro de cada uma dessas divisões, a única característica que pode ser finalmente defendida é a preferência decidida da divisão II pelo nome *'Elohim* , (Deus). As outras divisões usam Yahweh predominantemente.

Esta divisão quintupla, como os títulos dos salmos, foi aplicada por uma mão editorial muito tempo depois de os próprios salmos serem compostos, com toda a probabilidade, somente depois que o cânone de 150 salmos foi oficializado. Que é uma divisão um tanto arbitrária pode ser vista pelo fato de que cada um dos cinco livros contém exemplos de cada um dos principais tipos de salmos. O motivo da divisão, provavelmente, é a imitação da divisão quintupla da Torá. Gênesis, através do Deuteronômio, reside como a revelação básica de Deus para o seu povo, e os cinco livros do Saltério, sua resposta quintupla, em louvor dele.

Nem todos os salmos do Antigo Testamento estão no livro dos Salmos. Existem salmos nos livros proféticos e históricos do Antigo Testamento, bem como nos livros do Pentateuco. A chave para a sua descoberta é a sua forma poética e um estilo de

organização e expressão que os mostra inconfundivelmente relacionados aos poemas do Saltério. Êxodo 15: 1-19 , Deuteronômio 32 , 1 Samuel 2: 1-10 , Isaías 38: 10-20 , Habacuque 3: 2-19 , e Jonas 2: 2-9 são talvez os exemplos mais notáveis.

II. A Linguagem, o Texto e a Forma dos Salmos

O idioma do livro dos Salmos é hebraico. Freqüentemente, é um hebraico muito bonito, indicativo de grande habilidade poética e exige o melhor e mais pensativo trabalho do tradutor. Quase sempre, exceto, é claro, os pontos em que o texto sofreu na transmissão, o hebraico dos Salmos é muito bom hebraico, e praticamente nunca é pedestre, como é às vezes o caso em outros livros do Antigo Testamento.
Várias análises da linguagem dos Salmos foram feitas, com uma variedade de objetivos em mente, e com rigor variado. O objetivo principal de tais estudos foi a descoberta de pistas que podem ajudar a namorar os Salmos, tanto individualmente como como uma coleção. Algumas décadas atrás, muitos dos "aramais" supostos foram apontados por comentaristas inclinados a estabelecer uma data tardia para a composição da maioria, se não de todos, dos salmos. Um grande número desses chamados aramais agora foram mostrados para ser outra coisa, e mais indicativo de um namoro cedo, e não tardio.

De fato, o estudo estatístico mais completo da linguagem do Saltério até agora concluiu, com base na preservação nos salmos de uso linguístico mais antigo do que o hebraico bíblico geralmente encontrado no Antigo Testamento, que o período de composição do Salmos se estende desde 200 anos antes do reinado de Davi até a última parte do século V ACSe alguém concorda com a extensão dessas datas ou não, o ponto é estabelecido que há mais evidências do hebraico cedo do que o hebraico tardio nos salmos bíblicos. A comparação dos salmos com outra literatura do antigo culto do Oriente Médio, em particular a poesia de Ras Shamra, dá suporte adicional a essa visão. Embora permaneça no livro dos Salmos mais do que alguns termos e construções gramaticais inexplicáveis, muito mais deles devem ser entendidos como remanescentes de uso precoce em vez de evidência de hebraico tardio, colorido pelo aramaico ou algum outro idioma do período pós-xilico .

O texto hebraico do livro dos Salmos é, em geral, bem preservado. Alguns salmos, obviamente, foram melhorados na transmissão do que outros - Salmos 1 , 19 e 119 , por exemplo, são praticamente sem dificuldade textual, enquanto os Salmos 45 , 68 e 110 são tão danificados no texto que são praticamente intraduzíveis em pontos.

Como é o caso de outros livros do Antigo Testamento, as tradições variadas hebraicas podem ser comparadas com outras versões antigas na busca de um texto compreensível.

O texto produzido por tal comparação pode então ser iluminado ainda mais por filologia comparativa e análise literária (ver BBC 1, pp. 87-95). Qualquer estudo objetivo de um livro bíblico deve começar com um texto básico, tão correto e sem dificuldade quanto possível. Contra este texto, as tradições variantes podem então ser examinadas, particularmente nos pontos onde os problemas são evidentes.

O comentário que se segue foi preparado a partir do texto crítico padrão dos Salmos hebraicos - claro, em reconhecimento do RSV como o texto em inglês. *Liber Psalmorum* de *Biblia Hebraica Stuttgartensia,* editado por Hans Bardtke (Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1969). Os pontos de dificuldade textual que afetam substancialmente o significado de um versículo dado, bem como os pontos em que o

RSV segue uma tradição textual diferente da tradição hebraica, foram apontados no comentário.

O tetragrammaton *Yhwh* foi uniformemente representado "Yahweh" no comentário para evitar a confusão inerente ao uso pelo RSV da palavra "senhor", com diferentes capitalizações, para traduzir três termos distintos do Antigo Testamento. Os poetas do Saltério usaram o nome distinto do Deus de Israel com muito cuidado, e é importante preservar sua ênfase com a maior clareza possível.

Um estudo do texto dos Salmos leva finalmente à conclusão de que esses poemas são, em geral, notavelmente bem preservados e que as saídas do texto hebraico padrão devem ser feitas com extrema cautela. Embora o livro dos Salmos, tal como o conhecemos, está longe de ser uma cópia "original", foi transmitida com muito cuidado. Muito, uma vez que se pensava que era um erro textual, agora foi reconhecido ter sido inteiramente correto o tempo todo, e difícil para o tradutor por causa de sua falta de informação e não por corrupção do texto. Alguns dos problemas textuais que permanecem ainda não resolvidos serão, sem dúvida, mais claros à medida que novas descobertas em filologia hebraica e análises literárias comparativas sejam feitas.

Como Ivan Engnell apontou em 1962, não é improvável que os salmos se comprometeram a escrever em um estágio muito precoce em sua história. O uso dos salmos na adoração, portanto, pode ter tido uma tradição textual normativa como corretivo para qualquer aberração ou alteração inconsciente nos hinos e orações que são preservados no Saltério, desde o início do culto de Israel.

A tradução dos salmos do Antigo Testamento para o inglês que ambos comuniquem o seu significado e é ao mesmo tempo legível é uma tarefa difícil. Isto é assim porque a língua hebraica é muito diferente do inglês; porque as formas de pensamento hebraico são muitas vezes estranhas aos padrões de comunicação ingleses; e porque o idioma dos salmos é exclusivamente poético e, portanto, vinculado por um conjunto especial de restrições, praticamente todos os quais são estranhos à poesia inglesa.

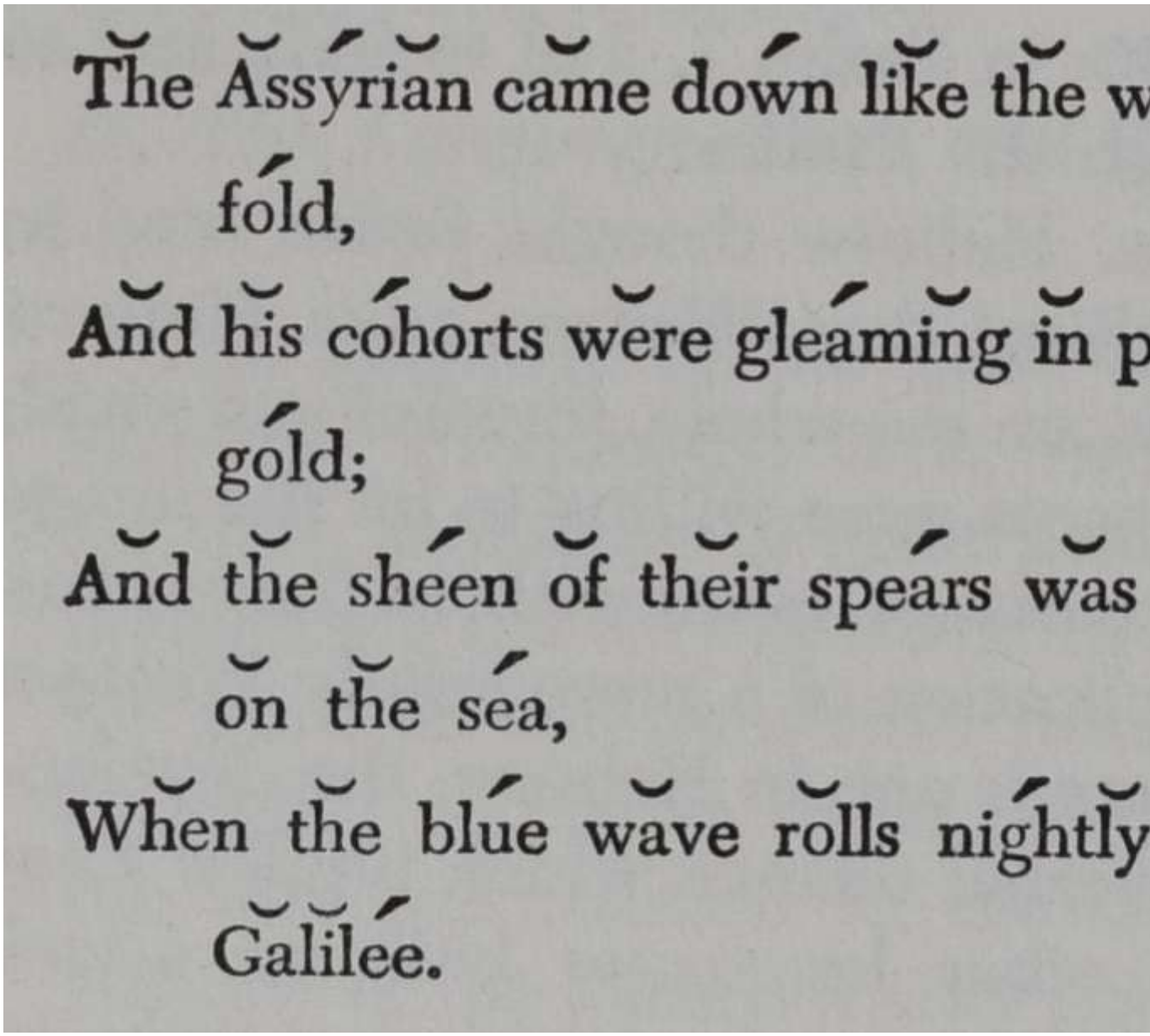
A língua hebraica é notavelmente mais econômica da expressão do que o inglês, mais ainda na poesia do que na prosa. Esse fato pode ser dramaticamente indicado por uma simples contagem das palavras utilizadas nas respectivas versões hebraica e inglesa de qualquer salmo, selecionado aleatoriamente. O Salmo 1 , com 67 palavras no texto hebraico, requer 124 palavras na tradução do RSV. No Salmo 2 , a proporção é de 91 a 186; no Salmo 5 , 111 a 246 ; no Salmo 7 , 142 a 317 ; e assim por diante através do Saltério.

Além disso, as formas de pensamento hebraico tendem a ser mais diretas do que as formas ocidentais. A imagem hebraica é, em geral, vigorosa e viva; Os poetas hebraicos estavam dispostos a permitir que a imagem carregasse a mensagem, muitas vezes sem a aplicação explicativa de um estilo mais ocidental. Não há, em hebraico, o desenvolvimento de nuances verbais que tipifiquem inglês e outras linguagens construídas em grego e latino. A ação é retratada apenas como completa ou incompleta, e o tempo deve ser determinado com base no contexto. O hebraico também não acumula termos, como o inglês faz. Os salmistas, em particular, tendem a escolher um termo para um conceito e depois ficar com ele, obtendo força do uso repetido da mesma palavra ou frase, em vez de uma multiplicação de sinônimos. O paralelismo (veja abaixo) é uma aplicação especial deste princípio.

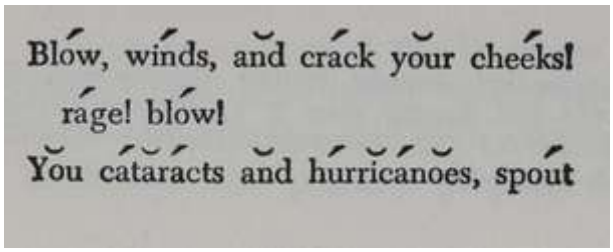
Finalmente, enquanto a unidade básica da poesia inglesa pode ser dita como rítmica, uma unidade de som, porém determinada, a unidade básica da poesia hebraica é uma unidade de sentido. O ritmo é, naturalmente, um elemento inevitável de qualquer idioma, pois é o idioma que é aprendido antes que as palavras sejam.

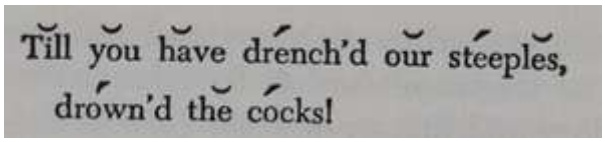
Na poesia inglesa, o ritmo, como a alternância habilidosa de sons fortes e fracos, é fundamental para a expressão poética, e o gênio de um poeta pode ser medido pelo sucesso com o qual ele pode comunicar seu pensamento na música simples de um discurso mais fundamental. Na poesia hebraica, é o ritmo não do som, mas do sentido que é importante, o que leva o significado do poeta e, em grande medida, determina a forma fundamental de sua expressão.

Para ilustrar esse contraste, basta considerar a diferença entre essas linhas da "Destruição de Sennacherib" de Byron:

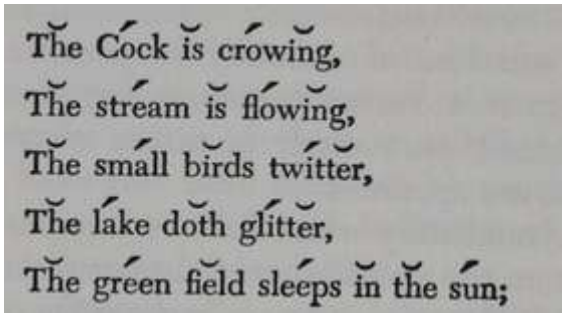


ou o rei Lear de Shakespeare:

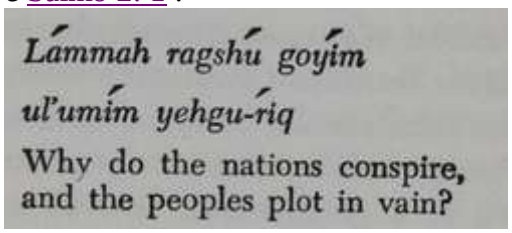

Blów, wínds, and crack your cheéks!
rage! blów!
You cataracts and hurricanoes, spout


Till you have drench'd our steeples,
drown'd the cocks!

ou "Written in March" de Wordsworth:

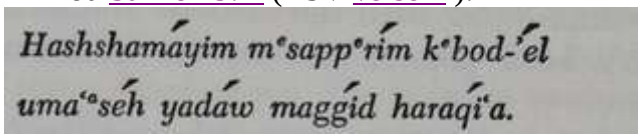

The Cock is crowing,
The stream is flowing,
The small birds twitter,
The lake doth glitter,
The green field sleeps in the sun;

e Salmo 2: 1 :


Lámmah ragshú goyím
ul'umím yehgu-ríq
Why do the nations conspire,
and the peoples plot in vain?

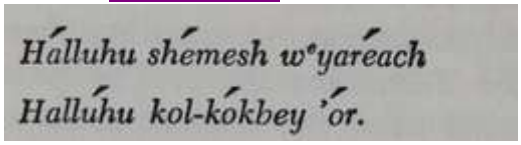
Por que as nações conspiram, e as pessoas se enriquecem em vão?

ou Salmo 19: 2 (RSV verso 1):


Hashshamáyim m'sapp'rím k'bod-'él
uma'"séh yadáw maggíd haraqí'a.

Os céus estão dizendo a glória de Deus; e o firmamento proclama sua obra.

ou Salmo 148: 3 :


Hálluhu shémesh w'yaréach
Halluhu kol-kókbey 'or.

Louvem-no, sol e lua! Louve ele, todas as estrelas brilhantes!
Em cada um dos exemplos de poesia inglesa, as sílabas acentuadas (x) e as não acentuadas (x̆) são importantes. Na verdade, é a sua alternância que, juntamente com a rima e assonância, estabelece o ritmo da poesia.

Nos exemplos hebraicos, ao contrário, são apenas as sílabas acentuadas que são importantes. Eles indicam a mensagem essencial do poeta, deslocando o peso de qualquer linha para as palavras essenciais. É um ritmo sensorial que é bastante impossível de traduzir, mas seu sucesso em hebraico pode ser sugerido isolando as palavras tão estressadas, em sua sequência original. Cada grupo de palavras com hifenhas forma uma "unidade sensorial".

Salmo 2: 1 - *"Porquê-conspirar-povo das nações-vão"*

19: 1- "Céus - é conhecido - Deus

obras-mãos-declara-firmamento "

148: 3- "Louvor-sol-lua

Praise-stars-shining "

A palavra que é indispensável para o significado do poeta sempre recebe uma batida. O preenchimento e as palavras de conexão não são acentuados. Se eles fossem completamente perdidos, a mensagem essencial do poeta não seria prejudicada, pois contribuem apenas para o ritmo de sua poesia. Nas linhas da poesia inglesa, em contraste, as sílabas não acentuadas são tão importantes como as acentuadas.

Este "ritmo sensorial" e essas "unidades de significado" devem ser mantidos em vista na tradução e exegese da poesia hebraica, pois são seu único medidor, e muitas vezes fornecem uma chave inestimável para a intenção do poeta. Embora seja ainda muito lógico aprender sobre as métricas hebraicas, o que é conhecido é indispensável para a compreensão da literatura poética do Antigo Testamento; pois os padrões métricos estão intimamente relacionados ao conteúdo, e eles se repetem em poesia de intenção semelhante. Portanto, é possível antecipar o humor e o conteúdo geral de um grande número de poemas hebraicos com base em seu padrão rítmico.

A segunda característica fundamental da poesia hebraica está intimamente relacionada, em princípio, a esse movimento nas unidades sensoriais. Pode ser descrito como um ritmo de sentido em termos de linhas combinadas em vez de palavras enfatizadas, e parece ser um desenvolvimento natural no refinamento de tal "poesia sensorial". Essa característica da poesia hebraica foi a primeira a ser recuperada em que pode ser chamado de estudo bíblico moderno. Foi apontado nas "Leituras sobre a Poesia Sagrada dos Hebreus", dada por Robert Lowth, ocupante da cadeira de poesia na Universidade de Oxford em 1753. Lowth chamou a atenção para o *paralelismo do membrorum* como um dispositivo em poesia hebraica; e apesar de sua descoberta ter sido refinada, nunca foi superada. Na verdade, é com base no paralelismo, apropriadamente chamado de "rima pensada", que as seções poéticas do Antigo

O testamento foi recuperado nos tempos modernos.

Felizmente, o paralelismo é tão traduzível quanto os padrões métricos hebraicos não são. Na sua forma mais simples, ele simplesmente repete em uma segunda linha o que já foi afirmado em uma primeira linha. Diferentes palavras são freqüentemente usadas na repetição, e o efeito é enfático e memorável. Este tipo de paralelismo mais simples é chamado de "sinônimo" e é exemplificado nas linhas dos Salmos 2 e 19 , citados acima.

Existem variações deste paralelismo mais simples, como no paralelismo "antitético", no qual a segunda linha dá o oposto da declaração da primeira linha. Então salmo 37: 9 :

"Porque os ímpios serão cortados;

mas os que esperam pelo Senhor devem possuir a terra ".

O paralelismo "sintético" ou "formal", onde uma segunda linha aumenta e avança o pensamento de um primeiro sem ser estritamente paralelo, pode ser visto no Salmo 107: 1 :

"Ó dê graças ao Senhor, porque ele é bom;

Porque o seu amor constante dura para sempre! "

Outros tipos de correspondência de linhas são detectáveis na poesia do Antigo Testamento; mas foi dito que indica a natureza dessa característica fundamental da poesia hebraica. A importância do entendimento não deve ser ignorada pelo expositor, que de outra forma seria culpado de ler uma linha paralela como um novo elemento em um poema.

A estrutura paralela geralmente forma **uma** única linha, ou *stichos* , dos quais seus dois elementos são meia-linhas ou *hemistichoi* . Essas unidades são então montadas em padrões variados de acordo com diferentes objetivos para formar estrias curtas, que, por sua vez, são incorporadas nas unidades ainda mais longas que compõem poemas inteiros. O salmo 119 , por exemplo, consiste em 22 estrofes de oito linhas, cada uma delimitada pela aderência a uma sequência alfabética. No Salmo 95 , as estrofas são formadas por considerações litúrgicas; no Salmo 84, por mudanças no pensamento de um único adorador. Tal como acontece com o padrão métrico e o "ritmo de conteúdo" paralelo, então a formação de estrofeção da poesia hebraica é determinada não com base em qualquer princípio quantitativo (com a exceção parcial do poema acróstico), mas com base no sentido e na desenvolvimento da mensagem do poeta.

Rhyme, a utilização de sons semelhantes que é um elemento tão encantador de muita poesia inglesa (como da poesia francesa da qual vem a rima) é totalmente insuficiente na poesia hebraica. Assonância e aliteração, bem como alguns outros dispositivos baseados em som, estão presentes em alguns poemas; mas, como eles são intransportáveis, eles não precisam ser preocupados aqui.

Deve-se mencionar os oito poemas acrosticos no livro dos Salmos (em Heb.): Salmos 9-10 (realmente um salmo), 25, 84, 37, 111, 112, 119 e 145. Cada um desses poemas mostra , com sucesso variado, uma forma poética que parece ter sido a invenção dos professores da academia do Templo. Eles fizeram seus poemas ambos fáceis de memorizar e expressar uma declaração abrangente ao iniciar cada meia linha sucessiva (Salmos 111, 112), linha completa (Salmos 25 , 34 , 145), todas as outras linhas (Salmo 37) ou cada linha de uma série de estrofes (Salmo 119) com uma sucessiva letra do alfabeto hebraico.

O único aspecto adicional da forma na poesia hebraica que deve ser mencionado nesta introdução é aquele que é o segundo em importância apenas para o paralelismo para a análise e compreensão dos salmos hebraicos. Como não é, no entanto, apenas uma forma poética, mas mais propriamente uma forma literária, será tratada com algum pormenor na seção V.

III. A Origem dos Salmos

A questão da autoria de uma determinada obra, de um livro para um poema único, é uma preocupação muito maior hoje do que nunca na antiguidade. Na verdade, quase pode ser dito ser peculiarmente uma preocupação moderna. Os escritores bíblicos certamente desconheciam que estavam escrevendo o que era tempo de se tornarem as Escrituras. De qualquer forma, eles estavam certamente mais preocupados com a glória e a mensagem de Deus do que com o estabelecimento de crédito por si mesmos.
Dos livros do Antigo Testamento, nenhum livro, com a possível exceção do livro de Provérbios, é tão completamente anônimo quanto o livro dos Salmos. Em nenhum lugar, ele reivindica especificamente um autor tanto quanto um dos seus 150 poemas, e com razão, uma vez que nenhum deles pode ser atribuído com garantia a qualquer poeta específico.

A visão tradicional da autoria dos Salmos atribuiu-lhes a Davi. Mas essa atribuição foi feita com base na associação de David com o culto e sua música, uma associação que, embora indubitàvelmente autêntica, é feita com maior força na última literatura do Antigo Testamento (1 Cron. 13 ; 15-16 ; 23- 26 ; 2 Crônicas 29: 25-30 ; Ezra 3:10) e não com base em qualquer afirmação nos próprios salmos.

Dos 150 salmos, 116 recebem inscrições ou títulos no texto hebraico. Destes títulos, 101 incluem nomes, em 73 instâncias, o nome de David. Esses nomes muitas vezes foram entendidos como indicações de autoria, mas interpretá-los, portanto é precário, e provavelmente um mal-entendido de seu propósito original. Os títulos não eram uma parte original do texto dos salmos, mas foram adicionados mais tarde, no caso dos poemas mais antigos do Saltério, literalmente, centenas de anos depois que as próprias obras foram originalmente compostas. Aqueles que fornecem anotações históricas fazem isso, muitas vezes, com base em suposta alusão no próprio texto.

Os títulos que incluem nomes, além disso, parecem originalmente ter sido destinados não como informações sobre a autoria de um salmo dado, mas sim como designações da coleção hímica a que esse salmo pertencia. *L ᵉ dawid* , a frase identificativa mais freqüente, significa, portanto, "David", mas sim "to" ou "de" David, ou seja, pertencente à coleção de salmos associados a uma tradição davídica de escrita de salmo.

Essas insinuações são o trabalho dos editores e foram afixadas durante o processo de compilação do livro dos Salmos para uma variedade de propósitos. Embora sejam de valor para o estudo da história do crescimento do Saltério, eles são de pouca ajuda na questão da autoria, um propósito para o qual nunca foram destinados. É interessante que os títulos foram omitidos pela tradução dos salmos na Nova Bíblia inglesa, uma omissão defendida pela GR Driver na p. xiv da "Introdução" à tradução do NEB Antigo Testamento.

A autoria dos salmos tal como estão no texto bíblico deve ser pensada como um processo contínuo, e um que pode ser descrito nas seguintes linhas. Os salmos bíblicos são sem exceção de poesia religiosa ou cultual. Como tal, eles pertencem a um processo contínuo que é também da natureza do caso, um cumulativo. Portanto, é necessário pensar na origem dos salmos individuais no contexto de uma configuração particular e do uso contínuo desses mesmos salmos em uma configuração geralmente semelhante, mas em constante mudança em circunstâncias específicas.

Há, além disso, salmos criados em uma crise pessoal ou nacional específica que tem visto o uso contínuo durante um longo período e que, no processo, foram refinados e re-

refinados de modo que somente o lamento essencial e nenhuma alusão detalhada inadequada permanecem. Isto é especialmente verdadeiro para as grandes orações individuais do Saltério, que foram aplicadas a uma sucessão de suplentes pela omissão de detalhes pessoais.

Devemos olhar, para os autores dos salmos, naquela grande e interminável comunhão daqueles que se chamavam "justos" (*tsaddiqim*) e "leais" (*chasidim*) de Javé, a congregação de Israel - especificamente, a congregação de Israel, reunida e louvada, lamentou, adorou e orou na presença de Deus em Jerusalém. Nessa comunhão, os poemas que constituem nosso livro dos Salmos, e de fato muitos outros como eles, podem ter sido originados.

Alguns desses salmos, pelo menos algumas delas, vieram da experiência religiosa dos cananeus (por exemplo, 29, 68) e talvez outros vizinhos do povo de Israel. Alguns deles foram retirados das tradições cultuais do norte de Israel (por exemplo, 74, 81), alguns deles antedate o Templo (por exemplo, 18, 60), e alguns deles podem ter existido primeiro no menor Yahweh-sanctu- Aries que pontilhou a terra durante a maior parte do período preexilico da história de Israel. Mas todos eles, na forma em que eles existem no livro dos Salmos, são orientados para Jerusalém. Eles foram levados para a vida do culto lá. Eles carregam o selo inconfundível da teologia de Jerusalém da Presença de Deus.

Só é possível especular sobre o que pode ser chamado de história pré-Jerusalém dos salmos. Para alguns deles, claramente houve tal história, mas pode não ser rastreado com qualquer precisão. Na verdade, nem todos esses salmos podem ser identificados. Não há o mesmo, nenhuma razão possível para negar a existência da salmodia na vida religiosa das pessoas do Antigo Testamento desde o início. O namoro pós-exilico para a origem dos salmos, favorecido há tanto tempo por tantos comentadores, baseia-se, em parte, na falta de informação e, em parte, em um preconceito incrível, e sua defesa é muitas vezes pouco menos do que fantástica na criação de evidência onde nenhum realmente existe.

Os chamados aramais tardios na linguagem dos salmos, por exemplo, mostraram-se parecidos com o dialeto israelita norte mais próximo do que as formas lingüísticas tardias. As imagens cananeus e a estrutura gramatical, que não podem ter influenciado em nenhum período, antes, foram isoladas repetidas vezes nos 150 salmos de JH Patton, M. Tsevat (ver fn. 2 acima) e, em especial, de M. Dahood. A suposta influência dos grandes profetas escritos sobre os salmos deve mais apropriadamente ser reconhecida como uma evidência da profunda dívida dos profetas aos salmos, que eram fundamentais para o culto que todos conheciam e amavam.

O que deve ser concebido, no que diz respeito à origem do livro dos Salmos, é o movimento do culto vivo no Templo em Jerusalém. Contudo, como já foi observado, alguns dos salmos no Saltério antedate o Templo, certamente algum que vem do próprio Davi, os salmos como os conhecemos são um produto do culto de Jerusalém. Para e como parte da adoração em Jerusalém, os salmos existentes foram modificados e novos salmos foram escritos.

Os autores de tais salmos eram membros da comunidade de adoração. O rei e os poetas de sua corte contribuíram com salmos e partes de salmos. Assim também os membros da equipe do Templo foram responsáveis por salmos. Os sacerdotes, cuja tarefa era fazer com que Deus fosse conhecido, os profetas, que deveriam entregar a sua palavra, e

os homens sábios, que deveriam ensinar a verdade e direção de seu caminho - e, claro, os coros e músicos do templo associados a eles - Todos contribuíram para a coleta de salmos de onde nosso Saltério foi levado. Nem, de fato, os leigos devem ser negados algum crédito. É mais do que meramente provável que algumas das respostas dos salmos, e talvez salmos inteiros também fossem a inspiração de leigos.

Alguns salmos, sem dúvida, a maioria dos salmos, foram preparados com cuidado e laboriosa e amorosamente antes da adoração em que foram cantados e falados pela primeira vez. Outros, em particular as palavras inspiradas dos profetas de culto, foram entregues *extemporalmente* , para serem escritos apenas quando mereceram a preservação.

Os 150 salmos que constituem o Saltério, além disso, devem ser considerados apenas uma amostra pequena, embora muito excelente, do vasto número de salmos que devem ter visto uso no culto de Israel desde o início do culto em Jerusalém até o momento em que o Saltério foi compilado no período postexilic. Eles são, em sua maior parte, os salmos que se revelaram mais úteis e mais úteis no culto do indivíduo e da congregação durante muitas décadas de louvor e petição.

Assim, pode-se dizer que os Salmos se originaram no culto a Israel e que foram escritos pelos fiéis na sua reação ao encontro de Deus. Os salmos que foram compostos pela primeira vez fora do culto de Jerusalém, bem como os salmos que continham alusões pessoais e históricas detalhadas, que eram de tal beleza e de uma expressão de expressão que merecem um uso mais amplo e contínuo, foram expurgados em Jerusalém e dão uma ampla circulação na adoração lá. Os poemas no livro dos Salmos representam, em geral, o fim de um longo período de uso seletivo.

IV. O Crescimento do Livro dos Salmos

Pode-se dizer que o livro dos Salmos foi iniciado quando os salmos começaram a ser escritos e coletados para uso no culto de Israel. Isso ocorreu muito cedo na história da existência de Israel como povo de Deus. Nenhuma data exata pode, naturalmente, ser dada, mas não é demais dizer que o processo que produziu o Saltério bíblico começou quando Israel entrou em contato com a poesia religiosa cananita no início do processo de conquista e assentamento.
Com relação ao final deste processo, é possível ser mais definitivo. Os seguintes fatores são relevantes: A citação pelo Cronista da doxologia que fecha o Livro IV do Saltério (1 Cron. 16:36); a citação de alguns salmos em livros tão apócrifos como 1 Macabeus (cf. 7:17 ; 4:38) e Eclesiástico (cf. 47: 8-10); a aparente imitação do livro dos Salmos pelas canções pseudipigrativas de Salomão (nota: não Canção de Salomão); e a semelhança de ordem e número entre as versões hebraica e LXX do livro de Salmos, a tal ponto que o 151º salmo do LXX é designado como *existamente arithmou* (fora da contagem) - todos fornecem evidências suficientes para estabelecer a conclusão da coleta de salmos conhecidos por nós no último quarto do terceiro século AC. Existe, de fato, uma forte possibilidade de que o Saltério possa ter sido finalmente compilado ainda antes.

Pode-se dizer que o crescimento do livro dos Salmos ocorreu durante um período muito longo, e em três estágios, apenas dois dos quais permanecem claramente visíveis no próprio Saltério.

O primeiro estágio pode ser descrito como o estágio fundamental, quando a primeira coleção de salmos foi feita. Tem que ser inferido da própria existência da coleção final, mas não é visível no Saltério como a coleção agora está no Antigo Testamento. Embora haja ampla evidência para sugerir o uso de alguns tipos básicos de salmos no culto de Israel antes do tempo de Davi, é provável que tenha sido durante o reinado de Davi e como resultado direto de sua instituição do culto da Presença de Javé em Jerusalém que a primeira coleção de salmos foi feita.

A tradição do interesse de Davi na música do culto, bem como o registro bíblico de sua própria habilidade como músico, são muito bem fundamentados e recorrentes para serem submetidos a qualquer dúvida razoável. Portanto, é lógico supor que um dos primeiros movimentos de David no estabelecimento do culto de Jerusalém foi o patrocínio de uma coleção de salmos especificamente adaptados às necessidades do que era essencialmente um novo culto em um novo lugar.

Como resultado de um patrocínio real da música cultual - e o rei era, no período da monarquia primitiva, o principal funcionário do culto - é provável que os salmos antigos, israelitas e cananeus, fossem levados a Jerusalém desde o os santuários de Javé dispersaram a terra e foram adaptados especialmente para serem usados no culto em Jerusalém.

Além disso, novos salmos foram compostos pelos sacerdotes e profetas encarregados do culto em Jerusalém, e muito provavelmente pelo próprio rei. É certamente esse período de atividade que viu o nascimento do "salmo real", o tipo de salmo dedicado exclusivamente à acreditação e glorificação da dinastia davídica em Jerusalém. Um desses salmos, o Salmo 132 , ambos comemora o estabelecimento por David do culto de Jerusalém à presença de Javé e também documenta a promessa de Javé a Davi e a sua dinastia.

Não há como corrigir os limites de uma primeira coleção de salmos para determinar qual ou mesmo quantos poemas na coleção final podem ter pertencido a ele. Que houve uma tal coleção, no entanto, dificilmente pode ser negada, e como certamente se tornou o núcleo do que seria uma série de coleções que continuaram a crescer por centenas de anos, alguns dos poemas que a formaram devem permanecer no livro de Salmos.

O segundo estágio no crescimento do livro dos Salmos foi um desenvolvimento natural do ímpeto dado o uso da salmodia na adoração por Davi. Embora a coleção fundacional feita a seu pedido certamente se tornou o núcleo do que seria uma vasta e crescente coleção de salmos, também definiu as instruções básicas para uma série de coleções relacionadas.

O patrocínio do rei na música no culto, sem dúvida, atraiu os mais poderosos músicos, cantores e poetas que Israel poderia fornecer; e as escolas distintas e as tradições da escrita do salmo e do canto do salmo começaram a se formar no cadinho da continuação do culto a Javé em Jerusalém. Embora os anos fossem necessários para produzir tradições de salmodia claramente definidas em Jerusalém, as influências seminal de que essas tradições eventualmente surgiram estavam presentes nos músicos que Davi reuniu ao seu redor em Jerusalém: Heman, Asaph e Ethan. Com a conclusão, no tempo de Salomão, do magnífico Templo de Javé, projetado pela primeira vez por David, certamente havia uma expansão necessária do pessoal associado ao culto de Jerusalém, todos os quais estavam relacionados dinamicamente à salmodia, como parte essencial de todos os serviços que aconteceu lá.

Com o tempo, foram formadas coleções subsidiárias de salmos associados aos músicos e poetas do culto de Jerusalém. Essas coleções incluíram as contribuições originais de tais músicos e seus associados e estudantes e também os salmos que eles reuniram de outras fontes e adaptados para adorar em Jerusalém. Naturalmente, como é o caso dos hinos modernos, os salmos iguais ou semelhantes foram preservados em mais de uma tradição, às vezes sem dúvida com diferentes configurações musicais, às vezes com as mesmas configurações.

A evidencia de tais coleções, que são intermediárias para o livro canônico dos Salmos, é claramente existente na preservação do mesmo salmo em mais de uma parte do Saltério; no versículo final do Salmo 72 ; e na informação contida nas inscrições sobre a tradição a que pertencem alguns dos salmos.

O Salmo 14 , por exemplo, ocorre novamente no livro de Salmos como Salmo 53 , com apenas uma substancial mudança de conteúdo. Salmos 40: 13-17 repete como o Salmo 70 ; e o Salmo 108 é composto dos Salmos 57: 7-11 e 60: 5-12 . Para quatro duplicações tão extensas que foram preservadas em uma seleção de 150 salmos, o número de preservações duplicadas em todo o índice dos salmos de Jerusalém deve, de fato, ter sido extenso.

O versículo final do Salmo 72 é uma nota do editor (ver comentário) estranha ao salmo em si, mas valiosa para sua referência direta à coleção de salmos associados ao nome de David. Se essa anotação originalmente pertencia onde agora se encontra é uma questão real, já que o título do Salmo 72 o associa com uma tradição solomônica. Ou a nota já estava em outro lugar, ou o título do salmo foi colocado erroneamente, ou um salmo solomônico também era considerado um salmo davídico, ou seja, estava associado à dinastia de Davi. Além disso, os salmos associados a David não terminaram de modo algum no Salmo 72 , já que não menos de 17 salmos adicionais identificados como Davidic ocorrem no livro dos Salmos após o Salmo 72 .

Que a coleção davídica deve ser o maior do Saltério não deve ser uma surpresa. Seu núcleo era provavelmente a primeira coleção de salmos em Jerusalém, e sem dúvida contou salmos pelo próprio Davi. Que houve uma tendência crescente de associar salmos com esta primeira e mais antiga tradição é confirmada pelo fato de que o LXX atribui 14 salmos adicionais a David, além dos relacionados a ele pela tradição hebraica.

A informação fornecida pelo Salmo 72:20 é aumentada pelos 73 títulos ou inscrições que associam tantos salmos com a tradição davídica. As coleções adicionais são indicadas de forma semelhante pelos 12 salmos atribuídos a uma coleção Asáfica (50, 73-83) e os 12 salmos atribuídos aos filhos de Korah (42-49, 84, 85, 87, 88). Enquanto os títulos foram prefixados para os salmos no final do processo de compilação e, embora alguns deles reflitam mais a história da adaptação e preservação de certos salmos do que sua autoria, ainda não há motivos fortes para duvidar de que tais títulos sejam evidência confiável das coleções intermediárias através das quais alguns salmos entraram no presente livro dos Salmos.

Que havia sub-coleções adicionais de salmos alimentando o mainstream dos salmos de Jerusalém, dos quais os 150 salmos canónicos foram eventualmente aceitos, podem ser assumidos tanto pela presença dos 34 salmos sem título e, portanto, atribuídos no hebraico Saltério a nenhuma tradição específica, e também a outra evidência de sub-coleções como os salmos chamados "Elohistic" (Salmos 42-72 , Livro II do

Saltério). Nestes salmos, o nome ' *Elohim* predomina; aparentemente foi substituído, por algum motivo desconhecido, por Yahweh.

As escolas de salmodia responsáveis pelas coleções intermediárias não só compuseram novos salmos e colecionavam e adaptaram os existentes; eles também podem ser pensados como fornecendo e preservando configurações musicais para eles. Essas configurações são, naturalmente, agora todas perdidas. Os restos de alguns deles permanecem como uma outra camada de informação existente em alguns títulos, particularmente nas instruções dadas ao "mestre da música", o maestro. Algumas dessas instruções especificam o acompanhamento instrumental (por exemplo, Salmos 4, 5); outros aparentemente indicam os tempos (por exemplo, Salmos 22 , 45 , 56). Eles são na sua maioria bastante obscuros agora.

Uma função ainda mais importante desses salmistas, no entanto, era a preservação de uma pura tradição textual dos salmos que eles colecionavam. Embora os salmos tenham sido usados na adoração da memória, seja cantado pelos coros, solistas ou congregações, é provável que eles tenham sido cuidadosamente mantidos em forma escrita pelas escolas responsáveis por eles. Essa tradição textual escrita teria servido tanto como correção para as aberrações na redação como também como uma ajuda indiscutível à transmissão.

A idade dessas coleções intermediárias certamente deve ser considerada como o período mais longo na história do crescimento do Saltério. Começou já na última parte do reinado de Davi e, certamente, não mais tarde dos primeiros anos do Templo em Jerusalém, e não terminou até que o livro canônico dos Salmos começou a se formar.

O terceiro e último estágio no crescimento do Saltério deve ser datado no período pós-exilic, pois o livro dos Salmos conhecidos é um produto pós-exilado. O Saltério é apenas uma pequena amostra do que era, no momento da destruição do Templo em 586 AC,um vasto e rico tesouro de poesia religiosa. Foi esse desastre, no entanto, que deve ter provocado o início da terceira etapa. Há todas as razões para assumir que algumas das coleções escritas de salmos foram destruídas no holocausto da Babilônia. Sem dúvida, um grande número de funcionários da equipe do Templo foram mortos. Certamente, aqueles que sobreviveram foram deportados, para serem reassentados em vários lugares na Babilônia. Com o rico tesouro das tradições do salmo já não à mão, e com o próprio futuro de sua adoração e herança cultual em dúvida, alguns dos salmistas sobreviventes na Babilônia começaram a regredir novamente os salmos que se estabeleceram em uso como intemporais em aplicação e relevância. Havia, neste momento, por necessidade, uma mistura de salmos de várias tradições; os salmos foram lembrados e preservados como eles tinham sido usados na adoração, e com pouca consideração de sua origem. É por esta razão, sem dúvida, que as conexões tradicionais de um grande salmos foram completamente perdidas.

Com o restabelecimento da adoração em Jerusalém após o edito de Cyrus em 538 aC, pelo menos algumas dessas díspares coleções exilic foram reunidas, e junto com eles novos salmos que foram escritos durante o Exílio - destes últimos, não há mais nada do Salmo 137 . A salmodia floresceu em Jerusalém mais uma vez, mas, como o Templo em que os salmos foram cantados, em uma escala mais modesta.

O Exílio exerceu uma pressão de refinação sobre a grande loja de salmos que tinha acumulado antes disso. Apenas alguns salmos foram adicionados durante o próprio Exílio, e mesmo menos salmos são de origem pós-xilica. Esses períodos são os períodos

de compilação e organização. Ao período pós-xilico, em particular, pertencem coleções tópicas como as 15 "canções dos acontecimentos" (Salmos 120-134), os 6 salmos "Hallel" (113-118) e os 6 hinos principais da realeza de Deus (Salmos 47 , 93 , 96-99).

Durante o período pós-dia, os títulos foram afixados, os salmos de *Elohim* foram editados e agrupados, e toda a coleção foi refinada, principalmente pelo uso, na lista de 150 salmos preservados no cânon do Antigo Testamento. Um dos últimos passos a seguir foi a divisão arbitrária do Saltério em cinco livros, no final de cada um dos quatro primeiros dos quais uma doxologia foi afixada. O Salmo 150 , que serve como um final de doxologia não só do Livro V, mas também de todo o Saltério, certamente foi selecionado e talvez até mesmo composto para tal propósito. O Salmo 1 , similarmente, foi estabelecido durante este período como um prólogo para todo o livro dos Salmos.

Como foi indicado, não é possível verificar uma data exata pela qual o livro dos Salmos chegou à sua forma atual. O último quarto do século III AC pode ser considerado com segurança, no entanto, como o último período pelo qual o Saltério foi estabelecido na sua forma atual. Após esse tempo, quaisquer alterações foram pequenas correções textuais ou erros inconscientes.

V. Os tipos de salmos no saltério

O estudo moderno do livro dos Salmos deve sua dívida mais profunda a um homem, Hermann Gunkel. Pois foi Gunkel que, no início do século presente, foi pioneira em uma técnica de estudo bíblico que desde então se tornou procedimento normativo. Reconhecendo que a literatura do Antigo Testamento em particular é uma literatura que existe, em grande parte, isolada da literatura com a qual era contemporânea, Gunkel sugeriu que uma passagem bíblica dada pudesse ser iluminada em comparação com outras passagens de tipo similar .
Gunkel aplicou seu método a várias partes do Antigo Testamento, mas ele usou-o intensivamente no estudo do livro de Gênesis, no qual ele publicou um grande comentário em 1917 e do livro dos Salmos, no qual ele publicou uma coleção de ensaios em 1904 (*Ausgewählte Psalmen*), um influente artigo de enciclopédia em 1913 *("Psalmen"* em *Die Religion em Geschichte und Gegenwart* IV, cols. 1927-1949) e um comentário magistral em 1926 (ver bibliografia).

Nenhuma obra tem influenciado tanto o estudo moderno do Saltério como estes, e todo erudito que lidou com o Saltério nos últimos anos está em dívida com eles. Gunkel não só colocou a pesquisa do salmo em uma base de som; ele antecipou a interpretação dos salmos como poemas compostos para uso na culto culto. Hermann Gunkel é sem dúvida o pai da pesquisa contemporânea do salmo.

Simplificando, o método de Gunkel procura iluminar os salmos da fonte básica e mais rica disponível para nós, os próprios salmos. Gunkel procurou iluminar um salmo dado por um estudo de outros como ele, tentando descobrir os pontos de similaridade em um grupo de salmos de tipo semelhante e também as variações únicas presentes no salmo individual estudado em todo o grupo.

Esse tipo de estudo analítico procura isolar dentro dos salmos no Antigo Testamento um número relativamente pequeno de tipos literários - *Gattungen* (categorias) como Gunkel os chamou. As características desses tipos são determinadas com base em sua

recorrência em vários salmos, e os salmos são então classificados com base nos padrões ou expressões literários característicos recorrentes utilizados neles.

O número de tipos de salmo isolados dos salmos bíblicos depende em grande medida do procedimento empregado no estudo, em particular se as principais categorias com características mais gerais ou categorias menores com características um pouco mais detalhadas devem ser apresentadas. O próprio Gunkel mudou de idéia sobre o número de tipos de salmo enquanto ele desenvolveu seu método, mas chegou finalmente à conclusão de que existem cinco categorias principais e cinco de psiquiatria subsidiária.

Estudos posteriores, aplicando a metodologia de Gunkel, variaram as características dos tipos, multiplicaram o número de tipos subsidiários em particular e sugeriram diferentes classificações para alguns dos salmos. No seu conceito básico, no entanto, o método de Gunkel ainda não foi melhorado. Muitas vezes, ele foi sobrecarregado e às vezes é pressionado para produzir resultados que são mais conjeturas do que pesquisas, mas continua a ser uma ferramenta indispensável para o estudante dos salmos.

Vários cuidados precisam ser mantidos em mente na análise dos salmos em tipos. Em primeiro lugar, o processo é, por si só, um processo artificial, que só pode proceder do que é muito limitado uma amostragem do que deve ter sido a grande coleção de poesia religiosa de Israel. Mesmo quando se acrescenta o crescente mas ainda muito menor corpo de poesia religiosa extra-bíblica de Canaã e outras culturas contemporâneas com a era do Saltério, o número total de poemas ainda é extremamente pequeno.

Em segundo lugar, a análise de tipo desenha conclusões sobre o que a forma literária e o uso devem ter sido baseados no que pode ser observado com o que resta. É verdade que o que resta é o único material para tais conclusões, fato que o procedimento de Gunkel foi brilhantemente descoberto e aplicado. Mas a natureza tentativa e subjetiva dessas conclusões deve sempre ser mantida em mente. Os resultados da análise crítica de forma dos tipos de salmo não são evidências suficientes para justificar o rearranjo, a emenda e a alteração do texto de qualquer salmo que não esteja em conformidade com as formas e padrões literários estabelecidos. Esses resultados devem ser reconhecidos como sugestivos, não definitivos. Que nem sempre foram tão considerados é amplamente atestado por uma violação muito casual do texto dos salmos bíblicos em comentários, monografias,

Finalmente, deve ser reconhecido que cada salmo separado é uma criação literária independente em seu próprio direito relacionado com o padrão do tipo ao qual pertence, com certeza, mas não absolutamente governado por ele. Na verdade, é na variação do padrão e no arranjo de linguagem religiosa necessariamente familiar e recorrente que alguns dos poetas do Saltério alcançam seu maior efeito.

A mensagem específica de cada salmo individual e, na medida em que possa ser determinada, o uso do salmo deve ser considerado junto com o tipo ou categoria a que pertence. Por este motivo, os tipos básicos devem ser grandes tipos, com características amplas exemplificadas em vários salmos. Os tipos subsidiários podem então ser reconhecidos pelo que são, a saber, variações que são, por intenção, expressões poéticas individuais e não em si mesmos novos tipos ou salmos erroneamente transmitidos no texto do Antigo Testamento hebreu.

A seguinte divisão do Saltério em seus respectivos tipos literários considera, portanto, apenas os principais tipos. As variações dentro desses tipos são claras no tratamento dos salmos individuais no comentário. Cada tipo principal é brevemente caracterizado, e

cada salmo julgado como pertencente a um determinado tipo é listado, na ordem em que ocorre no Psalter canônico, por número e pelo título dado no tratamento de comentários que se segue.

Alguns salmos parecem ser uma mistura de tipos, até tal ponto que Gunkel os chamou de *Mischungen* . "Poemas de combinação" (*Einleitung* , pp. 397-404). Muitos comentadores seguem a liderança de Gunkel, efetivamente excluindo alguns salmos de qualquer categorização real e atestando inadvertidamente a dificuldade de pressionar a análise de tipo muito longe. Embora seja verdade que esses salmos exibem uma combinação de expressão literária, eles também demonstram, em cada caso, um propósito dominante. Na visão de que a combinação de formas poéticas é um dispositivo intencional e muitas vezes eficaz, esses salmos são categorizados abaixo de acordo com o que é considerado como principal ênfase.

1. Hinos e salmos de louvor

A maior categoria única de salmos no Saltério é composta de hinos e poemas que louvam, direta ou indiretamente, a Deus. Setenta e quatro dos 150 salmos podem ser considerados pertencentes a esta categoria. Deste número, a maioria são hinos diretos de louvor, geralmente começando com um apelo ao louvor de Deus, continuando com uma justificativa de tal louvor por referência à natureza, atributos e atos de Deus. Vinte e seis salmos podem ser tão categorizados:

8	100	115	146
19	103	117	147
24	104	134	148
29	105	135	149
33	111	136	150
65	113	139	
68	114	145	

Além desses salmos, há hinos que são variantes do hino geral de louvor, porque eles contêm louvores relacionados a um tema específico, porque eles apresentam elogios em contraponto para lamentar, ou porque o louvor neles é um louvor inferido, como um aspecto integral de uma lição de Deus.

Doze salmos são hinos de louvor relacionados à ação de graças, de um indivíduo ou de um grupo:

30	41	92	118
82	66	107	124
34	67	116	138

Oito salmos podem ser considerados poemas de louvor em sua expressão de confiança em Deus:

4	16	27	91
11	23	62	131

Seis salmos são hinos em louvor de Sião como lugar de peregrinação da Presença de Deus:

46	76	87
48	84	122

Seis salmos são hinos de louvor a Deus como rei universal e eterno, um tema soava frequentemente no Saltério:

47	96	98
93	97	99

Quatro salmos apresentam elogios em contraponto à lamentação, movendo-se de um para o outro:

9/10	77
57	108

Onze salmos inferem o louvor de Deus, como parte de uma lição sobre o homem com base no que Deus é:

15	75	82	125
86	78	95	129
50	81	121	

2. Lamentações

A segunda maior categoria de salmos no livro de Salmos é composta por orações de lamentação em meio ao estresse e dificuldade. Dos 150 salmos, 56 são desse tipo, e a maioria deste número são orações individuais de lamentação. Na verdade, existem mais salmos de lamentação individual no Saltério, cerca de 40 no total, do que de qualquer outro tipo não variado - enquanto há mais hinos e salmos de louvor do que lamentos, não há tantos exemplos de um tipo específico de qualquer outro salmo .

Os lamentos individuais decorrem de contextos de sofrimento espiritual, mental, físico e material. Muitas vezes, eles começam com um grito por uma audiência. Às vezes, esse grito é acompanhado de uma expressão de certeza que Deus ouvirá. Sua súplica é a libertação, que é especificada como proteção, cura, justiça, justiça, vingança e perdão. Inherente em quase todos esses lamentos é uma expressão de fé confiante em Deus e um elogio para ele pelo que ele está prestes a fazer, ou, em alguns casos, pelo que ele certamente estará certo a tempo.

Como já foi observado, há 40 lamentos individuais desses:

3	31	56	94
5	35	59	102

6	88	61	109
7	39	63	120
13	40	64	130
17	42/43	69	140
22	51	70	141
25	52	71	142
26	54	86	143
28	55	88	

As lamentações da comunidade são os gritos corporativos da congregação que decorrem de uma opressão experimentada por todos os que realmente adoram Deus ou de alguma catástrofe que afeta todo o seu povo, isto é, a nação em geral. Aqui, até certo ponto, nos lamentos individuais, Deus lembra com frequência que sua reputação está em jogo no maltrato por parte de outros daqueles que são considerados como seus.

Existem 16 desses salmos:

12	58	80	106
14	60	83	123
44	74	85	126

53	79	90	137

3. Salmos reais

Estes são os salmos que têm uma relação direta com o domínio em Jerusalém de Davi e sua dinastia. Eles celebram vários aspectos da instituição e a continuação do domínio davídico, e há todas as razões para acreditar que foram usados repetidamente em conexão com os reis davídicos.

Embora alguns estudiosos relacionem um grande número de salmos com o rei, o número de salmos que podem ser certamente categorizados é relativamente pequeno, não mais de 11 no máximo:

2	21	89	132
18	45	101	144
20	72	110	

4. Salmos de sabedoria

Alguns dos salmos canónicos são o claro contributo dos sábios da academia do Templo, os sábios de Israel que alimentaram e propagaram a teologia tradicional de Israel em um esforço para descobrir o caminho certo. Esses poetas eram uma parte do círculo do qual veio o livro de Provérbios, e seu trabalho caracteriza-se por um estilo didático e uma concentração no bom caminho em contraste com o caminho maligno ou malvado. Embora o estilo e os dispositivos dos sábios às vezes sejam aparentes em partes de outros salmos, os salmos que são claramente seus próprios são nove em número:

1	73	127
37	112	128
49	119	133

VI. A Teologia do Livro dos Salmos

A teologia do livro dos Salmos é, em verdade, a teologia do próprio Antigo Testamento, e é tão diversa, não sistemática e variada. Nem uma tal asserção ocasiona qualquer surpresa, pois o livro dos Salmos é, sem dúvida, o livro mais representativo de todo o Antigo Testamento.
O Saltério apresenta Israel em adoração e é verdadeiramente fé de Israel no hino e na oração. A teologia consagrada nela é, portanto, teologia vital, tão viva e respirante como o louvor e penitência, sofrimento e petição das pessoas cuja expressão religiosa são os salmos. Que tal teologia seja profunda e superficial, um momento celestial e um vínculo terrestre com o próximo, deve ser feito sem dizer.

Não existe neste breve espaço de introdução suficiente para um breve resumo das ênfases teológicas dos salmos. A expressão teológica dos salmos individuais é tratada no comentário abaixo, como ocorre e se repete nos próprios salmos. Mesmo assim, é necessário aqui chamar a atenção para os principais pressupostos subjacentes a todo o Saltério como uma subestrutura geral, pois deste reservatório teológico todos os poetas do sorteio do Saltério.

Antes de mais, deve-se lembrar que o livro dos Salmos conhecido de nós é exclusivamente um Saltério de Jerusalém. Como já foi observado, mesmo aqueles salmos que se originaram fora de Jerusalém, no norte de Israel, ou mesmo fora de Israel, em Canaã, foram, no entanto, transmitidos pelo culto de Jerusalém e, portanto, refletem a adaptação que os tornou especialmente úteis na adoração em Jerusalém. Esse fator, mais a dependência dos salmistas em uma tradição religiosa comum a todo o Israel, fornece uma unidade teológica ao Saltério. Certas ênfases se repetem uma e outra vez; certas asserções são feitas repetidamente; Os mesmos grandes eventos são repetidos repetidamente. Assim, apesar das diferenças naturais, das contradições e dos níveis variantes da teologia nos salmos, existe também **uma** unidade permeável e abrangente.

O tema central da teologia do livro dos Salmos e a ênfase absolutamente indispensável para a compreensão desta teologia é o fato da Presença de Deus. Os poetas dos salmos acreditavam que Deus era vital, até mesmo tangivelmente presente no mundo, e envolvido propositalmente e amorosamente na vida dos homens. Não é demais dizer que quase todas as orações no livro de Salmos são baseadas diretamente ou de alguma forma especificamente relacionadas a esse tema. As petições dos salmos são criadas com a certeza de que Deus ouvirá. Ele é louvado como alguém que ouviu e respondeu a oração, ou como alguém que está certo, porque está presente e se preocupa, para fazê-lo. Na verdade, sua Presença é procurada por si mesma, na crença de que ela só pode trazer alívio e bênção, a resposta a necessidade.

Essa crença na Presença de Deus é o cerne de muitas das afirmações e atos dos Salmos. O oráculo - opinião de Deus, julgamento e resposta - é procurado com a certeza de que ele está presente para ouvir e responder. E ele é representado, nos salmos, como fazendo ambos. O ophany, a representação dramática do advento e a Presença de Deus na adoração, é um testemunho recorrente e vivo da realidade com a qual a sua Presença se sentiu. Certamente, a queixa mais agonizante dos salmistas é o medo deles pela ausência de Deus, e os mais lamentadores dos lamentos são aqueles que dão vazão ao grito frio que a Presença não pode ser percebida, que Deus não está ouvindo e não se aproxima .

O louvor que é tão essencial parte do Saltério é direcionado à Presença de Deus, e é levantado no pressuposto de que ele está próximo e receptivo a ele. Quer se trate de uma expressão de um único indivíduo ou de toda a comunidade de adoração, esse elogio pressupõe a Presença.

O tema da Presença de Deus é, de fato, trazido para os salmos de uma variedade de maneiras, mas em nenhum tão diretamente como no uso dos termos hebraicos que se referem ao rosto (*panim*) de Deus. Esta palavra, nas suas várias formas, não significa no livro dos Salmos o "rosto" de Deus, per se, como por exemplo o rosto de um ídolo. Nem deve ser pensado como uma referência figurativa. O que é pretendido por ela é a proximidade ou a proximidade de Deus, a Presença vital de Deus. Essa ênfase é tão impressionante e tão essencial para uma compreensão do Saltério, que foi uniformemente representada, no tratamento de comentários abaixo, pelo termo Presença. Termos que são efetivamente sinônimo de *panim* em determinadas passagens, como por exemplo "nome" (*shem*) e "glória" (*kabod*), têm no tratamento dessas passagens sido indicado como tal.

Existe uma referência constante nos salmos para a ação de Deus, em nome de todo o seu povo e em nome de um único indivíduo. São citas suas ações maravilhosas na história de Israel, assim como suas ações maravilhosas na vida daqueles que o louvam e pedem. Sempre, essa ação e esses feitos pressupõem sua presença. Deus é louvado como criador, como sustentador, como provedor, como protetor, como força, como libertador, como portador de cumprimento; Mas todas essas ações e os benefícios que elas trazem são pensados como ações e benefícios de sua Presença, resultado de sua atividade pessoal.

A realeza de Deus é declarada, como uma regra contínua, permanente e ininterrupta, universal na realidade, apesar da indiferença de alguns homens. No entanto, ele é rei porque está presente no mundo e está fazendo.

O amor imutável de Deus, a sua persistente e persistente compaixão e carinho pelo homem, é exaltado. Mas é um amor manifesto em ação-ação passada com uma efetividade contínua, ação presente em resposta a novas necessidades e ação no futuro porque o amor é tão normativo como a necessidade. E a ação, novamente, é a ação da Presença.

O testemunho de Deus para o mundo em geral é cantado e, de fato, o mundo inteiro é convidado a se juntar à música. E aqui, acima de tudo, o testemunho é declarado como o testemunho da vida de um povo em meio a quem a Presença habita, pois Deus está encarnado em seu povo.

Esta breve listagem dos principais temas do auxiliar do Saltério para o tema único da teologia da Presença é apenas uma sugestão de suas dimensões. Uma tentativa é feita no comentário que se segue para descrevê-lo mais plenamente no surgimento de sua exposição no salmo após o salmo.

O grande contraponto ao tema da Presença nos salmos é a reação do homem a essa Presença. Como todo aquele homem religioso anseia pela Presença e se esforça para cumprir as exigências da Presença, então todo aquele homem ímpio (o "ímpio" dos salmos) está em rebelião contra a Presença.

Há, portanto, um grande negócio nos salmos sobre o homem em relação à Presença de Deus, e esta relação é representada em termos de polaridade: leal-desleal, obediente-

desobediente. Embora nenhum homem seja representado pelos poetas do Saltério como completamente leal e obediente, a polaridade primária é entre os "justos", aqueles que querem ser leais, os membros da congregação e os "perversos", que não têm intenção de ser leal e de desprezar tanto o ideal quanto aqueles que tentam.

A aliança é o acordo pelo qual os homens prometem sua lealdade a Deus, entre outras coisas. É mencionado ou aludido repetidamente no Saltério, e há uma boa evidência em alguns salmos, evidência corroborada por outras partes do Antigo Testamento, que a congregação periodicamente reconsiderou suas promessas da aliança e as renovou.

A Torá, a lei e a instrução de Deus, é a orientação de Deus para a conduta correta da vida em relação a ele. Também é mencionado repetidas vezes nos salmos. Como o dom da Presença de Deus, a Torá é também o guia dessa Presença, a resposta correta do homem ao fato de Deus no mundo.

Contra a aliança e a Torá e tudo o que representam é o homem perverso, o "tolo", que é inconsciente da Presença e que é derrogatório ou vingativo contra aqueles que o respeitam. A tensão produzida por esta polarização da reação dos homens à Presença deve ser considerada de maneira realista para qualquer compreensão da atitude dos salmistas em relação a esses homens perversos. Eles não são considerados outros inimigos de Deus, e assim os salmistas; os salmistas e, portanto, os de Deus. E, portanto, nenhum destino é muito horrível para eles. Alguns dos poetas do Saltério, de fato, são mais imaginativos e eloqüentes em suas especulações sobre o fim de homens tão perversos.

É claro que a resposta de louvor e petição nos salmos, em todas as suas muitas variações, é também uma reação do homem à Presença, sua atividade e sua realidade. E como pode ser dito que a teologia de Jerusalém da Presença e a avaliação de Jerusalém sobre a reação do homem a essa Presença produziram os salmos que conhecemos, então deve-se dizer que qualquer exposição desses salmos deve ser uma exposição do tema da Presença e o contraponto na reação do homem.

Como já foi observado, não é possível até mesmo listar no espaço limitado disponível aqui a extensão e a profundidade de movimento da teologia evidente nos 150 salmos. O que foi sugerido é apenas o esboço mais curto. Em certo sentido, isso é por necessidade, uma vez que qualquer pesquisa adequada da teologia dos Salmos não pode ser inferior a uma pesquisa de cada salmo registrado no Saltério. Nem isso é desvantajoso, pois a teologia dos Salmos é a teologia viva do verdadeiro culto e só pode ser entendida em relação direta com os poemas vibrantes que o consagram. No comentário que se segue, uma tentativa cuidadosa foi feita para permitir que esta teologia viva fique evidente.

Os salmos são como o mar, sempre e nunca o mesmo em dois pontos. Utilizando as premissas fundamentais da fé do Antigo Testamento, as figuras fundamentais da vida do Antigo Testamento e o ritmo básico do culto do Antigo Testamento, apresentam uma visão universal e particular, tanto grandiosa quanto significativa, tanto divina quanto humana em inspiração. Às vezes, eles são como o surf suave, acariciando levemente a casca mais minúscula, e às vezes eles são como os quebradores, batendo implacavelmente e sacudindo o penhasco mais impetuoso. Agora eles brilham, como o sol dançando na superfície de um mar matinal; Agora, eles se arrastam escorrendo

enquanto as profundezas do oceano se agitam com uma tempestade violenta de meia-noite.
Deus está presente nesses poemas, falando, sussurrando, gritando, rindo e com um efeito igualmente grande permanecendo completamente silencioso. O homem também está presente neles. Ele também fala, sussurra, grita e ri, mas nunca permanece em silêncio. Ele também suplica, confessa, faz desculpas, amaldiçoa e grita.

No sentido real, os salmos são um relato corrente do encontro contínuo de Deus e do homem. Um encontro baseado no que Deus é, tornado inevitável pelo que o homem é, iniciado por Deus, e necessário, se não sempre desejado pelo homem, esse encontro é nada menos que o coração da fé real.

Portanto, não é surpresa que o livro de salmos permaneça o livro mais usado do Antigo Testamento. Pois neles os homens não só conhecem Deus, mas também a si mesmos. E disso, os homens não só podem aprender a encontrar Deus, mas também como antecipar as conseqüências de tal encontro.

Bibliografia selecionada

BARTH, CHRISTOPH. *Introdução aos Salmos.* Trans. RA WILSON. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1966.

BRIGGS, CA *Salmos.* 2 Vols. ("The International Critical Commentary"). Edimburgo: T. & T. Clark, 1906.

ENGNELL, IVAN. "O Livro dos Salmos", *Ensaios Críticos sobre o Antigo Testamento.* Trans, e ed. JT WILLIS e HELMER RINGGREN. Londres: SPCK, 1970.

GUNKEL, HERMANN. *Morre Psalmen.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1968.

-, e JOACHIM BEGRICH. *Einleitung em Die Psalmen.* Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966.

- *Os salmos.* Livros de facetas, séries bíblicas, 19.
Trans. TM HORNER. Filadélfia: Fortress Press, 1967.

HEMPEL, JOHANNES. "Salmos, livro de", *o dicionário dos intérpretes da Bíblia.* Ed. GEORGE A. BUTTRICK. Nashville: Abingdon Press, 1962. Vol. KQ, pp. 942-958.

JOHNSON, AUBREY R. *Sacral Kingship no antigo Israel.* 2d. ed. Cardiff: University of Wales Press, 1967.

-. "Os Salmos", *o Antigo Testamento e o Estudo Moderno.* Ed. HH ROWLEY. Oxford: The Clarendon Press, 1951.

KIRKPATRICK, AF *O Livro dos Salmos.* ("The Cambridge Bible for Schools and Colleges"). Cambridge: University Press, 1903.

KRAUS, HANS-JOACHIM. *Psalmen.* 2 Vols. Neu-kirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag des Erziehungsvereins, 1966.

-. *Adoração em Israel.* Trans. G. BUSWELL. Richmond: John Knox Press, 1966.

CORDEIRO, JA *Os Salmos em Culto Cristão* . Londres: The Faith Press, 1962.

LESLIE, EA *Os salmos.* Nashville: Abingdon Press, 1949.

LEWIS, CS *Reflexões sobre os Salmos.* Londres: Fontana Books, Collins, 1958.

MANATTI, M. & É. DE SOLMS. *Les Psaumes.* Cahiers de la Pierre-Qui-Vire. 4 Vols. Paris: Desclee de Brouwer, 1966-1968.

MOWINCKEL, SIGMUND. *Os Salmos no Culto de Israel.* 2 Vols. Trans. DR APTHOMAS. Oxford: Basil Blackwell, 1962.

OESTERLEY, WOE *Os Salmos.* Londres: SPCK, 1939.

RINGGREN, HELMER. *A fé dos salmistas* . Londres: SCM Press Ltd., 1963.

ROBINSON, THEODORE H. *A Poesia do Antigo Testamento,* 1947.

SENDRY, ALFRED. *Música no antigo Israel.* Nova York: Biblioteca filosófica, 1969.

WEISER, ARTUR. *Os Salmos: Um Comentário.* Trans. H. HARTWELL. ("A Biblioteca do Antigo Testamento") Londres: SCM Press Ltd., 1962.

WESTERMANN, CLAUS. *O Louvor de Deus nos Salmos.* Trans. KR Crim. Richmond: John Knox Press, 1965.

Comentário sobre o texto

1. Um salmo sobre o homem sábio

O Salmo 1 tem sido considerado um prólogo prático do Saltério, resumindo como faz o caminho dos justos, com suas recompensas, e representando em contraste o caminho dos ímpios. Ambos são temas, afinal, ao qual o livro dos Salmos não dedica pouco espaço. Na verdade, este salmo pode ter sido considerado uma espécie de prólogo pelos compiladores do Saltério, pois em algum MSS hebraico não está numerado; em outros é combinado com o segundo salmo, que é contado como o primeiro salmo em algumas tradições. Se o salmo foi composto para este propósito ou simplesmente selecionado de uma coleção existente não é conhecido, mas a última possibilidade parece mais provável.

O salmo é um produto dos sábios de Israel. Pertence a um grupo de salmos contribuídos por esses homens e geralmente referidos como "salmos da sabedoria". Existem nobres salmos no livro dos Salmos (1, 37, 49, 73, 112, 119, 128, 127, 133) e partes de salmos adicionais pertencem claramente ao mesmo gênero (ver Salmo 19: 7-14). Estes poemas são de natureza uniformemente didática e glorificam a lei (*torah*) na sua concepção mais ampla. Eles são calorosos em seu louvor ao homem que entra no caminho de Javé, e despreocupado em sua condenação daquele que se afasta dessa maneira.

Na natureza do caso, esses salmos tratam de princípios que são fundamentais e de aplicação geral e, portanto, não é surpreendente que este exemplo perfeito do tipo deve ser estabelecido no início do livro, que aprofunda as emoções de Israel e engloba sua teologia . Ele define um padrão nítido, mas não exige limitações, para o que está por seguir.

O poeta começa com uma declaração direta de seu tema; Sua preocupação é a situação do homem mais exigente, por que essa situação é como ela é, e contrasta com a do homem perverso e despreocupado. Tudo isso está contido, na forma de kernel, na primeira linha - sete palavras em hebraico.

Essa compacidade, característica de todo o poema, é geralmente uma característica da poesia da sabedoria como um tipo literário no Antigo Testamento, embora nem sempre seja tão habilmente forjado como aqui. No auge de seis versos, este poeta administra um uso significativo de nada menos do que cinco dos mais importantes termos teológicos do Saltério: iníquos, pecadores, leis, julgamentos e justos.

[1] Bem-aventurado o homem

que não anda no conselho dos ímpios,
nem se interpõe no caminho dos pecadores, nem se senta no assento dos escarnecedores;
[2,] mas o deleite é na lei do Senhor,

E em sua lei ele medita dia e noite.
[3] Ele é como uma árvore

plantado por córregos de água,
que produz frutos em sua estação,
e sua folha não murcha.
Ele prospera em tudo que faz.
[4] Os ímpios não são assim,

mas são como a palha que o vento afasta.
[5] Portanto, os ímpios não permanecerão no juízo,

nem pecadores na congregação dos justos;
[6] pois o Senhor conhece o caminho dos justos,
mas o caminho dos ímpios perecerá.

Bem-aventurado, diz o poeta, "é o homem que não conduz a sua vida com o conselho dos ímpios". E ele procede a multiplicar o impacto desta verdade, afirmando-o duas vezes mais, para formar um triplo paralelismo. Este homem feliz não permanece na estrada dos pecadores, e ele não se sente no hangout dos scorners. Assim, ele não segue o conselho nem o exemplo daqueles que são indiferentes a Deus, e ele não permanece em sua comunhão.

Seu tema detalhado de forma concisa, o salmista passa para o porquê: esse homem feliz tem um melhor conselho. Na verdade, seu prazer (ou mesmo negócios) está na instrução de Yahweh, e ele medita nesta instrução o tempo todo. A lei é usada aqui não no sentido restrito e legalista que às vezes tem nos últimos livros do Antigo Testamento, um sentido que muito frequentemente se entende em muito do Antigo Testamento. Isso significa, como faz com maior freqüência na Bíblia, a instrução, o ensino, a orientação, até a revelação de Javé. É uma instrução em que o homem feliz é um grande prazer; Ele considera relevante para tudo o que ele faz e considera dia e noite.

Este resultado do padrão de vida do homem sábio é a próxima preocupação do poeta. Ele já sugeriu isso na primeira palavra do salmo, abençoado. Agora o amplifica no lindo símile de uma árvore transplantada. Ele é como uma árvore onde as correntes de água se juntam. Ele regularmente produz seu fruto no horário, e sua folhagem não é para sempre pendurada. Assim, tudo o que ele faz continua sendo bem sucedido.

Não é assim com os ímpios - como de fato o poeta implicou na v. 1 . Eles, em um contraste vívido, são mais como o lixo que o vento sempre está espalhando. Assim, é que os ímpios não podem permanecer no lugar onde justiça e direito são, nem pecadores na família dos justos. Não podem porque seu caminho é antitético para Deus, e ele os conhece como estão. Como ele sempre conhece o caminho daqueles que são honestos, ele também sabe que o caminho daqueles que são perversos não leva a lugar nenhum.

Assim, o salmista traz seu poema ao fim, explicando o contraste que ele implicou em sua linha inicial. Embora existam conhecimentos de um juízo escatológico no v. 5 , este não é o principal significado do poeta. Este salmo é enquadrado no contexto da vida presente; e o lugar da justiça e do direito, como o caminho dos pecadores e o repouso dos escarnecedores, deve ser pensado como parte da vida cotidiana. O interesse do salmista, afinal, está no caminho que o sábio observa, em contraste com o modo como os ímpios vivem *agora* .

• O fundo deste salmo é o ensinamento de sabedoria do Antigo Testamento. Isso não significa, no entanto, como Mowinckel (II, 111-114) sugeriu, que o salmo não tinha uso no culto real do culto em Jerusalém. A hinoleda moderna usa muitos desses poemas didáticos, e não existe uma boa razão para negar ao uso hímico um salmo tão impressionante como este.

A teologia do salmo, com a separação clara dos caminhos respectivos dos justos e do mal e a simples expectativa de uma recompensa apropriada para cada um deles, é característica da literatura da sabedoria e é uma convicção expressa amplamente no Antigo Testamento. É uma visão que se repete, por exemplo, nos Salmos 37 , 49 , 73 , 112 . Mas também é uma visão que, por vários motivos, entrou em conflito. Alguns (por exemplo, o autor do livro de Job) sentiram que a vida nem sempre se encaixava no padrão presumido por tal teologia. Outros, que aceitaram a teologia, não poderiam, portanto, entender a descida de várias calamidades em suas cabeças - assim os poetas dos Salmos 10 , 26 .

Este assunto é, naturalmente, muito complexo para um tratamento adequado aqui; mas deve ser sugerido, pelo menos, que a compreensão popular da teologia representada neste salmo às vezes esteja longe da intenção do poeta. Principalmente, afinal, duas recomendações são feitas: (1) que um homem faz a revelação de Deus uma fonte de reflexão constante e (2) que um homem siga com cuidado o caminho que essa reflexão sugere. Estes estão entre as ênfases cardinais do Saltério e são igualmente bons conselhos hoje.

2. Um salmo de autoridade do rei de Deus

O salmo 2 é o primeiro de uma série de salmos que são freqüentemente chamados de "salmos reais" por causa da relação direta que eles têm em todos os casos com a dinastia davídica em Jerusalém. Seu contexto é a regra desses reis como ungidos de Javé, ou seja , seus messias e estão ligados a vários aspectos e problemas dos reinados dos reis

sucessivos da linha de Davids. Há boas razões para acreditar que esses salmos foram usados repetidamente no culto culto, pois, embora os reis fossem, é claro, indivíduos diferentes, Cada um deles era o mesmo que o ungido de Javé, assim como David era. E, embora as circunstâncias da história mudassem, os problemas enfrentados por cada rei e os recursos com os quais ele estava equipado para encontrá-los permaneceram basicamente o mesmo.
O contexto específico deste salmo é provavelmente a adesão de um dos reis davídicos ao trono. O rei anterior estava morto; um regime novo e não experimentado estava chegando ao poder. O tempo parecia maduro para uma explosão de agitação política geral e uma afirmação de independência de vizinhos e talvez também de países vassalos.

Neste contexto, o rei davídico afirma o primado da autoridade em que se baseia sua própria realeza, uma autoridade que colocou seu governo em uma perspectiva completamente transcendente da de seus concorrentes. É uma autoridade de fato que eles não podem evitar, e uma que eles tiveram melhor e, em breve, respeitar.

[1] Por que as nações conspiram,

e o enredo dos povos em vão?
[2] Os reis da terra se estabeleceram,

e os governantes tomam o conselho juntos,
contra o Senhor e seu ungido, dizendo.
[3] "Vamos explodir os seus laços,

e lançar suas cordas de nós ".
[4] Aquele que se sente no riso dos céus;

***O Senhor os** tem com escárnio.*
*[5] Então ele falará com eles em sua **ira,***

e aterrorizá-los com sua fúria, dizendo:
[6] "Eu coloquei meu rei

em Sião, meu monte sagrado ".

É para o espanto completo do salmista que surgiu qualquer tumulto. Ele pergunta com incredulidade: "Por que razão as nações estão fazendo tal clamor?" Por que, de fato, os "povos no exterior" fazem "murmúrios tão vãos?" Os reis da terra - a frase é usada de forma bastante deliberada - estão tomando seu estande, todos eles iguais, "contra o Senhor e seu ungido". Eles dizem: "Vamos rasgar seus laços e tirar nossas cordas!"

Para Yahweh, todo esse som e fúria é ridículo. O Senhor ri daqueles reis da terra fracos, diz o poeta, e faz esporte deles. Então sua indignação sobe; Ele "aborda-os em sua ira, e em sua ira os aterroriza!" E o Senhor se dirige a esses rebeldes inquietos: "Eu sou [tornado enfático em Heb. escrevendo duas vezes] que designaram *meu* rei sobre Sião, o monte da minha santidade! "O contraste entre estas palavras ea frase dos reis da terra é vívido - esses descontentes rosnados são apenas reis da terra. O rei que eles se opõem é o próprio rei de Javé, consagrado pelo próprio Javé.

7 *Vou contar* ***o decreto*** *do* ***Senhor:***

Ele me disse: "Você é meu filho,

hoje eu generei você.
8 *Pergunte-me, e farei das nações a sua herança,*

e os fins da terra sua posse.
9 *Você os quebrará com uma vara de ferro,*

e jogue-os em pedaços como um vaso de oleiro.
10 *Agora, pois, ó reis, seja sábio;*

seja avisado, ó governantes da terra.
11 *Sirva o Senhor com medo,*

com beija trêmula seus pés,
12 *para que ele fique bravo, e você perece no caminho;*

Pois sua ira é rapidamente acesa.

Bem-aventurados todos os que se refugiam nele.

Tendo citado o Senhor como a autoridade ordenadora do seu direito de governar, o rei procede a elaborar este ponto. "Vou relacionar o decreto de Javé - ele me disse: 'Meu filho você é; *Eu* [novamente enfático] que este dia o adotei! "Literalmente, o rei relata que o Senhor disse, gerou você (trouxe você). Mas que o rei davidico foi pensado como o filho "nomeado" ou "adotado" de Javé, um dom da graça de Javé e não o rei por qualquer direito de primogenitura, é claramente estabelecido por passagens como 2 Samuel 7: 8-16 ; Salmo 89: 19-37 ; 1 Crônicas 28: 2-7 . Os reis davídicos não devem ser pensados como divinos, como se acreditava que os reis do Egito ou de Canaã eram; Em vez disso, eles são reis por uma nomeação que pode ser revogada.

O relatório do rei do decreto de Yahweh continua; O rei tem que pedir a Javé, e ele receberá as nações como sua herança e os fins da terra como sua propriedade. Eles estarão no poder do rei, e ele os lançará em pedaços com uma equipe de ferro, esmagando e destruindo-os como um "rejeitar" de um oleiro.

Não há poucos lucros na pesquisa, assim como os comentadores mais antigos, para um rei davídico cujo império se encaixa nesta descrição. Fazer isso, de fato, é perder o ponto real do salmista. Ele não está recontando história; Em vez disso, ele está representando o poder ilimitado de Javé sobre toda a terra e todos os reis e povos nele. O rei davídico pode fazer estas coisas, porque ele só é nomeado pelo próprio Senhor para ser o filho de Javé. Assim é que, no conselho que se segue, os governantes descontentes são informados sobre quem temor: Yahweh, e não o seu "ungido".

Portanto, o poeta diz aos reis e aos governantes da terra - novamente, a limitação deliberada - para "ser prudente" (iluminado, sábio) e "repreender". Eles são aconselhados a servir a Javé com admiração e a terrível terror para beije seus pés. Eles não estão em posição de assumir posições rebeldes, nem mesmo mostrar indiferença silenciosa. Eles devem fazer uma satisfação entusiasmada do tipo mais sincero. Caso contrário, a ira de Yahweh pode continuar, e esses rebeldes irão perecer em suas trilhas, "porque sua ira se acende rapidamente".

No entanto, no entanto, é a grande parte daqueles que confiam em Yahweh; pois eles são realmente abençoados (ver 1: 1 ss.). Assim, a advertência do rei, como também a sua autoridade, provoca o que é Yahweh e escolhe daí para fazer.

• O salmo 2 , por sua natureza, se prestou a especulações consideráveis pelos comentaristas em relação à sua configuração na adoração. Numerosas sugestões foram feitas sobre qual das suas linhas foi realmente falada pelo rei, que por um sacerdote ou um profeta. Alguns propuseram sacerdotes, devidamente vinculados e imitando o descontentamento, tomando a parte dos reis da terra (v. 2). Interessante, porém, tal especulação pode ser, pode ser só isso. No que diz respeito a este salmo, não há nenhuma razão convincente para o próprio rei, embora talvez usando linhas compostas por um poeta do tribunal / templo, não pudesse recitar todo o salmo, citando, por sua vez, os governantes dissidentes e Yahweh nos pontos apropriados .

O ponto dramático do salmo tem que fazer, afinal, com Deus. O rei de Deus, em contraste com os reis da terra, é apenas um meio designado de seu governo. O que os homens distinguem de Deus não pode ser nada e é simplesmente ridículo.

Assim, o salmista propõe como uma conclusão inevitável que o Senhor é, de fato, Senhor sobre toda a terra, que o rei davídico é seu representante especialmente designado e abençoado, e que a oposição ou a lealdade de qualquer reis ou povos é realmente relevante apenas para sua situação, não a Deus ou ao seu ungido. Não é que Deus seja indiferente aos reis da terra - longe disso e bem ao contrário: do fato de que eles fariam bem, de fato, para se alertarem ativamente.

3. Um apelo de confiança para obter ajuda

Este primeiro hino da coleção "Davidic" é um grito confiante de ajuda diante das dificuldades esmagadoras. Não só o poeta é perseguido, mas os inimigos lhe disseram que essa esperança restante é inválida. No entanto, ele continua confiante e imperturbável (v. 5) porque ele depende do Senhor. O poeta parece ser um dos reis davídicos, talvez o próprio Davi, e a configuração do salmo foi, sem dúvida, Jerusalém e o lugar da presença de Javé no monte de Sião (ver v. 4).
O título do Salmo 3 é a primeira inscrição do Saltério e, portanto, o primeiro a empregar os termos *mizmor* e *l e dawid* ("Salmo de Davi"). O termo anterior, que ocorre 57 vezes no Antigo Testamento, sempre no Saltério, refere-se provavelmente a um salmo cantado ao acompanhamento musical, e pode ser traduzido como "salmo" ou "canção sagrada".

A frase pré-posicionável *l e dawid* ocorre nos títulos de 74 salmos. Literalmente traduzido, pode significar "de", "para", "para", "em relação a", "pertencente a" David. Embora seja mais provável que alguns dos salmos com esta frase sejam de origem davídica, ou é de ou de Davi, a frase não é, de fato, uma designação de autoria, mas sim a subculpa a partir da qual esses salmos foram tomados na compilação do livro dos Salmos (ver Int.). Assim, a frase é melhor compreendida como Davidic, do hinário davídico, ou simplesmente Davids.

O Salmo 3 também é o primeiro salmo no Saltério a suportar o misterioso termo *Selah* , sobre o qual os estudiosos escreveram muito, mas sobre o qual eles derramaram pouca luz. Ocorre 71 vezes no livro de Salmos, em 39 salmos separados, e 3 vezes no livro de Habacuque (3: 3 , 9 , 13). Mais freqüentemente, *Selah* foi realizada para se referir a

uma pausa, seja por um interlúdio musical ou silêncio; um "levantamento" de voz (s) em louvor; um sinal para que a congregação se prostrasse; um choque alto dos pratos; e uma palavra que significa "para sempre" para ser gritado pela congregação. O fato é que o significado real de *Selah*ainda não foi descoberto, e é melhor definido tentativamente como uma instrução litúrgica / musical de algum tipo. Como *Selah* , como os títulos, é claramente uma notação marginal estranha ao conteúdo real dos próprios salmos, adicionada muito mais tarde do que a sua composição original, não representa um problema de grandes dimensões.

A assinatura conecta o salmo com Davi e a rebelião e tentativa de *golpe* de seu filho Absalão (2 Sam. 15-19). Como os títulos foram afixados aos salmos séculos após os próprios salmos serem escritos, tais informações não são, na melhor das hipóteses, mais do que especulações. O conteúdo deste salmo não verifica nem exclui a sugestão do título. David pode ter composto o salmo depois da revolta de Absalão. Os sucessivos reis davídicos provavelmente usaram o salmo para atualizar a ajuda anterior de Yahweh e também para exigi-lo em suas próprias necessidades atuais.

Um salmo de Davi, quando ele fugiu de Absalão, seu filho.

1 Senhor, quantos são meus inimigos!
Muitos estão se levantando contra mim;
2 muitos estão dizendo de mim,
não há ajuda para ele em Deus. Selah
3 Mas tu, Senhor, és um escudo sobre ***mim,***
minha glória e o levantador da minha cabeça.
4 Eu choro em voz alta para o Senhor,
e ele me responde da sua santa colina.
Selah
5 Eu me deito e dorme;
Eu acordo novamente, porque o Senhor me sustenta.
6 Não tenho medo de dez mil pessoas
que se puseram contra mim ao redor.
7 Levante-se, Senhor!
Entregue-me, ó meu Deus!
Pois você feriu todos os meus inimigos na bochecha,
Você quebrou os dentes dos perversos. 8 A libertação pertence ao Senhor;
A tua benção seja sobre o teu povo! Selah

O poeta começa sua oração com uma lamentação da natureza de seus problemas. Seus adversários se tornaram abundantes. Muitos deles cresceram ousado o suficiente para se opor a ele. Muitos deles até mesmo estão dizendo, em referência a sua própria vida, "Nenhuma libertação para ele em Deus!" Assim, eles estão negando sua única fonte de ajuda infalível.

Mas o salmista não terá nada disso; Ele confia em Javé, que é um escudo sobre ele, sua própria honra, e aquele que levanta a cabeça, isto é, exalta sua pessoa. O poeta mostra através do uso de verbos imperfeitos que tanto sua oração para Yahweh quanto as respostas de Yahweh são para ele ações habituais e contínuas. É na confiança de tal relação com Yahweh - uma relação de longa data - que ele pode desconsiderar as opiniões de seus inimigos de onde está sua ajuda. Apesar do tumulto que o ameaça, ele pode deitar-se e cair diretamente para dormir. Depois de seu descanso, ele pode acordar e ressuscitar, ou seja, entrar nos dentes do dia difícil que o aguarda, porque Yahweh continua apoiando-o. Então, ele não tem medo de uma miríade de pessoas que estão contra ele ao redor.

Assim, o salmista vem a sua petição: "Levanta-te, Javé! Entregue-me, meu Deus! "É um apelo à intervenção da Presença de Yahweh. O salmista pede a Javé para lutar não apenas para seus próprios inimigos, pois eles também são inimigos de Javé. E ele pergunta sabendo que o Senhor já fez tanto: os verbos em v. 7 *b* e *c* são perfeitos e se referem a uma ação completada - um fato que a tradução do RSV não deixa claro.

Seu lamento feito, sua afirmação proferida, e sua petição levantada, o poeta volta à confissão e a uma benção do povo. A libertação é de Yahweh. A implicação é que ele irá exercê-lo como ele entender. Com isso, o salmista está disposto a suportar, e ele fecha sua oração, convidando a benção de Javé sobre seu povo. A benção de Javé é o que o rei deseja para todo o povo; Yahweh sozinho sabe qual a forma que levará.

• Se o Salmo 3 se refere ao tempo do último problema de Davi com Absalão ou não - e há algumas implicações atrativas em tal aplicação - parece muito provável que sua configuração fosse Jerusalém e que seu autor fosse um rei da linha Davidic ou o representante de um tal rei. Alternativamente, é claro, poderia ser proposto que o poeta deste salmo fosse simplesmente um fiel devoto de Javé sob ataque de inimigos (ver Salmo 5), mas essa identificação deixa sem resposta mais do que responde, particularmente em vista do aparente número dos adversários e o idioma da vv. 3-4 , 7-8. A visão aqui tirada é que o poeta certamente foi um dos sucessores de David e muito possivelmente o próprio David.

4. Confiança, apesar das críticas

A fé honesta em Deus é em qualquer época uma benção. Nunca é mais do que em tempo de dificuldade, mas, em tais momentos, a própria fé torna-se frequentemente difícil. Bem-aventurado, de fato, é o homem cuja fé é tão vital que ele pode usá-lo para ajudar os outros, mesmo seus detratores, nos momentos mais difíceis. O poeta deste salmo do hinário de Davi possuía tal fé. Pouca coisa pode ser conhecida das circunstâncias difíceis que o perturbaram e seus amigos, e nada é conhecido de sua identidade. No entanto, sua contribuição é a afirmação de uma fé que não será dissuadida; Ele brilha através deste adorável salmo como um farol.
"Para o maestro do coro" (maestro de condutor ou música) ocorre pela primeira vez no título deste salmo. No geral, ocorre nos títulos de 55 salmos e, embora tenha sido interpretada de diversas maneiras, é melhor entendido como uma nota para o músico chefe em qualquer serviço que alguma instrução útil para ele é seguir imediatamente. Então, neste salmo: "com instrumentos de cordas". Isso se refere provavelmente a um fundo musical silencioso fornecido por um ou um conjunto de

instrumentos como o *kinnor* (lyre, Salmos 150: 3 ; 49: 4) eo *nebel* (harpa, Salmos) 150: 3 ; 81: 2). No Salmo 5 , "para as flautas", e no Salmo 9, "De acordo com Muth-labben" (sobre a morte do filho, aparentemente um título de melodia), são as instruções seguindo esta frase no título.

Para o corista: com instrumentos de cordas.

Um salmo de David.
[1] *Responda-me quando eu chamo, ó Deus do meu direito!*

Você me deu espaço quando estava em perigo.
Seja misericordioso comigo e ouça minha oração.

O salmista começa sua afirmação com uma nova oração e um testemunho da libertação do passado. Ele aborda a oração ao Deus de sua "justiça na vida e na fé", e levanta uma resposta. Deus já o entregou antes: "Você me fez igual à pressão". Ele agora pergunta novamente, e com confiança, que Deus seja gentil e ouça sua oração.

[2] *Ó homens, por quanto tempo minha honra sofrerá* ***vergonha?***

Por quanto tempo você vai adorar palavras vãs e buscar mentiras? *Selah*
[3] ***Mas sabe que o Senhor separou o divino para si mesmo;***
O Senhor ouve quando eu chamo para ele.

A descontinuidade abrupta de v. 2 com a oração que a precedeu pode significar que a ordem original do salmo não é preservada, ou que algo caiu entre os dois versos, ou mesmo que v. 1 é uma adição ao original poema. Pode também refletir o desejo do poeta de representar seu próprio padrão de pensamento: da petição e do testemunho ao pensamento daqueles que são indiferentes a Deus para pensar em seus próprios amigos duvidosos e voltar para sua própria afirmação de fé, apesar da dificuldade. As orações dos homens raramente são modelos de concentração ou clareza lógica à medida que a mente muda de uma preocupação para outra. Assim, o salmista pode estar pensando em dois grupos duvidosos e sua própria afirmação para cada um deles; e sua oração de v. 1 pode ser pelo sucesso de sua causa com o indiferente e o duvidão.

Os filhos do homem (homens) são aqueles que são indiferentes a Javé, que não tem tempo para ele. Podem ser homens de alguma posição, por nascimento e / ou riqueza; ou podem ser simplesmente aqueles em geral que não têm interesse vital em Deus. Eles envergonharam a reputação do poeta, talvez fazendo o esporte de sua fé; eles continuam amando o vazio e exigindo o engano. A estes, o poeta afirma que "o Senhor maravilhosamente fez seu amor imutável por mim", e que suas petições para o Senhor não são em vão. O Senhor sempre o ouve quando ele "chama" para ele. Assim, eles podem zombar, mas suas práticas estão enraizadas na realidade duradoura.

[4] *fique bravo, mas não perca;*

comunique com seus próprios corações em suas camas e fique em silêncio. *Selah*
[5] *Ofereça sacrifícios certos,*

e confie no Senhor.
[6] *Há muitos que dizem: "Ó que podemos ver algum bem!*

*Levante **-se** à luz do teu rosto sobre **nós,** ó Senhor!"*
7 Você colocou mais alegria no meu coração

do que eles têm quando o seu grão e vinho abundam.
8 Em paz, eu vou deitar e dormir;

***pois você está sozinho,** Senhor, faça com que eu fique em segurança.*

A atenção do salmista é transformada ao lado de seus amigos que, no momento da dificuldade, estão tendo dúvidas. "Venha aos seus sentidos" ou " *agite-se* , *tremule* " é o significado de estar bravo (*rigzu*), aparentemente uma tradução muito pobre do hebraico. Então o salmista diz-lhes não pecar (parar de pecar). Eles precisam ter um olhar cuidadoso e privado em si mesmos e ser menos rápidos em reclamar. Esses amigos podem ter mantido as formas designadas da fé e, em seguida, esperavam um rico retorno sobre seu investimento escasso. Eles devem oferecer sacrifícios justos, ele lhes diz, e confiar em Yahweh.

Seus pensamentos se voltam para o que ele ouviu esses amigos dizerem: "Quem nos mostrará o bem?" "O Senhor nos escondeu a luz da sua Presença". Com a vivacidade em contraste é a própria experiência dele: Javé deu ao seu coração mais alegria do que seus contemporâneos teriam uma estação do dobro da colheita usual. E, apenas a partir desta afirmação, é claro quão diferentes são as prioridades do salmista dos seus.

A mente do poeta volta à afirmação com que ele começou. Apesar da turbulência sobre ele, apesar do indiferente e do duvidoso, ele pode se contentar. Com uma paz que vem da realização, ele pode deitar-se e adormecer imediatamente, "porque você, Senhor, você só me faz habitar em segurança." Por causa do Senhor, o poeta pode confiar, venha o que pode. A segurança vem da confiança em Deus. E com a compaixão nascida de tal comunhão com Deus, o poeta deseja o mesmo para todos os homens.

• Que este salmo foi associado na antiguidade com o culto é claro a partir do seu título. Que estava intimamente relacionado com a adoração do culto de Jerusalém é claro a partir da sua língua (nota em particular vv. 1 , 3-4 , 6 , 8). Se foi originalmente escrito para uso cultual e se, como foi mantido, seu autor era um sacerdote são questões irrespondíveis e relativamente sem importância.

O que é de vital importância, no entanto, é o testemunho de fé do Salmo no amor imutável de Deus, a sua aderência à reflexão madura e privada, a recomendação das prioridades certas e a imagem do sono da realização. Isso traz à tona quatro fotos de nosso Senhor: adormecido na fúria da tempestade no Mar da Galiléia (Mt 8:24), retirando-se muitas vezes em oração solitária (Mt 14:23), dizendo aos discípulos: "Procurem primeiro . . "(Mateus 6: 33), e se comprometer no Jardim com os cuidados do Pai (Mateus 26:39).

5. Uma oração pela ajuda e orientação de Deus

O humor básico do Salmo 5 é afirmação. O poeta afirma sua certeza de que Deus o ouvirá, sua crença na oposição de Deus à perversidade e sua confiança na bondade de Deus para ele. A partir dessas afirmações prosseguem os pedidos do poeta: que sua oração seja ouvida; que os ímpios sejam tratados; e que Deus o entregue, guie e proteja-o.

O salmo pertence à coleção davídica, mas não pode estar relacionado com a vida de nenhuma figura específica do Antigo Testamento. Seu cenário era provavelmente o Templo em Jerusalém, e seu autor um membro fiel da comunidade de adoração lá (ver v. 2-3 , 7).

A instrução "para [sobre] as flautas" na maré do salmo provavelmente se refere ao acompanhamento musical especificado para o salmo em algum período de sua história, talvez quando a coleção Davidic foi feita, ou em um momento posterior. O instrumento especificado, *n ᵉ chilah* , é provavelmente uma variação do *chalil* , uma flauta de junco ou dupla tubulação.

Para o corista: para as flautas. Um salmo de David.
*¹ Dê **ouvidos às minhas palavras,** ó Senhor;*

preste atenção no meu gemido.
² Ouça o som do meu choro,

meu Rei e meu Deus,

Para você, eu rezo.
*³ Ó Senhor, pela manhã, ouve a minha **voz;***

pela manhã preparo um sacrifício para ti, e observo.
*⁴ Porque não és um Deus que se delicia com a **iniqüidade;***

o mal não pode ficar com você.
⁵ O júbilo não pode ficar diante dos teus olhos;

Você odia todos os malfeitores.
⁶ Destrói aqueles que falam mentiras;

O Senhor abomina homens sanguinários e enganadores.
⁷ Mas eu, através da abundância do amor íntimo

entrará em sua casa,

Eu adorarei para o teu templo sagrado no temor de ti.

O salmo abre com um súbito pedido para que o SENHOR ouça os enunciados do poeta e "preste atenção" à sua "oração murmurada". Talvez o significado seja balbuciando, interrompendo a oração; certamente não é o seu gemido. A representação do NEB é especialmente feliz: "Considere a minha oração meio formada". Ele está dando um grito de ajuda a Javé, que é dirigido como meu Rei e meu Deus e que é convidado uma terceira vez para ouvir com atenção, como a oração é dirigido apenas a ele. No início da manhã, o Senhor ouvirá sua voz, afirma o salmista. No início da manhã, isso é na hora do sacrifício da manhã (Ex. 29:39 f.), ele preparará para Yahweh e mantê-lo-á atento para ele. O poeta antecipa claramente uma experiência da Presença auxiliar de Yahweh de alguma forma, talvez por meio de um oráculo, talvez até na teofania.

O poeta passa a uma afirmação de sua compreensão das qualificações para a experiência e a ajuda que ele está buscando. O Senhor não se agrada na maldade e não habita com o mal (ou com um homem maligno). Insolente, gozando de pessoas não tem posição alguma na Presença de Javé, que odeia todos os "praticantes do pecado". Na verdade, o

Senhor aniquilará aqueles que falam decepção; ele detesta o homem de ações sangrentas e enganar

Por inferência, o poeta, desejando a comunhão de Yahweh, escrupulosamente evitou os pecados que ele listou. Mas não é pelo seu próprio esforço que ele possa, em contraste com os ímpios, continuar entrando na casa de Yahweh. Em vez disso, é como resultado de "a abundância do seu amor imutável" (*chesed*), um amor que os ímpios por seus caminhos mostram uma falta de vontade para aceitar. O poeta, que conhece esse amor, se arca em adoração "para o templo da sua santidade em reverência por você".

8 ***Ligue-me,*** *Senhor, na sua justiça*

por causa dos meus inimigos;

faça o seu caminho direto diante de mim.
9 *Pois não há verdade na sua boca;*

seu coração é destruição,

a garganta é um sepulcro aberto,

Eles lisonjeiam com a língua.
10 *Faça-os suportar sua culpa, O Bacalhau;*

deixe-os cair por seus próprios conselhos;

Por causa de suas muitas transgressões expulsá-los,

porque se rebelaram contra ti.
11 *Mas todos os que se refugiam em ti se regozijem,*

deixe-os cantar de alegria;

e você os defende,

que os que amam o teu nome podem exultar em ti.
12 *Pois bendize o justo, ó Senhor;*

Você o cobrirá com um favor como com um escudo.

Assim, o salmista vem à sua principal petição - é para orientação. O caminho certo, nunca fácil de discernir, é ainda mais difícil para ele por causa daqueles que ele chama de inimigos (lurkers). Eles estão esperando, talvez para desviar-se, talvez até para prejudicar. O conflito em vista aqui parece ser o conflito geral e interminável entre aqueles que tentam seguir o caminho de Deus e aqueles que o ignoram, e não o inimigo vicioso descrito em outros salmos (por exemplo, Salmos 7 , 55 , 64). Assim, o salmista pede orientação na justiça de Javé e reza para fazer reta, isto é, facilmente discernível, "diante de mim, seu caminho".

Para sustentar a necessidade dessa orientação, o poeta caracteriza os lurkers e, pode-se supor, o tipo de orientação que ofereceram. Nada em seus lábios é confiável. Dentro deles está a corrupção. O que eles dizem é um verdadeiro convite ao túmulo. Sua língua tira tudo de tudo.

Pela primeira vez, e por sua própria e vívida descrição desses "smoothies" enganadores, o salmista pede mais do que orientação.

"Mostre-os para serem culpados, Deus!

Deixe-os cair de sua própria conivência!
Na abundância de sua própria rebelião, expulse-os! "

No entanto, o salmista pede isso não por sua própria vingança ou satisfação, mas porque esses homens perversos se rebelaram contra você (desprezado).
Que o poeta está muito mais preocupado com a sua própria necessidade de orientação do que para o destino dos ímpios é mostrado com a rapidez com que ele se volta agora para uma descrição contrastante daqueles que confiam em Yahweh. Eles se regozijarão e gritarão de alegria "na previsão". O Senhor abrigará aqueles que amam seu nome, e eles irão exaltar nele. Na verdade, o Senhor continua abençoando o justo, que trabalha pela probidade moral e cultual, e o circunda com um escudo de graça (*Ratson*).

• O idioma, o humor e a teologia do culto de Javé no Templo em Jerusalém são evidentes neste salmo. Seu autor era certamente um membro fiel da comunidade de adoração lá, e ele pode até ter sido, como alguns sugeriram, um membro da equipe do Templo, um levita ou um próprio sacerdote. Sua oração não é lamento desesperado (como o Salmo 6), nem o grito de justificação (como Salmo 7), mas um apelo calmo e sincero para a orientação que ele precisa, mas não pode merecer.

Esta ênfase na graça da orientação de Deus é a característica mais adiantada deste salmo, embora os comentadores tenham chamado pouca atenção a ele. É um sucesso porque é preciso e atualizado como uma descrição da necessidade do homem e da resposta compassiva de Deus a essa necessidade. O salmista tem certeza de que sua oração será ouvida, apesar de sua luta. Ele viveu o melhor que pôde e espera que Deus venha com uma resposta, mas apenas porque seu amor imutável é tão "total". A orientação e a proteção que Deus dá aos que o amam é como um escudo, mas um escudo de graça.

Esta graça é uma característica de sucesso, finalmente, porque é uma mercadoria rara em uma época em que as gerações esperam pagar por tudo, ou que tudo lhes é devido. Quão atraente para este poeta teria sido as palavras de Tito 3: 5 : "Ele nos salvou, não por causa de feitos feitos em justiça, mas em virtude de sua própria misericórdia".

6. A Lamentação de um pecador

A lamentação deste indivíduo do saltério davídico se distingue mais pela simplicidade movente da contrição sincera do poeta que pela elegância de sua poesia. Ele é completamente esmagado em espírito, talvez também em corpo, e se coloca totalmente na mercê de Deus. Não há afirmação de inocência aqui, como em salmos posteriores (então 7 , 17 , 26), e nenhum grito real de vingança (então 35, 55, 58). Em vez disso, o salmista parece consciente de que ele mesmo foi culpado, e ele pede a bondade de amor imerecida de Deus.
O título do salmo inclui entre suas instruções a frase "de acordo com The Sheminith", que foi explicado de diversas maneiras como se referindo à chave em que a música para o salmo foi definida (Weiser, p.23), para uma designação da Salmo como o número oito em uma coleção de algum tipo (ver Oesterley, página 12), ou para um instrumento etstringed (Mowinckel, PIIW, II, 215 e KB, pág. 988). Na verdade, é apenas um palpite

que o termo tem algo a ver com a música, um palpite baseado em seu uso aqui, no Salmo 12 e em 1 Crônicas 15:21 ; Além disso, agora não é possível ir.

O poeta sofreu e continua a sofrer muito. Várias causas desse sofrimento foram propostas, as mais proeminentes dentre elas físicas, até terminais, a doença e os ataques viciosos dos inimigos do salmista. O que é claro é que o poeta viu claramente o sofrimento como um castigo justificado, do qual ele sentiu que ele não poderia aguentar mais nada. É mesmo imaginável que o conhecimento do pecado que ele cometeu foi em si mesmo a base de seu sofrimento.

Ao maestro do coro: com instrumentos de cordas; de acordo com The Sheminith. Um salmo de David.

*[1] Ó Senhor, **não me** repreendana **sua** ira*

nem me ajude na sua ira.
*[2] **Seja misericordioso comigo, ó Senhor, porque eu sou** louco;*

*Ó Senhor, cure-me, porque os meus **ossos estão perturbados.***
[3] Minha alma também está muito perturbada.

Mas tu, ó Senhor, por quanto tempo?
[4] Volta, ó Senhor, salva a minha vida;

entregue-me por causa do seu amor firme.
[5] Pois na morte não há lembrança de ti;

no Seol que pode te dar louvor?
[6] Estou cansado com meus gemidos;

todas as noites eu inundo minha cama com lágrimas;

Encharço meu sofá com meu choro.
[7] Meu olho desperdiça por causa do sofrimento,

Ele fica fraco por causa de todos os meus inimigos.

O salmo abre com um apelo à misericórdia, não merecido, mas urgentemente necessário. Misericórdia, pois o poeta sente-se "desvanecimento rápido"; cura, pois seus próprios ossos estão "tremendo de terror". Sua alma, de fato, é consumida pelo terror. E ainda - ainda, o Senhor está ausente; A urgência de uma impaciência desesperada é resumida na pergunta: "Ainda assim você - Yahweh, até quando?" - por quanto tempo? (veja o comentário sobre o Salmo 13: 1).

O poeta não pode mais sufocar o que deve ter sido para ele um pedido exagerado, mas repetido: "Volte, Javé!" Ele não mereceu a comunhão de Javé, mas ele está com extrema necessidade disso. Ele pede libertação para a sua alma, para a salvação; e ele o justifica com base no amor imutável de Yahweh (*chesed*), aquele afeto divino que não está determinado pelo que os homens são e fazem. O poeta sente que, sem tal libertação, certamente deve morrer; e a morte significa para ele, de forma bastante significativa, ser cortada da atualização viva das ações salvadoras de Yahweh e da contínua rodada de elogios oferecidos pelos fiéis. O salmista não está aqui dizendo, como alguns sugeriram, que o Senhor o necessita - ele certamente não está em posição nem em mente mesmo para pensar tal pensamento - mas sim o oposto, que ele precisa de Yahweh e anseia ser

uma parte contínua de sua ação e louvor. Não é necessário dizer que este salmista acreditou no Seol (ver comentário em 16:10) para estar além do domínio ou controle de Javé - certamente outros salmistas não o fizeram (ver Salmos 139: 8 ; 16:10)). Contudo, ele não conhece a intimidade da Presença de Deus apreciada pelo autor do Salmo 16 ; e ele anseia por uma continuação da comunhão que ele *tenha* conhecido, e tem por seu pecado negada.

O salmista documenta a natureza desesperada de sua situação com uma descrição de suas agonias, que novamente devem ser entendidas principalmente como resultado de seu pecado. Ele se desgastou com seus suspiros. Ele "mergulha" sua cama "durante a noite inteira", embebendo o colchão com suas lágrimas. Seu olho se tornou "seco" pela tristeza - o sofrimento amargo e seco, sem lágrimas para libertar, não desperdiça, como o RSV. Na verdade, esse sofrimento envelheceu o poeta, como qualquer um que o experimentou sabe bem: "Estou envelhecido de todas as minhas angústias" (tensões).

[8] Saia de mim, todos vocês, trabalhadores do mal;

***porque o Senhor ouviu o som do meu** choro.*
[9] O Senhor ouviu minha súplica;

O Senhor** aceita **minha oração.
[10] Todos os meus inimigos se envergonharão e sofrerão;

eles devem voltar e ficar envergonhados em um momento.

Com v. 8 , há uma mudança dramática. De alguma forma, talvez através de uma experiência viva da segurança de Deus, o poeta sabe de repente que seu exílio terminou, seu pecado perdoado, seu fardo levantado. Convencido maravilhosamente e irrefutável de que Javé ouviu o seu lágrima, o poeta abandonou os "trabalhadores do errado", talvez fossem necessários amigos como aqueles que tinham que suportar, cheios de clichês e as fórmulas tradicionais aceitas para os sofredores.

"Javé", ele declara, "ouvi minha súplica (*t ᵉ chinnah*); Javé vai aceitar o meu salmo"(súplica, *t ᵉ pillah*)! Não há motivo para inventar explicações abstrusas para o uso do poeta de uma sequência de verbos perfeitos e imperfeitos neste casal. A explicação lógica é a mais simples; de repente percebendo que Javé ouviu sua suplicação agonizante, o poeta se alegra de que Deus agora aceite ou receba suas mensagens novamente. O vazio que o paralisou tão grandemente (v. 3-4) já passou; As linhas de comunicação estão abertas novamente.

O versículo final realmente sugere o que pode ser alto na agenda de oração do poeta - o vergonhoso e aterrorizante (*bahal* , o mesmo verbo que o poeta usou para descrever seu próprio susto no v. 2) de todos os seus inimigos, que ele agora está convencido acontecer em um momento.

• O Salmo 6 tem sido reverenciado na tradição cristã como o primeiro dos sete salmos penitenciais, o primeiro passo "na escada do arrependimento". Sua descrição das agonia da alma que o pecado produz é instrutiva, mas sua mensagem primária tem que faça com a base ("amor imutável") e a instância do perdão de Deus.

7. Lamentação e Oração de um Homem Inocente

Este salmo da coleção davídica é o lamento e a oração de um indivíduo que está sofrendo perseguição que ele acredita ser mais injusto e, aparentemente, de um antigo amigo (v. 4). O texto do salmo foi danificado em pontos, e prossegue com alguma irregularidade rítmica, mas não há boas razões para supor, como alguns comentadores fizeram, que é um conjunto de vários poemas de tantos poetas.
O autor do salmo faz uma tentativa séria de incluir em sua oração as palavras apropriadas de louvor e ação de graças a Deus. Mas ele está tão chateado com sua própria situação difícil que ele pode gerenciar apenas as frases que estão relacionadas à sua própria situação, exceto por um dueto final tão formal e tão afiado em seu desprendimento do espírito do corpo do salmo que muitos têm considerou uma adição editorial projetada para tornar o salmo mais palatável para uso na adoração.

O salmo 7 é, portanto, o produto de um homem que está chateado e, como ele vê, com uma boa razão. Ele passa do apelo à autodefesa à oração para o julgamento, o que só pode ser descrito como um pensamento ilusório sobre o destino dos inimigos do poeta, para terminar finalmente com uma nota formal de ação de graças.

O título do salmo parece ser de utilidade específica, referindo-se à notícia de "Cush, um filho de Benjamin". Nenhuma pessoa mencionada em outro lugar no Antigo Testamento, no entanto, em conexão com David ou qualquer outra pessoa. O LXX e as versões de Aquila,

Symmachus, Theodotion e Jerome todos procuraram conectar o salmo com o Cushite sem nome (*não* "Benjaminite") que tão orgulhosamente trouxe a David a notícia da morte de Absalão (2 Sam. 18: 19-32). O salmo não corresponde às circunstâncias dessa conta; nem, para o caso, o nome do mensageiro mencionado em 2 Samuel 18 . Portanto, não é possível conectar o lamento com qualquer incidente conhecido na vida de Davi, e provavelmente é melhor tentar nenhuma conexão definitiva com qualquer outro evento específico na história do Antigo Testamento. O título também se refere ao salmo como um "Shiggaion", um termo de significado obscuro. Kraus (pág. Xxiii) relaciona-o ao *segus de* Akkadiane propõe como um significado provável "canção apaixonada de lamentação"; outros (Oesterley, p. 12 f. e Kirkpatrick, pp. xx, 29) conectam a palavra a um verbo (*shagah*), o que significa vagar ou vacilar, e concluir que se refere a um poema selvagem e ditírambico. "Lament" é provavelmente a melhor tradução tentativa.

Um Shiggaion de David, que ele cantou para o SENHOR sobre Cush um Benjaminite.
1 Ó SENHOR meu Deus, em ti me refugio;

salve-me de todos os meus perseguidores e me entregue,
2 para que, como um leão, eles me rasgam,

arrastando-me, sem resgatar ninguém.
3 Ó SENHOR meu Deus, se eu fizeste isso,

se houver errado nas minhas mãos,
4 se eu recompensou meu amigo com o mal

ou saqueou meu inimigo sem causa,
5 deixe o inimigo perseguir-me e ultrapassá-lo,

e deixa ele pisotear minha vida no chão,

e coloque minha alma no pó. Selah

O poeta começa sua oração com uma afirmação justificando um apelo. Ele fugiu para o Senhor; Ele, portanto, pergunta e espera ser salvo e entregue. Caso contrário, ele está confiante de que seu próprio ser será despedaçado por um leão que rasga sua presa, sem nenhum presente para tirá-lo de volta enquanto ainda vive. A salvação aqui, tão freqüentemente nos salmos, significa libertação simples e vívida do perigo à mão. Observe que o verbo paralelo a save (*ysh'*) neste verso é entregar (*ntsl* , set free).

O salmista então se move para uma justificativa adicional da ação esperada de Yahweh em seu favor com uma afirmação, emoldurada como uma maldição sobre si mesmo, de sua própria inocência. Javé meu Deus, se eu fizeste isso, isto é, se ele é de alguma forma culpado dos erros de que ele é acusado: "desonestidade na minha palma", lidar com o mal com alguém amigo dele ou o oposto disso , deixando sem uma boa razão um perseguidor, ele pede que seu inimigo seja autorizado a persegui-lo e pegar ele, então "atropelar a terra minha própria vida

e joga na poeira minha reputação ".

Apenas um destino poderia ser pior - a perda da progênie. Como é, o salmista se amaldiçoa, se ele vive uma mentira, até a morte e desonra na morte. Seu nome seria assim lembrado, mas como objeto de vergonha.
Acredita-se que a maldição tenha uma força vital e uma eficácia mortal nos tempos do Antigo Testamento e, portanto, tenha desempenhado um papel importante na contratação e contratação (Gen. 31: 43-54), na implementação do compromisso religioso (Deuteronômio 27: 15-26 ; 28: 15-19), e mesmo em guerra (Números 22-24 ; 1 Sam. 14: 24). Por conseguinte, uma maldição não era leve, algumas palavras proferidas meio casualmente. Era, aqui e em outros lugares, uma questão de seriedade mortal.

6 Levanta-te, Senhor, na tua ira

Levante-se contra a fúria dos meus inimigos;

acordado, ó meu Deus; Você escolheu um julgamento.
7 Que a assembléia dos povos seja recolhida ***sobre você;***

e sobre ele pegue seu assento no alto.

8 O Senhor julga os povos;

julgue-me, ó Senhor, de acordo com a minha justiça

e de acordo com a integridade que está em mim.
9 Que o mal dos ímpios acabe,

mas estabeleça o justo,

Você que triplica as mentes e os corações,

Deus justo.
10 Meu escudo é com Deus,

que salva o direito no coração.

[11] Deus é um juiz justo,

e um Deus que tem indignação todos os dias.

Estes seis versículos estão preocupados com dois aspectos distintos do julgamento de Deus: contra as nações, em particular os inimigos perseguidores do poeta entre eles e do salmista, de acordo com a sua justiça. Como o texto agora está, no entanto, os dois aspectos se misturaram, e a ordem original dos versos é, portanto, confundida. A importância dos versos é, contudo, suficientemente clara: o salmista pede que o Senhor apareça (veja o comentário 3: 7 ; 9:19 ; 10:12) com raiva "contra o orgulho" de seus perseguidores, para "despertar" por seu julgamento designado dos povos. Então, o SENHOR deve entrar na teofania, tomar o seu lugar no seu trono de julgamento (o assento no alto), e com as nações reunidas que o cercam, procuram seu veredicto sobre eles.

Este julgamento divino, tão freqüentemente desejado e solicitado pelos salmistas (ver, por exemplo, 9: 4-5 , 16-20 ; 10:12 ff .; 35: 22-28; 59: 4b-5; 82: 8) , não deve ser pensado como um julgamento escatológico, embora sem dúvida tenha contribuído para esse conceito posterior. Era mais uma ocorrência frequente no culto, preocupava-se tanto com os indivíduos como com os povos, e produzia muitas vezes um veredicto imediato de culpado ou não culpado. O poeta afirma que o Senhor julga os povos, e descreve o Senhor como um juiz justo, "um Deus que castiga [é sensível ao mal] todos os dias".

Assim, o salmista reza para o fim do mal dos perversos, para o contínuo estabelecimento da justiça (*tsadiq*), e como parte desse processo, é claro, para sua própria reivindicação. Deus é justo; ele tenta as mentes e os corações (corações e rins), isto é, intelecto e paixão; Ele está acima de todos os deuses, aquele que salva "o coração reto". E assim o salmista quer ser julgado pelo Senhor, meu escudo, "de acordo com a minha justiça e de acordo com a minha integridade".

[12] Se um homem não se arrepender, Deus agarrará sua espada;

Ele curvou e curvou seu arco;
[13] ele preparou suas armas mortíferas,

fazendo suas flechas ardentes eixos.
[14] Eis que o ímpio concebe o mal,

e está grávida de malícia,

e traz mentiras.
[15] Ele faz um poço, cavando-o,

e cai no buraco que ele fez.
[16] Sua trama retorna sobre sua própria cabeça,

e em sua própria mão, sua violência desce.

O chamado à presença de Javé em julgamento leva o salmista a alguns pensamentos sobre o castigo de Javé e também a algumas esperanças próprias para o inimigo. O antecedente do pronombre-sujeito (Heb., He) do primeiro verbo da v. 12 não é claro no texto, embora o RSV conjecure a adição de um homem. Parece provável que o poeta

tenha em mente os perversos em geral e seu próprio inimigo em particular. Assim, se tal não mudar seus caminhos, ele sentirá a fúria do julgamento de Deus.

Deus está afiando sua espada; É como ele está dobrado, e ele irá apontar. Ele preparou suas armas de morte, fez suas flechas ardentes. O homem ímpio impenitente é claramente para isso.

A mudança do pensamento do poeta é tão abrupta neste momento que parece haver uma ruptura no poema. Em uma inspeção mais próxima, no entanto, a mudança pode ser vista como lógica. Tendo pensado sobre o destino do ímpio impenitente, o salmista move-se para uma descrição vívida de quão impenitantemente perverso seu inimigo é, e se entrega a pensar em seu destino.

"Basta olhar!", Ele diz, e descreve a degeneração de seu inimigo com uma sucessão impressionante de verbos relacionados ao parto: "ele está trabalhando com o mal (' *awen*), grávida de sofrimento (' *amal*) e deu à luz fraude (*shaqer*) ". A partir desta descrição, o poeta vai ao que se poderia chamar de pensar em voz alta sobre o destino de seu inimigo. Ele cavou um poço, terminou com cuidado ao redor e depois caiu nele. Seu próprio erro "continua voltando" em sua própria cabeça, sua própria violência "continua descendo" sobre ele. É apenas essa terra de retribuição que foi muito apreciada pelas pessoas do Antigo Testamento, mas se o poeta viu ou Só espera que seja impossível determinar. Tendo em vista o fato de ele não elaborar, o último é a alternativa mais provável.

[17] Eu darei ao Empréstimo os agradecimentos devido à sua justiça,

E cantaremos o nome do Senhor, o Altíssimo.

No meio desta regozijação, o poeta novamente pára. Ele administra um mínimo, pelo menos de autocontrole; e reconhecer onde ele é e a quem ele está dirigindo, retoma uma linguagem mais formal, o que, no entanto, parece discordante em contraste com sua agitação anterior. É possível sugerir que o salmista experimentou a reivindicação de Yahweh, uma interpretação que vv. 15-16 apoiava Em vista de sua agitação anterior, no entanto, deve-se acrescentar que o poeta poderia ser esperado neste caso para fazer muito mais uma resposta para sua oração.

Assim, talvez seja melhor dizer que as promessas que fecham o salmo, "agradecer" a JESUS por sua justiça e "continuar comemorando" seu nome estão mais relacionadas com o retorno do salmista à linguagem de culto recorrente do que a qualquer tipo específico experiência de libertação.

• Como já foi observado, não é possível conectar este salmo com qualquer incidente ou pessoa específica. Seu local, no entanto, não é tão difícil de determinar, e pode ser consertado com certeza como o local de adoração onde a Presença de Yahweh se manifestou - depois de *ca.* 950 AC, o Templo Solomônico. Elementos do lamento profundamente pessoal são combinados com a linguagem mais formal da comunidade de adoração.

Existe uma tendência com tais salmos para depreciar o espírito que parece tanto auto-justo quanto vingativo como decididamente não cristão. Reconhecemos que, até certo ponto, qualquer salmo ficaria sem a plena verdade em Cristo, já que o cânone do Saltério foi fechado bem antes do nascimento de Cristo. Deve-se dizer, no entanto, que o protesto de inocência do poeta, se justificado, não só teria sido recomendado, mas

esperado por seus contemporâneos, e que seu desejo de ver os ímpios julgados, independentemente do envolvimento pessoal que ele possa ter sido, também teria sido realizado bastante apropriado.

Talvez também seja acrescentado que o espírito deste poeta está muito mais próximo da atitude mais característica de muitos que se acham chocados por ele do que o espírito mais admirável de alguns de seus salmistas contemporâneos. Há muitos demais no mundo que querem "se equilibrar" e que são rápidos em depreciar em outros o que eles não reconhecem em si mesmos.

8. Um Hino das Criaturas ao Criador

Este glorioso hino davídico de louvor tem como tema o duplo dom de Deus de imagem e domínio para o homem (Gênesis 1: 26-28). É a tentativa de um homem se unir à música das esferas, a incessante ronda de louvores que circunda a Presença de Deus. É o ode alegre de um homem incrédulo na honra de sua própria posição na ordem criada, mas alegremente grato por isso. Ele continua sendo um dos poemas mais simples e lúdicos de todo o Psalter.
O título deste salmo contém a frase "on" ou "de acordo com o Gittith", que se encontra também nos títulos dos Salmos 81 e 84 . O significado preciso do termo não é conhecido. Gunkel sugeriu há muito tempo que tem algo a ver com a cidade filistana de Gath, como um cenário musical especial de filisteu ou estilo de canto *(Einleitung,* p. 456). Alguns manuscritos LXX tornam o *gat* como "imprensa do vinho", uma tradução que levou alguns (Oesterley, p. 13) a propor uma associação do salmo com a adoração da festa vintage da Festa dos Tabernáculos. Como no caso da maior parte da terminologia dos títulos, a especulação por si só é possível.

Para o maestro do coro: de acordo com The Gittith. Um salmo de David.
1 Senhor, nosso Senhor,

Quão majestoso é o teu nome em toda a terra!
Você cuja glória acima dos céus ***é*** *cantada*
2 pela boca de babes e bebês,
Você fundou um baluarte por causa de seus inimigos,
ainda para o inimigo e o vingador.
3 Quando olho para os teus céus, o trabalho dos teus dedos,

a lua e as estrelas que você estabeleceu;
4 o que é o homem que você está atento a ele,

e o filho do homem que você cuida dele?
5 Contudo, você o fez pouco além de Deus,

e coroá-lo com glória e honra.
6 Tu lhe deu domínio sobre as obras das tuas mãos;

Você colocou todas as coisas debaixo de seus pés,
7 todas as ovelhas e bois,

e também os animais do campo,
[8] *os pássaros do ar, e os peixes do mar,*

O que quer que passe pelos caminhos do mar.
[9] *Ó Senhor, nosso Senhor,*
Quão majestoso é o teu nome em toda a terra!

O salmo abre com uma das mais profundas e simples lições de oração do livro dos Salmos. *'Addid* (*majestoso*) também pode ser traduzido como "glorioso, poderoso, delicioso", e em vista do fato de que o nome de Javé muitas vezes representa ou é mesmo igual à sua Presença no pensamento do Antigo Testamento, a linha pode ser renderizada: "Javé , nosso Senhor, quão deliciosa é a sua Presença em toda a terra! "A afirmação aqui de que a glória da Presença de Yahweh não se limita a nenhuma parte da Terra, mas abrange, é seguida na próxima linha por uma expansão ainda mais completa do conceito - o esplendor ou majestade do Senhor se estende até acima dos céus!

Esta última linha do texto do v. 1 é infelizmente corrompida, o que levou a uma variedade de propostas de tradutores e comentaristas. O problema real da linha é o verbo, que, como está, significa simplesmente colocar. Provavelmente, deve ser emendado para ler "é colocado" (*nittan*) ou "é cantado" (*tanah*). A tradução seria assim: "cujo esplendor é colocado (se estende) acima dos céus" ou "cujo esplendor é cantado acima dos céus". No último caso, os pensamentos intermináveis dos coros celestiais seriam previstos. Em qualquer caso, a renderização do RSV tem pouco para recomendá-lo, tanto porque um período deve terminar v. 1 como também porque o significado é tão pouco claro.

Das bocas de bebês e lactentes, o poeta começa de novo, o Senhor estabeleceu um meio substancial de lidar com seus perseguidores, o inimigo e o vengeance-taker. Muitas vezes, na história da salvação, Deus escolhe o que parece ser fraco para superar o que aparentemente é forte (ver comentário em 18:35).

Com tal introdução referente à majestade ilimitada do Deus, que muitas vezes usa o que o homem dificilmente percebe na realização do propósito divino, o poeta vem ao que pode muito bem ter sido sua inspiração. "Sempre que olho para o seu céu, fazendo seus dedos - lua e estrelas, que você colocou" Eu penso ", o que é um ser humano (*'enosh*)", que Yahweh deve se lembrar dele e sentir falta dele ou se preocupar com ele ? No entanto, o Senhor *está* preocupado com o homem a tal ponto que na verdade ele tem "fez-lhe apenas um pouco diminuiu de Deus" (*'Elohim*) e circulou ele rodada com honra (*kabod*) e orgulho (*Hadar*). Ele o colocou para dominar a criação, colocando tudo sob seus pés, isto é, sob seu domínio.

O salmista então começa a listar as criaturas sujeitas: ovelhas e gado, todas elas e até animais selvagens; os pássaros dos céus e os peixes do mar (Gênesis 1:26 , 28) - tudo o que, de fato, atravessa os caminhos dos oceanos, acrescenta o poeta, para que, na ignorância, ele tenha omitido algum molusco ou gigante .

Mas a mente dele se espalha na extensão da criação, a complexidade da obra de Deus e a incrivel responsabilidade que é o homem como presente de Deus, e sua lista pára abruptamente. Sua alma está sobrecarregada com a magnificência de um criador e a generosidade de sua imerecida confiança; e ele retorna à eloqüente oração de louvor com a qual ele começou.

• O cenário deste incrível hino de louvor também pode ter sido o Templo do Senhor que Salomão construiu ou o templo mais vasto do céu noturno que o salmista acreditava que o próprio Javé tinha construído (ver v. 3). É natural supor que, pelo menos, este poeta teve sua inspiração da beleza da ordem criada por Deus. E é igualmente razoável sugerir que um hino tão bonito que muitas vezes deve ter sido usado pela comunidade de adoração. Não há insinuação no salmo da identidade do autor. É muito fácil pensar em David compondo esse poema.

O tema da criação do homem de Deus em sua própria imagem e dotado de domínio é ocupado freqüentemente na Bíblia de uma maneira ou de outra. Mas é Jesus, o Cristo, que é "primogênito de toda a criação" e supremamente "a imagem do Deus invisível" (Colossenses 1:15). E é nele que a imagem do Pai no homem pode ser recriada (Gálatas 2:20). Quão magnífico é o nome em que "todo joelho deve se curvar, no céu e na terra e sob a terra" (Filipenses 2:10).

9-10. Um Salmo, um Lamento e uma Oração

Embora o códice de Leningrado (B 19A, sobre o qual se baseia o texto hebraico padrão do Antigo Testamento) transmite os Salmos 9 e 10 como dois salmos - um arranjo seguido, é claro, pelo RSV - há boas razões para concluir que originalmente lá era apenas um salmo onde agora há dois. O salmo 9 tem um título; O Salmo 10 não. O versículo final do Salmo 9 é seguido por *Selah;* e qualquer que seja o significado deste termo (ver comentário sobre o Salmo 3), nunca ocorre em outro lugar no final de qualquer salmo. O salmo 9 é o início de um acrostic alfabético (ver Int.),' *aleph* through *kaph* , que o Salmo 10deve ter sido originalmente completado. O texto do LXX e da Vulgata, entre outros, apresenta os dois salmos como um; e, como resultado, a numeração da maioria dos salmos não corresponde às tradições grega e latina àquelas seguidas pelas versões inglesas com base no texto hebraico. Além disso, há correspondências de expressão (9: 9 e 10: 1, 9: 9 e 10:12 , 9: 19-20 e 10:18) e suficiente unidade de pensamento para sugerir que o que é apresentado aqui como dois poemas podem ser o produto de um poeta.
Portanto, é razoável propor que o Salmo 9 e o Salmo 10 sejam dois poemas intimamente conectados por um salmista, ou um salmo que na transmissão foi dividido em dois. É a última visão que está aqui inscrita.

O título do salmo identifica como pertencente à coleção de Davi, e contém também a designação enigmática *'almut-labben* , o que pode ser um título melodia, “A respeito da morte do Filho”, ou uma corruptela de *" um Lamot* (veja o comentário no 46 : 1). Por enquanto, a frase é única e mistificadora.

Em seqüência, o salmo se move de um hino de louvor e ação de graças para os últimos atos poderosos de Yahweh, libertação e auto-revelação para uma lamentação de sua ausência presente, problemas como conseqüência e um pedido para uma nova revelação e intervenção.

Para o maestro do coro: de acordo com Muth-labben.
Um salmo de David.

[1] ***Eu darei graças ao Senhor com*** *todo o* ***meu*** *coração;*

Eu falarei de todas as suas obras maravilhosas.
[2] *Eu ficarei feliz e exultarei em ti,*

1 cantarei louvor ao teu nome, ó Altíssimo.
[3] *Quando meus inimigos voltaram,*

Eles tropeçaram e pereceram antes de você.
[4] *Porque tens mantido a minha justa causa;*

Você se sentou no trono dando juízo justo
[5] *Tu repreendeu as nações, destruiste os ímpios;*

Você apagou seu nome para sempre e sempre.
[6] *O inimigo desapareceu em ruínas eternas;*

suas cidades que você descartou;

A própria memória deles pereceu.
[7] *Mas* ***o Senhor fica entronizado para sempre,***

Ele estabeleceu seu trono para julgamento;

[8] ***e ele julga o mundo com justiça,***

Ele julga os povos com equidade.
[9] *O Senhor é uma fortaleza para os oprimidos,*

uma fortaleza em tempos difíceis.
[10] *E os que conhecem o teu nome confiam em ti,*

porque tu, *Senhor, não abandonaste quem te busca.*
[11] *Canta louvores* ***ao*** *Senhor, que habita em Sião!*

Diga entre os povos suas ações!
[12] *Porque aquele que vinga o sangue está atento a eles;*

Ele não esquece o grito dos aflitos.

O tema do primeiro segmento do salmo (9: 1-20) é estabelecido pelas primeiras linhas: é um elogio agradecido pelas grandes obras de Javé no passado. O poeta louvava o Senhor com todo o seu coração e "recitava repetidas vezes" todas as "ações surpreendentes" de Javé, isto é, suas obras maravilhosas, quase inacreditáveis e poderosas. Os escritores do Antigo Testamento ocuparam-se sobre isso e saborearam a recitação; eles são, em muitos casos, os principais eventos da história de sua (e nossa) salvação.

Os verbos contam, se alegram, exultem e cantam louvores de vv. 1-2 são terminados em hebraico com um final que retrata resolução, determinação empolgada para conseguir algo. É o desejo do poeta indicar sua intenção sincera de louvar e se alegrar no Senhor, recitar seus atos poderosos e cantar hinos ao seu nome. No Altíssimo veja o comentário no Salmo 47: 2 . Os inimigos do salmista, depois de tudo, só podem tropeçar e tropeçar (ou falhar e perecer) como resultado da Presença de Yahweh. O SENHOR, de fato,

apoiou o "devido e a causa" do salmista, julgando a honestidade do seu trono. A última frase é, com toda a probabilidade, uma referência à arca e seu papel no oráculo sacral.

O Senhor repreendeu (aceso, gritou) os povos, dispersaram o deus menos, acabaram com o inimigo, aniquilaram o nome "para sempre e em perpetuidade", arrancaram suas cidades e causaram até a "memória de si mesmos" perecerem . A questão surge se esta linguagem é excessiva tendo em vista as petições que se seguem, particularmente em 9:13 , 19-20 ; 10: 4-11 , 13-15 . A questão não teria porém ocorrido ao salmista, para quem os atos poderosos de Javé eram conclusivos e duradouros. Novos problemas significaram novos inimigos, por muito parecido com o antigo, e pediram uma nova ação.

Yahweh está "permanentemente resolvido", e estabeleceu seu trono para julgamento (veja o comentário no v. 4). Ele mesmo julga o mundo em justiça e castiga os povos com honestidade. Ele é um "refúgio alto" para aqueles que são esmagados e necessitados. É por estas razões que aqueles que conhecem pela experiência do nome de Yahweh continuam confiando nele, e também porque ele não abandona aqueles que o procuram.

O poeta chama seus ouvintes a se unirem em louvor e retorna novamente ao tema das poderosas obras de Yahweh com as quais ele começou seu hino. Zion, onde o Senhor se instalou, é, naturalmente, o monte sagrado da Presença de Deus, a sede do Templo de Salomão. Javé, que exige vingança de sangue (Gn 9: 5-7 ; Números 35: 9ss), lembrou-se dos aflitos.

*13 Tenha **graça comigo,** ó Senhor!*

Eis o que eu sofro daqueles que me odeiam,

Ó tu, que me levantes dos portões da morte,
14 para que eu conte todos os seus louvores,

que nos portões da filha de Sião

Eu posso me alegrar em sua libertação.
15 As nações afundaram no poço que fizeram;

Na rede que eles escondem, seu próprio pé foi pego.
*16 O Senhor se deu a **conhecer,** ele executou o julgamento;*

Os maus são enganados no trabalho de suas próprias mãos. Higgaion. Selah
17 Os ímpios partirão para o Seol,

todas as nações que se esquecem de Deus.
18 Pois os necessitados nem sempre serão esquecidos,

e a esperança dos pobres não perecerá para sempre.
*19 Levanta-te, **ó** Senhor! Não venha a prevalecer o homem;*

Deixe as nações ser julgadas antes de você!
*20 Coloque-os **com** medo, Senhor!*

*Deixe as nações saberem que são apenas **homens!** Selah*

Pela primeira vez, o salmista dá uma dica da dificuldade presente que ele lamentará com tanta força e com tal detalhe no Salmo 10 . Ele menciona isso no Salmo 9 apenas mais uma vez, nos dois versos finais. Na versão 13, ele invoca:

Tenha piedade de mim, Javé-
olhe para o meu sofrimento
na mão daqueles que me odeiam,
você que me levanta
do próprio portão da morte!

Como ele cantou, o poeta quer continuar cantando: "para que eu possa recitar mais e mais seus louvores" e "exultar em sua salvação" nos portões de Jerusalém, lugar de anúncio público.
Reverendo o tema dos julgamentos passados de Javé das nações perversas, o salmista descreve como eles se afundaram em um poço de sua própria escavação e foram pegos numa armadilha que eles mesmos haviam escondido. Porque o Senhor revelou-se, executou o juízo e enganou os ímpios. Assim, os ímpios, todos os povos que se esquecem de Deus, voltarão ao pó de onde eles vieram. E os necessitados e os oprimidos serão cuidados.

Embora o Seol seja o objeto de partir para (*yashubu* , return) na v. 17 , compare Gênesis 3:19 , onde o pó é objeto do mesmo verbo. O sentido em ambos os casos é o mesmo, já que o Sheol (ver comentário em 16:10) é aqui concebido em seu sentido mais geral. Tal tradução evita a necessidade de alterar o significado básico usado no texto hebraico de "retorno" para "partir" como o RSV e outras traduções modernas fizeram.

Uma segunda vez, o salmista retorna ao perigo presente, induziu sem dúvida a referência à esperança dos "oprimidos" no final do v. 18 . Desta vez, ele pede uma teofania e uma ação rápida: "Levante-se, Yahweh!" - para que a humanidade não seja excessivamente ousada. Ele reza para que os povos sejam julgados na Presença de Yahweh (seguindo a teofania), e insta o Senhor a atacar os seus inimigos para que possam saber por experiência que não são senão homens!

[1] ***Por que você está de longe,*** *Senhor?*

Por que você se esconde em momentos difíceis?
[2] *Em arrogância, os ímpios perseguem os* ***pobres;***

Deixe-os apanhados nos esquemas que eles criaram.
[3] *Pois os ímpios se vangloriam dos desejos de seu coração,*

e o homem ganancioso para ganhar maldições e renuncia ao Senhor.
[4] *No orgulho do seu semblante, o ímpio* ***não o busca;***

Todos os seus pensamentos são: "Não há Deus".
[5] *Seus caminhos prosperam em todos os momentos;*

Seus julgamentos estão no alto, fora de sua vista;
Quanto a todos os seus inimigos, ele sopra com eles.
[6] *Ele pensa em seu coração: "Não me mudarei;*

Por todas as gerações, não encontro a adversidade ".
7 Sua boca está cheia de maldição, engano ***e opressão;***

sob a sua língua são maldade e iniqüidade.
8 Ele senta emboscada nas aldeias;

Em lugares escondidos ele assassina o inocente.
Seus olhos seguem vigilantes para os infelizes,
9 ele esconde em segredo como um leão em seu encoberto;
ele esconde que ele pode aproveitar os pobres,
ele pega o pobre quando o atrai para a rede.
10 O infeliz é esmagado, afunda-se,

e cai pelo seu poder.
11 Ele pensa em seu coração: "Deus se esqueceu,
ele escondeu o rosto dele, ele nunca vai ver isso ".

Das dicas de vv. 13 , 19-20 da primeira parte do salmo, o poeta agora vem completamente à afirmação e lamentação de sua necessidade atual (Salmo 10). A linguagem formal do recitativo cultual dá lugar à linguagem mais pessoal e emocional de uma alma profundamente perturbada. Sua fé não é diminuída, mas o contraste vívido entre o testemunho tradicional eo que ele está enfrentando sobre ele o confrontou com perguntas difíceis e um senso de ausência de Deus. Essas questões, esse sentimento e, de fato, o tema dos primeiros 11 versículos do que é agora o Salmo 10 são resumidos na pergunta de abertura,

"Por que, Senhor, você fica à distância, você se esconde em tempos de falta?"

De fato, o salmista pode encontrar, em vista da doutrina da Presença justa julgando honestamente, o que ele apenas repetiu tão orgulhosamente, nenhuma outra resposta para a agonia da situação contemporânea - qual agonia ele procede vividamente para descrever - do que o Yahweh de alguma forma e Por algum motivo inexplicável se absteve.
O opressor perverso é "respirar o pescoço" do aflito (' *ani* , o grupo oprimido representado pelo poeta). Para que eles possam ser apanhados em suas próprias parcelas, ele reza, quase como um lado. Este perverso elogia apenas o que a própria alma dela deseja; "E para ganhar a qualquer preço, ele amaldiçoa e despreza o Senhor." Seu nariz virou de orgulho, ele não se dignou buscar a direção de Deus em relação a nada e deixa-o fora de todos os seus planos. Ele continua movendo-se em um círculo sem fim, do qual os altos julgamentos de Deus são muito verdadeiros. E quando alguém tenta questioná-lo, ele diz "Poof!" - Não há Deus.

Ele pensa para si mesmo, este perverso: "Eu mal posso cair - continuarei desafiando de agora em diante!" Suas palavras são totalmente corruptas: maldição, engano e opressão enchem a boca, e os problemas e a maldade estão debaixo de sua língua para sempre a medida. Ele sempre está esperando emboscada, assaltando furtivamente "pessoas inocentes", "olhando furtivamente" para sua vítima. Ele é realmente como "um leão em

um mato", espreitando para "arrebatar" os oprimidos (' *ani*). Os desafortunados não têm chance; Eles afundam e caem. E em tudo isso, o opressor perverso diz para si mesmo,

"Deus se esqueceu.

Ele dissimulou sua Presença.

Ele nunca perceberá. "

A existência de tais homens, com tanta atitude, é uma indignidade muito grande para ser suportada. Apesar de seu próprio perigo pessoal, que é aparentemente ótimo, a principal preocupação do salmista é Deus e a pergunta ardente, por quê? Ele simplesmente não pode reunir sua crença sobre Deus e o que esses homens aparentemente podem fazer e dizer.

12 Levanta-te, ó Senhor; Ó Deus, levanta ***a*** *mão;*

não esqueça os aflitos.
13 Por que os ímpios renunciam a Deus,

e diga em seu coração: "Você não ligará para a conta"?
14 Você vê; sim, notem problemas e vexações,

para que possas levá-lo às tuas mãos;
o infeliz se compromete com você;
Você foi o ajudante do órfão.
15 Puxa o braço do maligno e maligno;

Procure a sua maldade até não encontrar nenhuma.

Assim, o poeta é trazido de novo para uma petição apaixonada. Ao fim da primeira parte do salmo (9:19), ele chora: "Levanta-te, Javé!" Mais uma vez, é um apelo à teofania e ação rápida: "Deus, levanta a mão! Não se esqueça dos oprimidos ".

E, novamente, a questão: como pode o opressor perverso desprezar Deus e como ele pode dizer de Deus: "Ele não fará nenhuma exigência?" O temperamento do poeta foi aumentado; Seu apelo se torna mais apaixonado na v. 14 . Deus viu errado e provocação; Ele mesmo olhou, "para colocar sua mão para ajudar." Sobre ele é deixada a situação da vítima; só ele pode ajudar. A oração chega a um crescendo no v. 15 : "Maim a força do opressor perverso e do mal!"

16 ***O Senhor*** *É* ***rei pelos séculos dos séculos;***

as nações perecerão de sua terra.
17 Ó Senhor, ouvirás o desejo dos mansos;

Você fortalecerá seu coração, você inclinará sua orelha
18 ***para fazer justiça ao órfão e o op*** *pressionado.*

de modo que o homem que é da terra talvez não cause mais terror.

Chegou o clímax de sua lamentação e petição, e com os versos finais do salmo, o poeta retorna novamente à relativa calma de seu estilo anterior. Sua turbulência interior foi

acalmada. De alguma forma, sua pergunta foi respondida ou colocada em uma nova perspectiva, já que ela não mais o distrai. Ele está seguro do reinado envolvido de Yahweh e está convencido de que sua oração foi ouvida e ouvida.

"Javé", ele declara, "é rei, eternamente e para sempre!" Ele afirmou seu domínio expulsando os pagãos da sua terra. Javé ouviu o desejo dos oprimidos e "fez firme o coração". Ele fez o ouvido atento e verá que os abandonados e os miseráveis são tratados corretamente e não mais aterrorizados pelos homens.

• A identidade do poeta dos Salmos 9-10 não é recuperável, nem o contexto exato ou a natureza da perseguição sob a qual ele e os seus amigos estavam sofrendo. O cenário imediato de seu hino e lamento parece ter sido a comunidade reunida no culto, muito provavelmente no Templo em Jerusalém. Isto é sugerido pelas repetidas afirmações de louvor (9: 1-2 , 11 , 14), as chamadas para uma teofania (9:19 ;10:12) e as referências à Presença reinante de Javé (9: 7-8 , 16 ; 10:16 f .).

A coordenação vívida do poeta dos dicta confiáveis da fé com as realidades estritas de uma era que parece negá-las é de particular interesse para pessoas que são seculares e orgulhosas disso. Sua afirmação é que o reinado de Deus não é restringido nem mesmo diminuiu ligeiramente pela secularidade. Se alguma coisa, é melhorada. Na verdade, algumas das urgências das questões mais prementes dos homens estão relacionadas à perspectiva em que nascem as questões. E certamente uma parte da resposta às suas perguntas reside na conexão necessária do que eles acreditam com o que são e o que experimentam. Às vezes, é necessária uma visão mais longa. Às vezes, uma visão mais honesta. Às vezes, pela primeira vez, uma visão honesta: ainda existem aqueles que dizem em uma racionalização feliz, "Ele nunca perceberá." E há alguns agora, como então,

Mas o reinado de Deus não está impedido, e ele é o rei por sempre e sempre - uma afirmação que é feita freqüentemente não apenas no Antigo Testamento, mas também no Novo Testamento, e nunca com mais entusiasmo do que em Apocalipse 11: 15-17 .

11. Confiança em Deus diante do Perigo

O tema deste salmo do hinário davídico é a confiança. Confie em nada, mesmo diante do perigo grave e do conselho contrário de amigos. Sobre o primeiro, o poeta é perturbado, mas sobre o último ele está indignado.

Para o maestro do coro. De David.
¹ No Senhor, eu me refugio;

como você pode me dizer,
"Fuga como um pássaro para as montanhas;
² Pois os infernais dobram o arco,

eles colocaram sua flecha na corda,
para atirar no escuro no coração do coração;
³ se as fundações forem destruídas,

o que os justos podem fazer "?
⁴ O Senhor está no seu templo sagrado,

O trono do Senhor está no céu;

Seus olhos contemplam, o teste de suas pálpebras, os filhos dos homens.
[5] *O Senhor prova os justos e os ímpios,*

e sua alma odeia aquele que ama a violência.
[6] *Sobre os ímpios, ele vai chover brasas de fogo e enxofre;*

um vento escaldante deve ser a porção do copo deles.
[7] *Porque o Senhor é justo, ama as ações justas;*

O reto deve contemplar o rosto dele.

O salmo abre com uma afirmação que é um resumo de seu conteúdo: o salmista confiou em Yahweh. Esta é a sua posição; portanto, ele está completamente incrédulo que seus amigos lhe disseram no pânico que ele deveria fugir para as montanhas como um pássaro. O perigo que deu origem ao seu comentário é bastante real. Ao descrevê-lo, os ímpios, aqueles que se opõem ao caminho de Deus e ao povo de Deus, estão se preparando para disparar a partir de uma emboscada escura para aqueles que são "de coração". E eles pedem com lógica racionalizadora, Se os fundamentos são destruídos, "o que pode um homem justo realiza? "Os fundamentos são a estrutura e base da vida que o salmista e seus amigos desfrutam; Os perversos ameaçam invadir tudo.

Mas apesar de tudo isso, o salmista ainda pode estar incrédulo com a atitude de seus amigos, pois ele confiou em Yahweh. Como eles parecem ter esquecido, ele continua a lembrá-los exatamente o que isso significa. O Senhor, afinal, está em seu templo sagrado, isto é, presente no santuário entre os homens. Este é o Javé, cujo trono está nos céus, mas que está ao mesmo tempo presente entre os homens para observá-los e examiná-los. Na verdade, ele examina todos os homens, os justos e os ímpios, e o próprio ser odeia aqueles que amam a violência - aqueles, em uma palavra, que estão fora para conseguir o poeta e seus amigos.

Portanto, o Senhor levantar-se-á sobre estes carlos perversos de fogo e de enxofre. A referência é quase certamente ao julgamento calamitoso sobre Sodoma e Gomorra (Gênesis 19: 24-28). E sua porção ou copo, ou seja, o devido (veja o comentário em 16: 5 f .), Deve ser o vento abrasador que acompanha.

Tudo isso, porque o Senhor é justo e ama direito. Aqueles que estão retos (*yashar* , em linha reta) verão ou experimentam sua Presença (texto, *panoeio* , emendado ao *panaw*). Ou seja, eles estarão confiantes de que ele está com eles, e que são por isso igual a todas as ameaças dos perversos, por mais viciosos.

• A afirmação vigorosa da confiança do Salmo 11 é a afirmação de um homem de fé intransigente. Sua identidade - se ele é um leigo ou um funcionário culto - é um mistério, mas seu heroísmo não é. A ameaça que enfrenta com tanta coragem tem como contexto a luta entre o bem e o mal, mas o que se diz sobre a ameaça eo perigo que representa é muito indefinido para suportar uma descrição mais detalhada. O que é definitivo sobre o salmo é uma fé confiante que não será nem fragmentada nem intimidada. É uma fé realista que não procura escapar do mundo, mas encontra-se como é sabendo que não se encontra sozinho ou sem recursos da mais alta ordem.

12. Uma chamada de ajuda e uma confissão

Este salmo da tradição davídica é um apelo à justificação de Deus, definido no contexto do que é, na melhor das hipóteses, difamação e, na pior das hipóteses, um ateísmo prático egoísta. O poeta fica chocado com a ausência de integridade na sociedade sobre ele, e ele chama a Deus, que sozinho pode remediar a situação.
"De acordo com The Sheminith" pode referir-se a uma melodia, um tom musical, ou mesmo o passo na liturgia em que este salmo poderia ter sido introduzido adequadamente. É uma outra instrução cujo significado exato é perdido.

Para o maestro do coro: de acordo com The Sheminith. Um salmo de David.
[1] *Ajuda, Senhor; para já não há qualquer que* ***seja g*** *odly;*

pois os fiéis desapareceram entre os filhos dos homens.
[2] *Todos proferem mentiras para o próximo;*

com lábios lisonjeiros e um coração duplo que eles falam.
[3] *Que* ***o Senhor corte todos os lábios lisonjeiros,***

A língua que faz orgulhosa se orgulha,
[4] *aqueles que dizem: "Com a nossa língua prevaleceremos,*

nossos lábios estão conosco; quem é nosso mestre? "
[5] *"Porque os pobres são despojados, porque o gemido carente,*

Agora vou me levantar ", diz o Senhor;
"Vou colocá-lo na segurança para a qual ele anseia".
[6] *As promessas do Senhor são promessas que são puras,*

prata refinada em um forno no chão,
purificado sete vezes.
[7] *Ó Senhor, proteja-nos,*

nos proteja da geração.
[8] *De todos os lados, os perversos prowl,*

Como a vilidade é exaltada entre os filhos dos homens.

O contexto do salmo é de uma auto-estima ímpia e de uma dupla fortaleza. O poeta chegou de repente à convicção de que as coisas são ainda piores do que ele pensou; Sua pesquisa não produziu um homem bom e fiel (Mic. 7: 2 , Jer. 5: 1-5). Ele só pode chamar, em desespero, sobre o Senhor, e ele pede libertação, redenção. A palavra prestada Help é uma forma do verbo *yash'a* , da qual raiz a palavra Messiah também é tomada.

Onde quer que se vire, apenas mentiras devem ser ouvidas. Os homens tornaram-se lisos ou astutos de lábios, e eles falam "de coração e coração", isto é, com uma dupla intenção: um para enganar, um verdadeiro.

A ajuda pedida por Yahweh irá remediar esta situação. Ele vai acabar com a grande conversa e silenciar as línguas astutas. Ele lidará com aqueles que procuraram construir

sua reputação com suas línguas e mostrar-lhes. Na verdade, quem é capaz de "dominar sobre nós?"

O chamado do salmista é respondido em palavras faladas pelo sacerdote ou profeta; Mas o salmista e os que adoravam com ele teriam ouvido a resposta como verdadeiramente de Javé. A opressão dos pobres e o grito de agonia dos necessitados, reforçando o pedido de ajuda, trazem o "aumento" de Yahweh para fornecer a libertação (novamente, um derivado de *yash'a*) tão procurado. Para o qual ele anseia é baseado em um texto reconstruído; O hebraico, como está, é problemático.

O versículo 6 interrompe o desenvolvimento do salmo com uma aparente na pureza das declarações de Javé. Foi inspirado sem dúvida pelas palavras de Yahweh registradas no versículo anterior, e é tão poeticamente eloquente como qualquer verso no salmo. É, no entanto, uma interrupção e poderia muito bem ter sido adicionado em um período posterior à composição do salmo. Para a prata refinada em uma fornalha no chão, leia "a prata fundida em um cadinho - de minério (*la'arets*) refinada sete vezes".

O poema original continua no vv. 7-8 com uma repetição do apelo à ajuda e uma repetição de sua justificativa. O poeta reforça sua convicção de que somente Yahweh pode lidar com a situação: ele faz isso usando o pronome da segunda pessoa *e* o nome de Yahweh em seu chamado para ser guardado e preservado de uma geração como a atual, de agora em diante. Pois, por todos os lados, os homens perversos parecem de um lado para o outro, e a antítese do que Deus deseja é dada uma posição privilegiada entre os homens.

• Seja qual for o cenário original deste salmo - e certamente deve ter uma medida de parentesco, pelo menos, com a penúria moral e a injustiça social que provocaram a ira dos grandes profetas - o salmo tem um toque mais contemporâneo. Não é dito tão frequentemente como deveria ser no mundo, e na igreja em particular, que o homem de integridade ainda é uma grande raridade e que muitas línguas muito escorregas ainda estão no trabalho tentando construir reputações - às vezes, no trágico mal-entendido sobre o que a igreja é, mesmo a reputação da própria igreja. Mas a igreja não está de acordo com as palavras e as estatísticas dos homens; Ele está na palavra de Deus, e é manifesto em suas ações e na vida das pessoas que estão comprometidas com ele. Assim, as garantias deste salmista permanecem que Deus realmente ouve e que Deus realmente entrega aqueles que o invocam.

13. Uma oração pela presença de Deus

Este salmo da coleção davídica dá voz eloquente a uma queixa recorrente dos salmistas - o aparente oculto de Deus, o que parece ser a ausência dele quando o que é necessário é a sua Presença. A presença real e ativa de Deus (ver Int.) Foi de vital importância para a comunidade de adoração de Israel. Na verdade, uma grande quantidade de legislação cultual e cerimônia cultual preservada no Antigo Testamento assume essa Presença como base. É claro, no entanto, apenas os salmos como este que a Presença nem sempre era real para o adorador, mesmo o mais sincero e fiel adorador.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
[1] Quanto tempo, Senhor? Queres esquecer ***-me*** *para sempre?*

Por quanto tempo você esconde o meu rosto de mim?
[2] *Quanto tempo devo suportar dor na minha alma,*

e tenho tristeza no coração todo o dia?

Por quanto tempo meu exército será exaltado sobre mim?
[3] *Considere e me responda, ó Senhor, meu Deus;*

alivie meus olhos, para que eu não durma o sono da morte;
[4] *para que o meu inimigo diga: "Eu venci sobre ele";*

para que meus inimigos se regozijem porque estou abalada.

O queixoso querido por quanto tempo? é recorrente no Saltério (ver também 6: 3 ; 79: 5 ; 89:46 ; 119: 84) e foi ressuscitado também por Isaías sobre Jerusalém (6:11), Habacuque (1: 2), e o autor do livro de Jó (7:19), todos os quais aprenderam, sem dúvida, dos salmos que eles usavam na adoração privada e corporativa. Sua repetição quádrupla aqui é dramática e cumulativa em vigor: "Quanto tempo, Yahweh,. . . você vai me esquecer,. . . esconder sua Presença? "" Quanto tempo "eu devo" suscitar questões sem resposta "," sofrer sem conforto "e" ser desprezado pelos meus inimigos "? Quanto tempo, quanto tempo, quanto tempo, quanto tempo?

O poeta se sente esquecido por Yahweh, completamente esquecido, e ele se pergunta se é para ser assim de agora em diante, com o Senhor escondendo sua Presença. Perguntas que ele não pode responder estão agitando-se dentro dele, e a frustração deles traz-lhe o sofrimento diário. Não é necessário emendar o texto da v. 2 , como faz o RSV, para alcançar a dor de urso de leitura, o que provavelmente é estranho à intenção do poeta. O texto literalmente significa "fazer perguntas no meu ser interior".

Quase em pânico em sua situação, o salmista clama: "Olhe aqui e me dê uma resposta, ó Senhor, meu Deus!" Ele sente incapaz de suportar o que parece uma separação sem fim de seu Deus no poder de seus inimigos, e ele não tem certeza de que ele pode sobreviver. Seus olhos já parecem escurecer-se com o sono da morte. Então outro pensamento atinge: se o Senhor não ajuda, o inimigo que o dominou sobre o poeta reivindicará a vitória, e seus perseguidores irão exultar em sua queda. Por implicação, pelo menos, isso será uma espécie de reflexão sobre o próprio Javé.

[5] *Mas confiei no teu amor firme;*

Meu coração se alegrará em sua salvação.
[6] *Eu cantarei para o Senhor,*

porque ele tem tratado generosamente comigo.

Apenas neste ponto, há uma mudança abrupta de humor, de um grito de desespero para uma afirmação calma de fé. Duas explicações são possíveis. Um deles é que o salmista de alguma forma se torna consciente de que Yahweh está realmente presente e acessível a ele, e assim sua necessidade se encontrou. A cláusula final do versículo, "porque ele fez o bem para mim", daria suporte a tal visão. A outra explicação possível é que o salmista de repente leva a controlar seu cerco de duvidar com uma lembrança da segurança anterior de sua fé e da libertação de Yahweh, e uma forte reafirmação de uma confiança devidamente colocada. O duplo uso enfático do pronome "eu" na primeira parte do verso parece favorecer esta interpretação.

Em ambos os casos, a confiança do poeta está no amor imutável (*chesed*) de Yahweh- que o amor constante, inalterável, e imerecida que persiste através de cada vicissitude. Assim, enquanto seus perseguidores esperam para exultar em sua queda, ele mesmo exulta na libertação de Yahweh, o que exclui a possibilidade de qualquer queda real.

• O contexto de salmos como este é, obviamente, impossível de reconstruir, mesmo em termos gerais, com qualquer precisão assegurada. Os comentários mais antigos quase sempre fornecem uma aplicação mais pessoal do que os trabalhos mais recentes, que enfatizam um cenário cultural.

O que *é* certo sobre a conexão deste salmo com a vida de fé, tanto do passado como do presente, é dupla. Primeiro, ele retrata com uma verossimilhança honesta a terrível solidão que qualquer fé real em Deus envolve inevitavelmente: em parte por causa de dores crescentes, em parte porque os homens estão no mundo e, em parte, porque o mundo e os homens estão tão longe do que Deus é e gostaria que fossem. Em segundo lugar, ele documenta a fé calma e calma que obedece a uma confiança devidamente colocada e uma prioridade justamente selecionada - a fé que permanece, e pelo qual o crente é sempre sustentado. Essas duas facetas são mutuamente complementares e a riqueza do segundo não é apreciada até a agonia do "quanto tempo?" Foi sentida.

14. O fato de Deus, a insensatez do homem (I)

Este salmo davídico está ocupado com um tema favorito do Saltério: a disparidade entre o fato de Deus e a maneira como os homens atuam e são. Quando Moisés pediu a Deus por alguma documentação autorizada para sua comissão, ele foi informado para dizer algo como "Eu sou o ingênuo!" - isto é, "Eu sempre sou" (Ex. 3:14 .) Este fato considerável em si mesmo, simplesmente como fato, era uma documentação suficiente. E assim os poetas do Saltério o entenderam. Mas quando eles olhavam para homens no mundo, eles viram muitas pessoas que ficaram bastante impassíveis com esse essencial dito de fé, e assim foram estimulados a refletir sobre isso. Este salmo e outros gostam disso são o resultado.

Para o maestro do coro. De David.
[1] O tolo diz em seu coração,

"Deus não existe."
Eles são corruptos, eles fazem ações abomináveis,
Não há nenhum que faça o bem.
*[2] **O Senhor olha para baixo do céu sobre os** filhos dos homens,*

para ver se há algum ato com sabedoria,
que buscam Deus.
*[3] Todos se desviaram, todos são **corruptos;***

não há nenhum que faça o bem,
não, não um.
[4] Não têm conhecimento, todos os malfeitores

que comem meu povo enquanto comem pão,
e não invocam o Senhor?

[5] *Ali estarão em grande terror,*

porque Deus está com a geração dos justos
[6] *Você confundiria os planos dos pobres,*

Mas o SENHOR é o seu refúgio.

O primeiro casal está como uma espécie de introdução ao que se segue no corpo do salmo. É definido aqui como um tema, cuja elaboração segue.

O tolo é aquele que é estupido em virtude de sua posição e suas posses, e não pela falta de inteligência. É a sua perspectiva e não a sua perspicácia que é deficiente. Na verdade, *nabal* no uso do Antigo Testamento às vezes é aproximadamente equivalente a agnóstico. Uma imagem gráfica e humorística de um *nabal* é dada na história de Nabal, aquele "companheiro aborrecido e desajeitado", e sua graciosa esposa, Abigail (1 Sam. 25: 3 e seguintes).

É apenas um homem que pode dizer a si mesmo "Deus não é meu caso", isto é, Deus pode olhar para o seu negócio, eu vou tender para o meu! Isto é o que o poeta tem em mente, já que este salmo e o contexto maior da teologia do Antigo Testamento demonstram. O texto diz literalmente: "Não é um Deus de Deus". É ateísmo prático, não ateísmo teórico, e é por isso que a tradução não existe em Deus é enganosa. O tolo a quem o salmista tem referência não mais teria dito isso do que o seu homólogo hoje, que é legião.

Assim, afirmou seu tema, o poeta continua a explicá-lo. Como pode ser que os homens possam ser tão tolos?

"Os homens corrompem tudo,
e eles agem villy:
ninguém faz o que é certo ".

O que é certo ou bom é determinado por Yahweh, a norma ética de Israel, e é exigido por sua Presença, dos quais os homens tolos em consideração parecem totalmente inconscientes. Tanto a probabilidade de culto como a moral, o último, incluindo a justiça social, como os profetas costumavam declarar.
Yahweh olha para baixo dos céus, seu lugar de morada permanente de acordo com o pensamento do Antigo Testamento, mas não consegue ver mesmo quem age com sabedoria, buscando Deus. O poeta então fornece uma caracterização devastadora: seus contemporâneos têm que um homem se desviar; eles são corruptos; eles não fazem certo; eles não aprenderam nada da experiência passada. Assim, esses "tolos" persistem em "engolir" o povo de Deus, como eles iriam sufocar o pão. E eles nunca parecem sentir a necessidade de recorrer, ou seja, orar a Javé.

O fato de Deus é, no entanto, uma realidade que todos os homens tolos devem confrontar, mais cedo ou mais tarde. Como Deus está com a comunhão de seus justos, aqueles que os desprezaram devem ter motivos para tremer de medo. E, embora esses

"tolos" tenham procurado confundir e derrotar os humildes servos de Deus, esses servos tiveram refúgio na Presença que os tolos escolheram ignorar.

[7] O que a libertação para Israel sairá de Sião!

Quando o Senhor restaura a fortuna de seu povo,
Jacó regozijará-se, Israel se alegrará.

O versículo final deste salmo pode ser uma adição do período do exílio. Não tem conexão direta com os versículos que a precederam, e sua frase restaura a fortuna pode suportar tal sugestão. Se v. 7 seja, de fato, tal adição - e alguns não considerariam isso - teria sido colocado no final do poema anterior por um escritor exilic que identificou sua situação com o descrito em vv. 4 e 6 .

• Este salmo foi preservado duas vezes no Saltério; aparece novamente com apenas uma mudança significativa como o Salmo 53 . Estas duas versões do mesmo salmo dentro da coleção de 150 são, naturalmente, uma pista valiosa para a história da compilação do Saltério.

A situação na vida do salmo é impossível consertar mais do que linhas gerais. O tipo de indiferença à realidade de Deus que é aqui pressuposto é uma característica lamentável de todas as épocas na história do homem. Parece provável, no entanto, que essas linhas poderiam ter vindo de um tempo de segurança relativa em Israel, um momento em que a ausência de perigo próximo fez com que a indiferença de Deus e suas exigências fosse uma alternativa mais fácil do que o compromisso.

A mensagem do poeta é, portanto, vividamente relevante para o presente, quando é cada vez mais evidente que muitos, de fato longe, a maioria daqueles que prometeram fidelidade a Cristo, como o Senhor disse por pensamento e vida e ocupação: "Deus não é um caso do meu! "E ainda Deus deve procurar o homem que faz, assim como fala sobre o que é certo.

15. Qualificações para amizade com Deus

Quais os requisitos a serem cumpridos pelo homem que deseja entrar e permanecer na Presença de Deus? Este salmo da coleção Davidic tenta responder a esta pergunta com uma espécie de catecismo cultual. As exigências que ele estabelece, no entanto, não são cerimoniais - limpas, impuras ou as etapas de proximidade com as coisas sagradas. Pelo contrário, são exigências éticas, do tipo que ocupam os profetas.

Um salmo de David.
[1] Senhor, quem morará na tua barraca?

Quem habitará no teu santo monte?
[2] Aquele que anda irrepreensível, e faz o que é ***certo,***

e fala a verdade de seu coração;
[3] ***que não calunia com a língua,***
e não faz mal ao seu amigo,
nem se opõe a seu vizinho;
[4] ***em cujos olhos um reprobado é desprezado,***

mas que honra aqueles que temem o Senhor;
que jura a sua própria dor e não muda;
5 ***que não expõe seu dinheiro com interesse,***
e não toma um suborno contra o inocente.
Aquele que faz essas coisas nunca será movido.

A pergunta é colocada diretamente a Yahweh: "Quais são as qualificações para alguém que venha visitar sua tenda (sagrada)?" A tenda é, naturalmente, o lugar da residência especial de Javé entre os seus habitantes no monte Sião, como mostra a questão paralela : "Quem pode se estabelecer no seu monte sagrado?" A segunda forma da pergunta avança no pensamento do primeiro movimento de uma visita à residência com Yahweh. Esta questão em vigor fornece o quadro para o que se segue e é presumido na declaração de cada verso sucessivo.

O primeiro requisito do homem que deseja estar na Presença de Yahweh é a integridade. Ele deve "caminhar com honestidade", fazer o que é certo e falar a verdade porque está em seu coração, isto é, na sua natureza para fazê-lo. Para fazer o que é certo (*tsedek*), certamente inclui o cumprimento dos requisitos do culto, mas neste contexto, significa muito mais.

O segundo requisito envolve um uso judicioso da conversa. O homem em consideração deve ter certeza de suas palavras e não deve "vagar sobre sua língua". Como uma imagem gráfica da fofoca congênita! Ele deve ter o cuidado de não sofrer o seu amigo, e ele não deve levantar um escândalo para sobrecarregar os ombros do vizinho.

O terceiro requisito é de perspectiva. Este homem deve saber o que deve ser desprezado e o que deve ser honrado, e a norma pela qual sua perspectiva é determinada é o próprio Javé.

O quarto requisito é similarmente definido pelo que é Yahweh - é consistência, mesmo em circunstâncias em mudança. O homem que deve habitar na Presença de Javé pode dar a sua palavra *(* juramentos *),*apenas para descobrir mais tarde que esta mesma palavra é para sua própria desvantagem; mas ele não muda - ele adere a sua palavra (Deuteronômio 23:21).

O quinto e último requisito diz respeito ao uso de dinheiro. Esse homem não será nem rapaz no uso do dinheiro que ele tem nem tão ganancioso para ganhar mais que ele vai sacrificar seus princípios para fazê-lo. Retirar dinheiro com juros provavelmente tem referência à usura. Literalmente, o texto diz: "Ele não dá dinheiro em uma mordida", ou seja, com interesse exorbitante. Alguma legislação do Antigo Testamento condena a tomada de qualquer interesse, e é possível que o requisito estabelecido aqui seja um reflexo de tais proibições (ex., 22:25 ; Levítico 25: 35-37 ; Deut. 23:19 -20).

Finalmente, o homem que deseja a Presença de Yahweh não deixará de lado a verdade para adquirir dinheiro - ele não tomará um suborno contra o inocente.

• O contexto do Salmo 15 é culto. Gunkel (p.47) chamou-a de "Torah-song" por sua natureza instrucional. A sua configuração é o Templo do Monte de Sião. Sua ocasião é uma assembléia da congregação na adoração. Seu dramatismo pessoal é sacerdote e profeta na presença da congregação reunida. O sacerdote, ou talvez até um leigo representando a congregação, levanta a questão do v. 1 . A resposta (vv. 2-5) é fornecida pelo profeta, cujas palavras teriam sido entendidas como as próprias palavras

do próprio Javé. Desta forma, o culto atualizou e autenticou seus ensinamentos sobre o que era claramente sentida - uma revelação de Deus.

Alguns estudiosos se referiram a este salmo como uma "liturgia de entrada", um poema para a recitação sobre o tema "quem deve entrar" na presença de Deus. É isso, claro, mas muito mais também, pois suas demandas são estabelecidas em termos de vida cotidiana e hábitos contínuos. São exigências, além disso, dos mais altos padrões éticos e são tão reminiscentes de uma ênfase semelhante, tanto em outros salmos (ver 24: 3-6) como também nos grandes profetas (ver Mic. 6: 6-8) que primeiro aprendeu essas lições dos salmistas.

O salmo tem uma relevância imediata e aparente para quem deseja a Presença de Deus e está preocupado em saber o que ele espera. Seus requisitos simples, porém exigentes, não são diferentes das expectativas do Senhor quanto aos discípulos. Eles são lembretes absurdos sobre o que os fiéis pedem para ser, e uma descrição embaraçosa do que nós, de alguma forma, raramente somos.

16. A segurança da presença de Deus

Este salmo do hinário davídico é chamado em seu título de "Miktam", uma palavra até o significado geral que só pode ser suposto. Ocorre nos títulos de cinco salmos adicionais (56-60) e foi interpretado de diversas maneiras como "poema dourado" ou "semelhante a uma jóia", "oculto", ou seja, um poema de duplo significado (Oesterley, página 14) , e um "poema de expiação" (Mowinckel, II, 209).
Em essência, o tema do poema é fundamental para todo o Antigo Testamento e fornece a chave para a maior parte de sua teologia: é o tema da presença real de Deus. O poeta medita na excelência de sua escolha de Yahweh como Senhor, exulta da herança que é como resultado, e expressa sua alegria transbordante em uma comunhão a partir da qual ele não pode ser separado.

Infelizmente, o texto hebraico do salmo sofreu corrupção na transmissão, e nos pontos é impossível traduzir ou até mesmo versificar com certeza absoluta. A tradução do RSV recorre a conjecturas em dois pontos (vv. 2 , 4).

Um Miktam de David.
[1] *Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio.*

[2] ***Eu digo ao Senhor:*** *"Tu* ***és meu*** *Senhor;*

Eu não tenho nada além de ti ".
[3] *Como* ***para*** *os* ***santos na terra,*** *eles são o nobre,*

em quem é toda a minha alegria.
[4] *Os que escolhem outro Deus, multiplicam suas* ***dores;***

suas libações de sangue *não* ***vou*** *derramar*
ou pegue seus nomes nos meus lábios.

O versículo inicial do salmo é uma oração que leva a uma confissão de fé. "Guarda-me, Deus, porque depositei minha confiança em você". O nome usado aqui para Deus é ' *El* ,

que é freqüentemente usado em paralelo com o nome Yahweh (v. 2), ou mesmo como sinônimo para ele (Num 23 e 24). O poeta medita sua profissão:

"Eu disse a Javé,

'Meu Senhor você é;

Eu não sou bom além de você. '"

E o importante é que ele *não* está separado de Yahweh, nem será, nunca mais (nota especialmente vv. 8 , 10-11).

O versículo 3 é o versículo mais difícil em todo o poema. A conjectura do RSV representa uma abordagem. O poeta, tendo escolhido a Javé, se deleita apenas na comunhão daqueles de fidelidade semelhante: os santos da fé, a quem ele possui a mais alta estima. Outra possibilidade é terminar com **V.** 2 com *Tobati* , lendo "Meu Senhor, você é meu bem (ou bem-estar);" v. 3 então começaria "Sem valor são todos" (do que é agora v. 2), e continue, "os santos (dioses) estimados na terra - e amaldiçoados são aqueles que deleitam-se neles". Essa leitura tem em seu favor o fato de que melhor se encaixa no contexto do versículo a seguir e dá um jeito mais suave e mais sentido lógico. Contra isso, no entanto, é a falta completa de qualquer evidência versional; também contra isso é o fato de que exige uma nova divisão de versos e a alteração de não menos de quatro palavras do texto recebido.

A tradução do primeiro terço do v. 4 também é complexa - de tal forma que Bardtke sugere mesmo que uma meia linha inicialmente inicial v. 4 foi perdida (BHS, nota 4 *a).* Por enquanto, o texto significa, aparentemente, que aqueles que "se apressam" ou "recuam" para qualquer outro Deus além de Javé simplesmente estão pedindo dor. De fato, declara o poeta, ele não fará libações de sangue a outras divindades nem orará por elas.

Enquanto os hebreus atribuíam grande importância sacral às qualidades vitais do sangue (Levítico 17: 10-16 ; Deuteronômio 12: 23-27 , Gênesis 9: 4), seu uso no ritual foi cuidadosamente regulado (Levítico 1: 5 ff.), e qualquer consumo dele estritamente proibido. O poeta referiu-se aqui a um rito "pagão", atestado na literatura não bíblica do antigo Oriente Próximo, em que o sangue era considerado um alimento especial da divindade.

5 ***O Senhor é a minha porção escolhida e o meu cálice;***

Você segura o meu lote.

6 ***As linhas caíram para mim em*** *lugares* ***agradáveis*** *;*

sim, tenho uma boa herança.

7 ***Eu abençoo o Senhor que me dá conselhos;***

Na noite também meu coração me instrui.

8 ***Eu mantenho o Senhor sempre diante de mim;***

porque ele está à minha direita, não vou me mover.

9 *Portanto, meu coração se alegra, e a minha alma* ***se alegra;***

meu corpo também é seguro.

10 *Pois não me entregues ao Sheol,*

ou deixe o seu deus ver um só o poço.
[11] *Mostra-me o caminho da vida;*

na tua presença há plenitude de alegria,

Na sua mão direita estão os prazeres para sempre.

Tendo assim afirmado e reiterado a sua fidelidade exclusiva a Yahweh, o salmista exulta da herança de segurança que é, em conseqüência, dele. Javé, ele declara, é a sua "devida herança", o seu copo. É Yahweh quem lança o seu lote (votação). E como resultado, sua porção está idealmente disposta, e sua herança parece mais agradável para ele diariamente. A referência nestas linhas é a atribuição sacral da terra prometida ao povo de Javé. A terra era considerada como a possessão de Javé, para ser atribuída por ele a seu povo, na colocação original, ou depois de um ano em pousio. É uma prática a que o Antigo Testamento faz referência frequente (cf. Lv 25: 1 ff. , Esp. V. 23 ; Josh 17: 1-6 ; 18: 2-6). Não é a terra, no entanto, que o salmista tem em mente; Ele preferiu tomar a antiga terminologia do patrimônio da terra e aplicou-a ao bem mais rico patrimônio de comunhão com Deus. E ao invés de descobrir com os dias que passam os defeitos de sua porção, como se pode fazer com uma área de terra, por mais rica e bem regada, ele encontra com cada dia que sua porção em Yahweh é cada vez mais agradável.

Muitas vezes foi sabido que o autor deste salmo era levita, já que os levitas não tinham alocação de terras, e foi dito expressamente por Javé: "Eu sou a sua herança" (ver Números 18:20 ; Deut. 18: 1). Embora esta seja, naturalmente, uma possibilidade, não é de modo algum necessária em vista do uso generalizado da terminologia nesse sentido figurativo (note também o Salmo 73:26 , Mic 2: 5 , e a ocorrência freqüente no Antigo Testamento de O próprio nome Hilkiah, "minha porção é Yahweh").

Assim, o salmista abençoará o Senhor, que o guia dia e noite, e assim ele estabeleceu o Senhor continuamente em frente a si mesmo. Com sua atenção sempre voltada para o seu sempre presente Senhor, ele não pode ser abalado.

Tal contemplação leva, como muitas vezes faz no Saltério, a uma explosão quase avassaladora de alegria, pois a comunhão que conhece na Presença de Deus é uma porção da qual nada, nem mesmo a própria morte, podem separá-lo. Sheol é exclusivamente uma palavra hebraica que ocorre 66 vezes no Antigo Testamento em referência à morada dos mortos; Pit ou abyss está aqui simplesmente um termo paralelo. Ambos os termos pertencem à sabedoria popular do dia sobre o assunto dos mortos e seu paradeiro.

Na Presença de Deus, ele veio a uma nova compreensão do que é a vida e do que a torna valiosa. E na perspectiva deste novo entendimento, ele percebe que a morte que a maioria dos homens tem medo já não representa qualquer ameaça para ele. É o cumprimento da alegria (iluminado, uma saciedade de alegrias) para estar na Presença de Javé, e esta é uma comunhão que perdura.

• O salmo 16 é uma declaração profunda da confiança pessoal na realidade da Presença de Deus. Seu autor pode ter sido, como observado acima, um membro da equipe do Templo que teria estado em constante associação mental e física com os símbolos especiais e os lugares da Presença de Deus. Ou ele pode ter sido um leigo fiel que tinha vindo em uma adoração privada e corporativa para conhecer de Deus em primeira mão e cuja expressão alegre da sua experiência foi levada para a coleção cultual como o

presente valioso. Que sua expressão ainda era valorizada pela igreja primitiva é atestada pela citação de Paulo de uma parte de v. 10 em seu sermão em Antioquia (Atos 13:35).

A relevância contemporânea deste poema antigo se baseia principalmente no fato de que, apesar de sua antiguidade, ainda descreve um conhecimento de Deus, que a maioria dos cristãos ainda não conseguiu, apesar da ajuda oferecida por Cristo. O Salmo 16: 9-11 é nada menos do que uma versão do Antigo Testamento de Romanos 8: 38-39 ; e as duas passagens e os homens que as escreveram continuam a ser um desafio constante.

17. Choro de Inocência, Chamada de Vindicação

O salmo é o primeiro no Saltério bíblico a ser chamado em seu título de oração. É isso, e uma oração muito emotiva, cuja linguagem é muito intensa e às vezes quase estática na expressão. Este fato, juntamente com várias linhas que sofreram alguma confusão na transmissão, tornam muito difícil, em pontos, traduzir. Que é um salmo da coleção davídica levou alguns comentaristas a procurarem uma situação na vida de Davi para conectá-la. Tais tentativas são, sem dúvida, especulativas, e até mesmo enganosas, pois o salmo nunca identifica a base ou a natureza dos ataques caluniosos que seu autor está sofrendo. Que o poeta sofre, ele é certo injustamente, e que ele é indubitavelmente seguro de que a reivindicação de Deus é tanto quanto pode ou precisa ser dito.

Uma Oração de Davi.

1 Ouça uma justa causa, ó Senhor; Atende ao meu choro!

Dê ouvidos à minha oração dos lábios sem engano!
2 De ti, venha minha vindicação!

Deixe seus olhos ver o direito!
3 Se você tentar o meu coração, se você me visitar de noite,

Se me provar, não achará maldade em mim;
minha boca não transgredia.
4 Quanto às obras dos homens, pela palavra dos teus lábios

Evitei os caminhos dos violentos.
5 Os meus passos prenderam-se aos teus caminhos,

meus pés não escorregaram.
6 Te invoco, porque me responderás, ó Deus; incline seu ouvido para mim, ouça minhas palavras.
7 Mostra orgulhosamente o seu amor firme,

O Salvador daqueles que buscam refúgio
de seus adversários à sua direita.
8 Mantenha-me como a maça do olho;

esconda-me na sombra das tuas asas,
9 dos ímpios que me despojam,

meus inimigos mortais que me cercam.

O grito do salmista é dirigido a Javé. Ele pede uma audiência, Ouça. . . "Ouvir". . . Dê ouvidos, com a certeza de que o que ele quer dizer é correto e "verdadeiro". O julgamento que ele quer, no meio de (ele diz em breve) tanto julgamento não solicitado e falso, é o julgamento da própria Presença de Yahweh. Ele pede que o Senhor veja com seus próprios olhos "o que é reto". O idioma dessa invocação é teofânico; Pode assumir-se que o poeta está no Templo, próximo ao lugar e símbolo da Presença especial de Deus.

O poeta atesta e defende sua própria inocência. Ele lembra a Yahweh que ele mesmo examinou sua vida: "você testou. . . visitado . . . (literalmente) colocou-me através da fundição. "O NEB corretamente lê" ensaiou-me. "Não há base no texto para o uso de RSV do futuro condicional. Tudo isso não apresentou "termas escuras", sem mentiras. Além disso, o salmista foi orientado em sua relação com os homens e seus "caminhos violentos" pela própria palavra de Javé. Ele manteve um passo constante no caminho prescrito por Yahweh.

Este bom registro, além da certeza absoluta de que Deus (' *El*) responde seu chamado, fez o salmista confiante em sua oração. Novamente, ele faz uma audiência e depois chega ao ponto de sua petição. É seu pedido que Deus mostre seu amor imutável e se revele como ele realmente e sempre é, de um modo "poderoso" (Gn 18:14 ; Salmos 113: 9 , Lucas 1:37 ; veja o comentário sobre o Salmo 9: 1 ss.).

Deus é depois de todo o salvador daqueles que procuram seu refúgio daqueles que são rebeldes contra ele; e com razão, a implicação é, uma vez que os inimigos do poeta e os de Deus são um e o mesmo. Assim, a oração é que Deus o guardaria com grande cuidado e ternura e o abotoe no abrigo de suas asas - uma imagem que muito bem pode se referir à arca como simbólica da Presença de Deus. O que o salmista deseja particularmente ser protegido e escondido são os ímpios, que estão fora para fazer violência, seus "inimigos mortais" que o cercam.

[10] Eles fecham seus corações com pena;

Com suas bocas, eles falam com arrogância.

[11] Eles me seguem; agora eles me cercam;

eles colocaram os olhos para me lançar no chão.

[12] Eles são como um leão ansioso para rasgar,

como um jovem leão que espreita em emboscada.

[13] Levante-se, O Loro! confronta-os, derruba-os!

Livra a minha vida dos ímpios pela tua espada,

[14] ***dos homens pela tua mão,*** *ó Senhor,*

dos homens cuja parte da vida é do mundo.

Que a sua barriga seja preenchida com o que você guardou para eles;

que seus filhos tenham mais que suficiente;

Que eles deixem algo para seus bebês.

[15] Quanto a mim, contemplarei o teu rosto em ***justiça;***

Quando eu acordar, ficarei satisfeito de ver a sua forma.

Os inimigos e seus ataques são então descritos: são insensíveis e insolentes de fala. Eles "correm para" (mais provável o significado do que me rastrear - a palavra Heb. Não esclarece) o poeta e o cercam; Eles o encaram com intenção malévola. Na verdade, eles trazem à mente a imagem de uma leoa ofegante com a luxúria do sangue, de um jovem leão que espreita em emboscada.

Com esta descrição vívida, as emoções do salmista se elevam; O medo e a raiva o apanham, e ele quase se torna incoerente. "Levante-se, Yahweh!" Ele grita com bastante frequência: "Encontre o inimigo em frente e leve-o ao joelho! Deixe minha alma escorregar pelos ímpios! "Com este apelo, o poeta se envolve em uma oração viciosa e vengativa pela morte de seus inimigos. A linguagem, como se observou, é difícil, e a tradução é ainda mais complicada por um texto corrupto em hebraico - a primeira linha completa de v. 14é ininteligível como está. A importação do verso completo, no entanto, é muito clara. O salmista invoca duas vezes para que o Senhor mate os inimigos e pede que eles sejam tão tratados "no auge". Sua progênie para a segunda geração, ele reza, também deve conhecer um destino semelhante. Uma leitura alternativa e igualmente válida deste texto difícil descreve os inimigos como preenchidos com as coisas boas da vida, com as próprias bênçãos de Yahweh, mas muito insensíveis para apreciar a fonte de sua abundância. Esta leitura, em contraste com a do RSV, é refletida no Psalter Revisto e no NEB.

Depois de uma explosão tão emocional, o salmista recupera a compostura, retoma a sugestão de vv. 2 , 6 , 8 e refere-se a uma experiência da Presença de Yahweh, que provavelmente deve ser entendida como uma teofania. Como ele está certo, o poeta confia em que ele verá o rosto de Javé e terá plena satisfação de uma experiência da Presença de Javé. A referência ao despertar pode referir-se ao fim de uma vigília toda a noite no Templo, ou pode significar que o poeta espera uma visão de Deus em um sonho ou que tenha conhecido antes e antecipe novamente uma certa comunhão com Deus de noite, mesmo no sono, o que traz confirmação de fé e uma nova garantia (ver comentário em 127: 2).

• O contexto do Salmo 17 é uma perseguição injusta. Seu local parece quase certamente ter sido o Templo, onde o poeta afirma sua inocência e reza para a libertação e reivindicação de Deus. Há um parentesco entre a confiança na Presença expressada aqui e no Salmo 16 - um parentesco que, de fato, pode explicar sua presença no Livro I do Saltério. Mas há aqui uma sensação de ansiedade e um espírito vingativo que está completamente desaparecido no salmo anterior.

Com justiça a este salmista, o cristão deve conceder o costume de um tempo menos humano e, ainda mais importante, a compreensão dos inimigos dos justos como inimigos de Deus. Esta última visão, tão prevalente em partes do Antigo Testamento, teve virtualmente o efeito de transformar o ódio do inimigo em um ato piedoso, seu abate no serviço de Deus. Por outro lado, com a justiça, o cristão deve admitir um parentesco com o vil espírito deste poeta, que só Cristo pode exorcizar.

18. A Gratidão e a Fé dos Reis Davidicos

Este magnífico hino aparece duas vezes no Antigo Testamento: aqui, e em apenas uma forma ligeiramente variada, como 2 Samuel 22 . Em ambos os casos, é atribuído a David, o "doce cantor de Israel" por excelência. É um salmo cujas complexidades são

quase iguais à sua eloquência. Ele une diversos elementos até tal ponto que alguns comentadores o viram como uma combinação de vários salmos; outros excluíram de seus blocos importantes de texto de versos como adições atrasadas e estranhas. Nos pontos é um hino de louvor e devoção a Deus; Em outros pontos, torna-se um protesto da própria probidade do poeta, e até mesmo uma alegre música de vingança.
Apesar dessas aparentes disparidades, é provável que o salmo seja uma unidade e se entregue com uma habilidade artística consumada. Além disso, enquanto o salmo sofreu alguma corrupção do texto e tomou as frases adicionais usuais na transmissão, não há nenhuma boa razão para negar, como muitos estudiosos fizeram, a David. Em linguagem, perspectiva e contexto, conexões com David e, igualmente importantes, sua dinastia pode ser pronta. O salmo é o segundo na sequência de "salmos reais" no Saltério.

Há duas partes principais para o hino: a primeira (vv. 1-30) é um hino de gratidão a Deus por sua Presença e libertação; O segundo (v. 31-48) é um hino descrevendo e comemorando a vitória do rei, pela graça de Deus, sobre seus inimigos. As duas partes são então concluídas por uma doxologia unificadora (v. 49-50).

O longo "título" do salmo tem o efeito de implicar que o Salmo como um todo não se preocupa com uma *única* entrega ou com uma vitória particular sobre os inimigos do rei, mas sobre as libertações e reivindicações coletivas de Javé.

Para o maestro do coro. Um salmo de Davi, servo do Senhor, que se dirigiu às palavras desta canção ao Senhor no dia em que o Senhor o livrou da mão de todos os seus inimigos e das mãos de Saul. Ele disse:

1 Eu te amo, ó Senhor, minha força.

2 O Senhor é a minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador,

meu Deus, minha rocha, em quem me refugio,
meu escudo e o chifre da minha salvação, minha fortaleza.
3 ***Invoco o Senhor, que é digno de ser*** *louvado,*

e eu sou salvo dos meus inimigos.
4 As cordas da morte me cercaram,

os torrents de perdição me assaltaram;
5 as cordas do Sheol me enredaram,

as armadilhas da morte me confrontaram.
6 Na ***minha angústia*** *I* ***chamado*** *após* ***o Senhor;***

Para o meu Deus, chorei por ajuda.
Do seu templo, ele ouvi minha voz,
e meu clamor para ele chegou aos ouvidos dele.
7 Então a terra se abaixou e balançou;

as bases também das montanhas tremiam
e chorou, porque ele estava com raiva.

8 Fumaça subiu de suas narinas,

e devorando fogo de sua boca;

brasas incandescentes inflamaram-se dele.
9 Ele curvou os céus e desceu;

A escuridão grossa estava debaixo de seus pés.
10 Ele montou em um querubim e voou;

Ele virou rapidamente sobre as asas do vento.
11 Ele fez a escuridão sua cobertura ao redor dele,

o seu dossel cheia de nuvens escuras com água.
12 Fora do brilho antes dele

atravessou suas nuvens

granizo e brasas de fogo.
13 O Senhor também trovejou nos céus,

e o Altíssimo pronunciou sua voz,

granizo e brasas de fogo.
14 E enviou as suas flechas, e as dispersou;

Ele pulou relâmpagos, e encaminhou-os.
15 Então foram vistos os canais do mar,

e os fundamentos do mundo foram descobertos,

à tua ***repreensão,*** *ó senhor,*

na explosão do sopro das tuas narinas.

Os versículos 1-3 são uma invocação de beleza superando, definindo o contexto para o que está por seguir. O poeta declara seu amor por Javé, sua força ou ajuda, e então passa a empilhar a imagem sobre a imagem em sua descrição do que o Senhor diz para ele: "minha rocha, minha fortaleza, meu refúgio, meu Deus, meu abrigo de pedra , meu escudo, meu chifre de salvação, meu refúgio de montanha. "Sobre um deus como este, tão merecedor de louvor, o poeta chama e é libertado de seus inimigos.

Com tanta frequência nos hinos de ação de graças, o salmista prossegue, após a abertura do hino, para descrever a urgência de sua situação, embora geralmente, como aqui, a própria situação é referida apenas em termos muito gerais (Salmos 41 ; 66 ; 116 ; 124). As "ondas de ruptura" da morte estavam se fechando em torno dele, as "torrentes de destruição" o ultrapassavam; As armadilhas do Seol (ver comentário em 16:10) foram encurraladas em torno dele, e os "ganchos da morte" foram colocados para pegá-lo. Havia, em uma situação tão desesperada, nenhum recurso senão um grito a Javé. O choro foi feito e foi direcionado à Presença de Yahweh no Templo - este ponto (v. 6) é importante porque antecipa a resposta que se segue.

Então, como resultado, por causa do perigo do poeta e chora a Deus por ajuda, a magnífica teofania de vv. 7-15 ocorre. Aqui está o Senhor "mostrando poderosamente" a sua preocupação com seu servo (ver 17: 7), e aqui está uma descrição de sua presença sendo manifestada ao adorador. Não há mais uma descrição magnificamente detalhada

de uma theophany em qualquer lugar do Saltério, talvez até no Antigo Testamento como **um** todo. É um composto dos elementos e símbolos da teofania do Antigo Testamento.

As tentativas de relacionar esses versículos com uma erupção vulcânica ou algum outro fenômeno natural cataclísmico faltam tanto o ponto quanto a referência mais completa da passagem. Da mesma forma, enquanto a teofania do Sinai (Ex. 19:16) não está relacionada com isso, quanto a quase todas as teofanas cultuas, essa estrofe não deve ser conectada diretamente diretamente com ela. O que o salmista pretende é uma re-apresentação dramática e convincente da vinda de Yahweh, em resposta a um pedido urgente e pessoalmente, para trabalhar sua poderosa salvação.

Além disso, a vinda de Yahweh, a qualquer momento e sob qualquer circunstância, não é coisa leve; É maravilhoso e terrível, emocionante e paralisante. E como resultado, nada que seja parte de tal vinda pode ser novamente o mesmo novamente. Massa dos símbolos e da linguagem da epifania de Yavé, o poeta está tentando recriar e torná-lo real para todos os que ouvem o ensaio de sua experiência. Com o leitor pouco simpatizante, ele falha nesse propósito.

"Então, como resultado,
A terra tremia e tremia;
e as raízes das montanhas
estavam sendo perturbados ".

Fumaça, fogo e relâmpagos - todos os elementos característicos da teofania de Javé - emitidos por parte de Javé; observe a tradução gráfica deste versículo pelo NEB:
"Fuma subiu de suas narinas,

o fogo devorador saiu da boca dele,

carvões brilhantes e calor abrasador ".

"Partindo" os céus, Yahweh "desce", uma nuvem negra debaixo de seus pés, andando sobre um querubim, subindo sobre as asas do vento. Sua cobertura era a escuridão. Uma "luz ardente" precedeu sua Presença, e dela surgiram granadas de granizo e relâmpagos. E então, o Senhor trovejou, enviando sua voz, espalhando suas flechas ardentes, enviando relâmpagos e fazendo-lhes rachar e ecoar. Os próprios leitos de canais do mar e os pilares de fundação do mundo foram descobertos e pouco admirados. Esta descrição gráfica e detalhada foi para o final que qualquer recitação ou audição da recitação deste salmo pode se tornar parte da experiência recriada, ela própria trazida do passado para o presente. É também um passo na resposta de Yahweh ao grito de ajuda do salmista, que trouxe resultados rápidos, dramáticos e conseqüentes.

16 Ele alcançou o alto, ele me levou,

Ele me retirou de muitas águas.
17 Ele me livrou do meu inimigo forte,

e daqueles que me odiavam;

pois eles eram muito poderosos para mim.
18 Eles vieram sobre mim no dia da minha calamidade;

Mas o Senhor foi a minha estadia.
19 Ele me trouxe para um lugar amplo;

Ele me entregou, porque ele se deleitava comigo.
20 O Senhor me recompensou segundo a minha justiça;

De acordo com a pureza das minhas mãos, ele me recompensou.
21 ***Pois eu*** *mantive os caminhos* ***do*** *Senhor,*

e não me afastei perversamente do meu bacalhau.
22 Pois todas as suas ordenanças estavam diante de mim,

e seus estatutos não me afastei de mim.
23 Eu era irrepreensível diante dele,

e eu me separei da culpa.
24 Pelo que o SENHOR me recompensou segundo a minha justiça,

de acordo com a limpeza das minhas mãos à sua vista.
25 Com o leal, você se mostra leal;

Com o homem irrepreensível, você se mostrará irrepreensível;
26 Com o puro, você se mostra puro;

e com o torto você se mostra perverso.
27 Porque entregues um povo humilde; baixa.

mas os olhos arrogantes que você traz
28 Sim, acendei minha lâmpada;

O Senhor, meu Deus, acende minha escuridão.
29 Sim, por você, eu posso esmagar uma tropa;

E por meu Deus, eu posso pular sobre uma parede.

30 Este Deus - o seu caminho é perfeito; a promessa do Senhor é verdade;

Ele é um escudo para todos aqueles que se refugiam nele.

Tendo assim chegado, o Senhor se move rapidamente para entregar o seu servo suplicante e favorecido, "arrebatar" e "extraí-lo" das "águas inundadas". Quando seus inimigos que o odiam se mostram muito fortes para ele, avançando sobre ele quando ele está maior aflição, Javé está neste exato momento "como uma equipe forte", literalmente trazendo-o de seu "lugar apertado" para um lugar amplo. E o Senhor o faz, observa o poeta, ficou encantado comigo.

Este pensamento leva o salmista a uma afirmação de seu próprio relacionamento com Yahweh. Não é a defesa da inocência que se encontra freqüentemente nos Salmos (7: 1 ss.); O poeta não está aqui sob nenhum ataque. Nem é uma declaração de auto-justificação (ver v. 23); é um testemunho realista e honesto.

O Senhor recompensou-o com base em sua justiça - sua probidade moral e cultual - a "sinceridade" de suas mãos. O poeta faz o seu testemunho de forma alguma: ele "guardou os caminhos de Yahweh"; Ele não se afastou mal de seu Deus; Ele manteve todos os "juízos" ou "direções" de Yahweh em mente; “Eu era honesto com ele, e eu me protegida contra meu pecado.” Assim ler v. 23 , tradução *tamim*“honesto” em vez de irrepreensível e reter “meu”, que ocorre com o “pecado”, tanto aqui como no verso paralelo, 2 Samuel 22:24 . O RSV erroneamente omite o "meu" em ambos os lugares e, de forma incorreta, lê *Tamim*sem culpa. O ponto do verso é assim perdido. O poeta foi honesto com Deus, não perfeito, e admitiu e tentou se proteger contra o seu próprio pecado particular.

Para este ponto, os verbos têm na maior parte indicado ação inacabada ou contínua, até presente. Esta é uma parte do dispositivo do poeta para alcançar o envolvimento de seus ouvintes, como Weiser afirmou (p. 188) apontado. Aqui, no entanto, no inventário do que foi e feito, o poeta muda para a ação completa. Assim, o que o Senhor fez por ele não é mais do que um resultado firmemente antecipado da obediência honesta como evidenciado por uma vida vivida na Presença de Javé (v. 24).

Esta referência à justiça e consistência de Yahweh leva o salmista a novas palavras sobre o mesmo tema. Com o bem, Yahweh é bom; Com um homem honesto, ele é totalmente honesto; Com o puro, ele revela sua própria pureza; e com aqueles que são perversos, ele pode ser muito difícil (iluminado, faça-se torcer).

Na verdade, o Senhor entrega os oprimidos, mas traz baixos os olhos altivos. Ele enche a luz do poeta com luz - ou depois da leitura de 2 Samuel 22:29 , ele *é* a lâmpada do poeta. A afirmação do salmista e suas emoções chegam a um clímax no entusiasta avareu:

"Para você, eu posso cortar uma seta;
Com meu Deus, eu posso limpar uma parede! "

É um sentimento que só o homem da fé pode entender.
É este Deus cujo caminho é perfeito, cuja palavra foi provada (iluminada, fundida), e que é um escudo para aqueles que o buscam para se refugiar.

31 Porque quem é Deus, mas o SENHOR?

E quem é uma pedra, exceto nosso Deus?
32 o Deus que me cingiu com força,

e fiz o meu caminho seguro.
33 Ele puxou os pés como os pés dos reis,

e me fixe nas alturas.
34 Ele treina minhas mãos pela guerra,

de modo que meus braços podem dobrar um arco de bronze.
35 Tu me deste o escudo da tua salvação,

e a sua mão direita me apoiou,
e sua ajuda me fez grande.

[36] Você deu um lugar amplo para os meus passos abaixo de mim,

e meus pés não escorregaram.
[37] Eu persegui meus inimigos e os alcancei;

e não voltaram até serem consumidos.
[38] Eu os empurrei, de modo que não conseguiram se levantar;

Eles caíram debaixo dos meus pés.
[39] Porque me cingiste com força para a batalha;

Você fez com que meus agressores se afundassem debaixo de mim.
[40] Você fez meus inimigos me virarem as costas,

e aqueles que me odiaram, destruí.
[41] Eles pediram ajuda, mas não houve para salvar,

eles choraram ao Senhor, mas ele não respondeu.
[42 Os] venço bem como poeira diante do vento;

Eu os expulso como o lama das ruas.
[43] Você me livrou das contendas com os povos;

Você me fez a cabeça das nações;

Pessoas que eu não conhecia me serviram.
[44] Assim que ouviram de mim, obedeciam-me;

Os estrangeiros vieram se encolher para mim.
[45] estrangeiros perderam coração,

e veio tremendo de suas forças.
[46] O Senhor vive; e abençoado seja meu rock,

e exaltado seja o Deus da minha salvação,
[47] o Deus que me deu vingança

e pessoas submissas debaixo de mim;
[48] que me livrou dos meus inimigos;

sim, você me exaltou acima dos meus adversários;

Você me livrou de homens de violência.

O versículo 31 começa a segunda parte principal do hino, em que a vitória do rei sobre seus inimigos é descrita e celebrada. É nesta segunda seção que as referências ao papel do rei, particularmente como líder militar, são muito mais explícitas.

A questão é colocada, provavelmente, pelo sacerdote ou profeta que estava a cargo do serviço: "Quem é Deus além de mim, Yahweh?" E quem é uma rocha, exceto nosso Deus? Esta é a sugestão para o rei, ou seu representante, e sua afirmação segue: primeiro, com uma série de imagens que descrevem o que o Senhor fez por ele (e, assim, estabelecendo sua visão da singularidade divina de Javé); e segundo, com um ensaio do que ele, assim treinado e habilitado, fez em resultado.

Deus "o armou com valor", deu "integridade" à sua vida e deu-lhe uma posição firme e cuidadosa em manchas inseguras (iluminadas, pés como as da corça). Ele ensinou-o a lutar, deu-lhe a proteção da libertação divina, o fez firme com a mão direita, e "sua condescendência" tornou o rei grande. Na verdade, Deus fez o rei ficar firme. O idioma é das necessidades do rei no campo e na sua corte, mas o ponto é que Yahweh fez a conquista e não o próprio rei.

Assim treinado e capacitado, o rei experimentou vitórias notáveis que ele descreve. Ele fala de vencer seus inimigos: ele "corre-os para baixo", "ultrapassa" e "os esmaga para que eles não consigam se levantar". Isso é possível, ele ressalta, porque Yahweh "o faz forte com valor para batalha "e" se inclina debaixo daqueles que se rebelam ", e" dá-lhe as costas de seus inimigos ". Assim, ele destrói aqueles que o odeiam. E, embora clamam pela ajuda, o Senhor não responde; pelos padrões estabelecidos no vv. 20-30 , isso é inevitável; eles não têm o direito de esperar uma resposta. Assim, o rei pulveriza-os, como poeira diante do vento, e carimbos sobre eles como ele faria a lama da rua.

Na verdade, no entanto, o rei apressa-se a repetir que tudo isso é a conquista de Yahweh. É o Senhor que o livra das pequenas brigas dos povos. É o Senhor que o coloca à frente das nações e que traz um povo desconhecido para ele servi-lo com tremenda reverência.

Para Yahweh, de fato, é a honra. Ele é verdadeiramente um Deus vivo que poderia alcançar tudo isso, e ele deve ser abençoado e exaltado. O versículo 46 retoma um pouco da linguagem da invocação de abertura do salmo (rock, Deus da minha salvação) e vv. 47-48 servem como um resumo da segunda parte do salmo com referência também à libertação da primeira parte (me traga, me tire, na v. 48).

> [49] ***Por isso, eu te exaltarei, ó Senhor, entre as nações,***
>
> *e cante louvores ao seu nome.*
>
> [50] *Grandes triunfos que ele dá ao seu rei,*
>
> *e mostra amor constante para o seu ungido,*
>
> *para David e seus descendentes para sempre.*

Todo o hino é concluído por uma doxologia unificadora que novamente reitera o papel decisivo de Javé em tudo o que foi recitado. Por todas estas razões, o poeta exaltará a adoração e cantará o seu nome. Pois o Senhor realmente traz "grandes vitórias" ao seu rei e concede "amor imutável" ao seu "ungido", aqui identificado como Davi e seus descendentes para sempre.

• A configuração deste magnífico salmo parece ter sido a capela real em Jerusalém, seguindo, ca. 950 AC, o Templo Solomônico. Sua figura central, além do próprio Javé, era o rei davídico. Embora alguns comentadores tenham avançado uma identificação mais específica (de modo Leslie, página 259), essa designação mais geral é preferível por três razões. Primeiro, simplesmente não há provas internas suficientes para uma identificação precisa. Em segundo lugar, não há boas razões para negar o salmo, em sua primeira forma, a David. Em terceiro lugar, é mais do que provável que o salmo fosse usado sucessivamente por todos os reis da linha davídica, por sua própria natureza, e, portanto, qualquer esforço para conectá-lo com apenas um rei da dinastia é mal colocado e enganador.

As afirmações do salmo, com sua descrição cumulativa do Deus salvador, protetor e fortalecido, seu senso vívido do advento e do poder da Presença de Deus, é o seu dicta sobre o que Deus espera e dá em troca, e sua confissão entusiástica de Deus como o Deus vivo e vivo é uma inspiração e uma instrução para o cristão contemporâneo. A libertação que este poeta experimentou e depois procurou descrever como realidade presente é tão presente e real como sempre foi. A fúria da entrada de Deus no fogo foi iluminada por sua chegada entre os homens como uma criança indefesa. E a libertação que ele fez em Cristo é verdadeiramente motivo de confissão e canto de louvores (cf. Phil 2: 5-11).

19. Dois Hinos na Revelação de Deus

Como os Salmos 9-10 são um hino agora em pé como dois no livro de Salmos, o Salmo 19 é dois hinos agora em pé como um. A diferença de estilo, vocabulário, arte e cadência entre 19: 1-6 e 19: 7-14 , tão vívida em hebraico, é surpreendentemente aparente mesmo em tradução. Das duas possibilidades que se sugerem imediatamente - dois poemas originalmente separados por dois autores diferentes, ou dois poemas intencionalmente diferentes pelo mesmo autor - o primeiro parece mais razoável, porque as diferenças são tão dramáticas.
O único respeito em que os dois poemas são iguais é que cada um exalta, de maneira reconhecidamente divergente, a revelação de Deus. O primeiro poema exalta a revelação em sua obra; O segundo, a revelação em sua palavra. Essa semelhança de direção provavelmente reuniu os dois poemas em primeiro lugar.

Cada um a sua maneira é uma criação inspirada. O poeta do vv. 1-6 tinha visto a Presença de Deus nos céus, assim como o poeta do Salmo 8 . Ele era um homem sensível ao sussurro de Deus de si mesmo em coisas pequenas e ótimas. O poeta do vv. 7-14 conhecia a Presença de Deus em sua palavra e refletiu sobre ela. Ele era um homem para quem Deus era real nas idéias e a expressão concisa deles. Na verdade, este poeta era claramente parte daquela comunhão de sabedoria - professores que produziam também poemas como Salmos 1 e 119 .

O título do salmo identifica-o como pertencente à coleção Davidic de hinos. Com toda a probabilidade, essa identificação foi primeiro pertinente para o primeiro dos dois hinos e passou a ser aplicada ao segundo apenas em virtude de sua conexão com o primeiro.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
[1] Os céus estão dizendo a glória de Deus;

e o firmamento proclama sua obra.
[2] Dia a dia derrama discurso,

e a noite a noite declara conhecimento.
[3] Não há discurso, nem há palavras;

sua voz não é ouvida;
[4] ainda a voz deles passa por toda a terra,

e suas palavras até o fim do mundo.
Neles, colocou uma tenda para o sol,

[5] que aparece como um noivo que sai de sua câmara,

e como um homem forte corre seu caminho com alegria.
[6] O seu surgimento é do fim dos céus,

e seu circuito até o fim deles;
e não há nada escondido do seu calor.

O poeta do primeiro salmo começa seu hino com uma meditação sobre a música sem som dos céus:

"Os céus continuam contando
a glória (kabod) de Deus,
e as criações de suas mãos,
o céu abobadado declara ".

É um relato contínuo, este comentário celestial, que continua a revelar ainda novas maravilhas e dimensões do ser e da atividade de Deus. Dia após dia, "borbulha" um conhecimento que nenhum dia pode conter, e noite após a noite dissemina ainda mais informações. E tudo isso, maravilha o poeta, "sem discurso e sem palavras!" Ele apenas usou menos de cinco palavras relacionadas especificamente à comunicação verbal para descrever o que ele agora diz que a criação celestial pode fazer sem comunicação verbal. Apesar de sua própria habilidade manifesta com palavras, ele deve estar ciente de sua limitação dolorida enquanto lutava com eles para descrever a fala sem fala; Finalmente ele simplesmente se maravilha, "Sua voz é sem som".
No entanto, apesar desse fato - talvez em parte por causa disso - a música deles vai para a Terra inteira e sua mensagem até o fim do mundo habitado. E está disponível para ele que não tem palavras.

O salmista agora dá um exemplo mais específico do que ele tem em mente em uma descrição do sol em seus "movimentos" sobre os céus. O fato de ele não ter acesso à astronomia copernicana deve estragar essas lindas linhas para ninguém e, acima de tudo, deve ser lembrado que esta linguagem é poética e, portanto, não é limitada, naquele dia ou este, pelas restrições impostas à linguagem de Ciência.

Assim, o poeta descreve Deus tendo "montado" nos céus uma barraca para o sol, de que habitação o sol faz as rodadas. Com considerável ingenio, o sol em sua saída desta barraca é comparado a um noivo saindo da sua câmara nupcial. Ele é, de fato, um herói poderoso que se regozija com a prontidão de correr uma corrida. Ele sai da extremidade dos céus; Sua rota é para suas fronteiras; e nada é cortado do calor dele.

Assim, com um exemplo de seu ponto que ninguém, nem mesmo um homem cego, poderia ter perdido, o salmista termina seu poema. É possível especular um final, agora perdido, que reafirmou o tema da primeira linha. Parece mais provável, no entanto, que o presente final era parte da intenção desse poeta muito hábil.

*[7] A **lei** do Senhor é perfeita,*

revivendo a alma;

o testemunho do Senhor é certo,
tornando sábio o simples;
[8] ***os preceitos do Senhor estão certos,***
regozijando-se com o coração;
o mandamento do Senhor é puro,
iluminando os olhos;
[9] ***o medo do Senhor é limpo,***
permanecendo para sempre;
as ordenanças do Senhor são verdadeiras,
e todos justos.
[10] *Mais a desejar são do que o ouro,*

até muito ouro fino;
mais doce do que mel
e pingos do favo de mel.
[11] *Além disso, o servo de ti é advertido por eles;*

Ao mantê-los, há uma grande recompensa.
[12] *Mas quem pode discernir seus erros?*

Limpe-me de faltas ocultas.
[13] *Guarda também o teu servo de presunçosos* ***pecados;***

Não tenham domínio sobre mim!
Então eu serei irrepreensível,
e inocente de grande transgressão.
[14] *Deixe as palavras da minha boca e a meditação do meu coração*

seja aceitável à sua vista,
Ó Senhor, meu rock e meu redentor.

Já sugeriu que os dois poemas que compreendem o Salmo 19 foram reunidos por causa de sua similaridade de direção. É possível também que o editor que os uniu fez porque ele sentiu a necessidade de uma conclusão menos abrupta para o primeiro poema.

Uma característica do primeiro poema é a forma musical em que suas palavras parecem fluir sem esforço do poeta. O segundo poema, ao contrário, tem como característica uma cadência estudada e quase pedante. Parece muito mais artificial, determinado em sua acumulação de palavras descritivas da revelação de Javé em sua palavra e na repetição do nome de Javé. A intenção deste poeta é descrever tanto a plenitude da revelação de Yahweh de si mesmo através de sua palavra e seu efeito benéfico também.

Ele começa, assim como o poeta de vv. 1-6 , com uma declaração em linha de seu tema: "A revelação de Yahweh é a vida completa e refrescante (*nepesh* , a alma)". Dito isto, o poeta passa a descrever a abrangência da lei de Yahweh e seus efeitos benéficos com uma série de cinco termos sucessivos, cada um dos quais expande e complementa todos os outros. Assim, o testemunho de Yahweh (' *edut*) é constante, sempre dando

sabedoria aos que estão abertos a ele. Suas ordens (*piqqudim*) são retas, *alegando* assim o coração. O mandamento (*mitswah*) é sincero, iluminando os olhos. Suas declarações (*'umarot*) são puras (não *vinculadas*), persistindo para sempre. E suas decisões (*Mishpatim*) são certos, todos justos justos.

Nesta sequência de três versos, o poeta não usa menos de catorze termos que têm um significado especial sempre que ocorrem na linguagem cultual do Antigo Testamento, multiplicando desse modo o efeito de seu louvor pela revelação de Deus. É uma revelação que o total e qualquer parte é mais desejável do que um tesouro de ouro muito refinado, e mais doce ao gosto, ou seja, a experiência, do que o mel penteado mais espesso.

O salmista gira ao lado da relevância ainda mais específica da revelação de Deus em sua palavra. Ele mesmo é ensinado (advertido) por esta revelação, e permanecer por isso significa uma recompensa multiplicada. Mas seu pensamento gira para os erros que ele pode ter cometido desatento. Quem pode conhecer isso? Que tais pecados eram uma questão de preocupação séria para os servos de Javé, é claro a partir do espaço dedicado ao ritual para sua expiação em Levítico 4 , Números 15:22 e seguintes., e passagens relacionadas. O poeta está fazendo uma séria tentativa de ser obediente, mas está ciente de sua humanidade e pede para ser mantido livre desses pecados ocultos ou não reconhecidos. Ele está ciente também de suas imperfeições, e assim ele reza demais para ser parado de pecar intencional e insolente. Nas palavras de um hymodist mais contemporâneo, "Tire o amor do pecado", o poeta não quer que esses pecados "sigam dominando" ele. E com a resposta a esta oração, ele será irrepreensível (ou mesmo feito inteiro) e livre de castigo pelo pecado multiplicado.

O salmista do segundo hino conclui seu trabalho com um verso que se torna uma oração benedictina apropriada para os poemas combinados e, de fato, para muitos, uma oração e um hino dignos. A revelação de Deus na ordem natural e através da sua palavra de instrução e comando foram e permanecem para ele inspiração e guia. O pensamento de sua resposta a tudo isso (v. 11-13) o leva finalmente a uma oração de que sua própria auto-revelação, tanto em palavras como em pensamento, deveria ser em todos os sentimentos um prazer para Deus.

"Que as palavras da minha boca,

mesmo o próprio reflexo da minha mente,

seja um deleite para a sua presença,

Javé, meu rock e meu vingador.

• Embora esses dois poemas sem dúvida tenham cada um seu próprio contexto, como eles agora estão combinados, eles provavelmente também tiveram um único contexto no culto de Israel, como um hino louvando a revelação de Deus de si mesmo na criação e em sua palavra, a *Torah* na sua maior parte concepção. Juntos, um poema do ar livre de poesia e um poema da oficina, eles fazem uma armadura notável, e uma instrutiva. O primeiro poeta era um sonhador e um músico; o segundo, um homem prático, um realista. O primeiro lembra um de Pedro (Mateus 17: 4), o segundo de Paulo (Romanos 7: 15-20). Juntos, eles fazem música bonita, pois a necessidade do homem não é apenas conhecer Deus, mas obedecê-lo em tudo.

20. Uma oração pelo rei davídico

Este salmo é uma oração em nome do rei davídico, embora o rei davídico tenha sido designado pela primeira vez e o que as circunstâncias que o acompanham originalmente eram uma não podem ser ditas. Vários comentaristas sugeriram que o salmo é uma oração para o rei prestes a entrar na batalha, e isso, de fato, vv. 6ff. representa um relatório do campo de seu sucesso. Que o salmo contém terminologia relacionada à guerra não pode duvidar, e pode muito bem ter sido composto para uso antes de alguma batalha particular. Não há, no entanto, informação suficiente dentro do salmo para fornecer suporte convincente para essas sugestões e, assim, seria melhor assumir um contexto mais geral para o salmo. Nesta visão, ele se tornaria um de um grupo de salmos (por exemplo, 21, 72, 102, 110) usado pelo culto em sua continuada rodada de intercessões para o rei, que era o ungido de Javé, seu "messias" e O representante especial, em certo sentido, a encarnação, do povo de Israel (veja o tratamento útil deste ponto por AR Johnson, pp. 1-30).
O salmo é do hinário davídico, e primeiro pode ter sido composto quando Davi era rei. O tema central do salmo é a necessidade do rei para a Presença de Deus, que a Presença inevitavelmente deve trazer proteção e libertação.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.

[1] O Senhor te responde no dia do problema!
O nome do Deus de Jacó o protege!
[2] Que ele lhe mande ajuda do santuário,
e dê-lhe apoio de Zion!
[3] Que ele se lembre de todas as suas ofertas,
e respeite favoravelmente seus sacrifícios queimados!
Selah
[4] Que ele lhe conceda o desejo do seu coração,
e cumpre todos os seus planos!
[5] Posso gritar de alegria sobre sua vitória,
E em nome de Deus, crie nossas bandeiras!
Que o Senhor realize todas as suas petições!

O poeta, que provavelmente era um sacerdote da capela do rei, começa seu salmo com uma oração pela Presença de entrega de Javé para o rei. Ele pergunta a resposta do Senhor para o rei em um dia de angústia, ou seja, qualquer dia e exige a Presença (*shem* , *nome)* do Deus de Jacó para garantir o rei. Na verdade, ele pergunta logicamente que esta ajuda seja enviada do lugar da presença especial de Javé, seu lugar sagrado ou santuário sobre Sião.

O salmista próximo reza para a benção de Javé sobre os atos de devoção religiosa do rei, para que o Senhor se lembre (seja impressionado) dos seus dons e achar satisfação de suas ofertas queimadas. Finalmente, ele pede que o Senhor possa conceder ao rei o que seu coração teria e completar todos os seus planos.

É uma oração abrangente, por intenção; e as bênçãos que pede, cada um benefício pelo rei para o seu povo, estão todos relacionados ao apelo à Presença benéfica de Yahweh.

A oração do sacerdote é interrompida neste ponto pelo que equivale ao "Amém" das pessoas à oração que já foi antes. Eles se identificam com a oração com as palavras,

"Nós gritaremos de alegria em sua libertação,
e na Presença (shem , nome) de nosso Deus cantam louvores! "

A oração do sacerdote e das pessoas também é resumida nas palavras: "O Senhor leva à conclusão [o verbo é o mesmo que no verso 4 *b*] todas as suas súplicas", que pode ter sido proferido pelo padre e pelo povo em conjunto ou por o padre sozinho.

[6] *Agora* ***sei que o Senhor ajudará o seu*** *ungido;*

ele o responderá do seu santo céu
com vitórias poderosas pela mão direita.
[7] *Alguns se vangloriam de carros e alguns cavalos;*

Mas nós vangloriamos do nome do Senhor nosso Bacalhau.
[8] *Eles cairão e cairão;*

mas vamos nos levantar e ficar de pé.
[9] *Dá vitória ao rei, ó Senhor;*

nos responda quando chamamos.

Com v. 6 , é dada a garantia da libertação já solicitada. É o uso de agora (' *attah*) e a brusquidão desta afirmação que levou às propostas de que algum tempo transcorreu entre a oração e este verso e que essas palavras se referem a uma batalha acabou de concluir com sucesso. Tais pressupostos não são justificados, no entanto, pelo que o salmo realmente diz, nem são necessários. Somente o verbo que descreve a garantia do falante no v. 7 reflete uma ação concluída; Ambos os verbos que descrevem a ação de Yahweh refletem a ação em processo ou mesmo no futuro.

Assim, as palavras podem ser consideradas um testemunho do sacerdote, ou mesmo, neste momento, pelo próprio rei. De alguma forma, veio a certeza de que o Senhor ouviu e responderá a oração em nome do rei. Talvez a referência à resposta de Yahweh de seu santo céu seja uma alusão a uma experiência teofânica que trouxe a certeza (ver comentário em 18: 7 e seguintes). Talvez a certeza venha pelo oráculo ou simplesmente como resultado da adoração e da oração corporativa no lugar da presença especial de Javé. Seja qual for o caso, as palavras do salmo agora afirmam como firme convicção de que Yahweh resgata seu ungido, seu messias e o responde do céu com poderosas vitórias operadas pela libertação de sua própria mão direita.

É por esta razão que os outros, cuja confiança está em carros de guerra e cavalos de guerra, se põem de joelhos e depois caem em batalha, enquanto aqueles cuja confiança está no nome de Yahweh permanecem em pé e estão firmemente estabelecidos. Assim, o rei dá um exemplo vívido da garantia que ele expressou. Na linguagem que deveria encontrar o caminho para a pregação dos grandes profetas e lembraria as pessoas de sua identificação com sua causa pelo uso enfático de nós, o rei retrata o inimigo, embora confiante em seus armamentos, primeiro trazido aos joelhos , então arremessando a

cabeça na luta. Nós, em contraste, confiando na Presença de Yahweh, são descritos como crescendo ainda mais alto, então, de pé, sem um vacilar em meio à briga.

O versículo final do salmo é mais uma vez uma resposta da congregação reunida:

"O Senhor entrega o rei!
E nos responda no dia da nossa ligação! "

É uma oração de soma, baseada em tudo que já foi antes. Com efeito, as pessoas pedem uma liberação similar sempre que for necessário e uma resposta semelhante a cada chamada.
• O cenário do Salmo 20 , como mencionado acima, foi o Templo do Monte Sião, com a congregação reunida para uma liturgia peticionária pela libertação e sucesso do rei e, portanto, da nação. A dependência inabalável em Yahweh em face do armamento abundante e sofisticado do inimigo é tanto uma indicação de uma data relativamente cedo na monarquia e também o ponto alto do salmo. Esta fé é evidência de uma crença sincera na Presença de Deus que pode afetar o resultado de qualquer coisa, desde a batalha até a moral do rei e do povo.

21. Um Hino Real de Gratidão

Este salmo da coleção davídica, o quarto na seqüência dos "salmos reais", tem como tema a gratidão do rei davídico pelas múltiplas bençãos de Javé. Por sua vez, o poeta atribui a alegria do rei, os sucessos, a honra, até a própria vida a Javé, e depois expressa a certeza de que o próprio Javé deve lidar com seus inimigos, que são, claro, os do rei também.
Muitos comentaristas viram este salmo como uma sequela do Salmo 20 , de fato como um hino de ação de graças pela resposta de Yahweh à petição levantada lá. Outros propõem, em grande parte com base na v. 3 , que é um hino para a coroação do rei. Todas essas sugestões são, naturalmente, sem base alguma na possibilidade. No entanto, são mais especulativos do que garantidos e, portanto, é melhor assumir para este salmo também uma aplicação mais geral e contínua.

Como no antigo salmo, então aqui o contexto é um serviço de adoração na capela real com o rei no comparecimento. Como aí, é a Presença de Yahweh que traz ao rei as bençãos.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
[1] *Na* ***tua força, o rei se alegra,*** *ó Senhor;*

e em sua ajuda, quanto ele exulta!
[2] *Você lhe deu o desejo de seu coração,*

e não reteve o pedido de seus lábios. *Selah*
[3] *Pois você o encontra com boas bênçãos;*

Você colocou uma coroa de ouro fino sobre sua cabeça.
[4] *Ele pediu a vida de ti; Você disse isso a ele,*

período de dias para sempre e sempre.

5 Sua glória é grande através da tua ajuda;

Esplendor e majestade que você lhe concede.
6 Sim, você o abençoará para sempre;

Você o alegra com a alegria de sua presença.
*7 Porque o **rei** confia **no** Senhor;*

e, através do amor firme do Altíssimo, não se moverá.

A oração de abertura do poeta é dirigida a Javé e se refere ao rei na terceira pessoa; Foi assim dito no culto, com toda a probabilidade, por um sacerdote presidente. Novamente, o tema da total dependência do rei sobre o Senhor está estressado. É na força de Javé que o rei se alegra, e é como resultado da libertação de Javé que o rei exulta muito. O Senhor concedeu "o desejo do coração do rei" (ver 20: 4), e não recusou sua petição, ele encontra o rei com "bênçãos de bem" e mantém em sua cabeça um diadema de melhor ouro.

Quando o rei pediu a vida, a vida para o seu reinado e, de fato, a sua dinastia (ver 2 Sam. 7: 12-16), o Senhor concedeu-lhe a duração dos dias pelos séculos dos séculos. Através da libertação de Javé, o rei tem grande honra; de fato, o Senhor mantém-se renomeado e glorioso sobre ele, estabelecendo para ele bênçãos para sempre. De fato, o Senhor alegra o rei com alegria com a presença dele, a fonte de todas as bençãos do rei.

As muitas bençõe de Javé sobre o rei assim relatadas, há uma mudança de direção. O rei ainda é referido na terceira pessoa, mas as palavras não são mais dirigidas a Yahweh. Assim, este versículo pode ser uma resposta da congregação, ou mesmo uma afirmação do próprio rei. É uma "cláusula porque" que atesta a confiança do rei em Yahweh e a posição inabalável do rei por causa do amor imutável de Deus.

8 Sua mão descobrirá todos os seus inimigos;

sua mão direita descobrirá aqueles que o odeiam.
9 Você os fará como um forno ardente

quando você aparece.

*O Senhor vai engoli-los **-se** no seu furor;*

e o fogo os consumirá.
10 Vocês destruirão a sua descendência da terra,

e seus filhos dentre os filhos dos homens.
11 Se eles planejam o mal contra você,

Se eles inventarem maldades, eles não terão sucesso.
12 Pois você os colocará em fuga;

Você irá apontar seus rostos com seus arcos.
13 Seja exaltado, Senhor, na tua força!

Cantaremos e louvaremos o seu poder.

Com o verso 8, o poeta retorna à sua oração a Yahweh. Desta vez, porém, o assunto é o advento efetivo de Javé, que lidará com os inimigos do rei. A forma da oração é testemunho do que o poeta está confiante terá lugar ou, mesmo, está ocorrendo. Como os inimigos de Javé são inimigos do rei, e vice-versa, toda esta seqüência de versos é dedicada a uma beneficência adicional de Javé ao rei.

Assim, o poeta afirma, novamente, através da voz do sacerdote presidente, que o Senhor descobrirá os seus inimigos e os que o odeiam e, no momento do seu advento, os consumirá como no forno de fogo. Ele aniquilará sua progênie da terra, seus filhos dentre os seus pares. Quando eles até agora (observe a mudança nos dois primeiros verbos no v. 11 , em Heb., Para a ação completa) "virou a maldade" contra Yahweh, ou "pensou em prejuízo", eles nunca prevaleceram. Na verdade, o Senhor os fará "fugir" e enfrentar o seu castigo ao mesmo tempo.

Em resposta a esta afirmação enérgica do destino do inimigo às mãos de Javé, a congregação mais uma vez explode, desta vez em um hino de louvor. Como foi observado, tais refúgios congregacionais são freqüentes nos salmos, e praticamente sempre envolvem confissão: seja na identificação com o que foi antes, como no v. 7 , ou em elogios hímnicos, como aqui na v. 13 .

• Os salmos 20 e 21, assim, elogiam o rei, mas apenas em reconhecimento da relação do rei terrestre com o Rei real, o Senhor, por cujo amor e presença imutáveis o rei terrenal tem o privilégio de governar, como seu filho adotivo (veja o comentário sobre 2: 7). Esta distinção quase sempre é feita nos salmos, embora os próprios reis sejam acusados de ter esquecido às vezes. O reconhecimento de Isaiah desta distinção tornou-se o tema formativo de toda a sua profecia (6: 1-5 ; 8: 11-17 ; 10: 5-19 , 24-27 ; 26: 12-15 ; 37: 22-29 , 33- 35). Na verdade, nela não se trata apenas das sementes da esperança messiânica bíblica, mas também de alguns dos pilares fundamentais do conceito do reino de Deus.

Isto é acima de tudo por que a Presença de

Deus no Antigo Testamento é tão relevante para o cristão e fornece um contexto tão emocionante para o fato da encarnação. Pois na encarnação, aquela Presença que tanto abençoou os reis davídicos foi repentinamente acessível a todos os homens.

22. Um lamento solitário e um hino a Deus

Nenhum salmo no Saltério retrata mais vividamente a distância entre onde Deus não é e onde Deus é o que faz o Salmo 22 . Seu autor descreve o isolamento mais horrível que é concebível, em termos de profunda agonia mental e física, e apresenta uma cena de pesadelo que se desloca da realidade para a visão surrealista. Então, de repente e maravilhosamente, ele é levado, e levanta o leitor com ele, para a comunhão mais etérea imaginável: ele o descreve como a companhia da presença íntima de Deus, e no meio da congregação daqueles que seguem Deus, para a quem ele pode proclamar alegremente. O dele é verdadeiramente um movimento na experiência do inferno para o céu.

O salmo é da coleção Davidic. Seu compositor era um poeta de técnica magistral e grande habilidade, escrevendo uma experiência pessoal. Ele também era um homem de fé, em casa na língua religiosa e tradições de Israel (nota vv. 2-5 , 22 ss.). O contexto da

última seção do salmo (v. 22-31) foi certamente o lugar do culto reunido pela comunidade, onde o salmo inteiro provavelmente teria sido recitado. Além dessas sugestões, não se pode identificar a autoria ou a base da experiência que motivou seu salmo.

O título do salmo inclui, como instrução para o líder da música, as palavras "De acordo com o Hind da Alvorada", que geralmente são consideradas como o nome de uma música pela qual o salmo deveria ser acompanhado, ou mesmo para o qual deveria ser cantado. O LXX e a versão do Symmachus, bem como os Targums, empregam aqui para "traseiro" uma palavra muito semelhante que significa ajuda. Isso pode ser uma correção da maré hebraica (ver *'ᵉyaluti* , minha ajuda, v. 20); No entanto, não pode ser mais do que uma tentativa desses tradutores para dar sentido a um termo que não significava nada para eles.

Para o maestro do coro: de acordo com The Hind of the Dawn. Um salmo de David.
1 *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonou?*

Por que você está tão longe de me ajudar, pelas palavras do meu gemido?
2 *Ó meu Deus, clamo pelo dia, mas não respondes;*

e de noite, mas não consigo descansar
3 *Contudo, és santo,*

entronizado nos louvores de Israel.
4 *Em ti, nossos pais confiaram;*

eles confiaram, e você os entregou.
5 *A eles clamaram e foram salvos;*

em que eles confiaram, e não ficaram desapontados.
6 *Mas eu sou um verme, e nenhum homem;*

Desprezado pelos homens e desprezado pelo povo.
7 *Todos os* ***que me vêem zombam de mim,***

Eles me fazem boca, eles abanam a cabeça;
8 ***"Ele cometeu sua causa*** *ao* ***Senhor;*** *Deixe-o livrá-lo,*

deixá-lo resgatá-lo, *para* ***que ele se deleita*** *em* ***ele!"***
9 **E** *vc é o que me tirou do ventre;*

Você me manteve seguro nos seios da minha mãe.
10 *Depois de você foi lançado desde o meu nascimento,*

e desde que minha mãe me apaixonou, você é meu Deus.
11 *Não fique longe de mim,*

porque os problemas estão perto
e não há para ajudar.

O poeta abre seu lamento com as palavras mais arrepiantes da noite mais escura de uma alma: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonou? Ele sente que suas palavras de

lamentação, das quais houve e continuam sendo tantos (v. 2), estão longe de trazer a libertação que é seu motivo. Ele continua ligando de dia, sem resposta e à noite, mas sem qualquer resultado que o levaria a descansar. Sua separação de Deus, ele sente, é completa (ver comentário 6: 3 f . E 13: 1).

No entanto, a culpa não pode ser de Deus. Ele é santo, até "entronizado (por) santidade" e louvado por Israel. Os pais confiaram nele e, consequentemente, foram entregues. Eles lamentaram e foram libertados; confiável, e não ficaram desapontados. Existe orgulho óbvio nos atos salvadores dos quais os pais beneficiaram, mas o salmista quer alguns dos mesmos.

O contraste, tão complementar a Deus, é deprimente para ele. Ele é um verme e não um homem - a vergonha dos homens comuns e o desprezo das pessoas comuns. Todo mundo que o vê derruba-o. Eles se irritam com ele, agitam suas cabeças e gibe: "Vire-o para Yahweh - *ele* o deixará escapar, *ele* o arrancará, porque ele o escolheu." É um sarcasmo calculado para cortar profundamente isso aconselha precisamente o que o poeta já tentou, sem sucesso, fazer.

A lembrança de tal sarcasmo induz ao salmista, no entanto, a lembrar-se de seu próprio relacionamento com Yahweh ao longo dos anos, em paralelo com o dos pais, em contraste com o insinuado por seus críticos e na aparente esperança de uma comunhão contínua. O Senhor sozinho o trouxe vivo do ventre de sua mãe e ensinou-o a se sentir seguro com o peito de sua mãe. Na verdade, Javé foi seu Deus desde o momento do nascimento. E a Yahweh ele agora se volta para ajuda; não há outro ajudante para ele:

"Não fique tão distante de mim,

porque a angústia está tão perto ".

[12] Muitos touros me englobam,

Buracos fortes de Bashan me cercam;
[13] eles abrem suas bocas para mim,

como um leão ardente e rugindo.
[14] Estou derramado como água,

e todos os meus ossos estão fora de comum;
meu coração é como cera,
está derretida dentro do meu peito;
[15] minha força está seca como um potsherd,

e minha língua cliva em minhas mandíbulas;
Você me coloca no pó da morte.
[16] Sim, os cachorros estão ao redor de mim;

uma companhia de malfeitores me cercou;
eles perfuraram minhas mãos e meus pés -
[17] Eu posso contar todos os meus ossos -

eles encaram e se regozijam sobre mim;
[18] Eles dividem as minhas vestes entre elas,

e para o meu vestido eles lançaram lotes.
[19] Mas, ó Senhor, não se afaste!

Ó minha ajuda, apresse-me com meu auxílio!
[20] Entregue minha alma da espada,

minha vida pelo poder do cachorro!
[21] Me salve da boca do leão,

Minha alma afligida dos chifres dos bois selvagens!

A referência à proximidade de sua angústia leva o poeta a uma descrição de sua extensão que é assustadora e emocionante. É uma descrição emocional, que leva o poeta para fora de si mesmo para um olhar imaginário sobre o que certamente lhe acontecerá a menos que a libertação de Yahweh seja próxima.

Seus atacantes são todos sobre ele, como toros poderosos de Basã, uma área famosa por pastagens ricas, gado lustroso e touros ferozes. Ele se sente cercado por bocas abertas, que ele descreve vividamente como "lombar e rugir".

O terrível susto de tudo isso teve um efeito fisiológico horrível. O poeta sente-se como a água derramada. Os seus próprios ossos parecem ter sido ungointed, seu coração derretendo dentro de seu corpo como cera. Sua boca é seca como um fragmento inútil e, portanto, seco de uma panela de barro; Sua língua se agarra ao paladar. "Você está me colocando", ele geme a Deus, "no pó da morte" - presumivelmente por permanecer tão distante no tempo do poeta de necessidade ansiosa, pois não há nenhum lugar neste salmo ou em qualquer outro lado, qualquer equação dos ataques de o inimigo com o castigo de Javé.

Como um maço de cachorros, o enxame de malfeitores o encerrou. No primeiro daquilo que parece ser uma série de impressões quase surrealistas, como o salmista é testemunha de sua própria agonia de morte, ele descreve esses malfeitores como tendo "escavado" off "(aparentemente mais correto do que perpassado) as mãos e os pés, o tipo de mutilação às vezes infligida aos inimigos capturados na batalha. Ele continua "contando e contando" todos os seus ossos, já que eles se sobressaem de sua carne desperdiçada ou estão expostos na morte. Seus inimigos ficam loucos com ele e se regozijam, então voltem para a repartição pelo lote de suas roupas.

Na verdade, é uma visão terrível, e no pânico panqueado de um pesadelo, o poeta clama,

"Portanto, você. Yahweh
não permaneça tão longe!
Minha força, apressem-me a me ajudar! "

Segue uma rápida sucessão de imagens, cada uma mostrando um fim iminente e terrível. O salmista invoca primeiro que a sua vida seja arrancada da espada, pois "o que é pouco de mim" é arrancado do alcance do cão. Então ele implora ser resgatado da boca do leão e deseja que seu corpo sofredor seja resgatado dos chifres dos animais selvagens. O texto hebraico do verso 21 não lê literalmente a minha alma afligida (corpo sofredor), mas "você me respondeu"; a leitura do RSV e a sugerida acima são baseadas em textos da versão LXX e Syriac do Antigo Testamento.

Com essas imagens, tanto o lamento como a descrição do pesadelo estão finalizados. Existe uma mudança imediata de humor e expressão, e a lamentação dá lugar ao glorioso testemunho hímico.

[22] Eu direi o teu nome a meus irmãos;

no meio da congregação eu te louvarei:
[23] Vocês que temem o Senhor, louvem-no!

Todos vocês, filhos de Jacó, glorificá-lo,
e admirar-se dele, todos vocês, filhos de Israel!
[24] Porque ele não desprezou nem abominou
a aflição dos aflitos;
e ele não escondeu o rosto dele,
mas ouviu, quando ele gritou para ele.
[25] De ti vem o meu louvor na grande ***congregação;***

Meus votos eu pagarei antes de aqueles que o temem.
[26] Os aflitos comerão e ficarão satisfeitos;

Os que o buscam, louvem o Senhor!
Que seus corações vivam para sempre
[27] Todas as extremidades da terra se lembrarão

e volte-se para o Senhor;
e todas as famílias das nações
deve adorar antes dele.
[28] Porque o domínio pertence ao Senhor,

e ele governa as nações.
[29] Sim, a ele todos os soberbos da terra se curvarão;

diante dele, deve inclinar todos os que descem ao pó,
e ele que não pode se manter vivo.
[30 A] posteridade deve servi-lo;

os homens devem contar ao Senhor para a próxima geração,
[31] ***e proclamar sua libertação a um povo*** *ainda não nascido,*

que ele o forçou.

Com as primeiras palavras do texto do verso 22 , é evidente que o salmista já não é amaldiçoado pela ausência de Deus, mas sim abençoado abundantemente por sua Presença. Nos dez versos finais do salmo, não há menos de cinco (22, 24-25, 27, 29) referências diretas à Presença de Deus, e cada verso individualmente pressupõe tal contexto.

Precisamente o que aconteceu não é mais claro do que a natureza exata dos ataques dos quais o salmista já foi entregue. O que é claramente claro é a intenção do poeta de louvar a Deus com ainda mais entusiasmo do que ele havia empregado ao chamá-

lo. "Louvarei e repugnarei o seu nome a meus irmãos, exclama, indicando que ele criará a sua glorificação de Deus no meio da congregação, isto é, no meio do culto público como testemunho. Ele convida todos os que seguem (ou reverenciem) o Senhor a unir-se em seu louvor, toda a progênie de Jacó e Israel.

Este louvor deve ser enviado por três razões: (l) O Senhor não desprezou e "detestou como irritante" a aflição do oprimido, ou seja, ele mesmo; (2) Yah-weh não se escondeu, ou seja, ele deu a conhecer, sua presença para ele; e (3) Yah-weh ouviu o grito de ajuda dirigido a ele. Assim, o louvor do poeta na grande congregação realmente nasceu na Presença de Yahweh - ele prossegue, literalmente, "de você" (*me'itt ᵉ ka*). Ele completará os votos que ele fez, aparentemente durante seu tempo de angústia, na presença daqueles que seguem Deus.

Sobre a base de sua própria experiência, e de um espírito transbordando de alegria, ele atesta a sorte dos oprimidos na generosidade do Senhor: "comerão e serão enchidos". Há apenas uma possibilidade: aqueles que procuram o Senhor vão inevitavelmente acabou louvando-o. Sua alegria realmente transborda, e ele se dirige a uma benção para os seus reunidos, e pode-se propor, envergonhados, adoradores, orando para que seus corações vivam para sempre!

É nesse humor de preocupação para os outros - um resultado maravilhoso do tipo de libertação que o salmista conheceu - que as linhas finais do hino são compostas. O júbilo do poeta é muito grande para ser contido mesmo dentro da congregação daqueles que seguem a Javé, como também é a bondade de Javé que o causou. Os extremos da terra se lembrarão e voltarão de sua direção errada para Yahweh. Todas as famílias dos povos pagãos se prostrarão na presença de Yahweh.

Esta é uma concepção notável e não é muitas vezes alcançada no Antigo Testamento, mas uma conclusão lógica para este poeta, cuja convicção é que o domínio pertence a Javé e que ele governa as nações.

Infelizmente, os dois versos seguintes do salmo (29-30) foram danificados na transmissão e são bastante impossíveis de traduzir sem recorrer a emendações e conjecturas. Claramente, a alegria transbordante do poeta o leva a chegar ainda mais longe em sua paixão por encontrar outros com quem compartilhá-lo, e, em conseqüência, ele se volta para o futuro e aqueles ainda não nascidos (v. 31). O que não é aparente é exatamente o que o poeta diz para obter esse ponto. A representação RSV é uma conjectura parcial e uma tradução parcial literal, e é pouco mais clara do que a original. A reconstrução mais feliz, até agora sugerida, é a de GR Driver, seguida pelo NEB.

Sobre esta interpretação, o poeta acredita que aqueles que estão envoltos na terra não podem se curvar a Yahweh e que aqueles que estão na sepultura não podem prostrar-se em sua Presença - uma visão em desacordo com a do poeta do Salmo 16 (ver comentário em 16: 9-10). Assim, a progenitura deve levar a testemunha quando o próprio poeta não está por perto. Será relatado do Senhor, então, na geração vindoura; e a realização de sua justiça será declarada a um povo ainda por nascer.

É uma declaração visionária e extática, apressando-se de um homem que não pode conter nele o fato de sua experiência da bondade de Deus. Ele deve falar, e para todos, e ele sabe que sua vida não será suficiente para que toda a história seja contada.

• O contexto do Salmo 22 , como se observou acima, era provavelmente o Templo em Jerusalém. Isso não significa, é claro, que o lamento pessoal da agonia negra do poeta foi concebido lá, mais do que experimentou lá. O que significa é que o poeta descreveu sua angústia de mente e corpo na linguagem mais gráfica disponível para ele, de modo que a congregação a quem ele estava testemunhando e antes de quem ele cumprisse seus votos a Deus não teria dúvida sobre a profundidade de seu sofrimento ou a compaixão e alcance da libertação de Yahweh.

Pode ainda ser sugerido que o salmo encontrou uso recorrente, tanto no culto privado quanto no culto aberto da comunidade para a qual foi originalmente composta. Sempre que o salmo foi usado, no entanto, a referência a uma parte disso invocaria inevitavelmente a memória do resto. Ou seja, o hino da Presença sempre lembrava a terrível agonia da soledad afligida que dissipava; e o lamento da solidão sempre sugeriria a Presença que era sua cura.

É contra tal tradição que o uso de nosso Senhor do salmo da cruz deve ser visto. As semelhanças entre as agonias do salmista e do próprio senhor são demasiado inconfundíveis para serem ignoradas; mas também é a libertação e a restauração da Presença. Nosso Senhor estava falando do terror do seu sofrimento, e também, uma vez que os discípulos e sua mãe certamente conheceriam o salmo cheio da vitória que devia seguir.

Este salmo tem, portanto, uma relevância especial para o cristão, além de seu valor para o culto privado e público, pois lembra a agonia do nosso Senhor, a sua libertação e, através dela, o nosso e, de forma singular, a obrigação que é nossa Deixe o relato dele explodir de nós continuamente até os extremos da terra.

23. Um Hino da Prestação de Deus

O salmo 23 é um - sem dúvida, o mais exquisitamente belo - de uma série de salmos cuja principal ênfase é a confiança em Deus (ver comentário sobre os Salmos 4 , 11 , 16 , 27 , 62 , 132). Cada um desses salmos irradia uma confiança na bondade de Deus, na compaixão e no amor imutável, que não será dissuadido nem diminuído. De todos estes salmos de confiança, este tem sido mais favorecido, provavelmente devido à sua simplicidade desarmante e à comunicação direta de suas imagens.
O título do salmo identifica-o a partir da coleção Davidic. É claro que não é possível nem necessário encontrar um autor específico ou qualquer contexto histórico particular para ele, pois a sua linguagem tem sobre isso a qualidade universal que é um dos elementos de toda a grande poesia. É tentador, tanto por causa da beleza do salmo como de suas imagens pastorais, para identificá-lo com David, como a tradição tem feito. O mais que se pode dizer para essa identificação, no entanto, é que os argumentos contra ela não têm mais autoridade do que aqueles para isso

Um salmo de David.

[1] O *Senhor* ***é meu pastor, não quero;***

[2] ele me faz deitar em pastagens verdes.
Ele me conduz ao lado das águas imóveis;
[3] ele restaura minha alma.

Ele me conduz em caminhos de justiça
pelo amor de seu nome.
4 Embora eu passeie pelo vale da sombra da morte,
Eu não temo o mal;
porque você está comigo;
sua vara e sua equipe,
eles me consomem.
5 Prepare uma mesa antes de mim
na presença de meus inimigos;
você unge minha cabeça com óleo,
meu copo transborda.
6 Certamente a bondade e a misericórdia me seguirão
Todos os dias da minha vida;
e habitarei na casa do Senhor
para sempre.

O salmista começa seu poema com uma imagem tão antiga em Israel como o próprio Israel: Jacó disse em sua benção de seus netos Efraim e Manassés: "Deus que hoje me *guiou* (*ha'elohim haro'eh*)" (Gn 48:15 , cf. Isaías 40:11 , Jeremias 31: 9-10 , Ezequiel 34 , Salmos 80: 1 , 95: 7). É uma imagem, além disso, que mostra uma afirmação que é apenas lógica. Como é o Senhor que é seu pastor, o salmista é deficiente em nada de que ele precisa. Yahweh o leva a descansar em pastagens de grama verde, e providencia (ou leva) ele perto de fluxos repousantes. Ele refresca sua vida (*nepesh*), e o guia nos caminhos certos por causa do nome dele . O Senhor está lá; e porque ele é quem e o que ele é, ele não pode fazer nenhum outro. É, de fato, essa Presença que alivia o salmista de todo o medo de dano quando ele deve andar em lugares de escuridão negra, seja por isso significar aqueles lugares onde o potencial do perigo é ótimo (aparentemente a intenção do salmista) ou mesmo o desconhecido sombras da morte (a compreensão tradicional da linha). Pois Javé está ao lado do salmista, e sua proteção, simbolizada pelo clube e pessoal do pastor, é toda a garantia de que ele precisa.

O pensamento de Yahweh como um bom pastor, providenciando todas as necessidades de sua carga, leva o poeta a mais uma imagem, o pensamento de Javé como um hospedeiro gracioso e pensativo. É um motivo recorrente no Saltério (ver 27: 4-6 , 13 ; 36: 7-9 ; 61: 4 ; 63: 2-7), a tal ponto que M. Manatti sugeriu uma classificação literária especial "Salmos da hospitalidade de Javé". O conceito está enraizado, claro, na antiga idéia do Oriente Próximo da hospitalidade, e Yahweh é representado como anfitrião por exelência.

Assim, o Senhor apresenta uma mesa à medida que o seu hóspede olha, e na frente de seus perseguidores, que são incapazes de prejudicá-lo ou mesmo de calmar a alegria da refeição por causa da presença de tal hospedeiro. O ponto é a afirmação do poder de Deus e da hospitalidade total, em vez de se divertir com a frustração dos inimigos, como alguns intérpretes detêm. O anfitrião então escolhe o convidado como homenageado e a festa com alegria ao derramar óleo perfumado sobre a cabeça (ver 45: 7 ; 133: 1-

2 ; Lucas 7: 36-50). A alegria do poeta no pensamento é ilimitada; ele está quase superado por isso, e ele só pode dizer "meu copo [ver comentário em 16: 5] foi atropelado", ou seja, sua recompensa é mais do que ele pode aceitar; É literalmente demais para ele. Deus é realmente um anfitrião extravagante.

A idéia de uma hospitalidade tão completa nas mãos de Javé lembra o salmista da graça da Presença que o trouxe para um estado tão abençoado. E assim ele fecha seu hino com uma afirmação semelhante à que ele começou. É certo que o amor bom e imutável (*chesed*) será seus companheiros durante todos os dias de sua vida, como ele está "resolvido" - e tomou uma residência permanente na casa de Javé durante o tempo de seus dias. Por causa do amor imutável de Javé, ele pode, e se tornou convidado em perpetuidade.

Como AR Johnson demonstrou de forma conclusiva, muito mais está envolvido aqui do que uma noção de uma residência permanente no Templo no Monte de Sião, a que muitos intérpretes restringiram este verso. De fato, o poeta faz referência a uma comunhão com Deus que sempre o deixará deficiente em nada, não porque ele merece tal tratamento, mas por causa do tipo de Deus hospedeiro é; e é uma comunhão, ainda mais, que será duradoura (um tema dado um tratamento mais detalhado pelo poeta do Salmo 16: 9 e seguintes)

• A configuração do Salmo 23 é mais provável, como é a configuração da maioria dos salmos do Saltério, no culto ao culto de Javé, em qualquer santuário estabelecido para esse propósito, mas em particular no santuário em Jerusalém, o templo construído por Salomão. As circunstâncias do serviço em que tal salmo teria encontrado uso teriam incluído testemunho, talvez até mesmo, da congregação e possivelmente de uma refeição de companheirismo.

Tal cenário na vida levou o testemunho do poeta do Salmo 23 e formou o pano de fundo da declaração de sua experiência na provisão de Deus. No entanto, a afirmação, no entanto, transcende tanto a imagem em que é redigida quanto a configuração a partir da qual emergiu. Ele se eleva acima destes como um grande pico acima das colinas para declarar sua mensagem da abrangência da provisão de Deus e da segurança de sua Presença - uma provisão e uma segurança que são tão seguras quanto o amor imutável que as produz e tão real quanto a Presença que os garante.

24. O domínio de Deus sobre a Terra e o Homem

O tema principal desta canção sagrada do hinário davídico é o domínio de Deus sobre a ordem criada e, em particular, o homem dentro dela. O poeta começa o salmo com uma afirmação do domínio, move-se para os requisitos que o originam, e conclui com uma litania majestosa e dramática da realeza divina.
Existe uma relação óbvia entre esse hino e o Salmo 15 . No último salmo, os requisitos para a comunhão com Deus são mais acentuados e dados especificamente; No salmo presente, a base das demandas é dada a principal ênfase. Este salmo, como esse, pode ser chamado de "liturgia de entrada", mas aqui o padrão da liturgia é muito mais claro do que no antigo salmo. Assim, a configuração deste salmo é aparentemente um chamado à procissão, a própria procissão e a entrada no Templo de Javé no monte Sião. Sua personalidade dramática é, por sua vez, um segmento do coro do templo, sacerdotes e / ou profetas do culto, e adoradores que são julgados dignos de se juntarem à procissão e entrar no Templo.

Um salmo de David.
*[1] A terra **é** do Senhor e a **plenitude** dela,*

o mundo e os que nele habitam;
[2] porque ele fundou nos mares,

e estabeleceu-o sobre os rios.
*[3] Quem **subirá** ao monte **do** Senhor?*

E quem permanecerá no seu lugar sagrado?
[4] Aquele que tem mãos puras e um coração puro,

que não levanta a alma para o que é falso,
e não jura enganoamente.
*[5] Ele receberá benção **do** Senhor,*

e reivindicação do Deus de sua salvação.
[6] Tal é a geração daqueles que o procuram,

que procuram o rosto do deus de Jacó.
Selah

A procissão é chamada - talvez no pátio do Templo, talvez ainda mais longe na encosta de Sião - por um majestoso hino a Deus, o Criador, a quem o domínio, portanto, pertence. O hino foi cantado muito provavelmente por um coro do coro do Templo, e a arte do salmista é tal que não é difícil ouvir até agora o crescendo de sua invocação. A terra pertence a Yahweh porque ele fundou e firmou nos mares e rios do caos pré-criação - trazido sob seu domínio pelo poder de seu comando. A referência, uma recorrente nos hinos da criação (ver 29:10 ; 65: 7 ; 93: 3-4 ; 135: 5-7), é para as águas primordiais que tinham de ser controladas por Yahweh antes que ele pudesse começar as ordens da criação (ver Gênesis 1: 1-2 , 6-10 , também os comentários de AR Johnson, pp. 65-74).

A majestade e a autoridade de tal Deus são atraentes. É tanto privilégio quanto necessidade fazer-lhe homenagem. Mas é uma majestade e uma autoridade que também são exigentes, e os fãs dos encontros são informados, por meio de um catecismo sacerdotal, o que são algumas dessas exigências.

Quem pode subir o monte de Javé, o monte de Sião? E quem se levanta aos pés (permanece) no lugar da sua santidade, isto é, onde está a Presença dele? As perguntas são retóricas e exigem instrução sacerdotal, ou *torah* **.** A resposta é aquela cujas palmas são inocentes, cujo coração é sincero, que não piorou sua vida por uma mentira, e que não se jurou em apoio do engano. É um homem que receberá a benção (a favor) da Presença de Javé (iluminada, de Javé) e o que é certo do Deus que o ajuda. É essa comunhão, de fato, qual é o feliz privilégio daqueles que procuram e questionam a Presença (*paneka*) do deus de Jacob. O texto hebraico lê apenas a "Presença de Jacó", mas que a leitura dada aqui é intencional é clara a partir de passagens como Êxodo 33: 7-23 (nota especialmente v. 15) e Salmo 80: 3 , 7 , 14 , 19 . Na verdade, as versões LXX e Syriac adicionam "Deus" seguindo Presença.

[7] Levante suas cabeças, ó portões!

e seja levado, ó antigas portas!

que o Rei da glória possa entrar.

8 Quem é o Rei da glória?

O Senhor, forte e poderoso,

O Senhor, poderoso na batalha!

9 Levante suas cabeças, ó portões!

e seja levado, ó antigas portas!

que o Rei da glória possa entrar.

10 Quem é este Rei da glória?

O Senhor dos Exércitos,

Ele é o Rei da glória! Selah

Com esses versos, a procissão se reuniu e abriu caminho para as grandes portas do Templo (tão vividamente descritas por Ezequiel, 40: 5-16). Os sacerdotes retomam seu catecismo uma vez mais, desta vez entre um ou mais sacerdotes na procissão e um ou mais no próprio Templo. Um comando é direcionado para os próprios portões; lhes é dito que levantem a cabeça e sejam criados, para que o rei da glória possa entrar. O rei da glória é, naturalmente, o Senhor, como mostra a próxima linha. É extensa, embora não universalmente, que em tais cerimônias processionais como esta, sua Presença foi simbolizada pela arca. Nada neste salmo nega tal visão e, como parece razoável, a Presença de Yahweh teria tido uma representação concreta de algum tipo, a arca é uma suposição lógica, embora de modo algum seja necessária. Esta interpretação é dada um mínimo de apoio pelas referências a Yahweh como o Rei da glória (*kabod*) em vv. 7-10; pois quando a arca foi capturada pelos filisteus na batalha de Ebenezer-Aphek, foi relatado que "a glória [*kabod*] partiu de Israel" (1 Sam. 4:21).

A ordem para os portões foi dada toda interpretação imaginável, a partir da sugestão muito literal de H. Schmidt de que um portão especial foi criado, em tais ocasiões, simbolizando a entrada de um Yahweh invisível, mas alto, a uma recente sugestão de que os portões são apenas sendo convidado a se alegrar. Talvez a explicação mais razoável seja a mais simples, a saber, que as portas, já personificadas pelo poeta, são assim ordenadas em linguagem metafórica. Isaiah também aborda uma ocasião para um portão, informando-o para

"Chora alto" (14:31). Tal uso é comum na poesia de qualquer idioma, e é provavelmente, provavelmente, não mais do que uma diretiva para os portões para abrir, como o uso de *w ᵉ yabo'* (e ele entrará) indica. Os próprios portões são chamados de antigos (eternos, eternos) não em referência à sua própria duração ou idade, mas porque foram vistos como estabelecidos por Yahweh e como simbolizando os portais de sua residência nos céus.

De dentro do Templo, uma pergunta responde o comando: Quem é o Rei da glória? Mowinckel propôs (I, pp. 177-180) que tais perguntas foram colocadas pelos detentores do portão, a quem ele descreveu, principalmente de 2 Reis 25:18 , como clérigo de alto escalão. Há, naturalmente, o exemplo de Eli sentado na entrada do templo em Shiloh, e ambos observando e questionando Hannah após sua entrada (1 Sam. 1: 9-17). Mas a função do questionamento aqui no salmo é didática e hímica, e o

objeto do questionamento é a identidade da deidade, não a moral dos adoradores. A questão não precisa, portanto, ter sido colocada por ninguém além dos sacerdotes de serviço na época.

A resposta dos sacerdotes que lideram a procissão nomeia o Senhor como o Rei da glória, o Senhor "poderoso e poderoso, valente na guerra!" E com esta declaração, o comando para as portas a abrir é repetido, quase nas mesmas palavras que antes.

A segunda pergunta do interior do Templo é uma pequena variação da primeira, com a palavra ″ acrescentada" (em Heb.) Por causa da ênfase: "Quem é ele, esse" Rei da glória "?". A segunda resposta, similarmente , é enfático e mais específico: "Javé dos exércitos!" Ele é o Rei da glória! Com esta afirmação triunfante do domínio de Yahweh, o hino e a procissão acabaram, e os adoradores sem dúvida se mudaram para o santuário para uma adoração mais íntima e declaração de sua fé.

"Javé dos exércitos" é um antigo título descritivo que ocorre mais de 250 vezes no Antigo Testamento, e em um período tão longo que nem sempre tem precisamente o mesmo significado. Aqui, faz referência a Javé como o líder vitorioso do exército dos exércitos de Israel, como mostra claramente a figura 8 .

• Assim, um salmo que começa com a afirmação do domínio de Deus sobre um mundo e seus habitantes criados por ele termina em uma declaração vibrante de sua gloriosa realeza e seu poder na guerra em favor daqueles que são suas acusações. Em tal momento, não pode haver dúvida nas mentes dos presentes da realidade de sua Presença ou da autoridade de seu domínio.

25. Uma oração de confiança, um grito pela ajuda de Deus

O Salmo 25 é outro salmo davídico do tipo que se repete no Saltério mais freqüentemente do que qualquer outro tipo. É a oração de um indivíduo e, como a maioria desses salmos, contém afirmação e súplica, confissão e pedido. Também é característico do seu gênero, na medida em que é pessoal na expressão, mas não tão específico em alusão para impedir o uso contínuo na adoração. Pode-se supor que alguns salmos, talvez muitos, especificamente pessoais, compostos pelos poetas de Israel, não encontraram um lugar permanente no Saltério bíblico por essa mesma razão. Este salmo é único entre os salmos da afirmação pessoal e lamenta que seja um poema acróstico alfabético. O único outro salmo especificamente pessoal que tem essa forma é o Salmo 34, um salmo de ação de graças sem lamentação ou petição.
Um pouco inevitavelmente, o uso da forma acrostica coloca restrições sobre o poeta que limita o fluxo de sua linguagem e resulta na escolha das palavras que se encaixam melhor na sequência alfabética do que a seqüência de pensamento. Assim, este salmo nem sempre é tão rítmico ou tão emocional quanto os poemas afins; ele atinge a orelha em pontos como bastante stilted.

Os temas deste poeta, no entanto, a confiança total em Deus, o desejo de comunhão com ele e o pedido de orientação e libertação que dele emitem, brilham claramente através da forma que é o veículo atual deles.

Um salmo de David.
[1] A ti, ó Senhor, eu levanto a minha alma.

[2] Ó meu Deus, em ti confio,

Não me deixe envergonhar;

Não permita que meus inimigos exultem sobre mim.
[3] Sim, que ninguém que te espere seja envergonhado;

Deixe-os ter vergonha que são cruelmente traiçoeiros.
[4] Faze-me conhecer os teus caminhos, ó Senhor;

Ensina-me os teus caminhos.
[5] Conduza-me na tua verdade e ensina-me,

porque és o Deus da minha salvação;

para você espero o dia todo.
[6] Lembra-te da tua misericórdia, ó Senhor, e do teu amor firme,

pois eles já são velhos.
[7] Não se lembre dos pecados ***da minha juventude, nem das minhas*** *transgressões;*

De acordo com o seu amor firme, lembre- *me de mim,*

Por amor de Deus, *ó Senhor!*
[8] Bom e ***reto é o Senhor;***

portanto, instrui os pecadores no caminho.
[9] Ele ***conduz o humilde*** *no* ***que*** *é certo,*

e ensina o humilde dele.
[10] Todos ***os caminhos do Senhor são amor*** *e fidelidade* ***firme*** *,*

para aqueles que mantêm sua aliança e seus testemunhos.
[11] Por ***amor de teu nome,*** *ó Senhor,*

desculpem a minha culpa, *por* ***isso é*** *ótimo.*

O salmista começa sua oração com a afirmação que é a base de tudo o que se segue. Ele cometeu a vida a Javé porque ele confiou nele. Assim, ele reza para que ele não se confunda e que seus inimigos não sejam autorizados a exultar às suas custas. Na verdade, ele está convencido de que aqueles que confiam em Yahweh não são confundidos, enquanto aqueles que são perversos pela intenção são.

A primeira oração do poeta é a orientação no presente; O segundo é o perdão dos pecados passados. Ele deseja ensinar os caminhos de Yahweh e ser instruído em seus caminhos. É a linguagem do culto da aliança, tão repetida no Antigo Testamento - os caminhos e os caminhos de Deus são a rota prescrita para a vida, em contraste com a do homem. Assim, o salmista prossegue para orar para que o Senhor o guie na verdade (honestidade) e ensine-o, porque é o Senhor que é o Deus de sua libertação. Na verdade, é o Senhor em quem sua confiança foi colocada ao longo de seus dias.

Assim, a oração para o perdão aumenta. O Senhor é chamado a lembrar-se, até "aplicar agora" a sua terna compaixão (*racham*) e seu amor imutável (*chesed*), que

permanecem sem começo ou fim, como o próprio Deus. E o pensamento da eterna semelhança de Javé lembra o salmista de suas próprias inconsistências vergonhosas:

"Os pecados da minha juventude e a minha infidelidade,
- não os leve à conta atual.

Na verdade, ele pode contar com a consistência de Yahweh para fornecer o que ele precisa e não o que ele merece, e assim reza para ser lembrado de acordo com o amor imutável e bondade de Yahweh.
A reflexão sobre a natureza de Javé leva a uma afirmação posterior. Yahweh é *bom* e justo, e ele aponta para os pecadores o caminho certo. Ele também faz com que os oprimidos andem na maneira "julgada" ou apropriada e ensinem a eles. E para aqueles que mantêm a aliança de Javé e seus requisitos, suas "avenidas de vida" são amor e honestidade imutáveis (nota v. 5-6).

Então, a afirmação se volta novamente para a oração que encorajou e o que encoraja. O poeta voltou a ver o golfo criado pelo que ele é contra o que ele deveria estar na realidade do ser e da expectativa de Deus. Ele sabe que a libertação e a comunidade que ele precisa não podem ser dele sem a ajuda de Deus. Assim, ele pede que sua abundante culpa seja perdoada pelo Senhor por causa do seu nome.

[12] Quem é o homem que teme ao Senhor?

Ele instruirá da maneira que ele deve escolher.
[13] Ele mesmo deve permanecer em prosperidade,

e seus filhos possuirão a terra.
[14] A amizade do Senhor é para aqueles que o temem,

e ele dá a conhecer a sua aliança
*[15] Meus **olhos estão sempre em direção ao Senhor,***

pois ele arrancará meus pés da rede
[16] Turn me to me, e tenha misericórdia de mim;

pois estou sozinho e aflito.
[17] Alivie os problemas do meu coração,

e me tire das minhas angústias.
[18] Considere a minha aflição e os meus problemas,

e perdoa todos os meus pecados.
[19] Considere quantos são meus inimigos,

e com o ódio violento que eles me odeiam.
[20] Guarda minha vida, e livra-me;

Não me deixe envergonhar, pois me refugio em ti.
[21] Que a integridade e a retidão me preservem, pois espero por você.

[22] Resgata a Israel, ó Deus,

de todos os seus problemas.

"Que terra de um homem é o homem que reverencia (segue) Javé?" A questão vem ao salmista, e ele a coloca retórica. O dele é aquele, este homem, que é mostrado como ele escolherá. Porque ele segue Javé, ele será mostrado do jeito certo, e sua escolha será uma conclusão inevitável. Sua vida permanecerá (iluminada, passará a noite) de bem, e sua progênie herdará a Terra. Ele tem o privilégio de ser parte de Yahweh conselho secreto, e o Senhor levará todos esses homens a um conhecimento experiencial de sua aliança.

O salmista claramente se considera entre tal grupo, e ele volta mais uma vez a afirmação e, pela terceira vez, a sua oração por ajuda. Ele mantém seus olhos virados continuamente em direção a Javé, ele confessa, porque é o Senhor que tira os pés da rede que aprisiona. O uso aqui é enfático, como no v. 5 ; A implicação é que é somente Deus quem entrega e libera. A rede é metafórica para qualquer problema do qual a saída não é impossível.

Assim, a oração é que Yahweh o olharia e fosse misericordioso com ele, porque ele está sozinho e desamparado. Ele pede alívio das angústias de seu coração e se afasta das pressões que o cercam. Ele pede que o Senhor veja sua miséria e seu sofrimento e "levante" o peso ou perdoe todos os seus pecados.

Então, pela primeira vez desde vv. 2-3 , o poeta pensa novamente sobre aqueles que o oprimem - seus inimigos e os de Javé. Eles são muitos, e o odeiam com o ódio que resulta em violência. Assim, ele ora a Deus para que olhe para esses inimigos, depois guarde sua vida, tire-o de suas garras e o preserve de confundir-se (ver v. 2-3). Ele pergunta isso porque confiou em Yahweh. A referência a essa afirmação anterior produz uma nova versão, que fecha a oração.

O versículo final do Salmo 25 está fora do padrão acrostico; por esta razão, e por causa de sua mudança de uma oração para uma pessoa para uma oração para todo o Israel e seu uso de Elohim, onde Yahweh normalmente seria esperado (veja o comentário sobre o Salmo 42), é melhor considerar a adição de um mais tarde mão. O propósito da breve linha é solicitar a Israel o mesmo tipo de alívio que o poeta da vv. 1-21 , mas apenas uma palavra-chave usada no poema anterior é usada aqui (*tsarah* , v. 17).

• Foi a convicção do poeta do Salmo 25 que a confiança depositada em Deus está bem colocada, e seu desejo era, portanto, um conhecimento mais completo dos caminhos de Deus para que ele pudesse confiar mais e mais seguindo neles. Sua oração é para proteção, orientação, perdão e libertação. E sua lição é de fé e conseqüente ação. Tanto a oração quanto a lição são muito necessárias.

26. Um inocente Maris Plea para Vindication

Este salmo, como 7 e 17, também da coleção davídica de hinos e orações, é a oração de um indivíduo que fervorosamente acredita ter sido injustamente lido. Este poeta não era tão frenético como os outros dois, nem, aparentemente, em perigo tão iminente. Sua súplica é, portanto, mais calma e lógica; apresenta sua própria defesa bem ordenada. Ele está pronto para ser testado porque ele tem certeza de si mesmo. Ele anseia estar no lugar da adoração de Javé e de dar diante da congregação o seu testemunho.

Um salmo de David.
[1] *Vindicate* ***me,*** *Senhor,*

pois andei na minha integridade,

e confiei no Senhor sem vacilar.
[2] *Prove-me, Senhor, e tente-me;*

Teste meu coração e minha mente.
[3] *Porque o teu amor firme está diante dos meus olhos,*

e eu ando com fidelidade a ti.
[4] *Eu não me sento com falsos homens,*

nem consigo com dissemblers;
[5] *Odeio a companhia dos malfeitores,*

e não vou me sentar com os perversos.

O salmista começa sua oração com o pedido que é todo o seu propósito, a saber, que o Senhor decide o caso dele. Os homens, embora muito pouco se diga sobre eles, aparentemente publicaram uma opinião sobre o poeta. O poeta, confiante de que esses homens estão errados, está ansioso pela reivindicação de Deus.

Depois de tudo, andou em sua integridade e confiou no Senhor sem perda de poluição - assim ele pode pedir ansiosamente a Yahweh para testá-lo, colocá-lo na prova e testar meu coração e minha mente (meus rins e meu coração, isto é, , o assento das emoções e o assento dos poderes de raciocínio do homem hebreu).

Porque, diz o salmista - e ele prossegue para dar razões tanto por que ele quer e como ele pode pagar o julgamento de Javé: porque o amor imutável de Javé está sempre diante de seus olhos; porque ele se faz andar na honestidade de Javé; porque ele não "pendurou" com homens bons para nada; porque ele não acontece com hipócritas; na verdade, porque ele odeia a comunhão dos malfeitores e não se sente com os ímpios.

[6] *Eu lavo minhas mãos na inocência,*

e vai sobre o teu altar, ó Senhor
[7] *cantando em voz alta uma música de ação de graças,*

e contando todas as suas maravilhas.
[8] *Ó SENHOR, amo a habitação da tua casa,*

e o lugar onde a tua glória habita.
[9] *Não me arraste com os pecadores,*

nem minha vida com homens sanguinários,
[10] *homens em cujas mãos são dispositivos doentios,*

e cujas mãos certas estão cheias de subornos.
[11] *Mas, quanto a mim, ando na minha integridade;*

me redime e tenha graça para mim.
[12] *Meu pé está no chão nivelado;*

Na grande congregação abençoarei o SENHOR.

O idioma do versículo 6 *a* foi considerado figurativo (ver 73:13) por alguns comentaristas, e como uma referência à lustração ritual por outros. Não é possível ser dogmático, mas o contexto favorece claramente a interpretação mais literal. Assim, o poeta está falando da limpeza ritual que simbolizava e só poderia vir após a confirmação da inocência, a limpeza ritual que é objeto de tantos rituais e proibições do livro de Levítico.

Seguindo o julgamento de Javé, portanto, o poeta enxaguará as palmeiras com inocência, unirá o círculo de adoradores em torno do altar de Javé e fará seu testemunho com uma voz de agradecimento (confissão), contando e relatando todos os maravilhosos atos de Javé.

O pensamento suscita uma defesa adicional, que é ao mesmo tempo um lado feliz: "Javé, eu amo o refúgio" de sua casa, e o lugar onde a sua glória habita. A referência à glória é, com toda a probabilidade, uma referência à arca, o símbolo por excelência da Presença de Yahweh.

O poeta vira uma segunda vez a um pedido e à única referência no salmo para quem o acusou sem causa. Seu pedido pode ser entendido como uma variação de sua súplica para o julgamento de Javé, porque ele reza para que ele não seja reunido pelo Senhor com os pecadores e homens sangrentos cujas mãos possuem esquemas para o mal e estão cheios de subornos. A implicação é que o salmista foi acusado de pecados semelhantes - uma interpretação que o protesto de vv. 4-5 suporta.

Em contraste com esses homens pecadores, o salmista afirma que sua caminhada está em sua integridade. Esta expressão na v. 11 , como na v. 1 , utiliza um pronome pessoal extra para a ênfase. Assim, ele reza para que o Senhor o resgate e seja gracioso com ele - isto é, para lhe dar um julgamento vingativo. Mais uma vez, ele protesta contra sua inocência; Ele persistiu com honestidade. E mais uma vez, ele promete abençoar a Javé na congregação cheia.

• Não há nenhuma possibilidade nem necessidade de identificação de qualquer configuração histórica específica para salmos como este. Pertence a um grande grupo de orações individuais que, sem dúvida, começaram em um conjunto pessoal de circunstâncias, mas entraram em uso repetido e, em alguns casos, modificação posterior com esse uso. Tal poema poderia, de fato, se tornar a oração de qualquer alma fiel que se achasse sob um ataque injusto.

Nem o autor de tal oração deve ser suspeitado de vaidade espiritual. Que a sua oração é testemunho e não é braggartismo devido à sua ânsia de que Deus seja seu juiz e também do seu óbvio entusiasmo pelo lugar de adoração e por confissão diante de toda a congregação. É o testemunho de um com algo a atestar; e seu entusiasmo não pode ser escondido.

27. Um salmo de confiança e uma oração de necessidade

O Salmo 27 é uma combinação de dois poemas tão distintamente diferentes de humor e conteúdo que a maioria dos comentaristas que o estudaram consideram um salmo com dois autores ou dois salmos de diferentes períodos da vida de um autor. Os versículos 1-6 são um hino vibrante de confiança inabalável em Deus e exalam a total segurança de

um conhecimento da Presença de Deus. Os versículos 7-14 são um lamento ansioso de um tempo de grande necessidade, que ainda decorre também de uma confiança profícua no livramento que a Presença de Deus pode, e de fato, trará. O primeiro poema vem da confiança da vitória na fé; o segundo vem de uma confiança que acredita e espera uma vitória que é urgentemente necessária.
Em combinação, os poemas são da antologia de hinos chamados de David. Se eles são a produção de dois poetas distintos, eles podem ter sido reunidos na coleção Davidic. Ambos são caracterizados, embora sob diferentes perspectivas, pela confiança. Ambos estão preocupados com a Presença de Deus (v. 4 vis-a-vis vv. 8-9 , 14) e inimigos oprimidos (vv.2 , 6 vis-a-vis 11-12), e ambos mencionam perguntar (*bqsh*) de Deus (v. 4 vis-a-vis 8) e a beleza ou a beleza de Javé (*no'am* , v. 4 , vis-à-vis *tub* , v. 13).

O que, finalmente, é mais importante do que a questão de saber se os dois poemas são o produto de um autor ou dois é a visão mostrada em sua combinação. É um testemunho de uma confiança em Deus que é constante e não mais afetada pelas circunstâncias presentes do que o cuidado de Deus com suas criaturas. É essa visão, de fato, que fornece a unificação real de dois poemas originalmente separados.

Um salmo de David.

[1] ***O Senhor é a minha luz e a minha salvação;***
a quem devo *temer?*
O Senhor é a fortaleza da minha vida;
de quem devo ter medo?
[2] Quando os malfeitores me atacam,

pronunciando calúnias contra mim,
meus adversários e inimigos,
eles devem tropeçar e cair.
[3] Embora um anfitrião acampe contra mim,

meu coração não deve temer;
embora a guerra se levante contra mim,
ainda tenho certeza.
[4] ***Uma coisa perguntei ao Senhor,***
que eu vou procurar;
para que eu possa habitar na casa do Senhor
Todos os dias da minha vida,
para contemplar a beleza do Senhor,
e perguntar no templo dele.
[5] Pois ele vai me esconder no seu abrigo

no dia da angústia, ele me esconderá sob a capa da sua tenda,
ele me colocará no alto de uma rocha.

[4] ***E agora minha cabeça deve ser levantada***
acima de meus inimigos em torno de mim;
e vou oferecer na sua tenda
sacrifícios com gritos de alegria;
Eu cantarei e farei melodia para o Senhor.

O primeiro poema começa com uma afirmação triunfante da confiança que é o tema e a experiência do autor. O Senhor é a sua luz, a sua libertação, a protecção da sua vida. Como, portanto, alguém poderia atrapalhar ele? Quando os malfeitores se aproximam para prejudicá-lo, quando seus perseguidores e inimigos se movem para ele, eles simplesmente tropeçam e caem de forma plana. Na verdade, ele exulta, com uma exuberância emocionantemente infecciosa, que um exército ou mesmo uma guerra inteira não prejudicaria sua confiança. É a certeza que o anjo de Javé deu a Gideão (Judg. 6:16), e que Isaías pregou com tanta confiança para sitiar Jerusalém (Isaías 37: 6-35). Onde pode haver alguma causa de medo ou fracasso quando Deus estiver à mão?

O poeta se move para uma expressão ainda mais íntima de confiança na confiança que ele aprendeu com a experiência; É da mesma forma que ele perguntou a Yahweh apenas uma única coisa. Essa é a única necessidade, mas é tão crucial que ele o exortará de Yahweh. É morar na casa de Javé todos os dias da sua vida (ver comentário em 23: 6), para contemplar a beleza de Yahweh e fazer inquérito em seu Templo. Essas frases podem ser várias vezes interpretadas como tendo referência à comunhão com o Senhor, o anfitrião, à arca como o símbolo de sua proximidade e ao oráculo sagrado. Eles podem, na verdade, ser facilmente tudo isso, mas também são mais. Eles são uma multiplicação de expressão para a única coisa que é, de fato, a base da confiança inabalável do poeta - a presença real de Javé, na qual são cumpridas todas as suas necessidades e em que ele é igual a qualquer coisa, de um malfeitor a um exército , uma escaramuça para uma guerra.

Antecipando a questão que um depoimento tão individual pode provocar, o salmista responde por quê. O Senhor o esconderá em seu abrigo em um tempo de infortúnio; Ele o esconderá no cobertor secreto de sua tenda, e colocá-lo em uma rocha alta e segura. Yahweh fornecerá, como ele tem, a única proteção real, e a proteção que ele apenas pode fornecer.

Assim é o poeta capaz de segurar a cabeça, inconsciente de seus inimigos circulando em torno dele. E assim ele vai oferecer no lugar do culto de Javé (lit., em sua tenda) gritando sacrifícios, isto é, sacrifícios acompanhadas do *t e ru'ah* , o grito festivo do culto que Hermann Gunkel chamou de “o júbilo exultante antes o Deus realmente presente "(p. 115, cf. também Salmos 89:15 ; 29: 9 ; 33: 3 , 42: 4). E assim ele cantará e fará música para Yahweh.

[7] *Ouve, ó SENHOR, quando clamo em voz alta,*
Seja misericordioso comigo e me responda!
[8] *Tu disse: "Buscai o meu rosto".*
Meu coração diz para você,
"Tua cara, Senhor, eu procuro".
[9] *Não esconda o meu rosto de mim.*

Não desaire o seu servo com raiva,
Você que foi minha ajuda.
Não me solte, não me abandone,
Ó Deus da minha salvação!
[10] Pois meu pai e minha mãe me abandonaram,
mas o SENHOR me levará.
[11] ***Ensina-me ao teu caminho, ó Senhor;***
e me conduzem em um caminho de nível
por causa dos meus inimigos.
[12] Não me dê a vontade dos meus adversários;
pois falsas testemunhas se levantaram contra mim,
e eles expulsam a violência.
[13] Creio que vejo a bondade do SENHOR
na terra dos vivos!
[14] Aguarde o SENHOR;
seja forte e deixe seu coração tomar coragem;
sim, aguarde o Senhor!

O segundo poema começa quando continua, com um pedido. Como já foi observado, é tão ansioso quanto seu companheiro é jubiloso. O poeta clama em voz alta, pedindo a Yahweh que

ouvir. . . Ele é gracioso, responda. Os versos 8-9 foram danificados na transmissão, mas podem ser reconstruídos com a ajuda das versões. O poeta relata sua razão (coração) levando-o, a respeito de Deus, a procurar sua Presença. Ele atuou sobre essa intuição: "Sua presença, Yahweh, continuo buscando".

Sua confiança nos benefícios da Presença de Yahweh é firme, mas ele está ansioso, em sua necessidade, temendo que esta Presença possa ser inacessível para ele de alguma forma. Assim, ele reza para que o Senhor não esconda a sua presença, para que ele não esteja em ira afastar o seu servo - um pedido que pode indicar alguma desobediência ou negligência na parte do poeta, mas de que não há elaboração. Javé tem sido seu ajudante e é o Deus de sua libertação. Assim, ele reza: "Não me rejeite e não me abandone".

O pensamento de abandono lembra seu amargo isolamento, e ele usa o verbo abandonar (' *abab*) novamente para se referir à rejeição de seus próprios pais. No entanto, sua confiança em Yahweh permanece firme. Yahweh, em contraste, "me reunirá para si mesmo".

Novamente, ele reza para que o Senhor mostre seu próprio caminho e guie-o em um caminho reto, calculado para perder as emboscadas daqueles que esperam por ele, também que o Senhor o fará das garras daqueles que o oprimem. Eles ficaram de pé contra ele, dando um testemunho pouco confiável e proferiram violência contra ele (iluminada, explodida).

Não é uma situação invejável; e é a causa óbvia de grande ansiedade para o poeta. Mas não é uma situação desesperada; e sua ansiedade é controlada por sua confiança inabalável, que concede a paciência de esperar por Yahweh. É o testemunho desta confiança que conclui o salmo e fornece a sua visão mais sublime: "Eu acredito firmemente que vou ver a beleza de Yah-weh enquanto ainda vivo". Em outras palavras, o poeta está plenamente certo de que ele irá Experimente a Presença de entrega que ele está tão ansiosamente buscando. Assim, ele pode dizer, meio para si mesmo e metade para quem vai ouvir,

"Espere por Yahweh!

Seja forte e firme seu coração!

E espere por Javé! "

• O primeiro dos dois poemas que são agora o Salmo 27 tem uma relação óbvia com o Salmo 23 na mensagem e na linguagem. O segundo mostra parentesco com tais Salmos como 3, 5 e 13. Mas ambos os poemas juntos mostram um parentesco sublime com essa garantia triunfante e abençoada, expressada tantas vezes pelos titãs da fé bíblica - que em Deus, os homens são conquistadores e, além disso, além disso.

28. Um Choro de Problemas, uma Oração de Fé

Este poema do saltério davídico se move, como fazem muitas das orações de lamentação individual, do desrespeito da mais profunda necessidade a uma ação de graças hímida crescente. Da horrível solidão que é incomparável e uma preocupação por si só, o salmista vem a uma confissão vibrante e uma petição para todos os povos de Deus.

Um salmo de David

1 A ti, ó SENHOR, eu chamo;
meu rock, não seja surdo para mim,
para que, se você me callar,
Eu me tornei como aqueles que vão até o Poço.
2 Ouça a voz da minha súplica,
enquanto choro por você para pedir ajuda,
quando eu levanto minhas mãos
para o seu santuário mais sagrado.
3 Não me tire com os ímpios,
com aqueles que são trabalhadores do mal,
que falam paz com seus vizinhos,
enquanto o mal está em seus corações.
4 Realizá-los de acordo com seu trabalho,
e de acordo com o mal dos seus feitos;
recompensá-los de acordo com o trabalho de suas mãos;
torná-los a sua devida recompensa.

[5] *Porque não consideram as obras do SENHOR,*

ou o trabalho de suas mãos,
ele vai quebrá-los e construí-los
não mais.

O poeta clama a Yahweh por aquela terrível solidão que só pode sentir sua ausência (ver comentário em 6: 3 f .; 10: 1 , 16-18 ; 13: 1 f .; 22: 1 f .). Ele chama, mas só pode ouvir o silêncio, e teme que o Senhor esteja "afastando o silêncio" e "ficando quieto". Ele implora que o Senhor não o trate assim, senão ele será como todos os que vão ao mundo inferior com o seu existência vazia (veja o comentário em 88: 3-12). Assim, ele soa a sua oração, levanta o seu pedido de ajuda e levanta as mãos em gesto de sua oração para "o santuário interior da sua santidade", isto é, o lugar santíssimo da Presença de Javé, o santo dos santos no Templo . Foi, afinal de contas, que a arca descansou quando não estava em sacralidade, e que a presença terrestre de Yahweh era mais persistente e potente.

O sentimento do salmista de que o Senhor é surdo às suas súplicas o leva a uma conclusão assustadora de que, por algum motivo, foi categorizado com os ímpios, e ele se desassociou vigorosamente denunciando-os. Eles trabalham em angústia e falam uma amável saudação para seus associados quando a destruição está realmente em suas mentes. Ele não quer ser puxado com estes, e ele reza vigorosamente, e com uma repetição quádrupla de frase, para que eles consigam o que está vindo para eles. Eles são devidos uma recompensa total sobre o investimento do mal porque eles escolhem ignorar o que Yahweh faz e cria, e por isso o salmista anseia por ele puxá-los e não reconstruí-los.

[6] ***Bendito seja o Senhor!***
pois ele ouviu a voz das minhas súplicas.
[7] *O SENHOR é minha força e meu escudo;*

nele meu coração confia;
então eu sou ajudado, e meu coração exulta,
e com a minha música agradeço a ele.
[8] *O SENHOR é a força do seu povo,*

Ele é o refúgio salvador de seu ungido.
[9] *Salvo o teu povo, e abençoe a tua herança;*

seja seu pastor e os guarde para sempre.

Com v. 6 há uma mudança dramática no comportamento do poeta e na sua língua. O versículo começa com a benção de Javé - "porque ele ouviu o som da minha oração". Essas palavras são as mesmas da v. 2 *a*, com apenas a mudança do verbo imperativo da oração ao verbo perfeito que descreve a resposta para a oração. É um dispositivo dramático mas simples do poeta, sinalizando a mudança do grito de necessidade de chorar de louvor. Assim, começa uma oração de ação de graças tão exuberante como a petição de necessidade anterior, estava desesperada.

O poeta confessa a Javé como sua força e proteção, em quem confiou e por quem ele foi ajudado. Portanto, ele é exultante e glorifica o Senhor com sua canção. Tampouco a

confissão se limita à benevolência de Yahweh para ele sozinho. O Senhor é realmente força para o seu povo e um refúgio de libertações para o seu ungido (*m e shicho*), isto é, o rei Da-vidic. A concepção é um encapsulamento gráfico da teologia da autoridade da dinastia davídica. O Senhor conhece os seus filhos adotados (Salmos 2: 7) são humanos e tem uma reserva infinita de resgates.

A oração de ação de graça é encerrada com uma petição quádrupla para o povo de Yahweh, que é consoante e parte da confissão do resto do poeta. Ele pede a Javé que os entregue, abençoe-os (o povo de Javé é sua possessão é esclarecido por passagens como Deut. 9:29 ; Isaías 19:25 ; Joel 2:17) e, em duas imagens que evocam o pastor , para pastoreá-los e levantá-los para sempre.

• Uma das idéias mais notáveis do Saltério é que a sua lamentação, que certamente está entre as mais profundas e pesquisadoras da literatura do mundo, freqüentemente gira, como neste salmo, para louvar e ação de graças. Isto é testemunho do fato de que a própria lamentação vem mais da fé do que a autocompasão ou mesmo o sofrimento pessoal. É também o testemunho de uma compreensão da presença real de Deus, da qual os salmistas não podem ser separados. Mas é um testemunho, sobretudo, do fato de que o sofrimento e a opressão não são, no plano de Deus, o fim de qualquer coisa e que ele realmente tem libertação e sustento para todos que o buscam. Talvez a lição mais singular - e a menos aprendida - de tudo é que é Deus quem deve ser procurado em primeiro lugar, e não a libertação.

29. O Hino da Trovoada

Este majestoso hino de louvor ao poder do Deus que reina sobre a natureza e abençoa os homens é um dos poemas mais vívidos e dramáticos do Saltério. É também um dos mais antigos; e, apesar de utilizar imagens cananitas e pode muito bem ter sido inspirado por um poema ugarítico para Baal como uma tempestade Deus, não é menos a criação original de um poeta hebreu muito dotado. Ele era um poeta que, como o autor do Salmo 8 e o autor do Salmo 19 , estava profundamente consciente da Presença de Deus na natureza; mas, ao contrário desses poetas, que experimentaram a Deus na pacífica calma do céu durante a noite, esse salmista o experimentou com a fúria e o rugido da tempestade. E ele gravou sua experiência com tanta habilidade que, para ler seu hino, é viver novamente com ele.
O salmo é um hino de teofania, e provavelmente foi usado repetidamente nas cerimônias teofanicas do Templo de Jerusalém. Assim, ele entrou na coleção davídica, de onde, por sua vez, entrou no livro canônico dos Salmos. Seu cenário foi a adoração da congregação reunida que conduziu e durante a reedição do culto à teofania de Yahweh. E embora o verdadeiro trovão de Yahweh, sem dúvida, raramente coincidiu com o culto em si, é improvável que qualquer um que tenha participado da adoração não conseguiu lembrar sempre que o trovão rugeu perto ou longe.

Um salmo de David.
[1] Atribua ao Senhor, ó seres celestiais,

atribuir ao Senhor glória e força.
[2] Atribua ao Senhor a glória do seu nome;

adorar o Senhor em ordem sagrada.
3 A voz do Senhor está sobre as águas;

o Deus dos trovões da glória,

o Senhor, em muitas águas.

4 ***A voz do Senhor é poderosa,***

a voz do Senhor está cheia de majestade.

5 ***A voz do Senhor quebra os cedros,***

O Senhor quebra os cedros do Líbano.
6 Ele faz o Líbano ignorar como um bezerro,

e Sirion como um jovem boi selvagem.
7 A voz do Senhor pisca as chamas do fogo.

8 A voz do Senhor agita o deserto,

O Senhor agita o deserto ***de*** *Cades.*
9 A voz do Senhor faz ***as*** *carvalhos* ***para*** *girar,*

e desnuda as florestas;

e em seu templo todos choram, "Glória!"
10 O Senhor senta-se entronizado sobre o dilúvio;

O Senhor fica entronizado como rei para sempre.
11 Que o Senhor dê força ao seu povo!

Que o Senhor abençoe seu povo com paz!

O salmista abre seu hino com um apelo para adorar digna da magnificência de seu tema. Ele invoca o servo celestial no trono de Deus (8: 1-2 ; 89: 5-8 ; 103: 19-22 ; 148: 1-4 ; 1 Reis 22:19) para dar a Yahweh o crédito Ele é devido: glória e força e a glória devido ao seu nome. Na verdade eles devem se curvar diante de Javé em "vestuário sagrado" (não array).

Em sucessão imediata ao chamado ao hospedeiro celestial para se curvar em adoração, o salmista mergulha seu ouvinte na boca de uma tempestade furiosa. Sete grandes trovões clivam a quietude em uma declaração destruidora da força e da glória de Javé, e cada uma em sucessão é chamada de voz ou trovão de Javé. Esses sete gritos de Yahweh não devem ser imaginados como começando na distância distante e se aproximando cada vez mais, mas como sete rápidos e rápidos, todos surpreendentes tanto em rapidez quanto em proximidade. Não há preparação gradual para o advento de Javé; É de repente e assustadoramente e por toda a parte. Estende-se todo o caminho do Monte Líbano e do Monte Hermon, no Norte, para Cades, no Sul, *além*A extensão das fronteiras tradicionais norte-sul do território atribuídas às tribos (de Dan a Beersheba, Judg. 20: 1 , cf. 1 Cron. 21: 2).

Assim, o trovão de Javé, o Deus da glória (ver 24: 7-10) ruge sobre as águas, vem com violência, vem com esplendor, rasgando os cedros, destruindo os grandes cedros do Líbano, famosos por sua força, fazendo Monte o Liban gambol como um bezerro frisky e o monte Hermon, em frente a ele, como um boi selvagem de um ano, dividindo-se

com relâmpagos de fogo, convulsionando o deserto, contorcendo o deserto de Cades, assustando o faz em trabalho prematuro e causando a aparição precoce de os filhos balões. O RSV segue uma leitura alternativa (faz girar os carvalhos **)** que foi sugerido primeiro pelo bispo Robert Lowth, mas que exige a emenda do versículo 9a .

Com uma acumulação tão rápida de imagens poéticas, o salmista literalmente recria o choque e a reverberação, o tremor e a explosão do trovão e do relâmpago. Seu efeito pretendido é trazer à mente os trovões e os relâmpagos (*qolot ub ᵉ raqim*) que acompanharam a grande teofania de Yahweh no Monte Sinai e, ao mesmo tempo, anunciar uma experiência presente de sua Presença.

Que esse efeito foi alcançado é claro a partir da linha final de v. 9 : e em seu templo todos choram, "Glória!" É o grito de uníssono de uma congregação cativada e atrapalhada, sinalizada talvez pela aparição súbita dos santos santos da arca. O Senhor veio à fúria da tempestade, e sua presença agora é manifesta.

Seguindo o grande grito dos adoradores, há uma quietude quase sem fôlego. Então venha em cadência majestosa e calma as palavras do governo e da bênção de Yahweh, entonadas pelo líder do culto. O Senhor conquistou o *mabbul* , o grande oceano cósmico de quem veio o dilúvio do tempo de Noé (ver Gênesis 6:17 ; 7:10 ; 9:11 , 15 , 28), e ele está permanentemente entronizado como rei (ver comentário em 47; 93; 96-99). A autoridade de seu governo é evidenciada tanto pelo trovão cataclísmico de sua voz quanto pela tranqüila calma do Templo de sua Presença. E ele dá força ao seu povo e abençoa-os com satisfação, isto é, a plena realização de seu potencial e da promessa divina. Assim, o trovão diminuiu, tão rapidamente como começou, e no silêncio etéreo que se segue, as pessoas experimentaram a presença beatífica de Deus com a garantia complementar que só ela pode trazer.

• É tão inútil quanto desnecessário buscar uma explicação natural para a imagem da soberba poesia de tais salmos como este ou 18: 7 e seguintes. ou 96: 11-12 ou 98: 8 . O que é necessário, e até urgente, é que se dê atenção à realidade da experiência do poeta da Presença de Deus - uma realidade tão vívida que ele deve compartilhá-la; e ele organiza toda a arte a seu comando para fazer exatamente isso. É uma realidade necessária para o povo de Deus em todas as épocas - tão severamente que, ao mesmo tempo, ele escolheu como correto, Deus enviou seu Filho em teofania permanente para que a realidade fique mais aparente do que nunca (Colossenses 1: 15-20).

30. Canção de Ação de Graças para a Cura de Deus

Esta canção sagrada do hinário davídico é um poema alegre de gratidão pela cura de uma doença grave, mas ainda mais pelo novo conhecimento da providência de Deus que toda a experiência trouxe. O salmista começa e termina seu poema com ação de graças, e sua incorporação da história de sua cura, além do convite para outros adoradores para se juntar a ele em elogio (v. 4) sugerem como contexto do salmo um serviço de testemunho e culto públicos .
O título do salmo inclui a frase "Uma Canção da dedicação do

Templo. "A canção (*shir*) é usada no Antigo Testamento em referência a canções seculares e cultuais. Nesta inscrição particular é redundante por causa da presença também do salmo (*mizmor* , cf. também Salmos 65 , 75 e 76) , mas *shir* aqui se forma

com duas outras palavras hebraicas, uma inscrição adicional e posterior que designa o Salmo 30 como uma música apropriada para usar o culto festivo da Festa da Dedicação (*Hanukkah*) inaugurada por Judas Maccabeus em 165 aC (1 Macc. 4:52 - 59). Esta adequação estava aparentemente na ênfase na ação de graças por alívio, pois além disso não há correspondência entre o salmo e as celebrações a que esta instrução tardia o aplica.

Um salmo de David. Uma Canção na dedicação do Templo.
[1] ***Eu te exaltar,*** *ó Senhor, porque me arranjou,*

e não deixa que meus inimigos se regozijem sobre mim.
[2] *Ó Senhor meu Deus, chorei a ti por ajuda,*

e você me curou.
[3] *Ó Senhor, criaste a minha alma do Seol,*

me restaurou a vida entre os que foram até o poço.
[4] *Cante* ***louvores ao Senhor,*** *ó* ***vós*** *os seus santos,*

e dê graças ao seu santo nome.
[3] *Pois a raiva é por um momento,*

e seu favor é para toda a vida.
Chorar pode demorar a noite,
mas a alegria vem com a manhã.

Uma afirmação de louvor e sua justificativa em um confessionário "porque a cláusula" abre o hino. O salmista declara que ele exaltará o Senhor porque o Senhor o puxou para cima, como se desencadeia um buraco ou uma fenda, e neste resgate da nona hora sofreu a alegria crescente de seus inimigos que se preparavam para exultar às suas custas. Ao Senhor, seu Deus, ele clamou por ajuda e, em consequência, foi curado de uma doença que quase o tinha em um leito de morte. O Senhor levantou a vida do Seol, a habitação dos mortos e, literalmente, o ressuscitou da própria comunhão daqueles que estavam ali.

Assim, o júbilo do poeta é realmente ilimitado, e ele convida seus companheiros adoradores, os leais com ele a Javé, a fazer música a Javé e a confessar a realidade atual (*zeker*) de sua santidade. *Zeker* é mais do que o nome, aqui no RSV e em muitas outras traduções. É a lembrança que é em si mesma a atual atualização da santidade de Yahweh - a experiência desta Presença e boa graça aqui e agora. Porque, o poeta lembra-lhes: "é uma angústia horrível estar em sua raiva, mas a vida dupla para estar em sua boa graça". E ele acrescenta, em uma referência pungente pessoal: "À medida que a escuridão vem, as lágrimas podem vir a passar a noite"; mas a alegria vem com a manhã.

[6] *Quanto a mim, eu disse na minha prosperidade,*

"Eu nunca vou me mover".
[7] *Por seu favor, Senhor,*

Você me estabeleceu como uma montanha forte;

Você escondeu seu rosto,

Fiquei consternado.
8 Para ti, ó Senhor, chorei;

E ao Senhor fiz a ***súplica:***
9 "Que lucro há na minha morte,

se eu descer ao poço?

Será que a poeira te louvará?

Será que vai falar da sua fidelidade?
10 Ouça, ó SENHOR, e tenha misericórdia de mim!

Ó SENHOR, SEJA MEU AJUDANTE! "
11 Você virou para mim o meu luto na dança;

você soltou meu saco

e me cingiu com alegria,
12 para que minha alma possa te louvar e não ficar em silêncio.

Ó** SENHOR **meu Deus, darei graças a ti por sempre.

Então, com seu interesse despertado e também como um incentivo adicional a eles para juntar seu próprio louvor jubiloso, o salmista dá seu testemunho. Começa não com o advento e a natureza de sua doença - nenhum dos quais, na verdade, é pouco mencionado - mas com sua condição prévia de prosperidade e auto-satisfação. "Eu", diz ele, enfatizando o pronome, "pensou:" Nunca

Eu vacilar, nunca! "'Yahweh, ele continua explicando, em sua boa graça o estabeleceu tão firme como uma montanha. É seu reconhecimento atual da fortuna que antes desfrutava e da libertação que ele acabou de conhecer como resultado da graça imerecida de Yahweh que constitui para ele uma visão dupla, a primeira é, se for caso disso, a maior das duas.

De repente, tudo mudou. Ele olhou para o Senhor, a quem ele tinha dado por certo, e não conseguiu encontrá-lo. 'Você escondeu sua Presença [face]. Eu estava em pânico! "Assim, ele começou a chamar a Yahweh e implorando seu Senhor pela graça. Ele lembra-se que procurou argumentar com o Senhor que sua morte seria um desperdício, já que o pó não o glorifica nem declara sua fidelidade. Não havia dúvida de um argumento sincero, mas não sem motivação egoísta, e o poeta registra o próximo desenvolvimento sucessivo de sua oração, mais de acordo com sua situação desesperada. Era uma oração para uma audiência e uma misericórdia, um pedido de ajuda - não depende de nenhum raciocínio ou mérito do homem, mas somente da graça de Deus.

Foi em resposta a tal argumento que a libertação de Yahweh veio; e o poeta se volta para o endereço de Yahweh com o qual ele começou como uma conclusão adequada para o seu testemunho e para a sua música de ação de graças. Javé virou seu luto para dançar, e substituiu suas roupas de luto por alegria. Assim, o coração do poeta faz música para Yahweh e não descansará de cantar, e assim o poeta cantará a confissão de Yahweh para sempre!

• Esta confissão movente de um homem cuja compreensão da providência de Deus foi aprofundada, se não nascida de fato, pertence à vida da família daqueles que ele chama de "fiéis" de Deus. Sua segurança não examinada (v. 6) e até mesmo sua primeira linha de razão em sua oração de ajuda (v. 9) são devastadores, só porque são tão familiares. Mas, talvez, a única coisa que recomenda ao poeta sobretudo é algo menos familiar: o entusiasmo de sua devoção após a recuperação está em consonância com a urgência de sua oração em dificuldade.

31. Oração de Confiança, Necessidade e Obrigado

As orações individuais do Saltério, mais do que os grandes hinos congregacionais de louvor que são segundo para eles em número total, apresentam uma semelhança de vocabulário e estilo de expressão que claramente estabelecem sua dependência de uma tradição compartilhada de oração e teologia no culto de Israel . Este poema da coleção davídica é um testemunho óbvio dessa dependência.
No entanto, apesar de muitas vezes devido a esse rico e expressivo tesouro comum de ideias e frases, esses salmos também geram um sentimento de individualidade que torna igualmente claro seu uso essencial como orações profundamente pessoais. É uma homenagem ao genio dos poetas que os compôs e aperfeiçoou que podem ser ao mesmo tempo tão pessoais e, no entanto, tornam-se a expressão igualmente e eloquente de uma sucessão ininterrupta de adoradores para além do tempo presente.

O salmo se move, com uma progressão desarticulada e uma mudança de pensamento que atesta a pressão da situação a partir da qual surgiu, do testemunho de confiança à lamentação da necessidade a uma oração de ação de graças pela libertação de Deus. Seu cenário original parece ser o Templo.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
[1] Em ti, ó SENHOR, BUSCO REFÚGIO;

Deixe-me nunca ser envergonhado;
na tua justiça, livra-me!
[2] Inclua sua orelha para mim,

me resgate rapidamente!
Seja uma pedra de refúgio para mim,
uma forte fortaleza para me salvar!
[3] Sim, és minha pedra e minha fortaleza;

Por causa do seu nome, guie-me e guie-me,
[4] me tire da rede oculta para mim,

pois você é meu refúgio.
[5] Em tua mão, confio o meu espírito;

Você me redimiu, ó Senhor, Deus fiel.
[6] Ocasa os que pagam em vã ídolos;

mas eu confio no Senhor.

7 ***Alegrei-me e me alegro pelo amor firme,***

porque você viu minha aflição,

Você tomou atenção às minhas adversidades,

8 ***e não me entregues na mão do inimigo;***

Você colocou meus pés em um lugar amplo.

O salmista começa sua oração com um testemunho de seu passado e presente confiança em Yahweh, a base essencial para sua petição de ajuda. Ele se refugiou no Senhor e, assim, se sente justificado para orar para que ele não fique desapontado com o seu grito de libertação. Ele pede uma audiência e pede o SENHOR rapidamente para tirá-lo de seu problema e para ser como uma pedra de refúgio e "uma fortaleza de montanha escarpada". O Senhor é o seu "penhasco" e sua "torre de montanha" de segurança . Assim, ele reza por orientação e liderança pelo amor de seu nome. Javé é o seu refúgio. Assim, ele reza para ser conduzido em torno da rede-rede que foi escondido para pegá-lo.

O Senhor salvou-o (ele, resgatou) no passado. Por isso, ele confia sua vida ao cuidado do deus com certeza. Ele não teve utilidade para aqueles que atenderam ídolos vãos (brisas do nada), todas as coisas pelas quais os homens dependem erroneamente; Ele, em contraste, colocou sua confiança em Yahweh. Ele se alegra e se alegra com o amor imutável de Javé; Pois, no passado, o Senhor viu a sua aflição, conheceu as angústias da sua vida e não o abandonou ao poder do inimigo, mas plantou os pés firmemente em um lugar amplo. Os versos 1 e 8 podem quase ser parte da ação de graças do poeta para a libertação. Em sua localização aqui, eles são uma lembrança feliz da libertação do passado e uma expectativa alegre de confiança no resgate por vir.

9 Tem misericórdia de ***mim, ó*** *SENHOR,* ***para*** *que eu* ***sou*** *na* ***angústia;***

meu olho está desperdiçado de tristeza,

minha alma e meu corpo também.

10 ***Pois a minha vida passa com tristeza,***

e meus anos com suspiros;

minha força falha por minha miséria,

e meus ossos desperdiçaram.

11 Eu sou o desprezo de todos os meus adversários,

um horror para os meus vizinhos,

um objeto de medo para meus conhecidos;

Aqueles que me vêem na rua fogem de mim.

12 Eu estive fora da mente como aquele que está morto;

Eu me tornei como um navio quebrado.

13 Sim, ouço o sussurro de muitos -

terror de todos os lados!

como eles agem juntos contra mim,

como eles traem para tirar minha vida.

[14] ***Mas confio em ti, ó Senhor,***

Eu digo: "Tu és meu Deus".

[15] Os meus tempos estão na tua mão;

entregue-me da mão dos meus inimigos e perseguidores!

[16] Que o teu rosto brilhe sobre o teu servo;

Salve-me no seu amor firme!

[17] Não me deixes envergonhar, ó Senhor

pois eu invoco-te;

Deixe que os ímpios sejam envergonhados,

Deixe-os ficar estupefatos com o Sheol.

[18] Deixe os lábios mentirosos serem idiotas,

que falam insolentemente contra os justos

com orgulho e desprezo.

Assim, o poeta vem para a lamentação, que é tanto a descrição de sua situação e seu pedido mais específico de libertação. Ele pede a Yahweh que seja gracioso por causa da forte pressão sobre ele. Seu olho está seco da profundidade e duração de sua tristeza (ver comentário sobre o Salmo 6: 7); Sua vida é consumida, sua força pisca, e seu quadro é frio. Todos esses reversos físicos são o resultado de sua situação desesperada na mão daqueles que trabalham para desfazê-lo e não de uma doença grave, como alguns comentadores detêm. Isto é confirmado pela sequência de versículos que se seguem imediatamente, descrevendo seu ataque.

O poeta foi submetido por algum motivo a uma campanha destinada a desacreditá-lo. Ele é envergonhado por seus opressores, um terror para seus concidadãos e uma fonte de medo tremendo para seus amigos íntimos; Todos os que o vêem em público o evitam. Ele é abandonado como o morto "perdido do coração", e tem a existência inútil de um lixo. Ele ouviu muita da calúnia; Isso trouxe o terror de todos os lados com a percepção de que todos eles são coniventes e planejaram tirar sua vida.

É verdadeiramente uma situação desesperada, mas o poeta afirma sua confiança em Yahweh, a quem ele confessou como Deus. Ele acredita que suas circunstâncias sejam, em última instância, no poder de Javé, e ele reza para ser arrebatado da mão de seus inimigos e dos que o perseguem. Ele conhece a beneficência da Presença de Yahweh e pede que seja claro para ele, pois isso significará a libertação do amor imutável de Javé. Ele gritou a Yahweh - assim ele pergunta e acredita que ele não deve se decepcionar.

A oração da necessidade fecha-se com uma oração para que os ímpios, aqueles que perseguiram o servo de Javé e assim o próprio Javé sejam os que estão desapontados. Na verdade, o salmista pede-lhes que fiquem em silêncio - atingidos pelo Sheol, seus lábios mentirosos se juntaram de forma idêntica. É uma mutilação que ele desejou, como eles falaram com tanta audácia em insolência e desprezo contra homens honestos, ele mesmo, naturalmente, incluído.

[19] Ó quão abundante é a tua bondade,

que guardaste para aqueles que te temem,
e forjado para aqueles que se refugiam em ti,
aos olhos dos filhos dos homens!
20 Na cobertura da tua presença, esconde- ***os***
das parcelas de homens;
você os mantém seguros sob seu abrigo
da disputa de línguas.
21 Bendito ***seja o Senhor,***
pois ele mostrou maravilhosamente o seu amor constante para mim
quando eu estava assediado como em uma cidade assediada.
22 Eu havia dito no meu alarme,
"Eu estou afastado da sua visão".
Mas você ouviu minhas súplicas,
quando chorei por você para pedir ajuda.
23 ***Ame o Senhor, todos vocês seus santos!***
O Senhor preserva os fiéis,
mas exige abundantemente aquele que age com altivez.
24 Seja forte, e deixe seu coração tomar coragem,
Todos vocês que esperam pelo Senhor!

Com vv. 19 ff., A libertação tão orantemente orada pelo poeta parece obviamente ter chegado. Assim, esses versos formam uma oração de ação de graças que é, em verdade, um epílogo para tudo o que já foi antes.

O salmista medita sobre a suficiência da bondade de Javé, guardado para aqueles que o reverenciaram e forjaram para aqueles que fugiram para ele, diante dos próprios olhos dos homens. De fato, Yahweh esconde o seu próprio no abrigo de sua Presença das conspirações-ligas dos homens e os preserva em seu abrigo de línguas de confissão. Ambas as referências são a perseguição especial do próprio salmista, descrita com mais detalhes em vv. 11-18 .

O Senhor deve ser abençoado por ter exercido poderosamente pelo poeta, em um momento de angústia, seu amor imutável. Pela primeira vez no salmo, admite-se uma medida de dúvida: "E eu havia dito, com um súbito começo," eu sou cortado de sua Presença! ". Mas o Senhor tinha ouvido seu grito.

É um testemunho maravilhoso, e a ação de graças do poeta é mais do que ele só pode expressar. Ele chama finalmente os seus companheiros de adoração a se juntarem a ele em amor por Yahweh, que vigia seus fiéis e recompensa plenamente aqueles que criam insolência. É sua própria experiência que aqueles que esperam pelo Senhor devem se manter firmes, "firmar" seus corações e esperar, venha o que puder.

• A base do ataque pessoal que tão desacreditou e debilitou esse salmista não pode ser verificada, embora haja vv. 19 e 24, a sugestão de que tenha sido relacionado ao seu serviço de Yahweh. No entanto, isso não é importante neste poema, mas sim o

testemunho de confiança no passado, a confiança na agonia da desgraça nas mãos dos homens e a confiança na libertação e na ação de graças. Nosso Senhor previu por seus discípulos como perseguições, por causa dele (Mt. 10: 16-23 ; 24: 9-13). Mas ele preparou-se para lidar tanto com as perseguições quanto com os perseguidores, exemplificando a mesma confiança total do Pai. Na verdade, Lucas registra que citou este salmo (v. 5) da cruz (Lucas 23:46 ; cf. também 1 Pedro 4:19).

32. Gratidão pelo Perdão do Pecado

Este salmo do hinário davídico é o primeiro dos 13 salmos que são designados "Maskil" por suas insincerações. O termo foi explicado de diversas maneiras, mas seu significado real ainda permanece obscuro, já que nenhum dos significados até agora propostos realmente se encaixa na natureza de todos os salmos aos quais é afixada. A definição geral mais aceitável da palavra é sugerida pela raiz a partir da qual ela é derivada (*skl*): "um poema perspicaz". O uso desse verbo na v. 8 , vou instruí-lo, sugere que, em alguns casos, em Pelo menos, pensou-se que a percepção veio de Deus. Embora, inversamente, pode ser que *skl* in v. 8 seja a razão pela qual Maskil entrou no título do salmo.
Que o salmo contém uma visão valiosa expressa de forma vívida é incontestável, pois é uma expressão alegre de gratidão de um homem que conheceu a libertação divina que vem com a confissão de pecado engarrafada por dentro.

Um salmo de David. Um Maskil
1 Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada,

cujo pecado está coberto.
2 Bem - aventurado ***o homem a quem o Senhor*** *não pague nenhuma iniqüidade,*

e em cujo espírito não há engano.
3 Quando eu não declarei meu pecado, meu corpo desperdiçou

através do meu gemido durante todo o dia.
4 ***Por*** *dia e por noite, a minha mão foi pesada sobre mim;*

minha força estava seca, como pelo calor do verão. Selah
5 Eu reconheci meu pecado para você,

e não escondi minha iniqüidade;
Eu disse: "Confessarei minhas transgressões ao Senhor";
então você perdoou a culpa do meu pecado. Selah
6 Portanto, deixe todo mundo que é Deus

oferecer oração para você;
em um momento de angústia, na pressa de grandes águas,
eles não devem alcançá-lo.

O poeta começa seu salmo com uma beatitude da experiência de ser perdoado. Bem-aventurado e feliz, de fato, é aquele cuja desobediência é levada, cujo pecado está coberto, a quem o Senhor não acredita a perversidade característica do homem e em

cuja mente (espírito) não há engano. Com tal amostragem da terminologia do pecado, o salmista descreve tanto a extensão quanto a abrangência do perdão de Javé.

Em seguida, vem a documentação da bem-aventurança na própria experiência do poeta. Não é necessário propor que ele esteja descrevendo uma doença grave que ele sentiu ter sofrido como resultado do pecado, como é o caso em alguns outros salmos (por exemplo, 6 e 38), e como alguns interpretadores defendem esse salmo como bem. É muito mais provável que o que o salmista descreva tão vividamente é a agonia de uma consciência culpada, que pode produzir e ser pior do que qualquer doença física. Assim, o salmista diz: "Quando fiquei em silêncio, todo o meu quadro desperdiçou a minha agonia durante todo o dia." Dia e noite, ele podia sentir a mão de Yahweh pesada sobre ele, e sua força foi gastada como no calor do verão. É uma descrição vívida do efeito debilitante e distrativo da rebelião não amortizada contra Deus.

Então, quando ele não suportou mais a pressão, ele deu a conhecer ao Senhor seu pecado, não cobriu sua perversidade e disse: "Eu direi sobre mim mesmo a minha desobediência a Yahweh". E, como ele sempre faz, Yahweh se afastou a culpa da transgressão do pecador.

Por esta razão, isto é, com base na experiência que ele relacionou, o salmista aconselha todos os que seguem a Javé a orar a ele em qualquer momento de angústia; se assim for, as águas de qualquer problema, por profundo que seja, nem sequer tocarão o suplicante.

7 ***Você é um esconderijo para mim,***

Você me preserva dos problemas;
Você me engloba com a libertação.
Selah

8 ***Vou instruí-lo e ensinar-lhe***
do jeito que você deveria ir;
Eu vou aconselhar você com meus olhos em você.

9 ***Não seja como um cavalo ou uma mula, sem entender,***
que deve ser travado com bit e freio,
senão ele não vai ficar com você.

10 ***Muitas são as dores dos ímpios;***
Mas o amor firme envolve aquele que confia no Senhor.
11 Alegre-se no Senhor, e alegrem-se, ó justos,

e grita de alegria, tudo bem no coração!

O relato de sua experiência terminou, o poeta se reenvia a Javé e recebe algum conselho. Ele confessou a Javé como seu lugar de proteção, sua guarda do perigo para envolvê-lo com as exultações da libertação. Então a pessoa do verbo muda, e embora seja possível entender vv. 8-9Como um novo ensinamento do poeta para a congregação reunida (Weiser, pp. 286, p. 209), o conteúdo dos versículos sugere que essas palavras são o relato do poeta da visão que Yahweh, em quem ele tem apenas confessou confiança, deu-lhe (Kraus, pp. 257-58 e Kirkpatrick, p. 164). Assim, o Senhor diz ao poeta que ele lhe dará uma visão, apontar para ele a maneira pela qual ele deve caminhar e dar-lhe conselhos de primeira mão. E em um reflexo da experiência que o

salmista acaba de relacionar, Javé aconselha-o a não ser duro como um cavalo ou uma mula, controlada apenas pela força do pedaço e do freio de seu arnês. Este verso, como vv. 6 e 8, sofreu em transmissão. A última linha, caso contrário, não vai ficar com você, o que lê literalmente "não perto de você", é melhor excluído.

O poeta encerra seu salmo com um provérbio que resume sua própria experiência e um convite final à congregação para se juntar a ele no elogioso elogio de uma consciência limpa. Os sofrimentos que são o bem distintivo dos ímpios são abundantes, ele afirma, mas aquele que confia em Javé é cercado por amor imutável. É um testemunho maravilhoso e necessário, e um na força da qual o salmista pode encorajar os homens honestos a se alegrar em Yahweh e "girar com alegria", e "todos os que estão certos em mente" para criar gritos de alegria. O aspecto mais iluminante desses versículos finais é a tripla afirmação do poeta de que a alegria em Yahweh pertence apenas àquele que primeiro foi honesto com o Senhor.

• O salmo 32 é o segundo dos sete "salmos penitenciais" na tradição da cristandade ocidental e é dito ter sido tão favorito com Agostinho que ele tinha escrito e colocado sobre uma parede perto de sua cama. O salmo é, no entanto, mais uma canção de alegria sobre os resultados da penitência do que uma oração penitencial - um fato bem corroborado pelo carinho de Agostinho por isso.

Acima de tudo, o poema é sobre honestidade com Deus. O simples testemunho de seu autor, que havia tentado de outra maneira, é que não existe outra maneira. É um testemunho freqüentemente registrado na Bíblia (por exemplo, 1 João 1: 5-10), ainda freqüentemente ignorado pelos homens, mas ainda o pré-requisito para a liberdade alegre que este salmista conhecia.

33. Louvado a Deus o Criador e Sustentador

Este hino majestoso de louvor chama a congregação a um alegórico elogio musical de Yahweh como Deus da criação e libertação, que se move na história e está próximo das vidas dos homens. É um hino para toda a congregação; e apesar de fazer alusão específica à criação (v. 6-7 , 9) e talvez à libertação do Êxodo (v. 7 , 12), não deve estar conectado a nenhum contexto histórico nem a nenhum poeta particular.
No texto em hebraico, o salmo é sem uma inscrição, embora o LXX o identifique a partir da coleção Davidic. Em alguns manuscritos hebraicos, o salmo está unido ao Salmo 32 , sem dúvida por causa da semelhança de seu primeiro verso com o versículo final desse salmo. Pode ser que essa semelhança explica a falta de maré para o salmo, mas não há dúvida de que os salmos 32 e 33 são dois salmos distintos.

[1] *Regozijai-vos no Senhor, ó justos!*

O louvor é digno da posição vertical.
[2] *Louvado seja* ***o Senhor*** *com a lira,*

faça melodia para ele com a harpa de dez cordas!
[3] *Cante para ele uma nova música,*

Jogue com habilidade nas cordas, com gritos altos.

[4] ***Porque a palavra do Senhor é reta;***

e todo o seu trabalho é feito com fidelidade.

[5] ***Ele ama a justiça e a justiça;***

A terra está cheia do amor constante do Senhor.

[6] *Pela palavra do Senhor, os céus foram feitos,*

e todos os seus anfitriões pelo sopro de sua boca.

[7] ***Ele reuniu as águas do mar como em** uma **garrafa;***

ele pulsa as profundidades nos armazéns.

[8] ***Que toda a terra tema o Senhor,***

Deixe todos os habitantes do mundo admirá-lo!

[9] ***Pois ele falou, e veio a ser;***

Ele ordenou, e isso aconteceu.

O hino começa com um chamado da congregação ("homens honestos" e "homens de coração"), a quem o louvor de Yahweh é apropriado, para se juntar a gritar sua alegria para ele. O louvor deve ser acompanhado pelos músicos da orquestra do Templo, que devem glorificá-lo na lira (*kinnor*) e na harpa de dez cordas (*nebel*), e todos os adoradores são chamados a cantar para ele uma nova música (uma música renovada) e para fazer boa música, acompanhada com aclamação-grito ($t^e ru'ah$; veja comentário em 27: 6).

O convite ao louvor dado, o salmo continua com o porquê e o conteúdo do louvor da congregação. A palavra de Yahweh é direta e toda a sua atividade é consistente. Ele ama a honestidade e a justiça (*mishpat* , julgamento merecido). Seu amor imutável encheu a Terra de transbordante.

Ele é o criador, e sobre este tema o poeta faz uma pausa para habitar amorosamente. Por sua palavra, o Senhor criou os céus, pelo sussurro de sua boca, ele fez as hostes deles, isto é, as duas grandes luzes e as estrelas em ordem (Gn 1: 14-19). Ele acumulou como uma pilha as águas do mar e colocou as águas primitivas em locais de armazenamento (Gênesis 1: 6-10). Lendo *ned* como "heap", de acordo com o texto hebraico inalterado, pode haver um duplo sentido nesta linha. Assim, o Senhor recolheu e controlou o caos das águas do transtorno da pré-criação e novamente acumulou em um monte as mesmas águas na libertação do seu povo no momento do Êxodo (ver Ex. 15: 8 , *ned* ; Ex . Ex 14:22 ,*chomah*). O RSV segue a leitura de LXX, Syriac e outras versões antigas em emendando a garrafa de *no'd* .

Na verdade, toda a terra deve admirar o Senhor, e todo o mundo habitado o reverenciou, pois ele falou e aconteceu. Pode-se sentir o admiração do salmista quando ele se refere um segundo (nota v. 6 *b*) e uma terceira vez ao que von Rad chamou de "uma idéia da absoluta falta de esforço divino criativo". É um majestoso e um conceito maravilhoso, e um que é realmente um elogio que provoca.

[10] *O Senhor traz nada do conselho das nações;*

Ele frustra os planos dos povos.

[11] *O conselho do SENHOR é eterno,*

o pensamento de seu coração para todas as gerações.

[12] Bem-aventurada a nação cujo Deus é o SENHOR,

as pessoas que ele escolheu como herança!
[13] O Senhor olha para baixo do céu,

Ele vê todos os filhos dos homens;
[14] de onde ele senta entronizado, ele olha adiante

em todos os habitantes da terra,
[15] aquele que modela o coração de todos eles,

e observa todas as suas ações.
[16] Um rei não é salvo por seu grande exército;

um guerreiro não é entregue por sua grande força.
[17] O cavalo de guerra é uma vã esperança para a vitória,

e por seu grande poder não pode salvar.
[18] Eis que o olho do SENHOR está sobre aqueles que o temem,

naqueles que esperam em seu amor firme,
[19 para] que ele possa libertar a alma da morte,

e mantê-los vivos na fome.

Mas este deus magnífico, que pode trazer um mundo a ser com sua palavra, não existe em desapego de sua criação. Pelo contrário, ele está envolvido dinamicamente nas vidas de suas criaturas, sempre conscientes delas e perto delas, e esse fato é um segundo grande estímulo para louvar.

Assim, os melhores planos e intenções das nações e dos povos são frustrados por Yahweh se eles estão fora de acordo com seu próprio plano e intenção, que permanecem na história como um fator unificador e unificador, estabelecido para sempre. A nação cujo Deus é o Senhor, o povo que ele escolheu como sua própria possessão, é, portanto, especialmente abençoado; pois na medida em que estão em sintonia com o seu grande propósito, eles não podem desfazer-se (ver Ex. 19: 5 ; Deut. 7: 6 ; Salmo 135: 4). Um duplo significado também pode estar envolvido nesta linha; Qualquer nação desse tipo seria abençoada, mas é Israel que de fato gosta de um envolvimento tão especial no plano de Yahweh.

Na verdade, o Senhor olha para fora dos céus, olha desde a sua morada, e vê todos os homens que habitam na terra. Ele é depois de todo aquele que formou o coração dos homens, e ele vê através de tudo o que eles fazem. Nem ele é onisciente sozinho; Ele está presente e envolvido na vida dos homens e das nações. Assim, a libertação de um rei é o resultado não de um exército abundante; nem um herói poderoso salvo por grande força; nem se pode confiar no grande poder de um cavalo de guerra para efetuar uma fuga. Toda a libertação do perigo está no poder de Yahweh sozinho; e se vier, ele o traz. Eis (observe com cuidado), diz o poeta, reiterando e aplicando o seu ponto de vista: "A Presença do Senhor está próxima" (iluminado, o olho de Javé está em direção) aqueles que o detêm com reverência, aqueles que esperam seu amor imutável,

[20] Nossa alma espera pelo Senhor;

Ele é nossa ajuda e escudo.
21 *Sim, nosso coração está feliz nele,*

porque confiamos em seu santo nome.
22 *Deixe o seu amor firme, Senhor, esteja sobre nós,*

mesmo como esperamos em ti.

O poeta termina seu hino com uma afirmação e uma oração, formulada na linguagem do louvor da congregação. Assim, os adoradores afirmam a sua expectativa de Javé, porque ele é seu ajudante e sua proteção, porque eles são alegres nele, e porque confiaram em sua presença sagrada (nome). Então eles rezam pelo amor imutável de Javé (*chesed*) "sobre nós para ser, / mesmo enquanto esperamos por você".

É uma conclusão hábilmente forjada para um hino magnífico, uma restauração impressionante da convicção básica do hino.

• A configuração deste lindo hino é o culto da congregação. Forneceu uma expressão para a sua voz recolhida de elogios alegres e kerigmáticos e, sem dúvida, cantou em parte e em parte por eles em muitos serviços durante muitos anos. Sua alegria, de fato, a alegria que caracteriza a quantidade considerável de salmos a que se relaciona no Saltério, é uma evidência estimulante do entusiasmo em uma adoração que vem da convicção e não da obrigação social ou da superstição. O povo de Deus tem necessidade contínua de tal alegria e do culto que provoca. É essencial para o ser como povo de Deus.

34. Ação de Graças e Chamada à Reverência

Este salmo da coleção davídica é outro dos acrosticos alfabéticos no Saltério, e está sujeito, como todos eles, ao sacrifício de expressão por causa da forma alfabética. Este salmo, no entanto, sofre das restrições desta forma menos do que alguns, devido em parte à habilidade do poeta em adaptar seu conteúdo ao estilo aforístico dos escritores da sabedoria. Esse estilo estava mais preocupado com a expressão concisa e memorável do que com o desenvolvimento e a continuidade de um único tema; portanto, era mais adaptável a uma seqüência alfabética de frases.
O título do salmo inclui o que parece ser uma referência ao incidente registrado em 1 Samuel 21: 10-15 , embora com alguma confusão sobre o nome do rei envolvido, que era Aquis e não Abimelech. As sugestões alternativas de que algum outro incidente está envolvido, ou que "Abimelech" é outro nome para Ach-ish, não tem evidência para apoiá-los e muito pouco, portanto, recomendá-los. Na verdade, não há nada no salmo que o conecte com qualquer incidente na vida de qualquer figura conhecida do Velho Testamento. Portanto, é melhor considerar o título como atribuído arbitrariamente por alguma mão posterior e conectar o salmo com uma experiência de libertação na vida de um poeta anônimo, cuja expressão se tornou a de muitos adoradores subseqüentes.

Um salmo de Davi, quando fingiu loucura diante de Abimeleque, para que ele o expulsasse, e ele foi embora.

1 ***Abençoarei o Senhor em todo o tempo;***
Seu louvor continuamente ele na minha boca.

[2] *Minha* ***alma se jacta no Senhor;***

Deixe o aflito ouvir e se alegrar.
[3] *O* ***amplie o Senhor comigo,***

e vamos exaltar seu nome juntos!

[4] ***Busquei o Senhor, e ele me respondeu:***

e livrou-me de todos os meus medos.
[5] *Olhe para ele e seja radiante;*

então seus rostos nunca serão envergonhados.
[6] *Este* ***pobre*** *homem clamou, e o Senhor o ouviu* ***,***

e salvou-o de todos os seus problemas.

[7] ***O anjo do Senhor encamps***

em torno daqueles que o temem e os entrega.
[8] *Ó* ***gosto e veja que o Senhor é bom!***

Feliz ***é o homem que se refugia nele!***
[9] ***O temor do Senhor, vós, os seus santos,***

pois aqueles que o temem não têm necessidade!
[10] *Os jovens leões sofrem vontade e fome;*

Mas aqueles que procuram o Senhor ***não*** *têm* ***nada de bom*** *.*

O poeta começa seu salmo com uma afirmação e um convite na companhia de seus companheiros adoradores (ou talvez até seus alunos - cf. Vv. 11 ss.). Ele anuncia sua intenção de abençoar o Senhor todo o tempo, para louvá-lo com uma música continuamente. Na verdade, o júbilo de sua vida é estar no SENHOR, e ele invoca todos os que estão oprimidos (*'ª nawim '*) para ouvir, se alegrar na audiência, e exaltem o Senhor com ele, exaltem seu nome juntos.

Seu convite à alegria e ao louvor dado, o salmista prossegue para justificar isso. Ele perguntou ao Senhor e o Senhor lhe respondeu e entregou-o (arrancou) (note o uso do mesmo termo gráfico, que é descritivo de uma libertação de última hora, na versão 17 , 19 , v. 6) .

Com base em tal experiência, ele pode aconselhar a troca de um rosto corando com a vergonha da derrota para um radiante com o brilho da comunhão com Yahweh. Novamente ele repete seu próprio testemunho: um oprimido clamou, e, em conseqüência, o Senhor o ouviu e o livrou de toda a sua angústia. Novamente o aforismo alterna com o testemunho: o angelof Yahweh defende de todos os lados os que o reverenciam e os livra do perigo. Este emissário angélico de Yahweh é muitas vezes representado no Antigo Testamento como um mensageiro especial e um tenente divino (ver Ex. 23: 20-21 , Gênesis 22:11 ; 48:16). Às vezes, ele parece não ser menos do que o próprio Deus (ver Judg. 6: 11-23 ; Ex. 3: 2-6ff.), e uma vez que ele é chamado de "anjo da sua presença" salvador.

Assim, novamente, o convite: provar, isto é, saber pela experiência que Yahweh é bom. A referência pode ser o sacrifício e a refeição da comunhão em que a Presença de

Yahweh foi experimentada com uma intensidade particular, mas é mais provável, neste contexto, que o uso seja figurativo. O homem que se refugia no SENHOR, que realmente "sabe", é abençoado; e assim os consagrados de Javé, seus santos, são chamados a venerá-lo - pois não há nada de que faltar. Os incrédulos - e não os jovens leões - são pobres e famintos, mas aqueles que procuram o Senhor não faltam de nada.

[11] Venha, ó filhos, ouça-me,

Ensinar-lhe-ei o medo do Senhor.
[12] Qual o homem que deseja a vida,

e cobiça muitos dias, para que ele possa desfrutar
[13] Mantenha sua língua do mal,

e seus lábios falam enganar.
[14] Afasta-te do mal e faz o bem;

procure a paz e persiga-a.
[15] Os olhos do Senhor são para os justos,

e seus ouvidos em direção ao seu choro.
[16] O rosto do Senhor é contra os malfeitores,

para cortar a lembrança deles da terra.
[17] ***Quando o justo clama por ajuda, o Senhor*** *ouve,*

e livra-os de todos os seus problemas.
[18] O Senhor está perto dos quebrantados de coração,

e salva o espírito esmagado.
[19] Muitas são as aflições dos justos;

mas o Senhor o livra de todos.
[20] Ele guarda todos os seus ossos;

nenhum deles está quebrado.
[21] O mal matará os ímpios;

e aqueles que odiam os justos serão condenados.
[22] O Senhor redime a vida de seus servos;

Nenhum dos que se refugiarem nele será condenado.

Com base no próprio conhecimento de Yahweh estabelecido, o salmista prossegue para uma lista didática de palavras sábias ligadas vagamente ao tema da reverência para o Senhor. Tanto o estilo desses ditos como o tom paterno do poeta os relacionam com a tradição dos sábios maestros de Israel, e pode muito bem ser isso vv. 11-22 deste salmo representam uma coleção dos ensinamentos deste poeta para outros adoradores ou mesmo estudantes que lhe foram atribuídos na academia do Templo.

Assim, o poeta aborda seus ouvintes como filhos, chama sua atenção e anuncia como tema de sua palestra "reverência para o Senhor". Como uma indicação adicional à sua

atenção, ele sugere, através de uma pergunta retórica, que ele dará conselhos ao homem Quem deseja deliciar-se com a vida e muitos dias para aproveitar o bem.

Eles devem manter a língua do mal e os lábios de falar falsidade. Eles são, de fato, abandonar o mal e fazer o bem; apontar e se esforçar para o cumprimento, que é a perfeição de alcançar o pleno potencial. Nem eles estão sem ajuda nesse difícil empreendimento. A Presença de Yahweh está próxima (iluminada, os olhos de Yahweh estão em frente) homens honestos, e ele está ciente de seu pedido de ajuda. Ao mesmo tempo, a Presença de Javé é contra os malfeitores, para eliminar a própria memória da terra. Os versículos 15-16 são tratados na ordem em que aparecem no texto. O fato de o Reverse às vezes ter precedido o 'em / em verso em poemas acrosticos, embora isso seja, naturalmente, uma inversão da ordem alfabética hebraica (então Lam. 2: 16-17 ; 3: 46-48 vis-a-vis 49 -51; 4: 16-17), além do sentido lógico de vv. 15-17 , sugere que eles deveriam ser lidos 16, 15, 17. Tal rearranjo obviava a necessidade de adicionar os justos ao v. 17 , como faz o RSV (o texto de Heb. Tem apenas "eles").

Quando aqueles que repreendem o Senhor clamam pela ajuda, ele os escuta e os apanha (veja o comentário em v. 4) de todas as suas angústias. Javé está perto daqueles que estão com coração ferido, e ele ajuda aqueles que espíritos são esmagados. O poeta não é irreal sobre a lealdade a Yahweh - o homem honesto deve constituir abundantes adversidades; Mas o Senhor o tirará de todos eles. Ele guarda os próprios ossos de seus fiéis.

A maldade traz seu próprio fim, e aqueles que odiam o homem honesto serão responsabilizados por isso. Em contraste, os servos de Javé, aqueles que se refugiam nele; Eles também têm culpa, mas o Senhor resgata sua vida, e a sua culpa não será contra eles. Este verso final do salmo é fora do padrão acróstico, e ele pode ter sido adicionados para dar uma série de versos equivalente ao número de letras no alfabeto hebraico, uma vez que o *waw* - verso ou nunca existiu ou foi de alguma forma perdido.

• O Salmo 34 é uma mistura maravilhosa de experiência pessoal e ensino formal, misturado no essencial um hino de ação de graças e um sermão inspirado por ele. Os versículos 15 , 17 , 19-20 , 22 são testemunhos pessoais, não menos que vv. 4 , 6-7 , 9-10 , e este poeta se entrega ao testemunho de experiência que continua sendo o melhor convite de Deus.

35. Um grito pela ajuda e vindicação de Deus

Este salmo da coleção davídica é, como os Salmos 7 e 17 , o grito vigoroso de um homem que sofreu muito, ele está convencido de forma bastante injusta, nas mãos de inimigos que buscaram com determinação e alegria para quebrá-lo em corpo e reputação. Sua oração é um grito por sua própria reivindicação e sua queda, pelo que ele tem algumas sugestões bastante específicas. Ele também promete elogios, três vezes (vv. 10 , 18 , 28), embora seja relacionado em cada caso com a realização da libertação para a qual ele reza.
A base precisa para o ataque dos inimigos e, de fato, a natureza exata disso não é dada. Nem, para o caso, a natureza do sofrimento ou da vilificação do salmista pode ser determinada em qualquer detalhe a partir dessas linhas. O que é muito claro, no entanto, é a raiva e a dor do poeta, as emoções que são exibidas em alternância e sua fervorosa crença em sua própria inocência e o poder de Deus para corrigir a situação. O salmo

sofreu em transmissão, e partes de vv. 14-17 são praticamente intraduzíveis sem recurso à emenda textual.

Um salmo de David.
[1] Contenda, ó Senhor, com aqueles que lutam comigo;

lute contra aqueles que lutam contra mim!
[2] Segure o escudo e o escudo,

e se levanta pela minha ajuda!
[3] Desenhe a lança e o dardo

contra meus perseguidores!
Diga à minha alma,
"Eu sou sua libertação!"
[4] Deixe-os envergonhados e desonrados

Quem busca a minha vida!
Deixe-os voltar e confundir
Quem planeja o mal contra mim!
[5] Deixe-os ser como palha antes do vento,

com o anjo do Senhor levando-os!
[6] Deixe o seu caminho escuro e escorregadio,
com o anjo do Senhor perseguindo-os!
[7] Porque, sem causa, eles esconderam sua rede para mim;

Sem motivo, eles cavaram um poço para a minha vida.
[8] Que a ruína venha sobre eles de maneira inesperada!

E deixe a rede que eles esconderem atrapalhá-los; Deixe-os cair nele para arruinar!
[9] Então minha alma se regozijará no Senhor,

exultando em sua libertação.
[10] Todos os ***meus ossos*** *deve* ***dizer,***

*"**Ó** Senhor, que é como você,*
você que entrega os fracos
daquele que é muito forte para ele,
O fraco e necessitado daquele que o despoja?

O poeta abre sua oração, que emprega as imagens da guerra, com o pedido da ajuda de Javé. Esta linguagem, e outros usos como ele em vários pontos ao longo do Antigo Testamento, provavelmente estão relacionados ao conceito de Javé como um Deus de guerra que às vezes lutava contra as batalhas de seu povo por eles. Assim, o Senhor é chamado a atacar e a lutar contra os adversários do poeta; para agarrar firmemente o escudo e o escudo e levantar-se (ver comentário em 3: 7) em sua ajuda; e para consertar

a lança para impedir o caminho de seus perseguidores. De fato, o poeta deseja ouvir o Senhor promessa, eu sou sua libertação!

Com estas palavras, o salmista move-se para uma sequência mais direta de pedidos sobre seus atacantes, a quem ele descreve como tendo buscado sua vida e inventado sua adversidade. Ele pede que eles sejam confundidos, envergonhados e "jogados para trás". Ele quer que eles sejam como palha diante do vento, com o anjo de Yahweh empurrando-os. Ele quer que seu caminho fique escuro e cheio de lugares escorregadios, com o anjo de Yahweh tão quente em sua perseguição que eles não serão capazes de seguir seu caminho com segurança.

O poeta se sente justificado nestas orações porque seus atacantes colocaram uma rede e cavaram um poço para ele sem causa. Os seus esforços para fazer-lhe danos são, portanto, sem justificação, pura malevolência, e ele reza para que eles encontrem a ruína "sem aviso prévio", e cair com um tumulto na rede que eles mesmos dissimularam.

O pensamento de uma resposta a essas petições por parte de Javé conduz o poeta para a primeira de suas três promessas de louvor, cada uma por sua vez, encerrando uma sequência de lamento e pedido. Assim, ele prometeu exultar no Senhor e saltar com alegria no seu parto. Todo o seu quadro louvará o Senhor, que arrebata os fracos dos fortes, dos oprimidos e dos necessitados do saqueador. As referências estão devidamente relacionadas, é claro, com a própria situação do poeta.

[11] testemunhas malévolas levantar-se;

Eles me pedem coisas que eu não conheço.
[12] Eles me recompensam para o bem;

minha** alma **está desamparada.
[13] Mas eu, quando estavam doentes -

Eu vesti saco,
Eu me afligi com jejum.
Rezei com a cabeça inclinada no meu peito,
*[14] como se estivesse triste por meu amigo ou meu **irmão;***
Fui como alguém que lamenta sua mãe,
curvou-se e de luto.
[15] Mas no meu tropeço, eles se juntaram em alegria,

eles se reuniram contra mim;
idiotas que eu não conhecia
me caluniou sem cessar;
[16] eles se burlaram impiamente de mais e mais,
Rugendo para mim com os dentes.
***[17] Quanto tempo,** Senhor, você olhará?*

Me tire de seus estragos,
Minha vida dos leões!
[18] Então te agradeço na grande congregação;

na multidão poderosa te louvarei.

A segunda das três sequências de lamentação e petição do poeta trata do ataque de seus adversários em sua reputação. Testemunhas malévolas ficaram de pé contra ele, exigindo que ele respondesse sobre questões de que ele não conhece. Eles devolvem o mal em troca do bem, tornando sua vida estéril. Ele poderia ter esperado melhor desses ingratos para quando estavam doentes, vestiu-se de saco, jejuou e orou com seriedade em seu favor. Ele se entristeceu por eles como por um amigo íntimo ou por um irmão, e ficou deprimido como se estivesse lamentando sua própria mãe. Cada ação não era apenas uma demonstração de preocupação simpatica, mas também acreditava ser uma ajuda efetiva para o paciente.

No entanto, quando ele caiu, eles se alegraram, se aglomeraram ao redor dele com pessoas estranhas que ele nem sabia, caluniando ele e recusando-se a calar a boca. Embora alguns intérpretes considerem a queda do salmista como sendo uma doença grave, o próprio poeta não é tão específico e as alusões em vv. 4 , 7-8, 11-12, 15-17, 19, 21, 24-27 sugerem um ataque calunioso dos adversários como a causa de todos os seus problemas, incluindo quaisquer reversões físicas. Assim, eles se burlaram dele "como profissionais", esticando os dentes contra ele. O texto do v. 16 lê literalmente, "esfarrapadores profanos de bolo de pão", que é aqui interpretado "aqueles que zombam de contratar". O texto é corrupto e as soluções dos comentadores são inúmeras. Eles são, como o avançado aqui, estudados adivinhar.

Com exasperação, o poeta clama: "Meu Senhor, por quanto tempo você apenas olhará?" E ele reza para que o SENHOR retribua ou restaure a vida que ele tem desses tumultos, desses "incrédulos" (ver comentário em 34:10). Se isso não acontecer, ele prometeu louvar a Javé na congregação cheia e numerosa reunida para o culto.

[19] Não deixe que esses se regozijem sobre mim

que estão injustamente meus inimigos,
e não deixe aqueles que piscam o olho
que me odeiam sem causa.
[20] Pois não falam paz,

mas contra aqueles que estão quietos na terra
eles conceberam palavras de engano.
[21] Eles abrem suas bocas contra mim;

eles dizem: "Aha, Aha!
nossos olhos viram isso! "
*[22] Tu **viste,** Senhor; não fique em silêncio!*

Senhor, não fique longe de mim!
[23] Bestir você mesmo, e acordado pela minha direita,

Por minha causa, meu Deus e meu Senhor!
[24] Vindique-me, ó SENHOR, MEU DEUS, DE ACORDO COM a sua justiça;

e não se alegrem comigo!
[25] Não diga a eles mesmos,

"Aha, temos o desejo do nosso coração!"

Não diga: "Nós o devoramos".

[26] Deixe-os envergonhar e confundir completamente

Que se alegram com a minha calamidade!

Deixe-os vestidos de vergonha e desonra

que se magnificam contra mim!

[27] Que aqueles que desejam minha reivindicação

grita de alegria e alegra-se, e diga sempre,

*"Ótimo **é** o Senhor,*

Quem se deleita com o bem-estar de seu servo! "

[28] Então a minha língua falará da tua justiça

e de seu louvor durante todo o dia.

Uma terceira e última vez, o salmista se volta para o seu grito e petição, rezando para que seus inimigos enganadores, que o odiem sem causa e lhe dê olhares viciosos, não possam exultar às suas custas. Eles não têm o menor interesse no bem-estar, e passam o tempo pensando em palavras enganosas contra os "moradores da terra", entre os quais sem dúvida o salmista contou-se. Eles ridicularizaram o poeta e alegaram ser testemunhas ocultas de sua alegada culpa.

Assim, novamente o poeta reza, do que ele sente é um isolamento ao qual somente Deus pode aliviar, que o Senhor não fique quieto e não seja tão remoto. Ele pede a Javé, ao seu Deus e ao seu Senhor, que se apresente e que entre em ação por causa dele, administre-lhe o que é certo de acordo com a própria justiça de Javé. Ele está consternado de que esses ingratos implacáveis possam se divertir com suas custas e se contentar com eles mesmos: "Nós o destruímos". Então ele reza para que eles sejam envergonhados e "corar de vermelho", adornados com desgraça e opróbrio. Da mesma forma, e em contraste lógico, ele reza para que aqueles que desejam sua reivindicação possam ter a oportunidade de exultar e louvar para sempre a Javé, cujo prazer é o cumprimento de seu servo, neste caso, claro, o próprio poeta.

O salmo é concluído com a terceira promessa de louvor do poeta, que está mais uma vez relacionada com a realização da libertação que ele implorou. Sua língua, diz ele, falará a fidelidade e louvor de Javé durante todo o dia.

• O idioma do Salmo 35 , embora apontado em sua referência ao destino dos inimigos do salmista, não é tão vingativo como o dos Salmos 7 ou 17, nem a situação deste poeta, por toda a sua seriedade, parece tão desesperada quanto a descrita em aqueles salmos ou no Salmo 22 . Mais uma vez, o salmo deve ser entendido dentro de seu próprio contexto antes que sua relevância mais contemporânea possa ser totalmente encaminhada. Uma parte desta relevância, no entanto, reside na realidade das situações das quais um salmo pode surgir; os homens *podem* seja vicioso, ingrato e mais preocupado por sua própria vantagem do que por lealdade ao homem, princípio ou mesmo a Deus. O que o cristão precisa é a dependência da ajuda de Deus manifestada por este poeta, e junto com ela a fé para que Deus ofereça a solução como ele quiser - uma fé sugerida em um salmo como o Salmo 4 , mas cumprida na vitória de nosso Senhor no Jardim do Getsêmani (Mt 26: 36-46).

36. O vazio do homem perverso e a recompensa de Deus

Este hino da família davídica usa a futilidade e a pobreza do homem perverso como pano de fundo contra o qual o propósito e a riqueza inesgotável de Deus estão em contraste deslumbrante e convincente. É essencialmente um hino de louvor congregacional, embora o nada negro (vv. 1-4 , 12) contra o qual o poeta tenha escolhido mostrar o brilho de seu tema de luz o distingue no gênero híbrido.
Pelo primeiro e único tempo nos títulos, Davi é chamado servo de Javé. Davi se refere a si mesmo em 1 Samuel 23: 10-11 , mas não há nada no salmo para conectá-lo definitivamente com David ou qualquer outra figura conhecida do Velho Testamento. Assim, o salmo é melhor considerado um hino de louvor que encontrou uso freqüente na adoração da congregação de Israel.

Para o maestro do coro. Um salmo de Davi, o servo do Senhor.

[1] Transgressão fala aos ímpios

no fundo do coração;
não tem medo de Deus
diante de seus olhos.
[2] Porque ele se lisonjeia em seus próprios olhos

que sua iniqüidade não pode ser descoberta e odiada.
[3] As palavras da sua boca são trapaça e engano;

Ele deixou de agir com sabedoria e faz bem.
[4] Ele traça o mal em sua cama;

ele se ajusta de uma maneira que não é boa;
ele não provoca maldade.

O poeta começa e termina seu hino com uma visão do entupido delírio do pecado. Empregando um termo que os profetas usaram freqüentemente para descrever uma comunicação de Deus, ele descreve o "sussurro" do pecado para o homem perverso, no fundo de seu coração. "Nada a temer de Deus", pensa o ímpio. O uso de *pachad* do *salmista em* vez de *você* mostra que ele tem em mente a impunidade e a falta de reverência. Ele está descrevendo o pecador que sente que Deus simplesmente não interferirá ou se preocupará com o que ele faz (veja o comentário em 14: 1 f .). Este homem perverso pode manter uma visão tal porque ele camuflou a verdade - ele se lisonjeia (se faz bem) a seus próprios olhos; "Ele odeia admitir que ele pode estar errado." Esta segunda linha de v. 2sofreu corrupção. Todos os tradutores emendam o texto um pouco ou muito. A prestação aqui emendas *lisno'* para *sane'* “odiar” para “odeia” para dar a leitura literal: “ele odeia a enfrentar sua culpa.”

As palavras da boca do pecador são falsidade e engano. Ele deixou completamente de atuar com qualquer visão e fazendo algum bem, e ele fica acordado em sua cama girando mal. Ele ocupa seu Stand em um caminho que não leva a nada e acolhe a maldade.

[5] O seu amor firme, SENHOR, se estende até os céus,

Tua fidelidade às nuvens.
6 A tua justiça é como os montes de Deus,

Seus juízos são como os grandes profundos;

Homem ***e besta que você salva,*** *ó Senhor.*
7 Quão precioso é o amor íntimo, ó Deus!

Os filhos dos homens se refugiam na sombra das tuas asas.
8 Eles se deleitam com a abundância da tua casa,

e você dá-lhes beber do rio das tuas delícias.
9 Pois contigo é a fonte da vida;

Na tua luz, vemos a luz.
10 continue o amor firme para com aqueles que te conhecem,

e a sua salvação para o coração de coração!
11 Não venha sobre mim o pé da arrogância,

nem a mão dos ímpios me afasta.
12 Lá, os malfeitores ficam prostrados,

eles são empurrados para baixo, incapaz de subir.

É contra este pano de fundo, em um contraste ainda mais acentuado do que o dado em uma seqüência reversa no Salmo 1 , que o poeta abre abruptamente seu tema principal, a graça ilimitada de Deus. Que ele coloca Deus e não um homem de Deus em contraste com o homem perverso é uma indicação de sua arte, e cada uma das características que ele lista é uma da qual o homem de Deus obtém benefício particular.

Assim, ele fala do amor imutável de Yahweh que atinge os céus; de sua consistência que se estende até "as nuvens finas"; de sua justiça como as altas montanhas (Dahood, *op. cit.*, I, 220); e seus julgamentos como o caos-água ilimitado. Em uma palavra, o amor de Yahweh vem imerecido, sua preocupação não é relativa às vicissitudes que afetam o homem, e sua justiça e decisões são inatentáveis.

Yahweh entrega tanto homem como animal. Seu amor imutável é precioso, e todos dependem dele, seja deuses ou homens comuns (ver comentário em 4: 2) todos eles buscam refúgio na sombra das alas de Javé (ver comentário em 17: 8). A leitura de RSV *coloca'elohim* no final da primeira linha do v. 7 . O texto tem como primeira palavra da segunda linha, uma sintaxe aqui refletida. É um conceito notável que até mesmo os deuses devem, às vezes, fugir para Yahweh para proteção e um que ajudou a estabelecer as bases para o monoteísmo a que o Velho Testamento finalmente chegou.

Todos os que procuram o Senhor se enchem da abundância da sua casa e são dados para beber do rio dos seus prazeres. Eles irão apreciar a graça satisfatória do anfitrião incomparável (ver comentário em Salmos 23 , 27 , 61). Pois a primavera da vida é com o Senhor, isto é dizer que está em sua Presença. Os relatos da criação de Gênesis são uma exposição da crença em Deus como fonte de toda a vida, e do homem (Gênesis 2: 7) em particular. Jeremias cita duas vezes o Senhor se referindo a si mesmo como "a fonte das águas vivas" (Jeremias 2:13) e o livro dos Provérbios refere-se à "instrução dos sábios", que teve sua fonte em Deus (Jó 28:12 , 20 -23 ; É um. 28:29 ; Ecclus. 1:

1), como a primavera da vida (Prov. 13:14). Além disso, diz o poeta, está na luz do Senhor, a luz da sua Presença (ver Números 6:25, Salmo 44: 3 ; 80: 1 , 3 , 7 , 19 ; 89:15) que está relacionado com a vida (veja o Salmo 56:13 ; Jó 33:30), que os homens realmente conhecem ou entendem ou percebem o que é a luz. É Deus quem é a fonte da vida, e sua Presença, que é a fonte da iluminação. O companheirismo com ele eo conhecimento que é o benefício inevitável de tal comunhão conferem ao homem uma nova percepção, permitindo-lhe pela primeira vez ver e experimentar as coisas como elas realmente são.

Esta é uma condição que os homens desfrutam sem o mérito próprio, essa riqueza de vida e luz; são deles em virtude do amor imutável e da justiça de Javé (*ts*^{e}*dakah* , não salvação); e o poeta reza por Yahweh para prolongar esses benefícios para aqueles que realmente o conhecem e são "diretos". A penosa penúria do ímpio novamente vem à mente, e ele reza para que o pé do insolente não pise Ele e a mão do homem perverso podem não o empurrar do caminho certo.

O poeta fecha seu hino com uma modulação para a discórdia escura com a qual ele começou, e contra o qual a brilhante harmonia de sua principal ênfase brilha mais intensamente. Seu versículo final, parte integrante da arte de seu hino e não um brilho posterior como alguns autores disseram, é um desenho gráfico da falta de sentido do homem auto-orientado.

• Este magnífico hino da generosidade de Deus e a pobreza contrastante do homem trazem à mente os textos do Novo Testamento que se referem à Água da vida (João 4: 13-14 ; Apocalipse 22: 1 f. , 17) e a vida Luz do mundo (João 1: 4-9 ; 8:12 ; 1 João 1: 5-7). Ele também apresenta uma imagem vividamente contemporânea do miasma do existencialista, o nada que é sem ser real. E acima de tudo, enfatiza a vida e o propósito a serem encontrados, agora como então, apenas na Presença de Deus.

37. Fé em Deus e o destino dos perversos

O salmo 37 é muito mais uma coleção de provas sábias sobre um tema geral do que uma expressão hímida com uma idéia sequencialmente desenvolvida. É um salmo da sabedoria que encontrou o caminho para o hinário davídico. Sua forma é acróstica, com, em sua maior parte, linhas alternativas que começam com as letras sucessivas do alfabeto hebraico.
O poeta do Salmo 37 parece ter sido um dos sábios maestros de Israel, da tradição da pedagogia que primeiro gozava do patrocínio real sob Salomão. Sua teologia é tradicional, e sua confiança em Yahweh e o eventual triunfo daqueles que seguem o caminho de Yahweh é inabalável. Aqui, como em outros salmos, o uso da forma acrostica é restritivo e o estilo proverbial produz um efeito fragmentado. Mas o poema como um todo tem uma unidade solta em virtude de seu retorno constante a um tema central - ou seja, que o caminho dos ímpios não é tão corajoso como às vezes parece e que Deus destruirá os perversos e reivindicará o honesto que siga-o fielmente.

Um salmo de David.
[1] Fret não você mesmo por causa dos ímpios,

Não seja inveja dos malfeitores!
[2] Porque logo eles desaparecerão como a grama,

e murcham como a erva verde.
[3] Confie no SENHOR e faça o bem;

então você vai morar na terra e curtir a segurança.
[4] ***Delicia-se no Senhor,***
e ele lhe dará os desejos *de seu* ***coração.***
[5] ***Comece seu caminho para o Senhor;***
confie nele e ele irá agir.
[6] Ele produzirá sua reivindicação como a luz,

e seu direito como o meio-dia.
[7] ***Permaneça diante do Senhor, e*** *espere* ***pacientemente*** *por ele;*

Não se preocupe com ele que prospera em ***seu caminho,***
sobre o homem que realiza dispositivos malignos!
[8] Abstenham-se da ira e abandonem a ira! Fret não você mesmo; Ela tende apenas ao mal.
[9] Porque os ímpios serão cortados;

Mas os que esperam pelo Senhor devem possuir a terra.
[10] Ainda um pouco, e os ímpios não serão mais;

Embora você olhe bem em seu lugar, ele não estará lá.
[11] Mas os mansos terão a terra,

e se deleitam em abundante prosperidade.

O problema da prosperidade do homem perverso e o que parecia um sofrimento igualmente injusto do homem honesto provaram ser um dos mais incômodos para o homem do Antigo Testamento. Até certo ponto, de fato, que alguns pensadores (acima de tudo o autor do livro de Job) desafiaram seriamente a teologia tradicional da providência e retribuição de Deus. Este problema é a preocupação central do poeta do Salmo 37 , e sua resposta é uma firme reafirmação da visão tradicional, a visão que é realizada na maior parte do Antigo Testamento.

Assim, o salmo começa com uma declaração de seu tema geral, como o sábio professor aconselha seus alunos a não se deixarem entediar ou invejar aqueles que praticam o mal e trabalhar com a iniqüidade. Eles irão murchar e desaparecer como o verde do crescimento inicial (ver Prov. 24: 19-20). Confiar em Yahweh é bastante a maneira adequada, e trabalhar para o *bem.* O poeta exorta suas acusações a se estabelecerem na terra, isto é, ficar satisfeito com o lugar apropriado e ter cuidado para ser consciencioso. Eles devem saborear sua dependência de Yahweh, virar-se para ele, e confiar nele. Ele concederá os pedidos de seu coração e realizará o que precisa ser realizado. De fato, ele reivindicará sua fidelidade e tornará exemplar. E o que é devido devido ele tornará tão claro como a "luz dupla" do meio-dia.

O homem honesto pode se admirar do sucesso dos ímpios, mas ele não deve ficar chateado com isso. Ele deve deixar a raiva e a ira, que "apenas conduzem a um mau comportamento", e prantevel e faça-se ser paciente para o Senhor. Na verdade, aqueles que aguardam o Senhor tomarão posse da terra, o que prometeu ao pai Abraão (Gn 12:

7 ; 13: 14-17 ; 15: 18-21); Mas aqueles que fazem o mal certamente serão cortados (descartado - uma expressão a que o poeta retorna mais quatro vezes neste poema: vv. 22 , 28 , 34 , 38). Só um pouco mais, e não haverá nenhum mal, nem mesmo o local onde ele estava será descoberto. E aqueles que foram oprimidos tomarão posse da terra (novamente, uma expressão recorrente, veja, além de v. 11 , vv. 9 , 22 , 29 , cf. vv. 18 , 34) e "luxurie" em um grande satisfação.

12 Os maus planos contra os justos,

e cruza os dentes contra ele;

13 ***Mas o Senhor ri dos ímpios,***

pois ele vê que seu dia está chegando.

14 Os ímpios desenham a espada e dobram seus arcos,

para derrubar os pobres e necessitados,

matar aqueles que caminham retamente;

15 sua espada entrará no seu próprio coração,

e os seus arcos serão quebrados.

16 Melhor é um pouco que o justo tem

do que a abundância de muitos perversos.

17 Porque as armas dos ímpios serão quebradas;

mas o Senhor sustenta os justos.

18 O Senhor conhece os dias dos irrepreensíveis,

e sua herança permanecerá para sempre;

19 eles ***não*** *sãoenvergonhados nos tempos do mal,*

Nos dias da fome eles têm abundância.

20 Mas os ímpios perecem;

os inimigos do Senhor são como a glória dos pastos,

Eles desaparecem, como fumaça, desaparecem.

21 O ***ímpio empresta, e não pode pagar de volta,***

mas o justo é generoso e dá;

22 ***Porque os que são abençoados pelo Senhor possuirão a terra,***

Mas aqueles que são amaldiçoados por ele serão cortados.

O poeta se volta para o que é tanto uma admissão da prosperidade de alto dos perversos quanto também uma promessa e uma justificativa do que está acontecendo com eles. O homem perverso ataca o homem honesto e faz seus dentes contra ele em sua determinação de levá-lo. Mas Yahweh ri com conhecimento desse frenesi porque vê o tempo do homem perverso. Assim, embora os ímpios descobriram e apontaram suas armas e já contam com a queda dos oprimidos e necessitados e a matança daqueles cujo caminho é honesto, o Senhor sabe melhor. Ele virará suas armas contra eles e destruirá seu poder enquanto ele "ajuda" ou "aproxima-se" de homens honestos. Assim, os fiéis devem ter paciência (Provérbios 15:16 ; 16: 8).

Na verdade, o Senhor tem um conhecimento de primeira mão de todos os dias da vida dos homens de integridade. Eles terão uma herança duradoura, não ficará desapontado quando o infortúnio chegar, e mesmo em tempo de fome, eles serão ultrapassados. O perverso, em contraste, perecerá como o esplendor dos prados. Eles são inimigos de Yahweh e desaparecerão como fumaça. O homem perverso é o tipo que toma emprestado dos outros, então não cumpre sua obrigação; O homem sincero, graciosamente, continua a dar o que é dele. São aqueles que o Senhor abençoa quem tomará posse da terra. Aqueles a quem ele amaldiçoa serão descartados; e é a visão clara deste poeta que a bênção ou a maldição são obtidas pelo comportamento.

[23] Os passos de um homem são do Senhor,

e ele o estabelece a quem ele se delicia;
[24] embora ele caia, ele não deve ser lançado de cabeça,

porque o Senhor é a sua mão.
[25] Fui jovem e agora estou velho;

ainda não vi os justos abandonados

ou seus filhos implorando pão.
[26] Ele está sempre dando liberalmente e emprestando,

e seus filhos se tornam uma bênção.
[27] Afasta-te do mal ***e*** *faz o bem;*

assim você permanecerá para sempre.
[28] ***Porque o Senhor ama a justiça;***

ele não abandonará seus santos.

Os justos serão preservados para sempre,

mas os filhos dos ímpios serão cortados.
[29] O justo possuirá a terra,

e habitam sobre isso para sempre.
[30] A boca dos justos pronuncia a sabedoria,

e sua língua fala justiça.
[31] A lei de seu Deus está em seu coração;

Seus passos não escorregam.
[32] O ímpio observa os justos,

e procura matá-lo.
[33] O Senhor ***não abandona*** *-lo* ***para*** *seu poder,*

ou deixá-lo ser condenado quando ele for julgado.

Nem um homem tem que encontrar o caminho certo sozinho - os passos de um homem valente são de Javé, que o prepara e escolhe o caminho dele. Mesmo que ele caia, ele não se espalhará (ver Provérbios 24:16), isto é, seus reversos não serão duradouros ou finais, porque o Senhor lhe dá uma mão de apoio. Citando a experiência de uma longa vida como autoridade, o poeta afirma que nunca viu um homem honesto abandonado

nem seus filhos implorando pão. Esse homem é generoso e empresta, "dia após dia" (NEB), e seus filhos são uma benção por direito próprio.

Assim, o professor aconselha seus alunos a se afastarem do mal (pelo qual ele quer evitar a emulação ou a inveja dos ímpios), trabalhar para o bem e "permanecer constante para sempre" (ver comentário na versão 3). O Senhor ama a justiça e, claro, vê-lo feito; ele não vai abandonar aqueles fiéis a ele, mas os protegerá para sempre. E, novamente, o contraste: os ímpios serão "rooteados", os homens honestos serão "enraizados", tomando posse da terra e estabelecendo-se sobre ela "até a eternidade". A boca do homem honesto pronuncia (murmura, isto é, medita) a sabedoria, a percepção de Deus, e sua língua pronuncia o julgamento correto. A lei de Deus (revelação, *torah*)está em sua mente, e seus passos não vacilam. O homem perverso o vigia atentamente, e busca um meio de trazer a morte dele; Mas o Senhor não abandonará o homem honesto ao poder do homem perverso nem o declarará culpado quando ele for julgado.

34 Aguarde o SENHOR e continue a caminho,

e ele irá exaltar você para possuir a terra;

Você verá a destruição dos ímpios.
35 Vi um homem perverso arrogante,

e como um cedro do Líbano.
36 Mais uma vez passei, e eis que ele não era mais;

Embora eu o procurei, ele não pôde ser encontrado.
37 Marque o homem irrepreensível, e veja o direito,

pois há posteridade para o homem da paz.
38 Mas os transgressores serão completamente destruídos;

A posteridade dos ímpios deve ser cortada.
39 A salvação dos justos é do SENHOR;

Ele é o seu refúgio no momento do problema.
40 O SENHOR OS ajuda e os entrega;

Ele os livra dos ímpios e os salva,

porque se refugiam nele.

Então, é que o poeta volta mais uma vez à recomendação de paciência. Se os seus alunos esperam pelo Senhor e continuem a caminho, ele os levantará para "conquistar" a terra. E quando, na realização deste propósito, os ímpios são descartados, eles verão isso de primeira mão. Mais uma vez o poeta documenta suas palavras de sua experiência; ele viu um homem perverso causando medo, tão firmemente seguro como uma árvore voluntária verdejante (o RSV segue a leitura do LXX em vez do texto de Heb) - isto é, ele apareceu tão firmemente estabelecido como um carvalho nativo próspero. "Então eu fui e ele simplesmente não estava lá. Olhei e procurei ele; mas ele não estava lá para ser encontrado ".

É uma imagem gráfica. O poeta volta sem moralizar aos seus conselhos, exortando seus alunos a prestar atenção ao homem de integridade e a observar o homem reto, porque há

um futuro para o homem da paz - ou uma posteridade. Para os hebreus, durante a maior parte do período do Antigo Testamento, o futuro e a posteridade foram um e o mesmo (ver Gênesis 15: 1-6 ; Deut. 25: 5-10).

Em contraste, mais uma vez, os pecadores são destruídos, para um homem, e o futuro dos ímpios é cortado. A libertação dos homens honestos vem de Yahweh. Ele é sua grande ajuda em tempo de angústia, e assim ele os ajudará e os livrará porque eles fugiram para ele.

• Que o processo normal da vida real levantou muitas questões sobre o conceito de uma justa retribuição de Deus para todos os homens é estabelecido mesmo por um salmo como este. Pois, embora seu autor se apegue sem questionar a total validade de tal doutrina, a ocasião para o seu testemunho é, em si, um contexto de questionamento. Nenhuma objeção poderia, no entanto, ser levantada da vida, que ele não poderia responder com "Espere para o Senhor!" - que responde é em si mesmo um chamado à fé. Para aqueles que estavam impacientes e chateados com o que parecia ser o sucesso daqueles que menos mereciam sucesso, ele respondeu calmamente e com confiança: "Você ainda não viveu o suficiente para ver o que Deus fará antes de terminar". , para esse assunto, ele asseguraria a qualquer um de uma vida tão longa que o homem honesto tem um futuro, mesmo que esteja em sua posteridade. E aqueles que são perversos não têm tal. Este argumento, é claro, perplexo até Jó (38: 1-42: 6).

Assim, através de toda a fragmentada organização, repetição, pedanticismo e aparente clichêma de tal salmo, surge a resposta da fé, que nunca é uma resposta fácil. Às vezes, é o mais difícil de todos.

38. Oração de um pecador

Somente um homem que sofreu muito e entrou em contrição profunda para concluir que existe uma conexão entre o sofrimento e a desobediência dele poderia ter escrito um poema como o Salmo 38 . Quinze vezes o poeta menciona sua agonia física. Cinco vezes ele se refere, com três termos diferentes, ao seu pecado. Três vezes em dois versos, ele descreve, com três palavras gráficas, a ira de Deus que ele experimentou. É o poema de um homem exausto, tanto física como mentalmente, mas não espiritualmente. Ele chegou à convicção de que seu sofrimento é sua própria culpa, e ele se lança em pleno arrependimento com a misericórdia de Deus.
O título do salmo atribui-lo à coleção davídica e inclui o termo hebraico *l e hazkir* (assim também o Salmo 70), que literalmente pode ser traduzido "para lembrar". Ele geralmente foi conectado com *o'azkarah*, a oferta simbólica Concebido para chamar a atenção de Deus um presente maior dedicado, mas não consumido pelo fogo (então RSV). Esta explicação, que é adotada até certo ponto por quase todos os comentadores, pode muito bem ser uma sugestão precisa. Mas o uso de *l e hazkir* em 1 Crônicas 16: 4 ("Requerido" por RSV) em uma lista de deveres a serem realizados por certos levitas na presença da arca de Yahweh mostra que também pode ter sido entendido, quando os títulos foram afixados aos salmos, em um sentido menos técnico.

Um salmo de Davi, para a oferta memorial.

1 Ó SENHOR, NÃO ME REPREENDA NA SUA IRA

nem me ajude na sua ira!
[2] *Porque as tuas setas se afundaram em mim,*

e sua mão desceu sobre mim.
[3] *Não há solidez na minha carne*

por causa da sua indignação;
não há saúde nos meus ossos
por causa do meu pecado.
[4] *Porque as minhas iniqüidades passaram por cima da minha cabeça;*

Eles pesam como um fardo muito pesado para mim.
[5] *Minhas feridas crescem e desaparecem*

por causa da minha loucura,
[6] *Estou completamente curvado e prostrado;*

Todo o dia eu vou de luto.
[7] *Porque meus lombos estão cheios de queima,*

e não há solidez na minha carne.
[8] *Estou completamente gasto e esmagado;*

Eu gemo por causa do tumulto do meu coração
[9] *Senhor, todo o meu anseio é conhecido por você,*

meu suspirar não está escondido de ti.
[10] *Meu coração pulsa, minha força me falha;*

e a luz dos meus olhos - também saiu de mim.

Em palavras quase idênticas à linha de abertura do Salmo 6 , o poeta abre sua súplica. Ele está preocupado com o fato de o Senhor não decidir o caso dele e castigá-lo com fúria e ira. Não é um pedido de não punição; que, na visão do poeta, é impossível. Ele já experimentou uma dosagem considerável. É mais um pedido de castigo temperado, um que ele pode sobreviver. Pois ele sentiu as flechas (relâmpagos) de Javé e suas mãos - de tal forma que nenhuma parte de seu corpo é livre de ferimentos devido à presença da raiva divina. A realidade de seu pecado quebrou a saúde de seus próprios ossos, ele diz, reconhecendo assim que o que ele próprio acredita ter sofrido com o Senhor foi provocado por suas próprias ações.

Suas perversidades, de fato, são empilhadas mais do que sua cabeça - são como uma carga muito pesada para ele suportar. Novamente ele confessa sua própria responsabilidade pela sua situação. Por causa de sua tolice, suas feridas ficaram cheirosas e pustulosas; e ele está "torcido e dobrando o dobro". Ele continua o dia inteiro em uma melodia profunda. Seus lombos estão queimando de febre. Nenhuma parte de seu corpo, ele diz novamente, está livre de ferimentos. Ele está em um estupor e esmagado até o limite de sua resistência. O tumulto em sua mente (*leb* , lit., coração) faz com que ele grite.

Ele apresentou perante o Senhor todo seu anseio - sua confissão e seu desejo de perdão que trará alívio; e ele deixou clara a sua lamentação. Seu coração está apto a explodir; sua força o deixou; e até a luz dos olhos, o sinal seguro de vitalidade contínua, o deixou.

11 Meus amigos e companheiros ficam distantes da minha praga,

e meus parentes estão de longe.
12 Aqueles que procuram a minha vida colocam suas armadilhas,

aqueles que procuram minha ferida falam de ruína,

e medite a traição durante todo o dia.
13 Mas eu sou como um surdo, não ouço,

como um homem burro que não abre a boca.
14 Sim, eu sou como um homem que não ouve,

e em cuja boca não há repreensões.
15 Mas por ti, ó empréstimo, espero?

É você, Senhor meu Deus, quem responderá.
16 Porque rezo: "Apenas não se alegrem comigo,

que se vangloriam contra mim quando meu pé escorregar! "

Da descrição plaintive e agony-rent do efeito de seu sofrimento em seu próprio corpo, o poeta se volta para uma descrição de seu efeito sobre aqueles que o rodeiam, amigos e inimigos. Essas linhas confirmam o fato de que sua agonia é física e mental e vv. 11 e 5 (ver v. 3 e 7) sugerem que seu sofrimento se deve, em parte, pelo menos a uma doença de pele virulenta (ver Lev. 13-14), que se julga como resultado do toque de julgamento de Deus. A tradução "lepra" é indubitavelmente incorreta; A doença exata referida é desconhecida.

Assim, seus melhores amigos e seus vizinhos se afastam da visão de sua doença, e até mesmo suas próximas relações estão à distância. E bem, eles poderiam, por sua doença, o resultado do julgamento de Deus, foram considerados culpados e contaminantes (Lev. 13: 45-56).

Seus inimigos reconhecem sua adversidade como oportunidade e justificativa de seu ódio. Eles pretendem atrapalhá-lo, desejam mais infortúnio por ele, e eles fazem uma campanha de boatos contra ele, falando de destruição e resmungo de mentiras durante todo o dia. Mas não são eles que são a preocupação do poeta. Ele é um surdo-mudo. É como se ele não ouvisse seus ataques, nem sequer abriu a boca, levando tudo sem se defender.

Porque a sua atenção está sobre o Senhor; para ele ele se virou, ele esperará ele. A única indicação no poema - além do próprio poema - que o poeta tem qualquer esperança qualquer que seja a sua simples confissão de confiança na v. 15 : "Você responderá, Senhor (*'ª donai*) meu Deus. "Então ele não tem refutação para seus detratores. Sua preocupação é para a opinião de Javé, não a deles, e ele pediu apenas que não lhes fosse permitido exultar às custas dele e lord sobre ele quando ele cai.

17 Pois estou pronto para cair,

e minha dor está sempre comigo.
18 Confesso a minha iniqüidade,

Lamento o meu pecado.
19 Os que são meus inimigos sem causa são poderosos,

e muitos são aqueles que me odeiam injustamente.
20 Aqueles que me fazem mal para sempre

são meus adversários porque sigo depois do bem.
21 Não me desampares, ó Senhor!

Ó meu Deus, não fique longe de mim!
22 Faça a pressa para me ajudar,

Ó Senhor, minha salvação!

Mais uma vez, o poeta se transforma em lamento e súplica. Ele tem certeza de ficar coxo. Sua dor está com ele continuamente. Ele continua confessando sua perversidade e se incomodando com o pecado. Seus inimigos vigorosos se tornaram muitos, e eles o odeiam sem uma boa razão. Eles se tornaram seus inimigos por causa de sua preocupação pelo bem, e eles querem devolvê-lo mal em troca do bem. A referência à preocupação do salmista com o bem pode descrever uma nova orientação de sua parte. Também pode sugerir uma razão para o vigor e número de seus detratores, que gostava melhor dele quando sua preocupação era pelo mal.

Novamente, ele vem, com um grito queimado, se lançar completamente sobre o Senhor, que parece estar a uma distância muito grande. Ele reza para que ele não seja abandonado e que o Senhor, o Senhor da sua libertação, apressar-se em sua ajuda.

• O profundo sofrimento do poeta do Salmo 38 explica e justifica o fato de que sua poesia é de baixa qualidade e sua progressão de pensamento desarticulada. Ele é um homem em grave agonia, e ele chegou à ideia de que sua situação é o resultado direto de seu pecado. Que o homem nos tempos bíblicos vislumbrasse a doença, a menos que ele pudesse encontrar uma explicação melhor, como a manifestação do desagrado de Deus é bem conhecida. A percepção deste salmo, em parte, é que o pecado é perversidade e insensatez, e que suas conseqüências são muito graves, independentemente da sua manifestação. Mas, mais do que qualquer outra coisa, o valor do salmo reside no seu atestado da convicção - e é para isso que o salmo inteiro é - que Deus é o recurso apropriado e que ele *irá* responder, não importa o *que*a extensão da depravação e a necessidade. Não pode haver nenhuma dúvida, portanto, seja qual for o final final desse poeta, que sua oração foi ouvida. Tais orações sempre e sem exceção são.

39. Uma oração de desespero no sofrimento

O poeta do Salmo 39 , como o autor do salmo que imediatamente o precede, era um homem que havia sofrido muito e ainda estava sofrendo quando compôs sua oração. Igual a esse salmista, este poeta acredita que o sofrimento dela é castigo pelo pecado, e ambos pedem e esperam misericórdia e cativam-se por Yahweh. Há no Salmo 39, no entanto, uma dimensão de desespero negro que sugere uma exaustão quase total

de espírito. O poeta sabe que sua única esperança está no Senhor, e ele deve pedir piedade, mas mesmo a esperança dele é claramente mais deprimida do que na maioria dos salmos de lamentação.
A superscrição identifica o salmo como a partir da coleção davídica e contém também uma referência a Jeduthun, que é identificado pelo Cronista como um maestro da música culta no tempo de David (ver 1 Crônicas 16: 41-42 ; 25: 1 , 3 ; 2 Chron 5:12.). O uso de seu nome aqui geralmente é tomado como uma instrução especial sobre a configuração musical do salmo. Alguns comentaristas acreditam que Jeduthun seja outro nome para Ethan, que também está associado a Asaph e Heman (1 Crônicas 15:17), mas nunca na mesma passagem que Jeduthun. Nesta visão, Jeduthun, aqui e nos outros dois títulos em que ocorre, poderia ser igual a "por, das mãos de Ethan", ou seja, um cenário musical exclusivo para Ethan.

Para o maestro do coro: para Jeduthun. Um salmo de David.
1 Eu disse: "Eu guardarei meus caminhos,

para que eu não pude com a minha língua;
Vou engatinhar a boca,
enquanto os ímpios estiverem na minha presença ".
2 Eu era idiota e silenciosa,

Eu segurei minha paz sem sucesso;
minha angústia ficou pior,
3 meu coração ficou quente dentro de mim.
Enquanto pensava, o fogo queimava;
então falei com a minha língua:
4 "Senhor, deixe-me saber o meu fim,

e qual é a medida dos meus dias;
Deixe-me saber o quão fugaz da minha vida é!
5 Eis que fizeste aos meus dias algumas pontas de mão,

e minha vida não é nada a sua vista.
Certamente, todo homem está como um mero suspiro!
Selah
6 Com certeza o homem anda como uma sombra!
Certamente, por nada, estão em tumulto;
O homem agarra, e não sabe quem vai se juntar!

Uma característica desse salmo é a espontaneidade. Outro é a verossimilhança gráfica. O poeta já havia sofrido muito - de fato, que ele estava fortemente tentado a falar palavras imprudentes e a levantar questões indecentes. Isso ele determinou não fazer, particularmente porque os ímpios estavam procurando por tal explosão. Ele procurou proteger sua língua de perto, abanar a boca, mesmo quando o tempo passou a ser mudo e silencioso, e fazer-se calar completamente. Mas não fez nada de bom. Sua dor piorou, seu coração ardia calor dentro dele enquanto pensava em si mesmo e em seus problemas, e ele não podia mais se conter.

Assim, ele explode em uma oração desesperada que é tingida, pelo menos, com amargura. Ele pede que o Senhor possa revelar-lhe quando o fim virá, qual será a extensão dos seus dias, observando que ele já sabe o quão longe ele está. É Yahweh quem lhe deu um curto período de dias, equivalente apenas a alguns intervalos de mão. Como Yahweh vê o tempo, sua vida é como um momento inconsequente. Na verdade, ele conclui que toda a humanidade é um mero sussurro de brisa, como um nevoeiro à deriva em seu "to-ing" e "fro-ing". Sua afluência é certamente uma mera respiração - ele o empilha, mas não sabe quem vai gastá-lo.

7 E agora, Senhor, por que eu espero?

Minha esperança está em ti.
8 Entregue-me de todas as minhas transgressões.

Não me faça o desprezo do tolo!
9 Eu sou burro, não abro minha boca;

Pois é você que o fez.
10 Retire o meu golpe de mim;

Eu estou gasto com os golpes de sua mão.
11 Quando você castiga o homem

com repreensões pelo pecado,
Você consumirá como um modi o que é querido para ele;
certamente todo homem é uma mera respiração!
Selah
12 "Ouça minha oração, ó Senhor,

e ouve meu grito;
Não segure a minha paz nas lágrimas!
Pois eu sou o seu convidado passageiro,
um estrangeiro, como todos os meus pais.
13 Afasta-te de mim, para que eu conheça a alegria,

antes de partir e não mais! "

Seu pensamento sobre a incerteza e transitoriedade do homem leva o salmista a uma lembrança de sua única e única segurança real, Yahweh. Ele confessa, embora em desespero e não com o entusiasmo dos poetas dos Salmos 73 e 94 , que sua esperança está no Senhor. Assim, ele reza pela libertação de seus pecados e pede que ele não seja feito a piada do insensato, isto é, um texto de prova para aqueles que ignoram Deus. Reconhecendo que é

Javé que trouxe o castigo, ele promete novamente um silêncio se tornando fé.

Então, em termos móveis, ele pede a Yahweh que desvie seu toque de julgamento (ver Ex. 8: 2 , Judg. 20: 34-35 ; Salmos 89: 31-33 ; Zacarias 14:12 ; Isaías 8:14) confessando que a força do castigo que sentiu levou-o praticamente até o fim. Na verdade, ele se queixa, no que já está se afastando de seu novo voto de silêncio de queixa, que o castigo de Yahweh pela perversidade dissolve o valor de um homem

como se ele fosse tão curto como uma traça. Pobres, ele reza para que o Senhor se faça ouvir o seu pedido de ajuda, e não reagir às lágrimas, afastando-se silencioso. Ele mesmo pede o direito à hospitalidade - a hospitalidade que todos os seus pais desfrutavam, quando *eles*eram convidados passageiros de Yahweh. A oração e o salmo terminam tão abruptamente quanto ambos começam. O poeta pede a Javé para afastar o olhar dele para que ele tenha um último momento brilhante antes da morte. Então, Jó se queixou de que Yahweh não desviaria o olhar dele nem o deixaria sozinho o suficiente para que ele engolisse sua saliva (Jó 7:19). Esta oração final não deve ser tomada, como alguns comentadores o entenderam, como uma petição para a restauração da saúde. O poeta simplesmente não considera esta opção disponível; ele prefere conhecer a libertação do perdão de Yahweh antes da morte, que ele claramente acredita ser iminente em seu caso e final em todos os casos.

• Nenhuma resposta ao apelo do poeta do Salmo 39 é registrada no salmo. Se ele já conheceu o momento de brilho que ele pediu permanece tão desconhecido quanto sua identidade. Seu apelo sozinho permanece, desesperado, deprimido, real, um retrato de um homem que quer ser melhor do que ele, mas teme que não haja tempo.

A presença desse poema no Saltério em si atesta sua utilidade para o culto de Israel. Nem a sua presença, nem essa utilidade, são uma surpresa para o leitor contemporâneo. Somente sua visão de que Deus é responsável pela doença física leva-a ao contexto do Antigo Testamento. Para o resto, é muito apropriado uma confissão da vontade de fé, que muitas vezes não tem substância.

Vale ressaltar, finalmente, que a crença do salmista em Yahweh é genuína. Sua extremidade é muito grande para ele ter incomodado com orações, caso contrário. Assim também é a sua crença de que Yahweh pode ajudá-lo. Assim, é uma medida de sua fé amadurecida que ele pede, finalmente, não para a cura, mas para o perdão - perdão merecido, mas desesperadamente necessário.

40. O grito necessitado de um homem entregue antes

Os modos distintamente diferentes das primeiras partes (vv. 1-10) e segunda (vv. 11-17) do Salmo 40 , além do fato de que vv. 13-17 aparecem novamente no Saltério, com apenas pequenas diferenças, como o Salmo 70 , levaram a maioria dos comentadores a propor que este salmo seja realmente uma combinação de dois poemas separados, elaborados por um editor que contribuiu com o v. 12 como um link - versículo. No entanto, essa interpretação não é necessária. A existência do Salmo 70 pode indicar o contrário; pode ter sido separado do salmo 40como uma expressão adequada de lamento em si, para ser usado sem a expressão anterior de ação de graças. Além disso, como Weiser mostrou hábilmente (pp. 333-335), não há incompatibilidade real na seqüência de ação de gratidão se as duas partes do salmo forem tomadas como referindo-se a duas experiências separadas, em vez de uma experiência, na vida do poeta.
O salmo é uma canção sagrada do hinário davídico. Não pode estar conectado com nenhum indivíduo em particular, mas o contexto de seu uso na adoração é mostrado pelo vv. 3 , 9, 10 para ter sido o culto público da congregação.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
[1] ***Eu*** *esperei pacientemente* ***para*** *o Senhor;*

*Ele se inclinou para mim e ouvi **meu grito.***
[2] Ele me retirou do poço desolado,

fora do miry bog,
e coloquei meus pés sobre uma rocha,
garantindo meus passos.
[3] Ele colocou uma nova música na minha boca,

uma canção de louvor ao nosso Deus.
Muitos verão e temem,
e confiar no Senhor.
[4] Bem-aventurado o homem que faz

O Senhor, sua confiança,
quem não se volta para o orgulhoso,
para aqueles que se desviaram de falsos deuses!)
[5] Tu multiplicaste, ó Senhor meu Deus,

as tuas maravilhas e os teus pensamentos para conosco;
nenhum pode comparar com você!
Eu deveria proclamar e contar sobre eles,
eles seriam mais do que podem ser numerados.
[6] Sacrifício e oferta, não desejas;

Mas você me deu uma orelha aberta.
Oferecimento queimado e oferta pelo pecado
Você não precisou.
[7] Então eu disse: "Eis que eu venho;

no rolo do livro está escrito de mim;
[8] Eu me agrada fazer a tua vontade, ó meu Deus;

sua lei está dentro do meu coração ".
[9] Eu disse a alegria de libertação

na grande congregação;
ai, eu não resisti aos meus lábios,
***como você sabe,** ó Senhor.*
[10] Eu não escondi a sua ajuda salvadora dentro do meu coração,

Falei da tua fidelidade e da tua salvação;
Não escondi o teu amor firme e a tua fidelidade
da grande congregação.

O poeta começa seu salmo com um testemunho da experiência passada da libertação de Yahweh - um testemunho que, aparentemente, muitas vezes ele deu à congregação reunida. A natureza precisa de sua dificuldade anterior não é declarada, mas, colocando

sua esperança em Yahweh, o poeta conta que esperou com seriedade. Como resultado, o Senhor se desviou para ele, tendo ouvido o seu pedido de ajuda, e o tirou do poço desolado, do pântano, colocando os pés sobre uma pedra e firmando a calma. Foi assim que Yahweh colocou uma nova música, um hino de louvor em sua boca. E, como resultado de sua experiência, o poeta prevê, muitos verão, que é conhecer a Presença de Yahweh, e assim reverenciar e confiar nele.

O salmista faz uma aplicação adicional de sua experiência em uma bem-aventurança e confissão adicional. Bem-aventurado o homem que confia em Yahweh em vez de homens insolentes e aqueles que seguem deuses falsos (padrões mentirosos). É só o Senhor que fez para os homens uma abundância de intervenções maravilhosas e planos propositados. Ele é realmente incomparável! Uma tentativa de recontar todos eles pode ser apenas uma falha alegre.

Procedendo a um tema freqüentemente usado pelos grandes profetas (ver 1 Sam. 15:22 ; Hos. 6: 6 ; Amós 4: 4-5 ; Isa. 1: 12-17 ; Mic. 6: 6-8 ; Jer 7: 22-23), o poeta enfatiza a preocupação de Yahweh por uma fé substancial, dos quais os atos de adoração são apenas o símbolo e não a soma. As palavras do v. 6não devem ser entendidos como qualquer denigração de prática ritual e organização cultual. O salmista está dentro do culto, e falando dele a partir de sua própria perspectiva. Este versículo é mais o lembrete, que a religião organizada sempre precisa, que a sua adoração não é um fim e não termina em si mesma. Assim, o poeta confessa sua convicção de que os assuntos essenciais são obediência e testemunho. Yahweh abriu, literalmente "escavou" seus ouvidos, e deixou claro para ele essas prioridades reais. Eles são apresentados em um "pergamelo escrito sobre mim", diz o salmista na aplicação sem reservas que a obediência deve sempre fazer. O documento escrito a que se faz referência é, naturalmente, a revelação gravada (Torah) de Deus; uma identificação mais específica não é defensável.

É assim que o salmista chegou à visão - só se pode imaginar a partir do sistematizado da indiferença - que as coisas importantes na vida estão fazendo a vontade de Javé ("meu prazer") e contando a lei de Yahweh (revelação, *torah*) a " desejo mais profundo ". E ele confessou as enormes descobertas dessa realização para toda a congregação como uma boa notícia. Seu resumo da confissão no v. 10 é como um mini-catálogo das grandes características de Yahweh. O poeta não restringiu seus lábios e abriu a profundidade de seu coração para falar a honestidade de Yahweh (*ts*^{e} *daqah*), consistência (*'*^{e} *munah*), libertação (*t*^{e} *shu'ah)*), amor imutável (*chesed*) e segurança (*'*^{e} *met*) para toda a congregação.

11 Não segure, ó Senhor,

minha misericórdia de mim,
Deixe o seu amor firme e sua fidelidade
sempre conservar mel
12 Pois os males me envolveram

sem número;
minhas iniqüidades me alcançaram,
até que eu não consiga ver;
são mais do que os cabelos** da minha **cabeça;

meu coração me falha.
[13] Esteja satisfeito, ó Senhor, para me livrar!

Senhor, faça pressa para me ajudar!
[14] Deixe-os envergonhar e confundir ***completamente***

que procuram arrancar minha vida;
Deixe-os virar de volta e levados à desonra
Quem deseja minha dor?
[15] Deixe-os ficar consternados por causa da sua vergonha

que me dizem: "Aha, Aha!"
[16] Mas todos aqueles que te procuram

regozije-se e fique feliz em você;
Que aqueles que amam a tua salvação
Diga continuamente: "Ótimo é o Senhor!"
[17] Quanto a mim, sou pobre e carente;

Mas o Senhor pensou em mim.
Você é minha ajuda e meu libertador;
não te demores, ó meu Deus!

Com o v. 11, o salmo se move abruptamente desse recital triunfante e convincente no meio do que só poderia ter sido uma congregação inspirada para um grito de necessidade pleitório da solidão de uma nova dificuldade. Na visão tomada aqui, estas são as palavras do mesmo poeta, que está novamente em uma situação semelhante à que se refere no v. 1 . Ele recitou sua experiência de libertação, insight e confissão anteriores tanto em testemunho de sua fé quanto em antecipação ao que ele espera que o Senhor novamente fará por ele. Não é necessário fazer perguntas sobre como o homem de fé de vv. 1-11 poderia voltar a uma situação de tal necessidade. Mesmo o homem de fé é sujeito tanto à crise como a sua própria humanidade.

Assim, o poeta encontra-se rezando pelo amor tierno de Javé e pela proteção do amor imutável e da segurança que antes falara aos seus companheiros adoradores. Para os males além da contagem, cercaram-no; suas perversidades o alcançaram; Parecem mais numerosos do que os próprios cabelos de sua cabeça; seu entendimento falha nele, e o coração saiu dele.

Com o verso 13, o poeta se volta para uma oração pela libertação dos ataques daqueles que procuram sua vida, para destruí-la e que se deleitam com sua adversidade. Ele pede que o Senhor se apresente em seu sustento, que o arranque e que confunde, constrangem, "recuem para trás" e tragam desapontar insultos esses opressores para que ficem estupefatos sob sua vergonha.

Em uma extensão contrastante da mesma oração (ver comentário em 35: 26-28), ele pede ainda que aqueles que, como ele, busquem o Senhor e desejem que sua libertação possam saltar de alegria e se alegrar nele e dizer sem cessar, "Yahweh é ótimo!" É um apelo que suscita mais uma reminiscência da alegria e visão que acompanhou o seu primeiro nascimento. Mas também o traz de volta bruscamente para a dura realidade de

sua situação atual, e ele termina seu salmo com uma renovação urgente de seu grito necessário.

• Não é difícil ver como este salmo desfrutou de um uso contínuo no culto de Israel, até certo ponto que o lamento final é preservado duas vezes no Saltério. É a expressão hábil de um homem em profunda necessidade, mas com uma fé comprovada em experiência que é suficientemente profunda para atender a necessidade. Deus já fez coisas mais maravilhosas do que a proclamação contínua é suficiente para se relacionar, e a expectativa desse poeta de mais do mesmo é clara. É essa confiança baseada na percepção que faz da oração uma força viva; e este salmista é um instrutor no assunto.

41. Um agradecido testemunho de cura

O poeta deste salmo davídico foi curado de uma doença que tinha sido muito alegremente considerada por seus inimigos como terminal. O tema geral de seu salmo é um testemunho de ação de graças para sua cura, mas o tratamento vicioso que ele sofreu, mesmo de alguém que ele pensou ser um bom amigo, teve tanto impacto sobre ele que realmente recebe mais atenção do que a doença. Assim, ele começa seu poema com algum conselho sobre as recompensas da compaixão, passa a lamentar descrevendo como ele foi tratado e conclui com um testemunho de cura efetuada.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
[1] Bem-aventurado aquele que considera os pobres!

O Senhor o livra no dia da dificuldade;
[2] o SENHOR O protege e o mantém vivo;

ele é chamado abençoado na terra;
Você não o abandona à vontade de seus inimigos.
[3] O SENHOR O sustenta no seu leito de enfermidade;

Na sua doença, você cura todas as suas enfermidades.
*[4] Quanto a **mim, eu** disse: "Senhor, seja misericordioso **comigo;***

me cure, porque eu pequei contra ti! "
[5] Meus inimigos dizem de mim com maldade:

"Quando ele morrerá, e seu nome perecerá?"
[6] E quando alguém vem me ver, ele pronuncia palavras vazias,

enquanto o coração dela reúne o mal;
Quando ele sai, ele diz para o exterior.
[7] Todos os que me odeiam sussurram juntos sobre mim;

Eles imaginam o pior para mim.
[8] Eles dizem: "Uma coisa mortal se prendeu sobre ele;

ele não se levantará de onde ele mora ".
[9] Mesmo meu amigo do meu corpo em quem confiei,

que comeu do meu pão, levantou o calcanhar contra mim.
[10] ***Mas,*** *ó Senhor, tenha misericórdia de mim,*

e me levante, para que eu possa recompensá-los!
[11] *Com isso eu sei que você está satisfeito comigo,*

na medida em que meu inimigo não triunfou sobre mim.
[12] *Mas tu me sustentaste por causa da minha integridade,*

e me colocou na sua presença para sempre.

A receita de preocupação com os fracos com os quais o salmo começa é mais uma promessa de recompensa pela compaixão quando chegar o seu tempo de necessidade do que qualquer instrução precisa para o cuidado dos doentes. É provável, no entanto, que o poeta tenha em mente a si mesmo quando ele se refere ao sofredor e ateste a validade das recompensas que ele promete com base em sua própria experiência. Assim, ele pode dizer que aquele que presta atenção aos fracos em sua aflição será entregue por Yahweh em seu próprio tempo de adversidade. O Senhor o guardará e o conservará, estabelecê-lo-á como feliz na terra, e mantê-lo-á das garras de seus inimigos. Na verdade, o Senhor o refrescará em seu leito de enfermidade, e voltará e derrotará sua doença. No v. 3 e em vários outros pontos, o texto do salmo sofreu uma pequena corrupção na transmissão e requer uma leve emenda para uma tradução inteligível.

O poeta não diz nada sobre a natureza de sua doença ou seu efeito sobre ele, embora ele sugira que ele considerou uma punição para o pecado (v. 4), e, embora esteja implícito em sua descrição da reação de seus inimigos, uma impressão de que foi muito sério (vv. 5 , 8). Seu lamento começa com um apelo à misericórdia de Javé e para a cura; Pois eu pequei contra ti é ser tomado tanto como a confissão do salmista quanto como justificação de sua necessidade de misericordioso, não merecido, cura.

Que o salmista então se volta imediatamente para o tratamento que recebeu em sua doença de seus inimigos é, por si só, uma evidência gráfica de sua preocupação com sua crueldade e, em um caso, de perfídia. Seus inimigos reagiram a sua doença com uma malevolência insensível, falando mal a respeito dele, perguntando: "Quando ele morrerá? Quando sua própria memória perecerá?" Quando um deles veio visitar sua sala doente, ele soltou apenas generalidades vazias, desajeitadamente disfarçado e pescado por indícios de angústia para o seu próprio uso - ir "para a rua para contar uma e outra vez". Todos estavam contra ele, e odiando-o, sussurraram entre eles, pensando mal por ele. A linha também poderia ser traduzida "eles imputaram a maldade para mim" - isto é, os inimigos se sentaram sobre a elaboração de razões para a doença do poeta, acusando-o de uma variedade de pecados que poderiam ter trazido isso. "Uma doença terminal o dominou", disseram eles, "ele não se levantará de onde ele mora". Mesmo o amigo mais próximo, um homem em quem ele havia confiado plenamente, um homem que tinha comido em sua mesa, tinha cortado Ele para o ganho. Assim, o salmista pediu ao Senhor para o levantar da cama doente, "para que eu possa dar-lhes o melhor que me deram" - um motivo, pode ser acrescentado, o que está fora de controle com o seu próprio conselho de um momento mais calmo (v. 1), mas muito humano. Que ele incluiu em seu relatório sobre o sofrimento anterior é uma homenagem à sua honestidade ou a sua ingenuidade.

Os dois versos finais do poema são a canção de ação de graças para a qual o poeta tem se movido, e para o qual ele preparou pelo lamento de sua situação anterior. O Senhor,

ao permitir-lhe recuperar, refutou as acusações de seus adversários, manteve-o em sua inocência e estabeleceu-o em sua Presença para sempre - o que significa que a relação quebrada por seu pecado (v. 4) foi reparada pela misericórdia de Javé .

13 *Bendito* ***seja*** *o Senhor Deus de* ***Israel,***

de eternidade a eternidade!

Amém e Amém.

Esta bênção, que agora aparece como o versículo final do Salmo 41 , é melhor considerada uma conclusão ao primeiro Livro do Saltério, que termina com este Salmo. Não é, naturalmente, impossível que este versículo seja uma parte original do salmo e que o próprio salmo tenha recebido a posição final no livro I por causa disso. O conteúdo do verso, no entanto, não dá suporte a tal proposta. É uma bênção geral de Yahweh, "de um tempo sem fim para sempre", e o duplo Amen que segue a benção mais provável formou a resposta dos adoradores à bênção, o que não era dúvida de uso freqüente no culto (ver Deut. 27: 15-26 ; Jeremias 11: 5 ; Salmos 72:19 ; 89:52 ; 106: 48; Neh. 5:13 ; 8: 6 ; 1 Crôn. 16:36).

• Assim, a primeira e segunda maior divisão da forma final do Psalter perto, com a ação de graças de um indivíduo por uma cura que ele considerou vingativa. O Salmo 41 não representa a melhor poesia nem a mais profunda teologia desta ou de qualquer outra das cinco divisões do Saltério. Mas representa, e eloqüentemente, a humanidade do homem e sua dependência de Deus, ambos os temas cardinais dos salmos. E, portanto, é talvez apropriado que ele esteja onde ele faz.

42-43. Desejo da presença de Deus

Como é o caso dos Salmos 9 e 10 , os Salmos 42 e 43 , embora preservados e numerados no texto hebraico padrão do Saltério como dois salmos, constituem um único salmo e devem ser considerados em conjunto. Esse é o caso claro, não apenas de semelhanças de linguagem e conteúdo, mas da ausência de qualquer inscrição no Salmo 43 e, sobretudo, da presença de um refrão recorrente em 42: 5 , 11 e 43: 5 . Também deve ser observado que muitos manuscritos hebraicos do Saltério realmente se juntam aos dois salmos em um.
O autor deste poema era um homem de fé profunda e habilidade literária considerável que de alguma forma havia sido retirada de Jerusalém e do Templo que gostava de freqüentar e que, aparentemente, estava detido, por dever ou mais provavelmente por força, em um lugar algum muitas milhas distantes de onde desejava ser. A separação que sentiu tão intensamente foi, no entanto, mais do que geográfica. De alguma forma, Deus parecia-lhe remoto e mesmo ausente, um sentimento de isolamento que foi agravado pelas jibes de seus opressores, que ridicularizavam sua fé. Assim, ele foi agarrado por uma saudade avassaladora e inconsolável para retornar novamente ao lugar onde a Presença de Deus teve tantas ocasiões tão real para ele, o Templo em Jerusalém.

O título do poema identifica-o como um Maskil (ver comentário sobre o Salmo 32) e da coleção de hinos dos filhos de Corá, uma família de linhagem sacerdotal distinta que desde o tempo de Davi estava especialmente associada à música de adoração em Jerusalém. O próprio Corá era filho de Coate, um dos três filhos de Levi (Êxodo 6:16 ; 1 Crônicas 6:22 , 16). Heman, um dos três principais condutores de cantores do

tempo de Davi (1 Crônicas 15: 17 , 19 ; 2 Crônicas 5:12) era descendente de Corá (1 Cron. 6: 33-38), e provavelmente são os cantores, os condutores e os compositores associados à sua aproximação à salmodia em Jerusalém, que devem ser pensados como "os filhos de Corá".

Para o maestro do coro. Um Maskil dos Filhos de Korah.
[1] Como um cervo prolonga

para fluir córregos,
por isso, minha alma
para ti, ó Deus.
[2] Minha alma tem sede de Deus,

para o Deus vivo.
Quando devo vir e contemplar
o rosto de Deus?
[3] Minhas lágrimas foram minha comida

dia e noite,
enquanto os homens me dizem continuamente,
"Onde está seu deus ?"
[4] Estas coisas que me lembro,

enquanto eu despejo minha alma:
como eu fui com a multidão,
e os conduziu em procissão à casa de Deus,
com gritos alegres e canções de ação de graças,
um festival de acolhimento de multidões.
[5] Por que você é abatido, ó minha alma,

e por que você está preocupado comigo?
Esperança em Deus; pois eu novamente o louvarei,
minha ajuda [6] e meu Deus.

O poeta abre o salmo com a imagem gráfica de uma corça saudade de um frenesi de sede, talvez em tempo de seca severa, pois os riachos da água já haviam secado. Mesmo assim, seu próprio ser anseia em um frenesi para Deus e está realmente cheio de Deus, o Deus vivo. "Quando", pergunta o poeta com indignação, "eu venho e percebere a Presença de Deus?" Seu sofrimento com esta aparente ausência de Deus é amargo; Ele não tem apetite para se alimentar - suas lágrimas são o seu único alimento, dia e noite. E a sua dificuldade é multiplicada por aqueles que pedem cruelmente durante todo o dia: "Onde quer que *seja* seu Deus?"

Deus é ' *Elohim* , que em Salmos 42-83 é o nome dominante para Deus. Isso ocorre cerca de 200 vezes nesses salmos, enquanto Yah-weh ocorre apenas 44 vezes. Fora destes salmos, as proporções são mais do que invertidas, com Yahweh ocorrendo 642 vezes e 'Elohim, como um nome em si mesmo, apenas 28 vezes. Além disso, o Salmo 14 e os cinco versos finais do Salmo 40 , que se repetem neste grupo como Salmos 53 e 70,

respectivamente, em todos os casos, o nome de Yahweh foi substituído pelo nome 'Elohim. Esta peculiaridade, de que há exemplos adicionais, sugere que esses 42 salmos foram cuidadosamente editados em algum momento da transmissão, com vista à substituição do tetragrama, sempre que possível, por "Elohim".

As recolorações de momentos altos agora passados continuam subindo, primeiro para emocioná-lo, e duplamente decepcioná-lo em vista de seu isolamento atual de tais experiências. Ele lembra procissões esplêndidas para o Templo, os gritos de exultação e louvor, a multidão extasiada com entusiasmo. Então, a terrível separação de sua situação atual varre sobre ele de novo, e se acumula, ele se exorta a fé e paciência. Ele se pergunta a si mesmo como a resposta a que ele já conhece, muito bem: "Por que estar tão deprimido e com tanta agitação?" E ele se encoraja à paciência sincera e confiante que se manifesta em tantos salmos lamentadores (ver 3,11,27,61): "Espere por Deus, porque ainda o louvarei pelas libertações da sua presença, meu Deus".

O fim do refrão de 42: 5 , 11 e 43: 5 aparentemente sofreu na transmissão. Nesta primeira das suas três ocorrências, a última palavra do refrão "," lohay, meu Deus ", aparece como a primeira palavra de v. 6.Nas duas ocorrências subsequentes, 42:11 e 43: 5, a leitura é "para a libertação da minha presença e meu Deus!" É claro que a leitura deve ser a mesma em cada uma das três ocorrências do refrão. O que não está claro é o que essa leitura deveria ser. Basicamente, existem duas alternativas: (1) o salmista está se referindo aos libertos que a Presença de Deus sempre efetua - um testemunho recorrente nos Salmos (nota 13, 22, 48, 76); (2) o salmista está se referindo às libertações de sua própria pessoa, nos tempos passados e em perspectiva (nota 2 Sam. 17:11 , onde Hushai, o "defensor do diabo" de Davi, aconselha Absalão a entrar em batalha pessoalmente, acendeu. , "Pegue seu rosto na briga"). A primeira alternativa é seguida aqui. O RSV, de fato, combina as duas possibilidades, emendando o texto para ler minha ajuda.

Minha alma é lançada dentro de mim,
então me lembro de ti
da terra da Jordânia e de Hermon,
do Monte Mizar.
[7] *Chamadas profundas para profundidade*
ao trovão de suas cataratas;
todas as suas ondas e as suas ondas
ultrapassou-me.
[8] *Por* ***dia, o Senhor ordena seu*** *amor* ***firme*** *;*
e à noite sua música está comigo,
uma oração ao deus da minha vida.
[9] *Eu digo a Deus, meu rock:*
"Por que você me esqueceu?
Por que estou de luto?
por causa da opressão do inimigo? "
[10] *Como com uma ferida mortal em meu corpo,*

meus adversários me provocam,
enquanto eles me dizem continuamente,
"Onde está seu deus ?"
[11] Por que você é abatido, ó minha alma,

e por que você está preocupado comigo?
Esperança em Deus; pois eu novamente o louvarei,
minha ajuda e meu Deus.

Apesar da coragem dessa tentativa de sacudir sua depressão, o poeta ainda está bastante surcado por isso. A própria memória de Deus, isto é, o que ele experimentou no conhecimento de Deus, e o que está tão ausente da terra do Jordão e os montes do monte Hermão, de novo o deprime com força. O Monte Mizar (a montanha da pequenez) não foi identificado, e deve ser tomado, com o plural de Monte Hermon, para se referir aos picos mais baixos da faixa de Hermão, como o versículo seguinte deixa claro.

O rugido das cachoeiras que caíram do Monte Hermon, ecoando e re-ecoando através dos desfiladeiros das montanhas menores, apenas lembra o salmo de sua situação. Ele acha da profunda (medo *t e hom*"ondas e fontes quebrando") e se sente inundado por todos os santos Ele afirma estabelecimento do Senhor, sempre, do seu amor imutável; de noite ele canta sua música, um hino para o Deus vivo. Ele conhece Deus para ser a sua rocha, e ele pergunta com tristeza por que Deus o abandonou, por que ele deve ir em uma melancólica triste por causa da opressão de seus inimigos. O pensamento desses adversários insolentes traz uma renovação de agonia - eles o desprezam e sua pergunta incessante Onde está o seu Deus? corta-o até o osso.

Mais uma vez, ele se aproxima de Deus e tenta manter o pânico no seu ser, na repetição de sua auto-indagação e confissão. Chegando como faz em tal sucessão de dose à reiteração da pergunta taquentemente perceptiva de seus atormentadores, é a maneira dramática do poeta de dizer: "Eu não posso deixar minha mente pensar nessas coisas!"

[1] Vindique-me, ó Deus, e defenda minha causa

contra um povo maligno;
de homens enganosos e injustos
me entregue!
[2] Porque és o Deus em quem me refugio;

Por que você me expulsou?
Por que estou de luto?
por causa da opressão do inimigo?
[3] Enviai a tua luz e a tua verdade;

deixe-os me guiar,
Deixe-os me trazer para o seu monte sagrado
e para a tua morada!
[4] Então eu irei ao altar de Deus,

a Deus minha grande alegria;

e eu te louvarei com a lira,

Ó Deus, meu Deus.

[5] *Por que você é abatido, ó minha alma,*

e por que você está preocupado comigo?

Esperança em Deus; pois eu novamente o louvarei,

minha ajuda e meu Deus.

O segundo uso do refrão traz uma nova direção para o pensamento do poeta. Onde, no início, ele só lembrou a antiga comunhão com Deus, agora ausente, e assim o deixou mais triste ainda, agora lhe sugere uma esperança ativa e espera por Deus. Onde antes isso provocava uma maior reflexão sobre a ausência de Deus, agora faz mais uma reflexão sobre o que ele precisa e o que ele espera que Deus faça por ele.

Assim, na terceira seção de seu poema, o salmista se volta para um pedido, confissão e promessa mais positivos. Ele pede a Deus para lhe dar um juízo justo, para implorar sua causa. Ele pede a Deus para resgatá-lo de pessoas impiedas, de homens mentirosos e perversos. A referência é, naturalmente, para seus atormentadores, aquelas pessoas entre as quais ele está relutantemente presente. Deus, ele confessa, é aquele a quem ele fugiu, e ele se pergunta por que ele foi rejeitado e por que ele deve ir e virar "em uma triste melancolia".

Então ele vem para a sua oração mais esperançosa e assertiva - e aquela que, em ordem, traz uma terra de libertação na esperança de outra. Ele ainda anseia, de fato *deve* ir a Jerusalém. Mas o desespero desapareceu e o desânimo com ele, e agora há uma sensação de confiança que, até agora, faltava completamente. Assim, ele ora, em uma frase bela, para a luz de Deus (veja o comentário em 36: 9) e certeza de ser enviado como guias que o levará ao monte sagrado de Deus, Sion, e os lugares da sua habitação lá. De repente, o poeta pode quase sentir o momento, e ele prometeu vir ao altar de Deus, "a Deus, a alegria da minha exultação", e louve Deus, meu Deus, com a música de uma lira.

É para ser um momento triunfal. É tão certo, o poeta agora sente, como Deus é a alegria de sua alegria. Assim, quando ele repete pela terceira vez seu refrão, tornou-se em vez de um lamento e uma tentativa de autoconfiança um testemunho e uma garantia de paciência confiante. O momento de elogios é próximo. Ele mais uma vez conhecerá as alegrias do Templo na experiência da Presença de Deus lá. Com isso, ele é assegurado por uma sensação de presença de Deus, onde ele está.

• A beleza da expressão deste salmo e o sentimento profundo de saudade da realidade da Presença de Deus, que evoca, conferem-lhe um lugar especial no Saltério. Assim também, o fato de que, ou pelo menos, seu aborrecido compromisso, pode ter estado na mente de nosso Senhor enquanto agonizava em Getsêmani (Mt 26:38) dá um significado especial ao cristão. Acima de tudo, no entanto, a fome de uma adoração vital e significativa nos lugares onde essa adoração foi freqüentemente experimentada anteriormente é um chamado convincente para o que deveria ser, mas é muito raramente, a experiência de muitas pessoas em muitas congregações que poderiam adoração, mas não.

44. Lamentação na Calamidade Nacional

O salmo 44 é uma das 16 lamentações da comunidade (ver Int.) Nos saltérios saltérios que lamentam uma calamidade que aconteceu com a nação considerada como um todo e que solicita, assim como os salmos da lamentação individual, a libertação e a reivindicação de Deus ou ambos. Seu contexto na história é um tempo de derrota militar desastrosa e totalmente inesperada. Na sequência desta derrota, os cidadãos foram deportados e as cidades arrasaram, e a vergonha nacional é insuportável. Muitas tentativas foram feitas para encaixar essas circunstâncias em um quadro histórico específico, mas na verdade não é possível identificar a catástrofe que provocou o salmo. O contexto do salmo no culto é provavelmente um serviço de lamentação nacional no Templo, com o rei falando como o representante do povo. Um serviço semelhante é retratado em 2 Crônicas 20: 1-19 , onde o rei Josafá e o povo de Judá imploram a Javé num momento de iminente calamidade nacional.

O salmo é descrito pelo seu título como um Maskil da coleção dos salmos dos filhos de Korah, embora este salmo dificilmente possa ser chamado de conteúdo meditativo ou didático (ver comentário no Salmo 32).

Para o maestro do coro. Um Maskil dos Filhos de Korah.
[1] Ouvimos com nossos ouvidos, ó Deus,

nossos pais nos disseram, quais ações você realizou em seus dias,
nos dias de idade:
[2] tu, com a tua mão, expulsaste as ***nações,***

Mas eles plantaram;
Você afligiu os povos,
Mas eles foram libertados;
[3] pois não por sua própria espada eles ganharam a terra,

nem o seu próprio braço lhes deu vitória;
mas a tua direita e o teu braço,
e a luz do teu semblante;
pois você se deleitou com eles.
[4] Tu és meu Rei e meu Bacalhau,

que ordenam vitórias para Jacob.
[5] Através de ti, pressionamos nossos inimigos;

Através do seu nome, pisamos nossos assaltantes.
[6] Pois na minha proa não confio,

nem minha espada pode me salvar.
[7] Mas tu nos salvaste dos nossos inimigos,

e confundiram aqueles que nos odiam.
[8] Em Deus nos vangloriamos continuamente,

e agradeceremos o seu nome para sempre. Selah

O salmo começa com um hino em duas partes, cantado alternadamente pela congregação (ou um coro que representa a congregação) e o rei, que, claro, representa a nação como um todo. Primeiro, a tradição dos atos maravilhosos e graciosos de Deus para os pais é recitada. Uma e outra vez, os pais contaram a história de como Deus, com a sua mão, despojava e quebrou as nações e estabeleceu e espalhou-as por toda a terra (ver Ex. 12: 1-20 ; Deuteronômio 26: 5-10 ; Salmos 78: 5-72 ; 105 ; 106). Sempre eles enfatizaram que seus sucessos não eram seus próprios, mas um resultado da graça de Deus em relação a eles. Não era a espada que possuía a terra, nem a força que os entregava, mas a mão direita e a força de Deus e a luz vivificante de sua Presença.

Assim, a geração presente também se juntou na confissão de Deus como Rei, aquele que assegura a libertação de Jacó, isto é, a nação. Com ele, eles são capazes de expulsar seus opressores; em seu nome, eles são capazes de pisar os que são hostis a eles. Uma mudança de nós para. indica o acordo do rei, que afirma que sua confiança não está em seu arco e que ele não depende da espada dele para entregá-lo. As pessoas confessam que é Deus quem os livra de seus adversários, que confunde aqueles que os odeiam. Assim, em Deus, eles se gloriaram durante todo o dia, e é o nome dele que louvarão para sempre.

É um hino eloqüente e um recital digno, empregando como faz alguns dos temas e frases favoritas do culto religioso israelita. Mas é representativo mais do culto dos povos no passado que do seu humor no momento, e deve ser entendido como uma preparação para o que se segue e consoante com a autodefesa e reclamação de vv. 17-20 .

9 Tet você nos soltou e nos abateram,

e não saiu com os nossos exércitos.
10 Tornou-nos a voltar do inimigo;

e nossos inimigos conseguiram estragar.
11 Você nos fez como ovelhas para abate,

e nos espalhou entre as nações.
12 Você vendeu o seu povo por um pouco,

exigindo nenhum preço alto para eles.
13 Você nos fez a provocação dos nossos vizinhos,

a escárnio e o desprezo das pessoas sobre nós.
14 Tu nos fizeste uma palavra entre as nações,

um riso entre os povos.
15 Durante todo o dia, minha desgraça está diante de mim,

e a vergonha cobriu meu rosto,
16 nas palavras dos taunters e instigadores,

à vista do inimigo e do vingador.
17 Tudo isso veio sobre nós,

embora não nos esqueçamos,

ou foi falso para a sua aliança.
18 Nosso coração não voltou,

nem nossos passos se afastaram do seu caminho,
19 que você nos quebraria no lugar dos chacais,

e nos cobriu com profunda escuridão.

20 Se estivéssemos esquecidos do nome de nosso Deus,

ou espalhar nossas mãos para um deus estranho,
21 Deus não descobriria isso?

Pois ele conhece os segredos do coração.
22 Não, por causa de ti, somos mortos todo o dia,

e representado como ovelha para o abate.

O impacto da lamentação a que o poeta agora prossegue de forma tão abrupta é assim aumentado, por ter recitado a graça do passado de Deus e a confissão fiel e confiante do povo, ele se move agora para uma sucessão de acusações, introduzida pela primeira vez e cada uma começou com "Você". Deus os rejeitou e os envergonhou, desviou-os em perigo de seu adversário, permitiu que aqueles que os odiassem saqueá-los, dados como ovelhas para o açougueiro, espalhavam-lhes palha entre as nações, vendiam por nada, faziam Eles são uma piada grosseira, uma zombaria e uma escárnio para seus vizinhos, e uma palavra familiar entre as nações, na qual as pessoas agitam suas cabeças. A vergonha e a desgraça do povo são constantes e esmagadoras quando o escoteiro e o revillador derramam-no, e a própria presença do inimigo vingativo é em si mesmo uma perpetua censura.

É um recital devastador e amargo, expressivo da grande agitação das pessoas em sua situação. Mas o poeta não está terminado; assumindo o Plano com o qual a seqüência começou, ele vem para o que é a base alarmante do lamento das pessoas - eles não podem descobrir nenhuma razão para o que aconteceu com eles. Eles não se esqueceram de Deus nem foram enganados em suas obrigações de pacto. Seu coração não se transformou em apostasia, nem seus passos se desviaram do modo de vida prescrito de Deus. No entanto, ele os esmagou quando ele esmagou o monstro do mar primitivo e os cobriu na escuridão profunda que está repleta de perigos (ver comentário em 23: 4). Se esqueceram da Presença (*shem* - "nome" dificilmente parece uma possibilidade viável no contexto, veja o comentário em 8: 1) de Deus e, consequentemente, levantaram suas mãos em oração a alguma divindade estrangeira, Deus, que conhece as coisas escondidas do coração, certamente a descobrirá. A verdade é, naturalmente, que eles não fizeram isso, e eles só podem concluir que eles são mortos e considerados ovelhas para o abate por causa de Deus, isto é, por algum motivo de seu desconhecido para eles, ou por sua lealdade a ele (como no Salmo 69: 7 onde a mesma frase é usada). No último caso, sua desilusão surpreendida seria ainda mais irresistível para Deus que só poderia parecer um traidor.

23 Rouse thyself! Por que você está dormindo, senhor?

Acordado! Não nos afaste para sempre!

[24] Por que escondes o teu rosto?

Por que você esquece nossa aflição e opressão?
[25] Porque a nossa alma é inclinada para o pó;

Nosso corpo se escava no chão.
[26] Levante-se, venha em nossa ajuda!

Entregue-nos por causa do seu amor firme.

Assim, o poeta vem ao apelo da congregação, que é tanto lamento quanto petição, mas mais além - pois há nessas linhas finais do salmo uma fé e dependência de Deus contra a qual o poema inteiro deve ser visto. Há primeiro um pedido, que na urgência das circunstâncias da nação se torna quase um comando. Deus deve despertar e despertar do que deve ser um sono profundo. Ele é convidado a não rejeitar o seu povo para sempre. Depois, há perguntas, que revelam a base de todo o salmo e tornam mais compreensível o seu idioma;

"Por que você esconde sua Presença?

Por que você esquece nossa opressão e nossa angústia? "

O que aconteceu foi tornado insuportável porque eles não entendem e não entendem. Portanto, há lamentação; o próprio ser é curvado para a poeira e eles estão no chão, totalmente assustados e quebrados.

Finalmente, há uma petição, que é em si mesma uma afirmação. Levante-se as pessoas choram, utilizando uma expressão cuja conotação militar é especialmente apropriada neste contexto: "Seja uma ajuda para nós!" E, em seguida, o mais revelador de todos, as pessoas pedem para ser resgatadas não com base na lealdade e inocência Eles acabaram de afirmar por completo, mas por causa do amor imutável de Deus.

É apenas este pedido final e sua razão que fornece a chave para todo o salmo, que é, em sua linguagem, sozinho no livro dos Salmos. O poeta que compôs estas palavras e o rei e as pessoas que as expressavam não estavam sendo irreverentes e proferiam "repreensão ao Todo-Poderoso", como sugeriu Oesterley (pp. 244-245). Eles levantavam sérias questões, exigidas por uma situação crítica; perguntas sobre as quais eles só poderiam ter passado por inquérito agonizante no meio de uma ordem de coisas completamente ao contrário do que poderiam ter antecipado. Mas que as questões são levantadas a partir de um contexto de fé em Deus, é esclarecido por este apelo final. Que as pessoas não entendem o que aconteceu não é, portanto, ser tomadas como sugerindo que acreditam que não há explicação. Como a libertação deve vir de Deus, A justificativa da sua situação também deve ser justificada. E à medida que o salmo se fecha, aguardam os dois.

• A composição de tais salmos de especialidade como o Salmo 44 era responsabilidade dos poetas do Templo, que tinham que se esforçar para fundir uma declaração adequada da fé tradicional, a base do lamento e a posição atual dos adoradores em um todo litúrgico inteligível . Tais hinos dependem de formas aceitas e recorrentes de expressão religiosa. Uma parte da função de tais hinos era didática, e os poetas que os compunham se esforçaram para proporcionar aos adoradores uma expressão de louvor e um meio de entender melhor os motivos e a direção do louvor. No caso das lamentações comunitárias, esses poetas procuraram dar ao adorador um meio de libertação e, quando mais precisavam disso, um meio de sustento.

45. Ode sobre o casamento do rei

Este salmo é um poema alegre composto especificamente como uma homenagem ao rei e a sua noiva na ocasião do casamento. Não existe outro poema no Antigo Testamento. Seu idioma às vezes é difícil, e seu texto em pontos foi seriamente perturbado. Esses fatores, aliados a uma falta geral de conhecimento sobre os detalhes dos ritos de casamento no antigo Israel, fazem uma reconstrução detalhada das circunstâncias do salmo uma empresa incerta. A tarefa anunciada do poeta no entanto é uma homenagem ao rei no momento do casamento, e não um relatório do próprio evento. O conteúdo básico e festivo do tributo do poeta vem até mesmo a dificuldade textual com clareza.
As várias tentativas dos comentaristas para identificar o noivo real e sua noiva foram desviadas por falta de informações e nenhuma identificação certa pode ser feita. A sugestão mais plausível continua a ser a de Kirkpatrick (pp. 243-244), que tomou uma visão que tinha sido avançada antes dele e argumentou bem, embora inconclusivamente, que o noivo era Salomão, a filha da noiva Faraó (1 Reis 3: 1). Provavelmente é melhor considerar o poema como aquele que viu uso repetido em casamentos reais, e pode ser que o seu autor o compôs sem a noiva e o noivo em mente.

A inscrição do poema concede-o à coleção dos filhos de Korah, atribui-lhe a melodia "Lilies", provavelmente uma música de casamento bem conhecida, e descreve-a de forma bastante apropriada como "uma canção de amantes".

Para o corista: de acordo com Lilies. Um Maskil dos Filhos de Korah; uma canção de amor.

[1] Meu coração transborda com um bom tema;

Dirijo meus versículos ao rei;
minha língua é como a caneta de um escriba pronto.
[2] Você é o mais justo dos filhos dos homens;

A graça é derramada em seus lábios;
portanto Deus o abençoou para sempre.
[3] Cinge sua espada sobre sua coxa, ó poderosa,

na sua glória e majestade!
[4] Na sua majestade, vença vitoriosamente

pela causa da verdade e para defender o direito;
Deixe sua mão direita ensinar você a ter medo de ações!
[5] Suas setas são afiadas

no coração dos inimigos do rei;
os povos estão sob você.
[6] Seu trono divino permanece para sempre e sempre.

Seu cetro real é um cetro de equidade;

[7] você ama a justiça e odeia a maldade.

Portanto, Deus, seu Deus, o ungiu

com o óleo de alegria acima de seus companheiros;

[8] suas vestes são todas perfumadas com mirra e aloes e cassia.

De palcos de marfim, os instrumentos de cordas fazem você ficar feliz;

[9] filhas de reis estão entre suas damas de honra;

à sua direita está a rainha em ouro de Ophir.

O poeta preface sua ode com o que equivale a uma dedicação. Sua mente ou coração corre sobre um bom assunto. Sua língua é "a caneta de um rápido secretário". Ele está literalmente cheio de palavras para a ocasião, e sua composição é dirigida ao rei.

Assim, o poeta canta os lábios do rei como o mais justo dos filhos dos homens, dos quais os lábios derramam bondade e como certamente abençoados por Deus para sempre. Ele é um herói valente, esplendidamente ornamentado e glorioso, com a espada amarrada ao seu lado. O poeta pede-lhe que ande sobre a palavra de honestidade e a gentileza da justiça, e predisse que sua mão direita o guiará com terríveis realizações. Os povos cairão sob seus pés, e suas flechas afiadas encontrarão o coração de seus inimigos. Seu trono é como o de deus é que *é*Deus e é dele pela escolha de Deus e não o dele próprio - e, portanto, é "para sempre, em perpetuidade". Seu cetro real é um cetro de rectidão - como governante de Deus, ele é um governante ético. Ele ama a justiça e, portanto, odeia a injustiça. É por tal fato que Deus, seu Deus, o ungiu com o óleo da alegria, que o separou de todos os outros.

O poeta se move ao lado do que parece ter uma referência mais específica ao próprio casamento. Ele não dá uma descrição ordenada e seqüencial, mas vislumbres impressionistas, destinados a refletir a grandeza do rei e dar-lhe glória. Ele se refere primeiro às roupas de casamento do rei, luxuosamente aromatizadas com fragrâncias importadas raras. Em seguida, ele menciona a música festiva dos jogadores de cordas, passando alegremente pelo palácio com painéis de marfim para alegrar o rei. Então ele vem para a cena do casamento em si. Entre os harem presentes no rei são princesas. De pé à sua direita, na posição de honra (ver 1 Reis 2:19), é a noiva dele, vestida de ouro de Ophir, fabulosa por sua finura.

[10] Ouça, ó filha, considere e incline sua orelha;

esquece o seu povo e a casa do seu pai;

[11] e o rei desejará sua beleza.

Como ele é seu senhor, incline-se para ele;

[12] as pessoas de Tire processarão seu favor com presentes,

o mais rico dos povos [13] com todo o tipo de riqueza.

A princesa é enfeitada em sua câmara com vestes tecidas de ouro;

[14] em vestes de muitos corações, ela é levada ao rei,

com seus companheiros virgens, sua escolta, em seu trem.

[15] Com alegria e alegria, são conduzidos ao longo

quando eles entram no palácio do rei.

Interrompendo suas impressões sobre a magnificência do casamento real, o poeta prossegue neste momento para se dirigir à noiva. Pedindo-lhe para ouvir, entender e dar atenção, ele aconselha a descontinuidade necessária para um casamento bem sucedido. Ela deve esquecer o povo dela e a casa de seu pai, e se submeter a seu senhor, o rei, que desejará muito sua beleza. Ela também será apresentada com um presente da Tire e será lisonjeada pelas pessoas ilustres que visitam a corte do rei.

O conselho dele, o poeta volta novamente às impressões sobre a elegância do casamento. A sequência de três versículos começando com v. 12 sofreu mais na transmissão do que qualquer outra parte do poema. Esses versos são impossíveis de traduzir literalmente, enquanto estão em pé; com a emenda, no entanto, pode ser obtido um relato razoável do que parece ser a descrição do poeta da marcha do casamento. Assim, ele descreve a princesa, "tudo esplêndido" em seu vestido de ouro tecido e incrustado de pérolas. Ela é conduzida em roupas lindamente bordadas ao rei que espera, damas de honra presentes sobre ela, todos vindo em meio a grande alegria e exultação no palácio do rei É uma cena festiva, colorida e feliz.

16 Em vez de seus pais serão seus filhos;

Você os tornará príncipes em toda a terra.
17 Farei com que seu nome seja celebrado em todas as gerações;

portanto, os povos o louvarão para sempre e sempre.

O poeta se volta novamente para o rei, a quem ele fala para fechar o ode uma benção e uma promessa. Sua benção é a predição de filhos para o rei e sua noiva. Tão ilustres quanto os pais do rei, seu nome será em seus filhos, a quem designará para os príncipes em toda a terra. A promessa do poeta é que, por meio de sua poesia, ele fará lembrar a geração após a geração da dinastia do rei (lc., Nome) e louvado pelos povos, isto é, estrangeiros, "para sempre e em perpetuidade".

• O salmo 45 é, portanto, um poema jubiloso para uma ocasião festiva na vida do rei e, portanto, também a nação. Deve ser considerado, em virtude de sua dedicação, como um dos "salmos reais", embora seja na natureza do caso bem diferente dos outros salmos que podem ser assim classificados. Embora seja verdade que a principal preocupação não é religiosa, não se segue, como dizem alguns comentaristas, que o Salmo 45 é um salmo secular ou profano. Suas referências à bênção de Deus do rei (v. 2), o estabelecimento de Deus do seu trono (v. 6), a escolha de Deus (unção) do rei (v. 7) e a predição da progênie, sinal da bênção de Deus (v. 16), estabelecem claramente o contexto religioso do casamento e do salmo.

46. Fé na Presença de Deus

Em linguagem majestosa e cadência rodante, este magnífico hino da Presença de Deus em sua cidade, Sion, exala uma fé confiante que chegou a tal maturidade que não é mais relativo às vicissitudes da vida no mundo, por mais que sejam terríveis talvez. O salmo pode muito bem se referir, como alguns intérpretes detêm, a uma efetiva libertação da cidade de Jerusalém em tempo de crise. Das possibilidades registradas no Antigo Testamento, a libertação da cidade do cerco de Senaqueribe em 701 AC é a mais atrativa (ver 2 Reis 18: 13-19 ; 37). Mas, de fato, há evidências internas insuficientes no

salmo para certificar essa conexão; e mesmo que um evento histórico tenha sido a inspiração do salmo, seu autor transcendeu um plano histórico histórico para falar da Presença efetiva de Deus abraçando toda a história.
O salmo é do hinário dos filhos de Corá e é designado por seu título como uma canção (*shir*), para ser acompanhado "De acordo com Alamoth". Traduzido literalmente, o termo significa "jovens donzelas", mas 1 Crônicas 15: 20 usa isso em conexão com a reprodução de harpas. A partir desta informação, geralmente foi proposto que o termo tenha a ver com um estilo de canto ou reprodução, talvez em referência ao pitch. Essas sugestões são apenas duvidosas; o significado real do termo é desconhecido.

O hino consiste em três estrofes claramente delimitadas, sendo que as duas últimas são fechadas por um refrão idêntico (v. 7 , 11). Parece muito provável que este refrão tenha ocorrido originalmente no final da primeira estrofe, caso em que deve ser reinserido seguindo v. 3 . Tal arranjo daria um poema perfeitamente equilibrado de três estrofes de quatro versos.

Para o maestro do coro. Um Salmo dos Filhos de Corá. De acordo com Alamoth. Uma canção.
[1] Deus é nosso refúgio e força,

uma ajuda muito presente em problemas.
[2] Portanto, não tememos que a terra mude,

embora as montanhas tremem no coração do mar;
[3] embora suas águas rugem e espuma,

embora as montanhas trempem com seu tumulto. Selah

O poeta começa o salmo com uma afirmação vívida e profundamente simples da fé que permeia tudo. O uso dos pronomes plurais, nosso, e mostramos que seu hino se destina a confissão da congregação com a qual ele próprio é identificado. Deus, ele declara, "é para nós refúgio (abrigo) e força", que será encontrada como uma ajuda excessiva em angústias. Por esta razão, mesmo a mudança do que parece tão permanente e imutável na ordem criada não afetará o coração dos fiéis: nem uma alteração na própria terra, nem a avalanche das montanhas no coração do mar com a agitação e a formação de espuma das suas águas e o maremoto resultante que agita novamente as montanhas.*uvmót harím b ᵉ léb yammím*); As águas se escondem e seethe (*yeh ᵉ mú yechm ᵉ rú memáyw*). O próprio cataclismo é a concepção de poetas da pior natureza que pode oferecer, sem dúvida, com maus atos fonéticos e escatológicos, mas apresentado aqui como uma luz para a completa serenidade dos fiéis na Presença de Deus. A inclusão neste ponto (final de v. 3) do refrão de vv. 7 e 11 , em conjunto com a afirmação da versão 1 , confirma esta sugestão.

[4] Há um rio cujos rios se alegram pela cidade de Deus,

a santa habitação do Altíssimo.
[5] Deus está no meio dela, ela não se moverá;

Deus a ajudará logo antes.
[6] As nações se enfurecem, os reinos cambaleiam;

Ele solta a voz, a terra derrete.
7 *O Senhor dos exércitos está conosco;*

O Deus de Jacó é o nosso refúgio. Selah

O poeta se transforma desse furor furioso em uma aplicação concreta do tipo de fé imperturbável que ele tem em mente. A cena é Jerusalém, a cidade de Deus e o lugar da Presença especial de Deus, "a morada sagrada do Deus Altíssimo". O rio cujas correntes torna alegre esta cidade é o símbolo do poeta para o fluxo interminável das bençãos de Deus (ver Gênesis 2: 10-14 ; Ezequiel 47: 1 ss.), todos os quais são o resultado da principal benção, sua presença. "Deus está no meio dela - ela dificilmente pode vacilar!" Na escuridão de qualquer problema, Deus irá ajudá-la no primeiro dia - isto é, em tempo amplo e no momento do alívio e da libertação, quando a escuridão e a sua força os perigos ocultos são dissipados (cf. Salmos 5: 3 ; 30: 5).

Empregando novamente dois dos verbos da antiga cena do caos, o poeta os aplica a uma cena menos visionária de crise. Assim, as nações rugiram ou estiveram no tumulto (como as águas de v. 3), e os reinos tremeram ou tremiam antes deles (como as montanhas de v. 2). Mas quando eles se aproximam de Jerusalém são frustrados. Deus está presente lá, e tem que fazer seu trovão para toda a terra e todos os seus monarcas orgulhosos para se dissolver ou derreter (ver Ex. 15:15 ; Amós 1: 2 ; Isaías 30: 29-31 ; Salmo 29: 3 ff.).

De fato, acrescenta o poeta: "O Senhor dos exércitos está conosco". O título de Javé dos exércitos tem conotações militares especiais, como foi observado, e o Deus de Jacobis, é claro, simplesmente um título alternativo da aliança de Israel, Deus, Javé. O refrão, de fato, é redigido e definido onde é pelo poeta fazer inconfundível o seu ponto de vista de que a segurança de Jerusalém, e a daqueles que confiam em Javé, está determinada por sua Presença conosco.

8 ***Venha, veja as obras do Senhor,***
como ele causou desolações na terra.
9 *Ele faz cessar as guerras até o fim da terra;*

ele quebra o arco e quebra a lança,
Ele queima os carros com fogo!
10 *"Fique quieto, e saiba que eu sou Deus.*

Eu sou exaltado entre as nações,
1 am exaltado na terra! "
11 *O Senhor dos exércitos está conosco;*

O Deus de Jacó é o nosso refúgio. Selah

Numa ainda mais aplicação de seu tema central, o poeta retrata uma cena visionária. É uma cena de terrível destruição, pois as nações vieram voluntariamente contra a Presença de Deus e, inevitavelmente, perderam. A visão, mais uma vez, não apenas tem referência a Jerusalém, mas também contém implicações escatológicas. O poeta emite um convite, um melhor entendido como se aplicando a todos os que verão, para ver e olhar o que o Senhor fez - ele fez desolações na terra, mas precisava de desolações. Ele completou as guerras até os limites da terra. Ele quebrou arcos, lanças picadas em

pedaços, queimou carros de guerra com fogo. E para as pessoas em guerra, ele grita: "Pare com isso!" Ou "Feche o fogo!" E saiba que eu sou Deus. Como tal, ele é exaltado entre as nações (gentios) e exaltado na terra.

É uma cena de grande poder e uma excitante previsão de grande promessa para um povo que conhecia a guerra e todos os seus horrores de primeira mão. Imediatamente, o poeta se move para selar sua vantagem pela dramática repetição do refrão. É o mesmo Deus quem pode fazer tudo isso que está conosco. "Uma proteção para nós é o Deus de Jacó." Na Presença de tal Deus, não pode haver postura senão confiança, venha o que pode!

• Não é de admirar que este poderoso salmo, com a garantia da serenidade, apesar da pior revolta da natureza ou dos assaltos mais determinados dos homens, deve tornar-se no coração de Martin Luther tanto a inspiração quanto a base para o seu poderoso hino "A Mighty Fortress Nosso Deus "- na tradução de Thomas Carlyle," Uma Fortaleza Segura, Nosso Deus ainda está ". Tanto a fé como a promessa eram muito necessárias no tempo de Lutero, e não são menos necessárias no tempo presente. Os muitos que o encontraram em dificuldades, uma ajuda excessiva, confiam também que sua promessa de fim às guerras masculinas, feita através do visionário poeta do Salmo 48 e outros como ele (ver Isa. 2: 2-4 ; Mic. 4: 1-4 ; Eze. 39: 1-10), conhecerá a realização.

47. A realeza de Deus sobre toda a terra

O salmo 47 é um grupo de salmos (ver também 93, 96-99), que enfatizam de forma especial a regra de Deus, não apenas sobre Israel, mas sobre todo o mundo. Estes salmos foram primeiro isolados por Gunkel *(Ein-leitung,*pp. 100-116), que os chamou de "Canções de Entonação" e propuseram que fossem referenciais escatológicos e especialmente relacionados a temas proféticos, em particular aqueles de Deutero-Isaiah. A esses seis salmos, no entanto, muitos outros que fazem alguma referência à realeza de Deus devem ser adicionados. Um debate vigoroso sobre o seu significado exato tem sido realizado sem conclusão desde a aparição em 1922 do segundo "Estudo do Salmo" de Sigmund Mowinckel, o Festival de Entendimento de Yahweh e o Inception of Eschatology. Este debate, cuja única bibliografia é de uma quantidade surpreendente, está muito envolvido mesmo para o resumo aqui. Mas deve notar-se que Mowinckel propôs a existência no calendário de adoração de Israel de uma festa anual da entronização de Javé, na qual Javé foi entronizado como Rei, como se pela primeira vez, no que equivalia a uma reafirmação de sua vitória e supremacia sobre os poderes da natureza e quaisquer outros usurpadores, divinos ou humanos, de sua autoridade absoluta. Importantes para a tese de Mowinckel são: (1) a analogia óbvia das cerimônias de entronização dos reis terrestres da monarquia e do reino dividido; (2) analogias extrabíblicas, no Festival de Ano Novo da Babilônia de Marduk e na literatura cananeana; (3) o Festival de Ano Novo judaico pós-lámico; e (4) a evidência interna dos salmos relevantes (dos quais Mowinckel encontrou não menos de 43). Quanto ao último ponto em particular, Mowinckel insistiu que a frase recorrente (1) a analogia óbvia das cerimônias de entronização dos reis terrenos da monarquia e do reino dividido; (2)

analogias extrabíblicas, no Festival de Ano Novo da Babilônia de Marduk e na literatura cananeana; (3) o Festival de Ano Novo judaico pós-lâmico; e (4) a evidência interna dos salmos relevantes (dos quais Mowinckel encontrou não menos de 43). Quanto ao último ponto em particular, Mowinckel insistiu que a frase recorrente (1) a analogia óbvia das cerimônias de entronização dos reis terrenos da monarquia e do reino dividido; (2) analogias extrabíblicas, no Festival de Ano Novo da Babilônia de Marduk e na literatura cananeana; (3) o Festival de Ano Novo judaico pós-lâmico; e (4) a evidência interna dos salmos relevantes (dos quais Mowinckel encontrou não menos de 43). Quanto ao último ponto em particular, Mowinckel insistiu que a frase recorrente*Yahweh malak* (em 47: 8 *malak 'Elohim*) deve ser entendido como significando "Yahweh tornou-se rei" com um elemento de "ação agressiva", inferindo assim uma nova entronização com conseqüências duradouras.
Não há como negar que a teoria de Mowinckel tenha estimulado muito útil o estudo dos Salmos e, naquele só, fez uma contribuição valiosa e duradoura. Na verdade, alguns de seus críticos mais ardentes estão em dívida com ele, tanto em formas reconhecidas como não reconhecidas. Parece aparente, no entanto, que o argumento de Mowinckel, especialmente na reconstrução detalhada do "festival de entronização", vai além do que o Velho Testamento em geral e os Salmos em particular sustentará. O conceito de realeza de Deus é antigo, provavelmente retornando ao nascimento de Israel como uma nação. É um conceito, além disso, que não admite tal interrupção da autoridade regnal de deus, real ou potencial, como exige a teoria de Mowinckel. Que este conceito deve assumir maior significado, e seja enfatizado com maior freqüência no período da monarquia israelita e seguindo, é inevitável; e o pensamento da realeza de Deus sobre todas as nações e, de fato, sobre todo o mundo é um desenvolvimento natural de seu domínio sobre Israel. Que é uma realeza persistente, permanente e ininterrupta é, de fato, a própria declaração dos próprios salmos de realeza, compostas por celebrar e reafirmar um artigo bem conhecido da fé da comunidade adorativa. Pode-se notar finalmente que é esse conceito de realeza que é o fundamento do ensino do reino e do governo de Deus proclamado tão triunfantemente no Novo Testamento. Que é uma realeza persistente, permanente e ininterrupta é, de fato, a própria declaração dos próprios salmos de realeza, compostas por celebrar e reafirmar um artigo bem conhecido da fé da comunidade adorativa. Pode-se notar finalmente que é esse conceito de realeza que é o fundamento do ensino do reino e do governo de Deus proclamado tão triunfantemente no Novo Testamento. Que é uma realeza persistente, permanente e ininterrupta é, de fato, a própria declaração dos próprios salmos de realeza, compostas por celebrar e reafirmar um artigo bem conhecido da fé da comunidade adorativa. Pode-se notar finalmente que é esse conceito de realeza que é o fundamento do ensino do reino e do governo de Deus proclamado tão triunfantemente no Novo Testamento.

O salmo 47 é um hino jubiloso para a realeza universal de Deus a partir da coleção dos músicos na tradição de Korah. Reconhece Israel como especialmente escolhido e abençoado por Deus; mas, como todos os principais salmos da realeza de Deus, caracteriza-se por um universalismo insuperável em qualquer parte do Antigo Testamento, um universalismo que é um fato lógico e inevitável por causa de quem é Deus.

Para o maestro do coro. Um Salmo dos Filhos de Corá.

[1] *Aplauda suas mãos, todos os povos!*

Grita a Deus com grandes canções de alegria!
[2] ***Para** o Lobd, o Altíssimo, **é terrível,***

um grande rei sobre toda a terra.
[3] *Ele subjugou pessoas debaixo de nós,*

e nações sob nossos pés.
[4] *Ele escolheu nossa herança para nós,*

O orgulho de Jacó, a quem ele ama.

Selah

O poeta começa seu hino com um convite extático a todos os povos para aplaudir e gritar de alegria a Deus em exultação estrondosa, porque o Senhor Altíssimo deve ser reverenciado (não é terrível) como um grande rei em toda a terra. É certamente por design que o salmista usa neste chamado declarativo para adorar nada menos que três importantes nomes do Antigo Testamento para Deus: sucessivamente,
' *Elohim* ; Javé; e *'Elyon* , o antigo nome Ganaanite para *'El* , o alto Deus do panteão cananeu. *'Elyon*parece ter sido o nome do Deus-chefe do culto jebuseu em Jerusalém (ver as observações e notas de apoio de AR Johnson, pp. 48-53, 74-76) antes de David ter tomado a cidade e declarou o lugar supremo na terra da Presença de Yahweh. O poeta deixa inequivocamente claro que sua referência é para *o* Deus supremo, Javé, que por qualquer nome ainda é indiscutivelmente rei. Ele também está revelando a fusão de nomes para Deus em aplicação ao Deus mais poderoso, um passo importante para o monoteísmo que o Antigo

Teologia do testamento eventualmente alcançada.

Este deus teve e continua a ter um papel especial para Jacó, isto é, Israel; não por seu mérito, mas por causa de seu amor, ele escolheu para eles sua herança. Ele subjugou povos e nações em sua provisão para eles - e isso não é, por si só, apenas indicativo de um propósito para eles, mas é um sinal de sua soberania.

[5] *Deus subiu com um grito,*

O Senhor com o som de uma trombeta.
[6] *Canta louvores a Deus, canta louvores!*

Canta louvores ao nosso rei, canta louvores!
[7] *Porque Deus é o rei de toda a terra;*

cante louvores com um salmo!
[8] *Deus reina sobre as nações;*

Deus está sentado no seu trono sagrado.
[9] *Os príncipes dos povos se reúnem*

como povo do deus de Abraão.

Porque os escudos da terra pertencem a Deus;

Ele é altamente exaltado!

A adoração que o poeta chamou está em processo. De certa forma, a Presença de Deus é descrita como "subindo", um termo de uso frequente no vocabulário de culto e um que descreve a ascensão para uma posição mais exaltada. Muito provavelmente, a arca foi empregada em processos, em direção e talvez até nos santos santos como um símbolo aparente para a congregação adoradora de que Deus assumiu a posição oficial de sua realeza na Terra. O Templo em Jerusalém foi considerado o principal lugar de sua Presença na Terra e a representação terrena de sua morada celestial. Em indicação adicional deste momento impressionante, mesmo para aqueles que estão fora do santuário propriamente dito, o grito culto foi proferido em uníssono, e uma explosão da trombeta (*shopar*) foi soada como uma advertência de que Deus estava realmente presente (cf.Ex. 19:13 , 16 , 19 ; 2 Sam. 6:15 ; É um. 27:13).

Foi um momento eletrizante, e não há dúvida de que o chamado quádruplo para cantar louvores a Deus, que seguiu o eco estridente do *shopar unmusical,* foi encontrado com um exuberante crescendo de hinoledor glorioso ao nosso rei. É possível, de fato, que a cláusula "porque" (para) que segue o chamado a louvar é, por si só, uma resposta congregacional. É, pelo menos, uma resposta coral: "Porque o rei sobre toda a terra é Deus l"

Novamente, a chamada é dada: "Cante um salmo de percepção!" (*Maskil*). A resposta é de fato a visão que é o tema deste e de todos os salmos da realeza:

Deus reina (*Malak 'Elohim*) sobre as nações; Deus está sentado no seu trono sagrado.

Como se observou, isso deve ser entendido como uma manifestação e uma declaração de uma realeza contínua, imperturbável e eterna, que de modo algum é dependente do homem e que é para sempre suprema.

O fato da universalidade desta realeza, que já foi declarada três vezes (vv. 2 , 7, 8) é finalmente declarado novamente, mas em um pronunciamento de profunda implicação, dado que o poeta chega à conclusão lógica sugerida por tal fato . Cada vez mais, deve ser reconhecido e admitido pelos homens; e chegará o tempo em que os príncipes dos povos serão reunidos como uma família do deus de Abraão. É um uso habilidoso de um nome venerável, que declara a soberania existente dos começos remotos de Israel e liga o passado e o chamado de um homem, para um futuro no qual a soberania será reconhecida por toda a terra, para a qual é já é uma realidade eterna.

Tudo isso, diz o poeta, é realmente uma conclusão inevitável. Pois Deus pertence a todos os escudos - que são os grandes protetores (talvez até os deuses guardados) da Terra. É ele quem foi levantado alto - ele é verdadeiramente "O mais alto" e realmente subiu! Talvez não seja demais para sugerir que o pensamento do poeta sobre a antiguidade da realeza de Javé e seu uso de " *Elohe" Abraham* induziu em sua mente a pensar em outro nome antigo para Deus, *magen 'Abraham* , o escudo ou proteção de Abraão. Assim, ele se refere ao Senhor, em efeito, como o "Escudo de escudos" (Gênesis 15: 1 , Deuteronômio 33:29 ; 2 Sam. 22: 3 , Salmo 18:30).

• A visão do poeta é verdadeiramente ecumênica, e que surge da unidade de Deus, que é a base da ecumenicidade real. Não é a subjugação dos povos na posse de Israel de sua herança escolhida que traz o salmista a tal cena de unidade, mas sim a unicidade do rei supremo. Seu reinado já é universal e cada vez mais será reconhecido como tal por homens, altos e baixos, que estão sujeitos a ele para sempre. Assim, a igreja primitiva afirmou sua fé, em profunda simplicidade, "Jesus é o Senhor". A medida em que o seu

reinado é verdadeiramente reconhecido governa a extensão da unidade para a qual o poeta olhou e para o qual os homens continuam longos.

48. Segurança de Jerusalém na presença de Deus

Como o Salmo 46 , este hino celebra o efeito benéfico da Presença de Deus em Jerusalém, seu lugar escolhido de residência especial. Como esse salmo, este também está relacionado ao conceito de inviolabilidade de Jerusalém por causa dessa Presença (ver Isa. 31: 4-5 ; Salmos 46: 5 ; 87: 1 , 5) - um conceito que foi submetido a uma grande distorção por os cidadãos de Judá antes de encontrarem uma refutação brutal nas mãos de Nabucodonosor em 587 AC. Ao contrário desse hino, que se eleva além de Jerusalém em sua interpretação da segurança da Presença de Deus, esse hino mora ansiosamente e amorosamente em Jerusalém, que é o que é porque daquela Presença. O salmo é da coleção de Korah, e é chamado em seu título como canção e música sagrada. Seus versos finais sugerem que pode ter sido cantado no culto processional pela cidade.

Uma canção. Um Salmo dos Filhos de Corá.
[1] Ótimo é o Senhor e muito a ser louvado

na cidade de nosso Deus!
Sua montanha sagrada, [2] lindas em elevação,
é a alegria de toda a terra,
Monte de Sião, no extremo norte,
a cidade do grande rei.
[3] Dentro de seu cidadão deus

mostrou-se uma defesa certa.

O poeta abre sua música com uma declaração contundente que encapsula tudo a seguir. O Senhor é ótimo e deve ser louvado muito na cidade de nosso Deus. É esta última frase que é a chave do salmo; É na cidade dele que Yahweh pode ser melhor louvado, e louvar a beleza e os benefícios dessa cidade são parte desse louvor. Assim, o salmista habita no seu monte sagrado; a beleza da sua altura; O objeto de toda a alegria da Terra; Monte de Sião (em efeito a substituição de Zafon, o alto monte sagrado dos cananeus no norte); a cidade do rei todo-suficiente. A lista progride da colina de Sião, onde Deus foi acreditado especialmente presente, para a própria cidade, da qual a colina é a única característica mais dominante. O poeta então reforça seu ponto de vista,

[4] Pois, os reis reuniram-se,

eles vieram juntos.
[5] Assim que viram, ficaram surpresas,

eles estavam em pânico, eles levaram a fugir;
[6] tremendo tomaram-nos lá,

angústia como de uma mulher em trabalho de parto.
[7] Pelo vento do leste destruíram os navios de Társis.

[8] *Como ouvimos, então vimos*

na cidade do Senhor dos exércitos,
na cidade de nosso Deus,
que Deus estabelece para sempre. Selah

Muitas tentativas foram feitas para descobrir uma referência histórica adequada para o assalto frustrado retratado nestes versos, e o ataque histórico mais freqüentemente mencionado pelos comentaristas é o dos assírios sob Sennacherib em 701 AC. A referência a uma aliança de reis não se encaixa naquela ocasião, nem o medo imediato descrito em vv. 5-6 . É preferível, portanto, considerar os versos como um dispositivo do poeta para retratar a inviolabilidade de Jerusalém por causa da Presença e considerá-los como livres de qualquer cenário histórico específico.

O poeta pinta uma imagem dramática - os reis se juntam em uma aliança acordada e atravessam a fronteira ao mesmo tempo, juntos. Sua intenção é mortal, sua aparência formidável. Então eles viram: nenhum objeto é dado ao verbo, mas o que os reis viram era Jerusalém e Sião - de modo que ficaram surpresos, em pânico, e fugiram precipitadamente. O terror os agarrou ali, como a angústia ofegante de uma mulher com uma criança. Como os navios mercantes orgulhosos e aparentemente indestrutíveis, em um minuto crescendo as ondas, no próximo quebrado pela fúria do vento do Oriente, então os reis orgulhosos fugiram em desordem diante de um adversário invencível. "É como ouvimos", diz o poeta no que pode ser uma resposta congregacional, "assim vimos na cidade do Senhor dos exércitos, na cidade do nosso Deus: Deus faz firme até a eternidade".

[9] *Pensamos no teu amor firme, ó Deus,*

no meio do teu templo.
[10] *Como o teu nome, ó Deus,*

então o seu louvor chega até os confins da terra.
A sua mão direita está cheia de vitória;
[11] *deixe Mount Zion ser feliz!*
Deixe as filhas de Judá se alegrar
por causa dos teus juízos!
[12] *Caminha sobre Sion, dá uma volta sobre ela,*

número de torres dela
[13] *considere bem suas muralhas,*

atravesse suas cidadelas;
que você possa dizer à próxima geração
[14] *que este é Deus,*
nosso Deus para todo o sempre.
Ele será nosso guia para sempre.

Assim, o poeta retorna novamente ao seu tema de abertura - o louvor de Deus em Jerusalém, em Sião, onde sua Presença é mais real e tão benéfica. Mais uma vez, ele se

junta à congregação. Eles consideraram a incomparabilidade do amor imutável de Deus dentro de seu Templo. Eles refletiram sobre o seu nome, que é para os confins da terra, e concluíram que também o seu louvor deve ser. Sua mão direita corre com justiça (*tsedek* , não vitória); O monte de Sião é alegre, e as filhas de Judá, suas aldeias, se regozijam por seus julgamentos.

Assim, os adoradores são aconselhados a considerar bem a bênção de que são parte e a preparar-se para continuar a louvar abrindo Zion, fazendo suas rodadas, contando e contando suas torres, andando com apreciação através de suas grandes casas. Para que eles possam dizer à geração a seguir "que este Deus é nosso Deus, para sempre e até a eternidade". É a Presença de Deus que faz de Sião e Jerusalém o que são; e sua própria existência e aparência são testemunho e instrução dessa Presença.

O poeta fecha seu salmo com uma vigorosa afirmação de confiança na orientação contínua de Deus para sempre. Esta representação do RSV baseia-se na leitura do LXX Alexandrinus. A frase no texto hebraico (' *al-mut*) é praticamente incompreensível, e a grande variedade de leituras apresentadas pelas versões sugerem que tem sido um problema há muito tempo e que a leitura LXX provavelmente é, na melhor das hipóteses, um palpite . Pode até ser, como alguns propuseram, que esta frase final não é original para o salmo. Permanece, apesar de muitas tentativas engenhosas, um enigma não resolvido.

• O salmo 48 indica que a devoção a Jerusalém, como a maior parte da religião de Israel, teve sua origem na apreciação e reação à presença real de Deus. Somente uma compreensão desse fato pode tornar compreensível o papel que Jerusalém veio a desempenhar na fé do Antigo Testamento e, da mesma forma, o efeito devastador que a destruição da cidade e do Templo teve sobre essa fé. Foi, de fato, a percepção obtida neste atordoamento da história que forneceu uma correção necessária para a teologia de Israel da Presença e, assim, estabelecer os alicerces do mais poderoso ato de Deus, a encarnação de Cristo.

49. Reflexões sobre a riqueza da terra

Este salmo pertence à tradição dos sábios de Israel e, como os Salmos 1 e 37, deve ser considerado um salmo da sabedoria. Não é, portanto, um hino ou uma oração, mas sim uma coleção de provas e ruminations vagamente relacionadas a um tema geral e expressas em linguagem às vezes idiomática e às vezes pretensiosa.
O tema particular deste poeta é uma atitude adequada em relação à riqueza do mundo, e sua concentração sobre ela dá a sua composição mais unidade do que a maioria dos poemas didáticos exibem. Mesmo assim, o poema é mais uma antologia de comentários do que um desenvolvimento ordenado e lógico de seu ponto central. Há uma introdução ao poema e a ocorrência do mesmo casal na vv. 12 e 20 sugerem um arranjo de estroma original. Em algum ponto ou pontos na história da transmissão do salmo, no entanto, seu texto sofreu sérios danos. Existem mais de 35 pontos de dificuldade textual ou variação de algum tipo em vv. 5-14 , 18-20 , e tanto a sintaxe como o medidor do salmo são freqüentemente interrompidos.

***Para** o maestro do coro. Um Salmo dos Filhos **de** Corá.*

[1] Ouça isso, todos os povos!

Dê ouvidos, todos os habitantes do mundo,
[2] *tanto baixo quanto alto,*

ricos e pobres juntos!
[3 A] *minha boca deve falar sabedoria;*

a meditação do meu coração deve ser compreensiva
[4] *Inclinarei meu ouvido para um provérbio;*

Vou resolver meu enigma para a música da lira.
[5] *Por que eu deveria temer em tempos difíceis,*

Quando a iniqüidade de meus perseguidores me rodeia,
[6] *homens que confiam na sua riqueza*

e se vangloriam da abundância de suas riquezas?
[7] *Verdadeiramente nenhum homem pode resgatar-se,*

ou dê a Deus o preço de sua vida,
[8] *para o resgate de sua vida é caro,*

e nunca pode ser suficiente,
[9 para] *que ele continue a viver para sempre,*

e nunca veja o Poço.
[10] *Sim, ele verá que mesmo os sábios morrem,*

o tolo e o estúpido devem perecer

e deixar sua riqueza para os outros.
[11] *Seus túmulos são suas casas para sempre,*

seus lugares de habitação para todas as gerações,

embora eles tenham nomeado suas próprias terras.
[12 O] *homem não pode suportar sua pompa,*

Ele é como os animais que perecem.

Dirigindo-se a todos os povos e perguntando ao ouvido de todos os que habitam neste mundo, pessoas comuns e "sangue azul", igualmente ricos e destituídos, o poeta promete, sem divulgar sobre o assunto, alguns bons conselhos. É uma introdução estilística e um "getter de atenção". Ele promete pronunciar palavras de percepção e declara que a meditação de sua mente é ser compreensiva. Nem é o que ele dirá uma invenção própria - os sábios acreditavam que toda a sabedoria veio de Deus. Assim, o poeta confessa que ele próprio irá treinar seu ouvido sobre um núcleo de sabedoria, então liberte ou deixa claro com uma lira sua intriga ou enigma.

Tendo assim cultivado em seu prólogo a curiosidade de seu ouvinte, o poeta vem diretamente ao núcleo da sabedoria a partir do qual ele pretende cultivar uma planta. "Por que", ele pede retoricamente, "eu deveria ter medo em dias de infortúnio?" Dias, ele continua, quando ele está cercado pela perversidade daqueles que estão fora para buscá-lo, pessoas que ele identifica apenas como homens cuja confiança é na sua

riqueza, e que se gabam da abundância de suas riquezas. Existe na pergunta em si uma sugestão de sua própria luta com o problema ao qual ele se dirige a si mesmo, e a impressão é reforçada com o desenvolvimento do poema que grande parte da visão do poeta está enraizada na experiência pessoal.

Um homem certamente não pode dar a Deus seu próprio preço de resgate. O pagamento de resgate para a vida dos homens é muito caro e nunca pode ser reunido para evitar a inevitável viagem ao túmulo. Todos os homens devem morrer, o inteligente, o estúpido e o odioso, e eles devem abandonar aqueles que lhes são seus bens. O túmulo deve ser para eles um local de residência de geração em geração para a eternidade. Embora seja verdade que eles chamam os terrenos da terra (terra) deles, mas o homem não passará mais do que a noite em sua preciosa segurança; Ele é comparável aos animais, que logo deixa de ser.

13 Este é o destino daqueles que têm uma confiança tola,

o fim daqueles que estão satisfeitos com a sua porção. Selah
14 Como ovelhas, são nomeadas para o Seol;

a morte será o seu pastor;
Em linha reta ao túmulo, eles descem,
e sua forma deve desperdiçar;
O Seol deve ser seu lar.
15 Mas Deus resgatará a minha alma do poder do Seol,

pois ele vai me receber. Selah
16 Não tenha medo quando se torna rico,

quando a glória de sua casa aumenta.
17 Pois, quando ele morrer, ele não carregará nada;

Sua glória não vai descer depois dele.
18 Embora, enquanto ele vive, ele se considera feliz,

e, embora um homem receba elogios quando ele faz bem por si mesmo,
19 ele irá para a geração de seus pais,

que nunca mais verá a luz.
20 O homem não pode cumprir sua pompa,

Ele é como os animais que perecem.

A ocorrência do refrão da v. 12 faz uma pausa conveniente no poema, mas não sinaliza qualquer mudança de direção. O poeta continua na mesma linha, se alguma coisa com mais intensidade, como ele descreve a maioria daqueles a quem a loucura é um modo de vida e, de fato, "o mesmo fim daqueles que se dedicam a eles com todas as suas palavras". Eles, como um rebanho de carneiros ao longo, até o Seol. Eles irão direto para o túmulo e apodrecerão deitado no Sheol.

É neste momento, depois de uma multiplicação de seu ponto de vista de que a morte é inevitável e a riqueza do mundo do valor temporal, que o poeta vem com brusquidão dramática com a maior visão de seu poema. É sua convicção, silenciosamente

expressada, que o que ele não pode fazer por si mesmo, o que a riqueza do mundo não pode comprar, Deus fará por ele. "Deus vai resgatar minha vida do poder do Seol. Certamente ele vai me arrancar. "É um testemunho profundo, magnificamente definido contra um contexto que faz brilhar como uma pérola lustrosa. E o poeta não estraga o testemunho, nem o efeito que ele conseguiu, pela moralização ou exposição de qualquer tipo.

Muito foi escrito sobre se o poeta tinha em mente a libertação da morte desse lado da sepultura - libertação de uma doença ou alguma outra crise que, de fato, adiou uma morte não menos inevitável - ou se ele estava dando um dos poucos Antigos Intimidações do testamento de uma vida além da morte, mesmo uma ressurreição. O fato é que essas considerações não são primárias para este poeta, de modo que, em um sentido real, a resposta a essas alternativas não é. O que o poeta *está* atestando é a sua firme convicção de que só Deus pode fornecer um homem com segurança, e que a confiança é o melhor colocado nele e não em riqueza. E o que ele propõe - em uma confissão de sua própria peregrinação - é a descoberta de uma perspectiva nova e diferente e melhor do que aquela pela qual a maioria dos homens vive (ver comentário em 16: 9-11). Como Deus pagará o preço, como ele resgatará não são os sujeitos de seu testemunho - ele se preocupa em dizer que Deus pode e vai fazer o que o homem, por seus próprios esforços, riqueza e posição, nunca pode fazer.

Assim, o poeta volta ao problema das prioridades dos homens e seu conselho com base em seu testemunho, e ele aconselha:

"Não se admita se um homem ficar rico,
se a honra de sua família se multiplicar ".

Pois, em sua morte, esse homem não tomará nada do que ele acumulou, e sua honra não o seguirá até o túmulo. Apesar dos parabéns desta vida e louvor por ter feito bem por si mesmo, ele se juntará à geração de seus pais que viram a luz do dia pela última vez. É uma declaração de arrepios, e assim intenção do poeta, que vem novamente a seu refrão como uma conclusão para sua composição. No texto de L, o refrão é variado ligeiramente, mas, no entanto, apropriadamente:

"O homem em sua preciosa segurança
é sem percepção;
ele é comparável aos animais,
que logo deixa de ser ".

• Assim, o sábio do Salmo 49 defende uma atitude em relação à riqueza da Terra, que é realista. Não deve ser desprezado, e não pode ser ignorado, mas um homem deve ter uma prioridade diferente por completo. É tolo e perigoso colocar a confiança em algo que é ainda menos estável do que o próprio homem, e ainda mais relativo às vicissitudes e à mortalidade da vida. É uma visão de notável profundidade, uma reiterada com maior clareza e ênfase repetida por nosso Senhor (Mateus 4: 7-10 ; 6: 19-21 ; Marcos 10: 17-22 ; Lucas 12: 13-21) e um mais relevante para as necessidades de qualquer sociedade afluente.

50. "Obediente" Desobediência ao povo de Deus

Existe dentro do Saltério uma repreensão não mais vigorosa e específica da enervação da "ocupação" religiosa do que este salmo. Seu contexto é o culto da comunidade da aliança reunida. Sua linguagem é a do profeta culto, que está consternada com o que alguns adoradores fizeram de uma mídia honrada de adoração institucional. Sua autoridade é estabelecida pela Presença do próprio Deus, cujo advento na teofania começa o salmo.
Muitos dos comentadores mais antigos viram no parentesco óbvio entre o idioma de tais salmos como este e a pregação dos profetas canônicos, uma indicação clara de que tais salmos dependiam dos profetas, estavam de fato imitando-os e, portanto, devia publicá-los . Este argumento, claro, corta os dois caminhos, no entanto, e a tendência nos últimos anos foi admitir tal solução como prematura e postular um papel profético cada vez mais ativo dentro do próprio culto. Na verdade, é mais fácil demonstrar que os grandes profetas foram eles próprios muito influenciados pelo culto, em particular pela teologia e a linguagem de seus grandes credos e hinos. Também os profetas não podem ser considerados solitários influenciados pelo culto; eles certamente participaram disso e eles mesmos influentes em sua adoração e direção. O profeta culto era um membro significativo da hierarquia de adoração, e os grandes profetas de escrita do Antigo Testamento estavam, sem dúvida, mais diretamente envolvidos na religião institucionalizada de seus dias do que muitos estavam dispostos a admitir. Assim, tal salmo como este, com a representação de Yahweh que vem julgar o seu povo e a sua exigência vibrante de uma resposta honesta à realidade de Deus, deve ser pensado como uma contribuição do profeta, preparada e entregue no contexto de uma serviço de adoração no Templo.

O título do salmo atribui-lo à coleção de poemas compilados por Asaph. Asaph, como Heman e Ethan, era um condutor-solista do tempo de Davi (1 Crônicas 6: 31-32 , 39 ; 16: 5); e seus "filhos", ou seja, aqueles que fizeram parte de sua abordagem à música de adoração são mencionados com grande regularidade pelo Cronista (2 Crônicas 5:12 ; 29:13 ; 35:15 ; Ezra 3:10 ; Neh. 12:35). Assim, "de Asaph" aqui e nas insinuações aos títulos dos Salmos 73-83 é uma designação de que esses salmos são de um hinário assáfico. Também deve notar-se que o próprio Asaph é designado por 2 Crônicas 29:30 como um profeta culto (*Asaph hachozeh*); não há razão para não poder ser considerado o autor deste salmo particular.

Um salmo de Asafe.
[1] O Poderoso, Deus Senhor

fala e convoca a terra
desde o nascer do sol até a sua configuração.
[2] Fora de Sião, a perfeição da beleza,

Deus brilha.
[3] Nosso Deus vem, ele não fica em silêncio,

antes dele é um fogo devorador,
ao redor dele uma tempestade poderosa.
[4] Ele chama para os céus acima

e para a terra, para que julgue o seu povo:

[5] *"Reúna-me meus fiéis,*

que fez uma aliança comigo por sacrifício! "
[6] *Os céus declaram a sua justiça,*

Porque o próprio Deus é juiz! Selah

O poeta fornece configuração e autoridade para seu poema na recapitulação dramática da teofania culta que começa o salmo. A aparência da Presença de Deus é incrível e impelente; o poeta discute habilmente os símbolos tradicionais da teofania, e embora, como em tantas teofanias cultuais, há conhecimentos da grande experiência teofânica no Sinai, mas cada uma dessas reencenações tem uma nova excitação própria. Com o drama alto, o profeta entende as cadências que são como o majestoso tutti orquestal de uma sinfonia de Mahler.

"Deus, o Senhor Deus falou,

e chamou toda a terra,

do lugar da primeira aparência do sol

para o seu lugar de configuração! "

O brilho da Presença de Deus brilha na teofania de Sião, que é a perfeição da beleza. Deus vem, e não ficará mais silencioso; Ele manteve a paz o máximo possível (v. 21). O fogo que pertence à sua Presença, o acompanhamento que consome de sua Presença, "agarra furiosamente ao seu redor". Ele convida os céus acima e também a Terra para o julgamento de seu povo. Ele pede uma reunião daqueles que são leais a ele - neste caso, aqueles que reivindicam tal lealdade - aqueles que concordaram com ele, selando seu compromisso apropriadamente pelo sacrifício. E os céus em resposta declaram como ele é, "porque o próprio Deus julga justamente!"

[7] *Ouça, ó povo meu, e falarei,*

Ó Israel, vou testemunhar contra você.

Eu sou Deus, seu Deus.
[8] *Eu não repreendo seus sacrifícios;*

suas ofertas queimadas estão continuamente diante de mim.
[9] *Não aceitarei nenhum touro de sua casa,*

nem o bode de suas dobras.
[10] *Pois cada animal da floresta é meu,*

o gado em mil colinas.
[11] *Conheço todos os pássaros do ar,*

e tudo o que se move no campo é meu.
[12] *"Se eu estivesse com fome, eu não lhe diria;*

para o mundo e tudo o que está nele é meu.
[13] *Eu como a carne dos touros,*

ou beber o sangue de cabras?

14 Oferecer a Deus um sacrifício de ação de graças,

e pague seus votos ao Altíssimo;
15 e invoque-me no dia do problema;

Eu o livrarei, e você me glorificará ".

O tribunal está reunido, os arguidos estão no lugar; Yahweh prossegue para a acusação. É definido pelo poeta em duas partes. Nesta primeira parte, o Senhor afirma o que é o lugar apropriado e legítimo do sacrifício no culto de seus leais. Aqueles que consideram esta passagem como uma denúncia do ritual em geral e do sacrifício, em particular, negligenciaram a leitura ou mal entendido o que claramente diz. Na segunda parte (v. 16-23), Yahweh traz acusações e um aviso para aqueles que substituíram os sintomas da religião por sua substância.

Chamando a atenção cuidadosa de seu povo Israel, Yahweh anuncia sua intenção de falar e testemunhar contra eles. Imediatamente a acusação segue, e, de fato, o restante do salmo só pode ser entendido como uma exposição disso. O Senhor já notou duas vezes (v. 5 , 7) que ele se dirige ao povo da aliança; Sua acusação é precisamente o próprio fundamento dos requisitos da aliança a que são obrigados, as primeiras palavras do próprio Decálogo; . Sou Deus, seu Deus! Em Êxodo 20: 2 , a frase é "Eu sou Yahweh, seu Deus", e é muito provável que tenha sido originalmente esse aqui também.

Assim diz o Senhor, no início da passagem que trata do sacrifício, que na verdade não é por causa dos próprios sacrifícios ou dos holocaustos que estão continuamente à disposição de sua Presença, ele perscruta. Ele não arranca novilhos de suas famílias ou cabras de suas dobras - ele não precisa. Todos os animais da floresta são dele; assim também o gado pelos mil nas colinas, que também são dele. Ele conhece de primeira mão todos os pássaros que voam sobre essas mesmas colinas (seguindo o texto Heb., Que o RSV cai a favor de uma leitura versátil) e tudo o que vive e se move no campo é bem conhecido por ele (lit., comigo). Se ele estivesse com fome, dificilmente haveria necessidade de falar sobre isso para os homens, já que o mundo habitado e tudo o que o enche é o seu já. O que é mais, eles certamente não pensam que ele come carne de bois e bebe sangue de bodes. Eles não, claro, pensam assim; nem os tinham, mesmo nos estágios iniciais no desenvolvimento do sistema sacrificial israelita. Mas a questão retórica enfatiza vividamente a diferença entre sua crença real e a implicação de suas práticas religiosas - ou o que é pior, suas práticas religiosas sem qualquer crença real.

O que é necessário, em vez disso, é uma oferta de confissão ou louvor e um cumprimento para o Deus Altíssimo de seus votos para ele. O que Deus quer é a sua aliança devida - verdadeiramente para ser reconhecido como Javé, seu Deus e a conclusão dos votos aos quais se comprometeram a reconhecê-lo como seu Deus. Os sacrifícios, que, naturalmente, não são seus alimentos, são uma expressão apropriada de sua adoração (tão claramente, v. 5 , 8), mas devem estar relacionados com a lealdade da vida e da letra. Então, quando chegar o dia da angústia e eles chamam, ele os retirará e eles lhe darão o crédito.

16 Mas ao Deus perverso diz:

"Que direito você tem que recitar meus estatutos,
ou pegue minha aliança em seus lábios?
17 Para você odeia a disciplina,

e você lançou minhas palavras atrás de você.
18 *Se você vê um ladrão, você é um amigo dele;*

e você mantém companhia com adúlteros.
19 *"Você dá a boca livre para o mal,*

e seus quadros de língua enganam.
20 *Você se sente e fala contra seu irmão;*

você calunia o filho da sua própria mãe.
21 *Essas coisas que você fez e eu fiquei em silêncio;*

Você pensou que eu era um como você.

Mas agora eu te repreenda, e levo a acusação antes de você.
22 *"Marque isso, então, você que se esquece de Deus, para que eu não rasgue, e não há nenhum para entregar!*

23 *Aquele que traz ação de graças como o seu sacrifício* ***me honra;***

para aquele que ordena seu caminho corretamente

Vou mostrar a salvação de Deus! "

Para que seu significado não seja confundido com aqueles que estão dentro do culto que parecem sempre tão capazes de permanecer obtusos à vontade quanto às obrigações que os envolvem particularmente, o poeta se resume a casos. No que diz respeito a esses ímpios, Deus falou muito especificamente, tanto em acusação como em aviso. Que bom faz isso para repetir e repetir novamente seus decretos (estatutos), e assim "assumir" em seus lábios sua aliança? Eles fazem as reivindicações e continuam a fazê-lo, mas não entregam a mercadoria. Eles odeiam a correção e empurraram suas palavras - as palavras do Decálogo e do compromisso da aliança - por trás delas. Quando eles vêem um ladrão, eles se deleitam com sua companhia, e eles formam parcerias com adúlteros. Sua boca está distorcida no mal; sua língua amarra nó de engano. Eles se sentam ao redor e falam contra seu próprio irmão e permitem que ele seja desprezado.

Através de todas essas desobedências, que violam a letra de alguns dos Dez Mandamentos (ver v. 18-20 com Ex. 20: 14-16, também v. 17 com Ex. 20: 1 s.) - e a base, como foi notado de todo o Decálogo: Deus me disse: "Me acordei - você pensou que eu tenho certeza do mesmo que você!". Mas ele promete, ele os julgará e colocará as acusações contra eles antes de seus próprios olhos. Assim, ele pede aos que se esquecem de Deus que prestem atenção cuidadosa para que não se encontrem em dificuldade de que não possam ser libertados. Mais uma vez, enfatiza o que ele espera: uma oferta de confissão ou louvor (ver v. 14 *a*) QUE *lhe* CREDITA- "Eu sou o Senhor, seu Deus"; e a conclusão do "caminho" em que embarcaram (ver 14b). É para tal, de fato, que Deus revelará sua libertação.

• A relevância contemporânea do Salmo 50 é confirmada no fato de que ainda é mais fácil oferecer um touro, sacrificar uma cabra, fazer um presente especial, fazer um trabalho, do que lidar com as duras realidades de uma fé honesta. Ainda é mais popular dizer os mandamentos, falar a religião religiosamente e dizer "Senhor, Senhor!" Do que fazer a vontade de nosso Pai que está nos céus (Mt. 7:21). Deus ainda está com fome de nossa obediência pensativa e comprometida, e tem a menor necessidade de nossa ocupação para manter seu negócio. E seu aviso e sua promessa ainda estão em vigor.

51. Oração de Penitência de um indivíduo

O salmo 51 é devidamente reverenciado como o mais emocionante e memorável dos sete salmos penitenciais. É a declaração mais profunda do que a penitência realmente envolve para ser encontrada no Saltério, pelo menos; muitos diriam em toda a Bíblia. O salmo é da coleção davídica e é atribuído por sua inscrição ao próprio Davi, no tempo em que o profeta Nathan o confrontou com o pecado de seu adultério com Bate-Seba. Que há muito no salmo que bem se adapta à situação de Davi após os eventos relacionados em 2 Samuel 12: 1-23 não pode ser duvidada. Mas, como também há dificuldades em tal tarefa, é melhor abster-se de conclusões dogmáticas sobre a autoria deste salmo, seja para identificá-lo com David ou para negar que se relaciona com a experiência de Davi.

Para o maestro do coro. Um salmo de Davi, quando o profeta Natã veio até ele, depois de ter entrado em Bate-Seba.

[1] Tenha piedade de mim, ó Deus, de acordo com o seu amor firme;

De acordo com a sua abundante misericórdia, apague minhas transgressões.
[2] Lave-me completamente da minha iniqüidade,

e limpe-me do meu pecado!
[3] Pois conheço minhas transgressões,

e meu pecado está sempre diante de mim.
[4] Contra ti, só eu pequei,

e fizeste o que é mau aos teus olhos,
de modo que você seja justificado em sua frase
e irrepreensível no seu julgamento.
[5] Eis que fui criado na iniqüidade,

E no pecado minha mãe me concebeu.
[6] Eis que desejas a verdade no ser interior;

Portanto, ensine-me a sabedoria no meu coração secreto.
[7] Purga-me com hissop e eu limpo;

lave-me, e eu serei mais branco do que a neve.
[8] Encha-me de alegria e alegria;

Deixe que os ossos que você quebrou se regozijem.
[9] Esconda o seu rosto dos meus pecados,

e apague todas as minhas iniqüidades.
[10] Crie em mim um coração limpo, ó Deus,

e colocar um espírito novo e certo dentro de mim.
[11] Não me afaste da tua presença,

e não tire do meu Espírito Santo de mim.

[12] Restaura-me a alegria da tua salvação,

e me sustente com um espírito voluntário.

O poeta começa sua oração com um apelo à misericórdia e ao perdão de Deus. É a única postura adequada para o pecador, cuja queda é inevitavelmente o resultado da variabilidade de sua própria lealdade a Deus, mas que pode depender da consistência absoluta da atitude de Deus em relação a ele. Assim, a oração é para uma misericórdia que está de acordo com imutável amor de Deus (*chesed*) e para um apagamento dos pecados de acordo com a de Deus "ternura multiplicada." Este salmista não divulga o seu pecado era, mas ele reconheceu que tão claramente e inexcusadamente errado. E esse reconhecimento torna o arrependimento inevitável, pois o poeta tão graficamente o coloca, o pecado reconhecido, mas imperdoável, persuade continuamente.

A razão para isso está em uma visão ainda mais notável sobre o verdadeiro significado do próprio pecado, seja qual for sua motivação, sua paixão, seu efeito, em si mesmo e em outros, é sempre basicamente e finalmente um pecado contra Deus, somente contra Deus. Como é Deus, que é a norma e a razão da justiça do homem, é Deus contra quem todo pecado é um ataque, a quem todo pecado é uma afronta. Isso não quer dizer, é claro, que nenhum outro é ferido pelo pecado, mesmo sendo mais danificado de todos. É dizer que, seja qual for o dano para o próximo ou para si, é Deus quem sofre a maior parte e sempre. Esta é verdadeiramente uma visão profunda, e uma que antecipa o conceito de servo-redentor que sofre e, de fato, a morte de Cristo no Calvário também.

Assim, o poeta declara que seu pecado é, em última instância, contra Deus somente, que o que ele fez é o mal a primeira vista de Deus, e que Deus é, portanto, justificado em suas acusações e apropriado em seu veredito.

Tendo confessado sua pecaminosidade e seu significado terrível, o poeta adianta confessar também o contexto pecaminoso de que é parte e fazer mais específico o pedido dele para a misericórdia de Deus. Ao fazê-lo, ele mostra uma honestidade e um realismo que só pode ser alcançado por aqueles que se vêem como realmente são em vista do que Deus é. A perversidade na qual ele nasceu e o pecado (culpa, *chet'*) em que sua mãe o concebe não deve ser entendido como qualquer tentativa de auto-justificação através de um conceito de pecado hereditário ou depravação congênita. O poeta está admitindo uma culpa coletiva e individual e, portanto, confessa mais culpa e não menos. Os comentaristas que aplicaram a esta passagem uma noção de mal inerente transmitido biologicamente introduziram uma idéia que é estranha à Bíblia. Na verdade, Weiser (p. 405), corretamente, compara v. 5 com a confissão de Isaías (6: 5).

É apenas dentro de um contexto de falta de confiança geral que o que Deus realmente quer, pode ser visto de forma tão dramática e tão desesperadamente necessária. Assim, o poeta conecta os dois com a repetição de Behold e declara que o que Deus realmente anseia é honestidade dentro de um homem, onde suas prioridades são estabelecidas e suas decisões tomadas. Na verdade, o poeta está convencido de que Deus lhe ensinará a visão "em uma coisa oculta". O RSV no meu coração secreto é uma conjetura baseada mais na interpretação tradicional do que no que o texto hebraico realmente diz. O significado da frase não é inteiramente claro, mas é provável que o poeta tenha referência à percepção que ele ganhou em seu esforço com o misterioso mistério da vontade de cada homem de se rebelar contra Deus.

Assim, o poeta especifica seu pedido de misericórdia e em linguagem que delineia claramente sua dependência das expressões recorrentes do culto. Ele pede para ser liberado do pecado com hisopo, provavelmente a planta majoram freqüentemente usada em cerimônias de purificação e limpeza (ver Ex. 12:22 ; Levítico 14: 4 e seguintes : Num. 19: 6 ss.) "E I será puro "Se apenas Deus lavá-lo (a referência às cerimônias de lustração-cf.. Lev. 15: 5-8 ; Nm 19: 7 segs.. ; Ez 36:25.), ele será mais branco do que a brancura da própria neve! Ele reza para que ele possa mais uma vez ouvir, isto é, participar da alegria e alegria do louvor de Deus, e que Deus fará o quadro que ele esmagou (justificadamente, na agonia da luta do poeta com o pecado dele - ver v. 4 *b*) "pular de alegria" no êxtase de louvar a adoração.

Mais uma vez, o salmista demonstra a consciência aguda de seu pecado e o que ele realmente pode esperar por causa disso em uma seqüência de pedidos de Deus. Ele pede que Deus esconda sua presença de seus pecados; apague todas as suas perversidades (ver v. 1); crie para ele um coração puro (mente); renovar dentro dele um espírito confiável; resistir a expulsá-lo da Presença divina; evite arrancar dele o Espírito Santo, com quem deseja estar em comunhão; e restituir a ele tanto a alegria da libertação divina quanto o espírito voluntário ou generoso que o apoiará ao fazer o que é certo. É uma lista notável de pedidos, incorporando o reconhecimento da necessidade urgente de Presença de Deus, a incompatibilidade de uma vida pecaminosa com esse desejo, a convicção de que Deus pode tornar o registro do pecado nulo e vazio, a visão de que a vida certa causa um coração puro e um espírito confiável, e a consciência de que Deus deve entregar o homem e também conceder-lhe a vontade de seguir a estrada.

13 Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos,

e os pecadores voltarão para ti.
14 Livra-me da corrupção de sangue, ó Deus,

Deus de minha salvação,

e minha língua cantará em voz alta de sua libertação.
15 Ó Senhor, abre os meus lábios,

e minha boca mostrará o seu louvor.
16 Pois não tem prazer no sacrifício;

se eu fizesse um holocausto, não ficaria satisfeito.
17 O sacrifício aceitável para Deus é um espírito quebrado;

um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezará.

Assim, o salmista chegou a sua promessa, que também é parte (versos 14 , 17), uma continuação de sua confissão penitente. É sua intenção compartilhar o que lhe foi ensinado a partir do oculto (v. 6); Ele promete ensinar os caminhos de Deus aos transgressores, e assim converter os pecadores a Deus. Se Deus o livrará da culpa do sangue, isto é, qualquer pecado que possa significar o fim de sua vida, ele cantará o louvor a sua justiça. Se Deus abrirá os lábios, sua boca declarará o seu louvor. Na verdade, está na plena confissão do que ele fez e do que estava dentro dele, que a sua percepção chegou, e não através da rodada de sacrifícios e holocaustos oferecidos por meio dos quais ele procurou manter as aparências e em que Deus não tem prazer (cf. . Comente no50: 7 ss.). Seu sacrifício foi o necessário em seu caso - "um espírito

quebrantado de penitência" e "um coração quebrado e esmagado". Estes, Deus não condenará; o blefe e o hipocrita, seja no ritual ou na confissão, ele sempre o fará.

18 Faze o bem a Sião no teu prazer;

reconstrua os muros de Jerusalém,
19 então você se deleitará com sacrifícios justos,

em ofertas queimadas e holocaustos inteiros;
então serão oferecidos touros no seu altar.

Os dois versos finais do Salmo 51 foram amplamente, e há muito tempo, reconhecido como uma adição exilic a um poema anterior. Eles parecem postular uma Jerusalém arrasada e uma adoração descontinuada lá e esperamos a restauração de Deus de ambos. Nesse momento, diz o poeta exilic, obviamente mais preocupado com um tema que é realmente acessório para o autor do poema anterior, Deus aproveitará os sacrifícios certos que serão trazidos para o altar. A qualificação correta ou honesta é o único parentesco com o significado do poeta de vv. 1-17 .

• O Salmo 51 forneceu as palavras necessárias aos pecadores sem palavras com mais freqüência, sem dúvida, do que qualquer outra oração no Saltério. Multiplica os termos para o pecado e seu contexto, e também as palavras e imagens para a limpeza radical que esse pecado exige. Ele enfatiza a necessidade urgente do homem de Presença de Deus, uma Presença que o pecado aliena e somente o arrependimento pode restaurar. Refere-se ao mistério da rebelião contínua e obstinada do homem e também às respostas evasivas do homem às perguntas que Deus não perguntou. É um dos mais profundos e necessários tesouros do Saltério. E, muitas vezes, é lido e freqüentemente citado em culto público e privado, continua a ser um guia para o que deve ser uma descrição do que é.

52. Um homem de fé, um braggart sem fé

Salmo 52pertence a um grupo de poemas dentro do Saltério, que descrevem e criticam aqueles que, por causa de sua indiferença em Deus, sua independência em riqueza e o mau uso de seus semelhantes (em particular aqueles que são fiéis a Deus) são considerados pela os salmistas como inimigos de Deus, bem como os seus próprios. É à luz de tal fato que sua linguagem vituperativa, que cai com tanta dureza sobre os ouvidos cristãos, deve ser interpretada. Há também um elemento intensamente pessoal em tais salmos, devido, por vezes, à identificação do poeta com o que ele entende ser a causa de Deus, às vezes a sua identificação com a causa daqueles que estão sendo oprimidos, e às vezes a sua sensação de que ele próprio está sob ataque injustificado. Em alguns poemas, uma combinação de dois ou mesmo os três desses fatores é aparente.
O salmo é identificado por seu título como um Maskil da coleção davídica e está conectado com Doeg the Edomite, cujo relatório para os movimentos de Saul de Davi precipitou o massacre dos sacerdotes em Nob (1 Sam. 22: 9-19). Enquanto algumas das acusações do poeta são, sem dúvida, aplicáveis a Doeg, o contexto histórico pressuposto pelo próprio salmo (por exemplo, a referência aparente ao Templo no v. 8 e

a falta de qualquer referência ao massacre selvagem na Nob) identificação altamente improvável.

Para o maestro do coro. Um Maskil de David, quando Doeg, o Edomite, veio e disse a Saul: "Davi veio à casa de Ahimeleque".

[1] Por que você se vangloria, ó homem poderoso?

de maldade contra o piedoso?

Todo o dia [2] você está planejando a destruição.

Sua língua é como uma navalha afiada,

você trabalhador de traição.

[3] Você ama o mal mais que o bem,

e mentir mais do que falar a verdade.

Selah

[4] Você ama todas as palavras que devoram,

O língua enganosa.

O poeta mergulha diretamente no coração de sua preocupação com uma pergunta retórica sarcástica e uma afirmação da fé que carece tanto daquele que ele acusa e tão vital para ele: "Por que", ele pergunta, "você se gabava de maldade, grande homem ? O amor imutável de Deus dura todo o dia! "O texto hebraico da última parte do verso aparentemente sofreu danos. Existe uma variância entre as versões que se refletem nas traduções. O RSV lê as duas últimas palavras com o seguinte verso. A tradução sugerida aqui segue o texto hebraico mais literalmente. Em uma palavra, o amor de Deus é suficiente para todos, o tempo todo; Portanto, não há necessidade nem desculpa para o comportamento deste "grande tiro". No entanto, ele pensa que a destruição deve ser entregue pela língua, aguçado como uma navalha e fazendo engano. Ele ama o mal mais do que o bem, um discurso mais que honesto, cada palavra destrutiva. Na verdade, é apenas uma linguagem enganosa. O que a natureza ou o objeto desta calúnia era, o poeta nunca diz; mas que considerou isso serio é mostrado pela predição ou maldição que se segue.

[5] Mas Deus o quebrará para sempre;

Ele arrebentará e rasgará você da sua tenda;

Ele arrancará você da terra dos vivos. Selah

[6] Os justos verão, e temem,

e deve rir dele, dizendo:

[7] "Veja o homem que não faria

Deus, seu refúgio,

mas confiava na abundância de suas riquezas,

e procurou refúgio em sua riqueza! "

[8] Mas eu sou como uma oliveira verde

na casa de Deus.

Confio no amor firme de Deus

Para sempre e sempre.

[9] *Agradeço-te para sempre,*

porque você fez isso.

Proclamarei o teu nome, pois é bom,

na presença do piedoso.

Deus, o poeta prevê (o texto pode ser lido com a mesma justiça como uma maldição, "Deus deus ..."), irá lidar severamente com esse bárbaro perverso. Ele o derrubará para sempre; ele o agarrá-lo, puxá-lo de sua morada e arrancá-lo da terra dos vivos. O que parece ao fanfarrão sem fé, de modo a garantir uma posição é desmoronar diante de seus próprios olhos, e ele mesmo deve morrer. Esta queda, além disso, deve ser testemunhada por homens honestos, para o desgosto do fanfarrão e sua grande satisfação; eles irão reverenciar Deus como resultado e rir das custas do fanfarrão. Assim, o salmista aguenta o ridículo e, como exemplo, "esse grande homem" que coloca sua confiança na abundância de sua riqueza e não em Deus.

Em contraste com a segurança oca desta vida construída sobre o engano e a destruição é a própria vida do salmista. Sua confiança foi colocada no amor imutável de Deus para todo o sempre, e ele é, portanto, como uma oliveira verdejante por causa da hospitalidade ou da graça de Deus em relação a ele. Na casa de Deus não se refere literalmente ao Templo sozinho, mas a todo o conceito da graciosa Presença de Deus e à hospitalidade simbolizada por ela, como no Salmo 23: 6 . Não pode haver uma oliveira que cresça dentro do Templo, como pode implicar a representação de RSV.

Assim, o salmista louve Deus para sempre por causa do que ele fez. E assim ele aguarda a Presença de Deus (ou esperança em seu nome, *shem*), o que é bom, na companhia daqueles que, como ele, permanecem leais a Deus. A clara implicação é que Deus, que atuou antes, agirá novamente, efetuando o cumprimento da predição de vv. 5-7 e entregando o poeta e aqueles que, como ele, foram ambos caluniados e maltratados pelo homem de riqueza orgulhoso de sua iniqüidade.

• Um salmo que contém tais alusões pessoais e parece tão claramente casado com uma situação histórica particular levanta questões sobre qualquer uso contínuo no culto de Israel e, por sua vez, perguntas sobre como ele veio tanto no intermediário (o Davidic) quanto na coleção final do Saltério. Alguns comentaristas procuraram resolver este problema ao negar que o salmo já teve algum uso na adoração; Tal explicação, no entanto, levanta mais um problema do que resolve, pois nega a base da presença do salmo no Saltério.

O que parece ser o caso, no Salmo 52 e outros como ele, é um salmo originalmente relacionado ao contexto que deu origem ao uso encontrado em contextos gerais diferentes, mas semelhantes. Tal explicação explica não apenas a sua presença no Saltério, mas também explica a sua cuidadosa evitação de quaisquer referências tão definidas e detalhadas que limitam a sua utilização contínua. Pode ser proposto que essas referências, se fossem incluídas no todo, foram removidas pelo autor ou por uma mão editorial à medida que o salmo entrou em uso repetido na adoração pessoal e corporativa. Este salmo, e outros relacionados com ele, podem ser pensados como um elemento recorrente no culto israelita, que se aplicava aos problemas contínuos da constante da Presença de Deus e do amor imutável.

53. O fato de Deus, a insensatez do homem (2)

Para o maestro do coro: de acordo com Mahalath. Um Maskil de David.
1 O tolo diz em seu coração,

"Deus não existe."
Eles são corruptos, fazendo iniqüidade abominável;
Não há nenhum que faça o bem.
2 Deus olha para baixo do céu

sobre os filhos dos homens
para ver se há algum que seja sábio,
que buscam Deus.
3 Eles caíram todos;

todos são depravados;
não há nenhum que faça o bem,
não, não um.
4 Tenha aqueles que trabalham mal sem entender,

que comem meu povo enquanto comem pão,
e não invocar Deus?
5 Eles estão, com grande terror,

no terror, como não foi!
Porque Deus espalhará os ossos dos ímpios;
eles serão envergonhados, pois Deus os refazou.
6 ***O*** *que a libertação para Israel viria de Sião!*

Quando Deus restaura a fortuna de seu povo,
Jacó se regozijará e Israel se alegrará.

Como já foi observado, este salmo é preservado duas vezes no livro dos Salmos; Por conseguinte, é feita referência aos comentários sobre o Salmo 14 , aparentemente o mais cedo das duas versões, e apenas as diferenças no texto das duas cópias serão notadas aqui.

O salmo 53 difere do Salmo 14 em 11 pontos, apenas um dos quais altera o sentido essencial do que o poeta diz. O título do salmo atribui-o ao hinário davídico em ambos os casos, mas as palavras "de acordo com Mahalath" são somadas ao título do Salmo 53 . Mahalath foi explicado como tendo a ver com doença (de *Chalah*), como o nome de uma melodia ou cenário musical para o salmo, ou mesmo, pelos tradutores do LXX, como um nome próprio (*Maeleth* , cf. 1 Chron. 23:21 , 23). Nenhuma dessas explicações é mais do que um palpite, no entanto, e é melhor considerar o Mahalath como outro termo técnico dos títulos do salmo, cujo significado já está perdido.

A única diferença real no sentido das duas versões do salmo ocorre na v. 5 do Salmo 53 , que começa como v. 5 do Salmo 14 , depois acrescenta um total de dez palavras

que não ocorrem no Salmo 14 . Esta adição, no entanto, é praticamente equilibrada pela omissão das seis palavras do v. 6 de

Salmo 14 , porque o Salmo 53 se move diretamente da v. 5 para o versículo final de ambas as cópias do salmo. A renderização RSV de 53: 5 é baseada no texto LXX e Syriac; O texto hebraico é aparentemente corrupto. Aqueles que estão em grande terror são os "tolos" que ignoraram Deus e procuraram confundir seu povo. Eles são devidos por ele, então seu medo sem precedentes é compreensível.

Esta variância nas duas versões do texto do mesmo salmo é mais provável que seja explicada na sugestão de que o texto do Salmo 53 representa uma transmissão corrompida da estrofe final (ver comentário 14: 7) do poema original, mas que foi suficientemente reverenciado no uso para resistir à alteração quando as coleções foram reunidas.

• Inquestionavelmente, o maior valor da dupla presença deste salmo no livro dos Salmos é a evidência que proporciona uma compreensão da compilação do Saltério. Um segundo valor e relacionado é a luz que derrama sobre o processo editorial pelo qual o saltério "elohista" surgiu.

54. Um pedido de libertação de inimigos

Esta oração por libertação é, como tantos de seus companheiros no Saltério, um pedido de ajuda e uma confissão de certeza de que a ajuda é certa. Na verdade, a certeza está tão certa que alguns comentaristas consideram que este e salmos semelhantes são poemas retrospectivos, escritos após a ajuda de Deus, encerraram a crise e compuseram como testemunho da comunidade de adoração. Esses salmos podem ser, claro, mas podem igualmente representar petições, promessas e confissões dentro do contexto da própria crise.
O salmo é identificado por sua inscrição como pertencente à coleção davídica e está relacionado com a traição dos Ziphites ao trair o esconderijo de Davi a Saul (1 Sam. 23: 15-21). A conexão não é, no entanto, corroborada pelo texto do salmo e é melhor considerada como uma sugestão algo arbitrária.

Para o corista: com instrumentos de cordas. Um Maskil de David, quando os Ziphites foram e disseram a Saul, "David está escondido entre nós".

[1] Salve-me, ó Deus, pelo seu nome,

e me reivindique por sua força
[2] Ouve a minha oração, ó Deus;

Ouça as palavras da minha boca.
[3] Para homens insolentes se levantaram contra mim,

homens implacáveis procuram minha vida;
eles não colocam Deus diante deles. Selah
[4] Eis que Deus é meu ajudante;

O Senhor é o líder da minha vida.
[5] Ele recompensará os meus inimigos com o mal;

Na sua fidelidade, acabou com eles.
[6] *Com uma oferenda de livre-arbítrio, eu te sacrificarei;*

I** dará **graças ao teu** nome, ó Senhor, porque é **bom.
[7] *Porque me livraste de todo problema,*

e meus olhos olharam em triunfo sobre meus inimigos.

Como é freqüentemente o caso dos salmos "lamentantes", o poeta começa com seu pedido de ajuda. Ele pede a Deus para libertá-lo pelo seu nome, para defender ou defender ele por seu poder. É uma oração que o salmista urgentemente quer ouvir, porque ele está prestes a ser dominado por homens insolentes que são muito poderosos para ele resistir sozinhos, e eles estão atrás de sua própria vida. A oração pela ajuda do poder de Deus que a Sua presença traz é direto ao ponto de A necessidade do salmista. Esses homens tirânicos, além disso, merecem ser tratados, porque eles não fizeram um lugar para Deus em suas vidas.

Que o seu argumento é confiante, o poeta agora demonstra por uma confissão que é uma mistura de experiências passadas e confiança presente. Ele afirma que Deus é um ajudante para ele, que ele está com aqueles que procuram preservar sua vida, e que ele voltará para os que estão emboscados por ele seu próprio mal. Mais uma vez o poeta reza, desta vez estimulado pelo pensamento de seus aspirantes a assassinos, "na sua firmeza [a *verdade* , a certeza da justiça justa de Deus], destrua-os".

Está seguindo esta petição que o salmista faz sua declaração de fé mais inabalável na resposta certa de Deus. A declaração é o resultado lógico e inevitável da crença do poeta em Deus e da justiça de sua causa (v. 1 , 4 , 6, 7 , 3 , 5), e ele já está preparado para fazer o sacrifício e juntar-se ao louvor que normalmente viria após a libertação. Ele chama o sacrifício, de fato, uma oferta espontânea ou voluntária; Após a libertação, seria um presente obrigatório, um presente de realização ou conclusão. E ele está igualmente pronto para elevar seu hino de louvor ao nome de Yahweh, aquilo que ele já conhece e que ele certamente antecipa - talvez já esteja se sentindo - de novo. Para, ele confessa novamente, Deus o arrebatou de todas as aflições do passado e permitiu-lhe olhar com prazer, em vez de apreensão, sobre seus inimigos. Ele não tem nenhum motivo para duvidar que o mesmo esteja prestes a ocorrer de novo.

• É o elemento de fé constante, paciente e confiante na certeza e justiça do envolvimento de Deus nos assuntos dos homens, que é a característica mais convincente dos salmos de lamentação. Sua poesia é frequentemente emocionantemente eloquente, mas às vezes maudlin. Sua disposição às vezes é generosa, mesmo auto-depreciativa, mas às vezes furiosamente e viciosamente vingativa. O seu humor às vezes é calmo; mas, mais frequentemente, está desesperado. No entanto, a sua grande constante é a firme convicção de que Deus ouvirá, e que, no seu próprio tempo e em seu próprio caminho (apesar das sugestões algumas vezes apontadas sobre como) ele irá agir. É a fé que é maravilhosa nos grandes hinos de louvor, onde é de se esperar; Mas nessas orações da crise e da gama da agonia da necessidade humana, essa fé não é nada além de incrível.

55. Lamentação de um perseguido e traído

Este lamento da coleção davídica é a oração em movimento de um indivíduo no que só pode ser descrito como um ambiente hostil. Ele está sob ataque por razões e formas que ele não especifica. Ele ficou desapontado muito amargamente por um amigo. Sua vontade de resistir é quase tudo; Se pudesse, ele estaria bem longe de onde ele está.
O texto hebraico do salmo é muito difícil em alguns lugares. Isso, além do que parece ser algum distúrbio na sequência de versos e uma mudança complicada do número de pronomes e dos tempos dos verbos, levou alguns comentaristas à visão de que o salmo é realmente uma síntese de dois poemas separados. Mas não há evidências satisfatórias para tal visão, e provavelmente é mais correto explicar a dificuldade do texto como corrupção na transmissão e o aparente desordem da ordem do poema como resultado da grande agitação mental do poeta. O contexto da oração em si não pode ser postulado com certeza, mas a sugestão mais provável é o Templo (nota v. 1-2 *a* , 16-17, 19, 23).

Para o corista: com instrumentos de cordas. Um Maskil de David.
1 Dê ouvidos à minha oração, ó Deus;

e esconda-se não da minha súplica!
2 Atende-me e responde-me;

Eu sou superado pelo meu problema.
Estou perturbado 3 pelo barulho do inimigo,
por causa da opressão dos ímpios.
Pois eles trazem problemas para mim,
e com raiva eles apreciam a inimizade contra mim.
4 Meu coração está angustiado dentro de mim,

Os terrores da morte caíram sobre mim.
5 O medo e o tremor vêm sobre mim,

e o horror me aborrece.
6 E eu digo: "Ó que eu tinha asas como uma pomba!

Eu voaria para longe e ficaria em repouso;
7 sim, eu vagava de longe,

Gostaria de entrar no deserto, Selah
8 Eu gostaria de me encontrar um abrigo

do vento furioso e da tempestade ".

O poeta começa sua queixa com o pedido urgente de uma audiência de Deus, multiplicando o pedido por uma repetição quádrupla: Dê ouvidos, não esconda (não se retire), participe (ouça) e responda. Ele se descreve como agitado em sua turbulência mental - ele não consegue pensar em nada além de seu problema - e ele está em grande agitação por causa do que assumiu para ele as proporções de um cerco ruidoso por seus inimigos. Ele ouve o seu grito e grita e se queixa de que eles estão trazendo o sofrimento batendo contra ele e atacando com raiva. Seu coração "bate forte" dentro dele, ele é agarrado pelos terrores da morte. Terror e tremor varrem sobre ele, e horror o

vestindo como uma peça de vestuário. Se apenas alguém lhe desse asas, como uma pomba tem asas, ele voaria para longe e ficaria seguro - "voe para a distância distante,

9 Destrua os seus planos, ó Senhor, confunda as línguas;
pois vejo violência e conflitos na cidade.
10 Dia e noite eles vão por aí
em suas paredes;
e o mal e o problema estão dentro dele,
11 ruína está no meio dela;
opressão e fraude
não se afaste do seu mercado.
12 Não é um inimigo que me ridiculariza -
então eu poderia suportar isso;
não é um adversário que negocia insolentemente comigo -
então eu poderia esconder dele.
13 Mas é você, meu igual,
meu companheiro, meu amigo familiar.
14 Nós costumávamos abraçar o doce juntos;
Dentro da casa de Deus, caminhamos em comunhão.
15 Que a morte venha sobre eles;
Deixe-os descer ao Sheol vivo;
Deixe-os ir embora com terror em seus túmulos.

O pensamento do que ele está sofrendo traz raiva, e ele reza para que Deus os engula e confunde suas línguas. A última petição parece ter em mente o julgamento de Deus sobre os rebeldes em Babel (Gênesis 11: 6-9), e o poeta parece que essa ruptura do acordo cooperativo desses adversários perversos seria bom para ele e

a cidade, onde eles provocaram violência e disputa. Os versículos 9b-11 referem - se ao contexto que magnifica tanto o próprio sofrimento do poeta. Seus adversários são uma fonte de dificuldades, problemas, destruições, violência e fraude para sua cidade (nunca foi nomeado, embora Jerusalém seja um palpite razoável). Eles bloquearam a cidade, por assim dizer, de suas paredes para suas "ruas" ou "tribunas amplas" dentro. E só se pode assumir que seu ataque ao salmista é resultado de sua oposição às suas depredações.

Está em meio a uma situação tão crítica, quando os amigos confiáveis são tão vitalmente necessários, que o poeta sofreu uma traição que quase quebrou sua resistência. Com uma pungência, ele confessa que seu principal adversário não é um inimigo. É mais o seu amigo, seu companheiro, seu amigo íntimo, um com quem sua comunhão no culto foi doce na casa de Deus e na procissão festal. O salmista move-se com dor inconfundível através da série de associações com este amigo pérfido, culminando na mais preciosa e sagrada associação de todos, companheirismo na fé, na Presença de Deus. É um vínculo que, se real, deve ser inquebrável, e o poeta fica impressionado com as implicações da ação do amigo.

Novamente, o salmista é dominado por uma ira que melhor representa a sua humanidade do que a sua piedade, e ele chora pela morte para surpreender aqueles que estão contra ele, "no auge da vida". É uma oração justificável, ele sente, porque eles - os adversários e o antigo amigo - são atraídos por males, em suas casas, no meio deles. Então lê o texto hebraico, que o RSV abandona para uma leitura conjeturada.

16 Mas invoco Deus;

e o Senhor me salvará.
17 Noite e manhã e ao meio dia

Eu pronunciei minha queixa e lamento,
e ele ouvirá minha voz.
18 Ele livrará minha alma em segurança

da batalha que eu mandei,
pois muitos estão dispostos contra mim.
19 Deus dará ouvidos e os humilhará,

aquele que é entronizado de antigamente, porque não mantêm nenhuma lei,
e não temas a Deus. Selah
20 O meu companheiro esticou a mão contra os amigos dele,

Ele violou sua aliança.
21 O discurso dele foi mais suave do que a manteiga,

ainda a guerra estava em seu coração;
Suas palavras eram mais suaves que o petróleo,
ainda eram espadas desenhadas.
22 Transmita sua carga sobre o SENHOR,

e ele irá sustentá-lo;
ele nunca permitirá
o justo para se mudar.
23 Mas tu, ó Deus, os derrubarás

no poço mais baixo;
homens de sangue e traição
não devem viver a metade dos seus dias.
Mas eu confiarei em ti.

É claro para o poeta que seu único recurso é Deus, e ele confessa sua confiança no apelo com que ele começou sua oração. Ele implorará a Deus, ele diz com enfaísmo, e o Senhor o salvará. Será uma oração constante; ele murmurará sua queixa e geme, noite, manhã e meio dia, e Deus ouvirá sua voz. Ele resgatará a vida do poeta em segurança (em uma peça) da guerra que se desencadeia sobre ele, de muitos que o pressionam. Tanto este versículo (18) quanto a seqüência de que faz parte sofreram danos na transmissão e várias traduções são possíveis. O significado geral, no entanto, não é obscurecido por nenhuma das possíveis traduções. Deus ouvirá e humilhará esses

homens perversos que não permitem que nada os altere. Ele é quem foi e permanece inalterado por seus antepassados ou por eles.

O pensamento de mudança e de falta de reverência por Deus traz a mente torturada do salmista de volta ao espanto que ele simplesmente não consegue resolver - a traição por seu amigo erst-while. Ele colocou a mão contra aqueles que lhe deram boa vontade, medita. Ele desconsidera a promessa da aliança. Suas palavras eram de manteiga, mas a guerra estava em sua mente. Seu discurso era liso de óleo, mas cada palavra era uma espada nua brilhante.

De repente, o poeta muda novamente para a confissão de sua confiança em Deus. É como se ele não pudesse continuar; A traição que ele luta para entender, e não pode, lembra novamente a sua única e segura fonte de ajuda. Assim, ele aconselha, ele mesmo, mais do que qualquer um: "Transmita a Yahweh sua preocupação" e ele irá sustentar você. Ele tem certeza de que Yahweh nunca permitirá que um homem honesto tropeça.

Mas, novamente, a intensa agitação mental que ele admitiu (v. 2) afirma-se, e ele reza para que seus inimigos, para ser presumido que o ex-amigo incluído, possam ser jogados no poço da destruição. Eles são homens de sangue e engano, que farão com o que são "cortados seus dias ao meio". Em contraste (novamente a mudança de pensamento), a confiança do salmista está em Deus.

• O Salmo 55 é a composição de uma alma com grande ansiedade e ainda maior consternação. Seu autor está apegado à sua confiança na soberania imutável e incontestável de Deus, pois um afogador se apegaria a uma madeira. Mas sua mente está no caos monstruoso e na traição pelo qual ele está sendo golpeado, assim como o olho do homem afogando seria em grandes ondas e tubarões viciosos. Suas reações são viscerais, é verdade. Mas apenas um idealista míope não sentiria nenhum parentesco com ele.

O contraste que o salmo como um todo apresenta é o seu recurso mais instrutivo. É um contraste que o salmista faz diretamente no verso final de seu poema, e é aquele sobre o qual sua atenção foi fixada um pouco, mesmo que seja, por causa de sua situação. Mesmo assim, ele se destaca vividamente o suficiente para o leitor. Simplificando, pode ser dito assim: a relação de Deus com os homens não é relativa às vicissitudes que afetam a relação dos homens com os homens. Enquanto os homens, mesmo os amigos mais íntimos, podem decepcionar, assim como eles mesmos estão desapontados, Deus nunca o fará, apesar do que os homens podem ser ou fazer. Assim, a confiança é colocada bem.

56. A segurança da confiança em deus

O texto hebraico do Salmo 56 sofreu tanto dano na transmissão que é muito difícil de traduzir e, em conseqüência, difícil em pontos para entender. As dificuldades que apresenta levaram inevitavelmente a uma ampla e às vezes incrível variedade de conjecturas emendatórias, algumas das quais são úteis, algumas das quais são muito engenhosas, e algumas das quais lançam mais escuridão do que a luz. Trabalhando a partir da premissa de que um texto extremamente corrupto é motivo de cautela em vez de composição gratuita, pode-se propor que o salmo, tal como se encontra, parece não ter sido nem uma lamentação nacional nem real, mas sim a oração

necessária e confiável de um desconhecido Individual. A organização atual e difícil é devido à corrupção textual e também à extrema agitação de seu autor original.

O salmo é do hinário davídico, e seu título direciona o maestro que se encarregará do seu uso na adoração para colocá-lo em uma melodia intitulada "A pomba no farofa Terebinths", sem dúvida um musical elegíaco e obscuro fundo. O título também conecta o salmo com o episódio da vida de David, que é registrado em 1 Samuel 21: 10-22: 1 . No entanto, não há referência no salmo para apoiar a conexão, e nenhuma referência na passagem em 1 Samuel aos filisteus aproveitando David em Gath, como diz o título. Que David pensou que eles poderiam, e assim tomou passos inteligentes para evitar tal eventualidade, é o ponto da história. Assim, a alusão ao título é melhor considerada como a sugestão arbitrária de um editor tardio que estava tentando afirmar a autoria de Davidic para o salmo.

Ao maestro do coro: de acordo com The Dove on Far-off Terebinths. Um Miktam de Davi, quando os filisteus o pegaram em Gath.
1 Tenha graça comigo, ó Deus, pois os homens pisam-me;

O dia inteiro me oprime;
2 meus inimigos atropelam-me durante todo o dia,

pois muitos lutam contra mim com orgulho.
3 Quando tenho medo,

Confio em ti.
4 Em Deus, cuja palavra eu elogio,

em Deus eu confio sem medo.

O que a carne pode me fazer?
5 Durante todo o dia, procuram ferir minha causa;

Todos os seus pensamentos estão contra mim para o mal.
6 Eles se unem, eles espreitam,

Eles observam meus passos.
Como esperaram pela minha vida,
7 para recompensá-los pelo seu crime;
na ira derrube os povos, ó Deus!

O poeta atinge desde o início uma nota de urgência em relação a sua situação. Ele está pressionado. Seus inimigos declararam guerra a ele e estão respirando pelo pescoço dele. Eles pressionam o ataque ao longo do dia. Eles o emboscam. Eles lutam contra ele em grande número e se orgulham disso. Este uso da metáfora de guerra pelo salmista é aqui entendido apenas como uma metáfora e não como uma referência a uma campanha militar real.

Um ataque tão concertado e implacável é motivo de medo; e sempre que tem medo, o poeta professa, ele confia em Deus. É a palavra de Deus (promessa ou justa ação) que ele elogia. E tendo confiado em Deus, ele não temerá. Na verdade, ele não tem motivos para temer. Com esse aliado, o que pode fazer carne e sangue, homem mortal, para ele?

Voltando da confissão a lamentar, o poeta descreve com uma imagem diferente a opressão a que está sujeito; Os inimigos agora são retratados como brigands coniventes que se espreitam na emboscada. Durante todo o dia, eles falam contra ele, todos os seus pensamentos apenas para o mal. Eles se aglomeram e esperam escondidos. Eles tomam nota cuidadosa de seus próprios passos para que eles possam antecipar seus movimentos e ele está emboscado por sua vida. O recontar traz o poeta para uma exasperação renovada. Ele pede desesperadamente: "Há uma fuga para eles, apesar da sua maldade?" O versículo 7 é difícil, mas a conjectura do RSV é sem apoio textual ou versional. A tradução sugerida aqui introduz *'ayin*como a terceira palavra do verso com base no texto preservado pelo LXX, o Syriac e Jerome. É a expressão de uma crescente impaciência; os inimigos parecem estar fugindo com a escavação e o poeta não pode cumpri-lo. Ele ataca, na ira derrubou essas pessoas, ó Deus!

O texto hebraico do v. 7 lê pessoas ou mesmo nações. É a ocorrência desta palavra que constituiu uma parte do argumento para considerar este salmo um lamento nacional, como um apelo ao julgamento sobre as nações parece fora de acordo com o contexto de uma lamentação pessoal. Weiser (pp. 421-422) segue B. Duhm *(Die Psalmenerklärt,* 2ª ed., Tübingen: JCB Mohr, 1922, p.225) emendando *para'imprimir* (violentos e violentos). A alternativa seguida aqui, essas pessoas, entende " *amim* como uma parte natural do contexto em vez de em desacordo com isso e torna o plural *de'am* , como referente ao parente coletivo dos inimigos do salmista.

8 Tu contaste as minhas jogadas;

Coloque as minhas lágrimas na sua garrafa!
Eles não estão no seu livro?
9 Então meus inimigos serão voltados

no dia em que eu ligo.
Isto sei, que Deus é para mim.
10 Em Deus, cuja palavra eu elogio,

no Senhor, cuja palavra eu elogio,
11 em Deus, eu confio sem medo.

O que o homem pode fazer comigo?
12 Meu voto para ti, devo executar, ó Deus;

Eu lhe farei ofertas de agradecimento a você.
13 Pois livraste a minha alma da morte,

sim, meus pés de cair,
para que eu possa andar antes, Deus
à luz da vida.

Mais uma vez, o salmista volta à confissão, que é tanto o seu louvor quanto o conforto. Deus, ele afirmou, contou sua inquietante lamentação. Ele manteve um registro das lágrimas do poeta. Eles são armazenados, diz o poeta em uma imagem de ternura bonita, no próprio recipiente de Deus. Deus está, portanto, intimamente consciente da situação do poeta, familiarizado com cada momento de sua dor. Assim,

quando ele chama, o poeta se sente assegurado de ação - seus inimigos serão repelidos. Sua segurança, além disso, é baseada na experiência: isto eu sei (yada'ti), ele afirma, que Deus é para mim (ver v. 13). Assim ele afirma mais uma vez, e duplamente desta vez, que é a palavra de Deus, a palavra de Javé, que ele elogia. E novamente (ver v. 4) ele confessa que sua confiança está em Deus e que, em consequência, não tem medo: "O que um homem pode fazer comigo?"

Os versículos 12 e 13 são considerados por alguns comentaristas para publicar as dificuldades com que a maioria do salmo está preocupado e para se aproximar da vida do poeta após a derrota daqueles que o oprimiram. Como não há uma referência específica a tal derrota, no entanto, os versos podem igualmente ser entendidos tanto como promessa e confiança presente. Assim, o salmista afirma que, como a sua confiança é em Deus, ele prometeu-lhe assim, e assim ele promete completar ou cumprir as ofertas de agradecimento prometidas a Deus. Além disso, ele afirma a confiança que ele tem na dificuldade presente de convencer a experiência passada. Deus arrancou sua vida da própria morte e manteve os pés de pisar em destruição, para que ele pudesse andar de um lado para o outro na presença divina, à luz da vida. A implicação é clara - como Deus já entregou antes, então ele novamente. E o salmista tem tanta certeza de que ele pode considerá-lo praticamente realizado.

• É a confiança inabalável no envolvimento efetivo de Deus na necessidade de um suplicante que acredita, que é a característica mais impressionante deste salmo. Nem este envolvimento, aqui ou em qualquer outro lugar, deve ser considerado um envolvimento do isolamento. A tênue imagem de Deus que mantém um registro cuidadoso das horas ansiosas do poeta e, como sua própria posse, as lágrimas de seu miserável sofrimento não são meros retornos poéticos; eles são um registro convincente de uma fé que foi experimentada e que deve ser compartilhada para ser entendida.

57. Oração pela libertação, hino a Deus

O que começa como um lamento prossegue, no Salmo 57 , através da afirmação de confiança para um hino vibrante para o amor imutável, a segurança e a glória de Deus. Contudo, a lamentação, a confissão de fé e a ação de graças são cuidadosamente enredadas neste poema; e considerá-lo uma compilação de partes de dois salmos separados, como, por exemplo, Oesterley (pp. 289-290) faz, é fazer violência ao que é realmente uma composição cuidadosa e imaginativa. É um poema de canto, cujo lamento se torna realmente um elogio.
A inscrição do salmo identifica-a como pertencente à tradição davídica dos salmos. Além disso, está relacionado a um dos incidentes da "caverna" nos vários vôos de Davi de Saul (se 1 Sam. 22: 1 ou 24: 2-7não está claro); mas, como não há provas suficientes no salmo para apoiar ou refutar essa identificação, é de pouca ajuda. O condutor é instruído pelo título para definir o salmo em uma melodia intitulada "Não destrua", que Robertson Smith identificou de Isaiah 65: 8 como uma canção popular da uva.

Ao maestro do coro: de acordo com Do not Destroy. Um Miktam de David, quando ele fugiu de Saul, na caverna.
[1] *Tenha misericórdia de mim, ó Deus, seja misericordioso comigo,*

pois em ti minha alma se refugia;

À sombra de suas asas, eu me refugiarei,

até as tempestades de destruição passarem.

[2] *Eu choro para Deus, o Altíssimo,*

para Deus que cumpre seu propósito para mim.

[3] *Ele enviará do céu e me salvará,*

ele vai envergonhar aqueles que me atropelam. Selah

Deus enviará seu amor firme e sua fidelidade!

[4] *Eu minto no meio dos leões*

que avidamente devoram os filhos dos homens;

seus dentes são lanças e flechas,

suas espadas afiadas.

[5] *Seja exaltado, ó Deus, acima dos céus!*

Deixe a sua glória sobre toda a terra!

O salmista começa sua oração com um grito a Deus, a quem ele confiou sua vida. Ele anuncia sua intenção de se refugiar no Templo, no lugar da proteção da Presença especial de Deus até que os perigos que ele teme tenham passado. Ele pretende chamar o Deus Altíssimo, que "faz as coisas em causa"; e ele tem certeza de que Deus alcançará os céus para livrá-lo e repreender aqueles que o pressionam tanto. Na verdade, Deus estenderá seu amor imutável e sua certeza, com certeza os remédios para a insegurança do salmista.

Somente através de uma declaração de sua garantia, o poeta chegou à primeira referência direta a sua situação. Ele é como alguém que deve deitar-se para dormir no meio de um orgulho de leões comendo homens. Mas sua posição ainda é pior - seus leões têm dentes que são "lanças afiadas e flechas agudas", e línguas que são "espadas afiadas".

É uma perspectiva relaxante. Mas, sem se preocupar com isso, o poeta se volta rapidamente para o refrão de louvor que conclui cada uma das duas divisões principais de seu salmo. É um elogio que é parte integrante da sua composição e é o complemento lógico da confiança que ele afirmou. Assim, ele reza pela exaltação de Deus acima dos céus e pela extensão de sua glória - sua Presença (veja o comentário 8: 1) sobre toda a terra. É um elogio que está relacionado com sua necessidade, pois a resposta a esta petição o aliviará.

[6] *Eles estabelecem uma rede para meus passos;*

minha alma estava curvada.

Eles cavaram um poço no meu caminho,

mas eles caíram neles mesmos.

Selah

[7] *Meu coração é firme, ó Deus,*

meu coração é firme!

Eu vou cantar e fazer melodia!

[8] Desperte, minha alma!

Awake, O harpa e lira!

Eu vou acordar o amanhecer!

[9] Darei graças a ti, ó Senhor, entre os povos;

Eu cantarei louvores a você entre as nações.

[10] Para o seu amor firme é ótimo para os céus,

Tua fidelidade às nuvens.

[11] Seja exaltado, ó Deus, acima dos céus!

Deixe a sua glória sobre toda a terra!

A segunda seção do salmo começa com a segunda referência direta aos problemas do poeta. Mas, novamente, a seqüência é lamento, confissão e louvor; e não há motivo para considerar v. 6como extraviados, como alguns comentadores têm, ou como o fim da primeira seção do salmo, como aparentemente fez um antigo editor litúrgico (note Selah no final do verso). É mais uma vez parte integrante da concepção do poeta de seu trabalho. Ele lamenta, esticaram uma rede para os meus passos. Seus inimigos cavaram um poço destinado à sua ocupação, mas com um resultado inesperado: eles caíram bem no meio deles mesmos! O salmista não conseguiu se restringir mais. Seu lamento não foi senão o papel da confiança que a precedeu e da alegria da libertação que a seguiu. E com a alegre declaração da justiça divina tratou seus adversários, ele volta sua atenção para pura confissão e louvor.

Sua mente (*leb* , coração) é firme; Ele tem apenas uma intenção, cantar e fazer louvores na música. Exultantemente, ele chora por sua alma e por harpa e lira acordarem. Ele despertará o amanhecer (primeira luz) em sua ânsia de continuar com o louvor de Deus; em uma palavra, ele começará antes do dia quebrar. Ele confessará seu Senhor entre os povos - qualquer um que escutará - e soará o louvor de Deus entre eles. Ele fará isso porque ele foi ouvido, porque o amor imutável de Deus pelo qual ele perguntou (v. 3) foi revelado como se estendendo para os céus, e a segurança de Deus (v. 3) para o "céu magro".

E, novamente, ele reza para que Deus seja exaltado acima dos céus e para a sua glória, que é a sua Presença salvadora, se estender por toda a terra. É um fato que ele experimentou, e é sua oração que todos os homens possam conhecê-lo.

• Que há mais elogios do que lamentar no Salmo 57 não deve ser negado. O lamento não é menos real para este fato, no entanto, pois é o lamento que elucida a alegria do louvor. Neste salmo, a confissão fornece o vínculo entre os dois, e os três elementos estão dispostos em uma tensão expressiva. É, no entanto, o elemento de confiança, a substância da confissão neste e tantos dos salmos que contêm lamentação, que fornece a constante da vida de fé. Em dificuldade ou em triunfo, quando o contexto da vida é claro e quando está envolvido em um mistério impenetrável, os poetas do Saltério afirmam sua confiança com uma tenacidade leal. Se essa fé não move montanhas, de qualquer forma não é assustada por elas.

58. Contra a injustiça e a justiça

Este salmo do hinário davídico é problemático tanto no texto como na interpretação. É um protesto furioso contra um julgamento injusto que permite aos homens perversos pecar impunes e até mesmo indiferente. Seu autor estava em fúria, e ele descreveu os juízes e os malvados em linguagem aguda e pediu o julgamento adequado de Deus sobre todos eles em uma série de maldições.
O problema do salmista é novamente a contradição entre o que é e o que a teologia tradicional prometeu. Aqueles que devem estar sofrendo parecem prosperar com impunidade, e aqueles que devem ser vindicados em sua honestidade são aparentemente apenas prejudicados por isso. Da intensidade da fúria do poeta, pode-se julgar que ele próprio sofreu uma grave injustiça, ou que ele estava pelo menos intimamente identificado com aqueles que tinham.

As dificuldades especiais são apresentadas pela identidade dos juízes injustos repreendidos em vv. 1-2 , e pela imagem da seqüência de maldições em vv. 6-9 . O poeta é tão habilidoso quanto irritado, e sua linguagem surpreendentemente incomum tornou-se mais difícil pela corrupção do texto hebraico na transmissão.

Ao maestro do coro: de acordo com Do not Destroy. Um Miktam de David.
[1] Você realmente decreta o que é certo, seus deuses?

Você julga os filhos dos homens de maneira direta?
[2] Não, em seus corações você planeja erros;

Suas mãos tratam a violência na Terra.
[3] Os ímpios se desviaram do ventre,

Eles erraram do nascimento, falando mentiras.
[4] Eles têm veneno como o veneno de uma serpente,

como o somador surdo que pára a sua orelha,
[5] para que não ouça a voz dos encantadores

ou do encantador astuto.

Os juízes injustos quem o salmista detém responsável pela quase anarquia que é galopante na terra são abordadas no v. 1 como *'elem* (mudez, o silêncio), de acordo com o texto L. As versões tornam a palavra diferente: o LXX, Syriac e Jerome têm o equivalente *a'ulam* (sua força); Aquila tem o equivalente *a'illem* (mudo, mudo). Gunkel (p. 249) e uma série de comentaristas e críticos desde então sugeriram que as consoantes deveriam ser vocalizadas ., o que pode significar deuses ou poderosos, isto é, governantes, em alguns casos talvez acreditem ter autoridade divina. Uma mistura de teorias surgiu a partir desta palavra obscura e talvez incorretamente transmitida, mas, no geral, a tradução mais aceitável parece ser "poderosas", ou seja, governantes ou juízes de autoridade que poderiam fazer algo sobre a situação triste, mas que têm mais simpatia com os malfeitores do que a preocupação com a justiça. A principal tradução alternativa, deuses , veria o termo como se referindo às divindades das nações, que não são melhores do que seus devotos corruptos.

Assim, o poeta pergunta questões retóricas apontadas dos homens cuja responsabilidade é assegurar a justiça na terra e proteger os direitos honestos dos homens. Eles, na

verdade, comandam a justiça? Eles julgam os filhos dos homens, o povo comum, da integridade? Os juízes injustos não estão autorizados a responder. "Realmente!" Diz o salmista, sarcasticamente. Suas mentes estão continuamente formulando erros e suas mãos continuam a cozinhar a violência na Terra. Na verdade, eles não são melhores do que aqueles que devem ser julgados, e é provável que o salmista os inclua na condenação dos ímpios que se segue.

Os homens perversos, que devem ser punidos, mas não foram, desviaram-se; eles erraram desde que nasceram; são mentirosos congênitos. Eles têm um veneno tão venenoso quanto a de uma cobra mortal; Eles são como o somador silencioso que é impermeável à música e conjuração do mais inteligente dos encantadores de cobras. Que o poeta significa silencioso, e não surdo, como o RSV e o NEB, é mostrado pelo seguinte verbo. O poeta está tentando representar a insensibilidade silenciosa, fria e sinuosa de uma cobra que persegue sua presa. Como essa serpente, eles são curvados apenas por seu próprio propósito e ignoram todas as vozes ou conselhos que os distraíam.

[6] Ó Deus, quebre os dentes nas suas bocas;

arrancar as presas dos jovens leões, Senhor!
[7] Deixe-os desaparecer como água que foge;

como grama deixa-os pisar e murchar.
[8] Que sejam como o caracol que se dissolve em limo,

como o nascimento prematuro que nunca vê o sol.
[9] Mais cedo do que suas panelas podem sentir o calor dos espinhos,

seja verde ou em chamas, que ele os remova!
[10] Os justos se regozijarão quando ver a vingança;

ele banhará os pés no sangue dos ímpios.
[11] Os homens dirão: "Certamente há uma recompensa pelos justos;

certamente há um Deus que julga na terra ".

É claro para o poeta que nenhuma justiça deve ser tida nas mãos do homem. Assim, ele se volta para Deus, cujo julgamento ele chama tanto os homens perversos quanto os poderosos. O julgamento é solicitado e especificado em uma série de maldições vituperativas e progressivamente mais terríveis, as últimas várias das quais são muito difíceis de traduzir, principalmente devido a um texto original danificado.

Seguindo de perto sua metáfora de serpente, o salmista chama primeiro Deus a puxar os dentes, para que o SENHOR "nocautee os dentes dos incrédulos" (não jovens leões, veja o comentário em 34:10). Ele pede que eles possam "mergulhar no chão, como tanta água se escorrendo", e murchar e morrer como grama que foi pisoteada para a terra. Ele reza para que eles possam vestir-se como o caracol parece fazer a medida que se arrasta e chegar ao fim prematuro do aborto-fezes de uma mulher, a criança prometeu na gravidez nunca mais contemplar a luz do dia. Ele pede que eles sejam cortados no broto, como os briars de um arbusto de espinhos, e varreu mais ou menos como são os espinhos e urtigas indesejados. O texto hebraico do v. 9é praticamente ininteligível como está. A renderização RSV é uma conjectura muito gratuita. A leitura aqui é baseada em uma análise das consoantes do texto proposto por DW Thomas.

Se essas petições forem respondidas, se Deus lida com aqueles que não têm respeito a ele e se afligem sobre todos os que estão a caminho deles, então os justos irão exultar à vista do castigo aos que o merecem e vão enxaguar suas trilhas no sangue dos perversos. Os homens em todos os lugares experimentarão uma restauração da fé no que é certo, pois percebem que existe um lucro na verdade e que, de fato, existe um Deus que julga na terra. Ambas estas palavras, e a série de malditas horripilações que as precedem, devem ser entendidas não só à luz do fato de que o próprio salmista foi "posto" seriamente, mas ainda mais com base em sua preocupação óbvia de que a própria reputação de O próprio Deus está em jogo.

• O Salmo 58 é um dos poemas mais alegremente vingativos do Saltério. Quando tudo foi dito para isso, pode-se dizer, ainda deve ser reconhecido nisso uma inspiração mais humana do que divina. A principal lição de tais salmos para o cristão não deve ser nem o nível de sua teologia, nem a selvageria de sua emoção, mas sim a sua humanidade, que não tentou falar com Deus a qualquer nível, além de sua própria. Estes salmos ensinam a honestidade na oração, uma característica nunca mais necessária do que em um momento em que as orações da igreja não são das pessoas, de verdade, mas das pessoas que gostam de pensar em si mesmas.

59. Oração pela libertação, canção de confiança

Este salmo com sua linguagem muitas vezes difícil e sua estrutura complexa e algo única foi várias vezes emendada, reorganizada e dividida em fragmentos por aqueles que a estudaram. Foi identificado, por várias razões, como um lamento comunitário ou um lamento individual. Alguns comentaristas recentes combinaram essas identificações separadas ao se referir a ela como um lamento real (Eaton, *op. Cit.*, P. 153; Dahood, *op. Cit.*,II, 66). Tomado como um todo, no entanto, o salmo é melhor entendido como o lamento e a canção de confiança de um indivíduo que está sob ataque injustificado de inimigos violentos, que ele compara a uma série de cães viciosos. A estrutura incomum do salmo pode ser explicada em parte pelas vicissitudes da transmissão. Mas pode-se sugerir também que o arranjo do salmo pode muito bem ser devido à própria concepção do poeta, e que o salmo sofreu menos rearranjo nas mãos dos escribas do que nas mãos de seus críticos.
O título conecta o salmo com a coleção Davidic e com o episódio relacionado em 1 Samuel 19: 11-13 . Como há pouco no salmo que dá mais do que um apoio muito geral a essa identificação, no entanto, não deve ser pressionado. O salmo é dividido por um refrão (v. 9 e 17) em duas partes, cada um dos quais é dividido por um versículo idêntico referente aos inimigos do poeta como um pacote de cães rondando (v. 6 e 14).

Ao maestro do coro: de acordo com Do not Destroy. Um Miktam de David, quando Saul enviou homens para assistir sua casa para matá-lo.

[1] Livra-me dos meus inimigos, ó meu Deus,

proteja-me daqueles que se levantam contra mim,
[2] livra-me daqueles que trabalham mal,

e me salve de homens sanguinários.
[3] Pois, eis que esperam minha vida;

Homens ferrosos se unem contra mim.

Por nenhuma transgressão ou pecado meu, ó Senhor,

4 sem culpa minha, eles correm e preparam-se.

Agite-se, venha em minha ajuda e veja!

5 Tu, Senhor Deus dos exércitos, és Deus de Israel.

Acorde para punir todas as nações;

Não esqueça aqueles daqueles que traidoramente tragam o mal. Selah

6 À noite, eles voltam,

uivando como cães

e rondando sobre a cidade.

7 Eles estão, berrando com a boca,

e rosnando com os lábios -

para "Quem", eles pensam, "nos ouvirão?"

8 Mas tu, ó Senhor, rir dost ***em*** *-los;*

Você mantivera todas as nações com escárnio.

9 Ó minha Força, eu cantarei louvores para ti;

Pois você, ó Deus, é a minha fortaleza.

O lamento da abertura define o contexto e antecipa o que está por seguir. O poeta pede que ele seja arrebatado de seus inimigos, e que ultrapasse o alcance daqueles que se levantam contra ele. Seu idioma é graficamente urgente; ele quer ser arrebatado daqueles que trabalham na maldade e resgatados dos homens sanguinários. Nem é a sua urgência sem fundamento. “Veja por si mesmo!” (*Lo*), ele diz a Deus. Esses inimigos viciosos esperam sua vida. Eles se unem contra ele. Nem é o ataque por qualquer culpa dele. É um ataque intencional. Eles perseguem e deitam para ele, ele diz a Javé, mas não por causa de qualquer rebelião, pecado ou perversidade de sua parte. Ele se avisa de ser inocente.

Então, ele clama por que o Senhor se desperte em resposta ao seu clamor e "veja por si mesmo!" Ele clama com veemência para o Senhor, Deus dos exércitos, Deus de Israel, para punir todas as nações, sem ter piedade de todos, quem quer que seja pode ser quem trabalha enganoamente por maldade como fazem os atacantes. Os gritos impressionantes para Deus para se mexer e entrar em ação são menos chocantes do que parecem quando reconhecidos como terminologia recorrente na reiterada petição do culto pela Presença de Deus na teofania.

Da referência geral aos malfeitores, o salmista retorna a uma descrição mais específica de seus próprios agressores, que retornam como uma série de cães covardes à noite, isto é, à medida que a escuridão cai. Eles grunham, e vão sobre a cidade. Eles "espuma na boca", e com certeza a morte (lcd, espadas) está nos lábios. O RSV conjetou renderização de v. 7 é desnecessário e injustificado. O salmista está descrevendo as dores agudas e ardentes de uma mordida rabiosa. É uma imagem gráfica de um grupo de cães ferozes, alguns deles rabiosos e portadores de morte certa. Os atacantes do poeta são viciosos, covardes, e escravizam uma terra de calúnia contra ele, que ele teme que seja fatal (ver 1 Reis 21: 8-14) para ele. Além disso, ele se sente isolado de qualquer

assistência: "Para quem está prestando atenção?", Ele diz. Eles pensam e nós da renderização RSV não estão no texto hebraico. Também não há nenhum motivo para que a questão seja atribuída aos inimigos em vez do salmista, que, afinal, tentou retratar sua situação desesperada.

Parece uma posição precária de fato; mas o poeta confia em Javé, a quem esses "cachorros" viciosos não são mais que um assunto rindo: ele, afinal, pode ridicularizar todas as nações (ver v. 5); Assim, esses iniciantes não serão contestados por ele. Ele é a força do poeta, para quem ele vigiará, porque Deus é sua fortaleza. Então, lê o texto hebraico da v. 9 , que o RSV deixa de lado para seguir a leitura do texto siríaco; ao fazê-lo, perturba o significado do poeta e sua progressão cuidadosamente equilibrada no segundo uso (v. 17) do refrão (ver comentários ali). A referência é a manifestação benéfica da Presença de Deus, talvez na teofania, como a próxima declaração do salmista mostra: "Meu Deus no seu amor imutável (*chesed* , o amor que permanece constante e não diminuído) irá antes de mim! "E, enquanto ele vai, Deus irá apontar para ele aqueles que espreitam em lugares encobertos para emboscá-lo. É uma figura terna de confiança no Deus que certamente irá ajudá-la.

10 Meu Deus em seu amor firme me encontrará;

meu Deus me deixará olhar em triunfo aos meus inimigos.
11 Não matá-los, para que meu povo não se esqueça;

faça-os balbuciar pelo seu poder e derrubá-los,
Ó Senhor, nosso escudo!
12 Por causa do pecado das suas bocas, as palavras dos seus lábios, que sejam presos no seu orgulho.
Por maldições e mentiras que eles proferem,
13 consuma-os com ira,
consuma-os até que não sejam mais,
que os homens possam saber que Deus governa Jacob
até os confins da terra. Selah
14 À noite, eles voltam,

uivando como cães
e rondando sobre a cidade.
15 Eles vagam por comida,

e grunhir se não conseguirem preencher.
16 Mas cantarai da tua força;

Eu cantarei em voz alta o amor firme pela manhã.
Por ter sido para mim uma fortaleza
e um refúgio no dia da minha angústia.
17 Ó minha força, vou cantar louvores a ti,

porque tu, ó Deus, és minha fortaleza,
o deus que me mostra o amor firme.

O salmista volta a seus inimigos, levado talvez pelo pensamento de sua emboscada pretendida. Seu primeiro pensamento é que eles devem ser tratados - enviados revoltados pela força de Deus, derrubados, mas não mortos, para que eles permaneçam uma lição viva para aqueles que o poeta identifica como meu povo, os membros, com ele mesmo, de adorar comunidade. Eles serão apanhados em sua altivez por causa do pecado de suas bocas, a palavra de seus lábios, por causa da maldição e do engano que falaram com tanta frequência.

O pensamento do discurso malicioso e venenoso dos inimigos levanta a ira do salmista e, ao reverter seu pedido anterior (v. 11), ele pede sua completa destruição. Ele pede que sejam destruídos em ira, para que eles não existam mais, mas, pelo menos, aprenderão que é Deus quem governa Jacó (Israel) até as fronteiras da terra. Na justificativa adicional de sua petição, o poeta repete a metáfora de v. 6 e acrescenta-lhe a imagem mais próxima dos cachorros que eliminam as ruas por algo para comer: "se não forem engasgados, eles continuam a bater e rosnar". é uma imagem vívida de um grupo deliberado de pecadores, para fazer mal, brigar e irritar furiosamente quando não conseguem o seu próprio caminho.

Em contraste, o salmista confiante promete cantar o poder de Deus e gritar alegremente durante a manhã o amor imutável de Deus. Deus foi um refúgio protetor (ver v. 9) para ele e uma fuga no tempo de seu problema. Com tanta freqüência no Saltério, o poeta chegou a uma sensação de Presença de Deus, que deixou claro para ele que sua libertação já está em vigor.

Assim, quando ele repete o refrão do v. 9 , ele faz isso com duas pequenas diferenças. "Para você, eu vou vigiar" (a leitura do texto hebraico - veja acima na v. 9) torna-se "para você, eu cantarei o louvor", e adicionado ao final do refrão estão as palavras "o Deus do amor imutável para mim. "É um amor imutável que o salmista já experimentou mais uma vez. A Presença procurada se manifestou, e onde antes viu, o poeta agora canta.

• O contexto da lamentação, confissão e ação de graças do Salmo 59 parece ser o Templo, tendo em vista as alusões à teofania (v. 4.5 , 9,10) e as referências ao louvor do culto (vv. 16, 17). É tão irrelevante perguntar se a libertação que o salmista sentiu no Templo era tão real nas ruas da cidade, com a chegada novamente da noite (v. 6 , 14), pois é para criticar o poeta por uma vingança espírito. O poeta era humano, como nós mesmos somos. Mas o amor de Deus é inviável - não é dissuadido por nossas imperfeições - e constante, permanecendo com a gente onde quer que e quando estivéssemos.

60. Lamentação Nacional e "Reassurance" de Deus

O contexto deste salmo é semelhante ao do Salmo 44 ; a nação sofreu uma derrota militar completa e está levantando uma lamentação em seu momento de maior desapontamento e necessidade. Aqui, como nesse salmo, reconhece-se que Deus permitiu a catástrofe - em nenhum dos salmos é posta em questão a sua soberania -, porém aqui não há tentativa de autodefesa (ver 44: 17-22) e sem dor " Por quê? "(Ver 44:24). Neste salmo, a derrota é aceita - talvez seja motivo de entendimento, embora não seja feita referência a isso. A atenção principal aqui é sobre o alívio da derrota e sua conseqüência.

Precisamente o que foi a derrota, e quando, é impossível determinar com certeza. A tradição refletida na inscrição do salmo conecta-a com a derrota dos edomitas por Davi (2 Sam. 8: 13-14), provavelmente como resultado direto da afirmação sobre Edom em vv. 8-9 do salmo. Como o contexto do salmo não é a vitória, mas a derrota, a identificação não se encaixa e provavelmente deve ser considerada como tópica e não real (embora a nota *contra* , Kirkpatrick, pp. 338-839). A recorrência do oráculo de vv. 6-8 em 108: 7-9torna provável que esses versículos sejam uma recitação geral de uma coleção de vitórias de Deus, talvez, como Oesterley sugeriu (p. 297), uma parte de um poema mais longo que descreve os triunfos de Yahweh, utilizados aqui para proporcionar tranquilidade a pessoas derrotadas e desmoralizadas. Assim, qualquer tentativa de verificar o cenário histórico do salmo é inútil e enganosa.

Ao mesmo tempo, é perfeitamente possível que o salmo seja do tempo de Davi. A derrota a que se refere pode não ter sido preservada no registro histórico do Antigo Testamento, cuja principal preocupação era, afinal, não historiografia.

O salmo é da coleção Davidic. Seu título identifica-o como um testemunho (' *eduth*) para instrução, para ser configurado para uma música intitulada "Lily" (ver Salmo 45).

Para o maestro do coro: de acordo com Shushan Eduth. Um Miktam de David; para instrução; quando ele se esforçou com Aram-naharaim e com Aram-zobah, e quando Joab retornou, matou nove mil mil de Edom no vale do sal.

[1] Ó Deus, nos rejeitou, quebrou nossas defesas;

você ficou com raiva; oh, restaure-nos.

[2] Tornaste a terra para tremer, a deixaste aberta;

reparar suas violações, pois ele cambaleia.

[3] Tornaste o teu povo a sofrer coisas difíceis;

Você nos deu vinho para beber que nos fez bobinar.

[4] Tu criaste uma bandeira para aqueles que te temem,

para se aproximar do arco. Selah

[5] Para que o vosso amado seja entregue,

dê vitória pela sua mão direita e responda-nos!

As palavras de abertura do salmo são claras e sombrias. Eles são o lamento e a petição da nação, falada pelo rei. Deus rejeitou seu povo, quebrou suas defesas e os dispersou. Ele ficou irritado. Com as palavras diretas e profundas de profunda necessidade, o rei chora nos restabelece ou nos devolve! (ver v. 10 e 44: 9). É como se a própria terra não pudesse ser dependida; Deus fez tremendo e abriu-o. Mais uma vez, há um pedido direto: "Mend seus cortes, pois está pronto para desmoronar".

O rei continua a lamentar com um "repetido" repetido três vezes, que é parcialmente reminiscente da série no Salmo 44: 9-14 . Deus fez seu povo ver tempos difíceis e os fez beber um vinho que os deixou em um estupor assustador - a referência é a falta de coordenação e desordem na desastrosa batalha (Isaías 51: 17-23). Deus, de fato, deu ao seu povo - aqueles que o reverenciaram - uma bandeira para fugir para a sua vida do arco, em vez de um para o qual eles poderiam se reunir e subir para a vitória (como

no Ex. 17: 15-16). Existe um mínimo de misericórdia nessa libertação, mas é uma misericórdia vazia e uma que aumenta sua humilhação.

Mais uma vez, e pela terceira vez, o rei proferiu uma petição de libertação. É o pedido de desespero. Somente Deus, que havia precipitado a crise, também pode remediar.

6 Deus falou no seu santuário:

"Com exultação vou dividir Shechem
e reparte o Vale de Succoth.
7 Gilead é meu; Manasseh é meu;

Efraim é meu capacete;
Judá é meu cetro.
8 Moab é meu lavatório;

Em Edom, eu lancei meu sapato;
Sobre a filisteia, gritei em triunfo ".

O oráculo com o qual o salmo continua é provavelmente falado por um profeta culto como uma citação direta das palavras de Deus: Deus falou no seu santuário.

Seu objetivo é a garantia das pessoas dissimuladas, que devem ser lembradas por isso que Deus ainda governa apesar de seu desastre e que a terra é sua para usar e repartir como quiser. O uso dessas linhas e, de fato, de vv. 5-12 do salmo em um contexto tão diferente como o Salmo 108: 6- 13 (note que 108: 1-5 é uma repetição de 57: 7-11) empresta suporte a essa visão de seu propósito.

Assim, Deus relatou falar exultante de sua propriedade e disposição das terras que incluem, pode-se assumir com segurança, o próprio território em que e talvez por causa da qual a nação sofreu uma derrota tão desastrosa. Começando com Siquém, a leste do Jordão, e Succoth, a oeste do Jordão em frente a ele, o oráculo abrange, simbolicamente, toda a Terra Prometida. Shechem e o vale de Succoth são, respectivamente, distribuídos em ações e medidos em lotes. Gilead e Manassés, os territórios das tribos do Jordão Ocidental, são dele. Efraim e Judá, ambos os territórios tribais ao sul de Siquém, devem servir de capacete e cetro, os próprios símbolos de seu poder e autoridade. Moab para o sudoeste é ser seu lavatório, apropriadamente um papel mais servil, e Edom para o sul, seu sapato, um trabalho desprezível para pessoas desprezíveis (ver o livro de Obadiah). Sobre Philistia na costa leste, ele gritará com alegria triunfante.

É um ensaio impressionante, e um calculado para apagar qualquer dúvida sobre a soberania de Deus. No entanto, é além disso, pois o lamento indicou que esse mesmo deus soberano os comprometeu com sua posição atual. Assim, o oráculo é um testemunho de ensinar, já que o título caracterizou todo o salmo (ver Weiser, p. 441). O testemunho é que Deus está na posse da terra e encarregado das nações. O ensino é que a nação deve considerar sua situação e futuro à luz desse fato.

9 Quem me levará para a cidade fortificada?

Quem me levará a Edom?
10 Não nos rejeitou, ó Deus?

Você não vai, ó Deus, com os nossos exércitos.

11 Ó conceda-nos ajuda contra o inimigo,

Por inútil é a ajuda do homem!
12 Com Deus, devemos fazer valer;

É ele quem pisará nossos inimigos.

Assim, quando o rei retoma novamente o lamento e a petição, é com um claro reconhecimento da necessidade de uma plena dependência desse deus soberano. Quem poderia levá-lo e guiá-lo para a cidade da Fortaleza, embora inacessível, de Edom, Petra? As perguntas, é claro, são retóricas. Somente Deus poderia, e o próprio Deus não os rejeitou? Na verdade, foi Deus quem não saiu com os exércitos da nação, e assim eles perderam. Essa é a questão. A dependência da nação não foi onde deveria ter sido.

Então, a petição final do rei é mais do que uma petição; é confissão também. O rei pede a ajuda de Deus da opressão - a ajuda do homem não é nada. Mas com Deus, a própria nação fará valermente (faça uma demonstração forte), e Deus mesmo pisoteará seus opressores. À medida que o salmo termina, tanto a perspectiva da nação como suas chances de sobrevivência são dramaticamente alteradas.

• Não é difícil entender por que esses salmos viram uso repetido no culto de Israel, não só por causa da infinita série de derrotas nacionais da nação, mas também pelo reconhecimento de uma esperança que anula o som e a fúria da história e traz na mesmo tempo, um significado do caos aparentemente sem sentido. A esperança é, é claro, a esperança na soberania indiscutível do único Deus - uma soberania cujas manifestações eram às vezes tão desconcertantes para Israel (como neste salmo ou Salmo 44) como são para os homens hoje (como na encarnação ou no calvário) , mas um, no entanto, proposital, divinamente cronometrado, e no controle total do destino.

61. Convocação e testemunho da presença de Deus

Este salmo da coleção davídica é uma mistura de lamento, testemunho e intercessão. Seu autor experimentou uma ansiedade abismal e uma libertação emocionante, e seu relato leva, em parte, a forma de uma petição para todo o povo, simbolizada no rei. A mudança abrupta de humor e pessoa e as referências ao fim da terra, o Templo (v. 4) e o rei (vv. 6-7) provocaram uma grande diversidade de opinião entre os comentadores, que estabeleceram o salmo em vários lugares desde a época da monarquia até o período dos Macabeus, em uma variedade de lugares da Babilônia até a borda do submundo até o Templo em Jerusalém, e que também atribuíram sua composição a uma variedade de pessoas, real e de outra forma. Em meio a essa agitação de interpretações diversas, versos ofensivos a um ponto de vista particular foram considerados como problemáticos ou excisados como corruptos.
No entanto, não há provas convincentes para malabarismos sobre o salmo de tal maneira. Pode ser mais facilmente entendido como o que parece ser: a oração fervorosa de um indivíduo para uma libertação que é experimentada pela primeira vez e então se torna a base de uma confissão de louvor e uma intercessão sincera pela sua nação.

Para o corista: com instrumentos de cordas. Um salmo de David.
1 Ouça meu clamor, ó Deus,

ouça a minha oração;
[2] do fim da terra eu chamo para ti,

quando meu coração está fraco
Leve-me
para a rocha que é maior do que eu;
[3] porque és meu refúgio,

uma torre forte contra o inimigo.
[4] Deixe-me habitar em sua tenda para sempre

Oh, seja seguro sob o abrigo do seu
asas! Selah
[5] Pois tu, ó Deus, ouviste os meus votos,

Você me deu a herança daqueles que temem o seu nome.
[6] Prolongar a vida do rei;

Seus anos durarem até todas as gerações!
[7] Que ele seja entronizado para sempre diante de Deus;

Dê um amor e uma fidelidade firmes para assisti-lo!
[8] Então, eu sempre cantarei louvores ao teu nome,

como eu pago meus votos dia após dia.

O salmista começa sua oração com um pedido de audiência, pela atenção de Deus em sua oração, que ele pronuncia com fraqueza de coração do que lhe parece no desespero de ser o fim da terra distante de Deus. Por razões que ele não especifica, ele está bastante superado com desespero, e ele pede que seja guiado para a rocha que é mais alta do que eu, isto é, para a segurança do lugar da Presença de Deus, pois é Deus quem é a rocha de imagens poéticas hebraicas.

Que o senso de ausência de Deus por parte do poeta é espiritual e não geográfico é mostrado pela mudança dramática no humor atestada no próximo verso. Sua sensação de ausência de Deus foi de repente substituída por uma consciência da plenitude da Presença de Deus. Onde antes tudo era sombrio, agora tudo é brilhante. É uma experiência gloriosa, atestada muitas vezes nos Salmos, e compreensível apenas para aqueles que a conheceram. Assim, o poeta confessa que Deus continua a ser um refúgio para ele, uma torre forte contra o ataque do inimigo. E é assim que ele anuncia uma firme intenção de se aproveitar da segurança da Presença de Deus tornando-se um hóspede permanente de Deus. Como em 23: 6, ocupar-se na tenda de Deus para sempre tem referência à continuação da comunhão com Deus; e a expressão paralela, "se refugiar na proteção de suas asas", tem referência específica, como em 17: 8 , para a arca como simbólica da Presença de Deus, mas também uma referência mais ampla a sua proteção pairar.

Esta intenção anunciada é seguida por uma confissão justificativa. A decisão do salmista baseia-se no fato de que Deus ouviu seus votos, provavelmente promessas relacionadas com sua petição original de ajuda, promessas que ele deve agora cumprir. Aqueles que revere o nome de Deus foram dados por Deus, a sua possessão,

isto é, a "terra prometida" (Deuteronômio 2:19 ; 3:18). É claro que o salmista se considera entre este grupo, e pode ser que a sua dificuldade original tenha surgido em conexão com a propriedade de importância vital da terra.

No brilho de sua própria experiência de reivindicação e testemunho do mesmo, o poeta expande sua oração para incluir um pedido para a benção de toda a terra e seu povo, para o qual e para quem ele ora orando pelo rei. Então ele pede que ainda mais dias sejam adicionados ao que o rei já pode esperar, e que seus anos sejam como seus dias, durando por geração após geração. Na verdade, ele não pode orar nenhuma oração mais elevada do que o rei e, portanto, toda a nação goza da segurança que ele conheceu, e ele pede que o rei também seja permitido habitar para sempre na Presença de Deus. É em relação a esta oração pela Presença que o pedido adicional para a repartição do amor imutável e da segurança para proteger o rei deve ser entendido.

O versículo final da oração é em si mesmo uma afirmação do salmista que essas novas orações serão respondidas e também uma pista para a natureza das promessas mencionadas pela primeira vez no v. 5 . Então, diz o poeta, ele cantará elogios para a Presença de Deus para sempre, para pagar (completar) meus votos dia após dia.

• Não é só a fé simples e o testemunho entusiasmado que fazem do Salmo 61 uma oração atraente. Há também uma compulsão evangélica - para compartilhar a segurança e benefício que o poeta conheceu na Presença de Deus com toda a terra e todo o povo. A alegria do que ele conheceu não deixou espaço em seu coração para pensamentos vingativos sobre os inimigos mencionados na v. 3 . Ele só quer contar sua experiência e compartilhar seus benefícios com o maior número possível. E é para isso que é o verdadeiro conhecimento de Deus.

62. Testemunho de confiança em deus

Esta magnífica confissão de confiança em Deus é feita mais autêntica, não só pela experiência do poeta de Deus, mas por sua contra experiência de homens, incluindo alguns, ele teve motivos para pensar que fossem seus amigos. Chegou dolorosamente, mas certamente à visão de que só Deus pode ser confiado. Mas Deus pode ser confiado infinitamente.
O salmo é do hinário davídico. Seu texto apresenta alguma dificuldade para o tradutor, e existem várias razões para suspeitar de algum desordem na transmissão. Não há motivo suficiente para as várias reorganizações de sua ordem que alguns comentadores avançaram, no entanto, e o melhor procedimento é considerar o poema na sua forma. As primeiras duas estrofes começam com quase a mesma afirmação do tema do salmo, e a terceira (vv. 9ff.) É dedicada a um resumo didático de tudo o que foi antes.

Para o maestro do coro: de acordo com Jeduthun. Um salmo de David.
[1] Pois só Deus, minha alma espera em silêncio;

Dele vem minha salvação.
[2] Ele é apenas minha rocha e minha salvação,

minha fortaleza; Não me emocionarei muito.
[3] Quanto tempo você colocará sobre um homem

para destruí-lo, todos vocês,

Como uma parede inclinada, uma cerca cambaleada?
4 Eles apenas planejam expulsá-lo de sua eminência.

Eles se aproveitam da falsidade.
Eles abençoam com suas bocas,
mas internamente eles maldizem. Selah

O poeta começa com o que a experiência lhe deu como único ponto de partida: ele espera Deus em uma submissão silenciosa. Somente Deus deve confiar. Mas ele deve ser totalmente confiado, pois dele é libertação. Ele sozinho é a rocha, libertação e refúgio-fortaleza do poeta. Assim, diz o poeta: "Eu vou vacilar muito pouco!"

Ele foi atacado sem piedade, e ele pergunta a seus agressores exasperadamente quanto tempo eles planejam manter o ataque, correndo em massa, colocando sua pressão concertada sobre uma parede prestes a derrubar, uma cerca com uma protuberância reveladora em seu meio. Eles tornaram clara a sua intenção. Eles fazem coragem para derrubá-lo de sua eminência, sua posição de prestígio e respeito. Ele é um homem estimado e um homem de perspectiva, e seus inimigos se inclinam a desalojá-lo, aparentemente com calúnia.

5 Pois só Deus, minha alma espera em silêncio,

pois a minha esperança é dele.
6 Ele apenas é minha rocha e minha salvação,

minha fortaleza; Não devo ser abalado.
7 Sobre Deus descansa minha libertação e minha honra;

Minha pedra poderosa, meu refúgio é Deus.
8 Confie nele o tempo todo, ó pessoas;

derrame seu coração antes dele;
Deus é um refúgio para nós. Selah
9 Homens de baixa propriedade são apenas uma respiração,

Os homens de alta propriedade são uma ilusão;
Nos saldos, eles aumentam;
Eles estão juntos mais claros do que uma respiração.
10 Não confie em extorsão,

não há esperanças vãs de roubo;
se as riquezas aumentarem, não estabeleçam seu coração nelas.
11 Uma vez que Deus falou;

duas vezes eu ouvi isso:
esse poder pertence a Deus;
12 e a ti, ó Senhor, pertence um amor firme.

Para você recompensar um homem
de acordo com seu trabalho.

O pensamento de tais homens traz o poeta mais uma vez ao seu tema, confie apenas em Deus. Essa repetição é marcada por duas diferenças: a sua espera em Deus em submissão silenciosa é porque sua esperança emana de Deus; e sua segunda afirmação de firmeza é sem qualificação: "Eu não vou brilhar!" Na verdade, ele continua dizendo, tanto sua libertação quanto sua reputação (honra) dependem de Deus, a rocha de sua força e seu abrigo. O uso que minha honra presta à opinião de que o salmista está sofrendo vilipendência de seus inimigos.

É, portanto, da experiência que o poeta insta o povo a confiar em Deus o tempo todo, derramar em sua Presença seus sentimentos íntimos. Deus, ele afirma, é um refúgio para nós!

Em contraste com a incontestável confiança de Deus, é a absoluta variabilidade do homem. O salmista já sugeriu isso (v. 4). Ele agora lida com força neste ponto e suas implicações. Os homens comuns certamente não são mais do que uma brisa transitória; Os homens de nascimento são apenas enganosamente substanciais. Coloque os balanços, diz o poeta com inteligência cáustica, "eles vão - ambos juntos são ainda mais leves que o ar". Assim, ele não aconselha nenhuma confiança em ganhos injustos e caracteriza a esperança no saque como vã. Se a riqueza brotar, não se deve pensar nisso.

O poeta está no auge de seu trabalho; e seguindo a tendência da primeira metade de sua estrofe final, ele agora caduca completamente no estilo de sabedoria e afirma a inspiração e a autoridade do que ele está prestes a dizer ao se referir diretamente a Deus. Deus falou uma coisa, e ele entendeu dois. O que Deus disse é que força ou poder é dele. O que o poeta também entendeu é que o amor imutável é o do Senhor. E o homem só pode ter força em virtude do amor imutável de Deus, não por qualquer coisa ou dentro de si mesmo ou de seus semelhantes. Pois é Deus quem faz um homem completo, de acordo com o que esse homem é.

É uma conclusão dramática e perspicaz, e a mudança do pronunciamento aprendido para a oração na v. 12 é um golpe acerta, não o sinal de uma mão posterior. Deus demonstrou seu poder; Seu amor imutável deve ser experimentado para ser acreditado.

• De alguma forma, é difícil para os homens esperarem Deus em uma submissão silenciosa quando muitas coisas parecem oferecer tantas soluções. O caminho de um homem é ocupar-se de "fazer isso". Basta trabalho, dinheiro suficiente, conhecimento suficiente, poder suficiente, parece que pensamos e qualquer coisa pode ser realizada. Não é assim e nunca foi. Um se pergunta qual foi a experiência desse poeta ao chegar a essa visão, e é fácil supor que seus problemas com seus difamadores possam de alguma forma ter sido relacionados a essa experiência.

Mas a imagem dele que resta é aquela chamada por suas primeiras palavras, que estão enraizadas em suas palavras finais: "Somente para Deus minha vida espera em submissão silenciosa". São palavras de profunda serenidade que, de algum modo, sugerem as palavras do nosso Senhor , "Tudo é possível ao que crê" (Marcos 9:23).

63. A comunhão que é melhor do que a vida

O salmo 63 é a composição de um homem que conheceu Deus como um amigo pessoal próximo, bem como o juiz do direito. É um poema que atesta a experiência de benefício pessoal na Presença de Deus. Mas é ainda mais uma confissão da profunda comunhão pessoal com Deus que levou nosso Senhor a nos ensinar a chamá-lo de "Pai".

O salmo é da coleção davídica de hinos e orações e é associado pela tradição preservada em seu título com Davi "no deserto de Judá", uma referência a 1 Samuel 23 ou 2 Samuel 15-18 , mais provavelmente o último. A referência representa uma tentativa consciente de encontrar um conjunto de circunstâncias na vida de Davi, que poderia caber a expressão do salmo, mas a alusão do título é de pouco valor para a interpretação do próprio Salmo. O verdadeiro autor do salmo permanece desconhecido, embora a intimidade em movimento de sua comunhão com Deus, bem como sua completa dependência de Deus em tempo de dificuldade, brilhe com clareza exemplar da oração que ele deixou.

Um salmo de Davi, quando estava no deserto de Judá.
[1] ó Deus, meu Deus, eu te procuro,

minha alma tem sede para ti;
minha carne se desfalece por ti,
como em uma terra seca e cansada onde não há água.
[2] Então eu olhei para você no santuário,

Contemplando o seu poder e glória.
[3] Porque o teu amor firme é melhor do que a vida,

meus lábios te louvarão.
[4] Então vou te abençoar enquanto eu viver;

Levanto minhas mãos e ligue para o seu nome.

O poeta abre o salmo com uma confissão eloquente e simples, que é o fundamento de tudo o que se segue. É uma declaração mais natural para o salmista do que a respiração e, consequentemente, mais necessária também: ó Deus, você é meu Deus. Deste fato, que é uma reivindicação de obrigação , não obrigação *de,*e, ao mesmo tempo, uma confissão de fidelidade, tudo o mais se deriva naturalmente. O que o poeta diz em seguida não é uma descrição da doença mortal ou a dificuldade de isolamento em uma terra estrangeira estéril, como muitas vezes foi tomada, mas sim uma continuação natural da confissão já feita. É porque Deus é seu Deus que o poeta o deseja, busca com firmeza por ele. É porque Deus é o seu Deus que a sua vida tem sede (é seca) para ele, que sua carne o anseia como uma estepe seca e uma tigela de pó sem água. O salmista confessa uma devoção à qual qualquer sentimento de ausência traz agonia, e admite a dificuldade e a urgência da busca de Deus que nunca pode acabar, nesta vida, mais que temporariamente.

Então, diz o poeta - por causa de seu desejo urgente e desejável por seu Deus - tem o privilégio de contemplar Deus em seu lugar sagrado, o santuário, e foi habilitado a ver a força e a glória de Deus. É uma visão magnífica. Não existe uma visão de Deus sentado passivamente, aguardando a chegada furiosa do terremoto, do vento e do fogo; é preciso lutar depois disso. É a visão da devoção disciplinada, um culto diário e constante, e o que chamou de "prática da presença de Deus". O poeta primeiro busca seriamente e assim vê e vê. O que essa visão era não é claro. Pode ter sido uma experiência de teofania, semelhante à conhecida por Isaías de Jerusalém (Isaías 6: 1 e s.), ou uma consciência inegável da Presença de Deus perto da arca. Que ocorreu no Templo que o salmista claramente declara (v. 2), e que foi surpreendente e maravilhosamente real

para ele é indicado não apenas pelo uso dos verbos, veja (*chazan*) e veja (*ra'ah*), mas também pelo que segue.

Pois o salmista chegou, na Presença de Deus, à conclusão que cada verdadeiro amado de Deus sempre atingiu, a conclusão que também é o limiar para o céu. O seu amor firme é melhor do que

vida. Como resultado, ele louvará a Deus e o abençoará por toda a vida.

5 Minha alma é festejada como com a medula e gordura,

e minha boca te louve com lábios alegres,
6 quando penso em ti na minha cama,

e medite sobre você nos relógios da noite;
7 porque você foi minha ajuda,

e na sombra de suas asas eu canto de alegria.
8 Minha alma se agarra a ti;

A minha mão direita me confirma.
9 Mas aqueles que procuram destruir minha vida

descerá nas profundezas da terra;
10 serão entregues ao poder da espada,

eles devem ser presas de chacais.
11 Mas o rei se regozijará em Deus;

todos os que jurarem por ele se gloriarão;
pois as bocas dos mentirosos serão interrompidas.

Nem o senso do poeta da segurança e beneficência da Presença de Deus é exclusivo do santuário, o lugar de sua principal experiência. Na verdade, sua vida é "engolida" como com um rico banquete, sua boca e lábios se juntam a gritos de louvor alegres quando, no reflexo silencioso antes do sono da noite, ele se lembra de Deus. É uma lembrança sobre a qual ele mora amorosamente, revisando em sua mente a bondade de Deus, e não é um que ele pode deixar cair levemente. Em e através dos três relógios da noite (Judg. 7:19), ele mede e murmura sobre Deus. Ele não pode voltar a sua mente para mais nada, ou para descansar, porque Deus foi um ajudante para ele; dentro e por causa de sua proteção, o salmista pode se alegrar em voz alta. Sua vida se agarra - o mesmo verbo é usado da atração do amante para sua donzela (Gênesis 2:24; 34: 3) - depois de Deus, e a mão direita de Deus lhe dá apoio. É uma segunda grande visão do poeta que ele é totalmente dependente de Deus, e uma vez que ele começou a pensar sobre esse fato, ele não pode facilmente, ou logo, deixá-lo.

Então, quando o poeta vem mencionar seus inimigos, e o rei, ele faz isso em uma referência lógica ao que ele já disse. Seus inimigos são de Deus, seus porque são de Deus e talvez porque ele reconheça a Deus. E eles são, também, do rei, e pelo mesmo motivo - o rei, afinal, é ungido de Deus, seu filho adotado. As linhas finais do salmo são a continuação do poeta de sua oração de confissão. A Presença de Deus é sempre benéfica; Sua lembrança é uma constante e fortalecida confiança; inevitavelmente, Deus

lida com aqueles que procuram a vida do poeta. As declarações de vv. 9-11 são declarações de sua convicção de que os inimigos serão tratados.

Assim, aqueles que procuram a vida do salmista para fins destrutivos chegarão a suas mortes. Eles virão para a parte inferior da terra, o reino dos mortos, pois eles terão sido abandonados ao poder da espada e se tornarão a parte dos chacais (restos do campo de batalha). É uma perspectiva horrível, mas é a maneira do poeta de se referir ao que ele acredita ser uma perspectiva inevitável.

O rei se alegrará com a derrota desses inimigos, porque eles são os inimigos de Deus, assim os dos seus habitantes, assim os do rei. E todos os que, como o poeta, juram por Deus (Deuteronômios 6:13 e Isaías 65:16), isto é, são leais a ele, terão grandes razões para se gabar - pois a boca dos mentirosos será interrompida . Esta última linha dá uma pista para a ofensa do inimigo; Eles são caluniadores, que impugnaram o poeta, Deus, e talvez até o rei ou os três. Ele não duvida que eles serão julgados e parados.

• O grande legado deste poeta é a sua experiência de comunhão com Deus e sua confissão da riqueza. Pois ele nos disse o que é ser com Deus e sugeriu, pelo menos, a maneira de chegar lá.

64. Pedido de salvação de um inimigo calunioso

Esta oração de lamentação é um apelo ao resgate e ao julgamento. O salmista é vítima de uma campanha de calúnia implacável e calculadora, travada por um inimigo arrojado e inteligente. Não há nenhuma sugestão da identidade ou do número daqueles que estão contra ele, nem o motivo do ataque deles. O clamor do salmista a Deus por libertação, bem como a sua convicção de que Deus vencerá seus caluniadores, sugere que o ataque contra ele está de alguma forma relacionado com sua fé e lealdade a Deus. Esta é, naturalmente, uma causa frequente para os ataques mencionados nos salmos de lamentação.
O salmo é da antologia davídica e, infelizmente, sofreu danos ao seu texto na transmissão.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
1 Ouça minha voz, ó Deus, na minha queixa;

preservar minha vida do medo do inimigo,
2 esconda-me das tramas secretas dos ímpios,

da plantação de malfeitores,
3 que abrem suas línguas como espadas,

que apontam palavras amargas como flechas,
4 disparos de emboscada no culposo,

disparando contra ele de repente e sem medo.
5 Eles se apegam ao seu mau propósito;

eles falam de colocar cofres secretamente,
pensando: "Quem pode nos ver?

[6] Quem pode pesquisar nossos crimes?

Nós pensamos em uma trama habilmente concebida ".

Pois a mente interior e o coração de um homem são profundos!

Com tanta freqüência nos salmos lamentáveis, a oração é aberta com um pedido urgente de audiência. O poeta pede a preservação do terror do inimigo, e ocultação da plantação daqueles que trabalham no mal, da raiva barulhenta daqueles que trabalham em destruição. Ele então passa a especificar o que é o terror. Seus adversários afiam suas línguas como espadas e apontar palavras amargas como se fossem flechas. Eles deixaram passar da emboscada em pessoas inocentes, pessoas que não merecem esse tratamento. E eles atiraram impetuosamente, sem se importar com as consequências, seja para as vítimas ou para qualquer outra pessoa. Eles estão firmemente comprometidos com sua causa perversa. Eles mantêm uma conversa constante sobre esconder armadilhas e dizem: "Quem as verá?" Eles continuam inventando erros e dizem: "Estamos prontos com um plano bem escondido; está trancado em cada um de nós, v. 6 é muito corrupto, mas, felizmente, o sentido é suficientemente claro.

[7] Mas Deus atirará na flecha deles;

Eles serão feridos de repente.
[8] Por causa da sua língua, ele os trará para a ruína;

Todos os que os vêem moverão a cabeça.
[9] Então todos os homens temerão;

eles dirão o que Deus tem feito,

e ponderar o que ele fez.
[10] Que os justos se regozijem no SENHOR,

e se refugie nele!

Deixe todos os direitos na glória do coração!

O poeta está confiante do julgamento desses adversários, um julgamento em que será sua libertação - tão confiante, de fato, que ele fala como se já tivesse ocorrido. Como resultado de toda sua conivência e maldade, Deus lidou com eles. Enquanto eles atiraram, então ele os atirou com seu relâmpago. Quando eles atacaram de repente e sem aviso prévio, de repente eles foram atingidos. Ele trouxe sua queda por meio de sua própria arma principal, sua língua. Mais uma vez o texto hebraico é muito difícil e deve ser emendado para uma tradução coerente.

Onde antes eles se orgulharam do segredo bem guardado de seus esquemas, eles agora são um exemplo para todos ver e lucrar. Aqueles que olham acenam com a cabeça, e, consequentemente, todos os homens temerão. Na verdade, eles darão testemunho do que Deus fez, em contraste com o que esses traficantes de angústia realizaram, e o que ele fez forjado lhes dará uma visão. Os homens honestos, os que são diretos, entre os quais o salmista claramente se compõe, se alegrarão com o Senhor, se refugiarão nele e se gloriarão nele. Eles, afinal, terão sido vindicados por seu julgamento, enquanto aqueles que se moveram contrários ao seu caminho, por maior que seja seu segredo, terão sido expostos.

• Não é só a confiança deste salmista na resposta segura de Deus à queixa carente de um servo leal que mereça atenção, mas também a sua convicção de que os segredos mais profundos e mais bem guardados daqueles que se opõem ao seu caminho devem ser totalmente e totalmente expostos . É, afinal, uma suposição congênita do homem que ele pode fugir de uma ação errada e que ninguém saberá. Não é assim, diz esse poeta; Deus sabe, e com o tempo todos irão.

65. Deus perdoa os homens e abençoa a terra

Este poderoso hino da antologia davídica é um hino congregacional de ação de graças que provavelmente foi cantado na época de um festival e em conexão com o cumprimento dos votos (nota v. 1). Pode ter sido um hino composto para uso em um festival de primavera que comemora as chuvas vivificantes e a perspectiva de uma boa safra possibilitada por eles. Os versículos 9 a 11 tornam a última interpretação particularmente atraente. Como um hino para acompanhar o cumprimento dos votos, é alegre no humor. Os votos foram levados em circunstâncias difíceis, ou na melhor das hipóteses; e sua conclusão sempre foi feita em retrospectiva, quando a dificuldade ou a incerteza passaram. Assim, este hino comemora o Deus que perdoa o homem, sustenta-o e abençoa seus esforços na terra.

Para o maestro do coro. Um salmo de David. Uma canção
1 O louvor é devido a ti,

Ó Deus, em sião;
e para você devem ser realizados,
2 Ó tu que outes a oração!
Para você toda carne virá
3 por causa dos pecados.
Quando nossas transgressões prevalecem sobre nós,
você os perdoa.
4 Bem-aventurado aquele a quem você escolhe e aproxima,

para habitar em suas cortes!
Devemos estar satisfeitos com a bondade da tua casa,
Seu templo sagrado!

O hino não começa com o chamado habitual ao louvor de Deus, mas sim com louvor dirigido a Deus, a quem o louvor é devido em Sião e a quem um voto deve ser cumprido. A presença no verso de abertura da difícil palavra hebraica *dumiyyah* pode implicar que um louvor confiante ou silenciosamente submisso é significado aqui (ver 62: 1 , 5). Neste caso, pode-se entender um elogio confiante que persiste quaisquer que sejam as circunstâncias. As razões para o louvor e para a conclusão dos votos são então dadas na continuação do louvor a Deus.

Ele é aquele que ouve a oração, e assim aquele a quem toda a carne virá com "palavras dos pecados", ou seja, confessando pecados. As transgressões dos homens são mais fortes do que elas; assim é Deus quem deve lidar com eles, perdoando-os. Na verdade,

Deus faz o homem feliz fazendo por ele o que ele não pode fazer por si mesmo: ele escolhe e o aproxima da presença dele, para habitar em seus tribunais. Trazendo perto é um termo técnico na literatura cultual do Antigo Testamento, usado para descrever a aproximação, muitas vezes com presentes, à Presença de Deus. É tão usado 138 vezes nos livros de Levítico e Números sozinhos. É o idioma da ordenação (ver Números 16: 5), mas é aplicado aqui à congregação daqueles que servem a Deus, seu reino dos sacerdotes, a sua nação santa (Êx. 19: 5-6).

5 Por ações terríveis, você nos responde com libertação,

Ó Deus da nossa salvação,
Quem é a esperança de todos os confins da terra,
e dos mares mais distantes;
6 que, pela tua força, estabeleceste os montes,

estar cingido de poder;
7 quem ainda é o rugido dos mares,

o rugido de suas ondas,
o tumulto dos povos;
8 para que aqueles que habitam nos limites mais distantes da Terra

tem medo de seus signos;
você faz as saídas da manhã e da tarde
para gritar de alegria.
9 Você visita a terra e a água,

você enriquece demais isso;
o rio de Deus está cheio de água;
Você providencia seu grão,
pois assim você o preparou
10 Água os sulcos abundantes,

estabelecendo seus cumes,
suavizando-o com chuveiros
e abençoando seu crescimento.
11 Tu coroas o ano com a tua recompensa;

as trilhas do seu carro caem com gordura.
12 As pastagens da região selvagem gotejam,

as colinas se cingem de alegria,
13 os prados se vestem de rebanhos,

os vales se acumulam com grãos,
Eles gritam e cantam juntos de alegria.

O louvor é devido, ainda mais, porque Deus responde ao seu povo em estupidas ações de justiça. Ele é o Deus de sua libertação, e a segurança dos confins da terra e da costa

distante (leitura que segue o Targum). Ele é o grande criador - deus, aquele que circulou com o poder, que estabeleceu as montanhas pela força dele. Ele é aquele que acalma o tumulto dos mares, o rugido de suas ondas e, tão facilmente, a agitação das nações.

É mesmo por causa desses grandes sinais que aqueles que habitam nos fins da Terra acreditam. A evidência é toda sobre eles. É Deus quem faz a manhã e a noite gritar de alegria na chegada.

Deus visita a terra e dá-lhe abundância, tornando-a rica. Seu rio está cheio de água sempre, e ele usa isso para bom efeito para regar a terra. Ele tende o grão e, consequentemente, o providencia. Assim, ele absorve os sulcos, enche o nível - chega os cortes ou valas de drenagem, suaviza o solo com abundantes chuvas e abençoa a semente inchada. É um cuidado amoroso pelo qual ele coroa o ano com seus melhores presentes. Seu próprio caminho é adornado com a riqueza de sua beneficência, e por causa de sua recompensa, a pastagem do deserto é verdejante (iluminada, pingada) e a alegria "liga" as colinas. Os prados parecem estar vestidos na abundância de ovelhas, e os vales são literalmente cobertos de grãos.

A cena é magnífica, cheia de um brilho e uma verdura, um peso de abundância, e uma felicidade que é mais do que o poeta pode conter, e ao seu ouvido, mais do que as montanhas e os prados e planícies podem conter. Assim, ele fecha seu hino habilmente e lindamente com um coro de louvor das colinas e prados: eles gritam e cantam juntos de alegria.

• Este hino, que acena com a glória da boa terra verde e pinta tão deslumbrante uma paisagem impressionista de um mundo de abril que elogia a Deus por todos os lados, e de cima para baixo também é uma canção inspiradora e inspiradora da incessante recompensa de Deus . Mas é mais, pois fala com igual eloqüência de um poderoso criador - Deus preocupado em fazer pela sua creatina o que essa criatura não pode fazer por si mesmo. Ele perdoa o homem, escolhe o homem, o aproxima da Presença e o satisfaz com a generosidade da alma, bem como com a generosidade da terra. Não é de admirar que esse poeta canse. Louvor é devido a você,. Deus. Então é, e como abundantemente!

66. Um Jubilante Dia de Ação de Graças a Deus

Este salmo cheio de alegria é um chamado para louvar e um convite para ver e ouvir uma confissão do poder e da bondade de Deus. Um indivíduo invocou Deus de extremidade e experimentou uma resposta positiva à sua oração. Ele não dá qualquer indício da natureza de sua dificuldade, nem mesmo da maneira de sua libertação, pois ele está perdido em um arrebatamento de louvor tão cheio que ele não é capaz de carregar tudo. Assim, ele invoca seus companheiros adoradores para se juntarem a ele em louvor; e primeiro atestando o que Deus fez para todos eles, ele se move logicamente e particularmente para uma confissão do que Deus fez por ele. Ao longo do caminho, ele chama tantos como testemunhar o seu testemunho alegre.

Para o maestro do coro. Uma canção. Um salmo.
[1] Faça um barulho alegre a Deus, toda a terra;

[2] cantam a glória de seu nome;

Dê-lhe elogios gloriosos!
3 Diga a Deus: "Quão terríveis são as suas obras!

Tão grande é o teu poder que os teus inimigos se encolhem diante de ti.
4 Toda a terra adora-te; eles cantam louvores a ti,
canta louvores ao teu nome. "Selah
5 Venha e veja o que Deus fez:

Ele é terrível em seus feitos entre os homens.
6 Ele transformou o mar em terra seca;

Os homens passaram pelo rio a pé.
Nós nos regozijamos nele,
7 que governa o seu poder para sempre,
cujos olhos observam as nações -
Não permita que os rebeldes se exaltem.
Selah
8 Bendito nosso Deus, ó povo,

Deixe-se ouvir o som de seu louvor,
9 que nos manteve entre os vivos,

e não deixou nossos pés escorregar.
10 Pois tu, ó Deus, nos testaste;

Você nos tentou porque a prata é tentada.
11 Você nos levou à rede;

Você afligiu nossos lombos;
12 deixaste os homens andarem sobre nossas cabeças;

passamos pelo fogo e pela água;
ainda assim você nos levou para um lugar espaçoso.

O poeta começa chamando toda a terra para dar um barulho alegre a Deus. Sua alegria é mais do que ele pode conter, e a dele deve ser, à medida que ele procede a demonstrar. Ele convida a congregação a fazer alabar a música em seu nome e a fazer seu hino de louvor "Glória!". A referência é a resposta dada à manifestação da Presença de Deus no culto ao culto. A glória de Deus é o equivalente ao seu nome / Presença, e a realização dessa Presença no culto de Israel às vezes foi recebida no culto pelo grito congregacional "Glória" (ver comentário em 29: 9).

Esta sugestão é corroborada pela próxima linha do salmo, em que o poeta exorta a congregação a dizer a Deus, que é abordar uma seqüência de reivindicações aduladoras ao deus agora pensado como presente em sua adoração. Eles devem louvá-lo pela grandeza de suas realizações. Eles devem exaltar a grandeza de sua força, pelo que seus inimigos só podem se submeter a ele. Eles devem falar da prostração em sua adoração de toda a terra, e de sua música para ele - sua música, significativamente, ao seu nome. O poeta vê assim a congregação, na sua experiência e louvor da Presença de

Deus, como simbólica do mundo inteiro, que eventualmente cumprimentará a mesma Presença com "Glória!" E se juntará a seus elogios.

Os adoradores são chamados a uma lembrança das realizações de Deus, seu trabalho incrível por conta do homem. Eles devem *vir vê* -lo - o seu ensaio faz dele uma realidade presente para eles. E eles são lembrados de que é para todos os homens que ele fez isso.

A obra incrível a que o poeta se refere então tem que fazer primeiro com a libertação dos exércitos egípcios no mar (Ex 14: 10-31) e, depois, cruzando a Jordânia inundando a Terra Prometida (Josué 3: 7) -4: 14): ele mudou o mar para a terra seca! Através do rio passaram a pé. Lá, naquele lugar e hora, e em cada lembrança desde então, eles se alegraram com ele. Ele é, afinal, aquele cuja força e, portanto, qual a regra, não deve ser questionada. Seus olhos observam atentamente as nações. Aqueles que partem do seu caminho, portanto, não deveriam se exaltar, seu tempo está chegando.

Crescendo cada vez mais especificamente na aplicação de sua confissão, o poeta agora fala da congregação de que faz parte e refere-se a algum período de tribulação e dificuldades através do qual eles foram capazes de vir apenas por causa da bondade de Deus.

Assim são eles para abençoar o nosso Deus, e soar o eco de seu hino de louvor. Por sua graça eles são cinco e são sustentados. Ele estabelece suas vidas entre os vivos. Ele não permite que seus pés tropeçam. Ele os testou, purgou-os de escória à medida que o minério de prata é fundido. Ele os limitou e os colocou sob pressão. Ele os fez estar sujeitos a outros homens. Mas Deus os trouxe através de tudo para um lugar de refúgio (ver 23: 5 , ver Jeremias 31:14 , Isaías 55:10).

13 Eu entrarei na tua casa com holocaustos;

Vou pagar-lhe os meus votos,
14 o que meus lábios pronunciaram

e minha boca prometeu quando estava com problemas.
15 Oferecer-te-ei ofertas de holocaustos queimados,

com a fumaça do sacrifício de carneiros;
Vou fazer uma oferta de touros e cabras.
Selah
16 Venha ouvir, todos vocês que temem a Deus,

e eu direi o que ele fez por mim.
17 Eu chorei alto para ele,

e ele foi exaltado com a minha língua.
18 Se eu tivesse apreciado a iniqüidade no meu coração,

O Senhor não teria ouvido.
19 Mas verdadeiramente Deus ouviu;

Ele prestou atenção à voz da minha oração.
20 Bendito seja Deus,

porque ele não rejeitou minha oração
ou tirou meu amor firme de mim!

O poeta agora vem ao seu próprio testemunho mais pessoal de ação de graças. É a base para o seu júbilo como um todo e o ponto em que ele continuou movendo-se. Ele fez votos em tempo de dificuldade e prometeu louvor e sacrifício. Sua oração foi respondida, e ele completou o voto dele, para cumprir suas promessas. Mas sua ação de graças é tão abundante e tão jubilosa que ele não pode manter-se dentro dos limites de sua promessa.

Então ele vem ao Templo com holocaustos e propósitos para cumprir seus votos, o que seus lábios se separaram para dizer, o que sua boca pronunciou quando o problema estava sobre ele. Mas suas ofertas não são as ordinárias prescritas para tais casos; Ele está trazendo ofertas queimadas de animais gordurosos, de carneiros, de gado ao lado dos cabritos. Não é uma oferta de obrigação prescrita, mas uma devoção entusiasta e júbilo. Assim, ele multiplica a extensão de seu presente em conformidade.

Além disso, ele convida a congregação a dar atenção ao seu testemunho de libertação. Tal testemunho era freqüentemente parte do cumprimento do voto, mas aqui também o entusiasmo do salmista é sem limites. "Venha prestar atenção", ele diz para aqueles que reverenciam a Deus ", e eu direi e recordei o que ele fez para a minha vida." Para Deus ele gritou em voz alta, e então esperou, com exaltação ou louvor sob sua língua. Nesta fase, ele estava confiante de libertação e pronto com louvor, mas com ele sob sua língua até que a libertação o fizesse apropriado.

Assim, o poeta esperou com um coração aberto a Deus e a resolução de Deus de seu problema. Se ele tivesse sentido maldade em seu coração, ele afirma, o Senhor não lhe teria prestado atenção. Tal não foi o caso, pois Deus já ouviu falar e ouviu o som de sua oração. Então ele chamou a congregação para louvar. E, assim, sua própria alegria prospera em ações de graças e testemunhos de louvor que acham conclusões eloquentes na benção final que surge para Deus.

• Ação de graças e testemunho são essenciais para louvar; e o louvor é, obviamente, essencial para a criatura, não para o Criador. Quanto nosso Senhor procurou nos dizer na história de um leproso de dez que se voltou para agradecer por vida (Lucas 17: 11-19). Quanto, da mesma forma, a prática de louvor nos salmos tem que oferecer às pessoas necessitadas, muitas vezes confundidas com o que realmente são suas necessidades.

67. A recompensa da presença de Deus

O salmo 67 é um hino de ação de graças, cujo principal propósito é a expressão de gratidão pela presença benfeita de Deus. Sua ocasião parece ter sido uma reunião para a adoração durante ou apenas após o tempo da colheita, provavelmente a Festa dos Estandes (Levítico 23:34 ; Deuteronômio 16: 13-17). Mas muito mais está envolvido neste hino do que a gratidão por uma boa colheita, pois o salmista aproveita a ocasião para lembrar a congregação da generosidade perpétua da Presença de Deus, uma recompensa de que a colheita do solo é apenas uma manifestação.

Para o corista: com instrumentos de cordas. Um salmo. Uma canção.
[1] Que Deus seja gracioso com nós e nos abençoe

e faça resplandecer o rosto sobre nós,

Selah

[2] *para que o seu caminho seja conhecido na terra, o seu poder salvador entre todas as nações.*

[3] *Que os povos te louvem, ó Deus;*

Deixe todos os povos te louvarem!

O poeta começa o hino com alusão à antiga benção aarônica de Números 6: 24-26 . Ao fazê-lo, ele estabelece o tema do que está por seguir e também fornece a chave para sua principal intenção, pois esta bênção sacerdotal é um dos resumos mais importantes da Teologia da Presença e da Bênção em qualquer parte do Antigo Testamento. Ele postula em uma expressão abrangente e compacta a visão recorrente do Velho Testamento de que, onde Deus é, também há, pelo menos potencialmente, a benção das dimensões mais desejáveis. E o poeta do Salmo 67 está tentando lembrar aos seus companheiros adoradores, em um tempo de gratidão por um tipo de bênção, da benção mais ampla a que devem ser sensíveis e para o qual devem agradecer.

A tradução do RSV da ação imperfeita, ou incompleta, dos verbos do salmo como jussive representa uma abordagem válida para a compreensão do que o texto realmente diz e uma que é seguida pela maioria dos tradutores. Esses verbos podem ser traduzidos corretamente como verbos de ação futuros ou atuais, porém o ponto essencial é que eles retratam a ação vista pelo autor ainda não completada. A dificuldade em traduções jussivas ou futuras é posta pela v. 6 , que emprega verbos perfeitos e, portanto, indica que a ação de bênção de Deus, na medida em que a colheita se refere, deve ser vista como concluída. O salmista é, portanto, colocado na posição de pedir seriedade por algo que, por sua própria admissão, já foi concedido.

Muitas soluções para essa dificuldade foram tentadas, a mais implacável é a de Gunkel (pp. 280-281), que simplesmente emendou os imperfeitos ofensivos em perfis. Se os verbos perfeitos forem tomados no entanto, como simples declarações de tempo presente, descritivo da ação contínua de Deus em nome de seu povo, a referência à colheita completa se torna simplesmente uma ilustração, um exemplo, do que o poeta está tentando em seu hino para comunicar.

Assim, o poeta declara que Deus tem piedade de seu povo e os abençoa, que ele brilha ou deixa claro com (ou perto) sua presença, para que a terra compreenda seu caminho e todas as nações, sua libertação.

Por isso, os povos, todos os povos, louvam ou glorificam a Deus. Este refrão, repetido no v. 5 , representa talvez a resposta confessional da congregação, que por ela declara que a benção de Deus é universal e merece, mesmo de alguma forma, o louvor de qualquer povo que ofereça louvor, onde quer que esteja. É um dístico notável, mais como uma declaração em vez de uma oração.

[4] *Que as nações se alegrem e cantem de alegria,*

pois julgas os povos com equidade

e guie as nações sobre a terra. Selah

[5] *Que os povos te louvem, ó Deus;*

Deixe todos os povos te louvarem!

[6] *A terra produziu o seu aumento;*

Deus, nosso Deus, nos abençoou.
[7] *Deus nos abençoou;*

Que todos os confins da terra o temam!

"As nações se regozijam e gritam de alegria", continua o salmista, porque Deus julga os povos de uma perspectiva direta, porque ele conduz as nações da terra. É novamente uma afirmação verdadeiramente notável, tanto pelo seu universalismo quanto pela sua ousadia em declarar que Deus é o líder ou guia de nações que nem o reconhecem, e o destinatário de seus elogios. Mais uma vez, o refrão declarativo fornece uma resposta congregacional.

Com a seção final de seu hino, o poeta fornece o caso em questão que documenta sua declaração da benção e Presença de Deus em uma escala universal. Para fazê-lo, ele se move adequadamente para verbos de ação completos. É quase como se ele estivesse antecipando as possíveis consultas de sua congregação, e é como se ele diz: "Não é preciso levar minha palavra para isso, olhe! A terra deu frutos! "É essa benção que eles se uniram para comemorar. Eles não podem negar isso. Nem pode ter sido perdido sobre eles que a generosidade da terra foi desfrutada por outros do que eles mesmos, inclusive, certamente, povos que não reconheceram o deus em absoluto.

Mas sua benção tem uma relevância única, que é realmente muito além de seu próprio benefício. Pois Deus declarou sua Presença e sua recompensa ao mundo por meio deles, e ele continua a fazê-lo. Esta é uma combinação da notável visão de Moisés, que só por causa da Presença de Deus, Israel poderia ter significado (Ex 33: 14-16) e do profeta do exílio, que declarou que as necessidades de Israel são as únicas . tarefa muito insignificante para o servo de Javé (Isaías 49: 6).

• Se a ação dos verbos de todos salvar v. 6 do Salmo 67 seja entendida como jussiva em todos os casos (uma possibilidade aberta, como já foi observado), a ênfase essencial do salmista não é alterada. Ele ainda está reconhecendo a generosidade da Presença de Deus, declarando que a generosidade, portanto, a Presença, é universal, e apoiando seu caso com a colheita que a congregação conheceu para reconhecer. Ele está em qualquer interpretação, tentando mostrar que a gratidão do homem nem sequer é uma boa amostra do que deveria ser em termos de valor recebido. Ele estava, e está certo.

68. A glória e poder do advento de Deus

De todo o Saltério, o Salmo 68 é o único salmo mais corrupto e confuso no que diz respeito ao texto hebraico, o mais enigmático quanto ao contexto e ao significado. Ele abunda em palavras que não ocorrem em outro lugar no Antigo Testamento, em grafias que são incorretas ou únicas, em seqüências de consoantes que parecem estar em desordem e em mudanças súbitas e abruptas de pensamento, estilo e expressão. Os estudiosos deram atenção a ele e produziram uma ampla gama de interpretações do seu significado.
Alguns estudiosos consideraram que não é realmente um salmo, mas uma coleção de músicas curtas, ou mesmo um índice de linhas primeiras ou principais de até trinta hinos separados - como uma página do índice de um hinário. Outros consideraram um hino

único, cuja unidade é proporcionada pelo contexto e ordem de um serviço especial de adoração que, exceto por alusão, está agora em grande parte perdido. Nesta última visão, o salmo é uma espécie de livreto para um grande evento na vida do culto.

Embora seja preciso notar que a relativa obscuridade de grande parte do salmo torna a terra do dogmatismo extremamente questionável, a recorrência de temas, alusões e situações relacionadas com a vinda de Deus sugere fortemente que mais aqui está envolvido um índice ou mesmo uma estância-antologia de outros hinos. Embora seja duvidoso que qualquer configuração para o salmo possa ser reconstruída em detalhes, há evidências internas suficientes para sugerir que o salmo estava relacionado a um serviço de culto em e perto do templo de Jerusalém e, também, que sua ênfase especial é a chegada e efeito da Presença de Deus.

O salmo 68 é do hinário davídico, e sua linguagem, sintaxe, ponto de referência e o estado de seu texto sugerem que é um salmo muito antigo.

Para o maestro do coro. Um salmo de David. Uma canção.

[1] Que Deus se levante, que os seus inimigos sejam dispersos;

Que os que o odeiam fogem antes dele!
[2] À medida que o fumo é afastado, então, afaste-os;

Como a cera derrete antes do fogo,
Que os ímpios perecem diante de Deus!
[3] Mas os justos sejam alegres;

Deixe-os exultar diante de Deus;
Deixe-os jubilar com alegria!
[4] Cantai a Deus, canta louvores ao seu nome;

levantar uma música para aquele que anda sobre as nuvens;
seu nome é o Senhor, exultá-lo diante dele!
[5] Pai do órfão e protetor das viúvas

é Deus em sua santa habitação.
[6] Deus dá ao desolado uma casa para habitar;

Ele conduz os prisioneiros para a prosperidade;
mas os rebeldes habitam em uma terra seca.

O salmo começa com uma referência à vinda de Deus na teofania e uma descrição do efeito desse advento sobre seus inimigos e os que o reverenciam. O uso da terminologia de "ascensão" associada à arca e à Presença de Deus na batalha (ver Números 10:35) sugere aqui, como em outros salmos, que a arca de alguma forma simbolizou a Presença de Deus na teofania.

As primeiras linhas do salmo são uma declaração adicional de seu motivo central: a vinda da Presença de Deus e seu efeito múltiplo. Os verbos nestes versículos devem, portanto, ser considerados como declarativos, representando o que é visto como ocorrendo atualmente, e não (como RSV) como peticionário, em relação a algo ainda a realizar.

Assim, o salmista declara que Deus se levanta, e quando ele faz as coisas acontecem. Seus inimigos se dispersam. Aqueles que o odeiam fugir rapidamente de sua Presença. Os ímpios são dispersos à medida que o fumo flui, e eles perecem à medida que a cera se dissolve quando o fogo é trazido perto dele, desde o advento da Presença de Deus. Os justos, por contraste, se alegram: eles se exultaram na Presença de Deus e saltam de alegria. Assim, a congregação é convocada pelo poeta para cantar a Deus, para fazer música ao seu nome, para "acumular louvores" para aquele que anda sobre as nuvens (uma frase freqüentemente usada nos poemas ugaríticos de Ras Shamra em referência a Baal), O nome dele é "Yah", e eles deveriam exultar em sua Presença. Yah, uma pequena forma de Yah-weh, ocorre 50 vezes no Antigo Testamento, principalmente na resposta de adoração " *Hallelu-Yah!"*

Este Deus que vem e merece o louvor é um Deus de Presença auxiliar. Ele é pai daqueles abandonados e advogados das viúvas destituídas. Ele faz com que os sem-teto habitem em casas e trazem prisioneiros para a prosperidade. Todos aqueles que a sociedade esqueceria facilmente são motivo de especial preocupação para ele. Mas aqueles que se afastam do caminho, os rebeldes, deixam-se permanecer em um terreno desolado. Este é o Deus que está presente na sua santa habitação (v. 5 *b*) .

7 Ó Deus, quando subiste diante do ***teu povo,***

Quando você atravessou o deserto, Selah
8 a terra tremeu, os céus derramaram ***chuva,***

na presença de Deus;
Sinai sentiu-se ansioso pela presença de Deus,
o Deus de Israel.
9 Chuva em abundância, ó Deus, derribaste;

Você restaurou sua herança enquanto languida;
10 o teu rebanho encontrou uma habitação nele;

Na tua bondade, ó Deus, providenciaste os necessitados.
11 O Senhor dá o comando;

O grande é o anfitrião daqueles que carregam a notícia:
12 "Os reis dos exércitos, eles fogem, eles ***fogem!"***
As mulheres em casa dividem o despojo, 13 embora permaneçam entre as dobras de ovelhas -
as asas de uma pomba cobertas de prata,
são pinhões com ouro verde.
14 Quando o Todo-Poderoso espalhou os reis lá,

A neve *caiu* ***em*** *Zalmon.*
15 Ó ***montanha poderosa, montanha*** *de* ***Basã;***

O montanha de muitos picos, montanha de Basã!
16 Por que te vejo com inveja, ó montanha de muitos picos,

no monte que Deus desejava para sua morada,

sim, onde o Senhor habitará para sempre?
17 Com o carro poderoso, duas vezes dez mil,

milhares e milhares,

o Senhor veio do Sinai para o lugar sagrado.
18 Você subiu o monte alto,

levando prisioneiros em seu trem,

e recebendo presentes entre os homens,

mesmo entre os rebeldes, para que o Senhor Deus habite ali.

O salmista prossegue ao lado de uma descrição mais detalhada da vinda de Deus, em um idioma que lembra mais de uma das grandes passagens teofânicas do Antigo Testamento (ver em particular Judg. 5: 4-5). As experiências de Sinai (Ex. 19) e as marchas do deserto (Números 9: 15-23) são chamadas ao presente. Deus é descrito como marchando com seu povo no deserto. O tremor da terra e a queda da chuva (iluminado, os céus pingaram, ver Judg. 5: 4) acompanham a Presença de Deus, chamado "aquele do Sinai" e o Deus de Israel.

A menção da chuva que acompanha a teofania sugere a chuva que a Presença de Deus traz à herança, a terra que é o seu presente para o seu povo. Quando a terra languideceu, foi Deus quem a revigiu, para "fazer firme" novamente. O povo de Deus estabeleceu-se nesta terra, e Deus, em seu bem, providencia as necessidades dos oprimidos. É novamente o advento de sua Presença, que é vista como trazendo essas coisas.

A promessa ou a expressão do Senhor também está relacionada com sua Presença, como são as boas notícias trazidas por um grande anfitrião. O número dos mensageiros é um registro da certeza de sua mensagem. Deus ocasionou e deu a mensagem. Ele colocou para derrotar os reis dos exércitos, que estão fugindo de Skillter, e atrás deles, as donas de casa se arriscaram de seus lugares de esconder entre as canetas de ovelhas para classificar e distribuir a pilhagem. A sequência de versos que segue v. 11 é particularmente difícil, e parece ter sofrido danos consideráveis. Não é possível mais do que um adivinhação na ordem e significado desses versículos. O versículo 13a é muito semelhante aos juízes 5:16. O poeta descreve graficamente um item deixado para os spoilers pelos reis em seu vôo precipitado: é um *objeto d'art,* uma pomba com asas cobertas de prata e pinfeathers cobertos de ouro. E não pode haver resistência ao saque, já que o Todo-Poderoso enviou os reis rodando como flocos de neve no monte Zalmon, uma montanha desconhecida em Basã.

O Monte Basan, identificado como uma montanha alta e uma montanha de Deus, é criticado pelo ciúme da montanha que Deus achou desejável como seu lugar de residência, o lugar onde ele se estabeleceu para sempre. É a escolha de uma colina em vez de uma montanha, um ambiente humilde em vez de uma grande magnificência; Mas é a escolha de Deus, e deve ser aceito. Esse ciúme de Hermon é o modo do poeta de apresentar, de mais uma perspectiva, o tema do advento da Presença de Deus, e ele descreve sua chegada do Sinai.

Acompanhado de carros multiplicados por milhares, repetidos milhares deles (ver Deuteronômios 33: 2), o Senhor é representado tendo vindo do Sinai ao santuário sagrado. Ele subiu ao lugar alto, isto é, a Sião, liderando vitoriamente os cativos derrotados e aceitando o tributo dos rebeldes apóstatas que agora foram trazidos ao

calcanhar, mas que questionaram o seu (*Yah*) se instalando em Sião. É, portanto, um acordo autoritário, e um triunfante também; e o ponto do poeta em estressá-lo aqui é a repetição contundente do tema **da** Presença **de** Deus.

[19] Bendito seja o Senhor,

que nos carrega diariamente;

Deus é a nossa salvação. Selah
[20] Nosso Deus é um Deus da salvação;

Para Deus, o Senhor, é escapar da morte.
[21] Mas Deus quebrará a cabeça de seus inimigos,

a coroa cabeluda daquele que anda nos seus modos culpados.
[22] O Senhor disse:

"Eu os trarei de volta de Bashan,

Eu os trarei de volta das profundezas do mar,
[23 para] que você possa banhar seus pés de sangue,

que as línguas de seus cães possam ter sua porção do inimigo ".
[24] Tua procissão solene é vista, ó Deus,

as procissões de meu Deus, meu rei, no santuário -
[25] os cantores na frente, os minstrels últimos,

entre eles donzelas jogando timbrels:
[24] "Abençoe a Deus na grande congregação,

Senhor, ó vós que são do fountain de Israel "
[27] Há Benjamim, o menor deles, na liderança,

os príncipes de Judá na multidão,

os príncipes de Zebulom, os príncipes de Naftali.

Neste ponto, o poeta estabeleceu uma resposta hímida para a congregação; É a primeira oportunidade para agir sobre o convite para cantar e fazer música, enquanto seguiu seu convite com os motivos para fazê-lo. Assim cantam os adoradores, bendito seja o Senhor! É uma resposta confessional: o deus é um Deus de libertação; O Senhor, seu Senhor, pode provocar fugas da própria morte. Além disso, na realização dessas libertações, Deus esmaga a cabeça de seus inimigos, causando um golpe fatal para aqueles que se desviam de um jeito culpado.

O Senhor foi a Basã para lidar com esses inimigos, e pelo menos é possível que os ciúmes de Bashan / Hermon se referem em vv. 15-16 é uma referência à oposição desses reis. Depois de ter lidado com eles, ele anuncia seu retorno de Basã e dos ocultos esconderijos (o abismo do mar, cf. Amós 9: 3) dos reis fugitivos, para que seu povo tenha uma sangrenta vingança. Mais uma vez, o tema da Presença efetiva de Deus é assumido e aparente tanto no hino confessional quanto na retomada da narrativa de testemunho que o segue.

Em vv. 24-27 , o poeta dá o que é o vislumbre mais claro dentro do salmo de uma parte de seu contexto e começa também um movimento em direção ao clímax do poema. Ele se refere à procissão solene de seu Deus no Templo. Tais procissões são mencionadas em vários salmos e fora do Saltério também. Eles costumavam fazer uso da arca como um símbolo da Presença de Deus e retratados, como aqui, o advento de Deus em seu santuário.

A cena descrita pelo salmista é, portanto, viva. Embora solene, isso é majestoso ou majestoso, a procissão ainda é jubilosa. É conduzido pelos cantores, que são seguidos por um grupo de atores de cordas, tudo provavelmente dos conjuntos de coral e orquestral do Templo. Entremesados com esses músicos, as donzelas apoiaram o ritmo da marcha com os tambores de mão e dançavam ao ritmo da música (ver Ex. 15:20 ; Juízes 11:34 ; 1 Sam. 18: 6). À medida que a procissão chega no pátio externo do Templo, a congregação é chamada a abençoar a Deus, o Senhor, a fonte das bençãos de Israel. Deus seria, neste momento, reconhecido como tendo vindo, e a bênção da congregação é em resposta à sua chegada.

Por razões agora desconhecidas, apenas quatro das doze tribos são mencionadas como parte da procissão. "Pouco" Benjamim, o filho mais novo e a menor tribo, conduz o caminho, acompanhado pelos líderes de Judá, Zebulom e Naftali. Benjamim e Judá podem, naturalmente, representar o Sul, e Zebulun e Naftali, o norte, como sempre foi mantido. Pode também ser, no entanto, que havia originalmente uma lista consideravelmente mais longa, pois aqui também o texto do salmo apresenta dificuldades.

28 Convoca o teu poder, ó Deus;

mostra a tua força, ó Deus, tu que fizeste por nós.
29 Por causa do seu templo em Jerusalém

Os reis te dão presentes.
30 Repreenda os animais que habitam entre os juncos,

o rebanho de touros com os bezerros dos povos.
Abaixe os pés aos que hist depois do tributo;
Espargue os povos que se deleitam com a guerra.
31 Que o bronze seja trazido do Egito;

Deixe Etiópia apressar-se a esticar as mãos para Deus.
32 Cante para Deus, ó reinos da terra;

canta louvores ao Senhor, Selah
33 para aquele que anda nos céus, os céus antigos;

Ele, ele envia sua voz, sua voz poderosa.
34 Atribua poder a Deus,

cuja majestade é sobre Israel,
e seu poder está nos céus.
35 Terrível é Deus em seu santuário,

o Deus de Israel,

Ele dá poder e força ao seu povo.

Bendito seja Deus!

Com uma série de alusões e imagens, o salmista estabeleceu a vinda de

Deus e a eficácia contínua de sua Presença. Ele agora reza pela continuação desses benefícios desfrutados por Jerusalém como resultado da Presença de Deus. Assim, Deus é convidado a tornar firme o seu poderoso para ser poderoso naquilo que ele realizou para o seu povo. É por causa do seu Templo no topo de Jerusalém (Monte de Sião), isto é, por causa da presença dele, que os reis trazem tributo, e o poeta quer a Presença e a reverência que ele produziu (ver Ex. 33:14 -16).

O versículo 30 no texto original está seriamente danificado e muito difícil de renderizar com sensibilidade, mas é, aparentemente, uma oração que os povos voluntariamente agressivos, inclinados à conquista, sejam repreendidos, humildes, feitos para oferecer tributo e dispersos. O enigmático "besta da cana" e o rebanho e os bezerros associados a ele podem ser uma referência ao Egito (ver Ezequiel 29: 3) e as nações periodicamente em conluio com ela como protótipos dos povos que se deleitam com a guerra. Esta sugestão é confirmada pela v. 31 , que retrata "enviados ilustres" (não como RSV, bronze) que trazem tributo do Egito, e a Etiópia levantando as mãos de estima apressada.

É nesta nota de obedecimento das nações que o poeta começa a conclusão de seu hino. Ele repetidamente declarou o advento de Deus, descrevendo-o e seus efeitos secundários de várias maneiras. Ele vem agora ao que é para ele o único clímax lógico para este advento, enquanto convida todos os reinos da terra a cantar para Deus e a cantar louvores ao Senhor. Chamando os pontos que ele já fez, ele se refere a uma linguagem que é característica da teofania e do advento a Deus como aquele que monta nos céus e dá sua voz, sua poderosa voz. Assim, os reinos da terra atribuem poder a Deus, reconhecem que ele é o que ele afirma ser. Seu esplendor é sobre Israel e se manifesta em Israel. Mas não está lá sozinho, pois sua força também está nas finas nuvens do céu abobadado.

Assim, a congregação responde e, na esperança do poeta, os reinos com eles. "Incrível" é Deus. **. .** Bendito seja Deus!

• Certamente a característica mais importante deste salmo mais difícil no Saltério é a sua ênfase na chegada e eficácia da Presença de Deus. Com uma ampla gama de referências cruzadas e imagens, algumas das que remanescem a poesia cananeita, às quais os poetas de Israel eram devedores estilísticos e substantivos, o fato do movimento de Deus em direção e entre os homens é exaltado com grande vigor e entusiasmo. De tudo o que Israel aprendeu e legou sobre Deus, nenhuma lição única é tão conseqüente ou necessária como essa. Pois é o advento e a Presença de Deus que torna os homens diferentes.

No entanto, tudo o que Israel aprendeu foi um prelúdio para o advento mais grandioso, mais conseqüente e duradouro de todos. Este advento, a vinda do Cristo, é a conclusão da teologia da Vinda e da Presença, que é uma parte tão significativa da estrutura de todo o Antigo Testamento.

69. O Choro e a Confissão de um Servo

Este salmo é a lamentação de um membro da congregação de Israel, os homens fiéis e honestos que eram leais a Deus e que muitas vezes eram obrigados a sofrer por essa lealdade. O salmista está em dificuldades difíceis e sofre de todas as formas possíveis: fisicamente, mentalmente, socialmente, espiritualmente. Ele está sob forte ataque por aqueles que o odeiam por sua devoção a Deus. Mas ele também está angustiado como resultado de um castigo justificado de Deus. O mais agonizante de todos é o seu senso da ausência de Deus, e a sua espera por uma libertação divina que não veio.
O clímax do poema no entanto reflete uma mudança na visão do salmista e, portanto, em sua situação. A segurança com que ele levanta o que equivale a um hino de ação de graças sugere que a sua espera por Deus acabou e que sua libertação foi assegurada se ainda não fosse eficaz.

O salmo é do hinário davídico, mas não pode ser atribuído a nenhum autor específico. O versículo final pode ser uma indicação de que o salmo é um dos poucos que datam do período do exílio. O contexto do poema era a comunidade no culto, onde a comunidade estava localizada na época.

Para o corista: de acordo com Lilies. Um salmo de David.
1 *Salve-me, ó Deus!*

Porque as águas chegaram ao meu pescoço.
2 *Eu afundo na lama profunda,*

onde não há ponto de apoio;
Eu entrei em águas profundas,
e a inundação varre-se sobre mim.
3 *Estou cansado com o meu choro;*

minha garganta está seca.
Meus olhos ficam fracos
com a espera do meu Deus.
4 *Mais em número do que os cabelos da minha cabeça*

são aqueles que me odeiam sem causa;
Poderosos são aqueles que me destruirão,
aqueles que me atacam com mentiras.
O que eu não roubei
Devo restaurar agora?
5 *ó Deus, conhece a minha loucura;*

Os erros que eu fiz não estão escondidos de você.
6 *Que os que não esperam em ti sejam envergonhados por mim,*

Ó Senhor Deus dos exércitos;
Não permita que aqueles que o buscam sejam desonrados por mim,
Ó Deus de Israel.

[7] Porque é por amor de você que eu tenho acusado,

Essa vergonha cobriu meu rosto.
[8] Eu me tornei um estranho para meus irmãos,

um alienígena para os filhos de minha mãe.
[9] Porque o zelo pela tua casa me consumiu,

e os insultos daqueles que te insultam caíram sobre mim.
[10] Quando eu humilhei minha alma com jejum,

tornou-se minha censura.
[11] Quando fiz roupa de saco minha roupa,

Eu me tornei um argumento para eles.
[12] Eu falo sobre aqueles que se sentam no portão,

e os bêbados fazem músicas sobre mim.

O poeta abre sua oração com um pedido direto e urgente de libertação, empregando a imagem familiar das enchentes a ponto de engolir o sofredor. Essas águas, de fato, quase tomaram a vida do salmista. Ele está agarrado pela impressão de que ele está afundando em uma lâmina profunda e sugadora, onde não há uma base sólida. Ele sente como se tivesse entrado em águas muito profundas, cujas correntes apressadas quase o dominaram. Ele gritou até ficar cansado, até que sua garganta esteja crua. Ele procurou por Deus até que sua visão esteja falhando, sem sucesso.

Aqueles que o odeiam, embora injustificadamente, são mais numerosos que os próprios cabelos de sua cabeça. Eles são fortes, e eles o responsabilizam por coisas que ele não fez. Não é que ele seja inocente - Deus conhece a natureza e a extensão de sua perversidade e culpa - mas ele não merece os ataques desses inimigos. E ele teme que seus ataques contra ele possam prejudicar alguns de seus irmãos, aqueles que, como ele mesmo, esperam no "Senhor, Senhor dos exércitos", e buscam o Deus de Israel. Ele reza para que isso não seja.

É uma oração em que ele se sente justificado, pois a vergonha e a censura que é o fardo dele e que cobre o rosto dele está no relato de Deus. Ele tornou-se um estranho entre seus parentes e como uma pessoa desconhecida para seus próprios irmãos. O entusiasmo pela casa de Deus tomou total posse dele (iluminado, comeu-me) e, como resultado, as reprovações daqueles que desprezam Deus caíram sobre ele. Assim, quando ele jejuou, chorando, tornou-se uma dupla reprovação para ele. Quando ele colocou o saco de luto por seus pecados, ele se tornou uma piada popular. Ele é a fofoca dos ociosos no portão, o lugar de encontro da cidade e um assunto das canções de bárbaros dos bêbados locais.

[13] ***Mas,*** *quanto a mim, a minha oração é para ti, ó Senhor.*

Em um momento aceitável, ó Deus,

Na abundância do seu amor firme, responda-me.

Com a ajuda de [vocês,] resgate-me

de afundar na lama;

deixe-me ser libertado dos meus inimigos

e das águas profundas.
15 Não deixe a inundação me varrer,

ou o profundo engolir-me,

ou o poço fechou a boca sobre mim.
16 Responda-me, Senhor, porque o amor firme é bom;

De acordo com a sua abundante misericórdia, volte-se para mim.
17 Não esconda o teu rosto do teu servo;

Pois estou angustiado, apressa-me em me responder.
18 Aproxime-se, redime-me,

me liberte por causa dos meus inimigos!

Assim, ele renova a oração de resgate com a qual ele começou, novamente com urgência, mas também com resolução. Ele está preparado para aguardar o tempo do bom prazer de Yahweh, mas ele ainda pede a Deus que responda na abundância de seu amor imutável. Ele reza para ser arrebatado, na certeza da libertação de Deus, da lama. Ele deseja ser libertado daqueles que o odeiam, das águas duplas e profundas que devem ser entendidas como ajudando a criar para ele.

A recorrência desta imagem traz novamente uma nota de urgência e susto, e o poeta clama pela proteção de Deus contra o dilúvio, o abismo, o poço. Aqui, como em outros lugares do Saltério, a referência ao poço é uma referência à morte. Assim, o grito por uma resposta é um grito de libertação. O poeta pede que a Presença seja concedida (v. 16) e não lhe escondeu (v. 17) por causa da bondade do amor imutável de Javé, da abundância da ternura de Javé e do perigo de sua situação. Empregando um termo que é freqüentemente usado da proxima aproximação do homem a Deus na adoração, ele pede a Deus que se aproxime da sua vida e a resgatar. A conotação da raiz *ga'al*aqui, como em outros lugares, é que Deus deve resgatar - até "fazer o seu dever" - a vida de alguém a quem ele tem uma obrigação de pacto. Este sentido é reforçado pelo uso de *padah* na linha paralela: "Por causa dos meus inimigos resgatar-me!"

19 Tu conheces a minha censura,

e minha vergonha e minha desonra;

Meus inimigos são conhecidos por você.
20 Insultos quebraram meu coração,

de modo que estou desesperada.

Procurei pena, mas não havia nada;

e para edredons, mas não encontrei nenhum.
21 Eles me deram veneno por comida,

e por minha sede me deram vinagre para beber.
22 Deixe a sua própria mesa diante deles se tornar uma armadilha;

Deixe suas festas de sacrifício serem uma armadilha.
23 Deixe seus olhos escurecerem, para que não possam ver;

e fazem seus lombos tremer continuamente.
[24] *Derrama a tua indignação sobre eles,*

e deixe sua ira ardente ultrapassá-los.
[25] *º seu acampamento seja uma desolação,*

deixe ninguém morar em suas barracas.
[26] ***Pois*** *perseguem a quem você feriu,*

e aquele que você feriu, afligem ainda mais.
[27] *Adicionar a eles punição após punição;*

Que não tenham absolvição de você.
[28] *Deixe-os serem apagados do livro dos vivos;*

Não se inscrevam entre os justos.

Para acentuar a natureza crítica de sua situação, o salmista confessa que Deus está ciente disso e começa a contar os detalhes como parte do testemunho que torna sua posterior garantia tão efetiva testemunha da congregação. O relato no entanto o leva a uma explosão emocional contra seus inimigos, que é um retrato mais vívido do sofrimento que ele sente do que qualquer outra coisa que ele poderia dizer.

Mesmo quando Deus sabe quais são as próprias falhas pessoais do salmista (v. 5), ele sabe também quem são seus opressores e o que são suas censuras. O poeta confessa que o tratamento que ele experimentou o quebrou, na medida em que ele ficou doente **(** estou desesperado é uma tradução pálida do verbo *nush*). Ele esperava por condolências e por edredons, mas sem sucesso. Em vez disso, eles fizeram uma situação ruim pior: o veneno para a alimentação deve ser entendido como mais reprovação em vez de conforto; Vinagre para sede, como desprezo em vez de entender.

O próprio pensamento desperta uma ira amarga, e o poeta passa a fazer uma série de maldições sobre seus inimigos. Ele pede que a tarifa que lhe ofereceram se tornasse uma armadilha para eles de primeira mão e que sua auto-satisfação fosse como uma armadilha para eles. Não há necessidade em v. 22 , como a RSV faz, para emendar a *w e lishlomim* do texto a w e shalmehem, seguindo o Targum. O poeta está falando sobre a suposta segurança de seus inimigos, não o seu sacrifício

festas. Ele chama a aflição física para seus opressores - cegueira e fraqueza tremendo, onde deve haver força. Ele reza para que Deus derrame sua raiva sobre eles e pede que a fúria da raiva divina possa alcançá-los. Ele pede que sua morada se torne uma terra deserta, que ninguém possa se instalar em suas barracas ou casas.

Este fluxo de vituperação é interrompido na v. 26com uma cláusula de "porque" que a justifica: esses opressores usurparam o papel de Deus e, não satisfeitos em deixar o castigo divino, eles o acrescentaram ao assediar alguém a quem Deus atingiu; falando um pouco sobre o seu sofrimento, adicionaram-se a ele. Assim, ele pede que Deus adicione culpa em cima da culpa que eles já tenham e negar a eles alguma participação na sua justiça divina (não, como RSV, absolvição). Sua ira atinge a fúria total, e ele chora: "Que eles sejam apagados do seu livro de vida!" Ele não quer que eles sejam listados com os justos, aqueles que se gostam são membros leais da comunidade cultual. É uma maldição terrível e vingativa. O livro dos vivos a que o poeta faz

referência foi visto como uma espécie de registro daqueles que eram leais a Deus e, portanto, merecedores de bênção (Ex. 32:33; É um. 4: 3 ; Ezek. 13: 9); O salmista não quer que nenhum dos seus inimigos permaneça nesse livro, se eles deveriam estar lá.

[29] Mas estou aflito e com dor;

Deixe a sua salvação, ó Deus, colocar-me no alto!
[30] Louvarei o nome de Deus com uma canção;

Eu o ampliarei com ação de graças.
[31] Isto agradará ao Senhor mais do que um boi
ou um touro com chifres e cascos.
[32] Que os oprimidos a vejam e se alegrem;

vocês que procuram Deus, reviem seus corações.
[33] Porque o Senhor ouve o necessitado,

e não despreza o seu próprio que está em títulos.
[34] Deixe o céu e a terra o louvarem,

os mares e tudo o que se move nela.
[35] Porque Deus salvará Zion

e reconstruir as cidades de Judá;
e os seus servos habitarão ali e a possuirão;
[36] os filhos de seus servos herdarão,
e aqueles que amam seu nome habitarão nele.

A explosão do salmista é uma ventilação muito humana e exaustiva, e ele segue com o que quase parece uma desculpa: mas estou aflito e com dor. É um suspiro cansado, e com ele ele retorna à sua oração pela segurança da libertação de Deus. É uma libertação ainda por vir e, portanto, apenas conforme necessário; Mas, após sua explosão, o poeta agora tem bastante calma de espírito para sentir uma nova garantia.

Do ponto de vista desta nova garantia, surge uma promessa de ação de graças e a convicção de que todo o povo de Deus se dirige para dias melhores. Assim, o poeta declara que ele irá glorificar (ou confessar) o nome de Deus com uma canção e exalá-lo com ação de graças - ações que ele sente que o Senhor adorará melhor do que uma variedade de sacrifícios de animais, aparentemente, porque tais ações provêm da convicção. Ele chama seus pares em opressão para se juntar a ele em júbilo e exorta aqueles que gostam de si mesmos estão buscando Deus para que seus corações se acelhem, porque Yahweh presta atenção aos necessitados.

Esta é uma garantia emocionante, e o poeta sobe ao seu estímulo, invocando o céu e a terra para confessar o Senhor, os mares e todas as criaturas que enxergam neles. Ele percebeu as implicações mais amplas de sua própria situação e libertação e ele fecha o salmo com firme esperança, para que Deus entregue Sion e edifique as cidades de Judá e que os filhos de seus servos recebam a terra como uma herança e habitem nisso.

• De todos os salmos no Saltério, somente o Salmo 22 é mais frequentemente citado no Novo Testamento em referência ao nosso Senhor do que o Salmo 69 . Quando se considera a totalidade deste salmo, esse fato não é tão estranho como parece. Pois, como

o Salmo 22 , o Salmo 69 , apesar de sua terrível agonia, termina com uma nota de confiança alegre que não é menos do que júbilo.

O cristão pode encontrar-se chocado, até repelido, pela violência das maldições em vv. 22-28 . Mas esses versos e outros como eles nos salmos merecem nossa atenção. Em primeiro lugar, eles devem estar sob a posição, na medida do possível, como o próprio salmista teria entendido. Então eles devem ser vistos como o que são - um reflexo preciso do que os homens realmente sentem, em contraste com o que eles gostariam de sentir ou deveriam sentir. Isso não deve ser negado, e nenhuma dessas orações deve ser negada, pois o que Deus deseja naqueles que o amam, acima de tudo, é honestidade. Somente para Deus podemos conversar de forma tal sem prejudicar a nós mesmos. A estrofe da garantia vem somente depois que o poeta foi totalmente honesto.

70. Uma oração pela libertação urgente

Para o maestro do coro. Um salmo de Davi, para a oferta memorial.
1 Fique satisfeito, ó Deus, para me livrar!

Senhor, faça pressa para me ajudar!
2 Deixe-os envergonhados e confusos

que procuram minha vida!
Deixe-os virar de volta e levados para desonra
Quem deseja minha dor?
3 Deixe-os ficar consternados por causa da sua vergonha

Quem diz: "Aha, Aha!"
4 de maio todos os que te procuram

regozije-se e fique feliz em você!
Que aqueles que amam a tua salvação
diga sempre, "Deus é ótimo!"
5 Mas sou pobre e necessitado;

Apresse-me, ó Deus!
Você é minha ajuda e meu libertador;
Senhor, não demore!

Este salmo ocorre duas vezes no Saltério, e, como os cinco versos finais do Salmo 40 . Existem duas diferenças nas duas versões. O Salmo 70 , que é da coleção Elohistic, substitui " *Elohim* para Yahweh duas vezes (vv. 1 , 4) e *para'Adonai* uma vez (v. 5). Uma vez (v. 5), substitui Yahweh *por'Adonai* . Além disso, quatro palavras são omitidas pelo Salmo 70 , duas são ligeiramente alteradas, e duas são completamente alteradas. De todas essas diferenças, no entanto, apenas dois fazem qualquer alteração substancial: "Deixe-os ficar estupefatos" de 40:15torna-se "Deixe-os voltar" em 70: 3 , uma diferença que o RSV não reflete; e "o Senhor me estima" de 40:17 torna-se "Deus, apresse-se comigo" em 70: 5 .

Em vista desta semelhança quase literal, é feita referência aos comentários anteriores sobre o Salmo 40 . O principal valor de tal repetição, para o estudante contemporâneo

dos Salmos, é a luz que derrama sobre o longo e complexo processo pelo qual o livro canônico dos Salmos surgiu. Em ambas as ocorrências, a oração é atribuída ao hinário davídico.

71. Oração de um ancião por ajuda

A voz de um homem velho, levantada em lamentação, confissão e ação de graças, é ouvida neste poema. Que ele é um homem de fé é aparente não apenas no que ele diz em confissão, mas também em seu pronta utilização de frases de salmo que ele herdou na adoração. Versos 1-3 , por exemplo, estão intimamente relacionados com 31: 1-3 ; frases em vv. 5,6 , 12 são remanescentes de 22: 9-11 , 19 ; e, na verdade, grande parte do salmo tem sua contrapartida em outros salmos do mesmo tipo (ver 35 , 40 , 57). Isso não diminui o valor desse salmo como uma composição individual por direito próprio; é muito mais do que o "mosaico de fragmentos" (Kirkpatrick, pág. 409), alguns comentadores acabaram por ser.
O salmo não tem maré, e no texto de L, nenhum número próprio. Por esta razão, sem dúvida, alguns manuscritos hebreus o anexam ao Salmo 70 .

[1] ***Em ti,*** *ó Senhor, refiro-me;*

Deixe-me nunca ser envergonhado!
[2] *Na tua justiça, livra-me e resgate-me;*

incline seu ouvido para mim e me salve!
[3] *Seja para mim uma pedra de refúgio,*

uma fortaleza forte, para me salvar,
pois você é minha pedra e minha fortaleza.
[4] *Resgate-me, ó meu Deus, da mão dos ímpios,*

do alcance do homem injusto e cruel.
[5] *Pois tu, ó Senhor, és a minha esperança,*

minha confiança, *ó Senhor, desde a minha juventude.*
[6] *Depois de ti, me inclinei do meu nascimento;*

Você é o que me tirou do ventre de minha mãe.
Meu louvor é continuamente de você.
[7] *Eu tenho sido um sinal para muitos;*

Mas você é meu refúgio forte.
[8 A] *minha boca está cheia de teu louvor, e com a tua glória o dia todo.*
[9] *Não me afaste no tempo da velhice;*

não me abandone quando minha força é gastada.
[10] *Porque meus inimigos falam sobre mim,*

aqueles que cuidam da minha vida, consultam juntos,

[11] e diga: "Deus o abandonou;

persegui-lo e apreendê-lo,

pois não há para entregar ele. "
[12] Deus, ele não está longe de mim;

Ó meu Deus, apresse-se em me ajudar!
[13 Os] meus acusadores são envergonhados e consumidos;

com desprezo e desgraça possam ser cobertos

que buscam minha dor.

O poeta começa sua petição com a declaração de confiança confiável que é uma constante ao longo deste salmo. Ele está sob um ataque vicioso e malicioso de algum tipo, e ele tomou o refúgio de Yahweh. Assim, ele pede que ele não fique desapontado, que o Senhor em justiça o arreba, deixa-o escapar; que ele preste atenção e entregue-o; que ele seja uma pedra de refúgio, um retiro disponível para ele em todas as suas necessidades, para o entregar. Ele pergunta isso com a certeza de que já é, pois, ele declara, você é minha pedra e minha fortaleza.

Seu pedido, mais especificamente, é que ele seja permitido escapar da mão dos ímpios, o alcance de homens perversos e violentos; e ele se sente justificado ao fazê-lo não só porque sua esperança está em Yahweh no presente, mas também porque tem sido assim desde a sua infância. Sua associação dependente é de longa data e outra na qual o salmista nunca conheceu desapontamento - assim sua canção de louvor é de Yahweh continuamente.

Este pensamento de ajuda do passado lembra o salmista de sua dificuldade presente e, ao mesmo tempo, fortalece sua esperança de ajuda e sua determinação de aguentar. Ele se tornou para muitos um tipo de portento. O *mopet* hebraico não tem necessariamente um sentido negativo aqui, mas isso parece ser a possibilidade mais provável. Neste caso, o poeta está dizendo que seu destino, a situação de que ele deseja ser resgatado, foi entendido por alguns como um tipo de advertência. Mas ele está indiferente em sua fidelidade ao Deus em quem ele confiou há tanto tempo. Deus ainda é seu forte refúgio. Sua boca está cheia do louvor de Deus e da sua glória.

Assim, ele vem à sua petição principal. Apesar de sua fé e confiança, seus inimigos colocaram em sua mente um pensamento assustador. Era uma farpa cruel, mas bem sucedida, que usava um fato para gerar medo. O poeta é um homem velho, muito além do seu auge. Sob ataque, ele é muito solitário. Seus inimigos procuraram negar-lhe sua única confiança remanescente, sugerindo que Deus o abandonou como inútil. Assim, a sua oração é um pungente: não me afaste no tempo da velhice. Ele deve, claro, saber melhor. Mas seus inimigos, que observam atentamente a vida, consultaram juntos e declararam que Deus abandonou. Eles estabeleceram planos para perseguir e segurá-lo, porque não há ninguém para o entregar. E ele se sente muito sozinho. Assim, ele pede que Deus não esteja tão afastado dele e, de fato, que Deus se apresse em sua ajuda.

[14] Mas espero continuamente,

e te louvarei ainda mais e mais.
[15 A] minha boca falará dos teus atos justos,

de suas obras de salvação o dia todo,

Por seu número é passado meu conhecimento.
16 *Com as ações poderosas **do** Senhor Deus, eu irei,*

Louvarei a tua justiça, a ti só.
17 *Ó Deus, desde a minha mocidade me ensinaste,*

e ainda proclamo as tuas maravilhas.
18 *Então, mesmo para a velhice e cabelos grisalhos,*

Ó Deus, não me abandone,

até que eu proclame o seu poder

para todas as gerações vindouras.

Seu poder *19* *e a sua justiça, ó Deus,*

alcançar o céu alto.

Você que fez grandes coisas,

Ó Deus, que é como você?
20 *Você que me fez ver muitos problemas doloridos*

me revive novamente;

Das profundezas da terra, você me levará de novo.
21 *Você aumentará minha honra,*

e consolar-me novamente.

Esta breve sugestão de dúvida parece tornar-se um embaraço imediato para o poeta, e ele se apressa novamente a confessar sua confiança e a declarar o louvor de Deus. Ele esperará continuamente e acrescentará ainda mais "além de" todo o louvor que Deus já recebe. Sua boca dirá e reta a justiça e a libertação de Deus. Ele nunca foi capaz de enumerar todas as bondades de Deus. Talvez ele só possa começar, mas ele pretende ser bem iniciado com as ações poderosas do Senhor Yahweh. Ele dará a lembrança a justiça sem paralelo de Javé, sua justa justiça.

Ele é um homem suficientemente velho e sábio para saber que a lista das misericordias de Deus para o homem não pode ser cercada. Mais uma vez, ele pensa, como os anciãos devem fazer, do passado. Javé ensinou-o desde a sua infância, e continuou até o presente para dar a conhecer os maravilhosos atos de Javé. É sua intenção, além disso, continuar a fazê-lo, e pensou que o futuro de repente traz esfaqueamento novamente medo e dúvida. Ele reza, com pungência, de que Deus não abandona a cabeça na idade avançada e declara seu desejo de proclamar o poder e o poder divinos para uma nova geração, para todos os futuros, e a justiça divina para o próprio céu. Deus fez grandes coisas - o pensamento deles é esmagador - e ele só pode perguntar, ó Deus, quem é como você?

Novamente, a sugestão de dúvida suscita confissão renovada e afirmação de confiança. Deus fez com que ele experimentasse muitos sofrimentos antes. Agora, como antes, ele voltará e acelerará seu antigo servo mais uma vez. Nas profundezas da terra, isto é, do limite da própria morte, Deus se aproximará e o levará de novo. Ele multiplicará as grandes obras do poeta, deixando claro que, apesar de sua idade

avançada, o poeta é um homem a ser contado e, portanto, longe de ser um capitão sem valor. Deus se aproximará, ao salmista em vez de afastar-se dele e o consolará. É uma imagem de grande ternura.

[22] Também te louvarei com a harpa

para a tua fidelidade, ó meu Deus;
Vou cantar louvores com a lira,
Ó Santo de Israel.
[23] Meus lábios gritarão de alegria,

quando canto louvores a ti;
minha alma também, que você salvou.
[24] E a minha língua falará da tua justa ajuda

todo o dia,
pois ficaram envergonhados e desonrados
que procurou me ferir.

Quando esses versos finais, o poeta enquadra uma ação de graças para uma libertação realizada ou vista como tão certa de realização que pode ser descrita como uma ação completa. Essa garantia não é incomum em salmos de confiança e em alguns salmos de lamento também. Assim, o poeta promete louvar a certeza de Deus. Seus lábios gritarão de alegria porque Deus resgatou sua vida. Ao longo do dia ele declarará a justiça de Deus, porque ele confundiu e aqueles que estavam fora para fazer o mal do poeta.

• Este salmo, como foi sugerido acima, é mais do que o total aparente de suas partes componentes. É verdade que não enfatiza nenhum tema que não esteja presente também em algum outro salmo, e que ao fazê-lo às vezes emprega as próprias palavras de outros salmos. Sua única diferença, à primeira vista, parece ser o seu ponto de referência na vida de um velho. Mas quando é visto em sua totalidade, o salmo pulsa com a individualidade e a vida que trazem o leitor em seu contexto. A dúvida e o medo de um velho tornam-se vívidos e inegáveis. Mas também a fé e a ânsia de louvar o Deus a quem seu compromisso é total.

A aparente lição do testemunho do velho é que a idade é irrelevante em relação à fé. Mas incorporado a essa lição é ainda mais importante: Deus é paciente e indiferente por nossas duvidas. Isso é realmente motivo de louvor alegre!

72. Uma oração pelo rei de Deus

Esta oração para o bem do rei davídico e seu reino é outro dos salmos reais, esse grupo de poemas no Saltério que estão diretamente relacionados aos reis da dinastia de Davi. Seu contexto pode ter sido, como já foi amplamente sugerido, a coroação do rei em Jerusalém. É claro que tal salmo foi definido para alguma ocasião em que o rei estava sendo reconhecido publicamente como o destinatário da recompensa especial de Deus.
O salmo pode ter sido composto para uma cerimônia pública da entronização de Salomão; Seu título é associado a Solomon. Há dentro do salmo, no entanto, nenhuma

alusão suficiente para consertar definitivamente o primeiro rei com o qual o salmo pode ter sido usado. A imagem do rei apresentada no salmo é uma idealizada, mas, logicamente, por causa de sua relação com Deus (nota v. 1 , veja o comentário 2: 4-6) e, de forma realista, oferece um padrão para o que é um O bom rei deve se esforçar para fazer.

Um salmo de Salomão.
[1] Dê ao rei a sua justiça, ó Deus,

e a sua justiça para o filho real!
[2] Que julgue o teu povo com justiça,

e o teu pobre com justiça!
[3] Deixe as montanhas terem prosperidade para o povo,

e as colinas, em justiça!
[4] Que ele defenda a causa dos pobres das pessoas,

dar libertação aos necessitados,

e esmague o opressor!
[5] Que ele viva enquanto o sol permanece,

e enquanto a lua, ao longo de todas as gerações!
[6] Que ele seja como a chuva que cai na grama cortada,

Como chuvas que regam a terra!
[7] Nos seus dias, a justiça floresce,

e a abundância da paz, até a lua não ser mais!

O verso de abertura do poeta antecipa e inclui praticamente tudo o que se segue no salmo. Ele pede ao rei e à sua dinastia os julgamentos e a justiça de Deus - os direitos divinos e a justiça divina. Um ou ambos estes conceitos se repetem em vv. 2, 3, 4 , 7deste salmo, e tudo o que é solicitado ao rei pode, de alguma forma, ser considerado em relação direta com essa petição de abertura. A justiça de Deus aqui solicitada não deve ser pensada em nenhum sentido escatológico, mas sim como a decisão inequivocamente correta em matéria de litígio. O rei durante a monarquia era o "tribunal supremo", e o poeta o faria imbuído das decisões que Deus faria nas questões que lhe foram feitas. O RSV justamente torna a justiça no senso mais elevado desse conceito. A justiça de Deus envolve a probidade espiritual, cultual, moral e social, a honestidade no grau mais completo. Essa justiça é o objetivo constante e o desejo dos leais a Deus e é freqüentemente mencionado nos salmos, às vezes como tendo sido alcançado. Como von Rad demonstrou corretamente, a justiça dos salmistas é concebida em termos de uma relação correta com o culto e suas exigências. Mas o que aqui é solicitado para o rei é muito mais do que isso - não é nada menos do que a própria justiça de Deus, que é em si perfeição.

A petição de abertura do salmista é, portanto, de grande alcance, à luz da qual os pedidos que se seguem devem ser entendidos. Esses pedidos, de fato, podem ser renderizados, com o RSV, como jussives ("may", "be", "let"), ou igualmente bem como convicções que são asseguradas pela resposta à oração inicial. Se isso for concedido, então tudo o resto seguirá: assim "ele julgará" (v. 2) e "ele defenderá" (v. 4 , ver

NEB, vv. 2 , 4-7 , 9-12). É como se o poeta, tendo perguntado a Deus o que ele quisesse para o rei, procede a exelar a plenitude de seu pedido para a congregação atendente e, sem dúvida, para o rei também.

Assim é a oração dele que o rei julgue as pessoas com honestidade e oprimidos e "colocados" com os cidadãos, especialmente, com o juízo correto. Como resultado, as mesmas montanhas suportarão o povo, e as colinas, a justiça. Ele pede que o rei tenha uma sensibilidade particular para aqueles que são incapazes de se ajudar a fim de julgar justamente os oprimidos, entregar os indigentes e quebrar seus opressores, os extorsores, os funcionários da trapaça. É a sua oração que o rei possa desfrutar de uma vida longa, tão longa como a que desfrutava o sol e a lua, que sempre parecem estar em volta (Salmos 89: 36-37). Isso é mais do que um desejo complementar; é uma oração pela perpetuação do governo do rei e pela vitalidade em sua dinastia. Ele solicita, além disso, que o rei pode ser uma benção para o seu povo semelhante aos duches vivos após o primeiro corte (as chuvas intensas que fazem uma segunda colheita maior que a primeira), que o que é certo pode florescer durante o reinado e Essa satisfação (*shalom*) pode ser abundante até a lua evaporar.

8 Que ele tenha domínio de mar a mar,

e do rio até os confins da terra!
9 Que seus inimigos se curvam diante dele,

e seus inimigos lambem a poeira!
10 maio os reis de Tarsis e das ilhas

torná-lo tributo,
os reis de Seba e Seba
traga presentes!
11 maio todos os reis caem diante dele,

Todas as nações o servem!
12 Porque ele entrega os necessitados quando ele chama,

o pobre e aquele que não tem ajudante.
13 Ele tem piedade dos fracos e dos necessitados,

e salva a vida dos necessitados.
14 Da opressão e da violência ele redime a vida deles;

e precioso é o seu sangue à sua vista.
15 Longe ele pode morar,

Ouro de Sheba seja dado a ele!
Que a oração seja feita para ele continuamente,
e as bênçãos invocaram para ele o dia todo!
16 de maio haverá abundância de grãos na terra;

no topo das montanhas pode acender-se;
que seu fruto seja como o Líbano;

e que os homens floresçam das cidades

como a grama do campo!

17 de maio, seu nome dura para sempre,

Sua fama continua enquanto o sol!

Que os homens se abençoem por ele,

Todas as nações o chamam de abençoado!

Os benefícios da petição inicial do poeta não podem ser contidos dentro dos limites da regra atual do rei, no entanto. O advento dos julgamentos de Deus e da justiça em sua pessoa trará uma extensão inevitável de sua influência. A oração é, portanto, para o seu domínio de mar a mar, do grande rio (*nahar*, o Eufrates) aos limites da terra, literalmente o mundo como o salmista sabia disso. Ele pede que os adversários se acumulem na presença do rei; que seus inimigos "comam", ou seja, se curvam, o pó; que os reis de Tarsis e as terras costeiras lhe oferecem presentes, os reis de Seba e Seba lhe trazem tributo; de fato, que todos os reis prostraram-se diante dele e todas as nações o servem. Sheba e Seba estão ambos conectados com os Sabeans, o primeiro nome do seu território no sudoeste da Arábia, o último aparentemente uma das suas colônias, talvez na África. Eles são selecionados, juntamente com Társis, como representantes de reinos distantes.

É uma homenagem que o rei merecerá, prossegue o poeta, porque ele resgatará os indigentes que clamam pela ajuda, pelos oprimidos e por aqueles que não o ajudam. Ele terá piedade dos fracos e destituídos, e ele salvará a vida dos necessitados. Da opressão e da violência, ele resgatará ou "fará seu dever por" as vidas de tais pessoas, pois seu sangue será de valor para ele. Apesar do obedecimento internacional que lhe será concedido, ele ainda terá tempo e atenção para as pessoas mais humilde, mais desprovidas e negligenciadas da terra. Aquele é tão inevitável quanto o outro se ele deve possuir os julgamentos e a justiça de Deus.

Assim, o poeta retoma uma vez mais a sua oração pela bênção do rei, pedindo que ele tenha vida, para que ele seja dado a ouro de Sheban, que a oração contínua seja oferecida em seu favor, e que seja abençoado ao longo de seus dias. É uma oração que, de certa forma, é um resumo do que já foi solicitado.

Mas o salmista não está terminado, pois ele leva a sua oração a conclusão com uma petição para uma terra frutífera, em si mesmo um sinal de benção sobre o rei e o reino, e para a continuação da dinastia do rei. Então ele reza por uma abundância de grãos na terra, acenando no vento até o topo das colinas e para culturas tão ricas quanto as do Líbano, fáceis por seu solo fértil, com grãos de grãos tão grossos quanto as ervas daninhas da Terra. O versículo 16 aparentemente sofreu danos na transmissão, e o RSV e os homens florescem nas cidades é mais conjectura do que a tradução. Apenas é necessária uma leve emenda do texto para a leitura sugerida aqui.

O poeta também reza, finalmente, para que a dinastia (o nome) do rei dure para sempre, continuando enquanto o sol continuar a brilhar (ver v. 5) e pede que todas as nações se abençoem nele, como Eles reconhecem a dependência dele e o declaram abençoado.

18 Bendito seja o Senhor Deus de Israel,

quem sozinho faz coisas maravilhosas.

19 Bendito seja o seu nome glorioso para sempre;

Que a sua glória cubra toda a terra!

Amém e Amém!

[20] *As orações de Davi, filho de Jessé, terminaram.*

Esses versículos não devem ser entendidos como parte integrante do Salmo 72 . Eles são, como 41:13 , uma espécie de doxologia que marca o fim do Livro II do Saltério e (v. 20) uma nota de rodagem editorial afixada por um compilador que trabalhou em algum estágio antes da conclusão de toda a coleção de Salmos como é conhecido por nós.

Assim, a bênção abençoa o Senhor Deus, o Deus de Israel, que sozinho faz obras maravilhosas, e seu nome glorioso (Presença) para sempre. O poeta também reza para que a sua glória, que é mais um termo para a sua presença, possa encher toda a terra. Os "Amens" que se seguem são, como em 41:13 , a provável resposta da congregação à bênção.

Que o editor que colocou as palavras as orações de Davi, filho de Jessé "estão assim completos", seguindo a bênção ao Livro II, apenas uma parte do Saltério antes dele ficou clara com a presença do nome de David nos títulos de Salmos em cada um dos três livros posteriores (observe Salmos 86 , 101 , 103 , 108-110 , 122 , 124 , 131 , 138-145). Esta nota deve, portanto, ser entendida como outra pista para a história da compilação do livro dos Salmos, e também como indicação de que, em um ponto no desenvolvimento do Saltério, nenhum salmo além de 72 era considerado em qualquer sentido salmos davídicos. Que todos os salmos antes da nota também não foram considerados parte da coleção davídica é demonstrado graficamente pela atribuição do próprio salmo a que a nota está anexada à tradição salomônica.

• Assim, o Livro II dos Salmos concluiu com uma benção: "Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel". E como essa bênção é uma conclusão adequada para a coleção, também o Salmo 72 com sua visão do domínio de Deus na pessoa de seu rei.

73. Insight sobre uma pergunta não respondível

O Salmo 73 , como os Salmos 37 e 49 , é um produto da tradição acadêmica dentro de Israel; e, como esses poemas, tem como ponto de partida o conflito entre a aparente prosperidade dos ímpios, o certo sofrimento de pelo menos alguns que procuram servir a Deus e a teologia tradicional que implica o contrário de tal situação. O salmo é do hinário da escola de Asaph e é o primeiro em uma seqüência de onze desses salmos. Juntamente com o Salmo 50 , estes salmos são a contribuição total para o livro dos salmos da tradição astronica.

Um salmo de Asafe.

[1] *Verdadeiramente Deus é bom para os justos,*

para aqueles que são puros de coração.

[2] *Mas, quanto a mim, meus pés quase haviam tropeçado,*

meus passos quase caíram.

[3] *Pois eu tinha inveja dos arrogantes,*

quando vi a prosperidade dos ímpios.

4 Porque eles não têm dores; seus corpos são sólidos e elegantes.
5 Eles não estão em apuros como outros são;

eles não são atingidos como outros homens.
6 Portanto, o orgulho é o seu colar;

A violência os cobre como uma peça de vestuário.
7 Seus olhos incham com gordura,

seus corações transbordam de loucuras.
8 Eles zombam e falam com malícia;

altamente ameaçam a opressão.
9 Eles puseram a boca contra os céus,

e sua língua struts através da terra.
10 Portanto, as pessoas se voltam e louvam;

e não há culpa neles.
11 E eles dizem: "Como Deus pode saber?

Existe o conhecimento no Altíssimo? "
12 Eis que estes são os ímpios;

sempre à vontade, aumentam as riquezas.
13 Em vão tenho mantido meu coração limpo

e lavou as mãos na inocência.
14 Durante todo o dia eu fui atingido,

e castigado todas as manhãs.

O poeta começa seu salmo com uma declaração semelhante a um provérbio de sua conclusão: Deus certamente é bom para aqueles que são retos e sinceros. Não é uma afirmação do tema de seu poema, nem uma resposta à questão que está na raiz de sua angústia. É mais uma visão que tornou a questão irrelevante para ele, e ele afirma isso primeiro, como se não pudesse esperar para chegar a ele.

Mas não é uma conclusão com a qual ele sempre teve tanta certeza, nem um para o qual ele veio facilmente. Na verdade, ele quase perdeu o caminho, com passos eretos e pés deslizantes, porque ele estava com ciúmes de braggarts e tinha ficado impressionado com a forma como tudo parecia funcionar para os perversos. O poeta prossegue, de fato, para indicar quão cuidadosamente ele observou os ímpios e quanto ele refletiu sobre sua situação. Nada parece prejudicá-los ou enfraquecê-los, até o dia de sua morte. Eles são sólidos do corpo. Eles não parecem compartilhar o sofrimento da maioria dos homens, e eles não são feridos com os homens em geral. Atingidas (*yᵉnugga'u*) pode bem ser entendido como divina punida; O verbo *naga* é freqüentemente usado no Antigo Testamento da ação de Deus em julgamento (por exemplo,Gn 12:17 ; 2 Reis 15: 5 ; É um. 26: 5 ; Jó 1:11 ; 2: 5).

Além disso, esses ímpios são insolentes quanto à sua boa sorte. Eles usam seu orgulho como uma nova cravat e se envolvem em sua violência como se fosse um novo

terno. Seus olhos claros se projetam de rostos gordurosos, um sinal de sua gula indolente. Suas mentes passam do enredo para o enredo. Eles são ridículos, e eles falam maliciosamente. Eles falam alto, isso é do que eles pensam ser uma posição segura, sobre a extorsão. Eles colocam as suas bocas contra o próprio céu, e a língua deles fala pela terra. É por causa de sua aura de sucesso e sua prontidão com palavras que as pessoas são atraídas por eles e não podem ver nenhum defeito neles. Eles reivindicam uma imunidade virtual de quaisquer conseqüências, dizendo: "Como Deus deve saber? O mais alto está ciente? "É assim que são, esses perversos; e descuidadamente satisfeito o tempo todo,

Que o poeta tenha dado uma reflexão longa e frequente a essas pessoas é claro. Provavelmente demonstrou sua destruição, pois ele confessa honestamente que ele pensou que suas tentativas de obediência às regras da pureza cultual, mantendo seu coração puro e lavando as palmas em pureza (ver Deuteronômio 21: 6 e comentar sobre 26: 6) - não foram para nada. Em contraste com esses homens, impíos com impunidade, ele foi julgado por todo o dia, punido manhã após manhã.

15 Se eu tivesse dito: "Falarei assim"

Eu teria sido falso com a geração de seus filhos.
16 Mas quando pensei em entender isso,

Pareceu-me uma tarefa cansativa,
17 até eu entrar no santuário de Deus;

então percebi o fim deles.

18 Em ***verdade, você os colocou em lugares escorregadios;***

Você os deixa cair na ruína.
19 Como eles são destruídos em um momento,

varrido completamente pelos terrores!
20 Eles são como um sonho quando alguém acorda,

Ao acordar, você despreza seus fantasmas.
21 Quando minha alma estava amargurada,

quando eu fui picado de coração,
22 Eu era estúpido e ignorante,

Eu era como uma fera em relação a você.

23 No entanto, continuamente estou contigo;

você segura minha mão direita.
24 Me guias com o teu conselho,

e depois você me receberá para a glória.
25 Quem eu tenho no céu, além de ti?

E não há nada na terra que eu deseje além de você.
26 Minha carne e meu coração podem falhar,

Mas Deus é a força do meu coração e da minha porção para sempre.

[27] Pois bem, os que estão longe de ti perecerão;

Você acabou com aqueles que são falsos para você.
[28] Mas para mim é bom estar perto de Bacalhau;

Eu fiz o refúgio do Senhor DEUS ,

para que eu possa falar de todas as suas obras.

Assim foi o poeta quase tentado a dar errado (v. 2) e falar com desespero e desilusão de seu relacionamento com Deus - como seus pensamentos (v. 13-14) o incomodaram e como os ímpios sempre fizeram (vv. 8-9 , 11). O texto siríaco lê "Se eu tivesse dito" falarei como eles ". Mas ele percebe, em retrospectiva, que o fato de ter feito isso não teria sido apenas uma traição de Deus, mas da comunhão de que ele é um parte, a geração dos filhos de Deus (Deuteronômio 14: 1).

No entanto, o problema era difícil para ele, como ele perplexo na tentativa de entender como o que poderia ser tão longe do que deveria ser. Isso o afligiu até chegar ao templo sagrado de Deus; e então e ali experimentou a revelação: percebi seu futuro. Ele veio de repente para ver os ímpios, com toda a sua prosperidade e segurança, numa luz dramaticamente nova. Ele percebeu que Deus os havia colocado em lugares escorregadios; que ele faz cair sua queda na ruína; que eles venham à destruição em um piscar de olhos; que eles são varridos por terrores repentinos, as quimeras de morte (cf. Jó 18:14 ; 24:17 ; 27:20; 30:15). Eles são, de fato, as imagens desprezíveis de um sonho ruim, quando um desperta, exceto por um breve tremor de lembrança. O versículo 20 sofreu danos consideráveis em seu texto. Cinco de suas seis palavras são de alguma forma problemáticas, mas seu sentido geral é razoavelmente claro.

O salmista pensa em sua apostasia próxima e confessa que ele era estupido, que ele simplesmente não sabia, que ele era como um animal com Deus. E ainda - e este é o cerne da sua revelação - ele está com Deus, na Presença de Deus, apesar do que ele é, continuamente. Deus agarra sua mão direita. Deus o guia com conselhos. E com o tempo, Deus o receberá com honra. Se o poeta pensou nesta recepção como nesta vida ou na próxima é uma questão muito disputada pelos comentaristas. O texto, que literalmente lê "e depois a honra (ou glória) você me receberá", não dá conforto a nenhuma interpretação. É possível que a referência seja para uma comunhão com Deus após a morte, como o Salmo 16 demonstra claramente. Mas o salmista é claramente consciente e alegre em uma comunhão com Deus enquanto ele ainda vive, seguindo sua revelação no Templo. Parece, portanto, melhor, no geral, entender a linha em referência à sua restauração a um lugar de honra na Presença de Deus, após o seu tempo de depressão e brutalidade.

Então o salmista continua - quem mais poderia querer no céu? Com Deus, ele não poderia ter nenhum desejo na terra. Mesmo que seu corpo e sua mente (coração) sejam concluídos - e ele, aparentemente, temia tanto sob seu castigo - o refúgio de seu coração e sua herança é Deus para sempre.

Assim, a revelação que veio a ele em adoração não trouxe uma resposta para a questão que o perturbou, mas uma visão que tornou a questão em grande parte irrelevante. Na verdade, sua pergunta, em essência, a mesma coisa que a de Jó, é incontestável e, portanto, infrutífera para o homem perguntar. Como Job descobriu, tais questões encontram resolução apenas na soberania esmagadora e na graça condescendente de Deus (Jó 38: 1- 40: 2 ; 40: 6-41: 34). Então, o salmista veio a não saber por que sofreu,

embora fiel e tentador, enquanto os ímpios nem sequer tentaram e ainda prosperaram. Ele veio em vez de saber que tanto o significado como a realização real, ou a prosperidade, vêm apenas na presença de Deus; que os que estão longe de Deus estão perdidos; que Deus aniquila aqueles que são infiéis a ele; e isso para ele, aproximar-se de Deus é bom.

O versículo final do poeta é, portanto, a afirmação que é a base para a conclusão com a qual ele começou seu poema.

• Aparentemente, a natureza do homem é fazer perguntas que não respondam nos termos em que ele as coloca e questiona quais em si mesmos evitam os principais problemas com os quais ele precisa se preocupar. Isto é assim porque o homem é homem, da terra terrena e mais preocupado com ele do que deveria ser. Tal era o problema do salmista.

No entanto, o homem não está sem ajuda. Ajudar na descoberta de prioridades, as questões reais, ele mesmo, e acima de tudo, Deus. O salmista encontrou sua resposta na Presença de Deus quando ele procurou uma resposta no lugar sagrado de Deus. Não estava em seus terríveis wrestling e perto do desespero. Nem foi mesmo uma resposta para o que ele estava perguntando; na verdade ele não sabia o que ele estava perguntando. O que ele encontrou foi o que o poeta do Salmo 23 também encontrou - com Deus cuidando dele, suas necessidades não eram mais, não só por causa da grande recompensa de Deus, mas porque as próprias necessidades mudaram.

74. Uma oração pelo retorno de Deus

Este salmo e o Salmo 79 , dos quais quase certamente está relacionado, brotam de um fundo de terríveis destruições e sofrimentos em Jerusalém e Judá. O propósito de ambos os salmos é lembrar a Deus da situação de seu povo e chamá-lo de ação tanto por causa de seus sofrimentos quanto também pelo modo como ele mesmo está sob ataque e escárnio. De pelo menos quatro possibilidades que podem ser sugeridas para o contexto histórico desses dois salmos, a explicação mais provável relaciona-a à pós-matemática do holocausto babilônico de 586 AC, tão vividamente descrito em 2 Reis 25 . Esses poemas pertencem, portanto, ao mesmo período do livro de Lamentações e ocupados com o mesmo tema.
Ambos os salmos são do hinário de Asafh. O Salmo 74 sofreu corrupção na transmissão e é quase impossível traduzir precisamente em diversos pontos.

Um Maskil de Asaph.
[1] Ó Deus, por que nos expulsaste para sempre?

Por que a sua raiva fume contra as ovelhas do seu pasto?
[2] Lembra-te da tua congregação, que tens envelhecido,

que redimiu para ser a tribo da tua herança!

Lembre-se do Monte de Sião, onde você morou.
[3] Dirija seus passos para as ruínas perpétuas;

O inimigo destruiu tudo no santuário!

4 Os teus inimigos rugiram no meio do teu lugar santo;

Eles estabeleceram seus próprios sinais para sinais.
5 Na entrada superior, eles piratearam

o trellis de madeira com eixos.
6 E então, toda a sua madeira esculpida

Eles quebraram com hachas e martelos.
7 Eles incendiaram o seu santuário;

Na terra, eles profetizaram a morada de seu nome.
8 Eles se disseram: "Nós os subjugaremos completamente";

Eles queimaram todos os lugares de encontro de Deus na terra.
9 Não vemos nossos sinais;

não há mais nenhum profeta,

e não há nenhum entre nós que sabe quanto tempo.
10 Quanto tempo, ó Deus, é o inimigo de zombar?

O inimigo é capaz de criticar o seu nome para sempre?
11 Por que tens de segurar a tua mão,

Por que você mantém sua mão direita no seu seio?

O poeta abre esse lamento da comunidade de adoração com o argumento tão típico dos salmos de lamentação, seja comunal ou pessoal. O povo de Deus se sente rejeitado e punido, e só sente a ausência de Deus. Assim, eles perguntam se eles são rejeitados durante o período, assim eles se queixam da ira de deus em seu próprio bando e, portanto, pedem que Deus se lembre de sua congregação, que ele criou nos tempos longos. Eles estão quase incrédulos em seu destino e no destino do Templo. Deus os redimiu como "o cetro de sua herança", o sinal de sua Presença na terra prometida. E, no monte de Sião, ele se estabeleceu.

No entanto, a terra, o Templo e suas esperanças estão em ruínas perpétuas, e eles rezam

Deus venha. "Toda a destruição maligna do inimigo" no santuário é praticamente um estremecimento; não é em si uma frase, nem se pretende ser, e a paráfrase do RSV diminui demais o seu poder dramático.

O poeta passa a descrever a destruição do Templo, e como sempre foi apontado, suas palavras têm a qualidade gráfica de um relatório de testemunha ocular. Os adversários de Deus rugiram no meio do lugar onde ele costumava conhecer sua congregação, e tendo estabelecido seus padrões como símbolos de sua conquista, eles estabeleceram uma destruição metódica. Os versículos 5 e 6 são impossíveis de traduzir enquanto estão no texto hebraico de L, mas uma análise deste texto em comparação com as principais versões antigas deixa claro o sentido geral da passagem. O inimigo mostrou desrespeito total pela Presença de Deus, rugindo descontroladamente no Templo. Então, eles se concentraram em sua destruição, uma vez que uma tripulação de lenhadores atacaria com eixos uma espessa copista de árvores em uma encosta. Eles quebraram seus painéis decorativos com trenós e martelos, literalmente batendo o interior em pedaços. Tendo saqueado o Templo do seu mobiliário valioso (2 Reis 25: 13-17)

incendiaram o lugar sagrado de Deus. Assim, as tropas de Nabucodonosor, sob o comando de seu capitão, Nebu-Zaradan, "contaminam a terra", a morada da Presença de Deus (nome). Foi uma tragédia cujo impacto o leitor pode sentir, mas ele não pode recapturar.

O inimigo determinou-se entre eles para levá-los, seguidores de Deus, para fora da terra, e também queimaram todos os lugares de encontro de Deus na terra. Que esses lugares de encontro eram os santuários locais com os quais o culto ao deus de Israel era associado é claro, não apenas por referência repetida a eles no próprio Antigo Testamento, mas também pelo uso do título *"El* nesta menção deles. No v. 4 , o Templo é chamado de *"* lugar de encontro *de Elohim"* .

Em tal situação, o povo de Deus compreensivelmente procurou os sinais de algum alívio, um profeta para discernir tais para eles, alguém entre eles que poderia propor uma resposta a essa pergunta ardente de cada lamento, por quanto tempo? Mas os únicos sinais que viram foram aqueles que o inimigo criou e nenhum profeta se apresentou. Assim, eles abordam sua pergunta diretamente a Deus, perguntando por quanto tempo o adversário deve ser desprezado, o inimigo a desprezar, seu *nome* e por que sua mão é reprimida. Foi para eles uma pergunta muito difícil.

12 Contudo, Deus, meu Rei, é antigo,

trabalhando na salvação no meio da Terra.
13 Tu dividistes o mar pelo teu poder;

Você cortou as cabeças dos dragões nas águas.
14 Tu esmagaste as cabeças do Leviatã,

Você o deu como alimento para as criaturas do deserto.
15 Escolheu juntas abertas e brooks;

Você secou fluxos sempre fluidos.
16 Tua é o dia, a ti também a noite;

Você estabeleceu os luminares e o sol.
17 Ajustaste todos os limites da terra;

Você fez verão e inverno.
18 Lembre-se disso, Senhor, como o inimigo zombam,

e uma pessoa impia insulta seu nome.
19 Não entregues a alma da tua pomba aos animais selvagens;

Não esqueça a vida dos teus pobres para sempre.
20 Tenha em conta a sua aliança;

pois os lugares escuros da terra estão cheios das habitações da violência.
21 Não deixe que os oprimidos sejam envergonhados;

Deixe o pobre e o necessitado louvar o seu nome.
22 Levanta-te, ó Deus, implora a tua causa;

Lembre-se de como a impiedade se irrita com você o dia todo!
23 Não se esqueça do clamor de seus inimigos,

o alvoroço dos teus adversários que sobe continuamente!

Uma possível resposta à questão, pode-se dizer, é que Deus é incapaz de ajudar e impotente para deter esses adversários. O salmista, no entanto, não considera isso uma opção de cinco, e assim ele conduz os adoradores em um hino vibrante à onipotência do criador-deus, que é rei da antiguidade (ver comentário sobre o Salmo 47), o "trabalhador das libertações" em no meio da terra. Sete vezes em vv. 13-17 , um "Você" enfático é repetido, à medida que a criação age e as vitórias de Deus são relatadas. Em seu poder, ele dividiu o mar (Gênesis 1: 6 f.) e quebrou as cabeças dos grandes monstros do mar. Ele esmagou as cabeças de Leviathan e deu-lhe comida aos tubarões. As referências aos monstros do mar e ao Leviatã descrevem a ação de Deus em subjugar as criaturas mitológicas do fundo quando ele tirou a ordem da criação do caos. O dia ea noite são dele, porque ele estabeleceu o luminário celestial, a lua e o sol (Gênesis 1: 14-18).

É um recital magnífico das realizações de Deus na criação, que não deixa nenhuma dúvida de que, qualquer outra coisa que seja o problema, não é a fraqueza ou incapacidade de Deus que está na raiz do problema atual de Israel.

A resposta só pode estar em outro lugar, e a próxima direção do poeta coloca, sem sugerir uma resposta, duas razões pelas quais o Senhor deveria retornar ao seu povo e intervir em sua situação. A primeira razão foi dramaticamente enquadrada pela descrição do destruição do Templo e do "eu" enfatizado repetido do hino. É Deus cujo Templo foi destruído e profanado, cuja Presença foi desprezada, e é Deus, certamente, quem é capaz de fazer algo a respeito disso. A segunda razão foi antecipada no lamento da abertura: eles são o seu povo, e seu grito para ele é o único recurso deles.

Assim, a congregação tem as palavras de um apelo a Deus: que ele não deve dar a vida de sua pomba a animais ferrenhos; que ele não deve esquecer para sempre o ser de seus oprimidos; para que ele se lembre de sua aliança (ou, como NEB,
lendo *b ᵉ riyyot* para *b ᵉ rit* , "suas criaturas"). A terra está cheia de perigo e a violência se esconde em todos os lugares escuros. E assim eles rezam para que eles não sejam autorizados a permanecer oprimidos e envergonhados. Embora oprimidos e miseráveis, eles são mesmo os que louvam e confessam seu nome.

Nem é a oração deles por si só, pois a sua reivindicação é a própria reivindicação de Deus, assim como os seus inimigos são dele. Portanto, eles rezam para que ele possa se levantar e implorar *sua* causa, lembre-se do desprezo interminável que *ele* teve de um tolo e da voz de *seus* adversários e do rugido de *seus* oponentes, levantando-se continuamente.

• Os salmistas junto com o autor do primeiro capítulo de Gênesis e o autor de Isaiah 40-55, foram os grandes teólogos da criação no Antigo Testamento. Suas referências à criação e os pressupostos que eles extraíram dele são eloqüentes e profundas e, em muitos aspectos, insuperáveis. Quando a teologia do criador-deus enfrentou a dura realidade de uma inversão tão catastrófica como a destruição de Jerusalém e do Exílio, surgiu uma crise de fé. É uma homenagem à comunidade de adoração de Israel e à firmeza de sua crença na soberania de Deus que, apesar do sofrimento, eles não vieram à opinião de que Deus era impotente e que os relatos da criação eram falsos, mas para

uma apreciação fortalecida de sua senhoria sobre a história, bem como a vida - um senhorio que eles poderiam acreditar mesmo sem compreendê-la.

75. Uma Liturgia Hymnic: Deus julga

Este salmo do hinário de Asafe é uma liturgia, ou pelo menos uma parte de um, cujo tema é que o julgamento recai unicamente e finalmente com Deus e a posição e a condição do homem na vida não são autodeterminadas. Os homens bem-sucedidos sempre são rápidos em pensar em si mesmos como tendo "feito". Todos os homens, qualquer que seja seu estado, são sempre muito rápidos para julgar os outros. Este poema é uma correção para ambos os erros.
O contexto do salmo é um serviço de adoração no Templo em Jerusalém, e seu lugar no serviço está seguindo uma representação teofânica. Por sua vez, a congregação fala (v. 1), então um profeta culto, falando por Deus (vv. 2-3), então o líder da adoração (v. 4-8) e, finalmente, a congregação na confissão (vv. 9 -10).

Ao maestro do coro: de acordo com Do not Destroy. Um salmo de Asafe. Uma canção.
*1 Damos graças a ti, ó Deus; nós **agradecemos;***

invocamos o seu nome e contamos as suas maravilhas.
2 No horário definido que eu nomeo

Eu julgarei com equidade.
3 Quando a terra tamboreia, e todos os seus habitantes,

Sou eu quem mantém seus pilares firmes. Selah
4 Eu digo aos jactanciosos, "Não se vangloriem"

e aos ímpios: "Não levante o seu chifre;
5 não levante o seu chifre em alto,

ou fale com pescoço insolente ".
6 Pois não do leste ou do oeste

e não da região selvagem vem levantando-se;
*7 **Mas é** Deus quem **executa o julgamento,***

derrubando um e levantando outro.
*8 **Pois na mão do Senhor há um copo,***
com vinho espumante, bem misturado;
e ele derramará um rascunho dele,
e todos os ímpios da terra
deve drená-lo até a escória.
9 Mas vou me alegrar para sempre,

Cantaremos louvores ao deus de Jacó.
10 Todos os chifres dos ímpios que ele cortará,

Mas os chifres dos justos serão exaltados.

O coro de abertura da ação de graças pressupõe, como se observou, uma manifestação da Presença de Deus. Assim, as pessoas dão graças, porque a Presença de Deus está próxima. O nome (*shem*) e a Presença são freqüentemente equiparados ao Antigo Testamento (ver comentário em 8: 1), um fato que torna desnecessária a emendação do *qarob* (próximo) do texto a que chamamos, do verbo *qara'* . As pessoas experimentaram a verdadeira proximidade de Deus, e, como resultado, ambos dão graças e relatam seus feitos impressionantes.

Após esta ação de graça, o motivo central da liturgia é estabelecido em palavras atribuídas ao Deus presente. É uma declaração direta e simples. Tudo o que os homens podem dizer, no entanto, eles podem agir, é Deus que julga, em um momento "apreendido" e designado por ele. Ele sustenta a terra, apalpando seus apoios quando ele e seus habitantes tremem. Assim, não pode haver dúvida sobre seu direito ou poder para julgar.

Este pronunciamento de Deus é da natureza de um oráculo (v. 4-8), e o líder do culto, talvez um profeta cultual, procede a dar uma exposição dele. Para aqueles que se gloriam em seu sucesso, ele deve dizer que não se vanglorie. Para aqueles que são perversos, ele deve dizer: "Não seja altivo, não exalte seu poder (iluminado, *chifre*), não fale com a cabeça jogada para trás" (lit., com pescoço insolente). Este último conselho é uma caricatura vívida do homem ventoso, cocksure, self-made.

Um homem não deve se vangloriar, nem, por inferência, deve se queixar ou julgar os outros. Porque o sucesso não vem do leste nem do oeste, da região selvagem (sul) nem, para seguir a leitura de algumas versões, das montanhas (norte). É Deus quem é juiz: "Este ele humilha, aquele que ele levanta." Na verdade, há na mão do Senhor um copo (veja o comentário em 16: 5 e 11: 6) em que há um julgamento para os ímpios . É fermentado e bem misturado, e todos os ímpios da terra beberão, drenando a taça e sugando a escória (Isaías 51:17 , Jeremias 25:15 ; Hab. 2:16). É uma metáfora terrível do julgamento de Deus, com conhecimentos pelo menos de provações rituais como a registrada emNúmeros 5: 5-28 .

O expositor apresentou uma imagem sóbria. O julgamento é de Deus. Ele é capaz de afetá-lo, e ele está perto o suficiente para afetá-lo. No tempo que ele escolher, ele *o* afetará. A resposta apropriada daqueles que confiam e dependem dele é fé. Assim, a congregação, guiada e unida pelo líder de adoração (note o enfático I), declara para sempre a fé em Deus e junta-se ao canto de louvores ao deus de Jacó (ver 46: 7). Assim também os adoradores confessam que Deus cortará ou destruirá o poder (iluminado, chifres) dos ímpios enquanto exalta o dos justos. Embora o RSV e outras traduções leiam, isto é, Deus, na versão 10, o texto tem "eu". Se esta leitura é preservada, este versículo final deve ser entendido como um oráculo final de Deus entregue pelo falante do vv. 2-3 , em resposta ao louvor e promessa de louvor no verso.

• A teologia da Presença julgadora de Deus, que é o tema deste salmo, é um elemento recorrente no Saltério e mesmo no Antigo Testamento também. Foi e continua a ser uma ênfase muito necessária por causa da autoconfiança ilusória da rebelião contra Deus. Juntamente com a certeza do julgamento de Deus sobre o homem estabelecido nessas linhas, há uma negação direta do direito do homem ou capacidade de julgamento, seja sobre os outros ou sobre si mesmo. Para este salmista, sucesso ou fracasso, toda a

vida é de Deus. E há pelo menos uma implicação de que o homem que não reconhece isso pode não ser capaz de reconhecer o verdadeiro sucesso ou o verdadeiro fracasso.

76. O deus vitorioso em Jerusalém

Este salmo, como os Salmos 46 e 48 , celebra a presença de Deus em Sião. Como esses poemas, honra Jerusalém como seu lugar de residência especial e atribui as vitórias de seu povo à sua guerra em seu favor. Como é a Sua Presença que dá a Judá distinção, também é a Presença que é responsável por suas bênçãos, neste caso, suas vitórias contra as nações.
Das tentativas de identificar o cenário histórico a partir do qual surgiu este salmo, os dois mais credíveis são a derrota dos filisteus em Baalperazim (2 Sam. 5: 17-21) e a derrota milagrosa dos assírios acampou no cerco de Jerusalém (2 Reis 18: 13-19: 37 ; Isa. 36-37). Destes, a primeira e mais antiga instância é a possibilidade mais provável, e assim o salmo pode ser de origem davídica. Como tais salmos, sem dúvida, tinham um uso contínuo na adoração em Jerusalém e, consequentemente, eram suscetíveis a alterações e adições no uso, é sábio não limitar-los a um contexto histórico, mas sim vê-los em termos de teologia normativa e persistente mensagem que eles transmitem. No caso deste salmo do hinário de Asaph, essa mensagem é o efeito da Presença de Deus em Sião, passado, presente e futuro.

Para o corista: com instrumentos de cordas. Um salmo de Asafe. Uma canção.
[1] Em Judá, Deus é conhecido,

Seu nome é excelente em Israel.
[2] Sua morada foi estabelecida em Salem,

a sua habitação em Sião.
[3] Lá ele quebrou as setas piscando,

o escudo, a espada e as armas de guerra. Selah
[4] Gloriosa és tu, mais majestosa

do que as montanhas eternas.
[5] Os corações foram despojados de seu despojo;

eles se afundaram no sono;
todos os homens de guerra
não conseguiram usar suas mãos.
[6] À tua repreensão, ó Deus de Jacó,

Tanto o cavaleiro quanto o cavalo ficaram atordoados.
[7] Mas você é terrível!

Quem pode ficar diante de ti
quando uma vez que sua raiva é despertada?
[8] Dos céus, julgastes o juízo;

a Terra temia e ainda estava,

9 quando Deus surgiu para estabelecer o julgamento

para salvar todos os oprimidos da terra.

Selah

10 Certamente a ira dos homens te louvará;

O resíduo da ira, você cingirá sobre você.

11 ***Faça seus votos ao Senhor seu Deus e*** *realize-os;*

Deixe ao redor dele trazer presentes

para aquele que deve ser temido,

12 que corta o espírito dos príncipes,

que é terrível para os reis da terra.

O poeta abre seu hino com uma declaração vibrante de seu tema. É em Judá que Deus é conhecido pela experiência. É em Israel que sua Presença (seu nome) é poderosa. Sua barraca é lançada em Sião, seu lugar de residência terrena é Salem, aqui dado como um nome antigo para Jerusalém (Gn 14:18). Lá, nas imediações de Jerusalém ou mesmo em Judá, ele quebrou as flechas intermitentes, o escudo, a espada, os mecanismos de batalha.

Assim, de fato, Deus deve ser reverenciado. Ele é mais majestoso do que as montanhas duradouras. É devido à sua Presença com seu povo que homens de coração corajoso entre os inimigos foram saqueados e caíram em um estupor, de modo que nenhum homem de valor poderia encontrar suas mãos, isto é, todos estavam indefesos. Da repreensão do Deus de Jacó, o carro de guerra e o cavalo de guerra pareciam atordoados sem sentido. É a desconfiança e o desarmamento do inimigo, que é freqüentemente o destino dele no Antigo Testamento quando Deus leva ao campo contra eles.

No que bem pode ter sido uma resposta congregacional, o poeta se dirige a Deus como aquele que deve ser reverenciado, aquele antes de cuja presença irritada nenhum homem pode suportar, e menos ainda o inimigo. Do céu, Deus fez ouvir sua sentença; A terra ficou com medo e muito calma e silenciosa. Deus levantou-se para julgamento e para a libertação de todos os oprimidos da terra. Os oprimidos, é claro, são o povo de Deus. O julgamento e a libertação são o inevitável e inexorável acompanhamento de sua Presença.

Então a raiva ainda da humanidade torna-se uma confissão a Deus como a ocasião para a demonstração de seu poder, e aqueles que sobrevivem o confronto os provoca a ira irá juntar-se o elogio festivo (leitura *t e chaggeka* para *tachgor* , tu te cingirás) de Deus. O versículo 10 é muito difícil e não pode ser traduzido sem alguma conjectura. Alguns estudiosos propuseram que os homens fossem apontados de forma diferente e leu "Edom", e a segunda ocorrência de ira apontada para ler "Hamath", a capital de um reino poderoso no tempo de Davi (2 Sam. 8: 9-12) . Com esse ponto de vista, que pode ser correto, a referência é a ira de duas nações viradas por Deus para louvar no tempo de Davi (ver também2 Sam. 8: 13-14).

O poeta, portanto, convida a congregação a fazer e cumprir votos para o Senhor, seus deuses - feitos feitos a qualquer outro são, obviamente, mal direcionados. Todos os que estão na vizinhança de sua Presença trarão homenagem a ele, a quem deve ser

reverenciado. Ele é depois de todo aquele que corta o sopro de príncipes, aquele que é impressionante para os reis da terra.

• O argumento do Salmo 76 está enraizado na teologia simples, mas irrefutável, da Presença de Deus, que faz a diferença. A fé israelita foi fundada nessa suposição, e a religião israelita afirmou repetidamente e quase inconscientemente. Assim, o julgamento do enunciado de Deus, que pára o estímulo estridente da guerra dos homens, e é seguido por um silêncio impressionado que quase pode ser ouvido, foi recolhido, revivido e esperado por seu povo. Como sua Presença era real para eles, também era sua ação; eles tinham que esperar o tempo e o lugar, e o uso de tais salmos como este era um estímulo para a paciência deles. Portanto, deve ser para o cristão, a quem, por causa de Cristo, a Presença está mais pronta e imediatamente disponível do que nunca.

77. Lamentar na crise e na visão longa da fé

Este salmo é um grupo de poemas do Saltério que Hermann Gunkel chamou de salmos de Mischungen, "composição" ou "misturado", porque manifestam pelo menos dois tipos e modos de poesia. A mesma característica levou muitos comentaristas a dividir esses poemas em salmos menores, que se acredita terem sido reunidos às vezes com um princípio, por vezes, de forma mais ou menos arbitrária. Assim, o Salmo 77 foi dividido em dois e até três poemas separados por alguns estudiosos, e uma variedade de conjecturas foram avançadas sobre as partes dela que talvez estivessem desaparecidas. É verdade que este salmo contém tanto um lamento quanto um hino e mudanças no humor e na direção. Essas mudanças não precisam ser tomadas como costuras na unidade do salmo; no entanto; eles podem ser os pontos de transição naturais no que é basicamente uma composição unificada. Isto não quer dizer que este salmo e, mais particularmente, outros como ele tenham chegado ao livro canônico dos Salmos inalterados do seu estado original. As mudanças e as criações de corrente elétrica às vezes são óbvias demais. É dizer, no entanto, que esses salmos são pelo menos às vezes uma unidade e que as proposições que os tratam de outra forma devem suportar o ônus da prova.

Este poema é da coleção de Asaph, e seu contexto original foi uma crise de algumas proporções que levantou questões profundamente difíceis para o salmista.

Para o maestro do coro: de acordo com Jeduthun. Um salmo de Asafe.
[1] Eu choro em voz alta para Deus,

em voz alta para Deus, para que ele possa me ouvir.
[2] No dia do meu problema busco o Senhor;

Na noite, minha mão está esticada sem cansar;
minha alma se recusa a ser consolada.
[3] Penso em Deus e gemo;

Eu meditate, e meu espírito se desvanece. Selah
[4] Mantenha minhas pálpebras fechadas;

Estou tão perturbado que não posso falar.
[5] Considero os dias de idade,

Lembro-me dos anos atrás.
6 Eu comunico com meu coração na noite;

Eu medito e busco meu espírito:
7 "O Senhor desprezará para sempre,

e nunca mais ser favorável?
8 O seu amor constante para sempre cessou?

Suas promessas estão em um ponto final para todos os tempos?
9 Deus esqueceu de ser gracioso?

Ele está com raiva, cala a sua compaixão?

Selah
10 E eu digo: "É meu sofrimento

que a mão direita do Altíssimo mudou ".

O poeta começa seu salmo com uma descrição de sua urgente e distraída importunação de Deus. Ele grita em voz alta a Deus por ajuda, para que ele deva ouvir. No tempo da angústia do poeta, ele procurou o Senhor, estendendo a mão em oração durante a noite sem se deixar acalmar, mas sua alma não seria consolada. Ele pensa em Deus e se agita; ele tenta meditar e seu espírito se torna fraco. Deus assumiu o controle de seus pálpebras, e ele não consegue dormir; Ele está tão agitado que não pode dizer nada. Ele pensou nos velhos tempos. Ele se lembrou há muito tempo. Ele murmurou para si mesmo na noite. Ele meditou e examinou seu espírito. Esta é uma descrição gráfica da mente problemática e é imediatamente reconhecível como território familiar para quem esteve lá.

Então, as perguntas chegam correndo; eles nunca parecem faltar nesse momento. O Senhor rejeitou para sempre o seu povo? Já não é mais favorável? Seu amor imutável desaparece para sempre? Sua palavra é desaparecer, geração após geração? Deus esqueceu a compaixão? Ele com raiva interrompeu sua misericórdia? Os verbos em hebraico são afiados e penetrantes. É realmente uma lista impressionante e deprimente e temerosa; uma pequena maravilha de que o poeta chega à pergunta mais sombria de todos. "E então eu disse: 'Ele é fraco? A mão direita do Altíssimo mudou de alguma forma (ou seja, se tornou ineficaz)? '" Verso 10não é livre de dificuldade, mas a renderização RSV é mais uma conjectura do que o texto permitirá, e uma que perturba o clímax da seqüência de perguntas. O poeta veio de saber por que Deus não faz algo para questionar se ele *pode* fazer qualquer coisa.

11 ***Lembre-se das ações do Senhor;***

sim, eu me lembrarei das maravilhas de vocês.
12 Vou meditar em toda a sua obra,

e fique com seus atos poderosos.
13 O teu caminho, ó Deus, é santo.

O que Deus é ótimo como o nosso Deus?
14 Tu és o Deus que faz maravilhas,

que manifestou o seu poder entre os povos.
15 Tu fizeste com o teu braço, redime o teu povo,

os filhos de Jacob e Joseph. Selah
16 Quando as águas te viram, ó Deus,

*Quando as águas te viram, **tinham** medo,*

sim, o fundo tremia.
17 As nuvens derramavam água;

os céus deram trovões;

Suas setas apareceram em todos os lados.
18 O choque do seu trovão estava no redemoinho;

Seus relâmpagos iluminaram o mundo;

A terra tremia e tremia.

19 O seu caminho foi através do mar,

Seu caminho através das grandes águas;

ainda assim, suas pegadas não foram vistas.
20 Tu conduziste o teu povo como um rebanho

pela mão de Moisés e Aarão.

Neste ponto, o poeta vem ao que é a visão primária e salvadora de seu poema: a visão da fé é a visão longa, a visão que leva em conta mais do que a dificuldade atual. A memória é um dos ativos mais valiosos do homem, mas deve ser usada seletivamente e com disciplina. O que ele estava lembrando em suas noites sem sono e perturbadas, ele não divulga, mas eram lembranças que o levavam a uma dificuldade mais profunda.

Assim, ele declara que ele se lembrará das grandes obras de Yah (o Senhor) e suas maravilhas milagrosas dos velhos tempos. Ele agora murmurará sobre todas as realizações e musas de Deus (ver v. 3 , 6) sobre suas grandes obras. O caminho de Deus está em santidade. O que Deus é tão grande quanto o deus? É o seu Deus que faz obras maravilhosas, que deixa o seu poder ser conhecido entre os povos. Ele resgatou pelo seu braço (poder) o seu povo, os filhos de Jacó e José, isto é, todo o povo de Deus (Obb 18 , Amós 5: 6 , 15).

O conteúdo do salmista também não deixa para a imaginação de seus ouvintes o que alguns dos grandes feitos que ele lembrou foram. Sua realidade para ele é esclarecida pela vívida qualidade de sua poesia:

"As águas viram você, Deus!

As águas viram e giraram de volta com medo!

Na verdade, as profundezas agitaram, tremendo! "
As nuvens densas derramaram água. O céu disparou trovões. Seus raios deslizaram para cá e para lá. A fenda do trovão de Deus estava no pó girando. Seus relâmpagos iluminam o mundo habitado. A terra tremia e tremia. O caminho de Deus, embora o mar se refere à libertação milagrosa no Mar Vermelho (Ex 14: 10-31) e ao controle onipotente de Deus sobre os elementos. O poeta retrata em linguagem emocionante o

advento da Presença de Deus em salvar a teofania. É uma fúria magnífica da natureza com todos os apresentadores do presente de teofania. Então tudo está quieto novamente. As águas fluem de volta para o seu canal, e as faixas de Deus estão escondidas.

Eles estão escondidos, mas eles não são menos lá. É uma breve linha - apenas três palavras em hebraico -, mas a importação para este salmista, que poderia encontrar Deus na crise de seu tempo, não deve ser perdida. Assim ele termina o lamento se tornar um hino com abrupta habilidade: Deus conduziu seu povo como um rebanho pela mão de Moisés e Aarão.

• Assim, o poeta do Salmo 77 deixa o alimento para a meditação e um toque da nova direção de sua própria reflexão - e junto com estes, um registro maravilhoso de sua odisseia de espírito e uma visão profunda da visão longa que deve caracterizar a fé. Não se deve tornar-se demasiado envolto em preocupações de qualquer dado momento, ele nos diz, e nunca se deve pensar, porque ele não pode espiar faixas de Deus, que Deus está longe **i** aproximadamente. É o conselho que Jesus também deu (Mateus 6: 25-33 ; João 14: 18-27).

78. Um sermão do vasto para o futuro

O tema deste salmo é a incrível desobediência do povo de Deus, mesmo em face de todos os seus atos poderosos em seu favor. O poeta caracteriza o que ele deve se relacionar como uma espécie de enigma, o enigma da desobediência do homem, apesar da presença maravilhosa e eficaz de Deus e do enigma da graça contínua de Deus, apesar da contínua desobediência. Seu propósito, no entanto, é a instrução, e as lições são tiradas de três grandes momentos da história da redenção de Israel: a libertação dos egípcios, a provisão para suas necessidades no deserto e a ocupação e colonização da Terra Prometida.
O fim da instrução do poeta é que o lucro futuro do passado, que as crianças não sejam como seus pais (v. 6-8). Contudo, relaciona-se a essa esperança, uma explicação aparentemente incidental, porém, pontual, da rejeição de Efraim e da escolha de Judá, a passagem da liderança da casa de Saul de Benjamim a Davi de Judá. Este motivo é introduzido no vv. 9 ff. e forma a conclusão do salmo em vv. 67-72 . Sua presença não é de modo algum fortuita, mas é muito provavelmente pelo design do poeta, que assim associa sua esperança para o futuro com a casa de Davi.

O Salmo 78 é um salmo assáfico, e pode ser claramente atribuído ao período da monarquia em Judá, seguindo a construção do Templo (ver v. 68-69). O contexto do salmo foi um serviço de adoração no Templo, e o próprio salmo é um excelente exemplo do sermão instrucional que normalmente teria sido entregue por um profeta culto.

Um Maslal de Asaph.
[1] Dá ouvidos, ó meu povo, aos meus ensinamentos;

incline seus ouvidos para as palavras da minha boca!
[2] Vou abrir minha boca em uma parábola;

Definiria palavras antigas do passado,

3 coisas que ouvimos e conhecemos,
que nossos pais nos disseram.
4 Não os esconderemos de seus filhos,
mas conte para a próxima geração
as ações gloriosas do Senhor e seu poder,
e as maravilhas que ele forjou.
5 Ele estabeleceu um testemunho em Jacob,
e nomeou uma lei em Israel,
que ele ordenou a nossos pais
para ensinar a seus filhos;
6 que a próxima geração pode conhecê-los,
os filhos ainda não nascidos
e levante-se e conte-os aos seus filhos,
7 para que eles estabeleçam sua esperança em Deus, e não se esqueçam das obras de Deus,
mas mantenha seus mandamentos;
8 e que não deveriam ser como seus pais,
uma geração teimosa e rebelde,
uma geração cujo coração não era firme,
cujo espírito não era fiel a Deus.

O salmo é iniciado com uma introdução longa e estilizada, que anuncia tanto a intenção (vv. 1-3) quanto o tema (vv. 4-8) do poeta. Ele pede que seu povo, a congregação do povo de Deus se reuniu para o culto, atente muito sobre o seu ensino, para o que ele está prestes a dizer, e ele anuncia em linguagem estilizada destinada a aumentar seu interesse (ver 49: 1-4) que ele vai declamar a sabedoria adquirida pela experiência, "enigmas" do passado. Na verdade, o que ele deve falar sobre todos eles terão ouvido e chegado a conhecer, como seus pais o relataram repetidas vezes.

A lição, de alguma forma, nunca ficou presa, e, portanto, ele declara que devem contar aos filhos, à geração seguinte, os louvores de Javé: o seu poder e os seus atos milagrosos. Ele estabeleceu um testemunho (prescrição) e colocou a lei no meio de seu povo e ordenou aos pais que se certificassem de que seus filhos o conheciam, até o fim e que a próxima geração possa ensiná-lo aos filhos, que, por sua vez, o recontarão até *os* filhos ainda não nascidos. Tudo isso apontou para o propósito de Deus que seu povo pudesse confiar nele, não esquecer suas grandes obras e observar seus mandamentos - e acima de tudo, que eles *não* deveriam ser como seus pais, uma geração rebelde e frágil, pouco confiável no coração e inconstante do espírito em relação a Deus.

Assim, são estabelecidos os dois pontos principais do sermão do salmista: as contínuas obras de Deus e a contínua queixa e rebelião de seu povo.

9 Os Efraimitas, armados com o arco,

voltou no dia da batalha.
[10] *Eles não guardaram a aliança de Deus,*

mas recusou-se a andar de acordo com sua lei.
[11] *Eles esqueceram o que ele havia feito,*

e os milagres que ele havia mostrado.
[12] *À vista de seus pais, ele causou maravilhas*

na terra do Egito, nos campos de Zoan.
[13] *Ele dividiu o mar e deixou passar por ele,*

e fez as águas ficarem como um monte.
[14] *Durante o dia, ele os conduziu com uma nuvem,*

e toda a noite com uma luz ardente.
[15] *Ele abriu rochas no deserto,*

e deu-lhes beber abundantemente como do fundo.
[16] *Ele fez córregos sair da rocha,*

e causou que as águas fluam como rios.

Primeiro, como um exemplo de desobediência, os filhos de Efraim, que, apesar de sua proeza como guerreiros armados e arqueiros, voltaram no dia do encontro na batalha. Como nenhuma instância particular da covardia efraimita é registrada no Antigo Testamento, a referência pode ser para algum momento vergonhoso, de outra forma, desconhecido. É instrutivo ler vv. 9-12 em conjunto com vv. 67 ff. Efraim encontrou uma derrota humilhante nas mãos dos filisteus no Monte Gilboa (1 Sam. 31: 1-7).

Efraim encontrou outra derrota quando escolheu apoiar o filho de Saul, Isbose, em vez de Davi, o ungido de Javé, depois de Gilboa (2 Sam. 2: 8-11). E o giro mais decisivo de Efraim, da perspectiva de um poeta do Reino do Sul, ficou na deserção da casa de Davi para seguir Jeroboão, um deles, após a morte de Salomão (1 Reis 11: 26-12 : 20).

Com o tempo, de fato, "Ephraim" tornou-se uma designação do Reino do Norte, reduzida após a guerra sírio-efraimita de 734-732 AC, O que antes era o território de Efraim e Manassés. É pelo menos possível, dependendo, naturalmente, da data deste salmo, que o nome está sendo empregado aqui. Se assim for, o exemplo torna-se ainda mais impressionante para uma congregação de Jerusalém.

Mas voltar atrás não era o único problema de Efraim. Eles não conseguiram manter a aliança de Deus e não estavam dispostos a andar de acordo com suas instruções. Eles esqueceram suas façanhas (ver v. 7) e as ações milagrosas (ver v. 4) que ele havia mostrado. Para expor tal esquecimento como incrível, como de fato um enigma, o salmista dá exemplos dos tipos de ações que ele tem em mente, citando a história salvadora do Êxodo e do período selvagem. Assim, em sequência, ele se refere às maravilhas do Egito, às pragas (v. 12), à "clivagem" do mar e à sua passagem (v. 13), a liderança da sua Presença no deserto (v. 14 , cf. Ex. 13:21), e a provisão de águas em abundância na seca perpétua da região selvagem.

[17] *Mas eles pecaram ainda mais contra ele,*

rebelando-se contra o Altíssimo no deserto.
18 *Eles testaram Deus em seu coração*

exigindo a comida que desejavam.
19 *Eles falaram contra Deus, dizendo:*

"Deus pode espalhar uma mesa na região selvagem?
20 *Ele feriu a rocha para que a água jorrou*

e os fluxos transbordaram.
Ele também pode dar pão,
ou fornecer carne para o seu povo? "
21 *Portanto, quando o Senhor ouviu,* ***ele estava*** *cheio de ira;*

um fogo foi aceso contra Jacob,
sua ira se montou contra Israel;
22 *porque não tinham fé em Deus,*

e não confiava em seu poder salvador.
23 *Contudo, ele ordenou os céus acima,*

e abriu as portas do céu;
24 *e ele choveu sobre eles o maná para comer,*

e deu-lhes o grão do céu.
25 *O homem comeu do pão dos anjos;*

Ele lhes enviou comida em abundância.
26 *Ele fez com que o vento do leste soprasse nos céus,*

E por seu poder ele conduziu o vento sul;
27 *ele choveu carne sobre eles como pó,*

pássaros alados como a areia dos mares;
28 ***ele os deixou cair no meio de seu acampamento,***
ao redor de suas habitações.
29 *E eles comeram e foram bem preenchidos,*

pois ele lhes deu o que desejavam.
30 ***Mas antes de terem saciado seu desejo,***
enquanto a comida ainda estava em suas bocas,
31 *a ira de Deus se levantou contra eles*

e ele matou o mais forte deles,
e baixou os homens escolhidos de Israel.

Eles certamente deveriam ter sido convencidos por tudo isso. No entanto, eles adicionaram ainda mais a seus pecados, rebelando-se contra o Altíssimo mesmo naquele lugar seco, colocando Deus à prova com seus pedidos de **uma** dieta especial. Nada foi

suficiente para eles, diz o poeta. Eles falaram contra Deus, perguntando se ele poderia "colocar uma mesa" para eles na região selvagem. Ele atingiu uma pedra, de fato, e, em conseqüência, a água fluiu; Mas e quanto ao pão e à carne, ele está com isso?

Deus ouviu tudo isso, e ele estava furioso com seu povo, agora identificado como Jacó e Israel, porque não acreditavam firmemente em Deus e não confiavam em sua libertação. Mesmo assim, ele respondeu suas queixas com abundância, ordenando aos céus que se abriam e chovendo sobre eles o maná (ver Ex. 16: 14-35 ; Números 11: 7-9) para eles comerem - o alimento (grão) do céu, o pão dos anjos, tanto alimento que eles estavam recheados (Números 11: 18-20 ainda são mais gráficos). Ele estabeleceu os ventos para trabalhar e, assim, choveu sobre eles carne tão abundante quanto poeira, pássaros tão abundantes quanto as areias do mar, tudo sobre o seu acampamento (ver Números 11: 31-32). Assim, as pessoas comeram até ficarem gorduras; Ele trouxe para eles o que eles tinham cobiçado. E então ele os julgou. Enquanto sua luxúria ainda estava sobre eles, enquanto eles continuavam a se esbarrar, a ira de Deus subiu contra eles. Ele matou alguns de seus homens mais promissores, e baixou a escolha dos jovens de Israel (Números 11: 33-34).

32 Apesar de tudo isso, eles ainda pecaram;

Apesar de suas maravilhas, eles não acreditavam.
33 Então ele fez desaparecer seus dias como uma respiração,

e seus anos em terror.
34 Quando ele os matou, eles o procuraram;

Eles se arrependeram e buscaram Deus com fervor.
33 Lembraram-se de que Deus era a sua rocha,

O Deus Altíssimo, seu redentor.
35 Mas eles o lisonjearam com a boca;

Eles mentiram para ele com suas línguas.
37 O coração deles não era firme para com ele;

eles não eram fiel a sua aliança.
38 Mas ele, sendo compassivo,

perdoou a sua iniqüidade,
e não os destruíram;
ele restringiu sua raiva com freqüência,
e não agitou toda a sua ira.
39 Ele lembrou que eles eram apenas carne,

um vento que passa e não vem novamente.
40 Com que frequência eles se rebelaram contra ele na região selvagem

e o afligiu no deserto!
41 Eles o testaram de novo e de novo,

e provocou o Santo de Israel.

42 Eles não tinham em mente o poder dele,

ou o dia em que ele os redimiu do inimigo;
43 quando ele fez seus sinais no Egito,

e seus milagres nos campos de Zoan.
44 Ele virou os rios para o sangue,

para que não pudessem beber seus riachos.
45 Ele enviou entre eles enxames de moscas, que as devorava,

e sapos, que os destruíram.
46 Ele deu suas colheitas à lagarta,

e o fruto do seu trabalho para o gafanhoto.
47 Ele destruiu suas videiras com granizo,

e seus sicômoros com geada.
48 Ele deu sobre o gado ao granizo,

e seus rebanhos para raios.
49 Ele soltou sobre eles sua ira feroz,

ira, indignação e angústia,
uma companhia de anjos destruidores.
50 Ele fez um caminho para sua ira;

Ele não os poupou da morte,
mas deram suas vidas à praga.
51 Ele feriu todos os primogênitos no Egito,

a primeira questão de sua força nas tendas do presunto.
52 Então ele conduziu o seu povo como ovelhas,

e os guiou no deserto como um rebanho.
53 Ele os conduziu em segurança, de modo que não tinham medo;

Mas o mar sobrecarregou seus inimigos.
54 E os trouxe para a sua terra santa,

para a montanha que a mão direita ganhou.
55 Ele expulsou nações antes deles;

ele os reparou por uma posse
e estabeleceram as tribos de Israel em suas tendas.

É fácil imaginar que o poeta-pregador teria agora a sua congregação bem na mão, e eles deveriam ter estremeceu com a lembrança dessa hora vergonhosa e triste no deserto. Mas ele habilmente pressiona sua vantagem, multiplicando o efeito de seu recital, e esforçando sua credibilidade, com os seus próprios, no grande enigma que ele está contando.

Apesar de tudo isso, eles ainda pecaram. É realmente inacreditável, mas é história, e sua história nisso. Apesar dos feitos milagrosos de Deus, eles não tinham fé duradoura (ver v. 22 e v. 4 , 11). Assim, ele consumiu seus dias em um segundo e terminou seus anos com uma súbita destruição. Isso, finalmente, era algo que eles podiam entender; Quando os matou, começaram a procurá-lo com fervor, arrepender-se e desejá-lo. Recordaram com convicção que Deus era a sua pedra de abrigo, que Deus o Altíssimo era seu redentor.

Mas o seu avivamento foi de curta duração. Em breve estavam tentando enganá-lo com discursos piedosos. Não eram confiáveis de coração com ele e de fé ambivalente em relação à sua aliança. Em uma palavra, eles queriam suas bênçãos e seu caminho. No entanto, ele, aqui, o poeta vem mais próximo de fornecer uma chave para metade do enigma - era compassivo.

Ele perdoou a sua perversidade,
e ele não destruiu.
Ele muitas vezes reteve sua raiva,
e ele não deixou que sua ira se levantasse.
E ele lembrou-se de serem mortíferos,
uma respiração expirou e não retomou.

É um vislumbre movente e maravilhoso, como completamente verdadeiro de Deus, como a rebelião egoísta dos homens é característica deles. É a chave de uma parte do enigma, mas é muito difícil para o homem entender porque ele é como ele é.

Assim, o poeta retorna à outra metade do enigma, a metade que ele apenas descreve, mas não tenta responder. A rebelião dos israelitas no deserto era frequente; muitas vezes dão dor a Deus nesses dias do deserto; eles repetidamente o colocaram à prova; Provocaram o Santo de Israel. Eles não se lembravam do seu poder, demonstrado naquele dia, quando os resgatou do inimigo, dos egípcios, em sinais e milagres. Com esta segunda referência às pragas (ver v. 12), o salmista expande em pontos a tradição de Êxodo 7-12 .

Ele se refere primeiro à mudança das águas dos rios do Egito para o sangue (v. 44 - ver Ex. 7: 17-21) e depois, sucessivamente, às moscas devoradoras (v. 45a - p. Ex. 8:21 -24); rãs devastadoras (versículo 45 *b*- cf Ex. 8: 2-14); os gafanhotos e os gafanhotos que consumiram os produtos dos egípcios (v. 46 - p. ex. 10: 4-19); As pedras de granizo que mataram suas vinhas macias e os figos dos sicômoros (v. 47 -cf Ex. 9: 18-32 ; Amós 7:14) e, acompanhados de relâmpagos, também o gado deles (v. 48- cf. Ex. 9:19 ,24-25). Finalmente, o salmista faz referência extensa à peste da morte sobre os primogênitos do Egito (v. 49-51 - inc ., 11: 4-12: 30). Quando tudo mais falhou - e o paralelo não poderia ter sido perdido no contexto deste sermão - Deus enviou ardente, fúria, raiva e angústia ardentes, mensageiros de destruição sobre os egípcios, atingindo o auge da masculinidade Hamite.

Assim, o poeta continua, que Deus conduziu seu povo como um rebanho, reunindo-os pelo meio do deserto, guiando-os em segurança, de modo que eles não tremessem de susto. Quanto aos seus inimigos, o mar os cobriu (Ex 14: 26-28). Mas ele trouxe o seu povo ao limite do seu lugar sagrado, a montanha que a mão direita possuía - a referência é provavelmente para o Monte Sinai (*Har Zeh* , cf. *Zeh Sinai* em 68: 8 , e nota Ex. 19:12) , embora o Monte Sion possa estar destinado. Ele expulsou os povos quando os

trouxe para esta terra, colocados em distritos para eles, e instalaram as tribos em suas tendas.

[56] Contudo, eles testaram e se rebelaram contra o Deus Altíssimo,

e não observou seus depoimentos,
[57] mas se afastaram e agiram traiçoeiramente como seus pais;

Eles se torciam como um arco enganoso.
[58] Porque o provocaram a ira com os seus altos;

Eles o levaram ao ciúme com suas imagens esculpidas.
[59] Quando Deus ouviu, ele estava cheio de ira,

e ele rejeitou totalmente Israel.
[60] Ele abandonou sua morada em Silo,

a tenda onde habitava entre os homens,
[61] e entregou seu poder ao cativeiro,

Sua glória para a mão do inimigo.
[62] Ele deu o seu povo à espada,

e ventilou sua ira sobre sua herança.
[63] O fogo devorou seus jovens,

e suas donzelas não tinham música de casamento.
[64] Seus sacerdotes caíram à espada,

e suas viúvas não fizeram lamentações.
[65] Então o Senhor acordou desde o sono,

como um homem forte gritando por causa do vinho.
[66] E colocou seus adversários em perigo;

Ele os colocou até a vergonha eterna.

Certamente agora, em vista de muitas meres e bençãos e em vista do destino dos egípcios que continuaram a resistir ao poder de Deus, seu próprio povo, confortavelmente instalado em sua herança, permaneceria por muito tempo leal e contente. Mas não, o pregador continua, eles ainda testaram e se rebelaram contra o Deus Altíssimo e não cumpriram seus preceitos. Eles retrocederam e o traíram assim como seus pais haviam feito, e falhavam com ele porque um arco defeituoso falha em um arqueiro. Provocaram-no com seus lugares altos; Eles o ofenderam com seus ídolos esculpidos.

Deus ouviu e ficou irritado. Em consequência, ele rejeitou completamente

Israel, afastando seu santuário em Silo, o lugar de sua Presença (*'ohel shikken*) entre os homens, e dando seu poder ao cativeiro, seu esplendor no poder do inimigo. O poder aqui se refere, como faz em outros salmos, à arca, o símbolo da presença de Deus entre os homens; Esplendor ou beleza é meramente um termo paralelo, também referente à Arca.

O poeta está lembrando a trágica batalha de Aphek, quando as forças de Israel encontraram derrota humilhante nas mãos dos filisteus e perderam a arca para eles (1 Sam. 4). Foi lembrado como o dia negro quando a glória partiu de Israel (1 Sam. 4:22). Ele entregou seu povo à espada e desencadeou sua fúria contra seu legado para eles. Os melhores jovens de seu povo foram devorados pelo holocausto, e não havia ninguém para se casar com suas donzelas virgens. Até os seus sacerdotes foram presos à espada (1 Sam. 4:11), mas suas viúvas não derramam lágrimas de lamentação. A tragédia da partida de Deus ultrapassou todas as outras aflições (ver 1 Sam. 4:20).

Mesmo assim, no entanto, o Senhor não os deixou para o destino que tão merecidamente mereciam. Era como se ele despertasse de repente como alguém que estava dormindo e, instantaneamente, ele era um herói poderoso, como um grito por causa do vinho - o símile pretende descrever a rapidez e o vigor da ação de entrega de Deus. Ele atingiu seus inimigos e os enviou bobindo, tornando-os para sempre um objeto de desprezo (1 Sam. 5-6).

67 Ele rejeitou a tenda de Joseph,

ele não escolheu a tribo de Efraim;
68, mas ele escolheu a tribo de Judá,

Monte de Sião, que ele ama.
69 Ele construiu o seu santuário como o céu alto,

como a terra, que ele fundou para sempre.
70 Ele escolheu Davi, seu servo,

e tirou-o das ovelhas;
71 de cuidar das ovelhas que tinham jovens, ele o trouxe

para ser o pastor de Jacó, seu povo,
de Israel, sua herança.
72 Com o coração reto, ele os cuidou,

e os guiou com mão hábil.

Mas, o poeta prossegue, o resgate não foi uma restituição total. As coisas não poderiam ser as mesmas novamente. Pegando o tema do vv. 9-12 , e seguindo a implicação de V. 60 , ele passa a completar sua longa homilia. Deus teve que rejeitar a família de José-Siló, no território de Efraim, em ruínas; Ele não residiria mais (1 Sam. 6: 19-7: 2 , Jeremias 7: 12-15). A tribo de Efraim não podia mais ser sua escolha, e após a desobediência e os fracassos de Saul (1 Sam. 13: 8-13 ; 15: 10-35), Judá foi escolhida como a tribo da nova liderança (1 Samuel 16) e Mount Sion como o novo lugar amado de sua residência.

Foi assim que Deus construiu seu templo sagrado como o alto dos céus, que é como um símbolo de sua morada celestial, e estabeleceu, como a Terra, para sempre. Ele escolheu seu servo David, levou-o para cuidar das ovelhas e seus jovens, e levou-o a ser pastor sobre o povo de Jacó, a nação do povo de Deus, Israel, a possessão de Deus.

Que o sermão acabe aqui não precisa ser tomado como uma certa indicação de que o próprio Davi ainda estava governando quando o salmo foi composto, mas é um testemunho seguro de que sua dinastia estava governando. É claro, além disso, que o

poeta teve um propósito específico em seu recital da contínua rebelião do homem e da graça contínua de Deus. O seu sermão do passado foi para o lucro do futuro, e como ele termina, ele diz que Deus fez um novo começo em Davi.

• A resposta rebelde e egocêntrica do homem para a bondade irrestrita de Deus não é menos um enigma hoje do que no dia do salmista. Muitas estrofes mais podem ser adicionadas ao poema, mas variam apenas na configuração e circunstância, não no tema. As maravilhas de Deus, em pequena ou grande escala, mas excitam os homens, mas temporariamente; e Deus é logo logo esquecido ou abandonado no fascínio do homem consigo mesmo. Quando Deus é lembrado, é muito frequentemente apenas no serviço não de Deus, mas das próprias necessidades do homem, tanto reais como imaginadas. Este é o enigma constante do homem, e um que torna mais surpreendente o enigma de Deus, que nos conhece como ainda nos ama ainda. É, finalmente, qual é a melhor visão do salmista e a raiz de todo grito de louvor no Saltério.

79. Um Lamento da Destruição de Jerusalém

A configuração e o propósito deste lamento da coleção de Asaph são os mesmos que a configuração e propósito do Salmo 74 . Este salmo não demonstra menos fé e não menos ansiedade sobre a necessidade, mas indica menos serenidade de espírito e mais amargura em relação ao inimigo. Se ambos os salmos vêm do mesmo poeta, parece provável que este seja o primeiro dos dois.

Um salmo de Asafe.

[1] ó Deus, os pagãos entraram na tua herança;

Eles contaminaram o seu templo sagrado;

eles colocaram Jerusalém em ruínas.

[2] Eles deram os corpos dos teus servos

para os pássaros do ar por comida,

a carne dos teus santos aos animais da terra.

[3] Eles derramaram seu sangue como água

ao redor de Jerusalém,

e não havia nenhum para enterrá-los.

[4] Nós nos tornamos uma provocação para nossos vizinhos,

zombado e ridicularizado por aqueles que estão à nossa volta.

*[5] Quanto tempo, Senhor? Você **ficará** bravo para sempre?*

Será que o teu ciúme ira como fogo?

[6] Derrame a tua ira nas nações

que não te conhecem,

e nos reinos

que não invoca o seu nome!

*[7] **Pois** eles devoraram Jacó,*

e desperdiçou sua habitação.

8 Não se lembre contra as iniqüidades de nossos antepassados;

Deixe a sua compaixão vir rapidamente para nos encontrar,

pois nós somos trazidos muito baixos.

O começo do salmista também pode sugerir que ele compôs o salmo em um ponto a tempo muito próximo à destruição de Jerusalém e do Templo. Ele não fixa primeiro o seu lamento, como é usual em tais salmos, mas começa com uma descrição da base do lamento. Sua dor e incredulidade são evidentes quando ele descreve a profanação do Templo pelos pagãos e sua redução de Jerusalém para escombros. Eles ignoraram toda decência em relação aos mortos, dando aos cadáveres dos servos de Deus os abutres por comida, a carne dos leais a ele aos animais selvagens. Embora o sangue desses servos tenha fluido ao redor de Jerusalém, não há ninguém que lhes dê enterro. O povo de Deus tornou-se uma brincadeira bruta para aqueles que vivem ao seu redor, um objeto de burla e escárnio (ver v. 12).

Assim, o poeta levanta o grito queimador tão freqüentemente ouvido nos lamentos do Saltério: "Por quanto tempo, o Senhor?" Ele está sempre com raiva? Seu zelo com raiva consumirá como um fogo? Na verdade, o poeta sente claramente que pelo menos parte da ira está fora de lugar, e ele reza para que Deus possa derramar sobre os povos pagãos que não o conhecem, os reinos que não imploram seu nome. Afinal, eles engoliram Jacó, a nação do povo de Deus, e destruiu a habitação de Deus.

O psalmista em seguida pensa nas perversidades daqueles que foram antes como uma possível explicação do sofrimento presente, e ele pede que eles não sejam mais lembrados contra ele e seu povo, orando antes que a terna misericórdia de Deus possa rapidamente chegar a eles, "porque todos nós estamos longe". A preocupação de que os pecados dos pais sejam lembrados contra os filhos já não é um avanço leve na direção da oração, e o pedido de misericórdia é maior. Com o próximo verso, o poeta dá mais um passo na exposição do problema da congregação na admissão de uma responsabilidade pessoal.

9 Ajude-nos, ó Deus da nossa salvação,

para a glória do teu nome;

livra-nos e perdoa nossos pecados,

pelo amor de seu nome!

10 Por que as nações dizem,

"Onde está seu Deus?"

Deixe a vingança do sangue expulso de seus servos

Seja conhecido entre as nações diante de nossos olhos!

11 Que venham os gemidos dos prisioneiros antes de ti;

De acordo com o seu grande poder, preservar aqueles condenados a morrer!

12 Retorne sete vezes no peito dos nossos vizinhos

As provocações com que eles te provocaram, ó Senhor!

13 Então nós, nosso povo, o rebanho do seu pasto,

Dá graças a ti para sempre;

De geração em geração, iremos contar o seu louvor.

Assim, o poeta traz sua congregação a lamentações e confissões sem pretensão, em um grito pela ajuda do Deus de sua libertação. Esta ajuda é procurada por duas razões: a situação desesperada do povo de Deus, já descrita, e a causa da honra do nome de Deus, sendo denigrada e questionada pela presença e atividade de tal inimigo. Então, o salmista reza para que sejam resgatados e, finalmente, confessando sua própria culpa no holocausto, que seus pecados sejam perdoados por causa do nome de Deus.

É uma oração a que foram conduzidos não apenas pelo abate vicioso do inimigo, mas também pela sua sarcástica burla. Eles colocaram a própria questão em segredo mais alto nas mentes de seu povo: "Onde *está o* seu Deus?" O poeta e as pessoas querem saber por que o inimigo pode ser capaz de levantar essa questão, e eles rezam para que possa ter uma resposta e que eles podem ser testemunhas disso. Ele torna a atenção próxima daqueles que foram levados cativos e estão destinados ao exílio e humilhação e morte desconhecidas, e pede que seus gemidos possam entrar na Presença de Deus, que ele poupe aqueles que são "filhos da morte" na grandeza de sua força.

Então os vizinhos são lembrados. Aqueles que deveriam ter dado ajuda, ou, pelo menos, simpatia, mas sim colaboraram com o inimigo e agravaram sua traição regozijando-se e aproveitando o infortúnio de seus próprios paises. A referência, com toda a probabilidade, é a traição de Edom, Amon e Moabe, que se tornaram lendários (ver Isa. 34 , Jeremias 49: 1-22 ; Obad 1-21 ; Ezequ. 25). O poeta pede que seus insultos desprezíveis ao Senhor sejam devolvidos a eles sete vezes.

Esta é uma oração de necessidade, física e espiritual. O poeta não pergunta se Deus vai responder, apenas quando. Então, aguarda o dia em que nós, nosso povo, o rebanho do seu pasto daremos continuamente agradecimentos a Deus, e contando e relatando seus lábios a geração após geração. É mais do que uma promessa; É uma confissão de crença de que as coisas serão assim.

• Apesar da conexão de tais salmos de extremidade com os terríveis acontecimentos que lhes deram origem, eles tiveram um uso contínuo na adoração de Israel tanto na lembrança de tais tragédias como na necessária reavaliação e arrependimento que trouxeram, e também na sua aplicação a tragédias novas mas semelhantes na experiência do povo de Deus. Esses poemas não são os melhores no Saltério, seja como poesia ou teologia, mas estão entre os mais humanos e estão dolorosamente próximos do que somos. Este salmo, com seu movimento lento e doloroso, da desculpa para um sentimento de envolvimento pessoal, é uma voz dos enigmas de julgamento que todos devemos reconhecer como nossos, embora muito poucos façam, mesmo com a ajuda adicional de Cristo .

80. A libertação da presença de Deus

O Salmo 80 é um lamento da comunidade na adoração em tempo de crise. A terra está sendo invadida (v. 12-13 , 16), o inimigo é alegre em triunfo, e o povo de Deus sente sua ausência tão intensamente que eles pensam que suas orações podem ser irritantes para ele (v. 4). Assim, eles são fornecidos pelo salmista com uma oração pela restauração que somente a Presença de Deus pode trazer e, ao pedir isso, o poeta traz à mente a antiga benção aarônica de Números 6: 24-26 (ver comentário em 67: 1-3). Na

verdade, o idioma da resposta congregacional que se repete na vv. 3 , 7 , 19pode sugerir que a benção de Aarão foi utilizada com este salmo durante o serviço de adoração pelo qual foi composto.
Muitas propostas sobre os antecedentes históricos deste lamento do hinário de Asafe foram feitas, desde o período do declínio do Reino do Norte até o período em Judá, na sequência da queda de Samaria em 721 aC para o Exílio e até o período de restauração postexil. O fato é que não há informações suficientes no salmo para consertar seu contexto histórico com alguma precisão. Os anos culminantes do imperialismo assírio sob Tiglath-Pileser III e Shalmaneser V podem ser sugeridos como a melhor chance tentativa. Sobre este ponto de vista, o salmo é um lamento oferecido na adoração da congregação em Jerusalém, que lembra uma glória passada, faz um estoque de um presente preocupado, vê apenas um futuro ainda mais sombrio e pede a libertação que pode vir apenas com a Presença de Deus.

Para o corista: de acordo com Lilies. Um depoimento de Asaph. Um salmo.

1 Dê ouvidos, ó Pastor de Israel,
Você que guia Joseph como um rebanho!
Vocês que estão entronizados sobre os querubins, brilham
2 antes de Efraim e Benjamim e Manassés!
Agita o teu poder,
e venha nos salvar!
3 Restaure-nos, ó Deus;
Deixe seu rosto resplandecer, para que possamos ser salvos!
4 Ó Senhor Deus dos Exércitos,
Por quanto tempo você ficará bravo com as orações do seu povo?
5 Você os alimentou com o pão de lágrimas,
e deu-lhes lágrimas para beber em plena medida.
6 Torna-nos o desprezo dos nossos vizinhos;
e nossos inimigos riem entre si.
7 Restaura-nos, ó Deus dos exércitos;
Deixe seu rosto resplandecer, para que possamos ser salvos!

O lamento é aberto pelo líder do culto, que centra a oração em primeiro lugar sobre a situação de Israel ao norte, tanto como uma questão de preocupação para seus irmãos e também como o contexto maior do perigo que ameaça engolfar o sul . Deus é dirigido como o pastor de Israel, aquele que "reune" José, ou o Reino do Norte (ver comentário em 77:15), como um bando e é convidado a dar ouvidos. Ele é dirigido como um entronizado sobre os querubins, isto é, aquele que está invisivelmente sentado acima da arca (cf. Ex. 25: 10-22 ; 1 Sam. 4: 4 ; 2 Sam. 6: 2 ; 2 Reis 19 : 15), e pede-se que brilhe, para tornar real sua Presença a Efraim, Benjamim e Manassés, todas as tribos do Reino do Norte. É um pedido para que Deus manifeste sua Presença e está enraivado na crença de que tal manifestação, que só pode trazer o alívio necessário, inevitavelmente o trará.

Assim também a Presença beneficente de Deus pediu a congregação em oração, isto é, para Judá e Jerusalém, embora usin vv. 2-3 , 6-7, 18-19 deve ser interpretado como significando o povo de Deus como um todo, norte e sul - uma interpretação confirmada pela parábola de videira de vv. 8-16 , que pressupõe claramente todo o Israel aparentemente como foi sob David e Salomão. Deus é convidado a agitar ou brandir o seu poder, e vem nos salvar.

Seguindo este apelo, o poeta define a resposta da congregação, que é repetir duas vezes mais. Eles pedem a Deus para restaurá-los, fazer a sua presença clara (ver comentários em 31:16 e 67: 1), para que possamos ser salvos. É a linguagem da teofania, tanto como o líder da adoração e a congregação pedem a teofania e a benção conhecida para acompanhá-la para o povo de Deus.

A catástrofe desenfreada na terra é tão terrível que a única explicação parece ser a ausência de Deus, uma ausência tão forte que as pessoas se sentem incapazes de se comunicar com Deus. Refletindo esse sentimento, o poeta aumenta quanto tempo? de lamentação, mas com uma qualificação dramática. Ele pergunta a Javé quanto tempo as próprias orações de seu povo serão uma fonte de raiva para ele. Na continuação de sua dificuldade, nenhuma outra razão pode ser imaginada. A abundante provisão do povo foi o sofrimento. Deus criou uma fonte de contenção entre aqueles que habitam sobre eles. Quem é para controlar sua propriedade? E seus inimigos ridiculizam-nos. Mais uma vez, as pessoas recitam a resposta. A manifestação da Presença de Deus é a única coisa em que eles têm alguma esperança.

8 Tiraste uma videira do Egito;

Você expulsou as nações e a planta.
9 Você limpou o chão para isso;

Tomou raízes profundas e encheu a terra.
10 As montanhas foram cobertas com a sua sombra,

os poderosos cedros com seus galhos;
11 enviou seus galhos para o mar,

e seus rebentos para o rio.
12 Por que derrubaram os seus muros,

para que todos os que passam pelo caminho colhem seus frutos?
13 O javali da floresta o raviva,

e tudo o que se move no campo é alimentado.
14 Volta-te, ó Deus dos Exércitos!

Olhe para baixo do céu e veja;

Tenho em conta esta videira,

15 o estoque que a mão direita plantada.
16 Eles queimaram com fogo, derrubaram-se;

Que perecem à repreensão do teu semblante!
17 Mas a sua mão seja sobre o homem da sua mão direita,

o filho do homem que você fez forte para você mesmo!
[18] *Então nunca voltaremos de ti;*

Dê-nos a vida, e nós chamaremos o seu nome!
[19] *Restaure-nos, ó Senhor Deus dos exércitos!*

Deixe seu rosto resplandecer, para que possamos ser salvos!

Usando uma metáfora que é recorrente no Antigo Testamento (cf. Hos. 10: 1 , Isaías 5: 1-7 , Jeremias 12: 10-13 , Gn 49:22 ; Ex 15:17), o salmista recita a história do chamado de Deus e cuida de seu povo. Ele levantou-os cuidadosamente, como uma videira macia, do solo egípcio; Ele limpou os povos da terra e plantou a jovem videira. Ele preparou o solo para sua presença e firmou nas raízes cuidadosamente. Como resultado, encheu completamente a terra, cobrindo as montanhas em sua sombra, se ramificando sobre os grandes cedros de Deus no Líbano, enviando seus corredores até o mar, seus tendrils até o grande rio, o Eufrates. A imagem é mais do que o "exagero colossal" apreciado pelos poetas israelitas, como Gunkel (p. 354) o considerou ser. É uma impressão da extensão de Israel no seu maior, sob Davi e Salomão, e de modo algum está muito descoberto (ver Deut. 11: 24-25 ; 1 Reis 4:24).

O quebra-cabeça é que Deus, tendo prodigado tal cuidado à sua videira e cultivando isso em um estado tão florescente, deveria permitir que ele languesse por falta de atenção. No entanto, ele fez mais do que deixar que a seta protetora em torno dela caísse em ruim; ele mesmo rasgou essa cerca e, assim, permitiu que cada transeunte indiscriminadamente arrancasse seus frutos. O javali das raízes da covinha nele, e toda terra de animais selvagens pasta nela.

É mais do que o poeta pode suportar, e ele clama ao Deus dos exércitos para que volte, olhe desde os céus, veja e inspecione "esta vinha macia, esse corte que sua própria mão direita plantou". Então ele retorna ao Destruição causada por aqueles que estão arruinando a videira. Foi queimado com fogo e cortado; Sua oração é que os responsáveis possam perecer da repreensão da Presença de Deus. Esta é a sexta vez (ver vv. 1, 2, 3 , 7 , 14) em sequência, a presença de Deus foi solicitada, mas é a primeira vez que o poeta especifica o efeito que ele espera que tenha no inimigo.

Com exceção de uma repetição final da resposta congregacional, o poeta termina o lamento com uma oração pelo rei e uma promessa. A oração do poeta é que o rei também tenha o benefício da Presença de Deus - que a mão de Deus esteja sobre o seu "homem de mão direita" (ver v. 15), sobre o filho do homem, o rei, a quem Deus escolheu (ou feito forte) para si mesmo. E a promessa a que os adoradores são cometidos, tanto pela linguagem do poeta quanto pelo refrão que eles repetem novamente seguindo a promessa, é que eles não vão recuar da Presença que tão fervorosamente solicitaram. Se ele conservasse sua vida, eles chamarão seu nome.

• Era uma tarefa difícil, mas necessária para que Israel percebesse que a prosperidade da nação e a prosperidade do propósito de Deus não eram sempre uma e a mesma coisa. No entanto, quando Israel enfrentou uma situação histórica que refutou progressiva e absolutamente tal equivalência, não foi sua crença na eficácia da Presença de Deus, que foi revisada, mas sim sua compreensão do papel da nação em seu propósito. A crise não significava fraqueza ou inépcia na parte de Deus, como fez com todas as nações vizinhas em suas crises e reverte. Isso significava, em vez disso, a ausência voluntária de seu deus, muitas vezes provocada por algum fracasso próprio. Os

poetas de Israel eram humanos, como nós somos. Eles queriam, como nós, encontrar alguém ou algo culpado quando sofreram.

81. Alegria a Deus, retempo ao homem

Este salmo da coleção de Asaph consiste de duas partes: um hino relacionado a uma celebração festal dentro do culto (vv. 1-5 *b)* e um sermão relacionado à situação atual dos adoradores (v. 5 *c* -16). As duas partes se encaixam confortavelmente, e não há motivo para supor que este salmo seja composto de dois poemas, como alguns comentadores fizeram. De fato, o salmo é outro exemplo do serviço de culto relacionado ao calendário litúrgico, dentro do qual a fé tradicional é consagrada em um hino e a necessidade atual da congregação é abordada em um sermão.
Não é possível verificar exatamente qual festa fornece o contexto para este salmo. Mas a atmosfera alegre (vv. 1- 2), o sopro da trombeta e seu início na lua nova (v. 3), seu status designado como estatuto, ordenança e decreto (v. 4-5), mais o óbvio revisão do vv. 6-16 , todos se combinam para sugerir mais fortemente a Festa dos Estandes ou Tabernáculos. O caráter e a extensão deste festival mudaram com a passagem do tempo; mas no período preexilico foi predominantemente uma alegre festa outonal de ação de graças, em relação à qual as obrigações e provisões da aliança foram revistas e renovadas. É contra o pano de fundo deste inventário e renovação que o sermão devv. 6 ff. deve ser entendido como parte integrante do culto ligado à celebração, e deste salmo em particular.

Para o maestro do coro: de acordo com The Gittith. Um salmo de Asafe.
[1] Cante em voz alta a Deus nossa força;

grita de alegria ao deus de Jacobi
[2] Levante uma música, toque o timbrel,

a lira doce com a harpa.
[3] Sopre a trombeta na lua nova,

na lua cheia, no nosso dia da festa.
[4] ***Pois*** *é um estatuto para Israel,*

uma ordenança do deus de Jacó.
[5] Ele fez um decreto em Joseph,

quando ele saiu pela terra do Egito.

O salmo começa com o grito alegre da congregação para com Deus a nossa força. **. .** Deus de Jacó (isto é, todo Israel). É uma ocasião festiva e jubilosa, e que exige o levantamento de uma canção, o golpe do tambor de mão e a lira e harpa dulcet. A trombeta que anunciava a lua nova e o início dos dias de festa designados também deveria ser tocada, primeiro no dia da lua nova no primeiro mês, e depois no dia da lua cheia quando a festa começou . A trombeta serviria como um lembrete da Presença de Deus (Números 10:10). O hino autentica a celebração como um estatuto para Israel, uma regra do deus de Jacó, que a estabeleceu como um preceito em José, quando ele saiu sobre a terra do Egito. Joseph é usado aqui em referência a Israel no Egito, e a autoridade e a antiguidade da observância festal são enfatizadas.

Ouvi uma voz que eu não conhecia:
6 "Eu aliviei o seu ombro da carga;

suas mãos foram liberadas da cesta.
7 Em perigo você chamou, e eu entreguei você;

Eu respondi-lhe no lugar secreto do trovão;

Eu testei você nas águas de Meribah.

Selah
8 Ouve, ó meu povo, enquanto eu te admoestar.

O Israel, se você me escutar mais!
9 Não haverá Deus estranho entre vós;

Você não deve se curvar a um Deus estrangeiro.
10 Eu sou o Senhor seu Deus,

que te expulsou da terra do Egito

Abra sua boca bem e eu vou preenchê-la
11 "Mas o meu povo não ouviu minha voz;

Israel não teria nenhum de mim.
12 Então eu entreguei-os ao seu coração teimoso,

para seguir seus próprios conselhos.
13 O que meu povo me ouviria,

que Israel andaria nos meus caminhos!
14 Em breve submeteria seus inimigos,

e vire minha mão contra seus inimigos.
15 Aqueles que odeiam o Senhor se ***encolheriam*** *com ele,*

e seu destino duraria para sempre.
16 Eu alimentaria você com o melhor do trigo,

e com o mel da rocha eu te satisfaria. "

A frase final da v. 5 claramente não faz parte do hino, e se for para se juntar a qualquer seção do salmo, ela deve servir como uma introdução ao sermão de vv. 6 ff. As palavras são melhor vistas como a introdução do poema do oráculo divino a seguir e traduzidas: "Ouço um discurso que não preparei". Isto é dizer que as palavras que se seguem não são suas, mas as de Deus.

Assim, o sermão é, na sua totalidade, um monólogo de Deus, citado pelo poeta, falado pelo profeta culto; e seu propósito é um breve recital da história da salvação, uma revisão de um aspecto da obrigação do convênio das pessoas e uma avaliação da situação atual. Começando com o tempo da escravidão laboral de Israel no Egito, o alívio de Deus e o resgate de seu povo são relatados em termos pungentes. Ele tirou a carga de seus ombros, a cesta de carga de suas mãos. Na angústia dos campos de trabalho forçado, eles gritaram, e ele os retirou. No lugar secreto do trovão, Monte

Sinai, ele respondeu (Ex. 19:18 ; 20:18). Nas águas de Meribá, ele colocou-os à prova (ver Ex. 17: 1-7).

Há, portanto, um amplo testemunho de seus cuidados e suas necessidades, e, portanto, sua preocupação atual é introduzida como nenhuma coisa nova. O povo de Deus é convidado a prestar atenção quando ele testemunha contra eles. O pensamento sobre o que o testemunho deve ser é doloroso para ele: Israel, se você me escutar mais! Ele cita uma das obrigações da aliança fundamental de seu povo - não deve haver para eles nenhum Deus estrangeiro; eles devem prostrar-se a nenhum Deus estranho (ver o Primeiro Mandamento, Ex. 20: 3). *Ele* é o Senhor, seu Deus, aquele que os criou do Egito (ver Ex. 20: 1-2). Eles têm que abrir suas bocas, e ele vai preenchê-las, como fez antes, mas com uma maior recompensa do que nunca.

No entanto, as pessoas não prestaram atenção à voz de Deus, e é neste ponto que a aplicação do sermão à situação atual da congregação pode ser considerada como tendo começado. Israel não tinha vontade de Deus. Assim, ele os entregou à obstinação de seus próprios corações; Era o pior destino ao qual ele poderia cometer. Então eles caminharam de acordo com seus próprios conselhos. Esta é uma declaração gráfica da petulância do pecado, a obtusa da rebelião. Não podiam ser ditos nada; então ele os deixou em sua própria grande sabedoria.

Mas o pensamento de onde isso está levando muito rapidamente o seu povo suscita outro grito de compaixão. Se eles ouvissem, e caminhem em seus caminhos, em um piscar de olhos ele subjugaria seus inimigos e viraria sua mão para seus opressores. Aqueles que odeiam o Senhor mudariam sua atitude e estariam em perpétuo terror dele. Quanto ao povo de Deus, ele os alimentaria com os melhores grãos e os encheria com o próprio amor de Deus.

Em tal nota - o pensamento do que poderia ser se o povo de Deus mantinha seus compromissos da aliança - o sermão termina, habilmente, efetivamente. No contexto da alegre celebração do povo da generosidade de Deus que conheciam no último ano agrícola, no contexto da revisão e renovação da aliança, e no contexto de tempos incertos (v. 14-15), o salmista, citando Deus, definiu o problema do povo, estabeleceu o remédio e esboçou uma imagem do que poderia ter sido - pode ainda ser - se as pessoas prestarem atenção.

• Talvez a lição mais impressionante deste salmo pontudo, com seu apelo compassivo, mas intransigente à obediência, é a sua demonstração de que a discrepância entre as celebrações tradicionais da fé e o que é no mundo e o que está no homem é a deficiência do homem, e não a de Deus . Que as aspirações mais elevadas de nossa fé, exaltadas no hino e no sermão, não são mais freqüentemente alcançadas é nossa própria culpa. É um problema trazido de forma muito vívida para se concentrar na v. 11c : "Israel não teve nenhum desejo por Deus".

82. Julgamento de Deus de seus juízes

Este salmo dramático tem como base o fato da absoluta justiça e consistência do julgamento de Deus e do problema, também um fato, de injustiça e tratamento desigual desenfreado no mundo. É um assunto com o qual os poetas do livro dos Salmos freqüentemente lutaram (cf. Salmos 26 , 58 , 73), mas de todos eles não se tratou tão imaginativamente quanto o salmista. À moda dos grandes profetas, ele se considera

como tendo acesso ao grande conselho de Deus no céu, e ali é testemunho de uma cena notável, que ele retrata em seu poema.
O salmo é do hálamo asáltico. Seu contexto de adoração era provavelmente a congregação reunida para adoração no Templo em Jerusalém, e parece razoável supor, da natureza do salmo e do seu idioma, que seu autor era um profeta culto.

Um salmo de Asafe.
[1] *Deus tomou seu lugar no conselho divino;*

no meio dos deuses ele julga:
[2] *"Por quanto tempo você julgará injustamente*

e mostrar parcialidade aos perversos?
Selah
[3] *Dê justiça ao fraco e ao órfão;*

mantenha o direito dos aflitos e dos indigentes.
[4] *Resgate os fracos e os necessitados;*

entregue-os da mão dos ímpios ".

O salmista pensa de si mesmo, assim como Miquéias (1 Reis 22:19) e Isaías (6: 1-8), como testemunha no processo do conselho celestial de Deus, o conjunto das divindades sequaz que eram seus emissários angelicais, *'e lohim* e filhos do Altíssimo. Este conselho nunca é definido especificamente no Antigo Testamento, onde é chamado o conselho secreto (*sod*) do Senhor (ver comentário sobre 25:14 ; também Jer 23:18.) Ou de Deus (Jó 15: 8), mas que foi amplamente declarado existir é atestada pela construção de altares de Manassés para o "exército do céu" nos tribunais do próprio Templo (2 Reis 21: 5). O conceito parece ter sido resultado do sincretismo e da crescente convicção em Israel de que o Senhor é o Deus supremo, diante do qual todos os outros devem se curvar. Embora os profetas geralmente aceitassem a existência do conselho e contaram seu acesso a ele como uma das credenciais do verdadeiro profeta (ver Amós 3: 7 , Isaías 6 , Jeremias 23: 16-22), eles condenaram qualquer veneração disso prejudica o culto apropriado a Javé (Jeremias 8: 1-3 ; 19:13 ; 2 Reis 23: 4-5).

Assim, o salmista introduz seu poema com a afirmação de que Deus tomou seu lugar neste conselho celestial, e que seu relatório começa quando Deus está proferindo juízo entre os deuses (*'e lohim*). É um julgamento devastador, que explica a desonestidade que tem sido desenfreado na terra e também justifica Deus como consistente e onipotente. Não há nenhuma dica aqui de qualquer rebelião no céu. A dificuldade reside no fracasso e fraqueza dos deuses servos, e não em qualquer desobediência intencional de sua parte.

Deus acusa seus assistentes celestiais com nenhuma picada de palavras. Por quanto tempo eles vão julgar desonestamente, reconhecendo e dando tratamento especial aos perversos? Ele prescreve bastante o que deveriam estar fazendo, como conselho e acusação adicional. Eles devem reivindicar os miseráveis e abandonados, fazer o correto pelos oprimidos e os despossuídos, e entregar os fracos e os indigentes do poder dos ímpios.

[5] *Eles não têm conhecimento nem compreensão,*

andam na escuridão;

Todos os fundamentos da terra são abalados.
[6] *Eu digo: "Vocês são deuses,*

filhos do Altíssimo, todos vocês;
[7] *no entanto, você morrerá como homens,*

e cair como qualquer príncipe ".
[8] *Levanta-te, ó Deus, julga a terra;*

Para você pertencer a todas as nações!

Em seguida, Deus transfere seu endereço desses deuses para o que equivale a um lado para o poeta, e através dele para seus adoradores reunidos. O versículo 5 é sobre esses deuses, não para eles; e agora são vistos mais claramente como os deuses dos vizinhos de Israel, a quem a própria Israel se atraiu demais. Eles não têm conhecimento de primeira mão, diz Deus, eles realmente não sabem nada, e eles não têm discernimento. Eles vagam de um lado para o outro na escuridão. Não admira que todos os fundamentos da terra estejam tremendo. As partes da terra atribuídas a deuses como estas foram seriamente mal administradas!

Então, Deus passa a frase sobre eles. O . é enfático no texto, não deixando dúvidas quanto à fonte e autoridade da sentença. Eles são deuses (*'ᵉlohim*), verdadeiros, e filhos do Altíssimo, isto é, são o que são por sua indulgência (ver comentário em 2: 7), todos eles. Mesmo assim, eles também morrerão, como a humanidade deve; Eles cairão, todos eles, assim como os príncipes da terra caírem. É um julgamento que é ao mesmo tempo uma declaração final da completa soberania de Deus. Ele tem poder mesmo sobre a mortalidade desses deuses, e ele pretende exercê-lo como resultado de sua má administração. É um dos últimos passos para o monoteísmo completo.

A injustiça e a injustiça do mundo em tensão com a soberania de Deus foram assim explicadas. A visão do poeta acabou, e continua a ser a congregação a agir sobre o que lhes foi dito. O que eles fazem, em uma resposta fornecida pelo poeta. É Deus quem possui todas as nações, não os deuses a quem as pessoas pagãs fazem obediência. Eles existem apenas na medida em que ele o permite, e ele logo não o permitirá por causa do contínuo golpe que eles fizeram de coisas. Portanto, os adoradores invocam Deus para se levantar e julgar a Terra. Não é só o direito dele fazê-lo, é a única maneira pela qual a terra pode receber um julgamento honesto.

• No salmo 58 , os juízes injustos da terra são condenados pelo poeta. Neste salmo, os juízes injustos do céu, que sem dúvida foram acreditados para influenciar os juízes terrenos, são condenados por Deus, em uma visão do poeta. Em Isaías 24:21 , diz-se que no dia do Senhor a vir, "o Senhor pagará as hostes do alto céu, no alto céu e os reis da terra, sobre a terra". Na fé de os salmistas, a única coisa que permanece para sempre descomprometida é a consistência e a honestidade de Deus. Por eles todas as coisas são julgadas, e contra elas todas as inconsistências devem encontrar explicação. Esta verdade ainda é evidente; e com o passar do tempo, apenas as explicações mudaram. Eles ficaram mais inteligentes e mais sofisticados, embora não necessariamente melhor.

83. Um grito por Deus lidar com seus inimigos

Esta lamentação da coleção de Asaph tem como tema a ameaça para o povo de Deus de inimigos que são seus inimigos e, portanto, deles, seus inimigos e, portanto, o dele. É uma convicção da comunidade de adoração que encontra expressão frequente nos Salmos, embora raramente os inimigos sejam listados tão especificamente quanto neste salmo, e nunca em tal abundância.
Apesar da ampla referência histórica aos povos citados em vv. 6-8 , nenhuma tentativa de fornecer um único cenário histórico para este salmo que incorporaria tal coalizão de inimigos se mostrou sustentável. Independentemente do fato de que nenhuma federação desse tipo é mencionada em outro lugar no Antigo Testamento, pode-se mostrar que nem todos os povos mencionados aqui já existiram em um único período histórico. No entanto, embora seja evidente que os povos listados não podem ter constituído uma única coalizão, não há motivo para negar alguma base histórica ao salmo. Pode assim ser sugerido, tendo em vista a referência a Assíria na v. 8, que o período de ascendência do imperialismo assírio sob Tiglath-pileser III na metade posterior do século VIII aC poderia ser o período a partir do qual o salmo brota. Pelo menos algumas das nações mencionadas estavam dentro e fora da vassalagem para a Assíria nesse período, e os outros poderiam ter sido adicionados pelo poeta para multiplicar o efeito do lamento.

Uma canção. Um salmo de Asafe.
[1] Ó Deus, não fique em silêncio;

Não segure a paz nem fique quieto, ó Deus!
[2] Pois bem, os teus inimigos estão no tumulto;

aqueles que te odeiam levantaram a cabeça.
[3] Eles colocam planos astutos contra o teu povo;

Eles consultam juntos contra os seus protegidos.
[4] Eles dizem: "Venha, vamos limpá-los como uma nação;

deixe o nome de Israel ser lembrado sem morel "
[5] Sim, eles conspiram de comum acordo;

contra ti, eles fazem uma aliança -
[6] as tendas de Edom e os ismaelitas,

Moab e os Hagrites,
[7] Gebal e Ammon e Amalek,

Philistia com os habitantes de Tire;
[8] Assíria também se juntou a eles;

Eles são o braço forte dos filhos de Lot. Selah

O lamento parece ter sido proferido por uma única voz, talvez originalmente pelo próprio poeta, em nome da congregação. Ele abre com o grito direto a Deus, o que é habitual nas lamentações, sejam elas comunais ou individuais. O salmista implora a Deus que não fique quieto, nem para ser surdo e burro, para não permanecer alheio, pois seus inimigos estão em um alvoroço, e aqueles que o odeiam estão jogando a cabeça com desafio.

Eles estão formando esquemas astutos no conselho secreto, e eles estão colaborando contra aqueles que estão no cuidado protetor de Deus. Eles declararam sua intenção de destruir a nação e acabar com a memória do nome de Israel. Eles colocaram sua mente como um só homem, e eles fizeram uma aliança solene contra Deus. Esta aliança contra ti não deve ser entendida como um projeto separado da aniquilação de Israel; Como Israel é o povo de Deus, uma aliança contra a nação é uma aliança contra ele.

O poeta enumera as partes na aliança e, como já foi observado acima, multiplica o efeito de seu lamento ao incluir o passado e o presente dos inimigos. Os edomitas (2 Sam. 8: 13-14), os moabitas (Judg. 3: 12-30), e os ismaelitas menos freqüentemente mencionados (Gen. 37: 25-28) e Hagrites (provavelmente o povo de Agar; 1 Crôn. 5:10 , 18-22) são nomeados primeiro. Gebal era uma cidade-estado filisteu (ver 1 Reis 5:18) e um território na região montanhosa ao sul do Mar Morto (Kraus, II, 578); O contexto pode sugerir o último como o que se pretende aqui, pois está listado em quinto lugar em uma seqüência de povos transjordanianos e do sul.

Ammon (Judg. 3: 13-14) e Amalek (Ex. 17: 8-9) são freqüentemente retratados em desacordo com Israel no Antigo Testamento, como é a Filístia (Judg 14-15). Tire é mencionado nas relações amigáveis (2 Sam. 5:11) e tensas (1 Reis 9: 11-14) com Israel; Aqui, é claro, a intenção. Assíria é nomeada em último lugar, tendo se juntado a esta companhia de inimigos; ela é apropriadamente chamada braço forte de toda a lista, apoiando os descendentes de Ló (ver Gn 19: 36-38 ; Deut. 2: 9 , 19).

9 Faça com eles como você fez a Madián,

Quanto a Sisera e Jabin no rio Kishon,
10 que foram destruídos em Endor,

que se tornou esterco no chão.
11 Faça seus nobres como Oreb e Zeeb,

Todos os seus príncipes como Zebah e Zalmunna,
12 que disse: "Vamos tomar posse para nós ***mesmos***

das pastagens de Deus ".
13 Ó meu Deus, faça-os como um pó girando,

como palha antes do vento.
14 Como o fogo consome a floresta,

como a chama incendia as montanhas,
15, então, persegui-los com a Tua tempestade

e assustá-los com seu furacão!
16 Encha os rostos com vergonha,

para que busquem o ***teu*** *nome, ó Senhor.*
17 Deixe-os envergonhados e consternados para ***sempre;***

Deixe-os perecer em desgraça.
18 Deixe-os saber que você sozinho,

cujo nome é o Senhor,

seja o Altíssimo em toda a terra.

Temos aqui uma lista formidável, mais ainda quando apresentada de uma só vez; e o poeta pede a Deus para lidar com eles em uma sequência de maldições, a primeira das quais tem referência histórica, a qual não está vinculada por nenhuma dessas limitações e, consequentemente, ainda é mais terrível. As referências históricas são para o livro dos juízes, como o poeta pede que os inimigos sofram o destino de Midiã, encaminhado por Gideon e seu selecionado 300 (Judg. 7); a morte humilhante de Sisera, o general cananeu (Judg. 4: 17-22); e a destruição do rei de Sisera, Jabin (Judg. 4: 23-24). Embora Endor não seja mencionado nos juízes 4 e 5 , está localizado nas proximidades de Taanach e Megiddo, que são (Judg. 5:19 ; cf.Josh. 17:11).

Que esses inimigos derrotados se tornaram esterco para o solo, refere-se ao inimigo caído sem enterrar e ao destino que o poeta deseja para os inimigos presentes. Também estão listados na maldição: Oreb e Zeeb, príncipes midianitas mortos por Gideão pelos homens de Efraim (Judg. 7: 24-25), e Zeba e Zalmunna, os reis midianitas cortados pelo próprio Gideão (Judg 8: 18- 21). Estes midianitas haviam dito: "Tomemos por nós mesmos as pastagens de Deus" (2 Crônicas 20:11). Pode-se presumir que esses inimigos posteriores tiveram um design semelhante e que a lista de inimigos anteriores cujo desequilíbrio desesperado foi desejada foi selecionada pelo poeta com isso em mente.

O salmista em seguida deseja catástrofes da natureza aos inimigos, para que elas sejam como partículas de poeira, como palha diante do vento; que Deus os perseguiria com sua tempestade e os aterrorizaria com o seu turbilhão como fogo em uma floresta, enquanto os relâmpagos queimavam as montanhas.

O apelo final do poeta está relacionado à sua declaração inicial de que esses inimigos são inimigos de Deus (v. 2). O ataque deles é um desacredito para Deus. Isso implica uma impotência que o poeta não acredita e um equívoco que ele deseja esclarecer rapidamente. Assim, ele pede que Deus enche suas caras de vergonha, isto é, traga-os para baixo, para que busquem a Presença (nome, veja o comentário 8: 1) de Deus; que eles sejam confundidos e perplexos para sempre; que ficam vermelhos com vergonha e que perecem; e que eles sabem por experiência que Javé está sozinho, o Altíssimo, sobre toda a terra.

• Como se sugeriu, o contexto histórico deste salmo é provavelmente o período em que o poder e a luxúria assírias conquistar estava em ascensão, um momento em que os inimigos tradicionais aproveitaram as circunstâncias existentes e até mesmo os amigos tradicionais jogaram a política com o inimigo vantagem própria. O uso do salmo pela comunidade de culto não se limitou, de modo algum, ao período desde o qual originalmente veio, no entanto, Israel sempre teve inimigos em abundância; e os salmos como este sem dúvida viram uso repetido com o advento de uma nova crise. Esse uso contínuo pode, de fato, explicar, em parte, a longa lista de inimigos passados e presentes citados no salmo.

As execrações do salmista estão relacionadas, em parte, ao perigo da nação, mas mais ao desejo de ver Deus de forma decisiva vindicada. Sua afirmação, fundamentalmente, é essa

Deus atuará agora como no passado, resgatando o seu próprio e limpando seu nome.

84. A beleza do lugar onde Deus é

Este poema vibrante, como os Salmos 42-43 , 46 e 48 , está enraizado na teologia da Presença de Deus no Templo que Salomão construiu em Jerusalém. Salmos 42-43 contemplam a beleza da Presença e anseiam, a distância. Os Salmos 46 e 48 experimentam a Presença, e a segurança que traz, de primeira mão dentro de Jerusalém e do próprio Templo. Este salmo experimenta a Presença tanto em perspectiva como de fato, pois seu poeta registrou as emoções de uma peregrinação ao Templo em Jerusalém. Os quatro salmos, curiosamente, são da coleção de Korah.

Para o maestro do coro: de acordo com The Gittith. Um Salmo dos Filhos de Corá.
[1] Quão adorável é a sua morada,

Ó Senhor dos Exércitos!
[2] Minha alma anseia, sim, desmaia

para os tribunais do Senhor;
meu coração e minha carne cantam de alegria
para o Deus vivo.
[3] Mesmo o pardal encontra uma casa,

e a engolir um ninho para si mesma,
onde ela pode deixá-la jovem,
em teus altares, ó Senhor dos exércitos,
Meu Rei e meu Deus.
[4] Bem-aventurados ***os que habitam na tua casa,***

sempre cantando o seu louvor! Selah
[5] Bem-aventurados os homens cuja força está em ti,

em cujo coração estão as estradas de Zion.
[6] ***Ao*** *atravessarem o vale de Baca*

eles fazem dele um lugar de nascentes;
A chuva inicial também cobre com piscinas.
7 *Eles vão de força em força;*

O Deus dos deuses será visto em Sião.

As primeiras palavras do salmista são um suspiro virtual na pura beleza de todo o complexo do Templo: "Quão adoráveis são os quartos da sua habitação, Javé dos Hosts!" É uma declaração que lembra a sua antecipação da visão e uma que traz com isso a lembrança da jornada e sua fome por seu fim.

"Minha alma estava perturbada,
de fato, tudo foi gasto
no meu desejo pelas cortes de Javé! "

Estes verbos indicam em ação hebraica agora completa e passada. Mas o próximo verbo indica ação incompleta e contínua, descrevendo a reação do poeta após sua chegada, e

desde: "Meu coração e meu corpo / estão gritando louvor alegre ao Deus vivo!" Este aspecto da ação verbal é uma distinção importante e essencial que a tradução de RSV não traz para fora. O poeta está "aqui finalmente", e dificilmente pode se conter.

Sensível a tudo o que ele está vendo e a tudo o que está acontecendo sobre ele, o salmista vê um pequeno pássaro que voa para um ninho no pátio do Templo. Ele admira que mesmo um pássaro pode encontrar uma casa, e o swooping engula um ninho para si e para os seus jovens, nos próprios altares de Deus! É uma imagem poética, cujas implicações emocionam tanto o salmista que ele explode em uma confissão movida e em movimento: "Javé dos Exércitos, *meu* Rei e *meu* Deus!" É a sua casa, bem como o passarinho, quer ele está nele ou está longe disso. Mas quão bom é estar nele, para ser convidado de Javé (ver 23: 5-6). Este pensamento lembra-lhe aqueles cuja boa sorte é estar em tal lugar continuamente. Eles são abençoados com o privilégio de estar lá sempre cantando louvores a Deus.

Também são abençoados aqueles que dependem de Deus para força ou refúgio, homens em cujo coração são as rodovias. O RSV segue o ERV e outras traduções na adição a Zion, que não está no texto hebraico ou em nenhuma das versões antigas, embora provavelmente seja uma sugestão precisa. As rodovias são aquelas que conduzem à Presença de Deus, e o poeta está dizendo que o homem que sabe como chegar ao lugar onde Deus é, é abençoado ao lado do homem que permanece lá continuamente. De fato, o poeta permanece no ponto, lembrando a força e a alegria que ele teve na peregrinação. Passando por um vale árido e desolado, tais homens o transformam em uma grande primavera ou oásis, um lugar de bênçãos, cheio de chuva e fresco.

O texto hebraico do v. 6 , em particular a sua frase final, sofreu muito em transmissão, e é tudo menos intransponível no que se refere. O ponto do poeta, felizmente, permanece razoavelmente claro: o homem cuja força está em Deus tem recursos na peregrinação desta vida, por mais difícil e estéril do seu entorno, que outros simplesmente não vêem. Em vez de enfraquecer e abandonar, esses homens vão de força em força, sempre encontrando novos recursos antes que os antigos passem. Em Sião, quando a jornada peregrina for completa, o deus dos deuses se revela. É um testemunho magnífico, e o sermão do salmista para a vida de sua jornada é inconfundível.

8 Ó Senhor Deus dos exércitos, ouve a minha oração;

***Ouça,** ó Deus **de** Jacó! Selah*
9 Eis o nosso escudo, ó Deus;

Olhe para o rosto do seu ungido!
10 Por um dia em seus tribunais é melhor

do que mil em outros lugares.
***Prefiro ser um porteiro na casa** de meu Deus*
do que morar nas tendas da maldade.
*11 Porque o Senhor Deus é **um** sol e um escudo;*

Ele concede votos e honra.
*Não é **bom o Senhor reter***
daqueles que andam de pé.
12 Ó Senhor dos exércitos,

abençoado é o homem que confia em ti!

O poeta se transforma em oração. Pedindo que o Senhor, Deus dos exércitos (nota v. 1 , 3 , 8 , 12), ouça sua petição, que o Deus de Jacó (Israel) preste atenção, ele reza para que Deus veja nosso escudo e tenha em conta o seu ungido. É uma oração para o rei davídico, que é a proteção do povo (Salmo 72) e o governante escolhido, o filho adotivo de Deus (cf. 2: 7). O rei era o chefe efetivo do culto em Jerusalém preexilica, e uma oração por Deus para ver e, portanto, abençoá-lo com sua Presença era provavelmente um dos primeiros atos devocionais de um peregrino no santuário.

Este dever cumprido, o salmista retorna à alegria na Presença de Deus com a qual a alma está repleta. Um dia neste lugar, esses tribunais que ele desejava, é melhor do que mil em qualquer outro lugar. Ser servo servil, um porteiro na casa de Deus, é melhor do que ser residente nas moradias da iniqüidade. Na verdade, o Senhor é sol, luz e calor, e escudo, para proteção. O Senhor continua dando graça e honra (ou abundância), nunca se recusa a ser bom para aqueles que andam de pé.

É realmente um pensamento emocionante; e bastante oprimido por tal pensamento em tal lugar, o salmista só pode confessar que o homem que confia em Yahweh é abençoado.

. O hino alegre de este poeta só pode ser entendido por aqueles que gostam do salmista chegaram à Presença de Deus depois de terem ido embora. E apesar do seu amor pelo Templo, ele seria o primeiro a dizer que, enquanto sempre conhecemos o Deus de forma mais significativa em lugares especiais, as limitações estão em nós, e os lugares de sua Presença estão em qualquer lugar e em todos os lugares. É a Presença de Deus que pode fazer crescer os nossos vales de Baca, o que pode trazer vida onde não existe (Ezequiel 37: 1-14), que pode fazer força de desmaio (Isaías 40: 29-31), e que pode nos tornar iguais às exigências da fé e à responsabilidade da nossa missão (Mateus 28: 19-20). Bem-aventurado, de fato, é o homem cuja confiança está em um deus como este!

85. Lamentação do povo, confiança de Deus

O contexto deste salmo é um período de dificuldade nacional que a comunidade de adoração julga ser o julgamento de Deus em sua iniqüidade. A natureza da dificuldade não é especificada, nem existe dentro do salmo informações suficientes para permitir especulações sérias sobre seu tempo de origem.
O salmo contém tanto um lamento congregacional como um oráculo profético (veja também o Salmo 60). É do hinário de Corá e é, sem dúvida, o tipo de salmo que viu uso repetido na adoração com a recorrência de períodos semelhantes de dificuldade nacional.

Ao maestro do coro: Um Salmo dos Filhos de Corá.
[1] Senhor, você era favorável à sua terra;

Você restaurou a fortuna de Jacob.
[2] Perdoaste a iniqüidade do teu povo;

Você perdoou todo o seu pecado. Selah
[3] Tu retiraste toda a tua ira;

Você se afastou da sua ira quente.
4 *Restaure-nos novamente, ó Deus da nossa salvação,*

e afastar sua indignação para conosco!
5 *Você ficará com raiva de nós para sempre?*

Você irá prolongar a sua raiva para todas as gerações?
6 *Não nos reviverás de novo,*

para que o teu povo se regozije em ti?
7 *Mostre-nos o amor firme, ó Senhor,*

e conceda-nos a tua salvação.

O lamento começou com uma referência a tempos anteriores de dificuldade semelhante quando Deus perdoou e restaurou seu povo. Os verbos de vv. 1-3 em hebraico denotar ação considerada completa e, neste caso, passado. O Senhor, no passado, se deleitou em sua terra e restaurou as fortunas de Jacó (isto é, de Israel). Ele tirou (perdoou) a perversidade de seu povo, e ele cobriu todo o pecado deles. Ele recolheu sobre ele a explosão de raiva, e ele se afastou de sua feroz ira.

Isto é o que Deus fez para o seu povo no passado, e eles agora perguntam, de fato, que ele faça o mesmo por eles uma vez mais. Assim, eles rezam para que Deus, que é o Deus de sua libertação, possa retornar a eles e anular sua vexação com eles. Eles pedem isso mais, em típico estilo de lamentação, por uma série de perguntas: Ele deve ser provocado para sempre contra eles? Ele deve extrair sua geração de raiva depois da geração? Ele não voltará a preservá-los vivos para que o povo dele possa se alegrar com ele? Estas orações são, em cada caso, petições para o retorno da Presença de Deus, que traz consigo libertação e alegria (ver comentário sobre Salmos 20 e 80), e eles são concluídos e resumidos na alegação de que Yahweh irá tornar claro aos adoradores o seu amor imutável e dar-lhes a sua libertação.

8 *Deixe-me ouvir o que Deusfalaráo SENHOR ;*

pois ele falará paz ao seu povo,

para seus santos, para aqueles que se voltam para ele em seus corações.
9 *Certamente a sua salvação está à mão para aqueles que o temem,*

Essa glória pode habitar em nossa terra.
10 O *amor firme e a fidelidade se encontrarão;*

A justiça e a paz se beijarão.
11 A *fidelidade brotará do chão,*

e a justiça olhará para baixo do céu.
12 *Sim, o SENHOR dará o que é bom,*

e nossa terra produzirá seu aumento.
13 A *justiça irá perante ele,*

e faz seus passos um caminho.

A lamentação levantada, os pedidos feitos, a congregação aguarda atentamente uma resposta de Deus. É provável que, em tais ocasiões, a palavra de Deus fosse antecipada em uma ou mais das mídias normativas da revelação, isto é, no lote sagrado ou em alguma outra resposta sacerdotal; na representação da teofania de Javé; ou em um oráculo profético, para citar apenas três possibilidades. Neste salmo é o último meio que é escolhido, e um profeta se levanta para relatar a Palavra de Deus a respeito da oração do povo.

O profeta estabelece a autoridade para o que ele está prestes a dizer, observando: "Estou ouvindo o que o Deus Yahweh está dizendo". É um momento elétrico, pois tais palavras foram tomadas como mais do que forma; O profeta como pessoa recua no fundo, e o que ele pronuncia é a própria palavra de Deus, transcendendo-o. "Porque Deus está dizendo ao seu povo, aos seus fiéis servos:" Tudo ficará bem. Deixe que eles não voltem a loucura. "A representação RSV desta última frase do v. 8 substitui o texto do LXX pela

Texto em hebraico.

O profeta continua o oráculo, não citando diretamente a Deus, mas, no entanto, relata a resposta de Deus. A libertação está certamente próxima daqueles que repreendem o Senhor, e sua Presença (glória) está prestes a se instalar em suas terras. Como resultado, o amor e a certeza imutáveis se juntarão; A justiça e a satisfação ligam os braços (o beijo RSV é possível, mas muito atraente). Na verdade, a certeza brotará do chão e a justiça irá olhar para baixo dos céus. É uma combinação notável dos benefícios da Presença de Yahweh, e que deve ter sido extremamente reconfortante para a congregação de escuta. Somente sua Presença poderia garantir um estado tão idílico, e tal certeza era a cura certa para sua doença.

Assim, a conclusão do poeta é habilmente anticlimática, contudo um resumo abrangente de todo o oráculo. O Senhor certamente dará o bem, e sua terra dará produtos. A justiça virá em sua Presença, e estabelecerá seus passos para um caminho. Sua Presença trará justiça, e a justiça mostrará aos homens o caminho para a Sua Presença.

• É fácil entender como este salmo poderia ter sido usado uma e outra vez na adoração em Jerusalém, e em tempos além de Jerusalém também. Nem as palavras do oráculo foram menos autênticas na milésima ou dez milésima vez que foram repetidas do que as palavras do lamento. A utopia da Presença de Deus, ainda necessária, ainda vem - para aqueles que têm fé e através deles, do modo de Deus, para o mundo que não tem fé.

86. Um Lament-Hymn of Thanksgiving-Lament

A linguagem deste salmo da coleção davídica ecoa, em muitos pontos, a linguagem de outros poemas no Saltério. Ele também exibe uma seqüência incomum, começando com a lamentação, movendo-se para o que é aparentemente ação de graças para uma resposta ao lamento, depois voltando a lamentar.
Que um salmista use a linguagem de outros salmistas, mesmo na extensão envolvida neste salmo, não é, no entanto, motivo suficiente para questionar a originalidade de um determinado poema como uma composição individual por direito próprio. Os temas e estilos e palavras de praticamente todos os salmos do Saltério são recorrentes até certo ponto, tanto mais nesta coleção canônica, que representa os salmos favoritos e, portanto, mais usados do culto. Uma parte da originalidade de tais salmos é a forma como o idioma familiar é empregado para um propósito específico, mas recorrente. Não é

necessário que a ordem de um salmo seja errada, simplesmente porque é diferente, ou não parece lógicamente desenvolvido, particularmente em um lamento. No caso deste salmo,

Uma Oração de Davi.
[1] Inclina o teu ouvido, ó Senhor, e responde-me,

Pois sou pobre e carente.
[2] Preserve minha vida, pois eu sou Deus;

Salva o teu servo que confia em ti.
Tu és o meu Deus; [3] seja misericordioso comigo, ó senhor,
Para você, eu choro todo o dia.
[4] Gladden a alma de seu servo,

Para ti, ó Senhor, levanto minha alma.
[5] Pois tu, Senhor, é bom e perdoante,

abundante em amor firme a todos os que invocam você.
[6] Dá ouvidos, ó Senhor, à minha oração;

escutei meu grito de súplica.
[7] No dia do meu problema, invoco-te,

porque você me responde.

O poeta começa seu primeiro lamento com o chamado para uma audiência típica de tantos lamentos. Ele pede que o Senhor lhe diga o ouvido e lhe dê uma resposta, porque ele é oprimido e destituído. Ele pede que sua vida seja guardada, por sua lealdade a Deus, e que seja entregue como servo de Deus, confiando nele. Ele pede que Deus, seu Deus, seja misericordioso com ele, porque seus gritos são para ele durante todo o dia. É sua oração que Deus fará sua vida alegre, porque ele a está levantando para Deus. Na verdade, ele confessa, Deus (muitos Heb. MSS leram Yahweh na v. 5) é bom e perdoador, possuindo muito amor imutável para todos os que o chamam. E assim ele pergunta mais uma vez que o Senhor presta atenção à sua oração e ouve o som de suas súplicas. Ele está invocando o Senhor em seu tempo de angústia, porque você me responde.

É uma multiplicação dos gritos de lamentação, por design. Qual é a dificuldade dele, disse o poeta; Ele revelou, no entanto, tanto sua necessidade de perdão quanto sua experiência anterior da misericórdia de Deus. Embora o verbo responda em **V. 7** . pode ser traduzido como futuro, é aqui para ser tomado como a afirmação posterior do poeta, concluindo o acúmulo de gritos lamentadores e levando ao hino que se segue.

[8] Não há ninguém como você entre os deuses, ó Senhor,

nem há obras como a tua.
[9] Todas as nações que você criou virão

e se prostrar diante de ti, ó Senhor,
e glorificará o teu nome.
[10] Pois és ótima e faz maravilhas maravilhosas,

você é o único Deus de Deus.
11 Ensina-me ao teu caminho, ó Senhor,

para que eu possa andar na tua verdade;
unione meu coração para temer seu nome.
12 Dou graças a ti, ó Senhor, meu Deus, com todo o meu coração,

e eu glorificarei o teu nome para sempre.
13 Pois grande é o teu amor firme para comigo;

Você liberou minha alma das profundezas do Seol.

O hino do poeta de ação de graças deve ser considerado uma continuação da confissão incorporada em sua lamentação. Ele já disse que Deus perdoa, que Deus tem infinito amor imutável por aqueles que o convocam e que ele "responde-me". Ele agora elabora sua confissão e louvor, novamente em linguagem familiar e com efeito cumulativo.

Existe entre os deuses que não são iguais a ele, nem há obras - a autenticação constante do Deus verdadeiro - como a dele. Todas as nações, feitas por Deus para começar, virão e se prostrarão em sua Presença, e honrarão seu nome (usado aqui em sinônimos paralelamente à Presença). Eles o farão porque Deus é grande, aquele que faz coisas maravilhosas e porque ele é Deus sozinho. O salmista não nega que existam outros deuses (ver v. 8); O que ele diz é que existe apenas um Deus, com base em suas obras e ações milagrosas. Os deuses simplesmente não podem se qualificar.

A confissão do poeta revela a raiz de sua oração. É por isso que o lamento dele é dirigido a Yahweh. Ele sabe que uma parte de sua necessidade é para a compreensão. Assim, ele reza, ensina-me o teu caminho. Ele deseja viver de acordo com a verdade de Deus, para reverenciar o nome de Deus (Presença). E com base no que Deus já fez por ele, além da dificuldade presente ou de qualquer perspectiva de alívio, o coração do poeta abre uma gratidão que derrama seus lábios. Ele agradece ao Senhor seu Deus com todo seu coração; Ele honra e honrará seu nome para sempre. Porque o amor imutável de Deus é grande para ele, mais do que sua necessidade e uma dívida pesada para ele; De fato, Deus, em tempos passados, arrebatou sua vida do fundo do Seol, perto da morte, sem dúvida, mais de uma vez.

14 Ó Deus, homens insolentes se levantaram contra ***mim;***

uma banda de homens implacáveis procuram minha vida,
e eles não o definem antes deles.
15 Mas tu, Senhor, és um Deus misericordioso e ***gracioso,***

lento para a ira e abundante em amor e fidelidade.
16 Volte para mim e tenha piedade de mim;

Dê a sua força ao seu servo,
e salve o filho da sua serva.
17 Mostre-me um sinal de seu favor,

que aqueles que me odeiam podem ver e envergonhar
porque você, Senhor, me ajudou e me consolou.

É precisamente por sua experiência passada que o poeta voltou, mais uma vez, a Yahweh em tempo de necessidade. Tendo atestado esta experiência passada, e, venha o que pode, sua fé presente, o poeta retorna mais uma vez a sua lamentação. E, pela primeira vez, ele se refere à natureza do problema. Homens arrogantes se depararam com ele. Uma gangue de homens violentos, cuja última preocupação é Deus, está determinada a ter sua vida. Ele não está calmo diante dessa ameaça, mas sua fé não demora. Pois seu Senhor é um Deus que é terno e misericordioso, lento para a ira, e com muito amor e fidelidade imutáveis.

Assim ele pede que Deus "enfrente-o", para estar presente com ele; ter piedade dele, dar-lhe um servo, sua força; e entregar o filho da tua serva. Esta última frase é principalmente indicativa da profunda lealdade do salmista a Deus. É por causa de seu servo que ele ora em seguida, "Faça comigo um sinal para o bem", que é, de fato, um pedido de que ele, o servo de Deus, possa ser entregue do deus menos homens que o oprimem, como um testemunho para todos. Então, aqueles que o odeiam verão e se confundirão quando o Senhor, com compaixão, o ajudar.

• À medida que o Salmo 86 termina, a libertação que o poeta perguntou de seu problema presente permanece no futuro. Mas, em seu sério pedido, ele deu um testemunho vibrante do amor compassivo de Deus para ele em circunstâncias semelhantes no passado e não deixou dúvidas sobre sua própria crença quanto ao resultado dessa nova dificuldade. É essa fé inquebrantável e inabalável no meio do problema, que é a única característica mais atraente dos lamentos no Saltério. Pois, embora esses poemas deixem claro que os fiéis sofrerão, muitas vezes por sua fidelidade, tornam ainda mais claro que os fiéis tenham um recurso que ultrapasse suas necessidades.

87. Um Hino de Sião, a Escolha de Deus

Salmo 87 , como Salmos 46 , 48 , 76 e 84, diz respeito ao monte de Sião como o lugar da escolha de Deus e da presença especial na terra. O tema é recorrente em muitas partes do Antigo Testamento, e de fato é mencionado de uma forma ou de outra em muitos salmos. Este poema da coleção de Korah é exclusivamente diferente. Por um lado, o texto hebraico foi mal preservado em vários pontos. Por outro lado, seu pedido é tão estranho que parece ter perdido algumas linhas ou ter sido gravemente desarmado na transmissão. Muitos comentadores fizeram um número ainda maior de propostas relativas ao seu rearranjo. Nenhum tradutor fez o salmo sem alguma emenda de seu texto. Finalmente, este salmo atinge mais plenamente do que qualquer outro o tema que Maillot e Lelièvre, entre outros, chamaram "a maternidade universal" de Sião (ver LXX,v. 5a).
Entre os comentadores recentes, Dahood *(op. Cit.*, II, 298-299) e Eaton *(op. Cit.*, Pp. 214-215) argumentaram a ordem do salmo preservado no texto recebido. Esta ordem é realmente comum às versões antigas, mas não é possível dizer, é claro, se é ou não a ordem original. Como evidências reais são tão absurdas, e as propostas de rearranjo, por mais interessantes que sejam, de modo totalmente conjetorial, o salmo será tratado aqui na ordem do texto recebido.

Um Salmo dos Filhos de Corá. Uma canção.
[1] No monte sagrado fica a cidade que ele fundou;

[2] o Senhor ama os portões de Sião

mais do que todas as habitações de Jacob.
[3] coisas gloriosas são faladas sobre você,

Ó cidade de Deus Selah
[4] Entre aqueles que me conhecem, falo Rahab e Babilônia;

eis, Philistia e Tire, com a Etiópia -

"Este nasceu lá", dizem eles.
[5] E de Sião será dito,

"Este e aquele nasceram nela";

Para o Altíssimo ele próprio irá estabelecê-la.

[6] O Senhor registra como ele registra os povos,

"Este nasceu lá." Selah
[7] Os cantores e dançarinos dizem,

"Todas as minhas molas estão em você".

O salmo abre com um hino de louvor a Sião e Jerusalém. O verso 1 lê literalmente: "O seu fundamento está nas montanhas sagradas". É provavelmente a enunciada do poeta de seu tema, embora possa ser apenas uma parte de uma linha original mais longa. A expansão do RSV é conjectural, mas precisa, como a referência ao fundamento de Deus para o lugar de sua Presença, afundada em Sião, entre as colinas em que descansa Jerusalém. Javé ama os portões de Sião, isto é, as portas de Jerusalém e, portanto, a cidade, mais do que qualquer outra habitação em Jacó (Israel). Na verdade, relatos conhecidos são falados sobre a cidade de Deus.

O poeta continua sua oda com Zion com um relato de um relatório tão conhecido, definido como um oráculo e contando as palavras do próprio Deus. "Deixarei Rahab (Egito, ver Isaías 30: 7) e Babilônia - e veja, Philistia e Tire, com a Etiópia - cada um nasceu lá." É Deus que nomeia seus filhos, de fato; Eles são suas nações, e, com o tempo, chegarão a ele em Sião, como se tivessem nascido lá. O salmista segue o oráculo com sua interpretação. Zion será exaltado como a mãe das nações, porque Sion é feito firme pelo próprio Javé. Na verdade, Yahweh conta com eles enquanto escreve os povos: este e aquele nasceram nela. É uma imagem em negrito - Yahweh, inventando os povos do mundo, todos eles (ver 86: 9), e dando a cada um um certificado de nascimento marcado como "Zion". É a maneira do salmista de dizer que todos voltarão para casa um dia.

O poeta termina o seu salmo, se tivermos o final original, tão diretamente como ele começou, com o que parece ser uma resposta a tudo o que foi antes. A glória de Sião foi exaltada no hino e no oráculo e na exposição. Uma visão maravilhosa da unidade inerente à criação, mas ainda assim realizada na história, foi realizada. E os cantores do coro e os dançarinos também cantam louvores em resposta a Deus. O salmo termina em uma nota de louvor a Deus, a quem todos os povos estão ligados no nascimento e a quem todos virão eventualmente.

• É um conceito maravilhoso e totalmente notável da unidade da grande família de Deus, uma unidade que nunca foi mais do que uma visão no tempo dos salmistas, e que se tornou realidade apenas com a morte e a ressurreição de nosso Senhor. Existe até hoje apenas em protótipo e em grau muito limitado, e até mesmo a igreja de nosso Senhor gasta mais tempo resistindo do que defendê-lo. Mas é tudo o mesmo uma realidade, pois não se pode negar seu direito de nascimento mais do que ele pode escolher. E isso é motivo de louvor, de fato.

88. Lamentação de um sofredor em corpo e espírito

Este salmo é um grito de agonia como nenhum outro no Saltério. Seu autor sofreu muito (v. 15) e sem alívio, e se sente tão separado de Deus como ele é do homem. Seu poema é um longo gemido desesperado, sem mudança de direção, tema ou humor. Ao contrário de qualquer outro lamento nos Salmos, este salmo não expressa nenhuma esperança e não confessa nenhuma fé além do inerente ao fato de que é, afinal, uma oração - um homem totalmente sem esperança e fé não se preocupa em pedir a Deus ajuda.
O título do salmo atribui-lo à coleção de Korah e instrui o maestro das configurações musicais a fornecer um plano de fundo de acordo com Mahalath Lean-noth. O primeiro destes dois termos pode ter a ver com a doença (ver comentário sobre o Salmo 53); o segundo, com sofrimento ou aflição. Assim, a referência é talvez a uma melodia da cadência sombria, composta para uso com psalmas que lamentam a doença. Essa sugestão só pode ser muito tentativa, e tudo o que se pode dizer com certeza é que as palavras são uma instrução musical de algum tipo. O título também atribui o salmo a "Heman the

Ezrahite. "Heman é mencionado na lista do cronista dos músicos levíticos de Davi (1 Cron. 15:17 , 19), e é provável que este Heman se signifique. A referência a ele como um Ezrahite provavelmente é baseada em 1 Reis 4:31 e, portanto, é uma confusão de dois Hemans separados, já que Heman, o cantor, é filho de Joel, o coatita (1 Cron. 6:33).

Uma canção. Um Salmo dos Filhos de Corá. Para o maestro do coro: de acordo com Mahalath Leannoth. Um Maskil de Heman, o Ezrahite.
*1 Ó Senhor, meu Deus, **eu chamo** de **ajuda por dia;***

Eu grito na noite anterior a ti.
2 Que minha oração venha antes de ti,

incline sua orelha ao meu choro!
3 Pois a minha alma está cheia de problemas,

e minha vida se aproxima do Sheol.
*4 Eu sou contado entre **aqueles que descem** ao poço:*

Eu sou um homem que não tem força,
5 como um abandonado entre os mortos,

como os mortos que se encontram no túmulo,
como aqueles a quem não se lembra mais,

porque eles são cortados da sua mão.
6 Você me colocou nas profundezas do Poço,

nas regiões escuras e profundas.
7 A tua ira está pesada sobre mim,

e você me aborrece com todas as suas ondas. Selah
8 Tornaste os meus companheiros a me evitarem;

Você me fez uma coisa de horror para eles.

Estou fechado para não poder escapar;

9 meu olho fica escasso através da tristeza.

Todos os dias eu te invoco, ó Senhor;

Estendi as mãos para ti.
10 Vocês fazem maravilhas para os mortos?

As sombras se levantam para te louvar?

Selah
11 O amor firme é declarado no túmulo,

ou a sua fidelidade em Abaddon?
12 As tuas maravilhas são conhecidas na escuridão,

ou a sua ajuda salvadora na terra do esquecimento?

O poeta abre seu lamento com o relato plaintive de sua oração contínua. Ele clamou a Yahweh, seu Deus, tanto de dia como de noite. Ele não sente que ele tenha sido ouvido, e ele pede que a sua oração entre na presença de Javé, que o Senhor fará uma orelha às suas lamentações.

Sua petição ansiosa, ele sente, é mais que justificada. A sua vida está cheia de adversidades, que colocaram sua própria existência contra o próprio Seol, isto é, a morte. Ele já foi considerado tão bom como morto, entre aqueles que vão ao Poço. Ele é como um homem valente cuja força falhou; como um ferido deserto entre os mortos no campo de batalha; como um contaminado, deitado em uma sepultura; Como todos estes, a quem o Senhor já não se lembra, quando saem da mão dele. Ele sente, de fato, que é o Senhor que o colocou nas profundezas do poço, em lugares de escuridão negra e sombras profundas e profundas. É a raiva de Javé que o impõe e as ondas de Javé, uma corrida de juízo após a outra, que o derrubou.

Yahweh expulsou até seus amigos íntimos, fazendo-lhe uma abominação hedionda. Ele está preso pelo que ele se tornou, e ele não pode sair. Seus olhos ficaram escassos de seu sofrimento - isto é, ele está enfraquecendo e se aproximando da morte. Assim, ele clamou a Javé durante todo o dia, espalhando as mãos para ele em oração. Ele sente, de fato, que ele é quase uma ajuda passada, e ele aborda quatro perguntas retóricas para Yahweh. Ele faz maravilhas para os mortos? Os fantasmas dos falecidos podem surgir para louvar? Seu amor imutável é contado no túmulo, sua fidelidade em Abaddon, o mundo inferior? Suas maravilhas são conhecidas no lugar da escuridão negra, a sua justiça no lugar do esquecimento?

A resposta na mente do salmista para cada uma das perguntas é não. Ele pode ver além dessa vida sem existência significativa, e as perguntas são outra expressão de seu pedido. Somente pela preservação de sua vida, ele pode fazer alguma dessas coisas.

[13] Mas eu, Senhor, clamo por ti;

De manhã, minha oração vem antes de ti.
[14] Ó Senhor, por que você me expulsou?

Por que você escondeu seu rosto de mim?
*[15] Afligidos e perto da morte da **minha** juventude,*

Eu sofro seus terrores; Eu sou impotente.
[16 A] tua ira me arrastou;

Seus terríveis assaltos me destroem.
[17] Eles me cercam como uma inundação durante todo o dia;

Eles se aproximam de mim juntos.
[18] Você causou amado e amigo para me evitar;

Meus companheiros estão na escuridão.

Então o salmista pede ajuda a Yah-weh, a única fonte de qualquer ajuda para ele. Na manhã em que ele começa, sua oração vai cedo para Yahweh. Seu isolamento e seu castigo são mais terríveis do que ele pode explicar, e ele pergunta: Por quê? Por que Javé o rejeitou? Por que ele escondeu sua presença dele? Ele está ansioso pela irmandade que poderia tornar sua agonia suportável e que, com sorte, também trazia algum alívio.

Mais uma vez ele levanta sua lamentação. Ele foi miserável e morreu lentamente de sua juventude. Ele suportou os terrores de Yahweh, neste caso terríveis aflições do corpo. Ele está simplesmente entorpecido. A ira quente de Javé passou por ele. As terríveis angústias de Javé quase o destruíram, girando ao redor dele como águas turbulentas todos os dias, atraindo-o como um cabo de aperto. O Senhor expulsou dele amor e amigo; Ele está em termos familiares apenas com a própria escuridão. A representação RSV da v. 18 é uma possibilidade alternativa.

Então, termina esse salmo estranho e solitário e cheio de dor, a escuridão final batalhando como um tambor abafado no próprio cortejo fúnebre do poeta. Ele não revelou a natureza de sua doença, apenas o horror e extensão dela. É claro que ele teve quase mais do que ele pode suportar, que a morte parece-lhe muito perto. Também é claro que ele acha que suas aflições são um julgamento de Deus, que só Deus pode ajudá-lo, e que mesmo ele deve agir em breve. Para este salmista, não há pensamento de louvor ou comunhão com Deus além desta vida, como há, por exemplo, para o poeta do Salmo 16 ; Sua esperança, que é evidente apenas em virtude do fato de que ele rezou, está apenas nesta vida.

• Não é difícil entender como esse salmo, por toda a extensão e negrura do seu vocabulário de miséria, e sua quase total falta de esperança, encontrou o caminho no livro dos Salmos. Por um lado, provavelmente reflete o que era a visão predominante da doença e da morte como o fim das coisas durante o período da composição do Saltério. Por outro lado, dá uma expressão pungente a um tipo de sofrimento que é

sempre real, embora nem sempre seja tão extenso como às vezes é reivindicado. É uma suposição segura de que havia outros poemas bastante parecidos e que representa um tipo.

89. Hino e lamento da casa de David

Este salmo real da monarquia davídica vem de um período de calamidade nacional, quando a nação sofreu muito nas mãos de algum inimigo. Quem era originalmente esse inimigo e qual rei estava originalmente envolvido, já não é possível dizer. Nem é o menos necessário, já que este salmo, como todos os salmos reais, provavelmente viu uso repetido sob reis sucessivos em tempos de ansiedade nacional recorrente. Na verdade, é provável que o salmo, bastante antigo na sua forma mais antiga, possa ter acumulado adições relacionadas ao seu uso litúrgico em ocasiões tão recorrentes. Isso explicaria sua forma cuidadosamente desenvolvida, a linguagem equilibrada de seu hino, o resumo da aliança com David e o lamento contrastante com o qual ela fecha. O título do salmo atribui-lo a "Ethan the Ezrahite". O Ethan significou que deve ter sido o listado entre os músicos de David (1 Crônicas 15:17 , 19); Ezrahite pode significar aqui, como no título do Salmo 88 , confusão com outro Ethan (ver 1 Reis 4:31). É provável que este salmo, como outros salmos reais, seja composto por um poeta da corte, sem dúvida em consulta com o rei, e que foi entregue em adoração em parte por um poeta e em parte pelo próprio rei.

Um Maskil de Ethan, o Ezrahite.

*1 Eu **cantarei a tua benignidade,** ó Senhor, para **sempre;***

com a minha boca proclamarei a tua fidelidade a todas as gerações.
2 Porque o teu amor constante foi estabelecido para sempre,

A sua fidelidade é firme como os céus.
3 Você disse: "Eu fiz uma aliança com o escolhido,

Tenho jurado a Davi, meu servo:
4 'Eu estabelecerei seus descendentes para sempre,

e construa seu trono para todas as gerações. "" Selah
5 Que os céus louvem as tuas maravilhas, ó Senhor

Tua fidelidade na assembléia dos santos!
*6 Para quem nos céus pode ser comparado ao **Senhor?***

Quem entre os seres celestiais é como o Senhor,
7 um deus temido no conselho dos santos,

Ótimo e terrível acima de tudo que são redondos sobre ele?
8 Ó Senhor Deus dos exércitos,

***quem é poderoso como você é,** Senhor,*
com sua fidelidade em torno de você?

9 Você governa a raiva do mar;

Quando suas ondas se elevam, você ainda as deixa.
10 Você criou Rahab como uma carcaça,

Você dispersou seus inimigos com seu braço poderoso.
11 Os céus são teus, a terra também é teu;

o mundo e tudo o que há nele, você os fundou.
12 O norte e o sul, você os criou ***;***

Tabor e Hermon louvam alegremente o seu nome.
13 Você tem um braço poderoso;

forte é a tua mão, alta a tua mão direita.
14 A justiça e a justiça são o fundamento do teu trono;

O amor e a fidelidade são antes de ti.
15 Bem-aventurados os povos que conhecem o ***grito*** *festal* ***,***

que andam, ó Senhor, à luz do teu semblante,
16 que exultaram em seu nome todo o dia,

e exalte a sua justiça.
17 Pois és a glória da sua força;

Por seu favor, nosso chifre é exaltado.

18 ***Pois nosso escudo pertence ao Senhor,***

nosso rei ao Santo de Israel.

O poeta abre o hino com uma declaração dos temas de cada uma das suas duas partes sucessivas: a consistência do incomparável Javé (v. 1-2 , 5-18) e a aliança de Javé com Davi (v. 3-4 , 19- 37). Ele anuncia sua intenção de celebrar em constante amor o amor imutável de Yahweh, para divulgar em palavras sua fidelidade a geração após geração. Porque o amor imutável de Yahweh é formado para sempre; Sua consistência é tão firmemente definida como os próprios céus. Na verdade, o Senhor falou sobre a sua aliança com o seu servo David escolhido. Com um juramento prometeu estabelecer a dinastia davídica para sempre.

Como base para muito o que se segue, o poeta dedica a primeira parte do corpo de seu hino a um glorioso pai para a incomparabilidade de Javé. Esses versos provavelmente foram cantados em adoração por um coro do Templo, ou mesmo pela própria congregação. Eles efetivamente fornecem a autoridade para as promessas da segunda parte do hino, e um contraste esperançoso com o lamento da vv. 38 ff.

Assim, os céus são chamados a cantar louvores à maravilhosa ação de Javé. O texto hebraico de L é singular, não plural como o RSV (maravilhas). Embora dois textos hebraicos, o LXX, o Targum e o Syriac leiam o plural aqui, a referência parece ser a promessa da aliança de Javé, e assim o singular deve ser mantido. Assim, a fidelidade paralela, em referência ao mesmo ato, é singular no texto e assim prestado pelo RSV. O louvor dos céus deve ser apresentado na congregação dos santos, o hospedeiro celestial do conselho de Javé (ver comentário sobre o Salmo 82); e é significativo que o ato

maravilhoso, o ato e a promessa da aliança com a consistência de David e Yahweh sejam seu assunto.

O salmista levanta três questões retóricas, a resposta a cada uma delas não é nenhuma. Quem na grande cúpula do céu é igual a Yahweh? Quem, entre os seres divinos (cf. Comentário em 82: 6) é como o Senhor, uma divindade que inveja o conselho dos santos, é o principal entre eles, e é reverenciado acima de todos os que estão ao redor dele? Quem, de fato, é como o Senhor, Deus dos exércitos, cercado de poder e consistente em todas as mãos?

Essa incomparabilidade pode ser documentada. É o Senhor que governa o inchaço do mar; ele acalma suas ondas crescentes. Ele humilhou Rahab, o dragão primordial do mar, como se ela fosse inválida, e com seu braço forte espalhou seus inimigos. As referências são todas para o triunfo de Yahweh sobre o caos, a rebelião do mar primordial e suas criaturas, na criação (Isaías 51: 9-10 , Job. 9:13 ; 26: 12-13 ; Salmo 104: 5- 9). Os céus também são o Senhor e a terra, o mundo habitado e tudo o que o enche, porque os fundou. Ele criou norte e sul; Tabor e Hermom, ambos ao norte de Jerusalém, são mencionados como representantes das montanhas criadas por Deus, criando gritos de alegria em sua Presença.

O braço de Javé, seu poder, é poderoso; Sua mão é forte, sua mão direita (Isaías 48:13 ; Ex. 15: 6-12 ; Salmos 17: 7 ; 18:35 ; 139: 10) é alta, superior em força. A justiça ea justiça são a base do seu trono, e o amor e a certeza imutáveis vão antes de sua Presença. Assim, as pessoas que sabem experimentar o grito festal, a resposta congregacional à sua presença, são realmente felizes; Eles são os que vivem à luz da Presença de Javé (cf. Números 6: 25-26). Eles exultaram em seu nome o dia inteiro, e eles são levantados pela sua justiça.

Com uma mudança abrupta de pessoa no meio da v. 17 , o poeta permite que a congregação se identifique tanto como e com essas pessoas felizes: pela bondade de Javé, seu *chifre* (força) é levantado. Seu rei pertence a Yahweh. É um recital poderoso; e a dupla referência ao rei no v. 18 deixa claro onde o poeta está levando sua congregação.

[19] De idade, você falou em uma visão

para o seu fiel, e diga:

"Eu coloquei a coroa sobre alguém que é poderoso,

Eu exaltei um escolhido das pessoas.

[20] Encontrei Davi, meu servo;

Com o meu santo óleo o ungi;

[21] para que minha mão permaneça com ele,

meu braço também deve fortalecê-lo.

[22] O inimigo não o superará,

Os ímpios não o humilharão.

[23] Eu vou esmagar seus inimigos antes dele

e abater aqueles que o odeiam.

[24] Minha fidelidade e meu amor constante estarão com ele,

e em meu nome o seu chifre será exaltado.
25 *Vou colocar a mão no mar*

e a mão direita nos rios.
26 *Ele clamará a mim: 'Tu és meu Pai,*

meu Deus e a Rocha da minha salvação ".
27 *E farei dele o primogênito,*

o mais alto dos reis da terra.
28 *Meu amor constante, eu continuarei por ele para* ***sempre,***

e minha aliança ficará firme para ele.
29 *Eu estabelecerei sua linha para sempre*

e seu trono como os dias dos céus.
30 *Se seus filhos abandonam minha lei*

e não ande de acordo com minhas ordenanças,
31 *se violarem meus estatutos*

e não mantenha meus mandamentos,
32 *então eu punirei sua transgressão com a vara*

e sua iniqüidade com flagelos;
33 *mas não vou retirar dele meu amor firme,*

ou seja falso para a minha fidelidade.
34 *Não violarei a minha aliança,*

ou alterar a palavra que saiu dos meus lábios.
35 *Uma vez por todas, jurei pela minha santidade;*

Não vou mentir para David.
34 *Sua linha deve durar para sempre,*

seu trono enquanto o sol estiver diante de mim.
37 *Como a lua deve ser estabelecida para sempre;*

Ele permanecerá firme enquanto os céus persistirem. "Selah

A segunda parte do hino é uma versão poética da profecia de Nathan de 2 Samuel 7: 4-17 . É possível que tenha sido recitado em adoração pelo próprio rei davídico, como sugeriram alguns comentaristas. É mais provável, no entanto, que fosse recitado ao rei e à congregação pelo poeta da corte, ou um padre. O recital é cuidadoso e deliberado, enfatizando as promessas de Yahweh enquanto a primeira parte do hino enfatiza sua incomparabilidade e consistência.

Foi nos velhos tempos que Yahweh falou em uma visão para seu leal, ou seja, Nathan (2 Sam. 7: 4 , 17), referindo-se a ele a promessa da aliança, que o poeta apresenta, na sua totalidade, como uma citação de as palavras de Yahweh. Assim o Senhor definir sua ajuda (*'ezer* , talvez *nezer* , coroa, deve ser lido aqui, como em v 39.) Em cima de um

herói, levantando um escolhido dentre o povo. Ele encontrou Davi, seu servo, e o ungiu com óleo sagrado (1 Sam. 16: 1-13). Sua mão permaneceu firmemente com ele (e seus sucessores); seu braço continuou a fornecer-lhe força. O inimigo não o enganará, nem os perversos o oprimirão.

Na verdade, o Senhor prometeu fazer muitas coisas para este rei escolhido. Ele irá derrotar seus adversários antes dele e ferir aqueles que o odeiam. Sua fidelidade e seu amor imutável estarão com ele, e o *chifre* do rei (força) será levantado na Presença de Yahweh (ou nome). O Senhor levará a mão, o poder ou o poder, sobre o mar e a mão direita, a autoridade dele, sobre os rios - uma descrição da extensão do império davídico, do Mediterrâneo à bacia do Eufrates. O rei chamará o pai de Javé e sua rocha de libertação. Javé o fará o filho mais velho (cf. 2: 7), o mais alto dos reis da terra. O Senhor manterá seu amor imutável por ele para sempre, e sua aliança será constante para ele. Sua dinastia será tão durável quanto os dias do céu.

No entanto, há uma condição - a casa de Davi também possui algumas responsabilidades da aliança. Deve filhos de Davi abandonar a lei de Javé, não conseguem viver de acordo com seus juízos, prostituir os seus estatutos e não guarda os seus mandamentos, o Senhor vai punir sua transgressão com uma “vara surra”, sua perversidade com cicatrizes de julgamento (não flagelos; cf. 2 Sam 7:14 ; Lev. 13 e 14). Mesmo assim, porém, o Senhor não desviará "de com" o seu rei escolhido seu amor imutável; nem será enganador quanto à sua consistência. Ele não vai trair sua aliança nem voltar a sua palavra. Ele jurou pela santidade uma única vez. É o suficiente. Ele não será falso para David. Assim, a dinastia de Davi será para sempre; Seu trono será como o sol na Presença de Javé, estabelecido para sempre como a lua, um testemunho constante no céu (se "testemunho" for tomado na aposição de "lua", o rearranjo de RSV se torna desnecessário, ver Gênesis 1: 14-17).

38 Mas agora você rejeitou e rejeitou,

Você está cheio de ira contra o seu ungido.
39 Tu renunciastes à aliança com o teu servo;

Você contaminou sua coroa no pó.
40 Você quebrou todas as suas paredes;

Você arruinou suas fortalezas em ruínas.
41 Tudo isso passa pelo despole dele;

ele se tornou o desprezo de seus vizinhos.
42 Você exaltou a mão direita de seus inimigos;

Você alegrou todos os seus inimigos.
43 Sim, você virou o fio da espada,

e você não o fez ficar em batalha.
44 Tiraste o cetro da mão dele,

e lançou o seu trono no chão.
45 Você cortou os dias da juventude;

Você o cobriu com vergonha. Selah

[46] Quanto tempo, Senhor? Você se esconde para sempre?

Quanto tempo sua ira arderá como fogo?
[47] Lembre-se, Senhor, qual é a medida da vida,

Para que vaidade você criou todos os filhos de Menl
[48] O que o homem pode viver e nunca ver a morte?

Quem pode libertar sua alma do poder do Seol? Selah
[49] Senhor, onde está o amor firme do passado,

que por sua fidelidade jurou a Davi?
[50] Lembre-se, Senhor, como seu servo é desprezado;

Como eu tenho no meu peito os insultos dos povos,
[51] com o qual os teus inimigos provocam, ó Senhor

com os quais eles zombam dos passos do seu ungido.

O hino termina com um segundo grande recital, e imediatamente todo o conteúdo de tudo que foi antes foi alterado. O poder e a incomparabilidade de Yahweh foram estabelecidos. A promessa da aliança à casa de David foi revista *in extenso* . Agora, a alegria e a segurança desapareceram de repente, e em seu lugar estão lamentando e questionando. A crise enfrentada pelo rei e o povo não está em conformidade com o que o SENHOR foi dito, nem a promessa dele a Davi. Seu amor imutável não é manifesto e sua consistência está em questão.

Yahweh rejeitou e repudiou e caiu em fúria com o seu ungido. Ele desprezou o pacto de (com não está no texto de Heb. E não deve ser fornecido, é parte de Davi da aliança que é a raiz do problema), seu servo e tornou comum a sua coroa na terra. Ele violou todas as suas paredes protetoras, colocou suas cidades fortificadas em destruição. Todos os que passam pela estrada (através do reino) saqueiam e saquearam; O rei tornou-se uma piada bruta para seus vizinhos. Javé levantou a mão direita dos seus adversários e fez todos os seus inimigos contentes. Yahweh até mesmo amaldiçoou a espada de seu servo e não o apoiou na batalha. Ele pôs seu esplendor no fim, afastou seu trono no chão, sufocou seu vigor juvenil e o coroou com vergonha.

É um recital tão horrível quanto os dois anteriores eram grandes, e ainda mais em contraste com eles. Sem a difusão de seu efeito, o poeta se move diretamente para o lamento dele. É o lamento do rei e, claro, o povo, falado pelo rei. Começa com o clamor familiar, por quanto tempo? O texto de v. 47 é difícil em cinco pontos, mas seu sentido é bastante simples. O rei pede a Javé que lembre de sua mortalidade e se pergunte amargamente por nada que o Senhor criou a todos os filhos dos homens. Ele pergunta o que o homem pode viver e não experimentar a morte, liberando sua vida do poder do Seol. É, naturalmente, uma questão retórica - nenhum homem pode, claro, incluído, e, portanto, ele se lança em Yahweh para a libertação.

Mais uma vez, o Senhor se dirige. Onde está seu velho amor imutável, jurou a Davi em consistência divina? Seu servo davídico precisa disso, e ele pede finalmente que o Senhor trate à mente a reprovação desdenhosa que ele teve que suportar; toda a calúnia (emendando o texto, que lê "todos os muitos povos", com base em leituras versais) dos

povos que ele carregou em seu peito; e os insultos grosseiros dos inimigos de Javé, zombando das próprias pegadas de seu rei ungido.

Com esta lamentação, o poeta traz seu salmo para um fim direto e efetivo. Ele não extrai a aplicação do contraste que apresentou. A congregação é deixada para fazer isso. Qual foi essa conclusão? Pode-se notar que a congregação teria sido extremamente consciente, em qualquer período, da natureza da crise sendo lamentada. É por esta razão, com certeza, que nada mais é dito, ou precisa ser, sobre a própria crise. Por conseguinte, o poeta passou por algum tempo a apresentar não apenas um lamento pelo rei, mas um lamento contra o tipo de pano de fundo que poderia fazer com que qualquer lamento fosse visto em uma nova luz. Não é por acaso que o amor imutável (*chesed*) é usado cinco vezes neste salmo e fidelidade (*'ᵉmunah*) sete vezes. E a congregação tem a escolha entre a visão longa e a visão curta, entre a integridade de Deus e a própria.

[52] Bendito seja o Senhor para sempre!

Amém e Amém.

Este versículo final é, como 41:13 ; 72: 18-19 , uma bênção para uma divisão do livro dos Salmos, e, de fato, o mais breve de todas essas bênçãos de conclusão. É uma benção de Yahweh para sempre e acabou com o duplo Amen, que era, ao mesmo tempo, sem dúvida uma resposta congregacional.

• A característica mais significativa do Salmo 89 é a sua ênfase na natureza incomparável de Deus, seu amor imutável e sua consistência. Como o primeiro é a autoridade divina, então as duas últimas qualidades são a segurança assegurada pelo homem. Na verdade, em vista da mudança de mercê da resposta e do relacionamento do homem aos seus semelhantes, o amor imutável de Deus e a graça consistente, mesmo no julgamento, estão entre as mais incriveis, maravilhosas e necessárias ênfases do Saltério.

90. Uma Lamentação da Transiência do Homem

A ocasião do Salmo 90 parece ter sido uma tragédia nacional, cujos detalhes faltam totalmente no salmo.
Essa tragédia era uma preocupante, e era vista como um julgamento de Deus (v. 7-8 , 11). Mas também se tornou para este salmista o estímulo para uma consideração mais ampla da situação do homem e da natureza eterna de Deus. Era para ele, mas um exemplo da natureza transitória do homem, um reflexo de um padrão existencial maior.

A inscrição deste salmo relaciona-o com Moisés, que é intitulado "o homem de Deus". É o único poema do Saltério assim designado. Como é o caso de todos os títulos, este também é muito mais tarde no tempo do que o próprio Salmo. Provavelmente foi intencional honorífico e baseado em correspondências em linguagem e ênfase com a Canção de Moisés (Deuteronômio 32) e a Bênção de Moisés (Deuteronômio 33).

Uma oração de Moisés, o homem de Deus.
[1] Senhor, você tem sido nossa morada

em todas as gerações.
[2] Antes que as montanhas fossem levadas adiante,

ou alguma vez formastes a terra e o mundo

desde eternidade até eternidade, você é Deus.
3 *Você volta o homem de volta ao pó,*

e diga: "Volte, ó filhos dos homens!"
4 *Por mil anos à sua vista*

são mais que ontem quando é passado,

ou como um relógio à noite.
5 *Varrem os homens; eles são como* ***um*** *sonho,*

como grama que é renovada pela manhã:
6 *da manhã floresce e se renova;*

À noite, desaparece e murcha.
7 *Porque somos consumidos pela tua ira;*

Por nossa ira, estamos sobrecarregados.
8 *Tu colocaste as tuas iniqüidades antes de ti,*

nossos pecados secretos à luz do seu semblante.
9 *Pois todos os nossos dias passam debaixo da tua ira,*

nossos anos acabaram como um suspiro.
10 *Os anos da nossa vida são sessenta e dez,*

ou mesmo por força da oitenta;

No entanto, seu alcance é um trabalho e problemas;

eles logo se foram, e nós voamos para longe.
11 *Quem considera o poder da tua raiva,*

e a tua ira de acordo com o medo de ti?
12 *Então, ensine-nos a numerar nossos dias*

para que possamos obter um coração de sabedoria.

O poeta define para começar o quadro de referência para tudo o que se segue. Antes de fornecer à congregação uma expressão de sua lamentação, ele os leva a uma confissão de fé que coloca o lamento em uma perspectiva totalmente diferente. O Senhor já foi seu refúgio. Antes que as montanhas nascessem, e antes que ele fizesse a terra e o mundo habitado, e, desde tempos imemoriais até séculos infinitos, o Senhor sozinho era e permaneceu Deus.

É contra este pano de fundo da eterna existência de Deus que a situação do homem é vividamente e devidamente vista. É, afinal, Deus que retorna a humanidade ao pó, que continua a dizer aos filhos dos homens Volte para trás! Para ele, mil anos é como ontem passado, como um breve relato, a mera fração de uma noite. Quanto aos homens, ele os lava. Eles são como a grama, disparando pela manhã, cortando e murchando ao anoitecer.

E assim o povo de Deus está em um fim por causa de sua ira, como retratado pelo salmista; aterrorizado para fugir de sua ira. Não é um julgamento imerecido; Deus colocou todas as suas perversidades em frente a si mesmo e colocou a luz de sua Presença sobre seus pecados ocultos. Eles são conhecidos por ele como eles realmente são. Assim, a extensão dos dias passam por causa de sua fúria; seus anos desapareceram como um suspiro. O número desses anos é de cerca de 70, na melhor das hipóteses, no caso de um homem forte, 80; Mesmo assim, por mais breves que sejam, eles ainda podem se orgulhar de problemas e dificuldades. Eles passam rapidamente, e o homem não é mais.

Quem conhece o poder da ira de Deus? Está de acordo com a reverência que lhe foi paga, e assim o poeta pede que eles possam ser feitos para contar a extensão de seus dias, para que eles possam chegar a uma perspectiva inteligente. O homem não pode conhecer a extensão da raiva de Deus, nem pode sempre saber quando chegará ou por quanto tempo durará. Assim, ele deve orar por uma visão da temporalidade de sua existência nesta terra e, para a perspectiva, ele precisa tornar essa existência significativa.

13 Volta, ó Senhor! Quão mais?

Tenha piedade de seus servos!

14 Satisfaça-nos pela manhã com o amor firme,

para nos alegrarmos e nos alegrarmos todos os dias.
15 Faça-nos felizes tantos dias quanto nos afligiu,

e tantos anos como vimos o mal,
16 Faça a sua obra manifesto aos seus servos,

e seu poder glorioso para seus filhos.
17 Que o favor do Senhor nosso Deus esteja sobre nós,

e estabeleça o trabalho de nossas mãos sobre nós,

sim, o trabalho das nossas mãos estabelece você.

É neste quadro que o poeta chega finalmente à expressão do atual lamento. O homem é transitório. Deus é eterno. A brisa breve dos dias do homem não pode ser alterada, mas o significado pode ser encontrado para os dias em si mesmos em Deus. A congregação, portanto, grita: "Volta, Javé! Quão mais? Quanto tempo ele permanecerá ausente? Há uma oração para o Senhor sentir pena de seus servos e preenchê-los cheios de seu amor imutável pela manhã, para que eles possam gritar de alegria e exultar pelo resto de suas vidas. Como Kraus (II, 632) apontou, "a manhã é o ponto no tempo da resposta e da ajuda de Deus" (ver 46: 5). Na verdade, as pessoas pedem que o Senhor os alegra por tantos dias como ele os deixou triste por afligí-los e por tantos anos quanto experimentaram sofrimento. Eles rezam para que ele manifeste aos seus servos a sua obra e aos seus filhos o seu esplendor divino; que sua amabilidade seja sobre eles - uma referência às bênçãos de sua Presença (cf. 27: 4 ss.); e, finalmente, que o trabalho de suas mãos seja firme, o que significa que é significativo e valioso em um propósito maior que o seu.

• O homem é dado à meditação sobre a transição e brevidade de sua vida mortal, tanto por causa da experiência comum da família da humanidade quanto porque está

constantemente cercado por tantos lembretes disso. A característica única mais importante deste salmo é a admissão sincera e saudável da transitoriedade da vida contra o único fato que dá até mesmo esse sentido de transição: a Presença proposital de Deus. É só essa Presença que faz a vida mais do que o som e a fúria, "um conto contado por um idiota". Na verdade, é essa Presença cuja beleza permite que os homens se conheçam como são, conheçam a obra de Deus e vejam seu trabalho como relacionado com o dele.

91. Um Catecismo de Confiança em Deus

Este poema eloquente sobre a segurança do homem que confia em Deus tem sido reconhecido há muito tempo como forma litúrgica. Há na vv. 3 e 14 bastante de uma mudança em pessoa e expressão para deixar claro que o salmo foi dividido em partes na adoração. Apenas quais partes foram tomadas por quem não é tão claro. O salmo pode ser visto como um hino antifonal sobre as bênçãos de confiar em Deus. A primeira seção, vv. 1-2 , pode ter sido entregue pelo líder do culto, o sacerdote. A segunda seção, vv. 3-13 , formam uma resposta - cantada pelo coro ou mesmo pela congregação; Eles são uma espécie de catecismo na confiança e seus benefícios. A terceira seção, vv. 14-16, é um oráculo, entregue como a palavra de Javé por um profeta culto e dirigido ao indivíduo confiando em Yahweh.

[1] Aquele que habita no abrigo do Altíssimo,

que permanece na sombra do Todo-Poderoso,
[2] dirá ao Senhor: "Meu refúgio e minha fortaleza;

meu Deus, em quem eu confio ".
[3] Pois ele irá livrá-lo da armadilha do fowler

e da peste mortal;
[4] ele irá cobri-lo com seus pinhões,

e sob suas asas você encontrará refúgio;
Sua fidelidade é um escudo e um escudo.
[5] Você não temerá o terror da noite,

nem a flecha que voa de dia,
[6] nem a pestilência que persegue na escuridão,

nem a destruição que desperdiça no meio-dia.
[7] Mil podem cair ao seu lado,

dez mil à sua mão direita;
mas não vai chegar perto de você.
[8] Você só vai olhar com seus olhos

e veja a recompensa dos ímpios.
[9] Porque você fez o Senhor seu refúgio,

O mais alto da sua habitação,
10 nenhum mal deve acontecer com você,

Nenhum flagelo se aproxima da sua tenda.
11 Porque ele dará a seus anjos acusados de você

para protegê-lo em todos os seus caminhos.
12 Em suas mãos, eles vão te suportar,

para que você jogue seu pé contra uma pedra.
13 Você pisará no leão e no somador,

O jovem leão e a serpente pisarão debaixo dos pés.
14 Porque ele me aprouve, eu o livrarei;

Eu o protegerei porque ele conhece meu nome.
15 Quando ele me chama, eu responderei;

Estarei com ele em apuros,

Vou resgatá-lo e honrá-lo.
16 Com longa vida eu o satisfarei,

e mostre-lhe a minha salvação.

Assim, o tema e o resumo do que se segue são apresentados primeiro. É o assunto do culto a seguir e a pré-condição dos benefícios a serem recitados no catecismo. A ênfase é na proximidade de Deus - independência e dependência de ele. Tanto aqui como nos versículos 3 e seguintes, os símbolos da Presença de Yahweh no Templo em Sião são empregados, mas estes não devem ser considerados como indicativos de uma residência permanente no Templo. Eles são, em vez disso, a maneira do poeta de falar sobre a vida na Presença, onde os benefícios que ele menciona são inevitáveis.

Assim é que o hino começa como faz, com o líder do culto declarando que aquele que permanece no abrigo, a proteção do Altíssimo, ocupando-se da sombra de Shaddai, o Todo-Poderoso, se referirá a Javé como seu refúgio em quem confia.

A resposta que se segue é literalmente "Bem dito!" Para esta confissão de prelúdio. Sung pelo coro, ou mesmo pela congregação como um todo, é uma lista de razões pelas quais um que tanto confia e assim permanece na Presença de Javé fez realmente uma escolha sábia (v. 3 , 9 , 11 cada começa com *ki* , Porque).

A lista é enumerada de forma eloquente e abrangente. Yahweh arrancará essa pessoa da rede de coletores de pássaros, ou seja, qualquer armadilha inesperada e de doenças destrutivas. Ele o abrigará com as asas para que ele se refugie debaixo deles. A referência é a presença de Yahweh simbolizada pela arca e os querubins; É uma imagem de tensa intimidade. A segurança de Yahweh será escudo e uma parede circundante. Assim, tal crente não terá medo do susto noturno ou do acidente vascular cerebral que cai aos homens como uma flecha ao meio-dia (ver 64: 7 , onde a mesma palavra, *chees*, é usado do golpe de julgamento de Deus, seu relâmpago). Mil podem cair ao seu lado; dez mil à mão dele; Mas a devastação não o afetará. Na verdade, ele terá o prazer de testemunhar os malvados para obter o que eles merecem.

Porque este crente confiante fez do SENHOR o seu lugar de segurança, o Altíssimo o seu refúgio, o infortúnio não acontecerá com ele, e o toque de julgamento (ver comentário em 39:10) nem chegará perto de onde ele mora. Porque
Deus *ordenará* a seus mensageiros celestiais (anjos, *mal'akim*) que o acompanhem em todas as suas viagens, e eles o levantarão sobre suas palmas, para que nem o pé dele golpeie contra uma pedra. Ele pode pisar uma cobra ou um somador e pisar involuntariamente uma víbora ou uma serpente perigosa; ele pode fazê-lo com impunidade, pois ele está sob custódia protetora.

Em vez de "cobra" e "víbora" o RSV lê leão e leão jovem, respectivamente. O texto hebraico tem *shachal* e *k ᵉ pir* , que normalmente seria processado como o RSV fez. Mas dificilmente faz sentido falar em pisar e pisar um leão, mesmo um jovem. As duas palavras são paralelas e, portanto, se referem neste contexto à mesma criatura. É lógico que se signifique algum tipo de réptil perigoso, talvez por linguagem figurativa cujo significado já está perdido. Vv. 3-13 são uma lista maravilhosa dos benefícios da presença protetora de Yahweh para aquele que confia nele, e um feito diretamente aplicável aos adoradores reunidos pelo uso do pronome você.

Mas o catecismo foi recitado pela congregação, ou talvez pelo coro. Assim, o salmista completa o hino com a inegável confirmação de um oráculo divino.

Este oráculo de encerramento (v. 14-16), como foi observado, dá as palavras de Javé, faladas na congregação por um profeta culto. Eles são efetivamente uma autenticação do que foi dito antes, e eles começam com os "becauses" justificativos finais do salmo.

Assim, o Senhor diz que trará seu servo confiante para a segurança, porque ele se cliva; e ele o fará cofre porque ele conhece meu nome. Aquele que confia vai chamar a Javé, e ele o responderá. Quando ele está em perigo,. estará com ele, diz o Senhor. "Eu o livrarei e lhe darei honra". Na verdade, o Senhor lhe dará uma vida plena com muitos dias e lhe dará sua libertação.

• Tal é a generosidade da confiança em Deus. Seria difícil para um homem pedir mais, e igualmente difícil encontrar isso de forma mais eloqüente ou abrangente do que neste adorável salmo. É a generosidade da Presença de Deus, rica além da concepção, mas prontamente disponível para o homem que confia. É aqui que a dificuldade reside - no dia do salmista como no nosso. Para a confiança que o salmista tinha em mente exige uma perspectiva diferente da que a maioria dos homens tem. Exige uma crença na Presença de Deus, que é suficientemente forte para alterar as prioridades. É a fé que nosso Senhor tão frequentemente elogia (cf. Marcos 11: 22-24 , Lucas 12: 22-31), e a fé que mudará mesmo a visão de quais são realmente os benefícios da confiança. Para o poeta do Salmo 91, estes benefícios estavam ligados à libertação e à segurança. Para o nosso Senhor, estavam ligados à vontade do Pai. Para os cristãos, eles são o lucro do discipulado esquecido de si mesmo (Mateus 16: 24-25).

92. Um Exuberante Dia de Ação de Graças a Deus

O Salmo 92 é tão elevado em uma irresponsável gratidão a Deus que sugere alguma exibição de soberania divina que certamente justificou e talvez também entregou seu poeta. Ele está muito ocupado com o seu louvor exuberante de Deus para dizer muito sobre si mesmo, passado ou presente; mas a sua referência aos inimigos de Deus (v. 9)

e à sua própria (v. 11), que provavelmente será considerada uma mesma, sugere tal fundo para o salmo.
O título do salmo não identifica a tradição hymnic a que pertence. Diz simplesmente "uma música para o sábado", a mesma anotação nos títulos do texto hebraico do Saltério (embora LXX e outras versões especifiquem certos salmos para cada dia da semana). A nota é litúrgica, fixada como todos os títulos muito depois da composição e uso original do salmo e sem influência real.

Um salmo. Uma Canção para o Sábado.
1 É bom agradecer ao Senhor,

para cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo;
2 para declarar o seu amor constante pela manhã,

e a tua fidelidade de noite,
3 para a música do alaúde e da harpa,

para a melodia da lira.
4 Pois tu, ó SENHOR, me alegraste pela tua obra;

Nas canções das tuas mãos eu canto de alegria.
5 Quão ótimas são as tuas obras, ó SENHOR!

Seus pensamentos são muito bons
6 O homem maçante não pode saber,

o estúpido não consegue entender isso:
7 que, embora o perverso brote como grama

e todos os malfeitores florescem,
eles estão condenados à destruição para sempre,
8 Mas tu, ó SENHOR, ESTÁ NO ALTO PARA SEMPRE.
9 Pois, pois, meus inimigos, Senhor,

pois eis que os teus inimigos perecerão;
Todos os malfeitores serão espalhados.
10 Mas você exaltou o meu chifre como aquele do boi selvagem;

Você derramou sobre mim óleo fresco.
11 Meus olhos viram a queda de meus inimigos,

meus ouvidos ouviram o destino de meus malvados assaltantes.
12 Os justos florescem como a palmeira,

e crescem como um cedro no Líbano.
13 Eles são plantados na casa do Senhor, eles florescem nos tribunais de nosso Deus.
14 Eles ainda produzem frutos na velhice,

eles estão sempre cheios de seiva e verde,

15 para mostrar que o Senhor é reto;

Ele é meu rock, e não há injustiça nele.

O salmista começa sua ação de graças com o que equivale a um hino. É bom falar para o Senhor, para fazer alabar a música com o nome do Altíssimo, declarar pela manhã o seu amor imutável, e a noite a sua consistência, ao acompanhamento do alaúde e da harpa e da música gentil da lira. As referências à manhã e à noite, às vezes tomadas em referência ao culto nos sacrifícios da manhã e da noite, estão aqui para ser entendidas como inferindo uma constante alusão a Deus. A expressão é um hymnody alegre, não um cronograma. Porque o Senhor, por meio de sua ação, fez o poeta alegre, de modo que grita de alegria por causa das obras das mãos de Javé.

O pensamento dessas obras reflete o poeta para uma celebração mais específica deles. Quão poderosos eles estiveram em sua experiência! E quão incomumente foram os pensamentos de Yahweh (propósitos). Um idiota nunca entende, um idiota nunca discerne que os ímpios, que prosperam quando as ervas daninhas prosperam e parecem estar em plena floração, para que todos aqueles que trabalham em destruição se dirigem a uma destruição total. Yahweh é para sempre e sem perplexidade no alto.

Na verdade, os inimigos de Javé deixarão de ser; Todos os que trabalham em perigo serão dispersos. Que os inimigos de Javé, pelo menos, incluam os inimigos do salmista são atestados pelas próximas duas linhas do salmo, que celebram tanto a sua própria reivindicação quanto a derrota de seus adversários. O Senhor criou a força (lcd, *chifre* **)** do salmista como o de um boi selvagem e derramou sobre ele o óleo escolhido de honra e eleição (Salmo 23: 5 ; 45: 7 ; 89:20). Ele foi habilitado para ver aqueles que estavam à espreita em emboscada para ele e ouvir aqueles que se levantam contra ele com intenção maligna. A queda de RSV e a desgraça não estão no texto em hebraico, e fornecê-los é mal interpretar o ponto do poeta. Deus lhe deu força para encontrar seus inimigos, e então lhe concedeu a sensibilidade para reconhecê-los onde eles estão e pelo que são.

Nem, exulta o poeta, é a sua fortuna exclusivamente a sua. Todos os que são justos prosperarão como uma palmeira e se fortalecerão como um cedro do Líbano; ambas as árvores são usadas no Antigo Testamento como imagens de estabilidade, solidariedade e força. Aqueles que são fiéis a Javé são expostos em sua casa, e brotam e florem nos seus tribunais. Perseguindo sua metáfora, o poeta declara que é na presença de Javé que seus justos florescem e produzem frutos. A sua produtividade também não será curta. Mesmo na velhice, eles ainda estarão colocando botões, ainda serão grossos e verdes de folhas. E isso, por si só, declarará que o Senhor é reto.

Na verdade, exulta o poeta, incapaz de abster-se de adicionar uma espécie de postscript confessional de sua própria experiência, ele é meu rock; "Não há errado nele!"

• O testemunho deste salmo é o testemunho da grande maioria dos poemas no livro dos Salmos, quer o seu contexto seja de louvor ou lamentação. Na visão de Israel, sempre foi bom falar para o Senhor, confessá-lo e louvá-lo e dar graças a ele. Era assim quando, como este poeta, alguém tinha uma libertação particular para que fosse grato. Assim, este poema e outros gostaram de encontrar o uso contínuo na adoração por uma sucessão dos "justos" necessitados e pecadores do Senhor. Mas também foi assim que as coisas eram difíceis, e os motivos dos agradecimentos pareciam passado ou futuro, não presentes. Permaneceu com os grandes cantores de Israel um sentimento de gratidão pelas bênçãos desobedientes e despercebidas de Deus.

93. Realeza de Deus sobre o Caos

Este hino pertence ao grupo especial de salmos que celebra o reinado de Deus sobre todos os homens, todo o mundo e toda a criação (ver comentário sobre o Salmo 47). Como os outros salmos do grupo, contém a solene confissão da soberania de Deus: "Javé reina!" - uma confissão, como já foi observado, que declara o reinado de Deus continuar, inalterado e eterno. Tais salmos formaram uma parte significativa do culto de Israel em ocasiões em que a soberania de Deus sobre o seu povo, e sobre os povos e o mundo em geral, foi proclamada e louvada. O Salmo 93 celebra o rei-navio de Deus sobre o caos que existia antes da criação e, portanto, é o ponto de partida teológico para os salmos da realeza de Deus.

[1] O SENHOR reina; ele é vestido com majestade;

O SENHOR está vestido, está cingido de força.
*Sim, o mundo está estabelecido; deve **não** ser movido;*
[2] º teu trono é estabelecido desde o velho;
Você é eterno.
[3] As enchentes levantaram-se, ó SENHOR,

as inundações levantaram a voz,
As enchentes levantam o seu rugido.
[4 Mais] poderosos do que os trovões de muitas águas,

mais poderoso que as ondas do mar,
O Senhor no alto é poderoso!
[5 Os] seus decretos são muito seguros;

A santidade cabe à sua casa,
Ó SENHOR, PARA SEMPRE.

Três dos seis salmos principais da realeza de Deus (47, 93, 96-99) começam com a confissão: "Javé reina!" Os três são este salmo e os Salmos 97 e 99 . É uma declaração solene e emocionante, e uma proclamada no culto dos líderes e da congregação em vários estágios nos serviços que celebram a soberania divina. Foi proferido pelo líder do culto ou pelo coro ou ambos.

Assim, as palavras tocam através do santuário com painéis de cedro e nos tribunais do Templo. O Senhor reina, vestido com esplendor real e equipado com poder. Na verdade, o mundo habitado (*tebel*) é fixado firmemente; dificilmente pode vacilar agora. Seu trono real é fixado firmemente e tem sido desde tempos imemoriais. Ele já existiu antes do tempo. O salmista lembra o crescente impulso das águas caóticas que Deus colocou sob controle e do qual ele trouxe uma criação ordenada no começo. É uma vitória freqüentemente refletida no Antigo Testamento (cf. 29:10 ; 74: 12-17 ; 89: 9-12 ; Gênesis 1: 2 , 6-10 ; 7:11 ; Ex 15: 5 , 8; Jó 26:12). Essas inundações (grandes rios ou oceanos) levantaram o rugido, levantaram o martelo. Três vezes o poeta repete seu

verbo, *nasa* , em imitação do colapso sibilante das grandes ondas. É uma imagem incrível, brevemente e habilmente desenhada.

Mas não são as grandes águas do caos que reina. Yahweh faz. E ele, Javé, é mais majestoso no alto do que todo o rugido das águas multiplicadas, mais poderoso do que todas as ondas quebrando do mar. Foi assim antes da criação, foi demonstrado no controle das águas, e permaneceu assim desde então.

Nem o Senhor mudar, em qualquer grau. Seus preceitos permanecem completamente consistentes. E a santidade é a beleza característica de seu Templo, desde que ele se mantenha. Javé é rei, e ele é majestoso e santo em soberania. Assim, nada pode alterar seus decretos, e o lugar de sua Presença, como ele mesmo, é sagrado (Isaías 6).

• Cada hino da realeza de Deus proclama, a seu modo, um aspecto diferente dessa realeza, e cada uma delas conduz, em implicação, se não em palavras (cf. 47: 2 , 7-8; 96: 4-5 , 13 ; 97: 6-7 ; 98: 3-4 , 9; 99: 1-3), ao conceito de que a soberania de Deus é universal. Essa soberania é documentada neste salmo na comemoração, em linguagem poética, da afirmação de Deus de sua realeza nos atos da criação, através da qual as águas primordiais foram aproveitadas e o mundo habitado foi criado. É literalmente "Louvado ao Senhor, o Todo-Poderoso, o Rei da Criação", e é um louvor que não deixou de estar nos lábios de suas criaturas.

94. Oração pela justiça sobre o indiferente

Este salmo ecoa o idioma de outros salmos de lamento, até certo ponto, de modo a estabelecer a familiaridade de seu autor com a família a que todos esses salmos estão de uma forma ou de outra relacionados. O salmo é uma composição unificada, mais um lamento do que qualquer outro tipo de salmo único, embora lamente uma situação em que a justiça de Deus trará juízo para os ímpios e alívio para o poeta. O salmo é aquele em que a lamentação ea alegria são mantidas em tensão, com o salmista mudando de um para o outro à medida que seu humor muda.

[1] ó SENHOR, Deus de vingança,
Deus de vingança, brilhe!
[2] Levanta-te, ó juiz da terra;
tornar os orgânicos seus desertos!
[3] SENHOR, QUANTO TEMPO OS ÍMPIOS,
Por quanto tempo os ímpios se exultarão?
[4] Eles derramam suas palavras arrogantes,
Eles se vangloriam, todos os malfeitores.
[5] Eles esmagam o teu povo, ó SENHOR,
e aflige sua herança.
[6] Eles matam a viúva e o estrangeiro,
e assassinar o órfão;
[7] e eles dizem: "O Senhor não vê;

Deus de Jacob não percebe ".
[8] Entenda, ó mais aborrecido das pessoas!

Tontos, quando você será sábio?
[9] Ele que plantou a orelha, ele não ouviu?

Aquele que formou os olhos, ele não vê?
[10] Quem que castiga as nações, ele não castiga?

Aquele que ensina o conhecimento dos homens,

[11] o SENHOR, conhece os pensamentos do homem,

que são apenas uma respiração.
[12] Bem-aventurado o homem que castigaste, ó SENHOR,

e quem você ensina da sua lei
[13] para dar-lhe descanso de dias de problemas,

até que um poço seja cavado para os ímpios.
[14] Porque o SENHOR não abandonará o seu povo;

ele não abandonará sua herança;
[15] para a justiça voltará aos justos,

e todos os corpos de coração irão segui-lo.

O primeiro humor do poeta é a indignação com o que ele considera a indiferença arrogante e insultante dos ímpios. Ele está profundamente preocupado com a aparente impunidade com que oprimem o povo de Javé, e os desprotegidos; e apesar do fato de ele também ter sofrido (v. 16-19), sua principal preocupação é a auto-afirmação vingativa de Yahweh. Assim ele clama ao Senhor, Deus de vingança, para brilhar ou mostrar-se em brilho. É um pedido para o advento teofânico de Javé (ver 50: 2 e 80: 1). O juiz da terra é convidado a afirmar-se (acender-se, levantar-se) e dar uma volta adequada a esses presumíveis pecadores. Na verdade, o Senhor é perguntado quanto tempo os ímpios devem ser autorizados a sua exultação insolente.

Para reforçar esta pergunta e o pedido que a precede, o salmista dá um breve catálogo dos pecados dos perversos. Eles lançaram palavras arrogantes, falando uma vez mais; Eles se outtalkam, todos esses fabricantes de aflição. Eles quebram o povo de Javé, e eles são uma imposição sobre sua posse, seu povo e sua propriedade. Eles matam a viúva, o viajante longe de casa, e aqueles que são abandonados - todos os que estão sozinhos e, portanto, relativamente ou mesmo mesmo indefesos. E eles fazem tudo isso com incrível descerão, dizendo: "Yah não nos verá. O Deus de Jacó (Israel) nunca entenderá o que estamos fazendo ".

É esse abandono despreocupado que coloca o salmista em frenesi próximo. Ele se dirige a esses homens insensatos perversos com sarcasmo ferrífero, chamando-os de "duplas sensíveis entre todas as pessoas", tolos impiedosos, aconselhando-os a "sábios" e perguntando apenas quando devem mostrar alguma inteligência. Yahweh, afinal, é aquele que coloca a orelha em seu lugar - eles podem realmente acreditar que ele mesmo não ouve? Ele é aquele que forma o olho - eles podem realmente acreditar que ele mesmo não consegue olhar para eles? Ele é aquele que corrige e castiga pessoas

inteiras - pode acreditar que ele também não punha homens individuais? Ele é aquele que ensina a percepção da humanidade, aquele que conhece de primeira mão os próprios pensamentos da humanidade e que eles não passam de um sopro passageiro.

O pensamento da correção de Yahweh estimula no poeta um humor diferente. Ele pensa, sem dúvida, de sua própria experiência quando volta para a oração. O homem que *Yah* (v. 12) corrige e castiga, a quem ele ensina de sua própria lei é abençoado. Javé dá-lhe alívio dos dias malignos até que um túmulo esteja preparado para os ímpios. Pois, de fato, o Senhor não abandonará o seu povo, nem abandonará sua posse (ver v. 5). Para os justos, aqueles que seguem o Senhor, apenas o juízo retornará; e tudo isso, diretamente no coração, seguirá após ele (ou ele).

16 Quem se levanta para mim contra os ímpios?

Quem me defende contra os malfeitores?
17 Se o Senhor não tivesse sido minha ajuda,

Minha alma logo moraria na terra do silêncio.
18 Quando pensei: "Meu pé desliza"

O amor firme, ó SENHOR, me abraçou.
19 Quando os cuidados do meu coração são muitos,

Suas consolações torcem minha alma.
20 Os governantes perversos podem ser aliados com você,

Quem enquadra o mal por estatuto?
21 Eles se unem contra a vida dos justos,

e condenam os inocentes até a morte.
22 Mas o SENHOR tornou-se minha fortaleza,

e meu Deus a rocha do meu refúgio.
23 Ele trará sobre eles sua iniqüidade

e limpe-os por sua maldade;

O SENHOR nosso Deus os apagará.

Nesta seção final do salmo, o poeta combina os elementos de lamento, testemunho e ação de graças que precederam. É aqui que suas alusões pessoais mais específicas são feitas. Ele começa seu testemunho com duas questões retóricas. Quem se levanta em sua defesa contra aqueles que fazem o mal? Quem assume uma posição em seu nome contra os afligedores? A resposta é: "Ninguém, exceto o Senhor". A menos que o Senhor o ajudasse, em pouco tempo se acomodou no repouso do silêncio, o lugar dos mortos. Quando ele está nesse mesmo ponto, e até mesmo disse para si mesmo, meu pé desliza, o amor imutável de Yahweh o pega e o ajuda. Quando sua mente é pesada com muitas preocupações, as consolações compassivas de Yahweh tornam sua vida feliz.

As duas linhas seguintes do salmo adicionam, a primeira por implicação, a segunda diretamente, ao catálogo dos pecados dos quais os ímpios são culpados. O poeta enquadra novamente uma questão retórica, para declarar que Yahweh não se permitiria associar-se a uma regra de destruição, com qualquer pessoa que forme opressão pela lei. É uma avaliação poderosa daqueles que usam posição e pervertem a justiça para

obter o que eles mesmos querem. Na verdade, eles caem sobre a vida dos justos, e declaram inocente o sangue culpado. A certeza clara é que Yahweh não pode ter relações com esses homens, além de seu julgamento.

De fato, o Senhor é para o salmista um lugar de alto refúgio, seu Deus, uma pedra abrigada. Ele virará os ímpios a sua própria maldade e os destruirá no seu próprio mal: o Senhor nosso Deus os apagará. Esta garantia final, por todo o seu som vicioso, é realmente um testemunho de fé na certeza do julgamento de Javé e na auto-afirmação que trará esse julgamento. O principal lamento do poeta teve que ver com o pecado arrogante daqueles que assumiram que Yahweh não saberia e não poderia incomodar. Assim, sua principal preocupação, expressa finalmente como afirmação de fé, é que Yahweh se reivindicará a si mesmo.

• O aspecto mais marcante da crença do poeta do Salmo 94 é a sua absoluta incredulidade de que qualquer homem poderia ser tão grosseiro, tão insensível e tão arrogantemente ousado em indiferença a Deus como os ímpios que ele ataca. Ele atesta a natureza fundamental de sua própria crença de que ele deveria estar tão chocado com a atitude deles, bem como assegurou que eles estão certos de atender a um cálculo formado nos termos de seu próprio comportamento. Aparentemente, é uma crença baseada na própria experiência. Ele conheceu a correção e contou uma bênção. Como, de fato, é, se é reconhecido como um ou não.

95. O Hino dos Adoradores, o Aviso de Deus

Hermann Gunkel (pp. 417-420) reconheceu há muito tempo a natureza litúrgica do magnífico hino que compõe os dois primeiros terços desse salmo. Os últimos quatro e um terços de versos agora foram geralmente considerados um oráculo profético, de fato um sermão, contra as afirmações da liturgia que já foi antes. As duas partes em combinação formam uma unidade magnífica: o líder de adoração dirige as pessoas numa confissão kerigmática de sua fé (vv. 1-7 *b*), e o profeta insiste na aplicação da fé de culto à vida real (vv. 7 *c*- 11).

[1] Venha, cantemos ao SENHOR;

Deixe-nos dar um barulho alegre ao rock da nossa salvação!
[2] Vamos entrar em sua presença com agradecimento;

Deixe-nos fazer um barulho alegre com canções de louvor!
[3] Porque o Senhor é um grande Deus,

e um grande rei acima de todos os deuses.
[4] Na sua mão estão as profundezas da terra;

As alturas das montanhas também são suas.
[5] O mar é dele, porque ele fez isso;

pois as mãos formaram a terra seca.
[6] Vamos, vamos adorar e curvar-se,

Deixe-nos ajoelhar diante do SENHOR, nosso Criador!
[7] Pois ele é nosso Deus,

e nós somos as pessoas do seu pasto,

e as ovelhas de sua mão.

O chamado inicial para a adoração do sacerdote presidente é proferido para a congregação no tribunal externo do Templo, onde, na época de Herodes - e sem dúvida, anteriormente - até mesmo os gentios foram autorizados a vir. É um convite ao povo de Javé para cantar louvores alegres a Javé. Mais especificamente, a congregação deve avançar para atender a sua Presença com confissão (*toda* -não, neste caso, com ação de graça sozinha, como mostram claramente os seguintes versículos). Eles são, além disso, para criar um grito alegre com músicas.

Neste ponto, os adoradores respondem - talvez por meio do coro, mas mais provavelmente com suas próprias bocas, em palavras de confissão muito familiares em tal configuração para todos eles. Como Gunkel sugeriu, essas respostas são confessionais; "Artigos de fé", como ele disse (pág. 418). Eles começam com porque (a partícula *ki* em Heb.) E observam a aceitação feliz do convite do líder do culto com base no que Deus é. O primeiro enfatiza a supremacia de Yahweh como o criador do mundo. Ele é um grande Deus (*'El*) e um grande Rei sobre todos os deuses (*'^{e}lohim* , veja comentário sobre o Salmo 82), um fato estabelecido por sua criação do mundo. Os recessos mais íntimos da terra estão em sua mão (poder), assim como os picos das montanhas. O mar é dele, como ele conseguiu. Assim também a terra seca, como as suas mãos formaram. É uma documentação inegável de sua posição soberana, este recital magnífico, pois estas são reivindicações que nenhum outro Deus pode combinar.

Após a resposta, os adoradores estão reunidos dentro da área do Templo aberta apenas para eles. Eles concordaram com o chamado do líder de adoração e seguiram seu chamado e seu caminho no avanço para encontrar a Presença de Yahweh. Isso pode significar o tribunal interior, onde o grande mar de bronze (1 Reis 7: 23-26) simbolizava a vitória cósmica de Javé, na criação e desde então, e onde o grande altar de holocaustos simbolizava sua Presença. Mas não há nenhuma razão válida para que o santuário do Templo em si não tenha sido o seu último lugar de reunião. A presença de Yahweh foi sentida de forma mais íntima e simbolizada pela arca. É a Presença, afinal de contas, que as pessoas são convidadas a encontrar, e sua posterior reverência revela seu senso da realidade do encontro.

A atenção da congregação é sobre o líder da adoração para suas instruções adicionais, que são imediatamente próximas. O segundo convite para o culto é apropriadamente mais diretivo na natureza. O padre presidente instrui a congregação a prostrar-se, a afundar-se, depois a se ajoelhar na Presença de Javé, nosso Criador. O convite não é simplesmente um convite para adorar, como o RSV tem. O verbo hebraico *nishta^{oha} weh* deve ser lido mais literalmente, juntamente com o seu verbo paralelo, *nikra'ah* . A congregação é instruída a prostrar-se de frente para baixo no chão, no que Kraus (II, 661) chamou de "um ato solene de homenagem completa". Só então eles estão a posição ajoelhada (nibr ^{e}kah), faça sua resposta e aguarde o próximo passo no serviço.

Sua homenagem tão simbolizada e dada, os adoradores então fazem sua segunda resposta, novamente começaram com o confessionário porque (*ki*), e a confissão é mais apropriadamente íntima, um movimento da testemunha universal para a reivindicação particular. Ele é seu Deus, não apenas o Deus. E eles são o seu próprio

povo (ver 79:13 e 100: 3), o rebanho que é a sua responsabilidade especial. Como o líder da adoração disse, ele os criou, bem como o mar e a terra seca. Assim, novamente, sua resposta é assegurada pelo que ele é.

O que hoje você ouviria sua voz!

[8] Não endureça seus corações, como em Meribá,

como no dia em Massah, na região selvagem,
[9] quando seus pais me testaram,

e me colocou à prova, embora tenham visto meu trabalho.
[10] Durante quarenta anos, detestava essa geração

e disse: "Eles são um povo que erra no coração,

e eles não consideram meus caminhos ".
[11] Por isso, jurei na minha raiva

que eles não deveriam entrar no meu descanso.

O obedecer dado e a homenagem devidamente pago - é impossível duvidar da sinceridade dos adoradores em uma atmosfera tão elétrica - o profeta culto está diante da congregação para entregar a resposta de Yahweh à sua confissão. É o sermão; mas é mais, pois é a própria palavra de Yahweh, não de homem e está contra as confissões que eles próprios proferiram.

O profeta primeiro anuncia que é a palavra de Yahweh que deve seguir: "Se você apenas prestar atenção" à sua voz! Então ele procede a entregar a mensagem em si. É uma palavra direta e tronco, que leva para o texto a discussão e testando episódio no deserto, onde as pessoas não podiam ficar satisfeitas, e quando procuraram a prova da boa fé de Javé (Ex. 17: 1-7). Os faleis são informados de que não devem ser obstinados como eram os seus ancestrais no deserto, em *Meribah* (vale de brigas) e *Massah* (terra de teste). Os seus pais colocaram Yahweh à prova e exigiram evidências de sua habilidade e boa fé, mesmo que eles próprios tivessem visto seu trabalho. O texto hebraico (ação poderosa) é singular e, aparentemente, se refere à libertação do Êxodo. As outras versões, em geral, lêem um plural, "ações", caso em que a referência seria a sucessão das maravilhas de Javé no Egito, na região selvagem e a caminho entre os dois lugares.

Assim, diz Javé, ele estava enojado com uma geração inteira deles, durante quarenta anos, e ele julgou-os como um povo de coração atrevido sem uma verdadeira compreensão de seus caminhos. Na sua ira, ele jurou que eles não deveriam entrar em seu descanso, sua Terra Prometida (Ex 33:14 ; Deut. 3:20 ; 12: 8-11 ; 25:19), e a segurança de um lugar de sua próprio.

O oráculo profético termina abruptamente e sem dissipação de seu efeito na sobre-aplicação. Sua relevância pode, afinal, ter sido tão clara para a congregação reunida; e o profeta escolhe deixar a palavra de Yahweh com eles, não diluído e sem adornos. Eles são deixados para fazer sua própria interpretação, e é um que deve ser feito contra sua confissão e sua música alegre.

• A parte hímica do Salmo 95 , chamada "Venite", encontrou um uso constante no culto da cristandade e pequena maravilha. Os seus convites para o culto e as suas magníficas

respostas confessionais geram uma cadência magnífica e emocionante, acelerando o coração para adorar e a alma para louvar. Mas o oráculo profético também é parte deste salmo, uma parte habilmente forjada e dramaticamente colocada. É direto - a palavra de Deus sempre é. Chama a atenção para a obediência que deve seguir o verdadeiro louvor, a ação que é o resultado inevitável da confissão real. O povo de Deus no deserto também era capaz de louvor e confissão (Ex 15); mas o que poderia ser dito sobre sua lealdade e obediência?

Nosso Senhor falou com freqüência com esse mesmo problema e com igual franqueza. Em uma ocasião, ele comparou aqueles que louvam sem ação a um homem que tenta construir uma casa sem fundamento e perguntou: "Por que você me chama de" Senhor, Senhor ", e não faça o que eu digo?" (Lucas 6: 46-49).

96. Realeza dos deuses sobre todos os povos

Este exuberante hino da realeza de Javé proclama soberano sobre todos os povos em toda a terra como a inevitável conclusão do que ele é. Ele atuou e continua. Ele faz as coisas. Os deuses ídolos não são, portanto, sem consequências. Sua realeza, que não é nada novo, é universal (ver comentário nos Salmos 47 , 93). Essa universalidade, um fato por causa do que Deus é, é a base especial da nova música do poeta.
Este salmo também é preservado, de forma ligeiramente comprimida e alterada, em 1 Crônicas 16: 23-33 . Está ali, juntamente com o Salmo 105: 1-15 e citações mais curtas de outros salmos, como o salmo de ação de graças que Davi ordenou a Asafe e seu coro em comemoração do advento da arca de Jerusalém (1 Crônicas 16: 4) - 7). É improvável que o salmo seja do tempo de Davi. O Cronista exercia sua liberdade característica na apresentação de seu relato um tanto grande e propagandista dos atos de Davi. Mas isso pertence à coleção de hinos que celebram o reinado de Javé, uma coleção que é certamente preexilica e talvez relacionada ao período da glória solomônica, dificilmente pode ser duvida.

[1] cantai para o Senhor uma nova música;
cante ao Senhor, toda a terra!
[2] Cante ao Senhor, abençoe seu nome;
Fale de sua salvação dia a dia.
[3] Declara a sua glória entre as nações,
suas obras maravilhosas entre todos os povos!
*[4] Pois grande é o Senhor, e muito **a ser** louvado;*
Ele deve ser temido acima de todos os deuses.
[5] Pois todos os deuses dos povos são ídolos;
Mas o Senhor fez os céus.
[6 A] honra e a majestade estão diante dele;
A força ea beleza estão em seu santuário.

O salmista começa seu hino com um convite a toda a terra para cantar para Yahweh uma música nova ou inaudita. Eles devem cantar para Yahweh e abençoar seu nome, e

anunciar as boas novas de sua libertação do dia a dia. Eles devem contar repetidamente entre as nações pagãs sua glória, que é igual à sua presença, e entre os povos suas ações milagrosas. É claro que é a congregação do povo de Deus que deve fazer esta declaração exultante, como só eles podem, mas o salmista convidou o mundo inteiro para se juntar ao canto por causa de seu envolvimento na nova música. Eles são, de fato, o motivo disso, à medida que o poeta passa a mostrar por duas sucessivas por (porque, *ki*) cláusulas.

Eles devem cantar a nova música porque o Senhor é grande e extremamente digno de louvor; Ele é mais digno de reverência do que todos os deuses. E é uma nova música, porque afirma que todos os deuses dos povos "são fracos." O Senhor, ninguém mais, fez os céus. A novidade da música está, portanto, relacionada com a sua proclamação ao mundo inteiro do que tem sido um fato, embora não reconhecido por todos. Assim, é que o esplendor e a alteza, quer personificaram atributos reais ou símbolos gloriosos de sua teofania, indicam a presença dele. Força e beleza, referindo-se aqui como em 78:61 à arca como símbolo da Presença, estão em seu lugar sagrado, o Templo.

7 Atribua ao Senhor, ó ***famílias dos camponeses*** *,*

atribuir ao Senhor glória e força!
8 Atribua ao SENHOR a glória devido ao seu nome;

traga uma oferta e entre em seus tribunais!
9 Adore o SENHOR em ordem sagrada;

treme diante dele, toda a terra!
10 Diga entre as nações: "O SENHOR reina!

Sim, o mundo está estabelecido, nunca será movido;
Ele julgará os povos com equidade ".
11 Que os céus se alegrem, e se alegrem a terra;

deixe o mar rugir e tudo o que o enche;
12 deixe o campo exultar, e tudo nele!
Então, todas as árvores da madeira cantam de alegria
13 perante o Senhor, pois ele vem,
pois ele vem para julgar a terra.
Ele julgará o mundo com justiça,
e os povos com sua verdade.

Em palavras muito parecidas com 29: 1-2 , o poeta chama as tribos dos povos a dar

Javé, o crédito que ele é devido: a glória, em algumas ocasiões, a resposta do uníssono à manifestação de sua Presença (29: 9) e força, às vezes um título da arca que representa a Presença. Na verdade, todos esses povos devem dar a Javé a glória devido ao seu nome, levar um presente, entrar em seus tribunais e se curvar diante dele em "vestuário sagrado" (em vez de sagrado). A Terra inteira é ordenada a "ter medo de sua Presença".

Transformando seu endereço mais diretamente na congregação de Israel, o salmista lembra-lhes o privilégio e a obrigação especiais. Eles devem dizer entre as nações pagãs que Javé reina e que, como resultado, o mundo está firmemente definido e não pode

vacilar. Essas palavras são idênticas às primeiras e últimas frases de 93: 1 ; diferentes aqui são as palavras que seguem, Ele julgará os povos com equidade. Todos os povos são significados. É uma previsão gloriosa e digna de uma nova música.

Nem é uma música que o homem sozinho pode levantar o suficiente. Em um estímulo de alegria lírica, o poeta invoca os céus para se alegrar, a terra para se exultar, o mar e as criaturas enchendo-o para rugir, os campos e tudo para se alegrar. Naquele momento, quando a realidade da nova música é manifesta, todas as árvores da floresta cantarão com alegria na presença de Javé, porque ele virá a administrar direito à Terra. De fato, ele julgará o mundo habitado com justiça, e os povos com sua consistência. Será um momento glorioso, um cheio de mais alegria do que o próprio homem pode suportar, um ponto que o salmista faz habilmente por seu chamado à criação e suas criaturas para se juntar ao canto exultante.

• Os hinos da realeza de Deus são caracterizados por uma universalidade que emana do conceito de Deus como Senhor soberano contínuo. A nova canção deste salmo é que Yahweh deve ser cantado pela congregação de Israel, para o mundo e depois com o mundo se juntando, pelo que ele realmente é. É algo que os povos precisam vitalmente saber. E Israel teve então, como a igreja de nosso Senhor tem agora, tanto a alegria como a obrigação de cantar, gritar e declarar. Num mundo em que cada deus tinha seus favoritos e cada povo era seu Deus favorito, era incrível que um Deus, diante de quem os deuses não fossem nada, deveria julgá-los todos com equidade consistente. Na verdade, foi suficiente fazer canções de árvores e peixes de alegria. E ainda é.

97. Realeza de Deus, Manifesto em Teofania

A Presença de Deus é referida repetidamente no Saltério na exposição da realidade de Deus, na qual os salmistas se destacam. É a Presença que se encontra faltando e busca com insistência, a Presença que traz libertação e bênção, a Presença que surpreende e obriga a louvores extáticos. Tampouco esta Presença é considerada teórica ou mesmo simbólica. Ele - talvez seja mais apropriado dizer ele - é nada menos do que o próprio Deus em mãos na vida do homem. Os hinos da realeza de Deus também fazem referência repetida à Presença; para governar, Deus deve estar presente, os salmistas concluíram; Quando ele está ausente, há caos e anarquia, e os ímpios e os malvados levam a ponta do tempo (Salmos 6 , 10 , 17, 18 , 31 ,38).
O poeta do Salmo 97 tomou este tema como o ponto essencial de seu hino, e com um arranjo dramático dos acompanhos da teofania retratou o advento do grande Rei para governar o mundo inteiro.

[1] O SENHOR reina; Que a terra se alegre;

Deixe as muitas terras costeiras se alegrar!
[2] nuvens e escuridão espessa estão ao redor dele;

A justiça e a justiça são o fundamento do seu trono.
[3] O fogo está diante dele,

e queima seus adversários ao redor.
[4] Seus relâmpagos iluminam o mundo;

A Terra vê e treme.
5 As montanhas derretem-se como cera perante o SENHOR,

diante do Senhor de toda a terra.

6 Os céus proclamam a sua justiça;

e todos os povos contemplam a sua glória.
7 Todos os adoradores de imagens são envergonhados,

que se orgulham de ídolos sem valor;

Todos os deuses se inclinam diante dele.
8 Zion ouve e está feliz,

e as filhas de Judá se regozijam,

por causa dos teus juízos, ó Deus.
9 Pois tu, SENHOR, É O MAIS ALTO DE TODA a terra;

Você é exaltado muito acima de todos os deuses.
10 O Senhor ama aqueles que odeiam o mal;

Ele preserva a vida de seus santos;

Ele os livra da mão dos ímpios.
11 Luz avança para os justos,

e alegria para o coração no coração.
12 Regozijai-vos no Senhor, ó justo,

e dê graças ao seu santo nome!

O hino é iniciado com a afirmação que documenta: "Javé reina!" O reino divino é exaltado aqui, como em todos os hinos da realeza de Deus, como continuando, como sempre e para sempre, interrompido e limitado por nada e precisando apenas ser proclamado. Como sempre nesses hinos, a proclamação do fato é motivo de alegria. Assim, a terra deve exultar, e as ilhas abundantes devem ser alegres; Esta é uma maneira de dizer a Terra aos seus lugares mais distantes.

Esta declaração essencial feita, o salmista move-se para a exposição de seu tema, a chegada de Yahweh em theophany e seu efeito imediato sobre a terra e seus habitantes. Como em outros relatos de teofania do Antigo Testamento (ver Ex. 19: 9 , 16 , Deut. 4:11 ; Salmo 18: 9 , 11), o Senhor está envolvido numa nuvem e uma névoa grossa. No entanto, não há nada escondido sobre a base do seu trono, diz o poeta (talvez citando 89:14 *a*); A justiça e a justiça o constituem. O fogo acompanha sua Presença, o fogo que pertence a sua Presença, e arde furiosamente tudo sobre ele, encerrando-o (veja o comentário em 50: 3). Seu relâmpago enche o mundo habitado de luz, e a terra, contemplando, teme com medo em conseqüência. As montanhas derretem-se como cera da Presença de Javé, o Senhor de toda a terra.

Assim, os céus declaram a sua justiça, e todos os povos vêem a sua glória, que é a experiência de Sua Presença. Todos os que servem ídolos de elenco, todos os que se orgulham de " *mentiras* fracas" (*'elilim*) são envergonhados, pois todos os deuses caem

em adoração antes dele. É uma visão impressionante e uma confissão emocionante de sua completa realeza.

Há também consequências deste advento do grande rei entre seus próprios povos. Zion, que é Jerusalém, ouve isso e é exultante; As filhas de Judá, que são as cidades do Reino do Sul, são selvagens com alegria, tudo por causa dos julgamentos justos de Javé (o VD "Deus" inconsistente aqui). Só pode haver uma conclusão, e o salmista retorna ao tema com o qual ele começou, dirigindo-se dessa vez diretamente a Yahweh ao adorar a confissão. Porque o Senhor é alto em toda a terra, o rei supremo e único, muito exaltado acima de todos os deuses.

O poeta não consegue manter o temperamento emocional do que foi antes. Sua declaração dramática feita e apoiada pela descrição do adrenalismo cataclísmico do rei e suas conseqüências sobre os homens, ele se volta para uma aplicação mais silenciosa de suas implicações. Javé, o rei, ama os que odeiam o mal. Guardando a vida daqueles que são leais a ele, ele os arrebata do poder dos ímpios. Luz, um presente de sua Presença e relacionado à vida (cf. Números 6:25 f. , Salmos 80: 1 , 3 , 7 , 19 ; 36: 9), cai como a semente do semeador para os justos, assim como alegria também.

Ter um tal rei e essa regra é um privilégio incrível. Assim, o poeta fecha seu hino com um comando. Os seguidores justos de Javé devem ter alegria nele, e devem cantar a confissão à realidade atual de sua santidade (ver comentário em 30: 4). Ele é um rei presente, e altamente merecedor de sua adulação.

• Há, é claro, um grande negócio sobre a teofania de Deus no Antigo Testamento que permanece envolvido em mistério. Mas a teologia da Presença vital que as teofanias retratam não é mistério, mais do que a convicção bíblica de que a Presença de Deus significa ação e bênção e colocando a direita errada. O poeta do Salmo 97 reivindicou a Presença de Deus como um argumento válido para sua realeza. Com tal Deus no mundo, não pode haver qualquer outro rei. Ele está presente, portanto ele é rei. É um argumento não menos irrefutável hoje.

98. Realeza de Deus, Manifesto em Libertação

Como o Salmo 96 , que se assemelha também à sua exuberância, esse salmo também começa com uma chamada para uma nova música. A base da nova música é a natureza universal da realeza de Deus, inevitável por causa do que é. Aqui é a sua vitória sobre toda oposição, igualmente inevitável por causa do que é, esse é o motivo da nova música.
Neste salmo, como em todos os salmos da realeza de Deus, o governo de Deus é persistente, permanente e ininterrupto. Sua vitória, que ele continuou a alcançar, e que teve um efeito novo, presente e pessoal para cada nova geração de crentes, é a base de uma nova canção de louvor e é uma que toda a criação, homem e natureza, é chamado para comemorar.

Um salmo.
[1] ***Ou*** *cante para o Senhor uma nova música,*

pois ele fez coisas maravilhosas!
Sua mão direita e seu sagrado braço

conseguiu-lhe a vitória.
2 O SENHOR deu a conhecer a sua vitória,

Ele revelou sua reivindicação à vista das nações.
3 Ele lembrou-se de seu amor firme e fidelidade

para a casa de Israel.
Todos os confins da terra viram a vitória de nosso Deus.
4 Faça um barulho alegre ao Senhor, toda a terra;

surgir em canção alegre e cantar louvores!
5 Canta louvores ao Senhor com a lira,

com a lira e o som da melodia!
6 Com trombetas e o som do chifre

faça um barulho alegre diante do Rei, o SENHOR!
7 Deixe o mar rugir e tudo o que o enche;

o mundo e aqueles que habitam nele!
8 Deixe as enchentes baterem palmas;

Deixe as colinas cantarem juntos juntos
9 perante o Senhor, pois ele vem

para julgar a terra.
Ele julgará o mundo com justiça,
e os povos com equidade.

Assim, o poeta desafia sua congregação, limitado, de fato, mas não em aplicação, para cantar a Yahweh uma nova música, porque ele fez coisas milagrosas. Sua mão direita e seu braço sagrado (força) provocaram libertação para ele. O Senhor deixou a sua libertação conhecida, e revelou aos olhos das nações pagãs a sua justiça. Ele lembrou, mostrou, seu amor imutável e sua fidelidade consistente a Israel. Os extremos da terra, exclama o poeta, viu a vitória de nosso Deus. A semelhança de Isaías 52:10 a Vv. 1 *c* e 3 , uma vez que indagamos que o profeta anônimo do Exílio inspirou essas linhas, agora deve ser tomado para indicar exatamente o contrário. É muito provável que este salmo antedates Isaiah 52 por não menos de 150 a 200 anos.

Esta grande libertação de Javé, forjada para que todos os povos possam vê-la e cumprir com suas ações milagrosas, é o motivo não só de uma nova música, mas de uma música tão universal como a realeza e a libertação. O poeta invoca toda a terra para elevar o clamor festal a Yahweh, irromper a canção, gritar de alegria, fazer louvores musicais. Eles devem fazer música para Yahweh com o som do lilting da lira. Eles devem acrescentar ao clamor festal à Presença do rei, Javé, com o som das trombetas de sinal (ver Números 10: 2-10) e a explosão do chifre (*shopar* , ver Ex. 19: 16 , 19 ; Zacarias 9:14), ambos indicativos da chegada da Presença de Javé. É um elogio da realeza vitoriosa de Yahweh que deve ser somada pela congregação na adoração, mas representam a população do mundo inteiro.

Nem o louvor do homem é suficiente para a sinfonia de louvor exigida pela presença vitoriosa de um rei tão grande. Como no Salmo 96:11 , o mar e as criaturas que o preenchem são chamados a rugir, como é o mundo habitado. Os grandes rios são convidados a aplaudir com alegria, como, sem dúvida, a congregação estava fazendo (como em 47: 1). As montanhas são convidadas a gritar em voz alta de alegria todos juntos, como os adoradores certamente estavam fazendo (ver versículo 4).

Todo esse clamor exultante deve soar em louvor e como saudação da Presença de Javé, porque ele vem julgar a Terra. É um juízo que ele renderá com justiça e ele julgará os povos corretamente (96:10 e 9: 8). É a garantia hímida do poeta a todos os povos do mundo habitado que eles estão em boas mãos.

• A configuração deste salmo, como todos os hinos da realeza de Deus, é o Templo de Jerusalém. Que a sua língua ultrapasse a congregação, tanto na extensão como na instrução de seu exuberante convite para aclamar a realeza de Deus é mais um resultado do vasto alcance de seu tema do que do lirismo poético. Não é pequena que exista um tal rei. Para que ele fosse conhecido como presente benéfico, e mesmo como seu próprio rei, era substância para a canção esmagadora até mesmo para os cantores inigualáveis de Israel. Não é de admirar que eles chamassem rios para bater aplaudir e montar montanhas para gritar. Se eles soubessem sobre os planetas distantes e as galáxias distantes, eles também os teriam chamado e ainda teriam sentido suas músicas inadequadas. E eles estariam certos.

99. Realeza de Deus, Manifesto em santidade

O salmo 99 , o último dos hinos que tratam principalmente do tema da realeza de Deus, exibe o mesmo fervor e semelhança de frase que caracteriza cada um dos seis salmos sobre este tema. Que esses salmos são tão parecidos é um resultado do fato de serem variações em um único tema. Mas, apesar dessa semelhança, cada um dos poemas do reinado de Deus tem sua própria ênfase distinta. Eles são como facetas de um diamante único, cada um piscando o mesmo fogo em sua própria tonalidade distinta.
Este salmo, como todos os outros, exalta o reinado contínuo e efetivo de Deus sobre todos os povos, em todos os lugares. Mas enfatiza de maneira particular, e em um refrão congregacional repetido em três vezes, a santidade de Deus. Como cada um desses salmos, este encontra seu cenário no culto da congregação no monte de Sião. Mas também como eles, sua mensagem e seu convite são universais, chegando às fronteiras do mundo.

[1] O SENHOR reina; Deixe os povos tremerem!

Ele senta entronizado sobre os querubins; Deixe o terremoto!
[2] O SENHOR é grande em Sião;

Ele é exaltado por todos os povos.
[3] Que eles louvem o seu grande e terrível nome!

Santo é ele!
[4] poderoso rei, amante da justiça

Você estabeleceu a equidade;

Você executou a justiça

e justiça em Jacob.

[5] *Exalta o Senhor nosso Deus;*

adoração em seu estrado de pés!

Santo é ele!

Como é o caso no Salmo 93 , então este salmo também é iniciado com a proclamação da realeza permanente de Javé: "Javé reina!" É uma realeza que tem um efeito universal e conseqüente. O tremor dos povos em agitação por causa disso. A terra treme quando se assenta sobre os querubins - a referência é para a arca, sobre a qual o Senhor foi acreditado para ser intronicamente entronizado (ver Ex. 25:22 ; 1 Sam. 4: 4 ; 2 Reis 19:15 ; e Salmo 80: 1). Em Sião, o Senhor é comemorado como *grande.* Ele é exaltado como rei acima de todos os povos (ver 96: 4 e 97: 9). "Eles louvarão seu nome, poderoso e incrível", diz o líder de adoração a Yahweh. E os adoradores, simbolizando todos os povos, respondem: Santo é ele!

O líder continua o endereço para Yahweh. O começo do v. 4 é problemático em hebraico, mas, aparentemente, o Senhor é dirigido como um rei cujo poder ama direito, em vez de fazer direito; É a natureza dele como rei e a natureza de seu reinado para amar a justiça. Ele estabeleceu a equidade e fez justiça e justiça em Jacó (Israel). Voltando as suas palavras aos adoradores, o salmista lhes pede que exaltem "Javé, nosso Deus", e se inclinem em adoração ao seu escabelo, novamente uma referência à arca (1 Crônicas 28: 2), o símbolo de sua Presença. Mais uma vez, a congregação responde, Santo é ele!

[6] *Moisés e Arão estavam entre os seus sacerdotes,*

Samuel também estava entre os que invocavam seu nome.

Choraram ao SENHOR, e ele respondeu.

[7] *Ele falou com eles na coluna da nuvem;*

eles mantiveram seus testemunhos,

e os estatutos que ele lhes deu.

[8] *Ó SENHOR nosso Deus, voce respondeu-lhes;*

Você era um Deus perdoador para eles,

mas um vingador de seus erros.

[9] *Exalta o SENHOR nosso Deus,*

e adoração em seu monte sagrado;

Porque o SENHOR nosso Deus é santo!

O salmista gira ao lado de uma documentação para Israel da antiguidade de sua própria relação com o rei santo. Moisés e Arão estão listados entre seus sacerdotes, e Samuel entre os que clamam ao seu nome. Eles gritaram para o Senhor, e ele os respondeu, falando com eles em uma coluna de nuvens. A referência ao pilar da nuvem inclui apenas Moisés e Arão (Ex 33: 9 ; 34: 5 ; Números 12: 5); O Senhor se dirigiu a Samuel da arca (1 Sam. 3: 2-14). Esses grandes servos guardaram seus preceitos e a lei que ele

lhes deu. Há, nesta linha, a implicação, pelo menos, de que a congregação deve reconhecer sua soberania de maneira semelhante.

O testemunho continua, mas em palavras dirigidas a Javé, nosso Deus. Ele respondeu-lhes, e ele era para eles um Deus que os carregava, mas aquele que, no entanto, puniu-os por crimes. Novamente existe para a congregação uma clara implicação. Javé é um rei santo, e seu povo deve se esforçar para ser como ele.

Assim, novamente, o líder de adoração se volta para a congregação, oferecendo-lhes, como no v. 5 , para exaltar o Senhor nosso Deus e se curvar em adoração em seu monte sagrado, Monte Sion. Uma terceira e última vez, os fieles respondem, sem dúvida, curvando-se em obediência ao santo rei ao declararem que ele é santo. • Como os grandes hinos do reinado de Deus declaram, seu reinado permanece ininterrupto e universal por causa do que ele é. É uma realeza que aqueles que são fiéis a ele ainda devem proclamar tanto na vida como na palavra; pois, apesar da factualidade emocionante do reinado, há muitos outros que o reivindicam sem realmente saber disso.

O aspecto emocionante dos hinos da realeza de Deus é a sua ênfase no reinado completo, ilimitado e contínuo de Deus. É uma realeza que transcende tudo o que o homem é e sabe, incluindo a história que muitas vezes o apresenta com um conflito intelectual e filosófico insolúvel. Quando os fatos desta história corromperam o que Israel pensou ser apropriado para o próprio povo de Deus, não era a reputação de Deus como potente que sofria; Em vez disso, era sua opinião sobre si mesmos, ou pelo menos sua opinião sobre o que era apropriado e por quê. Para Deus, eles afirmam com fé, é rei, totalmente e incontestavelmente rei. À luz desse fato, tudo o mais deve ser ordenado e compreendido. Tal visão, no tempo, veio produzir algumas revisões teológicas radicais; Mas todos eles eram necessários então, e alguns deles ainda são.

100. Entrada jubilosa na presença de Deus

Como o Salmo 95 , esse hino também tem seu contexto em serviço de adoração no Templo. Aqui também há uma procissão para o lugar da Presença especial de Deus e uma progressão correspondente no pensamento do universal para o particular. Nenhum oráculo foi preservado com este salmo, se alguém o seguisse; mas o salmo é claramente um hino de abertura, que teria sido seguido por uma ordem de adoração, incluindo outros salmos e atos de adoração.
O título do salmo especifica que é um salmo relacionado à ação de graças ou à confissão. É possível que o salmo tenha sido cantado em conexão com um serviço, incluindo "ofertas de conclusão" oferecidas em ação de graças pela beneficência de Deus, sendo celebradas por razões específicas ou gerais (Lv 7: 11-18). Mas este magnífico hino também deve ter sido mais: não só o seu idioma dá uma aplicação muito mais ampla; Sua confissão exuberante torna-se em si mesmo uma oferta de ação de graças e uma proclamação de fé.

Um salmo para a oferta de agradecimento.
[1] Faça um barulho alegre ao SENHOR, todas as terras!

[2] Sirva o SENHOR com alegria!
Entre em sua presença com o canto!
[3] Saiba que o SENHOR é bacalhau!

É ele quem nos fez, e nós somos dele;

somos o povo dele, e as ovelhas de seu pasto.

[4] *Digite seus portões com ação de graças,*

e seus tribunais com louvor!

Dê graças a ele, abençoe seu nome!

[5] *Porque o Senhor é bom;*

Seu amor constante permanece para sempre,

e sua fidelidade a todas as gerações.

O salmista começa o hino com um convite a toda a terra para se juntar ao clamor festal a Yahweh. É um apelo direcionado especificamente à congregação reunida em procissão para o próprio Templo, mas sua aplicação, através deles, é para toda a Terra. Os poetas do Saltério chegaram à convicção de que o Deus cujo amor imutável celebraram foi o Deus supremo, verdadeiramente o Altíssimo. Com o tempo, eles chegaram à visão de que ele era de fato o único Deus, então o único Deus. Esta crença em desenvolvimento, com sua implicação de que o reconhecimento universal do Deus universal é apenas uma questão de tempo, é evidente em salmos como esse.

Assim, os adoradores são desafiados a adorar o Senhor com alegria, e a entrar em sua Presença com gritos felizes. É um chamado para adorar e um chamado para a procissão, e seu propósito está indicado na próxima linha, a quarta instrução do salmista: "Conhece pela experiência que o Senhor é Deus". O Senhor, depois de tudo, os fez, e eles pertence a ele como seu próprio povo, o bando que ele colocou no pasto. Essa confissão é tomada por alguns comentaristas como uma resposta coral ou congregacional ao que foi antes, e pode ser assim. Não há razão determinante, no entanto, por que não pode ser uma continuação do chamado ao culto.

Uma segunda vez, o poeta faz o convite aos adoradores, desta vez mais especificamente. Eles devem entrar nas portas de Yahweh com ação de graça ou fazer confissões - o tipo de confissão que o poeta acabou de fazer em seu favor. Eles devem entrar em seus tribunais, o próximo passo em direção ao lugar da Presença especial, com um hino de louvor. Eles devem fazer confissão para ele e abençoar seu nome. A este segundo convite, ou a esta continuação mais específica do primeiro, a congregação faz uma resposta. É uma resposta que adere ao que já foi dito e que se torna a base para o culto que seguiu este salmo de abertura. Diz, em efeito, "faremos tudo isso", porque o Senhor é bom, eterno em seu amor imutável, e sempre o mesmo, geração após geração.

• Existe no 100º Salmo não um único conceito ou confissão que não se expressa em outro lugar no livro dos Salmos, freqüentemente e na mesma língua. No entanto, a combinação de / comando e testemunho que aparece aqui é uma das mais impressionantes e memoráveis em todo o Psalter. É talvez a simplicidade com que tais declarações profundas são feitas, ou a apresentação sem sombra de fundamentos; Mas algo sobre este breve salmo acelerou o espírito do povo de Deus desde o primeiro momento de canção. É algo bastante impossível de analisar. Quão afortunado que todos esses grandes dons de Deus finalmente negam a análise. Eles devem ser aceitos, apreciados e compartilhados.

Simplesmente ainda vividamente este salmo diz-nos, Deus é Deus, nós somos dele. Ele é sempre bom; Deixe-nos adorar e louvá-lo. É o idioma que qualquer um pode entender, e o idioma em que todos devem agir.

101. A Regra das Promessas dos Reis

Este salmo do hinário davídico é um salmo real, composto por um poeta da corte ou mesmo pelo próprio rei davídico e cantado pelo rei no momento da sua coroação. Incorpora as promessas do rei, relativas a si mesmo, aos membros do seu gabinete e aos seus súditos; mas as promessas são feitas a Deus (v. 1), a quem o rei é responsável por sua própria conduta, por causa daqueles que o rodeiam e por causa de seus súditos, a quem ele encarna de maneira vital.
Pelo menos é possível que tal salmo fosse cantado com mais freqüência do que nas coroações dos reis davídicos, que os eventos foram separados por até quatro décadas (Salomão, Joás, Azarias, que reinava 52 anos). Na verdade, tal hino da promessa real teria sido apropriado na cerimônia de renovação da aliança, que aparece em alguns períodos que foram celebrados anualmente em Jerusalém,

Um salmo de David.
1 Cantarei da lealdade e da justiça;

para ti, ó SENHOR, eu vou cantar.
2 Vou prestar atenção ao caminho que é irrepreensível.

Oh, quando você virá para mim?
Eu andarei com integridade do coração
dentro da minha casa;
3 Eu não vou colocar diante de meus olhos nada que seja base.
Odeio o trabalho daqueles que se afastam;
não deve me separar.
4 A perversidade do coração estará longe de mim;

Não saberei nada do mal.
5 Aquele que calunia seu vizinho secretamente

Eu destruirei.
O homem de altivez e coração arrogante
Não aguento.
6 Vou olhar com favor aos fiéis na terra,

para que possam morar comigo;
aquele que caminha no caminho que é irrepreensível
ministrará para mim.
7 Nenhum homem que pratica o engano

habitará em minha casa;
nenhum homem que pronunde mentiras

continuará em minha presença.
8 De *manhã a manhã vou destruir*

todos os ímpios na terra,
cortando todos os malfeitores
da cidade do SENHOR.

Na primeira parte do salmo, o rei anuncia seu tema e o destinatário de suas promessas, então ele prossegue a promessas relativas a si mesmo. Ele vai cantar, ele declara, de amor imutável e justiça, e ele fará sua música para Yahweh. É o Senhor que é o destinatário de suas promessas, pois é Yahweh a quem ele é responsável, por quem ele é feito rei, e em quem ele pode encontrar ajuda para sua tarefa.

A primeira promessa do rei em relação a si mesmo é que ele preste muita atenção ao modo de integridade, o caminho que é revelado e comandado por Yahweh. Na verdade, o rei segue essa promessa com uma pergunta apropriada, oh, quando você virá para mim? Quando, em outras palavras, o Senhor o revelará tão honesto, tão perfeito? Ele está preparado para segui-lo e quer apenas ser mostrado. As seguintes promessas estão todas relacionadas a esta maneira. O rei viverá com integridade do coração (mente) mesmo na privacidade de sua própria casa. Ele não dará atenção a questões boas para nada. Ele não tem utilidade para a atividade do homem que se afasta do caminho; ele não terá nada a ver com essa pessoa. Perversidade de coração, ele se afastará de si mesmo; Mal, ele nem sequer considerará.

Na segunda parte do salmo, o rei reconhece sua maior responsabilidade, tanto para aqueles que administram com ele os assuntos do seu reinado como também para os seus súditos. Quanto a isso, ele faz promessas a Yahweh. Ele não vai ficar com o homem que vilipende seu associado atrás de suas costas; Um homem que ele errará. Ele não tolerará um homem de olhos loucos e altivos. O seu olho será mais sobre aqueles na terra que são fiéis - homens que, como ele, andam no caminho da integridade (v. 2); Isso ele vai trazer para viver com ele e servi-lo.

Nenhum homem que seja uma fraude ele permitirá que seja parte de seu gabinete (lit., viva na parte mais íntima da minha casa). Nenhum homem que fala mentiras pode esperar ter alguma segurança em sua presença. É uma descrição completa e eficaz do tipo de homem que o rei tem em mente para o seu tribunal. É um alto padrão de ética ministerial, mas não é menos do que o próprio rei espera de si mesmo (vv.

2 *c* -4), e certamente nada menos pode ser oferecido a Javé.

Não devendo, assim, dedicar menos atenção aos seus associados na decisão do que a si próprio, e apropriadamente, uma vez que eles serão o reino do ungido de Javé, o rei faz uma promessa única, mas abrangente, sobre seus súditos. É sua firme intenção que eles também vivam de acordo com um padrão moral apropriado ao povo de Javé; e para esse fim, amanhã, depois da manhã, destrua tudo na terra que é perverso e expulsa da cidade de Javé, Jerusalém, todos os que trabalham para criar angústia.

• Que as promessas do Salmo 101 representam um ideal que nenhum rei davidico jamais alcançou é amplamente documentado no Antigo Testamento. Nem, para esse assunto, tem algum rei ou governante, presidente ou membro do gabinete desde então. No entanto, esse salmo é significativo não só pela afirmação de um ideal elevado, mas também pela prioridade que lhe foi dada. O governante moderno faz promessas às

pessoas; As promessas deste rei são feitas a Deus. É um reconhecimento apropriado e necessário da verdadeira fonte de poder e governo, que o apóstolo Paulo teve em mente quando concebeu Romanos 13: 1-2 .

102. Lamentação e confissão de um pecador

O salmo 102 é a oração de um indivíduo perturbado de mente e quebrado no corpo. Sua principal dificuldade é o julgamento de Deus, que ele sente que ele merece. Mas acrescentar aos seus sofrimentos são as provocações e presunçosos "nós-disse-você-sos" de seus inimigos, que se regozijam às suas custas. Sua própria situação é tão triste que ele deve expressar sua esperança em termos do que o Senhor fez e fará por Sião e por seu povo como um todo.
A inscrição deste salmo é uma das poucas no Saltério que é de natureza tópica. Embora tenha sido muito provavelmente afixado muito depois da composição do salmo, e de fato concebido com base no que o próprio salmo diz, é, no entanto, uma descrição precisa do conteúdo do salmo. O maior valor do título é a sua pista para o uso contínuo do salmo em adoração por outros que sofreram muito e foram igualmente penitentes.

Uma oração de um afligido, quando ele é fraco e derrama sua queixa perante o Senhor.

1 Ouça minha oração, ó SENHOR;

Deixe meu clamor vir até você!
2 Não esconda seu rosto de mim

no dia da minha angústia!
Inclua o seu ouvido para mim;
Me responda rapidamente no dia em que eu ligo!
3 Para os meus dias passam como fumaça,

e meus ossos vagam como um forno.
4 Meu coração é ferido como grama, e murchou;

Eu esqueci de comer meu pão.
5 Por causa do meu gemido alto

meus ossos se separam da minha carne.
6 Eu sou como um abutre da região selvagem,

como uma coruja de lixo;
7 Eu fico acordado,

Eu sou como um pássaro solitário no telhado.
8 Todo o dia, meus inimigos me provocam,

Aqueles que me ridicularizam usam meu nome para uma maldição.
9 Pois eu como cinzas como pão,

e misture lágrimas com a minha bebida,
10 por causa da sua indignação e raiva;

porque você me pegou e me jogou fora.
11 Os meus dias são como uma sombra noturna;

Me afasto como grama.

O poeta abre o lamento com o habitual e freqüentemente repetido grito por uma audiência. O SENHOR é chamado a ouvir a oração do suplicante; para que ele chame de ajuda venha até ele; para não ficar escondido do sofredor, sua presença no tempo de sua angústia; para lhe dar uma orelha; e dar-lhe uma resposta rápida no momento de sua chamada. É uma multiplicação do pedido usual mais breve que acentua a urgência da necessidade do poeta, uma necessidade que ele procede graficamente para descrever.

Seus dias, ou seja, o tempo dedicado a sua vida, desapareceram como tanta fumaça. Seus próprios ossos foram queimados como em uma lareira quente. A referência pode ser uma febre furiosa, mas parece mais provável do contexto que o poeta está tentando descrever sua grande angústia mental. Assim, ele continua dizendo que seu coração é como as ervas daninhas que foram derrubadas e que ele está murchando; É como se morresse dentro dele. Ele está tão preocupado que se esqueceu de comer comida. Ele é fraco de sua lamentação; seus ossos são visíveis através de sua carne desperdiçada. Ele pensa que se assemelha a um abutre (*qa'at*) do deserto, um pássaro desconhecido, talvez um ladrão magro e repulsivo, e sente que ele é como uma coruja solitária do deserto; ambos os pássaros estão listados em Leviticus 11: 13-19 como detestavelmente impuro.

Ele fica acordado à noite e se imagina como um passarinho sozinho em um telhado plano. Seus inimigos insultá-lo durante todo o dia; Elogiando, eles juram pegá-lo. A tradução RSV de v. 8 *b* é uma paráfrase que altera consideravelmente o significado do texto hebraico. Na verdade, ele comeu cinzas como se estivessem de pão e misturou suas lágrimas com a bebida, tanto em amargo símbolo de seu arrependimento e penitência. E toda essa dor e sofrimento são o resultado da presença da raiva e ira de Javé; você tem. **...** me jogou fora. Então, seus dias são como uma sombra esticada, quase em um fim, e ele está murchado como uma erva daninha (ver v. 4).

É uma terrível agonia de alma e corpo, a última agonia o resultado direto do primeiro. Embora seja possível que uma doença física tenha começado a introspecção que trouxe o poeta ao arrependimento, é mais plausível, em vista do contexto total, sugerir que seus reversos físicos são apenas sintomas de sua angústia mental.

12 Mas tu, SENHOR, está entronizado para sempre;

Seu nome perdura para todas as gerações.
13 Vocês se levantarão e terão piedade de Sião;

é hora de favorecê-la;

O tempo marcado chegou.
14 Porque os teus servos guardam suas pedras preciosas,

e tem piedade de seu pó.
15 As nações temerão o nome do Senhor,

e todos os reis da terra, a tua glória.
16 Pois o Senhor edificará a Sião,

Ele aparecerá em sua glória;
17 ele considerará a oração dos indigentes,

e não desprezará a sua súplica.
18 Deixe isso ser gravado por uma geração a vir,

de modo que um povo ainda não nascido possa louvar o Senhor:
19 que ele olhou para baixo do seu santo alto,

Do céu, o Senhor olhou para a terra,
20 para ouvir os gemidos dos prisioneiros,

libertar aqueles que estavam condenados a morrer;
21 para que os homens declarem em Sião o nome do Senhor,

e em Jerusalém seu louvor,
22 quando os povos se reúnem,

e reinos, para adorar o Senhor.

Após o seu retrato vívido da extensão e urgência de seu sofrimento, o salmista se volta para um hino tão glorioso e esperançoso para Sião e seu povo que muitos estudiosos negaram que originalmente era parte do salmo. Não há, no entanto, a necessidade de remover o hino do contexto atual e negar essa unidade do salmo. É claro que o poeta sente sua própria situação muito avançada (ver v. 3-4 , 11) para estar aberto a qualquer coisa além de uma pausa temporária, se isso. No entanto, ele não está sem fé em Yahweh e espera como resultado. Sua confiança é na soberania de Javé, e sua esperança não está em sua própria vida frágil, mas em Sião, por meio da qual essa soberania virá a ser conhecida por todas as nações.

O salmista assim admite seu pecado e seu merecido sofrimento por causa disso, mas declara uma providência e propósito de Javé, do qual é parte, mas que o transcende. Sua própria passagem da cena não é mais do que apropriada, e não afeta nem um pouco a magnífica intenção de Yahweh.

Assim é que o salmista começa o hino: "Ainda assim você, Javé." O Senhor está permanentemente entronizado. O Senhor é de geração a geração uma realidade presente (ver 30: 4 e 97:12). Ele se levantará e terá compaixão por Sião, pois é hora de mostrar piedade para com ela. É claro a partir destas e as seguintes linhas que Jerusalém está em perigo de algum tipo. O que essa angústia foi e a extensão não é possível determinar a partir do que o salmo diz, e certamente não há justificativa para a hipótese de alguns intérpretes que Jerusalém está em ruínas.

Os servos de Javé, aqueles que gostam do poeta são parte da comunidade de adoração, se deleitam com as próprias pedras de Sião e são parciais do poço da cidade; Sua esperança é sua esperança. Aqui está a fé do poeta, e esta é a sua oração. As nações pagãs terão reverência pelo nome de Javé, como todos os reis da terra, porque o Senhor fará prosperar Sion como ele se revela em sua Presença (glória). Ele dará atenção à oração dos indigentes e não desprezará seus pedidos sérios.

É uma esperança emocionante de um em circunstâncias tão difíceis, mas um dos quais o poeta está tão certo de que ele quer que seja escrito por escrito para a geração ainda a seguir. Seu louvor, além disso, será esse; Javé olhou para baixo da sua posição elevada

no céu na terra, ouviu os gritos agonizantes dos prisioneiros e soltou os condenados a morrer. Assim, eles celebrarão repetidamente em Sião o nome de Javé e o seu louvor quando as nações forem unidas na unidade para esperar sobre o Senhor.

Uma gloriosa declaração de fé, expresso em movimento, esse hino é mais do que esperança. É também um testemunho no meio de uma difícil situação pessoal e nacional para uma soberania de Yahweh, o que é inquestionável, apesar da dificuldade. O que o poeta descreve como o testemunho da geração ainda não nascido é, naturalmente, também, e de forma vital, seu próprio testemunho.

[23] Ele quebrou minhas forças no meio do curso;

Ele reduziu os meus dias.
[24] "Ó meu Deus", eu digo, "não me leve, portanto,

no meio dos meus dias,
Vocês cujos anos sofrem?
em todas as gerações! "
[25] De idade, você estabeleceu os alicerces da terra,

e os céus são o trabalho das tuas mãos.
[26] Eles perecerão, mas aguardam;

Todos se desgastarão como uma peça de vestuário.
Você os mata como roupas e eles passam;
[27] Mas tu és o mesmo, e os teus anos não têm fim.

[28] Os filhos dos teus servos habitarão em segurança;

A sua posteridade deve ser estabelecida antes de você.

Sua declaração de fé feita, o poeta retorna brevemente a sua própria lamentação e, mais uma vez, a uma expressão vibrante que liga finalmente sua esperança e sua crença. Yahweh, ele admite novamente, humilhou sua força na jornada, antes de levá-lo até o fim da vida que esperava; Ele fez seus dias menos em número. Assim, ele chama que Deus, cujos anos abranjam todas as gerações, não deve removê-lo no meio de sua vida. Tal choro é natural, e isso o poeta reconhece enquanto ele o faz. É significativo que a parte do que ele persegue se relaciona com a eternidade de Yahweh. Muito antes, o Senhor havia fundado a terra; Suas próprias mãos fizeram os céus. Mesmo estes, tão permanentes e imutáveis como parecem, sofrerão destruição. Yahweh permanecerá. Toda a criação inteira se desgastará, com o tempo, assim como uma peça de vestuário. O Senhor muda a terra e os céus, como se pode trocar uma peça de vestuário, e eles são diferentes. Mas Yahweh é sempre ele mesmo. Seus anos estão sem fim.

Assim é, conclui o salmista com uma simplicidade profundamente calma, para que os filhos daqueles que seguem o Senhor estejam seguros; sua progênie está firmemente estabelecida em sua Presença.

• Existe sobre o testemunho deste salmista uma notável clareza de fé e uma visão transcendente do que realmente importa. Ele ficou fortemente angustiado, por sua própria agonia de mente e corpo e pelo de seu povo. Até certo ponto, ele ainda é. Mas

ele, ao mesmo tempo, recebeu um vislumbre de uma soberania e uma eternidade que o faz ver sua própria transitoriedade e o futuro de seu povo e seus filhos, numa luz totalmente diferente.

Ele conheceu a Presença de Deus que estabeleceu tudo, inclusive a morte, num novo quadro de referência. Não é que a morte é desejável ou mesmo que não importa. É que outras coisas são mais importantes e que a dignidade de Deus para ser totalmente confiável é estabelecida e permanente. E embora o futuro dele esteja no seu povo e na sua progênie, é um futuro seguro por causa da Presença de Deus. Tal fé em tal presença é, de fato, mais do que conquistador (cf. Rm 8: 31-39).

103. Louvor ao amor imutável de Deus

O salmo 103 é o dom de um homem que conheceu a medida total do amor imutável do Deus consistente que sabe ainda aceitar os homens como são e os ama com um amor que não é relativo ao que são e fazem. Ele brota em uma grande inundação de eloqüência hímida, correndo de uma alma muito jubilosa e arrebatada e cheia de Deus para conter. Claramente, seu autor conhecia a fraseologia e o meio de adoração em Jerusalém, como apenas um participante por convicção poderia ser. Mas ele também era um poeta de grande habilidade, de tal forma que não se pode realmente ler este grande salmo sem também cantar.
O título do salmo identifica-o a partir da coleção Davidic de hinos. É um dos poucos hinos (Salmos 104 , 146) no Saltério, em que o poeta aborda seu chamado para adorar a si mesmo, e foi tomado por alguns comentaristas para ser apenas um salmo de devoção pessoal. É um salmo de devoção pessoal, mas também é mais, para vv. 10 a 18 , pelo menos, são um testemunho da congregação em geral.

Um salmo de David.

[1] Abençoe o Senhor, ó minha alma;
e tudo o que está dentro de mim, abençoe seu santo nome!
[2] Abençoe o Senhor, ó minha alma,
e não esqueça de todos os seus benefícios,
[3] que perdoa toda a sua iniqüidade,
que cura todas as suas doenças,
[4] que redime sua vida do poço,
Quem coroa você com amor e piedade firme,
[5] que te satisfaça com bom enquanto vives
de modo que sua juventude seja renovada como a águia.

O salmista começa seu hino invocando-se, a própria vida, para abençoar a Javé, um convite que é ao mesmo tempo devocional e confessional. Na verdade, ele ordena todo o seu ser, tudo o que está dentro de mim (iluminado, todos os meus interiores) para abençoar seu santo nome. Uma segunda vez ele oferece sua própria vida ou alma para abençoar o Senhor e não esquecer todas as suas obras benéficas.

Da extensão e detalhe dessas beneficências, o poeta procede a lembrar a sua vida, ou alma: o Senhor é quem perdoa todas as suas perversidades; que cura todas as suas doenças; Quem o resgata ainda vivo do Poço, ou a morte; que o circunda com amor imutável e atos de ternura; e que o faz bem ao longo de seus dias, de modo que seu vigor juvenil seja restaurado para ele como a águia crescente parece ser. É um catálogo maravilhoso de bens e suficiente para justificar e louvar sem fim.

6 O SENHOR trabalha na reivindicação

e justiça para todos os que estão oprimidos.
7 Ele deu a conhecer seus caminhos para Moisés,

seus atos para o povo de Israel.
8 O SENHOR é misericordioso e gracioso,

lento para a ira e abundante em amor firme.
9 Ele nem sempre tentará,

nem ele manterá sua ira para sempre.
10 Ele não nos lida de acordo com nossos pecados,

nem nos recomenda de acordo com nossas iniqüidades.
11 Porque como os céus estão acima da terra,

tão grande é o amor firme para com aqueles que o temem;
12 até o leste é do oeste,

Até agora, ele tira nossas transgressões de nós.
13 Como um pai tem piedade de seus filhos,

então o Senhor se incomoda com aqueles que o temem.
14 Pois ele conhece nosso quadro;

Ele lembra que somos pó.
15 Quanto ao homem, seus dias são como grama;

Ele floresce como uma flor do campo;
16 pois o vento passa sobre ele, e ele se foi,

e seu lugar não sabe mais.
17 Mas o amor constante ao SENHOR é desde a eternidade até a eternidade

sobre aqueles que o temem,
e a sua justiça para as crianças,
18 para aqueles que mantêm sua aliança

e lembre-se de fazer seus mandamentos.

Tendo atestado suas razões pessoais para louvar a Javé, o poeta agora acrescenta as razões mais amplas e fundamentais para o louvor, a dele e a dos seus adeptos também. O Senhor faz ações de justiça, fazendo julgamentos justos para todos os que são oprimidos. Para Moisés, ele revelou seus caminhos, aqui para ser entendido como

suas direções para a vida, e para os filhos de Israel, as façanhas que dão autoridade aos caminhos. O Senhor é compassivo e misericordioso, relutante em se irritar e transbordar de amor imutável. Ele não é para sempre um brigão, e ele não tem rancor. Ele não lhes faz o que seus pecados realmente exigem.

Tão alto quanto os céus acima da terra - uma distância inconcebível para os poetas do Saltério - tão extensa é a força do amor imutável de Javé para com aqueles que o abraçam (isto é, que o seguem). Ele separou suas transgressões deles por uma distância igual à que separa o nascer do sol do pôr-do-sol. Como um pai tem um amor amável por seus filhos, então o Senhor tem amor terno por aqueles que o seguem. Yahweh sabe bem como os homens são feitos; Ele nunca esquece que os homens são pó, seus dias como grama; que um homem floresce brevemente, como uma margarida de campo - o vento sussurra sobre ele, e não está mais lá, a sua localização não é mais discernível. Assim, o Senhor fornece um amor imutável para as necessidades de tais homens - é de sempre até sempre para seus seguidores, e sua justiça é para seus filhos e netos,

[19] O SENHOR estabeleceu o seu trono nos céus,

e seu reino governa tudo.
[20] Bendize ao SENHOR, ó seus anjos,

vocês poderosos que fazem sua palavra,
ouvindo a voz de sua palavra!
[21] Bendizei o SENHOR, todos os seus anfitriões,

seus ministros que fazem sua vontade!
[22] Abençoe o SENHOR, todas as suas obras,

em todos os lugares do seu domínio.
Abençoe o SENHOR, ó minha alma!

Resta um motivo para abençoar a Javé. É uma razão que apoia e engloba todos os motivos pessoais e gerais já dadas, e é uma que é de significado universal e em aplicação. O Senhor fixou firmemente o seu trono nos céus, merecendo assim a benção de todos os seres além da Terra; e ele fixou firmemente seu domínio sobre tudo, merecendo assim a benção da criação e da criatura. Com essa base de louvor, o poeta moveu-se progressivamente do seu interior para o cosmos, e ele não é mais capaz de conter o seu louvor.

Assim, ele se move para trás ao longo do caminho do seu hino, invocando todas as criaturas para abençoar o Senhor: seus anjos, os mensageiros divinos poderosos em poder, fazendo sua oferta, ouvindo o som de suas próprias palavras; todo o seu acolhimento celestial, seus atendentes que realizam o seu bom prazer; toda a sua criação, em todos os lugares onde ele reina, que para este poeta é claramente em todos os lugares. E, finalmente, chegando a um círculo completo para o seu ponto de partida, o poeta canta seu primeiro comando exuberante: "Abençoe a Javé, ó minha própria vida!"

• Um dos maiores dons de um verdadeiro poeta é uma simplicidade astúcia, pelo qual a verdade profunda é colocada em poucas palavras e tornada completa e infinitamente memorável. É um dom que muitos dos salmistas possuíam, até certo ponto, mas poucos

deles na medida demonstrada pelo poeta do Salmo 103 . Em notavelmente poucas palavras, ele comemora e descreve o alcance infinito do amor imutável de Deus, e ele faz isso em palavras tão líricas e bem ordenadas que parecem ser naturalmente próprias. Este salmo é, portanto, um livreto para a música das esferas, uma expressão dos próprios anjos. Mas é tão eficazmente a expressão de todo homem que descobriu por si mesmo o milagre do amor consistente e imutável de Deus.

104. O Poderoso Trabalho de Criação de Deus

O fato de que este salmo começa e termina com o magnífico chamado de si para louvar que abre e fecha o Salmo 103 (é uma frase que não ocorre em outros salmos), e o fato de ambos os salmos terem a maior habilidade poética levaram alguns intérpretes para conjecturar que ambos são pelo mesmo poeta. Não é uma visão que pode ser provada, mais do que pode ser refutada, mas é pelo menos uma suposição razoável. No Salmo 103, o poeta é apanhado na benção do amor imutável de Deus e está repleto de elogios por seu autor. Neste salmo, o poeta é apanhado na maravilha e beleza da criação de Deus e está repleto de elogios para o criador.
As semelhanças deste salmo em conteúdo e seqüência para o relato teológico da criação estabelecido em Gênesis 1: 1-2: 4 foram muitas vezes observadas. Assim, também alguns dos comentaristas da semelhança de alguns dos seus temas e expressões com outras poesias antigas da criação do Oriente Próximo, especialmente o hino de Akhnaton (Kraus, II, 712-13; ANET, pp. 370-71). Tais semelhanças são tão instrutivas quanto inevitáveis, mas é enganador pressioná-las muito longe. Os poetas hebreus não viveram ou escreveram suas poesias no vácuo, tanto teológico quanto cultural, mais do que os seus poetas contemporâneos nas terras vizinhas. Portanto, é melhor assumir um *gênero* literário comum relacionado a temas poéticos recorrentes, um *gênero* que toda poesia do Oriente Próximo compartilhou e sobre a qual poderia desenhar, do que concluir que em todos os casos de semelhança é o poeta hebraico que depende de seu vizinho poético em outra terra.

[1] Abençoe o SENHOR, ó minha alma!

Ó SENHOR meu Deus, você é muito bom!
Você está vestida de honra e majestade,
[2] que se esconde com luz como com uma peça de vestuário,
que esticou os céus como uma tenda,
[3] que puseste as vigas das tuas câmaras nas águas,
quem faz as nuvens a tua caça,
Quem esbarra nas asas do vento,
[4] que fazem os ventos os seus mensageiros,

fogo e chama seus ministros.

Embora não haja neste salmo as referências diretas à congregação adoradora que o Salmo 103 contém (ver 103: 6-18), há poucas razões para duvidar que este salmo, como esse, fosse o depoimento público de um indivíduo. Que uma grande reflexão pessoal na adoração esteja atrás de ambos os salmos é aparente; e este salmo em

particular poderia ter servido como um hino pessoal de louvor a Deus o criador. Mas também é um testemunho, e, provavelmente, viu um serviço repetido no culto de Israel como testemunha de um testemunho de seus companheiros.

Chamando a si mesmo para abençoar o Senhor, o poeta primeiro declara seu tema, a grandeza de Deus do Senhor; então ele se move para uma explicação deste tema, documentado nas obras da criação. Ele começa com a morada celestial de Javé, onde Javé se veste com majestade e esplendor, cercando-se com a luz como se fosse um manto. Javé é aquele que esticou os céus, como um homem puxaria uma tenda sobre o seu quadro, e aquele que colocava as margens de sua habitação celestial sobre as águas dos céus.

Foi do fundo destas águas celestiais, que descansou sobre o firmamento (Gn 1: 7), que os hebreus acreditavam que a chuva deles viria (ver v. 13). Somente o Senhor poderia empregar tal base para uma casa; Para ele, essas águas, bem como "as águas abaixo", não são problema (ver v. 5-12). Na verdade, ele faz as nuvens grossas seu meio de transporte, indo rapidamente sobre as asas do vento. Ele faz esses mesmos ventos seus mensageiros, e dispara e acende seus atendentes.

5 Você colocou a terra em seus fundamentos,

de modo que nunca seja abalado.
6 O cobriu com o fundo como com uma peça de vestuário;

as águas estavam acima das montanhas.
7 À tua repreensão, fugiram;

Ao som de seu trovão, eles levaram a fuga.
8 As montanhas se elevaram, os vales afundaram

para o lugar que você designou para eles.
9 Você estabeleceu um limite que eles não deveriam passar,

para que eles não voltem a cobrir a terra.
10 Torna-se que brota nas várzegas;

Eles fluem entre as colinas,
11 eles dão bebida a todos os animais do campo; os jumentos selvagens saciam sua sede.
12 Por eles, as aves do céu têm sua habitação;

Eles cantam entre os ramos.
13 Da tua alta morada, a água das montanhas;

A terra está satisfeita com o fruto do seu trabalho.

Movendo-se dos céus para a terra, o poeta passa a descrever a criação e o controle do mundo com o qual o homem está em contato mais direto. Senhor definir a terra em pilares firmes, de modo que não faria tanto como vacilar, “para sempre e mais um pouco.” Então, ele o cobriu com a profundidade (*t e hom*) até que as águas com crista acima dos picos das montanhas. É um conceito notável, pois sugere que a profundidade

primitiva de que o homem do Antigo Testamento estava tão temível estava sempre no controle total de Yahweh, mesmo que parecesse desenfreado.

Então o Senhor falou bruscamente para as águas inundadas: eles saltaram de susto e fugiram precipitadamente do som de seu trovão. Eles se levantaram até as montanhas, essas águas turbulentas; agora eles caíram para as planícies, para os lugares a que Yahweh lhes havia designado. Certamente são as águas, e não, como o RSV, as montanhas e os vales que se elevam e caem. O Senhor estabeleceu uma fronteira para as águas para evitar inundar a Terra novamente (Gênesis 1: 9-10).

Além disso, Yahweh não apenas controlou essas águas, ele as aproveitou para o benefício de suas criaturas. Ele soltou-os para escorrer como nascentes nos desfiladeiros, para fluir como freshets entre as montanhas, para que todos os animais selvagens possam ser regados e os jumentos selvagens possam preencher. Os pássaros aninham nas árvores por essas águas que fluem, cantando docemente entre as folhas verdes. Da sua habitação celestial, o Senhor rega as montanhas, atraindo as águas acima (ver v. 3 e Gn 1: 7) para atender plenamente as necessidades da Terra.

14 Faz com que a grama cresça para o gado,

e plantas para o homem cultivar,
para que ele possa produzir comida da terra,
15 e vinho para alegrar o coração do homem,
óleo para fazer o rosto resplandecer,
e pão para fortalecer o coração do homem.
16 As árvores do Senhor são regadas abundantemente,

os cedros do Líbano que ele plantou.
17 Neles os pássaros construem seus ninhos;

A cegonha tem sua casa nos abetos.
18 As altas montanhas são para as cabras selvagens;

As rochas são um refúgio para os texugos.
19 Tornaste a lua para marcar as estações;

O sol sabe que é hora de definir.
20 Faz a escuridão, e é a noite,

Quando todos os animais da floresta se arrastam.
21 Os leões jovens rugem por sua presa,

buscando sua comida de Deus.
22 Quando o sol nasce, eles os deixam embora

e deite-se nas suas guaridas.
23 O homem sai ao seu trabalho

e ao seu trabalho até a noite.
24 Ó SENHOR, QUÃO DIVERSAS SÃO AS TUAS OBRAS!

Na sabedoria, você os fez todos;

A terra está cheia de suas criaturas.
25 *Aqui é o mar, excelente e largo,*

que tem muitas coisas inumeráveis,

coisas vivas pequenas e ótimas.
26 *Lá vão os navios,*

e Leviathan, que você formou para se divertir nele.
27 *Estes todos olham para ti,*

para lhes dar a comida no devido ano.
28 *Quando você dá a eles, eles o recolhem;*

Quando abrir a mão, eles estão cheios de coisas boas.
29 *Quando escondes a tua face, ficam consternados;*

Quando você tira a respiração, eles morrem

e retornar à sua poeira.
30 *Quando envias o teu Espírito, são criados;*

e renevious o rosto do chão.

Tendo regado a terra de cima e de baixo, Yahweh o transforma em um jardim frutífero. Ele traz a *erva* brotando para o gado e a ensilagem para seus animais de trabalho, permitindo que o homem produza alimentos da mãe terra: o vinho para lhe dar alegria de coração, o óleo para ungir e bañar seu rosto e pão para dar força. As árvores de Javé, os grandes e antigos cedros do Líbano que ele estabeleceu, estão saciantes com a provisão de Javé. Os pássaros aninham neles, e a cegonha faz uma casa em seus altos tops (então LXX, o texto Heb., Que

RSV segue, parece ter sido mal vocalizado).

Yahweh forneceu um lugar adequado a todas as suas criaturas. As montanhas altas são para os cabritos de pé certo; as precipitadas falésias são para os roedores de tábuas. Yahweh até regulou a vida para suas criaturas, fazendo a lua consertar os meses e o sol, que "sabe quando ir e vem", para determinar os dias. Assim, é o Senhor que designou a escuridão, causando a noite, o tempo apropriado para que todos os animais tímidos da floresta subissem. O surgimento do sol faz lembrar-lhes que se arrastem para suas gargantas e tocas para descansar. O homem também é guiado por esses relógios celestiais; Ele sai para a tarefa dele, para trabalhar até o final.

O salmista está todo sobrecarregado pela extensão e variedade infinita de tudo. Ele respira e exalta elogios: quão variáveis são as tuas obras! E então ele continua. Yahweh fez tudo com visão, para um propósito. A terra está cheia do que ele criou, mas também o mar, grande e distante. Ele literalmente está cheio de vida, com inúmeras criaturas vivas, pequenas ao lado do grande. Os navios navegam sobre ele e o grande monstro do mar Leviatã (aqui, provavelmente, uma baleia, mas veja 74:14), que Yahweh criou, se dedica a isso. Todas essas criaturas olham para Yahweh para comer quando estão com fome. Ele fornece para eles, eles o colhem. Ele, porém, abre a mão, e eles são literalmente recheados com coisas boas. Assim, é compreensível que, quando o Senhor

esconde sua Presença, suas criaturas estão aterrorizadas. Yahweh recolhe para si mesmo a respiração, e eles expiram e retornam ao pó de onde vieram. Ele envia sua respiração (e não Espírito, como RSV, o poeta parece ter o conceito de Gen. 2: 7 ; 7:22 em mente) e eles são criados. Ele revive toda a superfície da terra, planta e criaturas.

31 A glória do Senhor permanece para sempre,

Que o Senhor se alegre em suas obras,
32 que olha para a terra e treme,

Quem toca as montanhas e fumam!
33 Eu cantarei para o Senhor enquanto eu viver;

Eu cantarei o louvor ao meu Deus enquanto eu estiver sendo.
34 Que minha meditação seja agradável para ele,

porque me alegro no Senhor.
35 Que os pecadores sejam consumidos da terra,

e deixa que os perversos não sejam mais!
Abençoe o Senhor, ó minha alma!
Louve o Senhor!

O tema do poeta é tão abrangente quanto magnífico. Ele pode sugerir, mas não pode abranger sua extensão, e ele, com sabedoria, não tenta. Em vez disso, ele aproximou seu hino com uma oração lírica. Ele pede primeiro que a glória de Javé (ou talvez a Sua Presença) permaneça eterna, e que o Senhor, que não precisa mais olhar a terra para fazer com que ele treme ou toque as montanhas para incendiá-las, continue a ter alegria na sua criação. Ele prometeu cantar a Yahweh ao longo de sua vida e fazer louvores para Deus o tempo que puder. Ele reza para que a sua meditação seja doce para o Senhor por causa da sua grande alegria nele. Ele reza para que o pecador e o perverso, que prejudiquem a beleza e o propósito da criação que ele exaltou, podem ser finalizados e não existir mais.

Com esta oração, o salmista vem, com espírito transbordante, de volta ao seu ponto de partida. Novamente ele invoca a si mesmo para abençoar o Senhor. E imediatamente ele, ou os adoradores presentes com ele, ou todos juntos, soam seus louvores a Deus.

• A beleza pastoral da grande criação de Deus, uma beleza que nunca é por dois momentos, porque ele *é* sempre o mesmo, continua a ser um testemunho emocionante para o homem e também um estímulo para o seu louvor. Como no dia do salmista, há muitos demais que a observam diariamente e todas as noites, mas nunca vêem por mais de um segundo. Também não conhecem seu amor imutável (celebrado, talvez pelo mesmo poeta, no Salmo 103), embora seja tão onipresente e real. Assim, é que a obrigação contínua da comunidade de adoração, então, como agora, é proclamação.

105. Chamada de Deus, Libertação e Bênção

Este salmo, como o Salmo 78 , faz o seu ponto de vista com base na história do povo de Deus. Esse salmo tem como tema a desobediência do povo apesar do maravilhoso bem de Deus para eles. Este salmo tem como tema o louvor de Deus, por causa da disposição

de seus maravilhosos atos de chamada, libertação e benção. O salmo 105 é, portanto, menos limitado nos eventos da história que pode citar.
Junto com o Salmo 96 , os primeiros 15 versículos deste salmo são preservados em 1 Crônicas 16 como parte de um hino que o Cronista se conecta com a chegada de Davi da arca a Jerusalém. Se algum desses hinos pertence ao tempo de David, é mais provável que esses versículos sejam os citados no Salmo 96 . Tais recitações da história de salvação são recorrentes no Saltério e, sem dúvida, são uma característica permanente da continuação da adoração, em particular em dias especiais e em serviços de renovação de aliança.

1 Dê graças ao SENHOR, ligue para o nome dele,

Conheça suas ações entre os povos!
2 Cante para ele, cante louvores a ele,

Fale sobre todas as suas obras maravilhosas!
3 Glória em seu santo nome;

Deixe os corações daqueles que buscam o Senhor se alegrar!
4 Procure o SENHOR E SUA FORÇA,

Procure sua presença continuamente!
5 Lembre-se das maravilhosas obras que ele fez,

seus milagres e os julgamentos que pronunciou,
6 ó prole de Abraão, seu servo,

filhos de Jacó, seus escolhidos!
7 Ele é o SENHOR nosso Deus;

Seus julgamentos estão em toda a terra.
8 Ele está atento a sua aliança para sempre,

da palavra que ele ordenou, por mil gerações,
9 o pacto que ele fez com Abraão,

sua promessa jurada a Isaac,
10 que ele confirmou a Jacob como um estatuto,

a Israel como uma aliança eterna,
11 dizendo: "A você, eu darei a terra de Canaã

como sua porção para uma herança ".

Essas palavras iniciais do salmo chamam a congregação para o louvor de Javé; então a justificativa de tal elogio é dada; e, finalmente, as pessoas fazem seus elogios. A breve resposta com a qual este hino se fecha não foi mais do que o começo do louvor dos adoradores. Então a chamada soa: os adoradores devem confessar a Javé, invocar o nome dele e deixar os povos saberem o que ele fez. Eles devem cantar para ele e fazer-lhe um elogio e refletir sobre todos os seus atos maravilhosos. Eles devem se orgulhar em seu santo nome, pelo qual e por quê eles são (ver Deuteronômio 12: 5 , 11 ; 14:24 ; 16: 2 , 6 , 11), e eles devem ser alegres de coração ao procurarem o

Senhor. Na verdade, eles são comandados a visitar sua força, a Arca, procurar sua Presença continuamente, ou seja, uma e outra vez na adoração.

Finalmente, eles devem lembrar, isto é, reconhecer o presente benefício de todos os atos maravilhosos que ele realizou, seus poderosos presságios e as decisões justas que ele deu. Pois eles são de fato a descendência de Abraão, seu servo, os filhos de Jacó, e assim o seu povo escolhido. A identificação habilidosa do poeta da congregação com seus pais patriarcais é tanto motivo de louvor quanto antecipação do que ele ainda não disse.

Tendo assim chamado os adoradores para louvar, o poeta prossegue com a sua longa lista de razões para esse louvor. É devido antes de tudo porque Ele é ... nosso Deus. Além disso, suas decisões justas são efetivas em toda a Terra. O mais importante de tudo, ele nunca esqueceu por um momento de sua aliança - sua palavra firme para mil gerações, proferiu primeiro a Abraão (Gênesis 13: 14-17 ; 15: 17-21), jurou novamente a Isaac (Gen 26: 2-5) e confirmado como um compromisso vinculativo com Jacó (Gen. 28: 13-15) - o pacto eterno com Israel. Prometi: A você darei a terra de Canaã, como uma herança medida.

12 Quando eram poucos em número,

de pouca conta e de pessoas nele,
13 vagando de país para país,

de um reino a outro povo,
14 ele não permitiu que ninguém os oprimisse;

ele repreendeu os reis em sua conta,
15 dizendo: "Não toque os meus ungidos,

Os meus profetas não prejudicam! "
16 Quando convocou uma fome na terra,

e quebrou toda a equipe de pão,
17 ele enviou um homem à frente deles,

Joseph, que foi vendido como escravo.
18 Seus pés estavam feridos com grilhões,

Seu pescoço foi colocado em uma gola de ferro;
19 até o que ele disse que aconteceu

A palavra do Senhor o testou.
20 O rei enviou-o e soltou-o,

O governante dos povos o libertou;
21 ele o fez senhor de sua casa,

e governante de todas as suas posses,
22 para instruir seus príncipes em seu prazer,

e ensinar a sabedoria dos mais velhos.
23 Então Israel veio ao Egito;

Jacob permaneceu na terra de Ham.
24 *E o Senhor fez o seu povo muito frutífero,*

e os tornou mais fortes do que seus inimigos.
25 *Ele virou os corações para odiar o seu povo,*

para lidar com astúcia com seus servos.

Assim começa a história do chamado, da libertação e da benção com os pais. O povo de Javé não era mais que um punhado, pouco percebido, e meros turistas na terra, vagando de uma nação a outra, reino a reino. Mesmo assim, ele os protegeu com cuidado, repreendendo até reis em seu favor (Gênesis 12: 10-20 ; 20: 1-3 , 18). Ele ordenou que ninguém toque seu próprio povo, aqui chamou meus ungidos em aparente anacronismo (embora notem Gen. 23: 6 em Heb.) E meus profetas porque eles eram os portadores de sua promessa (embora notem Gen. 20: 7).

Em seguida, vem o relato de José, a fome e o advento de Jacó / Israel no Egito. O Senhor enviou Joseph à frente em preparação para o que estava por vir. A escravidão de José (v. 17), sua prisão (v. 18 , com ferro de perna e colar de ferro como um toque adicional), sua interpretação precisa dos sonhos (v. 19) e sua elevação ao primeiro ministro (v. 20- 21 , com classificação professoral jogada para boa medida) estão todos listados. Nada disso ocorreu por acaso; Tudo foi feito por Deus, uma interpretação também avançou em Gênesis 45: 4-8 . Significativamente, o salmista refere-se à fome, que em Gênesis é o clímax da história, antes de tudo (v. 16); é uma disposição hábil de um quadro de referência para seu ponto central.

Tendo já arrumado o palco, o Senhor chamou assim de fome, rompendo o suprimento de pão dos patriarcas e forçando Israel (Jacó) a se hospedar no Egito (v. 16 , 23). Lá, ele lhes deu muitos filhos, e com o tempo eles se tornaram mais poderosos do que aqueles que haviam maltratado (ver Ex. 1: 7-9). As tensões que fizeram o Êxodo inevitável estavam presentes, e o Senhor providenciou o golpe final, fazendo com que os egípcios odiassem o povo e se enganassem com eles.

26 *Ele enviou a Moisés seu servo,*

e Aarão, a quem ele escolheu.
27 *Eles fizeram seus sinais entre eles,*

e milagres na terra do presunto.
28 *Ele enviou trevas e fez a terra escurecer;*

eles se rebelaram contra suas palavras.
29 *Ele transformou suas águas em sangue,*

e causaram a morte de seus peixes.
30 A *terra deles ardia com sapos,*

mesmo nas câmaras de seus reis.
31 *Ele falou, e vieram enxames de moscas,*

e gnats em todo o país.
32 *Ele os deu granizo pela chuva,*

e relâmpagos que passaram por suas terras.
33 Ele feriu suas videiras e figueiras,

e quebrou as árvores do seu país.
34 Ele falou, e os gafanhotos vieram,

e jovens gafanhotos sem número;
35 que devoraram toda a vegetação em suas terras,

e comi o fruto do chão.
36 Ele feriu todos os primogênitos em suas terras,

a primeira questão de todas as suas forças.

Assim foi o caminho preparado para a chegada de Moisés, e o recital se move ao lado dele e para um relato dos sinais e poderosos presságios, as pragas no Egito, que são também a preocupação de 78: 42-51 . Todos, salvo duas das dez pragas, são mencionados, embora a ordem das pragas aqui, como no Salmo 78 , difere daquela seguida no livro de Êxodo. O salmo atual omite a dizimação do gado egípcio e a praga das feras; O Salmo 78 omite esses dois mais a praga dos mosquitos e a praga da escuridão. Além dessas omissões e da seqüência diferente em que as pragas são mencionadas, o Salmo 105 resume as pragas e seu efeito desastroso sem desvios notáveis da conta do Êxodo.

A intransigência dos egípcios é mencionada apenas uma vez (v. 28 *b*), mas é claramente assumido ao longo de vv. 28-36 . O RSV segue o texto do LXX e do Antigo Testamento siríaco ao omitir o "não" do texto hebraico e a leitura em que se rebelaram. Gunkel (p. 461) sugere a perda de uma consoante a partir do texto e propôs a leitura “e eles não têm respeito por (*w ᵉ shamru lo'*) a sua palavra” para substituir o “e eles não resistiu (*w ᵉ lo' maru*) a sua palavra "do texto tal como está. Seja qual for a leitura original, é claro que toda a conta se baseia no fato de que os egípcios contestaram e ignoram a palavra de Yahweh dada por Moisés e Aarão.

37 Então ele conduziu Israel com prata e ouro,

e não havia nenhuma entre suas tribos que tropeçavam.
38 O Egito ficou feliz quando partiram,

porque o medo deles havia caído sobre ele.
39 Ele espalhou uma nuvem para uma cobertura,

e fogo para dar luz à noite.
40 Eles perguntaram, e ele trouxe as codornas,

e deu-lhes pão do céu em abundância.
41 Ele abriu a rocha, e a água brotou;

Ele atravessou o deserto como um rio.
42 Porque ele se lembrou da sua santa promessa,

e Abraão, seu servo.
43 Então ele conduziu o seu povo com alegria,

seus escolhidos com cantar.
44 E ele lhes deu as terras das nações;

e tomaram posse do fruto do trabalho das pessoas,
45 até o fim que eles deveriam manter seus estatutos,

e observe suas leis.

Louve o Senhor!

Foi assim que o Senhor trouxe o seu povo para fora do Egito, com prata e ouro em mão (ver Ex. 12: 35-36), e com todo aquele que tem certeza de pé. Era uma partida na qual os egípcios estavam alegres, por causa do terror de Israel que havia caído sobre eles. O poeta trata brevemente do período do deserto, referindo-se à coluna da nuvem, que o Senhor espalhou para escondê-los dos egípcios (ver Ex. 14: 19-21em contraste com 13: 21-22); ao pilar do fogo, dar luz à noite; para as codornas e para o maná, para o qual pediram e com os quais os recheou; e para a água da rocha no deserto. O aspecto negativo dessas várias referências, enfatizado em 78: 17-31, aqui é omitido, pois o propósito do poeta é apenas o louvor de Deus. Assim, mais uma vez ele declara, como no v. 8 , que o Senhor manteve sua santa palavra para o seu servo Abraão.

O salmista aproxima o hino com um resumo conciso da beneficência de Javé ao seu povo, começando pelo Êxodo e terminando com o assentamento de Canaã. Pela graça de Javé, Israel tornou-se herdeiro das terras, bem como o fruto da obra dos povos que eles despojaram (ver Deuteronômios 6: 10-11). Mas como tudo estava *no* propósito de Javé, também também era *para* o propósito dele; Era para que seu povo observasse cuidadosamente seus estatutos e respeitasse suas instruções - e, portanto, em uma palavra, seja seu povo.

É aqui, pela primeira vez, que os adoradores são chamados a fazer uma resposta ao magnífico recital que já foi antes. O fato de que as palavras da resposta da congregação não foram preservadas com o salmo provavelmente está relacionado ao fato de que a resposta variou de serviço para serviço, bem como o fato de que atos adicionais e palavras foram feitas em resposta. Este convite final, "Elogie Yah! (*Hallu-Yah* !) "É um recorrente no Saltério, e pode ter sido às vezes uma parte da resposta da congregação.

• A ênfase do Salmo 105 é unicamente em louvor - louvor que resulta em obediência, é verdade, mas principalmente elogio por causa do que Deus fez. É um feito que continua a ser efetivo, tanto por causa da sua natureza consequente como também porque ele nunca volta à sua palavra e, portanto, nunca deixa de fazer. É motivo de louvor, motivo de obediência e razão também para buscá-lo continuamente. Pois é nessa busca que seja descoberto o conhecimento do que é a obediência e também a postura de verdadeiros elogios.

106. Lamentação e confissão do povo de Deus

A estrutura deste salmo é elogio, mas seu conteúdo é lamentação e confissão. Sua substância, como no caso dos Salmos 78 e 105, é o histórico de salvamento. Mas, como o primeiro desses dois salmos, a ênfase é sobre a resposta do homem ao que Deus fez. Assim, o louvor deste salmo é um louvor que não só provém das ações poderosas de Deus, mas também do fato de que Deus continua a amar e entregar seu povo, apesar

do que e como eles são. Então, este poeta traça a história do povo de Deus do Êxodo para o período de assentamento em Canaã. E ele também se maravilha com a forma como Deus trabalhou para trazer tudo isso. Mas com cada grande ação, ele relata a desobediência rebelde ou a pior desobediência de indiferença, hipocrisia e conformidade. Finalmente, só pode haver lamento e confissão, o grito por libertação imerecida.

[1] Louvado seja o SENHOR!

Ó dê graças ao Senhor, porque ele é bom;
Por seu amor constante para sempre!
[2] Quem pode proferir as ações poderosas do SENHOR,

ou mostrar todos os seus elogios?
[3] Bem-aventurados os que observam a justiça,

Quem faz a justiça em todos os momentos!
[4] Lembra-te de mim, ó SENHOR, QUANDO MOSTRARES FAVOR AO TEU POVO;

me ajude quando os entregar;
[5 para] que eu veja a prosperidade dos teus escolhidos,

para me alegrar da alegria da tua nação,
para que eu me glorie com a tua herança.
[6] Tanto nós como nossos pais pecamos;

Nós cometemos iniqüidade, fizemos mal.
[7] Nossos pais, quando estavam no Egito,

não considerou suas obras maravilhosas;
eles não se lembraram da abundância de seu amor firme,
mas se rebelou contra o Altíssimo no Mar Vermelho.
[8] Contudo, ele os salvou pelo amor de seu nome,

para que ele dê a conhecer seu poderoso poder.
[9] Ele repreendeu o Mar Vermelho, e ficou seco;

e ele os conduziu através do fundo como através de um deserto.
[10] Então ele os salvou da mão do inimigo,

e os livrou do poder do inimigo.
[11] E as águas cobriram seus adversários;

nenhum deles foi deixado.
[12] Então eles creram nas suas palavras;

eles cantam seus elogios.

O poeta começa com um apelo ao louvor de Yahweh. A congregação é instada a confessar a Javé, pois ele é bom, porque seu amor imutável é uma benção

permanente. Quem, ele desafia a congregação, pode proferir os poderosos feitos de Javé e "deixar ouvir todo o seu louvor". É tanto um convite ao louvor confessional quanto uma declaração de que ninguém está à altura da tarefa. Então o poeta se volta para uma bem-aventurança daqueles que tentam.

Seguindo esta bem-aventurança, o salmista muda para dois versos para o primeiro pronome pessoal singular, uma mudança que levou a uma variedade de emendas e interpretações sugeridas. Alguns comentaristas consideraram vv. 4 e 5a adição de um escriba piedoso; outros consideraram o uso do pronome singular como um exemplo do "I coletivo", uma explicação que não leva em consideração o fato de que "nós" é usado em todo o restante do salmo. Pode ser sugerido que o uso é a transição do poeta do louvor ao qual ele acabou de chamar a congregação para a confissão e lamentação em que ele está próximo de liderá-los. Os versículos 4 e 5 tornar-se-ão tanto a própria oração do líder do culto como um outro com o qual cada adorador poderia se identificar pessoalmente. Ao mesmo tempo, o caminho é estabelecido para o lamento e a petição a seguir, e com o qual o salmo inteiro está fechado, na v. 47 .

Assim, o poeta pede que seja mantido em mente no favor de Yahweh para o seu povo, e seja cuidado em sua libertação. Então, ele experimentaria o bem desfrutado pelos escolhidos de Javé, se alegraria com a alegria nacional e se orgulharia junto com o resto da possessão especial de Javé, seus eleitos (ver comentário em 33:12).

Tendo sugerido a lamentação a seguir, o salmista se move diretamente para ele com uma declaração de seu tema central em uma confissão que liga os pecados do povo de Deus passado com os pecados do povo de Deus presente, ele mesmo e a congregação igualmente incluída, um e todos juntos.

> *"Nós pecamos, junto com nossos pais.*
>
> *Nós agimos de forma perversa.*
>
> *Somos culpados ".*

É uma confissão abjeta, multiplicando os verbos por ação pecaminosa, não deixando defesa e sem desculpas. É confissão como deve ser, mas raramente é. O poeta e os que adoram com ele estão assim identificados com os pecados dos pais; e o recital que se segue é uma confissão dos pecados da geração presente, bem como daqueles das gerações passadas. Visto contra a contínua e graciosa ação de Deus, eles são os mais terríveis.

Primeiro, deve-se destacar o descontentamento no momento da maior libertação de todos. Seus pais no Egito não aprenderam nada dos atos maravilhosos de Javé, as pragas. Eles não recordaram a extensão do seu amor imutável, e no Mar Vermelho eles se rebelaram. A referência, é claro, é o incidente relacionado no Êxodo 14: 10-12 . A implicação é que as pessoas mereciam ser tomadas pelos egípcios por causa de sua falta de fé. Mas o Senhor os entregou por causa de seu nome (ou por causa de sua Presença - ao qual sua captura teria parecido uma afronta), e para revelar sua força.

Assim, ele falou com dureza ao Mar Vermelho e secou, para que ele pudesse levar o povo através de seus canais mais profundos como se estivessem nas planícies do deserto e livrá-los do poder de seu inimigo que os desprezava. Quanto aos seus adversários, as águas os cobriram; não havia um de seu número. Então, eles ficaram firmes em suas palavras, e eles lustily cantaram seus elogios.

[13] Mas eles logo esqueceram suas obras;

eles não esperaram por seu conselho.
14 *Mas eles tinham um desejo selvagem no deserto,*

e colocar Deus à prova no deserto;
15 *ele deu-lhes o que pediram,*

mas enviou uma doença perdedora entre eles.
16 *Quando os homens no campo estavam com ciúmes de Moisés*

e Arão, o santo do Senhor,
17 *a terra se abriu e engoliu Dathan,*

e cobriu a companhia de Abiram.
18 *O fogo também explodiu em sua companhia;*

A chama queimou os perversos.
19 *Eles fizeram um bezerro em Horeb*

e adorou uma imagem fundida.
20 *Eles trocaram a glória de Deus*

pela imagem de um boi que come grama.
21 *Eles esqueceram Deus, seu Salvador,*

que tinha feito grandes coisas no Egito,
22 *obras maravilhosas na terra do presunto,*

e coisas terríveis pelo Mar Vermelho.
23 *Por isso, ele disse que os destruiria -*

não tinha Moisés, o escolhido,
estava na brecha antes dele,
para afastar sua ira de destruí-los.
24 *Então desprezaram a terra agradável,*

não tendo fé em sua promessa.
25 *Eles murmuraram em suas tendas,*

e não obedeceu a voz do Senhor.
26 *Então levantou a mão e jurou a eles*

que ele os faria cair no deserto,
27 *e dispersaria seus descendentes entre as nações,*

espalhando-os sobre as terras.
28 *Então se prenderam ao Baal de Peor,*

e comeu sacrifícios oferecidos aos mortos;
29 ***eles provocaram o Irmão com raiva de suas*** *ações,*

e houve uma praga entre eles.

30 Então Phinehas levantou-se e interpôs,

e a praga ficou parada.
31 E isso foi contado a ele como justiça

de geração em geração para sempre.
32 Eles o irritaram nas águas de Meribá,

e ficou com Moisés em sua conta;
33 porque fizeram seu espírito amargo,

e ele falou palavras tímidas.

Poder-se-ia pensar que, depois de tal momento, a gente não mais esqueceria, e teria permanecido sem reservas para o próprio Javé. Não é assim, diz o poeta; Muito cedo, eles esqueceram o que ele havia feito. Com esta afirmação, um amplo resumo da desobediência, disputa e idolatria do povo é iniciado. É uma síntese da aberração do povo e do julgamento de Yahweh até o tempo do assentamento em Canaã.

O primeiro mencionado é a luxúria das pessoas por comida que não tinham (ver Números 11: 4-35), apesar da disposição adequada de Yahweh para eles no maná. Ele lhes deu o que desejava, mas puniu-os com uma doença. Então houve a rebelião de Datã e Abiram, os filhos de Eliab, contra a liderança de Moisés e Arão, aqui chamado consagrado de Javé (Números 16: 1-35). Javé abriu a terra para engoli-los e enviou um fogo de purga ao meio dos rebeldes.

Em Horebe, mesmo quando Moisés estava recebendo os mandamentos de Javé, eles esqueceram o Deus que os entregou e fez grandes feitos no Egito, e eles fizeram e se inclinaram em adoração a um bezerro. O poeta não pode esconder o seu desgosto por esse lapso de fé: "Eles trocaram sua Presença por uma semelhança de um touro grasseating!" A referência, é claro, é o episódio do bezerro de ouro, e como o poeta diz, apenas a interposição de Moisés de Ele mesmo na presença de Javé, em nome do povo, os salvou da completa destruição por parte de Javé (Ex 32: 1-35).

Além disso, quando o período das dificuldades do deserto estava praticamente um fim, as pessoas novamente demonstraram a enfermidade de sua fé rejeitando uma terra encantadora, isto é, favorecendo o relatório pessimista da maioria dos espiões enviados para reconhecer Canaã. Para isso, uma atitude equivalente à surdez à voz de Javé, o povo foi condenado por ele até a morte no deserto (Números 13-14). A referência à dispersão da progênie dos murmúveis do deserto é tirada não de Números, mas, aparentemente, da tradição do julgamento de Moisés antes do cruzamento do Jordão, como é registrado pelo Deuteronômio (Deuteronômio 4: 25-31).

Dois outros pecados do período do deserto são mencionados: a devoção das pessoas em adoração ao Baal de Peor em Moab, através do Jordão, de Jericó (Números 25), e a disputa sobre beber água que provocou tanto Moisés (Números 20: 2-13). A referência a comer sacrifícios aos mortos não está na narração dos Números sobre o incidente em Peor, a não ser que o poeta tenha em mente os sacrifícios aos deuses que são inexistentes (nota Números 25: 2). É muito mais provável que a linguagem seja tomada como alusão a um culto dos mortos (cf. Lv 19:28 ; 1 Sam. 28: 8-25).

34 Não destruíram os povos,

como o Senhor lhes ordenou,
35 *mas eles se misturaram com as nações*

e aprendi a fazer o que fizeram.
36 *Eles serviram seus ídolos,*

que se tornou uma ligação para eles.
37 *Eles sacrificaram seus filhos*

e suas filhas para os demônios;
38 *eles derramaram sangue inocente*

o sangue de seus filhos e filhas,
a quem sacrificaram os ídolos de Canaã;
e a terra estava poluída com sangue.
39 *Assim, tornaram-se impuros pelos seus atos,*

e jogaram a prostituição em suas ações.
40 *Então a ira do SENHOR se acendeu contra o seu povo,*

e abominou sua herança;
41 *ele os entregou nas mãos das nações,*

de modo que aqueles que os odiaram governaram sobre eles.
42 *Seus inimigos os oprimiram,*

e eles foram submetidos sob seu poder.
43 *Muitas vezes ele os entregou,*

mas eram rebeldes em seus propósitos,
e foram trazidos por sua iniqüidade.
44 *No entanto, ele considerou sua angústia,*

quando ouviu seu choro.
45 *Ele lembrou por sua causa sua aliança,*

e cedeu de acordo com a abundância de seu amor firme.
46 *Ele causou a sua compaixão*

por todos aqueles que os mantinham prisioneiros.
47 *Salve-nos, ó SENHOR nosso Deus,*

e nos junte de entre as nações,
para agradecer o seu santo nome
e glória no teu louvor.

Durante o assentamento da terra de Canaã, depois de o Senhor ter dado tão milagrosamente a terra e seus habitantes ao povo de Israel, eles continuaram sua desobediência ao não observar os requisitos da Guerra Santa, como o Senhor havia ordenado. Em vez disso, eles se misturaram com os povos sobre eles, aprendendo seus

caminhos, praticando sua idolatria, sacrificando seus próprios filhos, profanando a terra com sangue e prostituindo-se e tornando-se impuro pelo que fizeram. A reticência para colocar os povos conquistados na espada só pode ser classificada como desobediência, porque o Senhor o ordenou; e suas falhas na conquista recebem a explicação Deuteronômica clássica - sua própria pecaminosidade.

Assim, mais uma vez, o Senhor se irritou com eles, e assim ficou assustado com eles. Ele os entregou ao poder dos povos pagãos, entregou-os uma e outra vez, depois os puniu mais uma vez quando se rebelaram. O poeta parece ter em mente o ciclo de indiferença, punição, lamento e libertação religiosa que caracteriza o livro dos juízes. A coisa mais estranha é que Yahweh continuou preocupado. No entanto, ele fez, ouviu seu choro, lembrando seu compromisso com eles e sentindo pena por eles. Na verdade, ele mesmo fez aqueles em cujo poder eles estavam a sentir pena deles.

Esta referência ao persistente respeito de Yahweh pelas suas promessas de aliança, apesar da violação por parte de seu povo de seu próprio compromisso, traz o poeta de volta ao lamento abjeto e direto com o qual ele começou. A libertação que as pessoas precisam não é uma que merecem. É necessário porque eles foram rebeldes e desobedientes. Pode ser solicitado e esperado porque Yahweh é como ele é, e porque ele sempre é assim.

Assim, é a libertação de "Javé, nosso Deus", que é solicitada, e a petição que eles são reunidos dos povos pagãos deve ser entendida no contexto do ciclo de desobediência e opressão que foi mencionado no salmo e não na contexto do Exílio na Babilônia, que não foi mencionado. A libertação é pedida, finalmente, para que eles possam louvar o santo nome de Javé e se orgulhar de seus louvores.

48 Bendito seja o SENHOR Deus de Israel,

de eternidade a eternidade!
E deixe todas as pessoas dizerem: "Amém!"
Louve o Senhor!

O versículo final do Salmo 106 é melhor entendido não como uma parte original do salmo, mas como o verso beneditório do Livro IV do Saltério, que termina aqui. Embora seja possível, como alguns comentaristas sustentaram, que o versículo foi a conclusão do salmo e que o salmo foi estabelecido aqui para que sua conclusão possa, portanto, servir um duplo propósito, essa possibilidade é extremamente remota. Assim, o verso contém uma benção de Javé, o Deus de Israel, de sempre para sempre. Esta benção é seguida pela resposta da congregação, *Amen* - deixe-o ser! - e uma liminar final: "Louve o Senhor!"

• O Salmo 106 não é um salmo tão delicioso como o seu antecessor, pois descreve implacavelmente e com documentação tão inegável a nossa incrível tendência a tomar a nós mesmos, os medos incluídos, mais a sério do que levamos a Deus e suas promessas. Sua crónica da odisseia de desobediência tomada pelos nossos antepassados espirituais é muito facilmente aplicável aos nossos próprios cinco.

É fácil tornar-se tão exercitado sobre a idéia diferente do salmista de que obediência é que evadimos a questão da nossa própria e da privação, da desobediência. Assim, devemos conceder ao salmista seu próprio tempo e sua própria expressão; e então, reconhecendo que o deus de amor abundante e imutável também é nosso Deus, entregue-se à mesma confissão e a lamentação honesta que diz a verdade.

107. Ação de graças pelas liberdades de Deus

O contexto deste salmo é um serviço de ação de graças a Deus, no qual a congregação ouve testemunho de instâncias específicas de seu amor imutável, e se junta em uma rodada de ação de graças, louvor e oferta (ver v. 22). Após uma abertura para o culto, uma série de quatro testemunhos especiais é dada pelo líder do culto, cada um dos quais é fechado por um refrão. Ao serviço da adoração, esses refrões, variados habilmente de acordo com o conteúdo do testemunho que os precede, provavelmente foram cantados pelo coro. O salmo é então terminado com um hino (vv. 33-43) que forma o testemunho conjunto da congregação como um todo e que provavelmente foi cantado pelos adoradores, bem como pelo coro. Seu tema também é o amor imutável de Deus e, em particular, a aplicação desse amor em termos de necessidade.

1 Dê graças ao Senhor, porque ele é bom;

Por seu amor constante para sempre!
2 Que os redimidos do SENHOR O DIGAM,

a quem ele redimiu de problemas
3 e reunidos das terras,

do leste e do oeste,
do norte e do sul.
4 Alguns vagavam pelos resíduos do deserto,

não encontrando caminho para uma cidade para habitar;
5 com fome e sede,

sua alma desmaiou dentro deles.
6 Então clamaram ao SENHOR na sua tribulação,

e ele os livrou de sua angústia;
7 ele os conduziu de maneira direta,

até chegarem a uma cidade para habitar.
8 Deixe-os agradecer ao Senhor por seu amor firme,

por suas maravilhosas obras aos filhos dos homens!
9 Pois ele satisfaz aquele que está com sede,

e com a fome ele se enche de coisas boas.

O poeta começa o salmo com o testemunho de jóias e convoca para adorar que é tão amorosamente recorrente nos hinos de louvor (veja especialmente o Salmo 136). O redimido ou entregue de Javé, aqueles por quem ele fez o dever que ele mesmo cometeu, são chamados a dar este agradecimento. Eles são a congregação e são simbolizados pela congregação - todos os que foram libertados do sofrimento. Ele atuou em muitas terras e as juntou dos quatro pontos da bússola. A referência não é para o

Exílio, mas para a doação ilimitada do amor imutável de Yahweh, sempre que os homens carentes o chamem.

O primeiro grupo a ser destacado é o dos viajantes que se perderam em sua viagem, aqueles que se desviaram no deserto e não conseguiram encontrar o caminho para um assentamento onde pudessem descansar e se refrescar. Famosados e em uma agonia de sede, suas próprias vidas se afastando, gritaram alto a Yahweh em sua angústia. Ele os tirou da situação difícil e colocou-os na estrada certa, de modo que eles chegaram a um lugar onde suas necessidades poderiam ser atendidas

É um testemunho encorajador, e o coro responde com um apelo para que todas essas pessoas dêem graças a Javé pelo amor imutável e por suas ações maravilhosas em nome dos homens comuns (veja o comentário em 4: 2). De fato, o Senhor assusta a sede da vida seca e faz o fife faminto com coisas boas.

10 Alguns se sentaram na escuridão e na escuridão,

prisioneiros em aflição e em ferros,
11 porque se rebelaram contra as palavras de Deus,

e espumou o conselho do Altíssimo.
12 Seus corações foram curvados com trabalho duro;

Eles caíram, sem ninguém para ajudar.
13 Então clamaram ao SENHOR nas suas angústias,

e ele os livrou de sua angústia;
14 ele os tirou da escuridão e da escuridão,

e quebraram suas ligações em pedaços.
15 Deixe-os agradecer ao SENHOR por seu amor firme,

por suas maravilhosas obras aos filhos dos homens!
16 Pois ele quebra as portas do bronze,

e corta em duas as barras de ferro.
17 Alguns estavam doentes por meio de seus caminhos pecaminosos,

e por causa de suas iniqüidades sofreram aflição;
18 eles detestaram qualquer tipo de comida,

e aproximaram-se dos portões da morte.
19 Então clamaram ao SENHOR nas suas angústias,

e ele os livrou de sua angústia;
20 ele enviou sua palavra e os curou,

e os livrou da destruição.
21 Deixe-os agradecer ao SENHOR por seu amor firme,

por suas maravilhosas obras aos filhos dos homens!
22 E que ofereçam sacrifícios de ação de graças,

e conte de suas ações em canções de alegria!

Mencionados a seguir são aqueles que foram miservelmente encadernados em prisões escuras. Seu sofrimento, é verdade, foi o resultado de sua rejeição do conselho do Altíssimo. Mas, mesmo assim, eles foram abatidos de coração pelo seu sofrimento, no ponto de cair e com ninguém para ajudar. Eles também imploraram a Javé, e ele os entregou, tirando-os da escuridão e das sombras profundas e atingindo seus laços.

Mais uma vez, o coro responde, repetindo o refrão do v. 8 e acrescentando: "Porque ele quebra as portas de bronze em pedaços e derruba barras de ferro!" Em uma palavra, nenhuma prisão de homem pode resistir ao seu poder.

O terceiro exemplo citado pelo salmista é o daqueles cujos caminhos pecaminosos demonstraram ser tolos ("doente" é uma conjectura desnecessária da LXX) e que sofreram como resultado de suas perversidades. Eles ficaram tão incomodados com o que eles fizeram que não podiam comer, e eles estavam se trazendo até os próprios portões da morte. Então imploraram a Javé, e ele enviou sua palavra e os curou. A palavra aqui é mais do que apenas o comando de cura de Yahweh; É praticamente o seu emissário, enviado para cumprir seu propósito (ver 147: 15 , 18 , Isaías 55: 10-11). É neste caso, entre outras coisas, a palavra de perdão, que liberta os sofredores de sua depressão esmagadora.

Assim, novamente, o coro canta o chamado para a ação de graças (v. 8 , 15), adicionando desta vez, que ofereçam sacrifícios de ação de graças e contam seus atos em canções de alegria! É o único pedido de ofertas de agradecimento no salmo, mas não é improvável que, na conclusão de tal liturgia de ação de graças, todos os adoradores tenham feito ofertas de agradecimento.

23 Alguns desciam para o mar em navios,

fazendo negócios nas grandes águas;
24 eles viram as ações do Senhor,

seus trabalhos maravilhosos no fundo.
25 Porque ele ordenou, e levantou o vento tempestuoso,

que levantou as ondas do mar.
26 Subiram ao céu, desceram até as profundezas;

sua coragem se derreteu em sua má situação;
27 eles se afundaram e cambalearam como homens bêbados,

e estavam no final de sua inteligência.
28 Então clamaram ao SENHOR NA sua angústia;

e ele os livrou de sua angústia;
29 ele fez a tempestade ficar quieto,

e as ondas do mar foram silenciadas.
30 Então ficaram felizes porque ficaram calados,

e ele os trouxe para o seu destino desejado.
31 Deixe-os agradecer ao Senhor por seu amor firme,

por suas maravilhosas obras aos filhos dos homens!
32 *Que eles o exaltem na congregação do povo,*

e louve-o na assembléia dos anciãos.

O último testemunho de libertação diz respeito a marinheiros que escaparam por pouco do naufrágio e uma cova aquosa. O poeta relaciona sua história com uma brevidade dramática. Eles embarcaram para discutir seus grandes oceanos. Lá eles viram, como todos os marinheiros que viram, desde então, as obras de Javé, suas obras maravilhosas no poderoso abismo. Yahweh falou e despertou um vento de furacão que levantou as ondas do mar. À mercê dessas ondas ondulantes, os marinheiros se ergueram até o céu, depois caíram até as profundezas do mar. Suas próprias vidas tremiam diante do perigo. Eles estavam cambaleando e se afundiam de um lado para o outro na plataforma de lançamento como se estivessem bêbados. Toda a sua presença de espírito os deixou; eles estavam em pânico. Eles gritaram em voz alta para Yahweh. Ele acalmou o furacão para um sussurro, e as ondas ficaram em silêncio.

Então, uma quarta vez, o coro canta a mesma chamada de resposta para a ação de graças (como em 21 , 15 , 8), chamando esses homens também para exaltar o Senhor na congregação do povo e louvá-lo na reunião dos velhos sábios .

33 *Ele transforma os rios em um deserto,*

nascentes de água em terra sedenta,
34 *uma terra frutífera em um lixo salgado,*

por causa da perversidade de seus habitantes.
35 *Ele transforma um deserto em piscinas de água,*

uma terra seca em fontes de água.
36 *E lá, ele deixa morar a fome,*

e eles estabelecem uma cidade para viver;
37 *eles semeiam campos e plantaram vinhas,*

e obter um rendimento frutífero.
38 *Por sua benção, eles se multiplicam grandemente;*

e ele não deixa o gado diminuir.
39 *Quando são diminuídos e reduzidos*

através da opressão, do problema e da tristeza,
40 *ele derrama desprezo sobre os príncipes*

e os faz vagar em resíduos sem trilhas;
41, *mas ele levanta o necessitado por aflição,*

e faz suas famílias como rebanhos.
42 *O direito vê-lo e está feliz;*

e toda maldade pára sua boca.
43 *Quem é sábio, que ele preste atenção a estas coisas;*

Deixe os homens considerarem o amor constante do Senhor.

Após a resposta coral ao quarto testemunho, toda a assembléia de adoradores se junta a um hino de ação de graças pelo imutável amor de Yahweh. É um amor cujas beneficências são tipificadas, mas de modo algum abrangidas, pelos quatro exemplos citados. É um amor dirigido à necessidade, não ao mérito, e exercido de acordo com o propósito divino.

Assim, o Senhor é exaltado como aquele que faz um rio pousar em um deserto, um oásis em uma duna de areia, um campo frutífero em um plano de sal devido à perversidade daqueles que habitam nela. Por meio de token, ele faz um deserto em um lugar de nascentes, uma planície seca em um oásis. Ele faz com que aqueles que estão famintos vivam em tal lugar; Eles estabelecem uma cidade para habitar. Eles semeiam os campos e plantaram vinhas e, consequentemente, fazem uma safra generosa. Ele os abençoa e eles se tornam muitos. E ele não permite que seus animais cresçam menos em número.

Quando são recuados e deprimidos devido à opressão, ao mal e ao sofrimento, é temporário. Yahweh derrama desprezo sobre os príncipes que perpetram tal sofrimento e os envia se mexendo em uma desolação sem rumo. Ele deixa os indigentes protegidos dos maus tratos e estabelece suas famílias como um bando é estabelecido - através do dom da progênie. Aqueles que são diretos, os membros da família da aliança de Javé, vêem isso e se alegram com isso. Toda a intenção de desonestidade só pode fechar a boca.

A verdade estabelecida é, de fato, a comida para o pensamento, e o hino é concluído com um convite para aqueles que são sábios para prestar atenção a essas coisas e pensar com percepção sobre o amor imutável de Yahweh. É um convite tanto quanto da congregação.

• Com a habilidade de organizar exemplos e sua aplicação, o poeta do Salmo 107 fornece a sua congregação mais um testemunho do tema que os salmistas nunca se cansaram: o amor imutável de Deus que persiste apesar de tudo, incluindo o pecado do homem. Em salmos como 78 e 106, esse amor é louvado pelo exemplo da existência nacional. Aqui, é louvado por exemplos de sua manifestação para indivíduos. Os poetas do Saltério estavam convencidos de que nunca tinham encurralado sua profundidade, representado seu escopo ou descrito adequadamente sua natureza. Eles não podiam explicá-lo, pois só pode ser experimentado, não explicado. A experiência deste amor, como indivíduos e como nação, levou a sua música magnífica e contínua. E a canção persiste, como a necessidade, porque o amor ainda é imutável, ainda não medido, mais do que nunca imerecido; mas sempre disponível.

108. Louvado ao amor imutável de Deus

O Salmo 108 é um composto, preparado para um propósito especial a partir de duas seções tiradas de outros salmos. Os versículos 1-5 são feitos sem alteração substancial de 57: 7-11 . Os versículos 6-13 são tomados, com apenas uma mudança, de 60: 5-12 - a exclusão do enfático "você" na v. 10. Apenas por que ou quando essa combinação foi feita, não é possível dizer. O título dado ao Salmo 108 indica que foi transmitido na

coleção davídica, e é uma suposição razoável que se originou dentro da tradição davídica.

Uma canção. Um salmo de David.
[1] Meu coração é firme, ó Deus,

meu coração é firme!
Eu vou cantar e fazer melodia!
Desperte minha alma!
[2] Awake, O harpa e lira!

Eu vou acordar o amanhecer!
[3] Eu darei graças a ti, ó SENHOR, ENTRE os povos,

Eu cantarei louvores a você entre as nações.
[4] Porque o seu amor firme é ótimo acima dos céus,

A sua fidelidade atinge as nuvens.
[5] Seja exaltado, ó Deus, acima dos céus!

Deixe a sua glória sobre toda a terra!
[6] Para que o vosso amado seja entregue,

Dê ajuda pela sua mão direita e me responda!
[7] Deus prometeu no seu santuário:

"Com exultação dividirei Shechem,
e reparte o Vale de Succoth.
[8] Gilead é meu; Manasseh é meu;

Efraim é meu capacete;
Judá meu cetro.
[9] Moab é o meu lavatório;

Em Edom, eu lancei meu sapato;
Sobre a filisteia, gritei em triunfo ".
[10] Quem me levará para a cidade fortificada?

Quem me levará a Edom?
[11] Não nos rejeitou, ó Deus?

Você não vai, ó Deus, com os nossos exércitos.
[12] Ó conceda-nos ajuda contra o inimigo,

Por inútil é a ajuda do homem!
[13] Com Deus, devemos fazer valer;

É ele quem pisará nossos inimigos.

Como o salmo é praticamente uma citação de linhas dos dois salmos mencionados, pode-se fazer referência ao comentário acima. O RSV inexplicavelmente

torna *Dibber* no v. 7 prometido; em 60: 6 , falou exatamente a mesma palavra hebraica, e essa é a tradução correta.

A combinação aqui de confissão pessoal e louvor com um oráculo de Deus e uma petição e confissão real sugere que a compilação foi para o uso do rei em algum período de crise política e militar. O que foi originalmente uma oração de louvor individual para a libertação (v. 1-5) torna-se assim, em combinação com um oráculo de soberania (v. 7-9) e um apelo para a presença da Presença de Deus (v. 6 , 10- 13), uma promessa real e, portanto, nacional de louvor pela ajuda dada.

109. Uma oração irritada pela libertação de Deus

Este salmo da coleção davídica contém a seqüência mais abrangente e imaginativa da vituperação no Saltério. É, como os Salmos 35 , 55 e 59 , a oração de um homem irritado, um homem que sofre perseguição injusta daqueles de quem esperava um melhor tratamento. Como esses salmos, deve ser entendido dentro de seu próprio contexto.
A razão para o ataque ao salmista, como também é a sua natureza exata, não é indicada no salmo. Que isso envolveu a difamação e que foi muito vicioso sair com clareza suficiente, e que seu efeito foi devastador para o poeta é claro tanto pelo conteúdo quanto pela fúria de sua língua.

Ao maestro do coro: um salmo de David.
1 Não fique em silêncio, ó Deus do meu louvor!

2 Pois as lágrimas e enganosas são abertas contra mim,

falando contra mim com línguas mentirosas.
3 Eles me assediam com palavras de ódio,

e me ataque sem causa.
4 Em troca do meu amor, eles me acusam,

mesmo quando faço oração por eles.
5 Então eles me recompensam o mal para sempre,

e ódio pelo meu amor.
6 Nomeie um homem perverso contra ele;

Deixe um acusador levá-lo a julgamento.
7 Quando ele for julgado, que ele venha culpado;

Que a sua oração seja contada como pecado!
8 Seus dias sejam poucos;

outro aproveite seus bens!
9 Seus filhos são órfãos,

e sua esposa uma viúva!
10 Os seus filhos vagam e imploram;

Que eles sejam expulsos das ruínas que habitam!
11 O credor aproveita tudo o que ele tem;

Que estranhos saqueiem os frutos do seu trabalho!
12 Não haja ninguém para lhe dar bondade,

nem qualquer pena de seus filhos órfãos!
13 de maio, sua posteridade seja interrompida;

Que o nome dele seja apagado na segunda geração!
14 Que a iniqüidade de seus pais seja lembrada perante o Senhor,

e não deixe o pecado de sua mãe ser apagado!
15 Que sejam perante o Senhor continuamente;

e que sua memória seja cortada da terra!
16 Pois ele não lembrou de mostrar bondade,

mas perseguiu os pobres e necessitados
e os quebrantados de coração à sua morte.
17 Ele amava a maldição; Deixe maldições vir sobre ele!

Ele não gostava de benção; Pode estar longe dele!
18 Ele vestiu-se de maldição como casaco,

Pode mergulhar em seu corpo como água,
como óleo em seus ossos!
19 Que seja como uma peça de vestuário que ele envolve em volta dele,

como um cinto com o qual ele se cingiu no dia a dia!
20 Que esta seja a recompensa dos meus acusadores do Senhor,

daqueles que falam mal contra a minha vida!

O poeta abre sua oração com um pedido a Deus e uma declaração de sua situação. Ele precisa do Deus a quem ele lança para quebrar o silêncio, isto é, falar em seu favor, porque as bocas pervas e mentirosas estão abalando contra ele, atirando-o com línguas enganosas. Eles o cercaram com palavras odiosas, declararam-lhe guerra sem motivo. Embora os tenha amado, eles o trataram como um inimigo. Ele ofereceu oração por eles, mas eles colocaram sofrimento sobre ele em troca do bem, e odeiam em troca. **...** amor.

Com v. 6 há uma mudança do plural para o pronome singular, e o poeta começa a se referir a ele em vez de eles. Essa mudança ocasionou comentários consideráveis e uma série de explicações. Em geral, os comentaristas seguiram Hans Schmidt na sugestão de que vv. 6-20 são a recapitulação do salmista das maldições que lhe foram lançadas; ou eles consideraram que as maldições são do salmista, dirigidas a cada um de seus atacantes ou ao seu líder, representando todos eles.

É improvável que o salmista descreva o ataque de seus inimigos; se ele pretendesse fazê-lo, poderia ter esperado ter dito isso e ter procedido um pouco diferente (ver, por exemplo, Salmos 17 e 35). É, antes, a segunda alternativa, a mais razoável, a saber, que

o salmista está denunciando maldições sobre um único indivíduo que de alguma maneira personifica ou representa todos os que o abusaram (ver 41: 9 e

55: 9-23).

A sequência de maldições direcionadas a este indivíduo e, portanto, às associadas a ele, é tão profunda quanto amarga. O salmista pede que um ímpio seja nomeado superior, que seu "homem da mão direita" seja um adversário. O versículo 6 também pode ser tomado para se referir a um advogado de defesa tortuoso e a um testemunho principal hostil; Essa representação se encaixa bem na segunda maldição, que uma decisão de culpa seja feita contra ele e que qualquer pedido que ele faça seja auto-incriminatório.

À medida que as maldições prosseguem, é claro que o poeta está apenas aquecendo sua tarefa. Ele pede que os dias do seu inimigo sejam apenas alguns; que outra pessoa aproveite o dinheiro e as posses; que seus filhos se tornem órfãos, sua esposa uma viúva; que seus filhos vagavam desesperadamente por implorar, escolhendo seus próprios lixo; que o empréstimo de tubarão anexa tudo o que ele possui e que os estrangeiros roubam seu dinheiro.

Ele reza para que ninguém esteja por perto para mostrar-lhe qualquer gentileza ou, quando ele se foi, alguma compaixão por seus órfãos; que mesmo essa progênie sofrida e negligenciada seja interrompida para a segunda geração; que a perversidade de seus pais diante dele seja trazida à atenção de Javé, que o pecado de sua mãe seja um assunto de registro permanente, e que tudo isso seja constantemente atraído para a atenção de Javé, para que ele destrua a própria lembrança deles (não o seu , como RSV, mas todo vestígio da família de seu inimigo).

Conscientes sem dúvida da gravidade de tal acumulação de maldições, o poeta se transforma brevemente em sua justificativa. Este adversário por quem ele tem tanto desprezo nunca se lembrou de fazer uma ação gentil; Ele perseguiu os oprimidos, os indigentes e os quebrantados de coração. Ele tinha grande carinho por uma maldição, e não era útil para uma benção - traga-lhe o primeiro, e retire o outro longe dele! Como ele costumava usar uma maldição como um casaco, deixe uma maldição se tornar como a umidade de seu corpo, a medula dos ossos dele; isto é, muito parte de sua existência: como a roupa com a qual ele se veste, como o cinto que o cinge diariamente.

Neste ponto, o salmista muda novamente para os pronomes plurais e indica a aplicação de tudo o que aconteceu antes a todos os seus adversários pelas palavras, que esta seja a recompensa de meus acusadores.

21 Mas tu, ó DEUS, meu Senhor,

negocie em meu nome pelo amor de seu nome;

Porque o amor firme é bom, entregue-me!
22 Pois sou pobre e carente,

e meu coração está atingido dentro de mim.
23 Eu fui embora, como uma sombra à noite;

Estou abalado como um gafanhoto.
24 Os meus joelhos são fracos através do jejum;

meu corpo tornou-se magro.

[25] Eu sou um objeto de desprezo para os meus acusadores;

Quando eles me vêem, eles abanam a cabeça.
[26] Ajude-me, ó SENHOR, meu Deus!

Salve-me de acordo com o seu amor firme.
[27] Deixe-os saber que esta é a sua mão;

Tu, ó SENHOR, FIZESTE ISSO!
[28] Deixe-os curar, mas você abençoa!

Deixe meus agressores serem envergonhados; Que o teu servo se alegre!
[29] Os meus acusadores estão vestidos de desonra;

Que eles sejam embrulhados em sua própria vergonha como em um manto!
[30] Com a minha boca, darei grandes agradecimentos ao Senhor;

Eu o louvarei no meio da multidão.
[31] Pois ele está à direita do necessitado,

para salvá-lo daqueles que o condenam à morte.

Com o fim de uma recitação tão virulenta, a ira do poeta é dissipada. Seu esgotamento emocional é aparente quando ele finalmente vem lamentar mais diretamente sua própria situação. Ele reza para que o Senhor aja por ele por causa do nome dele. Como em tantos casos nos Salmos, há medo de que a continuação do sofrimento de um dos próprios filhos de Javé traga desprezo ao próprio Javé. Assim, ele é pedido para a libertação, e também por causa da bondade de seu amor.

O poeta confessa que ele é oprimido e destituído e ferido de coração. Como uma sombra minguante ele está falhando; ele pode ser escovado como um gafanhoto. Ele é fraco-joelho e magro do quadro do jejum. Ele se tornou uma piada bruta para seus adversários; Eles dão um olhar para ele e acenam com a cabeça conscientemente.

Então ele chora pela ajuda e libertação de Yahweh. E, novamente, ele é impelido a gritar contra seus inimigos. Ele quer que seja esclarecido para eles que Yahweh é responsável pela libertação pelo qual ele reza. Enquanto eles continuam amaldiçoados, ele pede a Yahweh que continue a receber bênção. Com a certeza de que eles se levantam, o poeta reza para que eles sejam envergonhados e que ele, o servo de Javé, seja alegre. Ele anseia por seus adversários serem envergonhados como em uma roupa envolvente.

Os versículos finais do salmo representam tanto a promessa do poeta quanto a resposta à sua oração, bem como a sua declaração de confiança de que uma resposta é certa. Assim promete a confissão entusiástica de Yahweh e louve-o em companhia da congregação completa. E, portanto, ele afirma que sua libertação é praticamente alcançada.

• Este salmo, como os outros lamentos malditos do Saltério, pode ser entendido corretamente apenas se as maldições forem levadas a sério. Acredita-se que a maldição tenha uma eficácia própria. Nunca foi pronunciado levemente, mas sempre com as mais sérias expectativas. É verdade, como muitas vezes foi apontado, que os servos de Javé acreditavam que seus adversários eram seus adversários e que eles estavam muitas

vezes preocupados com a reputação de Javé quanto ao seu próprio destino. Somente quando esses fatos são levados em consideração, os salmos da maldição podem ser entendidos, em seus próprios termos.

Mas esses salmos também revelam a humanidade - e junto com ela, o espírito médio, vingativo, autodefensivo e auto-aprovado de que todos nós temos uma medida muito grande. Esses salmos foram escritos por homens honestos, e precisamos lê-los com honestidade, não escolher o que pensamos digno e deplorar o resto, mas reconhecendo que nós também sentimos esses poetas com demasiada frequência. Precisamos imitar a fé, com certeza, mas também a sua simples honestidade. Pois talvez nunca possamos amar nossos inimigos até que possamos admitir a nós mesmos, e ao mundo, quão fácil é maldizê-los.

110. Palavra de Deus ao seu rei e sacerdote

Este salmo real do hinário davídico é difícil em texto e ainda mais difícil de interpretar. Que se baseie em um dos capítulos mais cheios de problemas no livro do Gênesis e que é tão freqüentemente citado no Novo Testamento não alivia de modo algum essa dificuldade; Se alguma coisa, esses usos adicionam ainda mais problemas. Uma pesquisa das observações dedicadas a este breve salmo nos comentários e na literatura periódica revelará rapidamente não só que os estudiosos estão longe de chegar a acordo, mas também que a gama de suas propostas é muito extensa. No entanto, apesar das dificuldades de texto e aplicação, há algumas sugestões pertinentes ao Salmo 110 sobre as quais pode haver uma certeza razoável. Primeiro, é um salmo que, como Salmos 2 , 18 ,20, 21 , 45 , 72 , 89 , 101 e 132 , diz respeito à casa real de David. Como tal, teria sido usado na adoração em Jerusalém, em repetidas ocasiões, em relação a cerimônias envolvendo um dos reis davídicos. É provável que o salmo esteja relacionado à coroação do rei. Em segundo lugar, o salmo contém, em sequência, dois oráculos de Yahweh. O primeiro tem a ver com a autoridade do rei, que é garantida por Yahweh; O segundo, com o papel sacerdotal do rei, também garantido por Yahweh. Em terceiro lugar, cada oráculo é seguido por palavras de segurança para o rei.

Um salmo de David.
[1] O SENHOR DIZ AO MEU SENHOR:

"Sente-se na minha mão direita,
até que eu faça seus inimigos
seu escabelo de pés ".
[2] O SENHOR envia de Zion

seu poderoso cetro.
Regra no meio de seus inimigos!
[3] Seu povo se oferecerá livremente

no dia em que você dirige o seu anfitrião

sobre as montanhas sagradas.

Do útero da manhã

Como o orvalho, sua juventude virá até você.

Que o salmista foi um profeta de culto está fortemente sugerido pela citação direta das palavras de Yahweh e o uso em v 1. Do oráculo-introdução tão recorrente entre os profetas, *n e' hum Senhor* , "murmúrio de Javé" (ver comentário sobre 36: 1). É um sussurro dirigido a meu senhor, o endereço respeitoso do poeta ao rei, a quem o Senhor diz: "Sente-se com confiança na minha mão direita, enquanto eu coloco seus inimigos debaixo de seus pés por um abatido". É uma declaração do rei autoridade incontestável (cf. 2: 1-9).

O salmista em seguida se dirige ao rei em suas próprias palavras, dando garantia com base no oráculo. Javé, ele declara, enviará esticamento de Sião, o lugar de sua Presença especial, seu poderoso cetro, a garantia da autoridade do rei. Seu conselho para o rei é, portanto, bem fundamentado, e ele coloca diretamente: "Regra, apesar da proximidade de seus inimigos".

Ele pode ter certeza do apoio de seus assuntos. Seu povo se dará espontaneamente no dia da sua adoção, no esplendor de sua consagração. O versículo 3 é difícil de traduzir como transmitido no texto, e todos os tradutores devem recorrer à emendação, em quantidades variáveis. A *cheleka* hebraica foi completamente alterada pelo RSV para lê-lo liderar; seu host foi adicionado ao texto. Uma emenda menos violenta (ver Bardtke, BHS 3 *b*), *cholalka* , dá a leitura sugerida acima. Nesta visão, a palavra em questão refere-se ao "nascimento" do governante davídico como rei no dia da sua coroação e entronização. É um conceito paralelo de 2: 7e apoiado pela seguinte frase, que foi emitida pelo RSV após os fragmentos de Geniza e as traduções de Symmachus e Jerome, mas que, de acordo com a interpretação sugerida aqui, pode ser representada como está, sem emendação.

A frase final de v. 3 é a mais difícil de todo o salmo, em parte por causa de um texto problemático, mas também porque sua alusão é obscura. A referência é, aparentemente, para o presente de Javé de juventude e vigor para o rei, que é dito ser como "orvalho do útero do amanhecer corado". Esse orvalho vem mais abundantemente na Palestina nos meses mais secos, quando é mais necessário. Esta imagem e também o conceito do orvalho de Yahweh como o "orvalho da luz" (Isaías 26:19) parecem ter estado na mente dos salmistas. Observe também o Salmo 72: 5-6 , 15 .

4 O SENHOR jurou

e não mudará de idéia,

"Você é um sacerdote para sempre

depois da ordem de Melquisedeque ".

5 O Senhor está à sua direita;

Ele quebrará os reis no dia da sua ira.

6 Ele executará o julgamento entre as nações,

enchendo-os de cadáveres;

ele quebrará chefes

sobre a terra larga.
[7] A *propósito, ele tomará do ribeiro;*

então ele levantará a cabeça.

O segundo oráculo de Javé é apresentado com as palavras: "Javé jurou juramento, e ele não voltará em sua palavra." O que ele jurou tem a ver com a importância do rei no culto: você é sacerdote para sempre depois da ordem de Melquisedeque.

A referência, é claro, é para o "rei de Salem", que também foi sacerdote de *El Elyon* , o Deus Altíssimo (Gênesis 14:18) no dia de Abraão. Não é improvável que este salmista, como o poeta de 76: 2, pensou em Salem como um antigo nome de Jerusalém e de Melquisedeque, portanto, como uma espécie de precursor dos reis davídicos. O ponto do oráculo é suficientemente claro. É uma autenticação do que foi a prática da monarquia nos primeiros anos do reinado em Jerusalém; O rei era o principal membro da hierarquia sacerdotal. Como o ungido de Javé e filho adotivo, ele era o único representante mais importante de Javé para o povo e para o povo para o Senhor. Nos últimos anos da monarquia, a crescente preocupação do rei com os assuntos de estado e a luta tranquila pelo sacerdócio pelo poder veio a alterar este acordo.

O segundo discurso de segurança do profeta deve ser entendido como se aplicando a toda a posição do rei, e não apenas ao seu papel dentro do culto. Lembrou-se de que o Senhor está à sua direita (v. 1) e que ele esmagou reis no dia da sua ira, é quando tentaram a ruína do seu ungido. Além disso, ele vai punir as nações pagãs, fazê-las transbordar com cadáveres e esmagar seus líderes em uma ampla área.

O versículo final do salmo é suficientemente claro no texto, mas bastante obscuro em alusão. Foi proposto que se refere a Javé, refrescando-se no meio de sua obra de juízo; ao rei, bebendo um rascunho simbólico de uma fonte sagrada ou fazendo uma pausa para extinguir sua sede durante uma pausa na batalha; ou que o verso está mal colocado (ver Gunkel, p. 481) ou incompleto. Não há razão para que o versículo não se refira a Yahweh, mas é fragmentário ou representa uma imagem ou um ato que agora é obscuro.

• Não é difícil ver como este salmo captou a imaginação dos escritores do Novo Testamento, onde é citado três vezes e provavelmente aludiu a pelo menos uma dúzia de vezes adicionais. O autor da carta aos hebreus encontrou uma nota de pé natural para o seu argumento para o sacerdócio abrangente de Cristo, a quem ele declarou estar na mesma sucessão aplicada pelo salmista aos reis davídicos. Não é necessário nem apropriado discutir aqui a exegese deste salmo ou Gênesis 14 na carta aos hebreus, mais do que a citação de nosso Senhor de v. 1 (isto é, Mt 22:44) pode ser dito ter qualquer significado para a compreensão do contexto e significado original do salmo (ver Kirkpatrick, pp. 661-663).

O ponto do salmo é que Deus criou um rei e o sustentará. O ponto da referência a Gênesis 14 é que o rei é completamente rei, que sua autoridade não está fragmentada. E o ponto das referências do Novo Testamento ao Salmo 110 e ao Gênesis 14 é que um rei não menos completo e, de qualquer maneira, superior alcançou os reis da linha de Davi em Jerusalém.

111. Um testemunho hymnic a Deus

O Salmo 111 é um acrostico alfabético habilmente composto, cujo objeto é o louvor de Deus pelo que ele é e pelo que ele faz. Este tema é anunciado por um chamado de início para louvar e desenvolver por 22 linhas em hebraico, cada uma das quais começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. Este salmo foi composto para uso de um indivíduo que desejava dar um testemunho agradecido de Deus à congregação de adoração.

[1] Louvado seja o Senhor.

Eu darei graças ao Senhor com todo o meu coração,
na companhia dos justos, na congregação.
[2] Ótimas são as obras do Senhor,

estudado por todos os que têm prazer neles.
[3] Cheio de honra e majestade é o seu trabalho,

e a sua justiça dura para sempre.
[4] Ele fez lembrar suas maravilhosas obras;

O Senhor é gracioso e misericordioso.
[5] Ele fornece comida para aqueles que o temem;

Ele sempre está atento a sua aliança.
[6] Ele mostrou a seu povo o poder de suas obras,

ao dar-lhes a herança das nações.
[7] As obras de suas mãos são fiéis e justas;

todos os seus preceitos são confiáveis,
[8] eles estão estabelecidos para sempre e sempre,

para ser realizado com fidelidade e retidão.
[9] Ele enviou a redenção ao seu povo;

Ele ordenou seu pacto para sempre.
Santo e terrível é o nome dele!
[10] O medo do SENHOR É o princípio da sabedoria;

Um bom entendimento tem todos aqueles que o praticam.
Seu louvor dura para sempre!

O poeta abre o salmo com um apelo à congregação inteira para louvar a Javé. Eles devem fazê-lo, dando atenção ao testemunho a seguir, e talvez além do testemunho por suas próprias confissões e presentes. O adorador declara sua intenção de confessar a Javé com todo o seu coração (ou mente), na reunião dos justos, aqueles que seguem a Javé, a congregação.

Ele começa sua confissão sem demora. As ações de Yahweh são ótimas, uma fonte de inquérito delicioso. O que ele faz é esplêndido e glorioso. Sua justiça persiste para sempre. A lembrança cria suas ações milagrosas - eles literalmente acontecem

novamente na lembrança, por sua eficácia persistente (ver Ex. 12:17 ; 15: 1-18 , Judg. 5: 3-31). O Senhor é gracioso e compassivo, e o que ele faz para os homens dura.

O Senhor alimenta os que têm reverência por ele e sempre se lembra das suas obrigações de pacto. Ele explicou ao seu povo a força de sua atividade, dando-lhes o legado da terra das nações pagãs. Suas mãos trabalham na verdade e na justiça; Todos os seus preceitos, ou ordens, são finais, apoiados para sempre e eternamente, executados em verdade e honestidade. Ele enviou libertação ao seu povo. Ele estabeleceu sua aliança para sempre. Seu nome (ou Presença, veja o comentário em 8: 1) é sagrado e impressionante.

Uma lista impressionante, sua abrangência é simbolizada pelo fato de que o poeta veio quase através do alfabeto em sua sequência acrostica. Assim, ele usa suas três linhas finais para aplicar o que ele disse e reforçar seu chamado para louvar. O ponto bebedor da sabedoria é reverência por Deus como o Senhor (Provérbios 1: 7 ; 9:10); Todos os que praticam seus preceitos mostram uma boa visão. O louvor por tal persistirá para sempre.

• A exuberância deste poeta e seu entusiasmo por seu tema transcende bem a forma de seu poema. Longe de se perder em uma recitação sem sentido de crença, muito familiar para ter significado, este salmista é impulsionado positivamente por fatos tão amplos quanto o mundo e ainda tão particular quanto sua própria vida e necessidade. Assim, a lembrança dos feitos milagrosos de Deus os cria para ele; pois ele era sábio o suficiente para ver a persistência desses atos e a persistência do Doer também. Ele podia sentir sua aplicação tanto para ele quanto para o seu povo.

É um sentido - usar as palavras deste salmista, uma reverência - que o povo de Deus precisa em cada momento para entender. Isto é o que nosso Senhor deve ter em mente quando disse: "Faça isso em memória de mim" (Lucas 22:20). E o poeta não poderia ter estado mais certo, então ou agora - o seu louvor persiste para sempre.

112. Um Testemunho Hymnic de Wise Mans

Este salmo está definido no mesmo padrão acrostico que o Salmo 111 , é composto tão habilmente, e é desenvolvido em linhas semelhantes. Essas semelhanças, além do fato de que este salmo começa e desenvolve o tema que encerrou o salmo anterior, levaram à sugestão de que os dois salmos são de um único autor. Isso deve permanecer apenas uma sugestão por falta de evidências mais definitivas, mas certamente é plausível. Como o Salmo 111 louve a Deus pelo que ele é e faz, e fecha-se com a sugestão lógica de que é sábio reverenciar tal Deus, então este salmo, começando por esse mesmo ponto, é uma espécie de bem-aventurança do homem que o faz reverenciar Deus; e ele lista os benefícios que ele experimentará a partir daí.

[1] Louvado seja o SENHOR .

Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR,
que se deleita muito em seus mandamentos!
[2] Os seus descendentes serão poderosos na terra;
a geração dos direitos será abençoada.
[3] A riqueza e as riquezas estão em sua casa;

e a sua justiça dura para sempre.
4 A luz nasce na escuridão para os retos;

O SENHOR é gracioso, misericordioso e justo.
5 É bom com o homem que lida generosamente e empresta,

que conduz seus assuntos com justiça.
6 Pois os justos nunca serão movidos;

Ele será lembrado para sempre.
7 Ele não tem medo de maldades;

Seu coração é firme, confiando no Senhor.
8 Seu coração está firme, ele não terá medo,

até ver seu desejo em seus adversários.
9 Ele distribuiu livremente, deu aos pobres;

Sua justiça dura para sempre;

Seu chifre é exaltado em honra.
10 O ímpio vê isso e está irritado;

ele croce os dentes e derrete-se;

o desejo do ímpio não dá nada.

Como o Salmo 111 , este poema abre com um apelo à congregação para louvar a Javé. Esta chamada está fora do padrão acrostico, e é uma introdução e uma atenção-getter. O poema acróstico que segue dá razões para o louvor de Javé.

O salmista começa o hino próprio com as palavras iniciais do Salmo 1. Bem-aventurado o homem que reverente (e assim segue) o Senhor, que tem grande prazer em cumprir os seus mandamentos, as obrigações da aliança que o próprio Javé deve ter. A progênie de tal homem será líder na terra. Eles, a geração de integridade, serão abençoados. A afluência e a riqueza caracterizarão a família de tal homem. Sua honestidade nunca será questionada.

Tendo falado assim sobre a família e a progênie do homem que segue o Senhor, o salmista move-se para uma descrição mais específica do próprio homem. Ele é uma luta brilhante para homens honestos, outros que gostam de si mesmo reverenciar Yahweh, e ele é gracioso, compassivo e justo. O RSV The Lord (v. 4) não está no texto hebraico, mas é uma adição do codex Veronensis do LXX. Provavelmente é uma adição incorreta. O assunto deste salmo é o homem que reverencia o Senhor, não o próprio Javé. Além disso, o poeta parece aqui descrever o homem que segue o Senhor em termos muito semelhantes aos empregados para descrever Yahweh em 111: 4 *b* . Os dois poemas formam um tipo de par combinado, e a semelhança é um toque natural e habilidoso.

As coisas vão bem para este homem, que tem piedade para os outros, presta-lhes (ver 37:21 , 26), e leva as coisas com bom senso. Na verdade, ele nunca será abalado; Sua fama permanente será a honestidade. Ele não tem nada a temer de "más notícias" (NEB); Seu coração é firme, seguro em Yahweh. Seu coração tem apoio - assim ele não temerá; e no devido tempo, ele terá alegria às custas dos seus

opressores. Ele compartilhou amplamente sua generosidade e deu aos indigentes. Sua honestidade nunca será questionada (uma repetição de v. 3 *b*). Seu chifre, essa é a força e a força dele, será exaltada em honra (reputação).

O salmista dedica seu versículo final ao homem que não segue o caminho de Yahweh, o homem perverso cuja vida e muito na vida proporcionam um efetivo contraste de fechamento com o que ele tem celebrado. O ímpio vê a prosperidade do bom homem e é vexado; ele abaixa os dentes e está desanimado. O que os homens perversos desejam não serão.

• A teologia do Salmo 112 é tão formal e restrita como a sua forma, e dessa forma, é característica da tradição da sabedoria. Muitas pessoas em Israel, incluindo não poucos salmistas, acharam essa teologia um tanto tão saudável quanto a vida, especialmente por causa de um *quid pro quo* rígido no domínio material.

Mas a ênfase de tais salmos na integridade e estabilidade espiritual do homem que reverencia a Deus permanece correta, e a convicção de que tal homem sabe o que é ser feliz não pode ser contraditória. Tais salmos são essencialmente lições sobre as prioridades certas e, portanto, servem como corretivos para o perpétuo mal-estar dos homens. A praticidade desses salmos é, portanto, mais angustiante por causa da sua justiça do que por qualquer outro motivo, porque é uma praticidade correta e não comprometedora ou confortável. O mesmo pode ser dito sobre o Sermão do Monte, o que achamos difícil por muitas das mesmas razões.

113. O Deus Incomparável e Compassivo

Um chamado triplo para louvar e um hino comemorando a singularidade e compaixão de Yahweh compõem esse entusiasmado grito de louvor. É apropriadamente o primeiro de uma seqüência de seis salmos utilizados no segundo Templo em conexão com as principais festas e os dias sagrados do calendário judaico, um uso que indubitavelmente explica a ocorrência desses salmos (113-118) juntos no livro dos Salmos.
Este uso não deve, no entanto, ser tomado como uma indicação de que esses salmos são composições tardias; é apenas o seu arranjo atual e seu uso litúrgico juntos, que podem ser considerados atrasados.

O chamado à congregação no v. 1 foi cantado pelo líder do culto ou pelo coro do templo. Os seguintes versos são a resposta a este chamado, e foram cantados pela própria congregação ou por outro coro, ou mesmo por coro e congregação juntos.

[1] Louvado seja o SENHOR!

Louvado, ó servos do SENHOR,
Elogie o nome do SENHOR!
[2] Bendito seja o nome do Senhor

a partir deste momento e para sempre!
[3] Do nascimento do sol ao seu cenário

O nome do Senhor deve ser louvado!
[4] O Senhor é alto acima de todas as nações,

e a sua glória acima dos céus!
5 Quem é como o SENHOR nosso Deus,

quem está sentado no alto,
6 que olha para baixo

sobre os céus e a terra?
7 Ele levanta os pobres do pó,

e levanta o necessitado da pilha de cinzas,
8 para fazê-los sentar-se com os príncipes,

com os príncipes de seu povo.
9 Ele dá à casa estéril uma casa,

fazendo dela a mãe de filhos alegres.
Louvado seja o SENHOR!

O salmista sugere a alegria e o entusiasmo do hino de louvor a seguir chamando os adoradores para louvar três vezes. Ele chama os servos da congregação de Javé e ordena que dirigam seus louvores ao nome de Javé.

A resposta dos adoradores é pronta e precisa neste ponto. "O nome de Yahweh é abençoado até agora", eles cantam. Na verdade, o nome dele deve ser louvado do lugar do primeiro flash do sol ao lugar onde afunda da vista. Javé, eles declaram, é exaltado sobre todas as nações pagãs, uma elevação que sua incomparabilidade torna inevitável. Sua glória se estende até acima dos céus (cf. 8: 1).

Essas referências à extensão do louvor de Yahweh levam o poeta à afirmação de razões para isso, formuladas primeiro como uma questão retórica, a qual a resposta é "Ninguém!" E depois como uma série de testemunhos da compaixão de Javé. O ponto é que, apesar da incomparável alteza e glória de Yahweh, uma singularidade e uma alteridade que o separa completamente de qualquer outro ser, ele ainda se destrói voluntariamente para ver e entender e remediar a situação do homem. É nisso que ele é o mais incomparável de todos, pois tal compaixão preocupada teria sido impensável nos deuses dos vizinhos de Israel.

O hino prossegue para casos, com duas ilustrações da graciosa condescendência de Yahweh que se destinam a ser exemplar, não abrangente. Javé é aquele que levanta o humilde do pó e levanta o destituído da pilha de esterco. A referência, que pode ser tirada da antiga canção de Hannah (ver 1 Sam. 2: 8), é para aqueles que foram condenados ao ostracismo por causa do pecado, uma doença que se acredita ser punição pelo pecado ou alguma degradação indescritível. Estas foram as pessoas que todos queriam esquecer, geralmente com sucesso notável. Mas o Senhor vem até eles, conhece suas necessidades e levanta-os de sua miséria. Nem ele pára por aí. Ele é aquele que dá a essas mesmas pessoas não privilegiadas e negligenciadas um lugar entre a nobreza de seu povo.

Além disso, ele é o único que defende a causa da mulher cuja casa é estéril e desolada, fazendo dela a alegre mãe de filhos. A mulher estéril no antigo Oriente Médio era uma mulher insatisfeita e uma desgraça para o marido, que, naturalmente, queria que os filhos continuassem seu nome, literalmente, como seu futuro. O salmista pode ter em

mente a história de Hannah (ver 1 Sam. 2: 5), a que ele já fez referência. Este último exemplo é tão significativa como é concurso, pois implica que o Senhor não causar esterilidade, como às vezes se realizou em Israel (cf. Gn. 16: 2 ff ; 1 Samuel 1: 5-8), e atesta a sua preocupação com o sofrimento de mulheres estéril.

O hino, tal como preservado no texto hebreu, termina com "Louvado a Javé!" Esta frase pode ser entendida como o orador final dos adoradores, retornando em seus elogios até o ponto em que começaram.

• O pensamento mais emocionante neste hino de louvor de jóias é a imagem do salmista do Deus exaltado e incomparável, humilhando-se para vir, ver e ajudar algumas de suas criaturas que foram desprezadas e negligenciadas, expulsas e esquecidas por outros, também feitos por ele, mas mais afortunados no nascimento ou na saúde ou posição. É estranho que alguém criado por tal Deus pudesse entrar em seu coração e até na sua cabeça que qualquer outro também feito por ele poderia ser por qualquer motivo inferior, um incômodo infinitamente esquecível, e não vale a pena cuidar. Pois, como diz o salmista, Deus, tão exaltado e incomparável quanto ele, está preocupado e ativo em favor de tais pessoas.

É uma lição maravilhosa. Mas não foi aprendido. Que o nosso Senhor veio, estressar e provar isso, já que não tinha sido estressado e provado antes, atesta que não foi aprendido (ver Phil 2: 6-7). Que a lição não foi aprendida ainda está muito dolorosamente clara com as contínuas tensões de raça, credo e posição e a miríade de manifestações violentas de complexidade de superioridade produzidas por elas.

114. O advento de Deus, o nascimento de seu povo

Com uma habilidade poética consumada e imagens memoráveis, o autor deste breve hino comemora o Êxodo do Egito, a provisão de água no deserto, a passagem do Jordão para Canaã e, sobretudo, o advento de Deus que trouxe tudo sobre isso. É um poema cuidadosamente redigido, que assume um conhecimento dos eventos a que faz referência hábilmente impressionista, e um que deixa o coração latejando com um sentimento de admiração e entusiasmo pela Presença de Deus.
Como o Salmo 29 , para o qual pode ser comparado, o Salmo 114 é um hino de teofania. Ao contrário desse hino, sua abordagem é histórica, e procura tornar a Presença de Deus real para os adoradores, com referência a eventos de salvação que tenham uma eficácia contínua e, portanto, uma realidade presente. A natureza do hino sugere que foi cantada em adoração por um solista ou um coro.

[1] Quando Israel saiu do Egito,

a casa de Jacob de um povo de linguagem estranha,
[2] Judá tornou-se seu santuário,

Israel, seu domínio.
[3] O mar olhou e fugiu,

Jordan voltou.
[4] As montanhas saíram como carneiros,

As montanhas como cordeiros.

5 O que aflige a você, o mar, que você foge?

O Jordan, que você volta?
6 O montanhas, que você pular como carneiros?

O montes, como cordeiros?
7 Trema, ó terra, na presença do SENHOR,

na presença do Deus de Jacó,
8 que transforma a rocha em uma bacia de água,

o sílex em uma fonte de água.

O primeiro tema do poeta é o Êxodo, e ele o apresenta diretamente, sugerindo também, em uma linha com um duplo significado, sua conclusão. Quando Israel saiu do Egito, e a família de Jacó (= Israel) de entre um povo com uma estranha linguagem sonora (os egípcios), Judá tornou-se para ele seu lugar sagrado, e Israel o lugar de seu reinado. É essa linha (v. 2) que tem um duplo significado. Judá e Israel são usados em referência ao Êxodo, quando eles não estavam tão separados, mas, paralelamente, sugerem a idéia de Yahweh sobre a unidade de seu povo, quaisquer que sejam suas diferenças políticas. Assim, nenhuma distinção deve ser feita entre o lugar sagrado (o santuário, que sugere o Templo em Jerusalém, é uma tradução infeliz) e o lugar do domínio. O objetivo é que Yahweh trouxe seu povo juntos e está presente entre eles, sul *e* norte.

O salmista seguinte apresenta, em rápida sucessão, referências à separação do Mar Vermelho e ao rio Jordão, e ao tremor das montanhas, que foi um efeito colateral freqüente do advento da presença de Yahweh. O mar deu uma olhada e fugiu rapidamente (Ex. 14:21 ; 15: 8). O Jordão recuou sobre si mesmo (Jos 3: 14-16 , cf. 4: 21-24). As montanhas gambaram como carneiros, as colinas como cordeiros frisky (Ex. 19:18 ; Judg. 5: 5 ; Salmos 18: 7 ; 29: 6). Os três fenômenos estão todos conectados com a auto-revelação de Yahweh e a libertação de seu povo. O tremor das montanhas não deve ser pensado como relacionado apenas à teofania no Sinai, mas como no Salmo 29 , como acompanhando o advento de sua Presença em repetidas ocasiões.

Dificilmente assustado, o poeta prepara o caminho para o clímax do seu hino com uma série de perguntas provocadas pelo extraordinário comportamento do mar, do rio, das montanhas e das colinas. É um toque inteligente, tanto mais que ele o usa para levar sua congregação em contato direto com os fenômenos do advento, mudando de repente para a ação inacabada ou presente. A resposta às perguntas, é claro, é a chegada de Yahweh; e é uma resposta que o poeta dá de forma direta e poderosa ao comandar a terra para tremer e tremer por causa da Presença do Senhor (o Heb. tem *adiante* , assim o Senhor do RSV está incorreto), por causa da Presença do Deus de Deus Jacob, isto é, de Israel. Ele é o único que mudou a rocha para uma fonte de água (Números 20: 7-13), a pedra de pederneira em uma primavera (ver Deuteronômio 8:15). Esta referência à provisão de Deus para o seu povo no deserto parece quase uma reflexão tardia, mas é, de fato, um atestado adicional do poderoso e benéfico efeito de sua Presença entre os homens. É o link do poeta do comando atual com uma história ainda efetiva, e deve ser lido com o comando da v. 7 , além disso, como o final abrupto do hino mostra claramente.

• Com o final súbito do salmo, a congregação antiga foi deixada, como é o leitor moderno, com um senso emocionante da Presença de Deus e também com a liberdade de elaborar as implicações presentes desta Presença. A realidade histórica da Presença era inegável. A realidade atual da Presença foi igualmente e dramaticamente. O que, o adorador era - e é - deixado para perguntar, isso significa no meu caso? É uma questão urgente e uma que é reconfortante e desconcertante. Pois Deus vem ainda, está à mão ainda, e ainda está no trabalho.

115. A glória é deus, quem é solitário é Deus

O Salmo 115 é um hino em partes, cantado pela congregação, o líder do culto e o coro do Templo, respectivamente. Essas partes são indicadas claramente pelas mudanças de pessoa dentro do salmo, embora precisamente quem tenha tomado parte deve permanecer uma questão de conjecturas. O tema do hino é a natureza do Deus de Israel, que é louvado como onipotente em contraste com os ídolos insensatos das nações criadoras das nações. A ajuda de Yahweh é atestada, sua bênção é antecipada e pedida, e o louvor é prometido.
Apesar das freqüentes proposições de comentários de uma data pós-xilica para este salmo, não há evidências reais para negar uma data pré-existente. Assim, pode-se sugerir que o contexto original do salmo foi um serviço de adoração no Templo em Jerusalém, e que as nações mencionadas são os vizinhos de adoração de ídolos de Israel, que muitas vezes devem ter se perguntado sobre o paradeiro de um deus que não podiam ver .

1 Não para nós, Senhor, não para nós,

mas ao teu nome dá glória,
por causa do seu amor firme e da sua fidelidade!
2 Por que as nações dizem,

"Onde está seu Deus?"
3 Nosso Deus está nos céus;

ele faz o que quiser.
4 Os seus ídolos são prata e ouro,

o trabalho das mãos dos homens.
5 Eles têm bocas, mas não falam;

olhos, mas não vê.
6 Eles têm ouvidos, mas não ouvem;

narizes, mas não cheiram.
7 Eles têm mãos, mas não sentem;

pés, mas não ande;
e eles não fazem um som na garganta.
8 Aqueles que os fazem são como eles;

assim como todos os que confiam neles.

O hino é iniciado com uma súplica da congregação para o Senhor para dar glória ou honrar não a eles, mas a si mesmo, ao seu nome. Ele é convidado a fazer isso por causa de seu amor imutável e por sua fidelidade. Este argumento não deve ser entendido como um lamento, como alguns comentaristas realizaram. A afirmação de vv. 3 ff. indica que a realidade e a eficácia de Deus não estão em causa quanto à congregação. O que se pede é que o Senhor possa chamar a atenção para a sua Presença para a edificação das nações pagãs. Por que, eles continuam, as nações devem dizer: "Onde, orar, é o seu Deus?" Ele é real o suficiente para o seu próprio povo, e eles desejam que ele seja real também para seus vizinhos descrentes.

Além disso, estabelecendo a certeza de sua própria convicção, os adoradores cantam testemunhos hímnicos da onipotência de seu Deus em contraste com os deuses ídolos. É um recital que lembra o sarcasmo humorístico dos grandes profetas em seus ataques à idolatria (ver Isaías 40: 18-26 ; 44: 9-20 , Jeremias 10: 2-10 ; Hab. 2:18 -19), e pode ser um dos quais eles tiveram inspiração (ver também Deut. 4:28).

Assim, a congregação afirma que o seu Deus está no céu e capaz de fazer o que quer que ele faça. Mas os ídolos das nações pagãs são apenas prata e ouro, feitos à mão pelos homens. Eles têm bocas, é verdade, mas eles não dizem nada. Eles têm olhos, mas são sem visão. Nem seus ouvidos ouvem nada, nem seus narizes apreciam aromas. Suas mãos são insensíveis, seus pés não andam, e eles não conseguem fazer nem um gargalhão com a garganta. Além disso, aqueles que os criam e todos os que confiam neles são tão indefesos quanto eles.

9 Ou Israel, confie no SENHOR!

Ele é sua ajuda e seu escudo.
10 Ó casa de Aarão, confie no SENHOR!

Ele é sua ajuda e seu escudo.
11 Quem teme ao Senhor, confie no Senhor!

Ele é sua ajuda e seu escudo.

12 O Senhor tem estado atento a nós; ele nos abençoará; ele abençoará a casa de Israel;

ele abençoará a casa de Arão;
13 ele abençoará aqueles que temem o Senhor,

tanto pequenos quanto ótimos.
14 O Senhor pode dar-lhe aumento,

Você e seus filhos!
15 Que você seja abençoado pelo Senhor,

Quem fez o céu e a terra!
16 Os céus são os céus do SENHOR ,

Mas a terra que ele deu aos filhos dos homens.
17 Os mortos não louvam ao Senhor,

nem qualquer coisa que caia no silêncio.
18 *Mas abençoaremos o SENHOR*

a partir deste momento e para sempre.

Louvado seja o SENHOR!

Com v. 9 , o hino toma uma nova direção. A conselheira é aconselhada, pelo líder de adoração e um coro cantando antifonal, para se preocupar com sua própria confiança em Yahweh. É um conselho que implica, pelo menos, que Yahweh tenha a questão da educação das nações pagãs na mão. Assim, o sacerdote clama três vezes por sucessão para Israel, a casa de Arão (o sacerdócio) e os que reverenciam (todos os que seguem) o Senhor (ver comentário em 118: 4) para confiar em Yahweh. Cada vez que esta chamada é suportada por uma resposta do coro dando o motivo de tal colocação de confiança: Ele é sua ajuda e seu escudo (protetor).

Para esta anfonia, a congregação canta uma resposta. Yahweh os manteve em mente; Ele os abençoará. Ele abençoará é repetido três vezes, com a casa de Israel, a casa de Aarão, e todos os que repreendem a Javé como objetos sucessivos. É um ponto a ponto de afirmação e identificação com o conselho e o testemunho antiphonal, e foi sem dúvida cantada por todos os presentes.

O líder da adoração, e talvez o coro também, então cantam uma benção sobre a congregação em resposta à sua confissão. O Senhor é chamado a dar aumento, isto é, abundância de filhos e riqueza material, tanto para eles quanto para os filhos. Na verdade, é comprovado que eles são abençoados para o Senhor (isto é, na visão de Javé), o criador do céu e da terra. Esta frase final da benção de vv. 14-15 novamente afirma a onipotência contrastante de Javé e leva diretamente à conclusão do hino, um testemunho adicional cantado por todos os adoradores. Eles declaram que os céus pertencem a Javé e que ele deu a terra, também a dele, à humanidade. Repetindo um tema recorrente em alguns dos salmos da lamentação (cf. 6: 5 ; 30: 9 ; 88: 4-5, 10-12), afirmam que os mortos não louvam Yah (v. 17). Esta linha pode conter uma alusão aos ídolos sem vida, e aqueles que fazem e confiam neles (vv. 5-8), mas é principalmente um papel para a afirmação que segue imediatamente que a congregação louvará a Yah.

Assim, esse hino em partes termina em crescendo, com toda a união na declaração de louvor ao Deus vivo e onipotente que fez o céu e a terra, que faz o que quiser, mas quem deseja dar a terra aos homens e ser com eles um ajudante e um protetor.

• No Hallel da liturgia judaica, este salmo e os dois que estão seguidos devem ser cantados após a refeição da Páscoa. Isso levou à sugestão interessante e inteiramente possível de que os três salmos começando com o Salmo 115 foram cantados por nosso Senhor e seus discípulos depois da ceia no quarto superior (Mateus 26:30 , Marcos 14:26). Se esse foi o caso ou não, esse salmo, com sua ênfase em um deus que pode fazer o que quiser, ainda agradar para ajudar, proteger e abençoar o homem, teria sido um destino apropriado da primeira ceia do Senhor e um prelúdio apto para Getsêmani e tudo o que o seguiu para o Calvário.

Nem, de fato, deve o contraste entre o Deus que é e os homens deuses se tornarem perdidos em uma era que criou e adorou mais deuses do que qualquer outro, e precisava do primeiro Deus acima de tudo.

116. Um testemunho: como Deus pode ser pago?

Um testemunho da entrega da misericórdia de Javé, entregue antes da congregação reunida e acompanhado da conclusão dos votos tomados nos tempos mais subjugadores, é o cenário deste emocionante salmo de gratidão. O poeta passou por perigosos estreitos, chegando muito perto da própria morte.
Embora ele não dê detalhes sobre sua dificuldade, há sugestões de doenças físicas pelo menos (v. 3-4 , 6 , 8 , 10) e a opressão dos homens (vv. 10-11 , 16). Mas este poeta não habita sobre os sofrimentos passados; Ele está muito preocupado com o agradecimento e o louvor que ele sente é devido ao Deus que o entregou.

[1] Eu amo o Senhor, porque ele ouviu

minha voz e minhas súplicas.
[2] Porque ele inclinou sua orelha para mim,

Por isso, vou convocá-lo enquanto viver.
[3] As armadilhas da morte me cercaram;

as dores do Sheol me agarraram;
Eu sofri angústia e angústia.
[4] Então invoquei o nome do Senhor:

"Ó SENHOR, te rogo, salve minha vida!"
[5] Gracioso é o SENHOR, E justo;

nosso Deus é misericordioso.
[6] O SENHOR PRESERVA o simples;

Quando fui levado, ele me salvou.
[7] Volta, ó minha alma, ao teu descanso;

porque o Senhor tem tratado generosamente com você.
[8] Porque livraste a minha alma da morte,

meus olhos de lágrimas,
meus pés de tropeçar;
[9] Eu ando perante o Senhor

na terra dos vivos.

O salmo começa com uma declaração que resume adequadamente e apresenta o que se segue. O salmista atesta: "Eu amo o Senhor, porque ele ouve o som da minha súplica". O verbo do texto hebraico enfatiza a natureza contínua da resposta de Yahweh aos gritos do suplicante. A tradução que ele ouviu não deixou isso claro. O poeta continua; porque Yahweh presta atenção a ele, é sua intenção celebrar ou proclamar esse fato ao longo de seus dias. Alternativamente, v. 2 *b* pode ser lido como o RSV fez, mas o verbo chamar ou proclamar é sem um objeto no texto.

A primeira alusão do salmista à situação a partir da qual foi entregue vai diretamente à seriedade disso. Os próprios laços da morte estavam emaranhados ao redor dele, e as angústias do Seol, o início das agonias da própria morte, tinham chegado até ele. Ele

conheceu angústia e tristeza, que em tais circunstâncias podem ser consideradas precursoras do fim.

Então ele gritou para o nome de Yahweh para libertação. O simples pensamento dessa oração e a resposta que lhe foi dada levam o poeta antes de tudo a louvar. O Senhor é misericordioso e justo. "Nosso Deus", ele lembra a congregação, "é ternamente compassivo". O Senhor observa atentamente os homens inocentes, e quando o poeta estava pronto para cair, o Senhor o entregou. Assim, a crise passou, e assim ele podia dizer a si mesmo: "Relaxe, pois Yahweh conseguiu o bem para você".

A menção desta libertação também provoca uma oração dos lábios do poeta, e ele se dirige ao Senhor por primeira vez, atestando a libertação do Senhor por causa da morte e do sofrimento. Como resultado, o poeta diz à congregação, ele agora vive na Presença de Yahweh no reino dos vivos - é um contraste vívido com sua expectativa anterior (v. 3 , 8).

[10] ***Mantive minha fé, mesmo quando eu disse,***
"Estou muito afligido";
[11] *Eu disse em minha consternação,*

"Os homens são uma esperança vã".
[12] *O que* ***devo*** *fazer ao Senhor*

por toda a sua recompensa?
[13] *Levanto o cálice da salvação*

e invoca o nome do Senhor,
[14] ***Eu pagarei meus votos ao Senhor***
na presença de todo o seu povo.
[15] ***Precioso à vista do Senhor***
é a morte de seus santos.
[16] *Ó Senhor, eu* ***sou teu servo;***

Eu sou teu servo, filho da tua serva.
Você soltou minhas ligações.
[17] *Ofereço-te o sacrifício de ação de graças*

e invoca o nome do Senhor.
[18] ***Eu pagarei meus votos ao Senhor***
na presença de todo o seu povo,
[19] ***nos tribunais da casa do Senhor,***
no meio de ti, ó Jerusalém.
Louvado seja ***o Senhor!***

O salmista transforma o último momento em sua escova com a morte, para atestar duas coisas para a congregação. Primeiro, ele segurou sua fé, mesmo quando percebeu a gravidade de sua aflição. Em segundo lugar, ele chegou à conclusão de que ele poderia depender apenas de Deus: "Eu disse com um começo:" Todos os homens são

mentirosos! ". É uma alusão que o poeta não amplifica, mas que é pesado com a amarga experiência de traição e calúnia.

É evidente a partir de vv. 14 , 17-19que este poeta seguiu a prática durante sua angústia de fazer votos junto com sua petição a Javé, votos que seriam completados assim que a petição fosse respondida. Esses votos, sem dúvida, pareciam uma expressão apropriada e uniforme de ação de graça quando foram levados, mas agora que ele foi entregue e veio ao Templo para cumpri-los, ele percebe o quão insuficientemente um token que realmente são. "Como", ele pergunta com indignação, "posso compensar Yahweh por todo o bem que ele tomou sobre mim?" A questão, é claro, é retórica; e sua única resposta é "Você não pode". A própria pergunta indica a própria consciência do poeta sobre esse fato. Assim, os atos de ação de graça que se seguem devem ser entendidos não como uma expressão ampla, mas sim como uma expressão obrigada (ver Deuteronômio 23: 21-23) em que há inerente a promessa de mais.

Assim ele anuncia que ele tomará ou levará o cálice da salvação e invocará o nome de Javé. Este copo de libertação pode muito bem ter sido uma oferta de bebida, levantada na Presença de Javé, então bêbado como um símbolo de sua libertação, venha ao adorador. Nesse caso, seria análogo ao cálice de conforto de Jeremias 16: 7 , o cálice do juízo do Salmo 75: 8 (ver Números 5: 11-28), e talvez o ponto da metáfora do Salmo 23: 5 (ver também 16: 5 , onde Javé é chamado de herança e copo de salmista). Além disso, o poeta trará seus votos a Yahweh até a conclusão em plena visão de todo seu povo.

O poeta começa a conclusão de seu louvor com mais uma visão de sua experiência. A morte daqueles que são fiéis a ele não é leve para Yahweh, mas uma perda dispendiosa à sua vista. É a maneira do salmista dizer que ele nunca esteve tão sozinho, nem com tanto perigo, como pensou. É um reflexo que traz uma oração de fidelidade que brota dele, e ele se dirige a Yahweh pela segunda vez, afirmando sua lealdade como servo e confessando novamente a libertação de Yahweh.

Então, o poeta prometeu novamente e, finalmente, sacrificar a um sacrifício de ação de graças a Javé (cf. Lv 7: 12-18 , tal oferta tinha, necessariamente, um significado confessional - veja Salmos 50:14 , 23) e ligue para o nome dele. Ele reitera sua intenção de completar seus votos a Javé em plena visão de todo o seu povo, acrescentando que "nos tribunais da casa de Javé", no meio de você, ó Jerusalém.

É uma dívida de louvor que o salmista goza de pagar, mas que ao mesmo tempo ele se sente incapaz de pagar. Suas palavras finais são um convite para seus companheiros adoradores para se juntarem a ele nele.

• Há muito sobre este testemunho agradecido que é bem-vindo: a afirmação de que Deus continua ouvindo-nos e sabe mais sobre a nossa condição do que imaginamos; o estresse ao completar suas promessas a Deus como meio de testemunho e inspiração para os companheiros crentes; e o conceito do valor colocado por Deus sobre a vida dos leais a ele. Quão profundamente necessário, de fato, é o testemunho orgulhoso da bondade de Deus em nome de um homem, bem como em nome de todos os homens.

Mas o pensamento mais emocionante deste salmo em movimento é o reconhecimento, contra a intenção mais desencadeada de que um homem grato é capaz, de que simplesmente não há como devolver a Deus. Mas podemos, como esse poeta, amá-lo e louvá-lo.

117. Um chamado a todos para adorar a Deus

Este salmo mais curto no Saltério é um chamado hímnico para o culto universal, um culto justificado pelo que é Deus e pelo que fez por seu povo. Por sua brevidade, foi unido em alguns manuscritos antigos ao Salmo 116 , e em outros ao Salmo 118 . Como isso realmente não se encaixa nesses dois salmos, muitos comentaristas assumiram que ele pertence a algum outro salmo ou que é um fragmento de início de um poema mais longo agora perdido.
Este é um problema impossível de resolver e, de fato, um que na verdade não existe. Pois, finalmente, não há motivo para que este salmo não tenha sido composto e transmitido pelo que é simplesmente, um chamado para adorar. Como tal, teria reivindicado um lugar digno no culto de Israel como uma introdução a um serviço de louvor.

[1] Louvado seja o Senhor, todas as nações!

Exalta-o, todos os povos!
[2] Pois grande é o amor firme para conosco;

e a fidelidade do Senhor permanece para sempre.
Louve o Senhor!

O hino começa com o chamado a todas as nações pagãs para louvar a Javé, a todos os povos para glorificá-lo. É o elogio universal repetidamente comandado nos hinos de louvor - o louvor merecido por Javé.

A justificativa deste elogio dado na cláusula cause é dupla. É perguntado por causa do que o Senhor fez por seu povo: "Porque o seu amor imutável é forte para nós". Eles são o seu testemunho das nações pagãs e dos povos em geral; Eles são a encarnação, em um sentido real, de seus atos maravilhosos. É pedido mais por causa do que é Yahweh, tanto para o próprio povo como para todos os outros: "e a sua fidelidade é permanente". Ele permanece sempre o mesmo e não volta à sua palavra.

Assim, todos são para louvar a *Yah*. Embora o comando para louvar fosse limitado pelo contexto ao presente da congregação, estava em aplicação não limitada, pela crença em Israel de que todas as nações, com o tempo, venceram a louvar a Deus, foi fundada no que ele acreditava ser. A injunção para louvar foi, portanto, fervorosa.

• O mais breve dos salmos é, portanto, um dos mais pesados, apesar da sua brevidade. Uma vez que estas linhas foram cantadas pela primeira vez, muitas nações foram elogiadas e muitos povos glorificaram. O chamado à adoração é, portanto, inalterado em vigor, e um que continua a lembrar ao povo de Deus o significado missionário de sua existência testemunhadora.

118. Obrigado pela Libertação de Deus

A natureza litúrgica deste salmo jubiloso de ação de graças é evidente a partir de suas mudanças de pessoa e suas respostas recorrentes. Que comemora uma libertação para a qual Deus sozinho é responsável não é menos claro. Um processório do tribunal externo no Templo é indicado pelo salmo (como em Salmos 24 , 95 , 100), e é claro que o

principal orador individual no salmo (vv. 5-19 , 21 , 28) é um pessoa cujo destino é de suprema importância para a nação como um todo. Assim, embora o salmo sem dúvida tenha visto um uso repetido em uma seqüência de crises, é razoável supor que seu principal orador e o líder do processo, sempre foi o rei davídico.

[1] ***Dê graças ao Senhor, porque ele é bom;***
Seu amor constante dura para sempre!
[2] *Deixe Israel dizer:*

"Seu amor constante permanece para sempre".
[3] *Que a casa de Aarão diga:*

"Seu amor constante permanece para sempre".
[4] *Que aqueles que temem o Senhor digam:*

"Seu amor constante permanece para sempre".
[5] ***Fora da minha angústia, invoquei o Senhor;***
O Senhor me respondeu e me libertou.
[6] *Com o Senhor do meu lado, não tenho medo.*

*O que o homem pode **fazer** comigo?*
[7] *O Senhor está **do** meu lado **para** me **ajudar** ;*

Olharei triunfar sobre aqueles que me odeiam.
[8] *É melhor se refugiar no Senhor*

do que colocar confiança no homem.
[9] *É **melhor se refugiar no Senhor***

do que colocar confiança nos príncipes.
[10] *Todas as **nações me cercaram;***

Em nome do Senhor, eu os cortei!
[11] *Eles me cercaram, me cercaram por todos os lados;*

Em nome do Senhor,** eu os **cortei!
[12] *Eles me cercaram como abelhas,*

eles ardiam como um fogo de espinhos;
Em nome do Senhor,** eu os **cortei!
[13] ***Eu fui empurrado com força, então eu estava caindo,***
mas o Senhor me ajudou.
[14] ***O Senhor é a minha força e a minha canção;***
ele se tornou minha salvação.
[15] *Hark, canções alegres de vitória*

nas tendas dos justos:
"A mão direita do Senhor faz valermente,

[16] a mão direita do Senhor é exaltada,

***A mão direita do Senhor faz** valer! "*
[17] Não morrerei, mas viver,

e relata os feitos do Senhor.
[18] O Senhor me castigou com força,

mas ele não me matou.

O poema é iniciado com um apelo à adoração dirigido a toda a congregação, e um apelo à resposta confessional dos adoradores leigos, dos sacerdotes e da congregação inteira por sua vez. Essas chamadas teriam sido proferidas pelo líder presidente da adoração, e aparentemente (nota vv. 19-20 , 26) no pátio do Templo.

Assim, as primeiras palavras do salmo incorporam um dos "becauses" profundos e recorrentes da fé de Israel (ver comentário sobre o Salmo 136). Os adoradores são chamados ao louvor confessional de Yahweh "porque ele é bom, porque o seu amor imutável é infinito". Então, por sua vez, Israel, os leigos adoradores, a casa de Aarão, os ministros do culto e todos os que repreendem a Javé , isto é, todo o grupo, são chamados a repetir essa confissão fundamental que mais do que qualquer coisa foi um testemunho fundamental da experiência de Israel.

Após o chamado ao culto e à resposta, o rei se dirige aos adoradores reunidos em uma confissão louvável de sua experiência de libertação de Yahweh. Não é de duvidar que uma libertação real seja referida, tanto no uso original do salmo quanto no uso subseqüente. Que a natureza exata dessa libertação não é mais aparente está relacionada tanto com o fato de que a referência teria sido clara o suficiente para o rei e os adoradores, que a experimentaram, e também para o fato de que qualquer referência específica teria limitado a A utilidade posterior do Salmo.

Então o rei confessa seu chamado de angústia a *Yah* ou Javé, e declara que o Senhor respondeu-lhe e entregou-o. Tal libertação de tal Deus levou o rei a algumas conclusões indiscutíveis. Yahweh é para ele. Ele não pode ter medo. O que a humanidade pode fazer com ele? O Senhor é a sua ajuda e, como resultado, ele pode olhar com satisfação (em vez de medo) com aqueles que o odeiam. Na verdade, é melhor se refugiar em Yahweh do que colocar a confiança na humanidade em geral ou os príncipes em particular.

O rei se refere novamente à sua própria experiência em testemunho dessas convicções. Ele - e, portanto, o seu povo e a terra também - estava cercado por todas as nações pagãs, cercadas por todos os lados, cercadas como por abelhas, e na posição de um arbusto de espinhos seco com um fogo a ponto de rugir através dela. A imagem é a de um fogo de escova que fica fora de controle.

Em todos os casos, no entanto, o rei tratou conclusivamente (há uma mudança para a ação inacabada em Heb.) Com seus inimigos por meio do nome (ou Presença) de Yahweh. O rei novamente enfatiza que ele foi muito pressionado, virtualmente até o ponto de cair; mas Yahweh o ajudou.

Assim, *Yah* é a força dele e o objeto de sua canção de louvor; Ele tornou-se para ele sua libertação. Como resultado da ajuda de Javé, o som da celebração da vitoria brota das tendas dos justos, aqueles que seguem Yahweh e são seus. O rei cita a música que ele

ouviu comemorando o valente cumprimento e exaltação da mão direita de Javé; Esta frase se refere aqui como em outros lugares (ver 80:17) ao próprio rei.

A libertação é vista pelo rei como uma libertação da morte para a vida. Como resultado, ele declara que ele contará e relatará o que *Yah* fez. Ele foi severamente castigado ou advertido, mas ele não o entregou até a morte. É um reconhecimento pelo rei que seu perigo foi provocado por sua própria ação, e isso aumenta a libertação de Yahweh.

19 Abra-me os portões da justiça,

para que eu possa entrar por eles

e agradeça ao Senhor.
*20 Este é o portão **do** Senhor;*

Os justos devem entrar por ele.
21 agradecer-lhe que me respondeu

e você se tornou minha salvação.
22 A pedra que os construtores rejeitaram

tornou-se a cabeça do canto.
23 Isto é feito pelo Senhor;

É maravilhoso em nossos olhos.

24 Este é o dia que o Senhor fez; Vamos nos alegrar e nos alegrar.
25 Salve-nos, nós lhe pedimos, ó Senhor!

Ó Senhor, suplicamos-nos, dê-nos o sucesso!
26 Bem-aventurado aquele que entra em nome do Senhor!

Nós abençoamos você da casa do SENHOR.
27 O Senhor é Deus,

e ele nos deu luz

Vincule a procissão festal com filiais,

até os chifres do altar!
28 Tu és meu Deus, e eu te darei graças;

Você é meu Deus, eu te exaltarei.
29 Ó graças ao Senhor, porque é bom;

Por seu amor constante para sempre!

Após o relato de seu perigo, chamada e libertação, o rei se volta para a entrada do Templo, exigindo que as portas da justiça, as portas do pátio interior ou mesmo o próprio Templo sejam abertas a ele, para que ele venha entrar através deles e faça louvor confissão a *Yah* . Imediatamente, uma resposta é proferida pelos sacerdotes de serviço por esses portões (ver comentário em 24: 8). A porta é de Javé e somente os justos, aqueles que se esforçam para seguir o Senhor, a congregação de Israel, têm direito à liberdade de entrada. É um privilégio para o qual o rei é grato, e ele

provavelmente levou os adoradores através dos portões antes de dirigir-se a Yahweh uma nova oração de gratidão por sua resposta e sua libertação.

Neste ponto, os adoradores expressam sua gratidão e louvor pelo que Deus fez, e naturalmente, por causa de seu próprio envolvimento. Com a metáfora justa da pedra rejeitada que foi reconhecida como a mais essencial para todo o edifício, eles louvam o que só pode ser de Yahweh. É no seu julgamento uma ação maravilhosa, e o dia em questão, esse é o dia da vitória contra tal impossibilidade, é declarada a criação de Javé. Eles desejam exultar e se alegrar nele. E, assim, eles também oram para serem entregues e levados ao sucesso; é uma oração a resposta para a qual foi praticamente assegurada pela libertação do rei, e é, em certo sentido, mais confissão do que a petição nos lábios do povo.

Os sacerdotes novamente falam (v. 26), proferindo a benção de Javé sobre os adoradores, que agora estão reunidos no lugar da Presença especial de Javé. A benção é dirigida a quem vem em nome de Javé, e os sacerdotes observam que é dado da casa de Javé, lugar de sua Presença especial.

Javé é declarado Deus, e aquele que lhes deu luz. Então, os adoradores recebem instruções que estão relacionadas, aparentemente, com uma nova procissão. Este comando (v. 27 *c-d*) não ocasionou o fim de uma adivinhação acadêmica e alguma tradução errônea e deve ser declarada, por fim, obscura. Parece ordenar uma procissão alegre sobre o altar do pátio interior: "Junte os peregrinos com frondas trançadas, até os chifres do altar". Os chifres do altar simbolizavam a presença de Yahweh no pátio interior. Talvez seja feita uma cadeia de adoradores no interior do santuário, mas não é possível ter certeza de qualquer interpretação dessa instrução intrigante.

Seguindo estas palavras dos sacerdotes, o rei mais uma vez se dirigiu diretamente a Yahweh, confessando-o como seu Deus, louvando-o e exaltando-o. O salmo fecha com o chamado geral ao culto com o qual começou.

• A liturgia do Salmo 118 declara novamente dois temas que são recorrentes no Saltério: a consistência do amor imutável de Deus por seu povo e o fato de que a libertação vem somente e sempre do próprio Deus. Também incorpora um motivo que estimou a existência de um povo que acreditava que seu significado transcendia os valores normais do mundo por causa da Presença de Deus, o motivo do pequeno se tornou grande, o mínimo, o último primeiro. É um motivo que serve como um lembrete contínuo de como os valores e prioridades dos homens errados podem ser, e que veio a ter sua ilustração mais eloqüente na vida, no ministério e na morte de nosso Senhor.

119. Uma meditação sobre a instrução de Deus

O salmo mais longo no livro dos Salmos é uma extensa meditação sobre a lei de Deus, concebida aqui como em outros lugares no Saltério (cf. 1: 2) como a instrução, orientação e revelação benéfica de Javé. Seu autor usa dez termos diferentes para esta instrução de Deus, repetindo-os uma e outra vez. De fato, as dez palavras do poeta são usadas quase 200 vezes no salmo, e de todos os versículos do salmo, apenas o v. 122 é sem pelo menos um deles.
O salmo está definido em forma acrostica alfabética e é o poema acrostico mais extenso em toda a literatura bíblica. Uma estroma de oito linhas é dedicada a cada uma das 22 letras do alfabeto hebraico, e cada linha sucessiva de cada estrofe é iniciada com a

mesma letra. Assim, a primeira estrofe consiste em oito *linhas* " *him* " ou "a", a segunda das linhas de *apostas* ou "b", e assim por diante através do alfabeto hebraico.

Tanto a multiplicação de termos ligeiramente variados quanto à revelação de Deus e também a forma acrostica são o modo do poeta de simbolizar a abrangência de seu tema e seu tratamento. Seu argumento é que a instrução de Deus contém tudo o que o homem precisa saber, e sua intenção é dizer tudo o que ele pode pensar sobre esta maravilhosa instrução. Um tanto inevitável, tal intenção e tal exposição conduzem a uma repetição que dá ao leitor contemporâneo a impressão de que todas as coisas possíveis foram ditas pelo menos oito vezes. Mas deve-se ter em mente que tal repetição era tanto um dispositivo de ensino quanto, por si só, um ato de piedade.

A unidade do Salmo 119 é fornecida pela sua adesão geral a um único tema. Como é quase sempre o caso em tais composições, o desenvolvimento do próprio poema, neste caso, mesmo o desenvolvimento das estrofes individuais, é ditado mais pela forma do que pelo conteúdo. Assim, o salmo, embora magistralmente organizado na forma da forma, está em conteúdo pouco mais do que uma coleção de pensamentos sobre um tema central, reunido com pouca consideração pelo desenvolvimento lógico ou mesmo seqüencial.

É difícil pensar em um tal salmo em uso na adoração corporativa de Israel, e seu contexto é mais provável ter sido pessoal do que público. Como os Salmos 34 , 37 , 111 e 112 , um produto da academia, foi destinado ao uso didático e talvez como um guia para a meditação pessoal sobre a instrução de Deus e seus benefícios para quem a seguiu. O salmo indica um sentido profundamente pessoal da Presença de Deus e, de fato, é dirigido, em sua maior parte, a Yahweh. Pode, portanto, ser melhor pensado como uma meditação sobre a instrução de Yahweh e seus múltiplos benefícios.

[1] Bem-aventurados aqueles de quem é irrepreensível,

Quem anda na lei do Senhor!
[2] Bem-aventurados os que guardam seus testemunhos,

que o buscam com todo o coração,
[3] que também não fazem nada de errado,

mas caminhe em seus caminhos!
[4] Tu ordenaste os teus preceitos

para ser mantido diligentemente.
[5] O que meus caminhos podem ser firmes

em manter seus estatutos!
[6] Então não me deixarei envergonhar,

tendo os meus olhos fixos em todos os teus mandamentos.
[7] Te louvarei com um coração reto,

quando eu aprendo suas justas ordenanças.

[8] Observarei os teus estatutos;

Não me abandone totalmente!

O salmo começa com uma beatitude daqueles que caminham, que é vivo, de acordo com as instruções de Javé (cf. 1: 1). Eles são irrepreensíveis de maneira, eles não fazem nada de desonesto, eles mantêm seus testemunhos e, de todo o coração, o buscam e a caminho dele. Com o verso 4, o poeta aborda sua meditação para o Senhor e, em todos os versículos depois, exceto v. 115 , o salmo é dirigido. O Senhor ordenou uma atenção zelosa às suas ordens, e o poeta confessa um desejo sincero de obedecer.

Sua atenção deve ser retida em todos os mandamentos de Javé. Ele confessará Yahweh com uma consciência limpa, aprendendo seus juízos honestos. Ele pede a ajuda de Yahweh por um pedido de que ele nunca o deixe totalmente. O fato de que Yahweh é a fonte de sua instrução e o guia e a ajuda para a sua execução são, portanto, enfatizados pelas primeiras vezes no salmo. Das dez palavras relacionadas à revelação de Javé (ver nota 1 acima), sete foram usadas até o final da v. 7 .

9 Como um jovem pode seguir seu caminho puro?

Ao guardá-lo de acordo com a sua palavra.
10 Com todo o meu coração, procuro-te;

Não me desvie de seus mandamentos!
11 Eu coloquei a sua palavra no meu coração,

para que eu não pude contra ti.
12 Bendito seja, ó SENHOR;

Ensina-me os teus estatutos!
13 Com os meus lábios, declaro

todas as ordenanças da tua boca.
14 No caminho dos teus testemunhos, eu gosto

tanto quanto em todas as riquezas.
15 Vou meditar sobre os teus preceitos,

e repare meus olhos em seus caminhos.
16 Eu me deleito em seus estatutos;

Não vou esquecer sua palavra.

Um jovem pode se livrar da culpa, mantendo seu caminho, sua vida, de acordo com a palavra de Yahweh. O poeta confessa sua total concentração em Yahweh e reza para que ele não possa perder seus mandamentos. Ele escondeu o que o Senhor disse em sua mente ou coração - isto é, ele a memorizou - para não pecar contra o Senhor. Ele repete os juízos de Yahweh para si mesmo. Ele exulta na vida prescrita pelos depoimentos de Javé mais do que em toda a afluência do mundo. Ele reflete sobre as ordens de Yahweh, concentra-se em seus caminhos, diverte-se com seus estatutos e mantém sua palavra sempre em mente. É uma imagem de concentração total e sincera e devotada sobre a revelação de Javé.

17 Concorda com o teu servo,

para que eu possa viver e observar a sua palavra.
18 Abra meus olhos, para que eu possa contemplar

coisas maravilhosas da sua lei.

[19] ***Eu sou um estrangeiro na terra;***

não esconda meus mandamentos!

[20] ***Minha alma está consumida com saudade***

para as suas ordenanças em todos os momentos.

[21] ***Você repreende os insolentes e malditos,***

que se desviam dos teus mandamentos;

[22] ***tire de mim seu desprezo e desprezo,***

pois eu tenho testemunho de vocês.

[23] ***Embora os príncipes estejam sentindo conspirando contra mim,***

Seu servo meditará em seus estatutos.

[24 Os] ***teus testemunhos são o meu deleite,***

Eles são meus conselheiros.

O poeta reza para a vida, para que ele dê muita atenção à palavra de Javé e pede que seus olhos sejam abertos para que ele possa olhar para as realizações maravilhosas que são resultado da instrução de Javé. Ele enfatiza a transição de sua permanência na terra e a constante agonia de sua fome pelos mandamentos e julgamentos de Javé como justificativa de seu pedido.

Ele conhece a dura recriminação de Javé daqueles que se desviam do seu caminho prescrito. Ele mesmo sentiu o desprezo e a escárnio desses homens insolentes, e ele reza para que seja removido dele como injustificado, por causa de sua atenção aos preceitos de Javé. É uma concentração que ele não pretende abandonar, mesmo que as autoridades se juntem em conselho mútuo contra ele. Porque os preceitos de Javé são seus deliciosos conselheiros.

[25] ***Minha alma cliva no pó;***

Revive-me de acordo com a tua palavra!

[26] ***Quando eu falei dos meus caminhos, você me respondeu;***

Ensina-me os teus estatutos!

[27] ***Faça-me entender o caminho dos teus preceitos,***

E meditarei sobre as tuas maravilhosas obras.

[28] ***Minha alma derrete-se pela tristeza;***

me fortaleça de acordo com a sua palavra!

[29] ***Coloque maneiras falsas longe de mim;***

e graciosamente ensine-me a tua lei!

[30] ***Escolhi o caminho da fidelidade,***

Eu estabeleço suas ordenanças antes de mim.

[31] ***Fico em testemunhos,*** *ó Senhor;*

Não me deixe envergonhar!

[32] ***Eu correrei no caminho de seus mandamentos***

quando aumentar a minha compreensão!

O salmista conheceu a depressão (v. 25) e o sofrimento (v. 28), e ele reza pela restauração e apoio da palavra de Yahweh. Ele confessa completamente seus próprios caminhos, e então Yahweh responde. Então ele pede a revelação dos estatutos e da vida segundo as ordens de Javé. Ele promete refletir sobre os maravilhosos feitos de Javé; e pensando talvez nos "caminhos" que ele confessou, ele pede que o Senhor remova seus caminhos enganosos e lhe atribua com misericórdia sua instrução.

Ele escolheu uma vida de honestidade consistente, e assim se deu aos juízos de Javé e se prendeu aos preceitos de Javé. Ele reza para que ele não esteja desapontado com esta vida, e promete correr de acordo com os mandamentos de Yahweh porque Yahweh amplia a mente do poeta.

33 Ensina-me, ó Senhor, o caminho dos teus estatutos;

e eu vou continuar até o fim.
34 Dê-me entendimento, para que eu possa manter a tua lei

e observe com todo o meu coração.
35 Dirija-me no caminho dos teus mandamentos,

pois me deleito nisso.
36 Inclina meu coração aos teus testemunhos,

e não ganhar!
37 Gire meus olhos de olhar vaidades;

e me dê vida nos seus caminhos.
38 Confirma a tua serva a tua promessa,

que é para aqueles que te temem.
39 Afastar a censura que eu temer;

pois as suas ordenanças são boas.
40 Eis que anseio pelos teus preceitos;

Na sua justiça, dê-me a vida!

Tendo reconhecido o valor supremo das instruções de Yahweh, o poeta retorna uma e outra vez a sua oração por mais e mais, e acima de tudo, para uma compreensão mais completa do que ele já conhece. Assim, ele pede para ser ensinado a vida dos estatutos e para ter uma visão nela. Em troca, ele promete uma concentração sincera e uma manutenção da instrução que será uma recompensa em si mesma. Na verdade, ele se delicia no caminho dos mandamentos de Yahweh e reza para que seja dirigido nele.

Ele pede, além disso, o dom da concentração sobre os preceitos de Javé. Ele não se distrai com as ambições cobiças e com as preocupações da vaidade. Sua própria vida consiste na maneira indicada por Yahweh. O enunciado de Yahweh (promessa) é para aqueles que o reverenciam; Como ele se considera um servo de Javé, ele pede a confirmação dessa revelação em sua própria vida e a remoção do reproche temido, que é o resultado do desrespeito pelo caminho de Javé. Os julgamentos de Javé são bons, e ele

deseja suas ordens. A revelação é vida para ele, e ele pede que o Senhor, em sua justiça, conceda a ele.

[41] ***Que o seu amor firme venha a mim, ó*** *Senhor,*

a tua salvação conforme a tua promessa;
[42] ***então devo ter uma resposta para aqueles que me provocam,***
porque eu confio na sua palavra.
[43] ***E não tire a palavra da verdade completamente da minha boca,***
pois a minha esperança está em suas ordenanças.
[44] ***Eu guardarei sua lei continuamente,***
Para sempre e sempre;
[45] ***e eu andarei em liberdade,***
pois procurei seus preceitos.
[46] ***Também falo dos teus testemunhos diante dos reis,***
e não deve ser envergonhado;
[47] ***pois encontro o meu deleite em seus mandamentos,***
que eu amo.
[48] ***Venero os teus mandamentos, que eu amo,***
e meditarei sobre os teus estatutos.

A instrução de Javé é resultado de seu amor imutável pelos homens, e sua libertação é garantida por seu próprio enunciado. O salmista reza para ambos, observando novamente a sua confiança na palavra de Javé, a sua esperança nos juízos de Javé e o seu amor pelos mandamentos de Javé. Esta revelação fornece-lhe uma resposta para aqueles que o desprezam, uma resposta que eles fariam bem em ter eles mesmos. Acima de tudo, a busca das ordens de Yahweh lhe deu liberdade, fato talvez em contraste com a escárnio daqueles que menosprezam.

É uma liberdade que lhe permite falar com ousadia e sem vergonha dos preceitos de Yahweh mesmo na presença de reis. Não há dúvida, portanto, de que ele ama, honra e medalha sobre os mandamentos e estatutos de Javé.

[49] *Lembre-se da sua palavra para o seu servo,*

em que me fez esperança.
[50] *Este é o meu conforto na minha aflição*

que a sua promessa me dá vida.
[51] *Deus, menos homens, ridicularize-me completamente,*

mas não me afasto da tua lei.
[52] *Quando penso em suas ordenanças desde já,*

Consumo conforto, ó Senhor.
[53] *A indignação quente me apreende por causa dos ímpios,*

que abandonam sua lei.

[54] Seus estatutos foram minhas músicas

na casa da minha peregrinação.
[55] Lembro-me do teu nome na noite, ó SENHOR,

e mantenha sua lei.
[56] Esta benção caiu para mim,

que eu mantive seus preceitos.

O salmista novamente faz referência ao seu sofrimento, o resultado, pelo menos, dos ataques de quem o desprezam e talvez também (como em 67) de alguma enfermidade física que ele teria entendido como punição pelo pecado. Em 17 das 22 estrofes do salmo, são feitas algumas referências a esses inimigos; e há boas razões para assumir que sua oposição foi pelo menos em parte o resultado da devoção intransigente do poeta às instruções de Yahweh.

Ele é o servo de Javé, a quem veio a palavra de Yahweh, dando esperança, e a sua consolação em meio à opressão é a expressão vivificante de Javé. Homens insolentes ridiculizam-no em excesso, aparentemente por causa de sua devoção às instruções de Javé; mas ele não permite essa pressão para desviá-lo. Ele se consola na lembrança da perseverança dos juízos de Javé, e é agarrado por ondas de ira quente ao pensar que esses homens perversos abandonam completamente a instrução de Javé.

Em contraste, os estatutos de Yahweh são seus hinos em uma jornada. Ele pensa no nome de Yahweh (ou Presença) na noite, e dá uma atenção renovada às instruções. É muito bom seguir as ordens de Yahweh.

[57] O SENHOR É A MINHA PORÇÃO;

Eu prometo manter suas palavras.
[58] Eu imploro o seu favor com todo o meu coração;

seja misericordioso comigo de acordo com a sua promessa.
[59] Quando penso em seus caminhos,

Giro meus pés para os teus testemunhos;

[60] Apresso-me e não demoro para

mantenha seus mandamentos.

[61] Embora as cordas dos ímpios me prendam,

Não esqueço sua lei.

[62] À meia-noite eu me levanto para louvar-te,

por causa das tuas justas ordenanças.
[63] Sou companheiro de todos os que te temem,

daqueles que mantêm seus preceitos.
[64] A terra, ó Senhor, está cheia do ***amor*** *firme* ***;***

Ensina-me os teus estatutos!

O Senhor é a herança do poeta, a sua porção ou a participação na vida; Yahweh é para ele o que é propriedade para a maioria dos homens. Assim, sua devoção às palavras de Yavé é ainda mais compreensível. Ele disse publicamente que ele teria cinco por eles; ele pensa nos caminhos de Yahweh e é pronto para segui-los; Ele é rápido para manter os mandamentos de Javé. Ele não permite que os esquemas dos homens perversos contra ele ponham a instrução de Javé fora de sua mente. Mesmo no meio da noite ele se levanta para louvar Yahweh por seus julgamentos honestos. Ele se une àqueles que, como ele, seguem a Jeová e cinco por suas ordens.

Assim implora a presença de Javé com todo o seu coração, pedindo a sua misericórdia em consonância com a sua palavra (v. 58), e pedindo ensinar os estatutos de Javé. O amor imutável de Javé enche a terra.

> [65] ***Tu tens lidado com o teu servo,***
> *Ó Senhor, de acordo com a sua palavra.*
> [66] ***Ensine-me bom juízo e conhecimento,***
> *porque eu acredito em seus mandamentos.*
> [67] ***Antes que eu estivesse afligido, eu me desviou;***
> *mas agora eu mantenho sua palavra.*
> [68] ***Você é bom e faz bem;***
> *Ensina-me os teus estatutos.*
> [69] ***O deus menos me envolve com mentiras,***
> *mas com todo o meu coração guardo os teus preceitos;*
> [70] ***seu coração é grosseiro como gordo,***
> *Mas eu me deleito em sua lei.*
> [71] ***É bom para mim que eu estava afligido,***
> *para que eu possa aprender seus estatutos.*
> [72] ***A lei da tua boca é melhor para mim***
> *do que milhares de peças de ouro e prata.*

Pela primeira vez, o salmista faz uma referência clara a uma punição que ele mereceu e pelo qual ele se beneficiou muito. Enquanto o verbo usado em vv. 67 e 71 (' *anah*) significa basicamente humilhado ou reduzido e, portanto, pode se referir à opressão ou à enfermidade física, ou ambos, o salmo como um todo implica que o poeta sofre atualmente a opressão dos inimigos. Assim, essa referência a uma crise anterior provavelmente deve ser entendida como uma referência a doenças corporais.

O salmista refere-se a um momento, antes, quando ele errou. Então o Senhor o afligiu, para que aprenda seus estatutos. Esta ação ele agora vê o bem que o Senhor fez com ele, de acordo com sua palavra. Como resultado, ele agora vive pelo enunciado de Javé, se aferra aos seus mandamentos, segue suas ordens e delicia em suas instruções. Ele é bastante indiferente pela calúnia manchada sobre ele por homens insolentes, pois eles são gordurosos e, portanto, insensíveis ao que realmente importa. A instrução da boca de Javé (ou Presença) vale mais para ele do que o resgate do rei em ouro e prata. Assim, ele ora a Javé, que é bom e que cumpre o bem, para ensinar-lhe "bom gosto e conhecimento de primeira mão" e seus estatutos.

73 ***Minhas mãos me fizeram e me formaram;***
me dê uma compreensão para que eu possa aprender seus mandamentos.
74 ***Os que te temerem me verão e se alegrarão,***
porque eu esperava em sua palavra.
75 ***Eu sei, ó Senhor, que os teus juízos estão certos,***
e com fidelidade me afligiste.
76 ***Deixe o seu amor constante estar pronto para me consolar***
de acordo com a sua promessa ao teu servo.
77 ***Que venha a minha mercê para mim, para que eu viva;***
pois a minha lei é o meu deleite.
78 ***Que o deus seja menos envergonhado,***
porque eles me subvertiram com engano;
Quanto a mim, meditarei sobre os teus preceitos.
79 ***Que aqueles que te teme se voltem para mim,***
para que eles conheçam seus testemunhos.
80 ***Que meu coração seja irrepreensível em seus estatutos,***
para que eu não seja envergonhado!

Yahweh é responsável pelo ser físico do poeta - suas mãos o fizeram e o formaram. Assim ele pede discernimento mental e espiritual para que aprenda os mandamentos de Javé e se torne um exemplo inspirador para todos os que repreendem a Javé. Ele conhece da experiência a justa natureza dos julgamentos de Javé. A aflição de Javé dele era consistente porque era para o bom propósito - tanto para sua própria correção (v. 65 , 67 , 71) quanto para a edificação de seus companheiros crentes (v. 74 , 79). Dele, outros que seguem Yahweh podem aprender seus preceitos de primeira mão.

Ele reza para o amor imutável de Yahweh para o consolar; pela terna compaixão de Javé para lhe dar vida; para os homens insolentes que o desacreditam com mentiras para serem confundidas. A confiança de que tal oração será respondida baseia-se na sua crença no pronunciamento de Javé, seu deleite nas instruções de Javé e sua constante reflexão sobre as ordens de Javé. Ele anseia que seu coração seja honesto nos estatutos de Javé, para que ele não seja confundido com homens insolentes.

81 *Minha alma languidece pela tua salvação;*

Espero na sua palavra.
82 *Meus olhos falham com a guarda de sua promessa;*

Pergunto: "Quando você me consolar?"
83 *Pois eu me tornei como um odre na fumaça,*

ainda não esqueci seus estatutos.
84 Por *quanto tempo o teu servo deve durar?*

Quando julgará aqueles que me perseguem?
85 *Deus menos homens me cavaram armadilhas,*

homens que não estão de acordo com a sua lei.
[86] *Todos os seus mandamentos são seguros;*

eles me perseguem com falsidade; Ajude-me!
[87] *Eles quase acabaram comigo na Terra;*

mas não abandonei os teus preceitos.
[88] *No amor íntimo, poupe minha vida,*

para que eu possa manter os testemunhos de sua boca.

Com a estrofe *kaph* (décimo primeiro), o senso de depressão do poeta do ataque atual dos homens insolentes atinge seu nadir. Embora seja mencionado, como foi observado, em uma maioria das 22 estrofes do salmo, esta depressão não parece em nenhum outro lugar tão profundo e ansioso quanto aqui. A esperança do poeta permanece na palavra de Javé; ele ainda acredita em sua declaração ou promessa, e ele não esqueceu seus estatutos ou ignorou suas ordens; Ele está convencido de que todos os mandamentos de Javé são certos.

Mesmo assim, a vida dele é toda ao final, enquanto aguarda a libertação de Yahweh. Os seus olhos libertam da vigília constante para a chegada de Yahweh. Ele se pergunta em voz alta quando Yahweh terá piedade dele. Ele se sente quebradiço, como uma pele de vinho defumada. Ele se pergunta quanto tempo ele pode aguentar e quando o Senhor pode julgar os que o pressionam. Os homens insolentes, que ignoram a instrução de Yahweh, cavaram poços para prendê-lo, e eles perseguem suas trilhas com mentiras. Na verdade, eles quase terminaram sua vida na terra.

Então ele chora a Yahweh por ajuda. Ele ficou de acordo com a instrução de Javé, e ele pede que se dê uma continuação da vida de acordo com o amor imutável de Javé, para que ele possa respeitar os testemunhos da boca de Javé (ou Presença).

[89] ***Para sempre,*** *Ó SENHOR,* ***sua palavra***

está firmemente fixado nos céus.
[90 A] ***tua fidelidade perdura por todas as gerações;***
Você estabeleceu a terra, e está firme.
[91] ***Por sua nomeação, eles permanecem hoje em dia;***
pois todas as coisas são seus servos.
[92] ***Se a tua lei não tivesse sido meu deleite,***
Eu deveria ter perecido na minha aflição.
[93] ***Nunca esquecerei os teus preceitos;***
pois por eles me deu vida.
[94] ***Eu sou seu, salve-me;***
pois procurei seus preceitos.
[95] ***Os ímpios esperam para me destruir;***
mas considero seus testemunhos.
[96] ***Eu vi um limite para toda perfeição,***
mas o seu mandamento é extremamente amplo.

Sua própria situação perigosa, ao lado de sua dependência da libertação de Javé e sua confiança na palavra de Javé, leva o poeta a refletir sobre a certeza da base de sua esperança. É um pensamento que é instantaneamente encorajador. A palavra de Yahweh, ele percebe, está permanentemente colocada nos céus. Ele é consistente de geração em geração. Ele fixou firmemente a terra, e está parado; Assim também os julgamentos dele, pois tudo é seu servo.

Na verdade, é somente por causa dele o prazer na instrução de Javé, uma das constantes permanentes, de que ele não chegou ao fim quando estava em perigo anteriormente (ver v. 65-72). Reconhecendo que ele estava prestes a esquecer a certeza do próprio dom com que ele era mais familiar e para o qual, além do próprio Javé, ele era muito dedicado, o salmista prometeu com um novo vigor para nunca esquecer as ordens de Javé; "Por eles, você me deu vida".

Assim, novamente, ele pede a libertação de Javé, mas com menos desespero e mais segurança, pois reconhece que ele pertence a Javé e confessa que, apesar da vigília ansiosa dos homens perversos por sua destruição, ele pode se concentrar nos testemunhos de Javé. A revelação de Yahweh não é apenas permanente, é completamente gratuita: "Experimentei o fim de todas as limitações; seu mandamento é liberdade completa". É uma liberdade conhecida proporcionalmente ao grau com que a instrução de Javé é abraçada.

97 Oh, como eu amo a tua lei!

É minha meditação o dia todo.
98 O seu mandamento me deixa mais sábio do que os meus inimigos,

pois está sempre comigo.
99 Tenho mais compreensão do que todos os meus professores,

Para os teus testemunhos estão a minha meditação.
100 Eu entendo mais do que os idosos,

pois eu mantenho seus preceitos.
101 Eu segurei meus pés de todos os caminhos do mal,

para manter sua palavra.
102 Não me desvio das tuas ordenanças;

porque me ensinou.
103 Quão doces são as suas palavras ao meu gosto,

mais doce que o mel na minha boca!
104 Através dos teus preceitos, entendi;

portanto, odeio todos os caminhos falsos.

O salmista move-se ao lado de uma expressão de sua devoção às instruções de Yahweh para o entendimento que ele o traz. Ele adora e analisa durante todo o dia. O mandamento de Javé torna-o mais esperto do que seus inimigos, e pertence a ele permanentemente. Ele tem uma visão mais profunda do que todos os seus professores, porque os preceitos de Yahweh são o assunto de seu reflexo. Ele tem maior discernimento do que os velhos, porque ele prestou muita atenção às ordens de Javé.

Ele se livra de uma vida errada porque se concentra na palavra de Javé, e como o Senhor o instrui, ele nunca se afasta de suas opiniões justas. As declarações de Javé são mais suaves em seu paladar do que o próprio mel. Por ter obtido discernimento das ordens de Javé, ele apenas odeia por cada forma de vida enganosa.

105 A *sua palavra é uma lâmpada para os meus pés*

e uma luz no meu caminho.
106 *Jurei um juramento e confirmei isso,*

para observar as suas justas ordenanças.
107 *Estou extremamente afligido;*

me dê vida, ó SENHOR, DE acordo com a sua palavra!
108 *Aceite minhas ofertas de louvor, Senhor,*

e ensina-me as tuas ordenanças.
109 *Eu seguro minha vida em minha mão continuamente,*

mas eu não esqueço sua lei.
110 *Os ímpios me colocaram uma armadilha,*

mas não me afasto dos teus preceitos.

111 *Seus testemunhos são minha herança para sempre;*

sim, eles são a alegria do meu coração.
112 *Inclino meu coração para executar seus estatutos*

para sempre, até o fim.

A palavra de Javé acende o caminho da vida do poeta; é, em outras palavras, um guia claro para tudo o que ele faz. Pela primeira vez, ele faz referência a jurar e fazer um juramento obrigatório para prestar atenção aos julgamentos justos de Javé. A alusão é provavelmente a um compromisso público com a instrução de Javé, na Presença de Yahweh no Templo e antes da congregação. Tal ato seria tanto um resultado lógico da devoção do poeta à *Torá* e também um incentivo adicional para essa devoção.

Mais uma vez, o poeta menciona uma aflição dolorida (ver comentário em 65-72), desta vez em referência a alguma doença nova ou, mais provavelmente, à opressão viciosa dos ímpios. Sua vida está em perigo constante (ver v. 109 com Judg. 12: 3 ; 1 Sam. 19: 5), e os ímpios fizeram uma armadilha para ele. Ele pede que sua vida seja restaurada, que é poupada, de acordo com a palavra de Javé.

Apesar de suas dificuldades, ele não foi dissuadido em sua devoção à revelação de Yahweh. Seu louvor é oferecido gratuitamente; Ele anseia por ser ensinado os julgamentos de Javé; Ele não esqueceu as instruções de Javé nem ignorou suas ordens. Ele considera os testemunhos de Javé sua herança permanente, a alegria de seu coração; e ele decidiu fazer os estatutos de Yahweh, uma recompensa permanente em si (ver comentário na versão 33).

113 ***Eu odeio homens de mente dupla,***

mas eu amo a tua lei.

114 ***Você é o meu esconderijo e meu escudo;***

Espero na sua palavra.

[115] ***Saia de mim, malditos,***

para que eu possa guardar os mandamentos do meu Deus.

[116] ***Guarda-me de acordo com a tua promessa, para que eu viva,***

e não me deixe envergonhar na minha esperança!

[117] ***Me abrace, para que eu esteja seguro***

e respeite os seus estatutos continuamente!

[118] ***Tornarás a todos os que se desviem dos teus estatutos;***

sim, sua astúcia é em vão.

[119] ***Todos os ímpios da terra contam como escória;***

portanto, eu amo os teus testemunhos.

[120] ***Minha carne treme por medo de ti,***

e tenho medo de seus julgamentos.

Pensando mais uma vez em seus opressores, o salmista se volta para sua segurança em Yahweh e sua insegurança por causa dele. Ele odeia homens incertos; Ele deveria ter desaparecido do mal; Ele está convencido de que o Senhor desprezam todos os que, com astúcia iludida, se desviam dos seus estatutos, e que considera todos os ímpios da terra como escória.

Sua própria posição, é claro, é amor pela instrução de Yahweh e esperança em sua palavra, e ele reza pelo apoio de Javé para que ele possa viver e não se decepcionar com a expectativa. Ele deseja, de fato, concentrar-se nos mandamentos de seu Deus e dar atenção contínua aos seus estatutos. O Senhor é o seu esconderijo e o seu protetor, e ele arrepiente-se com medo dele e está impressionado com seu julgamento.

[121] ***Eu fiz o que é justo e certo;***

não me deixe aos meus opressores.

[122] ***Seja fiável para o seu servo para o bem;***

Não deixe o deus menos me oprimir.

[123] *Meus olhos falham com a guarda da sua salvação, e para o cumprimento da sua justa promessa.*

[124] ***Trata com o teu servo de acordo com o teu amor firme,***

e ensina-me os teus estatutos.

[125] ***Eu sou teu servo; me dê uma compreensão,***

para que eu conheça os teus testemunhos!

[126] ***É hora de o*** *Senhor* ***agir,***

pois sua lei foi quebrada.

[127] ***Por isso, amo os teus mandamentos***

acima do ouro, acima do ouro fino.

[128] ***Por isso direto meus passos por todos os teus preceitos;***

Eu odeio todos os caminhos falsos.

É talvez o pensamento de seu próprio medo que traz o salmista para a percepção de que ele não teme nada a Yahweh e a uma declaração ainda mais forte de sua própria integridade. Ele fez a coisa certa e certa; Ele é o servo de Javé; Ele ama os mandamentos de Javé melhor do que o ouro puro e odeia todo modo de vida enganoso; Ele vive corretamente de acordo com todas as ordens de Javé.

O próximo passo é o de Yahweh, porque é sua instrução que as pessoas violaram (o RSV passivo foi quebrado é contrário ao texto Heb.). As "pessoas", é claro, são os homens insolentes que oprimem o salmista, em parte sem dúvida devido à sua própria devoção às instruções de Javé.

Então ele pede para não ser deixado à sua mercê, e pede a Yahweh que seja sua garantia para o bem, isto é, estar ao seu lado. Ele observou a libertação e a pronunciação justa de Javé até seus olhos ficarem borrados. Ele anseia por ser tratado de acordo com o amor imutável de Javé, para ser ensinado seus estatutos, e para ser dado conhecimento e conhecimento de seus preceitos.

129 ***Seus testemunhos são maravilhosos;***
portanto, minha alma os mantém.
130 ***O desdobramento de suas palavras dá luz;***
Ele comunica o entendimento ao simples.
131 ***Com boca aberta eu calço,***
porque anseio pelos teus mandamentos.
132 ***Volte para mim e tenha graça para mim,***
como é o teu jeito para aqueles que amam seu nome.
133 ***Mantenha os meus passos firmes de acordo com a sua promessa,***
e não deixe nenhuma iniqüidade dominar-me.
134 ***Redime-me da opressão do homem,***
para que eu possa manter seus preceitos.
135 ***Faça o seu rosto resplandecer sobre o seu servo,***
e ensina-me os teus estatutos.
136 ***Meus olhos derramam córregos de lágrimas,***
porque os homens não mantêm a tua lei.

Nesta estrofe e aquela que o segue, o salmista se volta para uma celebração quase lírica, por sua vez, da revelação e daquele que a dá. Os testemunhos de Yahweh são maravilhosos, a libertação de suas palavras traz luz, fazendo com que a compreensão não aprendida; Ele calça com boca aberta e é ganancioso em sua saudade pelos mandamentos de Javé.

Assim, ele reza pela presença de Javé e sua misericórdia, que ele espera pode ser concedida de acordo com a provisão de Javé para aqueles que amam seu nome ou Presença. Ele pede que seus passos sejam feitos firmes de acordo com o pronunciamento de Javé; que nenhum propósito vazio pode governá-lo; que ele seja libertado da injustiça do homem para que ele continue com as seguintes ordens de Jeová; e que a Presença de Javé o ilumine e lhe ensine os estatutos.

Com a compaixão emocionante de alguém que quer dar um tesouro indesejável, ele confessa que um rio de lágrimas flui de seus olhos porque eles - o insolente, o indiferente e o perverso - não prestam atenção à instrução de Javé.

[137] ***Justo és tu, ó*** *Senhor*

E são os teus juízos.
[138] ***Apontou os teus testemunhos*** *com* ***justiça***

e com toda a fidelidade.

[139] ***Meu zelo me consome,***

porque meus inimigos esquecem suas palavras.

[140] ***Sua promessa é bem experimentada,***

e seu servo ama isso.

[141] ***Sou pequeno e desprezado,***

ainda não esqueço seus preceitos.

[142 A] ***tua justiça é justa para sempre,***

e a tua lei é verdadeira.

[143] ***Problemas e angústia surgiram sobre mim,***

mas os teus mandamentos são o meu deleite.

[144] ***Seus testemunhos são justos para sempre;***

me dê uma compreensão de que eu possa viver.

O Senhor, o dador e expositor da instrução, é justo e direto em seus julgamentos. Ele ordenou seus preceitos com justiça e com consistência absoluta. Seu enunciado foi totalmente refinado. Sua justiça é inalterável, e suas instruções são certezas. Seus preceitos são permanentemente justos.

O poeta confessa que sua indignação diante de seus adversários que ignoram as palavras de Javé é suficiente para destruí-lo. Ele ama o pronunciamento de Yahweh. Embora ele seja pequeno e desprezado, ele pode dizer que ele nunca desprezou as ordens de Jeová. Embora ele tenha se encontrado com problemas e esteja sob pressão, os mandamentos de Javé continuam sendo deleites. Assim, ele reza por entender, para que ele possa viver.

[145] *Com todo o meu coração eu choro; me responda, Senhor!*

Vou manter seus estatutos.
[146] *Eu choro para ti; me salve,*

para que eu possa observar os teus testemunhos.
[147] *Eu me levanto antes do amanhecer e choro por ajuda;*

Espero nas suas palavras.
[148] *Meus olhos estão acordados antes dos relógios da noite,*

para que eu meditei sobre a sua promessa.
[149] *Ouça a minha voz no seu amor firme;*

Ó Senhor, na tua justiça, preservar a minha vida.
[150] *Eles aproximam-se de quem me perseguem com propósito malvado;*

eles estão longe de sua lei.
[151] ***Mas você está perto,*** *ó Senhor*

e todos os teus mandamentos são verdadeiros.
[152] *Longe conheço dos teus testemunhos*

que você os fundou para sempre.

Então, novamente, o salmista chama em voz alta com todo o seu coração, responda-me, Javé! Ele deseja ser entregue para que ele possa manter os estatutos de Yahweh e viver de acordo com seus preceitos. Ele está na suave brisa antes do dia, gritando por ajuda, esperando na palavra de Javé; e seus olhos ainda estão abertos no meio da noite enquanto ele reflete sobre a promessa de Yahweh. Ele implora que o Senhor ouça a sua voz de acordo com o seu amor imutável, e preserve a sua vida de acordo com o seu juízo.

Seus perseguidores, que estão longe da instrução de Yahweh, se aproximam com intenção viciosa. Mas ele tem certeza de que o Senhor está mais próximo do que eles, assim como ele tem certeza de que todos os mandamentos de Javé são certos. É a Presença, de fato, que faz os mandamentos certos. O poeta tem sabido por uma longa experiência dos preceitos de Yahweh que ele os estabeleceu permanentemente.

[153] *Olhe minha aflição e entregue-me,*

pois não esqueço sua lei.
[154] *Exige a minha causa e me redime;*

me dê vida de acordo com a sua promessa!
[155 A] *salvação está longe dos ímpios,*

pois eles não procuram seus estatutos.
[156] *Ótima é a tua misericórdia, ó Senhor;*

me dê vida de acordo com a sua justiça.
[157] *Muitos são os meus perseguidores e os meus adversários,*

Mas não me desvio dos teus testemunhos.
[158] *Olhe o infiel com desgosto,*

porque eles não mantêm seus comandos.
[159] *Considere como eu amo seus preceitos!*

Preserve minha vida de acordo com o seu amor firme.
[140] *A soma da sua palavra é verdade;*

e cada uma das tuas justas ordenanças permanece para sempre.

A base contínua do apelo do poeta para a libertação da opressão de seus inimigos insolentes é tripla: o amor imutável de Javé; Sua própria devoção a Javé, que resulta em

amor pela instrução de Yahweh e uma integridade especial; e o desrespeito dos inimigos ao Senhor e a sua revelação, que os coloca em julgamento.

Então o poeta pergunta a Javé para ver sua situação e arrancá-lo, porque ele não negligencia a instrução de Javé; para assumir o seu caso e fazer o seu dever por ele, preservando sua vida de acordo com o seu enunciado, seu julgamento e seu amor imutável. A terna compaixão de Yavé é generosa; Sua palavra tem seu começo em honestidade, e seu julgamento é para sempre. O próprio poeta nunca se afasta dos preceitos de Yahweh apesar do número daqueles que o perseguem e oprimem. E ele ama as ordens de Yahweh.

Quanto aos homens perversos que o atacam: não fazem nenhum esforço para aprender os estatutos de Yahweh e não prestam atenção a sua afirmação. Assim, a libertação está longe deles, e o poeta os considera com aversão.

161 Os príncipes me perseguem sem causa,

Mas meu coração admira suas palavras.
162 Alegre-me com a sua palavra

como aquele que encontra grande estraga.
163 Odeio e abomino falsidade,

mas eu amo a tua lei.

164 Sete vezes por dia eu te elogio
para as tuas justas ordenanças.
165 A grande paz tem aqueles que amam a tua lei;
nada pode fazê-los tropeçar.
166 Espero pela tua salvação, *ó Senhor,*

e eu faço os teus mandamentos.
167 Minha alma guarda seus testemunhos;
Eu os amo muito.
148 Eu mantenho seus preceitos e testemunhos,
pois todos os meus caminhos são antes de ti.

Finalmente, o salmista refere-se à perseguição que sofre, mencionando pela segunda vez (ver v. 23) a pressão dos príncipes, as autoridades e descrevendo-a nesta sub-região como sem causa. Sua admiração não é de autoridade terrena, porém, mas da palavra de Javé. É um enunciado em que ele é exultante, como um homem que descobriu um grande cache de saque. É uma instrução que ele ama, assim como ele odeia e detesta uma palavra enganosa. Na verdade, ele louve o Senhor sete vezes por dia por causa de seus justos julgamentos.

Aqueles que amam a instrução de Javé sabem abundante realização; nada pode fazê-los falhar. Assim, o salmista espera a libertação de Javé, e enquanto ele espera, ele faz o que o Senhor ordena. Sua vida está sintonizada com os preceitos de Javé; Ele os ama muito, e ele se concentra neles e nas ordens de Javé. Simplesmente, mas com sinceridade, ele pode dizer: "Por tudo o que penso e faço é na sua Presença".

169 *Que meu clamor venha diante de ti, ó Senhor;*

Dê-me entendimento de acordo com a sua palavra!

170 ***Que minha súplica venha antes de ti;***

entregue-me de acordo com a sua palavra.

171 ***Meus lábios derramarão elogios***

que me ensine seus estatutos.

172 ***Minha língua cantará a sua palavra,***

porque todos os seus mandamentos estão certos.

173 ***Deixe a sua mão estar pronta para me ajudar,***

pois escolhi os teus preceitos.

174 ***Desejo a tua salvação, ó*** *Senhor,*

e a tua lei é minha delícia

175 ***Deixe-me viver, para que eu possa te louvar,***

e deixe suas ordenanças me ajudarem.

176 ***Me*** *perdicomo* ***uma*** *ovelha perdida; procure seu servo*

pois eu não esqueço seus mandamentos.

A estrofe final do poeta é um grito de ajuda e uma promessa de louvor. A ajuda desejada é compreensão e libertação; O louvor prometeu para Yahweh e sua revelação. Ele pede que o seu alto clamor e a sua oração se aproximem da presença de Javé, e que o Senhor possa dar-lhe entendimento de acordo com a sua palavra e entregá-lo de acordo com a sua afirmação. Ele deseja a mão de Yahweh, seu poder, para ser sua ajuda; Ele anseia pela libertação de Javé e pede a ajuda dos julgamentos de Javé.

Ele preferiu as ordens de Javé, encantado com as instruções de Javé, e ele deseja a vida para que ele possa louvar a Javé. Ele promete que os seus lábios se espalharão com louvor, porque o Senhor lhe ensina os seus estatutos, e que a sua língua declarará a pronunciação do Senhor, porque todos os seus mandamentos são justos.

O clamor final do salmista é uma confissão de humanidade, bem como lealdade. Por toda a sua devoção à revelação de Javé, uma devoção que ele não negligencia lembrar até aqui, ele ainda é um homem e, portanto, capaz de inconsistência e errado.

• É verdade que o Salmo 119 continua a ser um passeio de força da poesia de sabedoria hebraica formal em seu pior mais repetitivo e prosaico e não-espontâneo. É verdade que a presença de tantas linhas que começam tão regularmente com a mesma carta para 8 linhas em sucessão é um dispositivo que mais frequentemente obscurece do que ilumina a mensagem do poeta, apesar do fato de que o mesmo dispositivo é muitas vezes responsável por expressões felizes também . Certamente é verdade que o salmista poderia ter dito tudo o que ele diz aqui muito mais brevemente.

Ainda assim, ele não o fez, e, por toda a sua extensão e redundância, ele legou um poema cuja própria extensão e multiplicação de termos produz um impacto próprio. É um comentário triste e revelador que grande parte da nossa crítica a este salmo, uma crítica que é mais uma justificativa da nossa negligência que o resultado de qualquer análise de seu conteúdo, é uma confissão de que esse tipo de devoção devastadora a Deus e suas instruções são inconcebíveis para nós.

Assim, embora existam salmos mais profundos e salmos mais bonitos, para não mencionar salmos mais emocionantes e salmos mais poéticos, talvez precisemos aprender com esse salmo antes de mais uma lição de prioridade e paciência.

120. Lamentação de uma Irmandade Viciosa

Como a comunhão dos homens pode ser doce, então também pode ser amargo. Este salmo é o lamento de um homem que havia caído entre os homens cuja filosofia e caminho eram diferentes dos dele, homens cujo desacordo com ele tomava viciosos virais. Ele amava e defendia a paz. Eles eram para a guerra, e seu desacordo provocou-os a caluniá-lo. Por sua vez, ele gritou por libertação e para que esses homens sejam tratados de acordo com o que eles defendiam.
Este salmo é o primeiro dos 15 salmos que são designados por sua inscrição como "canção dos acontecimentos" ou "Uma Canção dos Ascensos". Em geral, concorda que esses salmos, que ocorrem todos juntos (120-134), representam uma subcolecção especial dentro do livro dos Salmos. O que não se sabe é a base exata em que foram reunidos, ou o uso preciso para o qual foram colocados. Uma série de teorias surgiu em relação a eles, mas em nenhum caso o conteúdo de todos os 15 salmos apoia qualquer uma teoria de sua origem e uso. No geral, a sugestão mais provável é que eles são salmos que têm que ver com a peregrinação, que está indo para Jerusalém e em particular o lugar da Presença de Deus no Templo lá. Mesmo assim,

Um Cântico dos Ascentos.
[1] Em minha angústia, choro ao Senhor,

para que ele possa me responder:
[2] "Livra- ***me,*** *ó Senhor,*

de lábios mentirosos
de uma língua enganada ".
[3] O que deve ser dado a você?

E o que mais deve ser feito para você, sua linguagem enganosa?
[4] As flechas agudas de um guerreiro,

com carvões brilhantes da árvore de vassoura!
[5] Ai de mim, que eu moro em Meshech,

que habito entre as tendas de Kedar!
[6] Muito tempo eu tive minha morada

entre aqueles que odeiam a paz.
[7] Eu sou pela paz;

mas quando falo,
Eles são para a guerra!

O poeta começa seu lamento com uma referência a um grito que ele fez a Yahweh no passado. A forma dos dois verbos da v. 1 indica que ele está se referindo a um grito e uma resposta já feita. Ele está, de fato, atestando a experiência passada como uma base

para o novo fundamento que ele agora levanta. O RSV eu choro ... que ele pode responder obscurece essa distinção.

Assim, o salmista levanta um novo grito, seguindo o que equivale a uma confissão de por que ele imploraria tanto. Ele pede que sua vida seja arrebatada de uma linguagem enganosa e uma língua bifurcada.

Os versículos 3-4 são a pergunta e resposta retórica do poeta sobre o tipo de libertação que ele espera. A questão é dirigida aos inimigos guerreiros que o difamaram. Ele se pergunta: "O que ele lhe dará, e o que ele ainda fará com você, língua bifurcada?" A referência, é claro, é aquilo que o Senhor trará sobre o inimigo calunioso e o poeta responde a sua própria pergunta de que o o inimigo deve chegar tão bem como ele deu: "as flechas afiadas de um herói, com marcas de vassoura brilhantes ligadas". A árvore de vassoura é uma madeira dura, que produz carvão vegetal (ver Oesterley, pp. 501-502, entre outros) ; A alusão é provavelmente a setas incendiárias.

O salmista vem em última análise ao que é a referência mais completa à base de seu lamento. Sua aflição, ele sente, é o resultado de ter tido que alojar-se com Meshech e se estabelecer nas habitações de Kedar. É improvável que seja feito mais desses nomes do que uma alusão a pessoas ferozes e guerreiras. Meshech é mencionado como um dos filhos de Jafé (Gênesis 10: 2) e Kedar como um dos filhos de Ismael (Gênesis 25:13). Ambos os nomes estão ligados a povos violentos, os Meshech com os Mushki da Ásia Menor e os Kedarites com uma tribo de nômades conhecidos por seus heróis e arqueiros (Isaías 21:17) e morando nas proximidades de Hazor (Jeremias 49: 28-30). Eles são, portanto, muito amplamente separados geograficamente para que o salmista realmente tenha morado com eles, e os nomes devem ser considerados alusivos.

Então, o salmista lamenta que ele passou muito de sua vida com tais inimigos de paz. "Eu sou a paz em si", diz ele, "mas quando eu argumento por isso, eles são para a guerra." Toda sua intenção, em uma palavra, é a paz. Mas seus colegas não terão nada disso, e muito pouco dele.

• Não há como saber o contexto a partir do qual surgiu este salmo, e um palpite quanto ao seu uso na adoração é o mais que pode ser gerenciado. Não é necessário assumir, como alguns comentadores fizeram, que o poeta estava longe de Jerusalém. Seu lamento é criado porque ele é uma pomba entre falcões; e ele o levanta a Yahweh, talvez em particular, mas mais provável na presença de seus companheiros adoradores.

O destino que ele espera será o lote de seus inimigos revela que ele não é um homem tão pacífico como ele costuma pensar. Ele revela também que ele é humano, como o salmo como um todo revela a angústia da comunhão onde a falta de dissidência e comunhão se confundiram. É uma angústia cujo pathos é eloqüentemente desenhado pela última linha abrupta do salmo, que diz com efeito: "Se eu sou por isso, eles estão contra isso".

121. Litania na ajuda do crente

Há no livro dos Salmos, por toda a eloquência magnífica e beleza poética profunda lá, poucos poemas para igualar este pequeno salmo. No ritmo simples da poesia universal, ele coloca e responde uma pergunta sempre relevante: onde a ajuda do homem é sua verdadeira ajuda? A questão é comum, de uma forma ou de outra, vocalizada ou não, a

todos os homens. A resposta dada aqui só poderia ter vindo de alguém que a aprendeu pela experiência, de primeira mão.
As mudanças de pessoa no desenvolvimento do salmo deixam claro que esse hino era, em seu uso na adoração, uma espécie de ladainha. Só quem tenha falado o que não é tão simples, e várias especulações, algumas que envolvem a adição do uso pronominal de alguns versículos do salmo, foram apresentadas. A melhor explicação no entanto pode ser, neste caso, a melhor. A questão leiga da v. 1 é dada uma resposta direta e quase catequética pelo sacerdote, que prossegue no restante do salmo para dar uma exposição e uma aplicação pessoal desta breve resposta formal. Tanto a pergunta quanto a resposta foram muito prováveis entregues antes da congregação.

Um Cântico dos Ascentos.
[1] *Elevo os meus olhos para os montes.*

De onde vem minha ajuda?
[2] *Minha* ***ajuda vem do Senhor,***

Quem fez o céu e a terra.
[3] *Ele não deixará seu pé se mover,*

Aquele que o mantém não dormirá.
[4] *Eis o que guarda Israel*

não dormirá nem dormirá.
[5] *O Senhor é seu detentor;*

o Senhor é a sua sombra
na sua mão direita.
[6] *O sol não deve feri-lo de dia,*

nem a lua de noite.
[7] *O Senhor te privará de todo mal;*

ele vai manter sua vida.
[8] *O Senhor manterá*

Você vai sair e sua chegada
a partir deste momento e para sempre.

A questão é breve em extensão, mas abrangente na aplicação. Um adorador, na origem do salmo, um leigo ansioso, faz a questão de quem já teve alguma necessidade. "Eu olho para as montanhas", ele diz, "de onde virá minha ajuda?" O motivo de sua aparência para as montanhas é bem conhecido de quem já viu montanhas, mas a referência específica é para as colinas de Zion , Onde

A presença de Yahweh era conhecida especialmente para habitar. A questão não é uma questão, mas uma de quantas vezes. O suplicante está em necessidade e está aguardando o advento de Yahweh com a impaciência da necessidade. Sua pergunta significa: "Qual caminho, quão breve, apenas como devo olhar e esperar?"

A resposta é direta e formal, mas conclusiva. O sacerdote dá isso com a adição de sua autoridade de identificação para uma boa medida, e faz isso também uma confissão pessoal. Sua ajuda é da presença de Javé (iluminada, de Javé).

Tendo declarado a resposta catequética, embora com uma nota pessoal, o sacerdote procede para explicá-la e aplicá-la à própria situação do peticionário. Yahweh não permitiria que seu pé viajasse. Yahweh, seu guarda constante, não iria dormir: "aquele que cuida de Israel nunca acena nem dobra". O adorador, na necessidade, tem estado ansioso. Ele acreditou em Yahweh como ajudante, mas ele queria a ajuda agora. Nós sempre fazemos. A resposta do padre é paternal em seu entendimento, mas é direta em sua tranquilidade. O crente não deve pensar, por um piscar de olhos, que Yahweh o negligenciou.

É um bom ponto, e em linguagem abrangente e infinitamente macia, o sacerdote desenvolve ainda mais. Yahweh é o guardião do suplicante, seu guarda constante. Ele é a proteção sempre à mão, afastando o acidente do sol (ver 91: 6) e a influência nociva da lua. Que a lua acreditava ter um efeito nocivo ainda é atestada no Novo Testamento (ver o texto grego de Mateus 4:24 ; 17:15).

Na verdade, o Senhor salvará o seu próprio de todos os maldades, observando atentamente a própria vida, sobre o seu ir e vir, constantemente e para sempre. Com esta garantia final, a exposição do padre atinge um clímax com tudo incluído. Ele usou alguma forma do verbo para proteger ou vigiar pelo menos seis vezes na exposição estabelecida em vv. 3-8 . E enquanto ele não respondeu, porque ele não podia responder, a pergunta declarada pelo adorador, ele fez algo melhor. Ele respondeu a pergunta que o adorador estava realmente perguntando.

• Uma das idéias mais impressionantes dos salmistas e uma que parecem sempre ter achado bastante incrível (ver 8: 4) é que o Deus que fez o céu e a terra deveria ter tempo ou tomar a dificuldade de vigiar e estar atento do homem. No entanto, apesar de sua incredulidade, é uma visão de que eles permaneceram seguros, e um que eles afirmam com freqüência. Mesmo os seus lamentos mais sombrios, pelo menos, assumem uma preocupação da parte de Deus, o que provocou neles uma certeza de audição e uma esperança de intervenção bastante única na literatura devocional da antiguidade. É uma visão, finalmente, que é uma afirmação da Presença real de Deus que está perto e que se importa, e uma afirmação eloquente nas palavras de Jesus: "Mas até os cabelos de sua cabeça estão todos contados" (Mateus 10 : 30).

122. Meditação em uma visita a Jerusalém

Jerusalém, o lugar da Presença de Deus (ver comentário sobre o Salmo 84), é o sujeito deste salmo. Seu autor era aparentemente um peregrino que havia feito uma viagem lá, provavelmente em conexão com uma das principais festas do culto de Israel (ver Ex. 23: 14-17 , Deuteronômio 16: 16-17). O salmo é uma combinação de sua experiência e sua reflexão sobre o lugar de Jerusalém em sua fé e na vida e fé de seu povo. O título do salmo conecta-o tanto com a coleção das "canções de goings-up" (ver comentário sobre o Salmo 120) e com o hinário de David.

Um Cântico dos Ascentos. De David.

[1] ***Fiquei feliz quando me disseram,***

"Vamos para a casa do Senhor!"
2 Os nossos pés estão de pé

Dentro de seus portões, ó Jerusalém!
3 Jerusalém, construída como uma cidade

que está firmemente unido,
4 ***para o qual as tribos aumentam,***
as tribos do Senhor,
como foi decretado para Israel,
para agradecer o nome do Senhor.
5 Foram estabelecidos tronos para julgamento,

os tronos da casa de Davi.
6 Reze pela paz de Jerusalém!

"Que eles prosperem, que amam você!
7 A paz esteja dentro das suas paredes,

e segurança dentro de suas torres! "
8 Pelo amor de meus irmãos e companheiros

Eu direi: "A paz esteja dentro de você!"
9 Por causa da casa do Senhor, nosso Deus,

Vou procurar o seu bem.

O salmista lembra primeiro o momento em que a viagem a Jerusalém foi concebida. "Fiquei feliz quando me gritaram:" Vamos para a casa de Javé ". Foi um convite que iniciou uma série de experiências e impressões que levaram a culminar neste salmo.

Sua próxima lembrança, de fato, leva-o além da viagem em si e da chegada ao momento presente. O poeta praticamente diz: "Aqui estamos nós, Jerusalém!" Eles realmente estavam dentro dos portões de Jerusalém, uma experiência que significava uma proximidade especial da Presença de Deus e que, portanto, tinha um significado que é muito difícil para o homem contemporâneo compreender. Veja, em particular, Salmos 42-43 , 46 , 48 , 84 e 87 e comentários lá.

Tendo assim apresentado o seu tema, com a sugestão mais breve da viagem a Jerusalém e a gratificante satisfação de suas experiências, o salmista passa primeiro a uma expressão poética de sua reflexão sobre o papel de Jerusalém na vida e na fé de seu povo. Jerusalém é construída como uma cidade em que os homens se unem em unidade como amigos. É a Jerusalém que *as* tribos *de Yah* , as famílias do seu povo, subiram de acordo com as instruções de Israel (ver Ex. 23: 14-17) para glorificar o nome de Javé. Ali, os tronos para o julgamento, os tronos da dinastia de Davi, permanecem fixos. Esses tronos eram os assentos oficiais dos quais os reis davídicos e seus conselheiros ouviram petições e tomaram decisões de casos, dando julgamentos que se acreditava serem concedidos divinamente (cf.Deut. 17: 8-13 ; 2 Sam. 15: 1-6 ; 1 Reis 3: 16-28).

Inspirado tanto por sua experiência de Jerusalém quanto por sua reflexão sobre o que a cidade é para o seu povo, o poeta transforma o passado em uma oração apaixonada pelo bem-estar, a paz de Jerusalém. Shalom é claramente destinado aqui em seu sentido mais completo, para o qual a paz de tradução é inadequada. O que o poeta exige aos seus companheiros de adoração para pedir é o bem-estar e a prosperidade de Jerusalém, o cumprimento do maior potencial da cidade como lugar da presença de Javé. Assim, a oração que ele sugere é que aqueles que amam Jerusalém prosperam ou conhecem a segurança; Esse bem-estar pode estar dentro dos muros de Jerusalém e tranquilidade dentro de suas belas casas.

É uma oração que o salmista oferece com grande seriedade, porque o bem-estar de seu povo e o bem-estar do Templo estão ligados ao bem-estar de Jerusalém. Pelo bem de seus irmãos e seus amigos, ele continuará a rezar pelo bem-estar em Jerusalém. Por causa do Templo de Javé, seu Deus, ele continuará pedindo o bem a Jerusalém.

• A óbvia alegria deste salmista na perspectiva e no cumprimento de sua responsabilidade de se unir na adoração, juntamente com sua realização da natureza vinculante e unificadora do verdadeiro culto, fazem deste poema um chamado especial para adorar para homens de qualquer idade. Nem os acompanhamentos práticos do culto que ele exalta devem ser perdidos. O culto em Jerusalém e a oração por seu bem-estar tornam os retornos para aqueles que se juntam a isso além do que aqueles que são meramente podem saber.

No entanto, mais do que a alegria, a unidade e o benefício mútuo do culto são aqui exaltados. Pois a verdadeira adoração é extrovertida. Deve ser extrovertido, antes que seu benefício para quem o oferece pode ser liberado. Esta é a mensagem mais importante do salmista, aquela com a qual ele começa e termina sua meditação.

123. Uma oração do próprio deus para a sua misericórdia

Este lamento breve, mas em movimento, é o grito de um povo que foi submetido ao que pode ser a crueldade mais insidiosa do homem, desprezo por seus companheiros. Seu autor reconheceu que só Deus tem o direito de desprezar o homem, sobre quem ele finalmente decide, mas que ele, longe de tentar, é a fonte da misericórdia.
Não há informações suficientes para postular a situação que deu origem a esta oração. Quase todos os comentaristas colocam-no em algum momento no período do exílio ou depois, e sugerem que os perseguidores desdenhosos são os captores entre os quais viviam os exilados, ou os vizinhos hostis contra os quais os remanescentes de repatriados foram forçados a lutar. Essas sugestões são perfeitamente possíveis. Também é possível, no entanto, que o salmo tenha surgido dentro de um grupo dentro da congregação em Jerusalém. A desgraça é, infelizmente, nunca ausente, onde quer que os homens se juntem, mesmo para a adoração, e o orgulho e o desprezo são subprodutos precoce e virulento da dissensão. Com esta possibilidade, o salmo poderia vir de praticamente qualquer período da história de Israel, e depois encontrou uso bem-vindo nos períodos exilic e pós-xilic.

Um Cântico dos Ascentos.
[1] A ti levanto os meus olhos,

Ó tu, que estás entronizado nos céus!
[2] Eis, como os olhos dos servos

olhe para a mão de seu mestre,
como os olhos de uma empregada doméstica
à mão de sua amante,
então ***nossos olhos olham para o Senhor nosso*** *Deus,*
até que tenha piedade de nós.
[3] Tenha piedade de ***nós,*** *Senhor, tenha piedade de nós,*

pois tivemos mais que suficiente desprezo.
[4] Por muito tempo a nossa alma foi saciada

com o desprezo daqueles que estão à vontade,
o desprezo do orgulhoso.

A invocação do poeta é devidamente dirigida por si só a Yahweh. Ele está oferecendo a oração, embora em nome de todo o grupo, e assim ele diz: Para você eu levanto meus olhos. É o Senhor que está entronizado nos céus. Ele é rei, e ele é tão reconhecido nesta invocação. Inerente ao desprezo dos homens por seus companheiros é uma espécie de assunção de soberania, embora uma suposição falsa, e o salmista ordenadamente o desacredita por sua invocação confessional.

Com o início do corpo da oração, o poeta se desloca logicamente para o pronome plural, trazendo o grupo de seus companheiros de adoração para a petição, que também é aberto com uma confissão. Assim como os servos olham para a mão (poder protetor) de seu mestre e uma serva para a de sua amante, então os olhos do próprio Senhor se voltam para o Deus, esperando e aguardando sua ação misericordiosa. Assim, o Senhor foi afirmado como rei e mestre, bem como o que pode agir graciosamente e conceder misericórdia. Assim, o fundamento e sua base são direcionados a ele. Ele é convidado a ter misericórdia, porque os peticionários estão repletos de desprezo. Eles têm tudo o que podem levar do desprezo dos indolentes orgulhosos e do desprezo dos altos e poderosos.

É um pedido sincero e desesperado, e seu efeito é multiplicado pelo final abrupto do salmo. Tendo declarado o caso para si próprio e sua congregação em termos diretos, o poeta pára. Eles tiveram tudo o que podem suportar. O próximo passo deve ser o de Yahweh.

• O salmo 123 é muito humano. Ele retrata o efeito exacerbador que o desprezo prolongado tem sobre o espírito humano, e o realismo com que apresenta o desespero tenso de um povo que tem sido muitas vezes e há muito desprezado é magistral. Isso serve tanto como uma petição para aqueles que são desprezados e também como uma lição sóbria para aqueles que desprezam, quer admitam ou não o pecado.

124. Gratidão pelo Deus Auxiliar

Este emocionante salmo confessional é um hino congregacional de gratidão para a libertação de Javé em um tempo, e muitas vezes, de perigo. É provável que o salmo tenha vindo originalmente do resgate de uma libertação particular. Com o tempo, no entanto, teria sido usado para celebrar sucessões sucessivas, e depois como uma liturgia que comemora experiências coletivas de libertação. É neste último papel que o salmo

foi retirado da coleção davídica para a lista das "canções de goings-up". A Song of Ascents. De David.

[1] Se não fosse o Senhor que estava do nosso lado,

que Israel diga agora -
*[2] **se não tivesse sido o Senhor que estava do** nosso lado,*

quando os homens se levantaram contra nós,
[3] então eles nos teriam engolido vivo,

quando a ira deles se acendeu contra nós;
[4] então o dilúvio nos teria varrido,

o torrente teria passado por nós;
[5] então sobre nós teria ido

as águas furiosas.
*[6] Bendito **seja** o Senhor,*

que não nos deu como
presa aos seus dentes!
[7] Nós escapamos como um pássaro

da armadilha dos caudilhos;
a armadilha está quebrada
e nós escapamos!
*[8] Nossa **ajuda é em nome do Senhor,***

Quem fez o céu e a terra.

O chamado ao culto com o qual o salmo é iniciado consiste em duas partes: (1) a primeira linha do próprio hino, pelo qual a congregação é dada a sua sugestão sobre o que a resposta deve ser, e (2) a direção de o líder da adoração para a congregação para começar sua recitação. Que Israel diga agora é uma instrução recorrente em salmos litúrgicos (ver 129: 1 ; 118: 2 , e as expressões relacionadas de 34: 3 ; 67: 3) e foi direcionado sempre para a congregação ou para um coro que representa a congregação.

Assim, a congregação canta o hino indicado por seu líder de adoração: "Se não fosse o Senhor que era para nós". A primeira parte do hino consiste em uma série de terríveis conseqüências que teriam sido certas, senão Yahweh estavam do seu lado quando homens se levantaram contra nós. Os adversários humanos os teriam devorado vivo no calor de sua ira contra eles. As águas os teriam dominado.

Não há motivos para ver nessas metáforas ou aquelas que seguem algo mais do que descrições poéticas de perigo mais perigoso. A linguagem das águas de inundação e uma armadilha ou armadilha é recorrente em tais contextos. Aqui, vv. 2-3 deixa claro que os adversários humanos estão à vista.

Essas terríveis conseqüências não aconteceram porque Yahweh esteve com elas. Assim, a segunda parte do hino é ação de graças, e o hino como um todo é completado por um refrão confessional.

O Senhor é abençoado, como aquele que não os deu como carne rasgada aos dentes do inimigo (ver v. 3). Graças a ele, eles escaparam com suas vidas no último minuto, como um pássaro já apanhado nos dardos da rede de fowler livre quando rasga.

Eles reconhecem, portanto, que é Yahweh quem os liberou e confessou também o poder de fazê-lo em um dueto final. A ordem criada é uma documentação freqüente do poder de Yahweh; Aqui, juntamente com a confissão, a nossa ajuda é, torna-se um testemunho de graça para o Deus poderoso que se interpõe entre o seu povo e o seu perigo.

• Não há pessoas que não puderam, assim como não há pessoas que não deveriam, fazer asserções repetidas de agradecimentos louvores pelas libertações de Deus. Um dos aspectos mais atraentes do livro dos Salmos é a presença, ao lado de um grande número de lamentos por ajuda, de um igualmente grande número de ações de graças para a ajuda oferecida. Por causa do que ele parece ser, o homem geralmente encontrou bruxas e palavras para o grito de querer mais prontamente do que para a confissão de agradecimento. O Saltério apresenta o equilíbrio mais adequado e honesto.

125. Garantia em tempos difíceis

O tema deste salmo é a garantia daqueles que seguem o Senhor, num tempo em que a fé é difícil por causa da opressão. Junto com a garantia para aqueles que permanecem leais, há um aviso para aqueles cuja confiança está atrasada. O salmo é de natureza declarativa e provavelmente teria sido cantado para a congregação na adoração por um solista ou um coro do Templo.
O período ao qual o salmo foi mais freqüentemente atribuído é o tempo de amolar desânimo durante a luta pela reconstrução no período pós-xiloprojeto. Isso parece uma possibilidade provável, embora não haja nada no salmo mesmo para assegurar tal sugestão. É possível, portanto, que alguma opressão preexilica tenha constituído o cenário original do salmo.

Um Cântico dos Ascentos.
[1] Os que confiam no Senhor são como o Monte de Sião,

que não pode ser movido, mas permanece para sempre.
[2] Como as montanhas estão ao redor de Jerusalém,

então o Senhor está ao redor de seu povo,
a partir deste momento e para sempre.
[3] Porque o cetro da iniqüidade não deve descansar

sobre a terra atribuída aos justos,
para que os justos não sejam apresentados
suas mãos para fazer o mal.
[4] Faça o bem, Senhor, aos que são bons,

e para aqueles que estão retos em seus corações!
[5] Mas aqueles que se desviam de seus ***caminhos*** *tortuosos*

O Senhor vai se afastar com os malfeitores!

A paz esteja em Israel!

O poeta vem diretamente ao seu ponto de vista com uma imagem vívida da segurança daqueles cuja confiança está em Yahweh. Eles são como o Monte de Sião, que está permanentemente definido, e nunca pode ser feito para se tambourar (ver 46: 5 e 87: 1). Na verdade, assim como a Jerusalém do poeta é rodeada de colinas, o próprio Javé assume uma posição protetora em torno de seu povo - constantemente.

Para que essas afirmações não se refutem pela dificuldade de suas circunstâncias, o salmista move-se rapidamente para uma caracterização das dificuldades que sofrem como temporária. O cetro ou o poder ou a autoridade da perversidade (alguns manuscritos lêem "o deus menos" ou "o perverso") não se estabelecerão sobre a terra que foi distribuída aos justos que seguem a Javé, para que não esticem suas mãos em erros .

Este conselho é realista. A pressão e a tentação de ceder aos opressores, "viver e deixar viver", não podem ser negadas. O poeta, portanto, admite-o livremente, mas declara que é temporário. Os próprios filhos de Yahweh não estão menos firmemente estabelecidos na terra, e não menos sob sua proteção, no entanto, as coisas podem parecer; e eles devem colocar os dentes e manter sua confiança um pouco mais.

A conclusão do salmo (versículos 4-5) é uma oração para o Senhor. Ele é convidado a fazer bem para aqueles que são bons e com coração direto. Por isso, quer dizer, é claro, aqueles que perseveram em sua confiança e permanecem fiéis a Yahweh, apesar das circunstâncias adversas e da tentação de fazer o contrário. É uma oração que reforça e amplia o encorajamento já dado.

Mas a oração também contém um aviso, pois o poeta acrescenta solenemente,

"E que o Senhor destrua aqueles que se dobram em vias sinuosas ..."

É uma maldição arrependida e, com ela, o corpo do salmo é fechado com cautela para todos os que podem estar a debilitar sob a pressão da opressão.
A benção que se segue está fora do padrão rítmico do salmo e pode ser, como muitos sugeriram (p. Ex., Gunkel, p. 549; Kraus, pp. 852, 864), uma adição posterior ao salmo. Provavelmente serviu, sempre que era afixado, como uma benção congregacional que forneceu uma resposta à declaração do salmo como um todo. Por enquanto, subjuga a oração de vv. 4-5 como uma terra de "seja assim". O bem estar poderia ser somente em Israel se o Senhor o conceder, e somente se o povo dele permanecesse verdadeiro.

• A segurança daqueles que depositam sua confiança em Yahweh é freqüentemente exaltada no livro dos Salmos, muitas vezes como um incentivo à fé paciente no tempo do julgamento. Os salmistas nunca duvidaram desta segurança, mas eles conheciam sua própria fragilidade e a de seus companheiros, e eles pediram um compromisso mais completo com isso. Acima de tudo, como neste salmo, eles enfatizaram a Presença de Deus envolvente, cercando o seu próprio tempo e o tempo todo. É essa Presença que continua a ser a garantia da segurança, a correção da impaciência do homem e a disputa de qualquer condição de problema, pois é a base de uma nova perspectiva.

126. Uma Restauração Lembrada, Uma Pensada

Como o Salmo 85 , este poema lembra uma intervenção passada de Yahweh como base e introdução a uma nova oração de necessidade. Ambos os salmos foram conectados, pelas mesmas razões, com o retorno do exílio na Babilônia e o tempo de amargo desânimo após o retorno. É uma identificação de contexto que é mais atraente no caso deste salmo do que no caso do primeiro, mas não está assegurado em nenhum dos casos. O mais que se pode dizer deste salmo é que ele lembra a alegria da restauração do passado e solicita uma continuação, ou uma renovação, de tal restauração. Como tal, foi sem dúvida usado repetidamente no culto de Israel em uma sucessão de períodos difíceis.

Um Cântico dos Ascentos.

[1] ***Quando o Senhor restaurou as fortunas de*** *Sião,*

Nós gostamos daqueles que sonham.

[2] *Então nossa boca ficou cheia de risos,*

e nossa língua com gritos de alegria;

então eles disseram entre as nações,

"O Senhor fez grandes coisas por eles".

[3] *O SENHOR fez grandes coisas para nós;*

estamos contentes.

[4] *Restaure nossas fortunas, ó Senhor*

Como os cursos de água no Negeb!

[5] *Que os que semeiam nas lágrimas*

colher com gritos de alegria!

[6] *Ele que vem pulando,*

com a semente para semeadura,

voltará para casa com gritos de alegria,

trazendo suas roças com ele.

O salmo começa com um testemunho de um passado que gira a maré da fortuna de Sião, que tem sobre isso uma alegria infecciosa e musical. Essas linhas podem muito bem ter sido cantadas pela própria congregação, ou pelo menos por um coro que as representa. Naquele momento feliz, eles eram como pessoas em um sonho. Suas bocas estavam cheias de risadas. Suas línguas formaram intermináveis gritos de alegria. Na verdade, mesmo as nações pagãs tomaram conhecimento e admitiram que "Javé fez grandes coisas com (ou para) eles". Era verdade. Ele tinha: "Nós ficamos cheios de alegria." Contudo, as condições já foram alteradas. Novas adversidades acalmaram o riso e dissiparam a alegria. A experiência feliz do passado induz uma nova oração, que Yahweh gire a maré para eles enquanto ele transforma canais secos em fluxos fluentes. O texto hebraico lê literalmente "como canais de rio no Negeb, "Mas o poeta, obviamente, tem em mente os leitos secos da região semi-árida ao sul de Beersheba. A área não era um deserto nos tempos bíblicos; e seguindo as chuvas de inverno, os canais secos podem se tornar correndo córregos durante a noite. Parecia uma transformação

milagrosa para as pessoas conscientes da água de Israel, e é aludido no Velho Testamento muitas vezes.

Após a oração, há aqui como no Salmo 85 uma resposta oracular. É apresentado de forma menos dramática aqui e é apresentado em um ditado de sabedoria geral que pode ter sido um provérbio popular. Teria sido proferido, em culto, por um profeta culto ou por um sacerdote. O provador é primeiro indicado (v. 5), depois elaborado.

Então, os adoradores são informados de que aqueles que semeiam semente lágrimas farão uma colheita com gritos de alegria. Esta previsão é enfatizada, mas não explicada, por uma elaboração:

"Ele que caminha obstinadamente,
chorando enquanto ele aperta seu grão de sementes,
será certo vir com gritos de alegria,
levantando seus choques de trigo ".

Há, pelo menos, neste conselho dizendo para suportar a dificuldade presente e a promessa de que tempos melhores (de fato, o tipo de restauração lembrada no v. 1-3) estão chegando. O poeta provavelmente estava tentando, por uma analogia familiar a todos, combinar a metáfora da oração dos adoradores. Deus trará uma inversão aparentemente impossível de sua posição atual, e eles serão trazidos da escassez chorosa para abundância alegre.

• A grande promessa deste salmo tem sua aplicação mais ampla na lição que traz para as nações. Eles vêem o que Deus faz com e com seu povo e são obrigados a admitir que é ótimo. A própria existência do povo de Deus, e também a sua libertação e restauração, são assim testemunhas das nações. Existe inerente mesmo em nosso sofrimento, que muitas vezes não entendemos, uma oportunidade para mais testemunho. Assim, embora nem sempre seja o que daria uma restauração, é verdade que Deus sempre e continuamente restaura seu povo, por sua Presença e sua promessa.

127. Uma reflexão sobre a Bênção de Deus

O parentesco do estilo deste salmo para salmos como 37, 49 e 112, e ao estilo dos escritores da sabedoria em geral, leva a sugestão de que é um produto dos professores do pessoal do templo, os sábios. Consiste em duas partes, tão vagamente relacionadas que alguns comentadores consideram partes de dois salmos. De fato, Gunkel (pp. 553-556) os tratou assim.
Embora seja óbvio que os dois segmentos não têm nenhuma relação orgânica, e, embora possam ter existido independentemente para começar, estão relacionados temáticamente no salmo como transmitido; e há poucas razões para duvidar que eles foram reunidos por esse motivo. O tema do professor é que a Presença de Yahweh é essencial em todos os aspectos da vida, que é ter sucesso, e ele seleciona o que equivale a quatro ilustrações de seu ponto.

O salmo está relacionado pelo seu título ao hinário solomônico, bem como com as "músicas de subir". É provável que essa designação seja resultado do estilo de sabedoria do poema e também da afirmação do v. 1 *a , o* que parece especialmente apropriado de Salomão como o eventual construtor do Templo.

Um Cântico dos Ascentos. De Salomão.

[1] A menos que o SENHOR construa a casa,

Aqueles que o construíram trabalham em vão.

A menos que o SENHOR vigie a cidade,

O vigia fica acordado em vão.

[2] É em vão que você se levante cedo

e até tarde para descansar,

comendo o pão de trabalho ancioso;

pois ele dá ao sono amado.

[3] Eis que os ***filhos são herança do Senhor,***

O fruto do útero é uma recompensa.

[4] Como flechas na mão de um guerreiro

são os filhos da juventude.

[5] Feliz é o homem que tem

sua aljava cheia deles!

Ele não deve ser envergonhado

quando ele fala com seus inimigos no portão.

O poeta apresenta seu tema primeiro com referência a três atividades necessárias de uma vida industriosa: construção, cuidados de proteção e trabalho disciplinado. Se o Senhor não constrói uma casa, o trabalho dos carpinteiros é em vão ou inútil. Se o Senhor não guarda uma cidade, a vigília do vigia não tem valor. Sem valor, também, o aumento precoce e a perda de sono na busca do trabalho incessante sem a benção de Yahweh, que dá aos que ama mesmo enquanto dorminem mais do que jamais conseguiram com todo seu trabalho.

A questão não é que nenhuma dessas atividades seja indigna, mas sim que todas e cada uma delas devem ter a sanção de Yahweh se quiserem ter sucesso. A dificil *shena'* de v. 2c é aqui considerada uma forma variante de *shenah* , dormir; literalmente, o texto diz: "Sim, ele sempre dá a quem ele adora dormir". Em outras palavras, tal pessoa pode relaxar de noite, confiante no valor de seu trabalho porque Yahweh prosperou. O versículo 2 é, portanto, efetivo soma da primeira parte do salmo.

O segundo segmento do salmo é dedicado a uma única ilustração do tema do salmista. Os filhos, em particular, foram considerados como uma benção de Javé em Israel. Ganharam respeito por um homem, asseguraram seu bem-estar material, e entregaram-se em si mesmos uma vida após a própria morte (cf. Gênesis 13:16 ; 19: 31-32 ; 38: 1 ss. , 26 ; Deut 25: 5 ; Rute 4: 14-15).

O salmista fornece assim a quarta ilustração de seu tema ressaltando o que era um dogma básico da vida familiar de seu tempo. Os filhos são o legado de Yahweh; crianças, sua recompensa. Os filhos são para o pai que flechas afiadas são para um grande guerreiro, e o homem que tem uma casa cheia deles é abençoado. Tais homens podem falar com impunidade aos inimigos no portão, onde as diferenças são

resolvidas, porque seus adversários saberão que não estão sozinhos. No entanto, esta segurança também é uma benção de Yahweh.

• É de se esperar que os poetas de Israel, a quem a teologia da Presença de Deus seja uma ênfase tão essencial, enfatizariam a necessidade do envolvimento dessa Presença em todos os aspectos da vida. Mas uma ênfase igualmente significativa deste breve salmo é a inferência de que esse envolvimento, tão necessário pelo homem, se torna uma realidade na iniciativa de Deus. Deus constrói, Deus observa, Deus dá, e Deus concede uma herança. Sem tudo isso, nossos esforços são realmente inúteis. Mas nós temos tudo; e como nosso Senhor deveria dizer de muitas maneiras, deveria criar dentro de nós uma perspectiva diferente (Mt. 6: 25-33).

128. Uma Bênção sobre Reverência para Deus

Como o Salmo 127 , este salmo é um produto dos sábios de Israel. No entanto, é menos proverbial em estilo e está definido na forma de um pequeno hino sobre a natureza da benção de Yahweh, seguido sucessivamente pelo pronunciamento da benção de Yahweh sobre os adoradores reunidos. O hino provavelmente teria sido cantado por um dos homens sábios, ou por um pequeno coro. A bênção teria sido pronunciada por um sacerdote.

Um Cântico dos Ascentos.
[1] Bem - aventurado ***é todo aquele que*** *teme* ***ao Senhor,***

Quem caminha nos seus caminhos!
[2] Você comerá o fruto do trabalho das suas mãos;

Você será feliz, e será bem com você.
[3] Sua esposa será como uma videira frutífera

dentro de sua casa;
seus filhos serão como brotos de oliveira
em torno de sua mesa.
[4 E] assim, o homem seja abençoado, que teme ao Senhor.

[5] O SENHOR te abençoe de Sião!

Você pode ver a prosperidade de Jerusalém
Todos os dias da sua vida!
[6] Que você veja os filhos de seus filhos!

A paz esteja com Israel!

O hino didático que forma os dois primeiros terços do salmo começa com uma afirmação geral da benção de Javé, que é condicional. Bem-aventurados todos os que repreendem o Senhor, aqueles cujas vidas seguem seu caminho. Esta é a teologia padrão dos sábios, que considerou a prosperidade como recompensa e adversidade como o julgamento de Yahweh para o modo de vida de um homem. A asserção é declarada como um amplo ditum aplicável a todos os homens. No entanto, segue-se uma exposição específica da benção de Javé para aqueles que estão presentes, que são,

naturalmente, considerados homens que repreendem a Javé, homens cujos cinco são disciplinados a caminho dele. As recompensas dos que são abençoados por ele são profundamente simples, trabalho significativo, casamento feliz e filhos. Eles são estabelecidos pelo poeta com uma eloquência direta.

Aqueles que são abençoados por sua reverência e lealdade certamente comerão o produto de suas próprias mãos. Eles estarão satisfeitos com o reconhecimento do bem do seu lote. Eles serão felizes casados, e suas casas serão abençoadas com crianças promissoras. A vinha macia foi um símbolo de produtividade fecunda para o povo do Antigo Testamento (ver Ezequiel 19:10), e os robustos brotos da oliveira, essa árvore mediterrânea de sempre e sem fim, eram um símbolo de realização futura.

A seleção de bênçãos do poeta é particularmente significativa. Não são mantidos riquezas, prestígio ou poder, mas os tesouros mais simples que são também os maiores: um trabalho que é significativo e que dá um retorno adequado; uma esposa que é a conclusão e é completada pelo marido; e as crianças que são a promessa do presente e a segurança do futuro.

A bênção declarada e descrita, e sua condição importante estabelecida (duas vezes), o sacerdote se levanta para pronunciar uma benção sobre os adoradores reunidos, todos os quais por sua presença indicaram a intenção de cumprir a condição. A bênção, é claro, é de Javé, e é chamado de Zion, o lugar de sua Presença especial. Suas estipulações são duas: que os adoradores possam experimentar a prosperidade de Jerusalém enquanto viverem; e que eles possam viver para ver seus netos.

Ambas as estipulações estão diretamente relacionadas às bênçãos descritas no hino; o primeiro, porque o bem-estar de Jerusalém e os próprios adoradores eram um e o mesmo; o segundo, porque significaria a realização da promessa dos jovens brotos em torno da mesa em casa.

A benção final - bem-estar sobre Israel - pode estar aqui, como no final do Salmo 125 , uma resposta congregacional que foi adicionada ao salmo, talvez em um momento posterior. Tornou-se, neste caso, uma parte mais integral do salmo e pode ser uma parte original. Em ambos os casos, sua função permaneceria a mesma.

• Um dos presentes do verdadeiro poeta é uma sensação estranha às verdades profundas da vida em sua maioria sem complicações. E um segundo presente é a capacidade de apresentar essas verdades com simplicidade eloquente. Uma das razões pelas quais o mundo precisa de poetas é que os homens comuns tão freqüentemente ignoram essas mesmas verdades, não tanto porque não as conhecem completamente como porque as viram na perspectiva errada ou porque nunca as pensaram realmente em todos. Assim, o poeta do Salmo 128 , tendo mencionado a maior benção, a benção do próprio Deus, define-o em termos de trabalho produtivo, um casamento frutífero e a promessa de crianças. Mais uma vez, lembramos o que mais importa.

129. Uma Litania contra todos os que odeiam Zion

A forma responsiva deste poema é indicada pelo seu primeiro verso, que, como o primeiro versículo do Salmo 124, é um chamado para a adoração e uma instrução para a recitação. Este salmo comemora o sofrimento passado de Israel, elogia a libertação de Javé e dirige uma maldição contra aqueles que são a causa de tal sofrimento, todos os que odeiam Sion.

Os estudiosos que lidaram com o salmo não estão de acordo em quanto tempo a resposta congregacional que começa com o v. 2 continua. O RSV termina, fechando a citação, com v. 3 . Os comentaristas apresentam a variedade usual e aparentemente infinita de soluções, embora o salmo seja mais freqüentemente interrompido na sequência do v. 4 , onde começa a imprecação. Uma vez que não existe uma indicação clara no salmo em si de que a resposta termina no salmo, não há nenhuma boa razão para assumir que não se estende através do v. 8 , uma visão suportada pela tradução do NEB.

O contexto do salmo na adoração foi um serviço de confissão e imprecação. A opressão referida é melhor considerada como a história coletiva da opressão em vários anos do que como qualquer momento específico de perseguição.

Um Cântico dos Ascentos.

1 "Sorely, eles me afligiram da minha juventude"

que Israel diga agora -

2 "Surpreendentemente, eles me afligiram da minha juventude,

mas eles não prevaleceram contra mim.

3 Os adulações aradas nas minhas costas;

eles fizeram longos seus sulcos ".

4 O Senhor é justo;

Ele cortou as cordas dos ímpios.

5 Que todos os que odeiam Zion

ser envergonhado e virado para trás!

6 Deixe-os ser como a grama nos telhados,

que se seca antes de crescer,

7 com o qual o ceifador não enche sua mão

ou a pasta de roçar o peito dela,

8 enquanto os que passam não dizem,

"A benção do Senhor seja sobre você.

Nós o abençoamos em nome do Senhor! "

Aqui, como em 124: 1 , o chamado ao culto dá a primeira linha da resposta da congregação, como sugestão, e as instruções deixaram Israel dizer agora. A recitação que se segue é, efetivamente, um hino de comemoração e maldição, sendo o primeiro a base para o último.

Os adoradores, representando Israel, recordam assim uma história de opressão. O país tem sido muitas vezes pressionado desde os primeiros dias, mas nunca superou. Os opressores deixaram sua marca: a parte traseira do país é despojada de longos sulcos, sua terra cortada e dividida pelo inimigo. Mas Israel não desistiu; E o Senhor, que é justo, cortou as cordas dos ímpios, libertando-a mais uma vez.

É, portanto, com justificação que a congregação chega a uma série de três imprecações sobre todos os que odeiam a Sião, aqueles que são responsáveis por essa cruel

depredação. O SENHOR é convidado, por sua vez, a confundi-los e atirá-los para o retiro; para torná-los como a grama de um telhado de sarrafos, que se seca antes que ele possa florescer e que, portanto, nunca enche a mão do ceifador ou o berço do guiador.

A terceira imprecação está relacionada à imagem da última parte do segundo. Embora a segunda maldição tenha negado qualquer possibilidade de colheita, isto é, o sucesso para aqueles que odiam Zion, a metáfora dos ceifadores e aglutinantes leva o poeta a uma lembrança da benção habitual da colheita (ver Rute 2: 4) , e a terceira maldição é que os inimigos de Sião sejam negados qualquer benção do nome (ou Presença) de Yahweh por qualquer um que possa acontecer em sua queda. A tríplice maldição sugere assim a sua derrota, a negação de uma posteridade para eles e a total negação de qualquer mitigação de seu sofrimento.

• Quando é concedida a crueldade e a extensão indescritíveis da opressão de Israel, e pelo fato de que os inimigos de Sião não poderiam ser menos do que os de Javé, ainda deve ser admitido que as imprecações do Saltério, apesar do seu vigor e brilho frequente, são uma maré baixa. Ainda assim, são humanos, e honestamente, e, portanto, somos parte de nós. Devemos lê-los e nos ver e lucrar com a experiência.

130. Uma Oração de Lamentação e Esperança

A realização de necessidades pessoais é fácil para a maioria das pessoas. A assunção de responsabilidade por essa necessidade é mais difícil. Uma confiança inquestionável em Deus para fazer algo sobre a necessidade é ainda mais rara. E uma proclamação descarada de tal confiança e seus benefícios é um fenômeno virtual. Neste salmo, todos os quatro são combinados e, de forma tão simples e convincente, uma sequência que não é de admirar que o salmo seja reverenciado na tradição cristã como o sexto dos salmos penitenciais.
O Salmo 130 é a oração fervorosa de um homem que conhece a sua grande necessidade de Javé, e que atesta a seus companheiros adoradores (v. 7-8), tanto quanto precisa e sua esperança de responder a ela. Sua linguagem mostra seu vínculo com os lamentos do livro dos Salmos, mas traz ao mesmo tempo uma frescura própria. Mesmo quando ele reza, o pior de sua agonia é passado, porque ele reconheceu sua necessidade e colocou sua dependência em Deus para se separar disso

Um Cântico dos Ascentos.
[1] Das profundezas clamo a ti, ó Senhor!

[2] Senhor, ouça a minha voz!
Deixe suas orelhas estar atentas
para a voz das minhas súplicas!
[3] Se você, SENHOR, DEVE MARCAR INIQÜIDADES,

Senhor, quem poderia suportar?
[4] Mas há perdão com você,

para que se possa temer.
[5] Espero pelo Senhor, a minha alma espera,

e em sua palavra espero;
[6] *minha* ***alma espera pelo Senhor***

mais que garotos para a manhã,

mais que garçons para a manhã.
[7] *Ó Israel, esperança* ***no*** *Senhor!*

Pois com o SENHOR há um amor firme,

e com ele há abundante redenção.
[8] *E ele redimirá a Israel*

de todas as suas iniqüidades.

O grito do poeta é dirigido a Yahweh, e é enviado das profundezas. As águas esmagadoras das circunstâncias acumuladas de seu problema (cf. 69: 1-2 , 13-14) podem estar em sua mente, mas o grito é mais urgente por sua brevíssima brevidade. Ele pede a seu Senhor que ouça seu choro, para prestar atenção ao som de sua súplica. Não é apenas um apelo ansioso, é aquele que enfatiza a distância a que o salmista se separou de Yahweh.

Não há dúvida sobre o que o levou até as profundezas; É a sua própria perversidade. Mas felizmente, Javé (Heb., *Yah*) não mantém um inventário de perversidades; Se o fizesse, Senhor, quem poderia suportar? Com o Senhor, na sua presença, há perdão; Por causa disso, ele deve ser mantido em reverência.

Assim, o poeta aguarda o Senhor com todo o seu ser, esperando com expectativa a sua palavra, neste caso a palavra de perdão. Sua própria vida aguarda seu Senhor com mais ânsia do que os vigias procuram a manhã. Como Weiser (p.775) sugeriu, a metáfora é habilmente escolhida; O salmista está tão seguro de que o Senhor virá como os vigias que esse dia amanhecerá. No entanto, a extensão da necessidade do poeta pode tornar o relógio ansioso.

Pode-se também sugerir que a espera foi para uma manifestação direta e definitiva da palavra de Yahweh, talvez na teofania e, pelo menos, na resposta oracular. Isso também teria contribuído para a ansiedade do suplicante, pois o advento da Presença de Yahweh, mesmo em sua palavra, não era leve.

À medida que a oração do salmista ao Senhor começa, ele ainda aguarda a palavra perdonadora do Senhor e do Senhor. Embora seja uma espera ansiosa, continua a ser confiante. Portanto, ele recomenda aos seus companheiros adoradores, e através deles a Israel em geral, a mesma esperançosa espera em Javé, pois na presença de Javé (com o Senhor) há um amor imutável. Ele tem uma abundância de redenção, e ele libertará Israel da perversidade. É uma garantia de tal confiança que não se pode duvidar que nele o próprio poeta se tenha incluído. Seu uso enfático de ambos revela a fonte e atesta a certeza do que prometeu.

• O grito das profundezas continua, de outras vozes, em meio a outras dificuldades. Assim também a espera ansiosa continua. Mas o perdão e a libertação são tão certos e tão reais como sempre. Como a lamentação nunca cessa, ainda mais a esperança não deve; pois, apesar de todos nós permanecermos perversos, Deus ainda não conta nem ainda perdoa.

131. Uma oração e testemunho de confiança

Este breve salmo exala uma compostura de mente e espírito nascido em honestidade, forçado em luta e, finalmente, disponível apenas na Presença de Deus. Como um lago calmo refletindo dentro de sua própria extensão a infinidade clara do céu azul, ele espelha Deus. Então, com a garantia que vem apenas do cumprimento, recomenda-o. A configuração do salmo é um serviço de adoração, cujo serviço, sem dúvida, a seqüência de oração e testemunho refletidos aqui não era mais que uma pequena parte. Em uma oração simples mas profundamente pessoal, o poeta confessa a Javé a paz que alcançou; e então, de forma direta e tão simples, ele recomenda a seus companheiros adoradores. Como os salmos 122 e 124 , esse salmo também veio do hinário davídico na coleção de "músicas de subir".

Um Cântico dos Ascentos. De David.

[1] Senhor, meu coração não é levantado,

meus olhos não são elevados demais;

Eu não me ocupo com coisas

muito bom e maravilhoso demais para mim.

[2] Mas eu acalmei e acalmei minha alma,

como uma criança acalmada no peito da mãe;

Como uma criança que se acalma é minha alma.

*[3] Israel, esperança **no** Senhor*

a partir deste momento e para sempre.

Toda a oração do salmista é dada a uma declaração de sua nova compreensão de si mesmo, um entendimento que ele apresenta com uma questão de fato tão convincente quanto está em movimento. Dirigindo-se a Yahweh, ele confessa que ele não é nem um coração arrogante nem um homem orgulhoso, que ele não colocou seu coração em grandes coisas nem em ações maravilhosas além de sua habilidade. Pelo contrário, ele se acalmou e silenciou sua alma (vida), de modo que é como uma criança desmamada em relação a sua mãe. Sua alma já não chora e brilha com ele, porque ele concordou com isso.

A afirmação do v. 2 deixa claro que a tranquilidade do salmista não veio facilmente. Uma parte de sua nova paz veio porque ele tem sido realista sobre quem ele é e sobre sua capacidade. O poeta chegou ao cumprimento de saber-se como o Senhor o conhece e de ver seu potencial na perspectiva de Yahweh em vez de no mundo e no seu.

Assim, o salmista se volta para seus companheiros de adoração para dar-lhes um testemunho autenticado pela oração que o ouviram orar. Seu conselho é profundamente simples e, sem dúvida, representa sua própria experiência: Israel é alinhado a esperança em Yahweh para sempre.

Sua própria esperança, aparentemente, tinha sido estabelecida principalmente em si mesmo. A esperança de Israel, é claro, foi muitas vezes em muitas coisas e muito raramente sobre Deus. Assim, o poeta aconselha esperança em uma direção que é certa.

• A calma simples e não afetada do poeta do Salmo 131 é muito rara, mesmo que alguém seja tentado a dizer especialmente - entre aqueles para quem deve ser tão natural quanto respirar, o povo de Deus.

Pelo menos uma parte da dificuldade, no entanto, pode descansar no fato de que nossos corações são muito altivos, nossos olhos muito orgulhosos, e nossa vida também está no negócio errado. Assim, para um povo que negou os outros, porque eles são diferentes, as oportunidades de adoração corporativa e para um povo que, mesmo em questões de fé, tem se interessado mais em seus próprios objetivos do que em Deus, o testemunho de este salmão a Israel permanece um bom ponto de partida.

132. Deus e a promessa da dinastia de Davi

O Salmo 132 é o texto para uma atualização litúrgica de dois eventos significativos na história do culto em Jerusalém. O primeiro evento é o advento da arca, o símbolo da Presença de Yahweh, a capital do recém-fundada de Davi, Jerusalém. Está descrito em 2 Samuel 6 . O segundo evento, a entrega da promessa de Javé a Davi e sua dinastia, está estabelecido em 2 Samuel 7 . A realização de ambos os acontecimentos como presente e permanente é o propósito do salmo e do ritual que o acompanhou, pois ambos os acontecimentos são para o mesmo ponto: a autenticação da Presença de Javé, com tudo o que nele está implícito, em Zion .
O salmo assume familiaridade com os dois eventos que os adoradores do Templo em Jerusalém certamente terão tido, e isso acrescenta à história do advento da arca, talvez por efeito dramático, dois detalhes não registrados em outro lugar. O ambiente do salmo é um serviço de adoração em Jerusalém associado com o aniversário do advento da arca ou com o aniversário da coroação do rei davídico. O Chronicler relata Solomon citando vv. 8-9 do salmo, com muito pouca mudança, no momento da dedicação do Templo (2 Crônicas 6:41), e pelo menos vale a pena especular que esse evento deveria coincidir com o aniversário da arca advento.

Quanto à data do salmo, pode-se dizer que é muito improvável que seja posterior a Salomão e uma possibilidade justa que, na sua forma mais antiga, possa ser Davidic. Seria, por sua própria natureza, usado pela sucessão de reis davídicos, cada um dos quais teria estado ansioso para enfatizar a residência da presença de Javé em Sião e também a consequente natureza das promessas de Javé para si mesmo, como "David" em seu próprio tempo.

Um Cântico dos Ascentos.
[1] Lembre-se, ó Senhor, a favor de Davi,

todas as dificuldades que ele suportou;
[2] como ele jurou ao Senhor

e prometeu ao Poderoso de Jacó,
[3] "Eu não entrarei na minha casa

ou entre na minha cama;
[4] Eu não vou dormir aos meus olhos

ou sono em minhas pálpebras,

[5] até encontrar um lugar para o Senhor,

uma morada para o Poderoso de Jacó ".
[6] Eis que ouvimos falar em Ephrathah,

Encontramos isso nos campos de Jaar.
[7] "Vamos para a sua morada;

Deixe-nos adorar ao seu estrado de pés! "
[8] Levanta-te, ó Senhor, e vai ao teu lugar de descanso,

Tu e a arca do teu poder.
[9] Seus sacerdotes sejam vestidos de justiça,

e que os teus santos gritam de alegria.
[10] Por amor de Davi, seu servo

não afaste a face do seu ungido.

A liturgia é iniciada por um sacerdote, que introduz o que está por seguir e efetivamente pronuncia uma benção ao rei davídico por uma oração dirigida a Javé, a quem é chamado a lembrar

O nome de David todos os seus problemas. A referência é para as dificuldades ou provações que David sofreu em sua busca e recuperação da arca. Ele suportou é uma adição ao texto, mas não um enganador.
Destes problemas, apenas um é especificado, embora um segundo seja inferido. Dizem que David ficou tão preocupado com um lugar de residência adequado para a arca que ele fez um voto de vigília até que seu propósito pudesse ser realizado. A busca que segue este voto (v. 6-7) infere que o paradeiro da arca de alguma forma foi esquecido. Nenhum desses detalhes é mencionado em 2 Samuel 6 , e o grande problema que é mencionado ali, a saber, a interrupção de três meses de todo o processo pela morte de Uzá (2 Sam. 6: 6-11), está compreensivelmente ausente de o salmo.

Assim, o sacerdote lembra, então, citar o juramento de Davi ao Poderoso de Jacó (Israel's Might). Ele prometeu renunciar não apenas à sua cama, mas até ao abrigo de sua casa; não só dormir, mas até fechar os pálpebras até encontrar um lugar adequado para Yahweh, um lugar onde "Israel 'pode se estabelecer e permanecer.

Neste ponto, há uma mudança dramática no hino como dois solistas, ou talvez dois pequenos coros, relatam o progresso da atividade estimulada pelo voto de Davi. Há aqui, como já foi observado, uma implicação em nenhuma outra alusão a que de alguma forma a arca se perdeu. Uma vez que tal possibilidade parece bastante incrível, pode-se sugerir que os relatórios são o modo do poeta de dramatizar o quase igualmente incrivel negligência de 20 anos da arca após a tragédia de Ebenezer e Shiloh (ver 1 Sam. 7: 1-2).

A primeira notícia positiva da arca é de Ephrathah. Embora exista uma grande diversidade de opiniões sobre exatamente o lugar que se pretende aqui, de longe a sugestão mais provável é que o termo se refere ao distrito em que Shiloh se deitou, a área tribal de Efraim . O primeiro relatório é, portanto, que um rasto da trilha da arca foi apanhado na área de Shiloh: nós ouvimos falar dele em Ephrathah!

Imediatamente há um segundo relatório, e ainda mais emocionante: encontramos nos campos de Jaar! A alusão aqui é a Quiriatjearim, onde a arca permaneceu na casa de Abinadab, seguindo seu retorno pelos filisteus assustados (ver 1 Sam. 6: 1-7: 2 ; 2 Sam. 6: 2-3).

As próximas palavras podem ser entendidas como gritos uníssimos de rei, sacerdotes, tribunais e mensageiros. É a resposta natural ao anúncio de que a arca, que, afinal, representava de maneira especial a Presença de Javé, tinha sido descoberta. Eles desejam chegar ao lugar onde a arca está em repouso e prostrar-se em adoração diante deste escabelo de Javé (ver 99: 5). A referência aqui não é, portanto, para a arca no Templo, como costumava ser tomada, mas para a arca em Kiriathjearim na casa de Abinadab. Esta proposta é confirmada não apenas pela localização do verso, na sequência da representação dramática do advento da Arca, mas também por 2 Samuel 6: 1-2 (ver 1 Cron. 13: 1-7)), o fato de que no dia de Davi não havia Templo, e os seguintes versículos (8-10).

Assim, a cena muda ao lado de Kiriathjearim, onde Davi e o séquito dos adoradores que o acompanham ("todo o Israel", de acordo com o Cronista - 1 Crônicas 13: 5 e 6) vieram a adorar a Javé e retornaram a arca de sua Presença para Jerusalém com eles. E David fala, talvez pela primeira vez na liturgia, dirigindo-se a uma oração a Javé.

As primeiras palavras da oração são, de forma significativa, a antiga invocação a Javé para se juntar ao seu povo em batalha (cf. Números 10:35). Desta vez, no entanto, eles convidam o Senhor para o seu lugar de repouso, você e a arca do seu poder (ou esplendor).

O rei davídico reza ainda para que os sacerdotes de Javé possam ser vestidos de honestidade, em contraste marcado com a completa falta de honestidade no sacerdócio shilohita, o fator que precipitou a partida da arca de lá em primeiro lugar (1 Samuel 2:12 -17 , 22-25 , 27-36 ; 3: 11-14). Ele pede também que aqueles que são fiéis ao Senhor possam gritar de alegria e, finalmente, que o Senhor não rejeite o seu ungido, o rei reinante, pelo amor de seu servo David. Esta última linha, que retrata David orando pelo bem-estar de seus sucessores por seu próprio bem, é possivelmente uma adição posterior ao salmo, particularmente se a sua forma mais antiga é a partir do tempo de Davi.

11 O Senhor jurou a David um juramento certo

do qual ele não voltará:
"Um dos filhos do seu corpo
Eu vou colocar no seu trono.
12 Se os seus filhos guardam a minha aliança

e os meus testemunhos que eu vou ensinar a eles,
seus filhos também para sempre
deve sentar-se no seu trono ".
13 Porque o Senhor escolheu Sion;

Ele desejou por sua habitação:
14 "Este é o meu lugar de descanso para sempre;

Aqui vou habitar, pois desejei.

15 Abençoe abundantemente as provisões dela;

Satisfarei a sua pobre com pão.
16 Seus sacerdotes vestirei com salvação,

e seus santos gritarão de alegria.
17 Lá vou fazer um chifre brotar para Davi;

Preparei uma lâmpada para o meu ungido.
18 Seus inimigos eu vou vestir de vergonha,

Mas sobre si mesmo a coroa dela derramará o seu brilho ".

Com a conclusão da oração de Davi, a cena é mais uma vez o Templo em Jerusalém. A primeira parte da oração foi claramente respondida, como a arca está no lugar, e visível para os adoradores. Mas e quanto à última parte da oração? O propósito do restante deste salmo é estabelecer que também foi respondido.

Isto é feito primeiro por referência à promessa de Javé a Davi (v. 11-12) e depois por uma afirmação das implicações da Presença de Yahweh em Sião (v. 13-18). Em ambos os casos, é Yahweh quem é o orador principal; e pode-se sugerir que, após as breves afirmações introdutórias do sacerdote presidente, essas linhas foram faladas ou cantadas por um profeta culto.

Então o sacerdote declara que Javé jurou a certeza de Davi, um juramento irrevogável. Imediatamente, o Senhor fala, na pessoa do seu profeta: "Eu estabelecerei no seu trono sua própria progênie". Como em 89:30 ss., Que também se baseia na profecia de Nathan de 2 Samuel 7: 4-17 , existe uma provisão: os filhos de Davi devem prestar muita atenção à sua aliança e aos meus testemunhos que eu vou ensiná-los. Se o fizerem, seus filhos também ocuparão o trono de Davi para sempre.

Mais uma vez, o padre fala; Yahweh fez a escolha de Zion, desejando-se com firmeza por um lugar de residência para si próprio. Essas palavras introduzem o clímax do hino, e a resposta profética para eles funde o significado dos dois eventos da liturgia na única implicação e promessa que eles apontam.

Isto, diz o Senhor, é o meu lugar de descanso (v. 8) para sempre. "Neste lugar, vou me estabelecer, pois eu queria muito." É um acordo para o qual há resultados importantes. Ele multiplicará muito as provisões de Sião, e encherá as pessoas destituídas com comida. Ele vestirá seus sacerdotes com libertação (ver comentário na versão 9), e seus fiel seguidores irão gritar de alegria.

Lá, em Sião, ele causará um chifre ou força (ver comentário em 89:24) para surgir para Davi, e lá, ele já preparou uma lâmpada para o seu ungido. Esta última referência é a luta da Presença de Yahweh, que é nada menos do que fife para a dinastia de Davi (cf. 18:28). Quanto aos inimigos da dinastia davídica, ele irá encerrar com vergonha. Mas sobre David uma coroa brilhará.

• A adequação de tal salmo para uso repetido na adoração em Jerusalém é óbvia. Era consistentemente aplicável não só porque cada rei da dinastia de Davi era, no sentido real, "David", mas ainda mais porque o dogma de Sião como o lugar da Presença de Yahweh era a base contínua do culto de Jerusalém.

Na natureza do caso, muito do que prometem os salmos reais (cf. Salmos 2 , 18 , 21 , 72 , 110) teve tempo de ser revisado; não porque Javé voltou ao juramento, mas porque os reis não eram cinco deles. Eles podem ser idealizados e recebendo uma interpretação messiânica, mas esse procedimento deve invocar o sentido mais completo das Escrituras e não pode ser usado para exeger esses salmos em sua configuração do Antigo Testamento.

Um procedimento melhor, no que diz respeito aos salmos em si, é o reconhecimento neles do que é permanente e imutável. Para o Salmo 132 , isto é sem contenção o fato da Presença de Deus, que abençoa abundantemente o homem e prepara para ele a lâmpada da vida.

133. Um hino à beleza da unicidade

Este pequeno salmo pode igualmente ser chamado de "Ode de um sábio para a comunhão entre os irmãos". Seu tema está exposto em um dito de sabedoria, caracteristicamente claro e apontado, e depois ilustrado por duas imagens totalmente diferentes, mas complementares. O poeta está acabado quando parece que não começou. Ainda tendo ouvido esse salmo, percebemos que o poeta não terminou com sua última linha. Sua mensagem tem um impacto persistente, que é reforçada pelo entendimento poético hábil em que é estabelecido.
O contexto do sábio apelo que começa este salmo é o antigo amor do Oriente Próximo pela solidariedade da unidade familiar e depois pelo grupo tribal ao qual a família pertencia. É um costume freqüentemente ilustrado no Antigo Testamento, nunca mais especificamente do que nas provisões do casamento fraternal ou de levatar (Gen. 38 ; Deuteronômio 25: 5-10). Os irmãos e suas esposas e filhos viveram juntos com as *paterfamilias*; a propriedade da família foi mantida em conjunto; e quando surgiram emergências, havia maiores recursos para lidar com eles. Inevitavelmente, surgiram tensões e desentendimentos desenvolvidos em tais circunstâncias, embora menos freqüentemente sem dúvida do que seria a cultura ocidental mais orientada individualmente. Quando a unidade familiar funcionou, então, como agora, era realmente muito doce.

Tal é a origem do provérbio com o qual este breve hino está aqui iniciado; mas chegou nas mãos de um poeta habilidoso para ter uma aplicação muito mais ampla, pois a preservação deste salmo no Saltério é suficiente para mostrar. Assim, a unicidade de uma família não é excluída pelo salmo, mas a unicidade da comunidade de adoração, a comunhão dos santos, é a sua mensagem mais direta.

Um Cântico dos Ascentos.
[1] Veja, quão bom e agradável é

quando os irmãos habitam em unidade!
[2] É como o óleo precioso sobre a cabeça,

correndo pela barba,
sobre a barba de Aarão,
escorrendo no colar de suas vestes!
[3] É como o orvalho de Hermão,

que cai sobre as montanhas de Sião!

Pois o Senhor ordenou a bênção,

vida para sempre.

É para o propósito do poeta citar o provérbio sem alteração, e isso, pode-se supor, é o que ele faz, colocando seu ponto no início de seu salmo.

"Veja o quão bom e adorável é!

Irmãos vivendo mesmo como um! "

A unidade da vida familiar harmoniosa está em segundo plano, mas o poeta está dirigindo-se aos adoradores reunidos, e deve, portanto, estar falando com eles sobre sua comunhão, primeiro em adoração e depois no mundo.

Duas metáforas são empregadas, para enfatizar o ponto. O sentimento indescritivelmente bom da experiência de tal companheirismo é como o rico óleo da unção sobre a cabeça, correndo pela barba de Aaron no colarinho de suas roupas. Aarão, é claro, representa o sacerdócio separado e abençoado pelo serviço especial de Javé pela cerimônia de ungir (Ex. 29: 7 , Levítico 8:12). O óleo utilizado para este propósito foi especialmente formulado e sagrado (Ex. 30: 22-33), e a visão de seu uso teria sido uma experiência movente e gratificante para o seguidor de Yahweh. A cerimônia prevista não é menos do que a bênção de Yahweh para o homem em seu propósito especial.

Mas o bom sentimento de comunhão fraterna é também como o orvalho de Hermom, correndo pelas colinas de Sião. A imagem aqui é do orvalho excepcionalmente pesado do Monte Hermon trazendo umidade para as terras sedentas abaixo. À medida que as colinas de Sião estão a mais de 100 milhas do Monte Hermon, é evidente que o poeta fala simbolicamente da benção que procede de Yahweh, caindo sobre o ponto mais alto da terra e corre para os pontos inferiores.

Hermon era abundante em orvalho; As colinas de Zion tinham menos, mas ainda estavam atualizadas. Para ver o orvalho, que é mais abundante em Jerusalém, na estação mais seca, de fato, teve uma sensação gratificante. O poeta descreve isso com sua linha final: Yahweh fez firme a sua benção, a vida para sempre. É essa última linha que combina de forma complementar duas metáforas que, ao princípio, são tão díspares. Ambos descrevem a benção vital de Yahweh. E o sentimento caloroso que o pensamento deles dá ao poeta é também o sentimento que ele tem em comunhão com seus irmãos na adoração.

• O que o poeta do Salmo 133 está falando é nada menos do que a comunhão que é chamada na *koinonia* do Novo Testamento . Seu entusiasmo pela bondade e beleza de tal comunhão não é mistério para quem já conhece. Este entusiasmo justificado dá a este pequeno salmo a sua reverberação mental, pois não podemos lembrar-nos de quão doce é a irmandade sem de repente recordar o quanto é raro - muito mais do que deveria ser. Assim, as palavras deste poeta são tão desconcertantes quanto as palavras do Sermão da Montanha que consertam a culpa de uma comunhão fragmentada não sobre "eles", mas sobre "nós" (Mt. 5: 22-24).

134. Um chamado para abençoar a Deus e a Bênção de Deus

Uma breve instrução e uma bênção para uma noite de adoração são preservadas neste salmo, o último na seqüência das 15 "canções de subir". Seu cenário é o Templo em Jerusalém (v. 1-2) e sua ocasião é aparentemente um dos grandes festivais do culto israelita, durante o qual a congregação veio a adorar não só durante o dia, mas também à noite (Isaías 30:29).
Os comentadores geralmente assumiram que os adoradores envolvidos neste salmo são membros da equipe do Templo. Mas não há nenhuma razão pela qual isso deve ser necessariamente assim. A congregação é referida em outros lugares como servos de Javé (por exemplo, 113: 1), e Isaías 30:29 certamente não está restrito a uma audiência sacerdotal. Por isso, pode-se sugerir que vv. 1-2 deste salmo são o chamado do sacerdote para adorar a congregação, reunidos para oração e louvor em uma série de vigílias noturnas durante um grande festival de peregrinos. O versículo 3 é a bênção do sacerdote sobre os adoradores, seguindo suas instruções para eles, enquanto os deixa para o culto da noite.

Um Cântico dos Ascentos.

1 Venha, abençoe o Senhor,
todos vocês servos do Senhor,
que ficam de noite na casa do Senhor!
2 Levante suas mãos para o lugar sagrado,
e abençoe o Senhor!
3 Que ***o Senhor*** *te* ***abençoe*** *de Sião,*
Aquele que fez o céu e a terra!

Assim, o sacerdote chama a congregação para o seu propósito com a instrução de que todos os que são servos de Javé, que devem continuar ou ficar em sua casa durante as noites, devem abençoar a Javé. As noites, que o RSV faz na noite singular, são, naturalmente, as noites do festival.

Os adoradores estão ainda a levantar as mãos, que é rezar, no lugar santo como eles abençoam a Javé. O RSV lê em vez de "in"; se esta leitura for correta, a congregação está sendo instruída a rezar para o lugar da Presença especial de Yahweh, onde a arca é. O texto hebraico é sem qualquer preposição, e, portanto, não é possível saber exatamente o que era a instrução. O chamado à oração e à bênção não é alterado, qualquer preposição seja fornecida.

Tendo dirigido assim os adoradores, o sacerdote pronuncia-se uma benção sobre eles antes de deixá-los para suas devoções privadas e corporativas, e essa benção é individualizada pelo uso do pronome singular. Esta benção é sobre toda a congregação, e também sobre cada membro individual dela (ver Weiser, p. 787). É uma bênção que se refere tanto à Presença de Javé no Templo de Sião como também à sua autoridade como criadora do céu e da Terra.

• Pode-se presumir que a adoração de tais vigílias noturnas incluiu o canto de salmos de louvor e talvez a recitação de tais testemunhos individuais de bênção registrados nos Salmos 16 , 30 e 92 . A informação disponível sobre esses serviços é tão tentadoramente breve, e as sugestões são tanto quanto podem ser oferecidas. Vale a

pena notar, no entanto, que, de acordo com este salmo, os adoradores não foram deixados à bênção de Javé sem antes terem lembrado de sua benção sobre eles.

135. Louvado ao Deus vivo, a fazer, presente

O Salmo 135 é um chamado vibrante para a congregação daqueles que servem e reverenciam a Javé para se juntarem a louvores exuberantes dele. É semelhante tanto no pensamento quanto no conteúdo a outros poemas no Saltério, mas essa semelhança não deve ser tomada, como às vezes foi, implicar que o salmo é "pouco mais do que um mosaico de fragmentos e reminiscências da Lei, Profetas, e outros Salmos "(Kirkpatrick, p. 773).
Os salmos são, por natureza, interdependentes no uso da forma e do idioma, tanto mais em lidar com um tema tão recorrente quanto o louvor do Deus vivo. Este salmo, como outros, que usam frases idênticas às encontradas em outros lugares do Saltério, tem uma ordem e uma ênfase próprias. A forma do salmo indica que foi cantada em partes. O louvor a que se chamam os adoradores de Javé é instado em quatro bases: ele escolheu Israel, ele é o Deus vivo, o Deus que faz e o Deus presente.

1 Louvado seja o Senhor.
Louve o nome do Senhor,
louvai, ó servos do Senhor,
2 vocês que estão na casa do Senhor,
nos tribunais da casa de nosso Deus!
3 Louvado seja ***o Senhor, porque o Senhor*** *é* ***bom;***
Cante a seu nome, pois ele é gracioso!
4 Porque o Senhor escolheu Jacó para si mesmo,
Israel como sua própria posse.

Um chamado quádruplo para o louvor de Yahweh começa o hino. Ele (*Yah*) deve ser louvado, seu nome deve ser louvado por todos os seus servos, os que estão em sua casa, nos tribunais da casa de nosso Deus. A referência, é claro, é para o Templo e para todo o complexo inventando. Todos os adoradores estão sendo chamados a louvar, e v. 2 não deve ser tomado como inferindo dois grupos de adoradores. Não há evidências do Antigo Testamento para negar a entrada dos leigos no santuário do Templo no período pré-exilic.

Assim, a congregação é convidada a louvar a Javé porque é bom e a fazer música ao seu nome porque é adorável. Esta última repetição introdutória do comando para louvar leva ao primeiro motivo para o louvor. Ele escolheu Jacó (Israel) para ele próprio; A nação é a sua possessão preciosa (ver ex. 19: 5). É honra da graça, não do mérito. Ele os trouxe para uma relação especial com ele, e ele deve ser louvado.

5 Pois eu sei que o Senhor é ótimo,
e que nosso Senhor está acima de todos os deuses.
6 O que quer que o Senhor agrada, ele faz,

no céu e na terra,

nos mares e todas as profundidades.
7 *Ele é quem faz subir as nuvens no* ***fim da terra,***

quem faz luzes para a chuva

e traz o vento de seus armazéns.
8 *Foi ele quem feriu o primogênito do Egito,*

tanto do homem quanto do animal;
9 *que no meio de ti, ó egito,*

enviou sinais e maravilhas

contra Faraó e todos os seus servos;
10 *que feriram muitas nações*

e matou reis poderosos,

Sião, rei dos amorreus,

e Og, rei de Basã,

e todos os reinos de Canaã,
12 *e deu sua terra como herança,*

uma herança para o seu povo de Israel.
13 *O teu nome, Senhor, perdura para sempre,*

O ***seu renome,*** *ó Senhor, em todas as idades.*
14 *Porque o Senhor reivindicará o seu povo,*

e tenha compaixão de seus servos.
15 *Os ídolos das nações são prata e ouro,*

o trabalho das mãos dos homens.
16 *Eles têm bocas, mas não falam,*

eles têm olhos, mas eles não vêem,
17 *eles têm ouvidos, mas eles não ouvem,*

nem há respiração nas suas bocas.
18 *Como se fossem aqueles que os criam!*

sim, todo aquele que confia neles!
19 *Ó casa de Israel, abençoe o Senhor!*

Ó casa de Aarão, abençoe o Senhor!
20 *Ó* ***casa de Levi, abençoe o Senhor!***

Você ***que teme ao Senhor, abençoe o Senhor!***
21 *Bendito seja o Senhor de Sião,*

Aquele que habita em Jerusalém!

Louvado seja ***o Senhor!***

Os segundo e terceiro motivos de louvor estão ligados juntos. Javé é o Deus vivo e, inevitavelmente, o Deus fazendo. O poeta prossegue para afirmar esses fatos: primeiro, referindo-se a Yahweh como criador, controlador do clima e trabalhador de maravilhas em nome de seu povo; e então, ao se referir a ele como persistente e ativo em contraste com os ídolos das nações pagãs. As duas partes desta recitação (vv. 5-12 , 14-18) foram cantadas por um padre ou por um pequeno coro. Entre eles, há uma breve oração para Yahweh (v. 13), que pode ter sido uma resposta congregacional.

A primeira recitação, cantada como um testemunho pessoal (nota I, v. 5 , enfaticamente em Heb. Por repetição), declara conhecimento pela experiência da grandeza de Javé e afirma que ele é acima de todos deuses. A prova é oferecida: tudo o que ele escolhe fazer, ele faz, seja no céu, na terra, nos mares ou em todas as profundezas sob o mar e a terra. Ele traz as nuvens de chuva no horizonte; Ele faz relâmpagos para a chuva; Ele perde o vento de suas caixas de tempestade (ver 33: 7). A semelhança de v. 7 para Jeremias 10:13 ; 51:16 pode tão facilmente implicar a dependência de Jeremias sobre o salmista como vice-versa.

Além disso, é o Senhor que atingiu os primogênitos filhos e animais do Egito (Êx 12:29); Javé, que enviou sinais e feitos portentosos sobre o faraó e sobre todos os seus servos, no meio do Egito (Ex 7-12); Javé, que atingiu muitos povos pagãos e matou seus reis - assim o Amorite Sihon (Nm 21: 21-26) e Og de Basã (Deuteronômio 3: 1-11), como todos os governantes de Canaã; e o Senhor que deu a terra dessas pessoas como um legado a Israel.

Este recital é seguido por uma oração de resposta, provavelmente cantada pela congregação:

"Yahweh, sua Presença (nome) é
permanente!
Yahweh, você está presente da geração
para a geração! "

É uma pequena confissão, que parece estar baseada em Êxodo 3:15 , e uma que afirma a realidade da presença ativa de Javé entre seu povo. *Zeker* (renome) significa realidade presente ou memória atualizada (ver comentário em 102: 12).
A segunda recitação começa, assim como a primeira, com uma declaração. Yahweh retoma o caso de seu povo e sente compaixão ternura por aqueles que o servem. Um Deus que faz isso também é um Deus vivo. Em contraste, são os ídolos das nações pagãs. Eles são apenas prata e ouro, feitos à mão pelos homens. Suas bocas não falam, seus olhos não vêem, seus ouvidos não ouvem, nem há respiração nos lábios. Eles são bastante sem vida, e aqueles que os criam, bem como todos aqueles cuja confiança está neles são exatamente como eles. Estes versos são muito semelhantes a 115: 4-6 , 8 ; e eles fornecem aqui como há uma afirmação vigorosa da base de louvor a Javé, a viver, fazer Deus.

A conclusão do hino é como começar um chamado a todos os adoradores, leigos e sacerdócios, para se unir em louvor a Javé. A casa de Israel, a casa de Arão e a casa de Levi são, cada uma, chamadas para abençoar o Senhor, e então todos juntos, dirigidos

como aqueles que têm reverência para o Senhor, são tão exortados. Essas linhas são semelhantes às 115: 9-11 , embora com a adição da casa de Levi, uma referência ao grupo maior de ministros do Templo, nem todos eram sacerdotes.

Para este último chamado, cantado como foi o primeiro pelo sacerdote presidente, ou por um coro em sua direção, os adoradores cantam uma benção sobre o Senhor, aquele que se instalou em Jerusalém, de Sião, onde se uniram na adoração. Assim, uma segunda vez (ver a resposta de oração de v. 13), a congregação enfatiza um fato inerente a tudo que foi cantado; O Deus que vive e faz é inevitavelmente o Deus que também está presente.

• O Salmo 135 não está sozinho no livro dos Salmos em sua sugestão de razões para louvar a Deus. Uma característica significativa desta e de todos esses salmos, no entanto, é que todos os motivos para o louvor que são oferecidos emanam do próprio Deus. Ele é louvado pelo que ele é e como ele é, pelo que ele faz e como ele faz isso. Seu louvor é um elogio merecido; Até onde Israel podia observar, isso não era verdade para nenhum dos deuses.

Finalmente, o louvor de Deus, segundo esses salmos, nunca começa no homem. O homem pode derramar isso, com entusiasmo extático; na verdade, ele não pode fazer o contrário se ele conhece Deus. Mas o próprio louvor sempre começa no próprio Deus. Esta é uma lição de dimensões profundas para o culto contemporâneo.

136. Obrigado pelo amor imutável de Deus

O carinho dos poetas do Saltério para o conceito de do Senhor *chesed* , o seu amor imutável, é evidente a partir da frequência com que o termo ocorre nos salmos. O motivo desse carinho é claro a partir da simples, mas eloqüente mensagem do próprio termo. O amor de Javé, ao contrário do homem, permanece consistentemente e sempre igual. Não é alterado pela circunstância, ou pelo que o homem é ou se torna, não é ou não se torna. É maravilhoso dizer, amor verdadeiramente consistente, um absoluto no qual o homem sempre pode contar.
Esse amor imutável é manifestado ao homem de muitas maneiras, no nível de sua existência nacional (ver Salmos 78 e 106), bem como no nível de sua existência pessoal (ver Salmos 103 e 107). É manifesto também no que é Javé, na sua bondade, a sua generosidade e a sua maravilhosa atividade em nome do homem. Os salmistas estavam bastante sobrecarregados por isso e nunca se cansaram de sua celebração.

O Salmo 136 é uma recitação grata de maneiras pelas quais o amor imutável de Yahweh se manifestou, primeiro na criação e depois em relação ao povo Israel. O hino consiste em uma chamada tripla para a ação de graças, a própria recitação e uma última chamada para o agradecimento. Essas chamadas e os pontos sucessivos na recitação foram cantados em adoração por um sacerdote ou um coro do Templo; e cada chamada ou ponto separado é seguido pela mesma resposta da congregação: por seu amor firme permanece para sempre (seu amor imutável é permanente). Este refrão é repetido pelo menos 26 vezes no decorrer do hino, em um crescente crescendo de repetição. Não há dúvida de que seu efeito foi dramático.

[1] *O* ***dar graças ao Senhor, porque ele é bom,***

pois o seu amor constante permanece para sempre.

[2] Dê graças ao Deus dos deuses,

pois o seu amor constante permanece para sempre.
[3] Dê graças ao Senhor dos senhores,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[4] para aquele que sozinho faz grandes maravilhas,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[5] para aquele que, através da compreensão, fez os céus,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[6] para aquele que espalhou a terra sobre as águas,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[7] para aquele que fez as grandes luzes,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[8] o sol para dominar o dia,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[9] a lua e as estrelas para governar a nighty

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[10] para aquele que feriu o primogênito do Egito,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[11] e tirou Israel de entre eles,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[12] com uma mão forte e um braço estendido,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[13] para aquele que dividiu o Mar Vermelho,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[14] e fez passar Israel pelo meio dela,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[15,] mas derrubou o faraó e seu anfitrião no Mar Vermelho,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[16] para aquele que conduziu o seu povo pelo deserto, pois o seu amor constante permanece para sempre;
[17] para aquele que feriu grandes reis,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[18] e mataram reis famosos,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[19] Sihon, rei dos amorreus,

Por seu amor constante, permanece para sempre;
20 *e Og, rei de Basã,*

Por seu amor constante, permanece para sempre;
21 *e deu sua terra como herança,*

Por seu amor constante, permanece para sempre;
22 *uma herança para Israel, seu servo,*

pois o seu amor constante permanece para sempre.

As chamadas triplas para a ação de graça confessional que introduzem o hino direcionam os agradecimentos a Yahweh porque ele é bom. Senhor deve ser agradecido como *o* Deus acima de todos os deuses. Seu amor permanente e imutável é uma parte importante de sua incomparabilidade, e está estressado pela tripla resposta dos adoradores.

A recitação que segue o início chama a ação de graças é uma extensão deles, dirigindo os agradecimentos em cada caso a Javé, cujo amor imutável se manifestou de diversas maneiras. Então, o Senhor se dirige como aquele que faz grandes ações milagrosas sem qualquer ajuda; como aquele que criou os céus com percepção (Gn 1: 8 , 14-18 ; Prov. 3:19); como aquele que lançou a terra sobre as águas (ver comentário em 104: 1-4); e como aquele que fez as grandes luzes, o sol para reinar durante o dia, a lua e as estrelas para reinar durante a noite (Gênesis 1: 16-18). Após cada afirmação, a repetição do refrão congregacional identifica os respectivos atos de criação como demonstrações do imutável amor de Javé.

A ação de graças é dirigida ao lado de Javé como o Deus poderoso que entregou e manteve seu povo. Ele é aquele que atingiu o primogênito do Egito e levou Israel para fora do Egito com uma mão poderosa e um braço estendido - a referência é para o poder de Javé e a manifestação desse poder nos dez atos poderosos. Ele é o único que cortou o Mar Vermelho em dois, trouxe Israel através dele, e empurrou o faraó e o seu exército para ele. Ele é quem trouxe o seu povo pelo deserto perigoso, depois atingiu grandes reis e matou potentes governantes como Sihon de os amorreus e og de Basã. E ele é aquele que deu a terra desses reis deslocados a Israel, seu servo, como uma herança. Os versículos 10 , 15-22 são muito semelhantes aos 135: 8-12 .

A sequência de eventos que começam com o Êxodo também é tomada como uma manifestação do amor imutável de Javé, e aqui também se repete o refrão dos adoradores após cada declaração. Alguns comentaristas argumentaram que o salmo foi expandido na seção que começa na v. 10 , principalmente com base em que esses versículos não parecem seguir o que os precedeu, e porque o refrão é inadequado após alguns deles (especialmente vv. 10 , 15 , 17ff., cf. Oesterley, p. 542). O argumento, no entanto, não é convincente. A criação de seqüências, a libertação, o sustento, o assentamento - é inteiramente lógico, e os atos de Yahweh exigiram que o povo da escravidão através do perigo para a terra que ele prometeu poderia ser considerado por Israel como manifestações de seu amor imutável em relação a eles .

23 *É ele quem se lembrou de nós em nossa baixa propriedade,*

Por seu amor constante, permanece para sempre;
24 *e nos resgatou de nossos inimigos,*

Por seu amor constante, permanece para sempre;
[25] *aquele que dá comida a toda carne,*

pois o seu amor constante permanece para sempre.
[26] *Ó dê graças a Deus dos céus,*

pois o seu amor constante permanece para sempre.

Finalmente, Yahweh é exaltado por se lembrar de seu povo quando eles estavam em maior necessidade (em forma, em nossa condição deprimida) e por liberá-los de seus inimigos. Yahweh também é o provedor, que dá comida a todas as criaturas vivas. Para isso quanto à libertação de seu povo, ele é comemorado. Nesses caminhos e em todos os outros, seu amor permanente e imutável é manifestado.

Os versos 23-25 estão sozinhos fora do padrão de ação de graças. Isso pode ser explicado pela natureza resumida desta estrofeção final. Assim, o amor mutável de Yahweh como o libertador de seu povo em seu momento de maior necessidade e como o provedor de alimento para toda a carne é um símbolo inclusivo da extensão desse amor.

A ladainha fecha com um último apelo aos adoradores para agradecer a Javé, que agora é chamado de Deus do céu. Este título não ocorre em nenhum outro lugar no livro de Salmos, e fora do Saltério, apenas em livros que geralmente são aceitos como sendo de origem relativamente atrasada. A intenção aqui, como em vv. 1-3 , é enfatizar a singularidade de Javé, no entanto, e pouco pode ser dito sobre a data do salmo como um todo no uso em um versículo final de tal termo. O termo ou mesmo o verso em si poderia ter sido adicionado muito depois que o salmo foi realmente composto.

Mais uma vez, a congregação faz sua resposta, e uma última vez que as palavras da confissão grata soam em celebração do Deus cujo amor é constante.

• A principal ênfase do Salmo 136 é a manifestação do amor imutável de Deus ao seu povo em sua emergência e continuação como nação. A suficiência do amor imutável é enfatizada junto com a sua permanência, no entanto, para Yahweh é cantado como criador e provedor, bem como libertador e benfeitor.

Assim, a ação de Deus como suficiente para todas as necessidades de seu povo é definida como uma variação cantada pelo sacerdote contra o ritmo sólido de seu amor imutável, cantado pelos adoradores. A mensagem é abrangente e constância. Deus encontra cada situação concebível com uma solução, e ele continua fazendo isso, apesar, também, por causa do homem.

137. Cante a Canção de Deus em Strange Ground?

O Salmo 137 é o salmo mais obviamente exilic no Saltério. Seu poeta e o grupo que ele representa também foram apanhados no redemoinho do Exílio, arrebatados de sua terra natal, e tudo o que é querido para eles, e transportados contra sua vontade para uma terra distante e estranha para eles. Eles estão solitários e feridos. Eles são assombrados pelas memórias da devastação de suas terras e da cidade. As provocações de seus captores tornaram-se o catalisador que transformou o sofrimento e a frustração em amargura e odioso violento.

O idioma dos versículos de abertura do salmo sugeriu a muitos que o salmista estava escrevendo a certa distância da própria Babilônia e algum tempo após os eventos que ele narrava. Alguns propuseram que o salmo foi escrito logo após o exílio, em meio aos escombros de Jerusalém antes da reconstrução. Tal teoria falha, no entanto, para explicar de forma satisfatória a imediação óbvia da experiência que o poeta se relaciona e o agudo senso de ausência de Jerusalém, sem mencionar o calor branco de sua fúria diante do pensamento do devaneador babilônico e dos colaboradores Edomite. Portanto, é melhor pensar que o salmo se originou durante o exílio na Babilônia, pouco depois da destruição de Jerusalém. Os versículos de abertura do poeta são uma lembrança dos primeiros dias na Babilônia,

O salmo é uma crónica do movimento dos exilados, do sofrimento entorpecido à fúria calculada. Seu uso na adoração durante o Exílio é movido de acordo com as palavras de vv. 5-6 . Seu uso posterior pode muito bem ter sido restringido aos serviços de lamentação comemorando o aniversário do holocausto de 587/586 AC e suas conseqüências.

[1] Pelas águas da Babilônia,

lá nos sentamos e choramos,
quando nos lembramos de Zion.
[2] Sobre os salgueiros lá

desligamos nossas liras.
[3] Para lá nossos captores

exigiu de nós músicas,
e nossos atormentadores, alegria, dizendo:
"Nos cante uma das canções de Zion!"
[4] Como cantaremos a música do Senhor

em uma terra estrangeira?
[5] Se eu te esquecer, ó Jerusalém,

Deixe minha mão direita murchar!
[6] Deixe minha língua escorrer para o teto da minha boca,

se eu não lembro de você, se eu não definir Jerusalém
acima da minha maior alegria!
[7] Lembre-se, ó Senhor, contra os edomitas

o dia de Jerusalém,
como eles disseram: "Rase it, rase it!
Até seus fundamentos! "
[8] ó filha da Babilônia, você devastador!

Feliz seja ele quem te recompõe
com o que você nos fez!
[9] Feliz seja ele quem leva seus pequeninos

e os ataca contra a rocha!

Existem poucas linhas na poesia bíblica mais pungentes e emocionantes do que a lembrança deste poeta dos primeiros dias na Babilônia. Ele e seus amigos, entorpecidos em sua dor, haviam procurado um lugar tranquilo. Com eles, um reflexo sem objetivo da tragédia que os agarrava, eles haviam tomado suas harpas, uma lembrança tangível de dias mais felizes em Jerusalém.

Por meio dos fluxos que eram característicos da Babilônia, lá - só se pode adivinhar que era uma experiência do dia-a-dia para começar - nos sentamos e choramos quando nos lembramos de Sião. Suas harpas eram inúteis para eles, uma ajuda na verdade para a memória que os fazia chorar mais. Ainda assim, eles os teriam, e assim eles os penduraram nos salgueiros pelas correntes enquanto eles se afligiam.

No entanto, eles não receberam privacidade. Aqueles que os haviam feito, exilados, exigiram-lhes palavras de canção e lançaram jibes a eles, exigindo alegria, dizendo: "Canta-nos uma canção de Zion!" A referência é provavelmente uma geral; Embora a fama da música israelita fosse quase lendária em seu próprio tempo, os cidadãos babilônicos que estavam se divertindo com a despesa dos visitantes que não estavam dispostos dificilmente podiam ter conhecimento do conteúdo de seus salmos. Mesmo assim, tal provocação teria sido mais vicioso do que o pretendido, pois isso levaria a memória das canções exaltando a beleza e segurança de Sião como o lugar eterno da Presença de Yahweh.

Para esses cativos no entanto, a provocação era uma demanda impossível. Como eles poderiam cantar a canção de Yahweh em estranho terreno, em um país estrangeiro? As músicas de Zion e Zion faziam parte um do outro; Para esses exilados solitários, não se poderia ficar sem o outro.

A provocação dos captores também começou um trem de pensamento. Isso chocou o ferrão dele (note a mudança para o pronome singular) letargia do sofrimento. Embora ele não pudesse conceber como eles poderiam cantar a música de Yahweh em uma terra estrangeira, ele estava determinado a não esquecer a música e o que isso significava. Assim, o poeta promete lembrar, selando a promessa com duas maldições sobre si mesmo. Se ele estivesse se esquecendo de Jerusalém, ele faria com que a mão direita dele faria ou caísse. Se ele não deixasse de lembrar de Jerusalém e não o colocasse à frente de sua felicidade principal, ele faria que sua língua ficasse em seu paladar.

Essas imprecações são uma correcção exata dos abismos indecentes em que o seu sofrimento o conduzia, e do qual o sarcasmo de um captor o salvou. Então ele reza para que a mão que agora não toca a harpa e a língua que agora não canta nunca mais pode ser feita novamente, a menos que ele as use acima de tudo para trazer a alegria de Jerusalém para o presente, mesmo em uma terra estranha .

No entanto, o pensamento de Jerusalém traz ferver dentro dele também a lembrança de tudo o que aconteceu. E desta vez, sua reação é raiva em vez de depressão. Ele passou a crise de sua dor; ele lembrou que Jerusalém e o que ela representa têm um significado duradouro. Mas ele também lembrou novamente o que foi feito a Jerusalém, e seus pensamentos se tornam vingança fria. Então ele reza para o Senhor - e é significativo que somente aqui esteja o salmo dirigido diretamente a Javé - para lembrar o dia trágico de Jerusalém contra os filhos de Edom, aqueles vestidos sem princípios que ajudaram os babilônios e gritaram: "Demolite! Demolize-o até as próprias fundações! "

Então, ele se esforça completamente para os principais vilões, os babilônios. A Babilônia é dirigida como o ravager ou o violento saqueador, e o poeta dirige duas "bem-aventuranças" pretas contra ela. Feliz ou abençoado será (1) aquele que paga a Babilônia, retornando a ela tudo o que ela deu a Jerusalém, ao salmista e a seus amigos; e (2) aquele que arrebata os filhos voluntários dos babilônios e os ataca contra uma rocha. A primeira "beatitude" amaldiçoa Babilônia para um destino como o de Jerusalém; O segundo vai além dele para cortar seu futuro pelo extermínio implacável de seus filhos.

• Então, um salmo iniciado em um amargo pesar termina em tudo o que equivale à mais amarga maldição no Saltério. Quando tudo o que pode ser dito para isso foi dito, lembrando o sofrimento do poeta, a incrível catástrofe de 587/586 AC e a identificação dos inimigos do poeta como de Deus, ele continua a ser surpreendente em sua crueldade. Um quase deseja que essa linha seja completamente eliminada, ou pelo menos para um versículo atenuante adicional.

Ainda assim, o salmo deve ser considerado não uma responsabilidade, mas um presente, pois o problema de cantar a música do Senhor em uma terra nova, em um terreno estranho, não é novo; de fato, tornou-se mais intenso. A música do Senhor nunca foi uma das favoritas do mundo, que cantou, geralmente, apenas com lucro. Mas a música do Senhor não é, ao mesmo tempo, algo que o cristão pode abster-se de cantar, qualquer que seja sua circunstância, qualquer que seja seu meio ambiente. É mais fácil, é verdade, cantar uma canção de queixa e vingança, assim como o poeta do Salmo 137 ; e, se alguém é menos honesto, uma canção de piedade segura e irrelevante. Mas tampouco a música do Senhor, por mais alto que possamos cantar. Assim salmos 137, com a sua odisseia do sofrimento à vingança, apresenta de forma incrivel e chocante um problema. Não oferece uma solução. Mas o nosso Deus, em seu Filho, faz.

138. Oração de agradecimento pela resposta de Deus

Esta oração de gratidão profundamente sentida é uma confissão de louvor a Yahweh para a libertação. Em grave dificuldade, em parte pelo menos o resultado do ataque de inimigos, o poeta clamou a Yahweh. E o Senhor respondeu ao grito com Força, proteção e libertação.
O título do texto hebraico relaciona o salmo com o hinário davídico. O salmo é uma oração confessional, do tipo que teria visto uso continuado como expressão pessoal e depoimento.

Um salmo de David.
[1] ***Te dou graças, ó*** *Senhor, com todo o meu coração;*

diante dos deuses eu canto o seu louvor;
[2] ***Inclino-me para o teu templo sagrado***
e dê graças ao seu nome pelo amor firme e pela sua fidelidade;
porque ***você exaltou acima de tudo***
Seu nome e sua palavra.
[3] *No dia em que liguei, você me respondeu,*

Minha força de alma aumentou.

4 Todos os reis da terra te louvarão, ó Senhor,

porque ouviram as palavras da tua boca;
5 e cantarão os caminhos do Senhor,

Pois grande é a glória do Senhor.
*6 Pois, **embora o Senhor seja alto, ele** considera **o humilde;***

Mas o altivo que ele conhece de longe.
7 Embora eu ande no meio do problema,

Você preservar minha vida;

Estendes a tua mão contra a ira dos meus inimigos,

e a mão direita me entrega.
8 O Senhor cumprirá seu propósito para mim;

O amor firme, ó** Senhor, permanece **para sempre.

*Não **abandone o trabalho das suas mãos.***

O poeta começa sua oração com uma expressão direta e irrestrita de seus agradecimentos. Ele confessa o louvor a Javé com todo o seu coração, e ele canta louvor na presença dos deuses. A referência é para os deuses dos outros; o louvor do poeta é tudo para Yahweh sozinho, e essa alusão é feita para dramatizar esse fato. É uma declaração que, em contraste com todos os outros deuses, o Senhor deve ter o louvor.

Assim, o salmista prossegue para o santuário sagrado de Javé, perante o qual ele se levanta enquanto faz sua oração e provavelmente também oferece um sacrifício de ação de graças. Ele confessa o louvor ao nome de Yahweh com base em seu amor imutável e sua certeza. Javé fez distinto acima de tudo seu nome e seu enunciado.

Embora esta última cláusula do v. 2 seja difícil, tal como está no texto, e admite várias interpretações, o contexto sugere que a alusão é a resposta de Yahweh à oração do salmista, o que prova sua presença e sua promessa até o salmista Ele está preocupado. O versículo seguinte explica ainda mais o significado do poeta: quando ele clamou a Javé, ele respondeu-lhe (tão bom quanto sua palavra), excitando-lhe a força da vida.

O que Yahweh fez é uma maravilhosa reivindicação do que ele diz ser. Tanto assim, que todos os reis da terra também confessarão o seu louvor. Esses reis não são senão aqueles que adoram os deuses mencionados na v. 1 . Os reis ouviram o que o Senhor disse. No poeta, essas palavras foram demonstradas. Ele mesmo falou disso, exaltando o Senhor perante os deuses e tornando clara a superioridade comprovada de Yahweh.

Assim também os reis cantará louvor aos caminhos de Javé, porque a glória de Javé, estabelecida por sua Presença e a certeza de sua palavra, é grande. Pela primeira vez, o poeta diz por que a libertação que ele experimentou tem um significado além de si mesmo. Não é só que sua oração tenha sido respondida; Tem que fazer também com o que ele mesmo é. Longe de ser um rei, a quem um deus pode esperar dar atenção, ele é apenas um *shapal* , um homem humilde. Yahweh, apesar de sua posição exaltada, o viu e entendeu. Os orgulhosos, que pensam em si mesmos como o direito aos cuidados especiais de Yahweh, são conhecidos por ele à distância. O contraste é profundo, vividamente colocado. Yahweh visita aqueles que precisam dele, mas fica afastado daqueles que acham que ele precisa deles.

O poeta elabora mais o cuidado de Yahweh dele. Quando ele deve atravessar o meio do perigo, Yahweh o mantém vivo. Yahweh coloca uma mão contra a ira de seus inimigos e entrega-o com o outro. É uma imagem efetiva de Yahweh, que segura os inimigos e resgata o salmista ao mesmo tempo.

Assim, o poeta vem, com base no que experimentou, em uma confissão final. Yahweh terminará o que ele tem em mente para ele. O amor imutável de Javé, do qual tudo o que aconteceu é uma manifestação, é permanente. É uma benevolência a que o poeta pode dizer Amen, e assim ele termina sua oração: "Não desista do que você está fazendo!"

• Um dos grandes surpreendentes do Saltério, de todo o Antigo Testamento que ele tão efetivamente resume e, de fato, da fé cristã, cujas raízes são nutridas nos Salmos e o resto do Antigo Testamento, é a preocupação de Deus para aqueles que o mundo pode facilmente ignorar. Este é o espanto que, segundo esse salmista, deve provocar reis para tomar conhecimento e louvar. É o espanto de João 3:16 e "a loucura de Deus", que é ao mesmo tempo seu amor e seu poder (1 Cor. 1: 18-25).

139. A Oração da Presença de Deus

O tema do Salmo 139 é acima de tudo a Presença de Deus. O poeta que compôs este salmo tinha chegado a uma comunhão tão íntima com o Senhor que sua oração representa a declaração do pináculo no Saltério, talvez até em todo o Antigo Testamento, sobre este tema, muitas vezes mencionado. Assim, este salmo só pode ser chamado *a* oração da Presença, para isso é que, sem dúvida.
O salmo estabelece as profundas convicções do salmista, adquiridas a partir de uma longa experiência e profunda reflexão. Na adoração, provavelmente teria sido proferido no lugar da Presença especial de Javé, no Templo de Sião e na companhia da congregação adoradora. Tal configuração tornaria sua mensagem ainda mais efetiva, como o salmista proclamou no lugar ao qual os peregrinos vieram de longe para experimentar a Presença de Yahweh que não há lugar para o qual essa Presença está ausente e que Yahweh está intimamente familiarizado com todo homem e com todos os seus caminhos e pensamentos.

De acordo com seu título, este salmo entrou no Saltério do hinário davídico.

Sobre o tempo de origem, não pode haver certeza.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
[1] ***Ó*** *Senhor, você me procurou e me conheceu!*

[2] *Sabe quando me sento e quando me levanto;*

Você discernir meus pensamentos de longe.
[3] *Você procura o meu caminho e meu deitado,*

e conheço todos os meus caminhos.
[4] *Mesmo antes de uma palavra estar na minha língua,*

Pois, ó Senhor, conhece-o completamente.
[5] *Tu me assedias atrás e antes,*

e coloque sua mão sobre mim.

[6] Esse conhecimento é muito maravilhoso para mim;

é alto, não posso alcançá-lo.
***7 De** onde eu irei do seu Espírito?*

Ou para onde fugirei da tua presença?
[8] Se eu subir para o céu, você está lá!

Se eu fizer minha cama no Sheol, você está lá!
[9] Se eu tomar as asas da manhã

e habitam nas partes mais altas do mar,
[10] Até a mão da mão me guiará,

e a sua mão direita me segurará.
[11] Se eu disser: "Deixe apenas a escuridão me cobrir,

e a luz sobre mim seja noite "
[12] até mesmo a escuridão não é escura para ti,

a noite é brilhante como o dia;

Pois a escuridão é tão leve contigo.

Chegando diretamente ao seu tema, o poeta começa sua oração com uma afirmação de seu senso de proximidade da Presença de Yahweh. Yahweh o analisou e o conheceu de primeira mão. Ele conhece todos os seus movimentos, de sentar a pé, e ele entende seus pensamentos antecipadamente ou de longe.

Yahweh resolveu sua via de viagem e seus lugares de repouso no caminho, e ele está completamente familiarizado com todos os seus hábitos. Antes mesmo de dizer o que ele tem em mente, Yahweh sabe disso, em toto. O Senhor pressiona em torno dele (iluminado, atrás e antes) e coloca a mão sobre ele.

Esta visão não pode ter sido facilmente alcançada pelo salmista, e ele confessa que ele está sobrecarregado por isso. É muito surpreendente para ele e muito elevado, e ele se sente incapaz de absorvê-lo. No entanto, é uma visão real e um com quem ele pode, mas lutar com, como mostram as próximas linhas. Ele refletiu sobre isso e tirou conclusões que só podem ser testadas por questões dirigidas a Javé. A Presença é tão real e um fato que ele reconheceu que é bastante inescapável.

Assim, ele faz sua pergunta: Onde ele pode estar longe do Espírito de Javé, para fugir da sua Presença? É uma questão de grande importância, não só por sua implicação, mas porque indica, através do uso paralelo de *ruachka* e *paneyka* , que o poeta igualou o Espírito do Senhor e sua Presença como um e o mesmo.

A questão é retórica, tanto quanto o poeta pode ver. Se ele subir ao céu, lá está o Senhor. Se ele espalhar sua cama no Seol, o lugar dos mortos, lá está o Senhor. Se ele levanta as alas do amanhecer, isso é a mosca para o lugar do nascer do sol, ou se estabelece no lado de trás do mar, onde o sol se põe, mesmo que a mão de Javé o guie e agarra-o firmemente.

Se ele dissesse: "Certamente, a escuridão me voile e a noite, como a única luz que me rodeia", ele ainda não estaria além da Presença, pois mesmo a escuridão não pode tornar as coisas escuras para Yahweh. A noite é como a luz do dia para ele.

13 Pois tu fizeste minhas partes internas,

Você me juntou no ventre da minha mãe.
14 Eu te elogio, porque és terrível e maravilhoso.

Maravilhosas são as tuas obras!
Você me conhece bem;
15 meu quadro não estava escondido de ti,
quando eu estava sendo feito em segredo,
Forjado intrincadamente nas profundezas da terra.
16 Os teus olhos contemplaram a minha substância não formada;

Em seu livro foram escritos, cada um deles,
os dias que foram formados para mim, quando ainda não havia nenhum deles.
17 Quão precioso são os teus pensamentos, ó Deus!

Quão vasta é a soma deles!
18 Se eu contasse, eles são mais do que a areia.

Quando eu acordar, ainda estou contigo.
19 para que matasses os ímpios, ó Deus,

e que homens de sangue se afastariam de mim,
20 homens que te desafiam maliciosamente, que se levantam contra ti por maldade!
21 Não odeio aqueles que te odeiam, ó Senhor?

E não detesto aqueles que se levantam contra ti?
22 Eu os odeio com um ódio perfeito;

Eu os considero meus inimigos.
23 Procure-me, ó Deus, e conheça meu coração!

Experimente-me e conheça meus pensamentos!
24 E veja se há algum caminho perverso em mim,

e me guie no caminho eterno!

O salmista percebeu que esta proximidade da Presença de Yahweh não é nada novo. Não era menos uma realidade muito antes de descobri-lo, muito antes mesmo de ser capaz de descobri-lo. O Senhor criou suas partes internas, as vísceras e a sede do intelecto e da emoção. O Senhor o "amarrou" no ventre de sua mãe.

Tudo exceto superado pela grande maravilha de tudo, ele confessa seu louvor ao Senhor, porque o Senhor deve ser reverenciado. Ele é ele mesmo uma maravilha, em seu próprio corpo, que o Senhor lhe deu. Todas as criações de Yahweh são maravilhosas. "E", diz o poeta, "você me conhece de primeira mão e totalmente!" Seu

corpo não é um segredo para o Senhor, embora tenha sido feito em segredo, formado em estágios na parte mais distante da terra. À medida que a próxima linha deixa claro, o poeta está falando sobre o material e a formação de seu corpo; Assim, é melhor entender a referência como um duplo sentido, referindo-se tanto ao ventre de sua mãe (v. 13) quanto ao ventre da terra, mãe de toda a vida (Jó 1:21 , onde a Terra é chamado "útero de minha mãe").

Então os olhos de Javé viram seu ser não-formado, a substância pré-embrionária que se tornaria seu corpo. Mesmo assim, antes que um dos dias que lhe foi atribuído tivesse chegado, o Senhor tinha cada um deles estabelecido em seu livro, o livro dos vivos (ver comentário em 69:28).

Uma segunda vez (ver v. 14), o poeta é superado pela profundidade da percepção que ele recebeu.

> *"Quão pesado para mim são seus pensamentos,*
> *Deus!*
> *Quão infinita é a multidão deles! "*

Numerando-os, encontraria um total em excesso dos grãos de areia na terra; e mesmo assim, ele ainda estaria na Presença de Javé (iluminado, com você), e por isso tem mais a pensar. A segunda metade do v. 18 é quase obscura no que se refere. A renderização do RSV segue o texto de L, o que não faz sentido. A interpretação aqui adotada baseia-se na leitura de manuscritos hebraicos variantes.
Para este salmista, Yahweh é tão real e constantemente perto que é quase inconcebível que qualquer homem não possa conhecer e ser afetado por sua Presença. Então, o poeta quer que aqueles que ignoram a Presença sejam devidamente tratados e sua própria desassociação desses homens para serem esclarecidos. Ele próprio quer ser guiado no caminho da Presença.

O salmista pede que Deus (' *Eloah*) mate os ímpios e que homens de sangue não tenham nada a ver com ele mesmo. Esses homens, afinal, falaram de Yahweh apenas no interesse de algum esquema, sustentando como inúteis os próprios pensamentos que o inspiraram.

Ele afirma, por uma pergunta retórica, que ele odeia aqueles que odeiam a Javé e que ele só tem desgosto por aqueles que estão contra o Senhor. Ele os odeia, de fato, com completo ódio e os considera seus próprios inimigos.

Assim, ele deseja permanecer no caminho de Yahweh e tão longe de tais homens. E ele reza para que Deus analise e ensaiá-lo a conhecer seu coração e seus pensamentos. É seu desejo que Yahweh verifique se há alguma tendência ofensiva nele e o guia no modo permanente de sua Presença.

• A visão teológica deste salmo é certamente tão profunda quanto qualquer no Saltério. Não se pode duvidar da afirmação do poeta de que ele veio a ele de Yahweh, mais do que pode duvidar da realidade, para ele, da Presença de Yahweh.

No entanto, é mais fácil falar sobre a Presença do que convencer-se disso. Por toda a magnificência da expressão poética dos primeiros três quartos deste salmo, é a oração do poeta que o presente e o conhecimento de Deus estivessem desconsiderados e

corrigissem toda a sua falta, que é mais tocante de todos. É exatamente essa oração, que deixa claro o fato da Presença e seu efeito na vida de qualquer homem, pois não é menos do que a bandeira da rendição incondicional.

140. Oração pela libertação de caluniadores

Este lamento da coleção davídica é o apelo ansioso de um homem que está sob ataque vicioso nas mãos de inimigos malignos. No entanto, o apelo é feito com confiança, pois o salmista experimentou a libertação de Yahweh antes (v. 7 *b*), e ele tem certeza de que ele o conhecerá de novo.
O ataque ao poeta é aparentemente destinado a desonrá-lo, embora ele não diga de que maneira. O estilo do salmo é típico de tais lamentos. O poeta faz sua súplica três vezes, seguindo cada pedido com uma acusação de seus inimigos; então ele se move para uma maldição sobre eles e, finalmente, para uma afirmação de sua fé em Yahweh.

Para o maestro do coro. Um salmo de David.
[1] Entregue-me, SENHOR, dos homens malvados;

me preservar de homens violentos,
[2] que planejam as coisas más no coração,

e agitar as guerras continuamente.
[3] Eles tornam a língua afiada como a da serpente,

e sob seus lábios está o veneno de víboras. Selah
[4] Guarda-me, ó SENHOR, DAS MÃOS DOS ímpios;

me preservar de homens violentos,
que planejaram tropeçar meus pés.
[5] homens arrogantes me escondem uma armadilha,

e com cordas eles espalharam uma rede,
pelo lado do caminho, eles estabeleceram armadilhas para mim. Selah
[6] Digo ao SENHOR: Tu és o meu Deus;

Ouça a voz das minhas súplicas, ó SENHOR!
[7] Ó SENHOR, MEU SENHOR, MEU LIBERTADOR FORTE,

Você cobriu minha cabeça no dia da ***batalha.***
[8] ***Não concede, ó*** *Senhor, os desejos dos ímpios;*

Não aprofundar sua trama malvada! Selah
[9] Aqueles que me cercam levantam a cabeça,

Deixe o mal dos seus lábios sobrecarregá-los!
[10] Deixe que as brasas caírem sobre elas!

Deixe-os lançar em poços, não mais para se levantar!
[11] Não se estabeleça o caluniador na ***terra;***

Deixe o mal perseguir o homem violento rapidamente!

[12] ***Eu sei que o Senhor mantém a causa dos aflitos,***

e executa justiça para os necessitados.

[13] *Certamente os justos dão graças* ***ao*** *teu nome;*

Os retos habitarão na tua presença.

As primeiras palavras do poeta são um grito de libertação. A súplica para uma audiência com a qual muitos lamentos começam vem mais tarde neste salmo. Ele pediu a Yahweh para tirá-lo de homens malvados, para protegê-lo dos homens de violência. Os homens a quem ele se refere pensam em planos perversos e provocam brigas durante todo o dia. Eles fazem sua língua cintilar como uma serpente; O veneno letal está dentro do que eles dizem.

Um segundo grito é que o Senhor o mantenha fora do poder dos ímpios e, de novo, proteja-o dos homens de violência que colocaram suas mentes para afastá-lo. São homens presunçosos que dissimularam uma armadilha para o poeta; homens perversos que espalharam uma rede e colocaram armadilhas para ele onde ele terá que passar.

O terceiro pedido do salmista começa com um grito de audição e confissão. Confessando o Senhor como seu Deus, ele pede que ele dê atenção ao som de sua oração. O Senhor é o Senhor dele, a força pela qual ele é entregue, aquele que protegeu a cabeça quando as armas estavam voando. Então, confiante com base em tal experiência passada, ele reza por uma nova libertação: que o ímpio não possa cumprir seu objetivo.

Tendo feito e documentado seu pedido três vezes, o poeta pede o julgamento de Yahweh sobre seus inimigos caluniosos em uma série de maldições. Eles o cercam, exaltando-se às suas custas. Ele anseia pela miséria que suas fofocas viciosas causaram para cobri-las; Para que as brasas de fogo caíssem sobre elas (ver Salmos 11: 6); para que eles sejam derrubados em fluxos de inundações (o símbolo freqüente de desastre e morte no Saltério), para nunca mais se levantar; que o homem que é toda a língua não pode ter segurança na terra; e esse infortúnio perseguem o homem da violência com pressa.

O salmo é concluído com uma declaração formal da confiança que é inerente a tudo que já foi antes. Essa afirmação também é parte da oração, que teria sido entregue na presença dos adoradores do poeta. Assim, como outros lamentos semelhantes, serve também como uma confissão.

Assim, o salmista declara que conhece por experiência da preocupação de Yavé pelos oprimidos e destituídos. Como resultado, ele espera com confiança uma nova intervenção divina novamente, em seu próprio nome. Então ele predica que os justos, os seguidores retos de Javé, certamente darão o devido agradecimento ao seu nome, permanecendo em sua Presença. É a Sua Presença, que é trazer o alívio necessário, e o alívio permitirá que aqueles que o seguem louvem e permaneçam na Presença.

• A dependência de tais poetas em Deus e a confiança com que os seus apelos são levantados permanecem instrutivas, apesar da amargura por aqueles que, por várias razões, consideraram seus inimigos e os de Deus. Há também lições no dano que denunciam, como neste caso o potencial de danos de uma língua caluniosa.

No entanto, mais do que qualquer outra coisa, esses poetas nos ensinam a se refletirem nos sentimentos humanos e repugnantes que às vezes expressam. Nós nunca parecemos reconhecer em nós mesmos o que somos tão rápidos em encontrar vicioso e repulsivo em outro. Estes poetas aprenderam sobre si mesmos, alguns deles mais do que outros, na Presença de Deus.

141. Uma oração pela proteção contra o eu

O autor desse lamento era um homem pressionado por homens maldosos e com medo de sucumbir a uma tentação de ser como eles. Ele é, portanto, um homem que é sincero e realista, sabendo o que é errado, admirando uma atração e orando por uma força que ele teme que ele não tenha. Não está completamente claro se sua atração pelo caminho do perverso surgiu com ou sem seu encorajamento, embora o conteúdo de vv. 4 , 9-10 sugere fortemente o primeiro.
O salmo é do hinário davídico. Seu texto foi mal preservado, especialmente em vv. 5-7 , e como resultado, parte do salmo é impossível traduzir com qualquer certeza.

Um salmo de David.
[1] Apelo a ti, ó SENHOR; APRESSA-ME!

Dê ouvidos à minha voz, quando eu chamo para você!
*[2] Que a minha oração seja contada como incenso diante de **ti,***

*e o levantamento das minhas mãos como um **sacrifício da noite!***
*[3] Defina **um guarda** sobre **minha boca,** ó Senhor,*

vigie a porta dos meus lábios!
[4] Incline não meu coração a qualquer mal,

ocupar-me com ações perversas
em companhia dos homens que trabalham iniqüidade;
e deixe-me comer de suas guloseimas!
[5] Que um bom homem me acerte ou me repreenda em espécie ,

Mas deixe o óleo dos ímpios nunca ungir minha cabeça;
pois a minha oração é continuamente contra as suas más perversas ações.
[6] Quando são entregues aos que os condenam

então eles aprenderão que a palavra do Senhor é verdadeira.
*[7] Como uma pedra que se cliva e quebra na **terra,***

assim os seus ossos estarão espalhados na boca do Seol.
[8] Mas os meus olhos são para ti, ó Senhor Deus;

em ti busco refúgio; não me deixe indefensas!
[9] Mantenha-me da armadilha que me deram e das armadilhas dos malfeitores!
[10] Deixe os ímpios juntos caírem em suas próprias redes,

enquanto eu escapo.

A oração começa no chamado para uma audiência tão típica dos salmos lamentadores. O adorador chama a Yahweh, pedindo-lhe para "Venha até mim rapidamente!" E para dar atenção ao som de sua chamada. Ele pede que sua oração venha com certeza à Presença de Yahweh como incenso ou oferta de presentes à noite. A referência é a rodada de rituais da Presença oferecida diariamente no Templo, dirigida especificamente a Javé (ver Ex. 29: 38-46; 30: 1-8), e a oração é que a petição que está sendo levantada atinja Yahweh Com certeza, como o incenso sagrado e a fumaça da oferenda de presentes eram pensados para fazer. A substituição do culto espiritual pelo culto formal que alguns intérpretes viram aqui simplesmente não faz parte do texto.

Por que o choro do poeta deve ser tão urgente é indicado pelo seu conteúdo. Ele se reconhece como uma ameaça, junto com aqueles a quem inveja (ver 73: 1-14). Assim, sua petição é que o Senhor colocou um guarda na boca e vigia cada vez que ele move seus lábios. Ele pede que sua mente (coração) não seja permitida se inclinar para uma coisa má, e assim se destruir com ações de maldade junto com homens que trabalham em desespero. Ele pede que ele não tenha permissão para participar de suas "deliciosas merda", uma alusão a uma indulgência ilimitada a que o salmista é atraído.

A continuação da oração (vv. 5-7) é muito difícil de entender por causa de um texto original corrompido. As sugestões daqueles que analisaram a passagem são muitas, e alguns estudiosos consideram esses versículos também danificados para permitir qualquer renderização inteligível (então Weiser, p. 811 e Oesterley, pág. 563). As versões geralmente mostram tanta confusão quanto o texto hebraico. A seguinte exposição é, portanto, baseada em uma visão tentativa e um tanto conjetorial do significado do poeta.

O salmista pede o golpe de um homem honesto e a repreensão de um leal em vez da maior honra dos ímpios. O contraste é o julgamento nas mãos daqueles que se dedicam a Javé em preferência à aprovação sem sentido e indiscriminada daqueles que ignoram o seu caminho. Na verdade, ele reza para que estes últimos sejam julgados de forma conclusiva e, assim, derrubados, e assim compreendam quão leve em contraste suas próprias palavras, aparentemente palavras de refutação aos trabalhadores de angústia. Ele pede que seus ossos sejam espalhados pela entrada do Sheol como os fragmentos de uma rocha dividida e estilhaçadas no chão.

Voltando ao seu lamento, o poeta afirma que a atenção dele está sobre o Senhor, que é o seu Senhor - e, portanto, não para com esses homens perversos a quem ele está tentando evitá-lo e a quem ele desviou. Ele se refugiou em Yahweh, e ele pede que sua vida não seja deixada indefesa. Ele pede finalmente que esses homens perversos possam cair em sua própria rede enquanto ele está passando com segurança.

• Embora este salmista não seja o primeiro homem de fé a se atrair para o que ele sabe que é errado, sua admissão sincera de sua situação e seu grito aberto a Deus para ajudar a recomendá-lo como alguém que resolveu lidar com o problema. Sua oração é, portanto, um pedido preventivo, antes do fato, ao invés de um jorrão de arrependimento, por mais sincero que seja, depois disso.

A desobediência aquiada no livro dos Salmos é, em sua maior parte, afinal, uma desobediência voluntária. Como tal, é um registro exato de como a maioria de nossa rebelião se enraíza e vem à flor. A preocupação do autor do Salmo 141 de colocar o machado em tal rebelião no broto é também uma no Novo Testamento (Mt. 18: 7-9) e uma que é necessária em nós.

142. The Lament of a Lonely Individual

A camaradagem simpatica, especialmente em tempo de dificuldade, é essencial para o contentamento humano. Não há uma soledade tão alta como a que se baseia na conclusão de que ninguém se importa. O poeta desta oração agonizante estava em tal posição. Sob tanta pressão de seus adversários e tão desprovidos de amigos que ele se sentiu praticamente na prisão (v. 7), ele enviou um grito a Yahweh, sua única esperança remanescente. É um grito desolado, um gemido desesperado de uma noite escura da alma, e aquele cuja utilidade para uma sucessão de adoradores em circunstâncias semelhantes é atestada por sua presença no livro dos Salmos.
O salmo é chamado de "Maskil" e "Oração" por sua inscrição, e é identificado a partir da coleção davídica de salmos. A inscrição também relata o salmo ao ser de David "na caverna", embora aqui como no título do Salmo 57 não esteja claro qual das duas instâncias registradas (1 Sam. 22: 1 ou 24: 2-7) significa , se mesmo algum deles é.

Um Maskil de David, quando ele estava na caverna. Uma oração.

1 Eu choro com a minha voz ao Senhor,
Com a minha voz, faço súplica ao Senhor,
2 Eu derrama minha queixa perante ele,
Eu falo meu problema antes dele.
3 Quando meu espírito é fraco,
Você conhece o meu caminho!
No caminho onde eu ando
Eles me escondem uma armadilha.
4 Eu olho para a direita e assisto,
mas não há quem me tenha avisado;
nenhum refúgio permanece para mim, nenhum homem se importa comigo.
*5 Eu clamo **a ti,** ó Senhor;*
Eu digo: Você é meu refúgio,
Minha porção na terra dos vivos.
6 Preste atenção no meu clamor;
porque eu fui trazido muito baixo!
Entregue-me dos meus perseguidores;
pois eles são muito fortes para mim!
7 Me tire da prisão,
para agradecer o seu nome!
Os justos me cercam;
***para** tu Faze bem comigo.*

O poeta imediatamente indica o desespero de sua alma pela intensidade de seu grito. Sua chamada implora a Javé e suplica a misericórdia de Javé. Ele derrama toda a sua mente na presença de Javé, declarando sua angústia. A razão de abordar o seu clamor a Yahweh, aparentemente no Templo, é dupla. Primeiro, ele cita a experiência passada. Sempre que seu espírito se tenha tornado fraco sobre ele, Javé (tu de v. 3enfático em Heb.) conheceu bem sua maneira habitual. Não há razão para supor que as coisas sejam diferentes agora, e essa é a fonte de sua esperança. Em segundo lugar, ele observa nas linhas mais pungentes do salmo que o Senhor é a sua única esperança. Seus adversários ocultaram uma armadilha para ele no caminho que ele sempre leva, ou seja, onde ele mora; ele não pode evitá-lo. No entanto, apesar desse perigo, ninguém está de pé como seu homem de mão direita (16: 8 ; 109: 31) para apoiá-lo. "Olhe sobre!", Ele chora a Yahweh, "veja por si mesmo! Ninguém toma conhecimento de mim. Todo escape é cortado de mim. Ninguém se importa comigo."

Então ele implora a Javé, alegando-o como seu refúgio, como a sua devida herança (ver comentário em 16: 5) na terra dos vivos, entre os homens ainda vivos. Ele pede uma audiência cuidadosa para o seu lamento alto porque ele está quase desaparecido. Ele pede para ser arrancado daqueles que perseguem ele, porque são demais para ele. Ele deseja que o Senhor o guie da prisão, uma figura de discurso para sua situação quase desesperada.

É uma libertação que o poeta vê claramente como vida em troca de uma morte certa, mas que ele deseja para confessar louvores ao nome de Javé. Aqui, como em outras orações lamentadoras, a morte é entendida como a extinção de todo o louvor de Javé, e v. 7 *a* deve ser entendido como implicando mais do que apenas gratidão pela libertação.

Além disso, a sua libertação terá um valor de testemunho. Os justos, os que seguem a Javé, irão pressioná-lo, porque o Senhor o fará bem, trazendo-o. É uma promessa de um testemunho de ação de graças, como parte do louvor que ele deseja continuar.

• Como é quase sempre o caso dos salmos de lamentação, o Salmo 142 fornece pouca sugestão da natureza da situação do poeta ou as razões para isso. Aqui, como em qualquer outro lugar, qualquer detalhe que originalmente tenha sido parte do lamento tenha sido corroído pelo uso contínuo e pela reaplicação do que é essencial no salmo.

Mas também aqui, como em outros salmos, a fé em Deus, tão constante e poderosa como o homem é indiferente e impotente, brilha pelo desespero como um grande farol. Essa fé, de fato, poderia ser chamada de fundamento de todos os lamentos; apesar de terem sido precipitadas por circunstâncias terríveis, eles nunca teriam sido expressos sem fé em Deus e a confiança de que, embora nenhum homem se importe, Deus sempre o faz.

143. Uma oração penitente pela libertação

O tema desta oração do saltério davídico é a necessidade de libertação de uma situação desesperada. O que é esta situação ou por que é não é indicado pelo poeta, além do fato de ter sido provocado por seus inimigos. Que a situação é uma das proporções mais diárias é claramente indicada pela escolha do idioma do poeta e pelas frases rápidas e inteligentes pelas quais sua oração é entregue.

Este poeta conhece a si mesmo e a sua própria culpa, assim como ele conhece a habilidade de Yahweh de salvar. Ele deseja uma libertação e, além disso, uma comunhão que ele só pode receber e não ganhar. Ele confia para o amor imutável de Yahweh de forma total e sem dúvidas.

Um salmo de David.

[1] Ouça minha oração, ó Senhor;

preste atenção às minhas súplicas!

Na tua fidelidade, responde-me, na tua justiça!

[2] Não entre em julgamento com o seu servo;

pois nenhum homem vivo é justo antes de ti.

[3] Pois o inimigo me perseguiu;

Ele esmagou minha vida no chão;

Ele me fez sentar na escuridão como aqueles mortos há muito tempo.

[4] Portanto, o meu espírito se desfalece dentro de mim;

Meu coração dentro de mim está consternado.

[5] Lembro-me dos dias de idade,

Eu meditei em tudo o que fizeste;

Eu penso no que suas mãos fizeram.

[6] Estendi as mãos para ti;

*minha alma tem sede para ti como **uma** terra seca. Selah*

O poeta abre sua oração com um triplo apelo para uma audiência: pedindo ao Senhor que ouça sua oração, preste atenção a sua súplica de acordo com a constância divina e responda-o de acordo com a justiça divina. Não há dúvida de inocência ou mérito, como em alguns salmos; o salmista conhece bem a sua própria indignidade e a da família do homem de que ele é parte, e ele chora: "Não desça de casos com seu servo. / Porque nenhum homem vivo é justo em sua Presença ". É uma declaração simples e honesta de que sua libertação deve vir não só do Senhor, mas também por causa de Javé.

Que a libertação é extremamente necessária, o poeta continua a afirmar. O inimigo pressionou forte depois de sua própria vida. Ele bateu e pisou o poeta até o chão. Ele o fez habitar no próprio reino da própria morte (cf. 88: 4-6). Em uma palavra, o salmista sente que ele está pendurado na vida por uma corda. Seu espírito tornou-se fraco (ver 142: 3a para a frase idêntica). Seu coração ficou adormecido.

Que a libertação é possível, sua experiência passada lhe diz. Ele lembra os dias passados, reflete sobre todo o bem que o Senhor alcançou e pensa sobre o que suas mãos fizeram. Esses pensamentos levam a uma reação imediata; Ele expande suas próprias mãos para o Senhor, talvez para o lugar especial de sua Presença no Templo, sobre a arca. Sua própria vida anseia por Javé, como uma terra seca anseia pela chuva (ver 63: 1 para uma expressão mais completa da mesma metáfora).

[7] Apresse-se em me responder, ó Senhor!

Meu espírito falha!

Não esconda o meu rosto de mim,

para que eu seja como aqueles que vão ao Poço.
8 Deixe-me ouvir na manhã do seu amor firme,

pois em ti coloco minha confiança.

Ensina-me do jeito que devo ir,

Para você levanto minha alma.
9 Livra-me, ó Senhor, dos meus inimigos!

Fugi para ti para o refúgio!
10 Ensina-me a fazer a tua vontade,

Pois você é meu Deus!

Deixe o seu bom espírito me levar

em um caminho de nível!
11 Por amor de teu nome, ó Senhor, conserva a minha vida!

Na tua justiça, tire-me dos problemas!
12 E no teu amor íntimo cortaram os meus inimigos,

e destrua todos os meus adversários,

Pois eu sou teu servo.

Assim, o poeta volta ao apelo com o qual ele começou, e com maior vigor do que nunca, ele pede petição por petição. Ele pede a Yahweh que o responda apressadamente, já que seu espírito está quase terminado. Ele reza para que o Senhor não esconda dele sua presença, para que ele seja como aqueles que descem para o poço, o lugar dos mortos.

Ele deseja ser feito ouvir pela manhã, o tempo do advento e da libertação de Yahweh, o amor imutável de Yahweh. Ele pergunta isso porque ele colocou sua confiança em Yahweh. Ele deseja ser feito para conhecer a maneira de andar. Ele pergunta isso como aquele cuja própria vida é levada a Yahweh.

Ele implorou ao Senhor que o arrebatasse do inimigo, como ele se entregou a Yahweh para ocultação. Ele ora a Javé para ensinar-lhe a fazer as coisas que ganharão o seu favor (v. 2), confessando que o Senhor é o seu Deus e implorando o bom espírito de Javé para orientá-lo em um terreno nivelado, ou seja, um lugar seguro. Finalmente, o salmista pede a Yahweh para mantê-lo vivo por causa do nome dele. Como em outros lamentos, a suposição é que a derrota de um dos próprios filhos de Yahweh é uma reflexão sobre o próprio Javé. Então o poeta solicita ao Senhor que libere sua vida da angústia na sua justiça, porque é assim que é o Senhor.

Relacionado com este pedido é a oração para o julgamento de Javé sobre os inimigos oprimidos, cuja destruição o poeta pergunta em "seu amor imutável" (ver comentário em 136: 10-22). A extirpação de tais inimigos é repetidamente representada no Antigo Testamento, e nos salmos em particular, como uma manifestação da bondade consistente de Yahweh para com os seus. Então, o poeta também reza pela aniquilação de todos os que estão causando sua dificuldade, porque. Sou seu servo. Quando essas linhas de fechamento são assim compreendidas, elas são vistas como consoantes da

devoção a Javé e do espírito de anseio por sua Presença que é manifesto durante toda a oração.

• O Salmo 143 é o último dos sete salmos de penitência selecionados para uso especial na tradição cristã. Este salmo tem sido tão honrado por causa da angústia honesta e desarmante do seu apelo a Deus, bem como pelo pedido da graça do amor imutável de Deus e pela orientação de uma maneira melhor.

O salmo é bem adequado a esse papel por outro motivo, no entanto: manifesta um anseio pela Presença de Deus e um sentimento de obrigação naquela Presença que induzem ao leitor sensível a conclusão inconfundível de que existe uma razão mais importante para a penitência do que a libertação.

144. Uma oração real pela ajuda de Deus

O salmo 144 pertence ao grupo de salmos reais cujo contexto se encontra nas cerimônias relacionadas à coroação e ao governo contínuo dos reis da dinastia de Davi em Jerusalém. De fato, mostra essa similaridade com dois desses salmos em particular (18 e 72) que às vezes foi considerado uma compilação, sem nenhum conteúdo distinto. Naturalmente, não pode haver dúvida sobre a correspondência entre este salmo e outros poemas no Saltério - Salmos 8 , 33 , 39 e 89 , além dos dois já mencionados. Tal correspondência, no entanto, não justifica a negação da integridade e a unidade do Salmo 144como um salmo real com seu propósito especial e mensagem. Como todos esses salmos, tem uma relação específica com as preocupações dos reis davídicos. Ele foi composto e usado com essas preocupações em mente, e seu autor certamente teria conhecido o idioma, bem como a forma de todos esses salmos. Além disso, há neste salmo uma combinação de louvor e solicitação que, juntamente com a confissão do rei da indignidade do homem, não é duplicada em outros lugares nos salmos reais.

O salmo é da coleção Davidic. Como os outros salmos reais, teria sido usado repetidamente sob uma sucessão de reis em Jerusalém, pois as necessidades que ele expressa tornaram-se relevantes. Na adoração, o salmo teria sido cantado pelo próprio rei ou por alguém que o representasse.

Um salmo de David.

1 Bendito seja o Senhor, meu rock,

que treina minhas mãos pela guerra

e meus dedos para a batalha;

2 minha rocha e minha fortaleza,

minha fortaleza e meu libertador,

meu escudo e aquele em quem me refugio,

que submete os povos sob ele.

3 Ó Senhor, o que é o homem que o consideras,

ou o filho do homem que pensa nele?

4 O homem é como uma respiração,

Seus dias são como uma sombra passageira.

[5] ***Inclua os teus céus,*** *ó Senhor, e desça!*

Toque as montanhas que eles fumam!
[6] *Deslize o relâmpago e espalhe-os,*

mande suas flechas e guarde-as!
[7] *Estique a mão de cima,*

me resgate e entregue-me das muitas águas,
da mão de alienígenas,
[8] *cujas bocas falam mentiras*

e cuja mão direita é a mão direita da falsidade.
[9] *Eu vou cantar uma nova música para você, ó Deus;*

em uma arpa de dez cordas, eu vou jogar para você,
[10] *que dão a vitória aos reis,*

que resgata Davi, seu servo.
[11] *Resgate-me da espada cruel,*

e entregue-me da mão de alienígenas,
cujas bocas falam mentiras,
e cuja mão direita é a mão direita da falsidade.
[12] *de maio nossos filhos em sua juventude*

ser como plantas crescidas,
nossas filhas gostam de colisões
cortar a estrutura de um palácio;
[13] *que nossos jogadores estejam cheios,*

fornecendo todo tipo de loja;
nossa ovelha traz milhares
e dez mil em nossos campos;
[14] *que nosso gado seja pesado com jovens,*

não sofrendo mischance ou falha em suportar;
Pode haver um choro de angústia nas nossas ruas!
[15] *Feliz as pessoas a quem tais bençãos* ***caem!***

Feliz as pessoas cujo Deus é o Senhor!

A benção que começa o salmo é, de fato, uma ação de graças para a beneficência passada do Senhor para o rei, particularmente no campo de batalha. Ele serve de base para as petições a seguir. O Senhor é abençoado como a rocha do rei, seu lugar de segurança (ver comentário em 61: 2); como aquele que lhe ensina a arte da guerra; como aquele que o ama com amor imutável; como sua fortaleza; como seu alto retiro e lugar de refúgio; como seu escudo e aquele a quem ele foge; e como aquele que mantém o povo do rei sujeito a ele.

Em uma confissão de humildade que lembra 8: 4 , o rei admite a sua e indignidade de seu povo diante de Javé. Por que o Senhor deveria se preocupar com um mero homem ou dar-lhe um pensamento? Na verdade, a humanidade é comparável a um sopro de ar; Sua vida passa como uma sombra fugaz. O rei não elabora nem a questão nem a declaração de fato que a segue. Ele já atestou que Yahweh se preocupa com o homem, e ele se move diretamente para uma série de pedidos para sua preocupação adicional, para ele e, portanto, para o povo. A confissão é o que faz como uma expressão dramaticamente colocada de admiração pela bondade de Yahweh.

A primeira série de pedidos do rei é a libertação que é trazida pelo advento da Presença de Yahweh. Ele pede a teofania, pedindo que o Senhor separe seus céus e venha tocar as montanhas, fazendo com que fiquem (veja o comentário sobre a teofania de 18: 7-15). Ele ora para que o Senhor envie seus raios e para disparar suas flechas ardentes, para espalhá-las e confundi-las. Esta é, aparentemente, a primeira referência do rei aos seus inimigos, que são mencionados mais diretamente nos versículos que se seguem, embora os pronomes do v. 6 também possam se referir à dispersão dos raios e flechas ardentes. Ele pede, além disso, que Yahweh estende a mão do alto para entregá-lo, para tirá-lo de

Muitas águas, do poder dos estrangeiros que mentem e cujo juramento não deve ser confiado.

Para tal libertação, o rei prometeu cantar uma nova música para Deus, fazer-lhe elogiar música com um harpa de dez cordas, como aquele que dá libertação aos reis, aquele que resgata a Davi, seu servo (qualquer rei do Davidico linha).

Uma segunda vez, o pedido de libertação do poder dos estrangeiros é feito, em palavras tão idênticas ao vv. 7 *b* -8 que alguns comentadores acreditam que eles são um erro de copista. Os verbos finais da v. 7 , resgate e entrega, são repetidos, precederam esse tempo por "da espada destrutiva" e seguidos de "do poder dos estrangeiros que mentem e cujo juramento é enganoso". Embora seja possível que esta repetição é inadvertida e, embora a omissão de todos os v. 11daria ao salmo uma seqüência mais lógica, não há nenhum manuscrito que faça tal omissão e nenhuma versão que o suporte. Assim, o RSV processa o texto tal como está, e, provavelmente, uma vez que uma ordem comparável pode ser encontrada em vários outros salmos sobre os quais não há dúvida de duplicação.

As palavras finais do rei formam uma segunda série de pedidos, cuja intenção é abundante benção para o povo e a terra (ver 72: 15-17). A oração do rei toma a forma de uma descrição do que a presença de Yahweh significará para a nação. Começa e termina com Feliz ou abençoado, a palavra de bem-aventurança para aqueles que estão sob os cuidados de Yahweh. Os filhos da nação florescerão em sua masculinidade jovem como plantas bem estabelecidas. Suas filhas terão a dignidade majestosa dos pilares esculpidos construídos em um palácio.

As caixas de armazenamento do povo estarão cheias e fornecerão todo tipo de boa comida. Suas ovelhas cairão multiplicaram milhares de cordeiros em seus campos; seu gado será pesado com bezerro. Nem esta prosperidade bucólica será interrompida por qualquer ataque, qualquer marcha (para a guerra), ou por qualquer grito de tristeza nas ruas do país. O RSV interpreta v. 14 *bc* em referência ao estoque grávido, cuja entrega segura era essencial para a prosperidade da nação. Ou a renderização é possível, mas a menos restrita é preferível.

Felizmente, são as pessoas a quem tal beneficência vem; portanto, felizes são pessoas a quem o Senhor é deus, porque eles são aqueles a quem tal graça na Presença vem.

• Tais salmos como este, compostos por um poeta da corte e entregues em tempo de crise pelo rei, tiveram um duplo propósito. Eles lembraram as pessoas da Presença, que era a fonte real de todas as suas bençãos e enfatizavam a necessidade de cinco em conformidade com a realidade de tal Presença no meio deles. Uma outra característica do Salmo 144 é o seu lembrante hábilmente declarado de que a Presença e todos os seus benefícios acompanhantes não são resultado de qualquer mérito do homem, mesmo de seu filho adotivo, o rei (ver 2: 7). Tanto a libertação de sua Presença como a sua recompensa foram, e permanecem, um presente não adquirido.

145. Deus, o Rei e o Provedor

Este hino animado de louvores celebra o reinado de Yahweh, estabelecido no que ele fez e continua a fazer, e manifesta-se perpetuamente em sua provisão para o homem. Como nos grandes salmos da realeza de Yahweh (47, 93, 96-99), então aqui esta realeza é apresentada como permanente, ininterrupta e universal.
O fato de o salmo ser um acrostico, com uma linha que começa com cada letra sucessiva do alfabeto hebraico, indica o desejo do poeta de simbolizar a abrangência de seu poema e torná-lo memorável também. A linha da freira (n) está faltando no texto hebraico, mas pode ser restaurada (RSV, v. 13 *cd*) a partir de um manuscrito hebraico de Qumran e as versões LXX e Syriac. O salmo é a partir da colecção de Davi, e é a uma salmo no Saltério que é designado pelo seu título *t^e Hillah* , "um canto de louvor."
Um canto de louvor. De David.

1 Eu te exaltarei, meu Deus e Rei,

e abençoe seu nome pelos sempre e para sempre.
2 Todos os dias vou te abençoar,

e louve o teu nome por sempre e sempre.
3 Ótimo é o Senhor, e muito a ser louvado,

e sua grandeza é insondável.
4 Uma geração louvará as tuas obras a uma outra,

e declararão seus atos poderosos.
5 Sobre o glorioso esplendor da tua majestade,

e em suas maravilhas, meditarei.
6 Os homens proclamarão o poder dos teus atos terríveis,

e declararei a tua grandeza.
7 Derramarão a fama da abundante bondade,

e cantarão em voz alta da tua justiça.

O poeta expõe sua intenção nos três primeiros versículos do salmo. Seu propósito é celebrar o Senhor, seu rei, e abençoar o nome de Yahweh, para sempre e todos os dias. Yahweh é excelente e eminentemente merecedor de louvor; Sua grandeza está

além da compreensão de um homem. Tendo declarado o seu objetivo, o salmista se propõe a realizá-lo com uma sucessão de afirmações e promessas de louvor; e embora o desenvolvimento de seu hino seja restringido por sua escolha da forma acrostica, ele consegue tanto a impressão de espontaneidade quanto também a progressão do pensamento.

Uma geração, ele promete, louvará o que Yahweh fez à geração seguinte, e eles darão a conhecer suas ações de força. Ele próprio cantará o esplendor e a glória da majestade de Yahweh e a repetição de seus atos milagrosos. Homens (iluminados, eles) falarão do poder das obras extraordinárias de Javé, e ele contará e relatará as grandes realizações de Javé. Eles se *espalharão* com a realidade presente (*zeker* , ver comentário em 30: 4) da extensão da bondade de Javé e gritar sua justiça de alegria.

8 ***O Senhor é misericordioso e misericordioso,***

lento para a ira e abundante em amor firme.
9 *O Senhor é bom para todos,*

e sua compaixão é tudo o que ele fez.
10 *Todas as tuas obras darão graças a ti, ó Senhor,*

e todos os teus santos te abençoarão!
11 *Falarão da glória do teu reino,*

e conte do seu poder,
12 *para dar a conhecer aos filhos dos homens, teus atos poderosos,*

e o glorioso esplendor do teu reino.
13 ***O*** *teu reino é um reino eterno,*

e seu domínio perdura por todas as gerações.

O Senhor é fiel em todas as suas palavras,

e gracioso em todas as suas ações.
14 *O Senhor sustenta todos os que estão caindo,*

e levanta todos os que são abatidos.
15 *Os olhos de todos olham para ti,*

e você dá-lhes a comida no devido tempo.
14 ***Ao*** *abrir a mão,*

Você satisfaz o desejo de todo ser vivo.
17 *O Senhor é apenas em todos os seus caminhos,*

e gentil em todas as suas ações.

18 ***O Senhor está perto de todos os que o invocam,***

para todos os que o invocam na verdade.
19 *Ele cumpre o desejo de todos os que o temem,*

Ele também escuta seu clamor e os salva.
20 *O Senhor preserva todos os que o amam;*

Mas todos os ímpios que ele destruirá.
[21 A] *minha boca falará o louvor do Senhor,*

e deixe toda a carne abençoar seu santo nome para todo o sempre.

Continuando seu padrão de afirmação e promessa, o poeta se move para as características de Yahweh e a natureza de sua provisão para suas criaturas. O Senhor é misericordioso e ternamente compassivo. Ele ficou há muito tempo irritado e excelente em amor imutável. Ele é bom para todos, e sua terna compaixão recai sobre todas as suas criaturas. Por sua vez, todas as criaturas de Javé lhe confessarão o louvor, e todos os seus leais seguidores o abençoarão; eles falarão da glória do seu reinado e falarão de suas ações de força, levando aos homens um conhecimento delas e da glória e esplendor do seu reinado. Esse reinado é eterno; A regra de Yahweh é sobre todas as gerações sucessivas.

O nun-versículo (13 *cd*), que deve ser reinserido neste momento, move o pensamento do reinado de Javé para sua provisão para suas criaturas (ver v. 9). Yahweh é consistente em tudo o que ele diz e sempre é o mesmo em tudo o que ele faz. Ele dá apoio a todos os que estão prestes a cair e levanta todos os que estão dobrados. Todas as criaturas olham com expectativa para ele, e ele é aquele que, no devido tempo, fornece-lhes alimentos sustentados. Ele tem que abrir sua mão, e toda criatura viva está cheia de coisas boas.

Yahweh é apenas em todos os seus caminhos, e sempre é o mesmo em tudo o que ele faz (ver nun-line, v. 13 *cd*). Ele ouve a todos os que o chamam honestamente, isto é, acreditar e implementar suas crenças. Ele faz o que os que o reverenciam querem, ouvindo o seu grito de ajuda e entregando-os. Ele cuida atentamente todos os que o amam. Todos os que são perversos vão aniquilar.

O poeta deu uma lista impressionante das características do rei Javé, de sua provisão para suas criaturas e da resposta que a realeza e a provisão evocam. A lista é promessa de louvor e louvor, e o poeta chega finalmente ao ponto em que ele começou, embora acrescentando também o louvor que prometeu: a boca dele pregará o louvor de Yahweh, e todas as criaturas vivas abençoarão seu santo nome para sempre e sempre.

• Sempre que os salmistas exaltaram a realeza de Deus, eles vieram inevitavelmente para uma declaração de sua natureza universal. Este poeta não é uma exceção ao padrão consistente, e apesar das limitações da forma acrostica em que o hino é lançado, sua progressão de seu próprio louvor para o louvor daqueles que seguem a Javé ao louvor de toda criatura viva pode ser discernida.

No entanto, por toda sua magnificência, a grande visão do domínio universal de Deus e sua provisão e preocupação para todos os homens é reforçada pelo retrato, na mesma linha, de sua resposta a apenas um homem que chama honestamente. Os salmistas não perguntaram como isso poderia ser assim; Eles estavam muito ocupados, louvando a Deus que é.

146. Um Hino de Louvor a Deus que Ajuda

Os cinco poemas finais no livro dos Salmos são todos os hinos de louvor, e cada um deles começa e termina no texto hebreu com *hallu-Yah* : "Louve o Senhor!" Esta frase é uma lembrança constante e precisa do que esses salmos finais são: louvores e chamados

a louvar que celebram tudo o que o Senhor é ou faz e que exorta todos e todos a participar desse louvor.
O Salmo 146 é o hino de um indivíduo que de alguma forma experimentou a ajuda de Yahweh. Como essa ajuda veio, ou em que circunstâncias, ele não diz. Mas provocou-o a refletir sobre Yahweh como a única fonte real de ajuda e sobre a extensão e variedade da ajuda de Yahweh. Essa reflexão levou-o a uma explosão entusiasmada de louvor confessional.

O contexto desse hino na adoração teria sido a congregação reunida para o louvor. É possível que o "Javé seja louvado!" Desses salmos finais pode, em alguns casos, representar as palavras da congregação.

1 Louvado seja o Senhor!

*Louve o Senhor, ó **minha alma!***

*2 **Louvarei ao Senhor enquanto viver;***

Eu cantarei louvores a meu Deus enquanto eu estiver sendo.
3 Não confie nos príncipes,

em um filho do homem, em quem não há ajuda.
4 Quando a sua respiração se afasta, ele volta à sua terra;

nesse mesmo dia seus planos perecem.
5 Feliz é aquele cuja ajuda é o Deus de Jacó,

cuja esperança está no Senhor seu Deus,
6 que fizeram o céu e a terra,

o mar e tudo o que há neles;

que mantém fé para sempre;

7 que executa a justiça para os oprimidos;

que dá comida aos famintos.

O Senhor liberta os prisioneiros;

8 O Senhor abre, os olhos dos cegos.

O Senhor levanta os que são abatidos;

O Senhor ama os justos.
9 O Senhor vigia os casais,

ele sustenta a viúva e o órfão;

Mas o caminho do ímpio que ele traz à ruína.
10 O Senhor reinará para sempre,

seu Deus, ó sião, de todas as gerações.

Louve o Senhor!

O salmista vem direto ao seu propósito, começando o seu salmo primeiro com um chamado geral para o louvor de Javé, e depois com um chamado a si mesmo, a própria vida (cf 103: 1), para fazer esse elogio. Ele declara, de fato, que louvará o Senhor

durante toda a sua vida e fará louvar a música a seu deus durante toda a duração. Seu próprio louvor, impulsionado por sua experiência, é recitado como base para o louvor a que ele chama seus companheiros adoradores.

Antes de se mudar para o recital da extensão e variedade da ajuda de Yahweh, o poeta deixa claro que não há outra fonte segura de ajuda. Esta referência pode ser uma alusão a alguma experiência pessoal. Ele aconselha seus ouvintes a não confiarem em príncipes ou em um homem comum, em quem não há libertação. Quando a respiração do homem sai dele, ele volta à terra de onde veio. Naquele mesmo momento, seus planos perecem com ele.

Em contraste vívido é aquele cuja ajuda é o Deus de Jacó (Israel). Ele é abençoado, pois a sua esperança está sobre o Senhor, seu Deus, criador do céu, da terra, do mar e de todos os três. Javé é aquele que guarda a verdade constantemente; aquele que cumpre a justiça para aqueles que foram oprimidos; aquele que dá comida aos famintos.

Yahweh perde aqueles em grilhões. Yahweh faz com que os cegos vejam. Yahweh levanta os que são curvados pela vida. Javé ama aqueles que o seguem. O Senhor observa cuidadosamente os estranhos indefesos e retoma a causa dos órfãos e das viúvas. Por todos esses que não podem se defender, o Senhor age de forma benéfica. Mas ele abre caminho para o perverso.

O salmista anunciou seus elogios e deu uma amostra disso. No processo, ele descreveu Yahweh como o Deus que ajuda, a única e segura fonte de ajuda. Assim, ele conclui seu hino com uma afirmação da realeza duradoura de Javé. Javé, o deus de Sião, que é o Deus que está presente entre o seu povo, permanece rei para sempre, geração após geração. Esta realeza permanente, em contraste tão marcado com a temporalidade da regra precária do homem (ver v. 3-4), significa que a ajuda de Yahweh também está consistente e permanentemente disponível. Este "elogio de Deus!" Pode ser o chamado do poeta, a resposta da congregação, ou ambos juntos.

• A perversidade da descrição deste salmista da extensão da ajuda de Deus para aqueles que não conseguem se ajudar a sugerir que ele também estava em tal situação e que sua libertação foi a base do reflexo que encerrou seu elogio entusiasmado. Seja tal o caso ou não, o seu louvor ao deus cuja autoridade para ajudar é estabelecida por seus papéis como criador e rei permanente sobre todos, continua sendo um guia instrutivo para a colocação adequada da confiança. A sua ênfase na preocupação pessoal de um tal deus para os necessitados mais desprevenidos da sociedade deve nos proporcionar tanto a confiança e o incentivo para fazer um elogio pelo nosso.

147. Louvado a Deus no trabalho no mundo

O Salmo 147 é um hino congregacional de louvor a Yahweh, que se move com um eclecticismo exuberante de uma manifestação para outra de seu trabalho no mundo. O salmo pode ser prontamente dividido em três partes sucessivas pelas chamadas para louvar em vv. 1 , 7 , 12 . Mas a sua única unidade real reside no fato de que o seu catálogo da atividade de Yahweh é um pouco distante, é todo o suporte desses convites para o louvar.
O LXX preserva este salmo como dois salmos: 146, vv. 1-11 e 147, vv. 12-20 . Esta divisão também é seguida pela Vulgata e outras versões basicamente dependentes do LXX, e restaura o acordo de numeração entre o Saltério hebreu e o Saltério grego que se

perdeu quando a tradição grega preservou os Salmos 9 e 10 , provavelmente corretamente, como um Salmo único. Assim, a numeração dos Salmos 1-8 e 148-150 corresponde nos textos hebraico, grego e latino. Quanto aos 139 salmos no meio, o hebraico 114 e 115 são preservados no LXX como 113; Hebraico 116 como o LXX 114 e 115. Todos os outros através do hebraico 147 são um número fora no LXX e versões dependentes.

[1] ***Louvado seja o Senhor!***
Pois é bom cantar louvores ao nosso Deus; porque ele é gracioso, e uma canção de louvor ***é*** *legal.*
[2] O Senhor edifica Jerusalém;
ele reúne os marginalizados de Israel.
[3] Ele cura os quebrantados de coração,
e liga suas feridas.
[4] Ele determina o número das estrelas,
Ele dá a todos eles o nome deles.
[5] Ótimo é o nosso Senhor, e abundante em poder;
Sua compreensão está além da medida.
[6] O Senhor levanta os oprimidos,
Ele joga os perversos no chão.

O começo do poeta para louvar é também o seu mais longo. Ele exorta o louvor de Javé porque é bom fazer louvores musicais a nosso Deus e porque esse louvor é agradável. Tendo feito tais afirmações, o poeta se move para seu recital divagante para mostrar o que ele quer dizer com eles. Javé é aquele que faz prosperar Jerusalém e reúne os fugitivos de Israel. Esta referência não implica necessariamente o retorno do exílio e a restauração de Jerusalém que a seguiu, embora geralmente tenha sido tomada. Weiser (pp. 834-835) sugeriu com razão que o encontro muito anterior dos sobreviventes da queda de Israel em 721 aC pode estar aqui em vista.

O Senhor é aquele que cura o coração quebrado, atendendo suas dolorosas dores. Assim também, declara o poeta, na mudança abrupta e total de pensamento que caracteriza esse hino, ele é aquele que calcula o número das estrelas, chamando um nome para cada um deles.

Ele é ótimo e de força suficiente. Sua visão é ilimitada. Ele é o único que toma o caso dos oprimidos, aquele que cai ao mal até o chão.

[7] Cante ao Senhor com ação de graça;
faça melodia para o nosso Deus sobre a lira!
[8] Ele cobre os céus com nuvens,
ele prepara chuva para a terra,
Ele faz crescer grama sobre as colinas.
[9] Ele dá aos animais o seu alimento,

e aos jovens corvos que choram.
10 Sua delícia não está na força do cavalo,

nem seu prazer nas pernas de um homem;
*11, **mas o Senhor se deleita com aqueles que o** temem,*

*nos que esperam **na** sua benignidade.*

O salmista já deu uma justificativa suficiente para o louvor pelo qual ele chama, mas de modo algum está terminado. Ele renova sua ligação e começa novamente.

"Faça uma resposta confessional a Yahweh", ele exorta seus companheiros adoradores; "Faça a música de louvor ao nosso Deus em harpas!" Ele é aquele que vê os céus em nuvens densas, que se certifica de chuva para a terra, que faz brotar a grama nas colinas, que dá comida aos animais selvagens, e que alimenta os jovens corvos quando eles clamam. Yahweh não está impressionado com o poder do cavalo ou é levado pelos músculos das pernas de um homem - a alusão é o poder de combate e a resistência de um exército em marcha. Seus valores são diferentes dos homens, e ele se deleita com aqueles que o reverenciam, aqueles cuja esperança é em seu amor imutável.

12 Louvado seja o Senhor, Jerusalém!

Louvado seja seu Deus, ó Sion!
*13 Pois **ele** fortalece **as** barras de seus **portões;***

Ele abençoa seus filhos dentro de você.
14 Ele faz a paz nas suas fronteiras;

Ele te enche o melhor do trigo.
15 Ele envia seu comando à terra;

Sua palavra corre rapidamente.
16 Ele dá neve como lã;

Ele dispersa hoarfrost como cinzas.
17 Ele lança seu gelo como pedaços;

quem pode ficar diante do frio?
18 Ele envia sua palavra e derrete-os;

ele faz soprar o vento e as águas fluem.
19 Ele declara sua palavra a Jacó,

seus estatutos e ordenanças a Israel.
20 Ele não lidou assim com nenhuma outra nação;

eles não conhecem suas ordenanças.

Louve o Senhor!

Uma terceira vez que o poeta pára, como para recuperar o fôlego, dá novamente a chamada e pressiona. Ele implora a Jerusalém para glorificar a Javé, Sion, para louvar a Deus. Pois ele, afinal, fortificou os portões da cidade e abençoou seus filhos no meio dela, onde mais precisava deles. Ele dá prosperidade ao seu território e a faz com trigo

rico. Ele manda seu comando; Sua ordem corre rapidamente pela terra. A alusão é para qualquer comando que ele escolher, seja para a terra (v. 15) ou os elementos (vv. 16-18) ou para o homem (v. 19). Ele manda a neve como lã branca pesada. Ele joga a geada como geadas como flocos. Ele joga o seu aguileiro em pedaços. Na presença de seu frio, a água congela forte (ou quem pode suportar?). No entanto, ele tem que dar o seu pedido e derrete; ele faz com que seu vento sopre, e a água corre novamente.

Ele anuncia sua palavra a Jacob (Israel), seus estatutos e suas decisões de caso a Israel. Isso é algo que ele fez para nenhuma nação pagã; eles não têm conhecimento das decisões de seu caso.

Com esta referência à revelação de Javé ao seu povo escolhido, o salmista conclui seu variado catálogo da obra de Javé no mundo. Seu hino sugeriu um trabalho de grande alcance, mas um de benefício especial para as pessoas que ele chamou para louvar. Portanto, não é difícil imaginar que a congregação tivesse, no momento de seu encerramento ", louvado", alcançou um pináculo de fé e um crescendo de canção.

• Existe uma atratividade especial para a espontaneidade deste hino, com seu movimento rápido e não sempre lógico de uma para outra das atividades de Deus. Na verdade, quase parece apresentar o fluxo de consciência de louvor, movendo-se como a mente em liberdade geralmente faz de um pensamento para outro sem conexão aparente. A sensibilidade do homem a Deus no mundo é, afinal, não é diferente de sua visão de luz solar sobre as ondas do mar ou sobre as nuvens ao anoitecer. Deus está sempre lá, como o homem é, mas o ponto de contato nunca é o dobro do mesmo.

148. Um chamado à criação para louvar a Deus

Este magnífico hino de louvor se move como se estivesse em uma série de cordas chocando através das ordens da criação dos anjos para o homem, chamando todos para o louvor de Deus. Não só começa e termina com uma chamada para louvar, mas esta chamada é repetida pelo menos dez vezes mais no corpo do hino. As razões fundamentais para o louvor são dadas apenas no final de cada uma das duas seções do salmo, quando o poeta se convenceu de que, em símbolo pelo menos, ele não deixou nenhum ser e nada, seja nos céus ou em a terra, sem convidar o louvor.

[1] Louvado seja o Senhor!

Louve o Senhor dos céus,
elogie-o nas alturas!
[2] Louve-o, todos os seus anjos,

Louvá-lo, todo o seu anfitrião!
[3] Louvado, sol e lua,

***louvai-o, todas** vocês, **brilhantes** estrelas!*
[4] Louvai-o, céus mais alto,

e voce águas acima dos céus!
[5] Deixe-os elogiar o nome do Senhor!
Porque ele ordenou e foram criados.

[6] E os estabeleceu para sempre e sempre;

Ele fixou seus limites que não podem ser aprovados.

O chamado para louvar com o qual o hino começa começa imediatamente com um segundo chamado que indica de onde o louvor é antes de tudo. O Senhor deve ser louvado pelos céus, nos reinos mais altos. Este louvor deve ser dado, ainda mais, por todos os seus anjos, os mensageiros atendidos em sua oferta e por todo o seu exército, o conselho celestial e aqueles que aguardam seus requisitos (ver comentário em 103: 19-22). Seu louvor é unir o louvor do sol e da lua e todas as estrelas brilhantes.

O alto dos céus, os céus em que o próprio Senhor se agrada são convidados a juntar-se ao louvor, assim como as águas que estão acima dos céus inferiores. Estas são as águas nas quais o Senhor colocou as margens do seu palácio, e as águas das quais a chuva era pensada para vir (ver 104: 3).

Assim, os habitantes, corpos e elementos celestiais são chamados a louvar o nome de Javé, e são lembrados de que foram criados por seu comando (ver Gênesis 1: 3 , 6 , 11 , 14 e comentar o Salmo 33: 6). O Senhor os colocou onde estão, e ele deu as condições invioláveis de sua existência. Ele é, portanto, devido ao seu louvor. Ele ganhou.

[7] Louvado seja o Senhor da terra,

Vocês monstros marinhos e todas as baixadas,
[8] fogo e granizo, neve e geada,

Vento tormentoso cumprindo seu comando!
[9] Montanhas e todas as colinas,

árvores frutíferas e todos os cedros!
[10] bestas e todo o gado,

coisas rastejantes e pássaros voadores!
[11] Reis da terra e de todos os povos,

Princes e todos os governantes da terra!
[12] Jovens e donzelas juntos,

velhos e crianças!

[13] ***Deixe-os elogiar o nome do Loro,***

Pois seu nome sozinho é exaltado;

Sua glória está acima da terra e do céu.

Ele levantou um chifre para o seu povo,

louvor por todos os seus santos,

para o povo de Israel que está perto dele.

Louvado seja ***o Senhor!***

O poeta se transforma ao lado da terra, onde ele começa com os elementos e passa pelas ordens da vida vegetal e animal para o homem. O Senhor deve ser louvado da terra, o outro reino e lugar de sua Presença.

Este elogio deve ser dado pelos monstros marinhos e por todos os abismos (*t ᵉ homot*), as criaturas ferozes e as águas primordiais indisciplinados que o Senhor vencidos e colocar em seus lugares no momento da criação (ver 74: 12-14 e 104: 5-13). Deve ser dada por seus elementos naturais, chama relâmpago e granizo, neve e névoa gelada e ventos de furacão que fazem o que ele diz (ver 107: 23-27). As montanhas e todas as colinas, as árvores frutíferas e os grandes cedros, animais domesticados e selvagens, criaturas rastejantes e pássaros na asa, todos devem louvar a Javé.

Chegando finalmente ao homem, o salmista inclui aqui, como nos ordens anteriores, representantes que simbolizam toda a humanidade, alta e baixa, jovens e velhas. Os reis da Terra e todas as nações devem louvar a Javé, e os príncipes e todos os juízes da terra. Jovens, e também mulheres jovens, homens velhos junto com os jovens, todos devem louvar a Javé.

Tal como acontece com as ordens celestes, então também aqui o motivo do elogio é listado na última. Os homens também devem louvar o nome de Yahweh, pois é um nome exaltado de uma maneira única. O esplendor do Senhor está acima da terra e do céu (cf. 8: 1-2); e enquanto todos em ambos podem ser chamados a seus elogios, o resultado ainda será inadequado. Na verdade, o Senhor levantou a força (no chifre, veja o comentário sobre 75: 4-5 e 89:17) para o seu povo e uma canção de louvor para os leais a ele, para os filhos de Israel, o povo de sua Presença (iluminado, as pessoas que estão perto dele).

Em outras palavras, o louvor das ordens da terra, como a das ordens celestiais, deve ser dado a Javé pelo que ele fez. No céu, ele criou pelo comando e trouxe ordem. Na terra, ele se revelou nas pessoas a quem ele escolheu estar perto. Essas realizações são prova de sua singularidade. Não existe outro como ele. Assim, ele deve ser louvado, dos céus e da terra; e quando esse elogio se misturou, ainda será curto de seu esplendor.

• Os hinos de louvor no livro dos Salmos deixam claro que o louvor de Deus é uma obrigação, e também que é um privilégio e uma alegria. De forma maravilhosa, a insistência do salmista de que o louvor nunca deve acabar aumenta o entusiasmo da alma pela obrigação. Pois, como os salmos justificam o louvor pelo qual eles chamam, nossa dívida se torna mais clara, e tanto o desejo quanto a necessidade de louvar tornam-se mais agudos. Mais do que a linguagem poética e a visão estão, portanto, envolvidas nas chamadas para louvar que envolvem o sol e a lua, as montanhas, árvores frutíferas, rastejadores assustadores e pássaros na asa. Todos estes são abençoados por Deus, todos precisam louvar, e todos são necessários no louvor.

Os poetas do Saltério procuraram dizer: "O louvor é maior que todos juntos! Vamos começar a trabalhar! "Somente o espírito mais prosaico pode negar que mais louvores são oferecidos a Deus. Sem ele, nosso louvor, tão terrivelmente calmo e adequado, no seu melhor, seria como um chiado malcriado.

149. Louvor do reinado vitorioso de Deus

O tema deste salmo é a vitória de Javé e, claro, do seu povo também. Esta vitória é garantida por sua realeza; e tanto a realeza como a inevitável vitória são celebradas aqui como no Salmo 98 com uma nova música.
No entanto, o salmo é mais do que simplesmente um hino de louvor. Na verdade, é praticamente um livreto para um serviço de louvor na véspera de uma batalha. Como tal, comemora antecipadamente uma vitória que é certa por causa da natureza universal

e inteiramente irresistível da realeza de Javé. Ele pede todo o júbilo de uma celebração da vitória antes de emitir o que equivale às ordens de marcha para o exército de Javé.

Apesar do gosto por muitos comentaristas por um namoro Maccabean deste salmo, deve-se notar que o salmo em si não dá suporte claro a tal teoria. Enquanto o salmo deve ter visto um uso contínuo e, portanto, uma reinterpretação periódica no culto de Israel, incluindo no tempo talvez uma aplicação inteiramente simbólica, é provável que Hans Schmidt estivesse correto na opinião de que é "muito antigo", uma visão ele expressa em 1934. Pode-se sugerir, de fato, que sua conexão original foi com a teologia da "guerra santa", que é estabelecida com tal garantia em partes do Antigo Testamento (por exemplo, 1 Sam. 17: 45-47).

A configuração do hino na adoração é a congregação de seus devotos ou leais. No seu uso mais antigo, o comandante do exército, seus funcionários e líderes de seção podem ter formado esse grupo. Eles estão reunidos em adoração, suas armas em mãos, na Presença de Yahweh na véspera da batalha. Talvez a arca, o paládio da Presença na guerra, estivesse em sua opinião.

[1] ***Louvado seja o Senhor!***
Cante ao Senhor uma nova música,
Seu louvor na assembléia dos fiéis!
[2] Que Israel se alegra com o seu Criador,
Que os filhos de Sião se regozijem no seu rei!
[3] Deixe-os louvar seu nome com a dança,
Fazendo melodia com Timbrel e Lyre!
[4] Porque ***o Senhor tem prazer em seu povo;***
Ele adorna o humilde com a vitória.
[5] Que o fiel exulte em glória;
Deixe-os cantar de alegria em seus sofás.
[6] Que os altos louvores de Deus estejam na garganta
e as espadas de dois gumes em suas mãos,
[7] para vingar as nações
e castigo sobre os povos,
[8] para ligar seus reis com correntes
e seus nobres com grilhões de ferro,
[9] para executar sobre eles o julgamento escrito!
Esta é a glória para todos os seus fiéis.
Louvado seja ***o Senhor!***

O salmo é iniciado pelo chamado ao louvor de Yahweh. Este chamado e as instruções que o seguem parecem ter sido cantadas pelo líder do culto, que pode ter sido sacerdote ou mesmo o rei em seu papel de chefe do culto e comandante do exército. Os adoradores são convidados a cantar uma nova música para Yahweh, seu hino de louvor na reunião daqueles que são leais a ele. Israel deve ser alegre por causa daquele que o

fez. Os filhos de Sião devem ser exultantes por causa do seu rei. Na verdade, eles devem louvar seu nome com danças, e fazer musicas de louvor com tambor de mão e harpa.

A razão para este êxtase jubiloso de louvor é simplesmente declarada. É porque o Senhor, que é rei, gosta do seu povo e adorna os oprimidos com a libertação (vitória). Porque o seu Deus é rei e é gracioso com eles, o resultado da batalha, seja qual for a probabilidade humana, é certo. Como "o pequeno Davi" disse ao campeão filisteu Goliat, "para a batalha é o de Javé" (1 Sam. 17:47).

Portanto, os devotos de Javé devem exultar na honra que é deles, e gritar com alegria sobre suas paletes, onde descansam e adoram durante a vigília da noite. Os elogiosos elogios de Deus (' *El*) devem ser na sua voz, assim como a espada de dois gumes está em suas mãos, pois é o rei Javé que assegurará a vitória e não a espada.

Tão armados, eles devem se vingar das nações pagãs e trabalhar castigo sobre os povos, envolver seus reis em cadeias e seus líderes honrados em algemas e ferros de perna; em uma palavra, para realizar contra eles o julgamento prescrito para eles. O julgamento, é claro, é próprio de Yahweh. Para cumprir isso, ser fundamental para que ele passe, é em si a glória daqueles que se dedicam a ele, neste caso, especificamente, o seu exército (cf. Jos. 5: 13-15 ; 10: 8- 11 ; 1 Sam. 4: 5-9).

Assim, o último apelo ao louvor de Yahweh, embora seja posterior ao salmo (faltando no texto de LXX e Syr). É ainda uma sugestão precisa da direção do culto jubiloso que deve ter seguido tal um salmo.

• O espírito de vingança alegre e a relação da espada com o louvor de Deus, que fazem parte deste salmo, muitas vezes foram objeto de indignação cristã. Às vezes, eles foram o texto de prova da intolerância "cristã". Nem a reação a este salmo e a outras passagens do Antigo Testamento como esta é realmente apropriada. Somente quando tais linhas são consideradas honestamente, dentro de seu próprio contexto, elas podem ser verdadeiramente compreendidas. Uma vez que foram tão considerados e são assim conhecidos como expressões genuínas da consciência devotada que antes eram, estamos em condições de analisá-los também na luta da ética superior que conhecemos em Cristo.

Mas, como fazemos, devemos nos entregar também à pequena reflexão necessária para ver o pequeno progresso que realmente fizemos, apesar da nossa luta mais elevada. Nós ainda exigimos vingança. Nós ainda reivindicamos Deus por nosso lado. E muito poucos de nós ainda aprenderam a "amar seus inimigos, fazer o bem aos que o odeiam" (Lucas 6:27).

150. A Sinfonia do Louvor a Deus

Este salmo final no livro dos Salmos é um crescendo sustentado do louvor terrenal e celestial de Deus. Este louvor é chamado no Templo, o lugar especial de sua presença terrena, e também no céu abobadado, o lugar de sua Presença celestial.
A configuração deste salmo na adoração é o Templo em Jerusalém. O salmo foi cantado pelo coro do Templo, ou a congregação de adoradores, ou ambos juntos, e sem dúvida foi uma introdução a um serviço mais extenso de louvor hímico. Muito provavelmente, o chamado para a música de louvor que começa com v. 3 foi o sinal para a entrada de

cada coro de instrumentos de tipo semelhante até que, ao final do hino, o santuário estava envolvido em um grande *tutti* de glorioso e som emocionante.

[1] ***Louvado seja o Senhor!***
Louve Deus em seu santuário;
Louve-o em seu poderoso firmamento!
[2] *Louve-o por seus atos poderosos;*

Louve-o segundo a sua grandeza!
[3] *Louvem-no com o som da trombeta;*

elogie-o com alaúde e harpa!
[4] *Louvem-no com timbrel e dançem;*

elogie-o com cordas e tubulação!
[5] *Louve-o com címbalos sonoros;*

elogie-o com címbalos choques altos!
[6] *Que tudo o que respira louve o Senhor!*

Louve o Senhor!

Como cada um dos cinco salmos finais "Aleluia", esta grande Aleluia de todos eles é iniciada e terminou com o chamado para louvar Yahweh. Então, em sucessão simples e eloqüente e equilibrada, o poeta define um Louvado seja Deus (*Hallu-'El*) seguido de elogiá-lo nove vezes, em seguida, seguido pela exortação no v. 6 , literalmente, "ele vai louvar o Senhor" (*t^e hallel Yah*).

Deus deve ser louvado em seu lugar sagrado, o santuário de Sião que simbolizava sua habitação celestial. Ele deve ser louvado também e, ao mesmo tempo, no céu abobadado (ver 19: 1), pelos seus anjos e pelo hospedeiro celestial (ver 103: 19-22 e 148: 1-2). Ele deve ser louvado por causa de suas ações (145: 12) e de acordo com a grande extensão de sua grandeza.

Ele deve ser louvado com uma série de instrumentos: com a explosão do *shopar unmusical*, a trombeta da trombeta que sinalizou a Presença de Deus (ver 47: 5 ; 98: 6); com a harmonia da lira e da harpa; com o ritmo palpitante do tambor de mão e da dança; com o conjunto de instrumentos de cordas (*minnim* é um termo geral e não designa um instrumento de corda específico) e com o conjunto de instrumentos de sopro (*o'ugab* parece ser também um termo geral); com os pratos musicais e os altos pratos de choque. Os instrumentos listados passado, os pratos do *t^e ru'ah*, aparentemente diferem da sua contraparte, dos pratos de som, do tamanho e, portanto, do volume. Com sua entrada, o clamor hymnic atinge fortissimo.

Assim, o céu e a terra foram chamados a louvar a Deus por suas obras de força e sua abundante grandeza. Todos os instrumentos concebíveis de música e ruído culto foram alistados, incluindo o ritmo dos pés dos dançarinos. E o hino é trazido a um clímax magnífico e chocante com as palavras: "Tudo com respiração para fazê-lo / Elogie Yahweh!"

Afixado ao texto do hino neste momento é a resposta final do hebraico

Saltério. É, adequadamente, *almas-yah* : "Javé seja louvado!" Se era original para o salmo ou não importa pouco. Está agora como o comando final e a resposta a este salmo, o Livro V do Saltério e o livro dos Salmos como um todo.

Pode-se apenas conceber o som que reverberou através do Templo com painéis de cedro ou a alegria elétrica dos adoradores na conclusão de tal hino, mas "Yahweh seja louvado", no mínimo, deve ter pulsado em cada coração e borbulhar de cada boca .

• Que o livro dos Salmos dificilmente poderia ter sido terminado de forma mais apropriada do que com esse salmo é óbvio demais para exigir a defesa. É especialmente apropriado que esta grande coleção de poesia hebraica, que aprofunda e aprofunda as alturas do sentimento humano e da devoção a Deus, deve terminar com um pináculo de louvores para ele. Para a constante do livro dos Salmos, o fundamento firme sob o mais negro e o mais humano de seus lamentos, é o louvor de Deus, cuja Presença torna os homens diferentes e, assim, torna as coisas, muitas vezes as mesmas, diferentes para elas.